ABSTRAÇÃO DE UNIDADES TEXTUAIS COMPLEXAS APÓS TREINO DE MULTIPLOS EXEMPLARES. *Viviane Verdu Rico, Julio Cesar de Rose (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP)*

As habilidades de leitura são de grande importância para a vida dos indivíduos. Pesquisas apontam, entretanto, que o Brasil ainda apresenta elevados índices de analfabetismo e um grande número de crianças com dificuldade de aprendizado dessas habilidades nas escolas públicas. Torna-se vital, portanto, que sejam desenvolvidos procedimentos que garantam esse aprendizado. Inspirados pelas análises de Skinner sobre relações verbais e unidades verbais mínimas, de Rose e colaboradores tem desenvolvido e aperfeiçoado programas individualizados de ensino de leitura e escrita, que vem sendo aplicados em crianças com dificuldade no aprendizado de leitura em um currículo suplementar de ensino. Este currículo conta com três programas. O primeiro deles, que tem sido o mais estudado, propõe-se a ensinar a leitura e escrita generalizada de palavras compostas por sílabas "simples" (do tipo consoante-vogal). O segundo, aplicado aos alunos que terminam o primeiro, ensina a leitura e escritas de palavras com sílabas mais "complexas" (contendo dígrafos, encontros consonantais, etc.). O terceiro programa propõe-se a utilizar as habilidades estabelecidas nos dois programas anteriores para a leitura de livros infantis de complexidade crescente. O presente estudo avaliou a eficácia do segundo programa no ensino de leitura de unidades textuais complexas da língua portuguesa. Este programa se baseia no ensino de emparelhamento com o modelo entre palavras ditadas e palavras impressas, apoiando-se na exclusão de palavras conhecidas. O programa ensina múltiplos exemplares de unidades textuais complexas e testa a leitura de novas palavras contendo cada unidade alvo. Participou deste estudo uma criança de 9 anos, sexo feminino, de desenvolvimento típico, que apresentou aproximadamente 0% de leitura correta em um pré-teste com palavras contendo as quatro unidades textuais a serem ensinadas. Foi utilizado um delineamento de linha de base múltipla. A participante aprendeu 16 palavras com cada unidade textual. Sondas de leitura seguiram o ensino do conjunto de palavras de cada unidade. No geral, foram observados percentuais de acerto próximos a 100% na leitura de palavras de cada unidade alvo após o treino. A participante também mostrou generalização da leitura para palavras novas contendo cada unidade alvo, com percentuais de acerto próximos a 100%. Ocasionalmente, a participante lia corretamente algumas palavras de unidades ainda não ensinadas. Isso ocorreu esporadicamente e provavelmente se deveu ao fato de que tais palavras continham unidades textuais já conhecidas pela criança, de modo que ela podia identificar uma palavra baseada no som da leitura das unidades textuais já conhecidas. Os resultados sugerem que o controle por uma nova unidade textual pode ser abstraído após a aprendizagem de múltiplos exemplares de palavras contendo aquela unidade.

Leitura; abstração de unidades textuais; emparelhamento ao modelo

Bolsa de Pós-Doutorado CNPq (primeira autora); Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq (segundo autor)

AEC

ANALISE DA AQUISIÇÃO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS E EMERGÊNCIA DE EQUIVALÊNCIA SOB CONDIÇÃO DE REFORÇAMENTO DIFERENCIAL. *Guilherme Jorge Sousa e Silva*, Adriana Regina Rubio** (Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP)*

Nas últimas três décadas a Análise Experimental do Comportamento (AEC), enquanto ciência do comportamento vem desenvolvendo pesquisas que subsidiam diferentes formas de aplicabilidade dos princípios de aprendizagem estudados, entre eles, o campo da educação tem sido o foco da análise do comportamento. Um dos objetivos da AEC é a produção de conhecimento científico que tem sido alcançado por meio da pesquisa básica realizada em situação controlada de laboratório e utilizando animais não humanos e humanos em seus estudos. Uma das áreas de aplicabilidade do conhecimento produzido pela AEC é a educação. Nesta área, em particular, a AEC tem contribuído para a análise e conhecimento dos processos básicos de aprendizagem de leitura, escrita e conceitos matemáticos e para o desenvolvimento de procedimentos e programas de ensino. Ao longo do desenvolvimento destas pesquisas, a preocupação da AEC está, particularmente, relacionada ao desenvolvimento de procedimentos e tecnologia que permitam facilitar a aprendizagem de indivíduos com desenvolvimento atípico e possibilitar-lhes a aprendizagem de comportamentos ditos complexos, como por exemplo: abstrair, resolver problemas, ler com compreensão, entre outros. Essas pessoas, frequentemente, apresentam déficits comportamentais em diversas áreas de desenvolvimento: na linguagem, por exemplo, e, portanto, apresentam dificuldades de aprendizagem que têm sido sanadas com o uso de tecnologia comportamental (como por exemplo, software especializado) e procedimentos alternativos que possam facilitar a aprendizagem. Dentre as contribuições da AEC, o paradigma de equivalência de estímulos proposto por Sidman e Tailby (1982) têm favorecido não apenas o entendimento de comportamentos complexos como também têm desenvolvido procedimentos úteis e econômicos para a aprendizagem destes comportamentos. O presente estudo tem, portanto, como objetivo investigar a aquisição de relações condicionais entre estímulos e a formação de classes de estímulos equivalentes em estudantes universitários submetidos a procedimentos alternativos que evoquem a emergência de relações de equivalência. A presente pesquisa se inscreve como uma proposta metodológica para investigar a formação de classes de estímulos equivalentes em condições parciais de reforçamento, alternativamente ao emprego de testes em extinção. Para isto foram conduzidos quatro experimentos, sendo que em cada um dos experimentos uma das propriedades definidoras da Classe de estímulos equivalentes (simetria ou transitividade ou simetria da transitividade) foi treinada (ou seja, seguida de reforçamento). Em seguida testes subseqüentes de equivalência foram realizados a fim de se verificar os efeitos do treino destas relações sobre a formação de classes de estímulos equivalentes. Como resultado, todos os participantes formaram classes de estímulos equivalentes e o treino de uma das propriedades definidoras favoreceu a emergência imediata das relações de equivalência. Além disso, foi levantada a questão da ressurgência de erros nas relações condicionais apresentadas, mesmo em condições de reforçamento. Pode-se considerar que os dados do presente estudo ainda não são conclusivos, pois, a previsão da continuidade do estudo e o aumento do número de participantes em cada condição experimental deverão contribuir para a generalização dos resultados.

Equivalência de Estímulos, Cognição e Análise do Comportamento

AEC

ANÁLISE DA LITERATURA SOBRE ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS PARA BEBÊS ATÉ 36 MESES. *Graziele Thomasinho de Aguiar**; Christiana Gonçalves Meira de Almeida**; Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil (Universidade Federal de São Carlos, São Carlo, SP)*

Os resultados obtidos na pesquisa sobre ensino e aprendizagem de discriminações condicionais alcançaram um alto grau de generalidade, mas ainda há escassez de estudos com crianças de até 36 meses. Quando comparada a outras populações, os bebês parecem refratários à permanência e realização das tarefas propostas pelos procedimentos clássicos dos estudos deste tema. O objetivo do presente trabalho foi analisar relatos de pesquisas empíricas, publicados entre 1982 e 2012, sobre o ensino de discriminações condicionais para crianças de até 36 meses, considerando: os periódicos de livre acesso pela internet, até 1/06/2012 e características do método. Foram consultadas as bases de dados: PEPSIC; INDEXPSI; LILACS; CAPES; PsycINFO. Selecionaram-se os periódicos a partir das seguintes palavras-chave: conditional discrimination, relational responses, stimulus equivalence, matching-to-sample, young children, babies, toddler e infants. Os artigos foram analisados considerando-se as características de: a) participantes; b) estímulos antecedentes; c) consequências programadas, d) equipamentos; e) procedimentos; f) aprendizagem das discriminações condicionais. Foram localizados 14 artigos completos. As revistas com maior número de publicações foram: Journal of The Experimental Analysis of Behavior (sete estudos), The Psychological Record (três estudos), Experimental Analisys of Behavior Bulletin (dois estudos) e dois diferentes periódicos publicaram um artigo cada. Nas 14 pesquisas participou um total de 76 crianças. Em cada estudo o número de participantes variou de um a 20 e a menor idade foi de 18 meses sendo a maior de 36 meses. As consequências para acerto froam elogios do experimentador, acesso ao estímulo comparação, acesso a adesivos, visualização de figuras ou bolas de sabão. Os erros tinham como consequências procedimentos de correção e\ou retirada dos estímulos. Com relação ao equipamento utilizado para exposição dos estímulos antecedentes (discriminativos), sete estudos apresentaram objetos ou figuras sobre uma mesa; três estudos apresentaram figuras no monitor do computador; dois estudos apresentaram objetos diversos ou brinquedos em caixas apropriadas, um estudo expos os estímulos (brinquedos) no chão e um estudo apresentou figuras em papel sem especificar o aparato. O procedimento matching to sample simultâneo foi adotado em oito estudos; cinco deles utilizaram maching to sample com múltiplos exemplares; um estudo utilizou contagem de histórias para exposição dos estímulos e testes no formato de matching to sample. Quanto ao número de estímulos comparação, seis estudos variaram a quantidade (entre 2 e 12); quatro estudos apresentarem dois comparações; dois estudos usaram três e um estudo usou alternadamente dois e três comparações. Sobre a aprendizagem das discriminações condicionais, 12 dos 14 relatos afirmaram a aprendizagem das relações condicionais por todos os participantes. Em dois dos estudos os resultados indicaram sucesso parcial dos procedimentos. O pequeno número de artigos com participantes de até 36 meses, considerado o montante de estudos sobre discriminações condicionais, indica avanço no planejamento e execução dos procedimentos, pois as crianças permanecem na situação experimental e são bem sucedidas na realização das tarefas propostas. Ao mesmo tempo, a análise dos artigos sugere a necessidade de prosseguir nos estudos com esta população para ampliar a generalidade dos dados obtidos até o presente.

Discriminação condicional; bebês; revisão de literatura.

CAPES; INCT-ECCE

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE INDICADORES DE APRENDIZAGENS NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE DIMENSÕES OPERANTES. *Claudia Cristina de Góes*, Mayara Paula da Silva Matsunaka*, Jair Lopes Junior (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP).*

No âmbito dos anos iniciais da Educação Básica, diretrizes oficiais preconizam a importância de temas e de orientações didáticas que promovam aproximações de conteúdo e de aprendizagens entre diferentes componentes curriculares. O presente estudo investigou possíveis correspondências entre indicadores de alfabetização científica provenientes da pesquisa acadêmica e descritores de aprendizagens de Língua Portuguesa, com ênfase na identificação de dimensões operantes na apresentação de tais indicadores e descritores. Para efeito de análise foram consultadas pesquisas acadêmicas da área de Ensino de Ciências, bem como as Matrizes de Referência do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) para a área de Língua Portuguesa. A pesquisa acadêmica advoga indicadores de alfabetização científica definidos por seriação, classificação e organização de informações, raciocínios lógico e proporcional, levantamento e teste de hipóteses, justificativa e previsão, com acentuada ênfase para o desenvolvimento de processos de argumentação. Estima-se que tais indicadores sustentam correspondências tênues e parciais com descritores especificados nos seis tópicos das Matrizes do SAEB e do SARESP para a área de Língua Portuguesa. Contudo, constatou-se variabilidade na terminologia que designa as aprendizagens esperadas, como, por exemplo, referências a habilidades, descritores e indicadores de competências, dentre outros termos. Verificou-se, assim, a reincidência de explicitações de metas ou de aprendizagens esperadas, no âmbito de políticas públicas educacionais, que comprometem a visibilidade, o acesso às dimensões críticas dos processos comportamentais envolvidos. Prescindir da especificação ou da proposição das relações de controle de estímulo que devem vigorar na emissão dos repertórios designados pelos indicadores e descritores restringe o alcance de intervenções qualificadas. Por seu turno, análises comportamentais podem fundamentar o delineamento de contingências de ensino diretamente vinculadas com o desenvolvimento das aprendizagens enunciadas pelos indicadores, em especial, pela ênfase na aquisição de repertórios precorrentes, envolvendo temas da Língua Portuguesa, para a emissão de indicadores de alfabetização científica, como por exemplo: a) estabelecer relações entre imagens (foto ou ilustração) e o corpo do texto, comparando itens de informação explícita; b) inferir tema ou assunto principal de um texto, com base em informações contidas em título, subtítulo ou corpo do texto; e c) estabelecer relações de causa /consequência, entre segmentos de um texto, sendo que a causa é relativa a um fato referido pelo texto e a consequência está explícita. Contingências delineadas a partir de análises comportamentais podem igualmente favorecer transferências ou extensões de relações de controle de estímulo que definem as aprendizagens preconizadas pelos componentes curriculares de Língua Portuguesa e de Ciências Naturais.

PIBIC/CNPq-UNESP

Palavras-chave: descritores de desempenho, matrizes de referência, Análise do Comportamento

IC

AEC

ANÁLISE DE VOCALIZAÇÕES ESPONTÂNEAS NO ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS EM CRIANÇAS ATÉ 24 MESES. *Lara Rosa*; Christiana Gonçalves Meira de Almeida** e Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP).*

Estudos com bebês podem trazer esclarecimentos importantes sobre o papel do repertório verbal na emergência de relações de equivalência. O presente estudo teve objetivo de analisar as diferenças na emissão de vocalizações espontâneas de quatro crianças entre 22 e 24 meses de idade,em procedimentos de ensino de discriminações condicionais, apresentadas no formato de Matchingtosample (MTS). No procedimento, respostas corretas foram apontar ou pegar o objeto correspondente ao modelo auditivo e tinham como consequência: receber um adesivo e elogios e brincadeiras com a experimentadora. Respostas incorretas, apontar ou tocar o objeto não correspondente ao modelo, eram seguidas pelointervalo entre tentativas. Na primeira relação auditivo-visual ensinada, os nomes "Lodi" e "Pepe" tiveram função de modelo e dois objetos tridimensionais confeccionados para o estudo tinham função de comparação (AB). Na segunda relação, os mesmos nomes serviram como modelo e as comparações eram outros objetos que guardavam similaridade física com os anteriores (AB'). Após a linha de base de ensino, foi testada a emergência das relações objeto-objeto (BB'). Na sequência, uma terceira relação foi ensinada (AC), os mesmos nomes eram o modelo, mas os estímulos comparação(C) não guardavam similaridade com nenhum dos objetos dos conjuntos anteriores (B ou B'). As relações entre os objetos e nome (BC e CB) foram testadas. O critério de aprendizagem era de seis acertosem oito tentativas com duas comparações: três acertos para cada relação ensinada. Os testes com tentativas reforçadas tinham critérios semelhantes, mas caso ocorressem dois erros nas quatro primeiras tentativas, as relações poderiam ser novamente ensinadas e a criança submetida à re-teste. O desempenho das crianças filmado em todas as sessões foi analisado por meio do preenchimento de um protocolo de registro das vocalizações topograficamente semelhantes às palavras "Lodi" e "Pepi". As vocalizações foram agrupadas em emissões ocorridas fora ou dentro de tentativas (imediatamente antes, durante ou após a seleção), sendo as últimas separadas em correspondentes ou não-correspondentes aos nomes previamente atribuídos aos objetos e neutro (vocalização do nome sem a presença do objeto) e foram comparadas ao acerto ou erro na tentativa. Os participantes 1 e 2 não atingiram critério de aprendizagem para aprimeira relação ensinada e não emitiram nenhuma vocalização. O participante 3 aprendeu todas as relações de linha de base, sem emergência da relação BB' e com emergência de relações de equivalência (BC e CB). O participante 4 aprendeu todas as relações de linha de base e com emergência das relações BB', BC e CB. Foram observadas vocalizações na maioria das sessões e maior o número de vocalizações correspondentes do que não-correspondentes e neutras para as crianças 3 e 4. Além disso, esses participantes apresentaram maior número de vocalizações correspondentes em tentativas com acerto e não correspondentes em tentativas com erro. Embora a relação entre linguagem e sucesso nas tarefas de aprendizagem de relações condicionais e emergência de relações de equivalência continue controverso na literatura, os resultados do presente estudo sugerem para uma possível relação entre as emissões de vocalizações espontâneas e o estabelecimento da equivalência de estímulos.

Bebês, discriminações condicionais; vocalizações.

Apoio: CNPq – CAPES – INCT/ECCE

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

APRENDIZAGEM DISCRIMINATIVA E CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES: AMPLIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE AVALIAÇÃO DA SUBSTITUTABILIDADE NA EMERGÊNCIA DE COMPORTAMENTOS SIMBÓLICOS. *Renan Gonçalves Passos*, Felipe Bulzico da Silva*, Jair Lopes Junior (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP)*

A literatura em Análise Experimental do Comportamento atesta recorrentemente a emergência de relações equivalentes a partir do ensino de relações condicionais. Trata-se de modelo para a análise operante do comportamento simbólico definido pela substitutabilidade de estímulos. Contudo, de modo predominante, as contingências de teste de relações de equivalência sustentam uma característica restritiva na avaliação da substitutabilidade: como estímulos de escolha são exibidos somente os estímulos dos conjuntos experimentalmente utilizados. O presente estudo investigou se as relações de equivalência seriam igualmente atestadas sob duas condições distintas de avaliação: envolvendo os mesmos estímulos de escolha dos conjuntos experimentalmente utilizados, bem como estímulos de escolha vinculados às classes de estímulos excludentes previstas experimentalmente, como, por exemplo, (B1 e C2), ou (B2 e C1). Participou uma criança com 11 anos de idade e desenvolvimento típico. Um aplicativo exibiu tentativas de MTS simultâneo visual-visual sob a forma de slides. A cada tentativa, o estímulo condicional foi exibido no centro e os estímulos de escolha nos vértices do slide. Foram utilizadas 12 figuras arbitrárias sem significado definido pré-experimentalmente. Na Fase 1 ocorreu o treino de 10 relações condicionais em esquema de CRF. A cada acerto o participante recebia uma ficha. As fichas eram permutáveis por guloseimas ao final. Os estímulos condicionais X1 e X2 foram exibidos com pares de estímulos de escolha dos conjuntos A (A1, A2), B (B1, B2), C (C1, C2), D (D1, D2) e E (E1, E2). Nas Fases 2 e 3 ocorreram, respectivamente, os testes das relações simétricas e equivalentes. Nos testes foram exibidos como estímulos de escolha pares de estímulos apresentados anteriormente nas tentativas de treino de modo sucessivo (X1 e X2 – teste de simetria) e simultâneo (os pares dos conjuntos A, B, C, D e E – teste combinado de equivalência). Na Fase 4, no teste combinado de equivalência, os pares de estímulos de escolha foram estímulos mutuamente excludentes, de conjuntos diferentes, considerando as classes experimentalmente previstas, como por exemplo, (B1 e E2) e (C1 e D2). Nas Fases 2, 3 e 4 vigorou o procedimento de extinção. O participante obteve 97,5% de acerto nas tentativas de treino da Fase 1. Nos testes das relações simétricas (Fase 2), equivalentes com os pares dos conjuntos do treino (Fase 3) e equivalentes com permuta de estímulos de escolha entre os conjuntos (Fase 4) foram registrados, respectivamente, 90% , 96,2% e 88,7% de acerto. Os resultados mostram-se consistentes com o modelo de equivalência sob condições ampliadas de avaliação da substitutabilidade, com variações nos índices de acerto registrados. Em continuidade, estima-se relevante investigar se as condições ampliadas de avaliação da substitutabilidade acentuam efeitos de variáveis de procedimento, como número de estímulos de escolha e de nódulos, na emergência de repertórios simbólicos.

Repertórios simbólicos, classes de estímulos equivalentes, criança

AEC

APROXIMAÇÕES GRADUAIS E SUCESSIVAS A REALIZAÇÃO DE ANÁLISE FUNCIONAL DO PRÓPRIO COMPORTAMENTO-PROBLEMA EM CONTEXTO CLÍNICO. *Francielli Sarmento, Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Certos procedimentos derivados do conhecimento em Análise Experimental do Comportamento quando utilizados na intervenção clínica são importantes recursos para desenvolvimento de comportamentos do cliente de difícil manejo direto, seja pelo seu alto grau de aversividade, seja por repertório comportamental insuficiente. Foi possível observar as decorrências da utilização do procedimento de analisar funcionalmente comportamentos e o princípio de aproximações graduais e sucessivas ao comportamento de interesse no atendimento clínico a uma mulher de 38 anos de idade, com dois filhos, raça ariana e ensino médio incompleto. A cliente solicitava auxílio para lembrar-se de situações da infância com a função de entender seus comportamentos passados e atuais. Foram realizadas 45 sessões, com duração de uma hora, semanalmente, no período de dois anos, com início no ano de 2010. Por meio da caracterização das contingências passadas foi identificado o desenvolvimento de comportamentos de fuga e de esquiva diante de situações nas quais havia necessidade de responsabilizar-se pela ocorrência de algo que produzia danos a seus familiares. Foi observado que apresentava comportamentos de fugir com alta frequência e concomitantemente as classes de comportamentos que envolviam "situações de decisões relacionadas aos filhos" e "culpar-se por não cuidar dos filhos". Considerando essas duas classes de comportamentos apresentadas com alta frequência e a caracterização das contingências passadas, foi definido como classe de comportamento clinicamente relevante "tomar decisões relacionadas aos filhos sob controle de variáveis relevantes". O procedimento utilizado para ensino dessa classe de comportamentos foi análise funcional de comportamentos, pois a cliente apresentava baixo grau de visibilidade acerca das decorrências de suas respostas e a análise funcional possibilitava que fossem explicitadas as variáveis das quais um comportamento é função. Após a primeira análise funcional, foram observados comportamentos de fuga de realização da análise e concluiu-se que o procedimento utilizado apresentava propriedades aversivas. Para atenuar tais propriedades, os comportamentos que produziam consequências relacionadas aos seus filhos foram analisados funcionalmente por meio de aproximações sucessivas e graduais. As gradações das análises funcionais foram: 1. análise do comportamento de outra pessoa, sem a interferência do próprio comportamento; 2. análise dos próprios comportamentos apresentados em ambientes gratificantes; 3. análise dos próprios comportamentos, relacionados aos filhos, com consequências gratificantes; 4. análise dos próprios comportamentos, componentes da classe "tomar decisões relacionadas aos filhos sob controle de variáveis relevantes". Ao analisar funcionalmente o próprio comportamento com relação aos filhos, mesmo que o procedimento tenha sido realizado de maneira gradual, comportamentos de fuga por meio de explicações religiosas ou místicas e auto-regras foram apresentados. Tais explicações não foram analisadas, sendo postas em extinção por não constituírem objeto da análise e sua frequência foi diminuindo ao longo das sessões. Enquanto que os comportamentos componentes da classe "tomar decisões relacionadas aos filhos sob controle de variáveis relevantes" aumentaram de frequência ao longo das sessões. A apresentação de comportamentos de fuga, mesmo com utilização de um procedimento aplicado de maneira gradual, indica o grau de dificuldade em manejar, na prática clínica, essa classe de comportamentos e indica necessidade de desenvolver mais procedimentos que facilitem esse tipo de intervenção.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Análise funcional; aproximações sucessivas; terapia comportamental.
CAPES
AEC

AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DE UM PROGRAMA PARA ENSINAR FRASES A PESSOAS DEFICIENTES MENTAIS QUE ESTÃO EM PROCESSO DE INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO. *Rosaria Maria Fernandes da Silva (UNIVALI), José Gonçalves Medeiros (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Comportamentos acadêmicos básicos (ler, escrever e contar) são imprescindíveis na vida diária. No entanto, estes comportamentos nem sempre são adquiridos, por pessoas que apresentam algum tipo de deficiência mental (DM). No entanto, estes comportamentos nem sempre são adquiridos, por pessoas que apresentam algum tipo de deficiência mental. Neste sentido é importante refletir sobre algumas questões: Será que o D.M é mesmo incapaz de aprender a ler e a escrever? De que forma os comportamentos de ler, escrever e contar estão sendo ensinados ao D.M ao longo de sua vida acadêmica? Se houvesse um ensino eficaz, o deficiente mental continuaria sendo considerado incapaz? Procedimentos baseados no Paradigma de Equivalência são descritos na literatura como um dos meios mais eficientes para ensinar pessoas DM a ler e escrever. Para tanto, é necessário programar as condições para ensinar estes comportamentos e, por fim, avaliar a eficiência do programa proposto. A necessidade de estabelecer mais claramente estas etapas evidencia a relevância de produzir conhecimentos que possibilitem responder a questão: Qual a eficiência de um programa para ensinar frases a pessoas deficientes mentais que estão em processo de ingresso no mercado de trabalho? Participaram deste estudo cinco alunos deficientes mentais, de uma instituição do sul do Brasil. Os comportamentos de ler e escrever frases foram ensinados por meio de um procedimento de Matching To Sample por exclusão informatizado, programado por meio de um delineamento de Linha de Base Múltipla. Os resultados mostram que os participantes adquiriram o comportamento de ler com compreensão as classes de estímulos apresentadas. Com relação às classes de estímulos frases, o percentual de respostas corretas foi de 66% para P7 e de 4,7% para P8. O restante dos Ps (3, 4, 5) não apresentou respostas corretas, resultando num percentual de zero por cento. Os dados do teste final demonstram que os benefícios do programa de ensino, ainda que limitados, favoreceram o desenvolvimento do repertório de leitura e escrita dos Ps 3, 4, 5, 7, 8. Os resultados obtidos por meio do procedimento demonstraram a emergência de novas relações (frases) que surgiram a partir das relações condicionais ensinadas independentemente. Nas Fases de testes de equivalência, os participantes estabeleceram as relações de equivalência BC/CB. Os dados obtidos indicam a eficiência do programa de ensino das relações AB, AC, AE, AC. Pode-se afirmar sobre a relevância social do programa, em particular, da relevância educacional, na medida em que possibilitou o aumento do repertório de ler frases a adultos deficientes mentais que estão em processo de ingresso no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Programação de ensino; Repertórios acadêmicos; Equivalência de Estímulos; Ensino de leitura e escrita; Uso de recursos informatizados.

AEC

AVALIAÇÃO DE EMERGÊNCIA DE LEITURA DE FRASES A PARTIR DO ENSINO DE SUAS UNIDADES CONSTITUINTES. *José Gonçalves Medeiros[1]; Leonardo Pereira de Lima*; André Souza[2]; Graziela Rodrigues Medeiros[2]; Paula Cogno Lermen* e Priscila Gasperin Pellegrini* (Dep. de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

Ler com compreensão é considerado uma habilidade fundamental para lidarmos com várias atividades do cotidiano. Uma das primeiras metas de ensino, ou seja, a leitura com compreensão, se não for bem sucedida, promoverá dificuldades na aprendizagem de diversos conteúdos na vida do estudante. Durante a alfabetização, é possível que o estudante aprenda apenas a decifrar o código lingüístico da comunidade verbal na qual ele está inserido, ou seja, aprende a repetir com sucesso as palavras que lhe foram expostas, sem compreender o seu significado. É o que denominamos de analfabetismo funcional. Este estudo foi realizado com crianças da primeira série de uma escola da rede pública estadual da região sul do Brasil, cujas idades variavam entre seis e sete anos. Das 18 crianças, 11 constituíram o Grupo Experimental e 7 constituíram o Grupo Controle, cujo objetivo foi, portanto, verificar se o ensino em separado das unidades constituintes de frases (substantivos, números, cores e verbos) produziria a emergência de leitura da frase quando apresentada em sua forma completa. As palavras foram ensinadas por meio de um procedimento computadorizado de discriminação condicional. O experimento foi conduzido em tarefas que compunham três blocos de ensino, seguidos de Testes de Agrupamento, cujas palavras ensinadas foram testadas conjuntamente, formando frases, cujo desempenho não foi consequenciado e de Testes de Equivalência de Agrupamento, para verificar se a leitura estava sendo realizada com significado. Os participantes do Grupo Controle realizavam apenas os testes iniciais e finais além de uma atividade experimental (ensino da relação AB). Antes do Teste de Agrupamento, atividade de cópia era apresentada aos participantes do Grupo Experimental. Para metade deles, na Condição 1, era exibida a frase a ser lida. Era solicitado ao participante que copiasse cada uma das palavras da frase exibida. Cada cópia da palavra na ordem correta era seguida de conseqüências verbais positivas. Depois da cópia de todas as frases (nove), as mesmas foram reapresentadas uma a uma. Era solicitado então sua respectiva leitura, sem conseqüências verbais. Para a outra metade dos participantes, na Condição 2, era exibida a frase a ser lida porém nessa condição apenas a cópia da frase completa era reforçada verbalmente (ao invés de cada cópia dos componentes da frase). Além disso, a leitura de cada frase era solicitada imediatamente após sua cópia. A criança avançava para a tarefa e bloco seguintes apenas quando obtinha aproveitamento de 100%. Os resultados mostram que todos os participantes, exceto um (E-10) leram as frases no Agrupamento do Bloco 1. Apenas o participante E-3 completou a leitura das frases do Bloco 2. Em relação à cópia, em ambas as condições, ocorreu a aquisição de leitura das frases. Na Condição 1, em que a cópia de cada elemento da frase era consequenciada, a aquisição foi progressiva. Na Condição 2, em que a cópia da frase completa era consequenciada, a aquisição foi mais abrupta. Discute-se a importância de se aplicar procedimentos nos quais se planeja a aquisição não apenas de palavras isoladas, mas fundamentalmente de frases curtas porém completas e com sentido.

Emergência de leitura; Discriminação condicional; Leitura de frases

1 Bolsa de Auxílio à Pesquisa (APQ/CNPq). Processo nº 471402/2009-5

2 Bolsistas de Iniciação Científica (IC/CNPq). Processo nº 508029/2010-4

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

AVALIAÇÃO DE HABILIDADES NUMÉRICAS EM ESTUDANTES AUTISTAS. *Camila Straforin Oliveira* (Universidade Paulista, campus Araraquara, SP), João dos Santos Carmo (Universidade Federal de São Carlos, SP e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino).*

O presente estudo objetivou levantar habilidades numéricas presentes em estudantes diagnosticados com autismo. Participaram quatro estudantes, A, B, C e D, que frequentavam, respectivamente, o 2º, 2º, 3º e 5º ano do Ensino Fundamental. O participante B era o único que frequentava uma escola pública. Os estudantes foram expostos, em sessões individuais, a um conjunto de tarefas programadas no software ProgMTS, o qual disponibiliza tentativas no formato matching to sample padrão e de resposta construída. As 51 tarefas foram elaboradas a partir das indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e envolviam: uma de matching de identidade numeral-numeral; quatro de contagem envolvendo numerais e quantidades; quatro de matching envolvendo relações arbitrarias entre numerais e quantidades; seis de discriminação de numerais, quantidades e figuras; seis de comparação de conjuntos; quatro de comparação de figuras; quatorze de produção de sequência envolvendo quantidades e numerais; duas de aproximação numérica e dez tarefas de resolução de problemas com um digito e diferentes posições da incógnita. Os dados foram analisados com base no percentual de erros e acertos totais, erros e acertos por tarefa, tipos de erros, tarefas que geraram mais erros, latência por tarefa. As tarefas 9 (matching auditivo-visual envolvendo número ditado-quantidade), 16 (comparação de conjuntos, identificando o que tem o mesmo número de bolinhas), 27 (aproximação numérica identificando o valor mais distante do valor do modelo) e 28 (aproximação numérica identificando o valor mais próximo ao valor do modelo), foram as que apresentaram o maior acúmulo de erros entre todos os participantes. As tarefas que não geraram nenhum erro foram a 33 (produção de sequência numérica verbal em ordem crescente), 35 (resolução de problema de subtração com incógnita na posição c) e a 43 (comparação de figuras identificando a figura diferente do modelo). Os tipos de erros mais comuns entre os participantes foram: continuar seguindo o comando da tarefa anterior em detrimento da mudança na tarefa; não conseguir fazer a sequência de 2 em 2 e de 3 em 3, produzindo uma sequência aleatória; as crianças erravam ao contar para completar incógnitas nas posições a e b, e não conseguiam identificar a diferença entre o retângulo e o quadrado. Entre os quatro participantes as tarefas que apresentaram menor e maior latência foram, respectivamente, a tarefa 12 (discriminação de numerais) e a 25 (produção de sequência do maior para o menor). O participante A obteve o melhor desempenho e a maior latência na realização das tarefas, devido contar os numerais e as figuras das tarefas e fazer a comparação quando necessário entre as figuras. O participante B apresentou o pior desempenho e a menor latência na realização das tarefas, pois raramente realizava a contagem e quando diante de tarefas de comparação, não comparava e nem contava as figuras. Os dados apontam para a utilidade do conjunto de tarefas na avaliação de repertórios de habilidades numéricas e na possibilidade de obtenção de linha de base a partir de qual será possível programar etapas de treino que gerem ganhos de repertório matemático.

Palavras-chave: Habilidades numéricas, Autistas, Ensino Fundamental, Análise do comportamento.

Iniciação Científica

AEC

AVALIAÇÃO DE REPERTÓRIO INICIAL DE LEITURA E ESCRITA DE ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS: ANÁLISE DOS DIFERENTES COMPORTAMENTOS QUE COMPÕEM ESTE REPERTÓRIO DE UMA PERSPECTIVA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL. *Alessandra Rocha de Albuquerque; Lilian Maria Borges (Universidade Católica de Brasília); Raquel Maria de Melo (Universidade de Brasília); Pabline Coimbra Bemfica de Sousa*; Lídia Magalhães* (Universidade Católica de Brasília)*

A leitura e a escrita são compreendidas pela Análise do Comportamento como um conjunto de comportamentos distintos, funcionalmente independentes, mas que podem integrar-se formando uma rede de relações. Pesquisas que investigam a alfabetização sob esta perspectiva trabalham, em geral, com crianças e envolvem avaliações que visam identificar comportamentos adquiridos antes e após os procedimentos de ensino. O presente estudo teve por objetivo avaliar o repertório inicial de leitura e escrita de adultos e idosos considerados analfabetos antes de submeter parte deles a um programa informatizado de ensino de leitura fundamentado no paradigma de equivalência de estímulos. A avaliação ocorreu com o uso de dois instrumentos comumente utilizados em pesquisas de base analítico-comportamental: Diagnóstico de Leitura e Escrita com Palavras com Sílabas Simples – DLE e Avaliação de Leitura e Escrita de Palavras com Dificuldades da Língua – LEPAD. O DLE é um instrumento composto por 238 tentativas, distribuídas em blocos que avaliam diferentes categorias de respostas: leitura expressiva (nomeação de palavras, sílabas, vogais, consoantes); leitura receptiva (pareamento som-palavra, figura-palavra e palavra-figura); pareamento (figura-figura, palavra-palavra, som-figura); nomeação de figura; cópia e ditado. O LEPAD compreende 46 tentativas, que avaliam parte das categorias de respostas do DLE incluindo palavras com dificuldades da língua. Inicialmente, 47 participantes foram expostos ao LEPAD e, posteriormente, 17 destes ao DLE. Foram realizadas de 1 a 4 sessões de 30 minutos de duração com cada adulto. A análise dos resultados no LEPAD demonstrou que apenas 28 dos 47 participantes apresentaram percentuais de acerto inferiores a 40% em tarefa de ditado manuscrito; destes, 24 tiveram escores abaixo de 50% de acerto (13 apresentaram escores nulos) em leitura expressiva de palavras com dificuldades da língua. Os resultados do DLE, referentes à leitura, mostram que apenas 3 dos 17 participantes apresentaram escore nulo de acerto em leitura expressiva de palavras com sílabas simples e os demais obtiveram percentuais de acerto entre 13% e 93%. Verificou-se que os participantes apresentaram desempenhos superiores na leitura receptiva em relação à leitura expressiva e que a escrita foi mais precisa na tarefa de cópia do que no ditado. Estes resultados indicam a independência funcional dos diferentes comportamentos que compõem o repertório de leitura e escrita e sugerem a possibilidade de aprendizagem informal dos mesmos. Os instrumentos utilizados demonstram o potencial de avaliações que analisam cada um dos comportamentos componentes do repertório de leitura e escrita, em especial para adultos, uma vez que tais instrumentos permitem a identificação de desempenhos já estabelecidos e a realização de intervenções individualizadas que considerem as idiossincrasias de cada aprendiz e priorizem comportamentos ainda não aprendidos ou que precisam ser fortalecidos.

Avaliação de leitura e escrita; adultos analfabetos; análise do comportamento.

Universidade Católica de Brasília e CNPq

AEC

BANCO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO (BDTAC). *Maria do Carmo Guedes (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP)*

Introdução. O Banco de Dissertações e Teses em Análise do Comportamento (BDTAC), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PExp:AC) da PUC-SP, cobre trabalhos defendidos entre 1968 e 2000. Objetivo. Resultado de pesquisa em grupo realizada na atividade "Pesquisa Supervisionada", obrigatória aos mestrandos do PEx:AC, teve por objetivo liberar informações sobre o período anterior à publicação do Banco de Teses e Dissertações da Capes, criado em 2001. Método. A cada semestre, entre 2004 e 2006, grupos de 6 a 8 alunos participaram do planejamento e execução de pesquisa em diferentes fontes: inicialmente, sites das universidades com Programa de Pós-Graduação na área ou ao menos área de concentração ou linha de pesquisa na área; na seqüência, foram consultados Lattes dos Orientadores identificados na primeira fase e Bibliotecas de Universidades, além de alguns arquivos particulares para completar informações. Resultado. Apresentado em planilha Excel e com sistema de busca igual ao do Banco da Capes, o BDTAC está à disposição de pesquisadores em site próprio do LeHac (Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento) ou no link especial do PExp:AC: Produção do Programa, no site da PUC-SP.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CAPACITAÇÃO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS DE ESTUDO A PARTIR DE SUAS NECESSIDADES, OFICINA OFERECIDA EM PROJETO VINCULADO AO PROGRAMA REUNI. *Flávia Trento Rost**; Flora Moura Lorenzo**; Marucia Patta Bardagi (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

As políticas de expansão do ensino superior brasileiro implicam em um maior ingresso de estudantes no ensino superior, porém é necessária a implementação de ações que aumentem a probabilidade de permanência dos estudantes na universidade. O Programa Reuni, criado em 2007 pelo Governo Federal, tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Para atingi-lo, uma das condições criadas pelo projeto Reuni do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC foi o desenvolvimento de oficinas intituladas "Organização e métodos de estudos", cuja função foi capacitar alunos de graduação a desenvolver estratégias de estudo a partir de suas necessidades. O trabalho realizado em uma das oficinas foi ministrado por duas psicólogas bolsistas Reuni e atendeu três estudantes de graduação durante seis encontros. Foi identificada a classe de comportamentos "Controlar variáveis que interferem no comportamento de estudar" como necessária de ser desenvolvida pelos participantes, bem como os seguintes comportamentos intermediários constituintes dessa classe: "Planejar atividades de estudo e outras atividades da semana", "Evitar interferências durante as atividades de estudo", "Estabelecer metas semanais ou diárias de estudo e criar estratégias para executá-las" e "Organizar atividade de estudo". Para o desenvolvimento do comportamento "Planejar atividades de estudo e outras atividades da semana" foi solicitado o preenchimento de cronogramas de distribuição das atividades na semana, avaliada a distribuição das atividades na semana, identificadas alterações a serem realizadas e solicitado o preenchimento de um novo cronograma de acordo com a avaliação realizada conjuntamente. O comportamento "Evitar interferências durante as atividades de estudo" foi desenvolvido por meio dos procedimentos de identificação em conjunto de variáveis que interferem na realização das atividades (início e permanência nas atividades) e identificação em conjunto de comportamentos de fuga e esquiva de cada participante em relação a sua execução. O comportamento "Estabelecer metas semanais ou diárias de estudo e criar estratégias para executá-las" foi desenvolvido por meio da apresentação de uma proposição de cadeia de comportamentos que o constituem e da solicitação de preenchimento de tabelas de estabelecimento de metas e de distribuição das atividades. Para o desenvolvimento do comportamento "Organizar atividade de estudo", foi realizada a apresentação de uma proposição de cadeia de comportamentos que constituem esse comportamento e solicitada a execução dessa cadeia em relação a um exemplo de atividades de estudo durante a oficina. Os três participantes identificaram variáveis que interferiam ou interferem em seu comportamento de estudar. Para dois dos participantes, a classe de comportamentos "Controlar variáveis que interferem no comportamento de estudar" foi desenvolvida com diferentes graus de perfeição em relação a seus comportamentos intermediários. Para a terceira participante, somente o comportamento intermediário "Organizar atividade de estudo" foi desenvolvido, uma vez que não se encontrava em atividades regulares de estudo. A partir dos resultados obtidos, é possível sugerir que os objetivos de intervenção e as condições oferecidas a seu desenvolvimento foram apropriados para o atendimento às necessidades dos participantes. No entanto, foi identificada a necessidade de oferecimento de condições complementares a participantes que não estejam envolvidos em atividades de estudo durante as oficinas.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Projeto Reuni; Organização de estudos; Controle de variáveis
REUNI
AEC

CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE MANEJO DE SITUAÇÕES ESTRESSORAS UTILIZADAS POR JOVENS QUE SE DISTANCIAM DE SUAS FAMÍLIAS NUCLEARES PARA CURSAR O ENSINO SUPERIOR EM OUTRA CIDADE. *Camila Felipe* (Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC), Nádia Kienen (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR)*

Estratégias de manejo de situações estressoras caracterizam-se pelas tentativas que o indivíduo empreende com o objetivo de reduzir, minimizar, controlar ou tolerar situações avaliadas como estressoras (que envolvem dano, ameaça ou desafio). ingresso na universidade e o distanciamento da família nuclear parecem configurar situações potencialmente estressoras com as quais jovens se deparam. O objetivo deste trabalho foi caracterizar as estratégias de manejo de situações estressoras utilizadas por jovens que se distanciam de suas famílias nucleares para cursar o ensino superior em outra cidade. Foram sujeitos da pesquisa 38 alunos que cursam do 1° ao 4° semestre dos cursos da área da saúde (Naturologia Aplicada, Medicina, Psicologia, Nutrição, Fisioterapia e Educação Física) de uma Universidade da Grande Florianópolis, que moram a uma distância mínima de 300 km de suas famílias nucleares. Foi aplicado um questionário cujas variáveis objetivavam identificar as características dos acadêmicos que mudam de cidade para cursar o ensino superior; tipos de situações potencialmente estressoras; tipos de estratégias de enfrentamento utilizadas pelos acadêmicos; e tipos de mudanças ocorridas em relação a alguns aspectos da rotina antes e depois da saída da casa da família nuclear. Os dados foram tratados por meio de estatística descritiva, sendo comparadas variáveis relativas a estudantes de 1o ano (incluindo 1o e 2o semestres) e 2o ano (3o e 4o semestres). Quanto às estratégias de manejo de situações estressores, as mesmas foram categorizadas em estratégias de enfrentamento (do problema e da emoção) e de evitação (do problema e da emoção). Como resultados, foi possível verificar que quase metade dos participantes da pesquisa mora sozinha e não possui parentes que residem próximos. Cerca de 85% dos jovens indicaram pensar em voltar para a casa dos pais. Sob a perspectiva dos jovens que cursam o 1° ano: sentimentos como ansiedade, pressão e responsabilidade foram relacionados às exigências acadêmicas e saudade, responsabilidade, ansiedade e confiança à distância da família; as principais estratégias de manejo relacionadas às exigências acadêmicas e a distância da família foram de enfrentamento do problema e da emoção. Os jovens que cursam o 2o ano, por sua vez, indicam que os sentimentos presentes em relação a exigências acadêmicas são responsabilidade, ansiedade e pressão; em relação à distância da família foram indicados saudade, responsabilidade e tristeza; no que tange aos tipos de manejo de situações estressoras, as estratégias de enfrentamento do problema e da emoção frente às exigências acadêmicas foram as mais presentes e, em relação à distância da família, houve um aumento significativo de indicações da utilização de estratégias de evitação do problema e da emoção. Com isso, foi possível identificar que os jovens que cursam o 2° ano apresentam mais dificuldades para administrar as experiências de morar longe dos pais em relação aos jovens que estão no 1° ano. Assim, é importante que sejam realizadas intervenções para maximizar a possibilidade dos jovens manejarem as situações estressoras com as quais se deparam, a fim de aperfeiçoar a vivência acadêmica e a qualidade de vida desses jovens.

Estratégias de Enfrentamento, Estratégias de Manejo de Situações Estressoras, Ensino Superior.

Programa Unisul de Iniciação Científica - PUIC

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE "AVALIAR OCORRÊNCIAS DE FALÁCIAS DE DIFERENTES TIPOS" IDENTIFICADAS EM UMA FONTE DE INFORMAÇÕES NÃO-COMPORTAMENTAL. *Gabriel Gomes de Luca; Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Apresentar a classe geral de comportamentos denominada "avaliar a confiabilidade de informações" aumenta a probabilidade de a pessoa que a apresenta comportar-se sob controle de informações confiáveis. Uma das sub-classes que constitui essa classe geral de comportamentos é a sub-classe "avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos", uma classe que possibilita a uma pessoa identificar ocorrências de falácias (argumentos defeituosos ou raciocínios enganosos) de diferentes tipos (falácia de autoridade, argumentos circulares, apelo à tradição etc.) e, conseqüentemente, deixar de comportar-se sob controle de falácias. Por ser uma classe de comportamentos complexa, composta por muitos comportamentos, é necessário descobrir quais comportamentos a constitui. Com base nisso, foi objetivo responder "Quais as classes de comportamentos constituintes da classe geral "avaliar a ocorrência de falácias de diferentes tipos?". O conceito orientador para responder a essa pergunta consistiu na noção de comportamento, fenômeno constituído pela interação entre três componentes básicos: classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes. A fonte de informação utilizada foi o capítulo A enciclopédia de falácias, do livro Pensamento Crítico e Argumentação Sólida, de Sergio Navega (2005). Para identificar comportamentos constituintes da classe, foram realizadas 15 etapas, entre elas: selecionar trechos que indicavam algum componente básico de comportamento constituinte da classe geral; identificar ou derivar componentes dos trechos identificados; propor nomes de classes comportamentos a partir dos componentes identificados ou derivados; avaliar coerência entre os nomes de classes de comportamentos propostos e os trechos selecionados da fonte de informação. A partir desse procedimento, foram identificadas 543 classes de comportamentos constituintes da classe geral denominada "avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos", relativas à avaliação de 42 tipos de falácias. De maneira geral, para cada tipo de falácia, as classes de comportamentos identificadas consistiram em "caracterizar contexto no qual a falácia foi apresentada", "identificar ocorrências da falácia", "identificar o tipo de erro que constitui o tipo de falácia", "demonstrar equívoco apresentado em uma ocorrência de falácia", "avaliar eficiência do procedimento utilizado para demonstrar equívoco apresentado em uma ocorrência de falácia", entre outras. A descoberta das classes de comportamentos aumenta a clareza a respeito do que constitui o processo comportamental investigado (a classe de comportamentos "avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos") e, conseqüentemente, a probabilidade de intervenções sobre ela. Uma das possíveis intervenções consiste na programação de ensino para desenvolver, de modo gradual, as classes de comportamentos identificadas. A descoberta das classes de comportamentos viabiliza também avaliar o repertório de diferentes pessoas a respeito do quanto elas são capazes de avaliar a confiabilidade de informações, aumentando a probabilidade de identificar os comportamentos que elas ainda precisam desenvolver para apresentarem de maneira satisfatória a classe de comportamentos. A descoberta das classes de comportamentos ainda aumenta a probabilidade de verificação experimental das classes de comportamentos identificadas (possibilitando verificar se elas efetivamente constituem a classe geral) e a probabilidade de organizá-las conforme seu grau de abrangência, viabilizando identificar relações (de pré-requisito, cadeias comportamentais etc.) entre as classes de

comportamentos constituintes da classe geral “avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos”.

Classe geral “avaliar a confiabilidade de informações”; classe geral “avaliar ocorrências de falácias de diferentes tipos”; Programação de ensino; Decomposição de comportamentos.

Gabriel é bolsista do Programa REUNI - MEC.

AEC

COMPORTAMENTO AUTOLESIVO ASSOCIADO AO AUTISMO: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA. *Aline da Costa Jerônimo, Denise Raíssa Lobato Chaves, João Victor Medeiros da Silva Reis, José Alex Rodrigues Lobato, Olívia Misae Kato (Universidade Federal do Pará, Belém, PA)*

Considerando a alta prevalência de comportamentos autolesivos em indivíduos autistas, e que tal assunto é pouco abordado na literatura especializada, objetivou-se neste estudo uma análise metodológica de sete artigos científicos recentes sobre o assunto, onde são analisadas as variáveis que afetam o comportamento autolesivo. Tal comportamento caracteriza-se por uma ação auto infligida, geralmente repetitiva, estereotipada e crônica, que resulta em dano físico direto para a pessoa, configurando-se como um desafio constante para pais, cuidadores e professores. A literatura revela várias formas de comportamentos autolesivos, tais como bater-se, morder-se, arranhar-se, beliscar-se, pressionar o olho, puxar o cabelo e ingerir substâncias não comestíveis como cigarro e fezes. Estes comportamentos podem atuar como uma liberação de tensão e/ou ansiedade, podendo estar associados a problemas de comunicação, como também à busca de atenção. Nota-se também o agravamento das implicações da doença no que diz respeito às relações sociais, seja familiar, escolar, além de graves consequências físicas, podendo chegar a níveis extremos com complicações significativas em tecidos moles, lesões ósseas, traumatismo craniano, deslocamento de retina e até mesmo cegueira e morte. Os complexos mecanismos etiológicos de autolesão no autismo são muitas vezes incertos, e demandam diferentes intervenções que abrangem, no geral, tratamentos psiquiátricos, com possíveis intervenções baseados na administração de psicofármacos, além de terapia psicológica. Na revisão dos artigos foi realizada uma análise metodológica, comparando-se os parâmetros das variáveis de participantes e de procedimentos, investigando o comportamento autolesivo em crianças e adultos de variadas idades e sexo. Foram analisados sete artigos, no qual três destes além de analisarem as variáveis que afetam o comportamento autolesivo em indivíduos autistas, também analisam tal comportamento em indivíduos portadores de outras patologias, tais como epilepsia e deficiência intelectual. Três dos artigos propõem intervenções que tem como finalidade conter ou minimizar comportamentos autolesivos, utilizando atividades lúdicas e procedimentos farmacológicos. Dois artigos realizaram uma análise funcional e apenas um utilizou procedimentos bioquímicos com serotonina. Dois dos trabalhos analisaram a correlação entre duas variáveis, sendo que o primeiro analisou a correlação entre comportamento autolesivo e níveis de serotonina, enquanto o outro comparou o problema da autolesão em grupos de indivíduos com autismo, deficiência intelectual, e epilepsia. Em relação aos instrumentos de coleta de dados estes variam entre questionários, observação direta e indireta. Quanto à análise de dados, seis dos sete artigos pesquisados utilizaram o método estatístico para análise dos dados, somente um destes utilizou o método qualitativo descritivo na sua análise. Os estudos sugerem que há uma relação inversa entre nível de serotonina e comportamentos autolesivos, verificou-se ainda que indivíduos com deficiência intelectual combinada com autismo e epilepsia apresentam mais problemas de comportamentos e que atividades lúdicas, criação de rotina e intervenções farmacológicas foram eficazes na minimização dos episódios de autolesão.

Palavras-chave: autismo; comportamento autolesivo; métodos de intervenção.

Graduação

AEC

COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE DE COMPORTAMENTOS "ESTIMAR-SE". *Flora Moura Lorenzo**; Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,SC)*

O conhecimento existente acerca do processo denominado "Auto-estima" aproxima-se, ainda, do conhecimento de senso-comum que conceitua tal processo como um conjunto de características pré-determinadas dos indivíduos que os tornam mais ou menos capazes de "sentir-se" bem consigo próprios e, consequentemente, de agir de determinadas formas conforme a qualidade do sentimento. No entanto, examinar o conceito "Auto-estima" na perspectiva da Análise do Comportamento implica em considerá-lo como amplo e complexo processo comportamental, cuja expressão mais coerente é "Estimar-se", mais do que simplesmente um nome de sentimento. O conceito base para tal proposição é a noção de "comportamento" definido como um sistema multideterminado complexo de relações entre ações que um organismo e seu ambiente físico ou social. Com o objetivo de identificar os comportamentos constituintes da classe de comportamentos "Estimar-se", foi utilizado como fonte de informações um texto desenvolvido sob a perspectiva da Análise do Comportamento, cuja função é instrumentalizar pais acerca de procedimentos que potencialmente desenvolvem o processo referido pela expressão "Auto-estima". Para realizar a observação indireta dos comportamentos constituintes da classe de interesse, foram selecionados trechos da obra que se referiam a possíveis componentes desses comportamentos e tais trechos foram fragmentados em unidades mínimas de informação, a partir das quais foi possível identificar e registrar componentes de comportamentos potencialmente constituintes da classe investigada. A redação e disposição dos componentes foram examinadas e aperfeiçoadas conforme seus graus de clareza e adequação às características do conceito "comportamento", etapa que possibilitou derivação de componentes complementares. A partir da caracterização dos comportamentos identificados, foi possível identificar relações de cadeia e pré-requisitos entre eles, o que favoreceu a derivação de elos intermediários das cadeias de comportamentos identificadas. Por fim, os comportamentos descobertos a partir da fonte de informações foram nomeados conforme suas características e dispostos em um sistema comportamental constituído de 53 comportamentos distribuídos em três grandes conjuntos: A) "Processos de desenvolvimento da classe Estimar-se", constituído de 38 comportamentos; B) "Comportamentos constituintes da classe Estimar-se, depois de desenvolvida", constituído de 9 comportamentos; e C) "Comportamentos cuja probabilidade é aumentada em função do desenvolvimento da classe Estimar-se", constituído de 6 comportamentos. Exemplos de comportamentos identificados em cada conjunto são: "Atribuir valor positivo a si próprio sob controle da própria capacidade de produzir consequências naturais por meio de suas próprias respostas" (conjunto A), "Identificar própria capacidade em apresentar comportamentos cujas consequências sejam estímulos reforçadores para si" (conjunto B) e "Apresentar comportamentos em conjunto com o outro cujas consequências são estímulos gratificantes para ambos, sem depender do outro para tanto" (conjunto C). A proposição desses conjuntos de comportamentos relacionados à classe "Estimar-se" e das relações de cadeia e pré-requisitos entre os comportamentos constituintes de cada conjunto servem como condições para aumento do grau de clareza, precisão e suficiência do conceito "Estimar-se" – termo alternativo ao conceito "Auto-estima" em função de diminuir a probabilidade de ser definido como atributo dos indivíduos – como fonte de informações para orientar a intervenção profissional do psicólogo, quando necessária.

Auto-estima, Sistema comportamental, Noção de Comportamento

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CONTINGÊNCIAS DE ENSINO E DESCRITORES DE DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO DE RENDIMENTO EM LARGA ESCALA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Mayara Paula da Silva Matsunaka*, Claudia Cristina de Góes*, Jair Lopes Junior (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP).*

As Matrizes de Referência do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) especificam, sob a designação de habilidades vinculadas com diferentes modalidades de competências, as aprendizagens previstas para as diferentes áreas curriculares ao final do primeiro e do segundo ciclos do Ensino Fundamental. Estima-se que durante os respectivos ciclos, as exposições dos alunos às contingências de ensino mostrem-se capazes de estabelecer os repertórios exigidos pelos exames de rendimento ao final dos mesmos. O presente estudo objetivou investigar se contingências de ensino relacionadas com o tema Grandezas e Medidas da área curricular de Matemática se constituiriam em condição adequada para a manifestação de medidas comportamentais consistentes com respectivos descritores por ocasião da exposição dos alunos a tais contingências e não posteriormente diante da exposição ao exame. A partir do registro em vídeo de aulas ministradas por um professor de matemática para uma turma de 8ª. Série em uma escola estadual de Ensino Fundamental sobre Teorema de Pitágoras, ocorreram as transcrições e as análises das interações orais entre os alunos e o professor. As Matrizes de Referência do SARESP designam para tal conteúdo o descritor H36: Resolver problemas em diferentes contextos que envolvam as relações métricas dos triângulos retângulos. Em contato com o vídeo das aulas, todas as verbalizações dos alunos foram transcritas, de modo consecutivo, em linhas, ocupando a coluna do meio de uma tabela com três colunas. Para cada registro da coluna central, na mesma linha ocorreram registros nas colunas da direita (eventos antecedentes) e da esquerda (eventos subsequentes). De acordo com os registros em vídeo, duas classes de eventos antecederam oralizações dos alunos relacionadas com os conteúdos ministrados. A primeira classe foi definida por descrições orais detalhadas do professor sobre nome, localização e função de parâmetros do conteúdo ministrado, acompanhadas de indicações visuais expostas na lousa. Diante de eventos desta classe predominaram respostas intraverbais e ecoicas. De modo contingente a tais respostas foram registradas ocorrências de correção, bem como a continuidade de instruções orais pelo professor. Por sua vez, a segunda classe de eventos antecedentes consistiu em verbalizações do professor sobre regras e estratégias de resolução dos exercícios, finalizadas com indagações que impunham escolhas entre certo ou errado, bem como consentimento ou não para emitir um passo subsequente na cadeia que define a resolução do exercício. Embora as topografias das respostas dos alunos possam sustentar aparentes semelhanças com as aprendizagens previstas nas Matrizes, as relações de controle de estímulos mostram-se distintas daquelas não devidamente explicitadas nas Matrizes. Tais resultados acentuam as possibilidades de contribuição da Análise do Comportamento na identificação de possíveis relações de controle de estímulos inadequadas, bem como na proposição de estratégias mais consistentes com o estabelecimento dos repertórios operantes especificados pelos descritores.

PIBIC/CNPq-UNESP

Palavras-chave: Matrizes de referência, Análise do Comportamento, Matemática

IC

AEC

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: O COMPUTADOR COMO UMA MÁQUINA DE ENSINAR. *Mirela Louise Alves*, Celso Socorro Oliveira, Fábio de Brito Scarpin*, Jader Cruz Brião* (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Bauru - SP)*

A tecnologia de ensino Skinneriana tem sido bastante utilizada, considerando a grande importância dos cursos à distância no cenário educacional atual. Para verificar o uso dos conceitos comportamentais em EAD, pretendeu-se aplicar um curso completamente online para alunos de Psicologia (e outros) para verificar a efetividade de técnicas utilizadas nas máquinas de ensinar, como a de fading, em contexto de curso à distância. O curso teve duração de um mês, sendo aplicadas dez aulas com texto básico, texto explicativo com imagens, exercícios de treino e exercícios de associação como teste em cada aula, exceto as aulas sete e oito, que não tiveram exercícios de treino, e as aulas quatro e sete, que tiveram vídeos como complemento. Foi realizada uma avaliação no início do curso e a mesma no final para verificar a diferença no desempenho dos alunos após a apresentação das aulas. Foi possível, utilizando as ferramentas do software Moodle de ensino à distância, executar o treino de forma muito semelhante ao aplicado nas máquinas de ensinar, no qual os alunos preenchiam as lacunas que completavam as frases em cada exercício e verificavam se a resposta estava correta, recebendo feedback imediato, antes de ir para a próxima pergunta, podendo, também, realizar a sessão mais de uma vez. Porém, havia a possibilidade de passar para a próxima pergunta sem responder e o sistema não fornecer opções que evitasse que os alunos o fizessem. Era indicado que eles verificassem se a resposta estava correta antes de ir para a próxima pergunta. Também foi indicado que eles podiam repetir a sessão, mas não de forma obrigatória. Foram inscritos 20 alunos no curso, oito deles concluíram e tiveram o desempenho total final melhor que o inicial nas avaliações. Desses oito, seis realizaram todas as atividades de treino e teste e dois fizeram mais da metade delas. Três alunos realizaram pelo menos uma sessão de treino duas vezes e um deles repetiu três diferentes sessões. Houve queda no desempenho dos alunos nos testes da aula com maior número de exercícios de treino (aproximadamente oito exercícios a mais que a média), na primeira aula sem estes exercícios e nas aulas após as que não tinham treino. A aula em que foram aplicados vídeos e exercícios de treino foi a única em que todos os alunos acertaram todos os exercícios de teste, e na aula com vídeo e sem treino não houve diminuição no desempenho dos alunos nos testes. O treino nos formatos apresentados mostrou-se eficaz de uma forma geral em um curso cujas aulas foram apresentadas de forma principalmente textual, produzindo melhores resultados quando apresentado com recursos audiovisuais, mas podendo causar diminuição no desempenho quando a sessão for muito longa e tenha o efeito reduzido quando apresentado após interrupção do padrão de treinamento. Aparentemente a técnica utilizada nas máquinas de ensinar pode ser aplicada em cursos à distância de modo satisfatório, visto que foi capaz de promover aprendizagem nesse novo contexto.

Ensinar, distância, treino.

PROEX-UNESP

IC

AEC

EFEITOS DE ATIVIDADES VERBAIS CONCORRENTES SOBRE A RESOLUÇÃO DE ANAGRAMAS. *Rodrigo Henrique Puppi* (Universidade Positivo, Curitiba – PR); Cauan Esplugues Silva* (Universidade Positivo, Curitiba – PR); Bruno Angelo Strapasson** (Universidade Positivo, Curitiba – PR e Universidade de São Paulo, São Paulo - SP).*

Há ampla discussão na literatura acadêmica sobre a interferência de regras formuladas no desempenho de participantes de experimentos em psicologia. Alguns autores sugerem que impor tarefas verbais concorrentes pode concorrer com o controle por regras. Este experimento objetivou analisar o papel de tarefas verbais e não verbais concorrentes à resolução de tarefas verbais com e sem a apresentação de regras para sua resolução. Participaram da pesquisa 52 universitários que foram requisitados individualmente a resolver 60 anagramas (12 anagramas por fase) em um ambiente com isolamento acústico. Todos os participantes receberam instruções mínimas e passaram por uma condição de pré-teste com 13 anagramas para garantir o entendimento da tarefa. Os participantes foram distribuídos em quatro grupos (G1, G2, G3 e G4) e todos foram expostos a um delineamento de reversão com cinco fases: ABACA. Durante a fase A os participantes deveriam resolver apenas a lista de anagramas; na fase B os participantes executaram simultaneamente à resolução dos anagramas uma tarefa verbal concorrente (falar em voz alta os meses do ano em ordem inversa); e na fase C os participantes realizaram uma tarefa não verbal concorrente (desenhar linhas dentro de um gabarito) concomitante à resolução dos anagramas. Os grupos G2 e G4 tiveram a apresentação das fases B e C invertidas para controlar o efeito de ordem. Os grupos G3 e G4 receberam instruções sobre a ordem correta para a resolução dos anagramas. O tempo máximo para a resolução dos anagramas foi de 30 segundos. Nas tentativas em que esse tempo foi excedido foi registrado o valor 30 segundos. Identificou-se um aumento significativo da latência nas fases B tanto para todos os G1 ($t[12]= 4{,}364$, $p<0{,}001$), G2 ($t[12]=3{,}226$, $p=0{,}007$), G3($t[12]=4{,}504$, $p<0{,}001$) e G4 ($t[12]=11{,}25$, $p<0{,}001$). Verificou-se também um aumento significativo nas latências durantes as fases C, mas apenas para os grupos G3($t[12]=5{,}377$, $p<0{,}001$) e G4($t[12]=5{,}806$, $p<0{,}001$). Quando comparados os aumentos de latência nas fases B e C encontrou-se maior interferência das tarefas concorrentes verbais que das tarefas concorrentes não verbais tanto nos grupos sem instrução ($t[25]=2{,}049$, $p=0{,}051$) quanto nos grupos com instrução ($t[25]=2{,}611$, $p=0{,}015$). Concluiu-se que tarefas verbais concorrentes influenciam o desempenho dos participantes na resolução dos anagramas, com maior efeito quando os participantes se encontram sob efeito de instruções para a resolução da tarefa. Sugere-se que a inclusão de tarefas verbais concorrentes pode inibir o controle por regras formuladas pelos próprios participantes em experimentos com humanos.

Controle por regras, anagramas, tarefas concorrentes

Trabalho parcialmente financiado pelo CNPq (bolsa de doutorado proc. 142638/2010-2).

AEC

EFEITOS DE AUTOCLÍTICOS DE QUALIFICAÇÃO, PRESENTES EM HISTÓRIAS INFANTIS, SOBRE O COMPORTAMENTO DE QUALIFICAR EM CRIANÇAS. *Sirlene Lopes de Miranda**; Maria Martha Costa Hübner (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

A literatura e o uso das histórias infantis na educação são meios de propagação de valores, regras e padrões de comportamento. Estas histórias, muitas vezes, incluem operantes verbais, tais como autoclíticos, que podem exercer o papel de mudança no comportamento do ouvinte. O comportamento verbal configura-se como o comportamento operante que é estabelecido e mantido por reforçamento, possuindo, dentre outras, a função de estabelecer processos autoclíticos. Em uma visão skinneriana, os processos autoclíticos são compreendidos como operantes verbais que modificam a resposta do ouvinte a outro operante verbal. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi verificar os efeitos dos autoclíticos de qualificação, descritos em histórias infantis, sobre o comportamento de qualificar em crianças, mais especificamente sobre o comportamento de qualificar a personagem da madrasta, descrita nas histórias infantis da "Branca de Neve e os sete anões" e "Cinderela". Os participantes foram dez crianças, sete crianças da rede pública de ensino de Minas Gerais e três crianças de uma creche municipal da mesma cidade. Foram realizados três experimentos: 1- Experimento de delineamento de grupo com 06 crianças de 08 e 09 anos de idade, sem história experimental prévia, sendo duas crianças para cada condição experimental, grupo controle; grupo experimental A (manipulação do autoclítico qualificador negativo) e grupo experimental B (manipulação do autoclítico qualificador positivo). Cada condição experimental era formada por três fases: Pré-Teste; Teste e Pós-Teste; Experimento 02: Delineamento de sujeito único com uma criança de 07 anos; e Experimento 03: Delineamento de grupo com 03 crianças entre 03 e 04 anos de idade. Em síntese, comparando-se os resultados do experimento 01 com os resultados do experimento 03, não se verifica diferença significativa neste estudo entre as crianças com pouco repertório verbal e as crianças com alfabetização, isto se justifica pela maioria dos participantes de 08 e 09 anos não relatarem memória de nenhuma história infantil sobre madrasta na ocasião da coleta. Verifica-se que o autoclítico qualificador parece ter adquirido função de um estímulo que interferiu no qualificar a madrasta pelas crianças participantes da pesquisa. O Experimento 02 também demonstrou o efeito do autoclítico qualificador como estímulo que parece favorecer a manutenção do comportamento de qualificar a madrasta de modo negativo. Entretanto, precisa-se considerar a história de reforçamento de cada participante por fazer relatos correspondentes às contingências; a história de reforçamento dos conteúdos de seus relatos mesmo quando não havia a correspondência entre o dizer e o fazer e o atual reforçamento pelo ouvinte. Os resultados desta pesquisa sugerem que quando o autoclítico é qualificador em histórias infantis e a qualificação é positiva, parece haver um predomínio de uma qualificação positiva posterior e quando o autoclítico é qualificador negativo, parece favorecer o comportamento de qualificar negativamente a personagem.

Comportamento verbal; autoclítico; histórias infantis.

AEC

EFEITOS DO REFORÇAMENTO DIFERENCIAL EM UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE NEGLIGÊNCIA DA TAXA BASE. *Lorena Alves de Souza Araújo **, Djalma Francisco Costa Lisboa de Freitas **, Saulo Velasco, Marcelo Frota Lobato Benvenuti (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

Em uma situação envolvendo estimativa de probabilidades, pessoas podem fazer suas estimativas com base em dados sobre probabilidades gerais envolvendo uma população (taxa base) e probabilidades envolvendo casos específicos. Para uma resposta precisa, é necessário um cálculo que considere ambas as informações. Alguns estudos, contudo, mostram que as pessoas tendem a negligenciar a taxa base e a fazer a estimativa usando predominantemente as informações do caso específico. A negligência da taxa base tem sido interpretada como um viés na tomada de decisão, mas variáveis comportamentais como reforço e treino para estabelecimento de certos controles de estímulos podem alterar o resultado indicativo do viés. O presente estudo teve como objetivo promover a seleção, por contingências de reforço, de estimativas de probabilidade que envolvessem as informações da taxa base bem como do caso específico. Seis participantes realizaram tarefas em que eram solicitados a estimarem probabilidades individualmente ou em dupla. Os dados foram coletados em salas de aula de uma instituição de ensino superior (Instituto de Psicologia da USP). Para cada participante (ou duplas), foram apresentadas 24 situações-problema, em que deveriam estimar a probabilidade de certas situações cotidianas com base em informações da taxa base e de casos específicos. Como reforçador, foram utilizadas cédulas em miniatura, sem valor. Quanto mais a estimativa de probabilidade dos participantes se aproximava do valor considerado correto, mais notas o participante ganhava. Cada tentativa correspondeu a 1) apresentação da informação acerca de uma situação de estimativa de probabilidade, contendo dados da taxa base e do caso específico; 2) a resposta do participante sobre a sua estimativa de probabilidade e 3) disponibilização de cédulas, sem valor, contingente a resposta do participante. Como resultados, foi observado que os participantes, tanto da tarefa individual como em dupla, apresentaram um desempenho conforme o demonstrado em estudos anteriores no que se refere a negligência da informação de taxa base. Nenhum dos participantes apresentou respostas semelhantes às probabilidades consideradas corretas ao longo das tentativas. Além disso, os resultados apontam para uma preponderância de respostas com valores próximos ou exatos ao da dica específica ao longo das 24 tentativas, quando tais respostas eram reforçadas com um número alto de cédulas. Com isso, a negligência da taxa base pode ter sido um efeito tanto do reforço de respostas que apresentavam valores próximos aos da dica específica, como também da forma como os dados da taxa base e caso específico foram apresentados aos participantes. Refinamentos são propostos a fim de identificar com maior clareza os efeitos do reforço diferencial em respostas de estimativa de probabilidade. Estudos dessa natureza podem contribuir para a compreensão das situações chamadas de viés como relações entre comportamento e variáveis ambientais.

Negligência da taxa base, reforçamento diferencial, análise experimental do comportamento

AEC

EMERGÊNCIA DE DESEMPENHOS EM MTS ARBITRÁRIO A PARTIR DE UM TREINO MTS DE IDENTIDADE COM ESTÍMULOS REFORÇADORES ESPECÍFICOS. *Marcelo Vitor da Silveira, Julio Cesar C. de Rose (Universidade Federal de São Carlos)*

Em um estudo conduzido anteriormente observou-se que o treino em MTS de Identidade com estímulos reforçadores específicos parece não ter oferecido as condições suficientes para a emergência do MTS arbitrário em estudantes universitários. Especulou-se que os participantes não discriminaram os estímulos reforçadores específicos como parte importante das contingências de treino, e, por esse motivo, fracassarem nos testes de MTS arbitrário emergente. O objetivo do presente estudo foi verifica se, um pré-treino de MTS de Identidade com um estímulo reforçador comum, seguido de um treino com estímulos reforçadores específicos seria uma forma de garantir que os participantes atentem para as conseqüências específicas como partes relevantes das contingências de treino e, por conseguinte, garantir a emergência do desempenho em MTS arbitrário. Os resultados mostraram que mesmo após ambas as condições de treino, os participantes não exibiram um padrão de respostas que sugerisse a emergência do desempenho MTS arbitrário. A partir desses resultados especulamos que durante o treino os participantes estariam exibindo controle por identidade generalizado e não aprendendo relações de identidade entre estímulos novos. O controle por identidade generalizado estaria se sobrepondo às contingências de treino desenvolvidas pelo experimentador. Experimentos futuros verificarão o uso de procedimentos que visem enfraquecer os efeitos de experiências prévias com o controle por identidade, com o objetivo de verificar a emergência de MTS arbitrário a partir de um treino em MTS de Identidade com estímulos reforçadores específicos.

Estímulos reforçadores específicos, MTS de Identidade, MTS arbitrário emergente, controle por identidade generalizada, universitários.

FAPESP

AEC

EQUIVALÊNCIA DE ESTIMULOS E TEORIA DE GRAFOS: OS CONCEITOS DE DISTÂNCIA NODAL E ISOMORFISMO. *Celso Socorro Oliveira (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Bauru - SP)*

Desde 2002, pesquisas sobre análise experimental têm sido conduzidas para ensinar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) utilizando o paradigma de Equivalência de Estímulos, normalmente com o uso de três conjuntos (sinais, imagens e texto) e baseados em uma área da Matemática conhecida como Teoria de Conjuntos, para explicar a Emergência de Classes Equivalentes de estímulos usando as propriedades de reflexibilidade, simetria e transitividade, durante a fase de testes to procedimento de Matching-to-Sample (MTS). Muitos termos encontrados nesses trabalhos referiam-se, entretanto, a aspectos do problema tratados por uma outra área da Matemática, chamada Teoria de Grafos. Esse trabalho apresenta dois desses conceitos, distancia nodal e isomorfismo, que são utilizados para explicar estruturas de ensino em artigos produzidos por Saunders e Arntzen, por exemplo. Amostra como Nó (SaN), Comparação como Nó (CaN) e Linear são estruturas de ensino que representam um importante aspecto de estratégia de ensino, porque exploram aspectos estruturais de Grafos utilizando o procedimento MTS para aumentar a eficiência durante a etapa de treinamento dos experimentos. A primeira parte do estudo apresenta como as propriedades de grafos são relevantes para a abordagem SaN, CaN ou Linear. Uma revisão de como os grafos são "construídos" formando classes de Estimulos Equivalentes é abordada. De acordo com a teoria clássica, se todos os três testes se aplicam, então ocorre a emergência de classes de estímulos equivalentes (A1B1C1D1, A2B2C2D2 e A3B3C3D3). Quando a leitura é realizada pela Teoria de Grafos, a classe é um grafo do tipo árvore, conexo e acíclico, sendo o procedimento MTS considerado um operador de Grafos. As operações MTS começam com um nó simples (A1, por exemplo), e sucessivamente acrescentam um arco e um nó ao grafo anterior (A1B1, seguido de A1B1C1 e finalmente por A1B1C1D1, por exemplo). O tipo de Grafo gerado é dependente da seqüência MTS utilizada na sua construção e da estratégia de ensino adotada. De acordo com a Teoria de Grafos, um grafo pode ser semelhante a outro, se as características de construção forem semelhantes, nesse caso ocorre o isomorfismo entre grafos e os resultados de duas estruturas podem ser comparáveis entre si, tal como relatado recentemente por Arntzen entre as estruturas SaN e CaN. Outro aspecto relevante diz respeito à estabilidade da estrutura que pode ser avaliada pela distancia nodal – geralmente grafos com distancias maiores são mais instáveis e requerem mais cuidados na fase de treino. Tais resultados têm sido reportados nos experimentos de ensino de ordinais, indicando que estratégias mistas são melhores do que a simples estrutura linear. Como conseqüência desses estudos teóricos, faz necessário o estudo de mais experimentos sobre a estabilidade considerando a abordagem de Teoria de Grafos (em detrimento da de Teoria de Conjuntos).

grafos, equivalência, matching-to-sample

PROEX-UNESP

AEC

ESTABELECIMENTO DE COMPORTAMENTOS SUPERSTICIOSOS POR PUNIÇÃO NÃO CONTINGENTE. *Ana Celina Belotti*, Flavia De Rosso*, Marcelo Benvenuti (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O que faz com que seres humanos ajam acreditando em efeitos produzidos pelo próprio comportamento que não são, de forma alguma, comprovados ou garantidos? Esta questão não é nova para a psicologia, e a análise do comportamento contribui ao mostrar os princípios básicos que ajudam a analisar a formação de ilusão de controle e outras crenças sobre relações causais envolvendo o próprio comportamento e mudanças ambientais. Comportamentos supersticioso, por exemplo, pode surgir quando um evento é contíguo, mas não contingente, à resposta emitida por uma pessoa. Nesse caso, a pessoa pode continuar a se comportar como se estivesse produzindo alterações no ambiente que não dependem de seu próprio comportamento. Enquanto se comporta, um participantes verbal usualmente descreve o que está fazendo: quando o desempenho não-verbal pode ser caracterizado como 'comportamento supersticioso", o relato usualmente tem a forma daquilo que pode ser caracterizado como uma "crença supersticiosa". A base da crença e da ilusão, nesse caso, seria a coincidência entre responder e alterações ambientais. As pesquisas básicas que sustentam essa posição usualmente envolvem a apresentação de reforçadores e o efeito esperado é o aumento na frequência do comportamento. No presente estudo, foi avaliado se seria possível estabelecer uma relato verbal com a forma de uma "crença supersticiosa" quando uma punição (perda de pontos) é planejada de forma não-contingente. O experimento consistia em uma atividade na qual o participante começava com vinte e oito pontos (fichas) e era exposto a vinte e quatro tentativas em que deveria organizar sequencias de cinco cartões de diferentes cores. Em cada tentativa proposta poderia, ou não, ser punido com a perda de uma ficha. O participante perdia as fichas em uma de cada quatro tentativas, de forma que as punições fossem aleatória e homogeneamente distribuídas e que todos os participantes fossem punidos sete vezes nas mesmas tentativas. Ao final de cada sessão, os seis participantes do estudo respondiam um questionário em que lhes era proposto que explicassem as teorias empregadas para formular as sequências e a razão de terem sido aplicadas as punições. As teorias, junto das sequências apresentadas, ofereceram resultados interessantes que respondem à nossa pergunta inicial. De fato, foi observado que a punição torna possível que as rodadas em que não havia punição mantenham o comportamento por correlação acidental com reforço negativo. Determinadas sequencias na organização dos cartões, apresentadas quando não havia punição, tornaram-se mais frequentes ao longo das tentativas. Esses desempenhos foram correlacionados com a formulação de "crenças supersticiosas", descrições entre certas ações e mudanças ambientais que não eram previstos pelas contingências arranjadas. Descrições verbais foram extremamente variadas: apesar de a grande maioria dos sujeitos terem proposto teorias para explicar sua perda de pontos, alguns deles explicaram comportamentos de esquiva utilizados para evitar a punição. Outros indicaram aquilo que deveriam fazer para garantir o reforço. Dos participantes que propuseram planos de ação para o reforço, poucos mantiveram a mesma estratégia do começo ao final do experimento. Além disso, também foram observadas algumas incongruências entre aquilo que alguns participantes afirmaram ter feito e o que efetivamente fizeram.

Nível da pesquisa: IC

Comportamento supersticioso, punição, reforço negativo

AEC

EXPERIMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE COMPORTAMENTO INDIVIDUAL E SELEÇÃO CULTURAL. *Lorena Alves de Souza Araújo** (Colegiado de Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE / Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP), Angelo A. S. Sampaio, Christian Vichi (Colegiado de Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE)*

Embora as relações comportamentais que explicam como os indivíduos agem (contingências de reforço) inevitavelmente façam parte da evolução cultural, outras unidades de análises são necessárias para compreender as especificidades deste nível cultural de seleção por consequências. O conceito de metacontingência tem sido proposto como uma destas unidades de análise. Até o início do presente século, contudo, as discussões sobre este conceito assim como, de modo mais amplo, a abordagem dos fenômenos sociais pela análise do comportamento eram predominantemente interpretativas. Apenas recentemente estudos experimentais foram realizados voltados explicitamente para analisar metacontingências. Alguns desafios em tais estudos têm sido: a separação precisa entre as consequências para os indivíduos e para as entidades culturais; a especificação do modo como estas consequências se relacionam entre si; e um melhor controle do papel do comportamento verbal nas interações comportamentais que compõem as entidades culturais estudadas. Para lidar com tais desafios, foram realizados dois experimentos que visaram manipular consequências culturais e consequências individuais que fazem parte da metacontingência (que geralmente não têm sido manipuladas em experimentos da área), bem como as interações verbais dos participantes. Em ambos os experimentos, grupos de 3 participantes, que não puderam se ver, receberam uma instrução geral sobre a tarefa e puderam escolher linhas e colunas a partir de matrizes de 6x6 idênticas apresentadas para os três. A produção de determinadas intersecções entre as linhas escolhidas pelos Participantes 2 e 3 e as coluna escolhidas pelo Líder produzia a consequência individual (fichas) para os Participantes 2 e 3, e a escolha das linhas com cores diferentes pelos três produzia um produto agregado que poderia gerar ou não a consequência cultural (um item escolar posteriormente entregue a uma escola pública e três fichas) acessível apenas para o Líder. Os participantes foram instruídos a limitar a conversa entre si apenas a verbalizações especificadas de antemão e estritamente relacionadas à execução da tarefa experimental. Embora não tenha sido possível identificar a seleção cultural nos experimentos realizados, o estudo contribuiu metodologicamente para a área, pois permitiu o desenvolvimento de procedimentos experimentais nos quais que as consequências individuais e culturais se relacionam de modo análogo ao que ocorre fora do laboratório. Nesse sentido, mudanças foram sugeridas para viabilizar refinamentos metodológicos no presente procedimento, com o intento de viabilizar pesquisas futuras, algumas das quais já se encontram em andamento, bem como contribuir para o planejamento de intervenções efetivas em problemas sociais. Essa linha de pesquisa pode representar para a análise comportamental da cultura o que os primeiros experimentos de laboratório sobre seleção natural representaram para a Biologia Evolucionária e o que o desenvolvimento da câmera operante (também conhecida como caixa de Skinner) representou para a análise do comportamento operante.

Metacontingência, cultura, complexidade

AEC

EXPOSIÇÃO A ALTERAÇÕES AMBIENTAIS INDEPENDENTES DA RESPOSTA: EVIDÊNCIAS PARA A INSTALAÇÃO DO COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO OU PARA OS EFEITOS DO DESAMPARO APRENDIDO?

Camila Chagas Raimundo, Carlos Henrique dos Santos*, Danielle Ruiz de Lima*, Letícia Tiemi Monteiro*, Paulo Eduardo da Silva*, Simone de Cássia Freitas Manzaro*, Daniel Carvalho de Matos, Paulo André Barbosa Panetta, Vanessa Diana Di Rienzo (Diretoria de Ciências da Saúde, Universidade Nove de Julho - São Paulo, SP)*

Existem situações nas quais respostas não produzem alterações ambientais; estas ocorrem independentemente da emissão de respostas, sendo que a probabilidade da alteração ambiental ocorrer é igual na presença ou na ausência da resposta. Duas linhas de pesquisa têm investigado a relação de independência entre emissão de respostas e alterações ambientais, produzindo diferentes hipóteses explicativas. A primeira estabelece que em situações de alterações ambientais independentes da resposta ocorre uma conexão acidental entre a resposta e a alteração ambiental e a contiguidade entre estes termos é suficiente para a manutenção do padrão operante, caracterizando o comportamento supersticioso. A segunda estabelece que os organismos submetidos a tais situações aprendem que o seu responder não é efetivo no ambiente e esta aprendizagem interfere na aquisição futura de uma nova resposta instrumental, caracterizando o efeito de interferência, um dos efeitos da exposição à incontrolabilidade, segundo a hipótese do desamparo aprendido. Estudantes universitários foram expostos a um som de 3000 Hz, com duração máxima de 5 segundos. Os participantes foram instruídos a desligar os sons e submetidos a duas fases experimentais, com exceção do grupo controle, que não participou da primeira fase. Na primeira fase, o término dos sons foi pré-programado, ocorrendo independente da emissão de respostas dos participantes. Os participantes foram distribuídos em quatro grupos e as condições experimentais diferiram nas porcentagens (75% ou 25%) e distribuições (nas últimas tentativas ou randômica) de sons com 1 e 5 segundos de duração. Na segunda fase, os participantes foram expostos a sons cujo término dependeu da emissão de suas respostas. O objetivo foi verificar se sujeitos expostos a estas diferentes manipulações experimentais: a) desenvolveram algum padrão de respostas motoras supersticioso, durante a primeira fase; b) se estas diferentes condições experimentais controlaram diferentes relatos verbais; e c) se apresentaram o efeito de interferência nas respostas motoras de fuga na fase subsequente na qual é apresentada uma tarefa controlável. A coleta de dados será concluída em breve. Na análise de padrões de respostas motoras supersticiosos será utilizada uma medida indireta, denominada probabilidade de responder P(R), definida como o número de tentativas nas quais o participante emite pelo menos uma resposta, dividido pelo número total de tentativas. Será calculada a média da P(R) de cada grupo experimental e utilizada a técnica estatística ANOVA para testar a igualdade entre as médias encontradas. Os relatos verbais obtidos serão classificados nas categorias "Relatou controle sobre o término dos sons", "Relatou que não exerceu controle sobre o término dos sons" e "Relatou não saber". A análise posterior buscará identificar se o relato verbal dos participantes corresponderá com a exposição às condições experimentais. Na análise do efeito de interferência na aprendizagem da resposta de fuga do som será investigada a média das tentativas necessárias para apresentar a resposta de fuga do som, a latência média das respostas de fuga e a média do número de acertos das respostas de fuga do som apresentadas por cada grupo experimental e pelo grupo controle e utilizada a técnica estatística ANOVA para testar a igualdade entre as médias encontradas.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

eventos subsequentes ao comportamento, desamparo aprendido, comportamento supersticioso.

Fundo de Apoio a Pesquisa de Iniciação Científica (FAPIC) da UNINOVE

AEC

HISTÓRIAS INFANTIS: A TRANSMISSÃO DE VALORES VIA ANÁLISE FUNCIONAL DO FILME SHREK. *Laercia Abreu Vasconcelos, Nathália Pereira de Oliveira* (Programa de Educação Tutorial. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Histórias infantis podem ser um rico contexto para a construção de repertórios acadêmicos, sociais, transmitindo os valores de um povo. O desenvolvimento da mídia filmes, especialmente com a facilitada distribuição a partir da década de 1990 torna esse recurso um meio para que analistas do comportamento possam incentivar a mediação de pais e professores entre a exposição à mídia filme e a audiência formada por crianças e jovens. A discussão da importância da licenciatura em psicologia realça a potencial contribuição dos analistas do comportamento ao desenvolverem múltiplas análises funcionais a partir de obras da literatura infantil como um recurso educacional. Os valores, a ética, o comportamento de estudar, a alimentação saudável, habilidades sociais, a violência, o gênero são algumas das áreas que podem ser intensamente exploradas junto a crianças e jovens a partir de análises funcionais de livros e filmes. O objetivo do trabalho é, portanto, apresentar um recorte de contingências e desenvolver análises que possibilitam evocar comportamentos clinicamente relevantes ou de importância acadêmica no contexto da escola, ou ainda, relevantes para a família em diferentes situações que se mostrarem necessárias. A interpretação analítico-comportamento do filme Shrek é desenvolvida por meio de alguns dos comportamentos de personagens visando à ampliação de descrições/explicações para as relações observadas, bem como soluções para os problemas apresentados. Os resultados neste trabalho descrevem contingências que envolvem algumas das temáticas/variáveis abordadas no filme tais como: (1) habilidades sociais, especificamente o conceito de amizade e os processos comportamentais envolvidos, (2) gênero, (3) respeito à diversidade social, educacional e econômica e (4) conceito de beleza. Os dados mostram que o filme Shrek apresenta uma sátira envolvendo contos de fadas. Nesse sentido, há estímulos a discussão de diferentes valores presentes nos itens acima destacados. Entre os dados destacados encontram-se uma princesa que escolheu um padrão de beleza não convencional; um esposo que participa ativamente de tarefas domésticas, descrevendo com frequência algumas fragilidades diante de críticas sociais por ser diferente; relações de amizade estabelecidas pelo personagem Burro, mostrando cooperação, ampliação de sua rede social, além de uma visão crítica sobre o dia a dia dos personagens. O detalhamento dos elementos dessas contingências e sua utilização em diferentes contextos com crianças e jovens possibilita o emprego de modelação, modelagem, enfraquecimento/fortalecimento de regras/conceitos; promoção de aumento do repertório verbal de crianças com o reforçamento positivo de suas produções orais em uma roda de discussão; desenvolvimento de estratégias inclusivas para a abordagem dos erros, mantendo a motivação na tarefa (e.g., quando se utiliza livros ou filmes como estímulos acadêmicos).

Análise funcional, filme, Shrek

Bolsista do Programa de Educação Tutorial do MEC - PET-Psicologia

AEC

INFLUÊNCIA DA EXTENSÃO DO TREINO DA LINHA DE BASE NA EMERGÊNCIA DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES. *Jader Cruz Brião*, Celso Socorro Oliveira, Mirela Louise Alves* (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Bauru - SP)*

Desde a elaboração da adaptação da Teoria de Conjuntos da Matemática para a Psicologia Experimental para explicar a emergência de classes de estímulos equivalentes muitos estudos foram feitos dentro desde paradigma, mas pouco se foi pesquisado a respeito das condições nas quais ocorre a Equivalência de Estímulos, ou a criação das Classes de Estímulos Equivalentes. A presente pesquisa fora conduzida com o objetivo de se analisar mais profundamente o efeito do número de repetições de tentativas de treino como variável na emergência de classes equivalentes, e, para tanto, fora desenvolvido um delineamento experimental onde quatro diferentes linhas de bases foram treinadas (mesmo estímulos, mas com quantidade de tentativas de treino apresentado variando) e todos os sujeitos passaram pela mesma fase de teste que procurou avaliar a emergência das relações equivalentes (aplicando-se os testes de simetria, transitividade e reflexividade). O delineamento foi feito utilizando o procedimento de MTS (match-to-sample), onde o sujeito teria um modelo e três escolhas apresentadas a cada tentativa, utilizando-se do software MTSLab instalado em um notebook. As linhas de base diferenciavam-se pelo número de apresentações de cada relação binária (A1B1; B2C2, etc.), sendo que a linha de base mais extensa conteve 42 tentativas, onde cada uma das relações condicionais é apresentada 14 vezes. A linha intermediária conteve 21 tentativas, cada relação condicional foi apresentada sete vezes. A linha de mais curta conteve nove tentativas, cada relação condicional foi treinada três vezes. A quarta linha de base era semelhante à linha de base curta, com a diferença da utilização o procedimento de fading-in de estímulos. Em seguida, ou após o uso do software, foi indagado aos participantes sobre as estratégias para aprender que utilizou. Os resultados registrados nos arquivos texto gerados pelo programa de computador estão de acordo com a literatura (os participantes que foram submetidos à linha de base mais extensa obtiveram melhor resultado nos testes para demonstrar a equivalência). Foi relatado pelos participantes que a dificuldade se encontrava nos estímulos utilizados: afirmaram que eram imagens complexas, e não tinham como relacioná-las (estímulos abstratos); também afirmaram que davam nomes aos estímulos, de forma a facilitar a relação entre eles (por exemplo, chamavam os estímulos de "coqueiro" ou "S", sendo que eram abstratos). Esta nomeação por parte dos participantes pode ter dificultado a criação das classes equivalentes, pois, pelo relatado por eles, muitos estímulos que tinham características semelhantes (linha diagonal, quadrados, etc) não foram relacionados entre si pelo delineamento propositalmente. Os resultados obtidos, somados aos depoimentos dos participantes levaram os pesquisadores a responder a pergunta proposta de forma positiva, que a extensão da linha de base influencia na emergência da classe de estímulos equivalentes, como a literatura havia sugerido, entretanto, outros fatores também sugeridos pela literatura, mas pouco explorados exercem grande influência nesse processo. Fatores como os próprios estímulos (a divisão "abstratos" e "conhecidos" parece ser generalizante e incompleta), o fator da nomeação dos estímulos, bem como a própria força do reforço utilizado (um "parabéns, você acertou" não parece ser o suficiente para todos os participantes).

Equivalência de estímulos, linha de base, nomeação.

PROEX-UNESP.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

MANIPULAÇÃO DE ATRASO E INTERVALO ENTRE TENTATIVAS EM PROCEDIMENTO DE PAREAMENTO AO MODELO POR IDENTIDADE EM SAPAJUS CF. APELLA. *Tamyres Roberta Colares Leal, Ana Leda Faria de Brino, Olavo de Faria Galvão (Universidade Federal do Pará).*

A pesquisa relatada faz parte de um projeto que tem por objetivo verificar os efeitos de contaminação por mercúrio em crianças. Buscou-se nesse estudo desenvolver testes que não necessitem de instrução verbal para avaliar a memória de trabalho, ou memória de curto prazo. O procedimento utilizado para avaliar este processo foi o pareamento ao modelo com atraso (DMTS), com aumento gradual do atraso, com três macacos-prego como sujeitos. Com o aumento no atraso entre o desaparecimento do modelo e a apresentação das comparações o desempenho dos sujeitos tende a cair. Alguns estudos, entretanto, apontam que aumentando-se o intervalo entre tentativas (IET) é possível a recuperação do desempenho. O objetivo desta pesquisa foi investigar os efeitos da manipulação gradual do atraso e do IET sobre o desempenho de pareamento ao modelo por identidade em três macacos-prego adultos, Drácula, Guga e Tico. A tarefa era composta por 9 relações de identidade entre estímulos de três conjuntos. Em cada sessão, todas as relações eram apresentadas ao sujeito randomicamente em tentativas de três escolhas. A tentativa se iniciava com a apresentação de um estímulo modelo; cinco toques ao modelo produziam seu desaparecimento, e após o atraso programado, eram apresentadas três comparações. Se o sujeito tocasse no S+, uma pelota de açúcar de 190 mg era liberada e iniciava-se o IET. Respostas ao S- produziam apenas o IET. Partindo-se de desempenho estável em tentativas com atraso 1 s e IET 6 s, foi avaliado o nível de acertos após sucessivos aumentos de 0.5 s no atraso. Quando os índices de acerto diminuíam, aumentava-se o IET em 1 s. Dois tipos de sessão foram realizados: 1) Atraso fixo – quando a sessão apresentava apenas um valor de atraso 2) Atrasos variáveis – quando diferentes valores de atraso eram apresentados em uma mesma sessão. Drácula realizou 59 sessões com atraso fixo e 78 sessões com atraso variável, o critério de desempenho nas sessões de atraso fixo foi atingido para os atrasos de 1,0 a 13,5 s e, nas sessões de atraso variável o critério de desempenho foi atingido em atrasos de até 27 s. Guga realizou 22 sessões de atrasos fixos e 20 sessões com atraso variável, o critério de desempenho foi atingido nos atrasos de até 4,5 s nas sessões de atraso fixo e, até 7,0 s nas sessões de atraso variável. Tico realizou 27 sessões de atrasos fixos alcançando o critério em atrasos de até 5,0 s. Para os sujeitos Drácula e Guga, nas sessões em que o aumento do atraso produziu queda de desempenho, o treino continuado na mesma condição ou o aumento no IET foi suficiente para produzir recuperação do desempenho, com Tico ainda não houve manipulação de IET. Os resultados aparentemente corroboram os dados de outras pesquisas que indicam que o aumento do IET após queda de desempenho devido ao aumento do atraso pode produzir recuperação de desempenho. Serão realizados testes que verifiquem uma razão ideal entre atraso e IET para manutenção de desempenho, de modo a se produzir uma medida precisa para a avaliação do desempenho de macacos contaminados por mercúrio.

comportamento complexo, pareamento ao modelo com atraso, Sapajus cf. apella

CNPq – INC&T sobre Comportamento, Cognição e Ensino, NIEHS

PIBIC/UFPA – Ações Afirmativas

AEC

MANUTENÇÃO DO COMPORTAMENTO EM ESQUEMA DE TEMPO VARIÁVEL APÓS HISTÓRIA COM ESQUEMAS DE INTERVALO VARIÁVEL: O PAPEL DA TAXA DE RESPOSTAS E TAXA DE REFORÇO.

Elizabeth Fortunatti Albregard, Andrielly Darcanchy de Toledo, Marcelo Frota Benvenuti, Saulo Missiaggia Velasco e Gerson Yukio Tomanari (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)

O propósito deste trabalho é investigar a influência de diferentes taxas de respostas geradas por diferentes esquemas de intervalo variável sobre a manutenção do comportamento em esquema de tempo variável (reforço independente do responder). Para realizar o experimento, utilizamos 40 ratos albinos de linhagem Wistar. Cada um dos sujeitos foi deixado em estado de privação de água e foi colocado em uma caixa de condicionamento operante. Os ratos foram divididos em quatro grupos, sendo que as respostas de pressão à barra eram seguidas de uma gota de água, de acordo com um esquema de intervalo variável (VI) diferente para cada grupo. Os grupos foram de VI 15s, VI 30s, VI 60s e VI 120s. Depois que todos os ratos mantiveram o comportamento de pressão à barra numa taxa estável, o reforço de todos passou a ser apresentado de maneira independente da resposta, em tempo variável (VT 60s). Cada sessão durava o tempo necessário para que fossem apresentados 60 reforços (ocasionalmente, um critério de encerramento com base no tempo de sessão foi introduzido para os sujeitos que respondiam muito pouco). A taxa de respostas dos sujeitos variou conforme o valor do VI: nos esquemas com maior densidade de reforço, as taxas de respostas foram maiores. Na condição com o esquema VT, foi avaliado o papel dos intervalos entre apresentações de água sem respostas para a extinção do comportamento. Ratos com história de VI 120s apresentaram o maior número de intervalos em VT sem respostas e atingiram o critério de extinção do comportamento muito mais rapidamente do que os ratos do grupo com história de VI 15s. No entanto, a mesma relação não foi observada para os sujeitos dos grupos com história de VI 30s e VI 60s. Os ratos com história de VI 60s foram os que apresentaram o menor número de intervalos entre apresentações de gotas de água sem respostas, as maiores taxas e demoraram mais a atingir o critério para extinção do comportamento. Esses resultados sugerem que na manutenção do comportamento em situações de reforço independente da resposta, uma variável relevante, além da taxa de resposta e dos intervalos "vazios", é a discrepância na taxa de reforço na transição do VI para o VT (ratos do grupo VI 60s tinham a mesma taxa de reforço em VT na condição de VT).

Esquemas de reforço, manutenção do comportamento, reforço independente do comportamento

AEC

MOTIVAÇÃO DE CALOUROS NA ESCOLHA DO CURSO DE PSICOLOGIA: MATUTINO NOTURNO. *Geraldina Porto Witter Universidade Camilo Castelo Branco), Jamili Rasoul Salem de Souza* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP) (,Carla Witter (Universidade São Judas Tadeu)*

Todo comportamento tem subjacente variáveis que o direcionam inclusive na escolha da área em que pretendem buscar se formar. Considerando a relevância do conhecimento destas variáveis foram relevantes, foi feita a presente pesquisa tendo por objetivos conhecer as referidas varáveis e se eram similares entre alunos do curso matutino e noturno. Foram participantes calouros de um curso de Psicologia de uma Universidade particulares sendo 31 do diurno e 49 do noturno tendo todos assinados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o projeto aprovado pelo Comitê de Ética (Processo n○ 2135-2355/08) via redação apresentaram os motivos que os levaram a escolher a área de Psicologia. No Matutino os motivos mais referidos foram: Entender a mente/comportamento (26,79%) e ajudar os outros (15,6%). No noturno foram os mesmos, mas respectivamente com 23,6% e 18% das respostas. Entretanto houve muitas variações nas demais indicações de motivo, de modo que não foi obtida correlação com significância entre os dois grupos, sendo r=0,13 (rc=0,46, p≤0,05, N=19). Foi também aplicado um questionário em que deveriam atribuir nota de 1 a 10 a um rol de variáveis que potencialmente poderiam ter influências em suas escolhas. As variáveis com notas mais altas foram características pessoais (matutino= 7,6 e Noturno= 7,4) e características da profissão (Matutino= 7,5 e Noturno=7,4). O cálculo de correlação mostrou que a hierarquia de relevância atribuída às variáveis estava correlacionada nos dois grupos, sendo r0=0,84 (rc=0,52, ≤0,05, N=15). Os resultados mostraram que a resposta espontânea teve maior variabilidade e pouca especificidade para escolher o motivo mais relevante, já a avaliação do rol de avariáveis foi mais convergente e consoante com o esperado em escolha matura da profissão. Os dados são úteis para o planejamento educacional e para a divulgação da Psicologia como ciência e profissão da comunidade.

Palavras-chave: ensino superior, escolha da profissão, variáveis motivacionais

AEC

O JOGO DA DIVISÃO: RELAÇÃO COM GÊNERO E QUANTIDADE DE DINHEIRO. *Gabriela Esteves Lopes, Alice Frungillo Lima,Gabriel Zin, Giovana Escobal, Celso Goyos (Universidade Federal de São Carlos)*

Jogos econômicos têm sido úteis como modelos experimentais para estudo de situações de interação social complexa. Psicólogos interessados no fenômeno da generosidade têm utilizado jogos econômicos para estudar processos de tomada de decisão e distribuição de recursos. Um desses jogos se denomina Jogo da Partilha e pesquisas têm analisado os efeitos de algumas variáveis sobre como as pessoas alocam recursos, dentre elas: gênero do distribuidor ou do receptor, interação humana versus interação computadorizada, incentivo monetário real ou hipotético, idade, etc. O objetivo dessa pesquisa foi identificar o padrão comportamental de crianças pré-escolares no Jogo da Partilha e se demonstram consistentemente ou não suas opiniões em como dividir recurso em um paradigma de escolha forçada, tal como no Jogo da Partilha. Participaram 18 crianças pré-escolares, de 3 a 5 anos, com desenvolvimento típico, frequentadores de uma escola pública infantil em uma cidade no interior paulista. A pesquisa foi realizada na própria escola frequentada pelos participantes. Foram utilizados duas peças de bichos de pelúcia idênticas, cartolinas, desenhos montados em papel, folha de registro, caneta, filmadora, e computador. Os Estímulos experimentais foram representados por figuras coloridas de bolos, no formato Joint Photographic Experts Group (JPEG), editadas no programa Paint. Existiu uma relação direta de proporcionalidade entre os valores dos algarismos e os tamanhos das figuras dos bolos; quanto maior o algarismo, maior o bolo. Em um delineamento intrassujeitos, os participantes fizeram escolhas ao longo de dois blocos de repetidas tentativas, cada um envolvendo cinco oportunidades de escolha, para distribuir os recursos entre si e um participante invisível, passivo, podendo escolher otimizadamente, mas não competitivamente, igualmente, mas não de maneira otimizada, menos otimizadamente, mas mais competitivamente e de maneira altruística. O estudo também permitiu uma comparação entre - sujeitos a respeito do gênero dos participantes. Os dados mostraram que as crianças do gênero feminino escolheram otimizadamente todas as vezes e as do gênero masculino alternaram mais em suas escolhas, mas escolheram mais frequentemente a alternativa otimizada que a não otimizada. A dimensão tamanho do bolo pode ter influenciado mais os meninos, porque eles escolheram mais otimizadamente quando o tamanho do bolo era maior. Ambos os gêneros escolheram com maior freqüência a alternativa igualitária, quando essa estava sendo apresentada concomitantemente com a alternativa altruísta. Os resultados indicaram que o modelo experimental desenvolvido foi adequado para este estudo e pôde identificar o padrão comportamental de crianças pré-escolares no Jogo da Partilha e suas opiniões em como dividir recurso em um paradigma de escolha forçada. Estes jogos são importantes porque permitem: analisar as contingências envolvidas na tomada de decisão das pessoas, caracterizar as escolhas, como ideal, justa ou competitiva, e trazer sob escrutínio o exame dos possíveis efeitos de outras variáveis (por exemplo, sexo, incentivo monetário, quantidade de dinheiro, informações, etc) sobre as distribuições das escolhas das pessoas, para determinar se essas escolhas são estáveis ou influenciadas por essas variáveis. Posteriormente, os efeitos de outras variáveis serão analisados.

Apoio: FAPESP.

Palavras-chave: tomada de decisão econômica, altruísmo e generosidade, jogos comportamentais.

IC: Iniciação Científica.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O PAPEL DAS VARIÁVEIS SOCIAIS NO RESPONDER SUPERSTICIOSO EM ESQUEMAS MÚLTIPLOS. *Sirlene Lopes de Miranda**, Flávia Meneses Duarte**, Lorena Alves de Souza Araújo**, Marcelo Frota Lobato Benvenuti (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

Em certas condições, pessoas podem superestimar a probabilidade com que as suas ações são efetivas em produzir alterações no ambiente. Este fenômeno é conhecido como ilusão de controle e foi definido como uma expectativa de probabilidade de sucesso inapropriadamente maior que a probabilidade correta. Este trabalho é uma análise do fenômeno da ilusão de controle com base em contribuições da análise do comportamento, em especial, as noções de comportamento supersticioso e comportamento verbal. Quando respostas e mudanças ambientais coincidem, pode haver a seleção do comportamento mesmo que as respostas não tenham produzido as mudanças, o que gera a aquisição do comportamento supersticioso, comportamento mantido por relação acidental com reforço, facilitado por instruções e outras variáveis sociais. O objetivo deste estudo foi avaliar o papel das instruções incorretas no responder supersticioso em um componente VT de um esquema múltiplo VT EXT. Participantes trabalhavam em uma tarefa de computador na qual poderiam responder, com um mouse, em um retângulo colorido e acumular pontos. Os pontos eram apresentados independentemente do comportamento dos participantes no componente VT do esquema múltiplo. No componente EXT, não havia apresentação dos pontos. Dez participantes, estudantes de graduação, receberam instrução mínima ou incorreta antes das sessões experimentais. Na instrução mínima, os participantes eram informados que deveriam descobrir o que fazer para ganhar pontos; na instrução incorreta, era dito que os participantes deveriam clicar com o mouse no retângulo para ganhar pontos. Após as sessões, os participantes indicavam o grau de controle que julgavam ter na situação. Dos cinco participantes submetidos a instrução mínima, três responderam mais acentuadamente no componente EXT e dois responderam em ambos os componentes, porém com baixa taxa de respostas. Para os participantes que receberam a instrução incorreta, três dos cinco participantes desenvolveram o comportamento supersticioso em VT, respondendo sistematicamente mais no componente VT do que em EXT. Os participantes que receberam a instrução incorreta fizeram estimativas de controle mais altas do que os participantes que receberam instruções mínimas. Os resultados sugerem que a instrução incorreta favoreceu o desenvolvimento do comportamento supersticioso, apontando para o papel das variáveis sociais na aquisição e manutenção do comportamento supersticioso. Além disso, os resultados sugerem que as variáveis responsáveis pelo comportamento supersticioso são as mesmas do fenômeno da ilusão de controle.

comportamento supersticioso; variáveis sociais; esquema múltiplo

Capes e CNPq

AEC

O PAPEL DAS VARIÁVEIS VERBAIS NA NEGLIGÊNCIA DA TAXA BASE.

*Talita Regina de Lima Cunha**, Sirlene Lopes de Miranda**, Flávia Meneses Duarte**, Saulo Velasco, Marcelo Benvenuti (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

O comportamento de escolha e o comportamento de tomada de decisão têm sido estudado por alguns analistas do comportamento para compreender fenômenos tradicionalmente descritos como 'viés cognitivo'. Um exemplo desses fenômenos é a negligência da taxa base: em uma situação em que devem estimar probabilidades, pessoas tendem a valorizar as informações de casos específicos em detrimento das informações de probabilidades de taxa base. O objetivo do presente trabalho foi avaliar o papel de variáveis verbais na promoção de maior ou menor controle exercido pelas informações de taxa base sobre o comportamento dos participantes por meio de três situações problema (e.g., condição do taxi; diagnóstico médico e registro de cartão de ponto). Participaram do estudo 15 estudantes de Psicologia, distribuídos em três condições que variaram na maneira como as informações sobre a tarefa de estimativa de probabilidade eram apresentadas. Na primeira condição, os dados foram coletados da maneira tradicional, como descrito na literatura: uma situação problema era apresentada por escrito (e.g., houve um acidente de trânsito em uma cidade envolvendo um taxi). Em seguida, no mesmo texto, informações sobre a população eram apresentadas – taxa base (e.g., 80% dos taxis da cidade são azuis e 20%, vermelhos). Por fim, era apresentada informações sobre um caso específico (e.g., uma testemunha afirma que o taxi envolvido era da cor vermelha, mas verificando-se a acurácia de julgamento dessa testemunha em situações semelhantes, tem-se acertos em 80% das vezes). Na segunda condição, a informação da taxa base era salientada pelo experimentador na entrega das situações problema (e.g., preste muita atenção no item 1 – referindo-se a informação da taxa base). Na terceira condição houve mudança na ordem em que as informações da taxa base e do caso específico eram apresentadas (e.g., informação de taxa base apresentada ao final da situação problema). Na primeira condição, os participantes fizeram estimativas de probabilidade que sugerem, tal como encontrado na literatura, a negligência da taxa base. Nas duas outras condições, o efeito de negligência da taxa base não foi tão robusto (Condição 2) ou quase inexistente (Condição 3). Nessas duas últimas condições, estimativas dos participantes foram controladas mais fortemente pelas informações da taxa base e do caso específico. Os resultados permitem sugerir que a manipulação de variáveis verbais pode favorecer a mudanças no comportamento intraverbal dos participantes. Neste sentido, considerando os resultados deste estudo, fenômenos caracterizados como viés cognitivo pode ser estudados levando-se em conta o efeito de variáveis verbais que atuam no controle de comportamento de tomada de decisão.

Variáveis verbais, Análise Experimental do Comportamento, negligência da taxa base.

AEC

O PROBLEMA DA COLA EM CURSO À DISTÂNCIA. *Mirela Louise Alves*, Celso Socorro Oliveira, Fábio de Brito Scarpin*, Jader Cruz Brião* (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Bauru - SP)*

Pode-se afirmar que o comportamento de colar em provas é uma forma de esquiva das consequências aversivas geradas pelas notas baixas e que, portanto, é reforçado quando bem sucedido. Nos últimos anos, com o desenvolvimento dos cursos à distância cujas atividades são realizadas via Internet, as fraudes nos resultados das avaliações deixam de ser um problema exclusivo de cursos presenciais. Com a finalidade de testar o uso de tecnologia de ensino em ambientes EAD, foi realizado um curso completamente online, com duração de um mês, que foi constituído de um questionário prévio com 18 questões discursivas sobre o conteúdo do curso (para verificar o nível de conhecimento dos alunos antes das aulas), dez aulas com a apresentação de textos básicos e textos explicativos, exercícios de treino e exercícios de teste (com exceção de duas aulas que não tiveram treino), vídeos em duas das aulas, e uma avaliação final idêntica ao primeiro questionário. O curso foi gratuito e os alunos concordaram com o caráter experimental ao aceitar o Termo de Consentimento. Foi explicitado aos alunos que o desempenho no questionário prévio não influenciaria diretamente na aprovação ou reprovação deles e que não seriam atribuídas notas a ele e nem à avaliação final. O preenchimento de ambos era obrigatório para a continuidade do curso e para o recebimento do certificado. As aulas não ficaram disponíveis para consulta durante a avaliação. Dos 20 alunos inscritos, oito realizaram a avaliação final. Desses oito, dois alunos copiaram dos textos disponibilizados nas aulas e de outros sites as respostas de aproximadamente 12 questões. Três alunos não copiaram completamente as respostas, mas utilizaram partes de textos das mesmas fontes para compô-las. Nos resultados dos outros três alunos não foram identificados indícios de cola, porém não é possível afirmar que não colaram. Também foi constatada a presença de colas nas respostas do questionário prévio. O desempenho dos alunos nos treinos e nos testes foi irregular, tanto para os que colaram quanto para os que não colaram. Ficou evidente que, em um curso à distância no qual as avaliações podem ser realizadas pela Internet e de qualquer lugar, não há forma de impedir que os alunos tenham acesso às informações requisitadas e as use em suas respostas. Diante disso, não é possível assegurar que ocorra aprendizagem do conteúdo proposto. Como o comportamento de colar não foi ensinado no curso, conclui-se que ele já fazia parte do repertório dos alunos e que, provavelmente, foi reforçado nas aulas presenciais, talvez durante a escolaridade obrigatória, por ter sido bem sucedido na esquiva de qualquer punição relacionada às notas baixas. Tendo sido reforçado e mantido, o comportamento de colar não mudou repentinamente pela não atribuição de notas às avaliações ou questionários.

Cola, distância, reforço.

PROEX-UNESP

IC

AEC

REGRAS PRESENTES NA INTERAÇÃO PAIS-FILHO AUTISTA E ADOLESCENTE-IRMÃO AUTISTA. *Camila Straforin de Oliveira (Universidade Federal de São Carlos, Universidade Paulista) Valeria Mendes, João dos Santos Carmo (Universidade Federal de São Carlos)*

A pesquisa objetivou identificar regras presentes na interação de familiares com um membro autista, em famílias nucleares formadas por pai, mãe, filho adolescente com desenvolvimento típico e filho autista. Especificamente buscou-se descrever interações dos pais com filho autista e do filho adolescente com seu irmão autista, extraindo regras que podem implicar em contingências específicas e padrões de relacionamento com o membro autista. Participaram três famílias de uma cidade do interior de São Paulo. A primeira composta por: pai, 45 anos de idade, arquiteto; mãe, 43 anos, administradora de empresa; uma adolescente, 13 anos de idade; uma criança autista (J.), 9 anos de idade, que frequentava a quinta série do Ensino Fundamental. A segunda família composta por: pai 43 anos, advogado; mãe, 43 anos, bacharel em direito; uma filha pré-adolescente, com 11 anos; e uma criança autista (C.) de 7 anos de idade, que frequentava o primeiro ano do Ensino Fundamental. E a terceira, formada por pai, 43 anos, técnico de segurança no trabalho, mãe 42 anos, prendas do lar; um adolescente, com 12 anos; uma criança autista de 9 anos, que freqüentava a terceira série do Ensino Fundamental. A entrevista foi norteada por uma questão apresentada aos pais e aos irmãos: "Fale como é a relação da sua irmã (filho) autista com você e desta com os demais familiares". A partir da análise dos relatos foi possível identificar e descrever as regras presentes nas relações dos familiares com o membro autista. Os dados obtidos permitem uma análise das regras concordantes e discrepantes, presentes com regularidade nas falas da primeira família: (1) J. é normal, portanto age como qualquer criança de sua idade, (2) Ela é diferente das outras crianças da sua idade; (3) J. tem algumas limitações, ela não consegue fazer determinadas atividades. As regras presentes nas falas da segunda família, (1) C. não é normal, ele não age como qualquer criança de sua idade;(2) Vergonha do C, ele não se comporta como uma criança de sua idade,(3) C. tem manias, que uma criança normal não tem. E as regras presentes na terceira família, (1) G. estranha tudo, por isso a gente o avisa de tudo que está acontecendo; (2) G. é manhoso, porque quando ele quer algo ele começa a chorar e a fazer birra; (3) Ele não parece especial, porque ele é esperto, malandro, sabe usar as pessoas. A análise do relato indica que a primeira família apresenta falas contraditórias em relação à condição normal x anormal de J. A segunda e a terceira família apresentam dificuldades no manejo dos comportamentos inadequados dos filhos com autismo. Os dados foram discutidos em termos do potencial que a identificação e descrição de regras podem fornecer acerca do relacionamento de familiares com seu membro autista bem como do desenvolvimento de formas eficazes de orientação a estes, mais especificamente em relação a como lidar de forma mais eficaz com esse familiar a fim de instalar e fortalecer comportamentos funcionais e socialmente esperados.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

UM ANÁLOGO EXPERIMENTAL DE METACONTINGÊNCIA EM POMBOS: UMA PROPOSTA DE PESQUISA. *Arthur Mitio Nagae, Saulo Missiaggia Velasco (Universidade de São Paulo)*

Apenas recentemente estudos empíricos sobre o estabelecimento de seleção por metacontingências e perpetuação de práticas culturais passaram a ser reproduzidos em laboratório, limitando-se a modelos experimentais com seres humanos. A presente proposta de pesquisa, já em andamento no LabAEC do IP-USP, tem como objetivo investigar as condições necessárias e suficientes para que ocorra seleção por metacontingências e perpetuação de práticas culturais entre gerações sucessivas de indivíduos não-humanos. Serão utilizados oito pombos (Columbia livia) e uma caixa de condicionamento operante dividida ao meio por uma parede de acrílico transparente, formando duas câmaras. Cada uma aloja um pombo e contém dois discos de respostas alinhados verticalmente, os quais podem ser iluminados em verde ou vermelho, aleatoriamente. Na primeira condição experimental, atual estágio da pesquisa, todos os sujeitos foram individualmente treinados a bicar um dos dois discos – independente da cor – em um esquema de reforçamento de Intervalo Fixo de 10 s e disponibilidade limitada de resposta de 2 s, alternadamente a cada tentativa, para produzir 3 s de acesso ao comedouro. A Condição 2 será conduzida apenas com uma dupla de sujeitos, as contingências individuais da Condição 1 serão mantidas e duas metacontingências serão introduzidas: serão produzidos 6 s de acesso ao comedouro (chamados aqui de consequência cultural) caso diante dos discos iluminados em vermelho os pombos bicarem em discos de mesma altura; ou se diante dos discos iluminados em verde os pombos bicarem em discos de altura diferente. Assim, caso ambas as condições sejam cumpridas (contingência individual e metacontingência), serão disponibilizados, ao todo, 9 s de abertura do comedouro. Na Condição 3, as contingências e metacontingências anteriores serão mantidas e será realizada a substituição sistemática dos sujeitos. Evidência de seleção por metacontingências será considerada caso se observe a produção sistemática da consequência cultural na Condição 2. Evidência do estabelecimento de uma prática cultural será considerada caso a consequência cultural continue sendo produzida, prontamente, após a substituição dos sujeitos (Condição 3). Evidência um pouco mais fraca será considerada caso a consequência cultual comece a ser produzida, sistematicamente, após um número de tentativas muito menor do que na primeira dupla de sujeitos. Caso esses padrões não se verifiquem em nenhuma das gerações, poderá ser fornecida uma primeira evidência experimental de que metacontingências podem se restringir ao âmbito das interações sociais humanas.

AEC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

UM ENSAIO SOBRE O USO DA LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL PELO DEBATE DAS CONCEPÇÕES DE COMUNIDADE VERBAL E COMUNIDADE DE MENTES. *Henrique M. Pompermaier, Guilherme Bergo Leugi (Universidade Federal de São Carlos)*

A partir de análises das obras Verbal Behavior, de Skinner, e Young Minds in Social Worlds, de Nelson, bem como de textos complementares de pesquisas abordando temas relativos à função simbólica (linguagem e cognição) nas perspectivas analítico-comportamental e do desenvolvimento humano, o presente trabalho procurou apresentar algumas considerações sobre possíveis definições dos conceitos de Comunidade Verbal e Comunidade de Mentes, salientando possíveis diálogos e divergências, bem como dificuldades encontradas no desenvolvimento de cada uma das propostas. Os conceitos de Comunidades de Mentes e Comunidade Verbal são centrais às propostas de compreensão dos processos envolvidos com a comunicação e a linguagem por estas duas distintas vertentes psicológicas, respectivamente, a sócio cultural (ou contextualista funcional) de Katherine Nelson, e a analítico comportamental de B. F. Skinner. Em ambos os casos, os termos expressam a concepção de que a linguagem / o comportamento verbal é simbólico e que seu significado é construído e compartilhado com outros membros do grupo (comunidade). A aquisição do repertório linguístico depende de contingências dispostas/manejadas por outros. As contingências relevantes residem tanto nos antecedentes quanto nos consequentes (a "comunidade" apresenta os modelos e requer e monitora o comportamento dos novos membros). O significado é adquirido no uso ou na função: diferentes significados são aprendidos e compartilhados na relação com os outros (comunidade). Mesmo pertencendo a tradições e referenciais distintos, algumas aproximações e, especialmente diálogos, entre as duas abordagens parecem possíveis e pertinentes. Destacando uma posição pragmatista à abordagem dos fenômenos psicológicos, ambos os conceitos ressaltam o caráter fundamental do nível cultural no desenvolvimento das capacidades e habilidades da cognição humana. Contudo, tais aproximações também revelam discrepâncias, mesmo nos pontos de contato, como é o caso dos diferentes pragmatismos implicados em cada uma das propostas. Apesar da centralidade dos conceitos nas duas abordagens, é marcante também a dificuldade de operacionalização e de tratamento empírico destes conceitos. O comportamento verbal proposto por Skinner (1957) promoveu uma abordagem selecionista e pragmática acerca da linguagem. Esta proposição skinneriana apresenta um amplo programa de pesquisa, porém, ainda insuficientemente desenvolvido em relação ao escopo original. Contudo, nenhuma das propostas apresenta compromisso específico de operacionalizar o conceito ou o estudo empírico da Comunidade Verbal. O conceito, neste sentido, é tratado de maneira apenas indireta, com os estudos procurando desenvolver, de maneira análoga e, com controle experimental, determinados aspectos presentes ou constituintes do conceito de Comunidade Verbal. De maneira semelhante, nas discussões acerca de dados de pesquisa sobre teoria de mente e categorização, fica clara a pertinência da definição de Comunidade de Mentes como o conjunto de práticas de uma comunidade que promove o compartilhamento de significados. Contudo, coloca-se a dificuldade de como observar e interpretar tais práticas e as relações determinantes e determinadas por elas.

Comunidade Verbal; Comunidade de Mentes; função simbólica; linguagem

FAPESP / Bolsa mestrado (primeiro autor)

CAPES / Bolsa doutorado (segundo autor)

AEC

UMA ANÁLISE DA LEITURA DE CRIANÇAS POR MEIO DE HISTÓRIAS INFANTIS. *Laura Campos de Moura*, Graciela Hosel*, Laércia Abreu Vasconcelos (Universidade de Brasília)*

A literatura é um meio eficiente de transmissão da cultura, valores, crenças, e outros padrões comportamentais específicos. No entanto, a baixa frequência do comportamento de ler de crianças e jovens junto ao aumento de utilização de outras mídias como a televisão, aponta para a necessidade de investimentos de pesquisas voltadas para estimulação de leitura. Assim, contingências de reforçamento positivo, em um ambiente lúdico nos contextos escolar e familiar contribuem para a formação do leitor criança. O desenvolvimento de uma visão crítica de conteúdos e imagens apresentados permite que o cidadão-criança seja capaz de lidar com temas complexos e por vezes com versões contraditórias. O objetivo dessa pesquisa foi estimular a leitura de crianças utilizando três histórias de tamanhos crescentes. Foram realizadas três sessões de leitura com cada uma das crianças, de 8 e 10 anos de idade, totalizando seis sessões que eram gravadas e seguidas de um momento lúdico, no qual as participantes comentavam sobre a leitura anteriormente concluída. No momento lúdico, valores presentes na história (e.g., amizade, os benefícios do contato com a natureza, o dizer a verdade na tentativa de solucionar um problema) foram enfatizados. A unidade de análise foi a palavra e as seguintes categorias foram analisadas por sessão: (1) repetições, (2) correções, (3) erros de leitura, (4) erros de pontuação (com ausência de pausas que prejudicam a compreensão do texto ou ausência de entonação correspondente à pontuação) e, (5) motivação via relatos da criança sobre o texto, ilustrações ou ao introduzir novos temas. Vale ressaltar que a análise dos dados destacou os acertos da criança nas diferentes categorias, as quais mostraram também as interrupções de leitura por meio dos erros registrados. Pedro e Bruno mostraram um percentual de acertos total das três histórias de 76% e 79%, respectivamente. Contudo, no decorrer da leitura muitas interrupções devido ao não cumprimento da pontuação e aos erros de leitura de algumas palavras contribuíram para dificuldades no campo da fluência. Em geral, ao final das sessões os participantes formularam sínteses variadas das histórias sinalizando a compreensão da leitura. Comportamentos verbais e não verbais indicaram motivação no processo de leitura com destaque para o efeito de variáveis tais como: a quantidade de palavras, ilustrações dos livros e estilo da história (e.g., histórias de ação; histórias com marcantes estereótipos por gênero). O contexto da pesquisa com atendimento individual e alta densidade de reforçamento positivo se mostrou importante nesta amostra de crianças de uma instituição-abrigo. Portanto, apesar da alta frequência de interrupção da leitura feita pelas crianças outros fatores contribuíram para o desenvolvimento da compreensão da leitura e manutenção da motivação para se manter na tarefa. Isso foi observado apesar de ocorrências de desaprovações iniciais quanto ao tema a ser abordado. Assim, a mediação da leitura com possibilidade de produção de comentários, apresentação de novos exemplos ou situações vividas pela criança, com discussão de temas relacionados à história mostraram ser fatores facilitadores no processo de leitura.

Criança, história, literatura

Programa de Iniciação Científica - CNPq

AEC

EFECTOS DE LA POSICIÓN TEMPORAL DE UN ESTÍMULO AL INTERIOR DE LA DEMORA DE REFORZAMIENTO SOBRE LA TASA DE RESPUESTA.

Laura Rebeca Mateos Morfín**, Rosalva Cabrera Castañón y Carlos Javier Flores Aguirre (Universidad del Valle de México-Dirección de Posgrados y Licenciaturas Ejecutivas-Campus Zapopan, Universidad Nacional Autónoma de México-Campus Iztacala y Universidad de Guadalajara-Centro de Estudios e Investigaciones en Comportamiento).

Los efectos de la demora de reforzamiento parecen depender de la presencia o ausencia de una señal durante la demora de reforzamiento. En este sentido, es posible identificar un menor decremento de la tasa de respuesta cuando se introduce una demora de reforzamiento bajo condiciones de demora señalada. Varias han sido las explicaciones teóricas sobre la función que desarrolla esta señal al interior de la demora, es por ello que el presente experimento se diseñó con la finalidad de examinar los efectos de la posición de la señal al interior del intervalo de demora sobre la tasa de respuesta y de analizar la función de dicha señal, así como la ejecución durante dicho intervalo en condiciones de mantenimiento del responder. Para ello se conformaron cinco grupos de ratas, cada grupo se caracterizó por la ubicación de la señal: inicio (GI), mitad (GM), continuo (GC), final (GF) y un grupo sin señal (GSN). Se encontró que la tasa de respuesta decrementó como consecuencia de introducir una demora de 8s en los todos los grupos (GC, GF, GSN, GC y GM). Un análisis del patrón de distribución de respuestas al interior del intervalo de demora mostró un patrón diferencial de respuestas de palanqueo y de entradas de cabeza dependiente de la posición y duración de la señal agregada a la demora. Identificándose una relación consistente entre el patrón de distribución de la respuesta de palanqueo y de la respuesta de entrada de cabeza. Una prueba de resistencia a la extinción mostró que la señal presentada durante al demora mantuvo e incluso aumentó la tasa de respuesta relativa a la línea base 2 (LB) cuando se le presentó de forma contingente a la respuesta durante la prueba de extinción. Los resultados se discuten en relación a las diversas hipótesis existentes sobre la función que desarrolla la señal, así como de los parámetros involucrados.

Demora de reforzamiento, tasa de respuesta, ratas.

PD

AEC - Análisis Experimental del Comportamiento

EFECTOS DE LA PRE-EXPOSICIÓN AL RÉGIMEN DE RESTRICCIÓN DE ALIMENTO SOBRE LA ANOREXIA BASADA EN ACTIVIDAD. Carlos Javier Flores Aguirre, Luis Fernando Zárate*, Laura Rebeca Mateos Morfín** y Gabriel Velázquez González** (Universidad de Guadalajara, Centro de Estudios e Investigaciones en Comportamiento, México y Universidad del Valle de México-Campus Zapopan, Dirección de Posgrados y Licenciaturas Ejecutivas, México).

La anorexia nerviosa es un desorden de la alimentación que se caracteriza por un rechazo voluntario a comer con un concomitante decremento en el peso corporal. El modelo animal a través del cual se han estudiado las variables involucradas en dicho trastorno es la Anorexia Basada en Actividad (ABA). La ABA consiste en una disminución de la ingesta de alimento con la consecuente pérdida de peso corporal, acompañado de un exceso de actividad en ratas que son sometidas a un programa de restricción o privación de comida y que además disponen de una rueda de actividad. La preexposición de los sujetos a privación de alimento y la variación en el régimen de restricción de alimento son variables moduladoras del fenómeno. De igual manera, la preexposición a periodos de actividad modifica los patrones de alimentación y la actividad que despliegan los organismos son factores moduladores de la ABA. El estudio se diseñó con el propósito de evaluar en qué medida la historia de privación de alimento y el grado de privación modulan la pérdida de peso corporal y la actividad en ratas. Dos grupos de ratas fueron privados de alimento y restringidos a un régimen de disponibilidad de alimento por una hora al día hasta que llegaron al 80% de su peso corporal, para uno de los grupos se mantuvo el peso de las ratas al 80%, mientras que para los sujetos del otro grupo se inició una recuperación del peso hasta llegar nuevamente a su 100%; un tercer grupo no tuvo esta fase de pre-exposición. Todos los sujetos se sometieron a un periodo de disponibilidad de alimento por una hora y el resto del día con libre acceso a una rueda de actividad en las cajas experimentales. Se encontró que los sujetos que recibieron pre-exposición al régimen de restricción de alimento tuvieron mayor actividad y menor pérdida de peso corporal. Los resultados no permiten elaborar una interpretación parsimoniosa con la hipótesis del fallo adaptativo, sin embargo, interpretaciones alternativas hacen necesaria una mayor exploración sistemática del fenómeno de anorexia basada en actividad y de las variables que lo determinan y modulan. Variables asociadas al esfuerzo implicado en la actividad también son factores sobre de los cuales se modifican los patrones de alimentación y su interacción con los patrones de actividad. Los resultados derivados de la línea de investigación buscan ser integrados de manera más amplia al conocimiento establecido en favor de desarrollar estrategias de intervención que coadyuven al tratamiento de este tipo de desorden de la alimentación.

Anorexia basada en actividad, restricción de alimento, ratas

PD

AEC - Análisis Experimental del Comportamiento

EFECTOS DE LA PROBABILIDAD DE PRESENTACIÓN DE UNA SEÑAL DURANTE EL INTERVALO DE DEMORA SOBRE LA TASA DE RESPUESTA. Laura Rebeca Mateos Morfín**, Rosalva Cabrera Castañón y Carlos Javier Flores Aguirre (Universidad del Valle de México-Dirección de Posgrados y Licenciaturas Ejecutivas-Campus Zapopan, Universidad Nacional Autónoma de México-Campus Iztacala y Universidad de Guadalajara-Centro de Estudios e Investigaciones en Comportamiento).

La hipótesis de la información o de reducción de la duda sostiene que no basta la contigüidad entre la señal y el reforzador primario para que dicha señal adquiera propiedades de reforzador condicionado, puesto que es fundamental que la señal sea un predictor confiable de la ocurrencia del reforzador primario. Evidencia al respecto, sugiere que señalar el intervalo de demora con una probabilidad de 1.0 tiene efectos diferenciales sobre la tasa de respuesta respecto de una probabilidad de 0.0. El presente trabajo tuvo como objetivo evaluar el efecto de variar la probabilidad de presentar la señal de manera ascendente y descendente durante el intervalo de demora sobre la tasa de respuesta y la ejecución al interior de la demora. Se conformaron dos grupos de ratas: Grupo ascendente (A16), expuesto a una probabilidad de 0.00, 0.33, 0.66 y 1.0 de presentación de la señal. Mientras que los sujetos del Grupo descendente (D16) fueron sometidos a las mismas condiciones, excepto que el orden de exposición a los distintos valores de probabilidad de presentación de la señal fue inverso.Posteriormente, se expuso a todos los sujetos a una prueba de resistencia a la extinción. Los resultados mostraron que la distribución de la frecuencia de respuesta fue disminuyendo conforme el valor de probabilidad de presentación de la señal fue incrementando (A16). De manera simultánea a este descenso en el responder, la respuesta de entrada de cabeza fue aumentando en relación al valor de probabilidad, de tal manera que cuando el valor de probabilidad fue igual a 1.0, se observó en los sujetos un incremento gradual de esta respuesta conforme se acercaba el final de la demora. En lo que se refiere al Grupo D16, la frecuencia de respuesta no aumentó al disminuir la probabilidad de presentación de la señal, sin embargo, la frecuencia promedio de la respuesta de entrada de cabeza se mantuvo constante a lo largo de los valores, observándose una mayor frecuencia de respuesta durante la probabilidad de presentación de la señal igual a 1.0. Durnte la fase de extinción, los sujetos del Grupo A16 tuvieron un menor cambio de la tasa de respuesta durante la extinción, a diferencia de los sujetos del Grupo D-16.Estos resultados se discuten con base en la hipótesis de la información y los valores de probabilidad involucrados.

Demora de reforzamiento, tasa de respuesta, ratas.

PD

AEC - Análisis Experimental del Comportamiento

CONSTRUÇÃO DE UMA MEDIDA OBJETIVA PARA AVALIAÇÃO DO RACIOCÍNIO ECOLÓGICO-MORAL DE ADOLESCENTES. *Luana dos Santos Raymundo**, Mirian Gorete Ribeiro** (Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC), Maíra Longuinotti Felippe**(Università degli Studi di Ferrara, Ferrara/Itália), Yasmin Sauer Machado*, Ariane Kuhnen** (Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC)*

A Psicologia Ambiental tradicionalmente dedicada aos estudos da relação pessoa-ambiente, numa postura interdisciplinar vem dialogando com outras psicologias e áreas, defendendo a necessidade de modelos mais integradores e teoricamente mais robustos na compreensão das atitudes e condutas ecológicas. Tradicionalmente ela identifica como principais fatores preditivos destas dimensões, as crenças, as concepções e os valores, operacionalizáveis através de variáveis sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade). A Educação Ambiental que também vê na adoção de um sistema de crenças, valores e sensibilidades éticas e estéticas dimensões primordiais para a formação de um sujeito ecológico, ou seja, daquele que segue um modo ideal de ser e viver, com modos próprios de pensar o mundo e de pensar a si mesmo e as relações com os outros, compartilha com a PA suas inquietações na busca por formular programas de educação ambiental eficazes. Considerando que as condutas ecológicas são ações voluntárias emitidas pelos indivíduos no decorrer do ciclo de vida, avaliadas conforme suas conseqüências para o meio ambiente, que se pautam em certa medida por uma ética que leva em consideração o bem-estar de outros seres vivos em detrimento dos desejos humanos, poderíamos pensar que o desenvolvimento humano de um raciocínio ecológico-moral pode refletir num processo de mudanças nos julgamentos e comportamentos de cuidado dirigidos ao meio ambiente. O raciocínio ecológico-moral, portanto, é caracterizado como o conjunto organizado de pensamento (concepções e valores) que reflete a relação do homem com o meio ambiente. Neste sentido, o mesmo tem despertado o interesse de pesquisadores que buscam explicar sua origem e potencial para o planejamento de programas educacionais que almejem a formação de um sujeito ecológico. Entretanto, os estudos que investigam este construto nos trazem uma medida ainda predominantemente subjetiva, baseada no modelo de entrevista clinica de Piaget, o que dificulta a replicação dos resultados em contextos variados. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo construir um instrumento de medida objetivo do raciocínio ecológico-moral em pré-adolescentes e adolescentes para o contexto brasileiro. Após a construção teórica dos itens, análise da adequação semântica e dos juízes, três versões do piloto (a primeira versão contendo dois dilemas ecológicos morais com oito questões cada, a segunda versão com um dilema com oito questões e a penúltima versão com dois dilemas com seis questões cada) foram testadas em estudos preliminares com amostras independentes de estudantes do ensino fundamental e médio, de ambos os sexos, em um município no sul do Brasil (na faixa etária dos 10 aos 18 anos), totalizando 93 participantes. Para as análises psicométricas, foram realizados: o cálculo da consistência interna e o de correlação r de Sperman. Os resultados deste trabalho possibilitaram a reformulação do instrumento. A ultima versão do mesmo (com um dilema com seis questões) demonstrou como resultado adequação psicométrica para uma determinada faixa etária, numa amostra de 450 participantes. Concluiu-se a validade e precisão do instrumento, o qual poderá ser utilizado em futuras pesquisas, bem como, em diagnósticos e práticas de educação ambiental nas escolas, principalmente com a faixa etária adolescente.

Psicologia Ambiental, Educação Ambiental, Medidas

AMB

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EMOÇÕES, ACIDENTES, ERROS E VIOLAÇÕES DE MOTORISTAS DE SÃO LUÍS-MA: UMA ANÁLISE CORRELACIONAL. *Cláudia Aline Soares Monteiro, Denise Leidy da Costa Sampaio*, Enezita Vieira Feitosa*, Evelyn Hellen Sousa Costa*, Mariana Souza Pedrosa* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA)*

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados da pesquisa "Emoções, acidentes, erros e violações no trânsito: o perfil de motoristas de São Luís-MA", em fase de conclusão, sob a coordenação de docente do Departamento de Psicologia da UFMA. A pesquisa supôs que o acidente de trânsito é conseqüência de erros e violações, que surgem em momentos onde há oportunidade, sendo realizados por pessoas com alguma predisposição. Essa suposição fundamentou outras pesquisas sobre variáveis individuais e situacionais de erros e violações de motoristas, como as de Belém-PA e Brasília-DF, realizadas em 2004 e 2009 respectivamente, por meio das quais se pretende colaborar para a construção de um perfil comportamental do motorista brasileiro. Considerando a literatura pertinente da área, elaboraram-se, para esse trabalho de pesquisa correlacional, os seguintes objetivos: caracterizar o histórico de envolvimento em acidentes de trânsito dos motoristas; compreender as relações entre algumas variáveis individuais (agressividade, características demográficas, auto-atribuição de responsabilidade e raiva na direção), comportamentos inadequados (erros e violações) e envolvimento em acidentes. O método envolveu auto-relato, com a aplicação de três questionários auto-administráveis em uma amostra de 699 motoristas, abordados em diversos pontos da cidade. Os erros, as violações, as variáveis demográficas e o envolvimento em acidentes foram medidos por meio da EVEM – Escala de Violações e Erros de Motorista, constituída por 35 itens que se dividem em quatro fatores (erro, violação, violação agressiva e violação agressiva interpessoal). Já a agressividade foi medida por meio da EA – Escala de Agressividade, com 09 itens distribuídos em três fatores (agressão física, agressão verbal e raiva), enquanto a raiva na direção pela ERD – Escala de Raiva na Direção, com 17 itens que se dividem em três fatores (avanço impedido, direção agressiva e ambiente físico). Para a análise dos dados, utilizou- se um programa estatístico especializado, o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), por meio da técnica de correlação de Pearson. As análises inferenciais sugerem que: agressividade correlaciona-se com violações agressivas e violações agressivas interpessoais e também com situações no trânsito que geram irritação no motorista; motoristas que se irritam diante de situações cotidianas de trânsito tendem a cometer não só erros, mas também violações, violações agressivas e violações agressivas interpessoais. A partir disso, conclui-se que o comportamento inadequado do motorista relaciona-se com agressividade e irritabilidade, que são dificuldades intrínsecas deste em lidar com um ambiente potencialmente estressante, como o do trânsito, devendo ser medidas no momento da habilitação do motorista e consideradas ao se planejar medidas preventivas de conflitos e acidentes. Vale ressaltar que, de modo geral, o comportamento inadequado do motorista é um fenômeno complexo, com amplas possibilidades de explicação e de variáveis envolvidas.

Palavras-chave: erros; violações; motoristas.

Iniciação Científica – IC

PIBIC – UFMA

AMB

ESTUDO DA RELAÇÃO CRIANÇA-NATUREZA EM PARQUE URBANO.

*Patricia Maria Schubert Peres**, Ingrid Kuhnen Coelho*,Ariane Kuhnen (Laboratório de Psicologia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

Nos parques urbanos as crianças gostam de brincar tanto com estruturas construídas, como os brinquedos de playgrounds, como com elementos naturais, por exemplo, árvores, animais, água, areia, pedras. A interação da criança com elementos da natureza é mediada principalmente pelos pais que podem perceber na natureza uma oportunidade de recreação, educação ambiental e também de perigo à criança. Para melhor compreender a percepção que os pais têm da paisagem natural de parques urbanos, esta pesquisa identificou affordances que os pais percebem serem possíveis de ocorrer na interação da criança com elementos da natureza de um parque, quais elementos ou lugares da paisagem natural que propiciam essas affordances e as razões apontadas pelos pais que restringem o uso de certas affordances no parque. Nesse estudo entende-se affordances como ações que crianças realizam na paisagem natural, propiciadas pelos elementos que a compõe. Para isso, 106 pais foram entrevistados em um parque urbano, em Florianópolis, SC. A entrevista foi conduzida por um roteiro de perguntas abertas e fechadas sobre 27 affordances que são percebidas pelos pais como possíveis de ocorrerem na paisagem natural do parque e os lugares onde elas podem ocorrer. Os resultados mostraram que os pais percebem as affordances fazer esculturas (61%), cavar (45%) e brincar de amarelinha (44%) na areia, pular corda (16%), encontrar animais (12%), jogar bola (9%) e descansar (11%) no gramado, nadar (95%), pescar (89 %), interagir com outras crianças (66%), jogar bola (54 %) e frescobol (35%) e correr (16%) na lagoa, pendurar-se (95%), subir (90%), balançar-se (87%), descansar (61%), olhar de cima (60%), pular do alto (34%), esconder-se (32%) na árvore, esconder-se (40%), mexer com plantas (32%) e construir estruturas (25%) na mata, pular por cima (41%) e do alto (23%) no toco de árvore e pular do alto (20%) no barranco. Dentre os pais entrevistados, 19% não permitiriam comportamentos como atirar pedras, 22% pendurar-se, 22% subir, 19% mexer com animais, 17% olhar de cima, 17% esconder-se e 13% pular do alto. Os pais que responderam não permitir as crianças de realizarem estes comportamentos, representados pelas affordances que o ambiente oferece, justificaram suas respostas pelo perigo da criança machucar-se e machucar alguém, presença de pessoas estranhas, dano à natureza, incomodo as pessoas e falta de espaço. Conclui-se que elementos da natureza de um parque urbano são percebidos pelos pais como lugares que favorecem brincadeiras, atividade física e oportunidades de socialização e quando essa interação é impedida são por razões de segurança e respeito pela natureza e presença de outras pessoas.

Natureza, criança, affordance

Bolsa CNPq

AMB

ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO NO TRÂNSITO DE MOTORISTAS PROFISSIONAIS DE CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA. *Aline Fatturi Rodrigues*, Natalia Farias Baleroni*, Tiene Guimarães*, Alessandra Sant'Anna Bianchi (Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR)*

O Brasil apresenta índices alarmantes de mortes no trânsito, foram mais de 40.000 em 2010. O crescente número de veículos nos grandes centros urbanos e o aumento da população nesses locais tem agravado os problemas relacionados ao trânsito, tais como congestionamentos e acidentes. Os profissionais que trabalham no trânsito, tais como os motoristas de táxi e de ônibus, são muito vulneráveis às consequências desses fatores e, por sua vez, seus comportamentos têm importante impacto no sistema. O objetivo dessa pesquisa foi estudar o comportamento no trânsito de motoristas profissionais. O trabalho tem o intuito de colaborar com os esforços da Década de Ação pela Segurança no Trânsito 2011 – 2020 que visa diminuir os índices mundiais de mortalidade no trânsito. Participaram do estudo duzentos e sessenta e cinco motoristas profissionais sendo que destes cento e cinquenta e seis (58,9%) eram motoristas de ônibus urbano e cento e nove eram taxistas (41,1%). Todos trabalhavam na cidade de Curitiba e região metropolitana. Somente três participantes eram mulheres, todas elas taxistas. As idades variaram de 19 a 70 anos (média = 40,36 e desvio padrão = 10,55). Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico e a versão brasileira do Driver Behaviour Questionaire (DBQ) com 28 itens. O DBQ está dividido em quatro escalas: infrações ordinárias, infrações agressivas, lapsos e erros. Os participantes foram abordados nos seus locais de trabalho e convidados a voluntariamente participar do estudo. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Quando considerada a amostra como um único grupo, a escala com maior média foi a de infrações agressivas. Essas infrações referem-se àqueles comportamentos em que há manifestações de raiva e agressividade em relação a outros motoristas. Os resultados indicam que há diferenças significativas entre motoristas de ônibus e taxistas nos comportamentos no trânsito autorrelatados, sendo que os últimos cometeram mais infrações ordinárias. As infrações ordinárias são aquelas referentes a violações deliberadas do código de trânsito como, por exemplo, excesso de velocidade e dirigir sob efeito do álcool. É importante salientar que em nenhuma das escalas do DBQ a média foi igual a zero, indicando que, no grupo pesquisado, alguns condutores cometeram as infrações, os erros e os lapsos questionados pelo menos uma vez nos últimos doze meses. Esses resultados apontam áreas que devem ser trabalhadas no sentido da prevenção e do comportamento seguro no trânsito em condutores profissionais. Os resultados serão divulgados para que possam ser utilizados para o desenvolvimento de políticas públicas que busquem melhorar o sistema de trânsito.

Trânsito; Comportamento; Motoristas profissionais;

AMB

IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL: IDENTIDADE AO LUGAR. Lucas Brand Gomes de Albuquerque* (Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC), Gabriela Gonçalves** (Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Universidade do Algarve, Gambelas, Portugal), Renato Luis de Souza* (Universidade do Algarve, Gambelas, Portugal), Marinna Mensório* (Universidade de Brasília, Brasília, DF).

Portugal é um país com histórico de emigração, contudo passa a ser um país de acolhimento de imigrantes de diversos países, seja com objetivo de trabalhar, estudar ou residir atraído pelo clima ameno. Em consequência, os fluxos migratórios em Portugal representavam um saldo evidentemente negativo. Associado a revolução de 25 de Abril de 1974 e com a independência dos atuais países africanos de língua portuguesa, assistiu-se a um regresso massivo de indivíduos provenientes ou de alguma forma ligada ao território Português. Este fenômeno, a partir do início da década de 80 passa a apresentar um aumento exponencial e atípico do número de estrangeiros residentes em Portugal, onde a maioria dos considerados estrangeiros eram a um tempo atrás cidadãos portugueses, conhecidos popularmente como "retornados". O imigrante ao sair de seu país de origem, a fim de se sentir integrado necessita desenvolver uma identidade ao lugar, cuja identidade social está relacionada com o conhecimento individual de pertença a um determinado grupo social, ou seja uma partilha de sentimentos e valores de um determinado grupo. A identidade é um processo psicossocial construída ao longo da vida, no qual a interacção social e o ambiente estruturam o self. Considerando a importância da identidade ao lugar para o imigrante, bem como para estruturação da identidade individual e para os processos de aculturação, foi desenvolvido uma análise quantitativa, em que foi definido os seguintes objetivos específicos: em que medida é que as variáveis, género, nacionalidade, tempo, estado civil, profissão e sentimento de integração têm efeito na identidade com Portugal. O presente estudo de caráter exploratório tem como objetivo avaliar em termos quantitativos a identidade dos imigrantes em relação a Portugal. Foram analisados, mediante a ferramente de análise SPSS, no primeiro semestre de 2010 através de um questionário estruturado uma amostra de N = 170 imigrantes das seguintes naturalidades: Brasil, Países africanos de língua Portuguesa, Países do leste da Europa e cidadãos do espaço comum Europeu. Os resultados mostram que não existe qualquer efeito do gênero e da nacionalidade na variável identidade a Portugal. A Anova permitiu observar um efeito na variável profissão e identidade a Portugal, ($F(3, 166) = 5{,}72$, $p = .001$) , Após analise post-hoc de Tukey, permitiu identificar as seguintes diferenças entre: os participantes não qualificados M=4,50 e participantes técnico superior M=2,87; estudante M = 3.89, contudo não apresenta diferença significativa entre não qualificado e técnico especialista M= 4,81. Em relação à intenção inicial versus atual, o índice de Correlação de Pearson indica uma correlação positiva significativa de($r = 0{,}28$, $p = .000$) determinando que a intenção inicial tem influência na intenção atual em permanecer ou não em Portugal. Por outro lado, observamos diferenças significativas em função do tempo de residência e estado civil, como também a relação do sentimento de estar integrado. No caso dos imigrantes, foi analisado algumas variáveis que apresentam um papel preponderante na identidade a Portugal. Quanto maior o sentimento de estar integrado em Portugal maior é a identificação dos imigrantes.

P

Palavras-chave: Imigração, identidade ao lugar, psicologia ambiental.

AMB

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA ÁGUA EM MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA. *Luana dos Santos Raymundo, Patricia Maria Schubert Peres, Yasmin Sauer Machado, Ingrid Kuhnen Coelho, Ariane Kuhnen (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Entender a relação da pessoa com a água, envolve compreender entre outros aspectos, suas experiências, valores e representações sociais. Acreditando que a efetividade de programas em educação ambiental encontra-se naqueles que buscam conhecer a população com a qual trabalham, estudos de diagnósticos sobre a percepção ambiental da população baseados na representação social da água podem fornecer, por exemplo, base para que tais programas possam ser pensados a partir do contexto em que serão desenvolvidos. Com o objetivo de conhecer a representação social da água de participantes das "Oficinas de Capacitação da Comunidade para o Uso das Tecnologias Sociais", que ocorreram nas cidades de Concórdia, Urubici, Turvo, Orleans e Braço do Norte, no Estado de Santa Catarina, entre os anos de 2007 e 2009, o Laboratório de Psicologia Ambiental realizou um estudo objetivando uma análise prototípica do termo água, a partir das evocações livres de 222 adultos representantes dos municípios. Com o objetivo de conhecer as representações sociais dos participantes a respeito da água e suas variações, aplicou-se um questionário contendo, além de questões para identificação do perfil sócio-econômico, cinco questões de evocações livres: água, água de qualidade, água poluída, preservação da água e uso e exploração da água. Os dados de evocação foram analisados com o auxílio do programa Evocation 2000 (EVOC). As evocações foram agrupadas conforme procedimentos de lematização (tratamento de equivalência). A frequência mínima considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi entre 4 e 6, conforme cada questão. Referente às determinações dos pontos de corte para as coordenadas dos quadrantes, foi empregado o critério da mediana nas ordens de evocação; como haviam 5 respostas por participante, o valor do ponto de corte foi de 2,9. Nos resultados, observou-se: (1) que os elementos centrais da representação social da água foram referentes à vida, à saúde, à preservação da água e à ação humana como fundamental à manutenção do recurso; (2) um movimento de inclusão, no sistema periférico da representação social da água, elementos específicos de um conhecimento relacionado a problemática local, como aqüífero-guarani e mata ciliar; (3) que existia consciência do grupos às questões específicas da região como o uso de agrotóxico na agropecuária, a contaminação do aqüífero guarani, o desmatamento da mata ciliar, a falta de saneamento básico, o reaproveitamento da água da chuva e a reciclagem do lixo; (4) a população concebeu o recurso como um bem que precisa ser cuidado, que pode acabar e é indispensável e; (5) que o futuro do planeta depende da presença da água e do cuidado que os seres humanos têm tido e terão com ela. Podemos inferir, baseados no conhecimento de que a representação social é prescritora de comportamento, que essa população apresentava uma tendência a adotar comportamentos de conservação do recurso, também porque demonstraram ter consciência dos problemas vivenciados na própria região onde moravam e trabalhavam. É no conhecimento dos problemas locais que a representação social da água como um bem que precisa ser cuidado e, principalmente, cuidado por seus usuários pode se desenvolver.

Psicologia Ambiental, água, Representação Social

AMB

A MENSURAÇÃO DA AUTO-ESTIMA ENTRE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE AUTO-ESTIMA DE ROSENBERG. *Nathália Munck Machado*, Ana Luísa Marliere Casela*, Érika Pizziolo Monteiro*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

O conceito de auto estima refere-se às crenças e percepções que o indivíduo possui acerca de si mesmo, constituindo-se como componente importante para o bem-estar psicológico, sendo também fator de proteção para o desenvolvimento de alguns transtornos psiquiátricos como a depressão. No que se refere, especificamente, à dependência de álcool e outras drogas, a literatura aponta que é frequente encontrar entre dependentes de álcool e outras drogas baixos níveis de auto estima, muitas vezes associados com o alto nível de estigmatização associado com esta condição. Apesar da literatura não ser conclusiva acerca dos principais aspectos que influenciam a adesão ao tratamento para dependência, diversos estudos apontam a auto estima, como um preditor importante para este desfecho, haja vista que existem evidências de que pacientes com baixa auto-estima tendem a não aderir ao tratamento por não acreditarem na sua eficiência e por se sentirem menos capazes na obtenção de sucesso na recuperação. Uma vez que a Escala de auto estima de Rosenberg (EAER) tem sido amplamente utilizada para avaliar esse construto entre diversas populações, optou-se por investigar as propriedades psicométricas da escala para dependentes de substâncias. A EAER é composta por 10 itens graduados em uma escala tipo Likert de 4 pontos, que varia de concordo totalmente à discordo totalmente. Esta escala foi validada no contexto brasileiro inicialmente para uma população de indivíduos que iriam se submeter à um cirurgia plástica e, posteriormente também para uma população de adolescentes em contexto escolar. A amostra do presente estudo foi composta por 520 dependentes de substâncias que buscaram tratamento em duas instituições públicas da cidade de Juiz de Fora – MG. A análise de confiabilidade da EAER foi estimada pelo Coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui moderada consistência interna (α=0,65 / split-half=0,55). A partir da análise fatorial utilizando método de rotação varimax e extração por componentes principais, verificou-se que a existência de dois fatores – um composto pelos itens de orientação positivo e outro composto pelos itens de orientação negativa – os quais explicam 44,1% da variância total da escala, sendo o método adequado aos dados com KMO = 0,75 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2=806,34; df= 45 e com p < 0,001. Os resultados encontrados apontam que a versão do instrumento validada originalmente para população clínica e adolescentes no contexto escolar apresenta evidências de boa adequação para o seu uso junto à população de dependentes de álcool e outras drogas.

Autoestima, validação e dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

A MENSURAÇÃO DO ESTIGMA INTERNALIZADO: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Rhaisa Gontijo Soares; Fabricia Creton Nery**; Pollyanna Santos Silveira**(Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG); Ana Regina Noto (Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, São Paulo, SP); Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

O estigma internalizado é um fenômeno processual que se estabelece à medida que o indivíduo torna-se consciente de sua condição, concorda e aplica a si próprio os estereótipos negativos sobre seu transtorno. O processo de internalização do estigma acarreta consequências negativas para o indivíduo, como diminuição da autoestima. Estudos tem indicado a necessidade de instrumentos capazes de mensurar esse constructo. Com o objetivo de conhecer os instrumentos de mensuração desse fenômeno, realizou-se uma revisão sistemática da literatura nas bases de dados Web of Science, Pubmed, Psycinfo, Lilacs e Scielo, utilizando-se os termos "internalized stigma", "self-stigma", "estigma internalizado" e "autoestigma". Um total de 501 estudos foram encontrados, dos quais 229 estavam duplicados. O resumo dos 272 estudos restantes foi analisado, sendo incluídos aqueles que preenchiam os seguintes critérios: a) ser um estudo empírico; b) ser pesquisa com seres humanos; c) ser um estudo de construção e/ou validação de escala que mensure o estigma internalizado. Finalmente 11 estudos foram selecionados por atenderem aos critérios de inclusão da pesquisa, que foram lidos na íntegra e tabulados, a fim de identificar os indicadores bibliométricos das produções e as principais características das propriedades psicométricas dos estudos. Todos os artigos analisados apresentavam autoria múltipla e foram publicados em língua inglesa. A primeira publicação sobre o tema foi em 2003. A maior parte dos artigos foi publicado nos Estados Unidos da América (n=7), seguindo-se da Inglaterra (n=2), Turquia e Austrália (n=2 cada). No que se refere ao país de desenvolvimento do estudo, a maioria (n=8) foi realizado nos Estados Unidos da América. Dois estudos tinham por objetivo a validação de uma escala, os demais objetivavam construir um instrumento para avaliar o estigma internalizado. A maior parte das escalas (n=6) foi construída para a população de portadores de transtornos mentais. Houve pouca variação quanto aos autores citados para a conceituação do estigma internalizado, sendo Patrick Corrigan o autor mais referenciado (n=8). Duas justificativas utilizadas pelos autores para a construção/validação de escalas se destacaram, sendo a falta de escalas para medir o estigma internalizado e a importância de se avaliar esse fenômeno. Os procedimentos utilizados para validação das escalas foram semelhantes, caracterizando-se pela tradução e retrotradução dos instrumentos. No que se refere aos procedimentos utilizados para a construção dos instrumentos, a utilização de outras escalas e grupos focais foi mais recorrente, sendo empregados por seis estudos. Somente três estudos explicaram os procedimentos da validade de conteúdo das propriedades psicométricas das escalas. A análise revelou a necessidade de se desenvolver estudos sobre estigma internalizado em populações mais diversificadas, assim como a necessidade de se desenvolver instrumentos em outros países, que não seja os Estados Unidos da América, como no Brasil. A análise revelou problemas conceituais e metodológicos dos estudos, apontando dificuldades intrínsecas à investigação do fenômeno e fornecendo subsídios para pesquisas futuras. Apesar das limitações, o crescente número de escalas demonstra a relevância do tema no campo da Saúde Mental e proporciona um avanço do conhecimento acerca dos fatores envolvidos no processo de estigmatização.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Apoio Financeiro/Bolsas: CNPq – Edital de Demanda Universal MCT/CNPq Nº 014/2010; FAPESP – Bolsa de doutorado; CAPES – Bolsa de Mestrado

Palavras Chaves: estigma, psicometria, pesquisa bibliográfica

Nível do trabalho: Pesquisador – P

AVAL

A RELAÇÃO ENTRE USO DE ÁLCOOL E SINTOMAS DEPRESSIVOS: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS DO INTERIOR DE SÃO PAULO. *Vanessa Morato Ferreira de Lima, Maria Beatriz Machado Bordin (Centro Universitário de Franca Uni-FACEF)*

O consumo de álcool pela população tem alcançado altas prevalências, principalmente na população jovem. Para os jovens, por sua vez, o ingresso na universidade configura-se como um fator de vulnerabilidade ao uso de álcool e outras drogas. Além disso, existe uma estreita relação entre uso de álcool e sintomatologia depressiva. Nesse sentido, o presente estudo teve por objetivo avaliar o padrão de consumo de álcool e a possível presença de sintomatologia depressiva em estudantes universitários do primeiro e quarto ano dos cursos de graduação em Psicologia e Administração de Empresas de uma instituição de ensino superior do interior de São Paulo. Participaram deste estudo 25 universitários, com idade média de 22 anos, sendo oito alunos do curso de Administração de Empresas (4 do sexo masculino) e 17 do curso de Psicologia (13 do sexo feminino). Para a avaliação do uso de álcool utilizou-se o Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) e para a avaliação de sintomatologia depressiva utilizou-se o Inventário de Depressão de Beck (BDI). Um questionário foi utilizado para obtenção de informações de caracterização e sobre hábitos e comportamentos dos universitários em relação ao beber. Verificou-se que, na amostra total, a pontuação média obtida na escala BDI foi de nove pontos, indicando que, de maneira geral, os universitários avaliados apresentaram sintomas mínimos de depressão. No Audit a pontuação média obtida foi de 6,3 pontos, indicando ausência de problemas relacionados ao uso de álcool. Verificou-se que, de modo geral, a maioria dos participantes não apresenta sintomas depressivos que necessitem de intervenção psicológica nem tampouco problemas relacionados ao uso de álcool. No entanto, verificou-se que uma parcela considerável destes estudantes sinaliza a presença de sintomas leves de depressão e abuso de álcool, 24% e 32%, respectivamente. Apenas um estudante apresentou sintomatologia depressiva moderada. Ainda que bastante satisfatórios, os resultados apontam para uma possível relação entre uso de álcool e sintomatologia depressiva. Por se tratar de uma pequena parcela de estudantes universitários avaliados, ressalta-se a necessidade programas de prevenção ao uso de álcool entre universitários, assim como de estudos com amostras mais representativas para melhor compreensão da prevalência e relação entre transtornos depressivos e uso de álcool na referida população.

Uso de álcool; depressão; universitários; avaliação psicológica.

CNPq

AVAL

APERFEIÇOAMENTO DA ESCALA DE METACOGNIÇÃO INFANTIL: NOVA ANÁLISE DE PARÂMETROS PSICOMÉTRICOS. *Jussara Fátima Pascualon Araujo, Patrícia Waltz Schelini (Universidade Federal de São Carlos)*

A metacognição corresponde a pensamentos e conhecimentos que os indivíduos possuem sobre seus próprios pensamentos e processos cognitivos. O monitoramento e a autorregulação são duas habilidades metacognitivas, pois permitem aos indivíduos pensar sobre sua atividade cognitiva e, se necessário, alterá-la para atingir a meta esperada. O domínio e a utilização dessas habilidades são relevantes para a aprendizagem, especialmente no âmbito escolar, uma vez que a literatura aponta que alunos que não utilizam as habilidades de monitorar e autorregular seus processos cognitivos apresentam rendimento acadêmico inferior aos alunos que utilizam essas habilidades de maneira eficiente. Dessa maneira, assume-se que o ensino de tais habilidades aos alunos poderia ser mais uma alternativa para o alcance de um melhor desempenho acadêmico. Porém, antes de ensinar e instruir os alunos a fazerem uso dessas habilidades em diferentes situações acadêmicas faz-se necessária a verificação da existência dessas habilidades no repertório dos mesmos. Uma das formas mais comuns para se fazer essa verificação é por meio da aplicação de instrumentos padronizados destinados a habilidades específicas. Em estudo anterior, após constatação na literatura nacional de carência de instrumentos para avaliar a metacognição infantil elaborou-se a Escala de Metacognição (EMETA) destinada a avaliar essas habilidades em crianças de 9 a 12 anos de idade, bem como a realização de análise das evidências de validade e precisão da mesma. Tendo em vista que o processo de construção de um instrumento é cumulativo, o objetivo do presente trabalho foi aperfeiçoar a EMETA já existente dando continuidade a análise dos parâmetros psicométricos da escala resultante de pesquisa anterior. Para tanto, realizou-se nova análise das evidências de validade baseadas na estrutura interna (validade fatorial) por meio da análise fatorial e análise da consistência interna (precisão) da escala calculando-se o coeficiente Alpha de Cronbach. Os resultados observados em uma amostra de 196 participantes demonstraram a existência de dois fatores responsáveis por 25,8% da variância total, sendo 20% ao Fator 1 e 5,8% ao Fator 2. Após exclusão de itens que carregaram simultaneamente nos dois fatores e itens que apresentaram carga fatorial abaixo de 0,30 a EMETA ficou composta por 48 itens com uma consistência interna de 0,91. Por acreditar-se que a baixa variância total explicada pela escala seja devido ao número reduzido de participantes na amostra utilizada estudos futuros serão realizados com amostra mais ampla.

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS AOS INSTRUMENTOS PSICOLÓGICOS DE AVALIAÇÃO DESENVOLVIDOS PARA INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL. *Nathalia Piacentini**, Cassandra Melo Oliveira**, Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes (Laboratório de Pesquisa em Avaliação Psicológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC)*

Os instrumentos psicológicos são comumente utilizados no formato lápis e papel sendo a tecnologia envolvida reduzida ou ultrapassada, sobretudo no que se refere aos testes psicológicos. Tal aspecto dificulta a utilização destes por indivíduos com deficiências, pois a acessibilidade é limitada não permitindo que as ferramentas mensurem o construto desejado ultrapassando as barreiras impostas por seus materiais. Assim sendo, faz-se um desafio para os pesquisadores que trabalham com o desenvolvimento e adaptação de instrumentos psicológicos a elaboração de meios de acessibilidade e para tanto os recursos tecnológicos se tornam grande aliados. Com vistas a proporcionar a acessibilidade aos instrumentos de avaliação, entre eles os testes psicológicos, são realizadas adaptações/acomodações/modificações em seus materiais, formas de aplicação bem como utilização de tecnologia assistiva e outros recursos. Os objetivos deste trabalho são, reconhecendo a importância das adaptações, discutir a aplicação de recursos tecnológicos como forma de possibilitar acessibilidade e verificar como a tecnologia pode ser aplicada na construção e adaptação de instrumentos de avaliação psicológica para deficientes visuais. Consistiu em uma revisão de literatura com pesquisa em bases de dados eletrônicos nacionais e internacionais e na literatura científica impressa nacional. Os resultados apontam que alguns estudos envolvendo a tecnologia e a deficiência visual centram-se no ponto de vista da busca por acessibilidade, inclusos neste âmbito, estão à utilização e desenvolvimento de programas de computador, soluções baseadas em recursos de voz, recursos de auxílio à mobilidade (pisos táteis) e navegação (navegadores que utilizam GPS), bem como teclados de computador adaptados ao Braille e até as já estabelecidas e amplamente utilizadas bengalas de locomoção. Esta perspectiva pode ser aplicada aos testes psicológicos, sobretudo através dos testes psicológicos informatizados. No tocante as pessoas com deficiência visual o meio informatizado permite ao indivíduo acessibilidade aos itens utilizando-se de recursos de tecnologia assistiva como os leitores de tela – proporciona, portanto, maior independência. Os testes informatizados como especificado no tópico anterior são uma tecnologia de destaque na avaliação psicológica trazendo inúmeras vantagens. Entre elas está a possibilidade de se realizar adaptações com vistas a tornar os testes mais acessíveis ao público com deficiência. Como por exemplo: a) adaptações da forma de aplicação: trocar a aplicação tradicional por uma informatizada com o auxílio de tecnologias assistivas como os leitores de tela; b) Na forma de resposta: utilização do teclado do computador, mouse, microfone ou tela sensível ao toque (touch screens); e, c) Adaptação do material de testagem: Possibilidade de aumentar as letras; modificar a fonte e o contraste. A utilização do computador transforma o teste em uma plataforma bastante flexível a adaptações. Conclui-se que as possibilidades de modernização dos instrumentos psicológicos diante da variedade de recursos tecnológicos disponíveis no mercado são imensas. A não utilização destes recursos em benefício da ciência psicológica e da prática profissional é um retrocesso. Chegamos a um avanço tal na área tecnológica que não há mais como retroceder e as perspectivas futuras apontam para a tecnologização de todas as áreas inclusive da psicologia.

Deficiência visual, tecnologias e instrumentos psicológicos

AVAL

AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA POR MEIO DO TESTE WISC-III: ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA DIAGNOSTICADA COM TDAH.

Soraya Ivon Ramirez Moreno, Andressa Silva Rebouças (Universidade Federal de Roraima)

O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade) é visto como a mais frequente desordem comportamental da infância. Atualmente, este transtorno acomete muitas crianças e, consequentemente, traz algumas dificuldades no âmbito familiar e escolar, como: dificuldade de relacionamento e baixo rendimento acadêmico. Uma questão importante e amplamente discutida ao longo das últimas décadas diz respeito ao diagnóstico do TDAH. Este é fundamentalmente clínico, baseando-se em critérios operacionais clínicos, proveniente de sistemas classificatórios como o DSM-IV. E no que tange a esses critérios e procedimentos de avaliação e testagem psicológica, o teste WISC-III (Wechsler Intelligence Scale for Children - III - Escala de Inteligência Wechsler para Crianças - III) é o que fornece mais informações clínicas relevantes. Em vista disso, o presente estudo visou fazer uma avaliação neuropsicológica, por meio do teste WISC-III, de uma criança diagnosticada segundo os critérios do DSM-IV, como hiperativa e portadora de déficit de atenção com hiperatividade, de uma escola pública de Boa Vista- RR. Pretendeu-se com esse estudo analisar as habilidades cognitivas da criança mediante os índices fatoriais e subtestes verbais, de execução, suplementares e escalas de QI. Além disso, buscou-se analisar os aspectos psicossociais e educacionais da criança, a partir de seus próprios relatos, assim como os de seus pais/responsáveis e professores, por meio de entrevistas semiestruturadas. Ao fazer essa avaliação neuropsicológica por meio de do teste WISC-III, percebeu-se que este permite uma análise qualitativa rica, pois na sua interpretação podemos obter tanto dados quantitativos, como também qualitativos. Através das análises obtidas, a criança teve bom desempenho no teste em geral e nos índices fatoriais. Nos escores de Quociente de Inteligência (QI) da criança estão na média normativa, assim como apresentou um rendimento satisfatório nos quatro índices fatoriais avaliados. Através das entrevistas feitas com a criança, seus pais e uma professora perceberam-se as consequências favoráveis do acompanhamento contínuo da família, desde a procura do diagnóstico correto, como uma intervenção que pudesse minimizar dificuldades e impactos. Conclui-se que não se deve rotular a criança como tendo ou não uma patologia como o TDAH, mas devem-se dar subsídios para que a mesma tenha um maior desempenho escolar e social, estimulando-a e fazendo um acompanhamento com neurologistas e psicólogos. Salienta-se a relevância da orientação de pais e professores acerca do TDAH, pois é imprescindível o envolvimento das pessoas do convívio diário da criança, meio familiar e escolar, para que essas possam compreender e lidar positivamente frente as suas limitações e potencialidades.

Diagnóstico, TDAH e WISC-III.

AVAL

COMPORTAMENTO E INTELIGÊNCIA: UMA ASSOCIAÇÃO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Elizabete Pascoa Antunes Martins* , Renata Molina Luna, Márcia Regina Fumagalli Marteleto (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo SP)*

O conceito de saúde é definido pela Organização Mundial da Saúde como "um estado completo de bem-estar físico, social e mental, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade". Os problemas de saúde em crianças e adolescentes costumam ser decorrentes de diversos fatores tais como: problemas genéticos; desordens cerebrais como, por exemplo, epilepsia; violências, perdas de pessoas significativas, adversidades crônicas e eventos estressantes agudos; problemas no desenvolvimento como déficit de habilidades sociais, de atenção, de inteligência; além de aspectos culturais e sociais como pobreza e escolaridade dos pais.O interesse pelo impacto dos problemas de saúde, que envolvem os aspectos psicológicos na vida humana é crescente em função da dimensão epidemiológica dos transtornos e pelos tipos de prejuízos associados, envolvendo o indivíduo, a família e a comunidade. Dentre os problemas de saúde estão os problemas de comportamento causados pelo ambiente que rodeia a criança, pela herança genética, pela sua personalidade inata. O termo problema de comportamento é bastante ambíguo e controverso, e suas definições são vagas. As classificações são distintas, exaustivas e sem limites claros para alguns tipos de problemas de comportamento. É possível encontrar diferentes problemas de comportamento numa mesma categoria, envolvendo dimensões distintas de análise. Crianças e adolescentes com problemas de comportamentos apresentam necessidade de averiguação da procedência e da evolução de tais condutas, pois a manifestação de tais problemas é múltipla e variada. Sabe-se que uma das procedências está relacionada ao desempenho intelectual das crianças. A literatura mostra que atrasos cognitivos e intelectuais podem levar ao surgimento de problemas de comportamento, pois as crianças e adolescentes acabam tendo dificuldades para desenvolver estratégias que facilitam o enfrentamento de situações ambientais, educacionais e sociais além de serem fatores de risco para fracasso acadêmico, desde o baixo desempenho até mesmo a evasão escolar.O objetivo deste estudo foi verificar se há associação entre problemas de comportamento e nível intelectual de crianças e adolescentes. Participaram deste estudo 48 responsáveis com seus filhos de 11 a 16 anos, do município de Osasco, preenchendo respectivamente, a escala Child Behavior Checklist - CBCL, questionário de triagem para problemas de comportamento (altos escores indicam problemas nessa área) Os itens do CBCL são agrupados em Total de Problemas, Internalização, Externalização, e o teste Matrizes Progressivas de Raven, teste de nível intelectual que avalia reciocínio dedutivo e indutivo. Neste teste os pontos brutos são convertidos em percentis indicando se o nível intelectual está na média, abaixo da média ou acima da média. A amostra apresentou escore T Total= 64,8 e T Internalizante =67,9; acima do escore 60 indicando problemas de comportamento.No Texternalizante não houve apresentação de problemas (TE=59,9). O escore intelectual está no Percentil 43. Os resultados do TTotal, TInternalizante e TExternalizante não apresentaram correlação com os escores do testes de inteligência (p=0,65).Observou-se que não há associação entre problemas de comportamento e nível intelectual indicando que crianças ou adolescentes que apresentam manifestações comportamentais problemáticas não tem dificuldades para solucionar problemas de ordem cognitivos e sim precisam de intervenções educacionais, psicológicas e sociais.

Problemas de Comportamento, Inteligência, crianças e adolescentes

AVAL

ESCALA INFANTIL DE GENEROSIDADE. *Livia Pinho Teixeira, Gabriele Ott (Universidade Tuiuti do Paraná)*

O comportamento moral é um conjunto de atitudes pró-sociais, incluindo uma série de virtudes, que permitem ao indivíduo obter bom comportamento dentro de sua cultura, aceitação e aprovação social, além de ser uma alternativa a disposição da sociedade capaz de recolocar a espécie humana em um caminho onde exista preservação da cultura em gerações futuras, que podem prevenir comportamentos antissociais. A virtude generosidade foi abordada nesse estudo como um fator presente na gênese da moralidade infantil, ocupando um lugar diferenciado no universo moral das crianças por ser melhor assimilada e integrada a consciência moral que outras virtudes menos complexas. Ela é definida como o 'dom de si', ao atribuir ao outro mais do que lhe falta. É uma virtude do campo da moral que ultrapassa os limites do dever e da justiça. Existe uma predominância do tema dos direitos e deveres e pouca referência a virtudes como a generosidade, logo, o campo das produções científicas sobre o comportamento moral deve ser ampliado e legitimado. Em função disso, o objetivo deste estudo foi desenvolver uma Escala Infantil de Generosidade construída pelas autoras. Em um primeiro momento a escala foi aplicada em 67 crianças de 7 a 10 anos na cidade de Curitiba e seus respectivos pais e professores, após autorização pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A amostra infantil consiste em ambos os sexos, sendo 34 de uma escola pública e 33 de uma escola particular. Simultaneamente foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais para se testar a Validade de Critério. Os dados propiciaram o cálculo do índice de generosidade em cada criança, através de escala lickert de 3 pontos. Através dos resultados obtidos durante essa etapa pôde-se concluir que não houve diferença significativa entre a avaliação dos pais e professores para com as crianças dos diferentes ambientes, e as próprias crianças se perceberam iguais em relação ao comportamento generoso. Os dois sexos se auto-avaliaram igualmente, e também seus pais. Somente as professoras de ambas as escolas perceberam as alunas mais generosas que os alunos. Portanto, não houve discrepância entre os grupos estudados, o que justificou a escolha do prosseguimento do estudo, no intuito de padronizar a escala. Para tal, no segundo momento a escala foi aplicada em 571 crianças, de 7 a 12 anos de idade, sendo 69 participantes de 7 anos, 90 participantes de 8 anos, 100 participantes de 9 anos, 103 participantes de 10 anos, 108 participantes de 11 anos e 101 participantes de 12 anos, 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino, onde 385 sujeitos pertenceram a uma Escola pública e 186 sujeitos pertenceram a uma Escola particular da cidade de Curitiba – PR. Através dos resultados obtidos durante essa etapa pôde-se concluir que existe diferença significativa entre as respostas generosas dos diferentes gêneros estudados, apresentando as crianças do sexo feminino maior freqüência de respostas generosas que as crianças do sexo masculino. Por outro lado, o mesmo não ocorre em relação a diferentes idades, ou seja, a generosidade independe da idade tanto no sexo masculino quanto no feminino.

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESCALA METACOGNITIVA PARA IDOSOS: ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE CONTEÚDO. *Alex Bacadini França**, Patrícia Waltz Schelini (**Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP)*

O crescimento da população idosa torna-se cada vez mais relevante, pois já supera aquele da população total. Além disso, a expectativa de vida do brasileiro também aumentou significativamente, podendo chegar a mais de 73,4 anos de idade. Diante deste cenário, várias questões sobre o envelhecimento da população são levantadas, dentre elas: como auxiliar os idosos a se manterem independentes e ativos?; como criar programas de prevenção e promoção de saúde destinados às pessoas idosas? Assim, novas formas de estudar e intervir junto a tal população vem surgindo, até porque o envelhecimento não mais é visto como necessariamente acompanhado de declínio cognitivo. Juntamente à valorização dos estudos sobre o envelhecimento, os processos metacognitivos, que coordenam o desempenho cognitivo, passaram a adquirir importância na literatura das últimas quatro décadas. A metacognição corresponde aos pensamentos e conhecimentos que os indivíduos possuem sobre seus próprios pensamentos e processos cognitivos. Dois de seus elementos básicos são: o conhecimento metacognitivo, caracterizado pela consciência sobre os processos e competências necessárias para a realização de uma determinada tarefa; e o controle ou autorregulação cognitiva, que compreende o julgamento sobre a eficácia das estratégias e o estabelecimento de novas. Tendo em vista que a metacognição facilita o desempenho eficaz em diversas atividades que envolvem o cotidiano do idoso, como a apreensão de novos conhecimentos, retorno ao trabalho ou aprendizagem de uma nova ocupação com confiança; e também considerando a carência de instrumentos nacionais que avaliem o construto, o presente estudo teve como objetivo principal a elaboração dos itens de uma escala destinada à avaliação da metacognição em idosos e a análise das evidências de validade baseadas no conteúdo. Primeiramente foi elaborada a Escala de Metacognição (EMETA-S) que, destinada a adultos com idade superior a 60 anos, é do tipo Likert de quatro pontos e composta por 74 itens. Nela, o participante, a partir da leitura de afirmações, deve escolher, dentre as quatro possibilidades de resposta, aquela que mais o caracteriza. A segunda etapa teve como objetivo a investigação das evidências de validade baseadas no conteúdo. Para esta etapa, as instruções e os 74 itens originais do instrumento foram enviados a três especialistas, que classificaram os itens entre conhecimento metacognitivo e autorregulação. O índice de concordância resultante da análise das respostas dos especialistas foi de 68%. A escala também foi aplicada em uma amostra piloto de 15 participantes com a finalidade de verificar se as instruções e os itens eram compreensíveis, o que resultou em algumas modificações na redação das instruções e dos itens, bem como nos descritores da escala.

Palavras-chave: metacognição, medidas psicológicas, envelhecimento.

FAPESP

AVAL

ESTRESSE E QUALIDADE DE VIDA EM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO. Ludimila Godoi Duarte*, Sheila Francisca Machado* (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF), Sergio Henrique de Souza Alves (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF / Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, DF).

O estresse pode ser definido como uma reação do organismo diante de situações difíceis ou excitantes que pode acometer qualquer pessoa, independente da idade ou sexo. Na adolescência, por ser um período de grandes mudanças e conflitos, as dificuldades vivenciadas por este grupo podem propiciar o surgimento do mesmo. Sabendo que o estresse, pode, além de influenciar a saúde do sujeito, também interferir na sua qualidade de vida, o presente estudo teve como objetivo investigar se há correlação entre o estresse e a qualidade de vida em adolescentes da 2º e 3º série do Ensino Médio, partindo da hipótese de que quanto maior for o nível de estresse menor será a avaliação da qualidade de vida. Participaram da pesquisa 92 adolescentes, 49 do sexo masculino e 43 do sexo feminino, na faixa etária entre 15 e 18 anos, que responderam a Escala de Stress para adolescentes (ESA) e o Inventário de Qualidade de Vida (WHOQOL-Brev) da Organização Mundial de Saúde. Os resultados indicaram que 26,08% dos adolescentes estudados tinham estresse e que o número de adolescentes homens estressados foi maior do que o de mulheres. Nos adolescentes com estresse, o sintoma que predominou foi o psicológico (55,56%) e o período foi o de exaustão (46,66%). Quanto à qualidade de vida, numa escala de 0 a 100, onde maiores escores médios indicam melhor avaliação da qualidade de vida, o domínio Relações Sociais foi o que apresentou maior escore médio, 68,84 e o domínio que apresentou menor escore médio foi o Físico, com 50,62. Além dos domínios, avaliou-se também a qualidade de vida geral e a qualidade de vida relacionada à saúde, que são representadas pelas questões Q1 e Q2 respectivamente. 71,74% dos adolescentes avaliaram como boa ou como muito boa sua qualidade de vida (Q1) e 56,51 % avaliaram estarem satisfeitos ou muito satisfeitos com sua saúde (Q2). A investigação estatística da correlação entre o estresse e a qualidade de vida, deu-se, neste estudo, por meio da correlação de Pearson. Os resultados encontraram correlação significativa ($p<0,001$) entre o fator Sintoma do ESA com ambas as questões (Q1 e Q2) do WHOQOL-Brev. Houve também correlação signifcativa ($p=0,01$) entre o fator Período do ESA com a questão Q1 do WHOQOL-Brev. Já com relação aos domínios de ambos os testes, encontrou-se a maior correlação entre o Sintoma Psicológico (ESA), com os domínios Psicológico, Social e Meio Ambiente do WHOQOL-Brev. Considerando então, o material teórico estudado e com base na análise dos resultados dos instrumentos verificou-se que existe uma relação entre o estresse e a qualidade de vida dos adolescentes participantes da amostra investigada.

Palavras-chave: Estresse, Qualidade de vida, Adolescência.

IC

AVAL - Avaliação Psicológica

ESTUDO DA TÉCNICA DO DESENHO DA FIGURA HUMANA NA COMPREENSÃO PSICODINÂMICA DA ANOREXIA, BULIMIA E OBESIDADE. *Luciana Atallah Mehero, Santuza F. S. Cavalini (Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

Tendo em vista que a perturbação no comportamento alimentar é algo cada vez mais recorrente na contemporaneidade, o profissional de saúde deve estar bem familiarizado com suas principais diretrizes clínicas. O diagnóstico precoce e uma abordagem terapêutica adequada são fundamentais para o manejo clínico e o prognóstico destas condições. Dentre as ferramentas disponíveis ao psicólogo para diagnóstico e compreensão, do quadro descrito acima, encontram-se os testes psicológicos. Tais instrumentos permitem uma maior agilidade e precisão na obtenção de informações que de outra forma tardariam a ser coletadas. Além disso, os testes são auxiliares ao pensamento clínico, gerando um material de apoio às análises e proporcionando uma maior confiabilidade no diagnóstico. O Desenho da Figura Humana (DFH) é uma técnica gráfica projetiva que busca avaliar aspectos da área afetivo-relacional, pois o fator emocional interfere nas escolhas ao desenhar e o corpo com significado afetivo é explicitado no papel. Tendo em vista estas ideias, o objetivo deste trabalho foi identificar por meio do DFH um perfil psicológico típico de indivíduos adultos com bulimia, anorexia e obesidade. Optou-se por realizar uma revisão de literatura utilizando-se de estudos que utilizam o DFH nestas alterações do comportamento alimentar. Os artigos foram pesquisados nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (Scielo), Bireme, e na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS PSI). Foram encontrados 1 artigo sobre a anorexia, nenhum sobre a bulimia e 4 sobre a obesidade. Em três dos artigos de obesidade, foram identificadas algumas características comuns nos desenhos tais como: pernas finas, tronco desproporcional, e mãos desconfiguradas ou a ausência destas. Sendo estas associadas a sentimentos de baixa estima, descontentamento com o próprio corpo, falta de confiança nas próprias potencialidades, inadequação e insegurança no contato com o mundo exterior. No estudo relacionado à anorexia, a maior parte das mulheres desenhou crianças ao invés de figuras humanas adultas, com mãos desconfiguradas, ênfase no tamanho do pescoço, traços faciais simplificados, presença de botões e bolsos, e freqüentes correções e retoques. Sendo que estes aspectos revelam insatisfação com o próprio corpo, fragilidade egóica, sentimento de insegurança no contato com o mundo exterior, controle obsessivo dos impulsos (principalmente dos sexuais), indícios de ansiedade, perfeccionismo, introversão, e relações superficiais concomitante a uma necessidade de afiliação. Os resultados encontrados nos quatro artigos vão de encontro com os dados da literatura científica na área. Porém, devido ao baixo número de estudos encontrados não é possível estabelecer um perfil típico em relação à anorexia, bulimia e obesidade. Entretanto, o instrumento se mostrou essencial na compreensão psicodinâmica dos quadros e como auxiliar nas intervenções de profissionais da saúde, sugerindo desta forma que mais pesquisas sejam realizadas com a utilização do referido instrumento .

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDOS COM A ESCALA DE AUTOCONCEITO FORMA A - AFA E O INVENTÁRIO DE PERCEPÇÃO E SUPORTE FAMILIAR - IPSF. *Lúcia Helena Jorge Alves (Universidade Veiga de Almeida e Secretaria Municipal de Educação - Rio de Janeiro- Brasil), Francisco D. M. Takahashi (Universidade Estácio de Sá e Universidade Veiga de Almeida - Rio de Janeiro - Brasil), Cílio Ziviani (Puc-rio e Universidade Católica de Petrópolis - Rio de Janeiro - Brasil), Angela M. C. Monteiro de Barros (Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro - Brasil), Leila Borges de Araújo (Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro - Brasil)*

O autoconceito, segundo o modelo multidimensional, é definido como a percepção que o indivíduo tem de si próprio com base em suas experiências, na relação com os outros e nas atribuições que ele faz da sua conduta. Como no Brasil não contamos com muitos instrumentos para avaliar tal construto a presente pesquisa teve como objetivo adaptar e estudar psicometricamente a versão portuguesa de 2001 da escala espanhola de Autoconceito Forma A - AFA - (Musitu, Garcia e Gutiérrez, 1991) que é composta de 36 itens e contempla quatro áreas: acadêmica, social, emocional e familiar. Primeiramente, procurou-se adaptar para o português corrente do Brasil os itens mantendo o mesmo sentido. Em seguida, a versão foi submetida à apreciação por quatro psicólogos e vinte adolescentes visando verificar se os itens estavam compreensíveis e o vocabulário adequado. Após a adaptação o instrumento foi aplicado coletivamente em 420 alunos, sendo 203 do gênero masculino e 217 do feminino, com idade entre 12 e 16 anos, matriculados em turmas do 6º ao 9º ano nas escolas da rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados encontrados apontam que a média, mediana, mínimo, máximo e o desvio padrão da amostra, por escala, são similares aos encontrados na adaptação portuguesa. No que se refere às intercorrelações entre as escalas estas são moderadas, entretanto, a correlação de cada uma delas com o total é elevada o que indica a existência de um construto global subjacente. Quanto à análise dos itens a maioria se correlaciona acima de 0.20 com o total da escala e verificando-se a precisão obteve-se α = 0.72 que é mais elevado do que o encontrado em Portugal α = 0.60. Dando continuidade aos estudos correlacionou-se a escala de Autoconceito Forma A - AFA com o Inventário de Percepção de Suporte Familiar - IPSF (Baptista, 2008) que apresenta 42 afirmações relacionadas a situações familiares e avalia o quanto as pessoas percebem as relações familiares em termos de afetividade, autonomia e adaptação entre os membros. Este segundo instrumento foi aplicado em 100 estudantes da amostra. As correlações entre as dimensões da AFA e do IPSF foram positivas e significativas apontando que quanto mais elevado o autoconceito maior o suporte familiar. Até o momento, as pesquisas com a escala de Autoconceito Forma A - AFA mostraram-se satisfatórias indicando para a possibilidade de ampliação do estudo em busca de mais evidências de validade baseadas nas relações do autoconceito com outras variáveis e da validação do instrumento para a população brasileira.

Adolescentes, escala, autoconceito, suporte familiar

AVAL

EVIDÊNCIAS DA VALIDADE CONVERGENTE DO TESTE DE RACIOCÍNIO ABSTRATO E ESPACIAL (TRAE-UnB). *Felipe Valentini ** (PSTO - Universidade de Brasília – Brasília, DF), Wladmir Rodrigues da Fonseca * (Psicologia – IESB – Brasília, DF), Ronielison Loiola de Jesus Tavares (Psicologia – IESB – Brasília, DF), Laizza Silva Morais * (Psicologia – IESB – Brasília, DF), Jacob Arie Laros (PSTO - Universidade de Brasília – Brasília, DF)*

As habilidades cognitivas referem-se, especialmente, à capacidade de aprendizagem e de adaptação ao meio ambiente, utilizando processos metacognitivos. Neste contexto, o raciocínio abstrato está associado à capacidade de resolver problemas concretos e abstratos, simples e complexos, tanto de ordem intelectual, quanto em situações do dia-a-dia. O raciocínio espacial, por sua vez, diz respeito às habilidades viso-espaciais, à sensibilidade para detalhes visuais e à orientação no espaço tridimensional. Para que estes construtos psicológicos sejam avaliados adequadamente, é importante que instrumentos válidos e precisos sejam construídos. Objetivo. O presente estudo insere-se neste contexto e tem como objetivo apresentar os resultados da validade convergente e precisão de um instrumento novo para avaliação do raciocínio abstrato e espacial. Método. Participaram da pesquisa 91 estudantes (52,7% do sexo masculino) com idades entre 14 e 19 anos (Média=16,6; Desvio-Padrão=0,76). Os participantes responderam ao Teste de Raciocínio Abstrato e Espacial (TRAE) e à Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5). O TRAE é composto dos fatores de raciocínio abstrato (RA) e espacial (RE). No que se refere à BPR-5, foram aplicados os subtestes de raciocínio abstrato, espacial, numérico e verbal. Os instrumentos foram aplicados em sessões coletivas, que duraram, em média, 60 minutos. Tais aplicações foram realizadas em duas etapas: na primeira aplicou-se o TRAE, e na segunda, a BPR-5. As análises foram realizadas com o auxílio do software SPSS (versão 18). As relações entre o TRAE e a BPR-5 foram testadas por meio da correlação de Spearman. Resultados. A média de acertos para o teste TRAE foi de 8,96 questões (DP=2,62) para o raciocínio espacial; e 12,09, para o raciocínio abstrato (DP=2,41). Os subtestes apresentaram os seguintes indicadores de consistência interna, estimados pelo Lambda 2 de Guttman: RE=0,77, RA=0,64 e escala total=0,84. As correlações encontradas entre o TRAE e a BPR-5 foram positivas e estatisticamente significativas ($p < 0,05$). Os valores do tamanho do efeito variaram de 0,29 a 0,66. Os resultados também indicaram correlação de moderada/forte entre os escores totais do TRAE e da BPR-5 ($r = 0,66$). Ademais os escores de RE e RA da TRAE correlacionaram-se de maneira moderada aos escores totais da BPR-5 (respectivamente, $r = 061$ e $r = 0,50$). Conclusões. Os resultados indicaram que o subteste de RE é mais difícil se comparado ao RA. Ademais, a consistência interna é aceitável para RA e para a escala total. Todavia, os escores de RE tendem a apresentar bastante instabilidade. Além disso, as correlações indicam que a validade convergente é maior para a escala total, se comparada aos indicadores das subescalas. Assim, é possível indicar evidências da validade e da precisão da escala geral de raciocínio da TRAE. Entretanto, recomenda-se cautela na interpretação dos resultados das subescalas.

Raciocínio, Avaliação Psicológica, Psicometria.

Felipe Valentini é bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

AVAL

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA ESCALA DE ESPERANÇA DE HERTH PARA POPULAÇÃO DE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS. *Érika Pizziolo Monteiro*, Ana Luísa Marliere Casela*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Nathália Munck Machado*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

Estudos tem apontado uma relação entre esperança e populações em condições crônicas, entre elas a dependência de substâncias, uma vez que este construto pode ser definido como expectativa de futuro positivo mesmo diante de circunstâncias adversas. Diante de uma doença crônica, alguns fatores se destacam, entre eles a esperança e a forma como esta variável interfere na qualidade de vida dos dependentes, inclusive na adesão ao processo de tratamento. Para que o fator "esperança" seja efetivamente avaliado é necessário que instrumentos possuam evidências de validade entre populações diversas, mostrando-se confiáveis em mensurar os estados de esperança de forma que intervenções sólidas possam ser pensadas visando a diminuir o impacto da condição do transtorno. A Escala de Esperança de Herth (EEH) é composta por 12 itens em que a graduação ocorre por escala tipo Likert de 4 pontos, desde concordo completamente até discordo completamente. Tal escala foi validada em contexto brasileiro para população de pacientes oncológicos e diabéticos e apresentou propriedades psicométricas adequadas. Uma vez que este instrumento tem sido utilizado entre diferentes populações, o presente estudo tem por objetivo avaliar as propriedades psicométricas em uma população de dependentes de álcool e outras substâncias. A amostra foi composta por 528 dependentes de substâncias, entretanto 7 destes foram excluídos da amostra por não responderem a um dos itens, totalizando 521 dependentes de substâncias de dois serviços públicos para tratamento de dependência em Juiz de Fora – MG. A análise de confiabilidade da EEH foi estimada pelo Coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui alta consistência interna (α=0,79 / split-half=0,70). A existência de dois fatores foi explicada por 45,42% da variância total da escala, sendo o método adequado aos dados com KMO = 0,87 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2= 1473,166; df= 66 e com p ≤ 0,001. Tal resultado mostrou-se diferente da escala original a qual era composto por 3 fatores. Ao analisar o fator composto por apenas dois itens, observou-se que eles apresentavam-se na ordem inversa, o que se aproxima da ideia de desesperança. A utilização da escala com o restante dos itens apresentados pelo primeiro fator parecem estar mais adequados para a avaliação do nível de esperança entre dependentes. Por conseguinte, é possível afirmar que a EEH possui propriedades psicométricas satisfatórias e evidencia ser um instrumento útil para mensurar a esperança entre dependentes de substâncias. Dessa forma, psicólogos e demais profissionais de saúde podem se encorajar e incluir a esperança como parte da avaliação de características que influenciam a adesão ou progresso no tratamento para dependência de substâncias.

Esperança, validação e dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

HABILIDADES COGNITIVAS DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE MÖBIUS. *Scheila Gandra Aguiar Mariotto* (Departamento de Saúde Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP), Renata Ramalho da Silva Barreto (Departamento de Distúrbios da Comunicação Humana Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Zelita Caldeira Ferreira Guedes (Departamento de Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Márcia Regina Fumagalli Marteleto (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP)*

A inteligência é uma capacidade mental geral e envolve a habilidade para raciocinar, planejar, solucionar problemas, pensar abstratamente, compreender ideias complexas, aprender rapidamente e aprender com a experiência. Dentre as abordagens psicológicas, a abordagem psicométrica é conhecida como a ciência da medida em geral; se propõe a quantificar as diferenças individuais de determinadas características psicológicas, tais como, mensurar a inteligência. Esta abordagem define a inteligência como a capacidade cognitiva geral composta por habilidades cognitivas que são consideradas como variáveis da inteligência geral que interferem na qualidade do desenvolvimento de crianças com desenvolvimento típico bem como atípico, como é o caso de crianças com diagnóstico sindrômico. A Síndrome de Möbius é uma desordem rara; acontece quando dois nervos cranianos (VI e VII pares), responsáveis por controlar o movimento lateral dos olhos e as expressões do rosto, apresentam alterações totais ou parciais em seus núcleos ou em sua ligação à placa motora e ocasiona paralisia congênita facial. Pode vir associada à problemas na fala, na deglutição, audição, visão e malformações de membros inferiores e superiores. Em muitos casos, a causa está relacionada ao uso da substância misoprostol, princípio ativo do Cytotec, medicamento utilizado para o tratamento de úlcera gástrica, mas usado de forma clandestina para provocar aborto. Além de um comprometimento físico, a criança pode apresentar dificuldades com a linguagem, com os relacionamentos interpessoais e com os processos de aprendizagem. O objetivo deste trabalho foi caracterizar o perfil cognitivo de crianças com Síndrome de Möbius. Para isso, seis (6) crianças e adolescentes com SM, com idade entre 6 e 16 anos de ambos os sexos, foram avaliadas individualmente pela Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC-III); todas as crianças estavam em terapia fonoaudiológica no Ambulatório de Distúrbios da Comunicação Humana do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo e inseridas no ensino regular. As crianças apresentaram um nível intelectual abaixo da média (QIT= 83,8) e uma variabilidade no desempenho cognitivo, que pode estar relacionada à patologia. Houve um melhor desempenho na capacidade de organização viso espacial, na percepção de detalhes e na resolução de problemas práticos. As crianças apresentaram dificuldades em perceber similaridades que exigem correlações lógicas, verbais e conceituais. Constatamos que elas apresentam estimulação do ambiente para pensar e manipular estímulos visuais, mas está prejudicada com relação à estimulação da linguagem para verbalizar relações entre conceitos que exigem capacidade para estabelecer níveis elevados de abstração e de fluência verbal, e, quanto menor o poder aquisitivo maior a dificuldade das crianças para o processamento perceptual.

Inteligência, habilidades cognitivas, síndrome de möbius, avaliação psicológica

AVAL

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE BULLYING – UM PANORAMA DA LITERATURA NACIONAL. *Felipe Alckmin Carvalho**; Márcia Helena da Silva Melo Bertolla; Luan Flávia Barufi Fernandes**, Thaíla Alessandra Silva Toledo** (Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo, São Paulo/SP).*

A vitimização entre pares, ou bullying, tem sido definida por pesquisadores em todo mundo como uma subcategoria bem delimitada de comportamento agressivo e persistente, com intenção de causar dano físico ou moral ao outro. O fenômeno tem sido estudado por países desenvolvidos, como Noruega e Canadá, desde a década de 80, e nos últimos anos vêm sendo objeto de crescente atenção em países em desenvolvimento, como México e Brasil. Trata-se de um problema de saúde pública de elevado custo social e econômico, estando associado a uma série de alterações comportamentais de curto e longo prazo. Considerando a importância de pesquisas que avaliem a ocorrência de bullying em âmbito nacional, o presente estudo tem como objetivos: (1) Verificar que instrumentos de avaliação/ rastreamento de bullying têm sido utilizados em pesquisas nacionais e (2) Mapear a distribuição desta produção científica no Brasil. Foram selecionados para a presente revisão estudos com dados empíricos provenientes de pesquisas de campo e estudos de caso sobre rastreamento de bullying com, pelo menos, um pesquisador brasileiro na condição de autor. Os estudos foram pesquisados nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme), que contempla LILACS, IBECS, MEDLINE, Biblioteca Cochrane eSciELO, além de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Ficaram excluídos da seleção estudos no formato de revisão teórica, revisão sistemática e metanálise. O levantamento bibliográfico dos artigos foi realizado mediante as seguintes palavras-chave em combinação: bullying e Brasil, e seus correlatos em inglês: bullying e Brazil. Dos 55 artigos encontrados, 13 satisfizeram os critérios de inclusão descritos. Deste total, seis foram produzidos na região na região Sudeste e seis na região Sul, sendo apenas um estudo produzido na região Centro-Oeste, com a parceria de universidades do Sudeste. Não foram encontrados artigos nas regiões Norte e Nordeste. A maioria dos estudos selecionados avaliou / rastreou o bullying a partir de questionários semi-estruturados e versões traduzidas de instrumentos padronizados. Os resultados apontam para a escassez de produção acadêmica metodologicamente bem estruturada, uma vez que cada pesquisa adota critérios próprios para a compreensão do bullying e para seu rastreamento. Desta maneira, Conclui-se que seria de grande importância o desenvolvimento de instrumentos padronizados e validados para a população brasileira, a fim de possibilitar a comparação entre estudos realizados em diversas regiões do país, produzindo assim conhecimentos que possam sustentar políticas públicas de prevenção à violência na escola, diminuindo problemas de comportamento que a exposição ao bullying pode produzir.

Bullying, Instrumentos de Avaliação, Escola

CAPES

AVAL

O APEGO E OS VÍNCULOS AFETIVOS DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL. *Viviane Manfre Garcia de Souza, Tardivo, L.C. (Universidade de São Paulo)*

O abuso sexual infantil (ASI) é um fenômeno de destaque em todo o mundo nas últimas décadas e é considerado uma questão de saúde pública, por tratar-se de um importante fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias. Seus efeitos têm sido amplamente estudados, devido à sua diversidade, magnitude e consequências, e podem ser observados inclusive nos vínculos afetivos que a criança estabelece. O presente estudo buscou verificar a qualidade do apego de vítimas de ASI, pois acredita-se que esta experiência tenha grande influência no desenvolvimento das relações afetivas da criança, podendo alterar seu padrão de apego até a vida adulta. Para isso, foi realizado um estudo piloto com o inventário Pessoas em minha vida (PIML), o qual foi elaborado com o objetivo de mensurar a qualidade destes vínculos em crianças. A amostra foi composta por 60 crianças de 09 a 12 anos, sendo 30 vítimas de ASI (grupo clínico). Também foi aplicado o Inventário de Frases auxiliar no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes (IFVD), a fim de coletar mais dados acerca dos efeitos da violência, além de ser utilizado como critério de exclusão no grupo comparativo, caso a criança apresentasse suspeita de vitimização. Após consentimento dos pais ou responsáveis pelas crianças, pesquisadores treinados realizaram aplicações individuais na própria escola ou instituição, que disponibilizaram salas para tal. Os resultados apontaram diferenças significativas entre os dois grupos (clínico e comparativo). As crianças vitimizadas apresentaram menores pontuações em relação ao apego quando comparadas a seus pares, indicando maior dificuldade em confiar nas pessoas e sentir-se segura na presença dos cuidadores. Além disso, apresentaram maiores pontuações em todos os níveis de sintomas referentes aos transtornos investigados pelo IFVD, demonstrando a variedade dos efeitos do ASI naqueles que o sofrem. A partir deste estudo piloto, observou-se que este instrumento não é capaz de avaliar padrões de apego infantil, entretanto mostrou-se eficaz na avaliação dos vínculos e relações afetivas estabelecidas pelas crianças com as pessoas próximas a ela, bem como o sentido de segurança e confiança no mundo que a cerca. São feitas algumas ressalvas acerca da estrutura e utilização do instrumento, além de sugestões no sentido de aprimorá-lo. Destaca-se ainda a necessidade de novos estudos e dados mais específicos sobre a incidência de ASI no Brasil e no mundo, a fim de desenvolver políticas públicas eficientes para prevenir e lidar com esse fenômeno.

Abuso sexual infantil; apego infantil; PIML; IFVD.

AVAL

PREVALÊNCIA DE TRAÇOS DE PSICOPATIA EVIDENCIADOS EM ADOLESCENTES CUMPRINDO MEDIDAS SÓCIOEDUCATIVAS. *Ana Carla Crispim*, Keitiny Cristina Diogo*, Sueli Terezinha Bobato, Eduardo José Legal, Jamir João Sardá Junior (UNIVALI)*

A psicopatia constitui-se como um fenômeno de etiologia multifatorial ainda pouco conhecida, englobando fatores psicológicos, biológicos e socioculturais. Suas características se manifestam desde a infância, expressando-se por meio de problemas de conduta que persistem posteriormente, conforme a personalidade se estrutura até a fase adulta. Evidenciam-se em psicopatas, traços como insensibilidade afetivo emocional, redução de culpa, bem como desrespeito em relação aos outros e seus direitos. Considerando que o entendimento do transtorno pode contribuir para o tratamento e desenvolvimento de medidas preventivas, este estudo investigou a prevalência de traços de psicopatia em adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. Os objetivos consistiram em levantar dados sóciodemograficos e histórico de vida dos adolescentes, descrever o histórico infracional e o comportamento institucional no programa de medidas socioeducativas e identificar a prevalência de traços de psicopatia nos adolescentes investigados a partir da aplicação da escala Hare PCL-R. A coleta de dados foi realizada a partir da referida escala com dez adolescentes em um Centro de Internação Provisória. A idade mais prevalente foi 17 anos, porém a idade da amostra variou entre 15 e 18 anos, sendo que metade dos adolescentes haviam parado os estudos entre a 5ª e 6ª série. Todos os adolescentes já haviam cometido crimes contra a vida, e oito haviam apresentado fugas da Instituição. Os resultados indicaram que seis adolescentes tiveram pontuação <30 e quatro adolescentes tiveram pontuação ≥30 na escala, sendo este ponto de corte utilizado por referir maior confiabilidade quanto ao diagnóstico de psicopatia, e menor margem de erro para falsos diagnósticos positivos de psicopatia. Os traços mais prevalentes foram ausência de remorso ou culpa, indiferença/falta de empatia e insensibilidade afetivo emocional. Importante ressaltar que os itens referentes ao Comportamento Infracional, também obtiveram prevalência significativa entre os adolescentes, uma vez que a amostra se mostrava agressiva em seus crimes. O estudo detalhou a multiplicidade e complexidade dos fatores etiológicos a partir das variáveis propostas pela PCL-R, descrevendo o histórico de vida dos adolescentes até o crime. Considera-se que o estudo poderá contribuir para uma reflexão sobre a formulação e a importância da implementação de políticas públicas voltadas para a criança e o adolescente, além de práticas de cuidado à criança durante o seu desenvolvimento. Práticas estas, que poderiam minimizar os fatores de risco – que se precipitam e se perpetuam por todo o desenvolvimento infantil, trazendo impactos à personalidade – e maximizar os fatores protetores, mediados pelas redes de apoio social e afetivo.

Palavras-chave: adolescentes infratores; psicopatia; medidas socioeducativas.

Nível do Trabalho: IC - CLIN

AVAL

PROCESSOS DEFENSIVOS OBSERVADOS EM PACIENTES ONCOLÓGICOS AVALIADOS PELO DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA.

Thais Cristina Arcas de Felippe (Universidade de Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos - SP).*

O objetivo do presente trabalho foi levantar os mecanismos de defesa indicados por um grupo de pacientes oncológicos, observados na produção do desenho-estória com tema. O câncer é consiste em uma doença genética, resultante de alterações acumuladas no DNA das células, estas que se proliferam até se transformarem em células malignas, que se aglomeram e formam os tumores. A Psico-oncologia, área de estudo que integra a Medicina, Oncologia e Psicologia, compreende a ocorrência de um quadro oncológico como multifatorial, resultado de aspectos de ordem psicossomática, associados a questões do ambiente. Em termos psicodinâmicos, depressão, ansiedade, delírio ou idéias suicidas podem surgir como aspectos psicológicos mais frequentes durante o câncer. O trabalho foi desenvolvido com a aplicação do desenho-estória com tema em 12 pacientes com câncer, sem discriminação de idade, sexo ou condição sócio-econômica. Foi requisitado que os sujeitos desenhassem uma pessoa com câncer e em seguida, contasse uma estória sobre o desenho. Dentre os aspectos levantados na produção dos pacientes, por meio da análise dos desenhos e das estórias contadas, destacou-se no presente trabalho os mecanismos de defesa utilizados nas narrativas. Em relação aos processos defensivos utilizados, foi possível observar sete mecanismos de defesa predominantes distribuídos nos 12 pacientes: três apresentaram sublimação, sendo o mecanismo de defesa de maior incidência, revela capacidade de reverter as dificuldades vividas em relação ao câncer em conteúdos e ações produtivas, fortalecendo as condições de enfrentamento da doença; dois revelaram repressão, movimento de recalque diante das vivências oriundas do comprometimento de saúde que passam; dois apresentaram isolamento, demonstrando com isso a necessidade de excluir a vivência do quadro de câncer do foco das atenções e demandas pessoais; dois apresentaram o deslocamento, que indica um processo de substituição dos conteúdos gerados pela doença, por outros de outra ordem, no sentido de evitar o contato com esse sofrimento; um revelou o uso de formação reativa, no qual o paciente assume uma atitude de sentido oposto a um desejo que tenha sido vivido diante da doença, no sentido de reagir contra essa vivência; um indicou a cisão como defesa, onde o paciente tem uma tendência de separar os conteúdos mais dolorosos na ocorrência do câncer; por fim, um revelou projeção, significando que a necessidade que tem de exteriorizar a outro objeto o impulso que o angustia diante da doença. Considerando que sublimação e formação reativa são mecanismos de defesa mais elaborados e os restantes são de ordem mais primitiva, conclui-se que na maioria dos casos é predominante o uso de mecanismos mais primitivos, representados por oito pacientes da amostra e apenas quatro revelaram o uso de mecanismos elaborados, permitindo melhor enfrentamento perante o câncer.

Palavras chave: Avaliação Psicológica; Desenho-estória com Tema; Psico-oncologia.

Nível do Trabalho: Iniciação Científica - IC

AVAL

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA CES-D EM UMA AMOSTRA DE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS EM TRATAMENTO. *Érika Pizziolo Monteiro*, Ana Luísa Marliere Casela*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Nathália Munck Machado*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

Diversos estudos apontam que a dependência de substâncias, em muitos casos, se associa a outras morbidades psiquiátricas, entre elas, a depressão. No que se refere à dependência de substâncias, a depressão tem sido apontada como um fator que implica fortemente na recuperação, uma vez que representa uma barreira a adesão ao tratamento podendo afetar diretamente a qualidade de vida desses pacientes. Ainda que a depressão seja um transtorno psiquiátrico que afeta todos os tipos de populações, existem diferenças acentuadas quanto à incidência e a prevalência de transtornos depressivos entre dependentes. Visto que a Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D) vem sendo amplamente utilizada em estudos clínicos e populacionais, o presente estudo objetivou avaliar as evidências de validade da CES-D para população de dependentes de álcool e outras drogas, visando maior conhecimento das propriedades psicométricas deste instrumento. A CES-D é composta por 20 itens relacionados a humor, comportamento e percepção, graduada em escala tipo Likert de 4 pontos (1 a 4), variando de "raramente" a "durante a maior parte do tempo". A pesquisa contou com uma amostra de 528 dependentes, sendo que 11 foram excluídos por não responderem a uma das questões, totalizando 517 dependentes de substância de dois serviços públicos para tratamento da dependência da cidade de Juiz de Fora – MG. Para avaliar as evidências de validade e confiabilidade foi utilizado o coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui alta consistência interna (α=0,87 / split-half=0,79). A existência de três fatores foi explicada por que explicaram 44% da variância total da escala, sendo o método adequado aos dados com KMO = 0,91 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2=2884,510; df=190; p<0,001.. A partir da análise fatorial, observou-se que os itens se agrupavam em três fatores que de acordo com a validação original podem ser interpretados como a dimensão relativa à relações interpessoais, atividade somática, e, por fim, o terceiro fator agrupando os itens que avaliam afetos depressivos relacionados ao humor assim como prejuízos associados com afetos positivos foram agrupados. Apesar da divergência da composição fatorial da presente escala com a sua validação original para a realidade brasileira, pode-se observar que as evidencias de validade e confiabilidade apresentadas indicam o uso da CES-D para dependentes de substâncias, embora necessite de outros estudos que confirmem o resultado encontrado no presente trabalho. Considerando os níveis de comorbidades entre depressão e dependência de substâncias, os dados apresentados podem contribuir para suprir uma lacuna da literatura acerca desta temática bem como colaborar para uma melhor avaliação clínica deste pacientes.

Depressão, validade, dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

RELAÇÃO ENTRE DESEMPENHO INTELECTUAL E NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO DE CRIANÇAS COM FENILCETONÚRIA. *Juliana Nassau Fernandes*, Isabel Pimenta Spínola de Castro**, Jéssica Evelyn de Andrade* (Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico/Faculdade de Medicina/Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte MG)*

A fenilcetonúria é uma doença genética causada por uma mutação no gene que codifica a enzima Fenilalanina Hidroxilase, responsável pela conversão de fenilalanina (phe) em tirosina. Essa doença repercute nas atividades do córtex frontal, uma vez que a tirosina é precursora da dopamina, neurotransmissor utilizado nas funções dessa região cerebral. Além disso, concentrações altas de phe podem atingir um nível tóxico ao organismo. Esta condição atinge diferentes níveis de comprometimento da inteligência, alcançando o retardo mental na maioria dos casos não tratados. Pesquisas com a população brasileira tentam estabelecer uma relação entre os níveis sanguíneos de phe e capacidade intelectual dos pacientes. Contudo, estudos que investigam a relação entre QI e nível socioeconômico na população alvo são escassos e devem ser encorajados, a fim de se verificar o papel desse elemento na competência dos indivíduos. A inteligência foi concebida aqui como a capacidade do indivíduo de agir com propósito, pensar racionalmente e lidar efetivamente com seu meio ambiente. O objetivo foi verificar a chance de uma criança fenilcetonúrica, com nível socioeconômico superior, ter melhor resultado no WISC-III quando comparada a uma criança com condição socioeconômica inferior. A amostra foi composta por 63 pacientes, com idades entre seis e doze anos, que iniciaram o tratamento a partir dos 90 dias de vida e que são acompanhadas pelo Programa Estadual de Triagem Neonatal de Minas Gerais. Elas representam 90% da população alvo deste estudo, considerando os critérios de inclusão e exclusão. Nenhum dos participantes apresentava outra doença física ou mental que comprometesse o desenvolvimento cognitivo, e todos tiveram o TCLE assinado pelo responsável legal. 52,4% eram do sexo feminino e 85,7% dos participantes estudavam em escolas públicas. Para a medição do QI, foram utilizados 12 subtestes do WISC-III – excetuou-se o subteste Labirintos, uma vez que este não foi adaptado à população brasileira, – divididos em duas sessões de aplicação. Além disso, foi utilizado o Questionário para Avaliação do Nível Socioeconômico Familiar desenvolvido pelo Setor de Assistência Social da Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da USP. Entre as 63 famílias avaliadas socioeconomicamente, 9,3% foram classificadas na categoria baixo inferior; 60,4% na categoria baixo superior; 28,6% no nível médio inferior e 1,6% no nível médio. Nenhuma família se encaixou na classificação de nível alto ou médio alto. Verificou-se que aquelas classificadas no nível socioeconômico médio tiveram 4,03 vezes mais chances de apresentar QI superior e médio, quando comparadas às crianças cujas famílias foram classificadas no nível baixo. De fato, estudos anteriores sobre inteligência encontraram alta correlação entre QI dos familiares, o nível socioeconômico e o desempenho intelectual das crianças. Em consonância com achados anteriores, observa-se o quanto estas variáveis co-ocorrem. Hipotetiza-se que o nível socioeconômico dos participantes esteja relacionado à estimulação cognitiva, mas para a compreensão do papel deste elemento no desempenho em QI dos participantes, é necessário que novos estudos sejam realizados.

Fenilcetonúria, inteligência, quociente intelectual, nível socioeconômico

Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa - FUNDEP

AVAL

RELAÇÕES ENTRE AUTOCONCEITO E SATISFAÇÃO SEXUAL EM ADULTOS. Bianca de Franco de Oliveira* (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF), Sergio Henrique de Souza Alves (Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF e Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, DF).

O autoconceito se caracteriza como sendo a definição psicológica que permite ter a noção da identidade do sujeito e da sua consistência e coerência. Já a satisfação sexual é definida como sendo o nível no qual a atividade sexual de um indivíduo corresponde aos seus ideais e expectativas. Sabendo que esses dois construtos são bastante significantes na construção de um bom equilíbrio mental e que se percebeu uma escassa revisão bibliográfica abordando os dois temas paralelamente, muito embora sejam abordados relacionando-se a outros temas, esse estudo teve como objetivo avaliar as possíveis relações existentes entre autoconceito e satisfação sexual em homens e mulheres adultos, utilizando-se, para isso, de dois questionários – o Inventário Clínico de Autoconceito e o Questionário de Satisfação Sexual, este último elaborado pelos próprios pesquisadores. Participaram da pesquisa, 140 pessoas de uma instituição de ensino superior para responderem aos questionários, sendo 52 homens e 88 mulheres. Também foram analisadas outras variáveis como religião, escolaridade, inserção no mercado de trabalho, início da vida sexual, se possui parceiro fixo, com quem o participante reside estado civil e percepção do sujeito acerca de problemas que podem estar interferindo no seu desempenho sexual, além da frequência sexual mensal. Encontrou-se correlação linear positiva entre as notas globais de ambos os construtos (correlação de 0,36 – numa escala que vai de 0 a 1) e entre as notas dos Fatores F1 (aceitação/rejeição social), F2 (autoeficácia), F3 (maturidade psicológica) e F4 (impulsividade/atividade) do Inventário Clínico de Autoconceito e a nota global de satisfação sexual. Observou-se, ainda, que o autoconceito tende a ser maior em quem já iniciou a sua vida sexual (p-valor = 0,030) e em quem possui parceiro fixo (p-valor = 0,033), e que a satisfação sexual tende a ser maior nos homens (p-valor < 0,001). Não foram percebidas relações estatisticamente significativas entre as notas globais de satisfação sexual e de autoconceito com as variáveis: religião, idade, escolaridade, inserção no mercado de trabalho e com quem o sujeito reside. A média de idade dos participantes foi de 28,2 anos, com uma frequência sexual média de 6,4 vezes por mês. Os resultados obtidos corroboram a ideia inicial desta pesquisa, confirmando a existência de uma associação linear positiva entre as duas características intrínsecas ao sujeito, e podem vir a colaborar com a Psicologia e suas várias formas de intervenção. Além disso, evidencia-se a necessidade de se realizar novos estudos com metodologias diferentes, tanto qualitativas quanto quantitativas, para a maior compreensão das relações – e também das não relações – encontradas entre as duas variáveis centrais levantadas e as demais pertinentes aos dois temas centrais.

Palavras-chave: Autoconceito, Satisfação sexual, Desempenho sexual

IC

AVAL

REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA EM UMA AMOSTRA DE PRÉ-ESCOLARES POR MEIO DO DESENHO TEMÁTICO. *Camila Clementino da Silva*, Natália Costa Simões* (Universidade de Taubaté - SP) e Paulo Francisco de Castro (Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos - SP).*

O presente trabalho objetiva discutir a representação da instituição escolar observada em uma amostra de crianças pré-escolares, avaliadas pelo desenho temático da escola. O estudo sobre a representação da escola mostra-se relevante uma vez que as crianças passam uma significativa parte de seu desenvolvimento em instituições escolares. Participaram do estudo 72 crianças, com idade entre três e cinco anos, de uma pré-escola pública de um município situado no Vale do Paraíba Paulista, sendo 54,2% (N=39) meninas e 45,8% (N=33) meninos, todos sem queixas ou dificuldades de aprendizagem relatadas. Todas as crianças realizaram um desenho temático onde foi solicitado um "desenho sobre a escola". A aplicação foi coletiva, durante o período letivo, com acompanhamento e observação das aplicadoras. Após verificação das produções gráficas, a representação do desenho da escola foi dividida em três categorias: rabiscos simples: nos desenhos onde a representação da escola foi produzida apenas com uma série sucessiva de rabiscos, representação primitiva: nas produções onde haviam figuras fechadas e geométricas simples e representações de objeto: onde foi possível verificar a produção gráfica da escola a partir de um desenho definido. Observando-se a relação entre idade e os tipos de desenhos, foi possível verificar que os rabiscos simples compuseram 40% (N=28) das produções dos sujeitos e foram realizadas pelas crianças com idade média em 3 anos e 9 meses; as representações primitivas da escola foram realizadas por 33% (N=24) da amostra, produzidas por crianças com idade média em 4 anos e 5 meses, por fim, os desenhos com representação clara de objeto foram feitos por 27% (N=20) das crianças, cuja idade média foi de 4 anos e 8 meses. Em relação ao uso de cores, foi observado a realização de desenhos coloridos em 50% (N=14) nas produções em rabisco, passando para 63% (N=15) nas representações primitivas e 85% (N=17) nos desenhos com representação de objeto. Em se tratando do tema empregado nos dois últimos tipos de produção gráfica, tem-se 58% (N=14) de rabiscos fechados com pouco significado e 42% (N=10) de desenhos geométricos definidos, nos desenhos classificados como representação primitiva; além disso, nas produções identificadas como representação de objeto, observou-se a incidência de paisagem, objetos e figuras humanas em 30% (N=6) para cada tipo, salienta-se que nesses casou houve a inclusão, em alguns deles, de outros temas; além disso, duas produções (10%) indicaram a articulação de vários temas, integrando os desenhos de forma mais elaborada. Os dados indicaram que é possível verificar um amadurecimento da representação da escola nas crianças que compuseram a investigação, a partir da evolução dos desenhos de rabiscos até objetos de representação mais definida, além disso, a articulação de variadas cores também foi observada, revelando capacidade de integração de componentes afetivos nessa representação. Assim, as crianças pesquisadas apresentaram a aquisição da representação da escola entre três e cinco anos de idade, com capacidade evolutiva de uso de cores e temas para seus desenhos. Para que as presentes considerações sejam generalizadas, faz-se necessário a ampliação do estudo com outras faixas etárias, outros tipos de escola e localidades.

Avaliação Psicológica; Psicologia do Desenvolvimento; Psicologia Escolar.

Nível do Trabalho: Iniciação Científica – IC

AVAL

RESILIÊNCIA ENTRE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS: AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE RESILIÊNCIA DESENVOLVIDA POR WAGNILD & YOUNG. *Jéssica Verônica Tibúrcio de Freitas*, Ana Luísa Marliere Casela*, Érika Pizziolo Monteiro*, Nathália Munck Machado*, Gabriela Correia Lubambo Ferreira**, Pollyanna Santos da Silveira**, Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG; Bolsista de produtividade CNPq).*

O conceito resiliência tem sido definido como um conjunto de práticas subjetivas e ambientais que auxiliam no enfrentamento de situações adversas de uma forma mais saudável, tornando os indivíduos mais fortalecidos, proporcionando uma maior qualidade de vida. No que se refere à dependência de substâncias a resiliência pode ser considerada um fator de proteção, visto que tem sido apontada como um mecanismo fundamental para auxiliar o enfrentamento de problemas e para a reestruturação das relações sociais, aumentando as possibilidades de sucesso no tratamento. Diante disso faz-se necessário a avaliação da resiliência no contexto de tratamento para dependência de substancias a fim de otimizar os benefícios do tratamento. Entretanto, não existe na realidade brasileira, um instrumento construído para esta população. Diante disso, o presente estudo buscou avaliar as propriedades psicométricas da escala de resiliência para a população de dependentes de substâncias. A escala escolhida de resiliência foi validado para uma amostra de escolares, sendo composta por i 25 itens que se propõe a mensurar os níveis de adaptação psicossocial positiva em face de eventos de vida importantes, com resposta tipo likert variando de discordo totalmente a concordo totalmente. O estudo foi realizado com uma amostra de 389 dependentes de substâncias em tratamento na cidade de Juiz de Fora- MG em serviços públicos para a reabilitação desta condição. A análise de confiabilidade da escala de resiliência foi estimada pelo Coeficiente alfa de Cronbach (α) e Coeficiente Spearman-Brown (split-half). Os resultados demonstraram que a escala possui moderada consistência interna (α=0,65 / split-half=0,30). Observou-se a existência de sete fatores que embora explicassem 51,67% da variância total da escala apresentou difícil compreensão, sendo que pelo método adequado aos dados com KMO = 0,88 no teste de esfericidade de Bartlett e X^2= 1943,043; df= 300 e com $p < 0,001$. Apesar do presente estudo ter utilizado as mesmas estratégias de análise fatorial, a saber, a inclusão de fatores que explicavam mais que 5% da variância total, utilizando a rotação varimax no método de extração de componentes principais, não foi encontrado uma estrutura fatorial semelhante à proposta pelos autores da escala. O fato da escala não ter apresentado boa confiabilidade constitui-se ainda como uma das limitações das evidências validação do instrumento para esta população dentro do contexto brasileiro. Considerando a importância, dos aspectos associados à resiliência como fatores adjuntos ao tratamento da dependência de álcool e outras drogas, faz-se necessários maiores investigações acerca das possibilidades de mensuração deste constructo para populações distintas, sugerindo a necessidade de construções de novos instrumentos a fim de maximizar os efeitos positivos do tratamento para a qualidade de vida desta população.

Resiliência, validação, dependência

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

AVAL

REVISÃO ACERCA DO USO DO TESTE DAS FÁBULAS COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM TESES E DISSERTAÇÕES. *Rodrigo Luís Bispo Souza - PUCRS Artur Toledo Rodrigues*, Laura Glusman Roithmann*, Rodrigo Luís Bispo Souza**, Maria Lucia Tiellet Nunes***(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O Teste das Fábulas tem sido um recurso válido na pesquisa sobre o desenvolvimento infantil, assim como tem se apresentado como ferramenta a diversas questões de pesquisa e testagem de hipóteses a partir da Psicanálise. O objetivo deste trabalho foi mapear a produção de dissertações e teses utilizando o Teste das Fábulas como instrumento de pesquisa. A pesquisa foi realizada a partir da busca no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) pelo descritor "Teste das Fábulas". Os critérios de inclusão dos estudos foram: ter sido o Teste das Fábulas o instrumento de pesquisa; ter sido pesquisa realizada nos últimos dez anos; estar com material completo disponível no portal da CAPES. Foram encontrados na base de dados, a partir do descritor "Teste das Fábulas", 34 trabalhos de mestrado ou doutorado. Seguindo a hierarquia dos critérios de inclusão, ao ser aplicado o primeiro critério, foram excluídos 13 trabalhos, sendo incluídos 21 então para a análise. Em se tratando do segundo critério cinco trabalhos, foram excluídos da pesquisa, restando 16, que também estavam em consonância com o terceiro e último critério. A análise dos 16 resumos das dissertações e teses demonstra o uso prioritário do Teste das Fábulas como técnica de entendimento psicodinâmico de situações específicas do desenvolvimento, em situações de patologias ou de tratamentos médicos e psicoterápicos, aparecendo, em sua maioria, como instrumento de pesquisa de cunho qualitativo. A maioria dos estudos foram do nível de mestrado, sendo apenas um de doutorado. Apenas teve como amostra adolescentes, todos os outros pesquisaram crianças de quatro a 12 anos. É possível perceber que o Teste das Fábulas tem seu uso predominante como instrumento de exploração de conteúdos psicodinâmicos em crianças em contextos específicos (adoção, abrigos, abuso), clínicas (em atendimento psicoterápico, com doenças orgânicas) ou não clínicas. Tais resultados apontam para a realidade de que o Teste das Fábulas vem sendo utilizado em pesquisas acadêmicas, além disso, ao usar tal teste em suas pesquisas, pode-se perceber a confiança dos pesquisadores na validade clínica do instrumento para avaliação das variáveis psicodinâmicas pesquisadas. Entretanto fica claro que há pouca produção acerca de qualidades psicométricas do teste, o que pode se um dificultador da atualização do instrumento.

IC

Teste das Fábulas, Instrumento de Pesquisa, Teses/Dissertações

CNPq

AVAL

TESTE CONCISO DE RACIOCÍNIO E TRÂNSITO: ESTUDOS PSICOMÉTRICOS. *Marlene Alves da Silva, Ana Paula Porto Noronha (Universidade São Francisco - USF -Itatiba - São Paulo)*

A Psicologia do Trânsito pesquisa os comportamentos humanos, suas causas diretas ou indiretas que influenciam no sistema trânsito. Para tanto, utiliza-se de métodos científicos e da interlocução com outras ciências para aprofundar a dinâmica e as possíveis explicações para esse fenômeno. Dentre os procedimentos científicos, encontram-se os testes psicológicos. Nessa perspectiva, este trabalho objetivou buscar evidências de validade em relação às variáveis externas e ao índice de precisão do Teste Conciso de Raciocínio - TCR. Participaram 718 candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação do estado da Bahia, desse total, 482 eram homens. A idade variou entre 18 e 65 anos (M=27,65;DP=8,23). Em relação à escolaridade, 17,5% (126) cursaram até o ensino fundamental, 38,2% (274) o ensino médio, 18,8% (135) o ensino superior e 25,5 % (183) não informaram a escolaridade. Os instrumentos aplicados foram, Teste Conciso de Raciocínio, Teste de Atenção Concentrada, Teste Palográfico, exames Teórico-técnico e de Direção Veicular. Nos resultados, com relação à associação do Teste Conciso de Raciocínio com o exame Teórico-técnico e de Direção Veicular para a categoria B, os índices foram significativos, positivos e de magnitude baixa, sugerindo que o construto inteligência pouco se associou aos conhecimentos teóricos e práticos do ato de dirigir. Já a correlação entre o Teste Conciso de Raciocínio e o teste de Atenção Concentrada foi significativa, positiva e de magnitude baixa, indicando que apesar de construtos diferentes, existe comunalidade entre os mesmos. No que concerne às diferenças de média analisadas, os participantes aprovados nos exames Teórico-técnico e de Direção Veicular categoria B tiveram médias significativamente mais altas no Teste Conciso de Raciocínio que o grupo de reprovados. Em relação à idade, os resultados mostraram uma diferenciação entre as faixas etárias dos 18 aos 21 anos, dos 22 aos 32 anos e acima de 32 anos. Quanto à escolaridade, se diferenciaram os grupos até o ensino fundamental completo, médio completo e ensino superior completo. No que diz respeito ao sexo, as mulheres apresentaram média superior. Esses resultados indicaram a necessidade de serem criadas normas específicas em função da idade, escolaridade e sexo para essa amostra. Quanto à precisão, estudada por meio do alfa de Cronbach para o teste como um todo e considerando a exclusão de algum item, os índices obtidos foram considerados satisfatórios, variando de 0,72 a 0,75. Com base nos resultados, foram obtidas evidências de validade para o Teste Conciso de Raciocínio em relação às outras variáveis na situação do trânsito. Sugere-se que novas investigações sejam delineadas de modo a explorar as propriedades psicométricas deste teste psicológico em outras amostras, e, assim, fomentar discussões da avaliação psicológica no contexto do trânsito.

Inteligência; Evidências de validade; Psicologia do Trânsito

Coordenação de Aperfeiçamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

AVAL

TESTE DE ATENÇÃO CONCENTRADA TOULOUSE-PIERÓN: ATUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE VALIDADE. *Renata Silva Araújo, Irai Cristina Boccato Alves (LITEP – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP).*

O Teste Toulouse-Pierón foi um dos primeiros instrumentos de avaliação objetiva da atenção concentrada, dando origem a muitos outros, em vários países, incluindo o Brasil. A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma atualização dos estudos de validade, de modo a obter requisitos mínimos necessários para sua aprovação pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), de acordo com a Resolução N º 002/2003 do CFP. A validade convergente (simultânea) foi investigada em relação aos testes AC e D2 e o Teste das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada, que foi usado para verificar a relação entre a atenção e a inteligência. Foram empregadas três amostras diferentes para a comparação com cada um dos testes. Todos os participantes eram estudantes universitários. Para o AC a amostra foi composta por 61 sujeitos de uma universidade particular. Para o D2 foram 43 estudantes e para o Raven 94 estudantes, estes dois grupos eram provenientes de universidade pública. Para a determinação da validade em relação ao Teste AC, primeiramente foi aplicado o Teste Toulouse-Pierón e, após um intervalo aproximado de três horas, houve a aplicação do AC. Para a validade em relação ao Teste D2, inicialmente foi aplicado o Toulouse-Pierón e, após um intervalo 30 dias, ocorreu a aplicação do D2. Em relação ao Teste das Matrizes Progressivas de Raven – Escala Avançada, inicialmente houve a aplicação das duas séries deste teste. A Série I com limite de tempo de 5 minutos e a Série II em 40 minutos. Contudo, para a pesquisa foram usados apenas os pontos da Série II. Após um intervalo de um mês, foi aplicado o Toulouse-Piéron. Todas as aplicações foram feitas de acordo com as instruções padronizadas e orientações dos respectivos manuais dos testes. Foram encontrados coeficientes estatisticamente significantes entre os pontos de rapidez e acertos do Toulose e do AC, mas não em relação aos erros e omissões. Os resultados bruto e líquido do D2 tiveram correlações significantes com a rapidez e acertos do Toulouse, mas não entre os erros dos dois testes. A correlação entre o escore de Qualidade (erros) e os resultados do Raven não foi significante e a correlação do resultado de Rapidez com o Raven foi significante, mas baixa, uma vez que a atenção contribui para o desenvolvimento da inteligência, porém elas constituem duas capacidades independentes. Assim foi confirmada a validade simultânea do Toulose com outros dois testes de atenção concentrada. Os resultados confirmam as qualidades psicométricas do Teste Toulouse-Pierón e apontam a necessidade de maior aprofundamento nas pesquisas com este instrumento, de modo a obter sua aprovação junto ao CFP.

Avaliação psicológica; instrumento psicológico; validade; atenção concentrada; Toulouse-Pierón.

Editora CEPA

AVAL

TESTE DE ATENÇÃO CONCENTRADA: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE EM UMA AMOSTRA GOIÂNIA. *Alexandra Peres (Faculdade Brasileira de Educação e Cultura – FABEC), Marlene Alves da Silva (Universidade Federal do Estado da Bahia – UFBA – Campus Vitória da Conquista – BA)*

A atenção pode ser definida como uma função mental ativa que consiste em focalizar em alguns aspectos ou estímulos do meio ambiente em detrimento de outros, selecionando e controlando a entrada de informações externas e processando as informações necessárias para um determinado momento. A presente pesquisa objetivou buscar evidências de validade para o Teste de Atenção Concentrada – AC de Suzy Cambraia por meio de correlação em relação às variáveis idade e escolaridade. O estudo foi desenvolvido em uma Clínica psicológica credenciada ao DETRAN-GO para avaliação pericial de candidatos à obtenção, renovação e adição de carteira Nacional de Habilitação. A amostra foi composta de 594 candidatos,deambos os sexos, sendo 203 (34,2%) do sexo feminino e 391 (65,8%). Quanto à escolaridade, 208 (%) cursaram até o ensino fundamental completo, 332 (%) cursaram até o ensino médio completo e 54 (9,1%) cursaram o ensino superior. A idade variou entre 18 e 60 anos (M=29,4; DP=10,46), sendo que 311 (52,4%)encontravam-se na faixa de 18 a 27 anos e apenas 94(15,9%) na faixa de 41 a 60 anos. O Instrumento utilizado foi Teste AC – Susy Cambraia, cuja pontuação máximapossível é de 147 acertos. Para esta amostra, o resultado mínimo foi de 28 e o máximo de 146 pontos (M=87,52; DP=21,3). A mediana e a moda foram de 86. Em uma inspeção visual da análise descritiva, verificou-se que 415 (69,9%) da amostra estudada pontuaram acima de 74 pontos. Utilizou-se a prova de correlação de Pearsonpara verificar as associações entre os escores da amostra por idade dos participantes, o resultado da correlação forneceu um r=-0,224 com p<0,001. Essa correlação negativa aponta que conforme aumenta a idade diminui o número de acertos do teste de AC. Já para a escolaridade, um r=0,281 com p<0,001. Observou-se um coeficiente significativo e positivo, indicativo de que há relação entre a atenção e a educação formal. Dessa forma, pode-se afirmar que foram encontradas evidências de validade para o Teste AC para esta amostra.

Atenção - Trânsito - Avaliação Psicólogica

AVAL

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DA BATERIA ATENÇÃO E MEMÓRIA (AM) DO TESTE DE INTELIGÊNCIA "LEITER-R". *Roberson Machado* (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP), Teresa Helena Schoen (Departamento de Pediatria Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Marcia Regina Fumagalli Marteleto (Departamento de Saúde, Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP)*

Inteligência é uma capacidade mental geral, que implica raciocínio, planejamento, resolução de problemas, velocidade de aprendizagem e aprender com a experiência. Este conceito é bastante amplo e, por vezes, controverso, pois envolve características biológicas, cognitivas e emocionais, o que acarreta em uma multiplicidade de visões sobre este construto. Segundo a Associação Americana de Psicologia os indivíduos diferem-se na habilidade de entender idéias complexas, de se adaptar com eficácia ao ambiente, de aprender com a experiência, de se engajar nas várias formas de raciocínio, de superar obstáculo; embora as diferenças individuais possam ser substanciais nunca são completamente consistentes, o desempenho intelectual de uma dada pessoa pode variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Alguns teóricos da inteligência ressaltam, no entanto, que caracterizá-la como independente dos aspectos culturais e sociais é uma concepção errônea de sua função e significado e deve ser concebida de acordo com a visão de mundo dos diferentes grupos culturais que traz consigo necessidades e aspirações que relacionam-se a valores e finalidades históricas e sociais. Dentre as abordagens psicológicas a psicométrica é conhecida como a ciência da medida em geral; se propõe a quantificar as diferenças individuais de determinadas características psicológicas, tais como, mensurar a inteligência. Nesta abordagem a inteligência é medida por meio de testes psicológicos, validados e padronizados para a cultura em que serão utilizados. No Brasil os testes psicológicos estrangeiros precisam ser submetidos à procedimentos que devem seguir as normas de tradução e adaptação, normatização, validade e confiabilidade exigidos pelo Conselho Federal de Psicologia. A Leiter-R é um teste não-verbal, que avalia o nivel intelectual de criancas e adolescentes com desenvolvimento tipico, bem como indivíduos com significativos distúrbios de comunicação, retardo mental, deficiências auditivas, incapacidades motoras, dano cerebral traumático, transtorno de déficit de atenção, dificuldades de aprendizagem e indivíduos com Transtornos Global do Desenvolvimento. O seu rigor psicométrico necessita ser adaptado para a cultura brasileira. O objetivo do presente trabalho é apresentar a tradução e adaptação da Bateria Atenção e Memória (AM) da Leiter International Performance Scale-Revised - Leiter-R. Para este estudo 10 crianças de ambos os sexos, na faixa etária compreendida entre 6 e 9 anos, frequentadoras de ensino regular, foram submetidas à aplicação da Leiter-R de forma individual. A Leiter-R é constituída por 20 subtestes, divididos em duas baterias: Visualização e Raciocínio (VR) e Atenção e Memória (AM), abrangendo as diversas capacidades mentais. O manual e os protocolos de respostas foram traduzidos e adaptados ao português brasileiro por um dos autores. Esta tradução foi avaliada de modo independente por outros dois profissionais com experiência na aplicação de testes de inteligência. Os subtestes foram então aplicados nas crianças da amostra para verificar a clareza da tradução. Por suas características de aplicação, observou-se vantagens em se utilizar este teste não verbal com crianças nesta faixa etária, embora observou-se dificuldades por parte do aplicador em utilizá-lo, necessitando de treinamento adequado. Futuros trabalhos devem investigar as propriedades psicométricas do Leiter R para seu uso no Brasil.

Inteligência, Psicometria, , Leiter-R

AVAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ADAPTACIÓN LINGÜÍSTICA DEL SCHOOL BURNOUT INVENTORY (SBI) EN ESPAÑOL (CASTELLANO) A ESPAÑOL (COLOMBIANO). *Diana Riaño-Hernández** (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia) y María Constanza Aguilar (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia)*

Debido a la existencia de burnout en estudiantes adolescentes, resulta relevante evaluar el burnout en el ámbito educativo, siendo además necesario contar con instrumentos que permitan evaluar el burnout en el contexto escolar. Por ello, El objetivo de la investigación es desarrollar el proceso de adaptación lingüística del School Burnout Inventory (SBI) en español (castellano) a español (colombiano), para adolescentes escolarizados en la ciudad de Bogotá. Se establecieron dos tipos de participantes, una se compone por un panel de nueve expertos, seleccionados según su especialidad. La segunda población debía estar comprendida por adolescentes escolarizados de la ciudad de Bogotá de 28 estudiantes con rango de edad de 12 a 18 años, (M = 15) estudiantes del Colegio Fervan. Se utilizó para la evaluación un Formato para jueces y estudiantes: Compuesto por los 12 ítems del SBI, donde los jueces y estudiantes tenían que evaluar la comprensión y equivalencia conceptual de cada uno de los ítems en su correspondencia entre la versión del SBI adaptado para población española y la versión de los ítems adaptados lingüísticamente a población colombiana. Para la valoración de comprensión y equivalencia comprensión y equivalencia se tomó una escala tipo likert de respuesta de 0 a 5, teniendo en cuenta que: 0 es Totalmente en desacuerdo, 1 Parcialmente en desacuerdo, 2 en Desacuerdo, 3 Parcialmente de acuerdo, 4 De acuerdo y 5 Totalmente de acuerdo. Igualmente, se hizo uso de una entrevista cognitiva, protocolo de entrevista para recolectar información verbal sobre las preguntas o ítems que han creado dificultades a los sujetos, utiliza varias técnicas que permiten averiguar sobre potenciales fuentes de error y brindar aportes para las correcciones, en cuanto a la redacción o utilización de términos más apropiados, que midan lo mismo que se pretende en la prueba. Inicialmente se envío el formato a los jueces para que lo complementaran, posteriormente se analizaron los resultados de forma cualitativa las sugerencias realizadas y cuantitativamente con la V de Aiken. Por otra parte se paso el formato a los estudiantes junto con la entrevista cognitiva y se analizaron los resultados.Los resultados fueron analizados teniendo en cuenta tres criterios: a) Los comentarios de los jueces sobre el Ítem, b) Coeficiente V de Aiken y c) Porcentaje de total acuerdo en equivalencia y comprensión que estos brindaron, estos tres criterios, también se tuvieron en cuenta con los resultados de los participantes o sujetos en el proceso de Entrevista Cognitiva. Los resultados muestran para el panel de expertos respecto al coeficiente de V de Aiken, todos los reactivos del SBI alcanzan una puntuación superior a 0,50. La mayoría de los ítems presentan porcentajes elevados en el total acuerdo de jueces, respecto a ciertos reactivos, mostrando así pertinencia en el contenido que compone la prueba. El análisis de las características del instrumento, es adecuado para la población. Los resultados que se encontraron indican que el SBI es una herramienta comprensible para la población a la cual va dirigida.

Burnout, adaptación, adolescentes

AVAL - Evaluación Psicológica

ANÁLISIS FACTORIAL EXPLORATORIO DEL "SCHOOL BURNOUT INVENTORY" (SBI) PARA ADOLESCENTES ESCOLARIZADOS EN BOGOTÁ. *Diana Riaño-Hernández**(Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia); María Nieves Moyano** (Universidad de Granada, Granada, España); Alexandra Navarrete (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia); Daniela Lozano (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia);María Constanza Aguilar (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia).*

Freudenberg conceptualizó el síndrome de burnout como el sentimiento de cansancio absoluto. Desde el desarrollo del Maslach Burnout Inventory la investigación por este tema se ha ampliado, centrando su atención en el ámbito de las profesiones de servicio. Sin embargo, estudios recientes han trasladado el concepto de burnout al contexto escolar, dadas las similitudes entre este contexto y el laboral. Los estudiantes están expuestos a una sobrecarga de información en el medio escolar, generando en los estudiantes estados de apatía, baja autoestima, depresión y ansiedad. El contexto escolar, es por tanto, un importante contexto de desarrollo para los adolescentes. Riaño-Hernández y Moyano han adaptado el School Burnout Inventory (SBI) a población española. El SBI es un instrumento compuesto por diez ítems y evalúa el síndrome del burnout en población adolescente, el cual conceptualiza el síndrome por medio de tres dimensiones: 1. agotamiento por las demandas de la escuela (fatiga crónica por la sobrecarga escolar). 2. Cinismo (indiferencia hacia la escuela) 3. Sentido de ineficacia en la escuela (sentimiento de incompetencia como estudiante). Debido a la existencia de burnout en estudiantes adolescentes, resulta relevante evaluar el burnout en el ámbito educativo y necesario contar con instrumentos que permitan evaluar el burnout en el contexto escolar. Por ello, el propósito de este estudio es realizar un estudio de las propiedades psicométricas y el análisis factorial exploratorio del (SBI) para adolescentes escolarizados en Bogotá. La muestra estuvo compuesta por 567 adolescentes; pertenecientes dos colegios de la ciudad de Bogotá. La edad estuvo comprendida entre los 12 y los 19 años (M = 13,86; DT = 1,79). se aplicó la versión adaptada del SBI (School Burnout Inventory), que estaba formada finalmente por 12 ítems. La escala de respuesta fue tipo likert de seis puntos siendo 1 (casi nunca) y 6 (casi siempre). La versión adaptada a población colombiana del SBI fue administrada por un único evaluador dentro de las aulas. El anonimato y confidencialidad fueron garantizados. Se realizó el análisis de las propiedades psicométricas del SBI en una muestra adolescentes colombianos, donde se puede concluir, en primer lugar, los ítems presentan adecuadas propiedades psicométricas, lo cual asegura que cada uno de ellos, es pertinente para la evaluación del Burnout Escolar en adolescentes. En segundo lugar, el AFE muestra la estructura de tres dimensiones, al igual que los autores originales, siendo para la primera dimensión de agotamiento, los ítems (1, 5, 9 y 11); cinismo (2, 3, 6 y 7) y para Eficacia (4, 8, 10 y 12). Finalmente, se evidencia para la escala total una fiabilidad de 0,80 específicamente para la dimensión de agotamiento = 0,65, cinismo = 0,63 y eficacia = 0,55. El presente estudio ofrece por tanto el primer instrumento para evaluar el burnout en estudiantes adolescentes colombianos, sin embargo, es necesario continuar desarrollando el instrumento para obtener una mejor fiabilidad, estudiar la validez concurrente y confirmar el modelo factorial.

Burnout, adolescentes, AFE.

AVAL - Evaluación Psicológica

MEDICIÓN DE HABILIDADES MATEMÁTICAS Y PROCESOS COGNITIVOS. *Cecilia Murata, Mariel Musso y Ana Richter* (Universidad Argentina de la Empresa - UADE, Buenos Aires, Argentina)*

Las habilidades matemáticas son factores educacionales críticos para el desarrollo de países industrializados y consecuentemente se ha incrementado el interés en la alfabetización matemática. Las operaciones de probabilidad y cálculo estadístico se encuentran entre las habilidades matemáticas superiores. Tales operaciones son insumo clave en la toma de decisiones, sobre todo cuando se trata de la valoración del riesgo, y de decisiones en las que resulta importante la precisión. Ejemplos de la aplicación de estas operaciones son la valoración del riesgo en negocios, en la cuantificación del riesgo de salud, en niveles de exposición al peligro, entre otros. Algunos investigadores han establecido que el cálculo estadístico es un predictor importante en las estrategias de decisión, de reacciones afectivas, en decisiones de riesgo económico y en decisiones de consumo. Además, se han evaluado las decisiones de riesgo asociadas a logros educativos y habilidades o estilos cognitivos. La medición de las habilidades matemáticas superiores ha tomado distintas formas. En el ámbito de la salud se han desarrollado instrumentos que estiman la capacidad numérica a través de autoinformes. Sin embargo, una de las formas de evaluación más común es la evaluación del desempeño objetivo y concreto, esto es, a través de pruebas psicométricas. Entre las pruebas psicométricas que evalúan estas habilidades específicas se destacan las resultantes de las investigaciones lideradas por Lipkus y por Schwartz. El Test Aritmético Berlín se basó en las propuestas de estos autores constituyendo un instrumento válido, confiable y de aplicación rápida. El objetivo del presente trabajo fue estudiar los procesos cognitivos implicados en la comprensión de las operaciones de cálculo estadístico y probabilidad. Se seleccionó una muestra accidental de 200 estudiantes universitarios, de 18 a 45 años, de ambos sexos, que asisten a una universidad privada de Buenos Aires, Argentina. Se administraron el Test Aritmético Berlín, el Test de Redes Atencionales y una tarea automatizada de capacidad de memoria de trabajo (AOSPAN). El Test Aritmético Berlín consiste en la resolución de cuatro problemas. La resolución debe realizarse sin la ayuda de una calculadora, pero quien responde es libre de usar el espacio disponible para anotaciones y cálculos. El Test de Redes Atencionales provee una medida de las redes atencionales: Alerta, Orientación y Ejecutiva. Se le pide al participante que determine cuándo una flecha central apunta hacia la izquierda o hacia la derecha y que respondan tan rápido y precisamente como les sea posible. El AOSPAN mide la capacidad de memoria de trabajo. El participante es instruido para recordar una serie de letras que se presentan de a una por vez en una pantalla, mientras debe resolver cálculos aritméticos simples, con la mayor precisión y rapidez posible. Se presentan los resultados descriptivos de cada prueba, según sexo y otras variables socio-demográficas, así como las correlaciones entre las pruebas administradas.

Habilidades matemáticas – procesos cognitivos – Argentina

AVAL - Evaluación Psicológica

PRESENTACIÓN DE UN PROGRAMA DE TELESALUD PARA EL TRATAMIENTO DE LA AGORAGOBIA. *Wenceslao Peñate (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna), María José Roca Sánchez (Instituto de Biotecnología de la Universidad de Granada), Carmen T. Pitti (Dirección General de Salud Pública del Servicio Canario de la Salud), Lilisbeth Perestelo-Pérez (Servicio de Evaluación del Servicio Canario de la Salud), Juan Manuel Bethencourt (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna).*

Se presenta la web para el tratamiento de la agorafobia vía internet "Doctor Agora" (doctoragora.com/demo), con retroalimentación por parte del terapeuta.La teleasistencia ha demostrado ser un procedimiento eficaz, pero en menor medida que los procedimientos cara a cara, en un volumen importante de trastornos psicológicos, entre ellos las fobias. El tratamiento de elección en las fobias es la exposición con reestructuración cognitiva. Ocurre que en el caso de la agorafobia crónica, el procedimiento genera un importante número de abandonos (o de rechazo directamente), porque el recurso principal, la exposición en vivo, es el elemento central de sus problemas, recluyéndose, en los casos más graves, en sus hogares. El aplicativo de teleasistencia se fundamenta en las técnicas de exposición con reestructuración cognitiva y provee a los pacientes de técnicas cognitivo-conductuales para el afrontamiento de los escenarios fóbicos y la disminución de los niveles de ansiedad, evitando de entrada en tener que desplazarse y exponerse en vivo a los escenarios fóbicos. El programa consta de 11 sesiones, de carácter sucesivo: psicoeducación, técnicas de desactivación / relajación, técnicas de reestructuración cognitiva, exposición a estímulos virtuales, exposición en vivo.

Telesalud, tratamientos psicológicos vías internet, realidad virtual, agorafobia.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

TEST DE EMPAREJAMIENTO DE FIGURAS CONOCIDAS-20 (MFFT-20) ¿EVALUACIÓN POR FORMATO DE PAPEL O POR COMPUTADOR? *Diana Riaño-Hernández** (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia), Marcelino Cabrera (Universidad de Granada, Granada, España), Catalina Pedraza (Universidad Santo Tomás, Bogotá, Colombia) María Nieves Moyano**(Universidad de Granda, Granada, España)*

El constructo de Impulsividad-Reflexividad (I-R) propuesto por Jerome Kagan en los años 60, hace referencia a un estilo cognitivo caracterizado por las diferentes respuestas generadas por las personas, cuando se enfrentan a la solución de problemas que implican incertidumbre en la respuesta. Se han propuesto dos dimensiones de evaluación, la primera hace referencia al estilo de I-R, donde se encuentran personas que generan respuestas con gran número de errores y corto tiempo de latencia (Impulsivos) y otras con un bajo número de errores y alto tiempo de latencia (Reflexivos) (Buela-Casal, Carretero-Dios, Santos-Roig y Bermúdez, 2003). El objetivo del presente estudio es comparar los coeficientes de fiabilidad obtenidos de la aplicación del MFF-20 en una versión en formato ordenador (MFF-O) contra la versión en formato papel (MFF-P) y determinar las correlaciones Test- reTest, respecto al número de errores y latencias de respuestas. Obtener una versión del MFFT-20 en formato ordenador resulta útil puesto que dicha prueba es de uso constante en contextos educativos y permitiría evaluar de forma grupal a los niños de una forma más exacta. La muestra estuvo compuesta por 211 niños; de educación primaria del colegio Ave María Casa Madre y Tierno Galván de Granada-España. La edad estuvo comprendida entre los 6 y 11 años (M = 8,36; DT = 1,73). Se aplicó la versión en papel (MFF-P) y en ordenador (MFF-O) formado por 20 ítems, cada ítem se caracteriza por la presencia simultánea de un dibujo y seis opciones diferentes de respuesta de las que solo una es exactamente igual al dibujo modelo. La tarea del niño es buscar la opción que es exactamente igual al modelo. Los resultados muestran la consistencia interna (alfa de Cronbach) para la evaluación inicial del MFF-P y MFF-O fue, en orden, 0,82 y 0,84 para errores, y 0,93 y 0,95 para latencias. se muestran las medias y desviaciones típicas para los errores y latencias en el Test de cada una de las muestras junto con la diferencia entre medias. Para las puntuaciones de los errores y latencias, no se observan diferencias significativas entre los grupos. Se observa para ambas muestras (MFF-P y MFF-O) una adecuada consistencia interna, siendo sus valores más altos para la muestra evaluada con la versión en ordenador (MFF-O). Asimismo, no se hallaron diferencias significativas entre MFF-P y MFF-O.. Por lo cual se puede concluir que la versión del MFF-20 en ordenador (MFF-O) es una versión que permite evaluar la I-R en niños, lo cual resulta útil puesto que dicha prueba es de uso constante en contextos educativos y permitiría evaluar de forma grupal a los niños de una forma más exacta.

Evaluación, Impulsividad-Reflexividad

AVAL - Evaluación Psicológica

A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO NA AUTOPERCEPÇÃO DE UNIVERSITÁRIAS COMO PARCEIRAS ROMÂNTICAS. *Anthonieta Looman Mafra, Felipe Nalon Castro, Wallisen Tadashi Hattori, Fívia de Araújo Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

Os seres humanos são caracterizados por sua complexidade, que os leva a aprimorar cada vez mais seu sistema de sobrevivência e reprodução. Para isso, diferentes estratégias são utilizadas, incluindo a etapa de escolha de parceiros românticos, em que muito nos assemelhamos aos outros animais. Na maioria das espécies, a fêmea é tida como recurso limitante pelo qual os machos competem. Este fato ocorre, principalmente, pelo grande investimento fisiológico da fêmea com gestação e amamentação. No momento de selecionar um parceiro romântico, vários fatores podem influenciar. Um desses fatores é o meio no qual estamos inseridos, que pode modificar nossa autoavaliação, modelando, assim, nossas exigências para escolha de parceiros românticos. De forma a entender melhor esse sistema de escolha em mulheres, foi realizada uma pesquisa com 94 universitárias do Rio Grande do Norte sobre como a sua autopercepção enquanto parceira romântica pode ser influenciada pelo contexto no qual estão inseridas. A pesquisa consistiu de duas etapas: na primeira, as voluntárias respondiam a um questionário sobre sua autoavaliação de acordo com nove características (rosto bonito, corpo bonito, saúde, sociabilidade, bom humor, sinceridade, condição financeira, inteligência e determinação/trabalhador) em escalas Likert de 10 pontos, seguidas por uma avaliação da sua atratividade geral em uma reta de 9,5cm, na qual a participante deveria marcar quão atraente julgava ser para o sexo oposto (quanto mais a direta da reta marcasse, mais atraente ela julgava ser e quanto mais a esquerda, menos atraente). Após um período de 15 a 30 dias, a segunda etapa era realizada. Nesta etapa, cada participante recebia um caderno, que continham perfis e fotos de mulheres. Nestes cadernos, existiam oito condições experimentais, com apenas um tipo de perfil por condição. As oito condições apresentavam diferentes níveis de atratividade física, personalidade e condição, variando entre os níveis: alto e baixo. Depois de realizar a leitura desse caderno, a voluntária deveria fazer sua autoavaliação de acordo com as mesmas características anteriormente pesquisadas e marcar, novamente, sua atratividade em uma reta de 9,5cm. Os dados analisados mostraram que não houve diferença da atratividade entre as autoavaliações antes e após a exposição ao contexto para a amostra coletada. No entanto, foi possível observar que tanto mulheres que se avaliaram baixo como as que se avaliaram alto no primeiro questionário mantiveram a mesma média após a exposição ao contexto. Este resultado sugere uma possível diferença de autoestima na população estudada, mais do que propriamente uma influência do contexto na autopercepção como parceira romântica.

BIO

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A LÓGICA POR TRÁS DOS CONTRATOS SOCIAIS. *Jordana da Costa Barbalho**, Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)*

O trabalho objetivou verificar o uso da lógica condicional na verificação de violação de regras em contextos abstratos e em contextos sociais através da ferramenta "Teste de seleção de cartas de Wason" de acordo com o nível de conhecimento em lógica formal pelos participantes. Estudos anteriores mostram que o índice de acerto é de cerca de 25% nos testes de caráter abstrato contra 75% nos de caráter social. Para alguns autores isso é prova de que nosso cérebro evoluiu dentro de e para um contexto de grupo cooperador. Entretanto, estudos anteriores não incluíram na sua amostra sujeitos que receberam ensino formal de lógica, excluindo o papel da aprendizagem na resolução deste tipo de problema. Participaram desta pesquisa de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE, 336 sujeitos estudantes com idade entre 16 e 55 anos, oriundos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Instituto de Aulas Particulares (IAP). Os participantes respondiam um questionário sociodemográfico, que incluía informações sobre aprendizagem formal de lógica, e um caderno que continha quatro testes de seleção de cartas de Wason (dois de caráter social e dois de caráter abstrato) além de três tarefas distrativas envolvendo cálculo, atenção e semântica, apresentadas entre os testes. Os dados foram analisados considerando o desempenho dos participantes em função do tempo de realização da tarefa, do índice de acertos e erros na realização das questões, do sexo e da aprendizagem formal de lógica. Não foram encontradas diferenças entre o índice de acerto e o tempo de resolução dos testes para os grupos com diferentes níveis de aprendizado em lógica formal nem de diferentes áreas. Independente da área de formação ou da experiência com lógica formal, homens têm melhor índice de acerto e menor tempo de resolução nos testes de caráter abstrato. Diferentemente do esperado, mulheres não mostraram desempenho melhor nos testes de caráter social. Em parte, tais resultados corroboram outros trabalhos que demonstram que há diferenças cerebrais entre homens e mulheres, tendo os primeiros melhor desempenho em tarefas analíticas. O baixo desempenho das mulheres nos testes de caráter social talvez se deva à distribuição delas na amostra que, por razões circunstanciais, continha mais homens. Mais do que tratarmos de uma capacidade geral na população humana quanto à verificação de violação de regras em contextos sociais, nossos resultados sugerem que as tendências inatas típicas de cada um dos sexos podem trazer respostas importantes na compreensão da lógica que utilizamos em nossos contratos sociais.

Raciocínio lógico, teste de seleção de cartas de Wason, diferenças sexuais

UFRN, CNPq

BIO

A SATISFAÇÃO CONJUGAL DE HOMENS E MULHERES RESIDENTES NO PARÁ. *Keila do Socorro da Silva Rebello (Secretaria de Estado de Assistencia Social), Regina Célia de Souza Brito (Universidade de São Paulo)*

Neste estudo investigamos as percepções que homens e mulheres têm de seus relacionamentos conjugais. Estas percepções seriam parte dos mecanismos de monitoramento da satisfação com o relacionamento, de acordo com a Psicologia Evolucionista, referencial téorico utilizado neste trabalho, baseado fundamentalmente na teoria evolutiva darwinista. Especificamente, nosso objetivo foi verificar de que forma os homens e mulheres casados ou em união estável, residentes na região metropolitana de Belém, avaliam a qualidade de seu relacionamento conjugal atual. Utilizando a escala MARQ como instrumento de medida de satisfação conjugal, tanto os homens quanto as mulheres apontaram o ciúme sexual como fator mais importante para a satisfação conjugal - para 99% das mulheres e 98% dos homens - o que indica a preocupação de ambos com a fidelidade do parceiro. Como segundo fator mais importante, foi apontada a conciliação - por 94% das mulheres e por 93% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de assertividade no contexto de seus relacionamentos. Como terceiro fator mais importante, foi apontada a detecção de problemas com o relacionamento - por 96,5% das mulheres e 95% dos homens, o que indica que ambos estão satisfeitos com o nível de comprometimento do parceiro com o relacionamento conjugal. Utilizando estatística descritiva, encontramos que, dos 100 homens e das 100 mulheres participantes desta pesquisa (N=200), 86% deles avaliaram como satisfatórios seus relacionamentos conjugais, cuja duração média foi 12,62 anos, a maioria oriundos da classe média, segundo a escala Hollinshead, utilizada para avaliar o status socioeconômico dos participantes. A média de idade dos homens em 39,9 anos e das mulheres de 37,08. Os homens tiveram, em média, rendas ligeiramente mais altas que suas esposas e estas por sua vez tiveram, em média, seus níveis de escolaridade ligeiramente maior que os de seus maridos, concentradas na graduação e pós-graduação, enquanto que eles concentrados no ensino médio e técnico. Estas diferenças encontradas nas características sociodemográficas entre os sexos estão de acordo com os pressupostos teóricos da Psicologia Evolucionista relacionados às preferências na seleção de parceiros para homens e mulheres. O ciúme estaria influenciando fortemente o comportamento amoroso de homens e mulheres paraenses. Diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos foram bastante diluídas entre os fatores e não afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento. Ainda que milhares de anos tenham decorrido entre a seleção dos mecanismos psicológicos como o do amor, do ciúme e do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/conjugal, estes mecanismos continuam proporcionando adaptabilidade aos homininéos na contemporaneidade, especialmente na manutenção de parcerias amorosas.

Palavras-chave: satisfação conjugal, mecanismos psicológicos, psicologia evolucionista

BIO

AVALIAÇÃO DO VIÉS DE ATENÇÃO PARA PISTAS ASSOCIADAS AO COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE CRACK. *Silvia Mendes da Cunha**, Raul Gonçalves*, Augusto Pires**, Renata Brasil Araujo e Lisiane Bizarro (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento; Instituto de Psicologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, RS).*

Dependentes químicos apresentam viés de atenção (VA) para pistas ambientais relacionadas à sua substância de escolha. Pistas ambientais são objetos ou parafernália associada ao consumo. O VA é a tendência a alocar a atenção para alguns estímulos do meio em detrimento de outros. A avaliação do VA pode ser utilizada como um marcador da severidade da dependência e risco de recaídas. Por isso, o objetivo principal deste estudo foi avaliar o VA de dependentes de crack em tratamento. Adaptou-se uma tarefa computadorizada já utilizada para avaliar o VA em fumantes e em alcoolistas em nosso laboratório para desenvolver a primeira Tarefa de Atenção Visual Crack (TAVC). Na TAVC, uma seta é apresentada à esquerda ou à direita do campo visual numa tela de computador, e os participantes são instruídos a pressionar o botão do teclado que corresponde à direção apontada pela seta (para cima ou para baixo). Antes da seta aparecer, ela é encoberta durante 50, 500 ou 2000ms (tempos de exposição) por um par de imagens (uma imagem crack relacionada e uma controle) aleatoriamente selecionado dentre 12 pares. O VA foi calculado subtraindo-se o tempo de reação à apresentação da flecha quando esta substituía as imagens crack do tempo de reação quando ela substituía as controle. A TAVC foi aplicada a 115 homens maiores de 18 anos, classificados nos grupos Experimental (participantes em tratamento modalidade internação para dependência de crack; n=60), Controle I (participantes em tratamento modalidade internação para dependência de álcool; n=29) e Controle II (participantes não abusadores ou dependentes de nenhuma substância; n=26). Além disso, os participantes avaliaram a relevância e agradabilidade das imagens. A vontade de consumir crack foi avaliada antes e após a execução da tarefa. Não foi encontrada diferença quanto ao VA entre os grupos, entre os tempos de exposição ou na interação destes fatores. Os grupos Experimental e Controle I apresentaram tempo de reação maior ($p<0,001$). Os participantes do Grupo Experimental atribuíram maior relevância às imagens associadas ao comportamento de consumir a droga em comparação aos grupos-controle ($p<0,05$), sugerindo que as imagens são adequadas para avaliar o VA para tais pistas. Quanto à agradabilidade, ambos os tipos de imagens (crack e controle) foram avaliadas negativamente por todos os grupos. Não houve diferença na vontade de consumir crack antes e depois da TAVC em nenhum dos grupos. As imagens parecem adequadas quanto à relevância e a ausência de diferença no viés entre os grupos pode dever-se a uma dificuldade em responder à tarefa entre os participantes em tratamento.

Viés de atenção, crack, Tarefa de Atenção Visual Crack

bolsa doutorado CAPES

BIO

CONSCIÊNCIA DE SI E A DOENÇA DE ALZHEIMER: UM ESTUDO TEÓRICO. *Mariana da Silva Amorim* e Mariane Lima de Souza (Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)*

Este estudo teve como objetivo uma revisão da produção científica acerca da consciência de si (self) e sua relação com aspectos psicológicos da sintomatologia e evolução da Demência de Alzheimer (DA) nos últimos seis anos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se como fonte artigos de periódicos acessíveis através de bases de dados nacionais e internacionais, entre os anos 2006 e 2011. Inicialmente, foram pesquisados artigos em português e inglês a partir dos descritores 'consciência de si', 'percepção de si', 'self-consciousness', 'self-perception', 'self' e 'Alzheimer'. Em seguida, nova triagem com foco na temática dos resumos, compôs a amostra final de sete artigos, incluídos somente aqueles que combinaram 'Alzheimer' com pelo menos um dos temas referidos pelos quatro primeiros descritores. Os dados coletados foram analisados quantitativamente (distribuição numérica das publicações por ano, periódico, área de conhecimento em que o estudo se concentrou e instituição de pesquisa a que os autores eram vinculados), bem como qualitativamente, focalizando os principais achados apontados nos estudos e suas consequências para o entendimento da relação entre self e DA. Os resultados apontaram um número pequeno (N=07) de estudos publicados no período. Os artigos concentraram-se em três áreas de conhecimento: psicologia (n=2), psiquiatria (n=3) e neurologia (n=3). Os pesquisadores eram vinculados a diferentes instituições, distribuídas por quatro países, incluindo o Brasil, em quatro continentes. A análise qualitativa dos artigos sugere que os pesquisadores estão atentos ao impacto de variáveis psicológicas no desenvolvimento da DA e na qualidade de vida do indivíduo portador de demência. Os principais achados apontam para uma ruptura do self que impossibilita a percepção de pertença única no mundo, destacando como principal sintoma a anosognosia, isto é, a incapacidade de ter consciência de si. Somado a isso, o grau de consciência do portador de Alzheimer de sua doença aparece como determinante no surgimento de sintomas secundários como depressão e apatia. Embora tais sintomas secundários possam ser amenizados por fármacos cada vez mais especializados, o sofrimento gerado por uma agravante crise de identidade derivada da progressiva perda da consciência de si escapa ao tratamento. Conclui-se que, apesar de ainda escassos, os estudos sobre a consciência de si na DA são fundamentais tanto para a melhor compreensão do fenômeno self, quanto para um entendimento mais preciso do impacto psicológico da doença no próprio paciente.

Palavras-chaves: consciência de si, percepção de si, Alzheimer.

Nível: Iniciação Científica – IC- (Trabalho de Graduação).

BIO

DIFERENÇAS SEXUAIS NA PREFERÊNCIA DE CORES: CONSTRUÇÃO SOCIAL OU MECANISMOS EVOLUTIVAMENTE SELECIONADOS? *Cláudia de Moraes Bandeira**, Jean Carlos Natividade**, Heitor Barcellos Ferreira Fernandes*,Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Os estudos na área da psicologia sobre as cores sugerem haver um componente transcultural nos padrões de preferência por determinadas cores. Entre esses padrões, podem-se apontar diferenças entre os sexos, tais que homens preferem azul ou verde com maior frequência que as mulheres. Elas, por sua vez, preferem roxo, vermelho e rosa com maior frequência que os homens. Esses padrões não foram suficientemente explorados no Brasil. Diante disso, elaborou-se este estudo com o objetivo de testar a replicabilidade das diferenças entre sexo na preferência por cores. Participaram 349 pessoas com média de idade de 28,4 anos, sendo 65,3% mulheres. A escolaridade variou de ensino médio completo a ensino de pós-graduação completo, sendo a maioria de ensino superior incompleto. Foi utilizado um questionário em plataforma on-line com perguntas sociodemográficas, um quadro com nove cores (baseado no Teste das Cores de Lüscher, com a inclusão do branco), escalas de seis pontos para atribuição do grau de apreciação de cada cor e uma questão solicitando a escolha de apenas uma cor como a preferida. A partir das médias da escala de apreciação das cores, realizou-se uma ANOVA e verificou-se que as cores foram diferentemente apreciadas pelos participantes em geral. O preto, branco, azul e verde foram as cores que tiveram a maior média de apreciação; já o marrom obteve a menor média. Testes qui-quadrado permitiram constatar que a distribuição de preferência das cores não foi aleatória para os participantes em geral. O verde foi escolhido por um maior número de participantes e o cinza foi menos frequentemente escolhido. Quanto às diferenças entre os sexos, foram realizados testes t de Student e verificou-se que duas cores mostraram diferenças nas médias de apreciação: o azul foi mais apreciado por homens, enquanto o roxo foi mais apreciado por mulheres. Em relação à escolha das cores preferidas, verificou-se associação entre o sexo e duas cores: o azul foi escolhido por um número maior de homens enquanto o roxo foi escolhido por um número maior de mulheres. Os resultados obtidos neste estudo a partir duas fontes diferentes de informação (apreciação e escolha de cor preferida) sustentam os achados encontrados em outras culturas sobre diferenças sexuais em relação à preferência por cores. Hipóteses evolucionistas sugerem que a distinção entre preferência por cores foi selecionado em função das características biológicas de ambos os sexos, bem como das atividades desenvolvidas por homens e mulheres no ambiente de adaptação evolucionário. Pode-se concluir que o estudo replicou os achados em outras culturas quanto à preferência por cores entre homens e mulheres, apontando para padrões de preferência comuns aos sexos que reforçam hipóteses evolucionistas.

Cor; diferenças sexuais; preferência por cores

CAPES, CNPq

BIO

DIFERENÇAS SEXUAIS NAS RESPOSTAS A CENÁRIOS IMAGINÁRIOS DE INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL. *Vinicius Santos Ferreira** (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF), Rafael de Melo Balaniuk* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Vitor Gomes Rodrigues* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Foi verificado na literatura que homens e mulheres reagem diferencialmente a sinais de infidelidade sexual e emocional de seus parceiros. Psicólogos evolucionistas propõem que isso aconteceria devido aos distintos problemas evolucionários enfrentados por cada um dos sexos. Devido à incerteza de paternidade, problema comum a machos de diferentes espécies de mamíferos, homens teriam mecanismos de ciúme mais afetados por sinais de infidelidade sexual. No caso das mulheres a ajuda de um parceiro seria muito vantajosa já que ela necessita de uma grande quantidade de recursos devido a gestação, amamentação e cuidado parental; isso as tornariam mais reativas a sinais de infidelidade emocional, devido ao risco de perder os recursos investidos por seu parceiro para uma rival. Essa hipótese vem sendo amplamente testada através dos chamados "Dilemas de Buss". Cada um destes é composto por um par de cenários imaginários (um de infidelidade sexual e outro de emocional) que deve ser respondido por uma escala de escolha forçada indicando qual dos dois cenários é mais perturbador. Esse estudo verificou a hipótese evolucionista através dos "Dilemas de Buss" pela primeira vez em uma amostra da cidade de Brasília. A amostra foi composta por 51 estudantes universitários (25 homens e 26 mulheres), com média de idade de 23,12 anos, sendo que 61% estão atualmente envolvidos em uma relação romântica. Foram aplicados dois dos Dilemas de Buss em forma de questionário. Ambos foram precedidos pela seguinte introdução "Por favor, pense em uma relação de envolvimento romântico séria que você teve no passado, tem agora ou que você gostaria de ter. Imagine que você descobre que a pessoa com a qual você esta seriamente envolvida torna-se interessada em outra pessoa. O que te perturbaria ou incomodaria mais? (Por favor circule apenas uma alternativa para cada um dos dois dilemas).". O primeiro dilema foi composto pelos seguintes cenários (a) "Imagine o seu parceiro formando um profundo vínculo emocional com essa outra pessoa" e (b) "Imagine seu parceiro desfrutando de uma ardente relação sexual com essa outra pessoa". O dilema dois foi composto pelos cenários (a) "Imagine seu parceiro tentando diferentes posições sexuais com essa outra pessoa" e (b) "Imagine seu parceiro se apaixonando por essa outra pessoa". No primeiro cenário observou-se que 64% dos homens contra 7,7% das mulheres elegeram a infidelidade sexual como mais perturbadora; essa diferença foi estatisticamente significativa x^2 (1) = 17,69, (p = 0,000). No segundo cenário o mesmo se repetiu com 52% dos homens contra 7,7% das mulheres x^2 (1) = 12,05, (p = 0,001). Lembrando que o cálculo da infidelidade emocional é a porcentagem oposta a sexual, portanto mulheres foram mais suscetíveis a sinais de infidelidade emocional do que os homens. Conclui-se que a hipótese evolucionista foi apoiada e que a obtenção desses resultados em uma nova amostra depõe a favor da universalidade das diferenças sexuais na ativação do ciúme.

Ciúme, diferenças sexuais, Infidelidade sexual e emocional

Bolsa de mestrado CAPES.

BIO

EFEITO DE DIFERENTES MAGNITUDES DE REFORÇO SOBRE O EFEITO DE OMISSÃO. *Danielle Marcilio Judice-Daher, Henrique Guindaline Deliberato, José Lino Oliveira Bueno (Universidade de São Paulo)*

Os Efeitos de Omissão de Reforço (EORs) são caracterizados por taxas de respostas mais altas após a omissão do reforço (N) do que após a liberação do reforço (R). Esses efeitos têm sido interpretados tradicionalmente em termos de um dentre dois fatores: (1) facilitação comportamental após N induzida por frustração primária; (2) supressão comportamental após R induzida pelo estado pós-consumatório. A abordagem proposta por Amsel e Roussel (1952) para se interpretar os EORs em termos de Efeitos de Frustração prediz que há uma relação positiva entre a facilitação do comportamento após N e a magnitude do reforço: quanto maior a discrepância entre o reforço esperado e o reforço obtido, maior o Efeito de Frustração. Os estudos realizados para analisar esta relação entre magnitude do reforço e efeito de omissão obtiveram resultados contraditórios. Recentemente, os resultados de um estudo empregando esquemas de intervalo-fixo com limited hold e diferentes magnitudes de reforços (0,05 e 0,5 ml de água) sugeriram que a magnitude do reforço continua controlando o comportamento após a omissão do reforço, mas não em um sentido de facilitação comportamental. Tem sido sugerido que qualquer que seja a relação entre os EORs e a magnitude do reforço, ela é sutil e de difícil documentação. Portanto, o presente estudo procura ampliar a compreensão de como magnitudes de reforço atuam sobre os EORs utilizando, para tanto, maiores discrepâncias entre reforços e uma diferença qualitativa em seus estímulos reforçadores. Ratos foram submetidos a um Treino de Aquisição no qual dois esquemas de intervalo-fixo 12s com limited hold 6s sinalizados foram apresentados, aleatoriamente, na mesma sessão. A resposta correta sempre foi seguida da liberação de uma dentre duas magnitudes de reforço (0,05 ou 0,5 ml de solução de sacarina 0,15%). Nas sessões de Teste, foi introduzida a omissão parcial do reforço. Os resultados do Treino de Aquisição sugerem que: (1) o reforço de maior magnitude melhorou a discriminação temporal das respostas no decorrer do intervalo-fixo em relação ao reforço de menor magnitude; e (2) que o estímulo exteroceptivo evocou propriedades antecipatórias as quais se associaram as duas magnitudes de reforço. Os dados das sessões de Teste mostraram que tanto a omissão do reforço de maior magnitude quanto do reforço de menor magnitude produziu os EORs, pois a média de resposta foi mais alta após a omissão do reforço do que após a liberação deste. Além disso, os dados mostraram que a média de resposta foi mais alta após a omissão do reforço de maior magnitude que de menor magnitude. Porém, não houve facilitação comportamental após a omissão do reforço, seja o de maior ou o de menor magnitude. Estes resultados apoiam a sugestão de que a magnitude do reforço continua controlando o comportamento após a omissão do reforço, mas não em um sentido de facilitação comportamental.

Efeitos de omissão do reforço, magnitude do reforço, condicionamento operante, ratos

CNPq

BIO

NEUROPSICOLOGIA NO HOSPITAL GERAL DE RORAIMA. *Soraya Ivon Ramirez Moreno, Erlândio Andrade de Sousa* (UFRR, Boa Vista, Roraima)*

A Neuropsicologia é uma ciência que se interessa em estabelecer relações entre o funcionamento do sistema nervoso central, processos cognitivos e comportamento, levando em consideração fatores qualitativos e quantitativos. Assim ela se faz relevante em estudos, como auxílio diagnóstico, prognóstico, orientação para o tratamento, auxílio para planejamento da reabilitação, seleção de pacientes para técnicas especiais e perícia. Com isso, o objetivo deste trabalho foi levantar dados acerca da existência (ou não) do serviço de neuropsicologia em um dos principais centros de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) de média e alta complexidade em saúde de Boa Vista, o Hospital Geral de Roraima (HGR), em caso de resposta negativa, vislumbrar os empecilhos e facilitadores quanto à possibilidade de uma futura implantação de um Serviço de Neuropsicologia no HGR, além de conhecer, a partir das falas dos sujeitos entrevistados, as principais demandas passíveis de atendimento neuropsicológico. Para tanto, foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com seis profissionais vinculados ao HGR, sendo três psicólogas, dois neurologistas e um neurocirurgião, Obtivemos como resultados aspectos que foram considerados como empecilhos: a) a pouca interdisciplinaridade nos atendimentos; b) o fato de os psicólogos não frequentarem as reuniões clínicas; c) questões infraestruturais, como disposição de uma sala adequada para guardar matérias de avaliação, desde formulários específicos a testes padronizados, além da aquisição destes mesmos materiais; d) escassez de recursos humanos, tanto de profissionais psicólogos e neuropsicólogos quanto neurologistas e neurocirurgiões; e) a inexistência de um vínculo, entre as Instituições de Ensino Superior (IES) locais que oferecem o curso de Psicologia ou uma especialização em Neuropsicologia, que favoreça a implantação de um possível Serviço; e f) a incipiente realização de trabalhos interdisciplinares no âmbito acadêmico local. Entenderam-se como facilitadores: a) a existência de profissionais especializados; e b) a visão positiva por parte de todos os entrevistados quanto a uma futura implantação do Serviço. Por fim, considera-se interessante a possibilidade de, em trabalhos futuros, verificar a realidade *in loco* de serviços de Neuropsicologia já implantados em outros Estados do país, a fim de se coletar materiais relevantes à montagem de um projeto fundamentado para a implantação desse serviço. Destaca-se que houve grande dificuldade em encontrar, em periódicos eletrônicos, informações advindas destes centros especificamente sobre a implantação e funcionamento de seus serviços de Neuropsicologia.

Apoio financeiro UFRR

Palavras Chave: Neuropsicologia –hospital – implantação.

IC

BIO- Neurociências

EFEITOS DA EXPOSIÇÃO AO ETANOL NA ADOLESCÊNCIA SOBRE A ANSIEDADE E A EXPOSIÇÃO AO RISCO EM RATOS WISTAR. *Letícia Scheidt**, Augusto Pires**, Jonatas A. F. Passos**, Lisiane Bizarro, Rosa M. M. de Almeida (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Introdução: A adolescência é uma importante etapa do neurodesenvolvimento do córtex pré-frontal. Comportamentos impulsivos e de risco, de responsabilidade do córtex pré-frontal, muitas vezes relacionados a uma intensa busca por reforçadores imediatos, apresentam importante prevalência nesta etapa do ciclo vital em virtude dessa imaturidade do sistema executivo. Desta forma, os adolescentes tendem a não avaliar seus comportamentos que podem acarretar em consequências negativas em determinados contextos, como implicações para o uso de álcool e outras substâncias. O consumo de bebidas alcoólicas em padrões intermitentes, denominados binge, é comum durante a adolescência. O uso de álcool pode ocasionar alterações neurológicas e comportamentais permanentes durante a adultez. Objetivo: Avaliar os efeitos da exposição ao álcool durante a adolescência, em episódios binge, sobre a ansiedade e comportamentos de risco de ratos Wistar. Método: Quarenta ratos machos Wistar foram distribuídos em três grupos, com administração de etanol por gavagem, sendo o grupo A30 com dose 3.0g/kg (15% w/v em água, 2ml/100g), o grupo A10 com 1.0g/kg (10% w/v em água, 1ml/100g) e o grupo controle, com água (alternando volumes de 1 ou 2ml/kg). Na ocasião da primeira administração, aos 30 dias, os ratos pesavam em média 90g. No total, nove administrações foram realizadas. No 64° dia pós-natal, portanto ainda na adolescência, os animais foram testados no Labirinto em Cruz Elevado. Os comportamentos foram filmados e os parâmetros avaliados pela análise das imagens gravadas. Foram analisadas a freqüência e a duração de entradas nos braços abertos e fechados e área central; e a freqüência e a duração de levantamentos (rearing), mergulhos (head dipping) e ato de espreitar (risk assessment). Resultados: A latência para head dipping, relacionado a comportamentos de risco apresentou importante significância (F= 3,42; p=0,43). Sujeitos dos grupos A10 e A30 apresentaram média de tempo de aproximadamente 42 e 43 segundos a menos do que os controles. A latência para risk assessment apresentou uma tendência a significância (F=2,82; p=0,69). O grupo Controle apresentou média 29,8s, enquanto os grupos A10 e A30 apresentaram 17,8s e 20,2s, respectivamente. As outras variáveis relacionadas a ansiedade (latência, freqüência e permanência nos braços abertos e fechados) não apresentaram significância estatística. Discussão: O head dipping no labirinto em cruz elevado é normalmente associado com comportamento de risco, portanto pode-se observar que os animais que tiveram administração de doses de álcool levaram menos tempo para dar início aos mergulhos nos braços abertos (latência), podendo indicar tendência a maior exposição a risco.

Etanol, ansiedade, adolescência

BIO

ENSAIO CONTROLADO RANDOMIZADO PARA AVALIAR O EFEITO DE UM TREINO DE SEIS SEMANAS DE MEDITAÇÃO NO VIÉS DE RESPOSTA EM UMA TAREFA DE DISCRIMINAÇÃO. *Carolina Baptista Menezes** (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Mirtes G. Pereira (Laboratório de Neurofisiologia do Comportamento, Instituto Biomédico, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ), Lisiane Bizarro (Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A meditação sentada e silenciosa da atenção focada compreende a focalização voluntária e sustentada da atenção em um determinado objeto (p.ex., um som), com o objetivo de desenvolver habilidades de regulação atencional e emocional. Apesar de a meditação se distinguir do simples treino cognitivo, uma vez que a prática não deve envolver esforço, tampouco gerar fadiga, estudos têm apontado uma relação significativa entre a meditação e uma melhor performance atencional em tarefas que exigem controle executivo. No entanto, a maioria dos estudos investigou intervenções de dois e três meses; a meditação do tipo mindfulness; e às vezes combinando a meditação formal com outras técnicas. O objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito de um treino exclusivamente de meditação sentada e silenciosa da atenção focada em parâmetros atencionais através de uma tarefa de discriminação, comparando os índices de discriminação e viés de resposta antes e depois do treino. Estudantes universitários foram randomizados ao grupo de meditação (N=35), de relaxamento progressivo (N=37), ou lista de espera (N=28). 120 imagens neutras e 120 emocionais - negativas e ativadoras - (9º x 12º), flanqueadas por duas barras periféricas (0.3º x 0.3º), equidistantes do centro da figura (9º), foram igualmente e randomicamente distribuídas e apresentadas em três blocos, um com baixa carga de atenção (B) e dois com alta carga (A). Os participantes indicavam se as barras estavam paralelas, ou não, pressionado um de dois botões. Nas condições B e A, respectivamente, as barras diferiam 90º e 6º em metade das tentativas. Cada tentativa começava com uma cruz de fixação (1500ms), seguida por uma figura com barras (200ms). A seguir, um quadro de xadrez permanecia na tela até a resposta ou por 2000ms. ANOVAs mostraram que não houve diferença na discriminação comparando os grupos (meditação=26; relaxamento=24; controle=24) pré e pós teste; apenas a dificuldade da tarefa afetou a discriminação, a qual foi pior para a condição de alta carga [$F(1,68) = 739.8$, $p < .001$; B > A]. O viés de resposta também foi afetado pela carga [$F(1,68) = 81.2$, $p < .001$; B < A]. Além disso, houve uma interação significativa entre carga x tempo x grupo [$F(2,68) = 4.02$, $p = .02$]: a meditação (M = .58, SE =.36) e o relaxamento (M = .65, SE =.36) apresentaram uma redução no viés de resposta em relação ao controle (M = .69, SE =.37), mas apenas depois do treino na condição de alta carga ($p < 0.05$). Também observou-se no pós-teste um efeito significativo de dose-resposta no viés de resposta, o qual foi menor na meditação, aumentando linearmente no relaxamento e no controle ($p= 0.02$). A redução do viés de resposta sugere que os participantes que fizeram meditação e relaxamento buscaram responder à demanda da tarefa conforme solicitado, ao invés de priorizar uma estratégia ou uma resposta automatizada, indicando que houve um maior controle executivo para guiar o comportamento orientado a um objetivo. A meditação mostrou o menor viés, consistente com achados prévios relacionando este tipo de treino com processos atencionais e de monitoramento.

Meditação da atenção focada, controle executivo, viés de resposta

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

BIO

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

FATORES QUE INFLUENCIAM A NEOFOBIA ALIMENTAR EM ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO. *Fívia de Araújo Lopes (Laboratório de Etologia Humana, Departamento de Fisiologia, Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN), Ivanise Augusta de Farias Luna Sandes*, Raí Nabichedí*, Suzanne Raissa Salvador Fernandes*, Diana Quitéria Cabral Ferreira (Curso de Nutrição, Universidade Potiguar)*

A diversidade da dieta dos seres humanos é surpreendente, conferindo vantagens adaptativas, mas proporcionando a complexa tarefa de decidir o que devemos comer. No entanto, apesar de ser onívoro, o ser humano, não apresenta uma tendência a consumir qualquer item desconhecido que encontre. A neofobia alimentar caracteriza-se pela relutância em experimentar alimentos novos ou mesmo cautela quanto à ingestão de alimentos desconhecidos. Indivíduos adultos apresentam enorme variação no grau de neofobia alimentar. Existem diversos fatores que podem estar envolvidos na expressão desse comportamento, como a idade, escolaridade, sexo e renda, entre outros. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi identificar o grau de neofobia alimentar entre estudantes de Nutrição e avaliar a influência de fatores sociodemográficos na resposta ao comportamento neofóbico. Participaram da pesquisa 178 indivíduos adultos (idade média = 25,7±5,5), de ambos os sexos, sendo 94,4% do sexo feminino, estudantes do curso de graduação em Nutrição da Universidade Potiguar, Natal-RN. Os participantes responderam, de forma voluntária e não remunerada, após assinatura de TCLE, a uma versão traduzida da Escala de Neofobia Alimentar (ENA - Pliner & Hobden, 1992). Os dados de escolaridade, poder aquisitivo, estado civil, idade e sexo foram coletados com um questionário sociodemográfico. Para análise dos dados foi utilizado o teste t de Student e o nível de significância adotado foi de 5%. Os indivíduos que possuíam outro curso superior completo apresentaram menor neofobia alimentar quando comparados com os que possuíam curso superior incompleto ($t(173) = -2,274$; $p=0,024$). Na comparação com base nas classes sociais (ABEP, 2012), os estudantes pertencentes às classes A e B apresentaram menores escores na ENA do que os estudantes das classes C e D ($t(173) = -2,761$; $p = 0,006$). Para os demais parâmetros não foram observadas diferenças significativas. Esses achados corroboram com outros estudos que mostram que o grau de escolaridade e o poder aquisitivo possuem uma relação inversamente proporcional ao comportamento neofóbico. Estudos apontam um maior escore na escala de neofobia alimentar para as mulheres, mas no presente trabalho deve-se considerar que uma das limitações foi o número reduzido de participantes do sexo masculino na amostra estudada, o que é uma característica comum nos cursos de Nutrição. A identificação de neofobia alimentar e a compreensão dos fatores que a influenciam é de extrema importância para que possa ser trabalhada a fim de atenuar esse comportamento neofóbico, principalmente naqueles profissionais que irão trabalhar com a alimentação da população e a prescrição dietética como principal ferramenta.

Neofobia alimentar, nutrição, perspectiva evolucionista

UFRN, APEC/UnP

BIO

FIGURAÇÃO HUMANA EM PINTURAS ABSTRATAS CUBISTAS E A PERCEPÇÃO SUBJETIVA DE TEMPO. *Francisco Carlos Nather, Paola Alarcon Monteiro Fernandes, José Lino Oliveira Bueno (Universidade de São Paulo)*

A percepção subjetiva de tempo pode ser afetada pelas características pictóricas de obras de arte, sendo uma delas a representação de movimento. A representação de movimento em pinturas abstratas e figurativas pode ser feita de diferentes maneiras, levando-se em consideração critérios de representação de movimento em obras de arte estáticas. Superestimações temporais, relacionadas a maiores níveis de arousal, foram obtidas quando pessoas observaram obras de arte bidimensionais com figuração humana de movimentos corporais com durações de 1,5 s de exposição. O presente estudo verificou se pinturas abstratas com diferentes tipos de representação de movimento afetariam a percepção subjetiva do tempo, se apresentadas por 3,0 s de exposição. Participaram do estudo 15 estudantes universitários não treinados em artes visuais (8 homens; 20,26 ± 2,12 anos). Para a realização do experimento foram utilizados: um notebook conectado a um monitor LG 19'; o programa Wave Surfer para exibição das imagens, e registro das estimações temporais e registro do tempo de latência; reproduções digitais de 20 pinturas dos movimentos artísticos: futurismo, cubismo, expressionismo abstrato, dentre outros. As estimações temporais foram realizadas de acordo com o paradigma prospectivo no método da reprodução. As pinturas foram apresentadas de forma aleatória pelo tempo de exposição de 3,0 s cada. Ao término da apresentação de cada uma, o participante estimou a sua duração. Em seguida, foram aplicadas as Escalas de Diferencial Semântico para avaliar as locuções Movimento, Arousal e Valência das pinturas (1-7 pontos). Os dados foram submetidos a análises de variância One Way (ANOVA) e de t-Student. Não foram verificadas diferenças nos valores médios das estimações temporais entre as 20 pinturas. Entretanto, houve diferença significativa para o tempo de latência: o valor médio desta variável para a pintura simbolizando uma pessoa descendo uma escada (cubista) foi maior que o das outras 4 pinturas deste e dos outros movimentos artísticos estudados (futurismo e expressionismo). Análises considerando apenas as 5 pinturas cubistas mostraram diferenças significativas para todas variáveis: estimação temporal, latência, percepção de movimento e níveis de arousal. A pintura simbolizando a pessoa descendo a escada foi julgada como tendo mais movimento e produzindo maior nível arousal que as demais. Ela foi estimada com maior duração que as pinturas abstratas simbolizando uma pessoa tocando uma guitarra. Além disso, quando comparadas com a duração real de 3,0 s de exposição, a pintura da pessoa descendo a escada foi superestimada, mas as pinturas de pessoas tocando uma guitarra foram subestimadas. Os resultados corroboram com estudos anteriores no enunciado de que o movimento representado numa obra de arte pode afetar a percepção subjetiva de tempo. Neste sentido, diferentes movimentos implícitos em obras de arte figurativas e abstratas podem ser suficientes para alterar a percepção de tempo.

Tempo subjetivo, imagens estáticas, movimento, pinturas

PIBIC/Santander, CNPq e FAPESP

BIO

FREQÜÊNCIA DE HISTÓRICO FAMILIAR DE TENTATIVA DE SUICÍDIO EM PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR. *Carolina Soraggi Frez*, Cristina Yumi N. Sediyama**, Isabela M. Lima**, Fabrícia Loschiavo-Alvares**, Fernando Neves, Humberto Corrêa, Leandro Malloy-Diniz (Laboratório de Investigações Neuropsicológicas, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Medicina Molecular, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais).*

Introdução: O Transtorno Afetivo Bipolar é caracterizado por uma alta prevalência de tentativa de suicídio, sendo que aproximadamente 25% dos pacientes apresentam comportamento suicida. Um dos fatores associados ao suicídio é o controle genético, portanto, a transmissão familiar é independente da transmissão de doenças psiquiátricas em si. O Transtorno Afetivo Bipolar apresenta um risco maior de comportamento suicida quando comparados com outros transtornos psiquiátricos. As taxas de suicídio em pacientes bipolares são em média 1% ao ano, cerca de 60 vezes a taxa de população internacional. Objetivo: O presente estudo tem como objetivo investigar a freqüência da medida de histórico familiar de tentativa de suicídio em pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar e controles, e comparar a prevalência desse construto em cada grupo. Método: A amostra contou com um total de 160 pacientes em eutimia, diagnosticados através do MINI Plus por psiquiatras do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo que 80 pacientes,com média de idade de 42,76 anos (dp=11,2), foram diagnosticados com Transtorno Afetivo Bipolar, sendo 57 pessoas do sexo feminino. O grupo controle contou com 80 sujeitos, com média de idade de 31,11 anos, sendo 57 pessoas do sexo feminino. Os pacientes foram entrevistados com protocolo específico para a verificação da presença de histórico familiar de tentativa de suicídio em cada grupo. Resultados: Em relação à análise estatística, optou-se por uma análise preliminar descritiva de frequência entre os grupos. Nesse sentido, o grupo de pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar apresentou 52.5% de histórico familiar de tentativa de suicídio e o grupo controle não apresentou histórico familiar de tentativa de suicídio. Conclusão: A literatura aponta para uma maior prevalência de histórico familiar de tentativa de suicídio no grupo de pacientes com Transtorno Afetivo Bipolar, quando comparado com os controles. Ressalta-se a importância desses achados, não só como preditores do comportamento suicida, mas também como indicadores de medidas profiláticas para a abordagem terapêutica do suicídio.

Suicídio, Transtorno Afetivo Bipolar e familiares

BIO

INCIDENCIA DE INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL EM UNIVERSITÁRIOS GOIÂNOS. *Vinicius Santos Ferreira**, Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Diversos estudos têm demonstrado que existe uma incidência muito alta de sexo extraconjugal entre homens e mulheres casados. Uma possibilidade teórica que vem ganhando força em pesquisas evolucionistas é a divisão da infidelidade em sexual e emocional. Homens mais do que as mulheres estariam dispostos a se engajar em sexo casual com terceiros, enquanto as mulheres, em comparação aos homens, tenderiam a buscar um envolvimento afetivo com terceiros. Poucos estudos têm investigado a prevalência na população e as diferenças sexuais desses aspectos da infidelidade. Esse estudo verificou a incidência de infidelidade sexual e emocional, nas duas vias possíveis, trair e ser traído e suas relações com variáveis de história de vida. Os resultados em universitários podem ser diferentes dos encontrados em pessoas casadas, já que as relações são menos sérias e houve menos tempo hábil para trair devido a pequena média de idade. A amostra foi composta por 302 estudantes universitários (133 homens e 169 mulheres), com média de idade de 21,08 anos. Foram excluídos dessa amostra os participantes com mais de 30 anos, que nunca fizeram sexo ou que nunca estiveram envolvidos em uma relação romântica. Os dados desse estudo foram obtidos por um questionário fechado de um estudo mais amplo sobre ciúme e traição. Todas as recomendações éticas foram seguidas. Nesse estudo foi encontrado que 55,5% dos homens e 48,3% das mulheres já traíram seus parceiros em algum momento da sua vida. Homens tiveram uma tendência maior a trair com sexo (58,2% dos que traíram), enquanto as mulheres tenderam a trair sem sexo (78,9% das que traíram). 65% dos homens e 72% das mulheres que já traíram relataram que pelo menos 2 de seus 3 amigos mais próximos já foram infiéis em um relacionamento; essa tendência a trair mais quando a maior parte de seus amigos próximos já traíram foi estatisticamente significativa para homens x^2 (1) = 6,93, p = 0,007 e mulheres x^2 (1) = 18,65, p < 0,001. Em relação a ter sido traído, 68% das mulheres souberam ou desconfiaram que foram traídas emocionalmente e 56,2% sexualmente. Mulheres relataram com maior freqüência que foram traídas emocionalmente quando a maior parte de seus amigos mais próximos traíam, x^2 (1) = 5,29, p = 0,032. No caso dos homens de 51,9% souberam ou desconfiaram de uma infidelidade emocional e 18,8% de uma sexual. Os homens que souberam ou desconfiaram de uma infidelidade sexual de seus pais foram mais propensos a inferir que foram traídos sexualmente, x^2 (1) = 4,06 (p = 0,038) e emocionalmente, x^2 (1) = 3,91, p = 0,036. Os resultados mostram uma surpreendente incidência de infidelidade sexual e emocional em universitários homens e mulheres, ainda mais se levarmos em conta a baixa média de idade dos participantes. Parece haver uma tendência a homens traírem mais sexualmente e mulheres sem sexo como predito pela hipótese evolucionista. Variáveis históricas e sociais relacionadas a influências de amigos e dos pais parecem modular a infidelidade ou a percepção desta.

Incidência, infidelidade sexual e emocional, diferenças sexuais

Bolsa de mestrado CAPES

BIO

O AMOR TRAZ FELICIDADE? DIFERENÇAS SEXUAIS NAS RELAÇÕES ENTRE O AMOR E O BEM-ESTAR SUBJETIVO. *Heitor Barcellos Ferreira Fernandes*, Jean Carlos Natividade**, Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Frequentemente especula-se a importância do amor enquanto um componente indispensável para a felicidade. Um modelo bem estabelecido (o Modelo Triangular do Amor de Sternberg) propõe que o amor é formado por três dimensões: intimidade (o sentimento de proximidade e conexão com o parceiro), compromisso (a vontade e a disposição para manter o relacionamento por um longo período), e paixão (a atração física e sexual pelo parceiro). Ainda que seja bastante discutida a importância do amor para a felicidade, as investigações a respeito dos efeitos do amor sobre o bem-estar subjetivo são escassas. O objetivo deste estudo foi verificar o poder das três dimensões do amor para predizer a satisfação de vida, afetos positivos e afetos negativos. Foram participantes 278 mulheres e 91 homens; a média de idade foi respectivamente 27,8 e 28,4 anos, sem diferenças significativas entre os sexos. Além disso, não foram encontradas associações entre o sexo dos participantes e o estado marital. Estavam namorando ou noivos 51,2%, 37,1% estavam casados, e 11,7% estavam envolvidos em relacionamento casual. Todos responderam um questionário online contendo questões sociodemográficas (sobre sexo, idade, escolaridade, estado marital, frequência de relações sexuais no último mês), uma escala de satisfação geral com o relacionamento, uma escala de satisfação com a frequência de relações sexuais, além de versões brasileiras da Escala Triangular do Amor, da Escala de Satisfação de Vida, e da Escala de Afetos Positivos e Negativos. Três análises de regressão foram realizadas para cada sexo: uma para satisfação de vida, uma para afetos positivos e uma para afetos negativos. Em todas as análises, foram incluídos como preditoras: frequência de relações sexuais no último mês, satisfação com a frequência de relações sexuais, satisfação com o relacionamento, e as três dimensões do amor. A variável satisfação com o relacionamento predisse positivamente a satisfação de vida, tanto para mulheres quanto para homens, explicando respectivamente 13,8% e 11,3% da variância. A variância explicada para o afeto positivo nos modelos para mulheres e para homens foi 15,8% e 24,6%. As variáveis preditoras desse afeto foram diferentes para os sexos: para ambos a satisfação com o relacionamento e paixão foram preditoras positivas; entretanto para mulheres a frequência sexual entrou como preditora positiva e, para homens, o compromisso entrou como preditora negativa. No modelo para afeto negativo a variância explicada para mulheres foi 7,4%, enquanto para homens foi 18,8%. Diferenças sexuais também foram encontradas nesse afeto: para ambos os sexos a satisfação com o relacionamento foi um preditor negativo, entretanto no modelo para homens o compromisso foi incluído como uma preditora positiva. Os resultados mostraram que a satisfação com o relacionamento foi a variável predominante em todas facetas do bem-estar subjetivo, agindo similarmente nos dois sexos. Os efeitos das três dimensões do amor foram diferentes entre os sexos e não explicaram muito além do já explicado pela satisfação com o relacionamento. Esses achados sugerem que estar em um relacionamento prazeroso, independente dos níveis de amor experienciados, é a mais importante contribuição dos relacionamentos para a felicidade.

Bem-estar subjetivo, amor, psicologia positiva

CNPq, CAPES

BIO

PINTURAS ABSTRATAS DA ARTE ÓPTICA ALTERAM A PERCEPÇÃO DO TEMPO. *Francisco Carlos Nather, Fernando Figueiredo Mecca, José Lino Oliveira Bueno (Universidade de São Paulo)*

Fotografias de esculturas de bailarinas do impressionista Edgar Degas, realizando diferentes passos de balé, alteraram a percepção subjetiva de tempo. Tempos de exposição curtos (1,5 s) e longos (36,0 s) destas imagens mostraram que a intensidade dos movimentos implícitos modulou a percepção temporal, independentemente dos tempos de exposição: imagens com 1,5 a 3,0 pontos de movimento implícito nas imagens foram subestimados, mas com 6,0 pontos foram superestimados. Formas geométricas, como quadrados em movimento numa tela de computador e expostas por cerca de 9,0 s (imagens em movimento), foram estimadas com maior duração que aquelas paradas. O presente estudo procurou verificar se formas geométricas estáticas (linhas justapostas que criam movimento ilusório óptico) poderiam afetar a percepção subjetiva do tempo, se apresentadas com diferentes tempos de exposição (9,0 e 36,0 s). Participaram do estudo 48 estudantes universitários não treinados em artes visuais (23 homens; 23,27 ± 4,07 anos). Para a realização do experimento foram utilizados: um notebook HP-Pavilion conectado a um monitor LG 19'; o programa Wave Surfer para exibição das imagens e registro das estimações temporais; reproduções digitais das pinturas "Chant 2" e "Fall" (Estímulos A e B) da artista plástica inglesa Bridget Riley, representante do movimento artístico Op Art. Respectivamente, juízes pontuaram estas pinturas com 2,0 e 6,0 pontos de intensidade de movimento a partir de uma escala tipo Likert de 1-7 pontos. A imagem da pintura "Diagonal Curve" (5,5 pontos), da mesma autora, foi utilizada para o treinamento do dos participantes no procedimento experimental. No método da reprodução, os indivíduos observaram cada estímulo por 9,0 (Grupo G9) ou 36,0 segundos (grupo G36). Eles reproduziram o tempo observado de acordo com o paradigma prospectivo, no qual eles são informados que farão estimações temporais. Após as estimações temporais, foram aplicadas as Escalas de Referencial Semântico para as locuções Movimento e Complexidade, bem como a respeito de como eles perceberam o movimento das pinturas. Os dados foram submetidos a análises de variância Two Way (ANOVA) e t-Student. No grupo G9 não foi verificada diferença estatística entre os valores médios das estimações temporais dos Estímulos A e B, bem como dos estímulos em relação ao tempo real de exposição das pinturas de 9,0 s. No grupo G36 os Estímulos A e B foram temporalmente diferenciados entre si: o Estímulo B (6,0 pontos de movimento) foi estimado com maior duração em relação ao Estímulo A (menos movimento). Entretanto, ambos não tiveram suas estimações médias significativamente diferentes da duração de exposição fixa de 36,0 s. Os resultados deste estudo confirmaram as informações obtidas em pesquisas anteriores, nas quais imagens de corpos humanos com maior movimento implícito, apresentadas por 36 s, foram estimadas com maior duração que aquelas com menos movimento implícito. A ausência de diferenças nas estimações temporais no grupo G9 pode indicar que processos cognitivos e de percepção de ordens superiores devem estar envolvidos na percepção do tempo e de movimento ilusório óptico nas obras de arte estudadas. Deste modo, 9,0 s podem ter sido curtos para que o efeito da percepção do movimento ilusório de formas geométricas simples, como linhas justapostas, afetasse a percepção temporal dos indivíduos.

Tempo subjetivo, imagens estáticas, movimento

CNPq e FAPESP

BIO

PREVALÊNCIA DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA EM PACIENTES COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR DOS TIPOS I E II.

Juliana Nassau Fernandes (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais), Cristina Yumi Nogueira Sediyama** (Porgrama de Pós Graduação em Medicina Molecular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais), Fabrícia Quintão Loschiavo-Alvares** (Programa de Pós Graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais), Isabela Maria Magalhães Lima** (Porgrama de Pós Graduação em Medicina Molecular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais)*

O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em indivíduos diagnosticados com Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) do tipo I e do tipo II triados no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Estudos anteriores encontraram comorbidade de 7% a 32% de TAG e TAB, mas não há consenso no que se refere à prevalência de TAG em cada tipo de TAB. Pesquisas realizadas com indivíduos com transtornos de ansiedade identificaram prevalência superior do TAB tipo II em relação ao tipo I. Contudo, quando sintomas de ansiedade foram investigados em pessoas com TAB, verificou-se prevalência superior do tipo I em relação ao tipo II no que se refere a esses sintomas. Assim, a literatura evidencia a necessidade de novos estudos que ajudem a esclarecer a prevalência de sintomas de ansiedade nos tipos de TAB. Portanto, esta pesquisa contou com uma amostra total de 112 participantes com idades entre 19 e 68 anos, sendo 75% do sexo feminino. 14,3% tinham o Ensino Fundamental completo, 57,1% o Ensino Médio/técnico completo e 28,6% Ensino Superior completo. A amostra dividiu-se em dois grupos, o primeiro composto por indivíduos com TAB tipo I, e o segundo por participantes diagnosticados com TAB tipo II, e ambos foram pareados por sexo, idade e escolaridade. Para a definição dos diagnósticos, entrevistadores treinados utilizaram o Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI-Plus), Brazilian Version 5.0.0, um instrumento que permite a avaliação de mais de 60 variáveis psiquiátricas, incluindo os transtornos do DSM-IV-TR e risco de suicídio. O MINI-Plus averigua as condições abarcando o passado, o presente e todo o período de vida do indivíduo, e é sensível a quase todos os transtornos do DSM-IV-TR. A partir de então, foi encontrada prevalência de TAG de 41,0% naqueles com diagnóstico de TAB tipo I e de 64,3% nos indivíduos com TAB tipo II. Ao se reunir os grupos em uma única amostra, verificou-se a prevalência de 52,7% de TAG dentre os participantes. De fato, tais resultados são consistentes com pesquisas que avaliaram amostras de participantes com sintomas de ansiedade, conforme mencionado anteriormente, e de modo geral, essa investigação se mostra relevante enquanto evidência que justifica tentativas de compreensão das bases biológicas comuns entre TAG e TAB. A comorbidade desses transtornos, por sua vez, tem sido relacionada à gravidade do quadro e à redução da funcionalidade do indivíduo acometido, bem como a risco de suicídio, de abuso de substâncias e à responsividade ao lítio.

Transtorno Afetivo Bipolar, Transtorno de Ansiedade Generalizada, prevalência

BIO

QUEIXAS DE COMUNICAÇÃO ORAL COM AUDIOMETRIA NORMAL: ESTUDO COMPORTAMENTAL E ELETROFISIOLÓGICO. *Marta Regueira Dias Prestes**, Maria Angela Guimarães Feitosa (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Muitos indivíduos que apresentam em atendimento clínico auto relato de dificuldades auditivas relacionadas a situações de comunicação apresentam limiares auditivos dentro do padrão clínico de normalidade na audiometria tonal convencional, sugerindo a necessidade de pesquisas buscando entender melhor a natureza da dificuldade auditiva. O presente trabalho teve como objetivo investigar o auto relato de dificuldades auditivas nas situações de comunicação apresentado por adultos com audiograma normal e verificar o quadro subjacente por meio de avaliações comportamental (Escala Abbreviated Profile of Hearing Aid Benefit (APHAB) para auto avaliação da queixa auditiva, Audiometria tonal, Testes monóticos de reconhecimento de sentenças no silêncio e do ruído) e eletrofisiológica (Potencial evocado auditivo de tronco encefálico e Imitanciometria). Participaram do estudo 20 adultos com idade entre 16 e 49 anos, distribuídos em dois grupos balanceados quanto a sexo e idade: grupo queixa, 10 adultos com limiares normais e queixas auditivas e grupo controle, 10 adultos, com limiares normais e sem queixas. Os principais resultados encontrados foram que o grupo queixa apresentou escores no auto relato de dificuldades auditivas acima do percentil 95 dos valores normativos da escala e se diferenciou estatisticamente do grupo controle. Nas demais avaliações os grupos não se diferenciaram. Foi constatada uma correlação positiva entre os limiares tonais e os escores no auto relato de dificuldade. Concluiu-se que a presença de queixa auditiva na ausência de alterações no audiograma não esteve associada a uma diferença no desempenho no reconhecimento de fala no ruído, nem nas demais avaliações, quando comparados aos resultados do grupo controle. Com base na análise de correlação dos resultados dos grupos, observou-se que, quanto mais elevados os limiares auditivos, maiores os escores no auto relato de dificuldades auditivas relacionadas às situações de comunicação, mesmo os limiares variando de 0 a 25dB, ou seja, estando dentro dos critérios clínicos de normalidade. Sugere-se em estudos posteriores a investigação da via auditiva após o tronco encefálico, na busca de novas evidências sobre o substrato neural das dificuldades de comunicação oral em situações do dia a dia, de pessoas com audiometria tonal dentro de padrões clínicos de normalidade.

Auto relato de dificuldade auditiva, audiometria tonal, potencial evocado auditivo.

BIO

RELAÇÃO DE DIFERENTES PALAVRAS COM INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL: DIFERENÇAS SEXUAIS. *Vinicius Santos Ferreira** (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF), Vitor Gomes Rodrigues* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Rafael de Melo Balaniuk* (Universidade de Brasília, Brasília, DF), Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Programa de Processos Psicológicos Básicos, Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Ronaldo Pilati Rodrigues (Programa de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Segundo a psicologia evolucionista, o mecanismo de ciúme seria mais ativado por sinais que indiquem uma infidelidade sexual (IS) em homens em comparação a mulheres, e no caso das mulheres por sinais que indiquem mais uma infidelidade emocional (IE) em comparação aos homens. Essas diferenças seriam devidas a diferentes problemas evolucionários enfrentados pelos sexos. Homens por sofrerem o risco da incerteza de paternidade teriam que se proteger de uma possível infidelidade sexual e mulheres por necessitarem de mais recursos para ter e cuidar de seus filhos não poderiam perder o vinculo emocional com seus parceiros. Portanto a percepção diferencial desses sinais de infidelidade seria de fundamental importância para o funcionamento adequado do mecanismo do ciúme. Esse estudo investigou como homens e mulheres relacionam diferencialmente palavras ambíguas (que indicam ambos os tipos de infidelidade) com IS e IE. A hipótese foi que poderia haver um viés de interpretação: os homens avaliariam as mesmas palavras como mais sexuais e as mulheres como mais emocionais. Em uma amostra universitária de 11 homens e 11 mulheres foi aplicado um questionário que continha, dentre outras, 20 palavras ambíguas que podem indicar os dois tipos de infidelidade ao mesmo tempo (ex.: trair, extraconjugal, infiel, rejeitar e fingir) boa parte sendo sinônimos de infidelidade ou palavras relacionadas diretamente aos sinônimos. Os estudantes avaliaram cada uma das palavras em dois aspectos: o quanto elas se relacionam a infidelidade sexual e quanto se relacionam a infidelidade emocional. As avaliações foram feitas utilizando uma escala tipo Likert de 7 pontos. Dentre as análises, foram encontrados efeitos significativos na interação fator sexo com IS e IE, apenas para duas palavras: "trair" para homens com uma média de 6,73 para IS e 4 para IE e para as mulheres as médias foram de 6,91 para IS e 6,09 para IE, $F(1, 20) = 7,45$, $p = 0,013$; e "desconfiança" com média de 4,09 IS e 4,73 IE para homens e M = 4,73 e 3,82 para mulheres, $F(1, 20) = 6,34$, $p = 0,020$. Outra palavra apresentou um efeito marginalmente significativo "extraconjugal" $F(1, 20) = 3,99$, $p = 0,059$ com médias semelhantes a palavra "trair". Levando em consideração a diferença entre as médias de respostas entre homens e mulheres, pode-se perceber que nas palavras "trair" e "extraconjugal" os homens apresentam maiores diferenças entre a relação que a palavra tem com a infidelidade sexual e a emocional, enquanto que as mulheres responderam de forma muito similar para os dois tipos de infidelidade. No caso da palavra "desconfiança", houve uma divergência entre os sexos, os homens consideraram como sendo mais ligada à infidelidade emocional e as mulheres consideraram como sendo mais ligada à infidelidade sexual. As diferenças sexuais foram poucas, em geral as palavras evocaram uma avaliação muito parecida para homens e mulheres. Uma possibilidade condizente com outros achados na literatura é que o mecanismo do ciúme não parece ser ativado por processos deliberados como as avaliações utilizadas.

Ciúme, infidelidade sexual e emocional, psicologia evolucionista

Bolsa de mestrado CAPES

BIO

TOMADA DE DECISÃO EM PACIENTES EUTÍMICOS E DEPRIMIDOS COM TRANSTORNO BIPOLAR. *Juliana Nassau Fernandes* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Isabela Maria Magalhães Lima**, Cristina Yumi Nogueira Sediyama** (Programa de Pós Graduação em Medician Molecular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Fabrícia Quintão Loschiavo-Alvares**(Programa de Pós Graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Fernando Neves, Humberto Corrêa, Leandro Fernandes Malloy-Diniz (Departamento de Saúde Mental, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

O Transtorno Afeitvo Bipolar (TAB) é caracterizado por alterações de humor que se manifestam como episódios depressivos alternados a episódios de euforia, as quais variam quanto à intensidade, duração e frequência. A taxa de prevalência do transtorno é de aproximadamente 3 a 5%, e o risco de suicídio alcança por volta de 15% dos indivíduos acometidos. Atualmente é um consenso que o TAB está associado a alterações neuropsicológicas, como na atenção e nas funções executivas, mas pouco se sabe sobre a natureza e a extensão dos prejuízos na capacidade de tomada de decisão nos diferentes estados de humor durante o percurso do transtorno. Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho foi investigar a diferença entre os desempenhos na medida de tomada de decisão de sujeitos eutímicos e de sujeitos deprimidos diagnosticados com TAB do tipo I ou II. A amostra foi composta por 125 participantes, sendo 55 do grupo de eutímicos e 70 do grupo de deprimidos. O critério utilizado para a composição dos grupos foram os escores do Inventário de Depressão Beck (BDI), no qual pontuações superiores a 10 indicaram a presença de sintomas depressivos. Os participantes foram pareados por sexo, idade e escolaridade, e configuraram uma distribuição normal. Como medida de tomada de decisão, foi utilizada a tendência central do Iowa Gambling Task (IGT). A tarefa contém quatro pilhas de cartas que oferecem, em padrões distintos, recompensas financeiras fictícias a cada escolha. Certas pilhas são prejudiciais a longo prazo, enquanto outras são favoráveis. O participante é solicitado a ganhar o máximo de dinheiro possível, e acredita-se que, a partir da imprevisibilidade do padrão de punição e recompensa, a tarefa é capaz de simular a tomada de decisão no dia a dia. Desse modo, a tendência central do IGT foi analisada a partir da ANOVA One-way, a partir do nível de significância de $p<0,05$. Foi encontrada diferença significativa entre os grupos ($F=4.150$, $p< 0.05$) no que diz respeito à tendência central do IGT, sendo o grupo de pacientes eutímicos aquele que obteve melhores resultados. De fato, pesquisas anteriores sugerem que pacientes deprimidos têm dificuldades em tomada de decisão em suas atividades diárias, ou seja, apresentam maior tendência a fazer escolhas que acarretam em resultados negativos. Além disso, são verificadas diferenças no desempenho do IGT em indivíduos com transtornos neuropsiquiátricos caracterizados por dificuldades em controle de impulsos e regulação emocional. Portanto, os resultados encontrados corroboram a literatura que trata do tema, apontando que os sintomas depressivos interferem na tomada de decisão de indivíduos com TAB, de modo que pacientes nestes estados de humor tendem a fazer escolhas desvantajosas a longo prazo.

Transtorno Afetivo Bipolar, Iowa Gambling Task, tomada de decisão

BIO

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A PERCEPÇÃO DE SI NO ELETROENCEFALOGRAMA: DESENVOLVIMENTO DE UM PROTOCOLO EXPERIMENTAL COM POTENCIAIS EVOCADOS VISUAIS. *Dennis Romero Lopez**, Jhon Freddy Sarmiento Vella** (Laboratório de Automação Inteligente 2, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES), Paola Zanotti Epifanio* (Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES), Mariane Lima De Souza (Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES), Teodiano Freire Bastos Filho (Laboratório de Automação Inteligente 2, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES)*

O estudo experimental da percepção de si nos últimos anos tem se empenhado no esforço de mapear correlatos neurais da consciência. Contudo, uma dificuldade considerável no desenvolvimento de protocolos experimentais adequados é a definição de tarefas eficientemente representativas de um processo mental que implique a autoconsciência, isto é, a percepção de si. Em estudo recente sobre autorreconhecimento facial em adultos, pesquisadores utilizaram uma tarefa de reconhecimento de fotos de rostos impressas ou exibidas na tela de um computador, para obter dados do funcionamento cerebral, no caso, os potenciais evocados visuais (PEVs) captados por eletroencefalograma (EEG). Embora os achados indiquem a existência de um padrão de ativação neuronal específico associado ao autorreconhecimento facial, o experimento não foi desenvolvido especificamente para investigar correlatos neurais da percepção de si. Desta forma, o objetivo do presente estudo foi o desenvolvimento de um protocolo experimental para a captação da atividade neuronal (EEG) através de PEVs relacionados à ação comportamental de percepção de si. Para tanto, tomou-se por linha de base o protocolo experimental para investigação de PEVs relacionados ao autorreconhecimento facial, com mascaramento visual. O programa utilizado para elaboração do protocolo experimental foi desenvolvido em plataforma Linux, utilizando-se uma extensão de processamento em tempo real do mesmo sistema operacional, a fim de obter maior precisão no processamento da tarefa apresentada na interface de usuário (os estímulos visuais na tela que serão vistos pelo participante da pesquisa), em tempos menores que um segundo. O resultado é uma tarefa de autorreconhecimento facial com uso da imagem em preto e branco (P&B) do rosto (estímulo alvo) do participante apresentado em tela de computador, seguida de imagens em P&B do Teste de Rorschach (máscara). O protocolo experimental deve iniciar com o participante sentado em uma cadeira a uma distância de 100 cm da tela do computador, com as mãos pousadas sobre as pernas. O ambiente experimental deve ter isolamento acústico e durante o experimento as luzes devem ser desligadas. Cada alvo é então apresentado mediante ciclos compostos por sete máscaras que se repetem até completar 60 segundos. Os alvos se apresentam com variação de tempo de 17, 23, 33, 53, 63 e 83 milissegundos, enquanto as máscaras permanecem sem variação de tempo, a 83 milissegundos. A escolha de imagens do Teste de Rorschach como mascaramento visual foi definida em função do seu tamanho (permitem cobrir homogeneamente o estímulo alvo) e cor (P&B). Como considerações finais do estudo, apresenta-se uma discussão das vantagens e desvantagens da tarefa de autorreconhecimento facial para a investigação da percepção de si, indicando-se possibilidades para estudos futuros.

Apoio: CNPq
Palavras-chave: percepção de si, eletroencefalograma, autorreconhecimento facial.
Nível do trabalho: IC
Código da área da psicologia: BIO

EFECTOS DE UN ESTRESOR PSICOSOCIAL SOBRE LA MEMORIA EMOCIONAL EN UNA MUESTRA DE SUJETOS FÓBICOS. *Mónica Marquina Peñalver ** (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia, España), Laura Espín López (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia, España), Mª José Catalán Frias (Decana del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia, España), Alicia Salvador Fernández Montejo (Laboratorio de Neurociencia Social. Universidad de Valencia, España) y Jesús Gómez-Amor (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia, España)*

Los efectos del estrés sobre la ejecución de tareas de memoria parecen depender del proceso de memoria evaluado (aprendizaje, consolidación y recuperación) y de la valencia del material aprendido. Sin embargo, existen muy pocos datos sobre la respuesta cognitiva al estrés en grupos de sujetos especialmente vulnerables como sería el caso de los que padecen Fobia Social generalizada (FS). El objetivo de este estudio fue medir los efectos de un estresor psicosocial (Trier Social Stress Test, TSST) sobre la respuesta neuroendocrina, cardiovascular y cognitiva de una muestra de 95 sujetos (Media= 19.35 años, SD=0.18), 45 con criterios diagnosticos del DSM-IV de Fobia Social Generalizada (FS) y 50 no-FS (NFS), ante una tarea de recuerdo de imágenes con diferente valencia emocional (International Affective Pictures System, IAPS). Los resultados mostraron que ante la presentación de las imágenes, los FS presentaron mayores niveles de cortisol y menor activación parasimpática que los NFS. Los varones FS presentaron mayores niveles de cortisol que las mujeres FS y que los varones NFS. En cuanto a la respuestas subjetivas, los sujetos FS presentaron mayor ansiedad y humor negativo que los NFS. Durante la exposición al TSST no encontramos diferencias en la respuesta de cortisol y de alfa-amilasa entre FS y NFS. Aunque en situación de descanso los FS presentaron una menor activación parasimpática que los NFS, tras la exposición al estresor dichas diferencias de grupo desaparecieron. Por otra parte, los FS expuestos al TSST, recordaron menos imágenes agradables que los FS controles. Además, encontramos diferencias de sexo en el grupo FS al mostrar las mujeres mayor recuerdo de imágenes neutras y agradables que los varones FS. Estos datos indican que los FS podrían tener un patrón de respuesta neuroendocrina y cardiovascular ante estímulos emocionales diferente al de los sujetos NFS y muy semejante ante estímulos estresantes. Por otra parte, el estrés parece deteriorar de forma especifica el recuerdo de imágenes agradables en los FS.

Palabras clave: Fobia Social, Estrés Psicosocial y Memoria

Este estudio forma parte de un proyecto de investigación financiado por el Ministerio de Educación y Ciencia (SEJ2007-62019). España.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

EFECTOS DE UN ESTRESOR PSICOSOCIAL SOBRE LA RESPUESTA PSICOFISIOLOGICA Y NEUROENDOCRINA EN HOMBRES Y MUJERES: IMPLICACIONES DE LA FASE DEL CICLO MENSTRUAL. *Laura Espín López (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia. España), Alicia Salvador Fernández Montejo (Laboratorio de Neurociencia Social. Universidad de Valencia, España), Pilar Larraz Galindo (Secretaria del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia, España), Mª José Catalán Frias (Decana del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia, España) y Jesús Gómez-Amor (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia. España)*

Sobre la reactividad fisiológica al estrés en humanos, la mayoria de estudios han encontrado que las mujeres experimentan mayor malestar en situaciones estresantes que los varones, demostrando asi una tendencia a experimentar emociones negativas con mayor frecuencia. Sin embargo, el papel del género sobre dicha respuesta no ha sido claramente establecido y los resultados experimentales son contradictorios. El objetivo de este estudio fue medir los efectos de un estresor psicosocial (Trier Social Stress Test, TSST) sobre la respuesta autonómica, hormonal y psicológica de una muestra de 96 sujetos (Media= 19.18 años, SD=0.18), 32 varones (Media=19.56 años SD=1.68) y 64 mujeres (Media=18.82 SD= 1.46) de las cuales, 34 fueron valoradas en su fase lutea del ciclo menstrual y 30 en su fase folicular. Se midió la frecuencia cardiaca (FC), parámetros de variabilidad cardiaca (HRV), la respuesta de la α-amilasa y cortisol y los niveles de ansiedad estado, humor negativo y positivo. Los resultados mostraron que la exposición al TSST produjo incrementos en ansiedad estado, humor negativo, respuesta de la alfa amilasa, cortisol y frecuencia cardiaca y una disminución del humor positivo y de la actividad parasimpática en todos los grupos. No encontramos diferencias de género en la respuesta de la alfa amilasa al TSST pero si un efecto de la fase del ciclo menstrual en la respuesta de cortisol al estrés, ya que mujeres en fase luteal mostraron similares respuestas de cortisol al estrés que los varones. Además, independientemente de la exposicion al estresor, encontramos un predominio de la actividad simpática en varones frente a los dos grupos de mujeres. Estos datos muestran la necesidad de considerar la fase del ciclo menstrual a la hora de evaluar las respuestas psicofisiológicas y neuroendocrinas al estrés de laboratorio en mujeres.

Palabras clave: Respuesta Neuroendocrina, Estrés Psicosocial y Ciclo Menstrual .

Este estudio forma parte de un proyecto de investigación financiado por el Ministerio de Educación y Ciencia (SEJ2004-07191/PSIC). España.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

IMPACTO DE LA DESIGUALDAD DE OPORTUNIDADES EDUCATIVAS EN EL DESARROLLO DE LA MEMORIA DE TRABAJO. *Marcela López**, María Soledad Sartori**, Lucía Zabala* y María José Aguilar** (Centro de Investigación en Procesos Básicos, Metodología y Educación. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Mar del Plata. Buenos Aires. Argentina-Consejo Nacional de Investigaciones Científico Tecnológicas, CONICET).*

En la última década diversas investigaciones han realizado importantes aportes a la vinculación entre desarrollo cognitivo y oportunidades educativas, principalmente en lo que respecta a las funciones ejecutivas. Este creciente interés se sustenta en el conocimiento que un buen desempeño cognitivo es reflejo de la correcta maduración del cortéx prefrontal, una región cerebral sensible a una amplia variedad de factores genéticos y ambientales. En este marco es de esperar que la calidad de la enseñanza que recibe cada niño ejerza una fuerte influencia sobre la maduración de su sistema nervioso y por ende en su proceso de aprendizaje. Diversos estudios realizados en Argentina encontraron menor rendimiento en tareas que miden habilidades de alfabetización emergente en niños sometidos a ambientes desfavorables. El objetivo del presente trabajo fue analizar comparativamente el desempeño en memoria de trabajo en dos poblaciones de niños entre 9 y 11 años con a oportunidades educativas diferentes. La muestra estuvo constituida por 65 estudiantes que cursaban 4º, 5º y 6º año de escuelas primarias públicas y privadas de la ciudad de Mar del Plata, Argentina. Además del tipo de gestión, se categorizó a las escuelas a partir de una escala de dos niveles de oportunidades educativas. Los datos que se consideraban para la categorización fueron: 1-el nivel socio-económico predominante, 2-el porcentaje de repetidores que tuviera el colegio, 3-la tasa de ausentismo, 4-el equipamiento del colegio (biblioteca, laboratorios, sala de computación, gimnasio), 5-tipo de jornada simple o completa y 6) actividades extracurriculares. La memoria de trabajo, dentro de las funciones ejecutivas, es un sistema que permite codificar, retener y manipular información temporalmente, es necesaria para realizar operaciones cognitivas complejas, como el aprendizaje, la comprensión del lenguaje o el razonamiento. Su relevancia se acrecienta por su contribución a la memoria a largo plazo y por su relación con la inteligencia fluida, es decir, con la capacidad de razonamiento general y de resolución de problemas. Para su evaluación se empleó la tarea de dígitos en regresión de la Batería de Evaluación Neuropsicológica Infantil. Los resultados del trabajo dan cuenta de un efecto significativo del nivel de oportunidades educativas sobre la memoria de trabajo ($p=.002$), permitiendo inferir que, si bien la memoria de trabajo sigue un curso de desarrollo gradual por la influencia de los procesos madurativos, este sería significativamente inferior y más lento en ambientes educativos desfavorables. Considerando que dicha habilidad siguen un curso de desarrollo gradual que empieza en la temprana infancia y continúa durante la adolescencia hasta la adultez temprana, sustentado por cambios funcionales y estructurales progresivos del córtex prefrontal, los resultados del presente trabajo aportan información relevante que permite valorar la importancia de generar, desde la praxis educativa, intervenciones tendientes a estimular el desarrollo de dicha área cerebral, a partir de experiencias escolares positivas. Asimismo conocer estas diferencias es importante para poder arbitrar medidas de política educativa dirigidas a disminuir el impacto de las desigualdades sociales.

Oportunidades educativas-memoria de trabajo.

Secretaria de Ciencia y Técnica. Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

INVESTIGACIONES EN NEUROCIENCIAS. UN APORTE AL CONOCIMIENTO DEL COMPORTAMIENTO. *Marcela López**, Liliana Bakker**, María José Aguilar**, Josefina Rubiales**, María Soledad Sartori**, Rocío Gonzalez**, Verónica Zabaletta** y Daiana Russo** (Grupo de Investigación Comportamiento Humano, Genética y Ambiente. Centro de Investigación en Procesos Básicos, Metodología y Educación. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Mar del Plata. Buenos Aires. Argentina-Consejo Nacional de Investigaciones Científico Tecnológicas, CONICET).*

El presente trabajo incluye la exposición de dos proyectos actualmente en desarrollo dentro del Grupo de investigación Comportamiento humano, genética y ambiente: 1-Cognición social y expresión génica. Investigación en mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner y 2-Relaciones entre control inhibitorio y regulación emocional en niños con diagnóstico de trastorno por déficit de atención e hiperactividad. Con respecto al primer proyecto el Síndrome de Turner es un trastorno cromosómico determinado por la deleción total o parcial del cromosoma X en el sexo femenino. Diversas investigaciones reportan que las mujeres con este diagnóstico presentan déficit en aspectos específicos involucrados en el procesamiento social, hecho que incrementa el riesgo de problemas psicosociales. Bajo el supuesto que la presencia del par doble de cromosomas X en el cariotipo de un individuo es protector de las habilidades socio-cognitivas, este trabajo analiza en mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner procesos de cognición social que presentan una influencia directa en el desarrollo de habilidades sociales; con la finalidad de contribuir al conocimiento de parámetros biológicos que inciden en el funcionamiento social. El estudio se corresponde con un diseño descriptivo correlacional, ex post facto retrospectivo con grupo cuasi control e hipótesis de diferencias de grupos. El abordaje metodológico abarca la administración de pruebas que valoran procesos de percepción social, teoría de la mente y empatía. Se espera que los resultados permitan una mayor comprensión de la influencia multifocal de los genes del cromosoma X sobre la cognición social y profundicen en el conocimiento de las dificultades sociales de las mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner. El segundo proyecto tiene por objetivo explorar las relaciones entre el control inhibitorio y la regulación emocional en niños y adolescentes con diagnóstico de trastorno por déficit de atención e hiperactividad. Este trastorno es una de las alteraciones neuroconductuales más frecuentes en la infancia y en la adolescencia. Es un síndrome complejo con características sintomáticas amplias y variadas; que paralelamente a los síntomas principales de inatención, impulsividad y/o hiperactividad, presenta alteraciones en procesos psicológicos, tanto cognitivos como afectivos. Los síntomas tienen un gran impacto en el desarrollo del individuo e interfieren en su funcionamiento social, emocional y cognitivo. El estudio, al igual que en el proyecto anterior se corresponde con un diseño descriptivo correlacional, ex post facto retrospectivo con grupo cuasi control e hipótesis de diferencias de grupos. El abordaje metodológico se lleva a cabo a través de la administración de pruebas y cuestionarios a la población clínica, a sus padres y a la población control. Comprender las relaciones entre el control inhibitorio y la regulación emocional permitirá contribuir al conocimiento de los procesos neurobiológicos que inciden en la etiología del trastorno y cuyo aporte al campo investigativo fomente nuevas líneas de investigación en un área actualmente de vacancia, como así también aportar datos que contribuyan en el diseño de programas de intervención.

Investigación-Neurociencias-Comportamiento Humano.

Secretaria de Ciencia y Técnica. Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

RELACIONES ENTRE PROCESOS DE COGNICIÓN SOCIAL Y CARACTERISTICAS DE PERSONALIDAD. MODELO TEÓRICO EN EL SÍNDROME DE TURNER. *María Soledad Sartori**, Marcela López**, Sebastián Urquijo (Centro de Investigación en Procesos Básicos, Metodología y Educación. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Mar del Plata. Buenos Aires. Argentina-Consejo Nacional de Investigaciones Científico Tecnológicas, CONICET)*

La cognición social es un proceso cognitivo necesario para lograr relaciones sociales óptimas y una comprensión acabada de lo que las personas dicen, lingüística y paralingüísticamente en las interacciones sociales, prediciendo asimismo las conductas de los demás. La misma puede definirse como un proceso neurobiológico, psicológico y social, por medio del cual se perciben, reconocen y evalúan los eventos sociales, para construir representaciones de la relación entre uno mismo y los otros; empleando estas representaciones para guiar el comportamiento social. Asimismo, gran parte de dichas representaciones se encuentran atravesadas por características o rasgos propios de la personalidad. En la actualidad se considera a la personalidad como un constructo psicológico cuyo estudio es fundamental para lograr una comprensión integral del ser humano. La misma es definida como un patrón profundamente incorporado que se expresa claramente en rasgos cognitivos, afectivos y conductuales que persisten por largos periodos de tiempo y cuyo desarrollo está en función de la interacción compleja entre factores biológicos y ambientales. La literatura reporta que el establecimiento de relaciones sociales, así como la calidad de las mismas, están estrechamente vinculados al estilo de personalidad de un individuo; así, indagar los aspectos distintivos de la personalidad permite acercarse al conocimiento de la capacidad que posee una persona para desenvolverse en su medio social. El objetivo del trabajo es presentar al Síndrome de Turner como un modelo sensible donde es posible explorar la relación entre características de personalidad y procesos de cognición social. El Síndrome de Turner es un trastorno cromosómico no heredable determinado por la deleción total o parcial del cromosoma X en el sexo femenino, cuyos signos físicos son principalmente baja talla y disgenesia gonadal. Neuropsicológicamente una de las características más difundidas en la literatura es la dificultad que presenta esta población en el área social. Diversos autores sostienen que los procesos básicos de la cognición social como empatía y teoría de la mente se encuentran afectados en las mujeres con este diagnóstico, provocando dificultades en el establecimiento de las relaciones sociales. Estas dificultades generan, al mismo tiempo, un impacto negativo en el autoconcepto y en la imagen que las mujeres con diagnóstico de Síndrome de Turner tienen de sí mismas, hecho que provoca conductas de aislamiento y/o evitación de situaciones sociales. De lo expuesto se podría pensar que la personalidad de las mujeres con este síndrome estaría conformada por rasgos desadaptativos que les impiden un buen desempeño social y son fuente de desajuste social y/o malestar subjetivo, dando cuenta de una relación bidireccional entre ambos procesos, donde todos los procesos básicos que se encuentran incluidos en la cognición social serán, por un lado condicionantes de la personalidad y, al mismo tiempo, consecuencias de la misma. En este contexto el estudio de la relación entre la cognición social y la personalidad en una población que tienen afectado su desarrollo social permitiría generar nuevos conocimientos sobre la interrelación de dos procesos fundamentales en el desarrollo, al mismo tiempo que aportaría conocimiento a un área de vacancia prioritaria en investigación.

Personalidad- Cognición Social- Síndrome de Turner.

Secretaria de Ciencia y Técnica. Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina.

BIO - Psicobiología y Neurociencias

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS PROJETIVAS PARA INVESTIGAÇÃO DO TRANSTORNO DE CONDUTA: UM ESTUDO DE CASO. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP)*

O Transtorno de Conduta pode ser definido tanto a partir de manuais médicos quanto a partir de uma perspectiva psicanalítica. A literatura tem apontado para a importância de se investigar as características psicodinâmicas daqueles que apresentam esse Transtorno, para que se possa compreender de forma aprofundada os fatores que levam ao seu surgimento e à sua manutenção. Uma das estratégias para essa investigação é a utilização de técnicas projetivas, capazes de investigar os psicodinamismos e as características estruturais da personalidade daquele que os respondem. Neste contexto, o presente trabalho investigou as características psicodinâmicas de uma criança do sexo feminino, de sete anos, que apresenta o Transtorno de Conduta. Para isso, foram utilizados três instrumentos, sendo um para investigação de inteligência, o Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, e duas técnicas projetivas, a saber: o Teste de Apercepção Temática Infantil, forma animal (CAT-A) e o House-Tree-Person (HTP). O primeiro teste apontou para inteligência definitivamente acima da média, com percentil 95. O HTP evidenciou dificuldade de falar sobre afetos e de se diferenciar da mãe, pouca criatividade e forma de se comportar impulsiva. Esses resultados evidenciam que a criança procura por estabilidade e limites que não foram encontrados na relação com os pais. Há ainda uma tentativa de usar os impulsos para conseguir se diferenciar de sua mãe. As respostas aos cartões do CAT-A evidenciam algumas temáticas mais frequentes, como a oralidade, que representa necessidade da criança em satisfazer desejos infantis e primitivos; dependência da criança em relação à figura materna; dificuldade de entrar em contato com conteúdos afetivos; prejuízo no contato com o outro; ausência de medo, que faz entender a presença de um superego enfraquecido ou que ainda não se formou. Por fim, entende-se que há um funcionamento regredido, que distorce a realidade e que há dificuldade em discriminar o carinho do castigo, justificando sua forma de se comportar. Os dados obtidos na presente pesquisa estão em acordo com outros estudos que investigam esta queixa utilizando técnicas projetivas. O Transtorno de Conduta tem seu desenvolvimento em multifatores, que estão relacionados à forma como a criança vivencia suas relações familiares. Desta forma, este estudo tem como fator limitante a ausência de estudo com o grupo familiar, que poderiam aprofundar o conhecimento a respeito do tema. Entende-se então a necessidade da realização de outros estudos que possam aprofundar os dados obtidos, que estabeleçam estratégias de tratamento e que investiguem a influência familiar no desenvolvimento do Transtorno de Conduta.

Técnica projetiva, transtorno de conduta, estudo de caso.

CAPES

CLIN

AÇÃO DOS ANTIDEPRESSIVOS SOBRE O SISTEMA IMUNOLÓGICO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR (MDD): UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Alice Alexandra Soeiro Nunes Christofi**, Dartiu Xavier Silveira (Pós-Graduação Stricto Sensu em Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo-SP), Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP)*

Existem fortes evidencias que indicam uma relação entre a depressão e as alterações nos níveis de citocinas inflamatórias. Embora muitos estudos tenham investigado a ação dos antidepressivos sobre o sistema imunológico de pacientes com depressão, os resultados tem sido inconclusivos. Objetivo: Avaliar o efeito de antidepressivos sobre os níveis séricos de citocinas inflamatórias em pacientes com depressão maior antes e depois do uso de antidepressivos. Métodos: Foi realizada uma revisão sistemática de artigos publicados até 2010 nas bases eletrônicas PubMed, PsycINFO, Cochrane, Embase, Lilacs e SciELO, utilizando as seguintes palavras-chave: "cytokines" e "depressive disorder" ou "depression" ou "long-term depression" ou "depressive disorder, major" e "antidepressive agents, tricyclic" ou "antidepressive agents, second-generation" ou "antidepressive agents". Foram capturados 540 artigos, sendo descartados 318 porque 71 eram repetidos, 211 relatavam doenças específicas (câncer, hepatite B, etc) e 36 não atendiam aos critérios. Dos artigos restante, 80 eram de revisões, 61 de ensaios clínicos controlados, 27 eram de correlacionais, 16 estudos experimentais com animais, oito de casos de controle, duas cartas e 28 sem identificação completa. Dos 61 trabalhos de ensaios clínicos controlados, 28 estudos atendiam os critérios. Resultados: Os 28 estudos investigaram a ação de antidepressivos sobre os aspectos imunológicos de 776 pacientes com depressão maior, destes 520 (68%) estavam com alterações imunológicas e 246 (32%) não apresentavam alteração antes do tratamento com antidepressivos. Não foram encontradas alterações imunológicas em todos os pacientes com depressão maior, nem todos os pacientes com alterações imunológicas tiveram seus níveis imunológicos normalizados depois da ação de antidepressivos, todavia um número significante de pacientes apresentou valores de citocinas inflamatórias comparáveis aos dos controles normais após o uso da medicação antidepressiva (x2o= 70,26 e x2c= 19,50, p≤ 0,00001). Dos 766 pacientes estudados, 666 (87%) obtiveram melhora dos sintomas depressivos. Destes, 450 pacientes (59%) obtiveram tanto melhora clínica quanto melhora dos aspectos imunológicos alterados. Por outro lado, 216 pacientes (28%) obtiveram melhora clínica, mas não houve modificações imunológicas. Foi igualmente observado que 51 dos pacientes estudados (7%) não apresentaram nenhuma mudança significativa quanto aos aspectos imunológicos estudados nem melhora clínica depois do uso de antidepressivos e 49 pacientes (6%) não tiveram melhora dos sintomas depressivos, mas melhoraram os aspectos imunológicos. As diferenças entre o número de pacientes que melhoraram clínica e imunologicamente (N=450) e os que melhoram apenas dos aspectos depressivos (N=216) é significante (x2o= 82,21 sendo x2c= 19,50, ngl = 1 e , p≤ 0,00001). Portanto, não é casual a diferença entre estar melhor da depressão e melhor imunologicamente. Conclusões: Este estudo encontrou que as alterações imunológicas ocorrem em um número significativo de casos de depressão maior. Embora não se possa estabelecer uma relação causal clara entre as alterações imunológicas e a depressão, parece haver uma associação entre os fenômenos, e a medicação antidepressiva parece apresentar uma tendência moduladora sobre as respostas imunes.

Palavras-chave: depressão, citocinas, citocinas pró-inflamatórias.

M - MESTRADO

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ALIANÇA TERAPÊUTICA EM PSICOTERAPIA BREVE COM PACIENTE NA TERCEIRA IDADE. *Abigail Guedes Podestá, Gabriela Caldeira de Castro Novaes e Antonio Carlos Possa (FMU).*

A busca por psicoterapia por pacientes da terceira idade, embora ainda pequena, vem aumentando na última década, numa firme demonstração de sensibilização dessa faixa etária aos sentimentos decorrentes das alterações concretas da vida, somadas às perdas, agora de forma mais intensa. O objetivo deste trabalho refere-se à contribuição da aliança terapêutica, mesmo diante de paciente reticente ao trabalho psicoterápico, ilustrado com atendimento de uma senhora com pouco mais de 60 anos, cuidadora de outra senhora de 84 anos, com mal Alzheimer. Apresentou a queixa de compulsão à comida e medo enorme de envelhecer. Apesar da compulsão à comida, não apresentava sinais de obesidade mórbida. Salientou, na primeira sessão, sentir-se rejeitada pela mãe e de não servir para nada, o que não a impedia de mostrar-se disponível para cuidar de outros. Embora relutante a entregar-se ao processo terapêutico nas sessões iniciais, favorecida pela técnica breve, estabelece uma devolutiva a compreensão da dinâmica psíquica do paciente pelo terapeuta após as entrevistas iniciais, e pela retrospectiva realizada pela terapeuta, pontuando suas vivências, dores, perdas e superações desde a infância, como uma visão geral de toda a história verbalizada pela paciente e ouvida atentamente pela terapeuta, a paciente pôde vivenciar o acolhimento que lhe foi oferecido e a certeza de ter sido ouvida e olhada. Como foco de trabalho foi estabelecida a ênfase em sua dificuldade em errar, a necessidade em estar todo o tempo na posição de boa cuidadora e em dar conta de tudo. Já o objetivo do processo concentrou-se em discriminar suas qualidades, e por consequência, seus defeitos, na tentativa de resgate da autoestima. A aliança terapêutica e o acolhimento 'Holding' que persistiu no decorrer do processo beneficiaram os resultados positivos do tratamento, sobretudo porque a paciente fala ao final do atendimento que atualmente sente-se mais tranquila e percebe que os encontros nos atendimentos a fizeram sentir-se mais leve, porque falou e entendeu muitas coisas sobre sua vida, visto que até então jamais teria falado com ninguém. Verbaliza que a postura da terapeuta lhe ajudou, pois se manteve calma perante seus relatos e isso lhe deu liberdade e segurança para expressar-se, " ... hoje em dia me sinto mais tranquila, mais leve. Eu falei muitas coisas aqui, coisa que nunca fiz na vida, e isso me fez bem. E você, por não se mostrar aflita, me passou segurança para falar." Conclui-se que o estabelecimento do foco, dentro do processo de Psicoterapia Breve, é o momento em que o terapeuta consegue exercitar seu papel, visto que implica o paciente no processo e valida a sua história, na forma de devolutiva apresentada de maneira ampliada e contextualiza no tempo e espaço.

Psicoterapia Breve; Aliança Terapêutica; Holding.

CLIN

ANÁLISE DOS ASPECTOS ÉTICOS NA ATUAÇÃO DA PSICÓLOGA LISA NO FILME TERAPIA DO AMOR. *Crissia Roberta Pontes Cruz*, Júlia de Sousa Marinho*, Géssica Priscilla Figueiredo Pinheiro*, Solange da Conceição Bernardo Soares (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade da Amazônia – Belém, PA)*

Segundo consta no Código de Ética Profissional do Psicólogo, a missão primordial de um Código de Ética é a de assegurar, dentro de valores relevantes para a sociedade e para as práticas desenvolvidas, um padrão de conduta que fortaleça o reconhecimento social daquela categoria. Neste sentido, o Código de Ética Profissional do Psicólogo estabelece os princípios norteadores que dão a este profissional o balizamento para uma conduta ética nas suas diversas áreas de atuação. Deste modo, este trabalho se propõe a apresentar uma análise dos aspectos éticos infringidos na atuação da psicóloga Lisa no filme Terapia do Amor. A partir da observação das sessões psicoterapêuticas exibidas no filme fez-se uma análise fundamentada no Código de Ética do Profissional Psicólogo. Pondera-se que este código diz respeito ao psicólogo brasileiro e a fictícia atuação profissional analisada se deu nos EUA. O filme conta a história de Rafi, uma mulher recém divorciada de 37 anos que se envolve com David, um rapaz de 23 anos que é filho de sua psicoterapeuta. Observaram-se as infrações de três itens do art. 1º onde são previsto como deveres fundamentais do psicólogo: "a) - Conhecer, divulgar, cumprir e fazer cumprir este Código"; "b) Assumir responsabilidades profissionais somente por atividades para as quais esteja capacitado pessoal, teórica e tecnicamente"; "k) Sugerir serviços de outros psicólogos, sempre que, por motivos justificáveis, não puderem ser continuados pelo profissional que os assumiu inicialmente, fornecendo ao seu substituto as informações necessárias à continuidade do trabalho". Dois itens do art. 2º que veda ao psicólogo: "b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais"; "j) Estabelecer com a pessoa atendida, familiar ou terceiro, que tenha vínculo com o atendido, relação que possa interferir negativamente nos objetivos do serviço prestado". E ainda a infração do art. 9º onde é estabelecido que "é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional". As infrações cometidas por Lisa ocorreram visto o não cumprimento do código; o desconforto vivenciado no atendimento de sua cliente Rafi quando esta relatava situações relacionadas ao namoro com David; Prosseguir com este atendimento; incentivar seus clientes a irem à mesquita, à igreja, etc.; Ser mãe do namorado de Rafi e não concordar com este relacionamento; comentar com David um assunto abordado no atendimento de Rafi. Tais infrações ocasionaram prejuízos a todas as partes envolvidas e uma postura "profissional" reprovável. Este trabalho, portanto, pretende contribuir com discussões acerca do tema: ética profissional - dada a relevância social, prática e teórica deste.

Código de ética; Psicoterapia; Atuação profissional

Outro

CLIN

ANALISTA, VEM CÁ! ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA METAPSICOLOGIA FREUDIANA. *Luana Silvy de Lorenzi Tezza Magnin (FIOCRUZ)*

O manejo da transferência é considerado um dos grandes desafios da clínica psicanalítica. Pela sua fecundidade, o conceito de transferência tem sido apropriado por diversas perspectivas clínicas, porém sem que o acompanhe suficiente reflexão e discussão em relação a suas origens e contradições. Assim, esse estudo investiga a construção histórica do conceito e suas implicações nas práticas clínicas atuais. Trata-se, portanto, de uma análise epistemológica de um dos enunciados fundamentais da metapsicologia freudiana. O enunciado da transferência foi estudado em relação ao seu contexto histórico e analisado com um dos pressupostos básicos da psicanálise: o de realidade psíquica. Partindo-se dos escritos freudianos e da noção de realidade psíquica – aquilo que para o psiquismo do sujeito, enquanto desejo e fantasia, assume o valor de realidade – buscou-se encontrar possíveis relações do conceito de transferência freudiano com a figura do analista. Se, por um lado, o amor transferencial se caracterizaria como resistência, por outro consistiria na única possibilidade de sucesso de uma análise. Ao não atentar para o processo transferencial, Freud percebe que correria o risco de reproduzir os diferentes papéis que suas pacientes lhes destinavam e, assim, desperdiçar qualquer possibilidade de se realizar uma clínica significativa, pelo fato objetivo de que suas pacientes perdiam o interesse pelo tratamento, como verificado no caso Dora. Como repetição, a transferência seria capaz de atualizar as situações vividas pelo paciente, que então deixariam de ser tão-somente recordadas. O conceito, da maneira como foi construído nos textos freudianos, remontaria à repetição, por parte do paciente, de fases de seu primitivo desenvolvimento, porém desconsidera aspectos relacionados à realidade objetiva, nela incluído o analista. Notou-se que, sob o foco transferencial freudiano, o analista é tido como "observador externo", neutro, não implicado no modo como o paciente relaciona-se psiquicamente com ele, ou no modo como desenvolve suas próprias associações. Poderia esse afastamento ter sido um mecanismo de defesa desse primeiro analista? O reconhecimento da vinculação analista/enquadre/transferência poderia ter abalado o mito da neutralidade espectral do médico, que Ferenczi tanto criticou em sua obra? O presente trabalho evidencia o papel que o analista adquire na confirguração do fenômeno transferencial vivenciado pelo paciente, e permite afirmar que existe, sim, uma relação entre analista e transferência e que o fenômeno transferencial não diz respeito tão-somente ao paciente. As suposições que o paciente faz, relativas ao analista, tendem a partir de elementos da situação objetiva, ainda que a elas não se atenham. Uma das contradições verificadas é que, enquanto o paciente é estimulado a envolver-se subjetivamente no processo de análise, ao analista recomenda-se distância objetiva. O trabalho aponta a necessidade de novas reflexões acerca desse acontecimento da ordem do excesso e da paixão que é a transferência, que permitam aos psicólogos clínicos um descolamento da suposta posição de neutralidade e "inafetabilidade" ao estudar o fenômeno. Esse descolamento e ruptura com a "repetição primeira" do analista poderá, por sua vez, embasar práticas clínicas inovadoras que propiciem o ambiente de acolhimento e implicação mútua, imprescindível para a livre circulação da palavra que caracteriza o encontro terapêutico.

Apoio bolsa CAPES

Palavras-chave: transferência, clínica, neutralidade

Mestrado – M

CLIN

ASPECTOS SEMELHANTES ENTRE PSICOTERAPIAS E GRUPO DE AUTOAJUDA MADA. *Jéssica Costa dos Santos*, Valeska Maria Zanello de Loyola (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura aponta a existência de pessoas que se apresentam como dependentes em seu(s) relacionamento(s), percebendo o outro indivíduo como acima de si mesmos e repetindo padrões auto-destrutivos na forma de se relacionar. Algumas mulheres com essas características, e que reconhecem a necessidade de mudanças destes comportamentos, podem buscar auxílio em grupos de autoajuda Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), presentes em várias cidades brasileiras. O MADA segue os preceitos do grupo dos Alcoólicos Anônimos, adotando, com algumas adaptações, seus passos. Os grupos MADA são formados por pessoas com um problema em comum, não incluem a presença de terapeuta, ou coordenador, e propiciam o compartilhamento de experiências pessoais (passadas e atuais) com o grupo. Nesses grupos, refere-se que a terapia ocorre baseada em espelhos, isto é, o indivíduo identifica e modifica suas respostas com base no que extraiu do depoimento de colegas, adquirindo e mantendo novos padrões de comportamento. Indivíduos que frequentam esses grupos relatam melhoras significativas no que diz respeito a sua relação com o objeto que lhes é problemático. Algumas comparações podem ser estabelecidas entre grupos de autoajuda e sistemas de psicoterapia, principalmente no tocante a fatores promotores de mudanças de comportamento, tais como: psicoeducação, catarse, reestruturação cognitiva e insight, assim como os processos de aprendizagem, que levam a mudanças na forma do indivíduo pensar, agir e se relacionar. Além disso, ocorre a expectativa de melhora por parte do sujeito e o (re)planejamento de uma forma de agir, como fatores comuns a todas as psicoterapias. Com o objetivo de observar como funcionam os grupos MADA, em que se assemelham às psicoterapias e contribuir com a redução de preconceitos referentes a tais grupos, 10 reuniões do MADA foram observadas, efetuando-se registros posteriores às sessões no que se refere a verbalizações que refletem a ocorrência de fatores de mudança de comportamentos. Segundo normas do MADA, anotações simultâneas à realização dos grupos são proibidas. Procedeu-se a uma análise hermenêutica do conteúdo das verbalizações. Os resultados apontam que nestes grupos de autoajuda ocorre um processo de psicoedução, aumentando a probabilidade de que o indivíduo fique ciente do que está lhe afligindo, assim como seja capaz de reestruturar distorções cognitivas. A aprendizagem ocorre, principalmente, por meio da imitação de comportamentos de outros integrantes do grupo. Em relação aos fatores comuns com psicoterapias, não se encontra a relação do paciente com o terapeuta, visto que os grupos incluem apenas um(a) mediador(a). Por outro lado, o contexto é propício para o desabafo, sem julgamentos, facilitando o processo de catarse. A teorização do problema é realizada espontaneamente pelas participantes, que também apontam como podem resolver seus problemas, planejando ações práticas e diretas. Os dados obtidos corroboram a hipótese de que, nestes aspectos observados, o MADA se assemelha às psicoterapias de modo geral. Isto coloca em xeque eventuais dúvidas relativas à eficácia desses grupos, uma vez que tais fatores terapêuticos aparecem e os indivíduos, de fato, referem melhoras.

Autoajuda, Psicoterapia, Relações Humanas

Bolsista do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB)

CLIN

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FEMINILIDADE E O TORNAR-SE MULHER, DE FREUD A LACAN. *Regiane Cristhine Geromel Alves* (Curso de Psicologia/UNESP/Bauru); André Gellis (Departamento de Psicologia, UNESP/Bauru/SP).*

Partindo da leitura e análise de textos de Freud, Lacan e comentadores específicos, além de supervisões e orientações do professor orientador, o presente estudo pretendeu investigar o caminho teórico trilhado de Freud a Lacan a respeito do tornar-se mulher, percorrendo os conceitos de feminilidade, de posição mulher, a perspectiva de que "A mulher não existe" e de que "Não há relação sexual". Entende-se aqui que o concernente à psicanálise não é descrever o que é a mulher, até porque seria da ordem do impossível, mas investigar como, a partir da bissexualidade infantil e da natureza masculina da libido, alguém se torna uma mulher. Ao longo das teorias freudianas, a feminilidade se configurou como uma noção em constante construção e reconstrução. Equipara-se mãe e mulher, o masculino aparece associado à atividade e ao pênis, e o feminino à passividade e ao reconhecimento da vagina. Ao final das concepções freudianas sobre a feminilidade encontra-se um impasse, e as ambigüidades ou lacunas se chocam contra dois rochedos incontornáveis na análise das mulheres: a demanda de amor e a inveja do pênis. Diante deste ponto, surge o interesse em avançar na questão da feminilidade para além do ponto aonde Freud a levou. Lacan promoveu um grande salto em relação às discussões promovidas à época sobre o assunto ao mostrar como o falo e o gozo são definitivos para a rearticulação da problemática em questão. Ele não mais iguala mulher à mãe e faz uso de símbolos da lógica quântica para propor as fórmulas da sexuação, as quais dividem os seres falantes a partir de sua relação com o falo. De um lado do esquema há a representação do lado homem dos seres falantes, o único que pode ser universal; de outro há a representação do lado mulher, para a qual não é permitida nenhuma universalidade, é não-toda submetida à castração: "A mulher não existe", portanto. Esta divisão determina inclusive o plano de gozo do sujeito. Lacan distingue dois tipos de gozo: o gozo fálico, determinado pela linguagem, e o gozo não-todo, que escapa ao domínio do significante e é reintroduzido do lado feminino. É justamente a maneira pela qual o ser falante se posiciona diante do gozo que definirá sua posição: homem ou mulher. Assim, o fato de que "Não há relação sexual" para os seres falantes se torna mais evidente, uma vez que durante o ato sexual, entra-se mais em contato com o próprio gozo do que em uma relação com o parceiro, e por não existir o Outro sexuado para o inconsciente; então, uma relação entre os dois sexos seria impossível. O axioma "A mulher não existe", e sua construção resumida acima, permite uma discussão quanto à possibilidade de um final de análise que vai além da rocha da castração, sendo esta via outra da posição feminina, proposta por Lacan, que admite a possibilidade de haver mulheres a serem consideradas uma a uma, em sua singularidade e constante devir.

Feminilidade, tornar-se mulher, psicanálise lacaniana.

FUNDUNESP

CLIN

CONSTRUÇÃO DE UM JOGO PARA TRABALHAR ENFRENTAMENTO DE ESTRESSE COM CRIANÇAS EM PSICOTERAPIA. *Virginia Azevedo Reis Sachetti (Serviço-Escola de Psicologia - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Jean Paulo da Silva** (Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis SC), Fabiana Riegel-Silva* (Curso de Psicologia – Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim – SC).*

Uma característica central do processo de desenvolvimento humano envolve lidar com o estresse psicossocial. Desde a infância o indivíduo participa de situações potencialmente estressantes que exigem ação e adaptação. Situações estressantes são eventos internos ou externos que sobrecarregam ou excedem os recursos pessoais, desencadeando um repertório de estratégias de enfrentamento que são respostas cognitivas e comportamentais utilizadas para lidar com essas situações e que implicam esforços para mudar as circunstâncias ou sua interpretação, objetivando torná-las mais favoráveis e menos ameaçadoras. As estratégias de enfrentamento têm duas funções: regular emoções resultantes do estresse e solucionar o problema. Tendo como base esse contexto de atuação, foi elaborado um jogo para trabalhar o uso de diferentes estratégias de enfrentamento com crianças de 7-12 anos, individualmente ou em grupo. O jogo é composto por 35 cartas de completar frases e descreve diferentes situações estressantes (por exemplo: Quando chego em um lugar que não conheço ninguém, eu...), criadas a partir de uma matriz formada pelo cruzamento de três dimensões: origem (interna ou externa); pessoas envolvidas (pares ou adultos) e situação (escola, família, perda, manejo da frustração, interações sociais e situações de vulnerabilidade e risco). O objetivo é estimular a criança a conversar sobre a utilização e eficácia percebida das diferentes estratégias, fortalecendo-a para lidar com situações estressantes. O terapeuta deve selecionar antecipadamente as cartas de acordo com as características da criança ou do grupo. Na hora do jogo, deve virar as cartas com o desenho para baixo e explicar que se trata de um jogo de cartas para completar frases sobre situações que causam estresse em muitas crianças. Em seguida dá a instrução que ela deve escolher uma carta, virá-la e completar a frase dizendo o que faz para resolver o problema ou se sentir melhor, sem haver resposta certa ou errada. Diante das respostas, o terapeuta pode discutir com a criança se a estratégia funciona ou o que poderia ser feito de forma diferente. O jogo permite ainda observar padrões não adaptativos de reação diante do estresse, fontes de estressores, características básicas do desenvolvimento cognitivo e social (exemplo: autopercepção, crenças de autoeficácia, autocontrole ou mecanismos de inibição, atribuições de causalidade, amizades, isolamento social, apoio social e relações interpessoais, comportamento agitado ou desorganizado, atitudes de imobilização). Considerando que a vulnerabilidade amplia os efeitos negativos das situações estressantes e que um dos objetivos da psicoterapia é fortalecer o controle pessoal sobre os eventos da vida, pretende-se que este jogo seja um recurso que possibilite aumentar a qualidade das estratégias empregadas para lidar de forma satisfatória e adaptativa com o estresse.

Estresse; enfrentamento; psicoterapia.

Bolsa-Pesquisa FUMDES - Artigo n.171 da Constituição do Estado de Santa Catarina

CLIN

CONSTRUÇÃO DE UM PROTOCOLO DE ENTREVISTA INICIAL COM PAIS DE CRIANÇAS ENCAMINHADAS PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO.

Virginia Azevedo Reis Sachetti (Serviço-Escola de Psicologia - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Marisa Raduenz (Serviço-Escola de Psicologia - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Solange Georg (Curso de Psicologia – Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC), Marcelo de Assis Pereira Wojcikowski (Núcleo de Apoio Psicopedagógico - Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC).*

No Serviço-Escola de Psicologia, a entrevista inicial com os pais de crianças encaminhadas à psicoterapia constitui-se um momento determinante para coleta de dados, formação da aliança terapêutica, adesão e continuidade do processo. O desafio foi conseguir proporcionar um espaço simultâneo de escuta psicológica e de coleta de dados. Se, por um lado, a técnica não diretiva é muito eficiente nessas situações; por outro lado, a inexperiência do estagiário dificulta sua aplicação para conduzir o atendimento de forma satisfatória. Sendo assim, optou-se por considerar a entrevista inicial como um processo com duração de até três sessões e pela criação de um protocolo estruturado em tópicos, englobando conteúdo e aspectos a serem observados, que devem ser abordados a partir da direção do usuário, sem a ordenação rígida de uma anamnese, tornando as perguntas e observações partes indissociáveis. O protocolo é composto por quatro partes: (1) introdução: apresentação e preenchimento da ficha de dados pessoais, com objetivo de redução de ansiedade. (2) desenvolvimento: investigação da queixa inicial, abordada por meio de perguntas não diretivas de introdução, partindo do geral para o particular, com o objetivo de coletar dados sobre a criança (constelação e dinâmica familiar, situação escolar, relacionamento com colegas, professora, desempenho escolar, relações sociais, cuidado destinado à criança, sentimentos prevalentes: medo, timidez, agressividade, raiva, ansiedade), histórico médico ou doenças relevantes (medicação, enurese, delírios ou alucinações). (3) investigação sobre a motivação e expectativas para o atendimento e necessidade de concordância da criança. Neste momento, o estagiário deve explicar que o trabalho é longo e lento, que a criança pode piorar para somente depois melhorar, deixar claro o que é e as limitações de uma relação de atendimento psicológico porque os pais chegam com expectativa irreal sobre a conduta do terapeuta e a resolução dos problemas. (4) Encerramento da entrevista: resumir a sessão, avaliar o impacto do atendimento sobre os pais e apresentar as regras de funcionamento, forma de contato e documentação (explicar sobre a entrevista devolutiva periódica aos pais; que a criança será informada sobre este procedimento; que, sem a colaboração dos pais, não há como ter sucesso no atendimento. Explicar ainda do local, das condições técnicas e éticas do atendimento, como supervisão, duração da sessão, processo de triagem, anotações, confidencialidade e sigilo), e fazer encaminhamentos quando necessário. No decorrer da entrevista, vários aspectos devem ser observados para que seja possível visualizar o curso das intervenções, tais como: uso da linguagem, (lenta ou rápida, espontânea, as palavras que utiliza, tom, articulação), as associações que a pessoa faz (lógica, relevância, abstração, insight), aparência geral (modo de se vestir, postura, gestos, expressões faciais), comportamento motor e o nível de atividade, aparência emocional (ansiedade, tristeza, tensão, confusão, timidez), a voz e o contato visual, o padrão de relacionamento (irritado, agressivo, sedutor, cauteloso, defensivo, indiferente, colaborador), afeto (coerente com a fala, instável, inapropriado, plano). A proposta elaborada fundamentou-se na hipótese de que estruturar a entrevista inicial permite reduzir a ansiedade do estagiário, aumentando a probabilidade de que demonstre empatia, neutralidade e aceitação, facilitando a formação da atitude clínica essencial à psicoterapia.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Entrevista inicial; psicoterapia; atendimento psicológico.
CLIN

DEPRIVAÇÃO E TENDÊNCIA ANTISSOCIAL: PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS REALIZADAS NO BRASIL, NA ÚLTIMA DÉCADA. *Walter José Martins Migliorini (Departamento de Psicologia Clínica, UNESP – Univ. Estadual Paulista, Assis, SP), Laila Suiama Gomes de Lima* (Graduanda em Psicologia, UNESP – Univ. Estadual Paulista, Assis, SP), Melissa Yumi Suzuki* (Graduanda em Psicologia, UNESP – Univ. Estadual Paulista, Assis, SP)*

O psicanalista D. W. Winnicott fez uma importante contribuição sobre o papel do ambiente na constituição da subjetividade, abrindo um campo de observações e teorizações até então inexplorado pela psicanálise. Por exemplo, a observação de que na psicogênese de alguns casos de tendência antissocial há (1) uma alteração significativa e, muitas vezes sutil, do ambiente, (2) ocorrida num período do desenvolvimento emocional em que a criança é madura o suficiente para perceber que algo em sua vida foi irremediavelmente perdido. Inicialmente, pode haver um período de retraimento e uma aparente aceitação da perda, seguido do surgimento de sintomas, tais como a enurese noturna, o furto, a mentira, o consumismo, a rebeldia e a crueldade compulsiva. Ocorre um processo dissociativo e a criança não reconhece esses sintomas como seus. O termo deprivação (deprivation) foi utilizado por Winnicott para se referir a esse fenômeno e não cobre os casos em que, por exemplo, o convívio diário da criança com a violência do entorno social ou as condições psíquicas da família não favorecem a constituição de um sentido ético. A investigação de Winnicott caminha no sentido contrário ao das teorias que atribuem aos fatores constitucionais ou intrassubjetivos o papel preponderante na conduta antissocial. Ela possibilita uma reflexão sobre as raízes da delinquência e da desumanização que têm marcado as relações humanas na contemporaneidade. Por outro lado, implica na proposição de novas modalidades de intervenção clínica, uma vez que a psicanálise e a psicoterapia têm um alcance limitado no tratamento da tendência antissocial. Entre essas modalidades, Winnicott desenvolveu a consulta terapêutica e o placement. É necessário que a psicologia clínica desenvolva métodos que possam colaborar com a prevenção e o tratamento da conduta antissocial e procure respostas para a compreensão do problema da delinquência crescente no mundo contemporâneo. Uma maneira de realizar essa tarefa é por meio do mapeamento das intervenções psicológicas atuais nesse campo. Entre estas, destacam-se os trabalhos inspirados no modelo winnicottiano. A presente investigação tem por objetivo a revisão da literatura psicanalítica sobre a tendência antissocial, produzida nas universidades (dissertações e teses), referente aos últimos dez anos, no Brasil. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de buscas nos seguintes bancos de dados nacionais: IBICT, CAPES, Bibliotecas Digitais UNESP, banco de teses da USP e BIREME. As palavras-chaves utilisadas nas buscas foram deprivação, de-privação, tendência anti-social e tendência antissocial. Foram encontrados 23 trabalhos, que foram analisados a partir de seus resumos. Os resultados apontam a predominância de (1) investigações que utilizam essencialmente procedimentos clínicos; (2) desenvolvidas em contexto institucional; (3) tendo por sujeitos, na maioria dos casos, crianças e adolescentes. Entretanto, duas pesquisas tiveram bebês como sujeitos e duas envolveram a análise e uma proposta de intervenção mais direta no próprio ambiente da instituição. Os conceitos de deprivação e tendência antissocial têm sido utilizados em pesquisas realizadas em diversas regiões do país, na última década e acompanham nesse sentido o interesse crescente pela obra de Winnicott no Brasil. Há uma tendência nessas pesquisas a ampliar o contexto de utilização desses conceitos para além dos limites da clínica, mantendo, porém, o método clínico de investigação.

Deprivação, tendência antissocial, Winnicott

Programa Renove / UNESP - Univ. Estadual Paulista
CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EDUCAÇÃO E DISCIPLINA NA OPINIÃO DOS PAIS: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS. *Michele Fernanda Schmitt* (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO),Michela Rodrigues Ribeiro (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO e Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF)*

A família representa o primeiro grupo de inserção social infantil. A presença e a atuação parental, assim como seu envolvimento e desempenho, se refletem diretamente na aquisição de habilidades sociais das crianças. Portanto, através do uso de práticas educativas, os pais são os primeiros e maiores responsáveis por mediar a aprendizagem de seus filhos. Práticas educativas deficitárias, ou ainda, a ausência de envolvimento afetivo dos pais, compõem fatores de risco que, em geral, afetam negativamente o desenvolvimento da criança. Tais condições podem torná-la vulnerável a variados contextos, podendo prejudicar o estabelecimento de relações interpessoais futuras da criança. Em 2010, uma proposta de alteração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), inclui o direito de educação sem a utilização de castigos físicos ou de tratamento cruel ou humilhante. Os pais que descumprirem podem ser encaminhados ao programa oficial ou comunitário de proteção à família, a tratamento psicológico ou psiquiátrico, a cursos ou programas de orientação e obrigados a encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado. No caso de lesões corporais graves, o responsável pode ser punido com uma pena de um a quatro anos de prisão. Esse Projeto de Lei tem sido popularmente denominado de "Lei da Palmada". Com os objetivos de analisar o comportamento dos pais em relação ao uso de práticas educativas positivas e coercitivas, quais os fatores de influência no desenvolvimento do repertório parental, e ainda opiniões sobre a "Lei da Palmada" o presente estudo entrevistou 9 mães e 1 pai, que tinham pelo menos um filho com idade variando de 4 a 12 anos em atendimento em uma clínica-escola. Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada elaborado para o estudo para avaliar os participantes, compreendendo as seguintes categorias: (a) parentalidade e práticas educativas; (b) apoio conjugal e social; (c) experiência quando criança; (d) percepção sobre o Projeto "Lei da Palmada". As entrevistas duraram cerca de 30 minutos em média. Os dados apontaram a utilização de diferentes tipos de práticas, evidenciando o uso de castigos físicos, retiradas de privilégios e ameaças (de castigos ou de rompimento do vínculo afetivo) como forma de controle de comportamento. Práticas parentais positivas como atenção, negociação e oferecimento de recompensas e privilégios foram infrequentes. A maioria dos entrevistados descreveu ter recebido uma educação rígida, onde não ocorria muito diálogo, indicando que houve transmissão intergeracional das práticas educativas. Em relação à lei, a maioria dos pais tinha conhecimento sobre a mesma e tinha opinião desfavorável quanto à sua aplicação. O trabalho discute a funcionalidade e aplicabilidade da lei, pois ela pode ter pouco poder de controlar o comportamento dos indivíduos, uma vez que as contingências atuam fortemente no contexto. Dessa maneira, haveria uma dificuldade de atuação diferenciada por parte dos pais em situações de estresse quando não há no repertório habilidades educativas adequado. Uma proposta alternativa à lei é o desenvolvimento de políticas públicas que auxiliem os pais na construção de um repertório de habilidades sociais e de práticas educativas positivas.

Práticas Educativas Parentais, "Lei da Palmada", Coerção

CLIN

EFEITOS DE INTERVENÇÃO EM HABILIDADES SOCIAIS COM UNIVERSIÁRIOS DIAGNOSTICADOS COM DEPRESSÃO. *Natália Natália Pinheiro Orti**,Vivian Bonani de Souza**, Alessandra Turini Bolsoni-Silva (Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP).*

Estudos de avaliação da saúde mental de universitários demonstram correlação positiva com desenvolvimento de habilidades de comunicação, expressão de sentimentos, assertividade e falar em público. No que se refere a pesquisas de intervenção com universitários a literatura aponta efetividade do treinamento de habilidades sociais em contexto psicoterápico para remissão de dificuldades interpessoais e problemas de saúde mental. Nesse contexto, o presente estudo diferencia-se por avaliar a aplicação de um procedimento semi-estruturado de intervenção em Habilidades Sociais com a ênfase terapêutica analítico-comportamental com um grupo de dois universitários com depressão. A intervenção foi composta de quatro sessões individuais de avaliação (cujos instrumentos foram entrevista clínica inicial, SCID-IV, BDI, IHS e o Questionário de Comportamentos e Contextos - QCC) e doze sessões de grupo, cada uma com ênfase temática em um conjunto de habilidades sociais (iniciar e manter conversações; fazer e responder perguntas; identificar direitos humanos; diferenças entre assertividade, passividade e agressividade ; expressão de sentimentos positivos, dar e receber feedback positivo; ouvir e expressar opiniões de concordância e discordância; expressar sentimentos negativos, feedback negativo e pedir mudança de comportamento; lidar com críticas, admitir os próprios erros e pedir desculpas; contexto de relacionamento amoroso; contexto de relacionamentos familiares; falar em público). As principais técnicas utilizadas foram análise funcional das dificuldades interpessoais dos clientes, psicoeducação sobre características das habilidades sociais, modelagem e role-playing. O procedimento foi avaliado enquanto delineamento de sujeito único, considerando medidas de pré-teste, pós-teste e seguimento. Os resultados de pós-teste em comparação ao pré-teste e à avaliação de seguimento demonstram remissão dos sintomas de depressão de ambos os clientes (critérios negativos na SCID-IV e decréscimo de sintomas do BDI, A: 19-6-4 e B: 12-3-2), satisfação com o tratamento (maior frequência de obtenção de consequências positivas, A:34-51-61 e B: 20-35-51 pelo QCC), generalização de habilidades sociais para contexto universitário, familiar e amoroso quanto a comunicação, expressão de sentimentos (A: 27-32-39 e B:13-17-40 pelo QCC), além de menor frequência de comportamentos não habilidosos, (A:16-13-8 e B:16-6-6 pelo QCC). Além disso, os resultados comparativos entre percentis do IHS demonstram aumento no conjunto de habilidades sociais de ambos os clientes (A:5-30-60 e B: 40-75-80). Conclui-se que o procedimento terapêutico semi-estruturado em habilidades sociais tenha contribuído para remissão dos sintomas depressivos e desenvolvimento de repertórios relevantes para o aumento na qualidade das interações interpessoais. Os resultados confirmam hipóteses de que o desenvolvimento de habilidades sociais pode ter implicações relevantes para o tratamento e prevenção de problemas de saúde mental.

Terapia analítico-comportamental; Universitários; Habilidades sociais.

CLIN

ESTUDO PSICANALÍTICO DO DESENCADEAMENTO DA ANOREXIA NERVOSA NA ADOLESCÊNCIA. *Rosana Sigler, Deyse Cristina Lázaro Soares*, Jocácia Rocha Ribeiro* (Curso de Psicologia - Departamento de Ciências da Saúde - Universidade Nove de Julho – São Paulo – SP)*

A anorexia nervosa é um transtorno mental cujas características principais são o medo excessivo de tornar-se obeso, a perda de peso importante, a distorção da imagem corporal e a amenorreia. A anorexia tem acometido com maior frequência as jovens adolescentes, mas pode ocorrer em homens, bem como numa criança com idade próxima à puberdade ou numa mulher adulta. Tem sido denominada pela Psicanálise como uma das patologias atuais e, como tal, aponta para importantes falhas na função simbólica. A presente pesquisa de Iniciação Científica objetivou compreender as razões psicodinâmicas pelas quais a anorexia nervosa é comumente desencadeada na adolescência. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica debruçou-se sobre a literatura psicanalítica acerca da anorexia em seus aspectos psicodinâmicos. A pesquisa documental foi feita no arquivo morto da clínica-escola de uma universidade, compreendendo o período de janeiro a julho de 2011 e tendo como objeto prontuários de usuários entre 12 e 18 anos. Foram levantados prontuários em que era possível identificar traços característicos da anorexia, de acordo com a literatura psicanalítica. Em seguida, foram transcritos os trechos de relatos de sessão que evidenciavam: a) episódios característicos da adolescência; b) traços da anorexia; c) outros episódios significativos vividos na adolescência antes do desencadeamento do transtorno. Foi feita, então, uma análise qualitativa de todos os dados presentes. Foi encontrado um único caso clínico. M.,16 anos, apresentou os traços característicos da anorexia: exercícios exaustivos; insatisfação com a imagem corporal e o emagrecimento de 20 quilos em um ano. M. apresentou outros episódios significativos vividos na adolescência antes do desencadeamento do transtorno: o uso de drogas; a saída da casa da mãe, por vivenciar esta relação com angústia intensa (desamparo); a vivência da sexualidade acompanhada de sensações de forte repulsa; a experiência de um aborto; e episódios de furto. O período da adolescência para a menina é, normalmente, um período de crise psíquica, pois se trata de realizar o luto do corpo infantil, a separação da mãe rumo à autonomia e a conquista da sexualidade adulta. Pode-se concluir que M. vivencia esta tarefa com angústia adicional, pela simples presença dos episódios pelos quais atravessa antes da patologia: o uso de drogas, o furto, o aborto e a saída da casa da mãe. Esses episódios antecedem os traços do quadro anoréxico. M., enfrentando sentimentos intensificados de desamparo, desvalimento e desesperança, parece anular e compensar essas vivências pelo controle onipotente sobre o próprio corpo que a anorexia promove.

Psicanálise. Anorexia nervosa. Adolescência

CLIN

EXPERIÊNCIA EM SUPERVISÕES DE CASOS CLÍNICOS NA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL. *Isabela Zaine, Jussara Fatima Pascualon – Araujo (Universidade Federal de São Carlos)*

É comum, na durante formação de psicólogo e também na atuação do profissional, a procura por orientações acerca da conduta com clientes no contexto clínico. Este trabalho relata a experiência de atuação de duas profissionais de psicologia clínica comportamental responsáveis, no período de 1 ano, pela supervisão de um grupo heterogêneo envolvendo estudantes do terceiro ao quinto ano de curso de graduação em Psicologia e profissionais já formados na área, baseado na prática adotada pelo Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento. As supervisões ocorriam semanalmente, com duração de duas horas por encontro, sendo que o tempo era dividido igualmente entre cada caso supervisionado. Cada integrante atendia um cliente (com exceção de um aluno de terceiro ano) também semanalmente, sendo que as sessões eram gravadas com a autorização do mesmo. Após os atendimentos, era requerido que os psicoterapeutas confeccionassem resumos de sessão, contendo trechos de falas literais do terapeuta e cliente, que eram lidos pelas supervisoras e outros integrantes do grupo. As sessões eram comentadas por escrito pelas supervisoras e entregues aos psicoterapeutas dias antes da supervisão, para que estes se preparassem para o encontro presencial. Neste, eram apontados os principais pontos de cada atendimento, análise de contingências e procedimentos a serem adotados nas próximas sessões. Apesar dessa atividade ser conduzida pelas supervisoras, todos os participantes do grupo eram encorajados a ler os resumos antes das supervisões e contribuir ativamente com sugestões de atuação e condução do caso. Durante o andamento do grupo, os membros que não acompanhavam nenhum cliente foram encorajados a comentar por escrito antecipadamente as sessões dos outros membros, de forma a motivar uma participação mais atuante. A avaliação sobre a maneira com que a atividade foi conduzida, os membros apontaram como pontos positivos: 1) o suporte das supervisoras tanto com relação aos comentários escritos sobre as sessões, quanto às orientações oferecidas presencialmente; 2) adequado manejo de tempo destinado aos comentários sobre cada caso; 3) comentários escritos enfatizando procedimentos aplicados, resultados obtidos e variáveis de controle de determinados comportamentos; 4) gravação das sessões e confecção dos resumos como ferramenta que propiciava supervisões com mais objetividade e riqueza de dados; 5) oportunidade de comentar por escrito sessões de outros membros, de forma a exercer uma função mais próxima a de um supervisor. Como sugestões para aprimorar as atividades desenvolvidas, foi apontado que houvesse maior exploração de conceitos básicos de análise do comportamento durante as supervisões e a oportunidade de todos comentarem por escrito as sessões de outros membros em semanas em que, por motivo de falta, o atendimento clínico não fora realizado. A avaliação apresentada pelos membros apontou que a forma como a supervisão foi conduzida favoreceu a aprendizagem da atuação clínica do psicólogo comportamental e ampliou o interesse e a confiança para atuação enquanto psicoterapeuta. Além disso, as supervisões em grupo possibilitam que os membros tenham contato e acompanhem diversos casos e suas particularidades, sendo, portanto, mais produtivas do que sessões individuais de supervisão.

CLIN

FENOMENOLOGIA DA VIDA DE RELAÇÕES: AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO ADI/TIP. *Gisela Renate Jost de Moraes (Fundadora da Fundação de Saúde Integral e Humanística - Belo Horizonte - MG); Eunides Almeida**; Maria Clara Jost de Moraes**; Ana Paula Gomes Jelihovschi*; Gerlaine Teixeira Rosa**; Ana Cláudia Lopes Fontes* (Fundação de Saúde Integral e Humanística - Belo Horizonte - MG)*

Na contemporaneidade as relações interpessoais encontram-se customizadas por uma sociedade consumista, narcisista e espetacular que produz subjetividades marcadas pelos seus excessos. Tais características favorecem o enfraquecimento dos laços afetivos, gerando, por sua vez, indivíduos ávidos para estabelecerem ligações duradouras - por proporcionarem o sentimento de pertença – e, contudo, paradoxalmente receosos em vincular-se, por temerem a perda da individualidade e liberdade. A partir de um olhar fenomenológico para as relações humanas, vislumbramos suas dinâmicas atreladas de forma temporal aos objetos, corpo, passado, presente e futuro. A ADI (Abordagem Direta do Inconsciente) tem como objetivos, através da TIP (Terapia de Integração Pessoal), utilizada como recurso complementar à Psicoterapia Fenomenológico-existencial, o desmantelamento de antigas cristalizações geradoras de sofrimentos, o fortalecimento dos vínculos afetivos, a descoberta de novas potencialidades e de outros sentidos para a existência bem como propiciar posturas de alteridade e de maior abertura ao outro e ao mundo; reforçando aspectos da transcendência humana. Para tanto, a ADI se utiliza de técnicas que possibilitam o acesso direto e consciente ao vivido e aos significados construídos. Neste processo é possível não apenas decodificar os registros negativos, ou códigos existenciais, como também desvendar as vivências que revelam posicionamentos mais autênticos nas relações interpessoais. O presente estudo teve como objetivo verificar as possíveis contribuições do método ADI/TIP para os clientes submetidos à terapia, no tocante aos relacionamentos interpessoais e amorosos. Foram selecionados 557 participantes, sendo 378 mulheres e 179 homens, que espontaneamente procuraram a Terapia de Integração Pessoal e foram submetidos ao método da Abordagem Direta do Inconsciente. A partir de um amplo questionário aplicado antes e após a intervenção terapêutica, foram selecionadas as questões referentes à dificuldade de relacionamento amoroso (DRA), dificuldade de relacionamento interpessoal (DRI) e dificuldade de expressão/percepção de afeto (DEA), que inclui o sentimento de incapacidade de amar e de sentir-se amado. Análises das variações das respostas iniciais (I) e finais (F) revelaram que houve uma redução significativa ($p<0,001$) de 59% (I:341; F:141) da DRA, 65% (I:196; F:68) de DRI, 73% (I:260; F:71) na DEA, 72% (I:225;F:64) no sentimento de incapacidade de amar e 80% (I:267; F:54) na incapacidade de sentir-se amado. Percebe-se que os sujeitos da pesquisa evidenciaram mudanças significativas após o processo da terapia em relação aos critérios avaliados. Na contramão dos traços característicos da contemporaneidade - autocentramento, descartabilidade e efemeridade - as relações afetivas assumiram aspectos mais transcendentes em decorrência das modificações em suas percepções. Tais transformações instauraram atitudes de abertura ante a descoberta de sentido no encontro consigo e com o outro. Assim sendo, a proposta desse processo terapêutico aumenta a possibilidade de reconstrução dos vínculos afetivos, o fortalecimento da capacidade de enfrentamento das adversidades, o conhecimento mais profundo de si mesmo, uma maior compreensão dos sofrimentos e a mudança dos posicionamentos assumidos diante do vivido.

ADI/TIP; Relações interpessoais/amorosas; Contemporaneidade.

CLIN

FORMAÇÃO DO TERAPEUTA NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA – UM CASO DE PSICOTERAPIA. *Bruna de Almeida Cruz*, Emanuel Meireles Vieira (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém-PA)*

Como outros profissionais, o psicoterapeuta precisa de uma formação específica, bem como atributos pessoais que o permitam exercer sua profissão. Desse modo, os cursos de Psicologia, além de oferecerem o conhecimento teórico necessário ao exercício da Psicoterapia, também dispõem de serviços-escola, nos quais os terapeutas em formação têm a oportunidade de exercitar suas habilidades de escuta. Na abordagem centrada na pessoa, o psicoterapeuta precisa, muito mais do que dominar técnicas, possuir atitudes facilitadoras para a comunicação do cliente, para a mudança significativa de suas percepções e atitudes. Essas atitudes primordiais do terapeuta são para Rogers a empatia, a consideração positiva e incondicional e a autenticidade. O objetivo deste trabalho é demonstrar, a partir da análise de um caso de Psicoterapia atendido na Clínica de Psicologia da Universidade Federal do Pará, o processo de aprendizagem do terapeuta em formação no sentido de aguçar suas atitudes facilitadoras. A terapeuta atendeu uma senhora de aproximadamente 50 anos, totalizando dez atendimentos pela Psicoterapia, após atendê-la quatro vezes num serviço de Plantão Psicológico. Para análise da interação terapeuta-cliente, foram utilizadas "versões de sentido", instrumento elaborado por Mauro Amatuzzi no qual se relata o que foi mais significativo na experiência para o terapeuta, de modo a demonstrar-se o sentido da experiência. Trata-se, portanto, mais de um relato de sentimentos e percepções do que de fatos ocorridos. As versões de sentido também eram os instrumentos utilizados para a supervisão do caso, que constitui o momento reservado para o acompanhamento e discussão do caso junto a um professor supervisor. Durante os atendimentos, a terapeuta observou uma mudança na sua percepção da Psicoterapia como modalidade de atendimento, bem como ampliou sua percepção das estratégias que poderia utilizar para facilitação terapêutica. O vínculo terapêutico, que vinha sendo formado desde os atendimentos do Plantão, foi ressignificado à medida que avançavam os atendimentos. Na interação com a cliente de psicoterapia, a terapeuta notou seu próprio movimento de rigidez inicial na sua postura diante da cliente transformando-se em uma fluidez na comunicação e no contato com a mesma, aguçando sua autenticidade na relação, representada por uma maior liberdade de expressão. Em relação à atitude empática, percebeu que sua técnica de resposta-reflexo poderia ser muito mais efetiva, na medida em que ressaltava aspectos mais relevantes da experiência da cliente, em vez de simplesmente o conteúdo explícito expresso em suas palavras, incluindo a reprodução de expressões corporais e faciais, bem como entonações da fala da cliente. Nas supervisões, foi avaliada a disponibilidade da terapeuta para o como a cliente aparecia como um fator importante para o avanço da relação terapêutica, ressaltando-se sua consideração positiva relativa ao ritmo próprio da cliente em seu processo de mudança, tendo a terapeuta aprendido a respeitá-lo. Percebeu-se durante a análise desse processo a evolução da psicoterapeuta, aprimorando sua técnica de escuta, bem como suas atitudes facilitadoras, o que a possibilitou impulsionar importantes mudanças da cliente, como maior contato com seus sentimentos e melhores estratégias para lidar com seus problemas, à medida que mudava a relação terapeuta-cliente.

Psicoterapia, formação do terapeuta, abordagem centrada na pessoa

CLIN

GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE MÃES: PROCEDIMENTOS E RESULTADOS.

Maria Benedita Lima Pardo, Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho, Ariane de Brito Santos, Maísa Santos de Jesus, Luciana Priscila Lima da Silva (Universidade Federal de Sergipe)

Os problemas de comportamento na infância e início da adolescência se constituem queixas comuns de pais que procuram atendimento para seus filhos em instituições de atendimento psicológico e/ou clínicas-escola. A despeito da variabilidade de proposições de intervenção com pais, observa-se que alguns princípios gerais regem as diferentes abordagens, tal como o reconhecimento de que os problemas de comportamento infantil estão vinculados ao contexto familiar da criança, principalmente com as práticas parentais. O objetivo desta pesquisa foi o de analisar as queixas trazidas pelas mães que freqüentaram um Grupo de Orientação (GO) e relatar as alterações percebidas por elas nos próprios comportamentos e no de seus filhos. O GO foi desenvolvido na clínica-escola de uma Universidade pública e teve a duração de oito encontros, um por semana. Participaram quatro mães com escolaridade variando do ensino fundamental ao superior completo, cujos filhos, de ambos os sexos, tinham idades entre 5 e 13 anos. Os dados foram coletados através de entrevistas individuais com as mães, antes do início e ao final dos encontros do grupo. As respostas foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados revelaram que no início as mães identificavam poucos comportamentos positivos nos filhos e tinham dúvidas quanto às práticas educativas. Suas principais queixas se relacionavam a desobediência, mentiras e medos manifestados pelas crianças. No decorrer dos encontros tais queixas foram trabalhadas através de discussões que versavam, em linguagem acessível ao grupo, sobre desenvolvimento infantil, substituição de práticas educativas negativas por positivas, importância do diálogo pais-filhos. Também foram realizadas sessões de brincadeiras em que as crianças compareciam e nas quais se observava e depois se comentava a interação mãe-criança. Nas entrevistas finais as mães foram solicitadas a retomar o motivo que as levaram a freqüentar o grupo e, além das queixas, duas delas reforçaram a importância das contribuições da Psicologia. Com relação a alterações no comportamento dos filhos, duas relataram que houve grande melhora, em especial nos comportamentos de desobedecer, mentir e ter medo. Uma indicou que a melhora foi regular, mas não relatou mudança no comportamento do filho. A outra, embora tenha considerado que não houve melhora, relatou que sua filha às vezes obedecia e às vezes não. Em relação a mudanças observadas nelas mesmas todas indicaram que haviam mudado seu modo de pensar sobre a educação do filho e que estavam preocupadas com a inserção de práticas educativas positivas no dia a dia. Identificavam também que as mudanças das práticas estavam relacionadas ao controle de suas emoções e comportamentos, tais como, ficar mais calma, escutar o que a criança tinha a dizer antes de partir para a ação. Duas delas também relataram que ainda não estavam conseguindo mudar seu comportamento com freqüência, indicando que mudar a prática educativa requer um processo de aprendizagem. Esses resultados estão em acordo com a literatura que enfatiza a importância de se trabalhar com as práticas educativas parentais, revelando também que alterações nas mesmas trazem benefícios tanto para as crianças como para os pais.

Apoio financeiro: PIBIX/PROEX/UFS

Palavras chave: grupo de orientação, práticas parentais, serviço de psicologia aplicada

P

CLIN

MATERNIDADE, RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E DESENVOLVIMENTO INFANTIL NOS SEIS PRIMEIROS MESES DE VIDA DO BEBÊ PREMATURO. *Tagma Marina Schneider Donelli, Stela Maris Henrich (UNISINOS)*

O nascimento de um bebê que necessita de cuidados hospitalares pode representar uma séria ameaça ao estabelecimento de um relacionamento saudável entre mãe e filho. Este relacionamento estaria prejudicado, entre outros aspectos, pelo afastamento físico do bebê. A internação de um bebê na UTI Neonatal e a consequente separação de mãe e bebê pode aumentar nas mulheres sentimentos de incapacidade e de impotência, que são frequentemente descritos como sensações de vazio e de perda, e incrementar os sintomas emocionais clínicos de ansiedade e depressão, ocasionando expectativas, reações e sentimentos negativos em relação ao bebê. Além disso, estudos que investigaram o impacto do nascimento de um bebê prematuro apontam alguns fatores como de risco para o desenvolvimento posterior da criança. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo investigar a vivência da maternidade, da relação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil nos primeiros seis meses de vida do bebê que nasceu prematuro. Foi utilizado delineamento de estudo de casos múltiplos, sendo participantes três duplas mãe-bebê. Durante a internação do bebê em UTI Neonatal, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados uma "Ficha de Dados Sócio-Demográficos" e uma "Ficha de Dados Clínicos" para obter informações sobre as circunstâncias em que ocorreu o nascimento prematuro, além de informações sobre idade, situação conjugal da mãe e situação familiar da dupla mãe-bebê. Também foi realizada uma "Entrevista Clínica Materna – versão hospitalar" com o objetivo de investigar as expectativas e sentimentos da mãe sobre a maternidade, o bebê e seu desenvolvimento futuro. Ainda durante a internação do bebê foi realizada uma "Sessão de Filmagem" da dupla mãe-bebê em um momento de interação livre, a fim de conhecer seus comportamentos interacionais, e aplicado o "IRDI" (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil), cuja finalidade é predizer problemas de desenvolvimento e risco psíquico. Após a alta hospitalar, as duplas foram acompanhadas a domicílio um mês após a alta do bebê, e quando ele estava completando seis meses de vida. Nessas ocasiões, as mães responderam uma "Entrevista Clínica Materna – versão ambulatorial" com o objetivo de investigar as expectativas e sentimentos da mãe sobre a maternidade, o bebê e seu desenvolvimento futuro após a alta hospitalar e após encerrada a primeira metade do primeiro ano de vida, e foram realizadas novas sessão de filmagem, além de aplicado o "IRDI". A análise preliminar dos dados vem mostrando que, durante a internação neonatal, as mães parecem experimentar uma sobrecarga emocional, o que pareceu agravar seus sentimentos de fracasso e de incapacidade para exercer seu papel materno. Entretanto, tal tendência não vem sendo observada após a alta hospitalar. Espera-se, com esse estudo, contribuir para o debate sobre a prevenção em saúde mental, tendo em vista que o pressuposto da clínica com bebês e crianças pequenas é a intervenção e a detecção precoce de transtornos psíquicos.

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O AMADURECIMENTO PRECOCE E O FALSO SELF NA SOCIEDADE ATUAL. *Ana Paula Medeiros**, Marcela Lança de Andrade**, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes e Valéria Barbieri (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP)*

Atualmente, as exigências do mercado de trabalho e das atividades cotidianas dos adultos fazem com que pais e escolas passem a exigir das crianças maiores responsabilidades e um desenvolvimento acadêmico acelerado. Para tanto, os valores e os ideais que antes prevaleciam precisam ser adaptados, os pais sentem-se na obrigação de oferecer o melhor para seus filhos, ainda que isso comprometa boa parte dos seus recursos financeiros. A educação e a promessa de sucesso profissional vinculado a ela passam a ser prioridades. Em prol disso, o sucesso ou insucesso escolar torna-se central na relação de pais e filhos, o que leva muitos pais a procurarem ajuda psicológica a fim de que os possíveis "problemas" escolares sejam solucionados, além da expectativa de que o filho seja 'perfeito'. O fornecimento de melhores condições de vida implica, muitas vezes, em uma obrigação por parte da criança, de corresponder às expectativas e altas exigências dos pais e professores. Desta forma, a criança precisa amadurecer precocemente, exigindo-se mais do que o necessário. Pensando na teoria do amadurecimento de Winnicott, baseada na capacidade inata do indivíduo de desenvolver-se e da presença de um ambiente facilitador, a maturidade é relacionada à idade da criança e resultante da sua capacidade de identificar-se com a sociedade sem sacrificar seu impulso individual. Nessa direção, analisa-se um caso atendido no serviço de triagem infantil da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto, de uma menina de 11 anos de idade, que absorve as expectativas e responsabilidades colocadas pelos pais e pela escola, mostrando-se madura precocemente. Procurou-se analisar, com base na teoria do amadurecimento de Winnicott, de que forma essa situação resulta em um amadurecimento precoce e como a cobrança excessiva por parte dos pais e da própria criança, tornam-se prejudiciais para um desenvolvimento sadio, a partir da colocação de Winnicott de que o amadurecimento é considerado saudável quando ele acompanha a idade da criança. Para que haja saúde, a criança quando cresce precisa se tornar uma pessoa adulta capaz de se identificar com a sociedade, podendo agir de forma espontânea e ser criativa. No caso estudado, durante o processo de triagem, foi possível perceber a alta exigência dos pais para com a filha, no intuito de que ela pudesse agir de acordo com as expectativas parentais, mostrando-se uma aluna exemplar na escola e capaz de lidar com situações acima do que seria esperado para a sua idade. Além das exigências escolares, a menina era cobrada por dar conta do cuidado com o irmão menor, não sendo permitida nenhuma reclamação ou questionamentos. Notou-se a submissão de suas necessidades infantis em detrimento das exigências do ambiente externo, restando à criança defender-se por meio do funcionamento falso self, pois ela se sente pressionada a corresponder às expectativas familiares e sociais para se sentir aceita. Houve indícios de dificuldades na passagem pela transicionalidade e na expressão do gesto espontâneo, denotando amadurecimento precoce, acompanhado de sentimentos de inutilidade diante do mundo, o que acarreta sofrimento a criança.

Amadurecimento precoce, falso self, psicanálise

CLIN

O ATENDIMENTO EM CONSULTAS TERAPÊUTICAS COM CRIANÇAS E ADULTOS EM UMA CLÍNICA ESCOLA. *Andressa Carolina de Souza*, Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo - FFCLRP-USP)*

A modalidade de atendimento em Consultas Terapêuticas é uma das grandes contribuições do pediatra e psicanalista Donald Woods Winnicott, em que, desde o primeiro contato entre terapeuta-paciente, leva-se em consideração a possibilidade de obtenção de modificações e maior integração dos aspectos do paciente. O encontro terapeuta-paciente permite que o holding possa ser oferecido, criando um espaço de acolhimento do paciente em que ele possa vivenciar uma relação autêntica que auxilia e favorece seu processo de desenvolvimento emocional. Este trabalho tem por objetivo explicitar a modalidade de "consultas terapêuticas" em uma clínica-escola e o aprendizado depreendido de sua prática. Para isso, o trabalho propõe-se a explorar dois atendimentos em "consultas terapêuticas", sendo um atendimento de uma criança de oito anos, e outro de uma mulher de 27 anos. Os atendimentos foram realizados pela mesma terapeuta e ocorreram com frequência de duas sessões semanais pelo período de cinco meses. A criança, uma menina com oito anos de idade, chegou para o atendimento na clínica-escola trazida pela mãe, a qual relatou como queixa a ansiedade da filha, dizendo que esta era uma criança "afobada". Ao longo do atendimento foi possível notar certa insegurança, sendo que sua espontaneidade aparecia pouco nas sessões. Pôde ser observada uma preocupação excessiva, além de grande rigidez de sua personalidade, como, por exemplo, quando questionava as horas diversas vezes durante uma mesma sessão, preocupada com o término do encontro. O holding oferecido pela terapeuta possibilitou, ao longo das sessões, que fosse permitido à criança recuperar sua criatividade, permitindo, assim, o aparecimento de gestos espontâneos, como, por exemplo, o sentar-se ao chão para criar uma brincadeira nova (aspecto inadmissível no início do atendimento). Já em relação ao atendimento realizado com Maria, uma mulher adulta, informa-se que ela buscou a clínica-escola após discussões recorrentes em seu ambiente familiar devido à agressividade com as pessoas com quem convivia, inclusive seu filho de dez meses. No contato com essa paciente eram recorrentes relatos de agressividade em seus contatos interpessoais, inclusive em relação ao seu próprio corpo, por meio do ato de beliscar seu rosto, deixando-o com marcas. Além disso, notou-se também a culpa por esses relacionamentos muitas vezes conflituosos e uma grande ambivalência entre ser adolescente/mulher. Por meio do encontro analítico notou-se seu desejo de também ser cuidada, além de cuidar dos outros, demonstrado, por exemplo, pelo seu desejo de fazer psicoterapia, processo pelo qual nunca havia passado anteriormente. A agressividade pôde ser trabalhada a partir da consideração da grande exigência tanto em relação ao outro quanto a ela mesma, tendo o acolhimento e o trabalho com a identificação de seus sentimentos grande importância. Por fim, ambos os atendimentos puderam demonstrar a relevância de um espaço terapêutico que permita ao paciente o existir, auxiliando-o assim no desenvolvimento de seu verdadeiro self, em que suas reais necessidades possam ser expressas, aceitas e trabalhadas.

Consultas terapêuticas, psicanálise, clínica.

CLIN

O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DE CRIANÇA AUTISTA. *Germano Henning, Marcus Túlio Pereira Andrade, Raulny Andrade de Souza Pereira, Daniel Del Rey (Núcleo Paradigma)*

Trata-se o presente trabalho de um estudo de caso de autismo. O cliente F. foi diagnosticado com autismo tardiamente aos 13 anos e, decorrente desse atraso, tem grave comprometimento. Os pais procuraram por terapia, devido à dificuldade em lidar com o filho. Atualmente F. está com 15 anos e a intervenção iniciou há 6 meses. O objetivo da intervenção foi: (a) ensinar diversos repertórios de atividade de vida diária (AVD); (b) desenvolver a autonomia para o cliente e para os pais; (c) promover mudanças no relacionamento entre a família. A observação realizada verificou que F. não apresentava autonomia para qualquer AVD como escovar os dentes, colocar os tênis, camiseta ou meia, tomar banho, alimentar-se, higienização pessoal e outros. Além disso, ele apresenta grave comprometimento muscular facial (hipotonia) e a língua não se mexe, o que é essencial para vocalização de diversas sílabas. Ele apresenta muitos comportamentos inapropriados como não se afastar do pai, puxando-lhe pelos braços para conseguir atenção; rasgar qualquer correspondência ou folha solta pela casa; excesso de contato físico com qualquer pessoa; desligar a TV quando os pais estão assistindo; birras, riscar as paredes com canetas e outros. A intervenção foi baseada no modelo ABA (Análise do Comportamento Aplicada) e foi montada uma lista de prioridades junto com os pais. O procedimento foi organizado por fases: a primeira consistiu no treino da discriminação do chinelo direito ou esquerdo com uso de fitas. A segunda fase foi a discriminação da calça quando estava do avesso ou não, arrumar a calça, colocá-la corretamente e a última fase é de escovar os dentes. Durante as últimas sessões, foi criado ciclo de atividade, que consiste em uma bateria de exercícios, simulando a hora de acordar e se arrumar para ir à escola. Durante todas as fases, o número de respostas independentes e dependentes foi registrado para cada sessão para o desenvolvimento de gráficos para a análise da aprendizagem do cliente. Após esses treinos serem concluídos, foi verificado que o cliente adquiriu o repertório de colocar a calça e tênis na ausência do terapeuta e de escovar os dentes, que, por mais que consegue realizar o movimento sem ajuda física, ainda precisa de mais treinos devido pelos erros de realizar toda sequência para limpar os dentes. As últimas sessões foram filmadas e mostradas aos pais para uma sessão de questionamentos dos princípios que norteiam o desenvolvimento do filho, que, segundo os pais, o filho se comporta adequadamente, porque é "malandro e só faz quando quiser e do jeito dele". No decorrer da sessão, o terapeuta apontou que o comportamento do filho depende de um ambiente estável e estruturado. Entretanto, como foi observado, os pais mantêm resistência em alterar essas crenças sobre o filho e apresentam uma dificuldade para aderir às orientações do profissional.

Autismo, Atividade de Vida Diária, Análise do Comportamento Aplicada, Terapia Extra-consultório,

CLIN

O MANEJO DA TENDÊNCIA ANTISSOCIAL DENTRO DE INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO. *Twyla dos Santos do Espírito Santo e Denise de Jesus Borba Faggion (Universidade São Judas Tadeu)*

Existem diversos motivos para uma criança ser legalmente afastada do convívio familiar, como abandono, destituição da família, orfandade entre outros. Quando isso ocorre, tais crianças podem ser encaminhadas para instituições de acolhimento, que tem o papel de acolhê-las, dar proteção e satisfazer suas necessidades básicas. Esses fatores podem levar ao desenvolvimento de uma tendência antissocial, fazendo com que a criança torne-se uma "criança difícil", buscando encontrar no ambiente o que ela sente terem roubado dela. Acredita-se que a psicanálise winnicottiana tem muito a contribuir para entender como se dão essas relações, julgando-se necessário fazer um estudo sobre a mesma. Este trabalho tem como objetivo geral fazer um levantamento da literatura que permita compreender como deve ser feito o manejo da tendência antissocial dentro de instituições de abrigo. Como objetivos específicos identificar quais os possíveis papéis dos profissionais que trabalham com essas crianças e como deve se dar o manejo para que seja retomado o amadurecimento saudável. Foi realizado um levantamento da literatura winnicottiana em livros e artigos na base de dados da ScieLO pautadas na presente temática. A análise qualitativa dos dados mostrou que a pesquisa de D. W. Winnicott sobre a privação e delinquência, desenvolvido na Segunda Guerra Mundial como consultor do Plano de Evacuação, em seu trabalho com crianças que viviam em alojamentos, podem ser adaptadas ao nosso contexto, fornecendo propostas de criação de um ambiente confiável para crianças que passaram pela experiência de desapossamento. Os estudos apontaram, também, que é de grande importância a seleção adequada dos profissionais que irão atuar junto às crianças com comportamentos antissociais, sendo que estas pessoas devem, se possível, constituir casais atuando de forma espontânea junto a criança, não cedendo lugar ao sentimentalismo no manejo com estas. Os resultados enfatizam a necessidade de que os profissionais sintam-se felizes, satisfeitos e estáveis em suas funções. Além disso, todos os profissionais, sejam eles de que nível for, têm papel fundamental no convívio com as crianças e devem estar cientes da importância dessa relação para que não se transforme em um estorvo. Uma vez que uma das características da tendência antissocial é a quebra da confiabilidade, os estudos apontaram que cabe ao ambiente reestabelecer essa relação de confiança, tornando-se, previsível e sustentando as crianças em situações tensas ou difíceis dando-lhes provas de sua sobrevivência enquanto ambiente facilitador. A partir do exposto, conclui-se que, a alta rotatividade de profissionais nessas instituições é um fator que contribui para que o manejo da tendência antissocial com crianças institucionalizadas acabe por se tornar difícil, além do grande acúmulo de crianças nos abrigos, que impossibilita esta relação com um ambiente estável e confiável, fator primordial para uma relação saudável. Considera-se de grande importância manter os estudos que priorizam este trabalho junto as crianças institucionalizadas, com o intuito de entender os papéis dos profissionais nelas inseridos, assim como o manejo destes juntos a estas crianças.

Winnicott;tendência antissocial;abrigos.

CLIN

O PROCESSO DE TRIAGEM INTERVENTIVA EM UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA: UM ESTUDO DE CASO. *Ana Paula Medeiros**, Fernanda Kimie Tavares Mishima Gomes, Eucia Beatriz Lopes Petean, Valéria Barbieri (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

Em um contexto de clínica-escola é fundamental que o processo de triagem seja completo, no intuito de melhor identificar a demanda do paciente e de encaminhá-lo para um serviço ou estágio que melhor posso atender a suas necessidades. Quando se trata da triagem de uma criança com algum tipo de deficiência, há a necessidade de se adaptar o processo para um aprofundamento da queixa e entendimento das influências das necessidades especiais em seu desenvolvimento. Desta forma, o presente trabalho objetiva apresentar um estudo de caso de uma triagem de uma criança do sexo masculino, com seis anos de idade e que será chamada pelo nome fictício de Pedro. A criança foi encaminhada por um neurologista para avaliação de suas capacidades e dificuldades e para atendimento psicoterápico. Diante desta solicitação, optou-se por realizar um processo de triagem interventivo, aliado a uma avaliação com a utilização de instrumentos. Realizou-se então uma entrevista inicial com os pais da criança, uma sessão lúdica, três sessões para aplicação de instrumentos e uma sessão familiar. Na entrevista, os pais contaram à psicóloga que descobriram a deficiência auditiva do filho quando este tinha quatro anos. Após o diagnóstico, foi realizada uma cirurgia que corrigiu parte do problema, sendo que Pedro passou a ter 50% da audição de um dos ouvidos. O restante da audição deste ouvido e toda a audição do outro ouvido não puderam ser recuperados. Na sessão lúdica houve dificuldade de contato entre a criança e a terapeuta, compreendendo-se que o comportamento agressivo da criança na escola e em outros ambientes ocorre por ela não se sentir entendida. A aplicação dos instrumentos Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, House-Tree-Person e Teste Gestáltico Visomotor de Bender apontam para um atraso cognitivo, uma dificuldade de ordem neurológica e dificuldades no relacionamento interpessoal. Ao observar a criança no contexto familiar, na presença dos pais e de suas duas irmãs, de 11 e 3 anos, nota-se que Pedro tem maior identificação com sua irmã mais nova, possivelmente em consequência da imaturidade emocional de ambos. Além disso, foi possível depreender que há uma dificuldade dos pais em aceitar a deficiência do filho, o que prejudica o contato familiar e o desenvolvimento da criança, já que eles passam a exigir do menino atitudes e comportamentos incompreensíveis à sua capacidade. Percebe-se então a necessidade de encaminhar a criança para atendimento psicoterápico e os pais para psicoterapia e orientação de pais, para que possam trabalhar suas dificuldades e auxiliar Pedro em suas necessidades. Diante deste quadro, destaca-se a importância da realização de novos trabalhos a respeito da psicoterapia infantil com crianças com necessidades especiais. É também relevante que sejam realizadas pesquisas sobre a aplicação de instrumentos e testes psicológicos em grupos com deficiência auditiva, para que se possa discutir as estratégias de aplicação e de análise dos dados, além da validade dos dados obtidos.

Triagem interventiva, deficiência auditiva, estudo de caso

CLIN

PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA EXPERIÊNCIA DE MUDANÇA SIGNIFICATIVA A PARTIR DE UMA RELAÇÃO EMPÁTICA. *Gabriela Di Paula Dias Ribeiro*; Emanuel Meireles Vieira (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém-PA).*

O plantão psicológico tem como característica a escuta emergencial à pessoa que o solicita. Na Clínica-escola de Psicologia da UFPA o atendimento é realizado a partir do referencial teórico da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), que tem como uma das condições necessárias para a facilitação de uma relação de ajuda terapêutica a compreensão empática juntamente com a aceitação positiva incondicional e a congruência. Uma escuta atenta torna-se essencial. Ouvir empaticamente é ser capaz de captar o sentido da experiência do cliente no momento vivido, possibilitando que este entre em contato com a sua vivência e passe a atribuir-lhe novos significados. Este estudo objetivou relatar a análise da experiência de um caso atendido no serviço de Plantão Psicológico enfatizando a compreensão empática na relação plantonista-cliente, que é a capacidade do terapeuta de adentrar a experiência da pessoa a fim de apreendê-la e comunicar o seu sentido imediato. O serviço oferece de um a quatro atendimentos psicológicos sem limite prévio de tempo e a escolha pelo retorno cabe à própria pessoa atendida. A análise foi realizada a partir de versões de sentido (VS), que é um instrumento elaborado por Amatuzzi baseado no método fenomenológico, fundamentado na fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty e na filosofia do diálogo, Matirn Buber. Sem o intuito de ser um registro objetivo, a VS é escrita imediatamente após o encontro, e nela pesquisador registra o sentido da experiência do que foi significativo na relação terapêutica vivida. Foram realizados quatro encontros, o primeiro com duração de duas horas e os outros três, em média, uma hora. O cliente tinha 27 anos e ensino superior incompleto. Ao chegar ao primeiro atendimento expôs angústia, ansiedade, incômodo que não sabia descrever, junto com o medo acentuado de estar depressivo ou de ter transtorno de ansiedade. Observou-se e confirmou-se com o cliente que suas expressões corporais comunicavam dor e confusão contiguamente às palavras que conseguiam e careciam de ser ditas. Nos atendimentos seguintes, falou sobre como se sentiu compreendido e passou a se posicionar diante de si mesmo, conhecendo os seus limites e as suas possibilidades. Suas atitudes e percepção de si haviam mudado a relação empática estabelecida entre plantonista-cliente, bem como a congruência e a aceitação positiva incondicional do terapeuta, propiciou uma fluidez experiencial. Visualizou-se que de acordo com as etapas do processo terapêutico na ACP o cliente passou do estado de rigidez, que é o distanciamento da sua experiência pessoal, para o de fluidez, que é a maior abertura, comunicação interior clara e descontração fisiológica. O caso analisado indicou também que diante de sessões menores, diferente de uma longa psicoterapia tradicional, o atendimento psicológico cumpriu o seu papel e facilitou o processo de significação da experiência da pessoa possibilitando o seu movimento de mudança. A ajuda terapêutica auxiliou o cliente a se posicionar e decidir acerca da demanda que o levou ao atendimento.

Plantão psicológico, Abordagem centrada na pessoa, Relação empática.

CLIN

PROCEDIMENTO PARA CARACTERIZAR COMPORTAMENTO-PROBLEMA A PARTIR DA QUEIXA DE "TORTURAR-SE PSICOLOGICAMENTE" APRESENTADA POR CLIENTE EM ATENDIMENTO CLÍNICO. *Fernanda Bordignon Luiz**, Olga Mitsue Kubo (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Ao procurar atendimento clínico, é comum o cliente relatar uma queixa que quer resolver ou melhorar. Para a Análise do Comportamento, tal queixa geralmente não é o comportamento-problema ou aquilo que precisa ser aperfeiçoado no repertório do cliente, uma vez que ele pode não estar sob controle das variáveis determinantes da queixa, mas apenas relatar efeitos imediatos indesejáveis ocorridos em certas situações de interação. Foi realizado atendimento com cliente do sexo masculino, de 27 anos, na clínica-escola de uma universidade pública do sul do Brasil. Nas primeiras sessões de atendimento, enfatizou como queixa o que ele denominou "torturar-se psicologicamente". A partir disso, os procedimentos desenvolvidos pela terapeuta para caracterizar o comportamento-problema foram: 1) "caracterizar situações nas quais o cliente 'torturava-se psicologicamente' (estímulos antecedentes), 2) aquilo que ele fazia que considerava 'torturar-se psicologicamente' (respostas) e 3) aquilo que era produzido a partir de tais respostas (estímulos consequentes)". À medida que são explicitadas as variáveis e os valores de variáveis constituintes dos comportamentos-queixa, assim como seus determinantes é possível 4) identificar relações de controle de estímulos desses comportamentos-queixa. Essa etapa foi feita por meio de identificação de variáveis de mesma classe relativas a cada um dos componentes de comportamentos apresentados pelo cliente: classes de estímulos antecedentes (por exemplo: "baixo grau de clareza acerca daquilo que deve produzir ao estudar"), classes de respostas (p.e.: "realizar atividades de estudo sem observar critério de urgência") e classes de estímulos consequentes (p.e.: "estímulos aversivos"). Tal etapa possibilita identificar relações funcionais de controle constituintes dos comportamentos-problema e, conseqüentemente, propor classes de comportamentos a serem desenvolvidas no repertório comportamental do cliente. A quinta etapa do procedimento constituiu em 5) "nomear as classes de comportamentos-problema", possibilitando que tais comportamentos fossem objeto de intervenção. Algumas das classes de comportamentos identificadas foram "realizar atividade de estudo sem observar grau de relevância" e "identificar atividades acadêmicas a serem realizadas sem considerar as características do resultado a ser produzido". A queixa apresentada pelo cliente de "torturar-se psicologicamente" é decorrência das classes de comportamentos-problemas, uma vez que ao escolher atividades que não produziam como conseqüências o "andamento" do trabalho, o cliente produzia conseqüências aversivas para ele. A última etapa para caracterizar comportamento-problema a partir da queixa de "torturar-se psicologicamente" consistiu em 6) identificar a classe geral de comportamento-problema a partir da função de cada classe de comportamento-problema identificada na etapa anterior. Tal classe foi nomeada como "escolher atividades a serem realizadas sob controle de variáveis pouco relevantes para produzir benefícios para sua vida profissional e pessoal". A descoberta da classe geral de comportamento-problema viabilizou a elaboração de objetivos de intervenção em curto, médio e longo prazos. Em curto prazo, o cliente aprendeu a programar condições de estudo, em médio prazo, a identificar variáveis sob controle das quais se comporta e em longo prazo foi proposto como objetivo da intervenção propor objetivos profissionais e pessoais, hierarquizar em ordem de relevância atividades que contribuem para que seus objetivos sejam alcançados, de modo que seus comportamentos sejam saudáveis para ele e para as pessoas com quem convive.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Terapia analítico-comportamental; procedimento do terapeuta; caracterização de comportamento-problema

Mestrado CAPES

CLIN

PROGRAMAS DE PREVENÇÃO SELETIVA PARA PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INTERNALIZANTES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: PANORAMA DA LITERATURA INTERNACIONAL. *Luan Flávia Barufi Fernandes**; Márcia Helena da Silva Melo Bertolla; Edwiges Ferreira de Mattos Silvares; Thaíla Alessandra Toledo**; Felipe Alckmin Carvalho** (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP)*

Os problemas de comportamento internalizantes referem-se à comportamentos privados, com intensos prejuízos para o individuo. Como exemplos, pode-se citar ansiedade, depressão, isolamento social e timidez. Geralmente, estas dificuldades psicológicas são de difícil identificação em crianças e adolescentes, pois os sinais são sutis e, em grande parte dos casos, não atingem intensamente seus cuidadores e pares. Dados de prevalência sobre ansiedade na infância e adolescência indicam que é o transtorno psicológico mais comum na idade escolar, atingindo cerca de 4 a 25% da população infanto-juvenil; enquanto a depressão afeta cerca de 1 a 2% das crianças na pré-puberdade e cerca de 3 a 8% dos adolescentes. Neste sentido, a prevenção pode atuar no desenvolvimento de métodos mais acurados de identificação de tais problemas e oferecer intervenções que fortaleçam fatores de proteção e amenizem situações de risco. A Prevenção pode ser descrita em três níveis de atuação: Universal, Seletiva e Indicada. A Prevenção Seletiva é dirigida para aqueles indivíduos ou grupos de um dado contexto que estão em situações de risco que favoreçam o desenvolvimento de problemas de comportamento. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um panorama geral da literatura internacional acerca de Programas de Prevenção Seletiva para problemas de comportamento internalizantes, principalmente, ansiedade e depressão. A pesquisa bibliográfica foi realizada em junho de 2012, nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme) e PsychINFO; com combinações das palavras-chave: prevention, psychology, depression, anxiety, childhood or adolescence. Os estudos selecionados se restringiram a artigos de revistas reconhecidas pela comunidade acadêmica e publicados no período de 1980 a 2011. Foram encontrados 15 resultados na base de dados Bireme e 14 na PsychINFO. Destes, apenas três artigos avaliaram a eficácia de programas de prevenção seletiva para ansiedade e nove artigos para depressão, junto a crianças e adolescentes. Os fatores de risco mais comuns adotados como critérios para seleção dos participantes foram divórcio dos pais, abuso de substâncias (álcool) pelos pais e morte de um dos cuidadores. Os estudos, em sua maioria, foram constituídos de intervenções voltadas para adolescentes. No que tange ao conteúdo, a Terapia Cognitivo-comportamental (TCC) e seus componentes formaram a base da maioria dos programas. Há uma tendência crescente de escolher as escolas como local para o desenvolvimento das intervenções. O sexo feminino apresentou escores mais altos para sintomas de depressão e ansiedade. Quanto ao tamanho da amostra: média de 78 participantes nos programas de prevenção para depressão e média de 214 participantes nos de ansiedade. Observou-se que todos os programas analisados obtiveram redução dos problemas de comportamento internalizantes. Poucos estudos envolveram a família na intervenção ou realizaram sessões com os pais ou cuidadores. A literatura internacional apresenta um conhecimento considerável de programas preventivos seletivos para depressão e ansiedade. Observa-se que há uma tendência crescente de comprovar a eficácia e efetividade destes programas e de promover sustentabilidade, principalmente, no contexto escolar.

Prevenção, depressão, ansiedade.

CAPES

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PSICODIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS: O USO DE DISPOSITIVOS CLÍNICOS PARA A COMPREENSÃO DA INTERAÇÃO CRIANÇA-FAMÍLIA. *Maria Regina Brecht Albertini, Lucia Cunha Lee (Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

Essa proposta de trabalho surgiu a partir da experiência clínica e como supervisoras de estágio em Serviço-Escola de Psicologia, especificamente na área do atendimento às crianças. O cotidiano da prática clínica com crianças encaminhadas para esses serviços tem estimulado importantes discussões e gerado trabalhos de investigação acerca do desenvolvimento infantil, sempre visando atualizações. Nesse sentido, um esforço central tem sido o estudo das demandas apresentadas nos atendimentos, procurando diferenciar os aspectos psicopatológicos daqueles considerados como parte do processo de desenvolvimento da criança. Esse ponto de vista parte de um pressuposto de compreensão abrangente e que concebe o desenvolvimento da criança vinculado às peculiaridades de sua família, contemplando a diversidade de configurações familiares. Na atualidade pouco se questiona a importância da inclusão dos pais no atendimento psicológico da criança. O avanço, nessa direção, busca aprimorar procedimentos que facilitem a compreensão de como se processa essa interação e qual a influência na problemática da criança. Dessa maneira, este trabalho pretende discutir procedimentos aplicados em psicodiagnóstico que propiciam a observação e análise da interação da criança com os membros do seu grupo familiar. Além disso, oferecer uma discussão acerca do impacto que esses procedimentos causam no grupo estudado. Nesses procedimentos atividades lúdicas, como desenho e histórias, são utilizadas como recurso facilitador da comunicação e da observação da interação criança - família. Participam dessa sessão a criança e os familiares com quem convive. Dependendo da configuração familiar, por exemplo em situações em que os pais são separados, são realizadas sessões distintas da criança com cada um dos pais e podem ser incluídos seus novos companheiros como também, irmãos e avós. Esses recursos são dispositivos clínicos que auxiliam tanto no processo de compreensão e análise das relações familiares, como na transmissão de informações, nas entrevistas devolutivas, realizadas ao final do psicodiagnóstico da criança. Além disso, essa modalidade de atendimento rompe com a separação rígida entre avaliação e psicoterapia, pois pode apresentar características interventivas. Como método, utilizamos o clínico-qualitativo, com fundamentação psicanalítica, sobretudo a desenvolvida por Donald Winnicott. Os resultados apontam que, nessas circunstâncias, os pais que participam não como indivíduos culpados dos sintomas das crianças, mas como elos de uma rede, compreendidos e implicados no processo, tendem a facilitar o curso de desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, os estudos na área do psicodiagnóstico têm um caráter de intervenção e de prevenção, já que promovem uma compreensão mais integrada e abrangente.

Palavras-chave: psicodiagnóstico; crianças; atendimento a pais; psicodiagnóstico interventivo; dispositivo clínico.

CLIN

PSICOTERAPIA BREVE NA 3ª IDADE: AS CONTRIBUIÇÕES DO PLANEJAMENTO PSICOTERÁPICO. *Gabriela Caldeira de Castro Novaes, Abigail Guedes Podestá*, Antonio Carlos Possa (FMU).*

A elevação da longevidade da população e a familiarização com as contribuições da psicologia para o bem-estar social têm motivado a população da terceira idade a buscar processos psicoterapêuticos em clínicas-escola. Por outro lado, a perspectiva de um processo de curta duração, geralmente não ultrapassando o período de um semestre letivo, somada à dor da retrospectiva de uma vida que exige reposicionamento de identidade, diante da ruptura da identidade profissional e mesmo da dinâmica conjugal e dinâmica familiar, com a perda e ingresso de componentes do grupo familiar, tornam o serviço oferecido pelas clínicas-escola vulneráveis ao abandono do processo pela população da terceira idade. Assim, um trabalho de Planejamento Psicoterápico torna-se forte aliado no combate ao abandono da psicoterapia, realizada por alunos-estagiários. Pilar de sustentação da psicoterapia breve, o Planejamento Psicoterápico, após as entrevistas iniciais e a identificação do núcleo do conflito, deve considerar o foco do trabalho que norteará todo o processo terapêutico, o objetivo estabelecido para o processo, a melhor combinação de intervenções, diante da estruturação egoica do paciente, como também o período de desenvolvimento do processo. Após a devolutiva das entrevistas iniciais, o Planejamento Psicoterápico é apresentado ao paciente. Como ilustração de um Planejamento Psicoterápico, utiliza-se um processo de psicoterapia breve, realizado com uma paciente de 63 anos, viúva há 2 anos. Mora com 2 filhas, 43 e 40 anos, e trabalha como cuidadora em turno de revezamento, atuando no período noturno. Queixa-se dos maltratos por parte da filha da senhora cuidada e resume sua vida como não tendo servido para nada. Alega que sempre foi desprezada desde a infância pela mãe e isso se repetiu ao longo dos anos na sua própria família. O foco do trabalho relacionava-se com sua baixa autoestima, diante de sua rigidez em não poder errar e de se submeter às vontades dos outros, mesmo com prejuízos afetivos. O objetivo estabelecido para o processo referia-se ao restabelecimento de suas qualidades, seus alcances, uma vez que, por seleção tendenciosa diante de sua rigidez, sempre colecionou fracassos na vida, não atentando para os seus méritos e conquistas. As intervenções mais frequentemente utilizadas no processo recaíram na clarificação, encorajamento à elaboração e validação empática. O trabalho foi programado para 14 sessões. A paciente, logo após a devolutiva das entrevistas iniciais, mostrou-se emocionada e motivada para a sequência do trabalho, já que se sentiu vista pela terapeuta, a partir da apreensão clínica apresentada. Desde então, após ter sido acolhida em sua história, a paciente participou ativamente das sessões, apresentando relatos que permitiam ilustrar a sua dinâmica psíquica e, dessa forma, ressignificá-los em uma nova compreensão de sua vida. Encerrou o processo terapêutico apresentando tranquilidade e menos culpa pelos acontecimentos da vida que teve, passando a se valorizar mais pelo que fez do que pelo que deixou de fazer. Verifica-se, assim, que o Planejamento Psicoterápico contribui para o desenvolvimento do processo psicoterapêutico, uma vez que apresenta uma unidade na condução do processo, permitindo ressignificações da história do paciente, evitando os frequentes abandonos nessa faixa etária.

Planejamento Psicoterápico; Terceira Idade; Clínica-escola.

CLIN

PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS NA TRANSIÇÃO DA FASE DA LATÊNCIA PARA A PUBERDADE. *Heloisa Helena Anderle*; Marilia Smanioto*; Marina Menezes** (Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, SC)*

O desenvolvimento psicossexual sob a luz das teorias psicodinâmicas é dividido em diferentes fases que caracterizam as emergências presentes no universo infantil do nascimento à entrada na adolescência. A fase da latência é considerada uma época propícia para a realização da análise, pois, nela a criança vivencia a consolidação do superego e uma maior organização do complexo edipiano, ocorrendo uma tendência ao uso da verbalização. Entretanto, ainda há a necessidade do uso do brinquedo como mediador da comunicação no setting terapêutico. Logo, a transição da fase de latência para a adolescência assume um lugar ambíguo na escala desenvolvimental, a pré-adolescência ou puberdade, que pode ser vista sob a perspectiva de uma mudança fenotípica acarretada por transformações físicas e hormonais. Estas mudanças também podem ser observadas em terapia com modificações pulsionais e do ego. A psicoterapia nesta fase assume um objetivo de trazer para o universo consciente do pré-adolescente seus conflitos e com eles elaborar estratégias que possibilitem a utilização da linguagem verbal durante o processo terapêutico caracterizando esta passagem de fase do mundo infantil para o adolescente. Neste estudo dá-se ênfase ao trabalho psicoterapêutico realizado com dois pré-adolescentes, sendo um deles de 13 anos (gênero masculino), com queixas de problemas de comportamento externalizado e uma de 11 anos (gênero feminino) com queixas de problemas de comportamento internalizado, atendidos durante o estágio curricular específico em Psicologia Clínica, no período de 2011-2 a 2012-1, em uma clínica escola de Psicologia de uma universidade do sul do Brasil. Para tanto, o modelo psicoterapêutico adotado foi a psicoterapia de orientação psicanalítica, sendo utilizadas estratégias de acesso aos conflitos mais emergentes. A participação dos pais foi menos freqüente do que na psicoterapia envolvendo crianças menores, visto que os pré-adolescentes se encontram em um período de construção autônoma marcado pelos conflitos relacionais com o mundo adulto e pelas formas de expressão mais agressivas, vindas de um afrouxamento das forças repressivas presentes no ego em transformação. Todas estas manifestações se fizeram presentes no setting terapêutico, por meio do discurso e de outras formas de comunicação não verbais que são típicas do pré-adolescente, tendo como plano norteador terapêutico a utilização das áreas mais sadias presentes no ego, favorecendo assim, a análise das demandas conflitivas trazidas como queixas manifestas e encobertas, tanto pelos pais, como pelo próprio pré-adolescente. Ambos os pacientes demonstraram a ampliação da utilização do recurso verbal como forma de expressão, substituindo paulatinamente os jogos. A capacidade de lidar com a frustração também se mostrou mais desenvolvida do que no início do processo terapêutico, assim como o incremento das relações interpessoais. Desta forma, pode-se considerar que a psicoterapia com esta população constitui-se num desafio ao aprendiz de terapeuta que necessita lançar mão de recursos variados conforme é demandado pelo paciente, indo e vindo do universo infanto-juvenil para melhor compreender e auxiliar esta fase de tamanhas transformações.

Psicoterapia psicanalítica; desenvolvimento psicossexual, puberdade

CLIN

PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS TEMPORARIAMENTE INSTITUCIONALIZADAS – A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO E SUPORTE EMOCIONAL EM UMA FASE DE TRANSIÇÃO E MUDANÇAS.

Fernanda Crosara Ladir, Marcionila Rodrigues da Silva Brito (Univerdade Federal de Uberlândia)*

O presente trabalho refere-se a um relato de caso de uma criança atendida no estágio supervisionado denominado "Psicoterapia Psicanalítica infantil", realizado desde 2011, na Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, e que atende crianças vitimizadas, em situação de risco e que vivem em Instituições de Acolhimento. Milhões de crianças encontram-se distantes de seus familiares, e seja esta situação definitiva ou provisória, sabe-se que quanto mais distante de sua família mais vulnerável esta criança se torna. Neste trabalho foi dada ênfase especial às contribuições da psicoterapia no que diz respeito a crianças acolhidas em Instituição de Acolhimento, de forma temporária, de modo que este estudo possa colaborar para a produção de conhecimento acerca deste momento delicado na vida dessas crianças. Se afastar do convívio familiar e permanecer em uma Instituição de Acolhimento pode representar para a criança um trauma muito doloroso. Mesmo quando este afastamento é causado por negligências e maus-tratos, a chegada em um local desconhecido, pode representar uma experiência causadora de muitos sofrimentos que não sendo devidamente elaborados, podem acabar constituindo fontes de dor que acompanham toda a vida da criança marcando o seu desenvolvimento emocional e social. O estudo de caso refere-se a C., um menino de 6 anos, que após se perder da família em uma rodoviária, foi institucionalizado e iniciou um processo de psicoterapia, que se estendeu por seis meses, até que sua família fosse localizada e ele voltasse para o seu lar. No inicio da psicoterapia, C. estava abalado com a situação em que se encontrava, apresentava medo, desânimo, tristeza, dificuldades de dormir e de se relacionar com as outras crianças da instituição e sentimentos ambivalentes pela família. Isso tudo gerava nele uma angústia e sofrimento psíquico muito grande e fazia com que ele se sentisse por muitas vezes "um estranho no ninho". A intervenção dentro da perspectiva da psicanálise norteou nossas ações. As etapas metodológicas foram: (1) acolhimento da criança; (2) avaliação psicológica - aplicação de testes, Horas Lúdicas; (3) Processo Psicoterápico; (4) Finalização da psicoterapia no momento em que a criança volta para a família. Na psicoterapia, procuramos trabalhar os sentimentos que faziam C. sofrer, fazendo com que aquele tempo e espaço onde se realizavam as sessões, possibilitassem a escuta e acolhimento de todo o seu mundo interno, e que C. pudesse expressar todos sentimentos que experiênciava. Ao final do processo, C. demonstrava estar convivendo melhor com sua dor, e apesar da saudade e desejo de reencontrar sua família, ele relatava momentos felizes e de esperança na instituição, superando as dificuldades iniciais através da psicoterapia que lhe forneceu suporte no momento em que C. estava vulnerável. Pôde-se perceber a importância desse processo, uma vez é no processo psicoterápico por meio do lúdico, que as crianças em situação de abrigamento podem elaborar seus conflitos, traumas e sofrimentos, suas dúvidas e angústias, reconstruírem sua auto-estima, confiança, sentimentos de alegria e esperança muitas vezes perdidos em meio a ocorrência inesperada da institucionalização, conseguindo com isso suportar e reparar os danos sofridos com o abandono.

Instituições de Acolhimento; Psicoterapia Psicanalítica; Crianças institucionalizadas;

CLIN

SUICÍDIO E RELIGIÃO: POSSIBILIDADES DE CONTENÇÃO. *Bruna Gomes Garcia, Nayara Cristina Cavalheiro, Heidi Miriam Bertolucci Coelho (Unesp)*

O suicídio é um tema muito presente nas clínicas-escolas de Psicologia, e que tem surgido frequentemente na Unesp do campus de Assis. Os índices de tentativas entre os alunos dos cursos da área de humanas são muito altos. Começam a partir daí alguns questionamentos que devemos nos fazer: quais as possibilidades de contenção para que o suicídio não aconteça? Que fatores podem estar contribuindo com seu acontecimento? Seria a religião uma forma de inibi-lo? Émile Durkheim define o conceito de suicídio como a morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, sabendo que produziria esse resultado. Entre os fatores que contribuem, o que temos percebido é uma imensa dificuldade em lidar com frustrações e as dificuldades, quaisquer sejam elas, que a vida apresenta. E qual seria a relação da religião com suicídio? Talvez valha refletir porque justamente os cursos que temos visto mais pessoas desestruturadas e cometendo tentativas de suicídio, são aqueles da área de humanas, conhecidos por revolucionar o pensamento e desconstruir o mundo e as instituições, como família e a religião, tal qual como as conhecemos fora do mundo acadêmico. Pensando a partir do olhar das religiões, a vida é vista como um dom sagrado de Deus, sendo sua interrupção voluntária impetuosamente condenada e configurada como pecado. Sendo assim, a religião pode ser apontada como um importante fator protetor contra o comportamento suicida. Este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão, a partir da experiência do atendimento clínico, sobre os motivos que podem estar contribuindo com a ocorrência de casos de tentativa de suicídio, e sobre também uma possível relação entre suicídio, religião e seus desdobramentos. Foi possível observar em alguns atendimentos o cruzamento desses temas, de forma que o relato de alguns pacientes diz respeito à vontade de se matar e ao mesmo tempo ao medo desse ato, por não saberem o que aconteceria com eles depois da morte, se vão para o céu ou para o inferno, e se seriam ou não perdoados. Pode-se perceber, que a culpa pela possibilidade de cometerem suicídio, portanto, uma culpa antecipada, é outro fator que os impede de chegar ao ato em si do suicídio. Ela pode ser ligada ao conceito de pecado dentro das religiões, colocando esse sentimento de "serem julgados" caso cometam esse extremo ato de auto agressividade. Portanto, a conclusão a que se pode chegar, é a de que, conhecer o contexto de vida, os costumes, crenças, a forma como um paciente encara a vida, está muito além de um ato de praxe, é extremamente essencial para que se possa analisar a probabilidade de que atos suicidas realmente sejam concretizados. Assim, cabe a nós profissionais nos inteirarmos sobre o complexo mundo interno do paciente, como também sobre a realidade externa que o compõe, para que possamos ter um papel ativo na contenção desses tipos de acontecimentos.

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TEORIA WINNICOTTIANA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO NA BASE DE DADOS CAPES (1996-2011). *Patricia do Nascimento Tavares, Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu)*

Estudos metacientíficos sobre a teoria de amadurecimento e desenvolvimento emocional de Winnicott possibilitam ampliação de conhecimentos sobre o estado da arte. Objetivou-se levantar e analisar a produção científica produzida acerca da teoria do amadurecimento e desenvolvimento emocional winnicottiana. O método utilizado constituiu-se por levantamento de resumos de dissertações e teses indexados no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no período de 1996 a 2011 sendo localizadas 128 pesquisas. Procedeu-se com as leituras, excluindo os resumos que não tivessem ligação direta com a temática restando 125 pesquisas sendo 91 dissertações de mestrado e 34 teses de doutorado. Realizou-se a leitura e tabulação dos dados em planilha eletrônica de acordo com as categorias ano de publicação, autoria, nível de formação, tipo de instituições envolvidas, local de defesa, área do conhecimento em que foram inscritas as pesquisas. Observou-se que apenas 11,20% das pesquisas foram realizadas no período de 1996 a 2000. Verificou-se que 79,12% das publicações são de gênero feminino e nível de formação em mestrado enquanto 18,68% das produções são de autoria masculina. Quanto ao nível de formação, 72,80% foram realizadas com formação em nível de mestrado seguido de 27,20% das pesquisas envolvendo doutorado. As instituições confessionais são as que mais produziram compreendendo 59,2% enquanto as instituições públicas correspondem a 31,20% e as particulares 9,60% das pesquisas. Quanto ao local de defesa das pesquisas, 49,60% destas foram defendidas na PUC/SP, seguido da USP com 17,60%. Dentre as pesquisas analisadas, 35,26% foram inscritos na área Tratamento e Prevenção Psicológica seguido da grande área Psicologia com 25,64% das pesquisas. Verificou-se que em 52,80% das pesquisas o número de vocábulos para composição do título foi respeitado enquanto 47,20% das pesquisas o título foi composto por mais de doze vocábulos. Conclui-se, portanto, que há um aumento gradual das pesquisas que se utilizam da teoria winnicottiana como manejo ou fundamentação teórica que passa a ser mais intenso a partir do ano de 2000; o gênero feminino foi quem mais produziu havendo maior número de pesquisas em nível de formação de mestrado o que é esperado tendo em vista a complexidade que envolve as pesquisas em doutorado; as instituições confessionais foram as quem mais produziu haja vista a articulação das mesmas criando cursos de pós-graduação e parcerias com agências de fomento visando equiparar sua produção com as instituições públicas comumente mais produtoras; a maioria das pesquisas foi defendida na PUC/SP sugerindo que das instituições onde ocorreu defesas, esta possui linhas de pesquisa voltadas para a abordagem winnicottiana; a área do conhecimento que mais concentrou pesquisas foi Tratamento e Prevenção Psicológica o que sugere a relevância deste teórico para a prática clínica.

Metanálise. Teoria do Amadurecimento. Prática Clínica.

Regime de Iniciação Científica (RIC) USJT

CLIN

TERAPIA EXTRA-CONSULTÓRIO EM CASO DE TDO E AGRESSIVIDADE.

Germano Henning (Protanv)

O presente trabalho trata de um estudo de caso de A., 9 anos, para o qual não havia um diagnóstico específico devido a um conjunto de sintomas e comportamentos inadequados, dificultando um modelo ideal de intervenção. Foi indicado aos pais a inserção na equipe multidisciplinar (fonoaudióloga, psiquiatra, terapeuta ocupacional e terapeuta de família) de um terapeuta extra-consultório e analista do comportamento para uma intervenção focada na agressividade. Inicialmente, o trabalho foi específico, mas, decorrente da variedade de sintomas e outras variáveis, foi necessário planejamento mais amplo. Assim, os objetivos da intervenção foram: (a) diminuir os comportamentos inadequados, como, por exemplo, a agressividade (bater na mãe, professora, jogar objetos, morder, etc), comportamentos infantilizados, comportamentos bizarros e oposição; (b) ensinar novos repertórios, incluindo habilidades sociais, adaptação cultural e metáforas e (c) alterar a estrutura familiar para manter a autonomia da criança e dos pais. Na primeira fase o procedimento consistiu em ensinar o cliente obedecer a relação de autoridade, estabelecer regras, ser estimulado por desenhos e brincadeiras apropriados para sua idade, adquirir autocontrole através de contenção física quando houvesse agressividade e desenvolvimento de habilidades sociais, com sessões na própria residência. O procedimento na segunda fase foi ensinar habilidade social no contexto escolar, utilizando os repertórios aprendidos anteriormente. Para isso, foram realizadas sessões também na escola. Os resultados foram: (a) Comportamento agressivo: diminuiu para uma ocorrência a cada 20-30 dias, enquanto no início ocorria, em média, 4x por semana. Diminuíram os episódios de agressividade em casa depois das orientações realizadas com os pais. (b) Comportamento de oposição: Apresentou um aumento na oposição (dizer "não" a qualquer demanda), devido à diminuição dos comportamentos agressivos. No atual momento, ocorre uma intervenção específica para a oposição. (c) Hábitos de estudo: os pais seguiram as orientações e estão ajudando o filho nas atividades acadêmicas com maior ênfase na autonomia, ou seja, eles não ficam lado a lado na lição, apenas quando ele precisa de ajuda e, quando termina as tarefas, é liberado o uso da TV. (d) Comportamento social: Atualmente, ele está brincando com crianças durante o recreio, o que anteriormente não acontecia. Ele ficava apenas chupando o dedo, enrolando o cabelo e rodando em torno de si. Também tem sido capaz de expressar melhor os seus sentimentos. (e) Estrutura familiar: Inicialmente, a mãe era o centro da família e tomava todas as decisões, sem consultar a opinião do marido. O pai não podia colocar limites, pois, para a mãe, o importante era o "afeto" e não a "autoridade". Assim, a orientação para os pais incluiu a maior atuação do pai no estabelecimento de limites sem ser autoritário, promovendo uma melhora na qualidade da interação familiar. Este trabalho foi reconhecido pela equipe, pais e escola. É possível, assim, uma reflexão sobre o papel amplo e fundamental do terapeuta extra-consultório em casos como este, quando não apresentam melhora significativa após um longo histórico de intervenções.

Transtorno Desafiador Opositor, terapia extra-consultório, agressividade, habilidades sociais

CLIN

TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA: ANÁLISE DE UM CASO CLÍNICO INFANTIL. *Adriano Schlösser (Universidade Federal de Santa Catarina), Ana Paula Sesti Becker, Márcia Aparecida Miranda Oliveira (Universidade do Vale do Itajaí)*

A família é pode ser considerada como um palco em que se vivem as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana. Na perspectiva sistêmica, o ser humano é compreendido como um ser inserido em sistemas, sendo que o primeiro e o principal é a família. Em vista deste cenário, este trabalho tem como finalidade apresentar um estudo de caso realizado com base na terapia familiar sistêmica. Salienta-se a utilização de nome fictício para facilitar a reflexão sobre o caso clínico. Especificamente, o caso reporta-se a uma família que traz como queixa à terapia à menina Helena de oito anos, trazida pela mãe por apresentar comportamento fóbico aos animais, desobediência, brigas freqüentes com a irmã mais nova e principalmente, porque no âmbito escolar, levava para casa os pertences dos colegas. O núcleo familiar de Helena é constituído pela mãe, padrasto e a irmã de 5 anos; cabe salientar que a avó materna interfere significativamente na dinâmica familiar da criança, uma vez que reside próximo da neta. No período dos atendimentos, maio a dezembro de 2011, Helena cursava o terceiro ano da segunda série do Ensino Fundamental em uma escola particular. Para a realização do atendimento psicoterapêutico, utilizou-se a abordagem familiar sistêmica, tendo-se como objetivos: compreender a dinâmica familiar da paciente; contribuir para a qualidade na relação familiar; refletir com a mãe acerca do papel que o pai biológico representa para as filhas; trazer subsídios a mãe e ao padrasto quanto às práticas educativas com a criança; re-significar com a Helena acerca do comportamento fóbico aos animais e apontar estratégias de enfrentamento quanto aos conflitos acometidos na escola. Os procedimentos metodológicos empregados nos encontros foram: o psicodiagnóstico, entrevista aberta com os pais e técnicas clínicas relacionais sistêmicas. A partir das intervenções terapêuticas realizadas, constataram-se mudanças de comportamento de Helena no âmbito escolar, não levando mais para casa os pertences dos colegas e dialogando a respeito das situações ocorridas. Sobre o funcionamento familiar, houve melhora a respeito dos comportamentos de Helena, contudo, a mãe e o padrasto ainda encontram dificuldades quanto às práticas educativas das crianças e no que concerne o envolvimento parental. Perduram ainda, no âmbito familiar, barreiras comunicacionais em transmitir para as crianças, o papel do pai biológico e a real condição deste, por encontrar-se preso. Conclui-se a partir desta intervenção psicoterapêutica, que o aporte emocional proporcionado pelo núcleo familiar, contribuiu de maneira efetiva para as problemáticas enfrentadas por Helena, sobretudo, no âmbito escolar; e de maneira geral, repercutiu para que o sistema familiar da paciente entrasse novamente em homeostase. Além disto, as técnicas relacionais mediante a dramatização, o conto de histórias e o brincar, foram estratégias eficazes no manejo com a paciente e sua respectiva família.

família; criança; terapia familiar sistêmica

CLIN

VIVÊNCIA DA MATERNIDADE NO CONTEXTO DA PREMATURIDADE.
Tagma Marina Schneider Donelli, Elisa Bertoletti, Elisângela Muria,Stela Maris Henrich (UNISINOS)

Desde os anos vinte, no século passado, quando foi criada a primeira unidade de cuidado especializado ao recém-nascido, o mundo observou um intenso progresso nas práticas ligadas à obstetrícia e à neonatologia, o que vem garantindo, cada vez mais, a sobrevivência de bebês nascidos prematuramente ou doentes. No Brasil, assim como em outros países, vem se observando um aumento significativo nos índices de sobrevivência de bebês nascidos em situações extremamente adversas. A experiência de internação neonatal, em uma época da vida na qual o bebê ainda não possui condições psíquicas de lidar com tantas demandas ambientais, acaba exigindo dos pais que façam o anteparo e protejam o psiquismo incipiente do bebê do excesso de estímulos, da intensa manipulação e do sofrimento de estar separado do corpo da mãe e privado das referências que construiu durante a gestação. Mas esses pais também estão sendo exigidos a lidar com a ameaça de perda de um ser que, mesmo tão jovem, já era parceiro de uma interação e de uma relação afetiva que se iniciou desde a gestação e até mesmo antes, quando a gravidez e o bebê foram imaginados, idealizados e acalentados nos sonhos dos pais. Assim, para melhor compreender a vivência da maternidade em mães de bebês prematuros durante a internação neonatal, foi realizado um estudo qualitativo de caráter exploratório. Foram participantes da pesquisa nove mães com idades entre 18 e 40 anos, cujos bebês se encontravam internados em UTI Neonatal em função do nascimento prematuro. Foram utilizados como instrumentos uma "Ficha de Dados Sócio-Demográficos" e uma "Ficha de Dados Clínicos" para obter informações sobre as circunstâncias em que ocorreu o nascimento prematuro, além de informações sobre idade, situação conjugal da mãe e situação familiar da dupla mãe-bebê. Também foi realizada uma "Entrevista Clínica Materna" com o objetivo de investigar as expectativas e sentimentos da mãe sobre a maternidade, o bebê e seu desenvolvimento futuro. Ainda durante a internação do bebê foi realizada uma "Sessão de Filmagem" da dupla mãe-bebê em um momento de interação livre, a fim de conhecer os comportamentos interacionais da dupla mãe-bebê. A análise dos dados permitiu identificar sentimentos de tristeza e enlutamento nas mães, independente de o bebê estar correndo risco de vida ou não. Percebeu-se, ainda, uma espécie de desligamento, onde a mãe se afastou de seu bebê por ele correr perigo, talvez por ser doloroso demais preocupar-se tão profundamente e sentir-se tão completamente impotente. Esta defesa pode ser considerada natural, tendo caráter adaptativo entre mãe e bebê e deve ser aceita por ser necessária neste momento de fragilidade. Além disso, ficou evidente a sobrecarga emocional à qual as mães dos bebês da pesquisa estavam submetidas durante a internação do bebê, o que pareceu agravar seus sentimentos de fracasso e de incapacidade para exercer seu papel materno.

CLIN

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DEPRESIÓN Y ANSIEDAD EN LA MENOPAUSIA: RESULTADOS DE TRES ESTUDIOS DE INTERVENCIÓN GRUPAL. *Cristina Larroy (Departamento de Psicología Clínica. Universidad Complutense de Madrid - España)*

La menopausia sobreviene en España a unas 270.000 mujeres anualmente. Cursa con sintomatología que, al menos en el 50% de los casos, supone un trastorno o problemas de salud para las mujeres que la padecen. El tratamiento mediante THS, además de provocar efectos secundarios indeseables, no parece eficaz para reducir la sintomatología depresiva ni ansiosa. Por ello, se ha diseñado una intervención cognitivo-conductual para la reducción de esta sintomatología asociada a la menopausia. En este trabajo se discuten los resultados de tres estudios que han utilizado esta intervención, y que ponen de manifiesto y confirman la eficacia del programa. Primer estudio - 28 mujeres, reclutadas en diversos ayuntamientos de Madrid recibieron un programa grupal dirigido a reducir la sintomatología asociada a la menopausia, depresión y ansiedad, y a la mejora de la calidad de vida. Todas ellas mostraban sintomatología clínica. Se consideraron VD las medidas a los cuestionarios BMI, HADS y de Calidad de Vida en Mujeres Mayores de 60 años. Se comparan los datos con los de un grupo control con las mismas características sociodemográficas y clínicas. Segundo estudio - Una vez verificada en el primer estudio la eficacia de la intervención, se aplica el programa de intervención a un grupo de 26 mujeres, de las cuales 17 cumplían con el criterio clínico de puntuación igual o mayor que ocho en ambas subescalas del HADS (ansiedad y depresión). La aplicación se lleva a cabo por distintos terapeutas que en el caso anterior. No hay grupo control. Tercer estudio - Se aplica el programa de intervención a un grupo de 12 mujeres, de las cuales todas cumplían con el criterio clínico del HADS (ansiedad y depresión). La aplicación se lleva a cabo por distintos terapeutas que en los casos anteriores. No hay grupo control. Se sometió a los grupos a una intervención grupal con técnicas cognitivo-conductuales, de dos horas de duración semanales, durante ocho semanas. La intervención incluía: psicoeducación, técnicas de desactivación, ejercicios de Kegel y reeducación sexual; identificación y control de preocupaciones excesivas y creencias irracionales; entrenamiento en solución de problemas y en administración del tiempo. Se realizaron medidas pre- post tratamiento (y de seguimiento en el primer estudio). Todos los grupos redujeron las puntuaciones en las VD respecto a la línea base (y en el primer estudio, también con respecto al grupo control). Por tanto, puede considerarse que la intervención propuesta se ha mostrado eficaz en la reducción de los síntomas de la menopausia. Los resultados obtenidos señalan que ésta es una intervención no sólo eficaz, sino también efectiva y eficiente, sin contraindicaciones ni efectos secundarios.

Depresión, ansiedad, menopausia , intervención.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

SÍNTOMAS SOMÁTICOS FUNCIONALES: ECUACIONES ESTRUCTURALES A PARTIR DE UN MODELO CONCEPTUAL EN UNA MUESTRA ESPAÑOLA. *Rodrigo Serra Giacobo, Maria Claustre Jané, Rodrigo Serra Giacobo, Albert Bonillo, Eva Araújo (Universitat Autònoma de Barcelona)*

Background: Las quejas físicas son bastante frecuentes en niños y adolescentes, siendo muchos de los síntomas de patología desconocida. Estos también han sido denominados como síntomas somáticos funcionales (SSF). Una variedad de SSF son comunes en la infancia, especialmente dolores de barriga, dolor de cabeza, cansancio, dolores en la espalda entre otros. La mayoría de las investigaciones, tanto en población general como clínica, demuestra que hay una frecuencia similar de los SSF tanto en niños como en niñas hasta la pubertad. Sin embargo, las niñas suelen presentar índices más elevados a la medida que se acercan a la adolescencia. Hay una evidencia considerable de altos niveles de psicopatología entre los niños con SSF. Muchas investigaciones confirman una importante asociación con los trastornos/síntomas de ansiedad y depresión. Los SSF son resultado de un proceso multifactorial entre factores ambientales y factores específicos del niño. Uno de los posibles factores ambientales es la presencia de trastornos psiquiátricos en alguno de los padres y la existencia de quejas físicas en algún miembro de la familia. Además, también se ha visto que la sobreprotección paterna es uno de los factores ambientales que puede tener un importante papel en el desarrollo de los SSF. El objetivo del estudio es verificar, a través de un modelo de ecuaciones estructurales, el efecto de la ansiedad y depresión tanto paterna como del propio niño sobre los SSF infantiles. Además, se verificará si los SSF están asociados con un mayor número de ausencias escolares, visitas al pediatra y sobreprotección paterna. De acuerdo con la literatura revisada, se espera que estás variables estén asociadas a los SSF. Método: Se trata de una muestra española de niños entre 6 y 8 años de edad (n=672). Los padres contestaron a cuestionarios sobre la presencia de síntomas somáticos en sus hijos, ausencias escolares, visitas al pediatra y síntomas psiquiátricos. También informaron sobre sobreprotección paterna, síntomas de ansiedad y depresión paterna y la existencia de síntomas somáticos en un miembro de la familia. Se utilizó un modelo de ecuaciones estructurales para estimar posibles efectos directos sobre los SSF. Resultados: El modelo estructural final presentó un excelente ajuste (ajuste del modelo: χ2 (df = 542) = 851.7, p = < .001; CFI = .91; TLI = .91; RMSEA = .02). Las variables latentes ansiedad de separación, fobia específica, síntomas somáticos de los padres y el género femenino ejercieron un efecto directo sobre los SSF. Por otro lado, los SSF estuvieron asociados a un mayor número de ausencias escolares y visitas al pediatra. Conclusiones: Los resultados del modelo estructural indican que la ansiedad de separación, fobia específica, síntomas somáticos en uno de los padres y el género deberían de ser considerados como importantes aspectos para comprender la presencia de SSF en niños de 6 a 8 años. En la práctica clínica, los psicólogos infantiles deberían de evaluar estos aspectos para que se pueda establecer un tratamiento adecuado.

Palabras Clave: Síntomas somáticos funcionales, modelo de ecuaciones estructurales, niños.

Nivel de trabajo: M

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

TEMPO COGNITIVO LENTO Y TRASTORNO DE DÉFICIT DE ATENCIÓN CON HIPERACTIVIDAD: DIFERENCIAS EN EL FUNCIONAMIENTO EJECUTIVO. *Claustre Jané Ballabriga, Eva Angelina Araujo Jiménez, Albert Bonillo Martin, Xavier Arrufat, Rodrigo Serra Giacobo (Universitat Autònoma de Barcelona)*

Recientes estudios han revelado la presencia de un nuevo constructo psicopatológico llamada Tempo Cognitivo Lento (TCL) asociado al Trastorno de Déficit de Atención con Hiperactividad (TDAH), sobre todo con el tipo desatento (TDAH-D). Se trata de conductas como lentitud, poca energía, somnolencia, soñolencia, y deterioro en el estado de alerta. Actualmente sigue en discusión la presencia activa de este constructo en los diferentes tipos de TDAH, por lo que es necesario el estudio detallado de sus características para una mejor comprensión de su nosología. Además de los síntomas conductuales, es importante estudiar el funcionamiento neuropsicológico asociado a estas psicopatologías, ya que es sabido que el TDAH es un trastorno fuertemente relacionado con déficits en el funcionamiento ejecutivo. Objetivo: Observar los déficits de la Función Ejecutiva asociados al TCL y a TDAH-D, y determinar si la presencia independiente de TCL impacta de manera directa sobre la Función Ejecutiva, o si los déficits vienen dados por la presencia de la desatención. Método: Se evaluó a 76 sujetos de entre 6-17 años de edad en Catalunya, España. Tanto a los niños/adolescentes como a sus padres se les realizó una entrevista diagnóstica para confirmar la presencia de desatención, un instrumento para evaluar los síntomas de TCL, y un cuestionario para evaluar la Función Ejecutiva. Se realizaron dos modelos jerárquicos de regresión lineal para evaluar la relación estadística entre la sintomatologías de TDAH-D, SCT y la FE. El primer modelo solo evaluaba la presencia de TCL y Función Ejecutiva, y en el segundo se incluía la sintomatología de TDAH-C. Resultados: Los síntomas de TCL mostraron un peso directo estadísticamente significativo sobre los déficits de la Función Ejecutiva, en las áreas de control emocional, memoria de trabajo, plan y organización, y monitorización. El TDAH-D resultó asociado a deficiencias en inhibición, control emocional, memoria de trabajo, plan y organización e iniciativa. La inclusión de la sintomatología de TDAH-D en el modelo no descartó el peso de los síntomas de SCT sobre las Función Ejecutiva. Conclusiones: Los síntomas de SCT están relacionados de manera independiente a déficits en la Función Ejecutiva. Por lo tanto, la sintomatología de TDAH-D y de SCT se asocian de manera diferente e independiente a los déficits ejecutivos. Ambos constructos promueven las deficiencias ejecutivas en los niños y adolescentes. Estos resultados pueden ayudar a la mejor comprensión de este nuevo constructo y facilitar futuras investigaciones. Conocer el funcionamiento ejecutivo de los niños/adolescentes con estas características, puede ayudar a los profesionales a implementar nuevas formas y herramientas de apoyo en su dificultades académicas, familiares y sociales. Se consideran necesarias más investigaciones con mayor número de muestra clínica.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRATAMIENTO DE LA DEPRESIÓN REFRACTARIA. UNA PROPUESTA DESDE UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA *Lilisbeth Perestelo-Pérez (Servicio de Evaluación del Servicio Canario de la Salud), Alia Pérez-Wehbe (Centro Sociosanitario El Pino, Grupo Sanitario ICOT), Amado Rivero Santana (Servicio de Evaluación del Servicio Canario de la Salud), Juan Manuel Bethencourt (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna) y Wenceslao Peñate (Facultad de Psicología, Universidad de La Laguna).*

La depresión refractaria o resistente al tratamiento (DRT) hace referencia a la ausencia de respuesta significativa al tratamiento de los procesos depresivos. Esa no respuesta está consensuada en relación con la ausencia de respuesta a dos tratamientos, usualmente dos psicofármacos. Sin embargo, se ha cuestionado esta conceptualización, por lo que se ha incluido modelos más complejos, donde se suelen incluir diferentes etapas en el fracaso del abordaje de la depresión. Esta dificultad en la identificación ha llevado incluso a la modificación conceptual de la DRT. Así la guía NICE para la depresión en el 2010 prefiere modificar ese concepto y cambiarlo por 'depresión compleja', evitando estigmas que podrían estar suscitando una denominación como DRT y evitando ideas prejuiciadas con respecto a su abordaje. Por otro lado, de acuerdo con una revisión sistemática llevada a cabo, lo que se observa es que para ese tipo de depresión, los tratamientos psicológicos están prácticamente ausentes, a pesar de ser tratamientos de elección para los trastornos depresivos. En este sentido, tomando en cuenta los datos y propuestas de la NICE y nuestros datos en relación con la revisión sistemática llevada a cabo, proponemos un abordaje integral de la depresión que incluya, desde un punto de vista conceptual, a las resistencias a tratamiento, y, desde un punto de vista clínico, los tratamientos psicosociales, de los que sobresalen los tratamientos psicológicos empíricamente derivados. La propuesta coincide en la propuesta escalonada hecha por la NICE, que tiene un carácter incremental en la complejidad en el abordaje de la depresión, los recursos terapéuticos y la combinación de los mismos.

Depresión refractaria, depresión resistente al tratamiento, tratamientos médicos, tratamientos psicológicos.

CLIN - Psicología Clínica y de la Personalidad

AUTONOMIA E LIBERDADE: A OBJETIVAÇÃO DA CIÊNCIA EM PSICOLOGIA. *Mucuri Danillo Lisboa Batista, Leonardo Lana de Carvalho (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha)*

O presente trabalho apresenta a contradição entre o homem enquanto ser livre e enquanto objeto de estudo e intervenção da psicologia cognitiva onde os fenômenos psicológicos são explicados a partir do princípio da causalidade, seja através de causas externas ou determinantes internos como promotores do comportamento humano. Partindo da problemática de confrontar a visão de homem advinda da perspectiva fenomenológico-existencial com a da perspectiva cognitiva-comportamental, o objetivo do trabalho foi focar no conceito de liberdade, apresentando-o como um divisor de perspectivas que, diferentemente de outros conceitos, se caracteriza como uma noção de difícil "tradução" de uma perspectiva a outra. A metodologia utilizada consistiu na análise da filosofia de Sartre, focando no conceito de liberdade, para relaciona-la com presupostos cognitivo-comportamentais. Como resultados apontamos que o modelo de ciência representado com maior ênfase na psicologia por meio das abordagens cognitiva-comportamentais se evidencia por uma tradição experimental e pelo domínio da técnica em contextos de intervenção psicológica. A explicação dos comportamentos humanos é garantida a partir da descoberta das relações de causa e efeito que acontecem durante a investigação de crenças e do histórico de condicionamentos forjados pelas contingências. Partindo desses pressupostos, a idéia de liberdade encontra similar na abordagem cognitiva-comportamental na noção de autonomia. A liberdade, conforme o conceito é proposto por Sartre, tem dificuldades de dialogar com as ciências. Na perspectiva fenomenológica-existencial o ser humano é por princípio um ser livre. Desse ponto de vista, a negação desse princípio reforça a idéia de homem enquanto objeto, de que o homem é reflexo de determinantes superiores a sua condição e que sua vida estará regida por forças externas. A noção de determinismo se justificaria segundo esta abordagem pois tal pensamento possibilita a tranqüilidade e a ausência da angústia de escolhas no indivíduo, pois encontrará fora de si a justificativa para seus atos. O sujeito se veria na possibilidade de agir sem se responsabilizar por seus atos. A proposta da fenomenologia iniciada por Husserl e continuada por Heidegger visa esclarecer a existência de uma consciência intencional dos atos humanos, baseada na condição de ser-ai diante do mundo, sendo projetada para o alcance de um objetivo: a pessoa humana enquanto sujeito de ação e promotor da sua condição. Do ponto de vista comportamental a intencionalidade e o propósito são explicados como comportamentos modelados pelas contingências. O propósito, como descreve Skinner, foi substituído pelo conceito de reforço na explicação das causas do comportamento. A definição de um operante tem implicações práticas no reconhecimento de intenções e responsabilidade. A título conclusivo, em Psicologia Cognitiva existem posições que parecem variar em alternativas que estariam povoando posições intermediárias entre estes dois pontos, por princípio, contraditórios mas exercendo grande influência no pensamento cognitivo.

Palavras-chave: Liberdade, Autonomia, Determinismo, Ser-no-mundo, Ciência

IC

COG

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONTROLE INIBITÓRIO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS. *Paula Lemes**, Joaquim Carlos Rossini (Laboratório de Medidas em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).*

Dados empíricos observados em populações normativas sugerem que o comportamento inibitório, regulado pelas funções executivas, apresenta características maturacionais específicas ao longo do desenvolvimento. O presente estudo teve como objetivo investigar o desempenho de crianças de 6 a 8 anos de idade em uma tarefa atentiva agir/não-agir (go/no-go). Este tipo de tarefa avalia a capacidade de inibir uma resposta motora freqüente (estímulos agir) frente a um estímulo sinalizador para a inibição da ação (estímulo não-agir). Participaram desta investigação 130 crianças, sendo 66 do sexo masculino. Os participantes foram solicitados a pressionar uma tecla o mais rápido possível frente à apresentação de figuras de objetos na tela do computador. Em 75% das provas as figuras eram estímulos "agir" e em 25% das provas a figura de uma bola representava o estímulo "não-agir", ou seja, frente a apresentação da figura da bola, nenhuma resposta deveria ser efetuada. O tempo de reação motor (TR) e a média do número de erros cometidos (comissões e omissões) foram analisados através do teste ANOVA para medidas repetidas para os fatores gênero e idade. O TR, o número de omissões e o número de coomissões apresentaram efeito significativo em função do fator idade $F(2,60) = 4,85$; $p < 0,01$ (TR médio - 6 anos = 651ms; 7 anos = 590ms; 8 anos = 500ms); omissões, $F(2,60) = 6,95$; $p<0,01$ (média de omissões - 6 anos = 4,68; 7 anos = 2,5; 8 anos = 1); coomissões, $F(2,60)= 11,45$; $p < 0,01$ (média de coomissões - 6 anos = 7; 7 anos = 3,9; 8 anos = 3). O fator gênero não influenciou significativamente nenhuma das variáveis dependentes analisadas. A análise dos resultados com o teste post hoc de Newman-Keuls evidenciou um desempenho significativamente inferior de crianças de 6 anos quando comparadas às crianças de 7 e 8 anos, tanto para o número de erros de omissão ($p = 0,03$), quanto coomissão ($p = 0,01$). O mesmo teste mostrou uma melhora significativa no desempenho do TR com o aumento da idade. Os dados empíricos desta pesquisa mostraram que as crianças de 6 anos de idade tiveram desempenho mais lento e cometeram mais erros quando comparadas com as crianças de 7 e 8 anos. Esses achados corroboram com estudos da literatura científica vigente que também sugere diferenças entre as idades investigadas em tarefas agir/não-agir, sem uma influência significativa do fator gênero. De maneira geral, os resultados deste estudo sugerem uma maturação do sistema atentivo e do controle inibitório entre as faixas etárias estudadas e aponta para a investigação de outras etapas do desenvolvimento humano.

Apoio financeiro: Bolsa de Mestrado – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Palavras-chave: psicologia cognitiva; atenção; controle inibitório.

Pesquisa de Mestrado

COG

CAPITAL COGNITIVO: QUANDO O NÃO ESCREVER E O NÃO INTERPRETAR CHEGAM AO ENSINO SUPERIOR. *José Aparecido da Silva (Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto/SP), Rosemary Conceição Dos Santos (Universidade de São Paulo – São Paulo/SP)*

Pesquisa identificando que 38% dos estudantes de ensino superior não dominam habilidades básicas de leitura e escrita, não conseguindo entender o que leem e tampouco conseguindo fazer relações com as informações que recebem, suscitam questões do tipo "O quão brilhante um indivíduo precisa ser para lidar com o conteúdo programático ministrado na universidade?"; "Qual é a competência da universidade em fornecer um conhecimento básico e comum a todo cidadão?"; "As universidades estão se tornando obsoletas no cenário educacional contemporâneo?"; "Qual é a superioridade real do ensino superior?" e "Até que ponto um grau universitário identifica cidadãos de 'primeira' classe no mercado de trabalho?". O objetivo deste trabalho é responder estas questões. A importância conferida ao leitor como última instância que concretiza a assimilação dos textos lidos data do final de 1960 e início da década de 1970, por ocasião do surgimento, na Alemanha Ocidental, da Estética da Recepção. Nesta época, as técnicas de análise de texto, então vigentes, foram consideradas desinteressantes pelos adeptos da nova teoria, por enfatizarem a análise de conteúdo de uma obra sem relacioná-lo ao momento histórico e tão pouco refletir sobre as diferentes expectativas do público que o recebia. Meio século depois, a competência cognitiva individual e/ou da população, em âmbito nacional, associada a diferentes indicadores, demonstra que tal competência associa-se, significativamente, a uma grande variedade de atributos sociais, econômicos, educacionais, políticos, geográficos, epidemiológicos, tecnológicos e de saúde. Ao longo dos últimos dez anos, crescente volume de pesquisas tem demonstrado que considerar a qualidade da educação, mensurada, substancialmente, pelas habilidades cognitivas aumenta a avaliação do papel da educação no desenvolvimento econômico. Ignorar as diferenças cognitivas na qualidade educacional negligencia e omite a real importância do elemento-chave da educação para o desenvolvimento econômico da nação: as habilidades cognitivas. Avanços tecnológicos recentes, geradores de profundas mudanças sociais no Brasil, constituíram uma nova elite cognitiva no país. Nesta, indivíduos extremamente capazes em lidar com complexidades, localizados no topo da distribuição das habilidades cognitivas, migram, transformando tanto o lugar por eles deixado, quanto o lugar por eles buscado. A criação de novas funções, requerendo grande e variada habilidade de lidar com a complexidade, requisitou que trabalhassem no máximo de suas mentes e que aprendessem cada vez mais. A noção de cognição, inteligência e leitura deve ser mais bem explorada pelos educadores, assim como, estes devem reconsiderar o poder oferecido pela habilidade cognitiva geral, a qual é, por si só, susceptível às influências educacionais.

Cognição, leitura, ensino superior

COG

ELABORAÇÃO DE TÉCNICA PARA AVALIAÇÃO DE PENSAMENTO CONTRAFACTUAL EM ADULTOS. *Juliana Sarantopoulos Faccioli - UFSCar Juliana Sarantopoulos Faccioli**, Florença Lucia Coelho Justino**, Patrícia Waltz Schelini (Laboratório de Desenvolvimento Humano e Cognição, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

O pensamento contrafactual é um tipo de pensamento espontâneo que se refere a formas como as pessoas imaginam o que poderia ter acontecido em relação a eventos passados, geralmente evocados por situações negativas, surpreendentes e inesperadas. Esse tipo de pensamento pode descrever situações melhores do que a realidade – pensamento ascendente, ou piores – pensamento descendente. Pode ainda se referir a aspectos da realidade que, segundo a literatura, são mais prontamente modificados pelas pessoas, tais como: ação/inação, obrigação, razão, tempo e eventos não usuais. O objetivo deste trabalho foi elaborar e avaliar um material destinado à análise do pensamento contrafactual de pessoas adultas. O material elaborado foi composto de cinco notícias adaptadas de jornais e revistas, seguidas de alternativas que permitiam a modificação de aspectos da notícia e que eram referentes às categorias descritas na literatura como sendo as mais comumente modificadas. Para a análise do material, foi realizada uma capacitação de juízes, visto que não se conhece especialistas sobre o pensamento contrafactual no contexto brasileiro. A capacitação foi feita com cinco juízes, todos estudantes de pós graduação em psicologia, e teve o objetivo de explicar o significado do pensamento contrafactual, em termos dos principais conceitos a ele relacionados, sua importância e particularidades, bem como os aspectos apontados pela literatura como mais modificados pelas pessoas. Após a capacitação, o material foi avaliado pelos juízes, quanto à ascendência e descendência das alternativas propostas para cada notícia e quanto ao aspecto da realidade a que cada alternativa se referia. O material para ser avaliado continha cinco notícias, cada uma seguida de quatro sentenças, sob forma de alternativas, que consistiam em mudanças num determinado evento da notícia. Além de avaliar as alternativas, os juízes deveriam também avaliar as instruções e escolher uma notícia para ser retirada do material. A concordância entre juízes foi pareada à proposta inicial das pesquisadoras para cada alternativa. No que se refere à ascendência e descendência, a concordância entre os juízes foi de 100%, sendo que apenas três alternativas não foram categorizadas por um juiz. As alternativas com baixo índice de concordância foram reformuladas e readequadas para uma nova avaliação. Em relação aos aspectos da realidade, de um total de 20 alternativas, oito tiveram alto índice de concordância (80%), sendo que 12 tiveram que ser readequadas. Os juízes indicaram que todas as alternativas originalmente escritas no pretérito fossem reescritas no pretérito imperfeito. Três dos cinco juízes sugeriram que uma notícia sobre a vida no corredor da morte fosse retirada do material, visto que ela não era representativa do contexto brasileiro e o índice de concordância em relação às alternativas de modificação foi baixo. Sugeriu-se ainda que as notícias fossem diminuídas, já que elas estavam muito extensas. A avaliação dos juízes possibilitou um refinamento nas instruções e adequação das alternativas formuladas.

Imaginação; Pensamento Contrafactual, Avaliação do Pensamento Contrafactual.

CAPES

COG

ENERGIA VITAL: EXPLORAÇÕES SOBRE A CONTINUIDADE DE ENERGIA VITAL APÓS A MORTE EM UMA AMOSTRA BRASILEIRA E NORTE AMERICANA. *Maira M Roazzi (University of Pittsburgh)*

Pesquisas no campo da ciência cognitiva da religião (Cognitive Science of Religion) partem da premissa que conceitos sobrenaturais e/ou religiosos se originam de conceitos intuitivos básicos (Boyer, 2001). Existem inúmeros estudos investigando o conceito de agentes sobrenaturais (como fantasmas e divindades), indicando que tais conceitos se originam e se alicerçam em uma teoria intuitiva da mente (Intuitive Theory of Mind) (Bering & Parker, 2006). Em contrapartida, novos estudos que exploram conceitos de alma e espírito indicam que outras teorias intuitivas podem também estar alicerçando tais conceitos. Uma teoria intuitiva sobre essência pode ser a base para a compreensão da alma (Richert & Harris, 2006, 2008), e intuições sobre a energia vital pode estar por trás de conceitos ligados a espírito e energia espiritual (Roazzi, Nyhof, & Johnson, 2009). O objetivo geral deste trabalho visa explorar se um conceito de energia vital estende para a vida após a morte, e se esta continuidade é concebida de forma distinta em diferentes países. Foram entrevistados 280 alunos universitários do Brasil e dos EUA. Participantes foram apresentados uma situação de morte hipotética e foi pedido que julgassem se uma serie de processos psicológicos e biológicos continuavam a existir após a morte. Uma série de medidas de controle foram obtidas com o objetivo de comparar ambos Países, sendo estas: afiliação religiosa, religiosidade, crença em superstição, crença na eficácia de medicina alternativa, uso de medicina alternativa e práticas alternativas. Os resultados apontam que participantes de ambos foram mais favoráveis á continuidade de energia positiva, seguida de funções mentais e energia negativa e menos favoráveis a continuidade de uma energia biológica e a funções biológicas. Estes resultados demostram como apesar de diferenças culturais, participantes de ambos países favorecem a continuidade de uma energia mais psicológica, que está atrelada a mente, possivelmente sendo guiados por uma teoria intuitiva da mente. Ao examinar as variáveis de controle, constatou-se que as respostas da amostra brasileira estava associada a maiores crenças e práticas alternativas e supersticiosas. Implicações destes resultados serão discutidos.

COG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDO LONGITUDINAL DO ÍNDICE DE VELOCIDADE DE PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO OBTIDO PELAS CRIANÇAS INFECTADAS PELO HIV. *Ana Paula Cunha*, Camila Quintana Ribas*, Ana Paula Almeida de Pereira** (Departamento de Psicologia, Laboratório de Neuropsicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR), Tony Tannous Tahan**, Cristina Rodrigues da Cruz**, Isac Bruck** (Hospital de Clínicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Na literatura encontram-se poucos estudos longitudinais com crianças infectadas pelo HIV. O HIV é um vírus que pode com certa facilidade se infiltrar no sistema nervoso central e comprometer o funcionamento cognitivo. Na infância, estes prejuízos podem ser maiores, pois neste período, o cérebro ainda está em desenvolvimento. Entre os danos causados pelo vírus, pesquisas relatam o comprometimento na velocidade de processamento da informação (VP). A VP se caracteriza pela eficiência e rapidez com que o cérebro irá captar e interpretar as informações do ambiente, podendo determinar sucesso ou fracasso principalmente naquelas ações do cotidiano que envolvem tempo. O objetivo do presente estudo foi analisar de forma longitudinal o desempenho de crianças com HIV na VP. Para tanto, utilizou-se os seguintes subtestes da Escala Wechsler para Crianças – Terceira Edição (WISC-III) que avaliam a VP: Procurar Símbolos e Código; os quais compõem o índice de velocidade de processamento (IVP). Foram avaliadas 10 crianças, inicialmente entre 7 a 11 anos, atendidas pelo Hospital de Clínicas da UFPR. Nesta primeira avaliação os escores ponderados médios do IVP obtidos foram 97,30 (DP=14,49). Depois de um intervalo que variou entre 1 a 5 anos, os mesmos pacientes foram reavaliados, os escores ponderados médios do IVP obtidos foram 99,5 (DP=14,96). De acordo com o teste-T para amostras dependentes, não houve diferença significativa entre as pontuações nos dois momentos (t(9)= -,624; p=0,548; α=0,05), neste índice. Sendo assim, os dados indicam que o grupo de crianças com HIV, no momento, encontra-se dentro da média normativa nesta função. Além disto, os resultados mantiveram-se estáveis pelas crianças com HIV. Portanto, a análise estatística sugere que esta função cognitiva (VP) não está sendo prejudicada com o aumento de idade. No entanto, estes dados devem ser vistos com cautela, pois é possível que os instrumentos utilizados não tenham sido sensíveis na detecção de prejuízos ao longo dos anos. Cabe salientar também, a necessidade de que sejam realizados estudos futuros que tenham um número maior da amostra, controle mais rigoroso no tempo de intervalo do re-teste, e que analisem nesta população não só o desempenho no IVP, mas inclusive a média obtida em cada item que o compõe.

Crianças, HIV, avaliação neuropsicológica

Fundação Araucária

COG

FOCALIZAÇÃO ATENTIVA E FLUXOS ÓPTICOS EM CENAS COMPLEXAS.

*Joaquim Carlos Rossini, Paula Lemes**, Adriana Borborema*, Lorena Barbosa*. (Laboratório de Medidas em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).*

Muitos estudos sugerem que a mobilização dos recursos atentivos pode ocorrer em função do movimento dos estímulos contidos no campo visual. Neste sentido, vários autores sugerem que o movimento de expansão óptica deflagra uma urgência de processamento vinculada a objetos em aproximação, o que resultaria em ganhos adaptativos para o organismo (behavioral-urgency hypothesis). O presente estudo investigou em quatro experimentos a mobilização do foco atentivo em função de fluxos ópticos de expansão (looming) e retração (receding) utilizados como dicas espaciais não preditivas quanto à localização de um estímulo alvo. No Experimento 1 dois fluxos ópticos eram apresentados simultaneamente no campo visual direito e esquerdo. Os Experimentos 2 e 3 investigaram a influência do fluxo óptico na mobilização do foco atentivo nos quatro quadrantes do campo visual. No Experimento 2, ¼ do campo visual apresentava um fluxo de expansão apresentado simultaneamente a ¾ do campo visual que apresentavam fluxos de retração. No Experimento 3 esta relação de apresentação foi invertida. A tarefa dos participantes nos três primeiros experimentos (n=10) era identificar, o mais rápido possível, a orientação de um estímulo alvo (uma barra vertical ou horizontal) pressionando uma tecla do computador para o registro do tempo de reação (TR). O estímulo alvo era apresentado no centro do fluxo óptico 250ms após o início da prova. Os três experimentos iniciais sugerem que os participantes foram mais rápidos quanto o alvo era apresentado no fluxo de expansão (TR: Exp1= 519ms; Exp2= 550ms; Exp3= 511ms) quando comparado ao fluxo de retração (TR: Exp1= 577ms; Exp2= 576ms; Exp3= 537ms), Exp1:$F(3,27)=2,90$; $p< 0,05$; Exp2: $F(1,9)= 9,80$; $p< 0,05$; Exp3: $F(1,9)= 38,7$; $p< 0,05$. No Experimento 4 (n=12) cada prova era iniciada com a apresentação simultânea de dois fluxos ópticos, um de expansão e outro de retração, dispostos em quadrantes diagonalmente opostos no campo visual. Nos dois quadrantes restantes nenhum estímulo era apresentado. Os fluxos ópticos permaneciam no campo visual por 866ms sendo imediatamente substituídos por uma cena de busca visual. Os estímulos de busca eram 16 sinais de soma (0,5ºx 0,1º) e o estímulo alvo (1 por prova) foi definido pelo deslocamento do segmento vertical (0,1º para a direita ou esquerda em relação ao centro do segmento horizontal). Os resultados sugerem uma maior eficiência na detecção do alvo precedido pelo fluxo óptico de expansão (TR= 1711ms) comparado a retração (TR= 1819ms) ou ausência de fluxo (TR= 1797), $F(2,22)=5,56$; $p<0,05$. Em conjunto, os resultados sugerem que o foco atentivo é espacialmente direcionado para áreas dinâmicas do campo visual que apresentam um fluxo óptico de expansão (aproximação) em detrimento de áreas dinâmicas que apresentam um fluxo óptico de retração (afastamento). Estes dados corroboram a hipótese ecológica de urgência do processamento em tarefas complexas de busca visual.

Apoio Financeiro: CNPq/Projeto 400915/2010-3

Palavras-chave: Fluxo óptico, Focalização Atentiva, Tempo de Reação

COG

MOTIVAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: RELAÇÕES ENTRE EMOÇÕES E METAS DE REALIZAÇÃO. *Tânia Maria Santana de Souza, Rômulo Fernandes Evangelista (Universidade Federal de São Carlos)*

As evidencias da pesquisa psicológica básica e das neurociências demonstram o impacto das emoções na aprendizagem, realização acadêmica e motivação. Estes achados contribuíram para estimular o interesse dos teóricos da motivação no contexto escolar pelo entendimento das relações entre as emoções de realização acadêmica e os construtos motivacionais autoeficácia, metas de realização, atribuições de causalidade. No âmbito da teoria de metas de realização tem sido verificado que as meta aprender é um preditor positivo das emoções satisfação pela aprendizagem, esperança e orgulho, a meta performance aproximação é preditor positivo de orgulho e a meta performance evitação é preditor positivo de ansiedade, desamparo e vergonha. Dada a relevância de estudos nacionais sobre motivação passarem a considerar as emoções como componente do processo motivacional, O presente estudo visa identifcar as relações entre as metas de realização (aprender, performance-aproximação e performance-evitação) e emoções de realização relacionadas a aprendizagem durante as aulas apresentadas por um grupo de universitários. Foram participantes da pesquisa 31 estudantes do primeiro semestre de um curso de psicologia de uma instituição de ensino superior publica, sendo 25 pertencentes ao sexo feminino e 6 pertencentes ao sexo masculino. Eles responderam a dois instrumentos: o instrumento para avaliar as emoções de realização experenciadas pelos estudantes em situações acadêmicas durante as aulas, ao estudar e durante os exames. amplamente utilizado na pesquisa. No caso do presente estudo, foram utilizadas as oito escalas para avaliar as emoções satisfação em relação a aprendizagem, orgulho, esperança, aborrecimento, raiva, ansiedade, desesperança, vergonha em situação de aula composto por 80 itens. O instrumento de avaliação de metas de realização (1) aprendizagem; (2) performance–aproximação; (3) perfomance – evitação com validação brasileira composto por 9 itens. O instrumento de metas de realização foi aplicada em um primeiro momento e duas semanas depois foi aplicada o instrumento de emoções. Foi verificada uma aceitável consistência interna dos itens das escalas de ambos instrumentos. Os resultados indicam que a meta aprender mostrou-se correlacionada postivamente com satisfação e negativamente com tedio, a meta performance-aproximação correlacionada postivamente com orgulho, meta performance-evitação correlacionada positivamente com orgulho e negativamente com tédio e vergonha. Apesar da amostra reduzida, os resultados mostraram-se consistentes com os achados nos estudos prévios, indicando uma possível generalidade dos achados anteriores e apoio a relação estreita entre emoções e motivação. O estudo é discutido em termos de direções futuras para a pesquisa que visem superar a falta de atenção ao papel das emoções no processo de ensino-aprendizagem.

Emoções, Metas, Realização, Universitários

PIBIC/CNPq

COG

O EFEITO DA MUSICALIZAÇÃO NO PROCESSAMENTO MATEMÁTICO E SOB CAPACIDADE DA MEMÓRIA OPERACIONAL EM CRIANÇAS. *Fabiana Silva Ribeiro, Flávia Heloisa dos Santos (Univesidade Federal de São Carlos)*

O processamento musical é estruturado por princípios que requerem diversas fontes de conhecimento e depende de habilidades cognitivas como a Memória Operacional, além disso, números, padrões, proporções são alguns dos conceitos que devem ser dominados por músicos. Entretanto, pouco se sabe sobre o desenvolvimento da cognição matemática e da capacidade da memória operacional após a musicalização. O objetivo deste estudo foi investigar os efeitos da musicalização sob as habilidades matemáticas e capacidade da memória operacional em crianças de 9 e 10 anos de idade, por meio de um pré-teste em recém inseridas na musicalização e um pós teste após um período de 12 meses. Participaram do estudo 16 crianças de 9 a 10 anos de idade, de ambos os sexos, que no pré-teste não possuíam experiência musical prévia. Após 12 meses, devido à desistência de algumas crianças da musicalização, estas foram divididas em dois grupos: CP (Crianças com permaneceram na musicalização; N=07) e CI (Crianças que interromperam a musicalização após 5 meses; N= 09). A musicalização foi coletiva em sessões de 1h/semanal. Os instrumentos utilizados em ambas as avaliações foram a Bateria para Avaliação do Tratamento dos Números e do Cálculo na Criança, Avaliação Automatizada de memória operacional e Teste de Repetição de Pseudopalavras para crianças brasileiras. Resultados: As crianças do grupo CP apresentaram no pós-teste escores mais altos que seus respectivos pré-testes para os seguintes subtestes da Zareki-R: Memória de Dígitos e Estimativa Visual, o grupo CI apresentou maior pontuação quando comparado ao seu pré-teste apenas para Estimativa Visual. A estimativa da magnitude do efeito de grupo pelo coeficiente d corroborou estes resultados, além disso, as pontuações do grupo CP estavam até dois desvios-padrão acima da média para a idade segundo dados normativos brasileiros (Santos, 2007), além disso, os resultados expressivos para pré-teste e pós-teste nos seguintes subtestes da AWMA: Recordação de Contagem e Span Espacial em que os escores do grupo CP foram significativamente maiores do que do que seus respectivos pré-testes e do grupo CI. Tal achado indica que a musicalização pode favorecer melhores resultados tanto em tarefas referentes ao armazenamento de informações (memória de curto-prazo verbal e vísuoespacial), assim como ao controle de processamento (memória operacional). Em conclusão, o grupo que permaneceu na musicalização obteve melhores escores em tarefas cognitivas referentes à memória operacional e ao processamento numérico, contudo, ainda não se sabe se este ganho é igual ou superior ao desenvolvimento associado à idade.

COG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

QUAL É A RELAÇÃO ENTRE FALSAS MEMÓRIAS E A ALIENAÇÃO PARENTAL? *Ederaldo José Lopes, Ana Luíza Casasanta Garcia (Universidade Federal de Uberlândia- Minas Gerais)*

A memória humana pode ser entendida como a reprodução e reconstrução das informações armazenadas. Entretanto, esse fenômeno não deve ser visto de forma isolada , já que depende da percepção e também é influenciado pelas emoções e pela imaginação. Assim, dado o fato de que a memória é um processo complexo, a recuperação de uma informação pode ser distorcida, podendo surgir as falsas memórias (FM). Trata-se de uma distorção de memória que consiste na recordação de fatos que nunca ocorreram ou a recordação de fatos que ocorreram, porém de modo distorcido. As FM têm sido observadas em pesquisas experimentais bem como em situações cotidianas. Um dos fatores que influenciam o aparecimento das FM é a sugestionabilidade, que consiste na tendência de um indivíduo em incorporar informações distorcidas a sua memória, provenientes de fontes externas, de forma intencional ou acidental. Assim sendo, é possível pensar em uma relação entre a alienação parental e as FM, já que o contexto conflituoso entre os pais pode fazer com que um dos genitores sugestione uma informação errônea acerca do outro para a criança, o que poderia levar ao surgimento de uma FM. Assim, o objetivo deste trabalho foi fazer uma revisão sistemática nas bases de dados Scielo, Pubmed, Redalyc, Lilacs, Web of Science, Wilson, Ebsco e PsycINFO a fim de encontrar uma possível relação entre as FM e a alienação parental. Para esse fim foram utilizados os descritores: "Falsa memória/False memory/Falsa memoria"; "Falsas memórias/False memories/Falsas memorias"; "Cuidados parentais e falsas memórias/Parental Care and false memories/ Cuidados parentais y falsas memorias"; "Falsa memória e alienação parental/ False memory and Parental Alienation/ Falsa memoria y Alienación Parental"; "Falsas memórias e alienação parental/False memories and Parental Alienation/ Falsas memorias" e "Alienação parental/Parental Alienation/ Alienación Parental". Foram encontrados 12 artigos que se relacionavam com o tema proposto. A partir da leitura dos artigos encontrados, observou-se que há relação entre FM e alienação parental, e o principal elo encontrado é a falsa acusação de abuso sexual. Assim, uma vez inserido em um contexto alienante, a criança pode se tornar sugestionável à implantação de falsas informações por um dos genitores, já que os pais estão em um conflito cujo objetivo é separar o filho do outro genitor. Desse modo, dada a acusação, há consequências jurídicas entorno desse processo, pois a comprovação se houve ou não houve o abuso é difícil de ser averiguada. Outro fator relevante encontrado foi o questionamento acerca da cientificidade da Síndrome da Alienação Parental (SAP), já que de acordo com as opiniões dos autores dos artigos lidos, a síndrome da alienação parental proposta por Richard Gardner parece ser "autossuficiente" em diagnosticar e tratar do problema. Entretanto não apresenta argumentos suficientes para sustentar seus pressupostos. Por fim, diante do número reduzido de material encontrado, sugerimos que haja novas pesquisas sobre a temática, a fim de abordar, por exemplo, a que outros fatores ligados às FM a alienação parental está relacionada.

Falsas memórias, Alienação parental, sugestionabilidade

PIBIC/CNPq/UFU

COG

RELAÇÃO ENTRE CAPACIDADE FINANCEIRA E DOENÇA DE ALZHEIMER EM IDOSOS: UM LEVANTAMENTO DA LITERATURA. *Endy-Ara Gouvea Gonçalves* (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos - São Carlos - SP); João dos Santos Carmo (Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos - São Carlos - SP; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino)*

A Doença de Alzheimer (DA) é a síndrome demencial que mais acomete idosos no Brasil; caracterizada por declínio crônico degenerativo progressivo nas áreas da cognição, função e comportamento; com comprometimento significativo da funcionalidade. Tal funcionalidade é composta por cinco áreas diferentes: memória, orientação espaço-temporal, julgamento, resolução de problemas e as AVDs. As AVDs são subdivididas em Atividades Básicas de Vida Diária (ABVD), relacionadas ao autocuidado (alimentação e higiene pessoal) e as Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), relacionadas à capacidade de administração do ambiente de vida dentro e fora do lar. Na DA as AIVDs são comprometidas logo nos estágios iniciais, sendo a capacidade financeira a com mais acentuada deterioração nos idosos portadores da doença. Capacidade financeira é definida como a habilidade de gerir, de maneira independente e conforme os interesses pessoais, as suas próprias finanças. Há poucos estudos, no Brasil, que examinam alterações relacionadas à demência e às mudanças nos diferentes componentes cognitivos da aritmética, e que estudam a relação da Capacidade Financeira com a DA. Há também a falta de homogeneização conceitual das pesquisas e padronização dos procedimentos e instrumentos utilizados por especialistas da área de gerontologia. O presente estudo objetivou analisar a relação entre capacidade financeira e DA a partir dos dados presentes na literatura. Buscou-se traçar perspectivas diante das informações que já existem sobre capacidade financeira em idosos com provável Alzheimer e indicar caminhos possíveis na tentativa de se compreender a DA na população brasileira. Realizou-se pesquisa teórica, do tipo bibliográfica com os descritores: Doença de Alzheimer, Habilidades Aritméticas e Capacidade Financeira em idosos e seus equivalentes em inglês. Os bancos de dados eletrônicos consultados, foram: Scielo; Periódicos CAPES; Web of Science; Pepsic; PsychInfo. Após a obtenção dos artigos que abordavam o tema, selecionou-se textos baseados no conteúdo contido em seu resumo/abstract, obtendo-se 14 artigos que preenchiam o critério temático. Realizou-se leitura analítica e comparativa das informações obtidas. Já é sabido que a capacidade de contagem não é afetada pelo envelhecimento normal do ser humano, porém a velocidade de contagem diminui muito com a idade, o que pode contribuir para o comprometimento observado em idosos com DA. Isto porque, constatou-se que pacientes com provável DA apresentam maior comprometimento nas habilidades aritméticas que os sujeitos saudáveis em tarefas de cálculo, tanto na realização das operações quanta na resolução de problemas. Verificou-se também que pacientes com DA leve e moderada demonstram significativas dificuldades em tarefas numéricas incorporadas em um contexto cotidiano, dificuldade essa que pode ser atribuída ao fato de que situações reais demandam múltiplas capacidades cognitivas. Sabe-se que as mudanças de comportamento e a conduta acarretam por fim a incapacidade do individuo de cuidar de si mesmo, culminando numa total dependência do idoso. O estudo das capacidades financeiras em idosos com DA e as constatações realizadas no trabalho aqui apresentado possibilitam que compreendamos melhor de que forma a habilidade aritmética se relaciona com a DA, seu diagnóstico e possíveis tratamentos, contribuindo, assim, para um diagnostico precoce da doença.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Doença de Alzheimer, capacidade financeira, habilidade aritmética.
COG

ROTAÇÃO DE IMAGENS MENTAIS A PARTIR DE UMA FONTE SENSORIAL TÁTIL E SUAS RELAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO. *Tiago Oliveira de Lima; Leonardo Rodrigues Sampaio; Luiza dos Santos Sá; Rodrigo Oliveira Damasceno (UNIVASF)*

A pesquisa objetivou avaliar se o princípio da Equivalência Funcional aplica-se à rotação de imagens mentais quando a fonte sensorial utilizada é o tato e não a visão, e em que momento do desenvolvimento cognitivo se consolida a capacidade de representação e manipulação de imagens mentais construídas a partir do tato. Desta forma, entende-se representação mental como uma projeção "interna" de coisas sentidas e percebidas externamente. Esta, pode ser posteriormente evocada, sem que haja estímulos sensoriais presentes. Dentre as formas de manipulação de imagens mentais mais investigadas destaca-se a Rotação Mental, que permite movimentar imagens em diferentes sentidos e direções partindo do princípio da equivalência funcional, no qual imagens mentais são funcionalmente análogas aos objetos reais por elas representados, além de serem processadas nas mesmas regiões corticais. É sabido que adultos podem experienciar e descrever atividades mentais privadas, mas o desenvolvimento desta capacidade em crianças ainda não foi suficientemente explorada. Sabe-se que a imaginação visual é uma forma de atividade mental à qual crianças desenvolvem acesso desde cedo, entretanto, sua capacidade em tarefas de rotação mental ainda é bastante questionada na literatura, fator que motivou o presente estudo. A amostra foi composta por 160 participantes, com idades entre 7 e 23 anos. Foram feitas estratificações por sexo e por idades. Os estímulos utilizados foram uma letra "R" e um número "2", ambos nas posições normal e invertida (reflexa), confeccionados em material emborrachado e posicionados perpendicularmente à cabeça dos participantes vendados. Os estímulos foram então rotacionados em diferentes angulações e apresentadas aos sujeitos que deveriam identificar suas posições. Por fim, os sujeitos foram indagados acerca de suas estratégias para o cumprimento da tarefa. De maneira geral, observou-se que os resultados encontrados corroboram os achados da literatura referentes aos tempos de resposta, que crescem juntamente com a disparidade angular entre os estímulos, tornando coerente o princípio da equivalência funcional também para estímulos táteis. A ideia de que estímulos familiares são mais facilmente manipulados é corroborada pelos resultados, que demonstram tempos de resposta significativamente maiores para estímulos na posição invertida que na posição normal. A taxa de erros, também cresceu proporcionalmente à disparidade angular dos estímulos, tanto na posição normal, quanto na invertida. Em relação às faixas estarias dos sujeitos, pôde-se notar que à medida que avançavam no desenvolvimento, suas taxas de erros e tempos de resposta diminuíam, demonstrando uma maturação das habilidades espaciais. Alem disso, com o avançar do desenvolvimento, o acesso consciente às estratégias empregadas na resolução da tarefa cresceu, sendo que no grupo mais jovem (7 a 10 anos), ele quase não foi manifestado. Outros dados mostram que homens foram significativamente mais rápidos e precisos que mulheres, mas não em todos os grupos. Estes resultados cobrem em parte uma lacuna empírico-teórica relacionada à importância do tato para constituição de imagens mentais ao longo do desenvolvimento.

Representações mentais; Rotação mental; Desenvolvimento cognitivo

COG

SEMIÓTICA E COGNIÇÃO: ESQUEMAS DE INTERAÇÕES SEMIÓTICAS NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO DELIRANTE. *Marcus Lepesqueur, Fabiano Gomes** (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

A presença de alterações na linguagem em pacientes com esquizofrenia e sua importância para o processo de diagnóstico, se faz presente desde a constituição da esquizofrenia como quadro nosológico até as classificações diagnósticas mais recentes como o DSM-IV e CID-10. Uma revisão da literatura mais recente sobre o tema aponta evidências de alterações no nível pragmático da compreensão e da produção da linguagem em pacientes com esquizofrenia, assim como mudanças mensuráveis nas estruturas linguísticas. O presente trabalho se baseia no quadro teórico da Linguística Cognitiva e no seu postulado de que a utilização das formas linguísticas está intrinsecamente relacionada a processos cognitivos. Pode-se esperar, portanto, que condições psicopatológicas apresentem reflexos na produção linguística e o estudo de tais reflexos podem contribuir tanto para a compreensão do processamento da linguagem, quanto para a compreensão das psicopatologias. Este trabalho é uma análise das formas como eventos delirantes foram expressos linguisticamente por uma paciente com esquizofrenia, baseado na hipótese de que existe uma relação entre o núcleo conceptual de um evento e a forma como ele é expresso em construções gramaticais. A hipótese é a de que eventos delirantes são expressos na língua por estruturas argumentais e temáticas especificas, uma vez que estão em jogo, nesses casos, esquemas de evento específicos. Foi analisada, então, a distribuição temáticas das unidades oracionais presentes no discurso delirante desta paciente, buscando definir esquemas cognitivos gerais relacionados à estrutura semântica e argumental. Pretendeu-se descrever as formas esquemáticas básicas, na perspectiva da corporeidade, ligadas a estes eventos delirantes tendo como ponto de partida a sua expressão na estrutura argumental. O corpus foi obtido a partir da transcrição de entrevistas, narrativas orais e conversações espontânea de uma paciente com esquizofrenia, registradas no documentário "Estamira", de Marcos Prado. O estudo de caso conduzido aponta que um tipo esquemático de interação semiótica representa bem aspectos semânticos e sintáticos da expressão dos eventos que compõem os delírios de influencia e persecutório dessa paciente. Essa forma esquemática de interação semiótica (ou esquema cognitivo) compõe o núcleo de eventos delirantes na medida em que se relaciona a uma forma básica de interpretação e organização dos eventos da experiência. Parte do processo de significação delirante pode ser compreendida, portanto, através de processos de integração conceptual organizados por essas formas semióticas esquemáticas. Esses achados corroboram a hipótese de uma organização básica da consciência em termos de interações semióticas e sugerem, ainda que de forma preliminar, a possibilidade da descrição de eventos delirantes em uma base linguística, o que ajudaria a compor critérios de descrição mais objetivos desses e outros sintomas psicopatológicos.

Bolsista da: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Palavras chave: Esquizofrenia; Delírio; Semiótica Cognitiva.

Mestrado – M

COG

TRIAGEM DO USO DE ANFETAMINAS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. Kelly Calixto Verdegay*, Vânia Patrícia Teixeira Vianna (Instituição: Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo os dados do II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil a dependência de anfetaminas atinge 0,2% da população adulta e o uso na vida de drogas ilícitas é feito por 22,8 % da população brasileira. Dado o crescente problema do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas é necessária a implantação de uma política de saúde eficaz, sendo a detecção precoce um modelo de atuação comprovadamente eficaz em ambientes de pesquisa. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de anfetaminas, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres para uso de anfetaminas na faixa de pontuação considerada como uso de risco de anfetaminas (4 a 26 pontos), segundo o teste Mann-Whitney (p=0,92). Homens apresentam maior uso de risco que mulheres. A porcentagem de homens com uso de risco para anfetaminas foi 1,2% e 1% para mulheres no presente estudo, sendo menor para mulheres do que as relatadas em estudo anteriormente realizado com o mesmo instrumento, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre Universitários das 27 capitais brasileiras foram encontrados 1,1% para homens e 5,9% para mulheres com risco moderado para anfetaminas, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. Discute-se a importância da detecção precoce do uso abusivo e dependência de anfetaminas em estudantes universitários que, normalmente, não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordados em levantamentos como este, na universidade onde frequentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Palavras chaves: triagem, instrumento ASSIST, anfetaminas.

Nível do trabalho: Iniciação Científica – IC

COG

ESTRATEGIAS DE ACTIVACIÓN EN TAREAS DE FLUENCIA SEMÁNTICA.

Juan Pablo Barreyro (CONICET - Universidad de Buenos Aires Macarena Martínez-Cuitilo,Geraldine Borovinsky,Juan Pablo Barreyro)

La memoria semántica es un sistema de memoria de largo plazo que almacena, procesa y recupera información respecto del significado de las palabras, objetos y conceptos, así como también del mundo y su significado (Hodges & Patterson, 1997; Patterson & Hodges, 1995). Una de las tareas más utilizadas para evaluar la indemnidad de ésta memoria es la fluencia semántica (Lezak, Howieson & Loring, 2004), en la que se le solicita al participante que, durante un tiempo restringido, produzca la mayor cantidad de palabras o ejemplares pertenecientes a una categoría (por ejemplo, animales). En esta prueba participan múltiples procesos cognitivos, tales como, sostener la atención, recuperar los conceptos, agruparlos dentro de una subcategoría (por ejemplo, animales domésticos), cambiar de una subcategoría a otra (por ejemplo, de animales domésticos a salvajes) e inhibir respuestas inapropiadas o previamente producidas (Vivas y Naveira, 2010). Investigaciones recientes en lengua inglesa (Schelble Therriault & Miller, 2011) han mostrado que el desempeño en una tarea de fluencia de animales depende de las estrategias utilizadas por los participantes, aquellos que utilicen alguna estrategia de agrupamiento o de subcategorización activarán mayor cantidad de ejemplares. El propósito de la presente investigación consistió en explorar las estrategias más frecuentes y eficaces en la fluencia semántica en español. Para ello se evaluaron cinco categorías semánticas (animales, frutas, indumentaria, medios de transporte y partes del cuerpo) de 20 participantes adultos jóvenes (de entre 20 y 30 años de edad), a quienes se les solicitó luego de cada fluencia evocar la estrategia utilizada. Inmediatamente después, se les entregó una lista de posibles estrategias a marcar, elaborada por los evaluadores y basada en la reportada para animales por Schelble Therriault & Miller (2011). Los resultados evidenciaron que no todas las estrategias permiten un mayor recuerdo de ejemplares. El uso de una estrategia de información conceptual (abstracta), basada en el conocimiento enciclopédico y el uso de una estrategia de búsqueda visual, basada en la imaginería visual, generaron una mayor activación de conceptos en comparación con estrategias fonológicas, de atributos semánticos o de asociación. Estos resultados dan cuenta que el conocimiento enciclopédico permite generar mayor cantidad de subcategorías semánticas, facilitando así, la mayor evocación de ejemplares.

COG - Psicología Cognitiva

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PROCEDIMIENTOS DE REVISIÓN DE TEXTOS EXPOSITIVOS Y CAPACIDAD DE MEMORIA DE TRABAJO. *Juan Pablo Barreyro (CONICET - Universidad de Buenos Aires)*

La comprensión del texto es una de las más complejas actividades cognitivas humanas, e implica la construcción de una representación coherente acerca del significado global del texto (Wolfe & Mienko, 2007; Zwaan & Singer, 2003). Un componente crucial en la construcción de esta representación es la generación de inferencias, la cual requiere que el lector active información no mencionada explícitamente en el texto (van den Broek, 1990, 1994; Virtue, van den Broek & Linderholm, 2006). La comprensión de textos expositivos constituye una importante herramienta para el aprendizaje (Vidal-Abarca, Martínez, & Gilabert, 2000). El objetivo de estos textos consiste en informar al lector acerca de nuevos conceptos, realidades abstractas, y aportar información técnica, lo que convierte su comprensión en un desafío (Britton, van Dusen, Glyn & Hemphill, 1990; McDaniel & Einstein, 1989; Singer & O'Connell, 2003). En consecuencia, es importante investigar cómo pueden ser mejorados para facilitar su comprensión. Los métodos que se proponen mejorar los textos reciben el nombre de procedimientos de revisión de textos (Vidal-Abarca & Gilabert, 2003). Los métodos más investigados de revisión han sido: el procedimiento de repetición de términos (Britton & Gulgoz, 1991), y el procedimiento de incremento de la densidad de relaciones (Vidal-Abarca et al. 2002). La memoria de trabajo se refiere al conjunto de procesos implicados en el control, la regulación y el mantenimiento activo de información relevante para la ejecución de tareas cognitivas complejas (Baddeley, 1986, 2000; Miyake & Shah, 1999; Unsworth & Engle, 2007). Diversas investigaciones (Burton & Daneman, 2007, Daneman & Carpenter, 1980; Friedman & Miyake 2004; Just & Carpenter, 1992) han mostrado que la capacidad de la memoria de trabajo permite explicar diferencias cualitativas y cuantitativas en comprensión. El propósito del presente trabajo es comprar el rendimiento de 48 lectores de alta y baja capacidad de memoria de trabajo en la comprensión del contenido literal e inferencial de textos analizados bajo dos procedimientos de revisión de texto: El método basado en la repetición de términos y el método basado en el incremento de la densidad de relaciones. Los resultados indicaron que los lectores de alta y baja capacidad de memoria mejoraron en la respuesta a preguntas acerca del contenido literal como del inferencial, en el texto revisado a través del método de incremento de la densidad de relaciones, sugiriendo que el método de incremento de la densidad de relaciones promueve el establecimiento de vínculos entre las ideas de las oraciones contiguas y distantes del texto, lo que promueve en el lector la construcción de una representación coherente y bien integrada de las ideas textuales.

COG - Psicología Cognitiva

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

RELACIÓN ENTRE LA MEMORIA DE TRABAJO Y VOCABULARIO EN NIÑOS DE 6, 8 Y 11 AÑOS. *Irene Injoque-Ricle, Juan Pablo Barreyro, Alejandra Calero, Débora I. Burin (CONICET - Universidad de Buenos Aires)*

La Memoria de Trabajo es un sistema de almacenamiento temporal y procesamiento concurrente de información al servicio de procesos cognitivos superiores, tales como la comprensión lectora, la lectura y la adquisición de nuevo vocabulario. Según el modelo clásico de Baddeley (Baddeley y Hitch, 1974; Baddeley, 1986), la Memoria de Trabajo está formada por tres componentes: el Ejecutivo Central, un sistema amodal de atención activo a cargo del procesamiento de información, y dos subsistemas esclavos de modalidad específica y capacidad limitada encargados del mantenimiento temporal de información: la Agenda Viso-Espacial, responsable del almacenamiento en base a sus características visuales y/o espaciales, y el Bucle Fonológico, a cargo del almacenamiento de información basada en el lenguaje. Según Baddeley (1999), el Ejecutivo Central es el encargado de activar de forma directa la información almacenada en la memoria de largo plazo que será temporalmente almacenada en la Agenda Viso-Espacial o el Bucle Fonológico, en función de su modalidad. Y por otro lado, Baddeley también propone que el Ejecutivo Central activa a través de la Agenda Viso-Espacial y el Bucle Fonológico la información almacenada a largo plazo en los sistemas cognitivos cristalizados (Baddeley 2000, 2002, 2003, 2007). El objetivo de este trabajo es poner a prueba un modelo acerca de la relación de los componentes de la Memoria de Trabajo con el sistema de información verbal cristalizada, en el que el Ejecutivo Central tiene un rol tanto directo con dicho sistema cristalizado como mediado por el Bucle Fonológico. Participaron del estudio 180 niños de 6, 8 y 11 años que concurrían dos escuelas de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Se les administró la Batería Automatizada de Memoria de Trabajo (AWMA; Alloway, 2007, Injoque-Ricle, Calero, Alloway & Burin, 2011), compuesta por doce pruebas que evalúan de manera exhaustiva cada uno de los componentes del modelo clásico de Baddeley, junto con Vocabulario del WISC-III (Wechsler, 1994). Para evaluar el ajuste del modelo a los datos se realizó un análisis de senderos con el programa estadístico AMOS 5.0. Los resultados indicaron que el modelo propuesto tiene un muy buen grado de ajuste a los datos (AGFI = .90; CFI = .98; TLI = .98; RMSEA = .04), mostrando la doble relación que mantiene el Ejecutivo Central con el sistema de información verbal cristalizada. Los datos hallados muestran el importante rol que tiene la Memoria de Trabajo en la recuperación de información verbal almacenada en la memoria de largo plazo, donde participan más de uno de sus componentes.

COG - Psicología Cognitiva

A BUSCA DE SINAIS PRECOCES DE AUTISMO EM BEBÊS DE ALTO RISCO. *Karin Yasmin Veloso Müller, Carolina Lampreia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)*

Vem sendo enfatizada a necessidade de uma identificação precoce do autismo, visando uma intervenção que procure minimizar os efeitos do transtorno. Para isto, têm sido observados bebês com irmãos com diagnóstico autístico, por haver uma recorrência significativamente maior de autismo nesta amostra. Estes estudos têm utilizado, principalmente, categorias quantitativas discretas de atenção compartilhada considerados marcadores do autismo. Porém, do ponto de vista do desenvolvimento, as interações diádicas mãe-bebê, entre o nascimento e os nove meses de idade são fundamentais também. Para que ocorram, é preciso que o bebê seja capaz de engajamento afetivo, o que parece não ocorrer com bebês com risco autístico. Objetivo: Tendo como meta encontrar subsídios para uma intervenção precoce no autismo, entre os 12 e 24 meses de idade, esta pesquisa teve como objetivo identificar sinais de risco de autismo no primeiro ano de vida. Método: Foram recrutados bebês entre 3 e 6 meses de idade, formando dois grupos: 1) Grupo Autismo (AU) – 2 bebês com irmão com diagnóstico autístico (P1 e P4) e 2) Grupo Desenvolvimento Típico (DT) – 2 bebês sem histórico familiar de autismo (P2 e P3). Os bebês foram observados e filmados até completarem um ano, em interação com suas cuidadoras e/ou uma pesquisadora em situação face a face e/ou através de brinquedos. Foram utilizadas como categorias de análise das filmagens: (1) Categorias discretas: sorriso, contato ocular e vocalização. (2) Categorias afetivas: engajamento afetivo e fluxo da interação. Foi feito o follow up com filmagens bimestrais até os 24 meses de idade. Os bebês também foram avaliados quanto a possíveis disfunções de processamento sensorial e possível atraso do desenvolvimento. Resultados: No grupo AU, o participante P1 não apresentou anormalidades quanto aos dados discretos e nem quanto ao fluxo de interação e conexão emocional. Nesse mesmo grupo, P4 obteve resultado normal para o DSM-IV e CARS, mas apresentou maneirismo aos 12 meses. Não manteve contato ocular e apresentou sorriso não social. O Fluxo de interação da díade foi mínimo e sua conexão emocional foi predominantemente alguma. Chamou a atenção para risco autístico confirmado pelo Bayley. No grupo DT, P2 mostrou ter desenvolvimento típico. Sua conexão emocional e fluxos de interação foram variáveis. P3 teve resultados normais.Conclusão: Uma parte dos sinais buscado na pesquisa foi detectada através das categorias discretas e afetivas, mas outra parte só foi possível por meio da observação clínica. Sem esta, não teríamos percebido algumas das evidências do risco autístico de P4, como não manter o contato ocular e ter um sorriso não social constante. Dessa forma, podemos concluir que a aplicação da observação clínica pode ser fundamental para a obtenção de diagnósticos mais precisos nos primeiros 12 meses de vida.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A CONFIANÇA SELETIVA EM CRIANÇAS BRASILEIRAS. *Débora de Hollanda Souza (Universidade Federal de São Carlos), Melissa Ann Koenig (University of Minnesota, E.U.A.), Rafael Lopes (Universidade Federal de São Carlos)*

Há uma visão predominante em várias culturas de que as crianças são propensas à credulidade e acreditam em tudo que ouvem. Há, no entanto, evidências experimentais recentes de que crianças americanas são capazes de rastrear a história passada de um indivíduo como alguém confiável ou impreciso e, com base nesse rastreamento, determinar quem é o informante confiável em situações em que novas informações devem ser aprendidas. O presente trabalho tem dois objetivos principais: a) investigar um mecanismo cognitivo potencial que possa explicar o fenômeno da confiança seletiva; e b) determinar a relação entre a habilidade para aceitar seletivamente informações de indivíduos confiáveis e o desenvolvimento da compreensão de estados mentais alheios (ou teoria da mente) em uma amostra de crianças brasileiras de idade pré-escolar. Quarenta e cinco crianças de 3 anos e 4 anos foram recrutadas em creches universitárias no estado de São Paulo e participam do presente estudo. As crianças foram avaliadas pelo TVIP (Teste de Vocabulário Receptivo por Imagens Peabody), pela escala de teoria da mente que é composta de sete tarefas e finalmente, por uma tarefa padrão de confiança seletiva utilizada em estudos prévios. A tarefa de confiança seletiva consiste em apresentar à criança cenas gravadas envolvendo sempre 3 atrizes, cada uma vestindo uma blusa de cor diferente (branca, vermelha ou preta). Durante a fase de familiarização (4 tentativas), a criança observa a atriz com a blusa preta trazendo objetos conhecidos e os colocando em uma mesa. Em seguida, ela pergunta às duas outras personagens "Você pode me dizer o que é isso?". Como são quatro tentativas de familiarização, quatro objetos diferentes são apresentados aos informantes (sapato, bola, copo, banana). Quinze crianças participam da condição Correto x Neutro, ou seja, uma das informantes está sempre correta ao rotular os objetos (100% de acerto) e a outra informante sempre oferece uma resposta neutra como "Vou olhar mais de perto". Um segundo grupo de 15 crianças participa da condição Incorreto x Neutro, em que uma das informantes sempre fornece a resposta errada (100% de erros) e a outra informante sempre oferece a resposta neutra. O terceiro grupo de crianças participa da condição Correto-Incorreto, durante a qual uma informante será consistentemente correta ao rotular os objetos (100% correto), e a outra informante será consistentemente incorreta (0% correto). Na fase de teste, a criança assiste a 4 diferentes vídeos em que o entrevistador (atriz de blusa preta) apresenta objetos não familiares e os dois informantes dizem o nome dos objetos (e.g., um diz que o primeiro objeto se chama "toma" e outro diz que ele se chama "danu". Em seguida, os participantes são solicitados a nomear o objeto desconhecido. Os resultados preliminares sugerem que na condição Correto x Incorreto, tanto as crianças de 3 como as de 4 anos têm um desempenho acima do esperado pelo acaso, demonstrando uma clara preferência pelo informante mais confiável (100% correto). No entanto, na condição Correto x Neutro, a maioria dos participantes (75%) não apresenta preferência pelo informante correto ou neutro.

Confiança seletiva; teoria da mente; pré-escolares

FAPESP

DES

A EXPERIÊNCIA DE APOSENTADORIA NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES FAMILIARES. *Ana Paula Couto Zoltowski**, Marco Antônio Pereira Teixeira (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Aposentar-se é uma transição de carreira importante, sendo vivenciada por cada vez mais pessoas à medida que a expectativa de vida aumenta. A aposentadoria tem sido vista como uma etapa de vida que produz impacto no contexto das relações sociais do indivíduo, em especial no contexto familiar. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi investigar qualitativamente a percepção de aposentados sobre a sua experiência de aposentadoria em relação ao contexto familiar. Participaram do estudo dez profissionais autônomos aposentados, com idades entre 60 e 91 anos, sendo que todos são ou já foram casados e têm filhos. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada com o intuito de explorar a experiência de aposentadoria. As entrevistas foram analisadas através do processo de fenomenologia empírica, seguindo as etapas de descrição, redução e interpretação. No tema "família", duas categorias descritivas foram identificadas: 1) filhos criados (percepção que o momento da aposentadoria coincidia com o crescimento e estabelecimento profissional dos filhos, o que possibilitou maior liberdade e menor preocupação para realizar escolhas e tomar decisões nesta nova etapa da vida) e 2) relação conjugal (o menor envolvimento com o trabalho, assim como a saída dos filhos de casa, demandou a aprendizagem de uma nova rotina a ser compartilhada com o cônjuge, o que foi percebido como uma crise do ninho vazio). Os resultados apontam que o contexto familiar influencia as decisões de carreira referentes à experiência de aposentadoria. Com o reconhecimento de que os filhos não são mais dependentes financeiramente do seu trabalho, os pais, agora aposentados, podem definir sua trajetória futura com base em seus interesses pessoais. Por outro lado, o casal passa a compartilhar de mais tempo juntos, visto que com a aposentadoria o envolvimento com o trabalho pode ser diminuído, se assim for desejado. Além disso, a própria saída dos filhos de casa proporciona que o casal se coloque novamente como centro de atenção. Dessa forma, novos investimentos de tempo e comprometimento com a relação podem ser feitos, possibilitados também pelo aporte financeiro estável proveniente do recebimento do benefício previdenciário. A forma como o indivíduo vivenciará sua transição para a aposentadoria envolve, portanto, não apenas o seu contexto laboral, mas também o desempenho dos seus papéis de cônjuge e de cuidador, dentre outros. Concomitantemente à aposentadoria ocorrem mudanças familiares importantes que merecem ser investigadas e compreendidas nesta nova etapa de carreira. Destaca-se a necessidade de serem adotadas intervenções que considerem a dinâmica dos papéis desempenhados pelo aposentado, buscando compreender a aposentadoria a partir de diferentes contextos de vida.

Aposentadoria, família, papéis

Trabalho desenvolvido com bolsa de mestrado CAPES

DES

A IMPORTÂNCIA DA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE: OPINIÃO DE MULHERES COM MAIS DE 60 ANOS. *Gisele Maria Mello, Vera Socci (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP)*

Estudos demonstram que o fato de não ser jovem não implica necessariamente em abdicar dos prazeres da vida, incluindo a satisfação sexual. Após os 60 anos, homens e mulheres continuam mantendo uma vida sexual ativa, salutar e enriquecedora, embora existam tantos preconceitos a respeito da sexualidade do idoso. Quando se fala sobre a vida afetiva e amorosa do Adulto Idoso, é preciso salientar que a vivência satisfatória da sexualidade, continua sendo um aspecto importante de seu bem-estar, de sua qualidade de vida, portanto de sua felicidade; que esta vivência depende de aspectos físicos, mas principalmente dos emocionais, como os decorrentes de sua auto-imagem e auto-estima, infelizmente influenciadas pelos estereótipos sociais, ainda tão adversos. Ao considerar a vida afetiva e sexual do Adulto Idoso, é importante analisar tanto fatores biofisiológicos quanto os psicossociais. Entre estes fatores, o conhecimento e as atitudes constituem uma fonte importante para a manutenção prazerosa da função sexual.. Portanto, para contribuir com esta área de estudo ainda tão incipiente no Brasil, objetivou-se caracterizar a percepção sobre a vivência da sexualidade em um grupo de mulheres com mais de 60 anos. Participaram 20 idosas, todas com o histórico de pelo menos um casamento. Os instrumentos utilizados foram: o termo de consentimento livre e esclarecido; um questionário Sócio-demográfico; a adaptação de uma Escala de Atitudes e Conhecimento sobre Sexualidade no Envelhecimento. Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa a amostra foi escolhida por conveniência e os instrumentos aplicados individualmente. Os resultados sugerem. que a maioria das participantes se consideram "conservadoras" (65%). Entretanto nas questões mais objetivas a respeito, demonstraram atitudes muito favoráveis e positivas, evidenciando pouco conservadorismo em sua percepção sobre a vivência da sexualidade. Em relação ao conhecimento, foi perguntado como o avaliavam. Aqui também suas respostas contradisseram os escores das questões objetivas, pois apenas uma respondeu que conhecia bastante, e 4 "quase tudo"; ou seja, a maioria (75%) avaliou-se mal em relação ao seu saber sobre o assunto. Como resultado objetivo do questionário aplicado tem-se que a amostra pesquisada apresentou escores que denotam um bom conhecimento sobre o assunto. Os temas mais conhecidos se referem ao impulso e o interesse sexual como naturais na velhice, não constituindo perigo à saúde; entendem a influência das drogas, mesmos as lícitas, sobre a resposta sexual; assim como entendem e aceitam as mudanças naturais que caracterizam esta atividade neste período. Os aspectos menos conhecidos referem-se à autoerotização, carregada de preconceitos; às falhas eretivas e disfunções em geral; assim como demonstram pouco conhecimento a respeito de tratamentos específicos. O Coeficiente de Spearman foi utilizado para avaliar possível correlação entre entre a medida objetiva do conhecimento e a avaliação subjetiva do mesmo, relação esta não encontrada. O que se pode considerar finalmente é que a amostra pesquisada tem um bom conhecimento sobre sexualidade e uma atitude positiva e favorável à sua vivência. Entretanto outros estudos são necessários para conclusões mais definitivas.

Palavras-chave: sensualidade, velhice, menopausa

UMC/CNPq

IC

DES

A IMPORTÂNCIA DO ESTILO PARENTAL AUTORITATIVO PARA A RESILIÊNCIA EM ADOLESCENTES. *Maiala Bittencourt Silvano*, Lorena Maria Laskoski**, Jean Carlos Natividade**, Claudio Hutz (Laboratório de Mensuração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

O termo resiliência tem sido empregado na psicologia para descrever processos de adaptação que possibilitam aos indivíduos enfrentar, superar e sair fortalecidos de experiências adversas. Uma das condições constantemente apontadas como importantes para o desenvolvimento do potencial resiliente é o estabelecimento de relacionamentos com pessoas que transmitam apoio e confiança. Quando se fala de crianças e adolescentes a interação com os pais representa uma fonte primária de relacionamentos que podem contribuir para o desenvolvimento da resiliência. Entre os diferentes aspectos passíveis de observação na interação entre pais e filhos, a percepão da exigência e da responsividade dos pais tem possibilitado a caracterização dos pais em quatro grupos de estilos parentais. O presente trabalho tem por objetivo testar diferenças no potencial resiliente de adolescentes criados por pais de diferentes estilos parentais. Participaram 154 adolescentes com idade variável de 14 a 19 anos (M=16,2; DP=1,03), sendo 59,7% mulheres, todos eram estudantes do ensino médio de escolas particulares. Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário autoaplicável com perguntas sociodemográficas, a Escala de Responsividade e Exigência Parental e a Escala de Resiliência. A escala de resiliência compreende o construto a partir de três fatores: resolução de valores (fator 1); independência e determinação (fator 2); autoconfiança e adaptação (fator 3). Os estilos parentais foram calculados utilizando-se as medianas nas dimensões de Responsividade e Exigência Parental. Realizaram-se testes de diferenças de médias (ANOVA) entre os grupos de participantes formados pelos estilos parentais (de mãe e pai, separadamente) para as três dimensões da resiliência. Foram observadas diferenças em todos os fatores de resiliência entre os grupos, tanto para as respostas referentes às mães, quanto aos pais. Para o fator 1, para os estilos referentes às mães e aos pais, o grupo Indulgente (baixa exigência e alta responsividade) obteve maior média que o Negligente (baixa exigência e baixa responsividade), também o Autoritativo (alta exigência e alta responsividade) pontuou mais que o Negligente. Além disso, apenas para os pais, o Autoritativo obteve maior média que o Autoritário (alta exigência e baixa responsividade). No fator 2, para as mães e pais, o grupo Autoritativo pontuou mais que o Negligente. O grupo Autoritativo ainda pontuou mais que o Indulgente, mas apenas para os pais. Para as mães, o grupo Autoritário obteve maior média que o Indulgente. No fator 3, tanto para as mães quanto para os pais, os grupos Autoritativos obtiveram médias maiores que os Negligentes. Diante dos resultados destaca-se a importância do estilo parental Autoritativo enquanto relacionado a altos escores em todos os fatores da resiliência. Sugere-se que adolescentes criados sob esse estilo parental desenvolvem altos índices de competências psicológicas, assertividade, maturidade, responsabilidade social entre outros fatores que contribuem para o desenvolvimento do potencial resiliente nos jovens.

Estilos Parentais; Resiliência; Adolescentes

Cnpq

DES

A INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NA QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS. *Caroline Leonor da Silva, Thiago Vinicius Monteleone, Marcelo de Almeida Buriti, Luis Antônio Gomes Lima, Fernanda de Franço Françoso, Marianna Barbosa Yamaguchi (Universidade São Judas Tadeu)*

O Envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento humano, caracterizado por diferentes mudanças psicológicas, sociais e fisiológicas. Nos últimos anos, devido a melhorias na saúde e na qualidade de vida dos seres humanos, a população idosa aumentou mundialmente, e tende a crescer ainda mais nos próximos 30 anos. Estima-se que em 2050, este grupo corresponderá à maioria da população mundial. Perante essas estimativas, muitos estudiosos têm pesquisado a respeito do envelhecimento, sobretudo, visando encontrar formas de se envelhecer com boa qualidade de vida. Qualidade de vida é um aspecto puramente humano e relativo, porém, de um modo geral, espera-se que este conceito englobe bem-estar, saúde, satisfação pessoal e autoestima. Tendo em vista esses aspectos, esta pesquisa teve como objetivo geral, analisar a influência de atividades religiosas na qualidade de vida dos idosos e mais especificamente, verificar a qualidade de vida dos particiapantes; verificar as possíveis diferenças da qualidade de vida entre os gêneros; verificar a qualidade de vida dos idosos religiosos e dos não religiosos; e verificar as possíveis diferenças na qualidade de vida entre idosos religiosos e não religiosos. Participaram da pesquisa 52 idosos, acima de 60 anos, moradores do estado de São Paulo, que foram divididos em dois grupos: idosos que participam ativamente de uma religião (pelo menos uma vez por semana), e idosos que não participam de uma determinada religião. A partir disso, cada grupo foi subdividido por gênero. Após o parecer positivo do Comitê de Ética em Pesquisa, iniciou-se a coleta de dados, e para isso, os idosos foram abordados em locais por eles frequentados, e após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, responderam a um questionário de dados sócio-demográficos, seguido de um questionário para avaliação da qualidade de vida (WHOQOL-OLD). Os dados foram analisados no software estatístico BioEstat 5.0. Os resultados mostraram que os participantes deste estudo apresentaram qualidade de vida com score 68.15, não tendo diferença estatisticamente significante entre as variáveis ($x^2o=2,78$ $P>0,05$); não houve diferença estatisticamente significante de qualidade de vida entre os gêneros ($t=0.11$ $P>0,05$), sendo que os homens apresentaram score total 68,29 e as mulheres 68,01; os idosos ativos em uma religião apresentaram qualidade de vida com score 75,78, sendo que o perfil "intimidade" atingiu maior score (87,24); já os participantes não ativos apresentaram, em média, score 60,37, sendo que o domínio "morte e morrer" foi o menos pontuado; O teste t de student apontou diferença estatisticamente significativa entre os participantes ativos em uma religião e os não ativos ($t=4,5793$ $P<0,05$). Pode-se concluir que os idosos estudados nesta pesquisa apresentam qualidade de vida, em média, iguais entre os gêneros, e equiparadas, se vistos dentro de seus grupos, porém quando se observou idosos ativos em uma religião diante de idosos não religiosos, foi notória uma diferença em todos os domínios que o instrumento avalia, sendo que os idosos religiosos apresentaram maiores pontuações. Estes dados evidenciam que, na população estudada, a prática religiosa pode estar relacionada a uma melhor qualidade de vida.

Crenças, Envelhecer, Bem-estar.

DES

A INFLUÊNCIA DE INDICADORES EMOCIONAIS DE ESTRESSE MATERNO NO DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS AOS NOVE MESES DE IDADE. *Mariana Biffi; Sária Cristina Nogueira; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (UNESP, Campus Bauru)*

O objetivo dessa pesquisa foi descrever a presença de indicadores emocionais de estresse em mães de bebês com nove meses de idade e comparar o desenvolvimento dos mesmos. Participaram 25 mães com idade entre 16 e 41 anos (Média= 27,96; MED=27,5; DP=7,29) de bebês com nove meses de idade. Em relação à escolaridade, 17 (68%) das mães possuíam ao menos o Ensino Médio Completo. Quanto ao tipo de família prevaleceu à nuclear (64%). Todas as participantes frequentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família. As avaliações do desenvolvimento dos bebês foram realizadas mensalmente, sempre em datas próximas ao do aniversário dos mesmos, utilizando o Inventário Portage Operacionalizado. O IPO prevê protocolos para anotações do desempenho da criança, específicos para as áreas de Socialização, Autocuidado, Cognição, Linguagem e Desenvolvimento Motor contendo 154 itens que compõem a escala de desenvolvimento geral. No nono mês, as mães foram convidadas a responderem o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL), sendo a participação voluntária. Os resultados evidenciaram que 17 das mães apresentaram indicadores emocionais de estresse (68%), sendo que desse grupo, onze estavam na fase de resistência, duas na fase de quase exaustão e quatro, na fase de exaustão, sendo os sintomas psicológicos predominantes na amostra (64,7%). Em relação ao desenvolvimento dos bebês, quando comparadas as médias dos grupos, os filhos de mães com estresse apresentaram desenvolvimento superior aos bebês, filhos de mães sem estresse em quatro das cinco áreas avaliadas, autocuidado (Médias: 16,62 e 16,94), linguagem (Médias: 9,75 e 10,52), socialização (Médias: 30,25 e 30,35) e cognição (Médias: 25,37 e 25,82), sendo que apenas na área de desenvolvimento motor, o desenvolvimento do segundo grupo foi superior (Médias: 49 e 48,35). A análise estatística realizada, utilizando o Teste T de Student, indicou que as diferenças entre as médias dos grupos não representam valores estatisticamente significativos. Os resultados, ainda que oriundos de uma amostra reduzida, indicam a presença de indicadores emocionais de estresse em mães de bebês.Todavia, uma amostra ampliada permitiria análises mais detalhadas, como por exemplo, comparar o desempenho dos bebês de acordo com o nível de estresse apresentado pela mãe, a fim de obter resultados mais fidedignos e que possibilitem a melhor aplicação da análise estatística e a elaboração de conclusões referentes aos achados.

Estresse, desenvolvimento infantil e mães de bebês

FAPESP

DES

A PARTICIPAÇÃO DAS MÃES NO PROCESSO PREVENTIVO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM PRÉ-ESCOLARES. *Thaíla Alessandra Silva Toledo; Márcia Helena da Silva Melo (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*

Os problemas de comportamento podem ser definidos como déficits ou excessos que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência. Tais dificuldades estão associadas a prejuízos na vida da criança em diferentes campos, tais como desempenho acadêmico, relações interpessoais, abuso de substancias, entre outros. Diversos estudos apontam para a importância materna na supervisão dos filhos, na demonstração do afeto somado a uma atitude educativa e positiva da mãe, relacionando-os à ausência de problemas comportamentais nos filhos. Atentar para a identificação de problemas de comportamento em crianças é uma das questões de saúde de maior importância, requerendo medidas preventivas. Nos últimos anos, crianças escolares e adolescentes tem sido enfoque de estudos, porém há poucos estudos encontrados na literatura envolvendo crianças pré-escolares, enfocando uma abordagem precoce e preventiva dos problemas de comportamento. Os objetivos deste estudo foram: (1) Verificar na literatura nacional, pesquisas voltadas para mães de crianças pré-escolares (de 0 a 6 anos) acerca da prevenção de problemas de comportamento, realizadas no período de 2000 a 2011 e (2) Mapear a distribuição desta produção cientifica sobre o tema no país. Como critério de inclusão para esta pesquisa, foi definido: estudos com dados empíricos derivados de avaliação e programas de intervenção aplicados junto às mães de crianças em idade pré-escolar. Como critérios de exclusão foram definidos: (1) Estudos envolvendo ambos os pais da criança na amostra; (2) Pesquisas de revisão teórica e revisão sistemática. Os estudos foram pesquisados nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (Bireme), que contempla LILACS, IBECS, MEDLINE, Biblioteca Cochrane e SciELO, além de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), no período de junho de 2012. O levantamento bibliográfico foi realizado mediante as palavras-chave em combinação. Utilizou-se: mães; problemas de comportamento; problemas de conduta; pré-escolares. Dos 65 artigos encontrados, 13 satisfizeram os critérios de inclusão. Deste total, 7 dos artigos foram produzidos na região Sudeste; 4 artigos na região Sul, 1 no Nordeste e 1 no Centro-Oeste. Não foram encontrados artigos nas regiões Norte. Identifica-se uma concentração de pesquisas científicas sobre o tema nas regiões Sudeste e Sul. Observou-se um crescimento nas publicações sobre o tema a partir do ano de 2010. Os resultados encontrados apontam um enfoque na identificação de práticas educativas utilizadas pelas mães e avaliação dos problemas comportamentais dos filhos, porém há ainda uma escassez de produção científica baseada na prevenção de problemas de comportamento uma vez identificada quais as práticas mais comumente empregadas pelas mães. Prevenção esta caracterizada pelo planejamento de estratégias de intervenção visando a alteração de determinados comportamentos das mães (e da família), tornando-as mais competentes socialmente, aplicando práticas educativas mais habilidosas e eficazes, prevenindo futuros problemas comportamentais.

Problemas de Comportamento, Pré-escolares, Mães.

Apoio Financeiro: CAPES

DES

A PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS ACERCA DA BRINQUEDOTECA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO PROVISÓRIO. *Luísa Sousa Monteiro**; Mayara Barbosa Sindeaux Lima; Celina Maria Colino Magalhães (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém- PA).*

O brincar é um dos principais mediadores da relação que a criança estabelece com o mundo, possibilita a mesma atuar na realidade que a cerca, interpretando e produzindo significados acerca de seu ambiente/ contexto. O brincar, na espécie humana, está relacionado aos desenvolvimentos físico, social, emocional e cognitivo. O comportamento lúdico pode sofrer influências de diversos fatores, entre eles destaca-se neste estudo, a situação de acolhimento institucional, em que a criança terá que ficar afastada do convívio familiar mesmo que de forma transitória. Os abrigos se configuram como contextos de desenvolvimento humano, tendo em vista que são espaços que oferecem condições reais para a vivência cotidiana e desenvolvimento de capacidades e habilidades fundamentais para a formação da personalidade e sociabilidade da criança. Neste sentido, preconiza-se que estes espaços devem oferecer estratégias visando favorecer e promover o desenvolvimento infantil. Entre essas ações, destaca-se a implantação de brinquedotecas. Considera-se a brinquedoteca como fator de proteção, pois esta se constitui em um local organizado para facilitar e favorecer o brincar. A brinquedoteca estimula o brincar na medida em que este é favorecido pelos inúmeros recursos disponíveis, pelas trocas estabelecidas com pares (outras crianças) e com os brinquedistas. É valorizado o brincar livre e espontâneo e a capacidade de escolha. Na realidade brasileira, poucos são os abrigos infantis que possuem estes dispositivos. Portanto, este estudo objetivou investigar a percepção de crianças acerca da brinquedoteca de uma instituição de acolhimento infantil. A coleta de dados foi realizada em um abrigo infantil na região metropolitana de Belém- PA, durante os meses de março a junho de 2012. Os participantes foram sete crianças de ambos os sexos, na faixa etária de 5 a 7 anos, com as quais foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada. Os dados foram gravados em áudio, transcritos e analisados segundo a análise de conteúdo. Os resultados indicaram que na percepção dos participantes, a brinquedoteca foi relacionada a aspectos positivos, referiram gostar de ficar no espaço, pois este oferecia o contato com diversos brinquedos que não ficavam disponíveis em outros espaços da instituição. Em relação aos parceiros ao brincar, em geral foram citadas as brincadeiras entre díades ou tríades de criança-criança. Predominaram as brincadeiras entre crianças do mesmo gênero e com mesma faixa etária. Alguns pontuaram, ainda, o brinquedista como figura de referência e parceiro para brincadeiras. A vivência na brinquedoteca foi relacionada a algo prazeroso, que estimula e promove o brincar. Assim, considera-se de suma importância a implantação de brinquedotecas em instituições de acolhimento infantil, tendo em vista que se constituem em espaços favoráveis as interações entre pares, a afetividade, a capacidade de escolha, a estimulação do brincar. Os abrigos devem possuir dispositivos para que sejam de fato contextos de desenvolvimento humano, para tal promover e assegurar um direito tão peculiar da criança que é o brincar se torna fundamental.

Criança, abrigo, brinquedoteca

Capes

DES

A PERCEPÇÃO DE PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DE CRIANÇAS ATENDIDAS EM TRIAGEM EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA. *Lizele Quédina Pereira da Silva*; Nara Helena Schmitz*; Marina Menezes**; Josiane da Silva Delvan**(Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, SC)*

O tema sexualidade é cercado por tabus, ainda mais quando o assunto se refere a sua manifestação na infância. O comportamento sexual das crianças depende não só da etapa de desenvolvimento em que se encontram, mas do contexto familiar e social em que vivem. Comumente os pais relacionam a sexualidade infantil somente com o ato sexual em si, ignorando as várias formas de manifestação da sexualidade no decorrer do desenvolvimento da criança, bem como a sua importância nesse processo. Esta pesquisa objetivou compreender a percepção de pais sobre o desenvolvimento da sexualidade de crianças atendidas em triagem em uma clinica-escola de Psicologia nos anos de 2008-2011. A pesquisa foi de cunho quantitativo e documental, desenvolvida a partir da consulta de 111 prontuários de crianças de ambos os sexos, com idades entre 2 a 12 anos, usuárias dos serviços de uma clinica-escola de Psicologia de uma universidade do sul do Brasil. As informações coletadas das triagens foram referentes à caracterização dos dados sócio-demográficos das crianças e famílias; curiosidades sexuais infantis relatadas pelos pais; registro de ocorrência de educação sexual das crianças; reconhecimento dos pais acerca da masturbação infantil; relatos sobre o comportamento da criança dormir com os pais e possíveis interferências na relação conjugal dos mesmos; e relato de ocorrência de intimidade sexual dos pais na presença da criança. Os dados foram analisados através de estatística descritiva, por meio de freqüência e porcentagem. Os resultados apontaram que 52,25% das triagens indicaram a presença de curiosidade sexual, sendo que os registros apontaram como curiosidades mais freqüentes as diferenças sexuais anatômicas e o nascimento de bebês. Diante das curiosidades manifestadas pelas crianças, 44,15% dos registros referiram que os pais faziam tentativas de orientação, contudo, 37,5% das triagens apontaram que a educação sexual não foi realizada com a criança. Em 35,58% dos registros, os pais afirmavam não reconhecer a masturbação como manifestação da sexualidade infantil e em 40,74% das triagens os pais referiram que a criança dormia com o casal. Quanto à ocorrência de intimidade sexual dos pais na presença da criança, observou-se em 11,32% dos registros, sendo que em 46,23% das triagens esse aspecto não foi investigado. Os dados coletados permitiram observar que muitos pais não consideram as curiosidades em relação ao corpo como sendo curiosidades sexuais, o que revela despreparo para abordar a questão da sexualidade infantil, bem como a desinformação sobre as suas formas de manifestação na infância. Tais dados refletem a necessidade de práticas que busquem ampliar o olhar dos pais em relação à sexualidade de seus filhos, desmistificando os preconceitos que envolvem essa temática, de modo que a compreendam como parte essencial do processo de desenvolvimento do sujeito. A presente pesquisa, ainda permitiu observar a necessidade de instrumentalizar o acadêmico de Psicologia para abordar o tema da sexualidade infantil em suas práticas, visto o alto índice das questões que abordam esse tema nas triagens não terem sido devidamente investigados pelos acadêmicos, demonstrando que a sexualidade não é tabu apenas para os usuários dos serviços de psicologia.

Desenvolvimento psicossexual, infância, atitudes sexuais

DES

A PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA EM MÃES DE BEBÊS NASCIDOS PRÉ-TERMO. *Carolina Marocco Esteves,Márcia Camaratta Anton,Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A Preocupação materna primária é um estado psicológico da mãe, no qual sua sensibilidade em relação ao filho torna-se exacerbada. O objetivo deste estudo foi investigar a preocupação materna primária em quatro mães que vivenciaram o nascimento pré-termo do filho. A expectativa inicial foi a de que a preocupação materna primária era influenciada pelo nascimento pré-termo. Participaram deste estudo quatro mães de bebês nascidos pré-termo, internados em Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (UTINeo) de um hospital universitário. As mães foram convidadas a participar do estudo e entrevistadas individualmente, em setting adequado para a entrevista. Foram realizadas duas entrevistas com o objetivo de avaliar indicadores da preocupação materna primária: Entrevista sobre a gestação e o parto no contexto da prematuridade e Entrevista sobre a maternidade no contexto da prematuridade. A primeira entrevista foi realizada de forma retrospectiva, com base nas lembranças das mães de como foi sua gravidez. A segunda abordou aspectos referentes ao momento da hospitalização. As entrevistas foram realizadas de forma semi-dirigida, estimulando as participantes a falar livremente. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso longitudinal. Esta temática foi examinada com base em três grandes categorias: Preocupação materna primária na gestação, Preocupação materna primária e o nascimento pré-termo e Preocupação Materna Primária no puerpério. Para fins de análise, foram criadas algumas subcategorias. A análise de conteúdo qualitativa revelou que o nascimento pré-termo e a hospitalização do filho geraram dificuldades à díade, como foi esperado inicialmente na pesquisa, afetando a preocupação materna primária materna. Dentre tais dificuldades pôde-se identificar: a preocupação prioritária das mães com a sobrevivência dos filhos e com a sua própria vida; o distanciamento inicial imposto à díade, devido as características da internação em UTINeo; a frustração por não poder amamentar; a culpa por não ter conseguido levar a gestação a termo e as dificuldades em decifrar os sinais e necessidades do bebê. Por outro lado, alguns indicadores da preocupação materna primária foram aparecendo nos resultados. Entre estes, pode-se destacar a identificação das mães com seus bebês, depois dos primeiros contatos; a realização das mães com os cuidados do filho; a sensibilidade frente às necessidades do bebê desenvolvida ao longo das semanas; e a percepção da dependência do bebê dos cuidados e da presença materna. Como estas características se constituem em indicadores da preocupação materna primária, pode-se pensar que tal estado também acontece nas mães dos bebês nascidos pré-termo, o que pode favorecer o desenvolvimento emocional, cognitivo e físico do bebê.

Instituição financiadora da pesquisa: CAPES

Palavras-chave: preocupação materna primária, gestação, nascimento pré-termo.

Nível do trabalho: M (mestrado)

DES

A RELAÇÃO DA RELIGIOSIDADE COM A QUALIDADE DE VIDA NA IDADE ADULTA. *Thiago Vinicius Monteleone, Caroline Leonor da Silva, Marcelo de Almeida Buriti, Fernanda de Franço françoso, Marianna Barbosa Yamaguchi (Universidade São Judas Tadeu)*

Este estudo propõe apresentar e discutir a importância que a prática religiosa pode ter para a qualidade de vida em jovens e adultos. Qualidade de vida é uma percepção subjetiva do indivíduo, quanto a sua posição na vida, dentro do contexto social e cultura na qual está inserido, seus valores, objetivos e expectativas. Em suma, qualidade de vida é o produto de todas as práticas do ser humano. A religião, enquanto prática humana, pode contribuir para este bem estar subjetivo, intrínseco na qualidade de vida. O objetivo geral deste estudo foi analisar a importância da prática religiosa na qualidade de vida de jovens e adultos. Especificamente buscou-se analisar a qualidade de vida dos participantes; verificar as diferenças na qualidade de vida entre os gêneros; analisar a qualidade de vida dos participantes praticantes de alguma religião; analisar a qualidade de vida dos participantes não praticantes de alguma religião; verificar as diferenças na qualidade de vida entre os participantes praticantes e não praticantes de alguma religião. Para tal, 52 pessoas participaram deste estudo, sendo estes subdivididos, após a coleta de dados, entre os grupos A, onde foram inclusos os sujeitos que não praticantes de religião, e o grupo B, onde foram inclusos os participantes religiosos. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário de dados sóciodemográficos e uma Escala de Avaliação da Qualidade de Vida (Whoqol-bref). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, e, após parecer favorável, os dados foram coletados em abordagens dos participantes. Após consentimento foram aplicados os instrumentos e os dados foram tabulados e analisados, quanto aos objetivos, no software estatístico bioestat 5.0. Os resultados apontam que os participantes apresentam, em média, qualidade de vida com score 60,98, sendo os perfis físico e psicológico os mais elevados, scores 66,28 e 66,67 respectivamente, não tendo diferença estatisticamente significante entre às variáveis (χ²o= 3.71 P>0,05). Quanto aos gêneros, homens e mulheres apresentaram, respectivamente, scores 66,54 e 61,53, não existindo diferença estatisticamente significante (t = 0,059 P>0,05). Os participantes religiosos apresentaram, em média, qualidade de vida com score 60,61, não apresentando-se diferença estatisticamente significante (χ²o= 4.49 P>0,05). Já os participantes não religiosos apresentaram qualidade de vida com score 61,35, não tendo diferença estatisticamente significante (χ²o= 3,26 P>0,05). Verificou-se que não há diferença estatisticamente significante entre os participantes religiosos e não religiosos (t = 0.093 P>0,05). Pode-se concluir que os participantes apresentaram qualidade de vida equiparada, variando pouco entre os gêneros, sendo que esta diferença apresentou-se superficial. Conclui-se também que a qualidade de vida pouco varia entre os participantes religiosos e não religiosos, podendo-se inferir que tal variável pouco influiu na qualidade de vida dos participantes. Vale ressaltar que todos os participantes possuem uma atividade empregatícia, sendo que com isso pode-se supor que tal atividade toma maior tempo e dedicação influindo mais na qualidade de vida dos participantes, o que traz consigo a hipótese de que na ausência desta prática central, pode-se aumentar a efetividade da religião sobre a qualidade de vida.

Bem-estar, Espiritualidade, Fé.

DES

ABRINDO ESPAÇO PARA UM SEGUNDO BEBÊ: IMPACTO NA CONSTELAÇÃO DA MATERNIDADE. *Marília Reginato Gabriel, Marília Reginato Gabriel, Fernanda Schmitt Ribeiro, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Este estudo investigou a experiência de gestação de um segundo filho, a partir do fenômeno Constelação da Maternidade, postulado por Stern. Participaram 21 gestantes secundíparas, de 28 a 43 anos, que foram entrevistadas no terceiro trimestre gestacional. Todas faziam parte do Estudo Longitudinal sobre o Impacto do Nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito. Este estudo maior investigou os aspectos subjetivos e comportamentais da relação pai-mãe-primogênito, o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa das respostas das mães à Entrevista sobre a Gestação e Expectativas da Gestante. As categorias de análise foram definidas a priori baseadas nos temas de Constelação de Maternidade. No tema Vida e Crescimento os medos e receios das mães de que o bebê pudesse não sobreviver ou não ser saudável estavam presentes com menor intensidade na segunda gestação em comparação com os outros temas. Pode-se pensar que, uma vez que estas mães já tiveram sucesso de conceber e criar seus primogênitos, estes receios, ainda que existentes, não estariam predominantes. No tema Relacionar-se Primário, as mães questionam a sua capacidade de amar o bebê e oferecer a ele segurança, afeição, holding. Os medos esperados neste tema podem ser aumentados pelo receio de não ser capaz de amar os dois filhos da mesma forma ou magnitude. Na Reorganização de Identidade, a mãe reorganiza a sua identidade como mãe de dois filhos, pois a maternidade já foi inaugurada pelo primogênito. A gestante precisa abrir espaço para o novo bebê, incluir na sua identidade o ser mãe de dois filhos, o que ocorre através da abertura na relação com o primogênito e com o marido. Outro aspecto da reorganização de identidade seria quanto ao gênero do segundo filho, quando este é diferente do gênero do primogênito. Nestes casos, a mãe demonstra uma preocupação em reorganizar-se como mãe de menina, caso já tenha um menino e vice-versa. No tema Matriz de Apoio, além das gestantes contarem com a própria mãe, mencionaram sentir-se apoiadas por outros membros da família de origem, amigas, sogra, mas, principalmente, pelo marido/companheiro. Estas mães demonstraram esperar que o casal "trabalhe como uma equipe", a fim de dar conta das demandas do primogênito e do novo bebê. Neste sentido, cabe destacar os casos em que este apoio não esteve presente, a partir dos quais foi possível perceber que esta experiência de não se sentir apoiada impactou de maneira global a experiência de maternidade da mãe com o segundo filho, afetando a vivência destas mulheres em relação às demais categorias. Assim, pode-se sugerir que a categoria Matriz de Apoio tem importância fundamental para que a mãe de segundo filho seja capaz de vivenciar integralmente as demais categorias. Com base nestes apontamentos, observa-se que a mãe de segundo filho estaria segura da sua competência de garantir o desenvolvimento do seu bebê. Deste modo, haveria maior disponibilidade psíquica para investir nos outros temas, abrindo espaço emocional para o segundo filho.

Maternidade, Constelação da Maternidade, segundo filho.

DES

ACESSO À EDUCAÇÃO INFANTIL E TRAJETÓRIAS DE DESEMPENHO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL. *Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP); Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto-Portugal).*

Considerando a Educação Infantil, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento, a frequência na mesma tem sido apontada na literatura como fundamental para o bom desempenho no Ensino Fundamental. Atualmente se reconhece, ao redor do mundo, que programas destinados às crianças pequenas constituem um bom investimento social e econômico, dados seus amplos e duradouros benefícios. No pressuposto de que a educação infantil (EI) contribui para trajetórias escolares mais favoráveis, o objetivo deste estudo foi verificar o impacto do tempo de exposição à educação infantil sobre o desempenho acadêmico e avaliar o progresso escolar das crianças, na trajetória do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, em função da exposição à educação infantil. O tempo de exposição foi definido em termos de ciclos anuais completos, com variação de zero a dois anos na EI. Este estudo é um recorte de investigação mais ampla. Participaram 294 alunos de escolas públicas, reunidos em três grupos: sem EI, com um ano de EI e com dois anos de EI. Foram considerados potenciais participantes todos os alunos com idade entre 7 anos e 9 anos completos que frequentavam o 3º ano do ensino fundamental no ano de 2007 nas cinco escolas públicas de uma cidade do estado de São Paulo com aproximadamente 24.000 habitantes. O estudo seguiu um delineamento de pesquisa longitudinal. As crianças foram avaliadas três vezes: no segundo semestre do 3º ano (agosto-setembro), no segundo semestre do 4º ano (agosto-setembro) e no primeiro semestre do 5º ano (maio-junho). Os instrumentos utilizados foram: Avaliação Pedagógica, aplicada coletivamente aos alunos; Escala de Competência Acadêmica do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais - SSRS-BR, preenchida pelo professor; Teste de Desempenho Escolar, aplicado individualmente aos alunos, no 3º e no 5º ano; Critério de Classificação Econômica Brasil, preenchido junto aos pais na primeira coleta. O tratamento estatístico foi feito no programa SPSS v. 17.0. A equivalência dos grupos, em relação a gênero, idade e classificação socioeconômica, foi testada com o recurso ao qui-quadrado ou análise de variância. Para avaliar o efeito da educação infantil ao longo do tempo, foram realizadas análises de variância com medidas repetidas, tendo os anos na EI como variável independente e as medidas de desempenho como variáveis dependentes. A possível influência do nível socioeconômico foi controlada por meio de sua inclusão no modelo como variável covariada. No caso de serem observadas diferenças significativas, testes post-hoc foram conduzidos para identificar os fatores responsáveis por estas diferenças. Controlado o efeito do nível socioeconômico, a análise de variância com medidas repetidas mostrou que o acesso à EI foi consistentemente associado a melhor desempenho, porém um tempo maior de exposição à EI não teve efeito adicional. Tais resultados são sugestivos de um forte e duradouro impacto da educação infantil na trajetória escolar das crianças, acima e além do efeito da sua origem socieconômica. Parece, assim, que frequentar a EI influencia positivamente o desempenho, independentemente da classe social. Dadas suas implicações para políticas públicas, alguns resultados requerem verificação e esclarecimento por meio de novas pesquisas.

Apoio financeiro: FAPESP

Palavras-chave: educação infantil, rendimento escolar, ensino fundamental.

D

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ACESSO À EDUCAÇÃO INFANTIL E TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL. *Elaine Cristina Gardinal Pizato (Faculdades Integradas de Jahu, Jaú-SP); Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP) e Anne Marie Fontaine (Universidade do Porto, Porto-Portugal).*

Considerando a Educação Infantil, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento, a frequência na mesma tem sido apontada na literatura como fundamental para o bom desempenho no Ensino Fundamental. Atualmente se reconhece, ao redor do mundo, que programas destinados às crianças pequenas constituem um bom investimento social e econômico, dados seus amplos e duradouros benefícios. No pressuposto de que a educação infantil (EI) contribui para trajetórias escolares mais favoráveis, o objetivo deste estudo foi verificar o impacto do tempo de exposição à educação infantil sobre o desempenho acadêmico e avaliar o progresso escolar das crianças, na trajetória do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, em função da exposição à educação infantil. O tempo de exposição foi definido em termos de ciclos anuais completos, com variação de zero a dois anos na EI. Este estudo é um recorte de investigação mais ampla. Participaram 294 alunos de escolas públicas, reunidos em três grupos: sem EI, com um ano de EI e com dois anos de EI. Foram considerados potenciais participantes todos os alunos com idade entre 7 anos e 9 anos completos que frequentavam o 3º ano do ensino fundamental no ano de 2007 nas cinco escolas públicas de uma cidade do estado de São Paulo com aproximadamente 24.000 habitantes. O estudo seguiu um delineamento de pesquisa longitudinal. As crianças foram avaliadas três vezes: no segundo semestre do 3º ano (agosto-setembro), no segundo semestre do 4º ano (agosto-setembro) e no primeiro semestre do 5º ano (maio-junho). Os instrumentos utilizados foram: Avaliação Pedagógica, aplicada coletivamente aos alunos; Escala de Competência Acadêmica do Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais - SSRS-BR, preenchida pelo professor; Teste de Desempenho Escolar, aplicado individualmente aos alunos, no 3º e no 5º ano; Critério de Classificação Econômica Brasil, preenchido junto aos pais na primeira coleta. O tratamento estatístico foi feito no programa SPSS v. 17.0. A equivalência dos grupos, em relação a gênero, idade e classificação socioeconômica, foi testada com o recurso ao qui-quadrado ou análise de variância. Para avaliar o efeito da educação infantil ao longo do tempo, foram realizadas análises de variância com medidas repetidas, tendo os anos na EI como variável independente e as medidas de desempenho como variáveis dependentes. A possível influência do nível socioeconômico foi controlada por meio de sua inclusão no modelo como variável covariada. No caso de serem observadas diferenças significativas, testes post-hoc foram conduzidos para identificar os fatores responsáveis por estas diferenças. Controlado o efeito do nível socioeconômico, a análise de variância com medidas repetidas mostrou que o acesso à EI foi consistentemente associado a melhor desempenho, porém um tempo maior de exposição à EI não teve efeito adicional. Tais resultados são sugestivos de um forte e duradouro impacto da educação infantil na trajetória escolar das crianças, acima e além do efeito da sua origem socieconômica. Parece, assim, que frequentar a EI influencia positivamente o desempenho, independentemente da classe social. Dadas suas implicações para políticas públicas, alguns resultados requerem verificação e esclarecimento por meio de novas pesquisas.

Apoio financeiro: FAPESP

Palavras-chave: educação infantil, rendimento escolar, ensino fundamental.

D

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES NACIONAIS EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI. *Scheila Machado da Silveira Becker** (Núcleo de Infância e Família, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Cláudia de Moraes Bandeira**, Ricardo Bertazzo Ghilardi, Claudio Simon Hutz (Laboratório de Mensuração, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Cesar Augusto Piccinini (Núcleo de Infância e Família, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A psicologia do desenvolvimento humano pode ser definida como disciplina científica que procura explorar, descrever e explicar os padrões de comportamento estáveis e mutáveis, expressos pelo indivíduo ao longo da vida. Seu reconhecimento como disciplina científica ocorreu ao longo do século XX, devido à utilização de metodologias inspiradas no positivismo e nas ciências naturais. Junto a ela, a psicologia do desenvolvimento infantil, disciplina que se dedica ao entendimento das mudanças e continuidades que ocorrem da concepção até os anos anteriores à adolescência, também usufruiu deste status. Na atualidade os métodos de pesquisa procuram se adequar a uma concepção mais complexa do desenvolvimento humano, através de estudos sistêmicos, longitudinais, transculturais, transgeracionais e multimetodológicos. Nesse sentido, o presente estudo objetivou caracterizar a produção científica nacional em psicologia do desenvolvimento infantil (0 a 12 anos), no período entre 2001-2010, em periódicos nacionais classificados pela CAPES como A1, A2 ou B1, disponíveis on-line. Foram selecionados 388 artigos que foram analisados em relação a três grupos de itens: características da autoria dos artigos; características dos artigos empíricos (participantes, delineamento, técnica de coleta e análise dos dados); e, temática e referencial teórico. Os resultados indicaram aumento na produção ao longo da década. A maioria dos autores provém de instituições federais (48%) e as parcerias realizadas foram entre autores da mesma instituição (63%), o que aponta para a necessidade de maior cooperação e intercambio entre as diferentes instituições nacionais e internacionais. Verificou-se prevalência de estudos empíricos (83%) em que a faixa etária mais investigada foi de 6 a 12 anos (59,5%). Na maioria das pesquisas (94%) a criança foi envolvida como participante na coleta de dados, o que pode retratar um amadurecimento dos pesquisadores em relação à utilização de instrumentos que possibilitem acessar diretamente as crianças. O delineamento mais utilizado foi de caráter transversal (94%), por meio de levantamento (49%), com prevalência de análises quantitativas (71,6%), sendo que desses, 58% utilizou estatística inferencial e 13,6% descritiva. Dentre os temas de interesse dos pesquisadores, houve diferenças de acordo com a faixa etária investigada, de 0 a 3 anos o tema mais frequente (68%) foi o desenvolvimento dos relacionamentos sociais e mais especificamente, as interações entre pais e criança. Dos 3 aos 6, o desenvolvimento dos relacionamentos sociais continua sendo o tema de maior interesse (47,1%), contudo o destaque está nas interações criança-criança. Já entre 6 e 12 anos se destaca (36,6%) o interesse no desenvolvimento cognitivo. Outra temática de interesse dos pesquisadores brasileiros, independente da faixa etária estudada, foi o desenvolvimento atípico (14,3% de todos os artigos). A maioria dos estudos (67,8%) não apresenta de forma explicita o referencial teórico adotado. Frente aos achados, percebeu-se que a pesquisa nacional em psicologia do desenvolvimento infantil ainda não apresenta mudanças expressivas na sua forma de realizar pesquisa, apresentando, sobretudo delineamentos simples, transversais e quantitativos diferentemente do proposto pelo novo paradigma na área de

desenvolvimento humano e comumente usado nos estudos internacionais mais relevantes.

Desenvolvimento infantil, Publicações nacionais, Produção científica

CNPq, CAPES, CAPES- REUNI

DES

ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (2007 - 2010). *Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).*

O idoso e o processo de envelhecimento veem exigido dos pesquisadores uma abordagem interdisciplinar sobre o tema, devido as suas características multifacetadas e multideterminadas A Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (RBGG) publica artigos sobre o envelhecimento dentro de uma perspectiva interdisciplinar, sendo importante a análise da sua produção científica para verificar a sua contribuição para o avanço científico nesta área. A pesquisa é um trabalho de metaciênca cujo objetivo geral foi analisar e avaliar a produção científica publicada na RBGG, no período de 2007 a 2010. O foco das análises foram os artigos, nos quais foram estudados: autoria (gênero e número), título (número de vocábulos e tipo de oração) e tipo de trabalho (teórico, pesquisa descritiva e pesquisa inferencial). Foram elaboradas para a tabulação três planilhas no software Access da Microsoft, versão 2007, as quais foram denominadas: Registro de Artigos, Classificação do Artigo e Análise do Titulo. O principal critério de escolha do material foi o tema e o conteúdo dos artigos publicados pela RBGG, no caso, sobre o envelhecimento. Além desse critério, foram utilizados: (1) local de publicação, (2) avaliação da revista pelas comunidades científicas; (3) acesso aberto (open access) aos artigos completos nas bases de dados; (4) acesso dos artigos nos últimos quatro anos de publicação da revista, de 2007 até 2010 e (5) existência continua da publicação por mais de dez anos. Os resultados revelaram que dos 137 artigos analisados, 93,43% eram de múltipla autoria cuja amplitude foi de um dois autores até dez colaboradores, sendo que do total de 503 autores, 68,99% eram do gênero feminino. Os títulos dos artigos tiveram a amplitude de seis até 28 vocábulos, sendo que 43,79% estavam dentro do esperado, entre oito e 14 vocábulos e 97,81% dos artigos eram de orações afirmativas e descritivas. Os tipos de trabalhos publicados eram de pesquisas descritivas (75,91%) e inferenciais (13,87%). O teste de qui-quadrado revelou que a múltipla autoria (χ2o=103,36; p<0.0001), o gênero feminino (χ2o=75,27), o número de vocábulos (χ2o=21,73) e a pesquisa descritiva (χ2o=112,04) são características significantes nos 137 artigos publicados na RBGG de 2007 a 2010. Em termos de metaciência, a análise dessas variáveis revelam que a produção publicada na RBGG sobre envelhecimento apresenta evolução e tendências mundiais quanto a autoria múltipla. Entretanto, em relação aos demais aspectos analisados foi observado que os autores das pesquisas científicas publicadas precisam considerar os demais aspectos para avançar e verticalizar o conhecimento, pois o esperado é que haja um equilibrio quanto ao gênero, uma vez que homens e mulheres observam e analisam o mundo de forma diferente. Também, se espera que a maioria dos títulos estejam entre os oito e 14 vocábulos e que seja o suficientemente compreensível, claro e objetivo. Este é um aspecto formal que os cientistas deveriam estar mais atentos, pois o título é o primeiro contato do leitor com o texto, portanto é responsável por motivar a leitura e por condizer com o conteúdo que será apresentado. Outra variável importante é o tipo de pesquisa, pois para que haja uma verticalização na produção do conhecimento é fundamental o aumento de estudos do tipo inferencial. Conclui-se que é notoria a necessidade de pesquisas de metaciência com revisão sistemática e metanálise sobre o envelhecimento para que a produção seja analisada e, consequentemente, produza diretrizes para que haja evolução do conhecimento na área. As pesquisas de metaciência sobre a produção cientifica são importantes para avaliar o que está e como está sendo produzindo o conhecimento sobre determinado assunto ou área de conhecimento.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Palavras-chave: velhice, metaciência, psicologia

Pesquisador – P

DES

ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA DA ESCALA DE RESILIÊNCIA.
Vanessa Barbosa Romera Leme, Susana Coimbra, Zilda A. P. Del Prette (Universidade Federal de São Carlos)

Ainda que não haja um consenso na literatura sobre o que seja resiliência, essa pode ser descrita como a apresentação de bons resultados de adaptação que são obtidos, apesar de, ou devido à, exposição de uma quantidade considerável de risco. Esta capacidade para vencer "contra todas as probabilidades" parece ser, sem dúvida, observada na vida real. O objetivo deste estudo foi avaliar a validade de construto e a confiabilidade da versão portuguesa da Escala de Resiliência (ER). Para isso, realizou-se a validação de construto em seus três componentes: fatorial, convergente e discriminante, e avaliou-se a confiabilidade da escala por meio do alfa de Cronbach. A escala foi aplicada em uma amostra de 477 adolescentes (53,7% do sexo feminino, idade compreendida entre 13 e 17 anos - M = 15,33, DP = 0,83), provenientes do primeiro e do segundo ano do Ensino Fundamental de escolas públicas de uma cidade do estado de Minas Gerais. A ER é um instrumento construído a partir da seleção de itens de outras três escalas frequentemente usadas para avaliar a resiliência, da revisão de literatura e da análise de conteúdo de entrevistas a 54 jovens. Foi validada para a população portuguesa junto a uma amostra de 700 adolescentes e adultos com idades compreendidas entre os 15 e 27 anos de idade. O instrumento avalia a resiliência como um mecanismo de proteção interno que parece desempenhar um papel importante nas situações de exposição ao risco derivado de experiências de vida negativas. Possui 13 itens e uma estrutura bifatorial. Na análise fatorial confirmatória realizada no contexto português foram encontrados bons índices de ajustamento e confirmada sua estrutura bi-fatorial: a) Resiliência que reflete características tais como, otimismo, extroversão e proatividade; b) Vulnerabilidade que indica características de pessoas vulneráveis, por exemplo, pessimismo e susceptibilidade para ser influenciado por pessoas, situações ou emoções negativas. Nesse mesmo estudo foram encontrados valores razoáveis de consistência interna de 0,69 para o primeiro fator e 0,70 para o segundo. Para a amostra brasileira, em relação à validade fatorial, a análise fatorial confirmatória apresentou um ajustamento global e local satisfatório (χ2/gl = 2,94; CFI = 0,92; RMSEA = 0,06; SRMR = 0,05), confirmando a estrutura bi-fatoral da ER. Quanto à validade convergente, encontrou-se correlação significativa e positiva entre o fator resiliência e bem-estar psicológico e habilidades sociais, e uma correlação significativa e inversa com o fator Vulnerabilidade. Para a validade discriminante, os fatores Resiliência e Vulnerabilidade apresentaram correlação forte e negativa entre os mesmos (-0,60). Valores satisfatórios de consistência interna foram verificados para os fatores da escala (Resiliência α = 0,77; Vulnerabilidade α = 0,76). Os resultados sugerem boas qualidades psicométricas do ER para a amostra brasileira.

Palavras-chave: Resiliência; Adolescência; Análise Fatorial Confirmatória.

PD

DES

AS RELAÇÕES EM FAMILIAS COM FILHOS COM DEFICIENCIA. *Simone Cerqueira-Silva (Centro Universitário IESB, Brasília/DF) e Maria Auxiliadora Dessen (UnB, Brasília/DF)*

A família, principal contexto de desenvolvimento humano, desempenha as suas tarefas de socialização por meio de uma complexa rede de interrelações que envolve o indivíduo, a família e os diferentes níveis do sistema social. A condição social e econômica, o nível educacional e as condições de saúde da família são alguns dos fatores que influenciam a qualidade das relações no âmbito da família, com implicações diretas para o desenvolvimento da criança. No caso de crianças com deficiência, a literatura tem destacado que as famílias são particularmente afetadas, em seus diferentes níveis de funcionamento, pela condição da criança. O impacto do nascimento de uma criança com deficiência tem sido exaustivamente investigado na literatura, no que tange a sentimentos e expectativas dos familiares; no entanto, pouco se conhece a respeito do conteúdo e qualidade das interações mantidas em famílias que convivem com uma criança com deficiência. Assim, este estudo investigou as características das relações conjugais, parentais e fraternas, na perspectiva de familiares (16 mães, 12 pais e 10 irmãos) de 16 crianças com deficiência, totalizando 54 participantes. As crianças tinham deficiência auditiva (n=4), física (n=4), intelectual (n=4), múltipla (n=2) ou visual (n=2), e eram da cidade de Brasília/DF (n=12) e do interior do Estado de São Paulo (n=4). Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (individuais) com todos os participantes e foi aplicado, com um dos genitores de cada criança, um questionário de caracterização do sistema familiar, incluindo dados sociodemográficos. Os resultados mostram que a relação conjugal foi avaliada por mais da metade dos participantes (n=22; 58%) como boa ou satisfatória, especialmente pelas mães (n=11; 68,75%). As famílias (n=5) que avaliaram a relação conjugal como ruim, eram aquelas em que as mães não trabalhavam fora do lar (n=4) e que realizavam todas atividades domésticas (n=3) sem a ajuda do companheiro. Já as relações parentais foram caracterizadas, principalmente, pela harmonia entre pais e filhos (n=8), pelo diálogo (n=6), pelo compartilhamento de cuidados com os filhos (n=6), mas também por conflitos (n=5). Na percepção dos participantes, as práticas parentais acontecem com imposição de limites e autoridade (n=8), sobretudo por parte das mães (n=6), que utilizam mais de práticas coercitivas – palmadas e ameaças (n=7), do que indutivas (n=3). A menção à coparentalidade (n=11) indica que existe mais discordância e conflito (n=7) do que concordância e negociação (n=4) entre o casal para lidar com as questões relativas aos filhos. Para os irmãos, a relação com a criança com deficiência é caracterizada, principalmente, por conflitos (n=13), harmonia (n=11), cuidado e proteção (n=6) e união (n=2). Os dados sugerem que a presença da deficiência da criança parece afetar negativamente mais as mães não engajadas na vida profissional, em decorrência da sobrecarga de atividades domésticas e cuidados com a criança. É necessário que se invista em serviços e atendimentos voltados ao desenvolvimento das relações em famílias com crianças com deficiência.

Família, Deficiência, Relações conjugais, Relações parentais

CAPES

DES

AVALIAÇÃO DA TEORIA DA MENTE E DA LEITURA INTERATIVA NO CONTEXTO FAMILIAR: UM ESTUDO COM PRÉ-ESCOLARES. *Flávia Fraga Silveira*, Maíze Carla Costa Pelisson*, Renata de Lourdes Miguel da Silva**, Nathalie Nehmy Ribeiro**, Taísa Candido de Batista* e Marisa Cosenza Rodrigues (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

A teoria da mente investiga a habilidade infantil de compreender estados mentais como as crenças, os desejos e as emoções, mantendo estreita relação com o desenvolvimento da linguagem. Nesta interface, tem-se destacado a importância da leitura interativa para o desenvolvimento da linguagem mentalista. A pesquisa objetivou investigar o desenvolvimento da teoria da mente e avaliar a presença da leitura dialogada no contexto familiar de crianças de 4 e 5 anos de duas escolas públicas mineiras, bem como avaliar possíveis diferenças quanto ao sexo, idade e escola. Participaram 91 crianças, sendo 47 (20 de 4 anos e 27 de 5 anos) da escola 1 e 44 (20 de 4 anos e 24 de 5 anos) da escola 2. Após procedimentos éticos, iniciou-se individualmente a coleta de dados aplicando-se a escala de teoria da mente, composta por 7 tarefas e um questionário que investigou as experiências familiares vivenciadas pelas crianças em relação à leitura de histórias, composto por 8 questões fechadas e 2 abertas as quais foram submetidas à análise de conteúdo. Os dados obtidos foram tabulados e analisados mediante estatística descritiva e inferencial (análise de variância por 3 vias). Quanto ao desenvolvimento da teoria da mente, não foi evidenciada diferença quanto ao sexo ($p= 0,388$) e escola ($p= 0,292$). Houve diferença quanto à idade ($p< 0,001$), verificando-se que as crianças de 5 anos apresentaram melhor desempenho, dado condizente com a literatura que prevê diferenças quanto ao aspecto evolutivo. Quanto a leitura interativa, evidenciou-se que as crianças de 4 anos possuem livros de histórias em casa (95%) que são dados pelos pais (56%); a maioria (56%) relata que a leitura é feita ocasionalmente e sem mediação do texto, enquanto que 32% relatam que a leitura é feita com interação; contudo, 80% informam que os adultos mostram e conversam sobre as ilustrações. As crianças de 5 anos refletem um perfil semelhante de respostas, diferenciando-se apenas quanto a forma de leitura que oscilou entre direta - sem mediação (44%) e interativa (40%). Os dados indicam que a leitura interativa tende a ser conduzida por parte dos pais e parentes, porém, mais frequentemente com as crianças mais velhas. Esse dado, por indicar uma relação com a linguagem, pode também ter contribuído para um melhor desempenho nas tarefas de teoria da mente das crianças mais velhas, visto que a leitura mediada de histórias, por envolver conversações reflexivas sobre os personagens, tende a favorecer o desenvolvimento da teoria da mente, como prevê a literatura na área. Almeja-se que os dados obtidos ofereçam contribuições para a área, especialmente no que se refere à importância da leitura mediada de histórias para o desenvolvimento sociocognitivo infantil.

FAPEMIG

Palavras chave: Teoria da mente; livro de histórias; contexto familiar

IC – Iniciação científica

DES

AVALIANDO BEBÊS COM RISCO DE AUTISMO NO PRIMEIRO ANO DE VIDA. *Mariana Luisa Garcia**, Carolina Lampreia (Departamento de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ)*

O reconhecimento de sinais precoces do autismo tornou-se imprescindível para o encaminhamento de crianças à intervenção precoce e para as chances de minimizar o impacto dos déficits deste transtorno no desenvolvimento. Em busca de tais sinais, um corpo de conhecimento consistente para a identificação de risco no segundo ano de vida foi estabelecido a partir de estudos retrospectivos de vídeos familiares. A partir de tais estudos, o comprometimento da atenção compartilhada e do jogo simbólico foram indicados como fortes marcadores de risco de autismo naquela faixa etária. O desafio passou, então, a ser a identificação de sinais de risco no primeiro ano de vida. A metodologia de escolha para verificar sinais de autismo no primeiro ano foi o acompanhamento prospectivo de bebês de risco, irmãos de crianças mais velhas com autismo, por terem chances aumentadas de diagnóstico em comparação com as chances de diagnóstico na população geral. No presente estudo de casos múltiplos (quatro casos), o desevolvimento de dois bebês de risco (uma menina e um menino) foi acompanhado entre 3 e 12 meses e foi comparado com o desenvolvimento de bebês de um grupo controle (duas meninas) sem histórico familiar de autismo, e portanto com chances diminuídas para o diagnóstico em comparação com os bebês de risco, de mesma faixa etária. Este bebês foram filmados mensalmente em interações sociais com adulto que poderia ser face-a-face ou mediada por objetos em suas residências. Eles foram avaliados por neurologista e psicólogo que utilizaram os seguintes instrumentos: 1) critérios de diagnóstico de autismo do DSM-IV-TR; 2) escala Bayley-III (desenvolvimento infantil); e 3) escala CARS (avaliação de autismo). As interações registradas em vídeo foram analisadas de acordo com categorias afetivas, interativas e manejo adaptadas de (Gianino e Tronick, 1988). Uma análise de caráter qualitativo permitiu a construção de narrativas históricas do desenvolvimento ao longo do período de 3 a 12 meses. Os resultados das análises das narrativas mostraram dificuldades afetivas em um dos bebês do grupo de risco entre 8 e 12 meses. Aos 21 meses este bebê foi encaminhado preventivamente para intervenção precoce. O uso de categorias afetivas e análise da qualidade da expressão afetiva na avaliação de bebês de risco e no rastreamento de autismo são discutidas.

Autismo; bebês de risco; desenvolvimento afetivo.

CAPES/FAPERJ

DES

BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E PERCEPÇÃO DE APOIO SOCIAL DE ADOLESCENTES DE FAMÍLIAS NUCLEARES, MONOPARENTAIS E RECASADAS. *Vanessa Barbosa Romera Leme, Zilda A. P. Del Prette, Susana Coimbra (Universidade Federal de São Carlos)*

Muitos estudos indicam que a separação e o recasamento dos pais devem ser considerados como mecanismos de risco para o desenvolvimento de dificuldades sócioemocionais e comportamentais dos filhos durante a adolescência. Entretanto, pesquisas têm sinalizado que as transições familiares podem ser oportunidade de crescimento pessoal e de desenvolvimento de habilidades sociais dos filhos. Estudos encontraram que relações interpessoais satisfatórias extra familiares dos adolescentes estão tanto relacionadas com a qualidade de vida, quanto com o bem-estar psicológico dos filhos. Assim, a percepção de apoio social da família, dos amigos e dos professores tem sido indicada como um mecanismo de proteção e um preditor robusto do bem-estar psicológico dos adolescentes cujos pais se separaram e recasaram. Diante disso, a partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, o presente estudo teve por objetivos: a) comparar a percepção de apoio social e o bem-estar psicológico de adolescentes provenientes de diferentes tipos de famílias; b) avaliar se a percepção de apoio social da família, dos amigos e dos professores prediz o bem-estar psicológico dos adolescentes. Participaram da pesquisa 477 adolescentes de famílias nucleares, monoparentais e recasadas. Os alunos (53,7% do sexo feminino, idade compreendida entre 13 e 17 anos - M = 15,33, DP = 0,83) frequentavam o primeiro ano e o segundo ano do Ensino Médio de escolas estaduais públicas de uma cidade do Estado de Minas Gerais. Os dados foram coletados com os adolescentes de forma coletiva, nas salas de aula das escolas. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: a) Questionário sobre caracterização familiar; b) Escala de Percepção de Apoio Social; c) Escala de Bem-estar Psicológico; d) Questionário sobre nível socioeconômico. A amostra foi homogênea em relação ao gênero dos adolescentes, à escolaridade materna e ao nível socioeconômico. Os dados das análises de variância indicaram que os adolescentes dos diferentes tipos de famílias não diferiram quanto à percepção de apoio social da família, dos amigos e dos professores. Em relação ao bem-estar psicológico, os resultados indicaram que os adolescentes de famílias de famílias monoparentais e recasadas apresentam mais autonomia quando comparados aos adolescentes de famílias nucleares. Segundo as análises de regressão, a percepção de apoio social dos amigos e dos professores predizeram significativamente o bem-estar psicológico dos adolescentes, explicando 16% da variância dele e revelando que quanto maior a percepção de apoio social dos amigos e dos professores, mais os adolescentes apresentam bem-estar psicológico. O estudo sugere que as transições familiares não têm impacto negativo sobre o bem-estar psicológico dos adolescentes de diferentes configurações familiares. Pelo contrário, os resultados sinalizam que vivenciar as transições familiares pode possibilitar o desenvolvimento de autonomia pelos adolescentes. Somado a isso, a percepção de apoio social extra familiar mostrou-se um preditor mais relevante para o bem-estar psicológico dos adolescentes, do que a percepção de apoio da família. Portanto, a pesquisa destaca a importância de investigar a separação e recasamento dos pais como uma oportunidade para promover recursos individuais que podem ajudar a enfrentar os desafios trazidos pelas transições familiares.

Apoio Financeiro: FAPESP

Palavras-chave: Transição familiar; Adolescência; Bem-estar psicológico.

PD

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

BEM-ESTAR SUBJETIVO E MATURIDADE DEFENSIVA NA DÉCADA DOS 40 ANOS. *Dayane Suelen de Moraes Soares, Gabriela Dias Araújo, Ana Lúcia Gatti* (*Universidade São Judas Tadeu)*

A meia-idade compreende o período no qual o indivíduo faz uma reavaliação de sua própria vida, para a aceitação do envelhecimento. O desafio de envelhecer é o de conseguir uma maior perspectiva de vida, mas com qualidade, o que se constrói em etapas anteriores do desenvolvimento. O estudo objetivou avaliar em indivíduos com idades entre 41 e 50 anos a qualidade do bem-estar subjetivo e os níveis de maturidade defensiva, fatores que podem influenciar a qualidade de vida na velhice. Um grupo de conveniência, composto por um total de 28 participantes (N feminino= 17, X = 45,4 anos, DP= 2,78; N masculino =11, X= 44,8 anos; DP =2,64), predominantemente casados (N=19, 27,71; g.l.=3; α<0,001), respondeu aos seguintes instrumentos: Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) e Defense Style Questionnaire (DSQ-40).Os resultados revelam que, no geral, os indivíduos se apresentam com predominância de satisfação quanto à própria vida e maior recorrência de emoções afetivas de prazer, em ambos os grupos. Comparados os valores médios, por meio do teste t, dos grupos feminino e masculino nas subescalas da EBES – afeto positivo (-1,42), satisfação com a vida (-1,62), afeto negativo (0,35) e insatisfação com a vida (1,58), e quanto aos níveis de maturidade defensiva – maduro (-1,28), neurótico (-1,22) e imaturo (-0,08) - não foram observadas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos estudados em relação às dimensões do bem-estar psíquico e quanto ao uso de defesas (tc =2,052; g.l.=27, α=0,05).Apresentou-se no grupo investigado maior prevalência de pessoas satisfeitas com a vida e com maior presença de afeto positivo, além de demonstrar algum nível de maturidade no modo de lidar com a ansiedade diante de situações adversas. A prova de correlação de Pearson evidenciou que, de modo geral, não houve relação entre as EBES e os níveis de maturidade defensiva. No entanto, foi encontrada no grupo feminino uma relação inversa entre a percepção de afetos positivos e a utilização de defesas imaturas (r= -0,547). Importa destacar que não se pode estabelecer, com base nos dados e no tipo de investigação, uma direção de causalidade entre as variáveis. Estudos de gênero têm apontado modos diversos de homens e mulheres expressarem suas emoções e mesmo a amplitude de vocabulário utilizado quanto aos afetos, o que pode oferecer alguma explicação para a diferença enconntrada. Outros estudos devem ser conduzidos para confirmar os achados, além de ampliar o que não pôde ser evidenciado. Vale salientar que durante a realização desta pesquisa não foram encontrados outros trabalhos que tivessem estudado possíveis relações entre bem-estar subjetivo e escores defensivos, portanto nota-se a necessidade de desenvolver pesquisas que aperfeiçoem os conhecimentos acerca do tema.

Palavras-chave: defesas psíquicas, qualidade de vida, meia-idade.

P

DES

BRINQUEDO, BRINCADEIRA E CONVIVÊNCIA NA CRECHE. *Edna Maria Marturano, Marlene de Cássia Trivellato Ferreira (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A convivência com pares em ambientes coletivos, sob a supervisão dos adultos, é vista como favorecedora da socialização de crianças pequenas. Situações de brincadeira livre permitem observar como as crianças lidam com as demandas dessa convivência. O objetivo principal do estudo foi descrever os comportamentos sociais de crianças de três a quatro anos, em situação de brincadeira livre em ambiente de creche. Participam da pesquisa 19 crianças (13 meninos) com idades entre 3 anos e 3 anos e 10 meses (média 3 anos e 4 meses), que frequentavam uma turma de Maternal em creche filantrópica. Todas tinham experiência de creche e nove eram recém-transferidas de outra instituição. As crianças foram filmadas com duas câmeras fixas, em 12 dias úteis consecutivos, durante atividades livres com brinquedos, em sala da creche, com duas educadoras presentes. Uma observadora familiar às crianças fazia o registro manual dos comportamentos e verbalizações, em rodízio aleatório, focalizando cada criança por dois minutos. Esse registro era completado com a observação das filmagens, em seguida ao término da observação ao vivo. Os comportamentos foram classificados com base em 30 classes, agrupadas em seis conjuntos: sozinho, comunicação amigável com ou sem foco no brinquedo, comunicação não amigável com ou sem foco no brinquedo, outros. Essas classes foram adaptadas de um estudo de Howes e Matheson sobre brincadeiras de pré-escolares em centros de cuidados diários. Utilizando-se o coeficiente de correlação de Spearman, o índice médio de concordância entre dois juízes na classificação dos comportamentos de cinco crianças foi 0,79, variando entre 0,57 e 0,98. A análise estatística se processou sobre dados de frequência. Quando requerido, utilizou-se o teste de Wilcoxon ou o teste U de Mann-Whitney. Nos resultados, estar sozinho foi significativamente mais frequente, seguido da comunicação amigável com foco no brinquedo. As modalidades de comunicação hostil foram significativamente menos frequentes que as demais. No nível das classes comportamentais, prevaleceu a classe ocupado com brinquedo, seguida por observa colegas e participa de brincadeira com colega. Não foram encontradas diferenças associadas ao sexo ou à familiaridade com a creche. Analisadas em pormenor as classes de comunicação com foco no brinquedo, verificou-se que 15 crianças se envolveram tanto em comunicação amigável como em comunicação não amigável. Entre as ações pela posse de brinquedo, prevaleceram o tomar e o disputar, porém apareceram também solicitação do brinquedo, negociação e pedido para brincar junto. Na posição de quem tem a posse do brinquedo, as crianças responderam aos pedidos dos colegas compartilhando ou recusando partilhar, em proporções semelhantes. A familiaridade com a creche foi associada à maior frequência de responder positivamente ao contato dos colegas e à tendência para compartilhar seu brinquedo quando solicitado. Os resultados sugerem que, apesar de brincarem sozinhas mais que juntas, as crianças manifestam claro interesse pelos pares. Também há indícios de habilidades sociais emergentes, que o educador pode modelar e fomentar na brincadeira livre, por meio de mediação apropriada, valendo-se do interesse espontâneo das crianças pelos companheiros. A familiaridade com a creche merece ser investigada em estudos com maior abrangência.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: brincadeira; socialização; pré-escolar.

IC

DES

BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: AVALIAÇÃO DE ACOMPANHANTES.

*Mayara Barbosa Sindeaux Lima; Luísa Sousa Monteiro**; Celina Maria Colino Magalhães; (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Desenvolvimento, Universidade Federal do Pará, Belém- PA).*

A hospitalização representa rupturas na vida da criança e de sua família, pois impõe a vivência de situações novas: local e pessoas desconhecidas, rotina padronizada, procedimentos invasivos, afastamento do ambiente familiar, escolar e comunitário. Esta nova rotina pode dificultar a criança a envolver-se em atividades como o brincar. Neste sentido, o adoecimento e a hospitalização podem se configurar como fatores de risco ao desenvolvimento infantil. Contudo, na última década os hospitais vêm sendo modificados e têm implantado estratégias que visem humanizar a assistência à saúde. Essas ações partem da premissa de que mesmo na condição de enferma e hospitalizada, o desenvolvimento da criança não deve estagnar e sim ser contínuo, e para isso, são necessárias medidas que promovam o seu bem-estar geral. Dentre estas estratégias, a implantação de brinquedotecas é uma medida que favorece e estimula o brincar, atividade inerente e típica da infância. Além disso, a brinquedoteca hospitalar é direito assegurado pela Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. O art. 2º desta lei considera brinquedoteca, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar. Diante disto, o objetivo desta pesquisa foi investigar a avaliação dos acompanhantes de crianças hospitalizadas acerca desse espaço. Participaram 39 acompanhantes de quatro hospitais, os quais foram entrevistados dentro da brinquedoteca ou nos leitos. Foi utiliza um roteiro de entrevista semi-estruturado, sendo os dados gravados em áudio, transcritos e depois analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados indicam que os participantes conceituam a brinquedoteca a partir das atividades e das relações que se estabelece entre as pessoas e destas com os objetos que estão no espaço. Tendo em vista que nenhum acompanhante tomou o acervo lúdico como única referência para defini-la. Além disso, verbalizaram que a brinquedoteca é promotora de desenvolvimento, saúde e alegria. Ao discorrerem acerca do que lhes agradava na brinquedoteca, a maioria dos entrevistados, independente do hospital, fez referência a algum brinquedo ou jogo específico, em particular àqueles preferidos por suas crianças ou que acreditavam ser promotores de desenvolvimento, também foram citados: observar a brincadeira das crianças e a alegria relacionada a ela, atividades artísticas ou artesanais, leitura e interagir com as pessoas. Ao serem solicitados a darem sugestões/críticas à brinquedoteca, 21 dos 39 o fizeram, sendo mencionada em todos os hospitais a aquisição ou recuperação de brinquedos e equipamentos, com destaque aos jogos eletrônicos e computadores. A respeito da equipe da brinquedoteca, esta foi avaliada favoravelmente por todos os participantes. Esta pesquisa sugere que os acompanhantes de crianças hospitalizadas avaliam a brinquedoteca como espaço promotor de saúde e desenvolvimento para as crianças. Contudo, observa-se a necessidade de investigações com uma amostra populacional estatisticamente significativa a fim de verificar a percepção e participação dos adultos na brinquedoteca.

Brinquedoteca hospitalar; acompanhantes; avaliação

Capes e CNPq

DES

COMPETÊNCIA E PROBLEMAS PSICOLÓGICOS EM ADOLESCENTES ABRIGADOS. *Amanda de Oliveira Fernandes (Universidade Federal de são Paulo), Nancy Ramacciotti de Oliveira Monteiro (Universidade de São Paulo)*

Medida excepcional de proteção, o abrigamento é experiência de milhares de crianças e adolescentes brasileiros. O desenvolvimento humano nessas circunstâncias ocorre sem o suporte familiar cotidiano e com pressões sociais advindas da própria condição de institucionalização. Sendo a adolescência uma fase de várias mudanças, instabilidades e transições, tanto físicas como psicossociais e emocionais, alguns tipos de conflitos, dificuldades e exposição a riscos podem fazer parte do contexto de indivíduos dentro dessa fase do ciclo vital, exigindo-se atenção a fatores relacionados à saúde mental dessa população. Vários fatores tornam adolescentes mais vulneráveis a sofrerem problemas psicológicos, entre os quais estariam aspectos individuais (características psicológicas, sexo e idade), familiares (históricos de transtornos mentais, uso/abuso de álcool e drogas, violência, perdas e separações) e socioculturais (pobreza, violência no contexto, apoio/suporte social). O objetivo deste estudo, recorte de uma pesquisa de avaliação psicossocial de adolescentes abrigados, foi levantar indicadores de competência e de problemas psicológicos em adolescentes abrigados. Foram realizadas avaliações de 61 adolescentes, de 11 a 18 anos, 34 meninas e 27 meninos, que vivem em abrigos da Baixada Santista (SP). O instrumento utilizado foi o YSR (Youth Self-Report for Ages 11-18), um questionário de auto avaliação comportamental para adolescentes de 11 a 18 anos de idade, da Bateria ASEBA, padronizado para população brasileira. O YSR contém 123 itens relativos a duas principais áreas: a de competência e a de problemas psicológicos de comportamento. Os problemas avaliados pelo YSR são classificados em agrupamentos denominados problemas internalizantes e externalizantes. Resultados do YSR são considerados nas faixas denominadas clínica, limítrofe e normal, indicando, respectivamente, problemas suficientes para preocupações clínicas, prováveis necessidades de intervenção, e pontos fortes que devem ser considerados no planejamento de intervenções. O estudo tem características exploratórias e descritivas propondo análises quantitativas e qualitativas dos resultados (para questões abertas do instrumento), com propostas de análises por subgrupos de idade (11– 14 anos / 15 - 18 anos), sexo e tempo de abrigamento. Resultados indicaram tendência a prejuízos relativos a recursos de competência, associados a desempenho acadêmico, na faixa clínica de resultados, especialmente para as meninas mais novas e meninos mais velhos. Em relação ao tempo de abrigamento, adolescentes com menos de dois anos de residência em abrigo, apresentaram-se, em sua maioria, na faixa normal e limítrofe para a área de competência. Problemas psicológicos internalizantes e externalizantes, em faixas clínicas, também ficaram indicados na amostra estudada, em especial problemas externalizantes nos adolescentes meninos. Adolescentes com mais de cinco anos de vivência de abrigamento, apresentaram tendência maior a problemas psicológicos, mantendo-se nas faixas clinicas dentro desta área. O estudo aponta necessidade de ampliação e aprofundamento de investigações sobre desenvolvimento de crianças e adolescentes que vivem em abrigos que possam subsidiar políticas adequadas ao desenvolvimento positivo em situação de abrigamento.

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Palavras-chave: Adolescentes abrigados; Competência; Problemas psicológicos.

Mestrado - M

DES

CONDIÇÃO DE DUPLA IMATURIDADE MÃE ADOLESCENTE-BEBÊ PREMATURO: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS MATERNAS EM UTI NEONATAL. *Lívia Caetano da Silva Leão, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A maternidade adolescente e o nascimento prematuro representam, por si só, grandes desafios na transição para a parentalidade. Quando estes dois aspectos aparecem combinados, esta transição pode assumir uma sobrecarga para a adolescente. Este estudo buscou investigar a experiência de tornar-se mãe de um bebê prematuro na adolescência, em particular, a relação que a mãe adolescente estabelece com o bebê prematuro, durante a internação hospitalar do bebê. Participaram quatro mães adolescentes entre 17 e 18 anos de idade, participantes de um projeto longitudinal maior, o PREPAR – Prematuridade e parentalidade: Fatores biopsicossociais relacionados ao nascimento e desenvolvimento do bebê pré-termo e o impacto de uma intervenção psicológica durante a sua hospitalização. Estas mães foram contatadas na UTI Neo onde estavam internados seus bebês, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Aquelas com menos de 18 anos obtiveram autorização de algum responsável adulto. Foram utilizadas entrevistas que investigavam diversos aspectos da maternidade, com questões sobre a gestação, parto, primeiras experiências com o bebê em UTI Neonatal e expectativas frente a alta hospitalar do bebê. As mães foram entrevistadas em três momentos da internação do bebê na UTI Neonatal (aproximadamente no 15º dia de vida do bebê, uma semana após este contato e no momento de pré-alta hospitalar do bebê), em locais dentro dos hospitais. Além disso, informações foram obtidas através das anotações da pesquisadora de observações do contexto da UTI Neo e das mães adolescentes participantes com seus bebês. Os resultados apontaram para um somatório de crises concomitantes como a adolescência, a maternidade e a prematuridade, o que representou um impacto importante neste momento de transição para as adolescentes. Aspectos típicos do funcionamento adolescente mostraram-se evidenciados, mesmo com a exigência de que as mães interrompessem seu processo de adolescer para cuidar do bebê na UTI Neo. Notou-se que o corpo adolescente serviu como cenário dos conflitos inerentes a esta transição para a maternidade, revelando a contratransferência ao bebê e a UTI Neo através de reações corporais intensas e dramáticas. Além disso, notou-se que houve diferentes tempos neste contexto específico: o tempo da UTI, o tempo do bebê e o tempo da adolescente, muito distintos e com características próprias, que em diversos momentos se contrapunham. Conclui-se que outros estudos devem ser realizados nesta temática específica, uma vez que não se conhece os efeitos a médio e longo prazo deste tipo de transição para a maternidade tanto para a mãe quanto para o bebê. Espera-se que este estudo possa contribuir para se considerar as especificidades do momento da adolescência no contexto da UTI Neo e a adoção de medidas que auxiliem as adolescentes a se aproximarem do filho prematuro.

Mãe adolescente; bebê prematuro; dupla imaturidade.

CNPq

DES

CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DOS COMPORTAMENTOS DE OUVINTE E FALANTE EM BEBÊS – UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA.

*Graziele Thomasinho de Aguiar**; Leylanne Martins Ribeiro de Souza**; Christiana Gonçalves Meira de Almeida**; Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP).*

O desenvolvimento da linguagem é estudado por várias áreas do conhecimento e tem especial destaque na Psicologia do Desenvolvimento. Entretanto, poucas pesquisas tem produzido uma análise comportamental do desenvolvimento do comportamento verbal. A análise funcional das interações mãe-bebê pode contribuir para a descrição de aspectos do desenvolvimento do comportamento verbal dos bebês no cotidiano familiar. O objetivo desse estudo foi realizar uma análise funcional exploratória das interações entre uma única mãe e seus dois bebês gêmeos, menino e menina, de seis meses de idade no início do estudo. Durante um mês, na casa dos participantes, foram realizadas filmagens semanais, de 15 minutos de duração cada, totalizando 60 minutos de registro. A própria mãe posicionava a câmera que captava as suas interações com os filhos. Os registros foram transcritos em ordem cronológica de ocorrência dos eventos. As emissões vocais, gestos e direção da face dos participantes foram considerados na categorização de episódios representativos de situações nas quais ocorriam condições para desenvolvimento de comportamentos de ouvinte e falante das crianças. As categorias obtidas foram: Mãe consequencia atenção da criança (CM)-criança olha/aponta objeto/evento-mãe dizia o nome do objeto/evento; Mãe dirige atenção da criança (MC)-criança olha ambiente-a mãe aponta para e fala nome de objeto/evento-criança olha/aponta objeto/evento; Mãe ecoa balbucio da criança, (CMV)-criança balbucia-mãe repete sons de vogais/consoantes emitidos pela criança; Mãe fala palavras de fácil reprodução (MCV)-criança em silêncio-mãe vocaliza-criança repete vocalizações da mãe. Nos 60 minutos de registro houve uma frequência similar de ações da mãe dirigidas à menina (33/49,5%) e ao menino (34/50,5%). A maior proporção de ocorrências (82%) diz respeito a categorias nas quais a mãe cria condições para a emissão de comportamentos da criança (MC=51% e MCV=31%) e, em ambas, a resposta da criança é condição para a mãe consequenciar tanto a atenção como as emissões vocais dos bebês (CMV). Do total de ocorrências 18,0% referem-se às duas categorias nas quais o comportamento da mãe é subsequente à ação das crianças em igual proporção (CM=9,0% e CMV=9,0). Do total de emissões, 60% foram categorizadas em circunstâncias nas quais a mãe expos os bebês à apresentação simultânea da emissão do nome e do destaque do objeto correspondente (pelo apontar) (MC=51,0%;CM=9,0%). Em 40,0% das ocorrências, a mãe consequenciou (CMV=9,0%) ou deu modelo (MCV=31,0%) para as emissões vocais do bebê. O somatório das categorias CM e MC (60%) indica que as oportunidades para a aquisição do comportamento de ouvinte são precoces e abundantes no ambiente familiar dos bebês e oferece dados de análise funcional que corroboram a literatura da Psicologia do Desenvolvimento. Ressalta-se que, no mesmo período, foram oferecidas condições para a aquisição do comportamento de falante em dois tipos de circunstâncias: quando a mãe reproduz o som do balbucio do bebê, possivelmente oferecendo uma consequência que tenderia a aumentar as emissões vocais da criança (CMV) e ao apresentar modelos passíveis de serem reproduzidos pelos bebês daquela idade (MCV). A análise empreendida parece frutífera para uma análise comportamental do desenvolvimento do comportamento verbal.

Comportamento de ouvinte, Comportamento de falante, bebês

CAPES; INCT-ECCE

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CRENÇAS E PRÁTICAS DE MÃES SANTARENAS QUANTO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. *Beatriz Martins Moura*, Bianca da Silva Medeiros*, Iani Dias Lauer- Leite (Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém-PA)*

Há muito as concepções acerca do desenvolvimento infantil tem sido estudadas na área da psicologia. A tentativa, na maioria das vezes, é compreender o que permeia o imaginário das mães quando o assunto é o desenvolvimento de seus filhos, pois parte-se do pressuposto, de acordo com estudos em Desenvolvimento realizados, que as concepções de mães quanto ao desenvolvimento interferem nas práticas de cuidado com os filhos. Sabendo disso e buscando também adentrar nesse universo das crenças parentais a respeito do desenvolvimento infantil, essa pesquisa objetivou identificar as concepções das mães que frequentam um programa de acompanhamento voltado a saúde de crianças, quanto a esse desenvolvimento. Da coleta de dados participaram dezesseis mães do município de Santarém. Os dados foram coletados segundo o método de grupo focal. Para a obtenção dessas informações quatro grupos foram realizados, com gravação de áudio e vídeo, segundo a disponibilidade dos sujeitos e foram analisados utilizando o programa computacional de análise quantitativa de dados qualitativos "Alceste. Este programa analisa o texto transcrito (corpus) operando em etapas de análise. A partir da análise os dados foram classificados em quatro classes distintas, porém relacionadas, abrangendo: desenvolvimento, música, cotidiano e alimentação. Classes são categorias encontradas de acordo com uma análise quantitativa das palavras utilizadas. Na primeira delas, que aborda as "crenças quanto ao desenvolvimento infantil", nota-se nos discursos das mães uma preocupação a respeito do que influencia no desenvolvimento de seu filhos, sendo essa, portanto, a principal classe e sobre a qual todas as outras estão interligadas em uma relação de hierarquia. Destacou-se na primeira categoria como recorrentes nos discursos dos sujeitos os termos: sono, vacina, cuidado, alimentação, mãe e família. Já na segunda classe, o tema que se destacou foi a utilização da música como um estímulo para o desenvolvimento, sendo esta classe nomeada como " práticas quanto ao uso da música no cotidiano", tanto por parte da criança quanto por parte dos cuidadores. Evidenciaram- se nas falas das mães termos como: rezar, risos, conversar e musiquinhas. Interligada à ela tem- se a terceira classe "brincadeiras no cuidado cotidiano", que trata das práticas relacionadas às brincadeiras no dia- a- dia das crianças. Essa categoria demonstrou a presença do brincar no cuidado diário do infante e destaca como termos recorrentes: brinquedinho, acordar, chegar, mamãe. As classes dois e três estão interligadas, pois tratam das práticas cotidianas relacionadas às músicas e às brincadeiras vivenciadas pelos bebês. Por último, a classe quatro refere- se à "importância da alimentação no processo do desenvolvimento infantil", estando interligada à primeira classe aqui descrita "crenças quanto ao desenvolvimento infantil", e aborda crenças e vivências quanto à alimentação das crianças. Nessa última categoria as mães associaram a alimentação a termos como: hora, dificuldade, peito, dar. Este trabalho foi relevante para compreender o que mães santarenas, nesse contexto de programa de assistência de saúde acreditam a respeito do que influencia no desenvolvimento de seus filhos e como essas crenças se refletem nas práticas adotadas por essas mães no cuidado e no estímulo das crianças.

Palavras-chave: crenças parentais, desenvolvimento infantil, bebês.

Bolsa de iniciação cientifica PIBIC para as duas primeiras autoras.

DES

CRENÇAS E PRÁTICAS SOBRE CUIDADO E DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS NA PERSPECTIVA DE EDUCADORAS DE BERÇÁRIO. *Denise Bernardi, Scheila Machado da Silveira Becker**,Gabriela Dal Forno Martins**, Cesar Augusto Piccinini (Núcleo de Infância e Família, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

A história da educação infantil no Brasil tem sido muitas vezes marcada por uma dualidade entre o cuidar e o educar. Frente à defesa do caráter educacional da creche e da pré-escola, os cuidados básicos de crianças pequenas passaram a ser entendidos como independentes e opostos ao educar. Esta dualidade, cuidar e educar, é ainda mais evidente no cotidiano de trabalho de educadoras de berçário, visto que a dependência e as necessidades dos bebês, demandam das educadoras práticas que vão além do que é considerado pedagógico ou educacional. Visando contribuir para as discussões sobre a atuação de educadoras junto a bebês, usou-se, neste estudo, o referencial teórico de Winnicott. Esse autor propõe que um desenvolvimento emocional satisfatório nos primeiros anos de vida é resultado de um cuidado suficientemente bom, que atenda as necessidades do bebê. Diante disso, o objetivo desse estudo foi investigar as crenças e práticas sobre cuidado e desenvolvimento de bebês na perspectiva de educadoras de berçário. Particularmente, buscou-se descrever as crenças das educadoras sobre as necessidades desenvolvimentais dos bebês e as práticas que elas afirmam realizar como forma de suprir essas necessidades. Para tanto, utilizou-se uma entrevista estruturada, realizada de forma semi-dirigida, com 14 educadoras de duas creches públicas de Porto Alegre. Análise de conteúdo qualitativa foi usada para se examinar as respostas das educadoras com base em categorias derivadas das três dimensões de cuidado propostas por Winnicott: holding (segurar/sustentar), manipular e apresentar objetos. Os resultados indicaram que a maior parte das educadoras identificou o holding como principal prática realizada para suprir as necessidades do bebê por afeto, carinho e atenção, o que indica uma tendência das educadoras em responder às demandas dos bebês de modo bastante afetivo. Por outro lado, as categorias manipulação e apresentação de objetos foram pouco mencionadas quando as educadoras falaram das necessidades dos bebês, embora estivessem bastante presentes quando as educadoras se referiram as suas práticas com eles. Frequentemente, a inclusão dessas práticas se deu por contraposição ao holding, indicando, assim, uma maior valorização da estimulação cognitiva e motora do bebê enquanto práticas consideradas pedagógicas ou educacionais. Em conjunto, esses achados indicam uma manutenção implícita da dualidade cuidar x educar no contexto do berçário, ainda que as educadoras demonstrem valorizar de diferentes formas essas duas dimensões. No entanto, a necessidade de fazer da sala um ambiente de aprendizagem parece ainda estar em primeiro plano, pelo menos enquanto discurso. Ressalta-se, assim, a importância de que essa temática seja continuamente discutida visando superar a falsa dualidade entre cuidar e educar, já que essas dimensões suprem diferentes necessidades essenciais dos bebês e uma prática suficientemente boa caracteriza-se pela integração dessas das duas dimensões.

Crenças de educadoras, práticas de cuidado, desenvolvimento infantil

CNPq e CAPES

DES

DANÇA DE SALÃO: PERCEPÇÃO CORPORAL, EQUILÍBRIO E QUALIDADE DE VIDA EM IDOSOS. *Renata Simões Nogueira e Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu)*

O envelhecimento populacional faz a ciência volver seu olhar para pesquisas com atividades no âmbito da promoção e/ou manutenção à saúde, entre estas se encontra a dança de salão, que é uma atividade lúdica e corrobora com a melhora dos aspectos biopsicossociais por intermédio da musicalidade e de seus movimentos. O objetivo deste estudo foi avaliar a relação da dança de salão com a percepção corporal, equilíbrio e qualidade de vida em idosos iniciantes neste tipo de dança. Foram avaliados 15 idosos de ambos os gêneros, sendo 10 mulheres e 05 homens, na faixa etária de 60 a 77 anos com média de 68,73±4,71 anos, iniciantes na prática de dança de salão, atividade realizada duas vezes por semana com duração de1h30minutos, num período de 14 semanas. Foram aplicados os seguintes instrumentos antes do início da dança de salão: Timed Up and Go test, que avaliou o tempo de realização de um percurso de três metros; Whoqol bref contendo 26 questões e Whoqol old com 24 questões, que avaliaram os domínios e facetas que envolvem a qualidade de vida; Image Marking Procedure, que avaliou a percepção corporal geral e dos segmentos corporais e, um questionário sociodemográfico, contendo questões no âmbito pessoal, físico e social. Após o período da prática, foi aplicado o questionário sobre os efeitos da prática da dança de salão e os instrumentos citados anteriormente, exceto o questionário sociodemográfico. Quanto aos resultados, na avaliação do Timed Up and Go test houve melhora significante no tempo (em segundos) de realização do teste antes e após a prática, com 13,55 ± 2,23 e 11.13 ± 1.72 (p≤0,05). Em relação ao Whoqol bref houve diferença estatisticamente significante em todos os domínios avaliados e no Whoqol old não houve diferença, apenas na faceta funcionamento sensorial. Diante da avaliação da percepção corporal observou-se diferença significante no índice de percepção corporal geral com 137,78 ± 24,41 antes e 109,09 ± 5,69 após a prática da dança de salão. Para o índice de percepção corporal dos segmentos corporais os sujeitos apresentaram melhora significante nas larguras do ombro 134,95 ± 28,52 (antes) e 105,64 ± 14,26 (após), cintura 157,99 ± 45,45 e 117,19 ± 11,82 e quadril, com 154,59 ± 29,66 e 112,04 ± 10,57. Na avaliação sobre os efeitos da prática da dança de salão, observou-se diferença estatisticamente significante entre as categorias bem estar, saúde e sociabilidade, para tanto se recorreu ao teste qui-quadrado χ2o=9,87 e o χ2c=5,99 (n.sig.=0,05 e n.g.l.=2). Diante destes resultados é possível afirmar que a prática da dança de salão corrobora significativamente com a melhora do equilíbrio, da qualidade de vida e da percepção corporal, podendo ser considerada como uma via de promoção à saúde.

Movimentos ritmados, dimensão espacial do corpo, atividade física, queda, bem estar, saúde

DES

DEPRESSÃO GESTACIONAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Rafaela de Almeida Schiavo** (Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel – São Manuel – SP); Allana Guerra* (Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel – São Manuel – SP); Gimol Benzaquen Perosa (Faculdade de Medicina de Botucatu – Departamento de Neuoropsiquiatria – Universidade Estadual Paulista – Botucatu – SP)*

Sintomas de depressão são comuns durante a gestação, e podem ser indicativos de depressão pós-parto. O objetivo desse trabalho foi avaliar sintomas de depressão em gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde e associar com variáveis de uma entrevista. Participaram 34 gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde de uma cidade do interior paulista. As participantes foram identificadas junto o setor de agendamento de uma Unidade Básica de Saúde no dia de consulta pré-natal, não houve critério de exclusão para participar da pesquisa, as gestantes que aceitaram contribuir assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e foram informadas quanto à ausência de ônus para sua participação e sobre o sigilo das informações por elas prestadas. Após responderem ao instrumento essas foram informadas sobre o resultado do teste e as que apresentaram sinais significativos de depressão foram orientadas a procurarem um profissional da saúde mental. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventário de Depressão de Beck (BDI) e uma Entrevista para coleta de informações sociodemográficas e da gestação. Os resultados indicaram que 24% (n=8) apresentaram sintomas significativos de depressão. Das participantes 47% (n=16) eram primigestas e 53% (n=18) multíparas, 9% (n=3) estavam no primeiro trimestre, 23% (n=8) no segundo trimestre e 68% (n=23) no terceiro trimestre, 85% (n=29) eram adultas e 15% (n=5) adolescentes. Das primigestas 25% (n=4) manifestaram sintomas significativos de depressão e das multíparas 22% (n=4). Das que estavam no primeiro trimestre 66% (n=2) apresentaram sintomas significativos de depressão, no segundo trimestre 37% (n= 3) e no terceiro trimestre 13% (n= 3) apresentaram sintomas significativos. Das adultas, 28% (n= 8) manifestaram sintomas depressivos e das adolescentes nenhuma manifestou. Quanto a escolaridade, das que apresentaram sintomas significativos de depressão, 63% (n=5) cursaram até o ensino fundamental e 37% (n=3) concluíram o ensino médio ou superior. E quanto ao desejo da gestante pela gravidez 62% (n=5) das que não desejaram a gestação, manifestaram sintomas significativos de depressão e das que desejaram 38% (n=3) apresentaram sintomas. Os resultados apresentados ainda que com uma amostra pequena da população, indica que o índice de mulheres que apresentam sintomas significativos de depressão na gestação é elevado, quando se leva em consideração que pesquisas internacionais apontam que esse índice é de 15 a 20%. Outro resultado que se destaca é que nenhuma gestante adolescente manifestou sintomas depressivos, nota-se também que há uma tendência às mulheres com baixa escolaridade, apresentar sintomas depressivos na gestação, bem como se observou também prevalência desses sintomas em mulheres que não desejaram a gravidez. Pode-se concluir, portanto, que, durante a gestação é possível já se observar sintomas depressivos no comportamento materno, podendo esses sintomas ter relação com a manifestação de depressão-pós-parto Pesquisas indicam que o Brasil apresenta índices elevados de mulheres que manifestam depressão pós-parto, mas ainda é escassa a literatura a respeito da depressão gestacional, sendo importante que pesquisas iguais a essa com participação de uma amostra maior sejam realizadas.

Gestação. Depressão. Saúde.

DES

DESCRIÇÃO E COMPARAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ E A INFLUÊNCIA DA PREMATURIDADE. *Ana Cláudia Zerbinatti*; Mariana Tognelli Decev*; Fernanda Longhini*; Regiane Cristhine Geromel Alves*; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista. Bauru-SP)*

A interação mãe-bebê tem sido foco de estudos de inúmeras investigações nas últimas décadas, assim como os fatores de risco que podem afetar esta interação, promovendo-a ou prejudicando-a. Entre os fatores de risco para o desenvolvimento infantil está o nascimento prematuro, sendo que para um conjunto de comportamentos maternos há um conjunto de comportamentos do bebê, que se sofisticam a medida que cresce, que podem descrever interações adequadas da díade. Porém, características da mãe e da criança podem favorecer ou não o estabelecimento de interações prazerosas e eficazes. Desta forma, o presente estudo pretendeu descrever e comparar a interação de mães e seus bebês nascidos a termo e mães e seus bebês nascidos prematuros. Participaram do estudo quarenta e cinco díades mães/bebês, sendo vinte e um com bebês nascidos prematuros e vinte e quatro com bebês nascidos a termo, entre três e quatro meses de idade. Os dados foram coletados no Centro de Psicologia Aplicada, com díades que participam do projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais". A partir do aceite em participar do projeto, em horário previamente agendado, a díade era colocada em uma sala contendo uma mesa alta e cadeiras. Eram disponibilizados brinquedos (bolas coloridas, bichinhos de borracha), mas não eram dadas orientações quanto ao uso, assim como o que deveriam fazer com seus bebês. Somente era dito que a sua interação com ele seria filmada por dez minutos. No entanto, para efeito de análise dos dados os dois primeiros minutos foram desprezados. Os dados foram analisados a partir do Protocolo de Observação da Interação Mãe-Bebê (POIMB). O POIMB apresenta 21 comportamentos a serem analisados, dos quais 12 são referentes ao comportamento da mãe, oito ao comportamento da criança durante a interação, e um referente a díade. Os resultados obtidos foram iguais para os comportamentos das mães de ambos os grupos. Já em relação aos comportamentos dos bebês, observa-se que em sete comportamentos observados o bebê a termo superou o bebê prematuro. Quanto ao comportamento da díade, o grupo de mães e seus bebês nascidos a termo foi 0,8 maior que o grupo de mães e seus bebês nascidos prematuros. Os resultados apresentados sugerem que mães de bebês prematuros interagem com seus bebês tanto quanto as mães de bebês nascidos a termo. Todavia, observou-se que bebês prematuros respondem menos às tentativas de interação com suas mães. Entretanto é preciso considerar que a filmagem pode interferir no comportamento das mães. Estudos com populações maiores poderão neutralizar essa variável assim como confirmar ou não os resultados obtidos com a amostra deste estudo.

Interação mãe-bebê, Prematuridade, Fatores de risco

FAPESP; PROEX

DES

DESENVOLVIMENTO MENTAL DE CRIANÇAS COM 12, 18 E 24 MESES.

Teresa Helena Schoen Ferreira, ,Leonardo Macario Ferraz, Leidiana Peixoto,Edna Alves, Talita Gonzaga, Marcia Regina Fumagalli Marteleto (Universidade Federal de São Paulo)

O campo do desenvolvimento humano constitui-se do estudo científico de como as pessoas mudam e quais características permanecem estáveis durante a vida. Os estudiosos do desenvolvimento supõem que o processo persiste em cada área da vida humana, desde a concepção até a morte. Ocorrem mudanças muito rápidas e significativas nos primeiros anos de vida. Algumas delas são consideradas marcos para o desenvolvimento, indicativos da normalidade. As conquistas na área mental nem sempre são observadas pelos cuidadores de crianças pequenas. Instrumentos padronizados têm sido cada vez mais utilizados na avaliação de diferentes aspectos da saúde de crianças, permitindo, na prática clínica, o auxílio no diagnóstico e eficácia do tratamento. Os profissionais precisam identificar alterações no desenvolvimento, assim que comecem a ocorrer, já na primeira infância, antes que se tornem problemas ao longo da vida. Este estudo teve por objetivo identificar comportamentos indicativos do desenvolvimento mental presentes nas idades de 12, 18 e 24 meses. Participaram deste estudo 60 crianças moradoras de um município da Grande São Paulo, divididas em três grupos: G1 (15 crianças de 11, 12 e 13 meses); G2 (25 crianças de 17, 18 e 19 meses); e G3 (20 crianças de 23, 24 e 25 meses). O instrumento usado para avaliar as crianças foi a Escala Bayley 2 de Desenvolvimento Infantil (The Bayley Scale of Mental Development). A Bayley-II é uma ferramenta para identificar, medir e avaliar o desenvolvimento de crianças. Ajuda a determinar os atrasos de desenvolvimento em crianças de um a 42 meses. A Bayley 2 foi aplicada individualmente, no próprio domicílio da criança por psicólogos treinados no instrumento e especialistas em desenvolvimento infantil. Foi considerado como item de entrada para a aplicação do instrumento, o item inicial de duas faixas etárias anteriores. Os resultados são apresentados de forma descritiva, com a porcentagem das crianças que apresentam o comportamento. Não houve item comum às três faixas etárias, entretanto, comparando G1 com G2 (19 itens comuns) e G2 com G3 (21 itens comuns), observa-se que as mais crianças mais velhas realizaram as tarefas solicitadas que as mais novas. Os resultados mostram que, em sua maioria, as crianças estão se desenvolvendo dentro da normalidade. No entanto, algumas crianças, na sua particularidade, não adquiriu o comportamento motor esperado para sua faixa etária. Embora, sem esquecer que cada um se desenvolve em seu próprio ritmo, existem comportamentos marcos do desenvolvimento que são sinais indicativos de alterações desenvolvimentais.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS COM 12, 18 E 24 MESES.,
Márcia Regina Fumagalli Marteleto, Ana Paula Brasil, Scheila Gandra Mariotto, Arielle Guedes, Pepita Benjamin, Teresa Helena Schoen Ferreira (Universidade Federal de São Paulo)

O campo do desenvolvimento humano constitui-se do estudo científico de como as pessoas mudam e quais características permanecem estáveis durante a vida. Os estudiosos do desenvolvimento supõem que o processo persiste em cada área da vida humana, desde a concepção até a morte. Ocorrem mudanças muito rápidas e significativas nos primeiros anos de vida. Algumas delas são consideradas marcos para o desenvolvimento, indicativos da normalidade. As conquistas na área motora são mais facilmente observadas pelos cuidadores de crianças pequenas. Instrumentos padronizados têm sido cada vez mais utilizados na avaliação de diferentes aspectos da saúde de crianças, permitindo, na prática clínica, o auxílio no diagnóstico e eficácia do tratamento. Os profissionais precisam identificar alterações no desenvolvimento, assim que comecem a ocorrer, já na primeira infância, antes que se tornem problemas ao longo da vida. Este estudo teve por objetivo identificar comportamentos indicativos do desenvolvimento motor presentes nas idades de 12, 18 e 24 meses. Participaram deste estudo 60 crianças moradoras de um município da Grande São Paulo, divididas em três grupos: G1 (20 crianças de 11, 12e 13 meses); G2 (22 crianças de 17, 18 e 19 meses); e G3 (18 crianças de 23, 24 e 25 meses). O instrumento usado para avaliar as crianças foi a Escala Bayley 2 de Desenvolvimento Infantil (The Bayley Scale of Mental Development). A Bayley-II é uma ferramenta para identificar, medir e avaliar o desenvolvimento de crianças. Ajuda a determinar os atrasos de desenvolvimento em crianças de um a 42 meses. A Bayley 2 foi aplicada individualmente, no próprio domicílio da criança por psicólogos treinados no instrumento e especialistas em desenvolvimento infantil. Foi considerado como item de entrada para a aplicação do instrumento, o item inicial de duas faixas etárias anteriores. Os resultados são apresentados de forma descritiva, com a porcentagem das crianças que apresentam o comportamento. Os resultados mostram que, em sua maioria, as crianças estão se desenvolvendo dentro da normalidade. Sete itens eram comuns às três faixas etárias. Comparando estes, assim como, comparando G1 com G2 (14 itens comuns) e G2 com G3 (13 itens comuns), observa-se um incremento na realização das tarefas solicitadas com o aumento da idade. No entanto, algumas crianças, nas sua particularidade, não adquiriu o comportamento motor esperado para sua faixa etária. Embora, sem esquecer que cada um se desenvolve em seu próprio ritmo, existem comportamentos marcos do desenvolvimento que são sinais indicativos de alterações desenvolvimentais.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DIFERENÇA DE GÊNERO NO DESEMPENHO ESCOLAR DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Gil Gomes**(Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ), Adriana Benevides Soares** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ)*

Na dinâmica das relações sociais e interpessoais a criança, através de seus pensamentos, desenvolve crenças pessoais com destaque para as de autoeficácia. A autoeficácia pode ser entendida como a competência percebida em mobilizar recursos cognitivos, motivacionais e comportamentais em um momento específico para atender a determinadas demandas pessoais e sociais. Desta forma, são avaliados os resultados conseguidos e as capacidades pessoais em executar determinadas tarefas. A existência de relação entre a crença de autoeficácia em crianças e o desempenho escolar tem despertado o interesse de alguns pesquisadores. Para esses autores, a crença de autoeficácia pode contribuir na motivação dos alunos e no desenvolvimento do processo de aprendizagem, levando-os a se comportar de maneira a assumir responsabilidades por seus resultados. Estudos apontam a crença de autoeficácia como um dos preditores do desempenho acadêmico do aluno. Portanto, crianças que possuem bom senso de autoeficácia se sentem aptas em utilizar recursos indispensáveis para cumprir com sucesso seus afazeres escolares e a se comportar de maneira segura no ambiente escolar. Para desenvolver senso de autoeficácia, ao longo da formação escolar dos alunos algumas tarefas são elaboradas pelos educadores e visam desenvolver o aprendizado nas crianças. Com frequência, as tarefas têm atribuições específicas: às meninas e aos meninos. Em seus discursos os professores, na maioria das vezes, são enfáticos em afirmar que as meninas têm melhor desempenho para excuta-las em relação aos meninos e um dos motivos apontados por eles é que as meninas se dedicam mais aos estudos, são mais exigidas pelos pais, são organizadas, são caprichosas e responsáveis. Enquanto que os meninos gostam do espaço escolar, porém não gostam da sala de aula e estão mais voltados, por exemplo, para as brincadeiras com bola e são mais críticos. Assim, considerando que, as tarefas elaboradas para os meninos e meninas, são mediadas pelos limites sociais impostos e pelos saberes próprios dos professores em relação ao gênero; para as meninas normalmente são solicitadas tarefas que envolvam cuidados como, por exemplo, fazer limpeza ou organizar objetos e para os meninos quase sempre é pedido tarefas que envolvam o uso da força como carregar objetos pesados. Além da seleção de tarefas de acordo com o gênero, as meninas na maioria das vezes são mais reforçadas socialmente a emitir comportamentos de meiguice enquanto que para os meninos comportamentos mais brutos são mais tolerados socialmente. Portanto, o presente estudo comparara o desempenho de 57 alunos, meninos e meninas, matriculados em duas escolas do Município do Rio de Janeiro, nos 6o e 7o anos do ensino fundamental e relaciona seus desempenhos a variável inteligência e autoeficácia. Os instrumentos utilizados foram o Roteiro de Avaliação de Autoeficácia e o teste de Raciocínio Verbal (Forma A) da BPR-5, além das notas das avaliações escolares de Português e Redação. Os resultados indicaram a inexistência de diferenças nos desempenhos escolares entre meninas e meninos, no entanto, apontou que o desempenho das meninas está associado tanto à inteligência quanto a crença de autoeficácia enquanto o dos meninos depende apenas da crença de autoeficácia

Palavras-chave: Autoeficácia; Gênero; Desempenho acadêmico; Inteligência.

DES

DIFERENCIAÇÃO E AFIRMAÇÃO DO EU: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES DE CRIANÇAS EM UM CENTRO EDUCACIONAL. *Ana Cicília Ribeiro Siqueira, *Ludmilla Cristina Vieira Cardoso, Lúcia Helena Ferreira Mendonça Costa, (Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia)*

O presente trabalho se baseia nas contribuições teóricas de Henri Wallon sobre processos de constituição do eu e do outro e na importância do educador de creche na formação da criança como um todo. Visa compreender as estratégias que as crianças utilizam em suas interações, bem como analisar as inter-relações com os processos de diferenciação eu-outro e afirmação do eu infantil. Participaram desta pesquisa 18 crianças, com idade entre 3 e 5 anos, e 2 educadoras de um Centro Educacional da periferia da cidade de Uberlândia-MG. O registro dos dados ocorreu por meio de vídeo-gravação de interações entre as crianças. Foram realizadas duas filmagens para fins de familiarização com o equipamento e possíveis ajustes e depois seis registros realizados em dias consecutivos, com exceção do fim de semana, e em horários alternados, com trinta minutos cada gravação. A análise dos dados teve início com a transcrição das fitas e então, seguiu-se a identificação dos episódios de interação. Foram identificados 48 episódios com predomínio das estratégias de oposição representadas por: Disputa pelo objeto/espaço/ propriedade; imposição do seu desejo/autoridade/liderança; "não" /colocação de limite; ignorar o outro; "agressão" com gestos. Identificamos, também, estratégias que denotam cumplicidade/comunhão, mistura de realidade e fantasia e sedução. Na maioria dos episódios, o objeto movimentou as estratégias utilizadas pelas crianças, como o pronome "minha", além de proteger ou lutar pela posse do objeto. Buscamos então discutir as relações estabelecidas entre as estratégias utilizadas pelas crianças e os processos de diferenciação e afirmação do eu. É através das estratégias utilizadas pelas crianças, que têm início um primeiro esboço da formação da pessoa. E é no contexto do Centro Educacional, um ambiente diversificado, onde existe um contato maior com o outro, que a criança tem maiores possibilidades de se desenvolver. Surge também a reflexão sobre o papel que as educadoras desempenham junto às crianças, e a necessidade de proporcionar um espaço para se pensar, o que poderá contribuir para expandir a visão de criança e de desenvolvimento infantil.

Formação da criança, diferenciação do eu, afirmação do eu.

Projeto financiado PIBIC/CNPq/UFU

DES

EFICÁCIA DE DIFERENTES MATERIAIS EDUCACIONAIS NA PREVENÇÃO DO TRAUMA CEREBRAL NÃO-ACIDENTAL. *Nahara Rodrigues Laterza Lopes**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A violência contra crianças e adolescentes é um problema frequente e grave em nossa sociedade. Dentre as formas de maus-tratos, destaca-se o Trauma Cerebral Não-Acidental, também conhecido por Síndrome do Bebê Sacudido. Esta forma de maus-tratos consiste em sacudir violentamente um bebê, usualmente em resposta ao seu choro inconsolável. Sacudir um bebê pode acarretar em consequências gravíssimas para o desenvolvimento infantil, podendo levar até à morte da criança. Entretanto, apesar de sua gravidade, a Síndrome do Bebê Sacudido (SBS) pode ser prevenida por meio da educação parental. No Brasil, apesar da alta incidência de maus-tratos infantis, não há estudos que enfoquem ações preventivas da Síndrome do Bebê Sacudido. Este estudo é parte da dissertação de Mestrado da primeira autora, que tem como objetivo avaliar se o vídeo informativo "Respondendo ao Choro do Bebê" é capaz de mudar o conhecimento relacionado a esta forma de maus-tratos e auxiliar em sua prevenção. O vídeo, desenvolvido pela equipe do Projeto de Prevenção da Síndrome do Bebê Sacudido do Hospital da Criança de Westmead, Austrália, apresenta informações sobre o choro do bebê, os efeitos negativos de sacudi-lo, bem como estratégias que podem auxiliar os pais a lidarem com o choro de forma saudável. Para o presente estudo, o vídeo foi traduzido e adaptado para o português pelo Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (Laprev), em parceria com o Hospital da Criança de Westmead. O estudo está sendo atualmente desenvolvido, sendo este um recorte do mesmo. Participaram do estudo 100 pais de recém-nascidos que estavam na maternidade por ocasião do nascimentos dos filhos. Estes pais foram aleatoriamente divididos em três condições experimentais: (1) vídeo experimental, (2) vídeo controle e (3) panfleto. O grupo "vídeo experimental" assistiu exclusivamente ao vídeo informativo "Respondendo ao Choro do Bebê". O grupo "vídeo controle" assistiu exclusivamente a um vídeo sobre prevenção de acidentes domésticos, tais como afogamento e envenenamento. O grupo "panfleto" leu um panfleto informativo sobre a Síndrome do Bebê Sacudido. Os participantes responderam um questionário sobre o Choro do Bebê antes e após a intervenção. Após análises estatísticas, observou-se que os participantes do grupo "vídeo experimental" mudaram significativamente suas atitudes em relação ao choro do bebê, em comparação aos outros grupos, corroborando a literatura da área que aponta que o vídeo informativo é mais eficaz que o panfleto para mudar o conhecimento sobre a Síndrome do Bebê Sacudido. Atualmente estão sendo coletados dados de Follow Up com o objetivo de verificar se essas alterações são mantidas ao longo do tempo e para qual material essa manutenção é mais significativa.

CNPq

Maus-Tratos Infantis, Prevenção, Síndrome do Bebê Sacudido

M

DES

ENVELHECIMENTO E QUALIDADE DE VIDA: A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA. *Gutembergue Fagundes*; Lidiane Ferreira de Lima*; Raquel Ribeiro*; Maria Esmeralda Mineu Zamlutti e Carla Witter (Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP)*

O envelhecimento humano é o processo do ciclo de vida em que a autoestima exerce papel fundamental e estrutural para uma velhice bem sucedida. A autoestima é um dos fatores fundamentais para a qualidade de vida da pessoa idosa, pois a autoavaliação da saúde percebida é influenciada, também, pela autoestima. O trabalho teve como objetivo geral verificar os aspectos psicológicos que influenciam a autoestima na velhice, bem como a relevância desta para o bem estar físico, psíquico e social daqueles que envelhecem. Como objetivos específicos buscou-se relacionar autoestima e envelhecimento; analisar os significados da velhice para o idoso e a relação destes com sua autoestima e identificar possíveis agentes influenciadores da autoestima na velhice. O método utilizado na realização do trabalho foi o delineamento descritivo, com análise quantitativa e qualitativa dos dados. Participaram como sujeitos da pesquisa 16 idosos de ambos os sexos, com 65 anos ou mais, selecionados por conveniência em diferentes locais da cidade de São Paulo. O instrumento utilizado na coleta de dados foi a Escala Janis-Field de Inadequação de Sentimento (instrumento de avaliação da autoestima), que foi aplicada individualmente. De acordo com os resultados, 50% dos participantes quase nunca sentiram a sensação de que não podiam fazer algo direito, confiando em suas próprias capacidades; 56% quase nunca se sentiram desiludido(a) consigo mesmos a ponto de se perguntarem se existe alguma coisa na vida que vale ou não a pena; 62,5% acreditam que algum dia as pessoas que os conhecem irão admirá-los e respeitá-los; 75% não se lembram de algum dia ter pensado que não tinham qualquer valor; e 87,5% quase nunca sentem que não gostam de si mesmos. Com os resultados, observou-se que apenas em relação a fazer algo direito o resultado foi de 50% da amostra, já que nas demais questões a maioria dos participantes demonstrou sentimento positivo à respeito de si mesma, reconhecendo seu próprio valor, acreditando no respeito que as pessoas lhes têm, sentindo que a vida vale à pena e confiando em suas habilidades. Os resultados obtidos mostram que a pessoa idosa pode ter um bom nível de autoestima e de autoconfiança se sua visão acerca da velhice for positiva, se conceber o envelhecimento como apenas uma etapa do desenvolvimento humano e não como uma fase de sofrimento ou de tristeza. Os resultados demonstram, ainda, que os aspectos psicológicos são extremamente importantes para um envelhecimento bem sucedido, em especial a autoestima, e que esta depende de inúmeros fatores, como por exemplo, a pessoa poder realizar atividades básicas de vida diária, manter e desenvolver os aspectos cognitivos, sentir-se integrada socialmente e desfrutar de momentos de lazer que possibilitam a manutenção, o treinamento e o desenvolvimento de habilidades sociais. Assim, conclui-se que se o idoso, mesmo tendo que conviver com as possíveis dificuldades e limitações da velhice, tiver um olhar positivo para este momento e suas possibilidades, poderá garantir uma boa autoestima e bem estar nesta etapa de sua vida.

Autoimagem. Bem-estar. Saúde

DES

ESTRESSE EM GENITORES DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

Nara Liana Pereira-Silva, Shirley Caroline Canabrava, Cindhy Estevam, Isabela Souza Conti*, Rafaela Duque de Almeida*, Julyan Camilo Gomes*, Natalice do Carmo Lopes*, Jonayne Kelly da Silva Souza* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG).*

Estudar a família é uma tarefa difícil, por se compor de subsistemas integrados e interdependentes. Ela é um dos primeiros contextos de socialização dos indivíduos, possuindo um papel fundamental para o entendimento do processo de desenvolvimento humano. Ter uma criança com síndrome de Down pode ser um evento estressante ou não, trazendo consequências para todos os membros familiares em maior ou menor dimensão. A literatura tem apontado estresse mais elevado em famílias com filhos(as) com deficiência. O presente estudo teve o objetivo de identificar sintomas de estresse percebidos por mães e pais de crianças com síndrome de Down e apresentar dados sobre aspectos do desenvolvimento das crianças, sob a perspectiva de seus genitores. Foram selecionadas 19 famílias com pai, mãe e criança(s), tendo uma delas o diagnóstico de síndrome de Down, residentes em Juiz de Fora. A média da idade das crianças foi 7 anos, sexo masculino (n=11) e feminino (n=8) e todas elas frequentavam a escola inclusiva ou especializada. A média da idade dos pais foi 44,8 anos e das mães 42,8 anos. Com relação à renda familiar (em salários mínimos), a média foi 5,56. As famílias foram visitadas em suas residências, de acordo com a disponibilidade dos genitores para aplicação de questionário, entrevistas e o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp. Os resultados do questionário mostraram que a mãe é a maior responsável pelos cuidados com o(a) filho(a) com síndrome de Down (57,9%). A mãe leva o(a) filho(a) para a escola (42,1%), coloca-o(a) para dormir (42,1%) e lê/conta histórias (36,8%) com mais frequência que outros membros da família. Com o pai são compartilhadas as atividades de lazer (36,8%). Nessas famílias, as mães são as maiores responsáveis por realizar as tarefas domésticas: limpar casa (52,6%), passar/lavar roupas (68,4%), cozinhar (78,9%). Os dados sobre o desenvolvimento neuropsicomotor das crianças, coletados por meio das entrevistas, mostraram variabilidade na aquisição das habilidades motoras. As crianças foram descritas pelos genitores como tranquilas (n=16) e carinhosas/amorosas (n=11), mas também, desobedientes (n=9) e irritadas (n=7). Quanto à presença de sintomas de estresse, houve maior frequência das mães (n=11) do que dos pais (n=7). Destes (n=18), a maioria encontrava-se na fase de Resistência (mães - n=9; pais - n=6) e os demais na fase de Quase exaustão (mães - n=2; pais - n=1). A maioria das mães apresentou sintomas psicológicos (n=7), seguidos pelos físicos (n=2) e psicológicos e físicos (n=2). Já, os pais apresentaram sintomas psicológicos (n=3) e físicos (n=3) com frequências similares e apenas um pai apresentou sintomas psicológicos e físicos. Os resultados corroboram com a literatura, apontando para mães mais estressadas que os pais. As mães nessas famílias têm uma sobrecarga de cuidados com o filho e tarefas diárias que podem influenciar no nível de estresse. Sugere-se mais estudos que relacione a extensão da rede social de apoio dessas famílias e suas implicações no estresse materno e paterno, tendo consequências para o desenvolvimento dos filhos(as), bem a investigação de outras variáveis, tais como, a relação conjugal, tal como indica a literatura na área.

Palavras-chave: estresse, famílias, síndrome de Down.

Apoio financeiro: Programa de Apoio à Instalação de Doutores/PROPESQ/UFJF; PROVOQUE/UFJF; FAPEMIG

DES

EXPECTATIVAS ACADÊMICAS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Gil Gomes** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ), Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ), Vanessa Barbosa Romera Leme (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP), Adriana Penha da Costa Lima Peçanha**, Fátima Almeida Maia**, Claudio de Almeida Lima** (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ)*

A revisão de literatura sugere que expectativas equivocadas podem afetar o processo de integração dos estudantes universitários e, consequentemente, prejudicar o sucesso acadêmico e a permanência do aluno do Ensino Superior. Todavia, a literatura nacional carece de estudos que procurem investigar diferentes dimensões das expectativas dos universitários brasileiros. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar as expectativas de estudantes universitários em relação aos seus recursos pessoais, às suas relações interpessoais, ao seu curso, a sua carreira e à instituição de ensino. Participaram desta pesquisa 205 estudantes, sendo 157 do gênero feminino e 48 do gênero masculino. A maioria dos universitários (68%) era proveniente de instituições públicas de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Os alunos tinham entre 17 e 58 anos de idade. Noventa e um estudantes cursavam psicologia, 49 pedagogia, 26 medicina, 17 direito, nove química, três letras, três matemática, dois educação física, dois biologia, um administração e um não respondeu. Metade dos alunos frequentavam o primeiro período e a outra metade o segundo período, todos do primeiro ano universitário. Quanto à classe social, 23 alunos pertenciam à classe A, 99 à classe B, 82 à classe C e D e um não respondeu. Mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes responderam a um: a) questionário com cinco perguntas abertas, conforme descrito: 1) Você acha que tem qualidades pessoais – acadêmicas para a profissão que você escolheu? Justifique sua resposta; 2) Você espera desenvolver suas relações interpessoais na Universidade?; 3) Quais as suas expectativas quanto ao curso que resolveu cursar?; 4) Que expectativas você tem quanto à carreira, no seu futuro, enquanto profissional?; 5) Você acha que a sua instituição de ensino irá lhe proporcionar uma boa formação acadêmica?; b) questionário de dados demográficos. A coleta de dados ocorreu de forma coletiva nas salas de aula em horário previamente combinado com os professores. As respostas dos estudantes foram categorizadas segundo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (1970). De forma geral, os resultados indicaram que as expectativas dos universitários de primeiro ano em relação às dimensões recursos pessoais, relações interpessoais, curso, carreira e instituição de ensino estão relacionadas: a) às suas características pessoais b) à fazer amigos e ter bom convívio social; c) à preparação para o mercado de trabalho e aprendizagem de conhecimentos; d) à possibilidade de exercer a profissão que tenha como consequência o reconhecimento profissional e crescimento pessoal; e) à boa infraestrutura e qualidade do corpo docente. Os resultados encontrados reiteram achados prévios que têm indicado que alunos do primeiro ano apresentam expectativas altas em relação ao Ensino Superior. Conclui-se que conhecer as expectativas dos universitários no primeiro ano, o qual é considerado um período crítico, pode contribuir para programas de intervenção com a finalidade de prevenir psicopatologias, melhorar o desempenho acadêmico e interpessoal dos alunos e evitar o abandono da instituição.

Palavras-chave: Expectativas Acadêmicas; Sucesso acadêmico; Ensino Superior.

DES

FATORES ASSOCIADOS À NÃO ADAPTAÇÃO DE BEBÊS AO CONTEXTO DE CRECHE. *Gabriela Dal Forno Martins, Lívia Caetano da Silva Leão, Scheila Machado da Silveira Becker, Rita de Cássia Sobreira Lopes, Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Parece haver consenso entre profissionais e pais sobre a importância de que os primeiros dias na creche sejam tratados de maneira especial. No entanto, embora diretrizes gerais para a atuação já estejam consolidadas, a complexidade do momento de transição família-creche traduz-se em desafios sutis de como lidar com especificidades de cada caso. Isso se reflete numa necessidade contínua, por parte dos educadores, de discutir o tema da adaptação, enfatizando o manejo de situações atípicas. A qualidade do processo de adaptação à creche tem sido estudada a partir da influência de três fatores principais: 1) características individuais da criança; 2) contexto de cuidado familiar, especialmente a qualidade da interação com a mãe ou cuidador principal; e 3) qualidade da creche e da relação que o educador estabelece com a criança. Diante disso, este estudo buscou identificar fatores associados a não adaptação do bebê à creche, particularmente, fatores da família e da criança anteriores à sua entrada na instituição. Para tanto, realizou-se um estudo de casos coletivo, com quatro famílias (três casais e uma mãe solteira) participantes de um projeto maior, cujos bebês foram inseridos na creche e retirados por não adaptação segundo avaliação dos pais. Os bebês entraram na creche com idades entre 10 e 12 meses e permaneceram na instituição entre uma e oito semanas. Os pais responderam a entrevistas no período da gestação, três, oito e 12 meses do bebê e suas respostas foram analisadas segundo cinco categorias: características do bebê, sentimentos dos pais ligados à separação pais-bebê e à inclusão de outras pessoas no dia a dia da criança, crenças e práticas parentais relacionadas a outros cuidados alternativos, atitudes dos pais em relação à creche e sentimentos dos pais relacionados à entrada do bebê na creche. Os resultados indicaram que, em nenhum dos casos, houve apenas um fator preponderante relacionado a não adaptação à creche. Pelo contrário, as interrelações de diferentes fatores, constituídas ao longo do desenvolvimento do bebê, conferiram particularidades aos casos. Por exemplo, no Caso 1, a dificuldade na adaptação pareceu um somatório do temperamento difícil do bebê, pouco contato com cuidados alternativos e dificuldade dos pais em se separarem do filho. Já no Caso 2, a não adaptação mostrou-se mais ligada ao sentimento de insegurança dos pais frente às decisões que envolviam separar-se da filha. No Caso 3, o fator mais relevante foi a dependência da filha em relação à mãe. Por fim, no Caso 4 a não adaptação pareceu estar relacionada principalmente aos pais não estarem preparados para a separação do bebê, assim, a escolha não foi planejada resultando em sofrimento para bebê e mãe. Também foi possível verificar mudanças na atitude dos pais em relação à creche ao longo do primeiro ano dos bebês e a utilização do choro como principal indicador de não adaptação, na perspectiva dos pais. Evidencia-se a importância de ações anteriores à entrada da criança na instituição que promovam um acolhimento à situação de separação pais-bebê e considerem aspectos do desenvolvimento emocional individual do bebê no contexto familiar.

Creche; família; adaptação do bebê.

CAPES/CNPq

DES

FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO INDICADOS NO DESENVOLVIMENTO DE MÃES ADOLESCENTES E DE SEUS FILHOS: UM ESTUDO LONGITUDINAL. *Juliana Vasconcellos Freitas*, Nancy Ramacciotti de Oliveira-Monteiro (Universidade Federal de São Paulo)*

A questão da gravidez e maternidade entre adolescentes vem trazendo desafios teórico-metodológicos, principalmente em situações de maior vulnerabilidade por pobreza e/ou proximidades ao tráfico de entorpecentes e a territórios permeados por violência e criminalidade. A gravidez na adolescência tem sido tomada como questão que traz problemas à saúde física por diversas organizações. Entretanto é importante ressaltar que a maternidade entre adolescentes possui dimensões heterogêneas considerando contextos psicossociais e ambientais. Fatores de risco e de proteção, e recursos ativos, interagem no desenvolvimento da adolescente grávida e mãe, e de seu filho. O objetivo geral deste estudo foi identificar esses fatores e recursos presentes em oito díades (mãe/primeiro filho nascido na adolescência) que vêm sendo acompanhadas há 15 anos em pesquisa de seguimento longitudinal. Este é a quarta etapa da pesquisa, quando os filhos estão com 14 anos. As etapas anteriores ocorreram: 1) no tempo da gravidez e dos filhos menores de cinco meses; 2) quando os filhos tinham três anos e meio, e 3) quando tinham 10 anos. Todos os estudos tiveram validade ecológica, incluindo observações feitas nas moradias, em bairros periféricos de cidades da Baixada Santista. Os objetivos específicos foram: identificar indicadores de fatores de proteção com relação a competências (indicadas por instrumentos da Bateria ASEBA) e descrever dados de contextos ambientais com relação a: vínculos com o pai do filho, parentes e vizinhos, esperanças e sonhos para a vida, relacionamento familiar, pertinência escolar, acesso a serviços de saúde, crenças religiosas, opções para esporte, lazer e cultura, apoio/estabilidade econômica e estabilidade em emprego; e levantar indicadores de fatores de risco com relação a problemas psicológicos – indicados por instrumentos da Bateria ASEBA – e dados de contextos ambientais sobre: proximidade da moradia ao tráfico de drogas, zona de criminalidade e de prostituição; uso abusivo de álcool/drogas (incluindo na família); problemas de conflito com a lei (na família); sentimento de culpa pela gravidez ocorrida na adolescência; violência física e psicológica; problemas de saúde; e pobreza. Os instrumentos usados na etapa atual foram: 1) entrevistas de discurso livre autobiográfico, com questionários sobre condições psicossociais; 2) Critério Brasil; 3) ASR (Adult Self-Report), CBCL (Child Behavior Check List) e YSR (Youth Self-Report). As análises dos resultados seguiram padrões quantitativos e qualitativos. A Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano foi utilizada para análises comparativas dos dados, longitudinalmente. Os resultados indicaram tendência geral a desenvolvimento positivo, em relação à competência social e à faixa não clínica de problemas internalizantes e externalizantes. Tendência a problemas psicológicos ficam presentes em díades envolvidas em contexto de prostituição, sem presença paterna e com uso abusivo de substâncias. Os principais fatores de proteção permanecem nos microssistemas familiares e no mesossistema, e a proximidade do tráfico de entorpecentes continua forte fator de risco envolvido. Recursos ativos de afeto parental foram identificados. A gravidez ocorrida na adolescência pode ter protegido algumas adolescentes diante de riscos de drogas e violência e a maternidade parece ser valorizada entre a maioria das mães.

Gravidez na adolescência, estudo longitudinal, fatores de risco e de proteção.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

DES

FUNÇÃO PATERNA E COMPORTAMENTOS DAS CRIANÇAS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *Tagma Marina Schneider Donelli, Aline Roberta Saile (Unisinos)*

Vivencia-se na atualidade um momento decorrente de diferentes transformações no contexto da família e no lugar que a criança ocupa nesta relação de parentesco. Pesquisas apontam as mudanças nos papéis maternos e paternos e sua relação com a constituição subjetiva dos filhos, compreendendo a importância de se garantir a função paterna como organizadora psíquica para a criança. Com o objetivo de identificar o comportamento das crianças no contexto da escola de Educação Infantil, compreendendo sua relação com a dinâmica das funções parentais, especialmente a função paterna, a partir de uma compreensão psicanalítica, este estudo, de abordagem qualitativa, foi realizado através de Estudos de Casos Múltiplos. Participaram da pesquisa 4 crianças aos 4 anos de idade que frequentavam escola privada de Educação Infantil em cidade da região metropolitana de Porto Alegre, e que foram identificados com comportamentos recorrentes no espaço escolar, bem como seus respectivos pais (pai e mãe) e a professora. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada com os pais e uma entrevista a partir do roteiro da Avaliação Psicanalítica de Crianças de Três Anos, com a presença dos pais e da criança. Também foi realizada uma entrevista semi-estruturada com as professoras das crianças envolvidas na pesquisa para complementar o estudo. A pesquisa mostrou que comportamentos de agitação, birras prolongadas, dificuldades de tolerar as frustrações e limites na escola de Educação Infantil estavam associados com as dificuldades associadas ao declínio da função paterna na dinâmica familiar. Nos casos em que a função paterna mostrou-se com mais dificuldade de ser operada, mais sintomas foram apresentados a partir da avaliação realizada, o que mostra o quanto as dificuldades de referência, de contenção, acabam se expressando nas dificuldades de organização corporal, de linguagem e principalmente de simbolização da criança, fatores fundamentais para a organização do funcionamento psíquico. Outros sintomas indicadores de risco para o desenvolvimento infantil também foram posteriormente observados. Os eixos analisados na pesquisa avaliaram as crianças de forma integral e foi possível perceber como foi constante a dificuldade dos pais na educação dos filhos, no sentido de referência simbólica para o seu crescimento. Também foram observados outros comportamentos e sintomas que poderiam indicar risco no desenvolvimento das crianças. Além disso, os resultados evidenciaram o quanto o professor, na escola, também mostra-se um importante representante no exercício das funções parentais, contemplando a escola como um contexto de prevenção e intervenção.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS AOS TRÊS MESES DE VIDA. *Regiane Cristhine Geromel Alves*; Ana Cláudia Zerbinatti* (Curso de Psicologia/UNESP/Bauru); Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia, UNESP/Bauru/SP); Manoel Henrique Salgado (Departamento de Engenharia de Produção/UNESP/Bauru/SP).*

A gravidez na adolescência é freqüentemente considerada de risco. Estudos indicam altas taxas de partos prematuros, bebês de baixo peso, mortalidade infantil, além de maiores índices de filhos com problemas psicológicos, atraso no desenvolvimento e deficiências no crescimento, quando comparados com filhos de mulheres adultas. Este fenômeno é atribuído ao envolvimento de fatores sociais, porém poucos diferenciam a faixa etária desta população. Pesquisas sugerem que quanto menor a faixa etária da mãe, maior é o risco para a saúde de seu filho. O presente estudo pretendeu investigar a influência da idade materna no desenvolvimento de bebês no terceiro mês de vida, em cada uma das áreas de desenvolvimento: socialização, autocuidado, cognição, linguagem e desenvolvimento motor. Participaram do projeto 154 bebês e suas mães, 35 com idade até 16 anos completos (Grupo 1); 59 entre 17 e 18 anos completos (Grupo 2) e, 60 entre 20 e 25 anos completos (Grupo 3). Os bebês e suas mães participam do projeto "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais", onde são avaliados mensalmente no primeiro ano de vida, utilizando o Inventário Portage Operacionalizado, que acontece no Centro de Psicologia Aplicada (CPA), da UNESP, campus de Bauru. Para o presente estudo foram selecionados os dados referentes ao terceiro mês, considerando o desempenho médio dos bebês de cada grupo. Os resultados foram submetidos à análise estatística (T, de Student) e indicaram que os bebês filhos das mães do Grupo 2 obtiveram desempenho médio superior aos do Grupo 3 em Desenvolvimento Motor (Grupo 2=9,7 e Grupo 3=8,28), com diferença estatisticamente relevante entre eles (p=0,0655). Nas demais áreas, o Grupo 2 teve maiores resultados em Autocuidado e Socialização, e o Grupo 3 apresentou melhor desempenho em Linguagem e Cognição, mas não houve diferença estatisticamente relevante. O Grupo 1 apresentou resultados melhores quando comparado ao Grupo 3, com exceção da Cognição, cujos resultados foram idênticos, embora nenhuma diferença tenha sido estatisticamente significativa. Os Grupos 1 e 2 apresentaram resultados semelhantes, sendo que em Autocuidado e Desenvolvimento Motor, o Grupo 2 foi melhor, em Socialização o resultado foi o mesmo, e em Linguagem e Cognição o Grupo 1 teve escores superiores. Contudo, também não houve diferença estatisticamente significativa entre eles. Portanto, em desacordo com várias pesquisas, os resultados apontam diferenças mínimas e não significativas estatisticamente entre o desenvolvimento de bebês filhos de mães no início da adolescência, ao final da mesma, e mães jovens adultas. Se confirmado por pesquisas envolvendo um número maior de participantes, os dados sugerem uma desmistificação quanto à idade materna, no caso da mãe adolescente, como um fator de risco para o desenvolvimento infantil inicial, independente de sua faixa etária (adolescentes com até 16 anos completos, entre 17 e 18 anos, ou jovens com idade entre 20 e 25 anos).

Desenvolvimento infantil, Inventário Portage Operacionalizado, maternidade na adolescência.

FUNDUNESP

DES

INDICADORES DE MAUS TRATOS INFANTIS EM CRIANÇAS EM INÍCIO DE ESCOLARIZAÇÃO E PRESENÇA DE PROBLEMAS DESENVOLVIMENTAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL. **Vanessa Ruiz Vaz Gomez; Marina Rezende Bazon (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP).*

Os maus-tratos infantis têm sido tema de muitos estudos no meio científico nacional e internacional devido, principalmente, às descobertas dos danos desenvolvimentais que podem produzir, afetando a vida das vítimas a curto e longo prazo. Dentro disso, a presente pesquisa pretende caracterizar uma amostra de crianças em fase inicial de escolarização quanto à presença de indicadores de maus-tratos infantis e quanto à presença de problemas emocionais e comportamentais, buscando verificar a associação entre as variáveis. O estudo está sendo desenvolvido em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Ribeirão Preto-SP. A amostra é de conveniência, composta por todas as crianças frequentando o 1º ano (n=40) cujos pais/responsáveis, consultados por intermédio do envio de um Termo de Consentimento, autorizaram sua participação, e seus respectivos professores (n=2). Com relação aos instrumentos, emprega-se o Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (IFVD), que visa identificar crianças/adolescentes, de 6 a 16 anos, com maior probabilidade de estarem sendo vitimizadas, por meio da sondagem de indicadores relacionadas aos transtornos que os maus tratos podem gerar, considerando aspectos emocionais, cognitivos, sociais e físicos e o Teacher's Report Form (TRF), aplicado junto aos professores, o qual avalia crianças/adolescentes de 6 a 18 anos, no tocante ao desempenho escolar e problemas de emocionais e de comportamento. Os dados obtidos estão sendo corrigidos segundo as normas técnicas dos instrumentos e serão analisados por meio de estatística descritiva e inferencial.A coleta de dados acontece no contexto da própria escola, com a aplicação do IFVD individualmente, em sala cedida pela direção. Quanto ao TRF, esse tem sido respondido pelos professores autonomamente, em suas residências, devendo-se considerar que esses até o momento responderam ao instrumento referente a somente 10 das 40 crianças. Os resultados descritivos, preliminares, indicam que a pontuação média das crianças que responderam ao IFVD, até momento, é de 17,82, o que coloca o grupo fora da faixa de risco que o instrumento propõe. Porém, merece destaque que 12 das 40 crianças obtiveram escore superior ao que o instrumento preconiza que é necessário haver para considerar uma suspeita de maus tratos, o que corresponde a 30% da amostra. Esse subgrupo especificamente, segundo o TRF, apresentaria, em sua maioria, pontuações em nível clínico no total de problemas. Mesmo considerando que a amostra de crianças investigadas tenha sido composta por conveniência, tendo por base a devolução do Termo de Consentimento assinado por pais/responsáveis, o que gere um viés significativo, pode-se afirmar, com base nos resultados que se encontrou uma proporção alta de crianças apresentando indicadores de maus tratos infantis. No que se refere aos professores, deve-se frisar que a adesão dos mesmos ao estudo representa a maior dificuldade à sua implementação, visto que esses se mostram muito resistentes à participação. De todo modo, o material indica a importância da identificação e a intervenção precoce no problema dos maus-tratos, considerando a forte associação do mesmo ao desenvolvimento de problemas na infância.

Maus-tratos infantis, Violência Doméstica, Desenvolvimento Infantil, Consequências.

RUSP

DES

INDICADORES EMOCIONAIS DE ANSIEDADE E ESTRESSE EM MÃES DE BEBÊS AOS DOZE MESES DE IDADE. *Mariana Biffi; Sária Cristina Nogueira; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (UNESP/ Campus Bauru)*

O objetivo desse projeto foi identificar e descrever os níveis de ansiedade-estado e estresse em mães de bebês de doze de idade associando-os a variáveis maternas (idade, escolaridade, tipo de família e número de filhos). Participaram do projeto 21 mães com idade entre 16 e 41 anos (Média=26,95; MED=27; DP=7,09). Em relação à escolaridade, 14 (66,66%) das mães possuíam pelo menos Ensino Médio completo, quanto ao tipo de família, prevaleceu a família nuclear (76,19%), sendo que 61,9% tinham apenas um filho. Todas as participantes freqüentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês de risco: avaliação e orientação" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família. No décimo segundo mês, as mães foram convidadas a responderem o IDATE e o ISSL, sendo a participação voluntária. O IDATE é um instrumento que avalia as variáveis traço e estado de ansiedade, o percentil entre 0 e 24 foi considerado como baixa ansiedade, 25 e 49, ansiedade controlada abaixo da média, 50 e 74, controlada acima da média e acima de 75, alta ansiedade, sendo os dois últimos, considerados como indicadores emocionais em nível clínico. Já o ISSL é um instrumento que avalia a ocorrência do estresse, a fase em que esse se encontra e identifica se os sintomas são predominantemente físicos ou psicológicos. Os resultados mostraram que em relação à ansiedade-estado, seis (28,57%) das participantes apresentaram alta ansiedade, nove (42,85%) ansiedade controlada acima da média, três (14,28%) ansiedade controlada abaixo da média e três (14,28%), baixa ansiedade. Identificou-se a presença de ansiedade-estado em nível clínico em mães com menos de 30 anos (73,33%), que possuem ao menos o Ensino Médio completo (73,33%), que vivem famílias nucleares (80%) e que tem um filho (60%). Em relação ao estresse, 13 (61,90%) das participantes apresentaram esse indicador emocional, sendo que dessas, 10 estavam na fase de resistência e três na de exaustão, sendo os sintomas psicológicos predominantes (61,53%). Observou-se a presença de tal indicador emocional em mães que possuem boa escolaridade (53,84%), menos de 30 anos (84,61%), que vivem famílias nucleares (76,92%) e possuem apenas um filho (69,23%), mesmas características observadas na análise da variável ansiedade-estado. Verificou-se que 92,3% das mães que apresentaram estresse também apresentaram ansiedade-estado em nível clínico, o que pode indicar uma correlação entre esses dois indicadores emocionais. Os resultados corroboram achados anteriores e evidenciam a necessidade de atenção às mães de bebês e de intervenções que diminuam o nível de ansiedade e estresse.

Estresse, ansiedade e mães de bebês.

FAPESP

DES

INFLUÊNCIA DE UM PROGRAMA DE DANÇA NOS ASPECTOS BIOPSICOSSOCIAS DOS IDOSOS. *Gleice Branco Silva, Marcelo de Almeida Buriti (Universidade São Judas Tadeu)*

Objetivou-se analisar e comparar a qualidade de vida de idosos de ambos os gêneros e a influência de um programa de dança nos domínios físico, psicológico, social e ambiental. Trata-se de um estudo de análise quali-quantitativo de delineamento quase experimental, do qual participaram 22 idosos de ambos os gêneros, com 60 anos ou mais, não praticantes regulares de atividades físicas sistematizadas, moradores do Alto Tietê, localizado no município de Ferraz de Vasconcelos, estado de São Paulo. As inscrições para o programa de dança, proposta desta pesquisa, foi realizada no Sindicato dos Metalúrgicos de Ferraz de Vasconcelos. As inscrições foram voluntárias e já no seu ato os participantes foram selecionados por meio de entrevista, preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e preenchimento de um questionário sócio-demográfico para descrição do perfil da população estudada. Para avaliar a percepção subjetiva da qualidade de vida, utilizou-se o World Health Organization Quality of Life Questionnaire (WHOQOL-BREF), que consiste em 26 questões extraídas do WHOQOL-100, composto por quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente e o WHOQOL-old, composto em 24 questões que complementam o WHOQOL-bref para aplicação em idosos. Para a organização e tabulação dos dados, foi utilizado o programa Microsoft Excell for Windows, versão 2003, e, para a análise estatística, o software Statistical Package of Social Sciense (SPSS), versão 12.0. Aplicou-se os testes não paramétricos de Correlação de Spearman bem como também o teste Qui quadrado para verificar se houve significância estatística. Em todas as análises, adotou-se nível de significância de $p<0,05$. O procedimento realizado nesta pesquisa foi envolvido pela aplicação dos instrumentos citados, antes e após o período das aulas de dança. A amostra estudada foi constituída, predominantemente, por idosos com idade média de 66,45, sendo 50% do gênero masculino e 50% do gênero feminino. Observou-se maior freqüência de idosos com Ensino Fundamental Incompleto (50%), religião católica (81,82%), casados (90,91%), todos residência própria, com renda familiar de 1 à 3 salários mínimos mensais, de origem brancos, aposentados e a doença de maior destaque foi a hipertensão arterial (41,67%), seguida de Diabetes (29,17%). O nível de atividade física "Ativo" prevaleceu no total da amostra ainda que as respostas obtidas caracterizam o perfil da população estudada como não praticantes de nenhuma outra atividade física sistematizada e todos os participantes nunca terem praticado aulas de dança. Conclui-se que a dança apresentou melhora nos escores do Whoqol-Bref nos domínios Físico, Psicológico, Social e Ambiental em ambos os gêneros. Houve também melhora nos escores do Whoqol Old nas facetas "Intimidade", "Morte e Morrer", "Participação Social", "Atividades Passadas, Pressentes e Futuras", "Autonomia" e "Funcionamento do Sensório" pré e pós-intervenção da dança em ambos os gêneros, que apresentou valor alto do escore total. Estudos posteriores poderão utilizar os dados obtidos nesta pesquisa para outras investigações que sejam sugeridas pelos achados deste estudo.

Idoso, Qualidade de Vida, Ritmo, Envelhecimento.

DES

INTERAÇÕES FRATERNAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: O ESTADO DA ARTE. *Bruna Rocha de Almeida, Nara Liana Pereira Silva (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

A relação fraternal é uma das mais duradouras na vida dos indivíduos. Com os irmãos se aprende a compartilhar e expressar sentimentos, vivenciar experiências de companheirismo, lealdade e rivalidade. As relações fraternais podem contribuir para a aquisição de competências sociais e cognitivas que são importantes para o desenvolvimento do indivíduo. Ter um(a) irmão(ã) com deficiência intelectual pode ter consequências na rotina de vida dos irmãos com desenvolvimento típico, os quais, às vezes, se ocupam em atividades de cuidado do irmão com deficiência. A literatura aponta que o irmão com desenvolvimento típico tende a apresentar comportamentos de liderança e supervisão, assumindo papel de dirigente nas relações fraternais. A maioria dos estudos existentes dedicam-se a investigar aspectos do ajustamento dos irmãos com desenvolvimento típico aos irmãos com deficiência, questões sobre o autoconceito, o estresse e estratégias de enfrentamento utilizadas pelos irmãos, em detrimento da identificação da natureza e qualidade das interações entre irmãos. O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção científica na área de família e deficiência, especificamente as relações fraternais, focalizando o tipo de trabalho publicado, o tamanho da amostra e as técnicas empregadas para coleta de dados. Foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados BVS, Lilacs, PsyINFO e Pepsic e nos principais periódicos nacionais e internacionais. Foram identificados 11 artigos diretamente relacionados ao tema, publicados entre 1987 e 2010. Destes, cinco são trabalhos nacionais e seis são internacionais. Houve maior frequência de artigos empíricos (n=9) e, apenas, dois teóricos. O tamanho da amostra utilizada nos estudos empíricos variou entre duas e 40 famílias, sendo que 33,33% utilizaram entre 1-10 participantes, 22,22% entre 11-30, e 44,44% entre 31-40 participantes. Pessoas com o diagnóstico de síndrome de Down foram selecionadas como participantes na maioria dos estudos (n=8) e em cinco deles a amostra foi constituída apenas por pessoas com essa síndrome. No que se refere às técnicas/instrumentos de coleta de dados, a observação do comportamento foi a mais frequentemente utilizada (n=8), seja como única técnica de coleta (n=4), seja em combinação com outras técnicas, tais como entrevista, questionário, inventários e/ou formulários. Apenas um estudo utilizou a entrevista semi-estruturada com o irmão sem deficiência como único instrumento de coleta da interação. Os resultados mostram que há necessidade de se estudar as famílias de crianças com deficiência intelectual, focalizando as interações e relações entre irmãos, mas também aquelas desenvolvidas entre os diferentes subsistemas familiares e, também, a importância de se adotar a teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner para o desenvolvimento de projetos de pesquisa nessa área do conhecimento. Sugere-se a implementação de estudos com maior número de participantes, utilizando abordagem multimetodológica.

Palavras-chave: relações fraternais, deficiência intelectual, família.

DES

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA COM IDOSOS: ESTUDO DE CASO. *Sueli dos Santos Vitorino**, Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).*

Conhecendo a realidade mundial em que a população idosa tem aumentado e ampliado a necessidade de estudos que viabilizem o bem-estar psicológico nessa faixa etária este trabalho teve como objetivo geral descrever os ganhos psicológicos de um grupo de idosos, objetivamente verificou-se as mudanças ocorridas pré e pós-intervenção psicológica. O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu sob o protocolo nº 095/2010. Após assinatura do TCLE, foi feita a coleta de dados pré e após 12 sessões de intervenção em grupo, sempre pela mesma pesquisadora. Para tanto foi utilizado: entrevista individual semidirigidae questionário de qualidade de vida Whoqol-old (World Health Organization Quality of Life Questionnaire-old). Os participantes que concluíram o estudo (n=11), eram fisicamente ativos, (oriundos de um programa de atividade física de uma universidade particular de São Paulo), tinham idade entre 61 e 76 anos, sendo a média de 66,27 (± 4,43 anos). Somente um participante não era aposentado e trabalhava em casa como autônomo. Os encontros ocorreram uma vez por semana, no mesmo dia e horário, com duração de 90 minutos. Para apresentar qualitativamente o processo interventivo foi escolhido um caso para estudo que será ancorado pelos resultados quantitativos de um dos instrumentos utilizados o WHOQOL-old que avalia a Qualidade de vida geral e detalhada. A participante 1 (P1), mulher, 62 anos, sem relacionamento amoroso, aposentada, com ensino médio completo, vive com uma filha solteira, em casa própria, religiosa, praticante de atividade física, esteve presente em 10 das 12 sessões, algumas vezes atrasou-se e falou pouco em outras teve forte participação, ao final da intervenção, relatou ganhos psicológicos tendo exemplificado tais ganhos com situações concretas e, ainda, solicitou encaminhamento para continuidade de atendimento o que foi interpretado como uma demonstração de motivação. Na análise das respostas quantitativas ao Whoqol-old foi percebido ganho psicológico uma vez que houve melhora da pontuação nas facetas (F) Presente Passado e Futuro (F3) e Intimidade (F6) aspectos que ela mais enfocou durante sua participação. A diminuição de pontuação na Qualidade de Vida (Índice Geral), Funcionamento Sensorial (F1), Autonomia (F2) e Morte e Morrer (F5) pode ter sofrido influência de suas ausências ou rigidez. Já a pontuação da Participação Social (F4) se manteve. Esses resultados estão coerentes com os resultados gerais deste trabalho. Este estudo apresenta limitações que impedem a generalização dos dados devido à quantidade de idosos participantes da intervenção (n= 11) e a complexidade da temática e das variáveis envolvidas que não permitiram afirmar com precisão a eficácia da intervenção psicológica na qualidade de vida dos idosos, porém os resultados revelam, principalmente os qualitativos, que os encontros foram positivos, porque permitiu uma maior reflexão sobre aspectos da vida dos participantes. Dessa forma, conclui-se reafirmando ser essencial que sejam realizadas outras pesquisas sobre intervenção psicológicas com idosos, pois há uma lacuna na área da Psicologia no que se refere às pesquisas que envolvam intervenções psicológicas para promoção de bem-estar e de qualidade de vida dos idosos.

Envelhecimento; Velhice; Terceira idade; Gerontologia

Universidade São Judas Tadeu

DES

INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS E ENVELHECIMENTO NA BASE DE DADOS PSYCINFO (2009 - 2011). *Sueli dos Santos Vitorino**, Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento e Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu - USJT, São Paulo-SP).*

O crescimento mundial da população idosa tem aumentado a necessidade de estudos que viabilizem o bem-estar psicológico nessa faixa etária. Este trabalho teve como objetivo geral levantar as publicações internacionais sobre intervenção psicológica enfocando o envelhecimento. Foi definido como objetivo especifico verificar as seguintes variáveis: (1) quantidade de estudos publicados por ano, (2) tipo de estudo, (3) pesquisa com intervenção, (4) tipo de intervenção (individual ou em grupo), (5) área profissional e (6) resultados. Foi realizado um levantamento e análise dos artigos científicos publicados em periódicos indexado na base de dados PsycInfo, que é eletrônica e tem uma cobertura sistemática da literatura psicológica, com produções cadastradas a partir do ano 1800 até o presente. O acesso aos artigos é disponibilizado aos associados da Associação Americana de Psicologia (APA), às universidades e outras instituições que pagam pelo direito do uso da base. A análise dos artigos sobre intervenção psicológica com idosos foi realizada nos últimos três anos, de 2009 até 2011, e permitiu localizar 101 resumos de artigos publicados por meio das palavras-chave psychology intervention; elderly e aging. É importante esclarecer que 63 trabalhos publicados não foram considerados como pesquisas interventivas, embora na busca tenha sido utilizada a palavra-chave intervenção psicológica. Isto ocorreu porque 34 artigos eram de estudos do tipo transversal sem intervenção psicológica, oito pesquisas de revisão de literatura e 21 que não se aplicavam, porque tratavam de resumos publicados em outros suportes, tais como: anais de congresso, resenha, capítulo de livro ou apresentação de projeto. Dos 101 trabalhos capturados, foi observado que a quantidade de publicação por ano foi homogênea, próximo da média de 33 estudos por ano (χ2o=1,44; p<0.5); o tipo de estudo revelou o resultado significante de 70% de pesquisas (χ2o=64,23; p<0.0001) e sem diferença significante para os 38% das pesquisas com intervenção (χ2o=1,54; p<0.05). Do total de 101 trabalhos publicados, 38 artigos versavam sobre intervenção, sendo que 18 tratavam especificamente do tema de Intervenção Psicológica em grupo com idosos, os quais foram discutidos neste trabalho. Dos 18 artigos, seis foram publicados em 2009, nove em 2010 e três em 2011. Os artigos revelaram que as intervenções psicológicas em grupo (54%) é superior ao trabalho individual (35%; χ2o= 8,89; p<0.05) e têm estado fortemente ligadas a outras formas de intervenção como médica, física e educacional. Houve diferença significante quanto à área profissional (χ2o=10,94; p<0.01). Quanto à abordagem teórico-metodológica a mais usada foi a cognitiva-comportamental, sendo que em muitos estudos a linha teórica utilizada não foi citada. Os dados mostram ainda que as intervenções têm trazido resultados positivos aos usuários dos serviços (95%). Destaca-se que esta pesquisa tem limitações que impedem generalizações já que foi feita em apenas uma base de dados e considerando um curto período de tempo entre as publicações. Dessa forma, conclui-se que é fundamental que sejam realizadas outras pesquisas sobre intervenção psicológicas com idosos, pois há uma lacuna na área da Psicologia no que se refere às pesquisas que envolvam intervenções psicológicas para promover o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos.

Idoso; Gerontologia; Psicologia

Universidade São Judas Tadeu

DES

INVESTIMENTO PARENTAL DE MÃES SANTARENAS PARTICIPANTES DE UM PROGRAMA DE ACOMPANHAMENTO INFANTIL. *Bianca da Silva Medeiros*, Beatriz Martins Moura*, Iani Dias Lauer-Leite (Universidade Federal do Oeste do Pará)*

O investimento parental é entendido na literatura em Desenvolvimento como o cuidado dispensado a criança, seja de forma material ou afetiva. Tal investimento existe de diferentes maneiras e está relacionado à cultura. Nos estudos já realizados também foram encontradas correlações entre os tipos de investimento parental e variáveis como escolaridade e idade dos cuidadores. Este trabalho objetivou averiguar os tipos de investimento parental de mães de bebês na faixa etária de 0 a 3 anos, participantes de um programa de acompanhamento da saúde infantil, na cidade de Santarém – PA. Participaram 80 mães. Os dados foram coletados mediante questionário sociodemográfico e o Questionário de Investimento Parental, validado no Brasil e composto por três fatores: 1) Estimulação, 2) Apresentação Adequada e 3) Responsividade e Vínculo. A coleta ocorreu no espaço de atendimento às mães participantes do Programa. Os dados foram analisados através do Programa SPSS v.8.0. Quanto aos dados sóciodemográficos, a idade média das participantes foi de 29,12 anos (D.P=6,58), sendo a idade mínima de 16 anos e a máxima de 46 anos, e em sua maioria casadas. A renda variou de R$ 300,00 a R$ 5.200,00, (M=1.446,42, D.P.=1.060,81). Quanto à escolaridade, 7,5% cursaram até o Ensino Básico, 63,8% cursaram até o Ensino Médio e 28,8% cursaram até o Ensino Superior. Alem disso, 60% das mães não possuem atuação profissional, tem entre 1 e 5 filhos com idade média de 12 meses que, em 95% dos casos não frequentam creche ou qualquer outra instituição e, portanto, tem na mãe e demais membros da família os seus cuidadores. Quanto ao investimento parental, a maior média foi no fator Apresentação Adequada (M=5,11, DP=0,38). Este fator refere-se à prioridade dada a atividades que incentivem a "boa educação" devido à preocupação com a maneira com a qual tais crianças iram se comportar, portar em determinados momentos, como a utilização de palavras de boas maneiras ou a intervenção em momentos de conflitos com outras crianças. O segundo fator com média mais alta foi Estimulação (M=4,61, DP=0,29) e está relacionado aos incentivos que são feitos ao infante, através de investimento parental. Por último o fator Responsabilidade e Vínculo (M=3,63, DP=0,76) relacionam-se a estreita relação entre mãe e filho e, a valorização dessa relação por delas. A idade das mesmas, correlacionou-se positivamente com o fator Estimulação (0,230, $p<0,05$), indicando que quanto maior a idade das mães, maior a preocupação dessas em fornecer estímulos associados ao desenvolvimento, como o contato com outras crianças, culturas e manipulação de diferentes objetos, dentre outros. Não foram encontradas correlações entre as variáveis sóciodemográficas e os fatores Apresentação Adequada e Responsividade e Vínculo. Mediante teste T observou-se que não foram encontradas diferenças significativas nas médias dos fatores para as variáveis freqüência à creche e atuação profissional das mães. As diferenças nas médias para as variáveis cuidadores das crianças e escolaridade foram avaliadas mediante o teste ANOVA e não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Sendo assim, o intento do trabalho é verificar o estilo de investimento parental que é realizado por mães moradoras de áreas urbanas.

Investimento parental, estimulação e desenvolvimento

PIBIC

DES

LEITURA INTERATIVA E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO INFANTIL: AVALIANDO EFEITOS DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO.

*Nathalie Nehmy Ribeiro**, Marisa Cosenza Rodrigues (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

O desenvolvimento sociocognitivo constitui um dos facilitadores da adaptação infantil ao mundo social. Sua estimulação requer um conjunto de habilidades, destacando-se, dentre elas, a teoria da mente definida como o entendimento que a criança desenvolve acerca das emoções, intenções e pensamentos próprios e alheios. Pesquisas recentes evidenciam a importância da linguagem mental e a leitura interativa de livros de histórias como promotoras desta linguagem, bem como suas implicações no desenvolvimento infantil. A presente pesquisa-intervenção objetivou implementar um programa dirigido à promoção da linguagem referente aos estados mentais em alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola pública federal, por meio da leitura dos livros de histórias e avaliar seu impacto indireto sobre a compreensão das emoções e as habilidades sociais infantis. Participaram 70 crianças, com média de 6 anos de idade, divididas em dois grupos: GI- grupo de intervenção composto por 37 crianças e GC- grupo de comparação, composto por 33 crianças não participantes. Após procedimentos éticos, iniciou-se individualmente a pré-avaliação em duas etapas: aplicou-se o Teste de Inteligência Emocional para Crianças e a Escala de Auto-avaliação das Habilidades Sociais. Após a pré-avaliação, iniciou-se a implementação do programa junto ao GI mediante 10 encontros semanais, realizando-se, em seguida, a pós-avaliação que utilizou os mesmos instrumentos e a implementação do programa junto ao GC. Para análise dos dados utilizou-se a prova paramétrica análise de variância por dois fatores, uma vez que a distribuição obedeceu aos critérios de normalidade. A partir das médias do escore total do Teste de Inteligência Emocional verificou-se uma interação entre as variáveis tempo e tratamento ($p < 0,001$), o que significa que com o passar do tempo e por meio da intervenção os grupos se diferenciaram. Ao examinar se cada grupo se diferenciou significativamente nos dois momentos de avaliação, encontrou-se um valor de $p = 0,003$ e quanto à avaliação do tratamento evidenciou-se que o GI obteve escores maiores que o GC ($p < 0,001$). Ao realizar a comparação entre as médias do escore geral da Escala de Auto-avaliação das Habilidades Sociais não foi encontrada uma interação entre as variáveis tempo e tratamento ($p = 0,567$), devido a diferença existente entre as médias dos dois grupos já na pré-avaliação. Apesar da não interação, verificou-se uma diferença significativa quanto ao tempo avaliativo ($p < 0,001$) de cada grupo e ao tratamento dado aos dois grupos quando comparados entre si ($p = 0,009$). Conclui-se que o programa implementado, por meio da leitura interativa, contribuiu para a promoção da compreensão emocional infantil. Os resultados reforçam a hipótese da relação entre linguagem, teoria da mente e habilidades socioafetivas e destacam a relevância da utilização da literatura infantil como promotora de aspectos sociocognitivos.

Linguagem mental; livros de histórias; pesquisa-intervenção.

CAPES

DES

LEVANTAMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR EM INTERAÇÃO COM A CRIANÇA EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *Keilla Rebeka Simões de Oliveira*, Fabíola de Sousa Braz Aquino**, Clara Raíssa Fernandes de Melo* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)*

O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil tem sido destacado em uma série de estudos e pesquisas no campo do desenvolvimento e da aprendizagem. É, desse modo, um tipo de atividade social infantil, na qual, as crianças pensam e experimentam situações tanto novas, como do seu cotidiano. O adulto tem um papel essencial na mediação dos significados e usos socioculturais dos brinquedos, favorecendo momentos nos quais as crianças se apropriam gradativamente de formas simbólicas e culturais de manuseio dos objetos. Neste sentido, o presente trabalho objetivou conhecer os estilos de participação do adulto/educador(a) durante situações de brincadeira livre, com crianças na faixa etária de 1 a 3 anos. Foram realizadas três observações, em três instituições de educação infantil, em cada uma das idades. Os dados coletados foram analisados qualitativamente através da descrição o mais minuciosa possível das interações das crianças com as educadoras. Nesse estudo buscou-se identificar se as docentes iniciavam ou davam continuidade a brincadeira das crianças, se a interação era meramente verbal ou se utilizava o brinquedo, e se os episódios de brincadeira entre educador e criança(s) evidenciavam aspectos positivos como trocas faciais, sorrisos e trocas de olhares, além das possíveis variações da participação dos educadores nas interações em cada grupo de idade. Os resultados demonstraram que no grupo de crianças de um ano, o brincar sempre foi iniciado pelas educadoras e apareceu acompanhado da mediação linguística. Porém, essa linguagem se caracterizou pelo uso de diretivos de instrução (ex. coloque essa pecinha aqui). No grupo das crianças de dois anos as educadoras interagiram menos e, na maioria das vezes, apenas quando solicitada pela criança. No grupo de crianças de três anos, a educadora também deu continuidade a brincadeira já iniciada pela criança, e se utilizou da linguagem para dialogar com a criança acerca da brincadeira já iniciada. As educadoras interagiram com maior freqüência (15 episódios) nas observações do grupo das crianças de um ano. Já no grupo das crianças de dois anos, interagiram com as crianças em 6 episódios, e no terceiro grupo, essa presença foi reduzida para 5 episódios. Diante do exposto, pode-se observar que as educadoras interagiram de forma diferente em função da idade das crianças, dos contextos específicos de brincadeira e do brincar, e de suas concepções acerca de seu papel junto às crianças na creche. O tipo de interação do educador com a criança, por vezes alheio às brincadeiras ou à proposição de situações lúdicas dirigidas à criança pode estar relacionado com o contexto de brincadeira livre. Isto porque, os profissionais parecem entender as situações de brincadeira como algo espontâneo da criança e que não exige sua participação. Esses resultados sugerem a necessidade de intervenções do(a) psicólogo(a) escolar, favorecendo a circulação de concepções e práticas que ressaltem o papel dos docentes em espaços de educação infantil, a diversidade de ações que podem ser produzidas a partir do ato de brincar em contextos coletivos, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento global infantil.

Brincadeira livre; desenvolvimento infantil; psicologia escolar-educacional.

Programa Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC/CNPq/UFPB

DES

O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA CULTURA DIGITAL. *Maristela Rossato (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Brasília, DF)*

O uso das ferramentas/instrumentos (tecnológicos) transforma a cultura e, ao mesmo tempo, interfere nos processos humanos. O objetivo da pesquisa foi identificar elementos de como a cultura digital tem impactado no desenvolvimento humano. Partimos do pressuposto de que a cultura é capaz de originar formas específicas de conduta, modificar a atividade de funções psíquicas e edificar novos níveis de comportamento humano, pois estamos diante de uma nova cultura – digital – que começa a dar sinais de impactos profundos no comportamento humano, gerando novas formas de aprender, de agir e de se relacionar com o outro. A presença dos novos instrumentos culturais produz novas formas de organização da vida social que, ao serem incorporados, produzem também mudanças nos próprios instrumentos pelas novas necessidades que vão sendo produzidas. Esse olhar prospectivo que possibilita, por meio do uso do instrumento, gerar novas necessidades sobre o próprio instrumento é, sem dúvida, uma ação tipicamente humana, resultado dos usos sociais e culturais de seus instrumentos. Na perspectiva da Psicologia, somente um olhar que dimensione os processos histórico-culturais pode dar conta de produzir alguma inteligibilidade sobre desenvolvimento humano na cultura digital. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada com dez jovens universitários que se identificaram como usuários em grande potencial das tecnologias da comunicação e informação. Foi utilizado um instrumento denominado completamento de frases. Trata-se de um formulário composto por oitenta frases indutoras de informações objetivas e expressões da subjetividade dos participantes indicadoras dos modos de ser, de aprender, de fazer e de conviver dos nativos digitais. Os resultados demonstraram que as tecnologias tem se caracterizado como um novo sistema simbólico. A produção simbólica decorrente desse encontro de culturas – tradicional e contemporânea – é base para a emocionalidade do sujeito na produção dos sentidos subjetivos, que organizados e influenciados pelo sistema de configurações subjetivas e pela condição de sujeito, vão caracterizar a subjetividade individual. A constituição do sujeito se dá pela forma como este vai entrando na vida social, socializando suas diferenças e confrontando-se com sua individualidade, as quais passam a ser elementos de sentido da subjetividade social, gerando momentos de transformação no funcionamento anterior do sistema. A distinção entre o que é virtual e o que é real fazem parte da vida dos nativos digitais. Faz parte da vida dos nativos digitais circular entre dois mundos que ora se aproximam, ora de distanciam, ora até se confundem, mas sem haver uma fusão entre eles. O consciente discernimento entre o real e virtual é uma condição do sujeito da era da tecnologia.

Palavras-Chave: Desenvolvimento humano; Nativos digitais; Sujeito.

DES

O FENÓTIPO AMPLO DO AUTISMO EM PAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Renata Giuliani Endres, Simone Steyer Lampert, Kátia Carvalho do Amaral, Maira Ainhoren Meimes, Cleonice Alves Bosa (Nieped – Universidade Federal de Porto alegre, RS)*

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um comprometimento significativo da denominada "tríade diagnóstica", marcada por dificuldades nas áreas de interação social recíproca, linguagem e comunicação, e pela presença de comportamentos estereotipados e repetitivos. Nas últimas décadas, os estudos na área dos transtornos do desenvolvimento têm se ampliado através da investigação das possíveis causas genéticas do TEA. Estudos com gêmeos e familiares são consistentes em demonstrar que o TEA possui uma herdabilidade global de cerca de 90%. Apesar de não preencherem os critérios para o diagnóstico clínico, os familiares de indivíduos com esta condição expressam formas fenotípicas mais leves da mesma, denominadas fenótipo amplo do autismo (FAA), tais como comprometimentos relacionados à sociabilidade, à comunicação e à presença de um repertório restrito de interesses e atividades. Outro aspecto é que os homens tendem a apresentar mais traços de TEA do que as mulheres. O exame transcultural acerca destas questões podem contribuir para a ampliação do conhecimento neste campo, uma vez que a maioria dos estudos são europeus ou americanos. Dessa forma, este estudo buscou investigar o perfil de personalidade dos genitores de crianças com e sem o diagnóstico de TEA, através de um estudo de caso-controle. Esperou-se que (a) os pais e as mães das crianças com TEA apresentassem traços de personalidade caracterizados por maior retraimento social, rigidez comportamental, perfeccionismo e organizaçao, do que os genitores das crianças sem este transtorno; (b) ocorressem diferenças de sexo, a partir dos achados da literatura. Participaram do estudo dez pais e dez mães de crianças que apresentam o TEA (grupo 1) e um grupo de 20 genitores (dez pais e dez mães) de crianças com desenvolvimento típico (grupo 2), equiparados ao grupo 1 em relação à idade, sexo e escolaridade. Os instrumentos utilizados foram os seguintes: Ficha de Dados Sociodemográficos e de Desenvolvimento; Autism Diagnostic Interview (ADI-R); Protocolo de Observação para Crianças com Suspeita de Transtornos do Espectro Autista – PROTOCS-TEA; Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.); Matrizes Progressivas de Raven – Escala Geral; Broder Autism Phenotype Questionnaire (BAPQ); e Bateria Fatorial de Personalidade (BFP). O processo de avaliação foi conduzido em três etapas: etapa1: envio por correio da ficha de dados sociodemográficos aos participantes da pesquisa, a qual retornou respondida na primeira sessão de avaliação com os mesmos; etapa 2) administração do M.I.N.I., Matrizes de Raven, BAPQ e BFP nos pais; etapa 3) a) administração do instrumento ADI-R a um dos pais e b) observação da criança com base no PROTOCS. Os dados foram analisados com base em estatística descritiva e inferencial, sendo que os dados sociodemográficos foram utilizados na caracterização dos participantes. Foram conduzidas análises separadas para pais e mães de ambos os grupos. Os resultados do estudo serão apresentados de forma preliminar.

Fenótipo Amplo do Autismo, pais, personalidade.

CAPES/REUNI

DES

O REPARTIR EM CRIANÇAS: A INFLUÊNCIA DOS IRMÃOS EM QUATRO CONTEXTOS. *Angela Donato Oliva; Fábio Victor*; Taís de Brito Barbosa*; Nathalia Wapke Gomes Pereira*; Débora Aguiar Soares da Cunha**; Livia Gomes Viana Meireles**; Camila Menkes**; Cristina Fatima Gomes Barroso Pereira**; Gabriela Fernandes Castanheira** e José Augusto Evangelho Hernandez (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).*

Propriedade e partilha são termos fundamentais para se entender como os seres humanos estabelecem estruturas sociais coesas e que visam um benefício coletivo, dessa forma a propriedade vem sendo estudada e caracterizada como o elemento constitutivo e fundamental para as trocas sociais, desde as comunidades mais simples e primitivas até o complexo contexto urbano. Através da visão evolucionista e das pesquisas em desenvolvimento infantil buscou-se compreender que fatores influenciam a emergência do Sentido de Propriedade, um construto que descreve como cada criança, dentro de seus respectivos padrões culturais, desenvolve a capacidade de lidar e reivindicar a posse. Soma-se a isso a influência do contexto familiar nos primeiros anos de vida e a presença ou não de irmãos como fatores importantes para a compreensão do compartilhar. Como parte de uma pesquisa maior ligada ao sentido de propriedade e ao investimento parental, o objetivo deste trabalho é investigar se ter irmãos alteraria o tipo de resposta das crianças em quatro diferentes contextos envolvendo o desenvolvimento do sentido de propriedade das crianças. Participaram deste estudo 51 crianças entre três e sete anos de duas escolas públicas localizadas no centro da cidade do Rio de Janeiro. A renda média das famílias dessas crianças era de dois a quatro salários. As crianças foram testadas individualmente e o procedimento consistia em contar histórias, nas quais dois bonecos disputavam a posse de um brinquedo que podia ser dividido em duas metades. Ao todo eram contadas quatro histórias semelhantes na estrutura, mas com contextos diferentes. Foram utilizados nas contagens quatro pares de bonecos e um brinquedo divisível (tipo lego) disputado por dois bonecos iguais. As condições eram: um dos bonecos criava o brinquedo; um dos bonecos via primeiro o brinquedo; um dos bonecos morava perto do brinquedo; um dos bonecos era rico e o outro era pobre. Os dados foram analisados por intermédio do teste não-paramétrico Qui-Quadrado. Considerando $p<0,05$, os resultados não indicaram diferença significativa nas respostas de repartir o brinquedo entre os bonecos por parte das crianças em nenhum dos contextos. O mesmo foi feito com a variável ter irmãos. Nessa análise também não foram encontradas diferenças significativas nas respostas das crianças (com ou sem irmãos) de repartir o brinquedo entre os dois bonecos que brigavam. Para amostra desse estudo, o dividir um brinquedo entre dois bonecos que brigam por ele, ao que parece, pode estar mais relacionado ao contexto das histórias e não com o fato de a criança possuir ou não irmãos. De qualquer forma, sugere-se a realização de novos estudos com um maior número de participantes e provenientes de diferentes localidades.

Metas de socialização, sentido de propriedade, irmãos.

PIBIC-CNPQ / PIBIC-UERJ

DES

OPINIÕES SOBRE MATERNIDADE EM ADOLESCENTES GRÁVIDAS E NÃO-GRÁVIDAS. *Naiana Dapieve Patias (Mestre em Psicologia Universidade Federal de Santa Maria; Doutorando em Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Ana Cristina Garcia Dias (Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS)*

Ser mãe é um papel valorizado socialmente, que pode se constituir em uma escolha possível e viável para jovens que buscam reconhecimento pessoal em contextos nos quais existem poucas opções de ascensão social. Em contextos socioeconômicos desfavorecidos, a maternidade associada à união consensual ou ao casamento se apresenta como um projeto esperado e valorizado socialmente. Esse estudo teve como objetivo comparar as opiniões sobre maternidade de adolescentes grávidas e não grávidas, que frequentavam Unidades Básicas de Saúde e escolas públicas em uma cidade do interior do RS, Brasil. Parte-se do pressuposto que adolescentes gestantes apresentam uma visão mais positiva e favorável à maternidade que adolescentes não gestantes. Esse estudo foi realizado com 50 adolescentes grávidas primíparas com idades entre 13 a 19 anos (M= 17; dp= 1,77) e com 50 adolescentes não grávidas com idades entre 13 e 19 anos (M= 16; dp= 1,75). Foram aplicados questionários que avaliavam as opiniões das adolescentes sobre maternidade. Foram observadas diferenças estaticamente significativas ($p<0,05$) em nove das onze afirmações investigadas. Apenas as frases "uma criança me dará todo o amor que preciso" e "ser mãe me proporciona maior aceitação da sociedade" não apresentaram diferenças estatísticas significativas entre os grupos. Das nove afirmações que possuem diferenças estatisticamente significativas, em oito delas, as gestantes concordam mais que as adolescentes não gestantes, são elas: "eu acredito que ter um filho mudará minha vida para melhor", "acho que ser mãe me tornará uma pessoa importante", "com a maternidade me sinto mais independente de meus pais", "a maternidade é o sonho de toda mulher", "um filho me dá mais motivo para batalhar pelas minhas coisas", "por ter um (a) filho(a) nunca mais ficarei sozinha na vida", "não penso em trabalhar, pois pretendo me dedicar totalmente ao meu filho(a)" e "ser mãe me proporcionará novas oportunidades na vida". Já na frase "a vida será mais difícil para mim com a chegada do bebê" obteve-se um maior grau de discordância das gestantes quando comparamos às adolescentes não gestantes, o que pode indicar que as mesmas não apresentam expectativas negativas face à ocorrência da maternidade. Contudo, não é possível identificar se essas expectativas estavam presentes antes ou após a ocorrência da gestação. Compreende-se que a opinião sobre a maternidade, principalmente quando positiva, pode ser um dos fatores que tornou as jovens gestantes da pesquisa mais vulneráveis a ocorrência da gravidez durante a adolescência. Em contextos de menores oportunidades ou mesmo dificuldades no processo de escolarização e profissionalização, a vulnerabilidade à gestação parece ser maior, devido a maior dificuldade de acesso e consolidação de outros projetos de vida. A partir disso, compreende-se que é importante que as políticas públicas voltadas à saúde dos adolescentes considerem esses diferentes aspectos sociais, históricos, econômicos e culturais em sua construção. Para serem efetivas, as políticas públicas devem ter como foco de trabalho não só os adolescentes, mas adultos que convivem com eles no contexto familiar, escolar, de lazer, etc.

Adolescência, gravidez, opiniões, maternidade, vulnerabilidade

FAPERGS, CNPq/ Bolsa CAPES/DS

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

OS GESTOS NA COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ: UM ESTUDO LONGITUDINAL. *Janaina Franciele Camargo, Nádia Maria Ribeiro Salomão(Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB)*

A concepção sociocultural do desenvolvimento destaca a importância das relações sociais, das atividades conjuntas e das relações de interação para o desenvolvimento infantil. Tal interação tende a ser bidirecional e recíproca, de forma que adulto e criança contribuem para sua construção de maneira dinâmica. Admitindo-se que os bebês já possuem um aparato para a interação desde o seu nascimento, as mães interpretam as ações da criança de acordo com os seus conhecimentos, concepções e expectativas acerca de seu bebê e do desenvolvimento em geral. Partindo-se do pressuposto de que o desenvolvimento da linguagem pode ser caracterizado como um continuum que se inicia na comunicação pré-linguística e chega à comunicação verbal, em um processo que ocorre por meio de interações sociais, o objetivo do presente trabalho consiste em analisar a comunicação entre mãe e bebê na fase pré-verbal da criança. Para tanto, será verificada a frequência com que o bebê utiliza diferentes categorias de gestos em cada período evolutivo observado, como cada membro da díade responde aos gestos apresentados pelo outro e como a mãe atribui significados aos gestos, sorrisos, choro e direção do olhar do bebê. Seis díades foram observadas aos 6, 9 e 12 meses de idade do bebê, duas vezes em cada período evolutivo, em sessões de brincadeira livre com duração de 20 minutos cada, dos quais foram transcritos 10 minutos. As trancrições das interações foram posteriormente categorizadas em (a) gestos comunicativos da mãe e do bebê, (b) comportamentos comunicativos iniciais do bebê, (c) atribuições maternas de significado. Os gestos comunicativos dos bebês e das mães foram subdivididos em gestos dêiticos (mostrar, oferecer, responder a uma solicitação, solicitar e apontar) e gestos representativos (segurar um telefone próximo à orelha, acenar "tchau", etc.). Os comportamentos comunicativos iniciais do bebê, como chorar, sorrir, vocalizar, dirigir o olhar a um objeto ou à mãe, dirigir a atenção da mãe por meio do olhar e seguir o olhar ou o apontar da mãe, também foram categorizados por consistirem em formas de comunicação não-verbal que a criança utiliza na interação com a mãe desde os primeiros meses de vida. As atribuições maternas de significado foram classificadas em atribuições de percepção, cognição, volição e disposição. Outros comportamentos maternos como direção do olhar, vocalizações e sorrisos também foram considerados. Resultados parciais obtidos a partir da análise de uma das díades demonstraram que o bebê passou a utilizar os gestos representativos apenas aos 12 meses, havendo um aumento do uso deste tipo de gesto pela mãe no mesmo período. Além disso, nos três períodos o choro, o sorriso e a vocalização foram os comportamentos comunicativos mais utilizados pelo bebê. Dentre as atribuições de significado utilizadas pela mãe, a atribuição de volição (querer, tentar, precisar) foi a mais frequente. Espera-se que após a conclusão das análises este trabalho possa contribuir para uma melhor compreensão das interações iniciais mãe-bebê, destacando-se o uso dos gestos.

Bolsa de mestrado financiada pela CAPES.

Palavras-chave: desenvolvimento linguístico, comunicação mãe-bebê, gestos

Mestrado – M

DES

PAPEL E INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO. *Arytanna Zuitá Barbosa Ferreira*, Laura Campos de Moura*, Áderson L. Costa Junior (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Para compreender o ser humano, seus pensamentos, emoções, valores e comportamentos, faz-se necessário compreender sua cultura. E, em plena Era da Informação, os meios de comunicação de massa exercem papel central no que concerne ao acesso à informação, ao saber e ao entretenimento. Assim, a mídia televisiva tem função relevante sobre a formação de conceitos, ideias e padrões comportamentais. As informações veiculadas na televisão afetam, em algum grau, a visão de mundo e de si mesmo que o indivíduo elabora. Se a construção da subjetividade está diretamente relacionada ao meio social e a desejos inconscientes, então, o comportamento consumista e a lógica do mercado permeiam, não somente o indivíduo, mas o todo social, moldando tanto os sonhos e os desejos de cada um como os comportamentos em grupo socialmente aceito. Este trabalho teve por objetivo analisar as diversas formas como a mídia televisiva afeta o comportamento e o pensamento de seus expectadores, discutindo seus efeitos e influências. Pretende-se, ainda, apontar ideias e propostas de eventuais modificações no jeito como a televisão desenvolve sua programação, visando o alcance de um patamar de influências mais construtivas e aproveitáveis para quem a assiste. Foram realizadas coletas de dados em três emissoras de televisão, de canal aberto, diariamente, por uma semana cada, no horário (nobre) das 20:00 às 23:00 horas. Os dados foram coletados com base nas categorias: adicção, discriminação, educação, saúde, sexualidade, valores humanos e violência. O propósito da criação de categorias foi direcionar a captura da diversidade de temas para determinadas especificidades, ou seja, garante-se, dessa forma, a riqueza do fenômeno observado. Os registros de 63 horas de observação foram efetuados por duas observadoras independentes e depois submetidos à análise de concordância entre observadores. O conteúdo analisado mostrou uma ocorrência significativa de comportamentos violentos e discriminatórios que se distribuem em subcategorias. Tais comportamentos apareceram com maior frequência em telejornais, novelas e propagandas. A relativa falta de registro de categorias de valores humanos aponta para uma importante reflexão acerca do que se tem como prioridade na construção da programação transmitida em um horário que atinge grande variedade (e.g., idade, ocupação) de telespectadores. Os dados ressaltam a necessidade de modificações urgentes na programação, uma vez que o papel da mídia televisiva como um meio de comunicação de massa parece estar priorizando modelos discriminatórios e de poder econômico e social, em detrimento da transmissão de conhecimentos práticos, valores humanos, padrões de comportamento ético e uma visão de mundo mais sustentável. A maneira como a televisão tem deixado de transmitir e abordar questões relacionadas a valores, por exemplo, denota uma minimização da responsabilidade de sua influência na construção de hábitos e padrões de comportamento.

Bolsistas do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB).

Mídia, Televisão, Comportamento.

DES

PATERNIDADE NO CONTEXTO DA PREMATURIDADE: DA INTERNAÇÃO DO BEBÊ AO 3º MÊS APÓS A ALTA HOSPITALAR. *Fernanda Borges de Medeiros, Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, RS)*

Diversos estudos têm destacado o impacto do nascimento pré-termo tanto para a relação mãe-bebê e pai-bebê como para o desenvolvimento do bebê. No entanto, a grande maioria das pesquisas centra-se na investigação da maternidade e da interação mãe-bebê neste contexto, enquanto um número mais reduzido de estudos tem enfocado os aspectos subjetivos da paternidade. Apesar da importância do pai neste contexto, pela possibilidade de exercer o papel de apoio para a mãe no estabelecimento das relações iniciais com o bebê, esta temática é ainda pouco estudada no Brasil, particularmente na Psicologia. Neste sentido, o presente estudo investigou a experiência da paternidade no contexto da prematuridade desde o nascimento e internação do bebê em unidade de tratamento intensivo neonatal (UTINeo) até o 3º mês após a sua alta hospitalar. Participaram três pais de bebês nascidos pré-termo com idades entre 27 e 45 anos que residiam com a mãe do bebê. Foi utilizado um delineamento longitudinal de estudo de caso coletivo, envolvendo entrevistas durante a internação do bebê e no 3º mês após a alta hospitalar. Aspectos da gestação também foram investigados retrospectivamente. Os relatos dos participantes sobre a paternidade foram examinados através de análise qualitativa com base em quatro categorias e subcategorias derivadas da literatura (Stern, 1995) e dos dados: representações acerca de si mesmo como pai, representações acerca da filha, relação pai-filha e representações acerca da família de origem. Os resultados do presente estudo revelaram o sofrimento dos pais relacionado aos riscos envolvidos na situação de pré-eclâmpsia, já na gestação e, após o parto, à condição de vulnerabilidade do bebê nascido pré-termo, particularmente entre os de menor peso e tempo gestacional. Os relatos sobre a gestação e parto também revelaram intensas ansiedades, com destaque para o sentimento de impotência e as preocupações referentes à saúde, sobrevivência e condição emocional da esposa. Após o parto, apesar dos temores sobre o futuro da criança, os participantes, em maior ou menor grau, mostraram-se bastante dedicados e atenciosos como pais, especialmente, durante os primeiros dias de vida de suas filhas, incluindo as visitas frequentes ao bebê, a relação pai-filha e o apoio emocional à esposa. Três meses após a alta do bebê, os relatos paternos evidenciaram o quanto as filhas, embora saudáveis, ainda eram percebidas como bebês bastante vulneráveis, desencadeando uma série de cuidados e, consequentemente, tendo importantes repercussões em suas vidas. Juntos, os achados do presente estudo apontaram algumas dificuldades e fragilidades dos pais de crianças nascidas pré-termo, sugerindo a importância de se oferecer intervenções psicológicas não só para as mães, mas também aos pais dos bebês nascidos pré-termo.

Paternidade, nascimento pré-termo, relação pai-criança

CNPq

DES

PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS SOBRE CUIDADO PARENTAL NO PLANO REAL E IDEAL. *Paula Danielle Souza Monteiro, Paula Danielle Souza Monteiro, Laiane da Silva Corrêa, Dalízia Amaral Cruz, Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará)*

O modelo ecológico dá ênfase à experiência, levando em consideração tanto os elementos objetivos quanto os subjetivos. Nesse sentido, conhecer as percepções dos filhos pode ser um aspecto relevante para que pais e mães adotem práticas de cuidado promotoras de desenvolvimento, bem como aprimorar e/ou repensar suas ações a partir dos papéis que lhes são atribuídos, tanto no sentido real quanto ideal. O objetivo do presente trabalho consiste em investigar como crianças compreendem o cuidado materno e paterno em aspectos reais e ideais. Participaram do estudo 128 crianças, de ambos os sexos, com idade entre nove e 12 anos, de escolas da rede pública de ensino de Belém, Pará. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com 7 questões fechadas sobre mãe e pai no aspecto real e ideal. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e aplicação do teste T pareado para comparar as médias das sub-escalas reais e ideais. As questões foram agrupadas em quatro categorias: cuidados diretos, cuidados indiretos, interação social instrutiva e interação social calorosa. Os dados sócio-democráficos demonstram que mais da metade (51,2%) dos participantes são do sexo masculino; os pais (M=42,64, DP=6,76) são mais velhos que as mães (M=38,69; DP=5,66). Em relação à configuração familiar, identificou-se que 89,8% possuem irmãos e 95,3% moram com seus pais. A partir dos resultados na escala de paternidade, sugere-se que as crianças nesse estudo idealizam o comportamento paterno, esperando maior investimento em cuidados diretos e indiretos, bem como maior interação e interaja mais, de forma instrutiva e calorosa. Na escala de maternidade nota-se que as crianças idealizam tanto o comportamento paterno quanto o materno com destaque para condições que propiciem mais cuidados diretos e indiretos e interações instrutivas e calorosas. Na comparação entre as médias das sub-escalas, Pai Real e Pai Ideal e Mãe Real e Mãe Ideal foi encontrada diferença significativa entre pai real e pai ideal (t= 4,95; Gl=126; p=0,001), sendo que o pai real apresenta maior média (M=10,55; DP=2,42) do que o pai ideal (M=9,35; DP=2,10). Não foi encontrada diferença significativa entre mãe real e mãe ideal (t=1,61; Gl=126; p=0,11), sendo que a mãe real apresenta média maior (M=9,36; DP=2,0) do que a mãe ideal (M=9,02; DP=2,31). Neste sentido, a mãe real se aproxima mais do ideal esperado pelos participantes corroborando dados disponíveis na literatura da área. O estudo pode contribuir no sentido de possibilitar aos cuidadores principais o vislumbre de como suas ações estão sendo percebidas por seus filhos, podendo ser um balizador entre seu papel como cuidador real e ideal. O estudo também pode proporcionar uma compreensão mais acurada da relação pai-mãe-filho, fornecendo subsídios tanto para a área da Psicologia, quanto da Educação.

Cuidado parental, percepção de crianças, teoria sistêmica.

Bolsistas de mestrado pela CAPES/Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

DES

PERCEPÇÃO DE EVENTOS ESTRESSORES EM UMA INFÂNCIA POBRE E ESTILO DE APEGO ADULTO. *Rachel Coelho Ripardo Teixeira, Briseida Dôgo de Resende (Universidade São Paulo)*

A ocorrência de eventos estressantes por si só produz alterações no desenvolvimento, como em trajetórias reprodutivas, competência social e empatia, e estilo de apego. A percepção do evento estressor interfere em seu próprio efeito, mas tem sido pouco estudada, especialmente em relação ao estilo de apego adulto. Este é um estudo piloto que teve como objetivo explorar a variação no estilo de apego adulto e a percepção de eventos estressantes que ocorreram durante uma infância pobre, à luz da Psicologia Evolucionista do Desenvolvimento, que enfatiza a expressão de programas epigenéticos selecionados ao longo da ontogenia. Nossos sujeitos foram 22 mulheres, com idade entre 18 e 45 anos e com renda familiar mensal inferior a três salários mínimos (1 SM = R$622, 3 SM = R$ 1.866). A maioria das mulheres tinha filhos (N= 16) e era casada (N= 18). Com relação à renda, oito famílias ganhavam menos de 1 salário mínimo (R$ 622); sete ganhava entre um e dois salários mínimos (R$ 1.244), e o restante (N= 7), mais do que dois salários mínimos, e menos do que três. Dessas mulheres, 14 viviam com ambos os pais até aos 11 anos de idade, e cinco em famílias reconstituídas. Elas responderam a uma Escala de percepção de eventos estressores e duas escalas estilo de apego, a Escala de Estilo de Relacionamento, e a WHOTO, sobre as figuras de apego. A segunda escala foi usada de forma exploratória. Esperava-se que 1/3 da amostra tivesse um apego inseguro, e que houvesse uma associação entre percepção e ocorrência de eventos estressores. Verificamos que 14 participantes tinham um apego seguro, enquanto que cinco delas, um estilo inseguro e ansioso, e três, um apego inseguro e esquivo, o que era esperado de acordo com a literatura. As figuras de apego mais citados na escala WHOTO variaram de acordo com a função da figura de apego: na função proximidade/base segura, foram a mãe, os filhos e o marido/namorado; e na função de exploração, a mãe e os irmãos. O total de eventos estressores da Escala de percepção eventos estressores é 71. A amostra experienciou, em média, 19,64 deles (DP = 8,80). Seis entrevistadas relataram ter sofrido de 1 a 4 eventos estressantes; dez, de 16 a 22 eventos; e seis, entre de 24 para 38 eventos. Houve uma alta correlação entre a ocorrência e a percepção dos eventos, indicando que as mulheres que experimentaram mais eventos estressantes foram mais afetadas por eles. Vamos continuar a pesquisa com uma amostra de 200 pessoas, 100 homens e 100 mulheres, em que a Escala de Estilo de Relacionamento será validada em uma amostra brasileira, e na qual esperamos encontrar correlações significativas entre a ocorrência e a percepção dos eventos estressantes, e os estilos de apego adulto.

Percepção de eventos estressores; infância; estilo de apego adulto; psicologia evolucionista

CNPq/Doutorado

DES

PERFIL DA QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS ATIVOS E RESIDENTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA (ILPI). *Marianna Barbosa Yamaguchi, Caroline Leonor da Silva, Fernanda de Franço Françoso, Thiago Vinicius Monteleone (Universidade São Judas Tadeu)*

Considerando que a velhice é um fenômeno heterogêneo e que a partir do século XX essa população começou a sofrer varias transformações na experiência de envelhecer, torna-se necessária maior analisar o conceito de qualidade de vida de idosos institucionalizado e não institucionalizados na interior de São Paulo. Para isso utilizou-se os instrumentos de qualidade de vida (Whoqol-Abreviado) e outro específico para idosos (Whoqol-Old). Participaram da pesquisa 30 idosos todos do gênero masculino a partir de 60 anos, estes foram divididos em dois grupos de 15 indivíduos ativos e 15 em uma Instituição de Longa Permanência, os instrumentos foram aplicados individualmente com duração de aproximadamente 40 minutos, não oferecendo desgaste físico ou emocional aos participantes. Os dados foram tabulados e calculados estatisticamente no programa Biostats 5.0. Quanto á caracterização da amostra os dados mostraram que os 15 idosos não institucionalizados têm em média 69,4 ±6,22 anos, 66.67% são casados e possuem aproximadamente 3±2,8 filhos, 33,34% completaram o ensino médio e fundamental, 53,34% trabalham e 86,87% não fumam, relatam ter diabetes e pressão alta, sendo que 66,67% consideram seu estado de saúde boa. Já os idosos institucionalizados possuem em média 68,4±7,72anos, não trabalham, 73,34% tem ensino fundamental incompleto, 40% são solteiros, possuem aproximadamente 2,5±3 filhos, 66,66% relataram ter o hábito de fumar, 66,66% consideram tem uma boa saúde e alguns disseram ter diabetes, bronquite, pressão alta e deficiência visual. Os resultados sobre a avaliação de qualidade de vida (Whoqol-Abreviado) em idosos não institucionalizados as pontuações dos domínios foram: físico 77,58, psicológico 72,22, relações sociais 66,11 e ambiente 67,17, χo2 = 5,35 (p = 0,05 e n = 3), não apresentou diferença estatisticamente significante, em relação aos resultados relacionados ao (Whoqol-Old) instrumento mais específico sobre a qualidade de vida para idosos, observou-se as seguintes pontuações: funcionamento no sensório 74,58, autonomia 65,83, atividades passadas, presentes e futuras 67,92, participação social 69,17, morte e morrer 68,33 e intimidade 70,83, o χo2 = 10,34 (p = 0,05 e n = 6), também não apresentou diferença estatisticamente significante. Os resultados dos idosos institucionalizados em relação ao (Whoqol-Abreviado) observou-se os seguintes scores: nos domínios físico 74,13, psicológico 80, relações sociais 57,50 e ambiente 58,24, o teste inferencial os resultados mostraram que o χo2 = 1,18 (p = 0,05 e n = 3). No instrumento específico (Whoqol-Old) os resultados observados foram: 72,08 para funcionamento no sensório, 59,58 autonomia, 76,67 atividades passadas, presentes e futuras, 65,42 participação social, 85,83 morte e morrer e 52,92 intimidade o χo2 = 0,64 (p = 0,05 e n = 6), os resultados não apresentaram diferença estatisticamente significante, o que é possível concluir que os idosos da amostra apresentaram uma visão semelhante sobre qualidade de vida, mesmo apresentando em alguns domínios scores completamente diferenciados. De modo geral têm a mesma avaliação sobre a sua qualidade de vida independentemente da sua condição atual de vida. Os dados sugerem outras pesquisas com uma amostra maior e em outras situações de vida dessa população.

Bem-estar, terceira idade, velhice

DES

PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO E ESCOLAR DE GESTANTES ADOLESCENTES. *Thaís de Lima Muller,Giana Bitencourt Frizzo, Angela Polgati Diehl, Cesar Augusto Piccinini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Estudar o perfil das gestantes adolescentes é de extrema importância para que se tenha conhecimento das questões vinculadas a esta situação e ao seu contexto, o que é de extrema relevância para a criação de projetos voltados a essa questão. O objetivo do presente estudo foi descrever o perfil sócio-demográfico das gestantes adolescentes, com ênfase na questão escolar. Participaram desse estudo 61 gestantes adolescentes, que estavam fazendo acompanhamento pré-natal na rede básica de saúde ou em hospitais públicos de Porto Alegre, que, ao iniciar o acompanhamento, responderam uma Entrevista de Dados Sócio-demográficos. A idade média das gestantes foi de 16 anos (Dp = 1,22). A maioria (93,6%) residia em Porto Alegre ou região metropolitana. 50% disseram ter feito algum uso de contraceptivos. A maioria (94,6%) era primigesta e 45% das adolescentes planejou a gestação. A idade média em que as gestantes deram início a sua vida sexual foi de 14 anos (Dp = 1,164), e 52,1% tiveram com o pai da criança sua primeira relação sexual. O companheiro em geral era jovem, mas não mais adolescente – apenas 21,7%. 70,4% já namoravam o pai da criança há pelo menos um ano. Com relação à escolaridade, mais da metade das gestantes (52,5%) não completou o ensino fundamental. 41,7% das jovens não estava estudando no momento da pesquisa, sendo que dessas 50% parou por motivos relacionados à gestação, enquanto os outros 50% já haviam parado de estudar anteriormente à gestação. 35% das participantes que não estavam estudando no momento da pesquisa pensa em voltar a estudar. Grande parte delas iniciou sua educação escolar direto no ensino fundamental (90%), sem acesso ao ensino pré-escolar, e quase todas (76,3%) tinham pelo menos uma reprovação na escola. Os resultados indicaram que a questão da escolaridade na situação de gravidez na adolescência é complexa. Ressalta-se especialmente a entrada tardia na escola formal, apenas para o ensino fundamental, sem ingresso anterior na pré-escola, e as implicações que a gestação na adolescência tem no desenvolvimento escolar e profissional das gestantes. Tais fatos devem ser considerados nas políticas públicas de saúde e educacionais.

DES

PERFIS DE COMPETÊNCIA E DE PROBLEMAS PSICOLÓGICOS EM ADOLESCENTES. *Nancy Ramacciotti de Oliveira-Monteiro; Juliana Olivetti Guimarães Nascimento*; Fábio Tadeu Montesano; Maria Aznar-Farias (Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano, Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP)*

A adolescência é uma importante etapa do desenvolvimento humano na qual ocorrem modificações biológicas e psicossoais próprias da transição da infância para a vida adulta, incluindo uma crise de identidade que aponta para tomada de decisões, escolhas e desenvolvimento de valores para a vida, que trarão repercussões pessoais e em diferentes contextos ambientais. Na adolescência podem ocorrer condições de vulnerabilidade, de vértices mais pessoais e/ou ambientais, que influenciam o desenvolvimento do adolescente (e são influenciadas por ele). O desenvolvimento positivo resulta em competências em diferentes domínios (cognitivos, afetivos, sociais), que são fatores importantes para proteção frente a problemas psicológicos e de comportamento, aqueles que podem levar a disfunções do desenvolvimento, prejudicando a organização de ações, percepções, atitudes e interação com o meio. Várias pesquisas mundiais vêm se utilizando da escala Youth Self-Report (YSR), proposta por Achenbach e Rescorla - um inventário de auto-avaliação para adolescentes entre 11 e 18 anos de idade - para levantamento de perfis de competência e de problemas psicológicos. Resultados de algumas dessas investigações sugeriram haver uma diferença importante entre os sexos, quanto aos problemas de comportamentos: meninas apresentaram mais problemas internalizantes, enquanto que os meninos apresentaram mais problemas externalizantes. O presente estudo teve por objetivos identificar níveis de competência e problemas psicológicos. A amostra foi de 160 adolescentes entre 11 e 18 anos de idade, residentes em áreas urbanas da Baixada Santista, litoral de São Paulo. Comparou quatro grupos de adolescentes: 1) estudantes de escola pública em tempo integral (TI); 2) estudantes de escola pública em tempo parcial, assistidos por equipamento público sócio-cultural (AC); 3) estudantes abrigados (vivendo fora do convívio familiar) (AB); e 4) adolescentes grávidas e mães usuárias de serviço público de saúde, de pré-natal e puerpério de adolescentes (GM). Os dados foram colhidos usando o YSR, em seus itens de competência e problemas psicológicos, estudados nas variáveis: idade e condições de contextos ambientais caracterizados pelos diferentes grupos. Análises descritivas levantaram frequência, médias e desvio padrão. Resultados: níveis maiores de competência foram identificados nos grupos TI e AC. O grupo AB apresentou total de problemas e problemas internalizantes em médias maiores do que os outros grupos, aproximando-se do grupo GM, também com médias altas em problemas externalizantes. Adolescentes do grupo AB (principalmente os mais velhos) e GM (principalmente as mais novas) apresentaram problemas psicológicos em faixas clínicas. As necessidades específicas desses grupos demandam políticas públicas voltadas particularmente ao desenvolvimento positivo de adolescentes nessas condições.

Adolescência, competência, problemas psicológicos, desenvolvimento positivo.

CNPq

DES

PRÁTICAS E ESTILOS PARENTAIS DE PAIS E MÃES DE BEBÊS. Luiza Calori Domingues*, Bárbara Camila de Campos*, Sária Cristina Nogueira**, Olga Maria Piazetin Rolim Rodrigues (Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru – SP)

As práticas e estilos parentais de mães e pais possuem uma função primordial no desenvolvimento das crianças e uma estreita relação com os seus repertórios comportamentais. O presente projeto visa descrever como são as práticas parentais entre os pais e mães e seus filhos de até 12 meses de idade. A proposta inicial era de realizar o estudo com 40 pais de bebês com até 12 meses de idade e 40 mães de bebês com até 12 meses de idade, no entanto, foi possível realiza-lo com 50 pais, de 20 a 53 anos de idade e 50 mães, de 15 a 46 anos de idade. Dos filhos dos pais de bebês, a idade variou de um a 12 meses. Os filhos de bebês das mães variaram em idade de 1 a 9 meses. Foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais para Pais e Mães de Bebês (adaptado de Gomide, 2006). A coleta de dados realizou-se no Centro de Psicologia Aplicada, em horário previamente agendado e através de contatos com pais de bebês. Os dados foram analisados através de descrições e análises comparativas. Os resultados apontaram para pouca diferença entre as práticas utilizadas por pais e mães de bebês. Todavia, a análise das práticas negativas parece apontar para diferenças entre pai e mãe, com as mães utilizando mais práticas negativas do que os pais. Uma hipótese levantada é que no primeiro ano de vida o bebê é muito dependente da mãe que tende a permanecer com ele longos períodos o que pode resultar no uso de práticas negativas devido ao cansaço e a rotina de cuidados intensa. Pesquisas que explorem essas informações poderiam auxiliar no entendimento do fato.

Apoio: Fapesp;

Palavras chave: Parentalidade, Estilos Parentais, Práticas Parentais.

Iniciação Científica;

DES

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR. *Angela Helena Marin, Tonantzin Ribeiro Gonçalves ,Cesar Augusto Piccinini, Jonathan Richard Henry Tudge (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)*

A literatura tem apontado que a aquisição do comportamento social pela criança é, em grande parte, aprendida com os pares. No entanto, a interação entre pais e filhos ainda é identificada como o principal fator associado ao desenvolvimento social infantil. O relacionamento adequado entre a criança e seus pais, caracterizado por relações afetivas, disponibilidade mútua e respeito aos direitos de ambas as partes, é indicado como indispensável para o processo de socialização infantil. Nesse sentido, o estudo investigou a relação das práticas educativas parentais, em particular o uso de práticas indutivas, coercitivas e de não interferência, com os problemas de comportamento e a competência social infantil aos seis anos de vida da criança. A hipótese era de que os filhos de pais que utilizassem, mais frequentemente, práticas indutivas fossem socialmente mais competentes, enquanto os filhos de pais que utilizassem práticas coercitivas fossem menos competentes. Acreditava-se que as práticas indutivas levariam a criança a refletir sobre como seu comportamento afeta aos outros, propiciando a compreensão e o sentimento empático e impulsionando o desenvolvimento da competência social infantil. De modo contrário, as práticas coercitivas promoveriam a preocupação voltada para as consequências externas, podendo levar aos problemas de comportamento. Participaram 48 mães e 33 pais cujo primogênito tinha seis anos de idade, que responderam a uma entrevista estruturada sobre práticas educativas, envolvendo seis situações cotidianas propícias à ocorrência de práticas educativas, e ao Sistema de Avaliação das Competências Sociais, que também avalia problemas de comportamento. Foram encontradas associações positivas entre as práticas coercitivas maternas e os problemas de comportamento infantil ($r=0.37$; $p<0,01$), especialmente os de externalização ($r=0.33$; $p<0,05$). Também foram encontradas correlações positivas entre as práticas coercitivas paternas e os problemas de internalização ($r=0.38$; $p<0,05$), bem como entre as práticas indutivas e de não interferência paternas com a cooperação ($r=0.42$; $p<0,05$) e a assertividade infantil ($r=0.35$; $p<0,05$). Quanto ao sexo das crianças, observou-se que as mães de meninas referiram mais comportamentos de autocontrole ($p<0,05$) e a competência social ($p<0,01$) do que as mães de meninos. No tocante ao nível socioeconômico (NSE), as mães de classe baixa relataram mais práticas coercitivas ($p<0,01$) e as de classe alta, mais práticas indutivas ($p<0,05$). Não foram encontrados resultados significativos relativos aos pais quanto ao sexo e ao NSE, o que pode ser explicado pelo papel predominante que as mulheres ainda exercem no processo de socialização das crianças, embora os pais venham participando mais da educação dos filhos. Como esperado, os achados indicaram que as práticas indutivas paternas associaram-se com aspectos da competência social, enquanto as práticas coercitivas maternas e paternas aos problemas de comportamento infantil.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS E INDICADORES DE STRESS MATERNO. *Sária Cristina Nogueira**, Elisa Rachel Pisani Altafim**, Mariana Biffi*, Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP)*

O objetivo dessa pesquisa foi descrever e comparar as práticas parentais de mulheres com e sem stress, mães de bebês com idade entre nove a 12 meses. Participaram 43 mães com idade entre 16 e 39 anos (Média=26,63; MED=27; DP=6,13) de bebês de nove a 12 meses (Média=10,42; MED=10 ; DP=1,28). Todas as participantes frequentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família. Entre o sexto e o décimo terceiro mês, as mães foram convidadas a responderem o Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL) e o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês (IEPMB), sendo a participação voluntária. O ISSL é um instrumento que avalia a ocorrência do stress, a fase em que esse se encontra e, também, identifica se os sintomas são predominantemente físicos ou psicológicos. O IEPMB é composto por 25 itens que analisam cinco práticas parentais, sendo: Monitoria Positiva, Punição Inconsistente, Disciplina Relaxada, Negligência e Abuso Físico. Os resultados evidenciaram que 13 mães (30,2%) não apresentaram sintomas significativos de stress, ao passo que 30 participantes (69,1%) apresentaram tais sintomas, estando 17 na fase de resistência, 10 na fase de quase- exaustão e três na fase de exaustão. Para a análise dos dados foram realizadas análises comparativas entre as práticas parentais e as mães classificadas com stress e sem stress, por meio do teste não paramétrico Mann-Whitney. Assim, considerando as práticas parentais, foi verificada diferença significativa na prática Disciplina Relaxada (p=0,04) que é mais utilizada pelas mães com stress (M= 5,53) do que pelas mães sem stress (M=3,31). Para as demais práticas não foi encontrada diferença significativa, sendo que a média das práticas de Negligência, Punição Inconsistente, Abuso Físico e Monitoria Positiva para as mães do grupo sem stress foram, respectivamente, 1,61; 1,38; 0,30 e 9, ao passo que as médias dessas práticas para as mães com stress foram de 1,57; 2,33; 0,20 e 9,23, respectivamente. Para ambos os grupos, a prática menos emitida é o Abuso Físico. Os resultados, ainda que provenientes de uma amostra reduzida, sugerem que as mães estressadas apresentam maior frequência na emissão de práticas referentes à Disciplina Relaxada, o que aponta para possíveis relações entre indicadores emocionais maternos e práticas parentais utilizadas, justificando futuros estudos na área.

Stress, práticas parentais, mães de bebês

FAPESP

DES

PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS E NÍVEIS DE DEPRESSÃO MATERNA. *Sária Cristina Nogueira**, Mariana Biffi*, Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP)*

O objetivo dessa pesquisa foi descrever e comparar as práticas parentais e níveis de depressão de mães de bebês com idade entre seis a 12 meses. Participaram 95 mães com idade entre 15 e 39 anos (Média=26,23; MED=26; DP= 5,96) de bebês de seis a 12 meses (Média= 8,76; MED=9 ; DP= 2,26). Todas as participantes frequentavam o projeto de extensão "Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais" oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, Bauru/SP. No processo de coleta de dados, foi realizada primeiramente uma Entrevista Inicial a fim de coletar informações sociodemográficas do bebê e de sua família.. Entre o sexto e o décimo segundo mês, as mães foram convidadas a responderem o Inventário de Depressão Beck (BDI) e o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês (IEPMB), sendo a participação voluntária. O BDI é um instrumento que avalia os níveis de depressão que consiste numa escala de auto- relato, de 21 itens, cada um com quatro alternativas, subentendendo graus crescentes de gravidade da depressão. As questões presentes no BDI referem-se a: Tristeza, Pessimismo, Sentimento de fracasso, Insatisfação, Culpa, Punição, Auto- aversão, Auto-acusações, Idéias suicidas, Choro, Irritabilidade, Retraimento Social, Indecisão, Mudança na auto- imagem, Dificuldade de trabalhar, Insônia, Fatigabilidade, Perda de apetite, Perda de peso, Preocupações somáticas e Perda da libido. O escore total (que pode ser no máximo 63) é obtido somando os escores de cada um dos 21 itens. O IEPMB é composto por 25 itens que analisam cinco práticas parentais: ,Monitoria Positiva, que envolve atenção para localização e atividades dos filhos; Punição Inconsistente, que é a punição ou reforço dependente do humor dos pais; Disciplina Relaxada, que é o não cumprimento das regras pré- estabelecidas; Negligência, caracterizada pela ausência de atenção e afeto; Abuso Físico, que engloba uso de ameaça, chantagem ou castigo físico. Os resultados evidenciaram 79 mães encontraram-se com níveis de depressão mínimo e leve, enquanto que 16 mães estavam com níveis moderado e grave de depressão. Analisando as práticas parentais separadamente, verifica-se que ambos os grupos apresentaram alto índice da prática parental Monitoria Positiva, com maior média para o grupo das mães com nível de depressão mínimo ou leve (Média=9,14), enquanto mães com nível de depressão moderado ou grave obtiveram média de 8,56 nesta prática. Nas práticas negativas, as mães com nível mínimo ou leve de depressão apresentaram média menos na frequência de Punição Inconsistente, Negligência, Disciplina Relaxada e Abuso Físico (1,9; 1,28; 4,25; 0,27, respectivamente), enquanto as mães com níveis moderado e grave de depressão emitiram tais práticas com maior frequência (2,67;1,82;5,25;0.31 respectivamente). Das práticas negativas, observa-se que, para os dois grupos, a que mais ocorre é a Disciplina Relaxada e a que menos ocorre é o Abuso Físico. Conclui-se que mães com níveis mínimo ou leve de depressão têm práticas parentais melhores que as mães com níveis moderado ou grave, justificando a necessidade de atenção aos indicadores emocionais de mães de bebês, considerando que a saúde materna está relacionada ao desenvolvimento infantil adequado.

Depressão, Práticas parentais, Mães de bebês

FAPESP

DES

PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS: A INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS MATERNAS E DO BEBÊ. *Elisa Rachel Pisani Altafim**; Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista, Bauru -SP).*

As práticas parentais possuem uma função primordial no desenvolvimento infantil. O presente estudo teve como objetivo descrever, comparar e correlacionar as práticas parentais de mães de bebês de até 12 meses de idade, com as variáveis: idade e a escolaridade da materna, sexo e a idade do bebê. O estudo foi realizado com 250 mães de bebês de 0 a 12 meses, nas quais foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês, que avalia as seguintes práticas: Monitoria Positiva, Disciplina Relaxada, Negligência, Punição Inconsistente e Abuso Físico. A coleta de dados foi realizada no Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP - Bauru. As análises comparativas foram realizadas por meio do Teste-t de Student para amostras independentes ($p<0,05$) e as análises de correlação foram realizadas por meio do teste de correlação de Pearson ($p<0.05$). Os resultados revelaram que as mães utilizam-se com freqüência da prática parental positiva Monitoria Positiva, no entanto as práticas negativas, também são presentes no repertório das participantes, principalmente a prática Disciplina Relaxada. Como a maioria das práticas negativas ainda não são freqüentes no repertório comportamental das mães, esta fase seria portanto, um ótimo momento para a realização de intervenções preventivas. Com o intuito de compreender a relação entre as variáveis e as práticas parentais cada umas das variáveis foi analisada individualmente. Ao comparar as práticas de acordo com o sexo do bebê, foi verificada diferença significativa para a prática Monitoria Positiva, mais utilizada pelas mães de meninas. Esse resultado demonstra, que algumas diferenças nas práticas parentais relacionadas ao sexo da criança, podem ser observadas desde as primeiras relações que as mães estabelecem com seus bebês. Analisando a idade do bebê verificou-se diferença significativa entre mães de bebês mais novos e mães de bebês mais velhos para a prática Monitoria Positiva, Punição Inconsistente e na somatória das práticas negativas, que são mais utilizadas pelas mães de bebês mais velhos (de sete a 12 meses de idade). Esses resultados demonstram que existe uma relação entre as práticas parentais e a idade do bebê. Na comparação entre mães adultas e mães adolescentes foram verificadas diferenças significativas na prática Monitoria Positiva, mais utilizada pelas mães adultas. Com relação à escolaridade materna foi verificada correlação significativa positiva na prática Monitoria Positiva, e correlação significativa negativa nas práticas Disciplina Relaxada, Punição Inconsistente e na somatória das práticas negativas, demonstrando que quanto maior a escolaridade materna melhores são as práticas parentais utilizadas pelas mães. Esses resultados vão ao encontro da literatura da área que têm demonstrado que quanto maior a escolaridade materna, mais as mães tendem a valorizar práticas relacionadas com a estimulação da criança e maior é o conhecimento sobre desenvolvimento infantil e práticas educativas. Os resultados obtidos nesse trabalho indicam relações entre as variáveis pesquisadas e as práticas parentais, e contribuem para um maior entendimento das práticas parentais de mães de bebês. Enfatiza-se a importância de sensibilizar as mães desde a primeira infância sobre seu papel na interação com seu filho e a utilização de prática parentais adequadas.

Práticas Parentais; Comportamento Materno; Desenvolvimento Infantil

bolsa de Mestrado FAPESP

DES

PRÁTICAS PARENTAIS E RECURSOS DO AMBIENTE DE FAMÍLIAS NUCLEARES, MONOPARENTAIS E RECASADAS E O COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS DURANTE A TRANSIÇÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. *Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade Federal de São Carlos), Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A literatura sobre separação e recasamento indica que tais eventos podem ser considerados como mecanismos de risco para toda a família, especialmente quando os filhos passam por um momento de transição ecológica, tal com a entrada no primeiro ano, quando são exigidas, tanto das crianças quanto dos pais, novas habilidades para lidar com as demandas do novo contexto. Entretanto, alguns estudos indicam que os efeitos das transições familiares sobre dimensões do desenvolvimento infantil, são indiretos e mediados por mecanismos de proteção, tais como práticas parentais positivas, recursos do ambiente familiar e qualidade do relacionamento entre mães-pais-filhos. A partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano e da Psicopatologia do Desenvolvimento, o objetivo do estudo foi: investigar o ajuste de um modelo de resiliência e vulnerabilidade, identificando os efeitos diretos e indiretos dos mecanismos de risco (configuração familiar e práticas educativas negativas) e dos mecanismos de proteção (práticas educativas positivas, recursos do ambiente familiar, qualidade da relação da mãe com o pai da criança e qualidade da relação da criança com o pai) sobre os indicadores de ajustamento infantil (habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica), a partir de avaliações das mães e das professoras. Participaram da pesquisa 160 mães de famílias nucleares, monoparentais e recasadas, cujos filhos frequentavam o primeiro ano do Ensino Fundamental em escolas públicas municipais. As 22 professoras das crianças participaram como informantes. As mães responderam a um questionário sobre caracterização familiar, a um inventário de práticas parentais, a um inventário de habilidades sociais e de problemas de comportamento, a um inventário de recursos do ambiente familiar e a um questionário sobre o nível socioeconômico. As professoras responderam a um inventário de habilidades sociais, de problemas de comportamento e de competência acadêmica. Os indicadores de ajustamento global, obtidos por meio das Análises de Trajetórias, para o modelo de resiliência e vulnerabilidade proposto para as avaliações das mães e das professoras foram excelentes. Os resultados indicaram que a configuração familiar não afetou diretamente as habilidades sociais, os problemas de comportamento e a competência das crianças, avaliados pelas mães e pelas professoras. Já as práticas educativas negativas afetaram tanto diretamente, quanto indiretamente os comportamentos e a competência acadêmica dos filhos. De forma geral, os resultados sugeriram a importância do papel mediador das práticas educativas positivas, da qualidade da relação da criança com o pai e dos recursos do ambiente familiar sobre os comportamentos e a competência acadêmica das crianças. Para a avaliação das mães, as variáveis do modelo contribuíram para explicar 50% e 63% da variância das habilidades sociais e dos problemas de comportamento das crianças, respectivamente, enquanto que para as avaliações das professoras, os valores foram 11% para a competência acadêmica, 15% para as habilidades sociais e 19% para os problemas de comportamento. O estudo sinalizou que as transições familiares não têm impacto negativo direto sobre várias dimensões do desenvolvimento das crianças, o que evidenciou o poder preditivo dos mecanismos de proteção nos comportamentos e na competência acadêmica das crianças de configurações familiares diferentes.

Apoio Financeiro: FAPESP

Palavras-chave: Separação conjugal; Transição; Ensino Fundamental.

D

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PREDIÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA AO COMPORTAMENTO E À SAÚDE MENTAL EM PRÉ-ESCOLARES NASCIDOS PRÉ-TERMO. *Maria Beatriz Martins Linhares, Martina Estevam Vieira, Cibelle Kayenne Martins, Roberto Formiga (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

Diversos estudos apontam que crianças nascidas pré-termo têm maior probabilidade de apresentar problemas comportamentais, dificuldades no controle emocional e na habilidade de se relacionar com os outros. Esses aspectos interferem nas atividades sociais na escola ou com os amigos, comprometendo a qualidade de vida dessas crianças. O presente estudo prospectivo-longitudinal teve por objetivo examinar modelos de predição da qualidade de vida na fase pré-escolar, relacionada ao comportamento e à saúde mental, de crianças nascidas pré-termo, considerando-se os preditores clínicos, neurocomportamentais e psicossociais do período neonatal, o desenvolvimento psicomotor no primeiro ano e na fase pré-escolar e a história de saúde na fase pré-escolar. A amostra constituiu-se de 24 crianças com idade gestacional média de 33 semanas, que foram avaliadas na fase neonatal, no primeiro ano de vida e aos cinco anos de idade. Na fase neonatal, foram identificados os indicadores clínicos, psicossociais e do neurocomportamento (NAPI-Neurobehavior Assessement of Preterm Infant). No primeiro ano, foi avaliado o desenvolvimento psicomotor pelo Teste Denver II, TIMP-Teste of Infant Motor Performance e AIMS-Alberta Infant Motor Scale. Aos cinco anos, a qualidade de vida relacionada ao comportamento e à saúde mental foi avaliada por cinco domínios do Child Health Questionnaire-50 Parent Form (CHQ-PF50). Nessa mesma idade foi reaplicado o Denver II e analisada a história de saúde atual. O menor escore nos domínios do CHQ-PF50 representa pior qualidade de vida. Foram realizadas análises de correlação e Análise de Regressão Linear Múltipla com nível de significância de p≤0,05. O escore no Comportamento foi explicado em 26% pela área pessoal-social no Denver II avaliada na fase pré-escolar (β = -0,54). O escore na Avaliação global do comportamento foi explicado em 45% pela combinação do pessoal-social no Denver II na fase pré-escolar (β = -0,47) e da escolaridade do pai (β = 0,52). O modelo composto por tipo de parto (β = 0,59), ângulo poplíteo do NAPI na fase neonatal (β = -0,51) e número de cômodos na residência na fase pré-escolar (β = 0,27) explicou 60% do escore na Limitação social devido ao comportamento. O escore na Autoestima foi explicado em 75% pela combinação das variáveis estado civil dos pais (β = -0,51) e classificação econômica (β = 0,62) na fase pré-escolar. Não foi encontrado nenhum modelo de predição significativo para o domínio Saúde mental. Os achados do estudo mostraram que a qualidade de vida pode ser influenciada por múltiplos fatores de risco verificados em diferentes fases da trajetória do desenvolvimento. De modo que os fatores de risco associados aos piores índices de qualidade de vida relacionada ao comportamento foram os seguintes: maior tônus muscular em membros inferiores na fase neonatal, maior suspeita de atraso na área pessoal-social na fase pré-escolar, menor nível de escolaridade do pai, menor número de cômodos na residência, pais separados e pertencer à classe econômica mais desfavorecida na fase pré-escolar. Recomenda-se, em programas de follow-up de prematuros, a identificação desses indicadores de risco e manejo preventivo para neutralizar os efeitos negativos desses no desenvolvimento das crianças.

Apoio: CNPq

Palavras-chave: qualidade de vida; comportamento; pré-termo.

Nível: M

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PRODUÇÃO DE CARTILHA INFORMATIVA PARA PAIS ADOTANTES TARDIOS SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL. *Tatiane Alves Correia*; Susi Lippi Marques Oliveira (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Os pais que adotam crianças com idade acima de dois anos (adoção tardia) têm maior probabilidade de terem dificuldades e dúvidas para lidarem com a adaptação da criança à nova família. Em geral, estas dificuldades estão relacionadas à ausência de conhecimentos sobre aspectos do desenvolvimento infantil e às crenças equivocadas quanto à adoção tardia. Considera-se que uma alternativa para a superação deste tipo de dificuldade seja disponibilizar um material instrucional para pais adotantes contendo orientações sobre desenvolvimento infantil. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo principal elaborar uma cartilha para pais adotantes tardios contendo orientações para promoção do desenvolvimento infantil e adaptação das crianças e dos pais à situação de adoção, de forma a prevenir déficits no desenvolvimento da criança e a diminuir as chances de que tais crianças sejam devolvidas aos abrigos. Os objetivos específicos foram: obter uma avaliação da pertinência e suficiência das informações contidas em uma primeira versão da cartilha, tendo em vista incorporar as sugestões para o aprimoramento e elaboração de uma segunda versão da cartilha; obter uma avaliação da clareza e acessibildade da linguagem da segunda versão do material, buscando aperfeiçoar o material de acordo com as sugestões dadas, a fim de gerar uma versão final da cartilha. Participaram como examinadores e juízes da cartilha cinco professores que atuam com desenvolvimento infantil e três pais adotantes tardios. Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, a primeira versão do material informativo foi construída com base na literatura da área de desenvolvimento infantil, contendo o total de 26 tópicos sobre a temática. Tal versão foi submetida à análise de conteúdo e os dados obtidos foram tabulados e avaliados, buscando-se identificar pontos levantados por mais de um juiz, que traziam evidências de seu embasamento e coerência e/ou que possuíam nível de especificidade adequado. Tais pontos foram considerados na reformulação da cartilha, obtendo-se a segunda versão do material informativo que foi submetida à análise semântica. Após esta fase e a partir das sugestões consideradas pertinentes, a terceira e última versão da cartilha foi elaborada. Todos os tópicos da primeira versão do material receberam sugestões por parte dos juízes de conteúdo, sendo que a maior parte das alterações realizadas refere-se à inclusão de informações e à reformulação de sentenças. Dos três juízes semânticos, um colaborador sugeriu alterações em três tópicos, das quais duas foram consideradas pertinentes. Todos os pais participantes da pesquisa afirmam que indicariam a cartilha como forma de orientação para pais adotantes e que a cartilha teria ajudado no processo de adaptação da criança caso tivessem recebido o material no momento da adoção. Conclui-se que o estudo atingiu seus objetivos, construindo, avaliando e reconstruindo um material informativo dirigido a pais adotantes tardios sobre desenvolvimento infantil. Sugestões para pesquisas futuras incluem: análise do material informativo com um número maior de pais adotantes; avaliação e aprimoramento dos recursos didáticos do material; e avaliação da utilidade da cartilha como material de apoio para profissionais que orientem pais adotivos e pretendentes à adoção.

Desenvolvimento infantil, adoção, família

DES

PSICOLOGIA BASEADA EM EVIDÊNCIA NA REVISTA PSYCHOLOGY AND AGING: REVISÃO DA LITERATURA. *Carla Witter (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo-SP) e Alice Alexandra Soeiro Nunes Christofi** (Pós-Graduação Stricto Sensu em Psiquiatria – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo-SP).*

A revista científica é a forma mais convencional de divulgar a ciência que está sendo produzida em uma determinada área, como a da psicologia do envelhecimento. A análise da produção científica é fundamental para a avaliação da evolução do conhecimento e, consequentemente, verificar demandas e consolidação das pesquisas, assim como determinar diretrizes e fomentos para o avanço da ciência. O objetivo geral foi capturar e analisar os artigos publicados na Revista Psychology and Aging da Associação Americana de Psicologia (APA) sobre psicologia baseada em evidências. A revista é especializada no estudo do Envelhecimento na área da Psicologia, teve inicio em 1986 e sua periodicidade é quadrimestral.Os objetivos específicos foram investigar: tipo de estudo, tipo de metodologia, participantes e instrumentos, ano de publicação e temática. O material foi composto de 48 resumos de artigos, de 1986 até 2010, utilizando a expressão: evidence based. Foram analisados os resumos, desde o título até as palavras-chave com a metodologia de pesquisas de produção científica, sendo elaboradas fichas de registro para a tabulação dos dados, conforme a variável, como a temática, foi permitido mais de um registro por artigo. Os resultados permitem observar que no tipo de estudo apenas 8,33% eram de artigos de revisão da literatura, 4,16% de meta-análise e 87,51% eram de pesquisas, sendo 81,25% de pesquisas empíricas. Estas diferenças são estatisticamente significantes (χ2o= 18,75 ; p> 0,0001). Dos participantes, 54,16% eram de pesquisas com grupos, tanto de mulheres como de homens idosos, destes 85,41% foram com idosos de 65 anos ou mais. O material mais utilizado na coleta de dados foi o Exame Mini Mental (20,83%). O ano de 2007 (22,91%) foi o que mais publicou artigos com a expressão, seguido pelo de 2011 (12,5%). Os temas mais estudados foram: envelhecimento (54,16%), diferenças de idade (50%), habilidades cognitivas (25%), memória (18,75%) e prática baseada em evidência (14,58%). É possível concluir que houve um predomínio de pesquisas de campo, do tipo empírica, sobre a expressão evidence based com idosos de ambos os gêneros e acima de 65 anos de idade, com a maior utilização do Exame Mini Mental, no ano de 2007 e sobre o tema do envelhecimento. Também, conclui-se que os artigos publicados na revista Psychology and Aging revelam um avanço científico na área de Psicologia do Envelhecimento pela quantidade de pesquisas empíricas com diversos tipos de delineamentos, principalmente, do tipo experimental ou quase-experimental que permitem a verticalização do conhecimento científico na área.

Palavras-chave: gerontologia, revisão, metaciência.

P

DES

QUALIDADE DA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA: MICROREGULAÇÕES EM UMA SITUAÇÃO LÚDICA-LIVRE. *Rafaela Guilherme Monte Cassiano** (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP) e Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Pret, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

A qualidade da interação mãe-criança atua como variável preditora do desenvolvimento da criança, podendo moderar atenuando ou agravando efeitos negativos de fatores de risco para problemas de desenvolvimento. A interação mãe-criança pode ser influenciada tanto por caraterísticas maternas quanto por características da criança, constituindo-se em microregulações do desenvolvimento. A análise da observação sistemática da interação mãe-criança pode focalizar aspectos específicos do comportamento da criança ou da mãe, assim como a interação da díade. Em vista da importância da qualidade dessa interação são fundamentais esforços para a elaboração de instrumentos de análise dos intercâmbios dinâmicos da díade. O presente estudo teve por objetivo adaptar e validar um sistema de categorias de análise da interação mãe-criança em situação lúdica-livre. Participaram do estudo cinco mães e suas crianças, com idade entre 18 a 36 meses, idade média de 25,40 meses, nascidas a termo e saudáveis, de ambos os sexos (60% meninas). As mães eram biológicas, cuidadoras principais das crianças e não possuíam problemas de saúde mental avaliados pela Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-III –R Versão Não-Paciente. Na coleta de dados, foram realizadas observações sistemáticas em situação lúdica-livre em ambiente natural (domicílio), por 15 minutos e filmadas para posterior análise. As mães receberam a instrução de brincar com a criança utilizando os brinquedos disponíveis em casa e no local da casa em que costumam brincar. A análise de dados incluiu três sistemas de categorias de análise que avaliaram: a) inicio dos episódios de contato; b) dinâmica das atividades; c) padrões do brincar. Além de duas escalas que avaliaram: a) responsividade materna, sincronia, ritmo, intensidade, tom emocional e direcionamento da interação; b) entusiasmo, intrusividade, qualidade das direções, raiva ou frustração e qualidade do cuidado materno. As observações foram codificadas e analisadas por meio do programa Observer XT e os dados analisados em termos de estatística descritiva por meio do SPSS (versão 19.0). Obteve-se a concordância intra-observador, com coeficiente de Kappa de 0,80. Os resultados mostraram que o padrão de brincar mais frequente foi o Brincar Compartilhado (n=40%). A atividade que ocorreu com maior frequência em quatro observações foi à exploração de figuras, e apenas uma mãe não preparou o ambiente para a interação, não deixando brinquedos disponíveis. Os intercâmbios iniciados pela mãe tiveram a maior frequência em todas as observações. As atividades compartilhadas pela díade e as atividades realizadas pela criança com participação parcial da mãe foram as duas categorias predominantes, presentes em três observações. Destaca-se a dinâmica das atividades de uma díade em que houve pouca interação, pois 42% das atividades foram realizadas pela criança de forma independente da mãe. Os itens de Responsividade materna e Sincronia apresentaram um escore mediano de 5 e 4, respectivamente, em uma escala que varia de 1 a 7. Os achados do estudo mostraram que o sistema de análise da interação proposto envolvendo avaliação por meio das escalas e categorias são complementares, revelando aplicabilidade para a análise das microregulações da interação mãe-criança.

Interação mãe-criança, métodos de observação, brincar.

FAPESP e CNPq

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

QUALIDADE DAS RELAÇÕES CONJUGAIS EM FAMÍLIAS COM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN. *Nara Liana Pereira-Silva, Jaqueline Ferreira Condé de Melo*, Eduardo Mendes Silva*, Danielle Guimarães*, Amanda Espíndola Jerônimo*, Franciele Resende de Souza*, Priscila Rezende Silva*, Thales Tácito de Oliveira Almeida* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG)*

De acordo com a visão sistêmica, as relações ocorridas no subsistema marido-esposa influenciam, especialmente, aquelas ocorridas no subsistema genitores-criança. A literatura tem mostrado alto ajustamento conjugal em casais com filhos com deficiência intelectual, mas também, há estudos que apontam para alto índice de divórcio e discórdia marital entre os genitores de crianças com síndrome de Down. Esses dados demonstram a necessidade de mais investigação sobre esse tema, diante das implicações para o desenvolvimento dos filhos. O presente estudo teve o objetivo de caracterizar a qualidade das relações conjugais em famílias de crianças com síndrome de Down. Participaram 19 famílias com pai, mãe e criança(s), tendo uma delas o diagnóstico de síndrome de Down, residentes na cidade de Juiz de Fora. A média da idade das crianças foi 7 anos, sexo masculino (n=11) e feminino (n=8) e todas elas frequentavam a escola inclusiva ou especializada. A média da idade dos pais foi 44,8 anos e das mães 42,8 anos. A maioria dos pais completou o Ensino médio (n=7), seguido pela graduação (n=5), outros completaram (n=2) ou não (n=5) o Ensino fundamental. Já as mães, a maioria não completou o Ensino fundamental (n=6), seguido por aquelas que completaram a Graduação (n=5), o Ensino médio (n=4) ou o Ensino fundamental (n=4). A renda familiar teve uma média de 5,56 salários mínimos. O tempo de convivência entre os casais é de 15,9 anos. Esses casais têm 2 filhos, em média. As famílias foram visitadas nas suas residências, de acordo com a disponibilidade dos genitores para aplicação de questionário, entrevistas e Escala de Ajustamento Diádico. Os resultados do questionário mostraram que a mãe é a maior responsável pelos cuidados com o(a) filho(a) com síndrome de Down (57,9%). Ela leva o(a) filho(a) para a escola (42,1%), coloca-o(a) para dormir (42,1%) e lê/conta histórias (36,8%) com mais frequência que outros membros da família. Com o pai são compartilhadas as atividades de lazer (36,8%). Nessas famílias, as mães também são as maiores responsáveis por realizar as tarefas domésticas: limpar casa (52,6%), passar/lavar roupas (68,4%), cozinhar (78,9%). As crianças foram descritas pelos genitores como tranquilas (n=16) e carinhosas/amorosas (n=11), mas também, desobedientes (n=9) e irritadas (n=7). Quanto à qualidade da relação conjugal, verificou-se que a maioria dos casais (n=18) está em ajustamento, de acordo com o cálculo da pontuação na Escala de Ajustamento Diádico. Para serem classificados como desajustados ou em sofrimento em seu relacionamento conjugal, os participantes deveriam atingir 101 pontos ou menos, sendo que a média na EAD, para esses casais, foi 119,3 pontos. Não houve diferenças importantes entre os grupos, a média para as mães foi 120 pontos e para os pais, 118. Destaca-se que, apesar do tempo de convivência desses casais, esta variável não se correlacionou significativamente com os pontos da EAD. Ressalta-se que, nessas famílias, os dados a respeito do ajustamento dos casais não corroboram com a literatura na área. Sugerem-se mais estudos, com número maior de casais, no contexto brasileiro.

Palavras-chave: relações conjugais, famílias, síndrome de Down.

Programa de Apoio à Instalação de Doutores/PROPESQ/UFJF; PROVOQUE/UFJF; FAPEMIG.

DES

QUALIDADE DE VIDA AO LONGO DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. *Thiago Vinicius Monteleone, Caroline Leonor da Silva, Marcelo de Almeida Buriti, Marianna Barbosa Yamagchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

O presente estudo propõe discutir e verificar a qualidade de vida em adultos e idosos religiosos ou não. Entende-se por qualidade de vida, um bem-estar subjetivo provindo da somatória de todas as experiências do individuo. O homem, a partir de seu desenvolvimento, experiência sua vida de maneira singular de acordo com a fase da vida em que está no momento. Na fase adulta, este homem tende a acumular diversas práticas, mas sempre priorizando uma atividade produtiva. Já na fase mais tardia do desenvolvimento, os sujeitos, agora idosos, diminuem bruscamente suas vivências, ficando restritos, muitas vezes ao lar. Durante o processo de desenvolvimento, a prática religiosa tem sua freqüência diminuída na idade adulta, e aumentada na idade mais tardia. Tendo em vista estes aspectos, o objetivo geral deste estudo foi analisar a qualidade de vida ao longo do processo de desenvolvimento humano. Especificamente buscou-se verificar a qualidade de vida dos participantes, as alterações desta qualidade de vida entre os gêneros, entre adultos e idosos, e entre participantes religiosos ou não. Para isso, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, e após parecer positivo, foram coletados os dados. Participaram deste estudo 104 pessoas, residentes no Estado de são Paulo, que foram divididos em dois grupos, adultos e idosos, e posteriormente, subdivididos entre religiosos e não religiosos. Após consentimento, os participantes responderam um questionário de dados pessoais, e uma escala de avaliação da qualidade de vida (Whoqol-bref para os adultos e whoqol-old para os idosos). Os dados foram analisados estatisticamente, por meio do software estatístico BioEstat 5.0. Como resultados, pôde-se observar que, os participantes adultos obtiveram qualidade de vida com score 60,98, e os idosos 68,15. Não houve diferença estatisticamente significante ente os gêneros. Quanto aos adultos religiosos e não religiosos, não houve diferença estatisticamente entre os scores totais da qualidade de vida, já entre os idosos religiosos e não religiosos, houve grande diferença nos scores totais da qualidade de vida (75,78 para os idosos religiosos e 60,37 para os idosos não praticantes de religião). Estatisticamente esta diferença foi significativa. Com base nestes resultados, pôde-se concluir que, em média, tanto adultos e idosos obtiveram qualidade de vida equivalentes, sendo que entre os gêneros não ocorreram diferenças discrepantes. Nos adultos a prática religiosa parece não ter relação com a qualidade de vida, visto que esta não interferiu entre os adultos religiosos e não religiosos. Já os idosos religiosos apresentaram maior qualidade de vida quando comparados com os idosos não religiosos. Estes dois últimos dados mostram que na fase adulta, a prática religiosa pode ter pouca influência na vida em geral, visto que é apenas mais uma das práticas exercidas. Já na idade tardia, esta prática religiosa parece ter mais influência na qualidade de vida, visto que muitas vezes é a única prática socialmente exercida por esta população. Enfim, se fazem necessários mais estudos dentro desta temática.

Bem-estar, Envelhecimento, Religião.

DES

QUALIDADE DE VIDA DE IDOSAS DE UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA E DE UMA CASA DE REPOUSO. *Marianna Barbosa Yamaguchi (Universidade São Judas Tadeu)*

A velhice é uma das etapas do processo de envelhecimento, que como as outras fases da vida ocorrem ganhos e perdas, a qualidade dessas variáveis depende da interação entre o indivíduo, o ambiente e o contexto cultural. Este seguido de cuidados pode usufruir de uma velhice saudável, sendo atores de sua própria condição, podendo contribuir e acompanhar as transformações da sociedade. Objetivou-se analisar os aspectos positivos na velhice e levantar as perspectivas de vida dos idosos. Participaram da pesquisa 30 idosas a partir de 60 anos, das quais 15 residiam na Instituição de Longa Permanência (ILPI) Santa Cruz e 15 de um Centro de Convivência para Idosos Associação de Aposentados e Pensionistas e Idosos (AJAPI) na cidade de Campos do Jordão. Utilizou-se os instrumentos Whoqol-Abreviado e o Whoqol-Old. Os dados foram tabulados em uma planilha no Excel e os cálculos estatísticos realizados pelo programa Biostats 5.0, o nível de significância adotado foi de 0,05. As mulheres da ILPI têm em média 69,27±8,5 anos, 40% são casadas e viúvas e tem aproximadamente 3±2 filhos, 46,66% são analfabetas. Sobre a saúde 40% consideram como boa e todas disseram não trabalhar. Já as mulheres da AJAPI têm em média 70,8±8,4 anos e possuem uma média de 4±2,3 filhos, 60% são viúvas, 33,34% cursaram até o ensino fundamental, 70% não trabalham e 40% delas acham sua saúde boa e indiferente. Os resultados da aplicação do Whoqol-Abreviado mostraram que às idosas da ILPI apresentaram os scores sobre os domínios físico com 73,55, psicológico 68,06, relações sociais 65 e ambiente 71,25, o χo2 = 0,60 (p = 0,05 e n = 3). Em relação aos domínios do Whoqol-Old observou se que o funcionamento do sensório apresentou 70,42, autonomia 63,39, atividades passadas, presentes e futuras 70,42, participação social 65,83, morte e morrer 72,32 e intimidade com 54,17, χo2 = 3,41 (p = 0,05 e n = 3), nos dois casos foi verificado que não existia diferença estaticamente significante entre os domínios avaliados. Com as idosas da AJAPI em relação ao Whoqol-Abreviado apresentaram-se 68,81 no domínio físico, 69,44 no psicológico, 74,44 relações sociais e 69,17 ambiente, feita a análise o χo2 = 0,30. Nos resultados do Whoqol-Old os scores dos domínios foram 69,58 em funcionamento no sensório, 63,33 na autonomia, atividades passadas, presentes e futuras com 69,58, participação social com 66,25, morte e morrer 47,5 e intimidade 62,08, o χo2 = 5,36, seguindo o mesmo critério verificou-se que também não existe diferença estatisticamente, provavelmente as idosas dos dois grupos tenham representações semelhantes sobre qualidade e vida. Observou-se que os scores sobre os domínios avaliados são semelhantes o que pode apontar mais uma vez para uma avaliação subjetiva sobre a qualidade de vida, mesmo se tratando de grupos distintos, recomenda-se novas pesquisas com outros grupos de idosas em outras cidades e instituições.

Instituição de Longa Permanência, Satisfação com a vida, Velhice

CNPq/PIBIC

DES

QUALIDADE DE VIDA PERCEBIDA POR IDOSOS ATIVOS: AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA. *Sueli dos Santos Vitorino (Universidade São Judas Tadeu)*

Sabendo-se do crescimento mundial da população idosa e percebendo a necessidade de estudos que viabilizem o bem-estar psicológico nessa faixa etária, este trabalho teve como objetivo geral avaliar os efeitos de uma intervenção psicológica sobre a qualidade de vida (QV) levando em consideração os níveis de ansiedade/depressão e, subjetivamente, a percepção de qualidade de vida e de satisfação com a vida de idosos atendidos numa universidade particular na cidade de São Paulo. Após preenchimento do TCLE, os instrumentos foram aplicados para medir a ansiedade e a depressão (escalas de Beck), a qualidade de vida (WHOQOL-old), a satisfação com a vida (escala de satisfação com vida adaptada), antes e após a intervenção psicológica que foi realizada, em dois grupos que funcionaram paralelamente, durante 12 sessões, 20 idosos de ambos os gêneros iniciaram, dos quais 11 foram até o fim e avaliados pós-intervenção. Os principais resultados permitem aferir que a caracterização dos participantes revelou um perfil semelhante a diversos trabalhos publicados sobre idosos, tais como: maioria do sexo feminino, com idade média de 66 anos, viúvas, morando com outras pessoas (cônjuge ou filhos), com renda em torno de três salários mínimos. A intervenção psicológica foi qualitativamente positiva sobre a qualidade de vida de ambos os grupos de idosos atendidos no Projeto Sênior para a Vida ativa, pois ficou claro que todos os participantes conseguiram ter um olhar diferente para a própria vida, fato este que não lhes tinha ocorrido antes favorecendo sua vivência emocional. Quanto a analise, antes e após a intervenção, foi possível verificar que, no grupo, os níveis de ansiedade e de satisfação para com a vida, praticamente, mantiveram-se entre a pré e pós-intervenção. Já os níveis de depressão e a qualidade de vida tiveram ligeira melhora, apresentando esta resultados estatisticamente significantes nas facetas Presente Passado e Futuro, Participação Social e Intimidade. Na correlação entre os níveis de ansiedade e depressão com a satisfação e a qualidade de vida, antes e após a intervenção, foi verificada forte correlação (com diferença estatisticamente significante) entre Ansiedade e Depressão, Ansiedade e Qualidade de Vida e Satisfação com a vida na avaliação pré-intervenção. O que resultou diferença na avaliação pós-intervenção em que tiveram diferença estatisticamente significante somente Ansiedade e depressão e Ansiedade e Qualidade de Vida. É importante frisar que a pesquisa apresentada limitações devido à quantidade de idosos participantes da intervenção (n= 11), o que impede a generalização dos dados. Além disso, a complexidade da temática e das variáveis envolvidas não permitiu afirmar com precisão a eficácia da intervenção psicológica na qualidade de vida dos idosos, porém os resultados revelam, principalmente os qualitativos, que os encontros foram positivos, porque permitiram uma maior reflexão sobre aspectos da vida dos participantes. Dessa forma, conclui-se afirmando ser fundamental que sejam realizadas outras pesquisas sobre intervenção psicológicas com idosos, pois há uma lacuna na área da Psicologia no que se refere às pesquisas que envolvam intervenções psicológicas para promover o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos.

Gerontologia; Envelhecimento; Psicologia

Universidade São Judas Tadeu

DES

QUALIDADE DE VIDA, DESEMPENHO COGNITIVO E PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS NASCIDAS PREMATURAS E MUITO BAIXO PESO. *Juliana Aparecida Martini**, Gimol Benzaquen Perosa, Flavia Helena Pereira Padovani (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu-SP).*

Os avanços recentes na área de Obstetrícia e Perinatologia levaram a uma redução significativa nos índices de mortalidade infantil, e a altas taxas de sobrevida de crianças nascidas prematuras. No entanto, não se verificou o mesmo impacto na redução das sequelas durante o desenvolvimento, e as consequências para a qualidade de vida da criança, tanto na infância como na adolescência e idade adulta. Há relatos na literatura que associam prematuridade com sequelas físicas e psicossociais, aumentando a chance de problemas comportamentais e cognitivos, especialmente na idade escolar. Entretanto os resultados não são conclusivos e poucos estudos associam esses déficits com qualidade de vida. O presente estudo teve por objetivo avaliar a qualidade de vida de crianças nascidas prematuras, em idade pré-escolar e escolar, e avaliar sua associação com condição de nascimento, socioeconômicas, desempenho cognitivo e comportamental. Para tanto, foram utilizadas a escala AUQEI (Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé), respondida pela criança e pela mãe, e HUI 3 (Health Utility Index 3), respondida pela mãe, para avaliação da qualidade de vida; CBCL (Child Behavior Checklist) para avaliação do comportamento; WISC e WIPPSI (Wechsler Intelligence Scale) para avaliação cognitiva. Das 57 participantes, com idade variando de 5 a 8 anos 33,3% eram extremo baixo peso e 75,4% prematuras extremas. Na avaliação cognitiva, 56,1% das crianças tiveram desempenho cognitivo de regular a superior, 22,8% eram limítrofes e 8,8 intelectualmente deficientes. Com relação ao comportamento 36,8% apresentavam problemas, especialmente de ansiedade (19,5%) e hiperatividade e atenção (21,1%). Quanto á qualidade de vida avaliada pela AUQEI, 47,4% das crianças auto-relataram que ela estava prejudicada, mas na HUI, respondida pelos pais, a mediana foi de 0,93, considerada boa em escala que varia de 0 a 1,00. Houve relação significativa entre escolaridade materna, reinternação no primeiro ano de vida e desempenho cognitivo. Houve, também, associação significativa entre desempenho cognitivo e problemas comportamentais, mais especificadamente TDAH (Hiperatividade e Déficit de Atenção). Com relação à qualidade de vida, ela esteve associada com algumas variáveis sociodemográficas: idade e ocupação materna, escolaridade da criança e sua reinternação no primeiro ano de vida. Houve forte associação também com desempenho cognitivo e problemas comportamentais. A partir disso, observa-se que a reinternação no primeiro ano de vida esteve relacionado ao pior desempenho cognitivo e maiores problemas comportamentais. A reinternação no primeiro ano de vida pareceu ser um indicador importante de possíveis deficiências cognitivas e comportamentais na idade escolar. Conclui-se que a qualidade de vida de crianças nascidas prematuras teve uma associação direta com seu desempenho cognitivo e comportamental sinalizando para necessidade de implementar intervenções terapêuticas e educacionais que minimizem as consequências negativas decorrentes da condição adversa de nascimento, quando do ingresso da criança na escola.

Prematuridade, Qualidade de vida, Desenvolvimento infantil

DES

QUEIXAS E HIPÓTESES DIAGNÓSTICAS DAS CRIANÇAS QUE UTILIZAM OS SERVIÇOS DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA. *Mariajosé Louise Caro Schulz*, Josiane da Silva Delva da Silva** (Universidade do Vale do Itajaí)*

Os problemas de comportamento na infância têm sido relatados como uma das queixas mais encontradas nas clínicas-escolas do Brasil, constituindo-se um desafio para os profissionais da área de Saúde Mental. Neste trabalho, objetivou-se caracterizar o perfil crianças de 3 a 10 anos de idade atendidas em uma clínica–escola de Psicologia em uma cidade de Santa Catarina em 2007. A pesquisa é caracterizada como documental, exploratória e descritiva. Os dados desta pesquisa foram levantados junto às triagens da população atendida analisando as variáveis referentes a identificação da população quanto a idade, sexo, escolaridade, configuração familiar e posição ocupada pela criança na prole; queixas que motivaram a procura pelos serviços da clínica-escola categorizadas em comportamentais (agitação, agressividade, hiperatividade, rebeldia, entre outras), afetivo-emocionais (angústia, ansiedade, depressão, nervosismo, entre outras), escolares (dificuldade escolar, falta de interesse na escola, queda no rendimento escolar, entre outras), relacional (isolamento, timidez, problemas familiares, dependência à mãe, entre outras), cognitivas (desatenção, falta de interesse, problemas de aprendizagem, entre outras), fisiológica (alteração de peso, encoprese, enurese, insônia, estresse, etc.) e outras (manias de limpeza, alucinações, crise noturna, entre outras) bem como as hipóteses diagnósticas. Os dados coletados receberam tratamento através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Como resultados foram atendidas um total de 89 crianças em 2007, destacam-se sujeitos com idades entre 8 e 10 anos, predomínio de meninos (68%) seguido por 23% de meninas. Quanto ao nível de escolaridade há uma maior incidência das crianças na quarta-série, em seguida crianças oriundas da segunda-série e da Educação Infantil. Os dados referentes à configuração familiar indicam uma prevalência de crianças procedentes de família nuclear (56,9%), seguida de crianças em que a mãe é o chefe de família (15,2%), e de famílias reconstituídas (13,8%). Os dados referentes à posição ocupada pela criança na prole revelam uma concentração maior de filhos únicos (34,7%) e dos filhos mais novos (34,7%) seguido pelos primogênitos (19,4%) na procura pelos serviços de psicologia. Os resultados encontrados indicam que entre as queixas mais relatadas encontram-se as Queixas comportamentais (32,6%), Queixas afetivo-emocional (18,7%) e Queixas escolares (13,8%). Foram encontradas 27 tipos de hipóteses diagnósticas, das quais destacam-se Problemas de Relacionamento entre Pai/Mãe-Criança totalizando 20,9%, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade 17,1% e os Transtornos de Aprendizagem 12,3% da população que procura atendimento nos serviços de saúde mental em 2007. Conclui-se com base nestes dados, que se deve repensar o planejamento de políticas públicas para o desenvolvimento de programas com foco no treinamento e orientação de pais, com a finalidade de promover habilidades sociais educativas como forma de prevenção e redução de problemas de comportamento infantil.

Criança; Clínica-escola; Problemas de comportamento.

Bolsa do Governo do Estado de Santa Catarina

DES

RELAÇÃO ENTRE REGRESSÃO DA LINGUAGEM E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOMUNICATIVO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. *Maíra Ainhoren Meimes, Bárbara Backes**, Regina Basso Zanon**, Cleonice Alves Bosa** (Nieped, Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) caracteriza-se por comprometimentos sociocomunicativos, assim como pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. Portanto, alterações na aquisição e no desenvolvimento da linguagem são comuns em indivíduos com TEA. Nesse sentido, em alguns casos do transtorno, pode ser observada a perda de habilidades linguísticas recém-adquiridas, fenômeno denominado "regressão da linguagem". Estudos têm demonstrado que esse fenômeno se apresenta como um fator de risco para o desenvolvimento posterior de indivíduos com TEA, mas esse achado ainda é controverso. Assim, esta pesquisa teve como objetivo investigar o efeito da regressão da linguagem no desenvolvimento sociocomunicativo posterior de crianças pré-escolares com TEA. Mais especificamente, objetivou-se comparar o desenvolvimento sociocomunicativo de dois grupos de crianças com o transtorno, com e sem regressão da linguagem. Essa pesquisa utilizou um banco de dados internacional composto por crianças com TEA em idade pré-escolar, que foram atendidas no Cincinnati Children`s Medical Center, em Ohio, entre 2008 e 2009. Um dos grupos foi composto por crianças com diagnóstico de transtorno autista com histórico de regressão das habilidades de linguagem (Grupo 1, n= 6) e o outro por crianças com o mesmo diagnóstico, porém sem histórico de regressão (Grupo 2, n= 24). Os grupos foram equiparados por sexo, raça e nível de linguagem. A regressão da linguagem foi investigada com base nos itens 11 a 19 da Autism Diagnostic Interview-Revised e o efeito desta no desenvolvimento sociocomunicativo a partir do Autism Diagnostic Observation Schedule. A média dos escores finais do ADOS, nas dimensões de interação social e comunicação separadamente, bem como no total somado de ambas as dimensões, foi comparada entre os dois grupos. Das 30 crianças participantes do estudo, 6 (20%) apresentaram regressão da linguagem, sendo a média de idade de início da perda de 25 meses (DP= 6,19) e a duração média de 16,3 meses (DP= 4,24). Não se observaram diferenças estatisticamente significativas, quanto ao desenvolvimento sociocomunicativo, entre os grupos com e sem regressão da linguagem. Embora esse resultado esteja em consonância com investigações anteriores, é necessário salientar que o número reduzido de participantes com regressão da linguagem pode ter influenciado o efeito encontrado. De qualquer forma, fica evidente que se fazem necessárias novas investigações acerca dos efeitos da regressão no desenvolvimento posterior de indivíduos com TEA, por se tratar de um fenômeno ainda pouco compreendido, especialmente em termos teóricos. Desse modo, ressalta-se a importância de que pesquisas futuras nessa temática fundamentem seus achados teoricamente, o que pode ser alcançado a partir do prisma da psicologia do desenvolvimento, mais especificamente através da abordagem sociopragmática.

Transtorno do Espectro Autista, regressão da linguagem, linguagem.

CAPES

DES

RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM REFERENTE AOS ESTADOS MENTAIS E COMPETÊNCIA SOCIAL: UM ESTUDO COM ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS. *Renata de Lourdes Miguel da Silva, Marisa Cosenza Rodrigues (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

O desenvolvimento sociocognitivo constitui um campo de pesquisas em emergência. Neste contexto, inserem-se estudos que investigam as possíveis relações entre a linguagem referente aos estados mentais e o desenvolvimento social infantil. A literatura tem sugerido que o aprimoramento da linguagem mentalista relaciona-se a uma melhor compreensão e inserção da criança no mundo social. A presente pesquisa objetivou avaliar a atribuição de estados mentais e a competência social, bem como verificar possíveis diferenças quanto ao sexo e escola, em alunos do primeiro ano do ensino fundamental de duas escolas públicas de uma cidade da zona da mata mineira. Participaram 85 crianças, com média de idade de 83 meses, sendo 43 alunos de uma escola de periferia e 42 de uma escola localizada na área central da cidade. Após procedimentos éticos, utilizou-se um livro com narrativa por imagem, para avaliar a atribuição de estados mentais e a escala de avaliação das habilidades sociais (SSRS-BR), para avaliar a competência social pela ótica da criança e do professor. A coleta de dados foi realizada individualmente na própria escola, sendo solicitado à criança que contasse uma história a partir de um livro, bem como respondesse às questões da escala referida, sendo esta última também respondida pelos professores. As narrativas foram gravadas, transcritas e analisadas. Os relatos infantis foram codificados em: termos cognitivos, emocionais, desejo/intenção e perceptivos. Os dados foram tabulados e analisados mediante estatística descritiva e inferencial (teste t de Student). Em relação à atribuição de estados mentais, os resultados indicam frequência expressiva dos termos de desejo/intenção, seguindo-se dos termos emocionais, cognitivos e perceptivos. Os dados sugerem que os participantes apresentam uma linguagem mentalista mais aprimorada, visto que atribuíram com maior frequência termos mais elaborados, como os de desejo/intenção na comparação com os termos perceptivos, considerados mais primários. Quanto à comparação por escolas, a escola da região central obteve melhores médias em todas as categorias de termos mentais, evidenciando-se, contudo, significância apenas para os termos emocionais ($p=0,012$). Quanto à comparação por sexo, evidenciou-se que na categoria termos de desejo/ intenção as meninas foram significativamente melhores que os meninos ($p= 0,002$); já em relação aos termos perceptivos, os meninos obtiveram médias maiores do que as meninas ($p= 0, 007$). No que se refere à competência social, não foi encontrada diferença significativa na autoavaliação, no entanto evidenciou-se diferença estatística na avaliação realizada pelo professor ($p= 0,001$). Tais dados sugerem que a avaliação feita pelo professor mostrou-se mais sensível para captar diferenças quanto à competência social infantil. Tanto na avaliação do professor quanto na autoavaliação, as crianças participantes tenderam a ser consideradas como socialmente competentes. A comparação quanto ao sexo também evidenciou significância somente na avaliação dos professores ($p< 0,001$), as meninas foram descritas como socialmente mais competentes do que os meninos. Os dados obtidos sugerem que escola e sexo constituíram variáveis importantes, tanto para o desenvolvimento da linguagem quanto para a competência social. Tais dados condizem com a literatura que sustenta a relevância de fatores relacionados às experiências individuais e culturais para o desenvolvimento sociocognitivo infantil.

Desenvolvimento sociocognitivo; linguagem; competência social.

Capes

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TEMPERAMENTO E COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO. *Sofia Gracioli**; Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

Crianças nascidas pré-termo podem apresentar riscos para problemas de desenvolvimento e comportamento. Quanto maior o risco clínico neonatal, maior a probabilidade de ocorrência de problemas. O temperamento, e sua relação com o comportamento, têm sido pouco explorados em estudos sobre o desenvolvimento de crianças nascidas pré-termo. Na abordagem teórica de Rothbart, o temperamento é definido como diferenças individuais de base constitucional, envolvendo os processos de reatividade e auto-regulação, assim como os domínios do afeto, atividade e atenção. Este modelo traz contribuições relevantes para a compreensão dos processos regulatórios do desenvolvimento de crianças em condição de risco. O presente estudo teve por objetivo examinar indicadores de temperamento e comportamento na fase de 18 a 36 meses de crianças nascidas prematuras (<37 semanas de idade gestacional). A amostra foi composta por 11 crianças (idade média=24 meses; idade gestacional média=27), de ambos os sexos, nascidas e seguidas longitudinalmente em um programa de folow-up de prematuros em um hospital público universitário,. O temperamento das crianças foi avaliado por meio do Early Childhood Behavior Questionnaire (ECBQ), que envolve os fatores de Afeto Negativo, Extroversão e Controle com esforço e os diferentes domínios. Os escores são atribuídos na escala de Likert que varia de 1 a 7. O comportamento foi avaliado pelo CBCL Child Behavior Checklist 1 ½ - 5 em termos de escores de problemas de comportamento total, de internalização e externalização, e suas diferentes escalas. Os dois questionários foram aplicados em entrevistas com a mãe. Os dados foram quantificados e analisados em termos de estatística descritiva, utilizando-se o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 19.0). Os achados do estudo mostraram que as crianças nascidas prematuras com relação ao temperamento apresentam escores mais altos no fator de Extroversão (escore mediano=5,6), sendo as dimensões que se encontram em destaque dentro deste domínio de Prazer de Alta intensidade, Impulsividade e Sociabilidade. No fator Controle com esforço o escore também foi alto (escore mediano=5,2) e as dimensões em destaque foram: Prazer de baixa intensidade, Aconchego e Focalização da Atenção. O fator Afeto negativo teve escores mais baixos com relação aos demais. Com relação aos comportamentos as crianças prematuras apresentaram tanto problemas externalizantes (escore mediano=64) (comportamento agressivo e problemas de atenção), quantos os internalizantes (escore mediano= 61) (reação emocional, queixas somáticas e retraimento). Os achados indicam risco para problemas de comportamento com padrões tanto externalizantes quanto internalizantes, porem com indicadores de recurso no processo de regulação do comportamento, se considera controle com esforço do temperamento. O estudo do comportamento associado ao temperamento permite uma melhor compreensão dos processos regulatórios do desenvolvimento de crianças nascidas prematuras em condição de vulnerabilidade.

Palavras-chave: prematuridade extrema; temperamento; comportamento.

M

Capes, Cnpq

DES

TEMPERAMENTO EM CRIANÇAS DO NASCIMENTO ATÉ A IDADE ESCOLAR: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Aline Limiéri Dualibe*; Rafaela Guilherme Monte Cassiano** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP); Maria Beatriz Martins Linhares (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

Temperamento é definido pelas diferenças individuais na reatividade e autorregulação, tendo uma composição biológica e podendo ser influenciado pelo ambiente, o que possibilita sofrer mudanças pelas experiências individuais ao longo do tempo. Atualmente a abordagem psicobiológica de Rothbart tem sido amplamente utilizada no estudo do temperamento. O presente estudo tem por objetivo revisar a literatura indexada e atualizada, publicada nos últimos três anos(?), sobre o tema temperamento de crianças, considerando o período do nascimento até a idade escolar, de acordo com a abordagem psicobiológica de Rothbart. O estudo visa atender às seguintes questões: a) Quais as idades mais pesquisadas?; b) Quais os procedimentos utilizados para mensurar o temperamento?; c) Quais os principais resultados encontrados? Foi realizada uma revisão sistemática de estudos empíricos publicados em inglês nos últimos três anos e indexados nas bases de dados PubMed e PsycINFO. As palavras- chave combinadas foram as seguintes: (Temperament) AND (Infant, Newborn OR Preschool Child) AND (Humans); (Temperament) AND (Early Chilhood OR Kindergarten OR Preschool Education OR Primary Education). Foram excluídos artigos de revisão, metanálise e com objetivos psicométricos. Os principais resultados encontrados, do total de 26 artigos revisados, foram estudos feitos predominantemente com crianças norte-americanas (40%) e européias (35%), além de uma predominância dos estudos feitos com crianças na idade pré-escolar. O instrumento mais utilizado para avaliar o temperamento foi o CBQ (Children's Behavior Questionnaire), como era de se esperar pela idade mais pesquisada. A maioria dos estudos avaliou o temperamento da criança por meio hetero-relato, sendo as mães as principais informantes. Os estudos associaram o temperamento com indicadores biológicos; problema de crescimento fetal associou-se com hiperatividade aos 7-9 anos, que foi mediada pelo Controle com Esforço. Menor volume ventricular cerebral na fase neonatal associou-se com maior escore em Raiva e Nível de atividade, aos 5-6 meses. O temperamento mostrou associação também temperamento com problemas de comportamento; houve relação entre fatores do temperamento (extroversão) e problemas de comportamento externalizantes (agressividade e hiperatividade) e internalizantes, aos 4-6 anos. O temperamento também O associou-se ao desempenho escolar; quanto maiores os escores em Atenção e Nível de atividade aos 4 anos, melhor foi o desempenho em leitura e matemática na 3ª série. Verificou-se um efeito moderador do suporte emocional na classe para atenuar os efeitos dos problemas de atenção e nível de atividade das crianças. Além disso, características dos pais também se relacionaram com o temperamento das crianças; quanto menor o nível de escolaridade, menos qualificado ocupacionalmente e menor renda dos pais, maiores foram os Nível de atividade e Medo no temperamento das crianças. Os achados da revisão mostram a relevância do estudo do temperamento nas fases iniciais de desenvolvimento, ampliando a compreensão de disposições pessoais relacionadas a este constructo nas relações com variáveis biológicas e do contexto social.

Agência financiadora: CNPQ; FAPESP

Palavras chave: temperamento; crianças; revisão

IC

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TEMPERAMENTO INFANTIL: INFLUÊNCIA DO NASCIMENTO PREMATURO E DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS. *Rafaela Guilherme Monte Cassiano** (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Luciana Cosentino-Rocha; Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

A abordagem Psicobiológica de Rothbart demonstra a importância do temperamento infantil na formação da personalidade e no desenvolvimento humano. O temperamento pode atuar como variável moderadora dos efeitos negativos dos fatores de risco biológico e psicossocial. Os traços de temperamento têm alta relação com problemas de comportamento. O nascimento prematuro e as baixas condições socioeconômicas são fatores de risco que aumentam a probabilidade de problemas em diferentes áreas do desenvolvimento. O presente estudo avaliou o efeito direto ou interativo do nascimento prematuro e das condições socioeconômicas no temperamento de crianças, na fase de 18 a 36 meses. A amostra do estudo foi composta por 86 crianças (idade média= 26 meses; 52% meninos), distribuídas em dois grupos de crianças nascidas pré-termo (< 37 semanas de idade gestacional; n=48) e nascidas a termo (≥ 37 semanas de idade gestacional; n= 38). Além disso, era constituída por três grupos de acordo com a classificação socioeconômica, avaliada pelo Critério de Classificação Econômica Brasil, a saber: Classe A e B (n= 18), Classe C (n= 45) e Classe D (n= 23). O temperamento infantil foi avaliado por meio do The Early Childhood Behavior Questionnaire (ECBQ), instrumento de hetero-relato em que se atribui um valor aos itens em uma escala de Likert que varia de 1 (nunca) a 7 (sempre). Os questionários foram aplicados em entrevistas com as mães. Os dados foram quantificados e analisados por meio do SPSS (versão 19.0). Foi realizada uma análise de variância fatorial 2 X 3 (Pré-termo/Termo X Classificação Socioeconômica A/B, C e D) para testar o efeito direto ou interativo das variáveis independentes nas variáveis dependentes do temperamento (fatores e dimensões). Foi adotado o nível de significância estatística de p≤ 0,05. Os resultados mostraram que, com relação às dimensões do temperamento, houve o efeito direto da prematuridade em duas dimensões; as crianças prematuras apresentaram significativamente maiores escores na Ativação Motora e menores escores no Aconchego do que as crianças nascidas a termo. Por outro lado, houve o efeito direito das condições socioeconômicas no fator Afeto Negativo e em seis dimensões do temperamento. As crianças com piores condições socioeconômicas (classe D) apresentaram maiores escores no fator Afeto Negativo e nas dimensões Medo, Frustração, Ativação Motora, Sensibilidade Perceptual e Tristeza, assim como menor escore no Controle Inibitório, em comparação com as crianças das demais classes. Finalmente, verificou-se um efeito interativo entre a prematuridade e as condições socioeconômicas na dimensão Nível de Atividade; as crianças prematuras da classe D apresentaram significativamente maiores escores nessa dimensão em relação às crianças prematuras das classes A, B ou C e as crianças nascidas a termo de todas as classificações socioeconômicas. Os achados mostram que tanto o risco biológico da prematuridade quanto o risco psicossocial podem afetar os traços de temperamento, sugerindo a necessidade intervenções preventivas para atenuar o impacto negativo destes riscos no desenvolvimento e comportamento das crianças.

Temperamento; impacto socioeconômico; nascimento prematuro.

FAPESP, CNPq e CAPES

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRANSFORMAÇÕES NO ENVOLVIMENTO PATERNO AO LONGO DOS SEIS PRIMEIROS MESES DO BEBÊ NA CRECHE. *Marília Reginato Gabriel, Marília Reginato Gabriel, Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

Esta dissertação investigou o Envolvimento Paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche. Baseado no conceito de Envolvimento Paterno, buscou-se investigar as transformações na Interação, Disponibilidade e Responsabilidade dos pais sobre seus bebês com a entrada na creche. Para tanto, por meio de um estudo de caso coletivo de caráter longitudinal, 4 pais (com idades entre 32 e 36 anos) responderam a entrevistas estruturadas em 3 momentos de coleta de dados, a saber: entrada do bebê na creche, um mês após a entrada e 6 meses após o ingresso na creche. Os participantes fazem parte da pesquisa intitulada "Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança" – CRESCI. O CRESCI tem como objetivo geral investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de bebês do primeiro ao segundo ano de vida. Mais especificamente, a pesquisa objetiva comparar, ao longo desse período, crianças que frequentam e não frequentam a creche, buscando relacionar a qualidade dos ambientes institucional e familiar ao desenvolvimento infantil. A partir da análise de conteúdo qualitativa dos dados, dois aspectos relacionados às transformações no envolvimento do pai se destacaram: (a) o desenvolvimento do bebê e (b) a entrada na creche. Observou-se que a creche e o desenvolvimento do bebê são aliados do pai no retorno às suas atividades, principalmente ao trabalho. A creche possibilitou que o pai dedicasse o tempo em que o bebê está na instituição para realizar atividades pessoais, para ficar mais tempo no trabalho e, até mesmo, conseguir ficar somente com a esposa por algumas horas. Em tempos de um envolvimento considerável do pai com o bebê, a creche pôde ser entendida como um terceiro membro na relação pai-bebê, que libera o pai para a realidade do mundo externo (trabalho, relação conjugal). Além disso, o pai passou a interagir menos de acordo com os aspectos maternos da interação, uma exigência que vai muitas vezes além das suas capacidades. A respeito do envolvimento paterno com a creche, ao contar com um cuidado alternativo, exige-se do pai que este se envolva com as atividades relacionadas à instituição, tais como se comunicar com as educadoras, buscar e levar o filho, arrumá-lo para a ir à creche. Entende-se que o envolvimento do pai em atividades indiretas, mas que dizem respeito ao filho, é um importante indicativo de como o pai se envolve com o próprio bebê. Além do mais, essas atividades indiretas são essenciais para a execução das tarefas diretas, muitas vezes desempenhadas pela mãe. Destaca-se como motivação para o envolvimento paterno nesta etapa inicial, a necessidade de incluir aspectos próprios da interação paterna no desenvolvimento emocional do infante. Será no decorrer deste período, que os aspectos paternos começarão a ser discriminados pela criança, sendo que as falhas paternas podem ser tão graves quanto as maternas. O presente estudo mostra a importância de se levar em consideração as necessidades e capacidades do pai que está envolvido no cuidado ao bebê.

Envolvimento paterno; paternidade; creche.

CAPES

DES

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: PERFIL SOCIOCOMUNICATIVO DE CRIANÇAS COM E SEM REGRESSAO DE LINGUAGEM. *Maira Ainhoren Meimes;Barbara Backes; Regina Basso Zanon; Renata Giuliani Endres; Cleonice Alves Bosa (Nieped, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre / RS)*

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se pela presença do desenvolvimento atípico na interação social e comunicação, bem como pelo repertório restrito de atividades e interesses. Mais especificamente com relação à linguagem, alterações na aquisição e no desenvolvimento desta são comuns em indivíduos com TEA. Atualmente, o denominado fenômeno da regressão da linguagem em crianças com TEA tem sido foco de estudos e pesquisas na área. Este fenômeno tende a ser definido como uma cessação bastante acentuada de habilidades linguísticas previamente adquiridas, como por exemplo, a perda de palavras adquiridas no final do primeiro ano de vida. Uma das preocupações dos investigadores tem sido o impacto da regressão da linguagem no desenvolvimento subsequente em crianças com este diagnóstico, cujos resultados dos estudos têm se mostrado controversos. Este panorama aponta para a necessidade de maiores investigações nesta área. Neste sentido, este estudo teve por objetivo comparar, qualitativamente, o perfil sociocomunicativo de duas crianças com TEA, tendo uma o histórico de regressão da linguagem e outra não. Mais especificamente, buscou-se examinar se a criança com regressão da linguagem apresentou um perfil sociocomunicativo mais atípico que o da criança sem regressão. Participaram do estudo, dois meninos com diagnostico de TEA, com idades de 5 e 5,4 anos, avaliados com base no Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) e Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS). O delineamento utilizado foi um estudo de caso coletivo transversal do tipo exploratório. Realizou-se uma análise descritiva dos itens do ADOS as quais foram relacionadas qualitativamente com algumas informações concernentes ao ADI. Os resultados demonstraram que a criança com histórico de regressão de linguagem apresentou um perfil de habilidades sociocomunicativas menos atípico, em comparação com a criança sem este histórico. Por exemplo, a criança com histórico de regressão apresentou mais responsividade comunicativa. Além disso, apresentou melhor habilidade em responder quando chamada pelo nome, utilizando-se inclusive do contato visual. Já na criança sem regressão isto não ocorreu, uma vez que ela não respondeu quando chamada pelo nome, bem como apresentou comunicação orientada, em sua maior parte, apenas para buscar assistência, sem responsividade. Neste caso, a regressão parece não ter se revelado um fator de risco para o desenvolvimento subseqüente desta criança em particular. Especula-se que este resultado possa decorrer da época em que a perda ocorreu (16 meses), isto é, em um período posterior a aquisição das habilidades sociocomunicativas básicas. Neste caso, esta etapa pode ter sido um possível fator protetivo na perda subsequente. Ainda, discute-se se a ocorrência da regressão da linguagem possa ser um fenômeno em potencial para o diagnóstico precoce de autismo, caso se consiga identificá-lo como algo específico dos TEA. Para futuras pesquisas sugere-se a implementação de estudos de delineamento prospectivos e longitudinais, que acompanhem o desenvolvimento da criança ao longo do tempo.

Transtorno do Espectro Autista, regressão da linguagem, linguagem

CAPES

DES

USOS DE BRINQUEDOS E MODALIDADES DO BRINCAR DE CRIANÇAS NA FAIXA ETÁRIA DE 1 A 3 ANOS EM CONTEXTO DE CRECHE. *Keilla Rebeka Simões de Oliveira*; Fabíola de Sousa Braz Aquino**; Clara Raíssa Fernandes de Melo* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB)*

O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil tem sido destacado em uma série de estudos e pesquisas no campo do desenvolvimento e da aprendizagem. Em geral, os estudos nessa área convergem para a ideia de que a brincadeira é a principal atividade da infância, por favorecer situações nas quais as crianças testam suas habilidades, exercitam suas potencialidades e lidam com interações sociais, elaborando estratégias e resolvendo conflitos. A perspectiva sociocultural compreende o brincar como a forma que as crianças interpretam e assimilam o mundo. O próprio uso dos brinquedos possibilita o aprendizado das formas de ser e pensar da sociedade. O brinquedo seria uma representação da realidade, mediando às relações das crianças com a sociedade, e das próprias crianças entre si. Neste sentido, o objetivo do estudo foi identificar as possíveis variações nos usos dos brinquedos e tipos de brincadeiras em crianças nos três primeiros anos de vida, e discutir a importância do brinquedo para o desenvolvimento infantil, levando em conta a relevância do ato de brincar e do uso de brinquedos para o desenvolvimento global infantil. Participaram da pesquisa nove crianças, na faixa etária relativa aos três primeiros anos de vida; para cada idade foram realizadas três observações, em três instituições de educação infantil. Os dados coletados foram transcritos e posteriormente analisados qualitativamente através da descrição o mais minuciosa possível das interações das crianças com as demais e com os brinquedos. As interações videogravadas foram divididas em três tipos de episódios ou contextos interativos de análise: diádicos, triádicos e polidiádicos. Nos três contextos interativos, o brincar se configurou de diferentes maneiras: convencional, não convencional, exploratório e simbólico. No grupo de crianças de um ano foram observados 10 episódios de arranjos interativos diádicos, 15 triádicos e 6 polidiádicos. No grupo de crianças de dois anos foram observados 2 episódios de arranjos interativos diádicos, 9 triádicos e 9 polidiádicos. No grupo de crianças de três anos foram observados 2 episódios de arranjos interativos diádicos, 13 triádicos e 7 polidiádicos. Com relação à configuração do brincar nos três grupos de idade, também se pôde observar uma variação nas modalidades do brincar e uso dos brinquedos. No grupo de crianças de um ano foram observados 13 episódios de brincar convencional, 5 episódios de brincar não convencional e 7 episódios de brincar exploratório. No grupo de crianças de dois anos foram observados 9 episódios de brincar convencional, 3 episódios de brincar exploratório e 11 episódios de brincar simbólico. No grupo de crianças de três anos foram encontrados 8 episódios de brincar convencional e 14 episódios de brincar simbólico. Diante do exposto, pode-se perceber que a criança se relaciona de forma diferente com o brinquedo em cada período de seu desenvolvimento. Além disso, os contextos específicos de interação criados nos espaços coletivos tais como os da creche, bem como a participação do adulto e do tipo de brinquedo, tem impacto no aprendizado e desenvolvimento, desde os anos iniciais da vida das crianças.

Brinquedos e brincadeiras; desenvolvimento infantil; perspectiva sociocultural

Programa Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC/CNPq/UFPB

DES

VENDO A MENTE COM OUTROS OLHOS: UM ESTUDO SOBRE TEORIA DA MENTE E EMPATIA EM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL.

Debora de Hollanda Souza, Camila Alves Ferreira Cerminaro, Debora de Hollanda Souza (Universidade Federal de São Carlos)

A teoria da mente permite que as pessoas sejam capazes de interpretar e prever suas ações e as de outras pessoas. A empatia, por sua vez, é uma habilidade que permite interpretar o que os outros sentem através de suas ações. Essas habilidades são desenvolvidas através da comunicação das crianças com o mundo que as cerca. A visão é uma importante via para explorar o ambiente e obter conhecimento sobre ele, mas está prejudicada em crianças com deficiência visual (DV). De fato, há na literatura evidências de que as crianças com deficiência visual apresentam atrasos no desenvolvimento da teoria da mente. Com relação à empatia, a literatura indica que crianças cegas e videntes apresentam mais semelhanças do que diferenças no repertório empático e de identificação de sentimentos. O presente estudo teve como objetivo, portanto, explorar o desenvolvimento dessas habilidades em uma amostra de crianças com DV. Além disso, buscou-se compreender o trabalho realizado em uma instituição especializada no atendimento a essa população e frequentada pelas crianças participantes. Mais especificamente, o objetivo era avaliar se o trabalho realizado fomenta o desenvolvimento sociocognitivo destas crianças. Quatro crianças entre 9 e 12 anos, seis profissionais da instituição, responsáveis pelas atividades realizadas no local e a coordenadora pedagógica da instituição participaram do estudo. Para avaliação das habilidades empáticas, foi utilizado um instrumento de avaliação contendo histórias infantis e um roteiro para investigar a capacidade de identificar as emoções apresentadas pelos personagens. Para avaliação de teoria da mente, foram utilizadas três tarefas de crença falsa adaptadas para crianças com deficiência visual. Sessões de observação das crianças e entrevistas semiestruturadas com professores e a coordenadora também foram realizadas, em especial para que fosse possível avaliar a experiência das crianças na instituição e os desafios enfrentados pelos profissionais. As crianças tiveram pontuação máxima ou próxima à máxima tanto nas tarefas de teoria da mente quanto nas de habilidades empáticas. Os resultados sugerem que há muitas semelhanças no desenvolvimento de habilidades sociocognitivas de crianças videntes e com DV. Além disso, há evidências de que as crianças com DV podem se beneficiar muito de experiências em grupo que estimulam o seu desenvolvimento sociocognitivo. A maioria dessas experiências acontece durante as interações de cada criança com seus colegas e com outros adultos da instituição. No entanto, estudos prévios parecem sugerir que a qualidade das interações da criança com DV na escola regular é insuficiente ou, pelo menos, insatisfatória. Mais estudos investigando estratégias eficientes para a interação e integração destas crianças no ensino regular são fundamentais.

Deficiência Visual; Teoria da Mente; Empatia

DES

VERIFICAÇÃO DA EFICÁCIA DO CD-ROM ALFABETIZAÇÃO FÔNICA COMPUTADORIZADA NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E DE LEITURA. *Priscila Maria de Lima Ribeiro Manzoli, Priscila Maria de Lima Ribeiro Manzoli, Edna Maria Marturano (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A aquisição das habilidades de leitura e escrita não decorre simplesmente do desenvolvimento biopsíquico do indivíduo, mas necessita de instrução sistemática e de extenso aprendizado. Ler envolve processos de decodificação e compreensão. A consciência fonológica é um conjunto de habilidades conscientes e explícitas para refletir e manipular a estrutura sonora das palavras. Já é conhecida a relação de reciprocidade entre consciência fonológica e as habilidades de leitura e escrita. Diversas pesquisas demonstraram o efeito direto do treino em habilidades de consciência fonológica sobre a aquisição da leitura e escrita e como o treino sistemático em leitura e escrita auxilia no desenvolvimento de níveis mais complexos de consciência fonológica. Dentro desse contexto, o objetivo da pesquisa foi verificar a eficácia do CD-ROM Alfabetização Fônica Computadorizada no desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica e de leitura em crianças do segundo ano do ensino fundamental. Participaram do estudo 81 crianças, com idades entre seis e oito anos, de ambos os sexos, matriculadas no segundo ano de uma escola municipal da periferia de um município com 30.000 habitantes. Para avaliar a consciência fonológica foi aplicada a Prova de Consciência Fonológica, que inclui habilidades de rima, aliteração, processamento silábico e processamento fonêmico, em tarefas de síntese, segmentação, manipulação e transposição. Para avaliar habilidades de leitura utilizou-se uma versão da Provinha Brasil e uma prova de leitura oral de palavras. Foi adotado um delineamento de comparação de grupos com três momentos de avaliação. Dois grupos foram formados. Depois da primeira avaliação, foi conduzida a intervenção somente com as crianças do Grupo 1. Na intervenção, os participantes do Grupo 1, em pequenas turmas com sete ou nove crianças, realizaram as atividades do CD-ROM, distribuídas em dez sessões, que aconteciam duas vezes por semana. Durante as sessões de intervenção, cada participante fez uso de um computador individualmente. A ajuda prestada pelo adulto se limitava a ensinar a operar o computador e o mouse, ler com as crianças o que estava escrito na tela e explicar o que era requerido para realizar a atividade em cada tela. Ao final da intervenção, todos os participantes foram avaliados novamente. As crianças do Grupo 2 passaram pela intervenção depois da segunda avaliação. Após o término da intervenção no Grupo 2, foi realizada a última avaliação nos dois grupos. Para análise dos dados foi utilizado um modelo linear de efeitos mistos. Os resultados mostraram impacto da intervenção nas habilidades de síntese fonêmica e segmentação fonêmica. Isso foi observado pela diferença significativa entre os grupos na segunda avaliação, quando apenas um dos grupos havia sido submetido à intervenção. Nas outras habilidades envolvidas na consciência fonológica e nas habilidades de leitura, os resultados não indicaram efeito da intervenção. Entretanto, tais habilidades mostraram desenvolvimento ao longo do ano letivo. O estudo demonstrou assim que ao brincar com o CD-ROM a criança pode efetivamente desenvolver habilidades fonológicas específicas. Adicionalmente, o progresso nas habilidades de leitura, independentemente do uso do CD-ROM, pode ser atribuído à exposição dos alunos ao ensino regular.

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

´UM OLHAR PARA ALÉM DOS DÉFICITS: AMPREENDENDO PROCESSOS DE INTERAÇÃO SOCIAL E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS EM CRIANÇA COM AUTISMO. *Luiza Campos Menezes*, Kátia de Souza Amorim (Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

O autismo é comumente descrito, inclusive pelos manuais diagnósticos, como Transtorno Global do Desenvolvimento, que se manifesta antes dos três anos de idade e em que há prejuízos qualitativos nas áreas de interação social, comunicação verbal e não-verbal; ainda, como apresentando padrão restrito e repetitivo de comportamentos e interesses. Apesar de ser descrito, em grande parte na literatura, a partir dos déficits, há pesquisas que olham para além desses, considerando o quadro em sua diferença, de modo a apreender especificidades dos processos no seu modo de funcionamento. Nesta última perspectiva, o objetivo foi compreender se ocorrem processos de interação e produção de significação em crianças com autismo, em seus contextos familiares; e, em caso afirmativo, como ocorrem. Para isso, foram conduzidos dois estudos de caso. Apenas um será foco da presente apresentação. O sujeito é um menino de cinco anos, que vive com os pais e recebeu diagnóstico há dois anos. A coleta foi feita por videogravações no contexto familiar, semanalmente, ao longo de dois meses, totalizando 8 horas de videogravação. Fez-se, ainda, entrevista semiestruturada com os pais, para obter informações sobre o contexto no qual a criança está inserida. As cenas foram mapeadas e transcritas microgeneticamente. A base teórico-metodológica é a da Rede de Significações, que compreende o sujeito em sua complexidade e que entende que o ser humano é um ser da linguagem, sendo por meio das diversas interações em contextos sócio-culturais que se produz significações. A análise dos dados evidenciou comportamentos estereotipados (correr em círculos, balançar os braços e bater com as mãos na cabeça). Sua ocorrência se dava, muitas vezes, em situações de angústia ou contraposição à mãe. Ainda, verificou-se uma série de interações da criança com seus parceiros, um regulando o comportamento do outro (com o tempo, incluindo a própria pesquisadora). Nestas interações, mostraram-se presentes atividades lúdicas (brincadeiras de pega-pega, rodopiar o menino) e a negociação de desejos em situações cotidianas (uso de objetos e alimentos; participação em brincadeiras). Percebeu-se ainda a ocorrência de comportamentos como a capacidade de atenção compartilhada em relação a objeto (com o pai e a mãe), a expressividade emocional e aceitação/prazer de contato corporal. Finalmente, evidenciaram-se processos de construção de significados da criança em suas relações, o menino conseguindo, muitas vezes, mostrar o que quer e o que não quer. As análises dos dados têm sido relacionadas com a literatura. Sobre os comportamentos estereotipados, estes constam amplamente na literatura. Há estudos que buscam ampliar a compreensão dos mesmos, atribuindo também possíveis significados de oposição a comportamento de um parceiro. Foram, ainda, perceptíveis o estabelecimento de atenção compartilhada e de negociação com parceiros, consideradas fundamental para processos de interação social. Através de modos específicos, a criança consegue demonstrar suas vontades por meio de expressões corporais e comportamentos, que têm seus significados percebidos e construídos nas relações. Este estudo pode contribuir para um olhar para além dos déficits do transtorno e, assim, mostrar algumas das potencialidades destas crianças, e os modos particulares de interação que desenvolvem em seus ambientes familiares.

Crianças com autismo, interação social, construção de significados

PIBIC- CNPQ, FAPESP

DES

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A COMPREENSÃO DE PROFESSORES SOBRE O FENÔMENO BULLYING.

Juliana de Castro Tourinho; Rinaldo Molina (Curso de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP).

Nossa intenção é apresentar os resultados de uma pesquisa cujos objetivos foram: conhecer como professores entendiam o fenômeno bullying; compreender como tratavam do assunto em seu cotidiano; entender quais as maiores dificuldades encontradas com relação ao fenômeno e; elencar possibilidades de prevenção. A violência é um dos fatores que mais preocupam pesquisadores e profissionais da área de educação. Dentre os atos de violência produzidos nas escolas o bullying é um dos mais preocupantes. O conceito de bullying foi criado na década de 1970 e se caracteriza como o ato de praticar ou de ser conivente às atitudes de violência - intencionais e repetidas - cometidas dentro da escola por um único indivíduo ou um grupo contra um terceiro. No geral, tais atitudes são motivadas pelas diferenças ou pela disputa de poder na relação entre os pares. A exteriorização das agressões que dão forma ao fenômeno não são apenas de natureza física, uma vez que as agressões verbais e psicológicas também devem ser consideradas. Nos últimos anos, mesmo com o aumento das pesquisas sobre o assunto não foram encontradas soluções eficazes sobre como reduzi-lo nas escolas. Nesse sentido, a mídia cumpre um papel importante em sua divulgação, porém apresenta-o de forma inadequada, assim como não há produção de instrumentos ou guias a respeito de sua prevenção ou de como poderia se agir quando ele estivesse estabelecido o que deixa os professores com poucos e até mesmo sem nenhum tipo de subsídio para refletir e atuar sobre o tema. Para a construção de nossa pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professores das séries iniciais do ensino fundamental, atuantes em escolas da rede pública e particular de ensino do município de São Paulo. Para a organização e análise dos dados optou-se pela análise de conteúdo. Por fim, o resultado das análises revelou que os professores não entendiam o que significava bullying, demonstrando ter uma visão distorcida e conhecimento escasso sobre o assunto. Nenhum deles soube definir o que era bullying levando em consideração todos os critérios que caracterizam o fenômeno. Os professores também se mostraram despreparados quanto à forma de enfrentamento do bullying, genericamente afirmando que conversavam e orientavam seus alunos com o intuito de prevenir a ocorrência de comportamentos indesejáveis ou que agiriam somente quando o problema estivesse instalado. A mídia foi indicada como principal fonte de conhecimento a respeito do fenômeno, sendo o curso de graduação citado somente uma vez, mas como um conteúdo "nada muito aprofundado". Para concluir, entendemos que apesar da literatura reconhecê-lo como um fenômeno universal, o bullying por vários fatores passaria despercebido para grande parte dos profissionais da educação. Nesse sentido detectou-se a necessidade do professor receber mais informações e formação, tanto inicial como continuada, no sentido de que esteja devidamente preparado não só para saber identificá-lo, mas também para agir em sua prevenção ou remediação.

Bullying, conhecimento do professor, prática pedagógica.

PIBIC – Universidade Presbiteriana Mackenzie

ESC

A COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA. *Lisiane Alvim Saraiva**, Lucas Antunes Machado*, Luiza Maria de Oliveira Braga da Silveira, Adriana Wagner (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS)*

Uma comunicação direta e clara entre a família e a escola é fundamental no desenvolvimento cognitivo, psicológico, social e cultural de crianças e adolescentes. As formas mais comuns de contatos entre escola e família ocorrem através de reuniões formais e mensagens enviadas nas agendas dos alunos, cujo conteúdo nem sempre é claro e não motiva a participação da família no processo de aprendizagem. Por um lado a escola queixa-se da pouca participação da família e, por outro, os pais sentem-se perdidos na orientação de seus filhos quanto às atividades acadêmicas ou derivam essa tarefa de forma plena à escola. Este estudo teve por objetivo verificar como os pais avaliam a comunicação com as escolas de seus filhos. Para tal, foi realizado um grupo focal com sete mães (39-47 anos), cujos filhos freqüentam o Ensino Fundamental de escolas particulares e públicas de Porto Alegre. A partir das informações, chegou-se a três categorias: Comunicação Padrão, Tratamento Homogeneizante e Necessidade de Informação. A categoria Comunicação Padrão reúne respostas que referem as dificuldades dos pais em falar com os professores e coordenadores sobre avaliação e rendimento escolar dos filhos. É difícil aceder ao professor, há um discurso institucionalizado que não abre espaço para atender às necessidades que se apresentam nas suas particularidades. A categoria Tratamento Homogeneizante refere a forma como a família é tratada pelos professores ou coordenadores, que se dirigem a elas chamando-as apenas de "mãe" e não pelo próprio nome, fazendo-as sentir-se desvalorizadas e insatisfeitas e prejudicando a relação singular com cada uma. Há uma massificação do tratamento, como se todas as mães fossem iguais em suas dúvidas e necessidades. A categoria Necessidade de Informação demonstra que as participantes não se sentem satisfatoriamente esclarecidas com relação às exigências e responsabilidades que são cobradas dos seus filhos no ano letivo vigente. A escola parece não preparar suficientemente os pais para que entendam o currículo, suas modificações, o sistema avaliativo, objetivos e responsabilidades de cada ano letivo e como eles, pais, poderão ajudar em cada etapa. Conclui-se, assim, que o grupo em questão revela uma dificuldade de comunicar-se com a escola de seus filhos, sendo que essas dificuldades são pautadas tanto pela estrutura burocrática institucional, como pela padronização de um discurso, dados corroborados por estudos nacionais e internacionais. Constatou-se nesse grupo que a escola tem sido pouco eficaz para atender às demandas das famílias, gerando um distanciamento a partir de relações que se instituem como superficiais, ocasionais e pautadas em aspectos de interesse da escola.

Relação família-escola; Comunicação pais e professores.

Doutoranda Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ESC

A CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA SOBRE OS TRANSTORNOS DO HUMOR NA INFÂNCIA. *Aline Jacinto*, Maiara Pereira Cunha*, Marina Menezes **, Josiane Delvan da Silva**, Eduardo José Legal ** (Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC)*

Neste estudo objetivou-se compreender a concepção de professores de 1º ao 5º ano acerca dos Transtornos do Humor (TH) na infância pertencentes a uma escola pública do município de Camboriú/SC. Os TH na infância são caracterizados por um conjunto de transtornos os quais apresentam uma perturbação do humor, compostos por: episódios de humor, transtornos depressivos, transtornos bipolares e outros transtornos do humor. Para a identificação dos sintomas destes transtornos em crianças, entende-se que os professores têm papel fundamental, auxiliando para que ocorra o encaminhamento adequado e precoce para uma avaliação e um possível tratamento. O estudo caracterizou-se por ser de cunho quantitativo, onde foi elaborado um questionário composto por 14 perguntas fechadas, desenvolvido com informações sobre TH, disponíveis na literatura. A amostra ficou composta por 21 professores, sendo que cada um assinou o termo de consentimento livre e esclarecido antes do preenchimento do questionário, estando ciente dos objetivos da pesquisa. O procedimento para análise dos resultados foi obtido a partir da análise estatística descritiva de frequência simples. Constatou-se que os participantes souberam identificar os sintomas e comportamentos dos TH na infância, sendo que os mais citados foram: dificuldade de concentração, falta de interesse em realizar atividades, choro fácil, irritabilidade, tristeza, baixo rendimento escolar e diminuição da socialização. Os participantes reconheceram-se como figuras importantes na identificação destes, assim como apontaram os psicólogos e os psicopedagogos como também reconhecedores destes sintomas. Com relação às medidas adotadas e ao manejo adequado ao serem informados que na sala de aula haverá um aluno com TH, os respondentes afirmaram que buscariam informações sobre o transtorno; manteriam contato com a família para obter mais informações e acompanhar o caso; discutiriam com especialistas da escola a melhor forma de conduzir as atividades em sala de aula; e adequariam o currículo às necessidades da criança. Os participantes da pesquisa apresentaram dúvidas quanto ao processo de ensino aprendizagem das crianças com TH, os comportamentos das mesmas na escola, a etiologia, o prognóstico e como ocorrem as formas de tratamento. O que pode ter acarretado dúvidas quanto ao reconhecimento é o fato de a maioria dos transtornos na infância possuírem vários sintomas em comum. Constatou-se que os participantes sentem-se despreparados para atuar com esta determinada população, pois apresentaram questionamentos sobre como ocorre o processo de ensino aprendizagem e os comportamentos das crianças com TH apresentados na escola. Nesse sentido, a Psicologia e suas várias interfaces aplicadas à educação poderiam contribuir para a formação e qualificação destes profissionais, instrumentalizando-os em sua prática pedagógica, favorecendo a realização de encaminhamentos, para que se busque minimizar o sofrimento e o impacto negativo no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Professores; transtornos do humor; infância.

ESC

A FORMAÇÃO DA PESSOA EM EDITH STEIN. *Adair Aparecida Sberga, Marina Massimi (Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A formação da pessoa é um tema relevante para a família e a escola, que têm funções específicas de acompanhamento e orientação, sobretudo na fase da adolescência e juventude, em que primordialmente se consolidam aspectos e características da identidade pessoal e social. Diante disso, surge a necessidade de compreender com maior profundidade e competência o que é formação e como essa deve se pautar na vida da pessoa. Para fundamentar esta investigação, buscou-se compreender nas obras de Edith Stein (1891-1942), que desenvolve um amplo estudo de antropologia filosófica e psicológica, o conceito de formação da pessoa e saber até que ponto um agente familiar ou educador pode interferir neste processo. Como o tema central de pesquisa da filósofa é o conhecimento do ser humano, constata-se que há um fio condutor, que perpassa por todas as suas obras, procurando indagar, por meio do método fenomenológico, como se constitui o ser humano e qual a sua especificidade em relação aos outros seres do universo. Após um exame cuidadoso e sistemático, Stein constata que o ser humano é superior a todos os outros seres da natureza por ser capaz de buscar a si mesmo, de ir à profundidade da sua alma e compreender-se, numa unidade de corpo, psique e espírito. Pela análise da origem da matéria verifica-se que o corpo humano, por ser vivente e animado, precisa ser preenchido por uma forma interior, definida por ela como força vital. Essa, por ter um dinamismo vitalizador, imanente nas coisas viventes, tem a propriedade de atualizar as potências contidas no ser da matéria e, portanto, atualizar as potencialidades da pessoa. Essa atualização acontece de modo lento e gradativo, segundo um processo formativo que permite o aperfeiçoamento do ser humano, segundo sua forma substancial. Essa transformação da potência em ato é uma condição ontológica do ser. Como a formação da pessoa faz parte do seu dinamismo interno, conectada com sua estrutura ontológica, ela deve conduzir às dimensões mais elevadas da pessoa, ou seja, à sua dimensão espiritual. Nessa dimensão, o ser humano tem condição de adentrar em seu núcleo, de desabrochar as qualidades da sua alma e de fazer fluir a plenitude da vida. Também aí encontra abertura para o conhecimento mais profundo de si, compreendendo-se como um ser dotado de consciência, liberdade e responsabilidade. Portanto, o processo formativo não pode ser algo generalizado para todos os indivíduos, pois cada ser tem suas características de originalidade e unicidade. Apesar de já nascer com uma forma substancial, o ser humano não nasce pronto, mas é um projeto que deve se atualizar e por isso necessita da intersubjetividade, favorecida pelo processo da empatia. Superando o contato estritamente superficial e avançando para a análise comparativa e descritiva, o sujeito cognoscente compreende melhor não só a si mesmo, mas também o outro para o qual deve se voltar num processo de abertura e convivialidade.

Antropologia filosófica, estrutura da pessoa, formação e empatia.

ESC

A FORMAÇÃO DE ATITUDES FRENTE A PESSOAS SIGNIFICATIVAMENTE DIFERENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Marie Claire Sekkel, Larissa Prado Matos (Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)*

Este estudo pretende conhecer os efeitos da convivência em creches e pré-escolas inclusivas sobre a formação das crianças no que diz respeito à aceitação das diferenças, buscando identificar as atitudes e estabelecer uma possível relação entre ter convivido com crianças e educadores numa creche ou pré-escola inclusiva e o modo de se relacionar com pessoas significativamente diferentes ao longo da vida. Concebe-se um ambiente inclusivo na educação infantil como aquele que tem uma articulação coletiva e que possibilita o cuidado em relação a todos os atores institucionais: crianças, professores, profissionais de apoio, pais e comunidade. A pesquisa foi realizada com base em uma abordagem qualitativa. Foram entrevistados seis alunos(as) do ensino fundamental, egressos(as) de uma mesma creche pública com características de ambiente inclusivo no período de 2003 a 2009. A análise dos dados foi feita com base na Teoria Crítica da Sociedade, que tem como pressuposto a relevância dos processos formativos na primeira infância iluminados pelas investigações da psicanálise. Os resultados apontam que todos os sujeitos mostraram abertura ao diferente, o que vai contra a tendência à competição, dominante em nossa sociedade. Essa tendência obriga-nos muitas vezes a lançar mão de estereótipos que servem para evitar o contato com o diferente e o confronto com nossas próprias fragilidades. Isso fortalece a hipótese inicial desta pesquisa sobre a importância da formação na pequena infância e evidencia a sua permanência ao longo da vida. Cabe destacar em relação a esse ponto o potencial educativo das creches e pré-escolas como lugares distintos do ambiente familiar. Esses resultados indicam que, independentemente dos valores e atitudes presentes no ambiente familiar de cada um dos sujeitos entrevistados, há algo comum na educação dessas crianças para o qual a escola exerce forte determinação. A pesquisa indica também que o sentimento de pertencimento é algo que deve perdurar após a saída da instituição para que a memória e a formação perdurem. Portanto, o modo como se dá o desligamento desta deve ser alvo de discussão em situações de formação inicial e continuada de professores. Outro ponto diz respeito à importância da criança ter contato com a deficiência, sem as barreiras dos estereótipos. A relação acontece e somente depois a criança irá ressignificá-la, tomando como base não os rótulos, mas a experiência vivida. O estudo aponta também para a importância de que as creches e pré-escolas tenham um número de crianças compatível com a capacidade de relacionamento humano. Nesse sentido, escolas pequenas para essa faixa etária são mais favoráveis à construção de uma memória coletiva. A presente pesquisa indica que a educação infantil inclusiva tem um papel significativo no fortalecimento das experiências infantis e na manutenção de uma abertura ao outro (novo e diferente) que permanece ao longo da vida.

Educação Inclusiva, Educação Infantil, Atitudes, Preconceito

FAPESP/Bolsa TT

ESC

AÇÕES DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JOÃO PESSOA FRENTE ÀS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO. *Lorena de Almeida Cavalcante, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Ingrid Rayssa Lucena Ferreira (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)**

As recorrentes queixas escolares dirigidas pelos professores aos psicólogos educacionais têm sido alvo de reflexões de pesquisadores, que apresentam posicionamentos críticos sobre o modelo tradicional de atuação, o qual trata as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar como algo de ordem individual, uma incapacidade do aluno de assimilar os conteúdos escolares, ou como produto das relações familiares. Estar práticas fortalecem o não envolvimento dos agentes escolares da instituição e contribuem também para o desconhecimento do psicólogo dos resultados de seus encaminhamentos. Um dos principais avanços observados na área da Psicologia Escolar refere-se à consideração e à compreensão de que a queixa escolar é multideterminada, envolvendo não apenas aspectos biológicos e psicológicos, mas escola, família, aluno, fatores socioeconômicos e políticas educacionais. Diante dessa problemática, torna-se necessário obter uma compreensão acerca das ações implementadas por psicólogos diante das queixas relativas aos processos de aprendizagem das crianças. Objetivando-se conhecer as estratégias de enfrentamento das queixas escolares de psicólogos (as) que atuam em escolas públicas e privadas da primeira fase do Ensino Fundamental da cidade de João Pessoa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quinze psicólogos escolares de instituições públicas e quinze de instituições particulares. Os relatos dos profissionais, registrados por meio de um minigravador, foram transcritos literalmente para análise. Os (as) psicólogos(as) da rede pública de ensino mencionaram, dentre as situações ou queixas escolares mais frequentemente encaminhadas a eles: problemas de comportamento (66.6%), problemas de aprendizagem (15.3%), questões relacionadas à sexualidade (10.2%) e falta de respeito (7.6%). Os (as) psicólogos(as) da rede privada de ensino, por sua vez, mencionaram, dentre as situações ou queixas encaminhadas a eles, dificuldades de aprendizagem (26.6%), problemas comportamentais (17.7%), falta de concentração (8.8%), transtorno do déficit de atenção (6.6%), agressividade (6.6%), questões relacionadas à sexualidade (4.4%), problemas de relacionamento com os professores (4.4%) e indisciplina (4.4%). Quanto às ações dos (as) psicólogos(as) escolares diante das queixas escolares, na rede pública de ensino foram mencionadas atividades direcionadas aos alunos (43.9%), atividades direcionadas aos pais (24.3%), atividades direcionadas aos professores (17%), encaminhamento (9.7%) e levar os casos mais sérios à direção (4.8%). Os(as) psicólogos(as) da rede privada de ensino, por sua vez, mencionaram atividades direcionadas aos alunos (26.5%), atividades direcionadas aos professores (22.4%), atividades direcionadas aos pais (20.4%), ações relacionadas à prática clínica (12.2%), encaminhamento (12.2%) e uso de testes psicológicos (6.1%). Os resultados revelam a diversidade de queixas escolares encaminhadas aos psicólogos destas instituições, com ênfase nos encaminhamentos de queixas concentradas nos alunos, nos seus comportamentos e nos problemas/dificuldades de aprendizagem destes, referidos principalmente nas escolas particulares. Além disso, as ações dos profissionais entrevistados sugerem formas de atuação tradicionais na medida em que não mencionam a importância de um trabalho interdisciplinar e institucional como via estratégica para lidar com as queixas escolares. Esses resultados são discutidos considerando o papel do (a) psicólogo (a) escolar/educacional como agente promotor de relações interpessoais e dos processos ensino-aprendizagem no interior dos meios educacionais.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Psicologia Escolar/Educacional; queixa escolar; Escolas públicas e privadas.
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFPB
ESC

ALUNOS COM INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E DESEMPENHO ESCOLAR ACIMA DA MÉDIA. *Amanda Porto Destro, Lurian Dionizio Mendonça, Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Unesp, Bauru, SP)*

A presente pesquisa pretendeu descrever o desempenho acadêmico dos alunos identificados ou não com indicadores de altas habilidades/superdotação (AH/SD), por professores, em uma escola municipal de ensino fundamental, de uma cidade do interior paulista. Participaram 434 alunos distribuídos em 14 salas de 1º ao 5º ano. Todos foram submetidos ao Teste de Desempenho Escolar (TDE), que avalia três áreas acadêmicas: escrita, aritmética, leitura e desempenho geral, da 1ª à 6ª série, com níveis de classificação de Superior, Médio e Inferior. Para definir a amostra de alunos com desempenho superior no TDE, foi adotado o critério de que os alunos deveriam ter pelo menos dois escores superiores dentre os subtestes Escrita, Aritmética e Leitura ou, ainda, no teste total. O levantamento de alunos com indicadores de AH/SD, pelos professores, foi realizado por meio de um formulário de identificação de indicadores de AH/SD, de Zenita Guenther. Destes, 9% foram indicados pelos seus professores com indicadores de AH/SD e 6,25% dos alunos da escola apresentaram, no TDE, pelo menos dois resultados no nível superior. Todavia, deles, apenas 2,37% preencheram os dois critérios: indicação dos professores e resultado superior no TDE. Considerando os dados gerais do TDE, observa-se que, das 14 salas o melhor desempenho foi o do 1º ano C, que teve a menor porcentagem de alunos no nível inferior (28%) e de duas salas de 5º ano, com menos de 41% de classificação inferior. Nas demais prevaleceu o desempenho inferior em todas as áreas, variando de 67% a 97% dos alunos nesta classificação. Com desempenho superior no TDE, observou-se que nas salas 1º ano B, 2º A, 4º A, 4º B e 4º C, menos que 3% dos alunos o apresentaram nas áreas avaliadas. As salas 1º A, 1º C, 2º B e 3º A, entre 3,1 a 6% dos alunos apresentaram desempenho superior; nas salas 2ºC e 5º A, de 6,1 a 9% dos alunos e nas 3º B e 4º D entre 9,1 a 12% dos alunos. Nas demais salas, os resultados superiores foram: na 5º B, 13% dos alunos; na 5ª C, 48,15% e na 5ª D, 28,70% dos alunos. Há 6,68% dos alunos da escola indicados pelos professores com indicadores de AH/SD, sem apresentar um desempenho de pelo menos dois escores superiores no TDE e há 4,31% de alunos que tiveram desempenho de pelo menos dois escores superiores no TDE que não foram indicados pelos professores. Tais porcentagens pequenas se justificam pelo baixo desempenho dos alunos no TDE. Os resultados do estudo permitem concluir que o desempenho dos alunos no TDE é baixo para a maioria dos alunos, o que parece apontar para condições deficitárias de ensino. Observa-se, também, que os professores têm dificuldades em perceber o bom desempenho de alunos. Todavia, seria importante avaliar o desempenho intelectual de alunos indicados e com desempenho superior no TDE para confirmar qual das fontes é mais eficiente em identificar alunos com desempenho muito acima da média: o TDE ou a observação do professor.

Alunos, desempenho escolar

ESC

ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS SOBRE ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO NA ÚLTIMA DÉCADA. *Lurian Dionizio Mendonça *; Amanda Porto Destro* (Curso de Psicologia/UNESP/Bauru/SP); Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (Departamento de Educação/UNESP/Bauru/SP); Olga Maria Piazentin Rolim Rodrigues (Departamento de Psicologia/UNESP/Bauru/SP).*

A presente pesquisa pretendeu fazer um levantamento dos artigos nacionais e internacionais publicados em periódicos no período de 2000 a 2011, referentes ao tema Altas Habilidades/Superdotação (AH/S). O levantamento dos artigos nacionais foi realizado na base de dados da Scielo (Scientific Electronic Library Online) e no Portal de Periódicos da CAPES, já os artigos internacionais foram pesquisados na base de dados Web of Science. As pesquisas foram realizadas a partir das seguintes palavras-chaves: altas habilidades, superdotado e talento em português e high-ability, gifted e talent em inglês, sendo pesquisada uma de cada vez e ano a ano. Assim, encontramos 11 publicações nacionais e 120 internacionais. Nas publicações nacionais foram encontrados 36,36% no ano de 2007; 18,18% no ano de 2009 e 9,09% de publicações nos anos de 2002, 2004, 2006, 2008 e 2010; e nos outros anos não foram encontrados nenhum artigo sobre o assunto. Enquanto que, nas publicações internacionais encontramos 13,66% em 2009 e 2010, 12,5% em 2005; 11,66% em 2008; 9,16% em 2011; 7,5% nos anos de 2000, 2004, 2006 e 2007; 2,5% no ano de 2001; 4,16% em 2002 e 3,33% em 2003. As publicações nacionais aconteceram em seis periódicos, sendo que, o que mais publicou foi a revista da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial com 36,36% e a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) com 27,27% e as demais revistas publicaram 9,09%. Nas publicações internacionais encontramos 46 periódicos, sendo que as que mais publicaram foram: a Gifted Child Quarterly, com 25%; a High Ability Studies, com 10%; a International Journal of Science and Mathematics Education com 7,5%; a Gifted Education International e a Learning and Individual Differences com 4,16%; a Gifted and Talented International e a Roeper Review com 3,33%; a Intelligence e a Psychology in the Schools com 2,5%; a Contemporary Educational Psychology, a European Journal of Psychology of Education, a Gifted Child Today, a Journal of Autism and Developmental Disorders, a National Research Center on the Gifted and Talented, a Parenting for High Potential e a Theory into Practice com 1,66% e as outras 30 com 0,83% de publicações. Os resultados permitem concluir que no Brasil houve poucas publicações sobre AH/S nesse período de 2000 a 2011, o que parece apontar pouco interesse pelo assunto. Observa-se que nas publicações nacionais em determinados anos, não houve nenhuma publicação, enquanto que as internacionais foram encontramos em todos os anos e que o ano que menos publicou foi com 2,5%. Vale ressaltar também, o baixo número de periódicos nacionais que publicam sobre esse assunto. Contudo, seria de suma importância que os periódicos investissem mais nesse tipo de pesquisa, incentivando pesquisadores e a sua posterior divulgação.

Apoio Financeiro: IC/FAPESP

Palavras-chave: Altas habilidades. Superdotação. Publicações.

Iniciação Científica (IC)

ESC

ANÁLISE DO PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA PRIVADA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA- PB. *Clara Raíssa Fernandes de Melo*, Gabriella Machado Viana*, Lorena de Almeida Cavalcante*, Lorena Azevedo Ghersel*, Luciana Fernandes Santos*, Tuíla Maciel Felinto* (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)**

O processo da aprendizagem é essencialmente social, uma vez que, através das relações pessoais e interações sociais, os indivíduos se apropriam de aspectos culturais. Uma educação preocupada com o desenvolvimento integral do aluno e em tornar a relação deste com o professor significativa envolve primordialmente os aspectos cognitivos e afetivos. O educador afetivo desenvolve estratégias educativas dinâmicas e criativas, possui prazer em ensinar, estimula seus alunos a tomarem decisões nos trabalhos em grupo, assim como compreende as principais necessidades deles e as incluí em seu planejamento de ensino. Tendo em vista que o educador exerce uma função mediadora das relações estabelecidas com os alunos e sendo a afetividade um dos elementos dessa mediação, destaca-se a importância dessa mediação na motivação dos estudantes diante das disciplinas, dos professores que as ministram e, consequentemente, da aprendizagem escolar. Apesar desta importância, a afetividade ainda é estigmatizada ou ignorada pelas instituições educativas e agentes pedagógicos. Nesse sentido o presente estudo teve como objetivo compreender as relações afetivas que se estabelecem entre professor e aluno no processo de aprendizagem de crianças do sexto ano de uma escola de ensino privado do município de João Pessoa – PB. Para análise da relação afetiva no processo de ensino/aprendizagem foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dois professores e seis alunos. Os discursos dos alunos e dos professores foram registrados por meio de um gravador e transcritos literalmente para análise. Os resultados permitiram verificar que os professores entrevistados demonstraram reconhecer a importância da afetividade nos relacionamentos escolares, na solução ou amenização dos problemas enfrentados no cotidiano escolar e sua influência na motivação e no aprendizado dos seus alunos. Já estes ressaltaram que, quando os professores estabelecem uma boa relação afetiva com os alunos, tem paciência e estão disponíveis para solucionar suas dúvidas e ensinam de forma descontraída, despertam interesse e vontade de aprender nesses alunos. Nesse sentido, considerar a afetividade na relação educativa e estabelecer uma relação dialógica entre professor-aluno é fundamental, pois cria um clima propício à construção dos conhecimentos. No âmbito dessa temática e tendo em vista o objetivo de compreender as relações afetivas estabelecidas entre professor e aluno no processo de aprendizagem, entende-se que a Psicologia escolar/educacional pode atuar para que haja transformações no processo ensino-aprendizagem. O psicólogo pode desenvolver ações enquanto um mediador a partir das relações existentes (educadora-criança, criança-criança), pois os conhecimentos da Psicologia auxiliam na resolução de questões pertinentes à Educação. Esse profissional compreende o contexto educativo como um microssistema social, em que ocorrem diferentes formas e níveis de relacionamento, para que se proponha uma ação psicológica de âmbito preventivo e que a instituição seja contemplada em sua totalidade. Espera-se que o presente estudo subsidie ações a serem implementadas por psicólogos no sentido de mediar às relações afetivas entre os educadores e as crianças em situações de aprendizado, contribuindo ainda para o desenvolvimento de habilidades acadêmico-científicas nas alunas pesquisadoras, que respondam às demandas dos contextos educacionais nos quais o (a) psicólogo (a) deve atuar.

Afetividade; processo de ensino-aprendizagem; relação professor-aluno.

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO SEXUAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Rosária Maria Fernandes,Sonia Margarida Magro-Lopes (Univali)*

A sexualidade se manifesta e faz parte de todo o desenvolvimento humano e é definida pela Organização Mundial de Saúde como necessidade básica para a vida do ser humano, quebrando o paradigma de coito ou orgasmo, sendo vista, também, como energia para as motivações do amor, afetuosidade e contato físico com outras pessoas. Quando o tema é a sexualidade de pessoa com deficiência intelectual (DI), observa-se que tanto o preconceito quanto a discriminação se maximizam, provocando polêmicas em torno do assunto. Desta forma, pode-se entender que a educação sexual, para a pessoa com deficiência intelectual deve ser priorizada, para que essas pessoas possam desfrutar de uma melhor qualidade de vida e harmoniosa convivência em sociedade. A pesquisa objetivou identificar e analisar as percepções sobre a sexualidade nas relações sociais das pessoas com deficiência intelectual. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada. Participaram cinco profissionais da APAE, cinco pais e cinco alunos (DI). As categorias analisadas abordam a percepção dos pais, profissionais e da própria pessoa, sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. As subcategorias foram: Relações Sociais; Namoro; Relação Sexual; Gravidez; Corpo/doenças sexualmente transmissíveis; Menstruação; Masturbação; Educação Sexual. Os dados demonstram que uma das principais dificuldades manifestadas pelos pais é educar o filho quanto a sua sexualidade e que esses apresentam a crença de que seus filhos são "assexuados". Os pais entrevistados optam pela superproteção e a repressão da sexualidade como única alternativa para afastar os filhos dos riscos. Os profissionais têm uma visão apropriada em relação à pessoa com deficiência intelectual, contribuindo para a autonomia desta população a partir da compreensão de si mesmo, principalmente no âmbito da sua sexualidade. Os jovens com DI apresentaram um conhecimento precário e superficial sobre sexualidade, reprodução e nascimento e as funções corporais, incluindo métodos anticoncepcionais e doenças sexualmente transmissíveis. A pesquisa contribuiu para o processo de desestigmatização das atribuições errôneas que ao longo do tempo foram feitas em relação à sexualidade do DI e a dificuldade enfrentada principalmente na compreensão da mesma na fase da adolescência pelos próprios jovens com (DI) e pela sociedade em geral. Ainda tem-se um longo percurso para a desmistificação total e em grande escala na sociedade em geral quanto às ideias errôneas em relação à sexualidade da pessoa com deficiência intelectual. No entanto, instituições como a APAE e/ou profissionais que convivem com DI podem atuar tanto para promover esses conhecimentos à própria pessoa com DI, quanto com informações e esclarecimentos por meio de conversas com pessoas próximas a estas pessoas, palestras em instituições de ensino e em geral, anúncios na mídia, folders explicativos. Ressalta-se que as pessoas com deficiência intelectual emocionam-se e apaixonam-se com naturalidade, como qualquer pessoa em sua total subjetividade.

Palavras-chave: sexualidade; deficiência intelectual; psicologia.

ESC

AUTISMO E INTERVENÇÕES PSICOEDUCACIONAIS: UMA BREVE DESCRIÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO NÚCLEO DE AUTISMO (NATEE) DA REDE PÚBLICA EM BELÉM – PA. *Anna Karen S. Mendes (Secretaria de Educação do Estado do Pará, Coordenação de Educação Especial – Belém, PA.), Leila do Socorro Rodrigues Feio, (Universidade Federal do Amapá), Maria da Conceição D. Souto, Edmilson R. L. Sousa (Secretaria de Educação do Estado do Pará/Coordenação de Educação Especial – Belém, PA.)*

Este trabalho refere-se a prática de atendimento, avaliação e acompanhamento às pessoas autistas desenvolvidas no Núcleo de Atendimento Educacional Especializado aos Transtornos Globais do Desenvolvimento (NATEE) o qual está vinculado a Coordenadoria de Educação Especial (COEES) da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC). O Núcleo desenvolve suas atividades desde 1989 e prioriza o atendimento as pessoas com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), por apresentarem alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Neste grupo estão os alunos que apresentam espectro do autismo. O Autismo está presente desde o nascimento e manifesta-se invariavelmente antes dos trinta meses de idade. Caracterizado por respostas diferenciadas a estímulos auditivos ou visuais e por dificuldades quanto à compreensão da linguagem falada e escrita. A fala custa a aparecer e quando ocorre, nota-se ecolalia, uso inadequado de pronomes, estrutura gramatical imatura e inabilidade para o uso de termos abstratos. Ocorre grave dificuldade de relacionamento social antes dos cinco anos de idade. O comportamento é usualmente ritualístico e a capacidade para o pensamento simbólico ou jogo imaginativo é diminuída. Este trabalho tem como objetivo elucidar como se dá o funcionamento do Núcleo no que diz respeito aos programas e atendimentos realizados no mesmo. Para tanto, utilizou-se como instrumento análises dos documentos do Núcleo, assim como, participação nas observações e atendimentos ocorridos no Núcleo de autismo. Os resultados mostraram que o referido Núcleo desenvolve programas que proporcionam a aquisição e o aprimoramento da linguagem, psicomotricidade, estimulação sensorial, atividades da vida autônoma e social (AVAS), comunicação e socialização, que visam à autonomia e a independência, e consequentemente uma melhor qualidade de vida da pessoa autista. Quanto aos atendimentos às crianças e adolescentes e seus familiares, os mesmos acontecem semanalmente e são realizados em pequenos grupos e tem a duração de aproximadamente 50 minutos. São realizados em salas adequadas aos respectivos atendimentos, ou seja, em espaços organizados para as crianças e adolescentes e espaços para atender aos grupos de pais. Os atendimentos estão fundamentados na análise e modificação de comportamento, assim como, nas adaptações de métodos que facilitem a comunicação. Tais métodos dizem respeito ao Sistema de Comunicação através da Troca de Figuras (PECS) e Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlatos de Comunicação (TEACCH). Foi possível observar também melhoria na qualidade das relações familiares e mudanças significativas na comunicação, interação e socialização, elementos indispensáveis e desencadeadores do processo de inclusão social e educacional dos participantes do Núcleo na rede regular de ensino público do estado do Pará.

Palavras-Chave: Autismo, intervenções, funcionamento, núcleo.

Nível do Trabalho – Pesquisador – P

ESC

AUTOEFICÁCIA ACADÊMICA E DESMOTIVAÇÃO COM A ESCOLHA DE CURSO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO. *Marco Antônio Pereira Teixeira, Ana Paula Couto Zoltowski, Adriana Malheiros Sacramento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)*

A entrada no ensino superior é uma experiência importante para o desenvolvimento pessoal e de carreira dos estudantes universitários, que geralmente ingressam na universidade com expectativas elevadas e idealizadas. O contexto da universidade, porém, apresenta um nível de exigência, em termos de desempenho, bastante superior ao do ensino médio, ao menos nas áreas de ciências exatas. A autoeficácia acadêmica, ou seja, a percepção de ser capaz de dar conta das demandas acadêmicas do curso superior, é uma característica pessoal importante que afeta a vinculação do aluno com o curso, pois com crenças de baixa eficácia o estudante tende a não persistir frente a eventuais fracassos e dificuldades enfrentadas, podendo vir a desmotivar-se com o curso e abandoná-lo. Em cursos de elevado grau de exigência, como as engenharias, é sabido que um dos principais motivos de evasão é o baixo desempenho nas disciplinas. Assim, este estudo teve por objetivo investigar longitudinalmente mudanças na percepção de autoeficácia acadêmica e sua relação com a desmotivação com a escolha do curso, através de um estudo de caso de uma estudante de um curso de engenharia. Optou-se por estudar este caso, que foi selecionado de um estudo maior que acompanhou o processo de adaptação de um grupo de estudantes à vida universitária, por ele evidenciar como mudanças na percepção de autoeficácia podem levar a mudanças no modo de perceber a si mesmo e a própria escolha profissional. A participante foi uma aluna de engenharia civil, com 18 anos, em seu primeiro curso universitário. O delineamento da pesquisa foi qualitativo e longitudinal. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada com o intuito de explorar o processo de adaptação à universidade, sendo realizada em três momentos: na quinta semana de aula (início de curso), ao final do primeiro semestre e ao final do segundo semestre. As entrevistas foram analisadas através da análise de conteúdo. Os resultados foram organizados a partir dos três recortes temporais, sendo identificadas as principais temáticas presentes em cada momento: 1) início de curso: caracterizou-se por uma percepção de interesse e envolvimento com o curso e um sentimento de escolha profissional bem feita, em que características pessoais eram associadas a supostas características de engenheiro (não necessariamente civil); as dificuldades acadêmicas iniciais enfrentadas foram interpretadas como uma falta de ritmo para o estudo; 2) final do primeiro semestre: sentimento de frustração tanto pela percepção de que as disciplinas não condiziam com suas expectativas e seus interesses iniciais quanto pelo desempenho acadêmico atingido, especialmente pela reprovação em duas disciplinas; a entrevistada passou a questionar-se quanto à sua capacidade de realizar a contento futuras tarefas profissionais; passou também a perceber diferenças entre gostar de conteúdos do curso e gostar da profissão; 3) final do segundo semestre: sentimento de decepção quanto ao desempenho acadêmico, visto que esperava ir bem em todas as disciplinas; houve questionamento e reavaliação do processo de escolha realizado, culminando em um desinteresse pela profissão e em uma crescente motivação para mudar de curso universitário. Os resultados sugerem um padrão inicial de escolha profissional baseado em informações superficiais (características genéricas do que seria um engenheiro, indiferenciação entre curso e profissão), associado a expectativas de desempenho elevadas. As experiências de fracasso nas disciplinas ao longo do ano, contudo, levam a uma diminuição da percepção de eficácia acadêmica, que é estendida para o âmbito da própria profissão (dúvidas em relação à capacidade de ser uma boa profissional), levando a um descontentamento com a escolha profissional devido à dificuldade de conseguir formar

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

uma autoimagem profissional futura de sucesso. O caso ilustra como a própria experiência universitária contribui para as mudanças nas percepções de autoeficácia dos estudantes e como estas mudanças impactam sobre a imagem que têm de si, influenciando a escolha profissional. Em termos de implicações práticas, o caso aponta para a necessidade de, em intervenções de aconselhamento de carreira, serem exploradas estas crenças de autoeficácia e os questionamentos que elas produzem, de forma a ajudar o estudante a distinguir aspectos do curso e da profissão, a fim de poder tomar decisões sobre a carreira de uma maneira mais fundamentada e consciente, independente da opção ser pela troca de curso ou não.

Universitários; autoeficácia acadêmica; escolha profissional

CNPq

ESC

BULLYING, DA INTIMIDAÇÃO AO MASSACRE: O PERFIL DO AGRESSOR.

Wilian Gonçalves Nunes e Paulo Celso Pereira (Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva – Catanduva / SP)*

A manifestação de comportamento agressivo no meio escolar é antiga; mas evoluiu muito durante o século XX, com ações violentas cada vez mais graves. Dentre as diferentes modalidades de violência na escola está o bullying, palavra de origem inglesa, de difícil tradução para a língua portuguesa. Trata-se de uma violência que ocorre entre pares, no ambiente escolar. No Brasil a preocupação com a violência no ambiente escolar, nas suas mais diferentes manifestações, adquiriu força na década de 80, com a produção de estudos acadêmicos, no entanto, a revisão da literatura nacional, em especial, sobre o bullying, apontou carência de estudos sobre o tema. O objetivo do estudo foi identificar o perfil do autor de bullying, enfatizando as características do atirador, isto é, da pessoa que provoca massacre na escola, por meio de um tiroteio. Na busca desse perfil foi conduzida uma ampla revisão da literatura. Os dados deste estudo revelaram que o bullying ocorre por ações diretas, indiretas e com o uso de eletrônicos, nesse caso, chamado de cyberbullying. Na prática de bullying, tem-se além das figuras do agressor e da vítima, a da testemunha, que não se envolve na ação agressiva - é um espectador, mas, nessa posição, reforça o comportamento do agressor. Considerando a revisão da literatura, as características do autor de bullying são: boa autoestima, boa compleição física, popularidade, impulsividade, desejo de dominar, pouca empatia, baixa tolerância à frustração, temperamento explosivo, uso abusivo de substâncias, sexualidade precoce, conflito com a lei, agressividade, ser desafiador e opositor. Essas características resultam de fatores internos, mas o autor de bullying sofre a influência de fatores externos, como: família (estilo parental autoritário, presença de violência intrafamiliar, ambiente frio e pouco afetivo, etc.); comunidade (fácil acesso a armas e inversão de valores), mídia (programação de TV e filmes com conteúdo agressivo) e a escola (falta de monitoria, exclusão, etc.). Tais características são comuns a diferentes manifestações de bullying, do autor de humilhação ao protagonista de um massacre. De acordo com a literatura revisada, não se tem um perfil especifico do autor de massacre, apontando, inclusive, que é um equivoco pensar que o individuo que faz um tiroteio na escola, por exemplo, apresenta, necessariamente, uma psicopatologia. Nos casos mais conhecidos de tiroteio na escola (school shooting), a saber: Columbine, Virgínia Tech e Realengo (Rio de Janeiro), os atiradores sofreram bullying, tinham conflitos familiares, deixaram vídeos e documentos e se suicidaram depois do massacre. É preciso entender a história pessoal e familiar do agressor o mais amplamente possível para desenvolver estratégias de intervenção e de prevenção da violência entre pares na escola.

Palavras-chave: bullying, violência na escola; agressor.

IC

ESC

COMPARAÇÃO DE DOIS CURSOS DE ENFERMAGEM EM COMPREENSÃO DE LEITURA. *Elza Maria Tavares Silva, Moacir Wuo (Universidade de Mogi das Cruzes), Jamili Rasoul Salem de Souza* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP)*

A leitura diz respeito à sua vinculação à alfabetização, à aprendizagem formal do ler e escrever, assim esta leitura possibilita uma maneira de ver o mundo. É uma atividade fundamental na vida cotidiana das pessoas de nossa sociedade moderna, pois ler torna possível ao homem construir seu próprio conhecimento, na medida em que há a possibilidade de acesso a todo acervo de conhecimentos acumulado pela humanidade por meio da escrita. Esta é uma dimensão vital da leitura, o que configura a sua fluência necessária para a formação de um leitor de sucesso. Quanto à leitura no ensino superior, parece que os alunos estão chegando a ele sem terem adquiridos técnicas específicas e eficientes de como trabalharem um texto, o que os faz ficarem aquém do desejado, pois a eficiência na leitura está diretamente relacionada com o êxito no rendimento escolar. A importância da avaliação das habilidades de compreensão de leitura deve ser considerada em todos os níveis, em especial na formação do universitário. Dessa forma, o procedimento Cloze foi utilizado como instrumento desta pesquisa. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/2008. O objetivo foi comparar o desempenho em compreensão de leitura em ingressantes no curso de Enfermagem de duas universidades particulares localizadas na Grande São Paulo, sendo U1 a primeira e U2 a segunda, levando-se em consideração o curso e o gênero dos estudantes. O total de sujeitos foi de 16, que compuseram quatro grupos de 4 sujeitos, cuja referência foi o número restrito de matrículas masculinas. A denominação dos grupos seguiu a seguinte nomenclatura: U1M (Universidade 1 Masculino); U1F (Universidade 1 Feminina); U2M (Universidade 2 Masculino); U2F (Universidade 2 Feminina). A ANOVA foi utilizada para a análise de variância não paramétrica com Ho: todos os grupos são iguais, Ha: todos os grupos são diferentes entre si, portanto bicaudal. Foi definido que k=4, n=4, dc=34,6 e p≤ 0,05. Na comparação dos quatro grupos, deve ser lembrado que quanto maior o total de pontos alcançado pelo grupo, pior foi o seu desempenho, assim os resultados foram U2M=42; U2F=42; U1M=34 e U1F=18, isto evidencia que a variação de acertos para U1F de 12 a 14; U1M de 3 a 20; U2F de 4 a 8 e U2M de zero a 7. Mesmo o grupo de enfermagem da U1F ter apresentado melhor resultado, ainda não demonstrou proficiência mínima em leitura compreensiva, não havendo diferenças significativas entre os grupos. Quando comparado os gêneros, recorreu-se ao teste U em que Uo=24 e Uc=40, portanto Ho não rejeitada. Quanto à comparação por curso, obteve-se R1=52 (U1) e R2= 84 (U2). Assim, feito o cálculo de U verificou-se que U=16 a que está associado a p=0,05, o que permite concluir que é favorável à U1. Mediante os dados apresentados é válido ressaltar a importância da técnica Cloze como instrumento diagnóstico de compreensão em leitura e sua relevância educacional, pois possibilita a remediação desta habilidade, contribuindo para o desenvolvimento pleno do aluno.

Palavras-chave: avaliação psicoeducacional; habilidades básicas em leitura; universitários, desempenho em leitura.

Pesquisador – P

ESC

COMPREENSÃO DE LEITURA POR CALOUROS DE ENFERMAGEM NOTURNO VS MATUTINO. *Jamili Rasoul Salem de Souza (Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP), Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP)*

Independentemente da área do conhecimento é esperado que o aluno que ingressa em um curso superior tenha competência em leitura compatível para acompanhar as exigências de ensino-aprendizagem no ensino superior. Certamente entre as habilidades que definem a competência como leitor a mais importante é a compreensão de textos lidos. Entretanto nem sempre o ingressante na universidade parece ter a maturidade em leitura que dele é esperada. O objetivo do trabalho foi descrever e comparar o desempenho em leitura de calouros de um curso de enfermagem de Universidade particular situada na Grande São Paulo, tendo por base gênero e turno em que estavam matriculados. Como material foi usado um texto preparado de acordo com a técnica Cloze convencional para medir a compreensão. O material foi aplicado nas duas turmas e por amostragem sistemática, foram compostos quatro grupos: Diurno Masculino (DM), Diurno Feminino (DF), Noturno Masculino (NM) e Noturno Feminino (NF) cada um com 10 participantes. Usou-se uma ANOVA não paramétrica para comparar os quatro grupos, tendo por Ho:os grupos são iguais e Hi: os grupos são diferentes com dc=134,3 para p≤0,05. Quanto mais alta a pontuação pior é o desempenho. Pela ordem, o melhor resultado foi de NM=167 seguido de NF e DF ambos com 204 e o pior desempenho foi de DM=245. Entretanto a ANOVA resultou em não rejeição de Ho. A comparação por turno foi feita usando-se o teste U para amostra média (N1 e N2=20) sendo R1=371(noturno) e R2=249. Aplicada a fórmula obteve-se U=239>Uc=23 não se rejeitando Ho. no caso da variável gênero, para o masculino R1=412 e para feminino R2=408, sendo U=198>Uc=23 não houve diferença estatística atribuível a gênero. Entretanto o desempenho dos grupos tendeu a estar muito aquém do esperado. No período noturno para os sujeitos feminino a compreensão foi de quatro a 10 acertos e no gênero masculino variou de quatro até 13 acertos. No período diurno, as respostas femininas variam de um a 17 acertos enquanto para o masculino a variação foi de zero a 12 acertos. Concluiu-se que é muito baixo o nível de compreensão de leitura dos quatros grupos o que pode trazer muita dificuldade na aprendizagem das disciplinas acadêmicas. Não havendo diferença de gênero e número, cabia realizar programas de ensino de estratégias de leitura para assegurar aprendizagem e mesmo reduzir a evasão escolar. Os resultados indicam que o ensino nos níveis de ensino fundamental e médio não está tendo êxito na formação de leitores.

Palavras- chave: feminino de enfermagem, compreensão de texto, problemas de leitura escolar.

Pesquisador – P

ESC

COMPREENSÃO DE TEXTO POR INGRESSANTES EM CURSO DE PSICOLOGIA DE DUAS UNIVERSIDADES. *Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP), Jamili Rasoul Salem de Souza (Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP),Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco/SP)*

A leitura na universidade é um dos caminhos que leva o aluno a ter acesso ao conhecimento. Quando ela é bem aprendida propicia a este aluno um desenvolvimento pleno. No entanto, tal habilidade em leitura parece não estar sendo adequadamente aprendidas pelos alunos universitários ingressantes. Este estudo foi proposto com o objetivo de comparar o desempenho em compreensão em ingressantes no curso de Psicologia de duas universidades, ambas na Grande São Paulo, levando em consideração o gênero e o turno frequentado pelos estudantes. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/2008. Como se pretendeu comparar o desempenho por gênero, constatando-se a baixa matrícula nos cursos por alunos do gênero masculino, foram compostos grupos tendo por base a turma com o menor número deste gênero (N=5), as universidades receberam números 1 e 2. Foram constituídos oito grupos (N=40), todos adultos que assinaram o TCLE. A Escola 1(E1) ficou com quatro subgrupos: 1MF (cinco alunas); 1MM (cinco alunos) ambos do período da manhã; 1NF alunas do período noturno e 1NM, alunos também do período noturno. A Escola 2 (E2) ficou composta por 2MF e 2MM, com alunos do matutino e noturno (2NF e 2NM). O texto de leitura para a aplicação do teste Cloze seguiu o modelo padrão. Optou-se por comparar os oito grupos por meio de uma análise de variância não paramétrica (ANOVA), com Ho:todos os grupos são iguais, Ha: todos os grupos são diferentes entre si, portanto bicaudal. Foi definido que k=8, n=5, p≤ 0,05, o que resulta em dc= 112. Na comparação dos grupos quanto maior o total de pontos alcançado pelo grupo, pior foi o seu desempenho, assim os piores resultados foram da E1 – 1MF ficou com 142,5, seguido de 1NF com 140,0, 1MM com 123,5 e 1NM com 120,5. O teste U foi utilizado para comparar os resultados, alcançando-se R1=353,5 para os participantes masculinos e R2= 465,5 para o feminino, obtendo-se U=256,5. Por ser amostra grande recorreu-se à fórmula de transformação de U em z. O valor obtido foi z=152, associado a p=0,065, ou seja, não houve diferença estatisticamente significante entre os dois gêneros. Quanto ao turno Uo=232, z=0,86 associado a p=0,19, demonstrando não haver diferença estatística atribuível a turno. Os melhores resultados foram observados pela E2 que apresentou o grupo 2NF com 118,5, 2MF com 64,5, 2NM com 62,0 seguido do 2MM com 47,5. Para a E1 as variações de acertos foram as seguintes: 1MF de 7 a 21; 1NF de 6 a 19; 1MM de 12 a 21 e 1NM de 12 a 25. Para a E2 a variação de acertos foi a seguinte: 2MF de 1 a 14; 2NF de 6 a 12; 2MM de 2 a 18 e 2NM de 4 a 18. Na comparação das Universidades Uo=83,5, z=0,86, p=0,0008, ou seja, com alta significância estatística. Assim, detectou-se que há problemas quanto à compreensão de leitura, sugerindo-se programas que viabilizem o desenvolvimento das habilidades e competências gerais em leitura com ênfase no discurso científico.

Palavras-chave: avaliação psicoeducacional; ensino universitário; teste Cloze.

Pesquisador – P

ESC

CONCEPÇÕES DE EDUCADORES ACERCA DO BRINCAR E SUA PARTICIPAÇÃO EM SITUAÇÃO DE BRINCADEIRA LIVRE. *Clara Raíssa Fernandes de Melo*, Keilla Rebeka Simões de Oliveira*, Fabíola de Sousa Braz Aquino** (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Os contextos educativos como creches e pré-escolas tem sido alvo de pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento e da educação. Discute-se entre os estudiosos da área de que forma instituições de educação infantil podem se constituir enquanto espaços promotores de aprendizado e desenvolvimento e, nesses contextos, o adulto tem um papel essencial na mediação dos significados e usos socioculturais dos brinquedos, ao criar momentos nos quais as crianças se apropriam gradativamente de formas culturais de manuseio dos objetos. Neste sentido, o presente trabalho objetivou conhecer as concepções dos educadores sobre os brinquedos e as brincadeiras, e os estilos de participação dos mesmos durante situações de brincadeira livre com crianças, por entender que tais concepções influenciam nas interações estabelecidas junto às crianças, no cotidiano da creche. Para conhecer as concepções das educadoras foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com onze educadoras, sendo seis professoras, três monitoras e duas berçaristas de três instituições de educação infantil. Além disso, foram realizadas nove observações de situações de brincadeira livre dessas educadoras com suas respectivas turmas para conhecer seus estilos de participação nas interações com as crianças. Crianças na faixa etária de 1 a 3 anos participaram das observações. Para cada idade realizaram-se três observações em três instituições de educação infantil, nas quais participaram as onze educadoras entrevistadas. Em cada observação focou-se as interações entre a educadora e uma das crianças da turma, escolhida através de sorteio. Os resultados das entrevistas permitiram verificar que a maioria das educadoras ressalta o papel do brincar e da brincadeira como favorecedor da aprendizagem e do desenvolvimento, porém apenas uma educadora explorou a contribuição do brinquedo/brincadeira especificando como utilizava o mesmo. O educador mostrou-se várias vezes alheio às brincadeiras ou à proposição de situações lúdicas dirigidas à criança. Além disso, as profissionais parecem entender as situações de brincadeira como algo espontâneo da criança e que não exige sua participação. Verificou-se que o professor reconhece a importância da brincadeira e do brinquedo, mas possui dificuldades em utilizá-los, expondo uma desarticulação entre teoria e prática. Esses resultados sugerem a necessidade de intervenções nesses contextos que favoreçam a circulação de práticas que demonstrem a consideração de que as crianças se desenvolvem a partir das interações sociais e que a participação das educadoras em contextos lúdicos é imprescindível para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento global infantil, incidindo na zona de desenvolvimento proximal da criança. Dessa forma, sugere-se a realização de intervenções do(a) psicólogo(a) escolar junto aos demais profissionais envolvidos no processo pedagógico, principalmente com os educadores, no sentido de criar espaços de discussão que mobilizem os agentes educacionais, marcadamente professores, com vistas a promover um aperfeiçoamento profissional dos educadores que enfatize questões teóricas e práticas, por entender que a formação profissional possui impacto nas estratégias pedagógicas implementadas pelos docentes bem como nas percepções de agentes educacionais.

Concepções de educadores; mediação; psicologia escolar/educacional

ESC

CONCEPÇÕES DE EDUCADORES SOBRE O BRINQUEDO E O BRINCAR EM CRIANÇAS NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE VIDA. *Clara Raíssa Fernandes de Melo*,Keilla Rebeka Simões de Oliveira*, Fabíola de Sousa Braz Aquino** (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Os contextos educativos como creches e pré-escolas tem sido alvo de pesquisas no campo da psicologia do desenvolvimento e da educação. Discute-se entre os estudiosos da área de que forma instituições de educação infantil podem se constituir enquanto espaços promotores de aprendizado e desenvolvimento. Sobre esses contextos, debate-se de que forma a qualidade das interações adulto-criança pode auxiliar os infantes na apropriação de artefatos socioculturalmente construídos e tipicamente humanos. Ressalta-se na presente pesquisa o papel do brincar no desenvolvimento infantil e de que forma o educador que lida com a criança o concebe, principalmente pelas funções que exerce sobre o aprendizado das crianças, tais como a função lúdica, na qual o brinquedo proporciona diversão e prazer, e a função educativa, para qual o brinquedo possui o papel de ensinar. Especificamente nesse estudo, foram destacadas as concepções dos educadores sobre os brinquedos e as brincadeiras por entender que tais concepções influenciam nas interações estabelecidas e no modo como esses recursos são utilizados pelas educadoras junto às crianças, no cotidiano da creche. Defende-se que o educador pode atuar como um mediador na relação da criança com o contexto e que o entendimento deste sobre a relevância da atividade lúcida e do uso de brinquedos pode favorecer a criação de contextos que contribuam para o desenvolvimento global infantil. Nesse sentido o presente estudo teve como objetivo conhecer as concepções de educadores de creches da cidade de João Pessoa – PB acerca do brincar e do brinquedo. Para conhecer estas concepções, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte e sete educadoras, sendo quatorze professoras, onze monitoras e duas berçaristas de sete instituições de educação infantil. Os discursos das profissionais, registrados por meio de um mini-gravador, foram transcritos literalmente para análise. Os resultados das entrevistas permitiram verificar que a maioria das educadoras enfatiza o papel do brincar e da brincadeira como favorecedor da aprendizagem e do desenvolvimento, porém apenas uma educadora explorou a contribuição do brinquedo/brincadeira especificando o mesmo. Verificou-se que a maioria das professoras reconhece a importância da brincadeira e do brinquedo, mas possui dificuldades em utilizá-los como recurso pedagógico, expondo uma desarticulação entre teoria e prática. Dessa forma, sugere-se a realização de intervenções do(a) psicólogo(a) escolar junto aos demais profissionais envolvidos no processo pedagógico, principalmente com os educadores, no sentido de criar espaços de discussão que mobilizem os agentes educacionais, marcadamente professores, com vistas a promover uma formação continuada dos educadores que enfatize questões teóricas e práticas, por entender que a formação profissional possui impacto nas estratégias pedagógicas implementadas pelos docentes bem como nas percepções de agentes educacionais.Os resultados encontrados são importantes para suscitar intervenções por psicólogos escolares e educacionais no sentido de mediar às relações entre os educadores e as crianças em situações de aprendizado, tais como o da brincadeira, atuando dessa forma como um agente promotor das relações entre desenvolvimento e aprendizagem em contextos formais de caráter educativo.

Psicólogo escolar/educacional; brincar; concepções de educadoras

Programa Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC/CNPq/UFPB

ESC

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JUIZ DE FORA REFERENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZADO DE LEITURA E ESCRITA. *Leonice Bárbara de Rezende (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

As habilidades de leitura e escrita estão entre as aquisições mais importantes para o individuo na contemporaneidade, porém o que se tem visto a partir dos dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um número alarmante de crianças brasileiras da 4ª série que não estão alfabetizadas ou não são leitores competentes. Muitas podem ser as causas para estas dificuldades, o que já se sabe a partir do progresso da ciência da linguagem escrita é que fatores como consciência fonológica, a consciência morfológica, o nome das letras e a nomeação seriada rápida, são importantes no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Sabendo da importância de tais variáveis para o desenvolvimento de leitura e escrita e das inúmeras possibilidades de intervenção do psicólogo no cotexto educativo, o presente trabalho investigou o que pensam e o que fazem os psicólogos escolares frente às dificuldades de leitura e escrita. Para atingir tal objetivo foram entrevistados onze psicólogos escolares da cidade de Juiz de Fora, foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado, composto por 10 questões. A maioria das entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, após este processo foram analisadas por meio da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicaram que a maioria dos profissionais realiza um trabalho prioritariamente com o foco no aluno. As dificuldades de leitura e escrita foram apontadas por todos os psicólogos como presentes no contexto escolar. Entre as causas mais apontadas para essas dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita foram à falta de acompanhamento dos pais, porém somente dois profissionais disseram realizar um trabalho com os pais. A maioria dos psicólogos desconhecia os avanços da psicologia no que se refere às variáveis cognitivas subjacentes ao desenvolvimento da leitura e da escrita, sendo que somente um entrevistado citou a consciência fonológica, como consequência para as dificuldades de leitura e escrita. A maioria dos entrevistados não realizava qualquer trabalho de intervenção nessas dificuldades, apenas dois profissionais responderam realizar algum trabalho nesse sentido. O que se pode concluir é que os psicólogos escolares entrevistados ignoram os avanços ocorridos nos últimos vinte anos na área da Psicologia da leitura e, consequentemente, têm realizado uma prática profissional desvinculada de tais avanços científicos. Não pretendemos com o presente trabalho promulgar a ideia errônea de que o elevado índice de crianças e adolescentes com dificuldade de leitura em nosso país se deve inteiramente a problemas de ordem cognitiva, e sim o que queremos é que variáveis como a consciência fonológica, a consciência morfológica, o nome das letras e a nomeação seriada rápida sejam levadas em consideração pelos profissionais da psicologia quando se depararem com crianças e adolescentes com dificuldades em leitura e escrita em sua prática profissional, se beneficiando assim dos avanços de sua própria ciência.

Psicologia escolar; leitura e escrita; cognição

ESC

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DA LEITURA PARA A ELABORAÇÃO DE UM MODELO DE ESTRATÉGIAS DE PROCESSAMENTO TEXTUAL.

Wilsa Maria Ramos (Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório Àgora Psique, professora pós-doutora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Brasília, DF).

O presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar as estratégias de compreensão leitora usadas por professores e relacioná-las com as estratégias de ensino em classe. O referencial teórico enfocou os conceitos de compreensão leitora, relações e processos constituintes, destacando as estratégias de processamento ativo do texto que devem ser aplicadas na base textual para a construção da macroestrutura e da representação situacional. Tratou-se de um estudo de caso realizado em 3 salas de aula de uma escola pública de ensino fundamental sobre os tipos de estratégias que professores e alunos lançam mão no ato da leitura. Para o estudo, desenvolvemos um modelo de análise capaz de mapear as estratégias que professores e alunos utilizam no processamento textual. Analisamos três tipos de estratégias de compreensão leitora: textuais, de conhecimento prévio e inferência e de automonitoramento. Na investigação, mapeamos as estratégias propriamente ditas do professor leitor, posteriormente, as estratégias de compreensão em sala de aula e, finalmente, relacionamos os dois momentos. Os resultados apontaram que as estratégias usadas pelas professoras divergiram das estratégias usadas em sala de aula. Em classe, houve uma tendência ao uso de estratégias de repetição das proposições, paráfrases sem aporte de conhecimentos e inferências, resultando num processo de ensino por repetição dos conteúdos textuais. No processo de leitura das professoras, utilizaram as estratégias de paráfrase e construção da microestrutura, mas também utilizaram a evocação de conhecimento prévio, contrastando o seu conhecimento com as idéias do texto, as macro-regras e o processo inferencial. Os resultados do estudo de caso demonstraram que as participantes utilizam estratégias e subestratégias no processamento textual, mas não modelam este comportamento em classe. A atividade de leitura para as professoras demonstrou ser um exercício escolar, uma atividade escolarizada, descolada das demandas dos alunos e dos próprios textos. As pesquisas apontam que a diferença entre bons e maus leitores reside basicamente na qualidade e quantidade de estratégias que se põe em jogo no momento da compreensão leitora. Mas os resultados nos apontaram que não é a quantidade de estratégias e subestratégias que resulta em uma compreensão global, mas sim a forma estratégica e ativa de selecioná-las e aplicá-las. Concluímos que, nos casos estudados, a atividade de ensino da compreensão leitora expressa um conjunto de técnicas isoladas e pouco efetivas. O currículo de formação dos professores é um fator critico que explica, em parte, esses resultados, porque não inclui o tema compreensão leitora.

PD - Pesquisador

Palavras-chaves: compreensão leitora; estratégias; formação de professores.

ESC

DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM MUSICAL PARA BEBÊS NUMA CRECHE. *Malba Cunha Tormin**; Tizuko Morchida Kishimoto (Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da FEUSP - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP)*

O presente trabalho contempla a primeira parte de uma pesquisa de doutorado, a qual foi realizada em dois berçários de uma creche na cidade de São Paulo. O objetivo foi investigar a presença da linguagem musical, de como a música tem sido ofertada para os bebês e se as atividades musicais são propiciadoras de desenvolvimento e aptidão cognitivo musical infantil. O estudo foi fundamentado nos pressupostos mediacionais de Vygotsky e Feuerstein, nas contribuições da pscologia cognitivo musical de John Sloboda e colaboradores e na teoria da aprendizagem musical para recém-nascidos de Edwin Gordon. Essa teoria aponta para a aprendizagem musical infantil desde o nascimento ou mesmo antes, sobre a capacidade de se aprender música similar à linguagem materna e propõe uma sequência de atividades que visam o desenvolvimento da audiação e aptidão musical infantil. Por essas razões, a mediação entre professores, pais e bebês são determinantes nesse processo de desenvolvimento musical e para tanto as concepções de Vygotsky e Feuerstein são imprescindíveis, pois vão sustentar o desenvolvimento das potencialidades e funções superiores da mente, critérios de mediação, como também ao considerar o meio sócio cultural como integrante desse processo de aprendizagem. Os sujeitos da pesquisa foram quatro professoras de educação infantil e 17 bebês com faixa etária de sete meses a 2 anos e 3 meses de idade dos Berçários I e II da creche. Por meio de uma investigação qualitativa, na modalidade pesquisa-ação, foi estabelecida uma parceria entre pesquisador e professores construindo ações colaborativas que favorecem a transformação da práxis e a qualidade na oferta de atividades musicais aos bebês. Como instrumentos de investigação foram utilizados as Escalas de Empenho do Adulto e Envolvimento das crianças de Ferre Leavers. Os resultados indicaram registros no empenho das professoras e no envolvimento dos bebês em relação às atividades musicais e sinalizaram que a presença da música nas atividades infantis favorece o envolvimento e o bem estar da criança. Numa comparação entre os Berçários I e II, os resultados apontaram que houve maior presença dos elementos da linguagem musical (ritmo, melodia e timbre) no Berçário I em relação ao Berçário II e que nas atividades com música o empenho das professoras do Berçário I foi maior comparado às outras atividades da rotina dos bebês. Outro dado importante foi que mesmo as professoras não tendo formação específica em música houve a presença de música em sua prática pedagógica, embora sem fundamentações metodológicas e pouco diversificada. Em relação aos bebês, sempre que houve a presença da música nas atividades houve um maior envolvimento deles. Apesar dos bons resultados mediante a presença da música no Berçário I, essas foram interpretadas como recreação, que apesar de importante, não são propiciadora de um sistemático desenvolvimento musical infantil. Portanto, faz-se necessário propor intervenções junto às professoras para sua devida formação musical habilitando-as metodologicamente a uma sequência de atividades musiciais direcionadas ao desenvolvimento cognitivo musical dos bebês. Essa será a segunda fase da pesquisa.

Bebês, desenvolvimento e aprendizagem musical, escalas de envolvimento e empenho.

ESC

DINÂMICAS DE APRESENTAÇÃO E INTERAÇÃO COMO RECURSO EM METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM APÓS DOIS ANOS DE CONVÍVIO ACADÊMICO. *Sônia Regina Cassiano de Araújo (Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo-SP)*

Nos ultimos 30 anos temos visto mudanças acadêmicas que vão da aprendizagem focada no ensino através de aulas expositivas ao ensino centrado no aluno com metodologias ativas. Os professores têm buscado promover a participação ativa dos estudantes, o que requer o envolvimento de práticas coletivas. Neste sentido acredita-se que estudantes adultos, que já experimentaram interações com as mais diferentes pessoas e culturas, e que já convivem no mesmo curso a dois anos, provavelmente apresentam condições necessárias ao desenvolvido de atividades que requerem aceitação da diversidade cultural, divergência de opiniões, atitudes e valores, e que se sentem a vontade para expor suas idéias, questionar e alterar suas próprias crenças para integrar novos conceitos em sua própria visão de mundo. No entanto, mesmo professores mais experientes podem equivocar-se na forma de entender estes pressupostos e deixar de considerar a importância das dinâmicas que favorecem prátcas em metodologia ativa. O objetivo foi identificar as respostas de estudantes de graduação superior do curso de marketing ao vivenciarem uma dinâmica de interação na primeira aula do 5º semestre do curso, após dois anos de convívio acadêmico. Aplicou-se uma dinâmica de grupo, de apresentação e quebra gelo, na primeira aula do 5º semestre do curso de marketing, disciplina criatividade e inovação da Universidade Anhembi Morumbi. 116 estudantes participaram da dinâmica em quatro classes. Ao final da dinâmica os estudantes foram estimulados a escreverem suas percepções e sensações de sua participação. A analise qualitativa que codificou, classificou e categorizou os comentários demonstrou que 97% dos participantes perceberam a atividade como: grande oportunidade de interação, conhecer melhor os colegas, tornar a classe mais construtiva, entrosamento, conhecer pontos fortes e de melhoria. Em um dos relatos pode-se ler "[...] em pouco tempo pude identificar o que não havia identificado durante todo o curso [...]". Apenas 2,6% fizeram referência a não haver surpresa com a atividade ou não considerá-la proveitosa, pois já se conheciam. Os resultados rompem a crença de que após dois anos de convívio os estudantes já se conhecem o suficiente para um ótimo desempenho ao desenvolverem trabalhos em equipe. A dinâmica mostrou que a interação entre os estudantes pode depender de um esforço contínuo dos professores para a criação de um ambiente de estudo eficaz, assim como entender por que os estudantes respondem de diferentes maneiras a determinados tipos de tarefas de aprendizagem, e que os estágios de desenvolvimento cognitivo, pré reflexivo, quase reflexivo e pensamento reflexivo de universitários pode ser extremamente útil para o sucesso dos professores e estudantes . Concluiu-se que há necessidade de rever os paradigmas de interação acadêmica para melhorar o desempenho de produção de conhecimentos de forma colaborativa. As dinâmicas de interação favorecem o melhor conhecimento de sí e do outro podendo ser aplicadas ao longo do curso e não apenas no início, pois potencializam as habilidades cognirivas como construção de argumentos e avaliação de evidências que fortalecem opiniões e posicionamento critico diante aos problemas da realidade com importante reflexo na futura atuação profissional da forma que desejamos ver nos estudantes universitários.

Dinâmica de grupo, metodologia ativa, universitários

ESC

DISCUTINDO GÊNERO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA. *Nathália Pereira de Oliveira*, Luísa Vianna Baiocchi* (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura nacional que estuda a homossexualidade normalmente investiga como diferentes grupos (ex: estudantes do ensino médio, universitários, etc.) entendem o assunto. Por outro lado, a temática acerca da homofobia tem sido negligenciada tanto pela pesquisa quanto pelo senso comum. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo investigar como os adolescentes inseridos no contexto grupal entendem tanto a homossexualidade como a homofobia, além de identificar preconceitos e estereotipias nas verbalizações dos participantes, a fim de levantar questões que sejam pertinentes ao desenvolvimento de projetos/intervenções no Ensino Médio que minimizem os casos de homofobia nesse contexto. Para tanto, foi considerada a fala do grupo e não apenas as verbalizações individuais. Para o atendimento dos objetivos foram realizados três grupos focais com alunos do Ensino Médio de uma escola pública do Distrito Federal, com total de 21 adolescentes. Os grupos foram mistos alunos do sexo masculino e feminino e tiveram cerca de 90 minutos de duração cada. As pesquisadoras utilizaram, em cada grupo, cinco eixos que consistiam nos pontos de discussão a serem investigados: como os participantes explicavam a homossexualidade, qual era a opinião deles a respeito da união homoafetiva, o que eles entendiam sobre a homofobia, o que eles consideravam violência contra homossexuais e o que eles achavam sobre a implantação de programas educacionais contra a homofobia nas escolas. Os resultados mostraram que para os participantes a homossexualidade não poderia ser explicada apenas por uma questão biológica, no entanto, não houve consenso a respeito do entendimento da homossexualidade como uma escolha feita pelo indivíduo. Em todos os grupos focais, as posições favoráveis à união homoafetiva estiveram presentes. Quanto à homofobia, os alunos relataram que essa é uma prática ofensiva e direcionada às pessoas que mantém relações homoafetivas, além disso, entenderam que a violência objetiva discriminar esse grupo de pessoas e se manifesta no âmbito físico, verbal e psicológico. Em todos os grupos os participantes mostraram-se a favor da implementação de programas educacionais, no entanto, demonstram preferência se esses fossem apresentados com o uso de estratégias que pudessem minimizar o preconceito/discriminação de forma geral, não focando apenas no que concerne à homofobia. Pode-se perceber, a partir dos pronunciamentos dos alunos,que possuem, de forma geral, posicionamentos favoráveis a respeito das questões e lutas dos homossexuais, no entanto, essas mesmas verbalizações apontaram, muitas vezes, uma tolerância frente a questão, diferentemente de um respeito diante das problemáticas concernentes à homofobia. Tal fato pode ser ilustrado por comentários sobre a possibilidade de mudar as ideias que os homossexuais tem a respeito de sua vida afetiva. Além disso, foi possível perceber que as discussões sobre homossexualidade e homofobia seriam melhores aceitas dentro de programas educacionais se esses abordassem o respeito à diversidade de forma geral, assim pode-se identificar certa tendência a silenciar a discussão específica sobre a homofobia se essa for trazida de forma explícita e enfática. Pelos fatores descritos nos resultados, pode-se pensar em formas pertinentes de trabalhar o tema, levando em consideração a demanda dos jovens.

Homofobia - Educação - Homossexualidade

Programa de Educação Tutorial - MEC

ESC

DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: IDENTIDADE E DESAFIOS ATUAIS. *Tatiana Machiavelli Carmo Souza** (Universidade Federal de Goiás - Curso de Psicologia)*

A identidade docente é constituída por uma prática socialmente valorizada e legitimada; isto é, o docente apresenta forma própria, singular de ser e estar nas relações, de compreender as situações, de julgar a realidade, de interpretar o mundo. Denota-se que a identidade não é algo rígido ou estático, mas é um processo continuamente construído nas diversas experiências pessoais e profissionais. Valores são construídos, crenças são modificadas, atitudes são efetivadas e vão (re)significando as vivências e formas de existência. A identidade do docente não é algo cristalizado, mas uma estrutura mutante. Os atributos que caracterizam o docente e o exercício da docência relacionam-se às múltiplas e diversificadas interações sociais frutos de contexto histórico, social, político, econômico e cultural. A concepção de docência que alicerça esse trabalho transcende a ideia de ação técnica ou operacionalização de tarefas. Compreende-se, aqui, a docência como experiência que perpassa a competência técnica, entretanto, não se esgota nela. A experiência da docência comporta uma dimensão reflexiva e uma dimensão prática, atravessadas pelo elemento subjetivo, já que as relações e vivências interpessoais são marcadas pela afetividade, pela valoração e pela ética. Falar da identidade docente não se trata de agrupar os professores sob um conglomerado de aspectos ou generalidade, como se fosse possível agrupar, determinar e homogeneizar essa categoria profissional. Na discussão acerca da identidade docente, busca-se desenvolver um olhar acerca dos elementos sócio-profissionais que articulados possibilitam um fazer profissional. A docência é entendida como processo construído no curso da própria trajetória. Essa característica vem cercada do "inacabamento", já que o aprendizado da docência não se esgota e demanda o desejo pelo aprender do docente. A compreensão e a análise do significado da docência tem tangenciado muito pouco as motivações intrínsecas que conduzem a esse trabalho, dadas especialmente pela dificuldade em efetivar tal discussão. Parte-se do entendimento de que o ser professor, bem como o rol de atuações profissionais docentes, se edificam a partir dos sentidos subjetivos construídos e de certo grau de emocionalidade. É possível afirmar, então, que as práticas profissionais vão sendo construídas perpassando as experiências e vivências pessoais. As contradições que permeiam a identidade docente suscitam a necessidade de aprofundar os estudos acerca das determinações culturais, afetivas e sociais do exercício docente universitário. A identidade profissional sofre interferências, também, da imagem social. Por um lado, a sociedade valoriza e estima a atuação do professor, ressaltando sua importância no que tange o desenvolvimento e educação dos estudantes; por outro lado, há por parte da mesma sociedade uma desvalorização quanto ao salário e as políticas educacionais pouco efetivas.

Docência. Universidade. Subjetividade.

ESC

EM BUSCA DAS POTENCIALIDADES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO POR MEIO DO PERFIL PSICOEDUCACIONAL REVISADO (PEP-R). *Rosária Maria Fernandes da Silva, Micheline Evelin Jablonski Barghouti, Patrícia Luíza Slongo (Univali)*

Nos Transtornos Globais do Desenvolvimento, o problema não é a ausência do desejo de interagir e comunicar-se, e sim, a ausência da habilidade para fazê-lo. O objetivo deste estudo foi identificar as potencialidades de seis crianças do sexo masculino com idades entre seis e nove anos, já diagnosticadas com Transtornos Globais do Desenvolvimento, por meio da aplicação do Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R). Essa pesquisa foi realizada em duas etapas: (1) anamnese; (2) aplicação do PEP-R. O PEP-R avalia sete áreas do desenvolvimento infantil: imitação, coordenação viso-motora, percepção, coordenação motora ampla, coordenação motora fina, desempenho cognitivo e cognição verbal. Os dados demonstram que na Escala do Perfil do Desenvolvimento, as potencialidades foram evidenciadas em quatro áreas: Imitação, Percepção, Motora Fina e Motora Grossa, sempre considerando o somatório da pontuação das categorias de respostas "passou" e "emergente". A área Motora Grossa foi a área de potencialidade prevalencente, pois foram identificadas em três das seis crianças (B, E e F). A segunda área prevalecente, identificada como área de potencialidade no Perfil do Desenvolvimento foi a Motora Fina, identificada em duas das seis crianças (A e C). Na Escala do Perfil do Comportamento, as potencialidades evidenciadas foram Relacionamento e Afeto, Brincar e Interesse por Materiais, Respostas Sensoriais e Linguagem. As Respostas Sensoriais foram apontadas como áreas de potencialidade em três das seis crianças (B, E e F). O Relacionamento e Afeto como áreas de potencialidade em duas das seis crianças e a área da Linguagem em somente uma das seis crianças. Das seis crianças, quatro, no momento da aplicação, foram consideradas não-verbais e apenas duas obtiveram pontuações relativamente altas. É importante salientar que a condição não-verbal, não significa que a criança não tenha capacidade de compreensão da fala, principalmente se esta for formulada com aspectos concretos como gesticulações e direcionamentos que dão demonstrações concretas de como se deve realizar a tarefa. Muitas vezes, as respostas de que as crianças realmente compreenderam o que esta sendo falado, ficam comprometidas devido aos problemas relacionados a outras áreas, como por exemplo, a Motora Grossa e Fina, pois durante as aplicações, observou-se que algumas crianças compreendiam totalmente o que foi verbalizado, porém, não conseguiam responder de nenhuma forma. Conclui-se que o PEP-R deve ser considerado como uma ferramenta avaliativa que deverá ser acrescentada ao processo avaliativo e não ser considerado como único neste processo. Constatou-se também que o momento ideal para a primeira aplicação do PEP-R é no ingresso da criança na instituição, pois a avaliação forneceu dados e informações que geralmente só são obtidos, no decorrer de um ano. Contudo, sabe-se que as características dessas crianças não são estáticas e ocorrem modificações nos sintomas que podem simplesmente desaparecer ou tornarem-se mais exacerbadas. Com o desenvolvimento, outras características podem aparecer. Sendo assim, é importante investir em novos estudos, para que se possa encontrar um caminho, uma porta de entrada, para o mundo obscuro e conturbado de crianças que apresentam Transtorno Global do desenvolvimento.

Transtorno Global do Desenvolvimento. Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R). Potencialidades.

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação).

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ENSINAR PARA DESENVOLVER: O USO DE ESTRATÉGIAS COGNITIVAS E METACOGNITIVAS DE LEITURA A PARTIR DA HISTÓRIA MARCELO, MARMELO E MARTELO. *Renan de Almeida Sargiani* (Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP), Rosana Tósi da Costa (Supervisora de estágios em Psicologia Escolar/Educacional, Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP)*

O presente estudo consiste no relato do estágio final de conclusão de curso realizado em Psicologia Escolar/Educacional como requisito parcial para a obtenção do título de Psicólogo na Universidade Cruzeiro do Sul. No primeiro semestre de 2011, realizamos visitas semanais a uma escola pública de Ensino Fundamental da Zona Leste de São Paulo, com o objetivo de investigar uma queixa escolar e construir um projeto de intervenção. Após várias semanas realizando observações em sala de aula, concluímos que a queixa da diretora era pertinente e elaboramos um projeto de intervenção, aplicado no 2º semestre de 2011. A queixa era de que os alunos das 4ª séries pegavam livros emprestados semanalmente na biblioteca, mas as professoras não verificavam se a leitura havia sido realizada, de que forma foi feita, o que foi aprendido, nem havia a socialização do material lido. A diretora queixava-se de que a leitura não "circulava pela escola" e dizia que as professoras não valorizavam a leitura. Dessa forma, propusemos uma série de atividades realizadas a partir da leitura da história "Marcelo, Marmelo e Martelo" da escritora infantil Ruth Rocha. Dentre os objetivos desse projeto, fundamentados na Psicologia Cognitiva da Leitura, encontrava-se o ensino/desenvolvimento de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura e a apresentação de técnicas que pudessem contribuir para o trabalho das professoras e para que elas se reconhecessem como modelo de leitoras. Os participantes foram 4 professoras e 119 alunos de 4 turmas de 4ª série do ensino fundamental, com idades variando entre 9 e 11 anos. Entendemos por estratégias de leitura cognitivas e metacognitivas, os diferentes recursos utilizados pelos leitores para a compreensão do material a ser lido. O desenvolvimento dessas estratégias permite, portanto, uma melhor apreensão do conteúdo e maior relação com os materiais lidos. Dentre as atividades que propusemos utilizamos diferentes estratégias como a previsão, resumo, análise, inferências, dentre outras. Foram realizadas 10ª sessões com cada uma das turmas, as atividades foram desde a leitura da história proposta até a criação de uma história própria e confecção de um livro, utilizando sempre as estratégias de leitura. Essas atividades eram realizadas pelo estagiário de Psicologia em sala de aula e sempre com a presença da professora responsável que poderia então aprender a técnica. Obtivemos grande aceitação do projeto tanto dos alunos quanto das professoras responsáveis. Verificamos um aumento do interesse dos alunos pela leitura, bem como do uso de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura em situações diferentes da leitura proposta inicialmente, o que sugere que os alunos aprenderam a utilizá-las. As professoras se envolveram com o projeto e aderiram às técnicas utilizadas. De tal modo, que seguindo as sugestões das professoras, as atividades individuais dos alunos foram expostas como livros na Mostra Cultural da escola. A exposição dos trabalhos foi importante para contribuir com nossos objetivos, pois, permitiu ampliar a socialização do que era feito nas salas de aula. A exposição dos livros consolidou a intenção de "circular a leitura pela escola" o que era a demanda inicial proposta pela diretora.

Estratégias cognitivas de leitura; psicologia cognitiva da leitura; ensino fundamental

ESC

ENSINO DE ESPANHOL COM DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS – UM ESTUDO PILOTO. *Rosana Valinas Llausas**, Melania Moroz (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, NEPEN - Núcleo de Estudos sobre o Ensino).*

No Brasil há um crescente número de escolas ensinando línguas estrangeiras, entre elas o espanhol, no Ensino Fundamental e Médio da rede particular e pública de ensino, obrigatoriedade formalizada pela Lei 11.161, promulgada em 2005. Nesse contexto, torna-se importante desenvolver estudos visando ao ensino de língua espanhola. Fundamentados na Análise do Comportamento e no modelo de equivalência de estímulos, têm sido desenvolvidos estudos que apresentam resultados promissores em diferentes áreas, como em Língua Portuguesa, no ensino de leitura e escrita, em Matemática, no ensino de números e de frações, em Artes, na leitura de imagens, em Música, no ensino de notas musicais, entre outros. O presente trabalho foi aplicado a três alunos do Ensino Médio e teve como objetivos apresentar os resultados de um procedimento de ensino de leitura (com compreensão e pronúncia) de palavras e orações, em língua espanhola, contendo a letra "j", cuja sonorização é crítica para falantes de língua portuguesa. Foram ensinadas discriminações condicionais entre diferentes modalidades de estímulos, utilizando-se como recurso um software educativo. O procedimento foi dividido em: pré-teste, ensino, teste de emergência de relações, teste de leitura generalizada tanto de palavras quanto de orações. Para o ensino e teste de relações emergentes, foram utilizadas três classes de estímulos: (A) palavra ditada em espanhol; (B) imagem representativa da palavra; (C) palavra impressa em espanhol. Os participantes foram divididos em dois grupos: para o primeiro foram ensinadas as relações AC e CB, sendo testadas as relações BC, AB e a leitura das palavras em espanhol (relação CD); para o segundo grupo, foram ensinadas as relações AC e AB, sendo testadas BC, CB e a leitura das palavras em espanhol (relação CD). Foram ensinadas as palavras: "jarra", "naranja", "tarjeta", "jícara", "rojo", "julio". Finalizado o ensino e teste de relações emergentes, foi testada a leitura generalizada das palavras "jabón", "lija", "jefe", "jirafa", "jota", "jugo", e das orações: "José toma jugo de naranja en la jicara roja.", "Jinete se escribe con jota". "La jarra roja es de Julio", formadas por sílabas das palavras ensinadas. Os resultados mostraram que: o desempenho atingiu o critério estabelecido na compreensão auditiva (relação AB) e na leitura receptiva (relação AC); ocorreu a emergência das relações BC, AB e CB; não ocorreu a produção oral / leitura expressiva (relação CD) de palavras ou orações e nem a sua tradução para o português.

Equivalência de estímulos, ensino, língua espanhola

A primeira autora é bolsista CNPq

ESC

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA PARA APRENDIZES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Sonia Cristina Esplendor dos Santos**, Melania Moroz (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica-SP, NEPEN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino)*

Com estudos cada vez mais minuciosos sobre o comportamento, os analistas do comportamento têm formulado importantes princípios que tornam mais clara a descrição dos comportamentos dos indivíduos, possibilitando a intervenção no sentido de modificá-los. No caso da leitura e da escrita, pesquisas recentes têm oferecido contribuições a partir do modelo de equivalência de estímulos. A literatura indica que, ensinando algumas relações condicionais entre estímulos sonoros e visuais (figuras e texto), é possível instalar ou aperfeiçoar os repertórios de leitura e escrita. Para indivíduos com desenvolvimento atípico, os repertórios de leitura e de escrita são fundamentais, para possibilitar sua inserção social. No entanto, esses repertórios raramente são ensinados. A presente pesquisa tem como objetivo apresentar um procedimento de ensino para aquisição dos repertórios de leitura e escrita, a partir de discriminações condicionais, para aprendizes com deficiência intelectual, utilizando o software educativo Mestre®. O trabalho esta organizado em seis etapas: ETAPA 1 – Avaliação do repertório dos alunos, através do IAL –I; ETAPA 2 – Aplicação do procedimento de ensino de 10 palavras e testes de verificação de emergência de relações; ETAPA 3 – Teste de generalização de leitura e escrita de palavras e frases; ETAPA 4 – Aplicação de procedimento de ensino de 05 palavras e teste de verificação de emergência de relações; ETAPA 5 – Teste de generalização de leitura e escrita de palavras e frases; ETAPA 6 – Reaplicação do IAL-I, nas relações CE e AE utilizando-se as palavras compostas por CV. O IAL-I (Instrumento de Avaliação de Leitura – Repertório Inicial), que é utilizado para fazer o levantamento dos conhecimentos e dificuldades dos alunos em leitura, além de parte da escrita. Esse instrumento está composto por três partes: 1) Informações gerais sobre os alunos; 2) Nomeação das letras do alfabeto, ou seja, relação entre estímulos CD (leitura expressiva) e atividade com palavras de sílabas simples e complexas nas relações entre estímulos CC, BC, CB, AC, CD, CE e AE, utilizando o software Mestre®; 3) Leitura de textos: uma carta manuscrita e um anúncio de propaganda, focando a fluência e a compreensão da leitura nos dois gêneros de texto. Nenhuma das atividades realizadas no IAL-I são consequenciadas. Para análise dos resultados do IAL-I, foram utilizados como valores de referência os seguintes índices: igual ou superior a 80% para indicação de desempenho satisfatório; entre 60% e 79% para indicação de desempenho insatisfatório; abaixo de 60% para indicação de desempenho deficitário. Os resultados apresentados evidenciam repertórios de leitura pouco desenvolvidos e um repertório de escrita, menos desenvolvido que o de leitura.

Educação Especial, avaliação de leitura e escrita, software educativo.

A aluna é bolsista CAPES

ESC

ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS: PESQUISAS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL. *Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha (Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Formação e Trabalho Docente, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), Sara Janaina Alves Batista (Faculdade de Educação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas)*

Trata-se dos resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em 2010-2012 sobre o tema Ensino Fundamental de 9 anos (EF), com objetivo de localizar trabalhos que analisassem a implantação/implementação do EF a partir da teoria Histórico-cultural. Utilizamos os seguintes descritores: Ensino Fundamental de nove anos e Escola de nove anos. Com esse procedimento, localizamos 90 trabalhos. A partir da leitura dos resumos e palavras-chave, selecionamos 27 dissertações e 3 teses, que abordavam de forma nuclear o tema EF. Deste conjunto, buscamos aqueles que apresentavam obras de Vigotski, Luria e/ou Leontiev em suas referências bibliográficas, restando assim, 17 trabalhos. O material selecionado foi lido na íntegra com o objetivo de identificar: (i) modos pelos quais estas obras são incorporadas aos textos; (iii) conceitos da teoria Histórico-cultural abordados; (iv) práticas pedagógicas e/ou aspectos do processo de ensino-aprendizagem analisados à luz destes conceitos e (v) problemas e/ou contribuições que estas dissertações e teses trazem para o entendimento do EF, considerando a articulação com a teoria focalizada. O material foi analisado de modo qualitativo e quantitativo. A partir das análises, pudemos identificar que (i) apesar de mencionarem a teoria vigotskiana, das 17 teses ou dissertações, 6 utilizavam a teoria de forma incidental, citando apenas 1 ou 2 vezes os autores Vigotski, Luria ou Leontiev; (ii) a bibliografia destes autores tomada como referência concentra-se em poucas obras, dentre elas, o livro "Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem" de Vigotski, Luria e Leontiev, é o mais mencionado (em 9 trabalhos), seguido pelos títulos "A formação social da mente" e "A construção do pensamento e da linguagem", ambas de Vigotski (com 8 ocorrências cada um); interrelacionando os (iii) os conceitos da teoria Histórico-cultural abordados e as (iv) práticas pedagógicas e/ou aspectos do processo de ensino-aprendizagem analisados à luz destes conceitos encontramos vinculações, prioritariamente, nos temas da escrita e processos/práticas a ela associadas (tais como: alfabetização e letramento, desenho como pré-história da descrita e escrita como processo culturalmente constituído e desenvolvido, entre outros) e da linguagem (dentro do qual agrupamos a abordagem da linguagem como instrumento de comunicação, expressão e compreensão, como discurso, a linguagem egocêntrica, as relações com o pensamento e os conceitos de signos, sentidos e significados). Destes resultados, problematizamos: (i) as obras mais referenciadas, considerando as críticas a que tem sido submetidas entre estudiosos da bibliografia da teoria Histórico-cultural; (ii) a importância de trabalhos discutindo as questões relativas à escrita, a partir da teoria Histórico-cultural no cenário de construção do novo EF e (iii) as razões da baixa frequência de pesquisas sobre a atividade lúdica (dentro do qual agrupamos as menções dos termos brincar, brincadeira e jogos com regras), dada a relevância desta prática para o desenvolvimento infantil, segundo a matriz teórica focalizada.

Palavras-chave: Teoria Histórico-cultural, ensino fundamental de 9 anos, práticas pedagógicas, escrita, atividade lúdica.

PIBIC/CNPq

ESC

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS. *Eliana Cristina Zanette Cipriano**, Renan de Almeida Sargiani**, Camila Ramos Franco de Souza**, Sylvia Bachiegga Rodrigues Pereira**, Margarete Borsi Jarussi**, Karina Alves Biasoli Stanich** (Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP)*

Desde o ano de 2006 com a lei no. 11.274/2006, o ensino fundamental passou a ter a duração de 9 anos. Além disso, outra mudança com essa lei foi de que a partir dela as crianças devem ingressar nessa modalidade de ensino com 6 anos. A partir de então muito se tem discutido sobre os efeitos dessa nova lei sobre a educação. Todos os dias, observa-se que várias questões como a maturidade das crianças, tipos e formas de conteúdos a serem ministrados em cada série, condições físicas e materiais, têm sido constantemente alvo de discussões nos meios acadêmicos ou não. Como a modificação na lei e aplicação prática ainda são relativamente recentes, poucos estudados foram feitos sobre o tema e as discussões têm se pautado muito mais por evidências não-científicas ou ainda pela experiência adquirida no cotidiano escolar. Nesse sentido, no presente estudo preliminar, que integra uma pesquisa maior ainda em andamento, foram realizadas entrevistas com 4 professoras da cidade de São Paulo, com o intuito de investigar a opinião dessas professoras acerca dessa mudança na legislação que afeta diretamente a sua prática nas escolas. Além disso, objetivamos com esse estudo estabelecer parâmetros para uma pesquisa maior que por sua vez objetiva verificar o impacto dessa nova lei em escolas da cidade de São Paulo. Para a participação na pesquisa, as professoras escolhidas tinham que ter como requisito lecionado em escolas das redes públicas ou particulares há no mínimo 10 anos no ensino fundamental (anos iniciais) e, portanto, terem experienciado tanto o ensino fundamental de 8 anos quanto o de 9 anos. Elas foram convidadas e entrevistadas individualmente em uma sala distante das escolas em que lecionavam. As entrevistas eram semi-estruturadas e foram gravadas em vídeo e o conteúdo foi posteriormente transcrito, analisado e categorizado. Evidenciou-se que embora existissem divergências nas opiniões, as professoras relataram que em sua prática as maiores dificuldades estavam relacionadas há falta de adaptação/aquisição de materiais básicos como carteiras e cadeiras que são muito grandes para as crianças pequenas e ausência de brinquedos e parques (playgrounds) nas escolas de Ensino Fundamental. Quanto às práticas pedagógicas, as professoras disseram não terem muitas dificuldades, pois se adaptavam devido à experiência adquirida com os anos de profissão, ainda que se queixassem sobre as dificuldades em estabelecer que tipo de conteúdo deveria ser trabalhado no primeiro ano do ensino fundamental. Houve consenso de que as professoras fazem as adaptações necessárias a partir das experiências profissionais pessoais, não havendo um movimento de toda a escola na acolhida dessas crianças mais jovens. Elas também ressaltam que embora recebam cursos de formação continuada, esses não atendem às necessidades e dificuldades reais que enfrentam em sala de aula, se caracterizando por serem cursos teóricos, desconectados da realidade e excessivamente abstratos. Esse estudo preliminar possibilitou a criação de parâmetros de análise e investigação mais coerentes para outros estudos sobre as mudanças ocorridas na escola após a lei no. 11.274/2006, pois possibilitou dar voz as profissionais que de fato estão atuando nesse segmento que foi modificado.

Ensino fundamental; formação de professores; psicologia da educação

ESC

EXPECTATIVAS DE PROFESSORAS SOBRE O ALUNO E AS SITUAÇÕES DE ENSINO: RELAÇÕES E SENTIDOS. *Christiane Maria Ribeiro de Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Recife, Recife, PE), Fatima Maria Leite Cruz (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE)*

Este estudo, recorte de uma pesquisa mais ampla, identificou e analisou as expectativas de professoras acerca do desempenho em produção de textos dos seus alunos. Entende-se que a aprendizagem é uma construção alicerçada nas e pelas interações do sujeito(aluno) na sua trajetória escolar. Nesta perspectiva, as interações em sala de aula assumem papel fundamental na construção do conhecimento do aluno. Tais processos interacionais são permeados e constituídos por fenômenos e elementos de diversas ordens e natureza. Dentre esses, destacam-se as expectativas, fenômeno que permeia as relações interpessoais e que vêm sendo apontadas como importantes nos processos de ensino e aprendizagem. Participaram da pesquisa três professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental e seus alunos em três diferentes escolas, na Rede Municipal de Ensino da cidade de Recife. Como procedimentos de coleta, entrevistas semiestruturadas e 88 horas-aula de observações videogravadas. Como procedimentos de análise, a análise de conteúdo e a análise microgenética. Os resultados mostraram dois tipos de expectativas elaboradas pelas professoras em relação ao desempenho de seus alunos em produção de textos: positivas e negativas. As expectativas positivas se apresentaram de duas formas, nomeadas de "expectativas positivas tipo A" e "expectativas positivas tipo B". As "expectativas positivas tipo A" foram aquelas que a professora acredita que o aluno vai terminar bem em produção de textos, sem dificuldades; e "expectativas positivas tipo B", quando a professora acredita que o aluno vai terminar melhor, apesar de ainda apresentar dificuldades. Nas "expectativas negativas", a professora acredita que o aluno não vai terminar bem em produção de textos. Em relação às expectativas negativas, apenas uma das docentes não as apresentou em relação a nenhum de seus alunos. A análise dos dados apontou que as professoras descreveram os alunos para os quais apresentaram expectativas positivas, sejam elas, tipo A ou B, com atributos com uma conotação mais positiva, quando comparados com os alunos para os quais foram depositadas expectativas negativas, que foram descritos com características que remetem a uma representação mais negativa desses alunos. Considerando as causas atribuídas pelas professoras ao desempenho nos textos escritos pelos alunos, a professora que positivou as expectativas enfatizou o trabalho desenvolvido em sala de aula e a evolução do aluno no seu processo de aprendizagem, apontando a relação entre essa evolução e sua mediação pedagógica nas situações de ensino. Para os alunos aos quais foram depositadas expectativas positivas (tipo A), as professoras as atribuíram, predominantemente, às características dos alunos; enquanto as expectativas positivas (tipo B), elas atribuíram à responsabilização individual do aluno e aos aspectos ligados ao seu trabalho em sala. Em relação aos alunos para os quais foram depositadas expectativas negativas, as professoras não se sentem responsáveis sobre as dificuldades desses alunos, nem sobre sua superação, pois atribuem como causas do seu desempenho, as condições inerentes ao aluno, o que, segundo elas, impossibilita a intervenção didática. Este estudo contribui para a produção de conhecimentos acerca dos elementos subjetivos que permeiam a relação professor-aluno e subjazem as situações de ensino e aprendizagem.

Expectativas positivas. Expectativas negativas. Desempenho em produção de textos.

ESC

FORMAÇÃO DE EDUCADORES E INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Marivete Gesser, Adriano Henrique Nuernberg (Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC), Camilla de Amorim Ferreira (Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

A inclusão de crianças com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais é ainda hoje um grande desafio na atuação do psicólogo nos diversos contextos educativos. Reiteradas vezes esse processo é obliterado pela hegemonia dos discursos voltados a homogeneização e medicalização das diferenças que emergem no cotidiano da sala de aula. Além disso, há a presença de discursos voltados à segregação e institucionalização dessas crianças em escolas especiais. Diante disso, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC (NDI/UFSC) vem desenvolvendo um trabalho voltado à formação continuada de educadores para a atuação junto a essas crianças. O objetivo deste é o de auxiliar os professores a desenvolver estratégias pedagógicas no contexto da sala de aula com base nos princípios da educação inclusiva. O trabalho abrange os professores responsáveis pelas turmas de crianças com deficiência, o professor de educação física, os estudantes de psicologia que atuam como professores auxiliares, a psicóloga, um profissional da área da saúde e dois professores do Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional que atuam no NDI/UFSC por meio de um projeto de extensão. Quanto à operacionalização, são realizadas reuniões semanais com os professores auxiliares e uma reunião quinzenal com toda a equipe. Nestas, o foco abrange: a) o acolhimento dos educadores no que se refere às dificuldades que emergem no cotidiano; b) a criação de estratégias pedagógicas para que os educadores consigam superar essas dificuldades; c) a problematização dos discursos que reiteram a segregação e/ou medicalização das deficiências. Além da formação voltada à inclusão de cada uma das crianças em suas turmas, também tem sido realizado com frequência anual cursos de capacitação nos quais participam todos os profissionais do NDI. Os temas mais abordados são: a) a inclusão como princípio pedagógico; b) características das deficiências; e c) políticas públicas de fundamento inclusivo. O referencial teórico norteador de todo o trabalho é constituído pelo Modelo Social da Deficiência e Psicologia Histórico-Cultural. O trabalho já vem sendo realizado há mais de seis anos e vem apresentando grande potência de mobilização de todos os atores envolvidos com a inclusão de cada uma das crianças com deficiência matriculadas no NDI. Os resultados indicam que a oferta de um espaço de escuta e de construção coletiva junto aos profissionais da educação contribui significativamente para a construção de uma prática inclusiva no contexto escolar. Além disso, a participação de alunos de psicologia em todas as atividades do projeto contribui para a capacitação destes para a atuação profissional a partir do modelo social da deficiência. Esse projeto tem promovido várias conquistas, dentre elas a transformação do projeto pedagógico institucional, que passou a integrar os princípios inclusivos como fundamento do trabalho pedagógico. Por fim, a equipe administrativa e pedagógica tem buscado incorporar as questões de acessibilidade e inclusão nas suas ações, a partir da compreensão da perspectiva de direitos humanos que subjaz a esse trabalho.

Psicologia escolar; atuação do psicólogo; inclusão de crianças com deficiência.

ESC

HABILIDADES COGNITIVAS E METACOGNITIVAS DE LEITURA: PESQUISA-INTERVENÇÃO COM BOLSISTAS PET-PSICOLOGIA/UFJF.

Marisa Cosenza Rodrigues, Marília Aparecida Pontes Alves, Rafaela Duque de Almeida*, Renata de Lourdes Miguel da Silva** (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

A leitura constitui um recurso de aprendizagem e integração social. Sua relação com o ensino superior apresenta-se como singular na medida em que é atividade central em várias disciplinas e seu domínio essencial para uma formação acadêmica de qualidade como prevê o Programa de Educação Tutorial do Ministério de Educação e Cultura. Traduz um processo complexo e ativo no qual estão implicadas várias habilidades cognitivas e metacognitivas de leitura. As estratégias cognitivas envolvem os comportamentos e pensamentos que influenciam a aquisição da informação lida e as metacognitivas, o monitoramento e regulação pelo leitor do próprio pensamento antes, durante e após a leitura. Dado que a literatura indica a pertinência de se realizar programas para desenvolvimento nesta área, objetivou-se, por meio de uma pesquisa-intervenção, implementar e avaliar o efeito de um programa dirigido a promover o desenvolvimento das estratégias cognitivas e metacognitivas em um grupo de universitários – bolsistas petianos - do curso de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Participaram 11 alunos, 10 do sexo feminino e 1 sexo masculino, com média de 22,6 anos de idade. Após procedimentos éticos, para pré e pós avaliar os participantes, aplicou-se, de forma coletiva, a Escala de Estratégias Metacognitivas de Leitura- Formato Universitário, composta por 35 itens do tipo Likert de resposta. Objetivou avaliar as estratégias metacognitivas de leitura e a frequência que é utilizada antes, durante e após a leitura de textos acadêmicos. O programa envolveu 12 encontros num total de 24 horas mediante um encontro semanal, realizado na própria instituição universitária, tendo como base a conjugação de três pilares de estratégias metacognitivas conhecidas originalmente por estratégias AIM, K-W-L e K-W-L PLUS e que englobam: perguntas antes, durante e após a leitura, expectativas iniciais, elaboração de mapeamentos e forma de registro de informações dentre outras estratégias. Foram utilizados como suporte para a implementação do programa, capítulos de livros, artigos científicos, poemas, matérias jornalísticas de interesse para a área da Psicologia. Encontrou-se resultado significativo para os três fatores que compõem a escala: global ($t= 2,67$; $p= 0,002$), suporte ($t= 4,17$; $p= 0,002$) e solução de problemas ($t= 4,31$; $p= 0,002$), assim como para o escore geral ($t= 4,39$; $p= 0,001$), ou seja, os participantes apresentaram médias superiores quanto à utilização de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura após a intervenção. Os dados sugerem que a intervenção contribuiu para o aprimoramento da utilização de estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura, realçando a importância de estudos dessa natureza com universitários participantes de programas de educação tutorial.

Estratégias metacognitivas, leitura, universitários.

BIC/UFJF e PIBIC/CNPq

ESC

HABILIDADES SOCIAIS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM CRIANÇAS DE ENSINO FUNDAMENTAL. *Luciana Carla dos Santos Elias (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP) e Ana Cláudia Durão* (Universidade Paulista - Ribeirão Preto, SP)*

O ingresso da criança no ensino fundamental constitui um momento importante em sua vida, pois neste período muitas mudanças ocorrem simultaneamente, tornando-se um enorme desafio à capacidade adaptativa da mesma. Nesta fase do desenvolvimento a vulnerabilidade aumenta e a criança pode deixar de cumprir tarefas do desenvolvimento, entre elas as tarefas escolares. Nos últimos anos estudos apontam a importância de Habilidades Sociais (HS), no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. O termo HS refere-se a um conjunto de diferentes categorias que fazem parte do repertório comportamental e social de uma pessoa, contribuindo e favorecendo para uma relação satisfatória com os demais sujeitos. Essas habilidades são aprendidas e passíveis de intervenções e seu desenvolvimento permite ao indivíduo se relacionar de forma positiva e evitar situações sociais que resultem em interações negativas, dessa forma, funcionando como fator de proteção e auxiliando no cumprimento de tarefas desenvolvimentistas. As HS são apontadas como importantes preditores de competência acadêmica e diversos autores evidenciam a relação entre déficits de habilidades sociais e baixo rendimento acadêmico. Sendo assim, um repertório de HS elaborado pode trazer inúmeros benefícios para desenvolvimento infantil. Diante do exposto, o presente estudo objetivou avaliar a percepção dos pais quanto as HS de seus filhos e sua relação com o desempenho acadêmico dos mesmos. Participaram deste estudo 200 crianças, de ambos os sexos, com idade entre 6 e 10 anos, que frequentavam o ensino fundamental em escolas pertencentes à rede pública municipal de uma cidade do interior do Estado de São Paulo e seus pais/responsáveis. As crianças foram avaliadas quanto ao desempenho acadêmico, através do Teste de Desempenho Acadêmico – TDE e para avaliar as HS foi utilizado o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais- SSRS-BR (Social Skills Rating System) formulários para pais Os resultados apontaram que a maioria das crianças apresentou desempenho acadêmico inferior ao esperado para sua série e idade. Quanto aos dados referentes às Habilidades Sociais, na visão dos pais, observou-se que as crianças apresentaram desempenho empobrecido quantitativa e qualitativamente. Dessa forma, fica clara a relação existente entre HS e desempenho acadêmico, evidenciando a importância e a necessidade de seu desenvolvimento e treinamento para intervenção e prevenção das dificuldades de aprendizagem.

Apoio: FAPESP

Palavras-chave: Habilidades Sociais, Desempenho Acadêmico, Dificuldade de Aprendizagem

IC (trabalho de Graduação)

ESC

INVESTIGAÇÕES NACIONAIS DE *BULLYING*: AVANÇOS E DESAFIOS.

Jéssica Elena Valle, Ana Carina Stelko-Pereira**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

Os cientistas brasileiros cada vez mais têm investigado o tema bullying, porém não se sabe se os estudos vêm sendo realizados de modo a permitir comparações sobre os resultados encontrados e a responder perguntas de ordem cada vez mais complexa. Assim, faz-se necessário investigar como vem sendo as pesquisas nacionais sobre o fenômeno e delinear quais seriam as direções a seguir para avanço na compreensão e prevenção do problema. O objetivo desse estudo foi levantar quais seriam as pesquisas nacionais publicadas sobre bullying disponíveis na base de dados Scielo, analisando-os quanto ao público investigado, objetivos, método empregado e resultados referentes a quanto o bullying ocorre. Foram encontrados nove artigos que seguiam o critério de inclusão, por causa do baixo número de artigos encontrados decidiu-se incluir artigos conhecidos pelas autoras, totalizando 12 artigos. Notou-se que estudos brasileiros investigaram bullying em diferentes localidades do país, tanto em capitais de estados, como em outras cidades, incluindo cidades de interior. Os participantes se assemelharam em relação à escolaridade e sendo principalmente de escolas públicas e, portanto, supostamente, tendo o mesmo nível socioeconômico. Como resultados, notou-se que as pesquisas analisadas demonstraram diferentes dados de frequência em relação ao bullying, variando de 28,3% a 70% dos participantes terem apontado existir bullying na escola, o não envolvimento em bullying dos participantes variou de 30% a 69,2%, 13,9% a 26% dos alunos terem se declarado vítimas, 3% a 9,8% apontou ser autor e 4,3% a 21% foram vítimas-autores, os dados também mostraram que o bullying ocorre mais frequentemente entre meninos e alunos de faixa etária menor. Não se sabe se tais diferenças refletiram a realidade dos participantes ou se foram decorrentes do emprego de diferentes instrumentos de investigação, uma vez que alguns dos instrumentos empregados avaliaram somente a ocorrência de bullying, enquanto outros avaliaram também o tipo de envolvimento em bullying e o local onde ocorreu o bullying, o período investigado também variou, entre 30 dias prévios à coleta de dados e toda a vida. Além de investigações que apontaram a frequência de bullying, foram encontrados apenas quatro estudos brasileiros que buscaram relacionar quantitativamente índices de violência com outras variáveis, como autoestima, depressão e engajamento escolar. Portanto, observa-se que o tema bullying é pouco investigado no país, principalmente a relação entre bullying e outras variáveis, sendo o enfoque da maioria dos estudos nacionais a descrição do fenômeno e sua frequência. Pode-se dizer que as pesquisas têm sido realizadas em diferentes regiões e investigando as múltiplas formas de envolvimento no problema, o que seria um avanço no estudo da violência em âmbito escolar. Porém, ainda se faz necessário o emprego de instrumentos com validade psicométrica, a análise de relações do bullying com outras variáveis, como com a vitimização por funcionários da escola e com outros tipos de violência (doméstica, sexual). Seria importante, também, investigações dos modos de prevenção e intervenção ao problema.

Bullying; violência escolar; intimidação por pares

ESC

LETRAS E PSICOLOGIA: COMPARAÇÃO EM COMPREENSÃO DE LEITURA POR PRIMEIRANISTA. *Jamili Rasoul Salem de Souza (Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP), Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco/SP), Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo – SP).*

O objetivo principal da leitura é a compreensão do material lido, mas o simples reconhecimento e a identificação de palavras isoladas não são condições únicas, mas sim necessárias. A compreensão da leitura requer outros aspectos, tais como capacidade cognitiva, elaboração de inferências, conhecimento linguístico, vocabular e sintático da língua dentre outros. Na Universidade, a leitura constitui importante ferramenta de aprendizagem para o aluno, porém dificuldades de compreensão em leitura têm sido observadas, em especial nos alunos ingressantes, levando-os às vezes à desistência. Uma avaliação diagnóstica desse aluno primeiranista, que permita a identificação do seu nível de compreensão, é importante, para que se tenham informações úteis para o ensino-aprendizagem. Este estudo teve como objetivo comparar o desempenho em compreensão de leitura em primeiranistas dos cursos de Letras e Psicologia de uma universidade particular localizada na Grande São Paulo, levando-se em consideração o curso dos estudantes. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/08. O grupo de Letras foi composto por 12 alunos e, o de Psicologia teve o mesmo número (N=24), que assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Nesse sentido, utilizou-se como material para avaliação um texto em Cloze (tradicional), pois tem sido considerado valioso pela sua fácil aplicação e elaboração e pode ser utilizado em textos de diferentes disciplinas. Assim, a denominação dos grupos seguiu a seguinte nomenclatura: L (Letras) e P (Psicologia). Para a análise, considerando-se o N dos grupos e nível de mensuração do instrumento, recorreu-se à estatística não paramétrica, tendo por base Ho: os dois grupos são iguais, Ha: os dois grupos são diferentes entre si, p≤ 0,05. A variação de acertos no teste foi a seguinte: para o curso de Psicologia esta variação foi de 5 a 20 acertos; no de Letras de 1 a 18 acertos. Saliente-se que, quando feita a comparação dos dois grupos, deve ser lembrado que quanto maior o total de pontos alcançados pelo grupo, pior foi o seu desempenho, para tanto, levando-se em consideração o curso frequentado, recorreu-se ao teste U em que R1= 146,5 para o curso de Letras e R2= 153,5 para o de Psicologia. Com o cálculo de U, para amostra média, verificou-se que U=75,5 e U1= 68,5, Uc= 37, isto evidencia que Uo > Uc, portanto não rejeita Ho . Fica claro que os dois grupos tiveram um desempenho fraco e aquém do desejado. Apesar de a leitura ser elemento fundamental para ambos, deve ser ressaltado que esta habilidade para o curso de Letras é fator essencial, porque é por meio dela que o futuro profissional fará uso dos conteúdos de textos para a exposição e apresentação da Língua Portuguesa, que formará futuros profissionais das mais diversas áreas. No entanto, seu desempenho foi pior, embora sem diferença significante do da Psicologia. Diante disso, os resultados mostram o quão importante é o trabalho do professor em consonância com seus pares, numa interdisciplinaridade, para enfrentar o desafio da leitura e, consequentemente, garantir ao universitário melhores condições para terem êxito no curso.

Palavras-chave: avaliação; desempenho acadêmico; teste Cloze.

Pesquisador – P

ESC

LEVANTAMENTO DAS AÇÕES DE PSICÓLOGOS ESCOLARES FRENTE À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, NUM CONTEXTO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS.

Ingrid Rayssa Lucena Ferreira, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Lorena de Almeida Cavalcante* (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Na sociedade brasileira, em destaque na escola, frequentemente o diferente é estigmatizado e considerado desviante e, mesmo as crianças ditas normais são muitas vezes erroneamente consideradas portadoras de variadas patologias. Diante desta realidade, faz-se necessária a transformação da escola em um espaço que valorize a diferença e a pluralidade de práticas educativas que potencializem um amplo grupo social no interior da escola. Nesse tipo de contexto, defende-se a presença do psicólogo nos meios educativos, considerando suas possibilidades de intervenção frente à situação de alunos portadores de necessidades educativas especiais (NEE). Nesta direção, o presente estudo buscou identificar os tipos de atuações de psicólogos no contexto escolar, destacando as contribuições possíveis da Psicologia Escolar/Educacional enquanto campo de conhecimento, pesquisa e intervenção, no sentido de favorecer processos de inclusão escolar de alunos com NEE que frequentam escolas regulares do Ensino Fundamental I. Para conhecer as ações de psicólogos junto a alunos com necessidades educativas especiais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quinze psicólogos da rede pública de ensino e quinze de escolas privadas da cidade de João Pessoa-PB. Verificou-se que em todas as escolas privadas havia presença de alunos com NEE; já nas escolas públicas quatro psicólogos afirmaram não haver crianças com NEE nas instituições em que trabalham. Os psicólogos escolares da rede privada relataram lidar com autismo (25.8%), Transtorno do Déficit de Atenção (19.3%), dislexia (12.9%), Síndrome de Down (12.9%), deficiência mental (6.4%) e deficiência cognitiva (6.4%). Também foram mencionadas, com frequência única, problema de conduta, Síndrome de William, paralisia cerebral, transtorno opositor e Síndrome de Turner. Já os psicólogos escolares da rede pública declararam a presença de alunos com as NEE Síndrome de Down (23.8%), deficiência mental (23.8%), autismo (19%), surdez (14.2%) e hiperatividade (9.5%). Com frequência única, foram mencionadas baixa visão e deficiência intelectual. Dentre as ações desenvolvidas pelos psicólogos de escolas públicas diante das crianças com NEE, encontram-se: orientar professores (30.7%), facilitar as interações com os outros alunos (15.3%), realizar entrevista quando o aluno ingressa na escola (15.3%), acompanhamento (7.6%), desenvolver atividades extracurriculares (7.6%), evitar que os outros alunos discriminem (7.6%), dar suporte na aprendizagem (7.6%) e solicitar auxílio da Secretaria da Educação (7.6%). Já os psicólogos de escolas particulares afirmaram adaptar atividades e avaliações (38.3%), desenvolver atividades lúdicas (11.5%), orientar professores (11.5%), acompanhamento (7.6%), avaliação psicológica (7.6%), encaminhamento (7.6%), trabalhar a autoestima dos alunos (3.8%). facilitar as interações com os demais alunos (3.8%), desenvolver atividades extracurriculares (3.8%) e evitar que os outros alunos discriminem (3.8%). Faz-se necessário mencionar que dois psicólogos de escolas privadas e três psicólogos de escolas públicas afirmaram não desenvolver ações diante de alunos com NEE. Esse levantamento é importante para que se identifiquem as práticas e, a partir delas, se planejem intervenções por parte dos psicólogos da área Escolar/Educacional frente aos estudantes com necessidades educativas especiais, objetivando a facilitação dos processos de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia e de cidadania de sujeitos com NEE.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Inclusão escolar; Psicologia Escolar/Educacional; Intervenção.
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFPB
ESC

MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS EM PREPARAÇÃO PARA O INGRESSO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.

Christiane Maria Ribeiro de Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Recife. Recife, PE), Kathia Maria Costa Neiva (Consultório Particular – São Paulo – SP)

A Educação Profissional vem sendo objeto de discussões constantes, tanto no mundo acadêmico quanto na construção de políticas públicas. Entretanto, pouco se tem pesquisado sobre o processo de escolha profissional dos jovens que ingressam nos cursos de Educação Profissional, nem desenvolvido programas para ajudar estes jovens nesta decisão. Visando uma maior compreensão deste processo, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar a maturidade para a escolha profissional dos jovens que se preparam para ingressar nos cursos de Educação Profissional oferecidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, verificando diferenças em função do sexo e do tipo de escola de procedência. O conceito de maturidade profissional, introduzido originalmente por Super, vem sendo pesquisado na realidade brasileira por Neiva que construiu a escala de Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP. Esta escala permite avaliar a maturidade total para a escolha profissional, assim como suas cinco dimensões: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional. As três primeiras se referem a atitudes que o jovem deve desenvolver e as duas últimas a conhecimentos que deve adquirir para a tomada de uma decisão consciente e madura. A pesquisa foi realizada junto a 197 jovens cursando o 9º ano do ensino fundamental em escolas públicas (38,1%) ou particulares (61,9%) da cidade de Recife. Estes jovens tinham em comum o fato de estarem realizando um curso de preparação para ingressar em cursos de Educação Profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. A amostra foi composta de 51,3% de moças e 48,7% de rapazes com idades variando entre 12 e 18 anos, com média de 13,7. O instrumento utilizado foi a EMEP, escala validada para a população brasileira e cuja qualidade métrica já foi comprovada. Ao comparar-se o nível de maturidade para a escolha profissional em função do sexo, constatou-se que as moças apresentaram mais responsabilidade para com a escolha profissional do que os rapazes (t = 2,53; p ≤ 0, 01), mas não foi constatada diferença significativa na maturidade total, nem nas demais subescalas. Com relação ao tipo de escola, os alunos provenientes de escolas particulares, quando comparados aos de escolas públicas, mostraram possuir um nível mais alto de conhecimento da realidade educativa e socioprofissional (t = 2,01; p ≤ 0,04) e de maturidade total para a escolha profissional (t = 3,12; p ≤ 0, 002). Tais resultados são semelhantes aos obtidos em outras pesquisas realizadas junto a alunos do ensino médio. Este estudo permitiu também constituir as normas da escala para este tipo de população, o que contribuirá para o desenvolvimento de programas de Orientação Profissional destinados a alunos interessados em ingressarem na Educação Profissional.

Maturidade para a Escolha Profissional. Escolha Profissional. Educação Profissional

Vetor Editora

ESC

MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM JOVENS DA CIDADE DE SALVADOR. *Kathia Maria Costa Neiva (Consultório Particular), Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro*

O conceito de maturidade profissional foi introduzido pelos teóricos da abordagem do desenvolvimento vocacional, dentre eles Super e Ginzberg e vem sendo estudado em diferentes populações e contextos. Na realidade brasileira, Neiva se interessou em estudar especificamente a maturidade para a escolha profissional e construiu uma escala para avaliá-la: a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP – publicada no final da década de noventa. Desde então várias pesquisas têm sido desenvolvidas visando avaliar este construto e contribuir assim para a compreensão do processo de escolha profissional dos jovens. Segundo Neiva, a maturidade para a escolha profissional é composta de duas dimensões: Atitudes e Conhecimentos. A primeira compreende três subdimensões: Determinação, Responsabilidade e Independência, e a segunda, duas subdimensões: Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional. O presente estudo teve como objetivo avaliar a maturidade para a escolha profissional de alunos da cidade de Salvador. Para tal foi utilizada a EMEP, escala validada para a população brasileira e cuja qualidade métrica já foi comprovada. A pesquisa foi realizada junto a 519 alunos, do 9º ano do ensino fundamental à terceira série do ensino médio, provenientes de onze escolas da cidade de Salvador, cinco particulares e seis públicas. A amostra foi composta de 63,8% de moças e 36,2% de rapazes com idades variando entre 14 e 22 anos, sendo 47,6% alunos de escolas particulares e 52,4% de escolas públicas. Ao comparar-se o nível de maturidade para a escolha profissional em função do sexo, constatou-se que as moças apresentaram mais responsabilidade para com a escolha profissional do que os rapazes (t = 3,57; p ≤ 0, 0001); mas não foi constatada diferença significativa na maturidade total, nem nas demais subescalas. Com relação ao tipo de escola, não foi observada diferença significativa na maturidade total, mas os alunos de escola pública se mostraram mais determinados (t=2,25; p ≤ 0, 02) e com mais autoconhecimento (t=2,93; p ≤ 0, 004) do que os de escola particular; embora estes últimos tenham apresentado mais independência na tomada da decisão profissional do que os primeiros (t=2,60; p ≤ 0, 0009). Ao comparar a maturidade em função da série, não foi constatada diferença significativa entre os alunos do 9º ano e da primeira série. Entretanto, os alunos da segunda série têm mais responsabilidade para com a escolha profissional do que os da primeira (t=2,09; p ≤ 0, 04) e os alunos da terceira série são mais determinados (t=1,97; p ≤ 0, 05), responsáveis (t=2,11; p ≤ 0, 04), têm mais autoconhecimento (t= 2,51; p ≤ 0, 01) e maturidade total (t= 2,26; p ≤ 0, 02) do que os alunos de segunda série. Finalmente, os alunos da terceira série quando comparados aos da primeira, mostraram uma maturidade total significativamente superior, e um maior desenvolvimento em todos os componentes da maturidade com exceção da independência, na qual não foi observada diferença significativa. Estes resultados permitem compreender melhor a evolução da maturidade para a escolha profissional no contexto educacional e socioeconômico da cidade de Salvador.

Palavras-chave:

Maturidade para a Escolha Profissional – Escolha Profissional – Desenvolvimento vocacional

Apoio financeiro: Vetor Editora

ESC

MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL: UMA COMPARAÇÃO ENTRE JOVENS DA REGIÃO NORDESTE E SUDESTE. *Kathia Maria Costa Neiva (Consultório Particular), Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro*

O Brasil é um país de grandes dimensões, com diferenças marcantes entre suas várias regiões, em termos de desenvolvimento econômico, educacional e social. Será que estas diferenças se refletem na maturidade dos jovens para a escolha profissional? A escolha profissional de jovens brasileiros tem sido objeto de preocupação e estudo de vários profissionais. Um dos aspectos importantes de serem estudados é a maturidade para a escolha profissional. Pesquisas relacionadas a este construto têm sido desenvolvidas na realidade brasileira por Neiva que construiu uma escala para avaliá-lo: a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP . De acordo com Neiva, a maturidade para a escolha profissional é composta de cinco aspectos: Determinação, Responsabilidade e Independência que compõem a dimensão Atitudes, e Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional que compõem a dimensão Conhecimentos. Para fazer uma escolha profissional madura e consciente é necessário desenvolver tais atitudes e adquirir tais conhecimentos. O presente estudo teve como objetivo comparar a maturidade para a escolha profissional de alunos provenientes de uma cidade da região nordeste - Salvador – com alunos provenientes de uma cidade da região sudeste - São Paulo. Para tal foi utilizada a EMEP, escala validada para a população brasileira e cuja qualidade métrica já foi comprovada em vários estudos. A amostra foi composta de um total de 1074 alunos, 61,5% de moças e 38,5% de rapazes; 51,7% provenientes da cidade de São Paulo e 48,3%, de Salvador. Os alunos participantes cursavam as seguintes séries: 9º ano (25,1%), 1ª série (21%), 2ª série (21,4%) e 3ª série (32,4%) em escolas particulares (65,6%) ou públicas (34,4%) e suas idades variavam entre 13 e 22 anos. Ao comparar-se o nível de maturidade para a escolha profissional em função da série, constatou-se que não existe diferença significativa entre os alunos do 9º ano do ensino fundamental e da 1ª série do ensino médio de Salvador e de São Paulo. Entretanto, os alunos da segunda série de Salvador, quando comparados aos de São Paulo, têm um nível significativamente mais alto de Determinação (t= 4,19; p &#8804 0, 0001); Conhecimento da Realidade Educativa e socioprofissional (t= 2,24; p &#8804 0,03) e de Maturidade Total para a escolha profissional (t= 2,99; p &#8804 0,003). Os alunos da terceira série de Salvador também mostraram maior Determinação que os de São Paulo (t=2,17; p &#8804 0,03), embora não tenham sido detectadas diferenças significativas nas demais subescalas. Ao comparar-se a amostra total, constatou-se que os alunos de Salvador apresentaram maior Determinação (t= 3,67; p &#8804 0, 0001) e Maturidade total (t=2,08; p &#8804 0,03) do que os de São Paulo. Vale ressaltar que na cidade de Salvador os dados foram coletados no segundo semestre letivo e na cidade de São Paulo, a coleta foi concentrada no primeiro semestre. Este fato pode ter interferido nos resultados, provocando as diferenças constatadas, visto que a maturidade para a escolha profissional é desenvolvida ao longo do ensino médio. Seria importante, portanto, ampliar a amostra balanceando a coleta nos dois semestres letivos.

Maturidade para a Escolha Profissional; Escolha Profissional; Diferenças regionais

Apoio financeiro: Vetor Editora

ESC

MEU FILHO É SURDO! UM ESTUDO DE CASO COM PAIS OUVINTES E SUA EXPERIÊNCIA COM A SURDEZ. *Leila do Socorro Rodrigues Feio (Universidade Federal do Amapá), Karla Mariah da Silva Farias* e Débora Helene Ferreira Pires* (Universidade da Amazônia - Belém, PA.)*

Esta pesquisa refere-se às implicações de pais ouvintes com filho surdo, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento psicossocial e suas relações afetivas. Para isso, foi necessário conhecer a experiência de um casal de pais ouvintes que vivenciaram na prática o nascimento de um filho com surdez; abordou-se também o período das expectativas durante a espera de um filho almejado como "normal" e o impacto ante o diagnóstico de surdez, verificando os principais sentimentos circundantes neste processo, e as futuras implicações para favorecer o desenvolvimento desta criança. A pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso que foi realizado com um casal de pais ouvintes de trinta anos de idade, que possuem uma filha surda. A criança está regularmente matriculada no Instituto de Ensino Especializado Felipe Smaldone, Centro de Referência em Educação e Assistência à Criança Surda, localizada na cidade de Belém. Utilizou-se como instrumento uma entrevista com os pais da criança e a análise dos dados foi de caráter qualitativo. Os resultados encontrados quanto às expectativas dos pais diante da espera de um filho, mostraram que a mãe ao saber que estava grávida reagiu com tranqüilidade e teve acompanhamento médico durante toda a gravidez sem nenhuma anormalidade, e tinham expectativa de que seu filho nascesse o mais saudável possível. Os pais relataram que perceberam tardiamente a surdez de sua filha e somente por volta de um ano e oito meses procuraram um especialista que fechou o diagnóstico de deficiência auditiva. Quanto ao impacto diante do diagnóstico de surdez, a mãe relatou que "foi um choque! não foi fácil! foi muito complicado". A mãe relatou também sentimento de culpa vivenciado por ela e a necessidade de justificar possíveis causas para surdez. Quanto à confirmação do diagnóstico, os resultados mostraram que o pai se mostrou mais forte e relatou: "pra mãe foi mais difícil, ela chorou no início... eu não, eu fui mais forte, fiquei do lado dela. Quanto aos sentimentos de frustração, os pais relataram que é um choque receber a notícia de que seu filho nasceu surdo. Quanto às implicações dos pais para favorecer o desenvolvimento da criança, foram encontrados três fatores relevantes: a) fatores fisiológicos da surdez, em que a mãe relata que "procurou ajudar sua filha com aulas de fonoaudiologia, estimular a fala e obter o aparelho; b) fatores comunicativos, em que o pai relata que já tinha vontade de aprender a Língua Brasileira de Sinais; e c) fatores sociais que oportunizam a criança socializar-se, integrar-se e conviver adequadamente com todas as pessoas. Como conclusão, constatou-se que embora na literatura seja ressaltado principalmente o papel da mãe como principal referência de afeto, identificou-se que o pai se constituiu para a filha como uma das principais referências, e por demonstrar uma forte ligação afetiva com a mesma. Partindo deste achado, acredita-se que seria interessante a realização de outras pesquisas na área, refletindo mais enfaticamente sobre a importância do papel do pai para o desenvolvimento de uma criança surda mediante a sua participação efetiva na criação deste filho.

Palavras-chave: Surdez; Implicações familiares; Impactos

Nível do Trabalho – Pesquisador – P

ESC

MOTIVAÇÃO DE CALOUROS PARA CURSAR BIOLOGIA MATEMÁTICA E QUÍMICA. *Ricardo Fujiwara* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP), Jamili Rasoul Salem de Souza* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP e Faculdade de Medicina do ABC/SP),Geraldina Porto Witter* (*Universidade Camilo Castelo Branco/SP)*

Motivação é um constructo que implica na ação de diversas variáveis que impulsionam e direcionam o comportamento em direção a um dado alvo. Está presente em todo o processo de aprendizagem acadêmica, inclusive na escolha de um curso. O objetivo do presente estudo foi avaliar e comparar variáveis motivacionais, que, na opinião de calouros de Biologia (N=21), Matemática (N=11) e Química (N=11) influíram em suas escolhas. Elaboraram uma breve redação e responderam a um questionário após terem assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo a pesquisa sido aprovada pelo CEP/UNICASTELO (Proc. 2135-2355/08). Os principais motivos para a escolha dos cursos para os alunos de Biologia foi afinidade como curso (36%), para os de Matemática foi ser professor (39%) e de Química também foi afinidade com o curso (30%). Para p ≤ 0,05 e r_C= 0,62 os valores de r encontrados entre o rol de motivos arrolados pelos três grupos resultou em Biologia vs Matemática r=0,34 , Biologia vs Química r = -0,13 e Matemática vs Química r = 0,68 (única com significância). Foram solicitados a avaliarem um rol de possíveis variáveis (N=15) que motivaram sua escolha. Verificou-se que para os alunos de Biologia os principais foram os professores (x = 7,7) e suas próprias características pessoais (x=7,3), para Matemática foram professores (x=8,4) e leituras sobre a Matéria (x=8,1) e para Química foram mães (x ̅=8,8) e professores (x=8,6). As correlações (r_C=0,52) foram: Biologia vs Matemática r=0,81, Biologia vs Química r=0,96 e Química vs Matemática r = 0,84. Pode-se concluir que quando se manifestaram espontaneamente, na redação, só houve concordância entre os estudantes de Química e Matemática, já face a avaliação de um rol de variáveis houve concordância com significância estatística entre os três grupos com destaque para influencia dos professores. Isto sugere a necessidade de enfatizar na formação dos professores de ciências o papel que exercem como modelos e o domínio de estratégias motivacionais para escolhas de carreiras científicas.

Palavras-chave: escolha de profissão, motivação acadêmica, formação de recursos humanos.

ESC

O IMPACTO DAS EXPECTATIVAS NA ADAPTAÇÃO ACADÊMICA DOS ESTUDANTES À UNIVERSIDADE. *Vanuza Francischetto (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói – RJ); Adriana Benevides Soares (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói – RJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro);Betânia Marques Dutra; Cátia Cristina de Carvalho Nogueira; Jacqueline Maia de Miranda (Universidade Salgado de Oliveira, Niterói – RJ).*

Ao iniciar o ensino universitário o estudante entra em contato com diversos e diferentes fatores que geram tensões, interferindo em todas as áreas de sua vida. Por se tratar de uma fase de transição do ensino médio para o superior, o aluno passa por um momento delicado de muito estresse, pois o que era familiar ao entrar na universidade se torna diferente. Novos colegas, professores, objetivos e um novo ambiente fazem com que o estudante necessite de novas estratégias comportamentais, afetivas e sociais. Desta forma, o aluno pode enfrentar dificuldades de adaptação mediante as exigências acadêmicas. Uma das grandes dificuldades encontradas nesta fase é a incoerência entre a perspectiva adotada pelo estudante ao iniciar o seu curso e a realidade. Se o estudante espera encontrar e realizar atividades condizentes com realidade existente pode ser considerado um bom começo para uma adaptação acadêmica satisfatória, no entanto, quando as suas expectativas são dissonantes a realidade, pode-se deparar com um problema de enfrentamento com as novas demandas propostas. A entrada do jovem à universidade é considerada como um momento crítico. Este período precisa ser considerado com atenção para que o aluno passe pelo processo de adaptação sem dificuldades e conflitos prevenindo uma possível evasão. As expectativas irrealistas podem comprometer muito o processo de adaptação dos universitários sendo este um dos fatores que colaboram para a ocorrência do abandono no ensino superior. Desta forma, é importante investigar as razões pelas quais ocorrem tais expectativas fora da realidade em relação ao mundo acadêmico superior para que o processo de adaptação ocorra com sucesso. Portanto, este estudo teve como objetivo identificar as expectativas e as características de adaptação acadêmica e verificar como elas se relacionam. A amostra foi composta de 182 estudantes, sendo 146 do sexo feminino, 36 do sexo masculino. Os sujeitos estavam na faixa etária de 17 a 58 anos. Foram utilizados o Questionário de Vivências Acadêmicas, o QVA-r (Almeida Soares- Ferreira) e o Questionário de Envolvimento Acadêmico - QEA (Versão A – Expectativas, Almeida-Soares). Como principais resultados foi encontrado que a variável Envolvimento Social foi um preditor significativo da Dimensão Interpessoal; as variáveis Envolvimento Vocacional e Envolvimento Social foram preditores significativos da Dimensão Carreira; a variável Envolvimento Curricular foi considerada um preditor significativo da Dimensão Estudo e as variáveis Envolvimento Curricular e Envolvimento Social foram preditores significativos da Dimensão Institucional. Portanto, quanto mais expectativas acadêmicas possui o indivíduo mais adaptado ele esta à vida acadêmica. Este estudo mostra a importância da relação entre expectativas e adaptação acadêmica e o quanto estas expectativas influenciam no como e no quanto o estudante se encontra integrado a Universidade.

Expectativas Acadêmicas, Adaptação Acadêmica, Estudantes Universitários

ESC

O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS EM PESSOAS CEGAS AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO.

Adriano Henrique Nuernberg, Stephanie Band Richardson (Universidade Federal de Santa Catarina)

O processo de elaboração de conceitos por parte da pessoa cega ou de baixa visão é constituído não só por sua condição funcional, intelectual e motivacional, mas também pelas condições de acessibilidade que o universo das trocas de conhecimento lhe proporciona. As vicissitudes desse processo engendram, por sua vez, diferenças qualitativas nas formas de elaboração de conceitos nessa condição. Essa pesquisa visou identificar as diferenças qualitativas na elaboração de conceitos geográficos por parte de pessoas cegas e de baixa visão, permitindo dar relevo às vias cognitivas alternativas percorridas nas formas de significação e formação de conceitos cotidianos e científicos. Com base na psicologia histórico-cultural, desejou-se compreender os modos de organização e apropriação de conceitos geográficos na presença da deficiência visual, permitindo avançar a compreensão científica acerca do papel da percepção e da linguagem na elaboração conceitual. Para a coleta de dados utilizou-se a videografia, como registro de episódios interativos de situações de ensino sistematizado. Em uma primeira etapa, foram realizadas três aulas de geografia com o tema geral "urbano e rural", com a participação de 8 estudantes cegos de uma instituição de Florianópolis, com idades entre 12 e 23 anos. Após, realizou-se atividades lúdicas com quatro crianças com o objetivo de promover sua apropriação de conceitos relativos ao espaço e à distância entre sua casa e a instituição de educação especial. Por fim, foram realizados dois encontros com adultos cegos nos quais se propôs a elaboração de conceitos científicos avançados da área de geografia. As aulas foram ministradas por uma geógrafa, utilizando mapas táteis como recurso de apoio. O procedimento de análise dos dados baseou-se na análise microgenética, realizada a partir de recortes selecionados e transcritos que indicavam a ocorrência do fenômeno de interesse. Os resultados confirmaram a natureza interativa e social da elaboração conceitual, e reforçaram a compreensão de que as limitações implicadas na ausência de um dos sentidos (no caso, o da visão) são superadas através da compensação social, baseada no domínio da ferramenta simbólica da linguagem. A utilização dos mapas táteis também colaborou por facilitar a apropriação dos conceitos de "cidade" e "município", sendo materiais devidamente adequados para esse fim. Espera-se, assim, abrir novos caminhos para qualificar o planejamento de atividades educacionais junto a estudantes com deficiência visual.

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE DE UMA INSTITUIÇÃO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO BELÉM-PARÁ. *Leila do Socorro Rodrigues Feio (Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP). Ilze Theyme de Souza Amaral* e Denny Kelly da Silva Crisóstomo* (Universidade da Amazônia – Belém, PA).*

Este trabalho teve como foco principal estudar como as pessoas com deficiência visual congênita desenvolvem a percepção espacial, uma vez que em nenhum momento elas vivenciaram a experiência de serem videntes. A motivação deste trabalho partiu da inquietude das pesquisadoras em compreender como essas pessoas com cegueira congênita conseguem desenvolver o aprendizado e habilidades perceptos-sensórias que possibilitem a autonomia no caminhar somente com o auxílio da bengala branca. Esta pesquisa teve como foco conhecer o programa de orientação e mobilidade desenvolvido na Unidade Especializada José Álvares de Azevedo - UEEJAA, vinculada a Coordenadoria de Educação Especial do Estado do Pará. Objetivou-se verificar como as pessoas com cegueira congênita desenvolvem habilidades de orientação e mobilidade que possibilita o ir e vir de forma autônoma e independente. Participaram desta investigação dez alunos com deficiência visual congênita, com idade compreendida entre vinte e um a trinta e cinco anos, matriculados na UEEJAA há mais de seis meses. Também participaram dois professores e dois coordenadores que não tinham deficiência visual e um psicólogo com deficiência visual que atua na Instituição. Foram utilizados como instrumentos três tipos de entrevistas qualitativas, sendo cada uma delas estruturadas, semi-abertas compostas por dez perguntas diferenciadas de acordo com os participantes. As entrevistas aplicadas aos cegos foram lidas a eles e as respostas escritas, e nos casos de autorização prévia para gravar foram posteriormente transcritas pelas pesquisadoras ao formulário de entrevista. Todas as entrevistas foram aplicadas individualmente e tinham a duração de aproximadamente quarenta minutos. Os resultados mostraram que a demanda de pessoas com deficiência visual congênita é inferior a de pessoas com baixa visão e deficiência visual adquirida, isso dificultou o andamento da pesquisa por não ter o número de voluntários necessários. Verificou-se que as pessoas cegas conhecem a Instituição - UEEJAA - por meio da comunidade e familiares; no entanto, relataram que tiveram dificuldade em encontrar o endereço da Unidade para conseguir vagas e iniciar o programa de orientação e mobilidade. Verificou-se também que o processo de independência de locomoção se inicia no setor de orientação e mobilidade. Este programa dá inicio ao trabalho, assim como permite que a pessoa cega utilize os outros órgãos do sentido, como, por exemplo, aprende a proteger o rosto, corpo, noção de espaço, aprendizado da marcha e postura corporal, base necessária para se iniciar o trabalho de locomoção, autonomia e independência da pessoa cega, consequenciando vida social, autonomia e independência, possibilitando sua inserção no mercado de trabalho. Os resultados mostram também uma grande evolução de como era a postura e vivência do aluno cego antes e depois de participar desse programa. Informam que a falta de acessibilidade, como os inúmeros declives e buracos que as ruas apresentam dificultam a locomoção dos mesmos. Finalizando, essa pesquisa foi de suma importância, pois foi possível conhecer os métodos e estratégias de aprendizagem no ir e vir, suas dificuldades e avanços; assim como, é um estudo que pode contribuir com o meio acadêmico, pois se trata de uma temática relativamente nova.

Palavras-chaves: Deficientes Visuais, Programa, Orientação e Mobilidade.

Nível do Trabalho – Pesquisador – P

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O PSICÓLOGO FRENTE ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. *Wallisten Passos Garcia, Luana Silvy de Lorenzi, Tezza Magnin, Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

A formação de professores tem sido objeto de exaustivas discussões de especialistas da área da educação, de ações e reformulações promovidas por órgãos governamentais e de pesquisas em vários campos de conhecimento, como o da Psicologia. Por meio da análise das políticas educacionais e da literatura sobre formação de professores constata-se que os discursos sobre formação docente estão fortemente baseados no argumento da incompetência do professor, argumento este que assume diferentes versões de acordo com o contexto no qual aparece. De qualquer modo, os professores são identificados como os responsáveis pelos sérios problemas enfrentados na escola, tecnicamente incompetentes e politicamente descompromissados. As políticas de formação continuada são um reflexo dessa compreensão e frequentemente tem por objetivo compensar a suposta falta de conhecimento e preparo do professor. E como a Psicologia se posiciona neste contexto? Que discursos perpassam as práticas psicológicas voltadas à formação de professores? Que aspectos são considerados pelos psicólogos no trabalho de formação docente? A partir dessas questões realizou-se um levantamento de estudos publicados nos últimos cinco anos com as palavras-chaves "psicologia" e "formação de professores". Foram escolhidas uma base de dados nacional – Portal de Periódicos da CAPES - e uma internacional - Education Resources Information Center (ERIC). Uma análise qualitativa, por meio da compreensão do objetivo, metodologia, e concepção teórica dos trabalhos pesquisados, revelou que na literatura nacional a maior parte dos estudos buscam investigar quais as crenças, conceitos e representações que o professor tem sobre diversas temáticas educacionais e como isso interfere em seu trabalho com os alunos. Na literatura internacional são frequentes os estudos que enfocam a questão das competências e habilidades do professor, o seu papel como gestor em sala de aula e líder educativo, com foco na avaliação de desempenho e eficácia docente. Verificou-se que as concepções que fundamentam os trabalhos dos psicólogos com professores estão baseadas no modelo da racionalidade técnica em que a atividade do profissional é instrumental, dirigida para a solução de problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas. A ênfase nas reflexões do professor, que ao conhecer suas crenças pode modificá-las e transformar suas práticas, reforça essa compreensão. A ideia que a subjaz é a de que esse tipo de preparação leva o professor a desenvolver competências para realizar de forma eficaz sua prática pedagógica, conceituando o ensino como um processo técnico de intervenção. Esses estudos não consideram os aspectos da subjetividade e intersubjetividade do professor no processo-ensino aprendizagem, visto que o foco são as práticas realizadas com os alunos, e com isso acabam por responsabilizar os professores de diferentes modos por aquilo que acontece em sala de aula reafirmando o discurso da incompetência do professor. Em outro sentido, ressaltamos a importância de intervenções psicológicas que possibilitem a (re) constituição da identidade do professor enquanto profissional da educação. Destacamos a necessidade dos psicólogos contribuírem não apenas para formação teórica e prática, mas também para a constituição subjetiva do professor, considerando as condições do trabalho docente e o contexto educacional contemporâneo.

Psicologia, Formação de professores, Educação continuada

CAPES

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERCEPÇÃO DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JOÃO PESSOA ACERCA DE SUAS ATRIBUIÇÕES E AÇÕES. *Lorena de Almeida Cavalcante*, Aline Rodrigues Gomes*, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Raphaela Priscilla Santos Lins (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

No fim da década de 70 e início da década de 80, iniciou-se um processo de discussão acerca da função do psicólogo escolar, marcada pela publicação, em 1984, do livro Psicologia e Ideologia – uma introdução crítica à Psicologia Escolar, de Maria Helena de Souza Patto. Foi criticada a visão do psicólogo educacional como o profissional que atua com base em um modelo clínico de doença e cura, ou seja, avaliando os indivíduos, diagnosticando problemas de aprendizagem e distúrbios comportamentais, e solucionando as queixas escolares. Nos últimos anos, a Psicologia Escolar/Educacional apresentou uma mudança significativa no modo de compreender essas questões. Diante destas transformações considerou-se relevante conhecer a prática de psicólogos que atuam em instituições de Ensino Fundamental I, da cidade de João Pessoa – PB, as demandas direcionadas a estes profissionais e as modalidades de atuação destes frente às referidas demandas. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com trinta psicólogos (as) de escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental I da cidade de João Pessoa. Os relatos dos profissionais, registrados por meio de um minigravador, foram transcritos literalmente para análise. Os resultados demonstraram que, conforme a percepção dos psicólogos escolares entrevistados, as principais atribuições do psicólogo escolar consistem em atividades direcionadas aos professores (15.2%), atividades direcionadas aos alunos (14.2%), atividades direcionadas à família (9.5%), planejamento pedagógico/questões pedagógicas (7.6%), realização de encaminhamentos (7.6%), ações ligadas à prática clínica (7.6%), trabalho para favorecer o ensino-aprendizagem (6.6%), trabalho com toda a equipe da escola (4.7%), trabalho preventivo (4.7%), trabalho com o relacionamento professor-aluno (3.8%), acompanhamento (3.8%), detecção de problemas (3.8%) e trabalho com as dificuldades/limitações (2.8%). Buscou-se conhecer ainda que ações são implementadas pelos psicólogos, tendo destaque atividades direcionadas aos alunos (27.9%), atividades direcionadas aos pais (16%), atividades direcionadas aos professores (11.8%), ações organizadas em projetos (7.6%), atividades características da prática clínica (5.5%), acompanhamento (4.8%) e planejamento pedagógico (4.1%). Os resultados sugerem que houve, por parte dos psicólogos escolares, o delineamento de novas práticas, a exemplo de atividades desenvolvidas com os demais agentes escolares e a realização de trabalho preventivo. Entretanto, ainda se fazem presentes ações relacionadas a uma prática psicológica clínica, como escuta, aconselhamento e diagnóstico. Diante disso, considera-se importante estabelecer um processo contínuo de análise crítica e de reconstrução das práticas exercidas pelos psicólogos escolares, o que, para muitos estudiosos, envolve não apenas as ações desenvolvidas no contexto escolar, mas também a formação dos referidos profissionais e as políticas públicas estabelecidas no âmbito da Educação.

Psicologia Escolar/Educacional; psicólogos escolares; escolas públicas e privadas.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFPB

ESC

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE PSICÓLOGOS ESCOLARES DE JOÃO PESSOA E REFERENCIAIS TEÓRICOS UTILIZADOS POR ESTES PROFISSIONAIS. *Lorena de Almeida Cavalcante*, Aline Rodrigues Gomes*, Fabíola de Sousa Braz Aquino, Raphaela Priscilla Santos Lins (Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB)*

Essa pesquisa partiu do pressuposto de que a Psicologia Escolar/Educacional é um campo de produção de conhecimento, pesquisa e intervenção que vem ocupando espaço nos âmbitos do desenvolvimento humano, da educação e da saúde. Conseqüentemente a atuação profissional de psicólogos escolares tem sido marcadamente influenciada por um conjunto de desafios, os quais variam entre a formação acadêmica, ações a serem desenvolvidas e principalmente a demarcação de um espaço que seja reconhecido dentro do contexto escolar. Entende-se que o perfil profissional está estreitamente relacionado à formação disponibilizada pelos cursos de graduação em psicologia e pelas posteriores formações e práticas nas quais se envolvem os profissionais dessa área. O levantamento aqui apresentado compõe os resultados de uma pesquisa mais ampla a qual investigou as ações de psicólogos escolares junto a instituições públicas e privadas da cidade de João Pessoa-PB. Diante disso, o objetivo desse estudo foi identificar o perfil de profissionais de Psicologia que estão atuando em escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental I, da cidade de João Pessoa (PB), assim como os referenciais teóricos que embasam a prática dos psicólogos educacionais que estão em atuação. Participaram desse estudo 30 psicólogos escolares, que responderam a um roteiro de entrevista semi-estruturada no próprio ambiente de trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na integra; foi realizado um levantamento das respostas mais freqüentes dos respondentes e os dados obtidos são discutidos a partir de pesquisas e estudos da área escolar/educacional. Em relação ao perfil sócio-demográfico dos psicólogos entrevistados, verificou-se que dos (30) entrevistados, (14) relataram possuir especialização e apenas (4) possuem mestrado. Quanto à faixa etária dos entrevistados, (13) tinham de 26 a 39 anos, (10) tinham de 50 a 59 anos e (7) tinham de 40 a 49 anos. Quanto ao sexo dos participantes da pesquisa dos 30 psicólogos entrevistados apenas (3) eram do sexo masculino, o que vem a confirmar uma tendência predominante de mulheres atuando nessa área. Por fim, o tempo de atuação em Psicologia Educacional era de 1 a 10 anos (50%), 21 a 31 anos (33.3%) e 11 a 20 anos (16.6%). Os referenciais teóricos citados como os utilizados pelos psicólogos entrevistados foram Piaget (31.5%), Vygotsky (17.1%), Carl Rogers (9.2%), Paulo Freire (6.5%), Cognitivo-comportamental (5.3%), Freud (3.9%), Maria Helena Souza Patto (3.9%), Sócio-interacionismo (3.9%) e Gestalt (2.6%). Ainda sobre esse tema vale ressaltar que dos (30) entrevistados, (4) afirmaram não utilizar referencial teórico. Com base nos resultados questiona-se o impacto da utilização desses referenciais teóricos nas práticas profissionais de psicólogos nos meios educacionais e as repercussões de um distanciamento entre teorias e as intervenções implementadas, que podem estar desarticuladas com as exigências e demandas do meio educacional.

Psicologia Educacional; Educação; Perfil Profissional.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ

ESC

ENFERMAGEM E PSICOLOGIA: COMPARAÇÃO EM COMPREENSÃO DE TEXTO POR INGRESSANTES. *Moacir Wuo (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP e Universidade Camilo Castelo Branco, SP), Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP), Geraldina Porto Witter (Universidade Camilo Castelo Branco, SP).*

Na leitura, entendida como um encontro a distância entre o produtor do texto escrito e o interlocutor, observa-se que ambos se constituem e são constituídos por meio desse encontro e confronto de significados gerados em interação de cada qual com seu mundo. Assim a interpretação aponta as possibilidades de significação que a compreensão projeta a partir do texto. Nessa linha, o processamento de leitura é uma atividade fundamental na vida cotidiana das pessoas e, em especial na do estudante universitário que tem como suporte de suas aulas e realização de tarefas um considerável número de leituras a serem feitas. Porém os alunos estão chegando aos bancos universitários com deficiências nessa área, que também se reflete na escrita. Assim, avaliar o desempenho em leitura desses alunos possibilita prevenção, identificação e tratamento das dificuldades de leitura. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/08 e teve como objetivo comparar o desempenho em compreensão de leitura em ingressantes de dois cursos do período matutino: Enfermagem e Psicologia, de uma Universidade particular da Grande São Paulo. Participaram desta pesquisa 20 sujeitos de cada curso (N=40). Todos eles assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Como material foi utilizado um texto elaborado segundo a técnica tradicional *Cloze,* de considerável valia e possibilita um escalonamento da compreensão em leitura. Os cursos receberam as seguintes nomenclaturas: E (Enfermagem) e P (Psicologia). Para a análise foi utilizada estatística não paramétrica. Ficou estabelecido que H_o: os dois grupos são iguais, Ha: os dois grupos são diferentes entre si, $p \leq 0,05$. Quando feita a comparação da compreensão do texto observou-se que a variação para Enfermagem foi de 9 a 17 acertos e para a Psicologia ficou entre 5 e 25 acertos. Vale lembrar que quanto maior o total de pontos alcançados, pior foi o seu desempenho, para tanto os resultados foram R_1= 432,5 e R_2= 385,5. Calculando-se U verificou-se que U=177,5 e U_1= 224,5 com Uc= 127, ficando evidencia que $U_o > U_c$, portanto não rejeita H_o, o que evidencia não haver diferença entre os grupos. A compreensão em leitura, tal como exigida no teste *Cloze,* depende, entre outras variáveis, da habilidade do leitor em estabelecer relações entre os elementos do texto e desenvolver associações apropriadas, parece que estes aspectos não estão sendo utilizados pelos estudantes aqui pesquisados. Dessa forma, deve haver um empenho maior dos professores universitários de todas as áreas para que a leitura seja incorporada e trabalhada intensa e adequadamente com os alunos, propiciando envolvimento e aprendizagem, em especial aos ingressantes. Seria relevante ensiná-los a usar estratégias de compreensão que parece não dominarem.

Palavras-chave: leitura; teste *Cloze*; universitário.

Pesquisador – P

ESC

COMPREENSÃO DE TEXTO POR PRIMEIRANISTAS DE BIOLOGIA DE PSICOLOGIA. *Elza Maria Tavares Silva (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP), Moacir Wuo (Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, SP e Universidade Camilo Castelo Branco, SP)*

O domínio da leitura, especialmente para o universitário é de extrema relevância, visto ser por meio dela que se dá o acesso ao conteúdo de diversas disciplinas, o que faz com que esta habilidade se constitua na principal ferramenta de aprendizagem. Em uma perspectiva discursiva, a leitura pode ser entendida como um processo de interlocução, delineada pela atividade discursiva, que constitui as interações sociais. Porém, a dificuldade de compreensão em leitura por alunos do ensino superior tem comprometido o desempenho tornando-se um obstáculo, em especial para o ingressante, pois limita a aprendizagem por meio de textos, que são as principais fontes de informação dos estudantes, em especial os de Biologia e Psicologia, cujos cursos demandam muita leitura. Considerando-se a importância que a leitura de textos tem não só na vida do ser humano, como especialmente para a sua formação profissional, o presente estudo teve por objetivo comparar o desempenho em compreensão de leitura em ingressantes no curso de Biologia e de Psicologia de uma universidade localizada na Grande São Paulo, levando em consideração o curso e o gênero dos estudantes. O projeto foi aprovado pelo CEP/UNICASTELO processo nº 2132-2352/2008. Foram compostos 4 grupos num total de 32 sujeitos, todos adultos e primeiranistas dos respectivos cursos e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes responderam a um teste de Cloze convencional para a avaliação de compreensão em leitura. Tendo como referência o menor número de alunos matriculados por gênero (N=8), que foi o masculino. Cada grupo ficou designado como: PM (Psicologia Masculino, PF (Psicologia Feminina), BM (Biologia Masculino) e BF (Biologia Feminina). A comparação dos quatro grupos foi feita por meio de uma análise de variância não paramétrica (ANOVA), com H_o: todos os grupos são iguais, Ha: todos os grupos são diferentes entre si, portanto bicaudal. Foi definido que $p \leq 0,05$, o que resulta em $d_c = 96,4$. Ressalte-se que nesta comparação quanto maior o total de pontos alcançado pelo grupo, pior foi o seu desempenho, assim os resultados foram BM=173,5; PF=134,5; BF= 128,5 e PM=92,5, apesar de o grupo de Psicologia ter apresentado melhor resultado, após análise verificou-se não haver diferenças significantes entre os grupos. Para comparar os resultados, levando-se em consideração o gênero, recorreu-se ao teste U em que $R_1=266$ para os participantes masculinos e $R_2= 263$ para o feminino, obtendo-se $U_o=126$ e $U_c=129$, portanto H_o não rejeitada. Na comparação quanto ao curso frequentado observou-se que $U_o=90$ e $U_c=165$, o que mais uma vez demonstra que H_o não foi rejeitada. Dessa forma, vale destacar que, ler compreensivamente, utilizar estratégias adequadas para a superação das próprias dificuldades são habilidades desejáveis e necessárias na vida acadêmica independentemente da área de atuação. Programas que possibilitem aos alunos superarem suas dificuldades devem ser vistos pela instituições de ensino superior, pois assim estariam contribuindo efetivamente para a formação de seus alunos.

Palavras-chave: desempenho acadêmico; teste de *Cloze;* leitura compreensiva.

Pesquisador – P

ESC

PRÁTICAS COM O JOGO SET EM PARTICIPANTES DO PROGRAMA "ESCOLA DA FAMÍLIA". *Sandreilane Cano da Silva** e Lino de Macedo (Instituto de Psicologia/Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.)*

O Programa Escola da Família (PEF) possibilita que estabelecimentos da rede de ensino do Estado de São Paulo funcionem em finais de semana, oferecendo atividades socioeducativas para a comunidade. Estas são orientadas por estudantes universitários e voluntários e estão centradas em quatro eixos: cultura, esportes, saúde e qualificação para o trabalho. Com o intuito de conhecer este programa e compartilhar seu objetivo, realizou-se uma pesquisa em que frequentadores de uma escola integrante do PEF, pudessem realizar práticas com o jogo SET. Trata-se de um jogo de percepção visual, composto por 81 cartas diferenciadas em quatro características e três critérios (verde, vermelho e roxo para a cor / sinuosa, oval ou losângica para a forma / vazio, tracejado ou cheio para o preenchimento / e quantidade de uma, duas ou três figuras para o número). O desafio do jogo é formar trios (SETs), no contexto de 12 cartas distribuídas aleatoriamente, obedecendo à regra de que os critérios relativos aos atributos só podem ser agrupados pelas semelhanças ou diferenças. A coleta de dados foi feita ao longo de 15 semanas. Os participantes realizaram voluntariamente as práticas e foram em número de 40, com idades de 14 anos e 10 meses até 80 anos e 3 meses. Cada prática considerou a seguinte ordem: recepção dos participantes, apresentação do jogo e sua regra, manipulação do material e realização de partidas. Cada partida teve duração de 30 minutos com no máximo quatro participantes. O desafio proposto foi o de encontrar o maior número de trios. Encontrado um, o trio era separado conservando-se as cartas na ordem em que foram retiradas. Para a análise dos dados foi realizado a caracterização dos participantes segundo gênero, faixa etária e escolaridade. Também foi reconstituída cada partida, o que permitiu analisar os seguintes recortes: número de trios formados; distinção dos trios certos e errados; caracterização dos trios e possíveis hipóteses sobre o que levou o sujeito a formar o trio errado. Resultados preliminares evidenciam que um pouco menos da metade dos trios formados tiveram três dos quatro atributos agrupados pela semelhança. Isto sugere uma tendência em fazer agrupamentos por semelhanças. Ao analisar cada atributo separadamente destaca-se o da quantidade em que, na grande maioria dos trios, as figuras foram organizadas de maneira seriada do menor para o maior. Isto sugere que a seriação visual é mais facilmente identificável do que os outros atributos. Outro aspecto é a característica do erro nos trios. Em todos os trios errados os participantes agruparam as cartas relacionando-as cartas de duas em duas e não as três ao mesmo tempo. Isto mostra que possivelmente o erro aconteça por o sujeito agrupar as cartas verificando o antecessor imediato e não as cartas como um conjunto. Nossa hipótese teórica, é que tais fatos podem ser explicados pela proposta de Piaget, segundo quem observa ou coordena aspectos que resolvem um problema começa por um esforço em construir correspondências, depois funções elementares, para finalmente alcançar o estatuto das transformações ou construção de sistema, expresso no uso de esquemas operatórios pelo sujeito.

Apoio financeiro: CNPq, processo 135484/2011-1

Palavras-chave: Jogos, Construtivismo, Programa Escola da Família.

M

ESC

PSICOLOGIA E O ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ESTUDO COM ALUNOS CONCLUINTES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS ESTADUAIS. *Estefania Manholer*, Lucia Pereira Leite, Miguel Cláudio Moriel Chacon (Departamento de Educação Especial, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, SP)*

À luz do pressuposto de que a pessoa com deficiência tem direito ao convívio social de forma não segregada, tem-se a Portaria nº. 1793 de 27/12/1994, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que recomenda a inserção de disciplinas curriculares em cursos de graduação, que tratem à temática da Educação Inclusiva, com a finalidade de instituir conteúdos curriculares capazes de promover o debate acadêmico e capacitação mínima dos futuros profissionais, para que possam atuar com pessoas desse segmento populacional. Nessa medida esta pesquisa, objetivou identificar e analisar a formação acadêmica e a vivência dos graduandos concluintes dos cursos de Psicologia, no que tange à inclusão social e educacional de pessoas com deficiência. Diante disso, foi realizado o estudo sobre a formação de profissionais da Psicologia em relação à temática, em cumprimento à indicação da referida Portaria Ministerial. O estudo em questão foi desenvolvido em duas universidades públicas estaduais – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) e Universidade de São Paulo (USP), junto aos respectivos cursos de formação em Psicologia. Para tanto, buscou traçar o perfil profissional que os cursos de Psicologia da UNESP e USP estão formando para a atuação junto às pessoas com deficiência, na opinião dos graduandos de último ano destes cursos. Participaram da pesquisa 76 alunos concluintes de três cursos de Psicologia de duas universidades públicas do Estado de São Paulo, a saber: 37 alunos da UNESP/Bauru, 10 UNESP/Assis, 29 USP/Ribeirão Preto. Os alunos foram convidados a responder o instrumento de pesquisa, constituído na forma de questionário – com sete questões de múltipla escolha, seis questões de múltipla escolha com justificativa e uma questão aberta - previamente aplicado em grupo piloto para adequação do instrumento de coleta. O local de aplicação do instrumento variou de acordo com o grupo de participantes em questão, sendo que, em alguns casos a aplicação foi em sala de aula e, em outros, quando isso não foi possível, o instrumento foi adaptado para um questionário online, enviado por email aos possíveis participantes, após anuência do respectivo coordenador do curso. Todos os dados de cada curso foram tabulados e analisados, sendo que as variáveis categóricas foram apresentadas pelas frequências absolutas e relativas. A análise dos dados descritivos foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo temática, uma técnica transversal que subdivide o conjunto de respostas em categorias, que são contadas em frequências posteriormente interpretadas. Com relação aos resultados obtidos, relata-se que a maioria dos participantes, ao ser questionado sobre suas experiências de trabalho com as pessoas com deficiência, 63,2%, ou 48 alunos, afirmou não terem realizado nenhum trabalho nesse sentido, sendo que destes, eram 67,6% da UNESP/Bauru, 60% da UNESP/Assis e 58,6% da USP/Ribeirão. Outro dado relevante foi às respostas obtidas na questão que abordou se os participantes sentem-se preparados para trabalhar com a PCD, em que se notou a não homogeneidade das respostas, que variaram de acordo com cada curso. Sendo que, na UNESP/Bauru, pouco mais da metade dos alunos relataram estar preparado para trabalhar com a PCD (51,3%), enquanto na UNESP/Assim, a maioria dos participantes (50%) não soube afirmar se sentiam preparados ou não, e, na USP/Ribeirão, 51,7% afirmaram não se sentirem preparados. A investigação ainda permitiu identificar o pouco interesse dos futuros profissionais em Psicologia para se especializarem e/ou atuarem junto às pessoas com deficiência (PCD), na perspectiva inclusiva, pois respostas negativas foram frequentes em 43,2% dos participantes da UNESP/Bauru,

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

50% da UNESP/Assis e 62% da USP/Ribeirão Preto, totalizando 51,3% das respostas. As justificativas dadas versavam principalmente sobre a falta de interesse (65,8%), aparecendo também, em menor frequência, a falta de experiência e convivência na área, falta de conhecimento e contato durante a graduação (14,3%) e insegurança, medo de não dar conta e dificuldades pessoais (8,5%). Em contrapartida, 27% dos alunos da UNESP/Bauru, 10% dos participantes da UNESP/Assis e o mesmo percentual dos participantes da USP/Ribeirão Preto demonstraram interesse na área, totalizando 18,4% da amostra. A justificativa para as respostas positivas foram relevância do trabalho (71,4%) e interesse na área (35,7%), no entanto, como nas justificativas negativas, apareceu a pouca experiência na área e pouco contato durante a graduação (14,3%). Relacionando os resultados obtidos com o objetivo proposto inicialmente, a saber, analisar a formação e a vivência dos graduandos, é possível observar que a intenção destes profissionais que estão se formando, em sua grande maioria, não é trabalhar na área da inclusão da Pessoa com Deficiência (PCD). Dessa forma, é necessário refletir sobre a formação de tais alunos no que diz respeito à inclusão da PCD, pois, a partir de suas respostas, pode se inferir que ainda é muito recorrente a ideia da alta especificidade necessária para atender essa demanda, fato essencial para uma parcela, que necessita da provisão de atendimentos diferenciados. Entretanto, os dados podem ainda demonstrar que mesmo na comunidade acadêmica a ideia da PCD frequentar espaços, instituições e serviços são aspectos ainda muito novos na realidade investigada. Isso leva a dois questionamentos: o primeiro mostrando que, de modo geral, às PCD ainda se encontram as margem da sociedade e, a necessidade da provisão de investimentos e ações públicas que garantam condições mais favoráveis da inserção da PCD, garantindo o seu acesso e permanência em nas esferas sociais e culturais, como qualquer outro cidadão. Tais medidas reafirmam a importância dos cursos em psicologia se adequarem à portaria ministerial na tentativa de subsidiarem teórico e operacionalmente os futuros profissionais para atuarem tanto numa perspectiva mais diretiva – atendimentos específicos, como de forma mais generalista, ou seja, atendimentos na área de psicologia destinados a toda e qualquer pessoa, com a finalidade máxima de desenvolvimento humano. Desse modo, talvez se possa mudar no meio acadêmico as concepções e as atitudes dirigidas a um segmento populacional que por muito tempo foi entendido como constituído de sujeitos de segunda ordem, incapazes e improdutivos.

Projeto de pesquisa financiado pela FAPESP.

Educação inclusiva; Adequações Curriculares; Psicologia da Educação.

IC

ESC

PSICOLOGIA, LINGUAGEM E PROCESSOS SUBJETIVOS: CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO AO CAMPO DA LEITURA E DA ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR. *Wallisten Passos Garcia, Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Apesar do crescimento econômico e da ampliação das oportunidades educacionais para a população, são altos os índices de analfabetismos, repetência e evasão escolar no Brasil. Nesse contexto, as questões relativas à leitura e à escrita adquirem especial importância e impõem desafios às ciências que contribuem para o processo educativo, dentre elas a Psicologia. No campo da leitura e escrita constata-se que o psicólogo intervém normalmente nos "distúrbios/dificuldades de aprendizagem". Na atualidade, alguns estudiosos, referenciados na teoria discursiva de Mikhail Bakhtin, têm considerado a linguagem como prática social e discursiva, uma atividade criadora e constitutiva do conhecimento. Nessa perspectiva, ser capaz de usar a leitura/escrita não significa apenas adquirir maior mobilidade na sociedade, mas usar esse conhecimento como meio de tomar consciência da realidade e interferir no mundo, pois compreende-se que a linguagem não serve apenas como transmissão/expressão de capacidades individuais, mas produz sentidos, mundos e sujeitos, ou seja, produz subjetividade. A partir disso, é possível afirmar a dimensão formadora, discursiva, social e política da leitura e da escrita, bem como seus efeitos na subjetividade tanto dos alunos quanto dos professores. Essa compreensão dos processos de leitura e escrita permite ao psicólogo criar novas formas de intervenção para além de uma atuação clínica e focada nas "patologias" e "desvios" da leitura/escrita. Com objetivo de investigar o "estado da arte" sobre as contribuições do psicólogo ao campo da leitura e da escrita no Brasil, foi realizada uma revisão bibliográfica de trabalhos científicos produzidos nos últimos cinco anos. Elegeu-se o portal de periódicos da CAPES como fonte de busca. As palavras-chaves utilizadas foram "psicologia" e "leitura e escrita". Por meio da análise dos objetivos, metodologia, e revisão teórica dos trabalhos pesquisados, foi possível identificar que as principais contribuições do psicólogo ao campo da leitura e da escrita estão relacionadas à avaliação ou desenvolvimento das habilidades de leitura/escrita dos alunos, baseado, sobretudo, em concepções que consideram a linguagem em seu aspecto cognitivo, cujas discussões orientam-se pelos campos da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Nesse sentido, a dimensão formadora, discursiva, social e política da leitura e da escrita e seus efeitos na subjetividade tanto do aluno quanto do professor não são considerados. Ao articular a linguagem ao desenvolvimento de capacidades individuais e cognitivas nega-se a possibilidade do sujeito tomar os sentidos de suas experiências sociais e afetivas diante do ato de ler e escrever. Do mesmo modo, constatou-se que a leitura e a escrita não são tomadas como categorias relevantes no trabalho de formação de professores por parte dos psicólogos. A relação das práticas de leitura e escrita que formam o professor enquanto sujeito da cultura e que terá efeitos nos sujeitos por ele formados não são evidenciados. Ressaltamos, contudo, a importância do psicólogo considerar em seu trabalho a formação do professor enquanto leitor e escritor, pois isso reflete na forma como ele ensina seus alunos a ler e escrever. Além disso, é fundamental que o psicólogo contemple em sua formação e atuação a dimensão discursiva e social da leitura e escrita, de modo a ampliar suas contribuições para os processos educativos que repercutam em práticas de letramento efetivas no contexto escolar, ressignificando a idéia frequente de que o psicólogo pode contribuir apenas para os aspectos emocionais e comportamentais dos sujeitos na escola e pouco ou nada pode oferecer as questões relacionadas à leitura e escrita.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Psicologia, Linguagem, Formação de Professores
CAPES
ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PSICÓLOGO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILITANDO REFLEXÕES E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES INTERPESSOAIS. *Cibely Francine Pacifico**, Carolyne Tomas de Aquino (Universidade Estadual de Londrina –PR)*

Considera-se de extrema importância o trabalho do psicólogo escolar com professores da educação infantil, visto que as bases da formação de indivíduos autônomos, críticos e reflexivos se iniciam nesse período. Desse modo, o psicólogo precisa atentar para a qualidade das relações estabelecidas entre professores e alunos, além das relações estabelecidas na equipe como um todo. Assim uma maneira de melhorar a qualidade da educação infantil, de modo que esta possa alavancar o desenvolvimento das crianças como cidadãos, é investir no desenvolvimento das habilidades pró-educativas do professor. Além disso, para propulsionar avanços no desenvolvimento das crianças o lúdico e o brincar também devem ser considerados como estratégias importantes para a promoção do desenvolvimento global da criança, especialmente na educação infantil. Logo, considerou-se relevante possibilitar reflexão sobre as práticas educacionais e o desenvolvimento de habilidades interpessoais dos educadores. Portanto, o presente trabalho procurou elaborar intervenções que propiciassem o desenvolvimento de habilidades sócias dos professores, uma vez que ao investir no desenvolvimento interpessoal destes, acarretará melhoras também na qualidade das relações estabelecidas entre eles e os alunos. O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido em um centro de educação infantil de um bairro periférico de Londrina-PR, este centro era mantido com recursos da secretaria de educação do município e da associação de uma igreja da cidade. Participaram dez professoras, sendo divididas em dois grupos, com participação em encontros quinzenais. Foram utilizados materiais para anotações, bexigas, folhas sulfite, barbante, aparelho de som, dado, giz, cadeiras, canetas e lápis coloridos e questionário direcionado as educadoras. O procedimento constitui de análise do regimento interno, PPP da instituição, e referencial curricular nacional para educação infantil, além disso, observações e entrevistas com as professoras e coordenação, bem como questionário para as educadoras. Por fim realizou-se 7 encontros com cada grupo. Os temas dos encontros foram: Apresentação da proposta de trabalho e integração do grupo; O cuidar e o educar na educação infantil; Planejamento de aula; Autoconhecimento e habilidades sociais; Utilizando assertividade; A importância da empatia. Encerramento/Coesão do grupo. Durante os encontros, nos quais foram utilizadas dinâmicas, vivencias e estratégias lúdicas, como modelo de planejamento de atividades, as professoras foram participativas e compreenderam os objetivos das atividades propostas. As atividades proporcionaram reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem, e colaboraram para a prática pedagógica das educadoras. Além disso, estas compreenderam a importância do lúdico enquanto aquele que proporciona aprendizagem. Contudo, observou-se uma desmotivação em relação ao papel de educadoras, entre os motivos estava a baixa remuneração e falta de reconhecimento social. Destarte fica evidente a necessidade e importância da realização de projetos de formação continuada para os educadores, e do acompanhamento especializado de um pedagogo para auxiliar o professor a transpor o conteúdo teórico para a prática em sala de aula.

Psicologia escolar, educação infantil, habilidades sociais

ESC

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR COM BASE NA PERSPECTIVA INSTITUCIONAL. *Marivete Gesser (Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

As práticas educativas, na contemporaneidade, tem sido ancorada predominantemente nos processos de pedagogização do conhecimento e disciplinamento interno dos saberes. Estes, segundo autores que atuam a partir da perspectiva institucional de psicologia: a) naturalizam os lugares sociais do professor e dos alunos; b) limitam o estabelecimento de relações entre a teoria e a prática, c) obstaculizam a conexão dos saberes acadêmicos com os processos sociais e d) contribuem para a configuração de processos educativos que produzem como efeito a exclusão e/ou medicalização dos alunos possuem diferentes tempos e modos de aprender. Diante disso, urge a necessidade de se produzir conhecimentos voltados ao rompimento desse modo de organização escolar excludente da diversidade de modos de existência na escola. O objetivo deste trabalho foi o de, a luz da perspectiva Institucional de Psicologia Escolar, identificar alguns pressupostos teórico-metodológicos voltados à construção de processos educativos potencializadores dos sujeitos inseridos nos contextos de educação formal. A proposta de trabalho surgiu a partir do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa "Práticas educativas e constituição do sujeito" que vem sendo executado no Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional da UFSC. As reflexões realizadas pela autora como professora da disciplina de Psicologia Escolar I, supervisora de estágios curriculares em psicologia escolar e como assessora de um projeto de educação inclusiva que vem ocorrendo em um núcleo de desenvolvimento infantil da mesma universidade também contribuíram para a realização da proposta. Como principais pressupostos identificados como necessários para a construção de uma atuação em psicologia potencializadora dos processos educativos, destacam-se: a) promover dispositivos voltados à desconstrução da lógica homogeneizante de tempos e espaços escolares; b) transformar a escola em um campo de potência de criação na qual o conhecimento seja visto como invenção, construção coletiva; c) ter como perspectiva a educação como movimento, potência criadora que se engendra rumo ao devir; d) promover a garantia da apropriação crítica do conhecimento pelos alunos por meio da problematização do saber; e) favorecer espaços de circulação da palavra dentro da escola; f) produzir territórios nos quais a diversidade seja acolhida; e g) tencionar os mecanismos de produção da individualização dos "problemas" escolares. Além dos aspectos acima destacados, ressalta-se a necessidade de o psicólogo atuar profissionalmente em consonância com as políticas voltadas à garantia dos direitos humanos e sempre buscando a autonomia de todos os sujeitos envolvidos no processo. Conclui-se que, por meio dos pressupostos acima citados, será possível contribuir de maneira efetiva com a construção de processos educativos potencializadores de todos os sujeitos da escola.

Psicologia escolar; atuação do psicólogo; análise institucional.

ESC

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO. *Christiane Maria Ribeiro de Oliveira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Recife, Recife, PE), Andreza Maria de Lima (Prefeitura do Recife, Recife, PE)*

A Teoria das Representações Sociais, proposta pelo psicólogo social Serge Moscovici, se caracteriza como um campo de estudos que toma como foco as produções simbólicas do cotidiano, onde se expressam os saberes e práticas dos sujeitos. Moscovici estabelece um modelo teórico capaz de dar conta dos mecanismos psicológicos e sociais que atuam na produção das representações. A utilização da teoria, particularmente no Brasil, já se estende a diferentes áreas, configurando-se em um tipo de saber efetivamente interdisciplinar que colabora com a explicação de problemas relevantes para a saúde, meio ambiente, educação, entre outros. Considerando a educação, vários estudos vêm evidenciando que o campo educacional se apresenta como uma área privilegiada para o estudo das representações sociais, pois permitem compreender, orientar e justificar as práticas, desvelando os sentidos e significações socialmente partilhados. Este trabalho teve como objetivo analisar a produção científica sobre representações sociais aplicadas ao campo da Educação com foco na área de Psicologia da Educação. Foram estudados os resumos dos trabalhos das modalidades de comunicação oral e pôster do Grupo de Trabalho Psicologia da Educação (GT 20) nas cinco últimas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Escolhemos o GT referido, pois envolve as interfaces entre psicologia e educação. Destacamos que a ANPEd tem como finalidade o desenvolvimento e a consolidação da pós-graduação e da pesquisa na área de Educação no Brasil. Para atingir nosso objetivo selecionamos os trabalhos que adotaram como suporte a Teoria das Representações Sociais. Consideramos como critério nessa seleção a utilização do termo "representações sociais" nos resumos dos trabalhos. Os resumos foram analisados de acordo com as seguintes questões: 1ª) Quais são os objetos de representações sociais que têm sido pesquisados? 2ª) Quais os sujeitos das representações sociais pesquisadas? Destacamos, inicialmente, que todas as reuniões apresentaram trabalhos em representações sociais, o que confirma a vitalidade da teoria na área educacional. De um total de 70 trabalhos, foram localizados 14 estudos. Desses, 10 foram encontrados na modalidade de comunicação oral e 4 na de pôster. Os trabalhos estavam assim distribuídos: na 34ª reunião encontramos quatro estudos; na 33ª localizamos dois; na 32ª encontramos um; na 31ª reunião contabilizamos quatro e na 30ª contabilizamos três. Em relação aos objetos representados, identificamos diversos objetos: bom aluno; ser aluno; ser professor em formação; educação em valores morais; trabalho docente; identidade docente; escola; fala e escuta de professores em sala de aula; trabalho docente; aids, drogas, violência e prevenção e espaço narrativo na escola. Um estudo tratava-se de uma discussão sobre a historicidade das representações sociais. Considerando os sujeitos que representaram, identificamos cinco estudos que tiveram como participantes alunos da Educação Superior, dois estudos com alunos da Educação Básica, dois com professores da Educação Básica, dois com professores da Educação Superior, um com professores e funcionários da Educação Básica e um com alunos, professores e funcionários da Educação Básica. O estudo, apesar de sua natureza exploratória, possibilitou uma visão da vitalidade da teoria no campo da Educação com foco na área da Psicologia da Educação.

Representações Sociais. Produção científica. Psicologia da Educação.

ESC

UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DO PROCESSO IDENTITÁRIO A PARTIR DE NARRATIVAS DE HOMENS PAIS NA CONTEMPORANEIDADE.

Gilberto Ferreira Barreiros, Heloisa Szymanski (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo compreender o processo de constituição identitária de homens pais a partir das narrativas de suas experiências em relação a suas práticas educativas para com seus filhos. A concepção de identidade narrativa, segundo proposta de Ricoeur (1991) conduziu epistemologicamente este trabalho enquanto possibilidade de conhecimento descritivo e compreensivo. A fenomenologia embasou este trabalho enquanto um método de inquirir os fenômenos. Interrogou-se o fenômeno pelo principal conceito de Husserl (1990) seguindo a proposta de "ir à coisa mesma". Por se tratar de pesquisa qualitativa de base fenomenológica privilegiou o uso de encontros reflexivos proposto por Szymanski (2002) que visou à obtenção de narrativas dos participantes. O caminho de pesquisa desenvolvido está em concordância ao modelo de uma pesquisa interventiva de acordo com a proposta de Thiollent (1996), partindo da concepção que esses encontros tem como base uma práxis reflexiva.Trabalhamos a análise a partir do enfoque da fenomenologia hermenêutica de Ricoeur (1978), situando a hermenêutica como uma postura epistemológica que visou buscar a partir das aparências, os sentidos que emergem e que são constituídos pelo indivíduo em sua narrativa. Em consonância a essa postura utilizamos a analítica dos sentidos formulada por Critelli (2006) que parte de uma orientação epistemológica da fenomenologia existencial a qual busca o movimento do vir a ser do existir do homem em sua relação com o mundo. A partir dos sentidos que se evidenciaram nas constelações, constatou-se que os participantes da pesquisa, interagem e coexistem com diversas formas de viver o processo da paternidade, que muitas vezes, são geradores de contradições. Podemos evidenciar que a identidade pessoal de cada homem está sendo constituída em meio a uma crise identitária entre o que lhes é esperado e os modos experenciados no dia a dia. Pudemos, também atestar, que os encontros reflexivos proporcionaram um agir humano pautado pela experiência de configurar, através das narrativas, suas experiências nas relações intersubjetivas, o que proporcionou uma ativa reorganização de sentidos e a uma nova interpretação do si-mesmo nos encontros reflexivos com os outros homens pais. Portanto a experiência de narrar suas experiências levou, os participantes da pesquisa, a uma ativa reorganização e a uma auto-interpretação dos sentidos de suas experiências para consigo mesmos, fundamentais como parte do processo de constituição identitária.

Agência de fomento: CAPES

ESC

VITIMIZAÇÃO E AGRESSÃO ENTRE PARES NA ESCOLA: RELATO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR. *Eraldo Carlos Batista, Benedito Alves de Oliveira, Rosangela Martins Vieira (Centro de Atenção Psicossocial CAPS)*

Este trabalho é resultado parcial do estágio supervisionado em psicologia escolar, o qual teve como objetivo conhecer a realidade escolar a níveis de práticas de violência entre pares vivenciada pelos alunos. A violência na escola nos últimos anos tem se tornado motivo de interesse público. O estudo do bullying no contexto escolar tem ganhado relevância entre investigadores que procuram compreender tal fenômeno. Caracterizado por situações que conduz um aluno ou grupo a intimidar, humilhar, apelidar ou perseguir um colega mais frágil, o bullying promovem em suas vítimas vergonha de se exporem, medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu desempenho escolar. Sob essa ótica o presente estudo teve como objetivo investigar o nível de vitimização e agressão entre pares numa escola da rede de ensino público no interior do estado de Rondônia. Utilizando-se de uma abordagem qualitativa e do método dedutivo a pesquisa foi realizada com vinte e três alunos do quarto e quinto ano do primeiro ciclo do ensino fundamental, sendo 34,8 % do sexo masculino e 65,2 % do sexo feminino. Para coleta de dados utilizou-se a Escala de Vitimização e Agressão entre Pares – EVAP. Composta de dezoito questões distribuídas em quatro dimensões (agressão direta, agressão relacional, ataques a propriedades e vitimização), a escala é um instrumento de autorelato desenvolvido para investigar a agressão entre pares no contexto escolar, delimitando os últimos seis meses como período de avaliação. Os resultados obtidos apontaram para um alto índice na dimensão Vitimização, a qual inclui todos os comportamentos agressivos dos quais o participante tenha sido alvo. Nesta dimensão, os sujeitos do sexo feminino apresentam-se em índice maiores que os do sexo masculino. A Agressão direta caracterizada pelas formas de agressões diretas: físicas, verbais e a forma que descreve a reação do participante em resposta a ataques iniciados por outros, foi relatada por 29 % dos alunos participantes. Esta aparece em destaque entre os sujeitos do sexo masculino. A dimensão agressão relacional, apresentada pela forma de agressão que inclui comportamentos que prejudicam o relacionamento da vítima com outros pares, apresentou-se menor índice entre os alunos participantes, totalizando apenas 09 %. A dimensão agressão física indireta não foi relatada por nenhum participante. Assim conclui-se que 78 % dos alunos participantes do estudo se envolveram em condutas de vitimização e agressão entre pares no decorrer do período avaliado. Sendo que entre estes, os agressores aparecem com maior número entre os meninos, e as vítimas entre o grupo das meninas. As condutas que mais incidiram nesse grupo estudado foram as agressões verbais, apelidos indesejáveis, humilhações, agressões morais.

ESC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

VIVÊNCIA ACADÊMICA E DESEMPENHO ESCOLAR DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA. *Leidiana Peixoto Ribeiro;Monalisa de Cássia Fogaça; Jonas Borsetti; Danilo Pereira; Rosana Zimbardi Martins; Julio Cesar Garcia Mendes; Solange Cardoso Santos; Izabela Galindo Silva; Daniela de Souza Teixeira (Universidade Nove de Julho)*

A etapa de formação universitária exige uma série de atividades dos estudantes, para as quais devem ser garantidas condições mínimas necessárias para equacionamento das dificuldades freqüentes encontradas, de forma a viabilizar a formação humana e profissional aí pretendida. Alguns estudos (Cardoso, 2004; Accorsi, 2007; Igue, 2008; Noronha, 2009), revelam que uma das preocupações crescentes que as universidades têm demonstrado é com relação à grande incidência de insucesso acadêmico dos seus alunos, que se manifesta de diversos modos, tais como: baixas classificações, disciplinas em atraso, mudanças de curso e abandonos. Diante dessas assertivas se faz necessário avaliar a vivência acadêmica do estudante de Psicologia, visto que este tem como função principal promover o bem-estar e o equilíbrio biopsicossocial na sua prática profissional. Estudo transversal, envolvendo alunos do 1º ao 5º ano (N = 261), de ambos os sexos, do período matutino e noturno, de uma universidade particular em São Paulo. O questionário aplicado foi o Questionário de Vivências Acadêmicas– Reduzido [QVA-r] (Almeida, 2002). O QVA tem como objetivo identificar as percepções e experiências de estudantes no que se refere à compreensão do processo de integração acadêmica. Essa versão é composta por 55 itens, divididos nas dimensões: Carreira (12 itens), Pessoal (15 itens), Interpessoal (13 itens), Estudo (11 itens) e Institucional (7 itens). Os dados foram avaliados através do Teste de Mann-Whitney. Em relação a cada ano estudado percebemos diferença estatística significante, levando em conta o período que o aluno estuda: 1º ano item estudo e instituição (p=0,039 e 0,000); 2º ano item interpessoal e institucional (p=0,014 e 0,005). Não encontramos diferenças estatísticas significantes entre o período matutino e noturno nos alunos do 3º ano. Encontraram-se diferenças entre o período matutino e noturno nos alunos do 4º ano em relação aos itens pessoal e interpessoal (p= 0,056 e 0,038). Não percebemos diferenças significativas entre os alunos dos períodos matutinos e noturnos no 5º ano. Em relação aos alunos de anos anteriores em comparação aos alunos do 5º ano, os resultados estatísticos significantes foram: 1º e 5º nos itens pessoal (p=0,004), estudo (p=0,001) e institucional (p=0,001); 2º e 5º nos itens interpessoal (p=0,050) e institucional (p=0,023); 3º e 5º ano no item pessoal (p=0,000) e no 4º ano em relação ao 5º ano não foram encontradas diferenças significativas nos dimensões avaliadas pelo QVAr. Quando avaliamos os alunos do 1º e 2º ano percebemos que as dificuldades iniciais apresentadas se referem à própria adaptação ao contexto acadêmico, tais como: planejamento do estudo, conhecimento da infra-estrutura da universidade e relacionamento com os colegas e professores. A partir do 3º e 4º ano, as relações com os colegas e sua autonomia frente às atividades acadêmicas e seus esforços para continuidade do estudo, são fatores que se destacam frente à continuidade do curso. Nossos dados se assemelham ao trabalho de Igue (2008), que avaliou estudantes de psicologia, que relata a dificuldade de alunos ingressantes e as inquietações de alunos concluintes. Concluímos que as áreas identificadas acima representam alguns domínios que, seguramente, melhor descrevem a adaptação acadêmica, servindo desta forma, como objetivos para investigações futuras, a fim de intervir e prevenir, problemas na adaptação do estudante ingressante na universidade.

Formação universitária, insucesso acadêmico, estudante de Psicologia.

ESC

VIVÊNCIAS E SENTIMENTOS DE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICAS: UM ESTUDO SOBRE O DESENHO COMO PRODUÇÃO INFANTIL. *Karmen Gouveia Correia de Oliveira*, Jéssica Andrade de Albuquerque*, Fabíola de Sousa Braz Aquino (Universidade Federal da Paraíba)*

Essa pesquisa é proveniente de um estudo mais amplo, que buscou investigar a percepção das crianças sobre a escola. Parte-se da idéia de que as pesquisas realizadas com crianças, com o propósito de conhecer seu ponto de vista, não podem se centrar na oralidade ou na escrita, pois a lógica de comunicação com as crianças envolve outros recursos, como o desenho. Esse tipo de produção permite ao infante organizar informações, avaliar experiências vivenciadas, representar de maneira particular o mundo ou situações vivenciadas, funcionar como um mediador de conhecimento e autoconhecimento para as crianças, além de se configurar como um recurso mnemônico, uma simbolização do discurso das crianças. Nesse sentido, pesquisadores consideram relevante cruzar a fala e os diálogos em grupo com desenhos ou fotografias para favorecer uma ampliação do entendimento do adulto sobre a perspectiva da criança. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo conhecer as percepções e sentimentos que as crianças possuem sobre a escola. Participaram dessa pesquisa 60 crianças, sendo 32 do sexo masculino e 28 do sexo feminino, distribuídas em turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I, matriculadas em três escolas públicas na cidade de João Pessoa-PB. Os participantes desse estudo foram escolhidos aleatoriamente, tendo como critério estar na faixa etária entre 7 e 10 anos. A coleta de suas produções foi feita individualmente e em local reservado das instituições. Durante a realização da pesquisa solicitou-se que as crianças desenhassem: (a) o que gostam de fazer na escola; (b) o que não gostam de fazer na escola; e (c) elas na escola. Observou-se que enquanto os alunos produziam seus desenhos eles empregavam palavras, cantarolavam e descreviam sua arte, conforme já apontado por pesquisadores. Em relação ao conteúdo concreto dos desenhos, notou-se os seguintes aspectos: (a) as crianças concebem como atividades que mais gostam de fazer na escola as situações de brincadeira e jogos, muitas vezes contradizendo sua fala, já que em entrevista algumas afirmaram que o que mais gostavam de fazer na escola era estudar, ler ou escrever; (b) em relação ao que não gostam de fazer na escola, os desenhos exibiam situações de coerção, como castigo, situações de conflitos entre colegas (brigas), e atividades escolares, a exemplo de cópias do quadro; (c) os desenhos que as crianças fizeram delas na escola apontam os diferentes locais da instituição. Entende-se que estudo como esse traz elementos para uma maior compreensão acerca das metodologias de pesquisa com crianças, discutindo o desenho como uma das formas de manifestação do universo infantil e de produção criativa. Além disso, os desenhos produzidos pelas crianças endereçam aos psicólogos que atuam no contexto educacional uma via de reflexão acerca da qualidade das práticas educativas docentes, dos tipos de interações sociais que se desmembram na sala de aula, dos mecanismos que afetam a motivação das crianças com as atividades escolares, e de suas repercussões nos processos de ensino e aprendizagem.

Criança; escola; desenho

ESC

CONSTRUCCIÓN SOCIOHISTÓRICA DE LA PROPENSIÓN A APRENDER DE LOS ADOLESCENTES INFRACTORES DE LEY. *Eduardo Sandoval Obando (Universidad Austral de Chile)*

La presente investigación busca develar y comprender cómo se manifiesta la propensión a aprender de los adolescentes infractores de ley derivados al Programa de Salidas Alternativas de la ACJ. Específicamente, nos interesó caracterizar los aprendizajes construidos por los adolescentes a lo largo de sus trayectorias vitales, identificar los patrones que caracterizarían su propensión a aprender, identificar y describir las condiciones, contextos y situaciones, en los cuales se manifiesta esta propensión, junto con descubrir alternativas de modificabilidad cognitiva para el adolescente infractor de ley, gracias a su propensión a aprender, que permita apoyar los procesos de reinserción social desde la educación.

IMPORTANCIA Y JUSTIFICACIÓN ESTUDIO

En la actualidad, diariamente somos testigos a través de los medios de comunicación masivos (televisión, diarios, revistas, etc.), del paulatino aumento de los delitos, cometidos por adolescentes en nuestro País y de cómo éstos no logran adaptarse a los cánones escolares y sociales tradicionales, los cuales generan en la sociedad mayores índices de inseguridad, desconfianza y miedo frente a la delincuencia, sin distinción alguna, desconociendo las causas y motivaciones del sujeto, sus historias de vida, qué lo lleva a delinquir y los contextos en los cuales se desenvuelve.

Especialmente en el ámbito de los episodios de infracción de ley cometidos por adolescentes, las acciones y esfuerzos que el Gobierno de Chile se encuentra realizando en torno a la prevención de la delincuencia juvenil (Ley de Responsabilidad Penal Adolescente Nº 20.084, Programas de Intervención en el medio libre, Semi-cerrado y cerrado del Servicio Nacional de Menores, etc.), no han sido capaces, suficientes ni idóneos, para abordar a este segmento, de manera integral. Se han generado múltiples acciones desde el nivel central, sin conocer realmente el fenómeno ni al sujeto involucrado. Menos aún, el sistema educativo actual, ya que no ha sido capaz de atender a las necesidades educativas de éstos adolescentes, aumentando las tasas de fracaso y deserción escolar.

A pesar de las acciones jurídicas anteriormente descritas, "la delincuencia aparece sistemáticamente como una de las principales preocupaciones de la ciudadanía en todos los estudios de opinión pública" (Beyer y Vergara, 2006: 2). Lamentablemente, la realidad de estos jóvenes y sus experiencias vitales, siguen siendo aún desconocida por los actores claves y encargados de la toma de decisiones en Chile (Ministerio de Educación, Salud, Trabajo; Planificación, Cultura, Servicio Nacional de Menores, etc.), por lo que esta investigación adquiere mayor relevancia y valor teórico, en tanto, permitirá develar la propensión a aprender del adolescente infractor de Ley derivado al Programa de Salidas Alternativas, presente en la Región de los Ríos, desde la exploración de sus trayectorias vitales que nos hablan de su pasado (de las relaciones que establece y de cómo éstas lo han conducido a un episodio de infracción de ley, de los aprendizajes exitosos que ha desarrollado, de las condiciones y contextos en los cuales se siente triunfante, etc.), pero también de su futuro frente al cual tiene, múltiples alternativas, como por ejemplo, continuar infringiendo la ley y convertirse en un adulto delincuente, o descriminalizarse; pero por sobre todo, descubrir cómo, cuándo y qué aprenden. Siendo una temática de estudio totalmente inédita, relevante y necesaria en la Región de los Ríos. Sumado a lo anterior, la pertinencia e importancia de esta investigación radica en que permitirá explorar la propensión a aprender de los

adolescentes y jóvenes infractores de ley, vinculados a la educación y el aprendizaje informal, como un medio eficaz para la integración social efectiva, en la medida en que se transforme en un medio dinámico, caótico y complejo, el cual permitirá entregar insumos teóricos y prácticos (propuestas) para el mejoramiento y fortalecimiento de las Políticas Públicas preventivas relacionadas con las distintas dimensiones del quehacer social (económicas, educacionales, familiares, urbanas, recreación, etc.), que tienen incidencia directa sobre éstos adolescentes, que aporten y contribuyan a conocer y comprender científicamente y con mayor profundidad esta realidad social.

En este mismo sentido, los resultados de esta investigación aportarán a perfeccionar las estrategias de intervención diseñadas por SENAME (en el marco del Programa de Salidas Alternativas), replantear la forma en que actualmente se educa y las estrategias de mantención en el sistema escolar de éstos jóvenes para que lo perciban como un medio atractivo para su desarrollo, reconociendo y valorando sus potencialidades y recursos personales, haciendo de las escuelas un medio cercano y flexible, que aproveche y reconozca las vivencias de éstos jóvenes, disminuyendo la marginación y exclusión social que existe en la actualidad. En lo práctico, nos permitirá obtener información relevante, desde la visión de los propios jóvenes (para quienes es posible que no lo sepan, ó incluso que no lo sospechen), respecto de su propensión a aprender, pesquisa que resulta clave para contribuir a incentivar la implementación de futuras intervenciones preventivas en torno a la reinserción social efectiva desde la educación, considerando la percepción de este grupo social, que constituye aquel más vulnerable, y en donde se inician las conductas infractoras de ley en la Región de Los Ríos.

Metodológicamente utilizamos un enfoque interpretativo - cualitativo para captar la complejidad de la propensión a aprender de éstos adolescentes, en términos del significado que ellos mismos le otorgan, siendo flexible y sensible al contexto social en el que se producen (Vasilachis, 2006). Asimismo, para su interpretación de los datos nos apoyamos en la Teoría Fundamentada (Strauss y Corbin, 2002) y las Historias de Vida (Denzin, 1989; Pineaud y Jobert, 1989; De Gaulejac, 1987; Le Grand, 1996; Niewiadomski & De Villers, 2004), para reunir información sobre la esencia subjetiva de la vida entera de estos adolescentes.

RESULTADOS

Entre los principales hallazgos, se encuentran el poder caracterizar la propensión a aprender que poseen estos adolescentes, descubriendo la facilidad con que aprenden en un contexto informal y la dificultad que experimentan en un contexto formal (escuela), al observar como esta anquilosaría la experiencia previa de éstos, desaprovechando las reales potencialidades que poseen para aprender.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

DESARROLLO MORAL EN ESTUDIANTES DE POSTGRADOS DE GERENCIA: UNA COMPARACIÓN. *Carlos Enrique Zerpa García, Jorge José Ramiréz (Universidad Simón Bolívar)*

El propósito de esta investigación fue comparar el nivel de desarrollo moral alcanzado por dos grupos de estudiantes de postgrado de gerencia de Universidades venezolanas al final del primer año de sus cursos. Para ello se realizó un estudio no experimental, de campo, de tipo correlacional; el primer grupo estuvo conformado por 37 estudiantes de postgrado de gerencia de proyectos de una Universidad privada y el segundo grupo lo conformaron 20 estudiantes de postgrado de gerencia y responsabilidad social de una Universidad pública. Se utilizó el Test de definición de criterios morales (Defining Issues Test, DIT), versión de tres dilemas, traducida, adaptada y validada al contexto venezolano. Se describen los estadísticos de cada uno de los grupos y se comparan con base a una prueba de significación estadística t. Los resultados obtenidos muestran que el grupo de estudiantes que cursa postgrado en gerencia y responsabilidad social obtiene un mayor nivel de desarrollo moral que el grupo de estudiantes de gerencia de proyectos al final del periodo evaluado, siendo esta diferencia significativa, lo que puede sugerir un importante efecto formativo sobre el cambio en las estructuras de razonamiento moral en programas académicos con un componente moral-valorativo como eje transversal. Los resultados permiten justificar y orientar la importancia del cambio en la concepción curricular de los estudios de postgrado en gerencia para el diseño e implantación de ejes curriculares de desarrollo de competencias morales y educación en valores, dirigido a estudiantes de estos programas.

Palabras claves: desarrollo moral, educación moral, estudiantes de postgrado de gerencia, defining issues test.

PD

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

EL ROL DEL PROFESOR JEFE EN EL APRENDIZAJE SOCIOEMOCIONAL DE SUS ESTUDIANTES: UN ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS DOCENTES. *Christian Berger, Lorena Toro (Pontificia Universidad Católica de Chile)*

El presente estudio abordó la perspectiva que los profesores jefe tienen respecto de su rol en el aprendizaje socioemocional de estudiantes de 5to y 6to año de enseñanza básica en Santiago, Chile. El aprendizaje socioemocional ha sido destacado por numerosos autores como un elemento esencial para el desarrollo de niños y adolescentes, y como un importante factor promotor de logros académicos y de bienestar en general. A pesar de la centralidad de la figura del profesor jefe para ello, no existe información ni claridad respecto de su rol como promotor de esta dimensión del desarrollo. El profesor jefe asume la responsabilidad por su curso, lo que implica generar un clima de aprendizaje y una convivencia adecuadas, relacionarse con las familias de sus estudiantes, y servir como articulador entre ellos y los profesores de otras asignaturas y la dirección de la institución educativa. Sin embargo, no hay directrices sobre los alcances de este rol ni sus límites, y la formación inicial de profesores no contempla dichos contenidos, por lo que los profesores que asumen jefatura de curso deben construir su rol desde sus propias experiencias. A través de una metodología cualitativa y siguiendo los procedimientos de la Grounded Theory este estudio buscó comprender cómo los profesores jefes de 5to y 6to año de enseñanza básica construyen su rol, y las implicancias que esto tiene para su ejercicio. Se entrevistó en profundidad a 10 profesores del sistema de educación pública de una comuna representativa de Santiago, Chile. La codificación axial de la información levantó cuatro fenómenos centrales en la perspectiva de los docentes respecto de su rol: (1) el rol docente del profesor jefe contempla un aspecto parental que subsume otros roles, siendo más relevante que el rol formativo académico; (2) Favorecer un vínculo positivo entre profesor jefe y estudiantes es central al rol del profesor; (3) A partir de los vínculos entre profesor y estudiantes se construye una red vincular ampliada, integrando familias y otros profesionales que trabajan con los estudiantes; y (4) La jefatura de curso implica distintos ámbitos de la vida del profesor, influyendo en su vida personal y familiar, lo cual se asocia a indicadores de desgaste. La codificación selectiva de los datos muestra como concepto emergente y organizador de los resultados la percepción del trabajo del profesor jefe como una construcción en torno a ser figura de apego secundario para sus estudiantes. La discusión del estudio se organiza en torno a la necesidad de clarificar el rol del profesor jefe, tanto a nivel de políticas públicas como a nivel institucional, establecer criterios claros para la selección de profesores que asuman jefatura, y la necesidad de incluir en la formación docente aspectos claves para asumir el rol de profesor jefe.

Este trabajo corresponde en parte a la tesis de Lorena Toro para optar al grado de Magister en Psicología Educacional por la Universidad Alberto Hurtado, Chile

Este trabajo ha sido financiado por el gobierno de Chile, proyecto Fondecyt # 1100391.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

COMPARAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE AS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO DE FREIRE E SKINNER: UM DIÁLOGO. *Denise Bachega***, João dos Santos Carmo (Universidade Federal de São Carlos)*

Skinner definiu educação como o estabelecimento de comportamentos vantajosos para o indivíduo e para outros em algum tempo futuro. Para ele o propósito da educação seria o de formar os alunos para o autogoverno intelectual. É bastante vasta a produção em Análise do Comportamento voltada à compreensão dos processos envolvidos na Educação como: ensino e aprendizagem; dificuldades de aprendizagem; alfabetização; aquisição de conceitos numéricos; os papéis do professor, do aluno e da escola no contexto; os propósitos da educação e formação de professores. Apesar disso alguns estudos sugerem que no contexto educacional brasileiro há inúmeras incompreensões e más interpretações acerca das contribuições dessa abordagem para a área. Diferente do contexto de preconceitos, pouco entendimento e pouca aceitação das propostas de Skinner, as propostas da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire têm grande repercussão e aceitação na comunidade educacional em âmbito mundial. Em oposição à educação bancária que considera os professores como depositários de conhecimento, as proposições de Freire ressaltam o papel do professor como educador-educando e do aluno como educando-educador e destacam a importância do diálogo e do respeito ao contexto cultural e à individualidade do educando no seu próprio processo de educação, bem como sua participação decisiva nesse processo. Alguns trabalhos mostram que há similaridades entre as propostas de educação de Skinner e Paulo Freire sobre pelo menos três aspectos: 1) a autonomia ser entendida enquanto comportamento (ação) do sujeito que é aprendido a partir de interações sociais; 2) apesar de sofrerem influência de fatores genéticos e ambientais, os seres humanos são capazes de arbitrar sobre esses fatores sendo esta uma característica fundamental da autonomia; 3) ensinar consiste num dispor de circunstâncias para o desenvolvimento de comportamentos, incluindo a autonomia. Assim, o estudo tem por objetivo realizar uma contextualização das propostas as concepções referentes à Educação presentes nas obras principais de Paulo Freire e Skinner. E, a partir disso, identificar e discutir as possíveis convergências, divergências e analogias entre as propostas e realizar uma leitura analítico-comportamental sobre método Paulo Freire de alfabetização. O projeto se constituirá em uma pesquisa teórica bibliográfica executada em três etapas principais: (1) leitura inicial de obras selecionadas de Freire e Skinner, (2) leitura pontual dessas obras e de textos subsidiários e descrição comportamental do método de alfabetização e (3) análise comparativa entre as propostas educacionais. É esperado apresentar ao final deste projeto uma contextualização dessas propostas educacionais, produzir uma leitura comportamental sobre o método Paulo Freire de alfabetização e oferecer subsídios a estudos que busquem entender aspectos fundamentais sobre o ensino e aprendizagem de leitura e escrita. Além disso, é esperado destacar conceitos importantes e comparáveis entre as propostas educacionais dos dois autores que podem proporcionar o surgimento de novas pesquisas em Análise do Comportamento sobre alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização; Proposta educacional de Skinner; Método Paulo Freire.

Apoio financeiro CAPES.

Mestrado

ESC

ENFOQUE PSICOEDUCATIVO DE LA DISCIPLINA ESCOLAR: UNA INTERVENCIÓN ORIENTATIVA PARA EL PROFESORADO. *Rosalba Zamudio Villafuerte (Instituto Superior de Ciências de la Educación - México)*

Una organización eficiente de la clase es imprescindible para mantener un ambiente ordenado de aprendizaje (LePage, et al., 2005). Por supuesto, se cuenta con un marco viable para prevenir problemas de comportamiento y conseguir un ambiente de orden en el aula, pero se demanda un profesorado consciente con respecto a las incidencias surgidas en la clase.

La perspectiva psicoeducativa de disciplina, la define como el conjunto de normas, reglas y procedimientos aplicados en el aula, cuya finalidad es conseguir las mejores condiciones para que el proceso enseñanza-aprendizaje llegue a las metas previstas. Comprendida así, de la disciplina derivan las orientaciones puntuales para no rebasar los medios asequibles y salvar problemas. Sin embargo, cuando se refieren las formas a través de las cuales el profesorado manteniéndola al margen de un proceso de planificación la gestiona en clase, las vicisitudes generadas se convierten en caldo de cultivo para hallarse con dificultades.

Algunos hallazgos revelan que las situaciones de indisciplina entre los escolares han existido siempre, pero éstas cobran cada vez más relevancia debido a las dificultades para poder llevar a cabo el proceso de enseñanza-aprendizaje (Veiga y Rodríguez, 2008). Más complicada se torna la situación, cuando se alude a las estrategias utilizadas, mismas que Estrela (2005), califica como intervenciones carentes de una teoría psicopedagógica y sustentadas en la experiencia, por ende, sumamente limitadas.

¿Cuáles son los conocimientos del profesor en temas de disciplina escolar? y ¿Bajo qué percepciones la establece en el aula? versus ¿Cuáles son lo conocimientos que el profesorado debería integrar a sus acciones en el aula, cuando éstas tienen relación con la disciplina escolar? y ¿Qué factores posibilitan superar las creencias para asumir actitudes profesionales en beneficio de la gestión escolar? se constituyeron en preguntas centrales para determinar el impacto que en el profesorado de educación primaria, despliega un programa de formación sobre disciplina escolar, cuyos contenidos la expliquen como instrumento preventivo en el establecimiento de las condiciones óptimas del aula en beneficio de la eficacia del proceso enseñanza-aprendizaje.

En base a un diseño cuasi-experimental intrasujetos, se operó un programa de formación titulado: “El enfoque preventivo de la disciplina escolar, una aplicación psicoeducativa en el aula”. La administración de un cuestionario (pretest-postest) basado en escenarios de clase, elaborado por (Zamudio, 2009) fue sobre una muestra no aleatoria de 51 profesores de educación primaria.

Frente a un concentrado de respuestas esperadas para cada uno de los escenarios, se llevó a cabo un análisis don SPSS, Versión 17 para Windows. Con un valor en la T Student de -3,762 en 50 gl y una significación estadística de,000, un total mucho menor a 0,05, en un escrutinio global de los datos, comprobó las diferencias en los puntajes del prestet y del postest. En efecto, Los profesores manifestaron cambios después del programa, incorporaron recursos para el manejo y control del grupo, cambiando tanto sus conocimientos como sus actitudes.

Disciplina escolar, formación, estrategias

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

FORTALEZAS, DEBILIDADES Y NECESIDADES PERCIBIDAS POR PROFESORES RESPECTO DE SU CAPACIDAD PARA DESARROLLAR HABILIDADES SOCIOEMOCIONALES EN SUS ESTUDIANTES. *Christian Berger (Pontificia Universidad Católica de Chile Neva Milicic,Lidia Alcalay)*

Existe consenso entre investigadores y educadores sobre la importancia del aprendizaje social y emocional para el desarrollo de los niños y jóvenes, y su relación con indicadores académicos y de bienestar durante la adultez. La percepción de un deterioro en la convivencia social, así como indicadores de dificultades sociales y emocionales en niños y jóvenes, ha generado una creciente demanda a la escuela para que ésta aborde temáticas como la convivencia escolar, el bienestar, y el desarrollo de habilidades sociales. El aprendizaje social y emocional es el proceso de adquisición de competencias tales como la habilidad para reconocer y manejar emociones, el cuidado y la preocupación por los otros, tomar decisiones en forma responsable, establecer relaciones positivas y enfrentar situaciones desafiantes de manera efectiva. El aprendizaje socioemocional provee a los establecimientos educacionales con un marco para prevenir problemas y promover el bienestar y el éxito de los estudiantes. Sin embargo, los profesores manifiestan tener una formación profesional insuficiente respecto a sus competencias para promoverlo en sus estudiantes. La investigación desarrollada se planteó por tanto como objetivo inicial "Identificar y describir las fortalezas, debilidades y necesidades percibidas por profesores de 3º, 4º, 5º y 6º año básico, respecto a su capacidad para desarrollar habilidades socioemocionales en sus estudiantes". Para el logro de este objetivo se realizaron cuatro grupos focales, dos con profesores de 3º y 4º año y dos con profesores de 5º y 6º año, de colegios municipales o particulares subvencionados de Santiago, Chile. Las temáticas abordadas fueron las siguientes: 1) ¿Qué factores son importantes para fomentar el desarrollo socioemocional?; 2) ¿Qué factores dificultan el desarrollo socioemocional?; 3) ¿Cuáles son las necesidades de los profesores para poder promover el desarrollo socioemocional al interior de la escuela? La información obtenida fue analizada de acuerdo a los principios de la Grounded Theory. Los principales resultados fueron los siguientes: 1) Factores que favorecen el desarrollo socioemocional en la escuela: Rol que los profesores como modelo y mediador en los niños; desarrollo del concepto de comunidad; que los niños desarrollen y posean expectativas futuras; vínculo positivo profesor-alumno; experiencias exitosas en el ámbito socioemocional al interior de la escuela; existencia de niños solidarios y que expresan afecto hacia sus compañeros; el que se genere una alianza efectiva entre las familia y la escuela. 2) Factores que dificultan el desarrollo emocional: Falta de tiempo de planificación y realización de actividades; Escasez de herramientas prácticas de implementación al interior de la sala de clases, falencias en la formación universitaria de los profesores; dificultades en el desarrollo socio emocional de los niños y sus bajas expectativas de futuro; falta de apoyo parental. 3) Necesidades de los profesores para poder promover el desarrollo socioemocional al interior de la escuela: aspectos programáticos, necesidad de formación docente (inicial y continua) en el área; contar con herramientas, material y actividades para apoyar el desarrollo socioemocional, más tiempo para programar; necesidad de instancias de trabajo colaborativo docente y apoyo de especialistas. Finalmente, se discuten implicancias para la formación docente y estrategias psicoeducativas.

El presente trabajo forma parte de una línea de investigación desarrollada por los autores y que ha sido financiada durante los últimos 6 años por Fondecyt (Fondo

Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico de Chile, proyectos 1070815 y 1100391).

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

RASGOS DE PERSONALIDAD SITUACIONAL Y ACTITUDES Y ESTRATEGIAS COGNITIVAS SOCIALES EN ADOLESCENTES DE COLEGIOS ESTATALES DE LIMA. *Elizabeth Dany Araujo Robles (Universidad Autónoma del Perú)*

Estudio psicométrico que permite contar con un instrumento para evaluar el perfil de las habilidades cognitivas sociales en adolescentes. Asimismo, el estudio permite determinar cómo se asocian estas habilidades con los factores de personalidad. Las habilidades cognitivas sociales son estrategias de pensamiento y de captación y procesamiento de la información que son necesarias para una adecuada interacción social. desde el punto de vista científico, esta investigación contribuye al conocimiento de aquellos rasgos de personalidad que están más asociados con la presencia de tales habilidades. Desde el punto de vista educativo, los resultados son de interés al proporcionar lineamientos para el diseño de programas preventivos para aquellos factores de riesgo social que estén relacionados con las características de personalidad del adolescente y con sus habilidades cognitivas sociales.

actitudes sociales, estrategias cognitivas, personalidad

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

RELACIÓN DEL BIENESTAR AUTOPERCIBIDO CON LA AUTOESTIMA, LA INTELIGENCIA EMOCIONAL, LA PERSONALIDAD Y EL RAZONAMIENTO ABSTRACTO EN UN GRUPO DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS. *Leonor Hernani, Alberto Aquino, Elizabeth Dany Araujo Robles. (Facultad de Psicología y Ciencias Sociales, Universidad Inca Garcilaso de la Vega, Lima, Perú).*

Los objetivos fueron, en primer lugar, examinar la relación entre el bienestar autopercibido y las variables inteligencia emocional, personalidad, razonamiento abstracto y autoestima en un grupo de estudiantes de una universidad particular de Lima metropolitana y en segundo lugar, poner a prueba un modelo de predicción del bienestar autopercibido a partir de estas variables. La muestra de 206 estudiantes de la carrera profesional de psicología del primer a quinto año de estudios en quienes se evidenció que el bienestar autopercibido denota relaciones muy significativas con los tres componentes de la inteligencia emocional: mientras mantiene relaciones positivas con claridad emocional y reparación emocional, guarda una relación negativa con atención emocional Asimismo, mantiene significativas relaciones positivas con cuatro rasgos de personalidad, a saber, extroversión afabilidad, tenacidad y apertura a la experiencia. De igual modo, la relación entre bienestar autopercibido y autoestima es altamente significativa Se encontró, de otro lado, que no existen relaciones significativas entre el bienestar autopercibido y el razonamiento abstracto y el rasgo neuroticismo. Los análisis de regresión lineal múltiple permitieron establecer que las variables de mayor peso en la predicción del bienestar autopercibido son la autoestima, y los tres componentes de la inteligencia emocional autopercibida, a decir, claridad emocional , atención a las emociones y reparación emocional , las cuales en conjunto explican satisfactoriamente el 44.6% de la varianza observada. Resultó llamativo que el poder predictivo del resto de rasgos de personalidad sobre el bienestar autopercibidio fuera menor que el de la autoestima y la inteligencia emocional. Estos resultados muestran que el bienestar percibido parece depender más de la manera en que la persona se valora y de su habilidad para manejar sus emociones, factores potencialmente entrenables, que de los rasgos de personalidad, relativamente más fijos. Por lo tanto, los datos sugieren que el bienestar autopercibido puede fomentarse mediante intervenciones adecuadas, propiciando de esta manera una mejor calidad de vida, considerando que el bienestar percibido es un factor protector en relación con diferentes indicadores de salud física y psicológica.

Bienestar autopercibido, inteligencia, personalidad.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

RELACIÓN ENTRE LAS METAS PERSONALES Y LAS CONDUCTAS ANTISOCIALES EN ESCOLARES DE SECUNDARIA DE LIMA. *Roberto Bueno Cuadra (Universidad Nacional Federico Villarreal, Universidad de San Martín de Porres)*

Este trabajo contribuye a esclarecer la relación entre determinados tipos de metas personales que se plantean los adolescentes, y la presencia de conductas antisociales de agresión, robo, vandalismo y contra normas. El objetivo es indagar acerca de cuáles tipos de metas están mejor asociados con las conductas antisociales en general, o algunas de ellas. Desde el punto de vista científico, los resultados permiten plantear una primera aproximación sobre una nueva categoría de posibles factores de riesgo para las conductas antisociales en los adolescentes, es decir, la ausencia de metas personales, o la presencia de algunas de ellas. En lo social, esta investigación señala la importancia de fomentar el desarrollo de metas personales por parte de los adolescentes como una posible acción preventiva frente a la posible participación en conductas antisociales.

Conducta antisocial, metas, adolescentes.

ESC - Psicología Escolar y de la Educación

A RELAÇÃO ENTRE VALORES E ATITUDES MORAIS NO ESPORTE. *Leticia Coelho de Oliveira*; Marina Pereira Gonçalves; Joíria Cerqueira Macedo Ribeiro*; Alex Ribeiro Silva*; Maria Augusta Costa Gomes* (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Petrolina-PE)*

Na sociedade moderna o esporte possui um papel bastante significativo, uma vez que, em seus campos de atuação, estão presentes característica como força, emoção, sentimentos, esforço e energia, os quais são primordiais para a vida humana em sociedade. Além disso, o esporte não é só um meio para exploração de habilidades físicas e mentais, mas é também um ambiente competitivo e gerido por regras, tornando-se um veículo para influências valorativas entre os humanos. Essas influências valorativas podem ser positivas, como respeito e igualdade, ou negativas, como agressividade e a "trapaça". No geral, as atividades esportivas apresentam um considerável poder mobilizador entre os jovens, por influenciar seus comportamentos. Alguns autores apontam que a identificação dos valores de jovens atletas é de grande importância para entender o processo pelo qual estes tomam decisões em situações esportivas. Ademais, no contexto esportivo, profissionais da área, concordam que o comportamento dos atletas deveria se pautado pelo respeito ao Desportivismo ou Espírito Esportivo (sportspersonship ou fair play), que se refere a um conjunto de "boas práticas" que confeririam um caráter educativo ao treino e à competição. Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo foi identificar se os valores podem predizer atitudes morais em atletas. A amostra foi composta por 200 sujeitos com idades entre 12 e 41 anos (m = 17,34 anos; dp = 4,85), a maioria do sexo feminino (63%). O esporte mais praticado nessa amostra foi o voleibol (42,5%). Os participantes responderam o Questionário de Valores no Esporte – 2 (YSVQ 2), Questionário de Desenvolvimento de Atitudes Morais e Tomada de Decisão em Jovens Atletas (AMDYSQ) e questões sócio demográficas. Os dados foram coletados por pesquisadores previamente treinados em locais de treinos dos atletas. A tabulação e análises dos dados foram realizadas por meio do PASW 18. Os resultados indicaram que, através de correlações r de Pearson, o fator status correlacionou-se positivamente com antidesportivismo ($r = 0,14$; $p < 0,05$), moral correlacionou-se positivamente com vitória justa ($r = 0,20$; $p < 0,01$) e inversamente com trapaça ($r = - 0,30$; $p < 0,01$). Esses resultados indicam que sujeitos que apresentam valores de status, como superar os outros ou ser líder do grupo, podem ter atitudes como, por exemplo, provocar os adversários durante uma competição. Por outro lado, aqueles que pontuam alto em valores morais, representados por justiça e espírito esportivo, podem buscar uma vitória mais justa. Esses resultados evidenciam que as influências valorativas possuem relação com atitudes morais no esporte. Estudos dessa natureza podem ser utilizados para o desenvolvimento de estratégias de intervenção que visem desenvolver valores morais em atletas, buscando minimizar condutas agressivas e ilícitas no contexto esportivo.

Esporte; valores, atitudes morais, espírito esportivo.

Universidade Federal do Vale do São Francisco/Bolsista

ESP

AGRESSIVIDADE EM COMPETIÇÕES E EMPATIA: UM ESTUDO CORRELACIONAL. *Maria Aline Rodrigues de Moura**; Marina Pereira Gonçalves; Edna Natália Batista Gonçalves*; Letícia Coelho de Oliveira* Maria Augusta Costa Gomes* (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Petrolina-PE)*

O esporte está presente no dia-a-dia dos seres humanos e atinge os mais variados níveis sócio-econômicos da população. É por este motivo que pode ser considerado como um dos fenômenos sociais mais importantes do século XX. O esporte envolve diversos fenômenos físicos e psicológicos, como a agressividade e empatia, por exemplo. Algumas pesquisas indicam que os comportamentos agressivos são inerentes aos seres humanos, uma vez que fazem parte de seu funcionamento biológico, inclusive como um instrumento de defesa frente à situações ameaçadoras. Psicólogos do esporte acreditam que existem alguns fatores que estimulam a manifestação de comportamentos agressivos nos atletas, como os espectadores, raciocínio de jogo e nível moral dos competidores. Já a empatia, deve ser analisada a partir de uma concepção psicoevolutiva, uma vez que esse construto depende do desenvolvimento cognitivo e afetivo, primordial para que um indivíduo consiga reconhecer e diferenciar seu self do outro. Portanto, diante do fato de que a agressividade constantemente está presente nas mais variadas modalidades esportivas, a presente pesquisa objetivou verificar a relação entre agressividade e empatia em atletas que participam de competições, além de identificar se esses construtos se diferenciam em função do sexo, idade, tempo de competições e tipo de modalidade esportiva. Para tanto, participaram do estudo 203 atletas, dentre os quais 67 mulheres (33%) e 136 homens (67%), com idades variando entre 14 a 42 anos (m = 19,06 anos; dp = 5,01), residentes nas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Estes praticavam diferentes modalidades esportivas: basquete (25,1%), handebol (22,2%), futebol de campo (17,9%), vôlei (17,7%) e futsal (16,3%). Os participantes responderam o Interpersonal Reactivity Scale (IRI); a Escala de Agressividade em Competições (EAGRESCOMP) e questões sócio-demográficas. Os dados foram coletados nos locais de treino dos atletas. Por meio de uma análise de correlação r de Pearson, os resultados indicaram existir uma correlação significativa e positiva entre as dimensões comportamento agressivo declarado e angústia pessoal. Ademais, a partir de uma análise de variância multivariada (MANOVA), foi possível identificar que os homens se declaram mais agressivos, enquanto as mulheres se avaliam como sendo mais empáticas; em relação à idade, os índices de empatia aumentam enquanto os escores da agressividade decaem com o passar dos anos; o futebol de campo foi a modalidade em que os participantes obtiveram os maiores escores em agressividade, enquanto o vôlei foi o esporte em que os atletas pontuaram mais alto em empatia; finalmente, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos na agressividade e empatia em relação ao tempo de competição. Sugere-se com esses resultados a realização de futuras pesquisas para melhor compreender o papel da agressividade e da empatia no contexto esportivo.

Agressividade, empatia, competições.

ESP

EFEITO DA PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA REGULAR NA SAÚDE GERAL E BEM-ESTAR SUBJETIVO EM ADULTOS E IDOSOS. *Marina Pereira Gonçalves; Tatiany Soares Torres*; Leticia Coelho de Oliveira*; Joíria Cerqueira Macedo Ribeiro*; Flávia Carvalho Ribeiro* (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Petrolina-PE)*

A prática de atividade física regular é vista como uma atividade importante para o processo de envelhecimento saudável, visto que esta pode manter o organismo com bom funcionamento dos aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. Ademais, a literatura indica que ter um estilo de vida ativo pode influenciar no bem-estar subjetivo (BES) e na saúde geral (ansiedade e depressão) das pessoas. A atividade física (AF) é conceituada como qualquer tipo de movimento corporal, que resulte em um gasto energético, entretanto, no presente estudo, serão considerados os tipos de AF (exercícios físicos ou esportes) que têm o objetivo de melhorar e/ou manter a aptidão física. O Bem-estar Subjetivo (BES) busca compreender as avaliações que as pessoas fazem de suas vidas, pensamentos e emoções, apresentando duas dimensões: satisfação com a vida e afetos positivos e negativos, uma cognitiva e outra afetiva, respectivamente. A saúde geral está vinculada a transtornos de humor e pode ser afetada pelo surgimento de fatores estressantes e incapacidades para a realização de atividades, sendo composta por dois fatores: a ansiedade e a depressão. Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo principal comparar os níveis de bem-estar subjetivo e saúde geral de adultos e idosos, praticantes de AF e sedentários. Para tanto, participaram da pesquisa 100 indivíduos, sendo 50 "praticantes de AF" (aqueles que realizavam AF, por no mínimo duas vezes na semana e que haviam iniciado a prática há no mínimo 3 meses), com 31 mulheres e 19 homens e idade média de 59,98 anos (dp =13,38); e 50 "sedentários" (aqueles que não praticavam AF regularmente), com 30 mulheres e 20 homens e idade média de 56,74 anos (dp = 11,68). Os participantes de ambos os grupos responderam a Escala de Afetos Positivos e Negativos e a Escala de Satisfação com a Vida (ambos componentes do BES) e o Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG-12), que avalia ansiedade e depressão, além de questões sócio-demográficas. Os dados foram coletados na cidade de Petrolina – PE, em parques, instituições esportivas e associações de moradores. Por meio de uma ANOVA, os resultados indicaram que os "praticantes de AF" apresentaram maiores índices de satisfação com a vida do que os "sedentários", sendo esta diferença estatisticamente significativa [F(1,96) = 20,447; p = 0,001], ocorrendo o mesmo em relação aos aspectos positivos onde os "praticantes de AF" pontuaram mais alto do que os "sedentários" sendo este resultado também significativo [F (1,96) = 6,538; p = 0,012], o que corrobora dados da literatura, indicando que pessoas que praticam atividade física parecem ter maior bem-estar subjetivo (felicidade). Quanto aos afetos negativos, como era de se esperar, os "sedentários" obtiveram maior pontuação do que os "praticantes de AF" com resultados estatisticamente significativos [F (1,96) = 5,514; p = 0,021]. Em relação à saúde geral, apesar da literatura indicar baixas pontuações nesse construto entre pessoas fisicamente ativas, na presente pesquisa não foi encontrada diferença significativa, o que demanda a realização de novos estudos nesta área.

Atividade física, bem-estar subjetivo, ansiedade, depressão.

ESP

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM UMA EQUIPE PARADESPORTIVA DE HALTEROFILISMO. *Amanda Pereira Santiago*, Ana Cristina Jesus de Oliveira*, Francisco Benedito Alves Neto*, Lindiana Slavador* (Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG)*

A Psicologia do Esporte se constitui como identificação e compreensão de técnicas e teorias psicológicas que possam ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta. Ela analisa as bases e efeitos psíquicos das ações esportivas, considerando a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção. Ela desenvolveu-se no Brasil no final da década de 70 e estudos apontam que houve um crescimento desta área, porém há uma necessidade de investimentos em formação, pesquisa e extensão junto aos profissionais e as instituições de ensino superior. Neste sentido, criou-se um projeto a fim de auxiliar o desenvolvimento de habilidades intra e interpessoais e ampliação do rendimento esportivo de paratletas do Centro Desportivo para Deficientes de Uberlândia – CDDU, que é uma associação que foi criada para direcionar, coordenar e proporcionar ao deficiente físico a oportunidade de ser um paradesportista. As intervenções foram realizadas na Arena do Sabiazinho que é um ginásio de multiuso que contribui para o desenvolvimento do esporte olímpico e paraolímpico em Uberlândia e região. Participou quatorze sujeitos, sendo nove do sexo masculino e cinco feminino. As idades variaram entre quatorze e quarenta e quatro anos. Foram realizados onze encontros, sendo estes divididos em 3 etapas - avaliação, intervenção e devolutiva. Os fatores trabalhados foram autoestima, autoconfiança, ansiedade, atenção e coesão grupal. Na primeira etapa, aplicou-se instrumentos psicológicos adaptados pelos pesquisadores e outros validados pelo CFP. Na segunda etapa de intervenção, utilizou-se técnicas como visualização in vivo, relaxamento progressivo dentre outras que otimizem os fatores que influenciam no trabalho em equipe e no rendimento competitivo. Na terceira etapa, realizou-se a devolutiva com o técnico e os paratletas. Considerando os membros do grupo e as respostas dos instrumentos Inventário de Ansiedade, Inventário de Autoconfiança, Questionário de Ambiente de Grupo e Teste de Atenção Concentrada, identificou-se que os resultados do inventário de ansiedade do grupo não apontam níveis significativos que possam influenciar na prática do desporto, o inventário de autoconfiança revela que de forma geral os paratletas apresentam índices significativos de autoconfiança frente a situações desportivas, o questionário de ambiente de grupo identificou que os resultados em conjunto indicam coesão no grupo no que tange ao relacionamento interdisciplinar dos paratletas membros da equipe, contudo ressalta-se que aspectos sociais da equipe, extra-treinos e extra-competições, apresentam-se insatisfatórios e o teste de atenção concentrada aponta que a maior parte da equipe encontra-se na classificação médio-inferior. Através das intervenções efetuadas na equipe paradesportiva de halterofilismo foi observada uma melhora no rendimento e na qualidade técnica na prática do exercício de halterofilismo, assim como, possibilitou a equipe refletir sobre as relações interpessoais, otimizando a cooperação e a evolução para uma melhora no rendimento pré, durante e pós competição.

Psicologia do Esporte, Halterofilismo, Paradesporto.

ESP

FACTORES QUE AFECTAN LA MOTIVACION DE LOS ATLETAS DE LA SELECCIÓN FÚTBOL SALA DEL INSTITUTO PEDAGÓGICO SISO MARTINEZ DE LA URBINA, EN LAS DISTINTAS FASES DE LA TEMPORADA 2011 - 2012. *Edgar Ramon Charris (Unefa)*

La investigación parte de detectar los factores que inciden en deficiencias observadas tal como la pobre asistencia a los entrenamientos, la desmotivación a la practica del mismo, razón por la cual se necesita el apoyo a los atletas y a los entrenadores de Instituto Pedagógico Siso Martínez , ubicado en la Urbina, estado Miranda. El trabajo analizar cuales son los diferentes factores que influyen en la desmotivación en algunos atletas de la selección de Fútbol Sala, en la ejecución de las distintas fases de la temporada 2011 – 2012, al contribuir de esta forma a la preparación integral del deportista. Se utilizaron métodos teóricos como el análisis síntesis e inducción deducción, al revisar literaturas especializadas de Psicología del Deporte (2008) y Psicología del Deporte, Conceptos y Aplicaciones (2007). La metodología empleada en el estudio se ubica en lo que se denomina tipo de investigación de campo interpretativo. Con un diseño emergente flexible. La unidad de estudios está constituida por 15 atletas de la selección de Fútbol sala, de la temporada 2011 – 2012 de los cuales se escogieron 8 atletas como informantes claves. La técnica de recolección de datos se basó en la aplicación de una entrevista en profundidad y el análisis de la información, se realizó a través de una categorización según Martínez (1998).

ESP - Psicología del Deporte

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL DO ADOLESCENTE. *Aline Freitas Ribeiro, Maria Luisa Casillo Jardim-Maran (Centro Universitário de Franca)*

A escolha profissional, geralmente, é feita na adolescência, momento em que o jovem passa por várias mudanças físicas e psicossociais e ainda se vê com o desafio de escolher seu futuro, algo que gera medo e ansiedade. Sabe-se que a escolha profissional é influenciada por vários fatores, entre eles, a família, os amigos, o status e a remuneração. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender de que maneira o grupo familiar poderia influenciar a escolha profissional de oito jovens do segundo ano do ensino médio de uma escola particular de Franca (SP). Para tanto, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas, ao início e ao final de um processo de orientação profissional, que incluíam perguntas relacionadas ao apoio e influência familiar na escolha profissional. Também foram confrontadas as escolhas dos adolescentes com o exercício profissional de seus familiares, buscando observar semelhanças e diferenças. Os dados coletados foram submetidos à aná¬lise de conteúdo (Bardin, 1977; Minayo, 2008) e verificou-se que entre os oito adolescentes participantes da pesquisa, apenas um declara que os pais influencia sua escolha. Este, no entanto, acredita que a influência familiar seria o mesmo que imposição dos pais quanto à escolha de uma profissão, ideia também observada entre os adolescentes que verbalizaram não serem influenciados por seus pais na escolha profissional. Interessante observar, porém, que estes mesmos adolescentes mencionam que seus pais dão opiniões, mas os deixam livres para escolher. Dessa forma, entendem que estes não interferem em seus processos de escolha porque não impõem alguma profissão, de maneira que não conseguem perceber a influência dos pais mesmo que através de sugestões e opiniões. Através do referente estudo percebeu-se também que a escolha inicial dos adolescentes mudou ao final do processo de orientação profissional, favorecendo a conclusão de que a orientação profissional tem real importância no auxílio aos jovens que pretendem alcançar uma decisão consciente e madura.

Palavras-chaves: Adolescência, escolha profissional, influência familiar

Centro Universitário de Franca Uni-FACEF

FAMI

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E OS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO NA INFÂNCIA. *Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira (UFCSPA), Adriana Wagner (UFRGS)*

O presente estudo buscou compreender como a família e a escola partilham a socialização de crianças em idade escolar com problemas de comportamento, investigando explicações que sustentem o uso das práticas educativas pela escola e pela família como indicadores de continuidades e descontinuidades nesta relação. O estudo seguiu o delineamento de estudos de caso (Yin, 2005). Analisaram-se quatro casos, entrevistando pais e professores das crianças de três escolas particulares de Porto Alegre. Para a coleta de dados utilizou-se dois instrumentos: uma entrevista dirigida para levantamento das práticas educativas utilizadas pela família e pela escola, e uma entrevista semi-dirigida para exploração das explicações que justificam o uso de tais práticas e as formas de interação família-escola. A análise dos dados do primeiro instrumento foi feita com base em classificação de estudos anteriores sobre as práticas educativas; e a análise dos dados do segundo instrumento seguiu a análise de conteúdos proposta por Bardin. A partir da análise das entrevistas construiu-se mapas explanatórios que evidenciaram ambivalência quanto ao problema de comportamento da criança, delimitação rígida de fronteiras entre a família e a escola, descontinuidade e desconhecimento a respeito das práticas educativas parentais e escolares, dificuldades na comunicação entre os sistemas, importância do auxílio da equipe escolar e idéias ligadas à submissão da família ao saber e orientações da escola como importantes elementos desta relação. A discussão dos dados destaca a falta de modelos integrativos família-escola e a necessidade de maior conhecimento e flexibilidade de fronteiras entre os sistemas.

Relação família-escola; problemas de comportamento; infância

FAMI

ATENÇÃO À SITUAÇÔES DE PERDAS E LUTO: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BRASILEIRAS. *Ivânia Jann Luna**, Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

Realizou-se o levantamento do estado da arte das pesquisas sobre as perdas e lutos no contexto do ciclo vital, no Brasil, nos últimos seis anos (2005-2010), para verificar como tem sido discutida a atenção e o apoio ao enlutado durante o ciclo vital. A seleção dos trabalhos ocorreu por meio de uma consulta às diversas bases de dados, considerando as seguintes palavras-chave: luto, perda e suporte social. Foram selecionados 43 trabalhos de pesquisa, e a partir dele realizou-se a análise de conteúdo temático-categorial (Bardin, 1997), identificando-se duas categorias e oito subcategorias, como: "perdas no ciclo vital" (perda de membros familiares, perda de pacientes, perda de amigos, perdas simbólicas) e a "atenção à pessoa enlutada" (escassez do suporte social; contextos intervenção no luto e instrumentos de intervenção no luto). Discutiu-se a escassez do suporte social no que se refere ao papel da família, do profissional de saúde e demais participantes da rede social mais ampla, como amigos, colegas de trabalho ou a igreja, diante de perdas de membros familiares em situações não reconhecidas, ambíguas, repentinas e traumáticas. Notou-se, ainda, poucas pesquisas sobre intervenção e instrumentos por meio do qual se possa realizar algum tipo de trabalho educativo, clínico ou comunitário com esta população.

Luto; suporte social; perdas;morte

FAMI

DE "HOMENS E MULHERES" À "MENINOS E MENINAS": ATITUDES DOS FAMILIARES FRENTE AOS RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS DA PESSOA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. *Wallisten Passos Garcia (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR)*

Os pais revelam muita angústia e ansiedade diante das diversas necessidades e dos desafios de cuidar de um filho com deficiência. O choque da descoberta, a ambivalência de sentimentos a serem elaborados, às inúmeras transformações pelas quais a família passa em cada fase do desenvolvimento destas pessoas, os preconceitos a serem enfrentados e superados, os limites a serem transpostos, até chegar à aceitação desse filho, são fatos que demonstram que caminhar ao lado de um filho com deficiência é um processo de frequentes percalços. Em outro sentido, as atitudes dos familiares, seja por meio da superproteção ou do abandono, entre outras posturas, trazem implicações importantes para o desenvolvimento psicológico e social da pessoa com deficiência. No campo da deficiência intelectual, destacam-se os aspectos relacionados à sexualidade destas pessoas e a relação com seus familiares. O objetivo deste trabalho é compreender por meio do relato das pessoas com deficiência intelectual quais as atitudes dos pais frente aos seus relacionamentos afetivo-sexuais. Foram realizadas entrevistas com sete pessoas adultas com deficiência intelectual de uma escola especial da cidade de Curitiba, Paraná. A compreensão das entrevistas deu-se por meio do método fenomenológico. Como resultado, foi possível perceber que os familiares das pessoas com deficiência intelectual desacreditam na possibilidade de seus filhos virem a se relacionar amorosamente, pois não os vêem como capazes de se posicionar como homens e mulheres diante da sociedade de modo responsável. A imagem que esses pais têm dos filhos é o de "eternas crianças". Por serem "meninos e meninas" e não saberem cuidar de si, esses pais revelam receios de que seus filhos ao se relacionarem afetivamente sejam abusados sexualmente ou ocorra uma gravidez não esperada. Diante disso, evitam falar com seus filhos sobre sexualidade, pois acreditam que assim eles não despertarão para esses aspectos, ou então, tratam os interesses sexuais dessas pessoas como algo "ingênuo" e que "não precisa ser levado a sério". Em consequência desta atitude dos familiares, os participantes mostram-se dependentes emocionalmente e revelam sentirem-se incapazes de gerenciarem suas próprias vidas, cabendo à família essa função o que para os participantes é compreendido como um cuidado e proteção necessários. Com base nesses resultados, revela-se fundamental os pais trabalharem no sentido de promover a independência de seus filhos com deficiência intelectual, principalmente no campo da sexualidade, permitindo que tenham novas experiências e relações afetivas significativas e assim possam desenvolver com mais segurança sua identidade adulta. Nesse sentido, o apoio da equipe educativa, médica e terapêutica, deve se estender para além da própria pessoa com deficiência intelectual, alcançando também seus familiares, tanto na importância da escuta das dificuldades e angústia desses familiares, quanto no incremento de informações que os auxiliem na educação e facilitem a relação desses familiares com seus filhos com deficiência intelectual.

Deficiência intelectual, Sexualidade, Família

FAMI

NOS BASTIDORES DA FÉ: COMPREENDENDO A MANIFESTAÇÃO DA RELIGIÃO NO CASAMENTO EVANGÉLICO. *Cíntia Gemmo Vilani, Rosane Mantilla de Souza (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*

A proposta desta pesquisa realizada como Dissertação de Mestrado no Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP foi de compreender a manifestação da religião em casamentos evangélicos, investigando a interface das crenças religiosas e os elementos de satisfação e conflitos conjugais, de modo a obter material para orientação e desenvolvimento de programas de qualidade de vida conjugal. A escolha desta temática deveu-se ao fato que pesquisadores brasileiros e estrangeiros tem apontado sobre a interface da religião nos casamentos, identificando que a filiação religiosa pode ser um fator importante para a regulação da satisfação conjugal. Trabalhou-se com questionários utilizados para obter informações sobre os participantes, tais como, dados demográficos (idade, sexo, vida financeira dentre outros), comportamentos passados e previsão de comportamentos futuros, de acordo com as crenças pessoais de cada participante juntamente com a Escala de Ajustamento Conjugal de Spanier (DSS – Dyadic Satisfation Scale, 1976). A amostra foi constituída por 35 participantes, 16 homens e 19 mulheres, com idade média de 36,80 anos e desvio médio de 10,253, seguidores da corrente neopentecostal (9), tradicional (10) e pentecostal (16). A análise da satisfação conjugal foi realizada considerando a amostra total, as diferenças em relação de gênero e posicionamento religioso, tendo-se obtido que as relações de gênero atuam como variável diferencial da conjugalidade. Ao contrário de pesquisas internacionais e nacionais, nesta pesquisa identificou-se um número maior de mulheres satisfeitas com a conjugalidade do que homens satisfeitos. A influência da religião ficou evidente nos modelos paternos de identificação, na formação de valores morais e no papel de rede de apoio independente de gênero, sendo que em relação ao enfrentamento os homens utilizam mais recursos religiosos. Os dados obtidos sobre os tipos de conflitos são similares àqueles observados em literatura independente da variável religiosa dos cônjuges. Pode-se concluir que os preceitos religiosos ensinados na infância e adolescência parecerem ser norteadores dos padrões morais e éticos. A filiação religiosa e não propriamente a orientação religiosa, mostra-se um elemento importante na dinâmica conjugal, visto que a influência dos preceitos bíblicos é marcante na visão de mundo e na formação da personalidade, com particularidades em relação ao gênero e na relação afetiva, amorosa e social.

FAMI

O LUTO PELA PERDA DE UM FILHO NA PERSPECTIVA PATERNA. *Ivânia Jann Luna** (Departamento de pós-graduação de Psicologia, Laboratório de Saúde, família e comunidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC), Jamila Elias Custódio (Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí)*

Esse trabalho teve como objetivo compreender como o homem enfrenta psicologicamente a experiência da perda de um filho e quais são os aspectos psicológicos da vivência de luto. Pretende também elucidar temas importantes ligados a essa problemática, tais como a experiência da paternidade, diferenças de gênero a respeito da perda de um filho, o significado da perda e do luto, bem como tentar discutir o modelo de enlutamento materno, calcado na expressão social da dor da perda. Portanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, cuja população alvo foram 04 homens, com idades entre 37 e 65 anos, que perderam filhos adultos jovens em circunstâncias repentinas. A escolha dos sujeitos foi intencional e ocorreu a partir da indicação de pessoas próximas a pesquisadora. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semi-estruturada, composta de um roteiro básico de 08 temáticas principais em que se desdobraram em diversas questões auxiliares, e o procedimento de análise dos dados foi realizado através da análise de conteúdo. Foram construídas sete categorias analíticas para que as respostas obtidas nas entrevistas fossem analisadas e discutidas. Os resultados indicam que foi bastante relevante perceber o quanto cada pai se envolveu ao contar detalhes referentes à história da perda do filho e dentre as categorias os relatos que ficaram mais evidentes foram aqueles que manifestaram mudanças em relação à paternidade, demonstrando uma modificação em comparação com a referência de pai que os sujeitos entrevistados tinham. A vivência do luto foi relacionada à raiva, culpa, responsabilização, anseio e entorpecimento. Sendo que o comportamento dos pais foi de introspecção, isolamento, religiosidade, uso de cigarro e visitas ao cemitério. Foi discutida a diferenciação da expressão do pesar entre homens e mulheres, segundo uma perspectiva de gênero. O trabalho foi concluído destacando que os respectivos pais apresentaram as reações de luto normais, assim como também manifestaram e vivenciaram seu pesar e sua dor.

Perda de filho, luto paterno; gênero.

FAMI

OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃES-FILHOS COM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA CONJUGAL. *Sabrina Mazo D Affonseca***; Gabriela de Guzzi Bagnato*; Tatiane Alves Correa*, Viviane Dutra Gama**, Francine Fernandes**, Mayra Ap. De Oliveira Souza**, Maria Eduarda Sampaio Ferraz Ribeiro**, Bianca Andrade de Souza**, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams**** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP).*

A violência contra a mulher é um problema grave e altamente prevalente que traz seqüelas para o bem-estar físico, social e emocional das vítimas. O problema se agrava mais quando essa mulher é mãe, visto que a situação vivenciada por essa mulher vitima de violência pode levar a prejuízos na interação dessas com seus filhos, afetando, também, o desenvolvimento dos mesmos. Pesquisas da área demonstram que, em geral, as habilidades maternas dessas mulheres estão prejudicadas, mas não há consenso na literatura. Cabe destacar que todos os dados obtidos até o momento consistem em dados coletados com as mães a partir de auto-relato das mães, de tal maneira que ao se realizar um estudo observacional que vise verificar esse fator, esse se caracterizaria como um estudo pioneiro na área e contribuiria para o avanço cientifico da mesma. O presente trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado da primeira autora e objetivou avaliar a interação entre mães vítimas de violência física conjugal e seus filhos. Participaram do estudo 15 mulheres, com histórico de violência física por parte do parceiro com base nos resultados da a Escala de Táticas de Conflitos (CTS-2) resumida e adaptada pelo IBGE. Todas tinham, pelo menos, um filho de 2 a 12 anos de idade. A maior parte das mães tinham ensino médio completo (46,7%), 40% tinham ensino fundamental incompleto e 13,3% ensino fundamental completo. A maioria das mães (80%) tinham uma renda mensal de 0 a 3 salários mínimos. As mães que participaram da pesquisa tinham sido abrigadas (n=3), estavam sendo acompanhadas pelo CREAS (n=4) ou seus filhos estavam sendo acompanhados pelo Conselho Tutelar (n=5) de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo. Uma mãe foi encaminhada por um projeto assistencial à crianças e duas foram encaminhadas a partir de indicação de outras participantes da pesquisas. Todas as mães assinaram os termos de compromisso participaram de uma entrevista para coletar dados de identificação, renda socioeconômica, escolaridade, características da violência sofrida (frequencia, intensidade e severidade) e problemas apresentados com a educação dos filhos. A observação da interação mãe-criança foi realizada no Centro de Atividade Diária (CAD) da USE/UFSCar. As observações foram filmadas e posteriormente decodificadas por uma equipe de estudantes de Psicologia devidamente treinados, utilizando-se um Protocolo de Observação. As sessões de observação duravam cerca de 60 minutos, assim distribuídos: 1) Observação da interação mãe-criança em uma situação livre; 2) Observação da interação mãe-criança em uma situação de atividade conjunta; 3) Observação da interação mãe-criança em atividade paralela; 4) Observação da interação mãe-criança em situação de tarefa da mãe e 5) A mãe chama a criança para tomar um lanche junto com ela. Para analisar a interação entre as mães e seus filhos foram considerados os comportamentos das mães em relação aos filhos e de um dos filhos (selecionado pela mãe antes da sessão de observação) com sua mãe. Em relação ao comportamento da mãe foram analisados, atenção social, interação verbal e contato físico, todos eram analisados como sendo positivos ou negativos, e não interação. Os comportamentos das crianças analisados foram caractegorizados como positivos (verbalização adequada e atividade engajada), negativos (não obedecer, responder, demanda aversiva e contato físico negativo) e não interação. Os dados obtidos demonstraram que as mães, em geral, interagiam bastante com seus filhos (não

interação - M=69), sendo que as mesmas apresentavam mais comportamentos positvos (M=121,3, dp=90,5) do que negativos (M=16,7; dp=12,9) com seus filhos. O mesmo padrão de interação foi observado em relação aos filhos dessas mães, ou seja, eles, em média, tenderam a se relacionar com suas mães e apresentar mais comportamentos positvos (M=175, dp=87,7) do que negativos (M=5; dp=5,2). Cabe destacar que dentre os comportamentos positivos maternos, o mais frequente foi atenção social (f=217), seguido de interação verbal (f=110) e contato físico (f=37). Já os comportamentos das crianças mais frequentes encontra-se atividade engajada (f=237) seguido de verbalização adequada (f=113). Tais dados demonstram que ao reforçar os comportamentos adequados da criança (alta frequencia de atenção social positiva e atividade engajada), as mesmas se engajam com uma frequencia menor em comportamentos inadequados o que favorece as interações e verbalizações positivas entre a díade. Ou seja, aparentemente a vitimização da mulher e a exposição da criança à violência conjugal não interfere negativamente no relacionamento da mãe com seus filhos, contudo, seria necessário comparar o desempenho dessas mães com mães sem histórico de violência física conjugal. Vale destacar que o ambiente do laboratório era isento da presença de alguns estressores do ambiente natural dessas famílias, como, por exemplo, a presença do agressor ou o engajamento das mães nas atividades domésticas, podem ter favorecido a alta frequencia de comportamentos positivos da díade. Estudos futuros com uma amostra maior de mulheres e em ambiente natural são sugeridos.

Violência física conjugal;mães-filhos; observação

CAPES/CNPq

FAMI

PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS DE ADOTANTES DA COMARCA DE GUARAMIRIM (SC) SOBRE O PROCESSO DE ADOÇÃO. *Solange Georg*, Sarajane Lais Ludero*, Virginia Azevedo Reis Sachetti (Curso de Psicologia, Faculdade Metropolitana de Guaramirim – Guaramirim SC).*

O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que a adoção é medida excepcional, irrevogável e atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres. Tratou-se de um estudo de corte transversal com o objetivo de identificar percepções e sentimentos de casais em fila de espera sobre o processo de adoção. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada, elaborada em quatro tópicos: (1) apresentação pessoal, estabelecimento do rapport e obtenção do consentimento, (2) caracterização dos participantes, (3) processo de adoção e (4) necessidade de acompanhamento psicológico e encerramento da entrevista. Participaram do estudo 10 casais com as seguintes características: homens com média de idade de 38,2 34 anos (DP=4,24) e mulheres, de 36,7 anos (DP= 6); com Ensino Médio completo; há até 3 anos na fila de espera; com causa médica para infertilidade e que desejavam adotar uma criança de até 4 anos. Os dados foram analisados agrupando as respostas por semelhança em categorias elaboradas a partir do roteiro de entrevista e foi realizada análise de freqüência sobre o número de respostas. Foram codificadas 67 respostas indicadoras de percepções e sentimentos que foram divididas nas categorias: motivação (N=20), expectativas (N=15) e medos (N=32). Os resultados apontaram a infertilidade como o maior fator de motivação para querer adotar uma criança (n=7), seguida por tratamento para infertilidade caro/mal sucedido (n=6). As respostas indicaram expectativa de que o processo seja breve e justo (n=6 e n=5, respectivamente), o que produziu sentimentos associados como o medo de que demore muito para a chegada do filho (n=10) e de que algo dê errado (n=4). Quanto ao conhecimento específico sobre o processo legal de adoção, 3 casais afirmaram que conhecem bem e 7 informaram que desconhecem ou conhecem um pouco e quanto à legalidade do processo de adoção, 7 casais desconfiam da integridade. No que se refere à exposição dos casais em diversas situações, 9 relataram que há preconceito ou discriminação de terceiros sobre casais adotantes e 7 descreveram que as pessoas diferenciam filhos adotivos dos filhos biológicos, valorizando claramente a importância dos laços sanguíneos. A maioria dos casais (n=9) acha importante que o fórum ofereça acompanhamento psicológico durante o processo de adoção e atribui ao psicólogo duas funções básicas: de mediador entre o casal e o fórum (n=5) e de oferecer ajuda para lidar com o novo filho, diminuindo a possibilidade de devolução da criança (n=4). Foi possível ainda perceber que os adotantes vivenciam diferentes fases, marcadas por características específicas, no processo de espera pela criança e demonstram associar a condição de preparo ou não para receber a criança com os recursos materiais que possuem. Conclui-se que os adotantes passam por dificuldades durante a espera pelo filho e não têm suporte emocional adequado para adotar uma criança. A incorporação de um serviço psicológico ao procedimento judiciário funcionará como fator de proteção, diminuindo o sofrimento e ampliando as estratégias de enfrentamento dos adotantes, refletindo de forma positiva no processo.

Adoção; família; atendimento psicológico.

FAMI

PERFIL DE MÃES QUE PARTICIPARAM DO CURSO PREPARATÓRIO PARA ADOÇÃO EM UBERABA (MG). *Martha Franco Diniz Hueb, Laís Cristina de Souza*, Pâmela Suelen Galego*, Ana Flavia Campeiz*, Laís Lídia Morais Dornelas* (Departamento de Psicologia Clinica e Sociedade da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG).*

Aprovada em 03 de agosto de 2009, a lei n.º 12.010, denominada "Nova Lei de Adoção", promoveu alterações na legislação brasileira, especificamente no Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA e no Código Civil, no que se refere à adoção. Entre tais mudanças está a obrigatoriedade das pessoas interessadas em adotar serem previamente preparadas para a adoção. Na cidade de Uberaba o Curso Preparatório, se dá em duas turmas simultâneas, conduzido por psicólogos e assistentes sociais professores da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e Universidade de Uberaba, em oito encontros quinzenais com duração de duas horas cada. Dos encontros participam também dois estagiários, sendo um de Psicologia e outro do Serviço Social. A preparação se dá no formato de oficinas que tratam de assuntos pertinentes ao tema adoção, são elas: amor enquanto construção, motivações para a adoção, filhos idealizados x filhos reais, história da criança, convivência entre pais e filhos na adoção e aspectos jurídicos da adoção. A presente pesquisa objetivou traçar um perfil das mães que participaram de seis diferentes turmas do Curso Preparatório para adoção, entre agosto de 2010 e dezembro de 2011. O estudo está em andamento, e até o momento foram entrevistadas 29 mulheres em um total de 49 participantes. Utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, gravada e em seguida transcrita na íntegra. Verificou-se que a idade média das mães é de 44,6 anos, sendo 86,2% delas casadas; 6,9% solteiras e 6,9% divorciadas; com uma renda familiar média de seis salários mínimos; 34,5% possuem filhos biológicos (com idade média de 26 anos); estando cadastradas no Programa para Adoção numa média de 4,2 anos e 55% já se encontram com as crianças em guarda provisória, com idade média de cinco anos. Dentre os motivos que as levaram a adotar foram evidenciados com maior frequência: infertilidade da mãe seguida da infertilidade do companheiro, dificuldade de engravidar e opção por filhos adotivos. Das 20 mulheres não entrevistadas: nove não foram encontradas; quatro não aceitaram participar e sete concordaram, contudo ainda não foram realizadas as entrevistas. De acordo com os dados parciais levantados, pode se observar o desejo de adotar em mulheres com idade avançada, dentre as quais um número significativo possui filhos biológicos já adultos. O estudo ainda não foi concluído, mas levanta-se a hipótese de que tais mulheres buscam a maternidade adotiva pela síndrome do ninho vazio e/ou pela entrada na menopausa. Ressalta-se que a maioria delas apresentaram estabilidade financeira, e matrimonial e 65,5% não possuem filhos biológicos. Porém ficou evidente que a adoção ainda tem se dado por pessoas com renda familiar média baixa. Se a presente pesquisa indicou renda média de seis salários esta não foi significativa, pois foi acrescida devido à renda de 18 salários de seis participantes, enquanto que a maior frequência se deu em torno de três a quatro salários mínimos. Ainda é necessário estimular a adoção através de diferentes canais afim de que a classe socioeconômica mais abastada possa também se sensibilizar pela filiação adotiva, e fornecer uma família a criança que dela necessita.

Adoção, Mães, Curso Preparatório.

FAMI

PREPARAÇÃO À ADOÇÃO: EXIGÊNCIA OU NECESSIDADE? *Renan de Almeida Sargiani** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP), Elisa Teixeira Bernardes** (Programa de Diagnóstico e Intervenção Precoce – ProDIP, Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – São Paulo/SP)*

A preparação psicológica de candidatos à adoção é um requisito obrigatório para a conclusão do processo de adoção que consta no artigo 197-C da lei nº 12.010/2009, conhecida como a nova lei de adoção. Observa-se, ainda que de forma empírica, que muitas pessoas acreditam que esse requisito se trata apenas de mais uma exigência que objetiva complicar ainda mas o processo de adoção que já é longo e demorado. No entanto, muitos especialistas discutem que essa exigência se faz necessária, pois a participação nesses espaços de discussão e suporte psicológico pode contribuir para que a opção pela adoção seja mais consciente e responsável como consta na proposta da referida lei. Além disso, muitas dúvidas e angustias poderiam ser minimizadas durante esse acompanhamento. Neste sentido, o processo de adoção, comumente experienciado com expectativas, angústias e inseguranças, poderia ser vivenciado de forma menos dolorosa a partir de um suporte e apoio profissional. Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi discutir o papel da preparação e acompanhamento psicológicos na perspectiva de pessoas que optaram pela adoção, buscando compreender como elas se referem a essa exigência legal. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 5 casais que adotaram antes da lei nº 12.010/2009, portanto, sem terem passado pelo requisito de preparação psicológica e 5 casais que adotaram após a promulgação da lei e participaram de um grupo de preparo à adoção. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e os dados foram analisados e categorizados. Observou-se que, de modo geral, os pais ressaltaram a importância da participação em grupos ou atendimento psicológico individual que possibilitasse a discussão das angústias, medos, esperanças e dúvidas que tinham com relação à adoção. Os pais que participaram do grupo de preparo psicológico destacaram a importância do apoio e do convívio com outros pais, pois assim o processo de adoção se torna um ato menos solitário, favorecendo uma decisão mais consciente e com apoio social. Os pais que não participaram de grupos disseram que muitas vezes se sentiam despreparados e que sentiam a falta e a necessidade desse tipo de serviço. Concluiu-se que o processo de adoção provoca uma série de incertezas e angústias para os pretendentes à adoção e o tempo de espera para que este processo seja concluído gera muito sofrimento e pode ser menos doloroso com as discussões e convívio em grupos de preparação psicológica. Evidenciou-se também que os participantes enfatizam a importância de acompanhamento após a adoção, devido à necessidade de esclarecer dúvidas e elaborar aspectos emocionais particulares a este tipo de filiação.

Adoção; Preparação psicológica; Psicologia da Família.

FAMI

RELAÇÕES ENTRE DEPRESSÃO E DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DE MÃES COM HISTÓRICO DE AGRESSÃO FÍSICA AOS FILHOS. *Luciana Barbalho Pontes**, Chayene Hackbarth**, Paolla Magioni Santini**, Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos-SP.*

O presente estudo tem como objetivos descrever alguns dados de caracterização de mães que agridem seus filhos fisicamente, relacionar tais dados com indicadores de depressão e compará-los com aqueles encontrados na literatura. As mães respondentes foram selecionadas a partir de três diferentes órgãos municipais, integrados na rede de proteção da criança e adolescente, sendo indicadas pelos profissionais em função de tal histórico. Após o consentimento de participação na pesquisa, 26 mães responderam a uma Entrevista Inicial, na qual foram coletados dados sócio demográficos; de saúde e autopercepção da mãe; aspectos de interação com os filhos e de histórico familiar da mãe; e planos futuros. Além disso, as mães responderam ao Inventário de Depressão de Beck (Beck Depression Inventory – BDI), amplamente utilizado em pesquisas e intervenções clínicas para mensurar níveis de depressão. A respeito dos dados da Entrevista Inicial, observou-se que a maioria das mães apresentava baixa renda; baixa escolaridade; estava em união consensual, porém apresentava conflitos constantes com o parceiro; possuía três filhos, em média; apresentava problemas de saúde, tais como dores de cabeça, nas costas, no estômago ou dificuldades para dormir; metade tem histórico de violência pelo parceiro e a maioria de violência física na infância. Nas descrições sobre autopercepção, a maioria das mães citou mais frequentemente defeitos em comparação às qualidades. Sobre o relacionamento com os filhos, a maioria das mães relatou sentir remorso, tristeza, ou pena após as agressões físicas. Os planos futuros incluíam terminar os estudos, conseguir um emprego mais rentável, e que os filhos fossem bem sucedidos. Os escores do BDI variaram entre zero (não deprimido) e 41 (depressão grave), com Média = 16,4 (depressão leve) e Desvio Padrão = 11,4. Com base nos dados apresentados, observou-se que as mães estão inseridas em um contexto no qual são encontrados fatores de risco para depressão (baixa renda, baixa escolaridade, conflitos conjugais, problemas de saúde) e tais fatores, associados ao histórico de violência na infância, podem influenciar na maneira pela qual educam os filhos, sendo a punição corporal a forma de disciplina inadequada utilizada com mais frequência. Outros indicadores de depressão são a autopercepção negativa e o estado emocional abalado após agredir os filhos. A média dos escores de depressão ter como resultado "leve" e apresentar alta variação indicam que algumas mães possuem estratégias positivas para lidar com as adversidades. Tal conduta positiva também pode ser observada nas respostas referentes às expectativas das mães em relação ao futuro, as quais visam melhores condições pessoais e para os filhos. Portanto, apesar dos fatores de risco favorecedores para o desenvolvimento de depressão, as mães participantes podem ter desenvolvido repertório positivo de enfrentamento, indicando possível resiliência. Tais dados poderão ser investigados em estudos posteriores.

Mães que agridem os filhos, maus-tratos, depressão em mães.

FAPESP e CNPq.

FAMI

EFECTOS DE UN PROGRAMA DE INTERVENCIÓN SOBRE LAS ACTITUDES HACIA LA RELACIONES MADRE-NIÑO, EN MADRES ADOLESCENTES DEL DISTRITO DE ATE-VITARTE. *Judith María Luisa Bedoya Suárez (CEDESI)*

En la presente investigación se busca conocer si el programa de intervención desarrollado por cedesi, para adolescentes embarazadas provenientes de las zonas de extrema pobreza del distrito de ate, en la ciudad de lima, perú, tiene efectos positivos sobre las actitudes hacia las relaciones madre-niño. Por lo que permitirá determinar si es un programa de carácter preventivo de alta eficacia y que por lo tanto pudiera ser replicado en otras zonas y poblaciones semejantes.

La relación de la madre con su niño tiene significativos efectos sobre el desarrollo emocional, conductual, social y cognitivo del niño, por lo que se desea saber si se están promoviendo actitudes adecuadas en la madre que van a favorecer el desarrollo del niño.

El programa busca producir cambios en las madres tanto en sus conocimientos como en sus comportamientos y actitudes, esperando que estos a su vez produzcan incrementos en el desarrollo de sus hijos y en la dinámica de la familia y comunidad donde viven.

La oms considera que la atención de la mujer embarazada constituye uno de los aspectos fundamentales en el objetivo de lograr para la población del mundo una verdadera y completa salud. Es así que se considera que no se lograrán resolver los problemas de desarrollo social de los países a menos que se les concedan a las madres un lugar relevante en las acciones y programas con carácter preventivo que buscan el bienestar de la comunidad.

FAMI - Psicología de Familia y Comunitaria

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EXERCÍCIO ABAIXO DO LIMIAR ANAERÓBIO ATENUA EFEITOS COMPORTAMENTAIS AGUDOS DA FLUOXETINA EM RATOS WISTAR.

Fabrício Soares Souza, Yara Barbosa Gonçalves*, Nayara Suguiura Dias* (Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF), Daniel Fernandes Barbosa** (Universidade de Brasília, Brasília-DF), Claudio Olavo Almeira Cordova (Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF)*

O presente estudo investigou os efeitos da intensidade do exercício físico em ratos tratados agudamente com fluoxetina e expostos ao labirinto em cruz elevado (LCE). Os inibidores seletivos para a recaptação de serotonina (ISRS), incluindo a hidrocloreto de fluoxetina, representam um conjunto de psicofármacos efetivos para o tratamento da depressão e de transtornos de ansiedade em adultos e crianças. Relatos clínicos sugerem que os efeitos iniciais da administração aguda da fluoxetina são seguidos de elevada ansiedade, que comprometem a adesão do paciente ao tratamento. Sugere-se que os efeitos do exercício agudo reduzem a ansiedade-estado, enquanto o crônico a ansiedade-traço, Embora os mecanismos responsáveis pelos efeitos positivos do exercício aeróbio com intensidade leve a moderada sobre transtornos do humor e de ansiedade ainda não sejam conclusivos. Para o estudo foi utilizado 189 ratos machos da raça Wistar com massa entre 150 e 200g, tendo acesso à ração e água ad libitum. Utilizou-se o inibidor seletivo de recaptação de serotonina, cloridrato de fluoxetina. Para determinar a dose aplicada, foi realizado experimento de curva de dose-resposta utilizando como parâmetro as medidas do labirinto em cruz elevado (LCE). O LCE consistiu de dois braços abertos, e dois braços fechados com mesma dimensão e fechados lateralmente com paredes. As sessões foram monitoradas e gravadas. Parâmetros comportamentais no teste LCE compreenderam medidas clássicas, entradas e o tempo gasto em ambos os braços do labirinto, relacionando a permanecia nos braços abertos com efeitos ansiogênicos e as medidas etológicas de exploração, esticamento, mergulho da cabeça, rastejamento e exploração da extremidade. Para o exercício, os sujeitos foram individualmente submetidos a uma única sessão de exercício com duração de 30 min, altura do nível de água cerca de 45 cm, Como parâmetro fisiológico para a delimitação da intensidade do exercício foi utilizada a concentração de lactato sanguíneo (mmol.l-1). Após a definição da intensidade de esforço e a dose da droga, sujeitos ingênuos foram randomicamente alocados para os grupos salina, fluoxetina (Fx) ou Fx mais exercício com 0, 5 ou 50% de carga. A fluoxetina foi administrada intraperitonealmente (20 mg/Kg) cerca de 60 min anterior aos testes comportamentais. O grupo Fx reduziu significativamente os percentuais de entradas e de tempo nos braços abertos em relação aos grupos salina, 0% + Fx e 5% + Fx. Em contrapartida, o grupo 50% + Fx apresentou menor tempo em relação ao Fx. Quanto às medidas etológicas, o grupo 50% + Fx exibiu elevada freqüência de esticamentos e reduzida exploração na extremidade dos braços abertos em relação aos grupos salina, Fx, 0% + Fx e 5% + Fx. Os grupos 0% + Fx e 5% + Fx apresentaram maior número de mergulhos da cabeça em relação ao grupo Fx. Sugere-se o exercício com intensidade leve a moderada (abaixo do limiar anaeróbio - AT) para a atenuação dos efeitos comportamentais agudos da fluoxetina. Por outro lado, o exercício vigoroso (acima do AT) é indesejável, uma vez que acentua o perfil ansiogênico da droga.

Exercício Físico, Modelo animal de ansiedade, Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina.

FARMACO

EXPECTATIVAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AO CIGARRO EM UNIVERSITÁRIOS FUMANTES. *Alba Recalde Aguirre**, Fernanda Lopes**, Silvia Cunha**, Murilo Zibetti*, Lisiane Bizarro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS)*

Fatores como baixa escolaridade e baixa renda são tradicionalmente associados ao tabagismo. Entretanto, estudantes universitários utilizam mais tabaco do que a população geral. Este estudo teve como objetivo conhecer o padrão de uso de cigarro entre universitários fumantes e quais aspectos psicológicos e comportamentais estão associados a este consumo. Para tanto, foram analisados os dados de 95 universitários fumantes (m = 23 anos; dp = 2,79) de duas instituições de ensino superior de Porto Alegre, sendo uma pública e uma privada. Os jovens responderam uma ficha com dados biosociodemográficos; um questionário sobre o comportamento de fumar (informações sobre os padrões de uso, os contextos que incitam mais vontade de fumar e as expectativas frente ao consumo); o teste de dependência de nicotina de Fagerström (FTND); e o Teste de Triagem do Envolvimento com Álcool, Tabaco e outras Substâncias (ASSIST). O ASSIST indicou que 83% (n=79) dos participantes apresentaram índice sugestivo de abuso, e 14,7% (n=14) tiveram índice sugestivo de dependência. Segundo o FTND, 81,1% (n=77) do grupo mostraram escores representativos de níveis de dependência entre muito leve e leve, 4,2% (n=4) apresentaram nível médio, e 13,7% (n=13) tiveram escores de dependência elevada e muito elevada. Foram identificadas crenças relacionadas ao consumo: 87,4% têm expectativa de alívio e redução da tensão; 63,2% acreditam que o cigarro os torna mais sociáveis. Além disso, 41% utilizam o cigarro como recurso para ficar alerta. Os resultados sugeriram que esta amostra, apesar de preocupada com os riscos de doenças tabaco-relacionadas, se deixa influenciar mais pelas expectativas positivas dos efeitos do cigarro, ou seja, valoriza mais o prazer imediato do que a manutenção da saúde a médio e longo prazo, mantendo o comportamento de uso. Os instrumentos ASSIST e FTND oferecem boa sensibilidade para detecção de uso de substâncias, porém apresentam medidas diferentes na classificação de gravidade do uso, o que deve ser considerado na interpretação de resultados. As expectativas positivas com relação ao uso do cigarro demonstram uma lacuna com relação a informações que podem ser relevantes na adoção de comportamentos saudáveis a longo prazo, assim como a demanda nesta população, de estratégias específicas nos programas de cessação do tabagismo.

Tabagismo, comportamento, expectativas do consumo

Capes e Cnpq

FARMACO

ABUSO SEXUAL INFANTIL NO CINEMA: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO. *Lucas Rossato*, Tales Vilela Santeiro - (Universidade Federal de Goiás, Jataí, GO).*

A formação em Psicologia Clínica pressupõe o uso de diversas ferramentas mediadoras do processo de ensino e aprendizagem. O cinema é uma delas, porque traz à tona inúmeras possibilidades de discussão, o que inclui o abuso sexual infantil/adolescente (ASI), um tema caro à formação do psicólogo clínico, haja vista sua relevância social e sua ocorrência nas práticas clínicas atuais, estabelecidas nos mais diversos cenários profissionais. Os objetivos gerais da pesquisa foram: 1) analisar filmes comerciais e ficcionais sobre o ASI, produzidos entre 2001 e 2010 (N=21), através de cenas ou relatos de personagens, para caracterizar: como o ASI é filmado, vítimas, ambientes/contextos onde ocorre, abusadores e desfechos de casos; e 2) discutir contribuições que esses filmes possam prestar ao processo de formação do psicólogo clínico. A seleção de filmes foi assistemática e realizada: a) em bases de dados on-line especializadas (Adoro Cinema, Cine Pop etc.), cruzando os vocábulos "abuso sexual", "pedofilia", "infância", "adolescência", "cinema" e "filme"; e b) junto a psicólogos que utilizam filmes como recurso no processo formativo de estudantes de Psicologia. A partir das buscas iniciais, alguns títulos encontrados foram assistidos a guisa de estudo piloto; a partir deles critérios de análise foram estabelecidos e dados eram lançados em planilhas individuais, que contemplavam os objetivos acima. Quanto ao gênero, 16 filmes eram dramas (72,7%), 2 suspenses (9,5%) e 1 de terror, 1 documentário e 1 de ficção científica (4,5% cada). Sobre a nacionalidade das produções, 12 eram estadunidenses (57,1%), 4 coproduções de diversos países (18,1%), 2 brasileiras e 2 espanholas (9,0% cada), e 1 britânica (4,5%). No que tange à forma como o ASI foi encenado, 11 o fizeram de forma explícita, através de cenas (52,0%), e 10 de forma implícita, por meio de relatos orais feitos por personagens (48,0%). Os ASI ocorreram em ambientes públicos (playgrounds, parques, ruas, etc.; n=10; 45,4%), familiares (n=4; 18,1%), escolares laicos (n=3; 14,0%), escolares confessionais (n=3; 14,0%) e religioso (n=1; 4,5%). Os abusadores eram próximos à vítima em 13 casos (59,0%), em 5 desconhecidos (23,0%) e em 3 familiares (14,0%). As vítimas eram crianças (n=15; 68,1%), adolescentes (n=4; 18,1%) e 2 eram com ambas as vítimas (9,0%). Sobre a repercussão dos casos em meios de comunicação e socialmente, 13 foram revelados (59,0%) e 8 permaneceram em sigilo (36,3%). Os filmes analisados: a) apresentaram aproximações com tópicos encontrados na literatura especializada sobre ASI no que tange a contextos, perfis de abusadores e vítimas e repercussão social; b) apesar de comerciais e ficcionais, retratam o ASI de modo semelhante ao que tem sido observado em contextos clínicos reais; c) exigem do espectador, de modo aproximado ao exigido do psicólogo na sua atitude clínica, condição emocional para "processar" e trabalhar informações de conteúdo psíquico intenso, para elaborá-las e atribuir-lhes significado; d) levam o estudante a refletir sobre tema frequente nos contextos clínicos contemporâneos, nos quais eventualmente atuará como profissional. Os achados permitiram considerar filmes sobre ASI apropriados como ferramenta didático-pedagógica e ressaltaram as potencialidades da estratégia de observação documental na formação em Psicologia Clínica.

Apoio Financeiro: CNPq (Bolsa PIBIC).

Palavras-Chave: filmes; sexualidade; psicologia clínica.

Nível do Trabalho: IC – Iniciação Científica.

FORM

A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE ATUAÇÃO: O TRABALHO DO PSICÓLOGO NAS UNIDADES DE SAÚDE DE BOA VISTA – RORAIMA.

Soraya Ivon Ramirez Moreno (Curso de Psicologia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR)

Na cidade de Boa vista a inserção do psicólogo no âmbito da saúde e outros contextos tem ocorrido de forma gradativa, porém, limitada e insuficiente para as demandas da população. Esta inserção tornou-se mais notória após terem sido realizados os concursos públicos promovidos pelo Governo do Estado de Roraima 2003 e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista em 2004. A aprovação de psicólogos nos dois concursos permitiu a inserção formal de alguns destes profissionais no âmbito da saúde nos diferentes níveis de atendimento e também em outras instituições da administração pública. Cada contexto onde o profissional faz atendimento tem suas características próprias que fazem com que seja demandado do profissional psicólogo, práticas diferenciadas que atendam às necessidades específicas do contexto no qual se encontra inserido. Alguns questionamentos emergiram em relação à inserção do psicólogo no âmbito da cidade de Boa Vista: Os psicólogos têm preparo suficiente para atuar no âmbito da saúde e no nível de atendimento no qual se encontram inseridos. Por exemplo: tiveram formação e/ou especialização em saúde pública?Existem profissionais psicólogos em quantidade suficiente para atender às demandas dos contextos nos quais se encontram inseridos? Foram objetivos desta pesquisa compreender, a partir da falas, dos saberes e práticas dos psicólogos que atuam na rede de saúde da cidade de Boa Vista e do levantamento bibliográfico pertinente aos temas; as relações entre formação e formas de atuação do psicólogo no âmbito da saúde. Para tanto foi realizada uma pesquisa da qual participaram 18 Psicólogos atuantes em diferentes níveis de atendimento à saúde constituído por 5 postos de saúde um hospital geral, um hospital infantil, uma maternidade, um centro de referência de saúde da mulher e um centro de referência de saúde mental. Foram usados como instrumentos de pesquisa questionários semi – estruturados. Os dados foram organizados em categorias de análise que abrangiam informações a respeito da formação, especialização na área de atuação, demandas, preparo suficiente e/ou insuficiente para suprir as demandas, interdisciplinaridade dentre outras. Como resultados parciais obtivemos que os profissionais não se sentem preparados para atuar no âmbito da saúde pois, tinham especialização na área organizacional, há desconhecimento das políticas públicas, 30% realizaram cursos de aperfeiçoamento em nível de especialização para atender às demandas no trabalho e a quantidade de profissionais lotados no hospital geral, hospital infantil e maternidade numericamente são insuficientes para atender às múltiplas demandas.

Palavras Chave: Formação-Inserção -Psicólogo- demandas.

P

FORM

AVALIAÇÃO DE UM CURSO PRÁTICO DE ESTATÍSTICA PARA ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: UM ESTUDO PILOTO. *Daniele Trindade Mesquita*, Marina Bilig de Aguiar*, Deborah Carla Olenka Wanderley Rocha*, Júlia Custódio Carelli de Oliveira* (Programa de Educação Tutorial - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora – MG), Henrique Pinto Gomide** (Programa de Pós Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora – MG)*

Um dos princípios norteadores do Programa de Educação Tutorial é a disseminação de conhecimentos importantes para a formação crítica de profissionais da psicologia. Métodos de pesquisa e a estatística são disciplinas fundamentais para que psicólogos sejam capazes de avaliar as evidências das técnicas psicoterápicas e possam participar ativamente da produção de conhecimento e tecnologias. Com o intuito de disseminar os conhecimentos destas disciplinas para os alunos da graduação em psicologia no futuro, um curso de métodos de pesquisa e estatística foi realizado para que os alunos do Programa de Educação Tutorial em psicologia. O presente trabalho teve como objetivo analisar a viabilidade do curso através da avaliação dos conteúdos adquiridos pelos alunos em caráter preliminar. Os instrumentos utilizados para avaliar o curso foram: questionário sócio-demográfico, questionário sobre a importância e motivação no estudo de métodos de pesquisa e estatística, e uma avaliação dos conteúdos abordados, variando de 0 a 20 (notas maiores significam maior conhecimento), sendo este último aplicado no inicío e término do curso. Quanto aos procedimentos, foi elaborado um cronograma discriminando o número total de encontros (4), os conteúdos abordados e duração dos mesmos (3 horas). O curso foi divido em aulas expositivas e aulas práticas com os seguintes temas: fundamentos da ciência e mensuração, criação de banco de dados, digitação e controle de qualidade dos dados e análise estatísticas. Em relação aos resultados, observa-se que as participantes se encontravam bastante motivadas à participação no curso e, mesmo tendo realizado as disciplinas obrigatórias de métodos de pesquisa e estatística, apresentaram nota mediana igual a 3. Quanto ao pós-teste, a nota mediana foi ligeiramente superior (7,5). As participantes relataram que o instrumento possuía alto nível de dificuldade. Ao analisar as questões individuais, são identificadas as seguintes dificuldades: definição da natureza dos tipos de variáveis (categóricas, ordinais, intervalares, razão), distinção entre significância estatística e clínica, conhecimento dos vieses de resultado da literatura publicada. São destacados como pontos positivos - conhecimentos adquiridos por meio do curso: métodos de controle de digitação dos dados, aplicação dos pressupostos de normalidade para escolha dos testes estatísticos e entendimento da lógica dos testes de hipóteses. Devido à diferença observada nos escores entre as fase pré e pós, pode-se perceber uma modesta melhora dos conhecimentos sobre o tema, indicando um leve avanço, por assim dizer, dos conhecimentos abordados através do curso. Esta modesta melhora pode ser explicada por um provável efeito piso devido à dificuldade percebida da avaliação. Desta forma, sugere-se que as próximas edições do curso devam incluir estratégias que aumentem o efeito, como maior número de aulas, práticas, lições, leituras, etc. Além disso, outro método de avaliação pode ser incluído ou elaborada para avaliar com mais eficácia os conteúdos do curso.

Ensino, estatística, estudantes

Ministério da Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora

FORM

CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE VITÓRIA - ES: ANÁLISE DOS MODELOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS QUE ORIENTAM AS PRÁTICAS DOS PSICÓLOGOS. *Alini Gusmão do Rosário*, Gustavo Roberto da Silva*, Iasmin Libalde Nascimento*, Marina Pandolfi Miranda*, Pedro de Freitas Ferreira*, Paula Pignaton de Almeida*, Rafael da Silveira Gomes (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória – ES)*

Em meio à crescente inserção da Psicologia no campo da Assistência Social, sobretudo nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), novos questionamentos foram feitos em torno do processo de formação dos profissionais da área. Estudos apontam que as práticas empregadas pelos psicólogos que atuam neste campo refletem as grades curriculares pouco voltadas para a discussão de políticas públicas. Esse distanciamento dos conteúdos disciplinares orientados na graduação e as exigências nesses novos espaços pode proporcionar insegurança de cunho teórico e prático na atuação destes profissionais. Dada a importância dos processos de formação para uma atuação profissional mais congruente com as demandas dos espaços em que a psicologia se insere, o presente trabalho teve como proposta nodal analisar os modelos teóricos e metodológicos que orientam as práticas psicológicas exercidas pelos psicólogos nos 12 CRAS do município de Vitória-ES. Para tanto, foram realizadas visitas para observação e familiarização com o funcionamento dos Centros de Referência, além de entrevistas com os profissionais psicólogos que trabalham nesses centros. Tais visitas foram registradas por meio de diários de campo, com as principais observações, impressões, informações e reflexões teóricas e metodológicas dos pesquisadores. O discurso dos psicólogos entrevistados indicou que a graduação ainda se constitui de maneira intimista, privatizada e voltada para clínica individual tradicional. Esses relatos vão ao encontro da literatura quando apontam para um curso que, em sua maior parte, possui grades curriculares que priorizam fundamentalmente a formação acadêmica clínica. Destacou-se na fala dos psicólogos, a angústia gerada pela grande demanda nestes serviços pelo acompanhamento das famílias em situação de risco e a realização de análise socioeconômica para concessão de benefícios da Política de Assistência Social, funções paras quais relatam não terem formação suficiente. Percebe-se que a atuação na proteção social básica exige o conhecimento de alguns aspectos que estão fora do escopo do saber delimitado pela psicologia. Faz-se necessário neste campo, a (re)invenção da atuação pautada nos conhecimentos teórico-práticos, bem como um posicionamento político crítico. Por fim, as entrevistas também apontaram que embora a formação não forneça subsídios teórico-metodológicos específicos para as práticas neste campo, ela oferece meios para promover a emancipação social das famílias acompanhadas pelos programas. Contribuindo ao acolher as demandas subjetivas dos indivíduos, o que favorece o desenvolvimento da autonomia e cidadania. Destacaram que a formação em psicologia permite a construção de ferramentas e formas de atuação, o que pode levar à (e é nesse momento que surge a) angústia citada pela maioria dos profissionais. Ao chegarem ao CRAS, estes questionam suas funções, papéis e ficam na procura de se localizarem nesse ambiente tão diferente das tradicionais práticas em psicologia. A crescente inserção do psicólogo na Assistência, em especial nos CRAS, vem a ser um dispositivo transformador na forma de atuação destes profissionais. Desta forma, problematizar a formação oferecida nas universidades e analisar as práticas empregadas pelos psicólogos nestes espaços torna-se essencial.

Atividade do Psicólogo; Centro de Referência em Assistência Social (CRAS); Formação.

Capes (Programa de Educação Tutorial em Psicologia – FNDE)

FORM

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O ATENDIMENTO AOS PAIS EM PSICOTERAPIA BREVE INFANTIL E AS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: ALGUMAS OBSERVAÇÕES. *Maria Regina Brecht Albertini*

Considerando que a criança se constitui e se desenvolve a partir de seu contexto familiar, o processo realizado em psicoterapia breve infantil envolve não somente o atendimento à criança, mas também o atendimento aos pais. Nesse sentido, procura-se uma compreensão da dinâmica familiar para ampliar o entendimento dos conflitos da criança. A psicoterapia breve, entendida como um modelo de atendimento clínico com objetivos delimitados e número de sessões também planejados, tem como meta oferecer a ajuda mais completa possível durante o processo. Diversos trabalhos indicam a importância da atenção que deve ser dada aos pais de crianças em psicoterapia, corrente vigente na prática clínica com crianças, mas os procedimentos ainda precisam ser aprimorados. A partir da compreensão de que as configurações familiares se transformaram nas últimas décadas, não é possível ignorar as novas possibilidades de formação do grupo familiar decorrentes, por exemplo, da separação dos pais biológicos da criança que está em atendimento. Nesses casos, qual o procedimento deve ser adotado nos atendimentos aos pais? Atender somente quem procurou ajuda para a criança ou ambos os pais? O atendimento deve ser junto ou separado? Nesse domínio de questões, o objetivo deste trabalho é destacar e analisar alguns aspectos importantes sobre o manejo clínico nessas situações, considerando a necessidade de atender os pais na psicoterapia de crianças sem criar uma situação mais difícil do que aquela que originou o pedido de ajuda. Assim, a discussão deste trabalho foi pautada na experiência de dois estagiários em Psicoterapia Breve Infantil em uma clínica-escola. Todos os atendimentos foram registrados em relatórios que continham a descrição do procedimento, uma análise do material clínico, além de um relatório final de conclusão. Os resultados apontaram a necessidade de uma flexibilização das regras clássicas instituídas para os atendimentos a pais, como a presença de uma cautela maior em relação ao sigilo no atendimento aos pais separadamente e a oferta de uma disponibilidade maior de tempo semanal dos alunos para o estágio. Os resultados permitiram ampliar a discussão tanto em relação ao modelo de atendimento quanto ao modelo de estágio. A compreensão de que os atendimentos requerem procedimentos que atendam às especificidades das configurações familiares vigentes ficou claramente evidenciado.

FORM

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERFIL DA CLIENTELA E AVALIAÇÃO SOBRE O ATENDIMENTO DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA. *Michela Rodrigues Ribeiro (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO e Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF), Juliana Rodrigues Santos*, Ludimilla Adilia Winder* (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia-GO)*

As clínicas-escola de Psicologia são importantes espaços de formação dos alunos de Psicologia. Em geral, os atendimentos do estagiário podem ocorrer de um a três semestres, com sessões semanais a cerca de dois a quatro clientes, com supervisão de um professor a um grupo de estagiários. As clínicas oferecem atendimento gratuito (ou a valores simbólicos) à comunidade e os clientes podem buscar atendimento espontaneamente, sem necessidade de encaminhamentos. Este modelo tem sido largamente utilizado pelos cursos de graduação em Psicologia e parece ser interessante avaliar o perfil da clientela dessas clínicas e a efetividade dos atendimentos oferecidos pelos alunos. O objetivo do presente estudo foi realizar um levantamento amplo sobre a clientela atendida e o atendimento oferecido por uma clínica-escola de Psicologia. Foram avaliados os prontuários de 835 clientes atendidos durante o período compreendido entre 03/04/2003 e 15/12/2010 na Clínica-Escola Vida da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em Goiânia. A coleta de dados foi realizada a partir de consultas aos prontuários que estavam arquivados em pastas ou armários da clínica, registrando as seguintes informações: nome, data de nascimento, gênero, cidade, escolaridade, renda familiar, data de inscrição, início do atendimento, fim do atendimento, número de sessões, tipo de atendimento, abordagem, supervisor, motivo do término e queixa(s). Os dados referentes à(s) queixa(s), descrita(s) no resumo da entrevista de triagem, foram transcritos em frases curtas ou palavras-chave e, posteriormente, foram categorizados conforme as seguintes categorias: (1) problemas externalizantes, (2) problemas internalizantes, (3) dificuldades escolares/cognitivas, (4) dificuldades de relacionamento, (5) problemas fisiológicos/físicos, (6) outras, e (7) não consta registro de queixa. Os clientes atendidos tinham idades variando de 2,1 anos a 89,9 anos, com média de idade de 27,3 anos. A escolaridade variou de analfabeto a nível de pós-graduação, sendo que a maioria tinha apenas nível fundamental incompleto de escolaridade. Dos dados válidos foi observado que os atendimentos duraram 11 sessões em média (variando entre 1 sessão à 145 sessões). Os atendimentos ocorreram nas seguintes modalidades: avaliação neuropsicológica, psicomotricidade, terapia individual, terapia em grupo, terapia familiar e vários. Dentro dessa amostra, a modalidade mais comum de atendimento foi a terapia individual. Os atendimentos foram realizados de acordo com as seguintes abordagens: cognitiva, comportamental, fenomenologia, gestalt, psicanálise, psicodrama e transpessoal. A maioria dos atendimentos ocorreu na abordagem do psicodrama para adultos e idosos e avaliação neuropsicológica para crianças. Foram registrados também os motivos para o término do atendimento que poderiam ser: alta, desistência do cliente, encerramento do estágio do aluno, encaminhamento a outro profissional, número de telefone inexistente impossibilitando o contato com o cliente, indisponibilidade de horário do cliente, ausência desde a primeira sessão, desistência do terapeuta ou sem registro no prontuário. Para a maioria dos casos, não houve registro no prontuário sobre o término do atendimento, entretanto quando houve registro, a maioria dos atendimentos foi encerrado em função de desistência do cliente. A análise de tais informações pode ser útil para o planejamento de estratégias de aperfeiçoamento dos atendimentos oferecidos pelas clínicas-escola de Psicologia.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Formação em Psicologia, clínica-escola, queixas

FORM

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDIO DE DEMANDA PARA LA CREACIÓN DE POSTGRADOS DE PSICOLOGÍA EN LA UNIMET. *Elena Franklin de Martínez, Diana Carolina Aguilar, Paula Latorre,Laura Segovia (Universidad Metropolitana, Caracas-Venezuela)*

La presente investigación tuvo como objetivo estimar la demanda de nuevos estudios de postgrado en Psicología en la Universidad Metropolitana, transcurridos siete (7 años) de la creación de la Licenciatura en Psicología en esta casa de estudios. El estudio se enmarcó bajo el paradigma cuantitativo y consistió en un estudio descriptivo tipo encuesta. Se realizó bajo un diseño de tipo no experimental ya que no hubo control directo sobre las variables a estudiar, de tipo transeccional de acuerdo a su dimensión temporal. La investigación también se caracterizó por ser un estudio de campo, dado que a los sujetos se les aplicó el instrumento en el escenario natural en el que se desempeñan (estudio ó trabajo). La muestra, fue no probabilística, de carácter intencionada, ya que los sujetos fueron seleccionados según características especificas que requería la investigación. Estuvo conformada por 300 personas, 197 estudiantes del último año de las tres (3) universidades de Caracas donde se imparte la carrera de Psicología (UCAB, UNIMET, UCV) y 103 profesionales en Psicología y/o profesionales de carreras afines. Se diseñó, validó y aplicó un instrumento sencillo que constaba de 14 preguntas, para luego tabular las respuestas y expresarlas en relación a variables sociodemográficas y actitudes personales que anteceden a una toma de decisión. Entre los resultados de mayor relevancia se encontró que los principales motivos de escogencia de una Universidad para realizar estudios de postgrado son: reconocimiento nacional e internacional, prestigio y buenos profesores, sobre otros considerados de menor importancia como tipo de universidad (pública o privada), ubicación y costos. Un 66% de los encuestados manifestó estar interesado en cursar estudios de Postgrado de Psicología en la Universidad Metropolitana, no obstante un 48% también aspira estudiar postgrados fuera de Venezuela. El análisis de la demanda apunta a una mayor viabilidad de apertura de determinados postgrados que la Escuela de Psicología de la Universidad Metropolitana se ha planteado como posibilidad ofertar, en primer lugar, Técnicas de Diagnóstico y Abordajes Terapéuticos, en segundo lugar, Dinámica de Grupos y en tercer lugar, Neuropsicología Aplicada. Los niveles de especialización y maestría en las áreas nombradas fueron más demandados que los estudios de Diplomado, por lo que la Escuela deberá trazarse metas a corto plazo en cuanto al diseño y proceso de aprobación por parte de las autoridades competentes de estas opciones de Postgrado. La modalidad presencial y semipresencial resultó de mayor preferencia sobre la virtual y el horario vespertino-nocturno durante los días laborales de lunes a jueves, más atractivo que el horario intensivo de fines de semana.

Palabras clave: Demanda, Estudios de Postgrado en Psicología, Universidad Metropolitana.

PD

FORM - Formación en Psicología

A CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DO CONCEITO DE MEMÓRIA NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA MODERNA: BREVES EXPLANAÇÕES. *Pâmela Pitágoras Freitas Lima (Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Vitória da Conquista, BA)*

A Psicologia Moderna, desde seu reconhecimento enquanto uma ciência autônoma, nos meados do século XIX, buscou tratar da temática da memória como uma das instâncias primordiais para o conhecimento da subjetividade. Dos pioneiros aos já clássicos autores da Psicologia, a memória sempre foi tratada como uma faculdade humana, sendo esta considerada uma instância individual. No nascedouro da Psicologia, o fascínio que o tema da memória exerceu sobre os primeiros psicólogos, resultou em uma busca por sua conceituação, em se conhecer seu funcionamento e nos possíveis e múltiplos efeitos para o ser humano. Neste início, não foram descartadas as diversas formas de investigação sobre a memória, desde as pesquisas experimentais no campo anatômico-fisiológico, até as que abordavam a memória nas relações coletivas. Com o advento nas últimas décadas do século XIX dos laboratórios de pesquisa que visavam estudar experimentalmente os considerados "fenômenos psicológicos superiores", autores como Wilhelm Wundt e Hermann Ebbinghaus, além daqueles atribuídos as escolas pioneiras do funcionalismo e do estruturalismo deram os primeiros passos para se estudar a memória. Identifica-se historicamente na Psicologia uma preocupação em compreender os mecanismos que envolvem a memória, mas não em destacá-la também como um fenômeno socialmente construído. Esta lacuna atraiu autores como Frederic Bartlett, Sigmund Freud, Lev Vigotski, entre outros. Estes receberam destaque por não limitarem suas construções teóricas a cerca da memória como apenas uma faculdade individual, contribuindo desta forma para ampliar a noção de memória social na Psicologia. Contudo somente a partir da década de 70 do século XX, mesclando as contribuições da Psicologia Social, principalmente nas produções de conhecimento sobre a cognição social e a Teoria das Representações Sociais, em conjunto com a releitura da obra de Maurice Halbwachs, é que a Psicologia estendeu seu campo de estudo para se pensar uma memória enquanto fenômeno psicossocial. A memória social então passou a ser compreendida tanto como a ação de redesenhar o passado, quanto como a representação formal deste por determinados atores ou grupos sociais. Foram as contribuições da Sociologia que os estudos da memória ganharam qualitativamente uma inegável relação com o meio social, ampliando sua compreensão para além da esfera individual. È objetivo deste trabalho realizar uma breve revisão teórico-conceitual sobre a memória, tomando-a enquanto um fenômeno psicossocial, apoiando-se nas contribuições da Psicologia. Inicialmente, será levantado como a memória começou a ser estudada pelo viés mais fisiológico e funcional, através de um sucinto histórico conceitual desde os primórdios da ciência psicológica, até as atuais pesquisas consideradas no campo da memória psicossocial.

História da Psicologia; Memória; Psicologia Moderna.

HIST

A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO NA OBRA DE ARTHUR RAMOS DA DÉCADA DE 1930. *Bruna Kaori de Almeida (UNESP)*

Este trabalho tem por objetivo investigar a importância dos trabalhos psicanalíticos de Arthur Ramos dedicados à educação no contexto científico, cultural e social brasileiro da década de 1930, bem como situar estes em relação à psicanálise da época, identificando suas principais influências teóricas e estabelecendo as relações entre as obras psicanalíticas do autor e as propostas da Escola Nova junto à educação brasileira da época. Arthur Ramos é considerado um dos precursores da psicanálise no Brasil e a partir da década de 1930, ao começar a atuar na Clínica de Ortofrenia e Higiene Mental do Rio de Janeiro, a psicanálise passou a ter maior espaço em sua obra. Utilizamos uma metodologia própria aos trabalhos de investigação histórica da psicanálise e enfocamos a abordagem contextual, que consiste em estabelecer relações entre a psicanálise e outros campos do saber, bem como explicitar as influências que ela sofreu ao longo de sua história e os efeitos que exerceu.

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ANÁLISE SOBRE ALGUMAS TEORIAS ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE MENTE E CÉREBRO. *Rafael Monho Pinto Ribeiro (Universidade Anhembi Morumbi)*

Introdução: Algumas questões filosóficas permanecem durante séculos sem uma solução definitiva, apesar de serem revisitadas e aprimoradas por diversos teóricos. Embora seja notável um progresso quanto ao entendimento de seu conteúdo, várias questões ainda são de difícil solução. A partir dos avanços ocorridos no campo das ciências nas últimas décadas, muitos pesquisadores retomaram antigas questões com o objetivo de encontrarem soluções definitivas. Uma das questões refere-se às relações que envolvem elementos de naturezas distintas, como a relação entre o imaterial e material ou entre a alma e corpo. Atualmente os estudiosos concebem tal problema por meio de questionamentos sobre a relação entre mente e cérebro. Alguns importantes acontecimentos estimularam uma nova reflexão sobre este antigo problema mente-cérebro, como o surgimento da neurofisiologia, da psicologia cognitiva, e o desenvolvimento da inteligência artificial. Todos esses acontecimentos resultaram em uma revolução sobre o domínio das questões sobre a mente e possibilitaram uma nova visão acerca do entendimento dos processos cognitivos, dos estados de consciência e da própria natureza sobre o que deve ser entendido por "mente". Objetivos: O desenvolvimento deste estudo teve como objetivo compreender e analisar as bases e os fundamentos de diferentes teorias modernas que se propõem a solucionar as relações entre mente e cérebro. Método: este é um estudo teórico que focou na análise de cinco obras de diferentes autores que exploraram a relação em estudo. Desta forma, este estudo se concentrou em estabelecer relações entre as teorias mais influentes sobre o tema mente e cérebro e suas implicações para futuros debates no âmbito da Psicologia e das Neurociências. Resultados: detectou-se que o problema mente e cérebro possui explicações teorias múltiplas e distintas. A primeira e talvez mais conhecida deriva-se da visão dualista. Aqueles que defendem o dualismo entendem que o cérebro nunca pode ser capaz de explicar a existência de eventos mentais, deste modo, cada indivíduo deve ser visto como uma entidade não-física (alma ou mente), responsável por toda a produção dos eventos mentais. Uma posição diametralmente oposta a esta pode ser encontrada nas afirmações do chamado "materialismo estrito", onde é afirmado que a mente não é nada mais do que o cérebro em funcionamento. O Behaviorismo Analítico surge como uma terceira teoria para esclarecer as questões entre mente e cérebro com forte influência do filósofo Gilbert Ryle. Este entendia que tanto a visão dualista, quanto aquela relacionada ao materialismo estrito, estavam equivocadas uma vez que a mente deveria ser entendida como um padrão de comportamento. Conclusão: O debate acerca da questão mente e cérebro avançou muito nas últimas décadas, com uma crescente aceitação por parte da comunidade científica acerca das perspectivas oriundas do behaviorismo analítico e do materialismo estrito (apoiado pelas recentes descobertas da neuropsicologia), em detrimento da aceitação da concepção dualista cartesiana.

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CONTRIBUIÇÃO DE CAROLINA BORI PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA: ANÁLISE HISTÓRICA DE PUBLICAÇÃO. *Gabriel Vieira Candido (Universidade do Oeste Paulista – Unoeste – Presidente Prudente, SP; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FFCLRP/USP – Ribeirão Preto, SP) e Marina Massimi Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FFCLRP/USP – Ribeirão Preto, SP)*

Carolina Martuscelli Bori (1924 - 2004) tem sido descrita como um dos grandes nomes da ciência brasileira. Teve colaboração indispensável e militante na formação de docentes/pesquisadores, na implantação de cursos e laboratórios de Psicologia Experimental, na introdução e difusão da Análise Experimental do Comportamento, a atuação em associações e órgãos de fomento, na divulgação da ciência, entre outras. Diversos de seus trabalhos estão divulgados em artigos que profissionais que atuaram com Carolina Bori. Contudo, os artigos de sua própria autoria são pouco conhecidos ou citados. Este trabalho foi realizado com o objetivo de analisar historicamente os textos acadêmicos publicados por esta pesquisadora brasileira, buscando aquilo que for recorrente e mudanças ocorridas. A busca por textos foi realizada a partir do Currículo Lattes, referência de artigos sobre Carolina Bori, e publicações localizadas na biblioteca do Instituto de Psicologia da USP. Serão analisados artigos, capítulos de livro e tese de doutorado de Carolina Bori, localizados. Ao todo, 17 trabalhos publicados foram analisados e divididos em Formação do Psicólogo (Experimentação e laboratórios de psicologia), Estudos de Fenômenos Psicológicos (Motivação, Personalidade e Outras Pesquisas) e Relato de experiência. A análise aponta que a importância dada à experimentação para a formação do psicólogo e construção de conhecimento em Psicologia são temas constantes e abordados com grande semelhança. A construção do conhecimento é um tema constante em todos os artigos publicados, seja na divulgação de suas pesquisas, relato de experiência em que o resultado houve construção de conhecimento ou mesmo em artigos teóricos sobre experimentação. Apesar de seus artigos teóricos serem de grande peso, com várias citações de autores importantes na história das ciências e discussão de aspectos fundamentais de cada tema discutido, percebe-se um número maior de artigos que discutem ensino e formação de psicólogos, seja pela inovação metodológica que discutia, seja pela defesa de aspectos que ela reconhecia como fundamentais, por exemplo, a experimentação. Além disso, diversos outros trabalhos foram realizados por Bori visando a construção de conhecimento para aplicação. Faz críticas à alguns modelos de intervenção, utiliza, analisa e discute o uso de testes psicológicos e técnicas estatísticas, mas não faz nenhuma referência direta à qualquer modalidade de intervenção psicológica, a não ser na educação. Por fim, quanto aos Relatos de Experiência, em geral são apresentações do período em que esteve na UnB e o contato que teve com o professor norte americano Fred S. Keller.

Carolina Bori, Psicologia Experimental, Fred Keller

HIST

CONTRIBUIÇÕES DE LUDWIG WITTGENSTEIN ÀS IDEIAS DE SIGMUND FREUD. *Rafael Monho Pinto Ribeiro (Universidade Anhembi Morumbi)*

Introdução: Ludwig Wittgenstein é considerado por muitos estudiosos como sendo um dos pensadores mais importantes do século XX. Este pensador produziu duas filosofias assimetricamente opostas, porém complementares. Na primeira delas, classificada como filosofia analítica, o autor deu continuidade às discussões provenientes dos trabalhos de Gottolb Frege e Bertrand Russel. Na segunda, Wittgenstein proporcionou um modo totalmente novo de pensar, publicado em sua obra intitulada Investigações Filosóficas. Entre os anos 1942 e 1946, Wittgenstein teve uma série de conversas com o filósofo Rush Rhees acerca das ideias de Sigmund Freud. O farto material destas conversas foi compilado por Rhees e publicado posteriormente. Desta forma, este material proporciona a possibilidade de se compreender a análise crítica de Wittgenstein a um dos mais influentes psicólogos do século XX. Objetivos: analisar e compreender os fundamentos das críticas que Wittgenstein realizou em relação às ideias expressas por Freud durante o período de 1942 à 1946. Método: este estudo caracterizou-se como teórico exploratório e teve como prioridade a análise e compreensão de Wittgenstein das conversas deste pensador com Rhees em relação à algumas ideias de Sigmund Freud. Como forma de se aprofundar a compreensão de certos conceitos destacados por Wittgenstein algumas obras por ele citadas em suas conversas que embasassem suas argumentações. Resultados: A crítica central que Wittgenstein fez a Freud baseou-se na distinção que o filósofo realiza entre causa e a razão. A ideia de causa expressaria uma relação necessária entre dois possíveis eventos, sendo que um deles seria responsável pelo surgimento de outro, como ilustra este exemplo: o fato A é a causa de B. Assim, seria passível de ser verificado e observado por meio da regularidade de fatos A que levaram à B. Desta forma, causas estariam no âmbito do conhecimento científico, sendo passíveis de observação e previsão. Diferentemente, as razões, seriam justificativas para ações de modo que uma determinada ação poderia ter diferentes razões. Deste modo, razões seriam justificativas para ações, mas não seriam passiveis de observação empírica, nem mesmo de previsão. Além disso, outra crítica que Wittgenstein fez à Freud foi que Freud tomava suas explicações como causas, quando na verdade, eram razões, comprometendo o projeto da psicanálise enquanto ciência. Conclusão: Foi possível detectar que Wittgenstein era bastante crítico a algumas ideias psicanalíticas de Freud, destacando que havia noções bastante importantes, como a de "simbolismo onírico", chegando até mesmo considerar-se um discípulo e seguidor de Freud.

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

CRIAÇÃO DE ARQUIVO EM HISTÓRIA DOS SABERES PSICOLÓGICOS E DA PSICOLOGIA NO BRASIL: ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DO ARQUIVO PESSOAL DA PROFª DRª MARINA MASSIMI. *Eneida Nogueira Damasceno, Marina Massimi – (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto – SP)*

O objetivo principal deste trabalho consiste na criação e disponibilização de um arquivo de documentos em História dos Saberes Psicológicos e da Psicologia no Brasil, a partir da organização e classificação do arquivo pessoal da Profª Drª Marina Massimi. A execução deste trabalho visa facilitar o acesso de pesquisadores e estudantes, bem como da própria professora Massimi às informações contidas neste fundo documental. Pretende-se ordenar estes documentos históricos de forma prática e simples, de modo a possibilitar a continuidade de sua organização, facilitando a introdução de novos documentos informativos, uma vez que se trata de um arquivo ativo, pois a referida professora encontra-se no exercício de suas funções acadêmicas. Facilitar o acesso a documentos históricos faz-se uma tarefa relevante, a multiplicação rápida das informações na era globalizada necessita de um proporcional acompanhamento arquivístico. Marina Massimi é Professora Titular da Universidade de São Paulo – USP – Campus de Ribeirão Preto. Atua na área da História da Psicologia e sua linha de pesquisa é a História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira. Seu arquivo constitui-se em um vasto fundo documental, por ter sido formado ao longo de suas atividades de pesquisas desenvolvidas em arquivos do Brasil e do exterior, seu acervo contém fontes documentais raras e significativas para as áreas citadas acima. Nosso trabalho, no momento, concentra-se em organizar e disponibilizar os documentos compilados ao longo da vida acadêmica da professora Massimi, que se encontram guardados em 100 caixas-arquivo, tendo como suporte o papel, uma vez que o acervo compõe-se de informações registradas em outros suportes como Microfilmes; fitas K7; diapositivos; disquetes; CDs e pen-drives. A pedido da referida professora, o planejamento da organização de seu arquivo pessoal deveria ter como base sequencial o seu Memorial, elaborado em 2008. Tendo em vista a descrição de sua vida científica e acadêmica relatada em entrevista prévia e em seu Memorial, estabeleceu-se o plano de trabalho e a escolha do método. Optou-se pela utilização do método funcional, com a técnica de ordenação de documentos por ordem numérica simples. O acervo foi dividido em grupos específicos, sendo o grupo a que nos dedicamos neste momento denominado: Grupo 1 – Produção Científica – Suporte: papel. Este grupo, por sua vez, foi subdividido de acordo com a sequência estabelecida no Memorial. Cada subgrupo recebeu uma ordenação numérica independente, facilitando, assim, a introdução de novos documentos. Com o planejamento determinado, procurou-se o auxílio de um profissional de informática, no sentido de viabilizar o programa. O planejamento ganhou forma no programa Microsoft Office Excel. Desenvolveram-se planilhas com campos específicos para a descrição do documento, sem, no entanto, fechá-los a possíveis descrições complementares. Considerando que o trabalho realizado já se encontra parcialmente disponibilizado, viabilizando a consulta e o acesso ao documento de forma rápida e simples e que a introdução de novos documentos pode ser efetuada a qualquer momento, devido à flexibilidade da organização do arquivo, pode-se concluir que os objetivos foram alcançados.

Arquivo; História da Psicologia; Documentos históricos

CNPq

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDO HISTÓRICO DA PROPOSTA PSICOLÓGICA DE J. B. WATSON: UMA ANÁLISE CONTEXTUAL. *Fernando Tavares Saraiva, Laís Mororó Corrêa (Universidade de Fortaleza)*

O presente artigo constitui-se como uma revisão bibliográfica, de caráter histórico, que objetiva apresentar a proposta de psicologia de John Broadus Watson, tradicionalmente denominada "behaviorismo metodológico", analisando-a a partir do contexto cultural e filosófico que possibilitou sua emergência. A proposta behaviorista de Watson surge em contraposição às abordagens psicológicas predominantes no fim do século XIX e início do século XX. Neste período, o uso da introspecção, método majoritariamente adotado para estudo do tradicionalmente eleito objeto da Psicologia, ou seja, estados da consciência ou "estados mentais", vinha sendo questionado, uma vez que não gerava dados confiáveis e passíveis de reprodução, devido à excessiva subjetivação envolvida no processo de análise. Desta forma, Watson buscou romper com este vigente modelo, propondo que a Psicologia deveria adotar método semelhante àquele utilizado pelas ciências naturais. Elimina, assim, o uso da introspecção. Para tal intento, fazendo uso do modelo evolucionista de Darwin e das pesquisas fisiológicas realizadas por Pavlov, Watson propõe, além da mudança quanto ao método utilizado, a adoção do comportamento observável como objeto de estudo da Psicologia. Em 1913, após uma série de palestras, publica o artigo “Psicologia como o behaviorista a vê”, que ficará posteriormente conhecido como "manifesto behaviorista", e no qual apresenta as suas principais ideias quanto a esta nova perspectiva da Psicologia, que, da forma como era apresentada, seria capaz de superar os entraves epistemológicos e ontológicos enfrentados por esta área de conhecimento. Nesta obra, é possível identificar influências de diversas correntes filosóficas e científicas, que ajudaram a balizar o desenvolvimento do behaviorismo watsoniano: mecanicismo, determinismo, interacionismo, empirismo, materialismo, positivismo, positivismo lógico, funcionalismo, pragmatismo, tropismo, evolucionismo, associacionismo e estudos avançados em fisiologia. Este quadro de influências aponta o artigo de Watson como elemento convergente de diversas posições no meio científico que ansiavam por uma revisão no modo de produção de conhecimento em psicologia. No entanto, devido ao seu polêmico conteúdo, o artigo de Watson não foi tão bem aceito na ocasião. Ainda hoje, é bastante questionado pela comunidade acadêmica, gerando, inclusive, equivocadas análises sobre a proposta de psicologia apresentada. Pode-se pontuar que algumas destas equivocadas leituras devem-se a exames parciais da produção bibliográfica de Watson. Uma vez que o "manifesto behaviorista" adquiriu um reconhecido valor histórico, tem sido prática comum, ao se discutir a proposta behaviorista do autor, levar-se em consideração apenas a referida obra. Apesar de suas principais idéias para o desenvolvimento de uma psicologia de caráter científico estarem postuladas nesta obra, importantes questões, como, por exemplo, o estabelecimento de seus compromissos ontológicos e epistemológicos, apenas seriam discutidas com clareza em produções acadêmicas posteriores. Tal estabelecimento tardio de aspectos essenciais à sua proposta de psicologia pode ser compreendido à luz da própria natureza de seu manifesto: ao adotar uma necessária postura de rompimento em relação às psicologias desenvolvidas até aquele período, o autor acaba por enfatizar discussões quanto ao método a ser utilizado, em detrimento do delineamento claro da natureza de seu objeto. Esta ênfase no aspecto metodológico seria responsável, inclusive, pela tradicional classificação da proposta behaviorista de Watson como "behaviorismo metodológico", a despeito de apresentarem posicionamentos ontológicos e epistemológicos diferenciados. Desta forma, parece claro que um estudo da obra de Watson focado apenas em seu "manifesto behaviorista"

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

aponta para uma possível distorção quanto à compreensão de sua proposta de psicologia científica.

Historiografia da ciência, Behaviorismo metodológico, J. B. Watson

HIST

NOTAS SOBRE A EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE PERVERSÃO: DO DISCURSO JURÍDICO AO DISCURSO MÉDICO. *Lucas Carvalho Peto*, Danilo Saretta Verissimo (Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP).*

Neste trabalho, discutimos a emergência do conceito de perversão a partir do declínio do poder jurídico sobre a sexualidade, âmbito que, ao longo da modernidade, foi apropriado pelo discurso da medicina. Vislumbramos a compreensão histórica como estudo do "aperfeiçoamento" das tecnologias discursivas. No tema que nos ocupa, trata-se de analisar, no que tange às práticas sexuais, o sistema de correlação entre os mecanismos religiosos, jurídicos e médicos. Nosso trabalho baseia-se, principalmente, nos escritos de Foucault e Roudinesco. Na Europa Ocidental, entre os séculos XV e XVIII, observou-se um esforço para engendrar uma visão do corpo e das práticas sexuais compatível com a ordem social, com o respeito à religião e com o contínuo aumento demográfico. O corpo e as práticas sexuais eram circunscritos, primordialmente, por três discursos, funcionando em concomitância: o religioso, o legislativo e o médico. Em conjunto, visavam disciplinar as funções reprodutivas do corpo, reprimindo as desordens do sexo em prol de normas partilhadas pelo campo social e espiritual. Lançando mão de tecnologias que objetivam menos a reprovação e a punição do que a reparação, o discurso jurídico da Europa do Antigo Regime debruçava-se sobre as práticas sexuais conjugais, único locus autorizado da sexualidade, e, através do controle destas, vislumbra a possibilidade de disciplinar os corpos e seus instintos. As incitações econômicas e políticas demandavam uma sexualidade útil: práticas regulares e administradas pelo poder público em prol do aumento populacional. Surge, assim, a necessidade de regulamentar as práticas sexuais visando à ordem e ao fortalecimento do Estado. A partir de 1810, o código penal francês, produto da Revolução Francesa, modifica profundamente a legislação vigente. Com as novas leis, desaparecem os crimes de falta moral, que passam a configurar infração às leis naturais, morais ou religiosas, desligando-se do campo jurídico. Desde o fim do Antigo Regime as preocupações demográficas foram minimizadas. Neste contexto, o discurso jurídico desenvolvido a partir do século XIX intenta menos uma defesa da sociedade do que a reforma psicológica das atitudes e do comportamento. Passa-se do problema jurídico da responsabilidade à periculosiadade individual. Isso decorre da nova disposição, a saber, o interdito ao magistrado do controle primário sobre a sexualidade. A medicina propõe à burguesia uma moral de segurança modelada pela positividade da ciência. O esforço decai não mais sobre o controle do que fizeram os indivíduos, e a conformidade de seus atos com a legislação, mas sobre o que estão na iminência de fazer. Dos corpos é retirada qualquer história, íntima ou coletiva, corpos a-históricos reduzidos à pura fisiologia. O discurso médico-positivo, atráves de re-educação, adaptação, e não mais de punição, pretendia eliminar taras e restaurar ao padrão ótimo os degenerados. Nesse discurso, referendado pela positividade da ciência, refere-se à perversão como expressão de aberrações congênitas, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas e exasperações mórbidas. Logo, ganha primazia, a partir do século XIX, um discurso científico-positivo em que se concebe a perversão como patologia biológica, hereditária e orgânica. Circunscrita pelo discurso médico-positivo, a perversão torna-se sinônimo de anormalidade fisiológica, desvios orgânicos, anatomia monstruosa, morfologia desviante.

IC

História das idéias psicológicas, perversão, história

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
HIST

O BEHAVIORISMO DE J.B.WATSON E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PUBLICIDADE NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA. *Carmen Silvia Porto Brunialti Justo**, Marina Massimi (Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/SP).*

O objetivo desse trabalho é apresentar as contribuições das pesquisas e da aproximação do psicólogo americano John Brodus Watson (1878-1958), fundador do Behaviorismo, movimento que influenciou os estudos da psicologia no início do século passado, para o desenvolvimento das técnicas e atividades publicitárias no período de 1920 a 1950, numa perspectiva histórica. Após ser afastado da universidade que atuava nos Estados Unidos, como docente, Watson ingressou numa grande agência de publicidade e passou a usar a teoria do behaviorismo para aprimorar técnicas publicitárias na criação de campanhas e estimular a compra de diferentes produtos e serviços. Nessa agência aplicou os seus estudos na área de predição e controle do comportamento e conduziu trabalhos sobre pesquisa de mercado, treinamento de pessoal e encabeçou a criação e desenvolvimento de muitas campanhas de publicidade na década de 1920 para grandes marcas e anunciantes. A carreira de Watson na publicidade foi discutida e criticada, principalmente, porque encontrou, nessa área, terreno fértil para exercer um trabalho de psicologia aplicada sobre as questões do comportamento humano. Watson foi trabalhar na área que mais enfatizava, no início do século passado nos Estados Unidos, o controle social do comportamento – a indústria da publicidade. Muitas dessas técnicas foram incorporadas pelas principais agências e publicitários dessa época e, na atualidade, ainda são pontos de referência para o aprendizado e formação dos graduandos em publicidade e propaganda. As bases para o conceito de consumidor e para o crescimento das relações de consumo no início do século tornaram-se uma obsessão do governo e do capitalismo americano, onde as teorias sobre relações mercadológicas e marketing se enraizaram e lançaram seus fundamentos para todo o mundo. Para realizar o percurso histórico desse trabalho foram analisados o contexto de fundação do behaviorismo, do marketing e da publicidade nos Estados Unidos e como esses estudos contribuíram para o crescimento da nação americana. Para analisar as influências da teoria behaviorista na área da publicidade foram analisadas as contribuições a respeito de diferentes autores nas áreas do marketing, da psicologia e da publicidade. A conclusão final aborda como a construção do conceito de consumidor, a partir do início do século, se reflete até hoje na atividade publicitária no mundo inteiro.

Behaviorismo, história dos saberes psicológicos, história do marketing.

HIST

O CONCEITO DE SUBJETIVIDADE EM EDITH STEIN: CONTRIBUIÇÕES PARA A FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA. *Carolina de Resende Damas Cardoso**, Marina Massimi ((Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – SP)*

Edith Stein (1891-1942) foi uma proeminente discípula de Edmund Husserl (1859-1938), fundador da corrente teórico-metodológica da Fenomenologia. Seguindo de maneira fiel ao mestre, contudo fornecendo contribuições autênticas à escola fenomenológica, Stein, ao longo de sua trajetória, ocupou-se principalmente da temática da estrutura da pessoa humana e da fundamentação daquelas ciências que possuem o homem como objeto de estudo. Dentre estas ciências, destaca-se a Psicologia Científica, uma das disciplinas que interessavam especialmente à filósofa, tendo em vista sua própria formação acadêmica inicial. Nesse sentido, o presente trabalho visa apresentar as contribuições que a Fenomenologia de Edith Stein pode fornecer para a fundamentação filosófica da Psicologia enquanto ciência rigorosa da subjetividade. Dentro da perspectiva da Historiografia da Psicologia Científica, utilizamos como fonte primária a obra Introdução à Filosofia de Stein. A Fenomenologia surgiu para questionar a oposição filosófica dada historicamente a partir da Idade Moderna, entre subjetividade e objetividade, criticando uma das principais decorrências da mesma, o psicologismo – posição epistemológica que afirma que os processos psicológicos básicos constituem o fundamento da lógica e de toda a teoria do conhecimento, sendo que competiria à Psicologia Científica (empírica e experimental) estudá-los. A proposta fenomenológica firma-se sobre o conceito de consciência intencional, de modo que tal estrutura é o fator que permite superar a polarização entre sujeito e objeto do conhecimento. Sendo a análise da consciência intencional o objeto, por excelência, das reflexões fenomenológicas, a análise da estrutura do sujeito torna-se fundamental para a formulação de teorias do conhecimento, todavia, sem recorrer às premissas do psicologismo. À Fenomenologia, cabe o esclarecimento de conceitos fundamentais que as ciências empíricas pressupõem em sua prática. As contribuições de Edith Stein à Psicologia Científica ocorrem justamente a partir da fundamentação que a filósofa nos oferece a respeito do conceito de subjetividade ancorado no conceito de pessoa humana, como unidade indivisível de corpo e alma. Esta definição, contudo, não é uma premissa a partir da qual seguir deduzindo consequências filosóficas e até mesmo práticas, mas é resultado de uma análise fenomenológica minuciosa sustentada pela emergência de evidências fenomênicas. A alma constitui o princípio vital, sinal de uma interioridade formada pela estrutura psíquica que, por sua vez, possui qualidades sensíveis (proveniente das sensações corpóreas) e espirituais (provenientes da intencionalidade da consciência racional). Somente é possível apreender a vida anímica de uma pessoa por meio da expressividade de seu corpo, através das vivências intencionais da percepção externa, percepção interna e empatia que devem, portanto, ser consideradas na metodologia das ciências que pretendem o conhecimento de pessoas humanas. Nesse sentido, a experiência do próprio psicólogo pesquisador deve constituir a base das investigações com sujeitos humanos. Orientada, então, pelo método fenomenológico, Stein apresenta uma nova concepção de subjetividade que compreende também a própria corporeidade. Fornece, desta maneira, uma fundamentação gnosiológica mais consistente à Psicologia, herdeira desde sua origem como disciplina científica, de concepções filosóficas enraizadas no dualismo cartesiano

Subjetividade; Edith Stein; Psicologia Científica

FAPESP

HIST

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PSICOLOGIA: HISTÓRIA DA PROFISSÃO E MOMENTO CONTEMPORÂNEO. *Tatiana Machiavelli Carmo Souza** (Universidade Federal de Goiás), Dinôr Ferreira Borges*, Juliana Aparecida de Souza* (Universidade de Franca)*

O estudo da história e epistemologia da Psicologia revelam dois aspectos importantes acerca da constituição da profissão no contexto brasileiro: (a) a diversidade de objetos de estudo, incidindo na diversidade de áreas de conhecimento como medicina, educação e filosofia; e (b) a diversidade de formas de atuação, amplamente marcadas pela elitização, dado especialmente pelo público alvo e pelas características do atendimento. O fazer do psicólogo, nos primórdios da profissão, apresentava padrões importados da Europa e Estados Unidos, sem adaptação à realidade sociocultural e econômica brasileira e nenhuma preocupação no desenvolvimento de metodologias adequadas à realidade aqui encontrada. Inicialmente, os fundamentos epistemológicos da psicologia estavam alicerçados na filosofia positivista e o modelo médico era amplamente utilizado e disseminado. Nesse primeiro momento, os objetivos da psicologia estavam atrelados à tentativa de homogeneizar a sociedade; o psicólogo atuava em esferas da educação com a tentativa de formar os indivíduos segundo os valores governamentais, buscando o desenvolvimento da sociedade a partir da ordem, da organização, da hierarquização, dentre outros aspectos. No início do século XX, a psicologia agregou-se também à pedagogia através de laboratórios de psicologia experimental ou pedagogia científica, com o objetivo de encontrar formas de amenizar as dificuldades das crianças nas escolas. A tônica, contudo, perpassava o indivíduo, na culpabilização e responsabilização do mesmo. Nesse momento histórico, a sociedade e as políticas não eram percebidas como instrumentos de perpetuação ou reprodução. Na contemporaneidade, observam-se modificações nas bases epistemológicas, assim como nas atuações práticas. Entretanto, mesmo nos dias atuais, significativa parcela da população desconhece as atuações do psicólogo, em muitas circunstâncias até mesmo desacredita nos resultados do seu trabalho. Tal fato decorre ainda do distanciamento de práticas que beneficiem a várias camadas sociais; da falta de conhecimento profissional acerca das políticas sociais e econômicas e da existência de cursos de formação ainda muito presos a padrões estrangeiros. O momento contemporâneo da profissão indica mudanças, notadamente pelo aumento das políticas públicas que vislumbram a inserção do psicólogo em núcleos como Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e na rede pública de ensino. O incremento de tais políticas indica salto qualitativo no reconhecimento social do papel do psicólogo, bem como, mobiliza o processo de formação profissional, já que as preocupações com a sociedade ganham tônica. Acredita-se que a psicologia pode e deve atuar e ajudar na mudança individual e social, com participação intensa nas várias dimensões da sociedade, pois nesse contexto, a psicologia poderá beneficiar a sociedade como um todo e não apenas parte dela.

História. Epistemologia. Sociedade.

HIST

TEORIA DE GRAFOS NA PSICANALISE: DE EULER A LACAN. *Celso Socorro Oliveira (LEIA – Laboratório de Ensino Informatizado e Aprendizagem, Departamento de Computação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Bauru - SP)*

O trabalho de Lacan sobre Linguagem considera que o aparelho simbólico é constituído a partir das articulações (nós) e conexões (arcos) das unidades significantes discretas e descontinuas sobre dimensões temporais disjuntas (diacronia e sincronia), cuja conjunção produz significação. A estrutura fundamental é constituída de uma cadeia de significantes regulada por uma sucessão (diacronia) que se desenrola no tempo. E, ao mesmo tempo, um significante se define por relação com outro significante de um sistema de oposição significante, onde o segundo se desenvolve numa dimensão que implica sincronia, segundo Lacan no seminário 6. O entrelaçamento desses dois eixos temporais da linguagem para produzir uma significação introduz uma dimensão topológica – desenhando superfícies – que foi apresentada por Lacan através do Grafo do Desejo. Esse trabalho teórico tem por objetivo estabelecer um paralelo dos elementos teóricos de Teoria de Grafos – sub-área da Matemática - (estabelecidos por Euler em 1736), aplicados por Lacan para explicar os principais elementos de Psicanálise (tais como desejo e castração). Os nós, arcos e caminhos são conceitos desenvolvidos por Euler que Lacan se utiliza para explicar simbolicamente como se dá a formação dos significados, a partir dos significantes. Os grafos, reconhecidamente citados pelos seguidores de Lacan, servem para ilustrar simbolicamente e não apenas como diagramas ou figuras simplificadas de um discurso difícil e sistemático produzido por Lacan ao trabalhar os aspectos de deslocamento e condensação, sob o ponto de vista da linguagem. Lacan tentou espacialmente representar o desejo, a linguagem e o inconsciente (três dimensões que estruturam a subjetividade) através do grafo. Os pontos no grafo completo são: A é o tesouro do significante; s(A) é o significante do Outro (onde ocorre o ponto de estofo do outro e a significação é obtida); I(A) é a alienação simbólica pela detenção de um significante e i(a) é a alienação imaginária pela fixação em uma imagem; m (moi) é o eu; $<>a é o fantasma que interfere na significação dada pelo outro; $<>D é a pulsão e S(A barrado) é uma significação. Assim, através dos nós estabelecidos, Lacan construiu uma série de caminhos que tentam explicar como a série de significantes do caminho pode explicar, por exemplo: como a cadeia inconsciente fecha sua mensagem em um significante que especifica a falta de significante no Outro, ou como o enunciado da cadeia inferior do grafo completo é como o conteúdo do que se diz, enquanto que na cadeia superior é como o ato de dizer. Autores da Psicanálise ilustram os significados dos vários caminhos no grafo.

Grafos, linguagem, Lacan

PROEX-UNESP

HIST

A HOMOPARENTALIDADE SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA E DO DIREITO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Isabella Ferrarez Fernandes Lopes* (Faculdade de Direito-ESAMC e Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia - MG); Renata Ferrarez Fernandes Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia-MG).*

A Homoparentalidade é um neologismo para a situação na qual o adulto que se autodesigna homossexual é pai ou mãe de uma criança. Foi realizada uma revisão sistemática sobre o tema (período de 2008 a 2012) com os seguintes unitermos: "homoparentalidade"; "adoção"; "homosexuallity"; "adoption" nas seguintes bases de dados: PsychINFO, Scielo, BVS e Goolgle Acadêmico. Foram encontrados 37 publicações com os quais foram realizadas leituras, análises e sínteses comparativas. Os dados foram categorizados segundo os seguintes critérios: tipo de publicação (artigo, monografia, dissertação/tese, anais de congresso, cadernos de Conselhos de Psicologia); ênfase da publicação (voltada para a Psicologia, para o Direito, para outras áreas do conhecimento); posição dos autores com relação a adoção por casais homoafetivos (a favor, contra ou não cita); homoparentalidade como tema central/secundário da publicação. Os seguintes resultados foram obtidos: notou-se uma produção crescente (2008: 2 publicações; 2009:10 publicações; 2010: 6 publicações; 2011: 8 publicações e 2012: 11 publicações). Em 2008 encontramos uma publicação com ênfase no Direito (monografia: 50%) e outra com ênfase em Psicologia (estudo de caso:50%, abordando a questão da necessidade de se discutir problemas ligados à identidade sexual da criança adotada); ambas têm a homoparentalidade como tema principal de análise(100%), e a legislação é abordada de maneira sistematizada em 50% das publicações. Em 2009 encontramos 80% das publicações com ênfase no Direito e 20% com ênfase na Psicologia, assim distribuídas: artigos:30%;monografias:40%; dissertações:10% e anais de congressos: 20%. A homoparentalidade é tema principal das publicações (90%); a necessidade de discussão sobre problemas ligados à identidade sexual da criança adotada(40%) aparece tanto em publicações com ênfase na Psicologia quanto no Direito; a legislação é abordada de maneira sistematizada em 90% das publicações; 100% dos estudos são a favor da adoção. Em 2010 33,3% das publicações têm ênfase no Direito e 66,7% têm ênfase na Psicologia, distribuídas da seguinte forma: artigos em revistas na área de Psicologia:67,7% e monografias:16,7%. A homoparentalidade como tema principal e a necessidade de se discutir a identificação sexual da criança adotada estão presentes em 33,3% das publicações; a legislação é abordada em 100% das publicações e 100% dos estudos analisados são a favor da adoção. Em 2011 temos 37,5% das publicações com ênfase na Psicologia e 62,5% com ênfase no Direito: artigos: 63,5%; teses:12,5%;monografias: 25%; homoparentalidade como tema principal: 50% das publicações;necessidade de discutir a questão da identidade sexual:50%; ênfase na legislação:62,5%; 20% das publicações em revistas de Psicologia e 80% em revistas do Direito. Em 2012 temos 27,3% das publicações com ênfase na Psicologia e 63,6% com ênfase no Direito e 9% com ênfase no Serviço Social: artigos: 45,4%; teses:9,1%; monografias: 9,1%; homoparentalidade como tema principal:81,8% das publicações;necessidade de discutir a questão da identidade sexual: 36,4%; ênfase na legislação: 90,1%; 45% das publicações são realizadas em revistas de Direito e não encontramos publicações em revistas do Psicologia. Duas conclusões são notórias: há um maior interesse pelo tema do agente do Direito e faltam estudos psicológicos para além dos aspectos da ligados à identidade sexual da criança.

Direito; Homoparentalidade;Psicologia

JUR

A LEI 11.340 EM CENA: ENTRE O FLUXO FORMAL E FLUXO OBSERVADO DA JUSTIÇA CRIMINAL. *Regina Ingrid Bragagnolo, Mara Coelho de Souza Lago, Theophilos Rifiotis (Universidade Federal de Santa Catarina)*

O objetivo deste trabalho é descrever as práticas da justiça criminal construídas a partir da Lei Maria da Penha, pelos operadores de direito encarregados da aplicação deste dispositivo legal, no âmbito de uma Vara Criminal e Juizado de Violência contra a Mulher do estado de Santa Catarina.Trata-se de oferecer elementos para a análise de um campo de práticas e saberes construídos no processo de mudanças institucionais ocorridas com a homologação da Lei nº 11.340 em um Tribunal de Justiça, com a intenção de contribuir para as reflexões políticas dos movimentos feministas, ao revelar as diferentes formas de deliberação jurídica na aplicação dessa normativa. Trata-se de um estudo de inspiração etnográfica, que utilizou como principal fonte de pesquisa entrevistas com operadores do direito, diários de campo construídos a partir da observação de audiências e a análise documental de processos penais. Essa pesquisa mostra que as práticas rotineiras dos operadores do direito no tratamento jurídico dos casos tipificados como de "violência doméstica e familiar contra a mulher", estavam orientadas pelo modo como os operadores do direito lidavam com as decisões políticas estabelecidas no cenário nacional, repercutindo em diferentes arranjos institucionais na aplicação da Lei, e possibilitando que o fluxo de trabalho estivesse centrado nas audiência denominada de ratificação. No período da pesquisa, a economia de trabalho estava organizada a partir da decisão formal do Supremo Tribunal da Justiça, tornando a "audiência de ratificação" a porta de entrada no judiciário para as mulheres que apelavam à Lei Maria da Penha. Essa modalidade de audiência foi criada para atender a necessidade de "representação" da mulher, já que os outros procedimentos e sessões de audiências seguiam o mesmo rito e percurso institucional das ações penais. No plano formal, a ação era considerada condicionada à representação da mulher em "situação de violência doméstica e familiar", entretanto, na observação do fluxo dos processos referentes a Lei Maria da Penha, o conjunto das relações estabelecidas dentro e fora das "audiências de ratificação" permitiam ou não a continuidade do processo penal. De toda forma, essas audiências, nesse contexto específico, parecia representar parte significativa da economia de trabalho do juizado, resultando principalmente numa dinâmica inicial de triagem/seleção dos casos que chegavam ao judiciário e, por conseguinte, no afunilamento dos processos penais. Novos procedimentos foram instaurados, dentre os quais destaco a "medida protetiva" e a própria "audiência de ratificação", por introduzirem no sistema de justiça criminal procedimentos que visam o amparo legal da mulher nos casos de "violência doméstica e familiar". Tratam-se, assim, de práticas judiciais que se configuram como heterogêneas, ocasionando algumas vezes o arquivamento do processo, dependendo do estilo de cada magistrado/a. Nesse sentido, a 3ª Vara Criminal e Juizado de Violência Doméstica e Familiar apresentou incoerências, operando com lógicas distintas, e até mesmo contraditórias, nos encaminhamentos e procedimentos jurídicos. Aliás, as normativas legais, mesmo com os dispositivos da Lei Maria da Penha, continua não dando conta da complexidades da "violência doméstica e familiar contra a mulher" por ser este um fenômeno que extrapola a tipificação criminal, possibilitando que os operadores do direito façam uso de significados sociais e opiniões pessoais, para lidar com os casos. Desse modo, os operadores do direito não apenas regulam, avaliam e aplicam os dispositivos da Lei 11.340 e do Código Penal, mas o fazem guiados por valores morais e políticos, demonstrando que o Judiciário atua de modo complexo e nem sempre dentro das expectativas implicadas na criação dessa Lei e nas apostas dos movimentos feministas, relacionadas à defesa dos direitos das mulheres. Essa questão pode ser visualizada nas

traduções dos dispositivos da Lei Maria da Penha, em especial por terem uma margem de interpretação bastante elástica, na qual sobressaem especialmente a valoração da família, deixando perceber que a tradução dos casos de "violência doméstica e familiar contra a mulher" não se esgota nos seus enunciados legais.

JUR

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AO ACESSO À JUSTIÇA: O TRABALHO DO PSICÓLOGO NO NÚCLEO DE MEDIAÇÃO E CONCILIAÇÃO. *Vitor Vasconcelos de Araújo, Mônica Barbosa (Universidade de Fortaleza)*

O Escritório de Práticas Jurídicas, localizado na Universidade de Fortaleza, no Estado do Ceara, caracteriza-se como um espaço de aprendizagem do estudante de direito com o objetivo de proporcionar ao discente adequada formação profissional técnico-jurídica com bases humanistas. O EPJ realiza atendimentos mediante convênio entre a própria Universidade, a OAB/CE e Defensoria Pública do Estado do Ceara. Em adição ao público alvo das instituições supracitadas, o escritório conta com os assistidos que vem de convênios com diversas instituições, como associações de bairro, organizações nao-governamentais, Delegacia da Mulher, entre outros projetos sociais. A equipe do EPJ é composta pela supervisão, secretaria de processos, professores orientadores, advogados auxiliares, assistente social, psicóloga e discentes estagiários do curso de direito e psicologia. Os atendimentos da equipe de Psicologia tem como fundamento metodológico o aconselho psicológico, juntamente com a teoria da crise e a psicoteria breve focal. Outra forma de atendimento se refere ao acompanhamento dos assistidos do Núcleo de Mediação e Conciliação, no qual a Psicologia logra em facilitar um processo de decisão amigável do conflito vivenciado pelo assistido, antes, depois ou durante da sessão conciliatória, tendo como objetivo minimizar os sentimentos de angústia e ansiedade. A Psicologia,portanto, facilita o diálogo das partes, a partir dos novos paradigmas que permeiam a jurisdição brasileira.Estes que buscam a resolução do conflito posicionando-se para além da implementação da lei. Mediante esta prática, a Psicologia mira sua intervenção para além da implantação da lei e a efetivação de sua positividade. Permeia, desta forma, um campo subjetivo, dos conflitos, minimizando o sofrimento psíquico daquele que vivencia o conflito. Tal intervenção fundamenta-se em paradigmas de inclusão social, dentre os quais, modelos holistas, que defendem o multipertencimento do sujeito nas dimensões biológicas, culturais e sociais. A intervenção tem como escopo fomentar o diálogo das partes envolvidas na querela jurídica. A mediação, como anteriormente citado, pauta-se em uma decisão voluntária do assistido alvo das práticas jurídicas, sendo o acordo firmado entre os polos opostos do conflito de caráter contratual. Não se limita, portanto, a apreciação de provas ou de identificar a veracidade do discurso daqueles que trazem seus conflitos na mediação, pois sua prática é de interesse privado e a sua homologação dar-se-á pela reciprocidade de aceitação do acordo proposto. A equipe do EPJ atualmente é constituída de 5 estagiários do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza e uma Psicóloga responsável pelo setor de atendimento psicológico. Estes são realizados anteriormente às sessões de mediação com o objetivo de minimizar o sofrimento do usuário do serviço, bem como esclarecer algumas questões subjetivas e objetivas, se possível. Os atendimentos são agendados, de acordo com os horários das sessões que acontecem no próprio Núcleo de Mediação e Conciliação, e os usuários devem comparecer com meia hora de antecedência à sessão para atendimento psicológico. O setor de psicologia também atua fazendo encaminhamentos, se necessário, para o Núcleo de Assistência Médica Integrada da referida universidade. Existe também possibilidade de atendimentos focais e breves dos assistidos com o intuito de facilitar seus processos vivenciais do conflito, colaborando para a efetivação da prática de mediação.

EPJ. Psicologia. Direito. Mediação

JUR

CRIMINALIDADE COMO UMA CONSEQUÊNCIA A LONGO PRAZO DO *BULLYING*: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *Adriana A. de Almeida[1]** e Lelio Moura Lourenço[2] ([1,2] Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.)*

O bullying é um dos tipos de violência escolar com maior destaque no meio acadêmico nas últimas décadas. Envolve comportamentos adotados intencionalmente por um ou mais estudantes contra outro, dentro de relações desiguais de poder, em que a vítima tem dificuldades para se defender, possuindo um caráter repetitivo com características degradantes e humilhantes. Podem acontecer agressões diretas, físicas ou verbais, e indiretas. O bullying traz consequências prejudiciais a curto e longo prazo: as vítimas podem apresentar quadros de depressão, baixa autoestima, pensamentos suicidas, incontinência urinária, dores de cabeça e de estômago, entre outros; já os autores podem apresentar comportamentos de risco como consumir álcool e outras drogas, portar armas, se envolver em brigas e em comportamentos agressivos, delinquentes e violentos. Com relação as consequências a longo prazo, este estudo visou conhecer a possível ligação existente entre bullying escolar e o envolvimento em atos de criminalidade na idade adulta. Para isso foi realizada uma revisão sistemática da literatura, entre os anos de 2007 e 2012, nas bases de dados Web of Science, Scopus, Eric, PsycInfo, Jstor, BVS, Redalyc e Dialnet, com os descritos crime, criminality, offender e delinquency associados ao descritor bullying no campo 'título' de cada base e selecionados apenas os artigos com texto completo. Foram encontrados 16 artigos. O ano com maior número de publicações foi 2011 com 62,5%; seguido por 2008 com 18,7; 2007 com 12,5% e 2010 com 6,25%. No ano de 2009 não houve publicações sobre a temática em estudo. A revista Criminal Behaviour and Mental Health foi a que mais publicou na área (7 artigos), as outras nove revistas que apareceram só publicaram um artigo cada. A maioria dos autores (61,4%) publicaram apenas 1 artigo, ficando 11 autores empatados com 2 publicações cada (3,5%), sendo eles, em ordem alfabética: Elonheimo,H., Farrington,D.P., Kumpulainen,K., Loeber,R., Lösel,F., Moilanen,I., Piha,J., Rönning,J.A., Sourander,A., Tamminen,T. e Ttofi,M.M. 37,5% dos artigos foram escritos por 3 autores e 25% por 4. Apenas 12,5% das publicações tiveram mais de 4 autores. O método de estudo mais utilizado foi o longitudinal (56,2%), seguido pelo transversal (31,2%) e o teórico (12,5%). Com relação aos resultados 90,4% dos artigos encontraram alguma associação entre bullying infantil e criminalidade posterior, apenas 9,4% não encontraram associação ou encontraram de forma limitada. Dentre as publicações que encontraram associação, os papéis nos episódios de violência entre pares que mais apareceram relacionados à criminalidade posterior foram: agressores 31,5%; sem especificação 26,3% e vítimas 15,7%. Esta mesma porcentagem das publicações (15,7%) não encontraram relação entre ser vítima de bullying e criminalidade. O resultado desta pesquisa contribui para o aumento do conhecimento sobre o tema, além de proporcionar uma maior ênfase na importância dos programas de intervenção contra o bullying na escola como forma também de diminuir a criminalidade posterior, com medidas preventivas contra comportamentos antissociais em fases ainda precoces do desenvolvimento, conscientizando escola e família da importância que exercem no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, intervindo desde muito cedo em comportamentos inadequados, na tentativa de evitar que se tornem delinquentes ou criminosos.

bullying, criminalidade, consequências

Bolsa CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

JUR

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EFEITOS PSICOSSOCIAIS NOS LAÇOS PARENTAIS APÓS SENTENÇA DE GUARDA LITIGIOSA. *Vanessa Christiane da Costa Marinho Moura, Jucinara Figueiredo Pinheiro (Tribunal de Jusriça do Estado do Amazonas)*

No Direito da Família o profissional da área da Psicologia busca a preservação do lar no seu aspecto mais significativo: lugar de afeto e respeito favorecendo o vínculo afetivo, visto que, o estado de conflito existente na realidade familiar das famílias em processo de separação, estende-se na briga pela guarda dos filhos, refletindo-se em problemas psicossociais havendo prejuízos aos indivíduos. Esta problemática é constante na atualidade, comprometendo os vínculos parentais, os desenvolvimentos psíquicos, físicos e emocionais das crianças e adolescentes envolvidos em litígio. Entende-se que o estado de família é indisponível e que o fim do relacionamento não pode comprometer os vínculos parentais, uma vez que a unidade familiar persiste mesmo depois da separação. O Judiciário é acionado quando os ex-cônjuges não apresentam capacidade dialógica e não conseguem de comum acordo, definir quem ficará com a guarda dos filhos e quanto aos detalhes da separação, porém, eles deveriam ser os maiores interessados no bem-estar da prole e no seu desenvolvimento sadio. Quando os pais iniciam a disputa judicial, há relatos de negligência, condições que comprometem o desenvolvimento saudável da criança e adolescente, como a negação de afeto, fundamental para a sobrevivência psíquica, bem como, a falta de acompanhamento escolar e de alienação para sua sobrevivência física. É através da intervenção do Juiz que nos processos de guarda litigiosa, este decide com quem os filhos ficarão, atendendo ao melhor interesse da criança e/ou adolescente, e, ainda considerando a vontade e a preservação dos vínculos afetivos, favorecendo o elo de afetividade já existente que merece ser resguardado. A finalidade do estudo tratou de analisar as mudanças psicossociais observadas no comportamento dos filhos provocadas pela dissolução dos vínculos familiares e o pedido da guarda exclusiva como alternativa para minimizar os conflitos nos processos de guarda litigiosa; identificou as formas de intervenção e suas consequências para minimizar os conflitos entre as partes após sentença judicial e delinear um programa de intervenção para os pais, com a finalidade de desenvolver atitudes conciliatórias frente ao sofrimento dos filhos. A amostra foi constituída por partes de processos de Guarda Litigiosa da 9ª Vara de Família de Manaus. O instrumento utilizado para coleta dos dados foi: entrevista individual estruturada com os pais na sala de psicologia do Fórum Lúcio Fonte de Resende, situado no bairro da Cidade Nova. Os resultados esperados subsidiarão a elaboração de um programa de intervenção que minimize os danos emocionais junto às partes de processo cuja separação desencadeia conflitos emocionais que prejudicam o desenvolvimento saudável das crianças envolvidas. Para o resultado da pesquisa, foram observadas as mudanças psicossociais na vida das crianças em situações de acomodação-sentimento permitindo a redução dos conflitos, a manutenção dos vínculos afetivos e o respeito ao melhor interesse da criança. Nos casos em que houve intervenção da Psicologia para minimizar os conflitos entre as partes, constatou-se mais escolhas por atitudes conciliatórias. Nos casos em que não houve orientação e acompanhamento, as partes não apresentaram manifestações conciliatórias. Verificou-se, portanto, a importância de sistematizar um programa de intervenção na Vara de Família para desenvolver mediações nas renegociações das relações dos pais que se separam, valorizando e encorajando a cooperação frente ao sofrimento dos filhos, visando possíveis encaminhamentos de processos para a guarda compartilhada, em que ambos os pais apresentam responsabilidade no processo de maturação dos vínculos afetivos. Palavras-chave: guarda litigiosa, mudanças psicossociais, atitudes conciliatórias.

JUR

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ESTUDO DAS FALSAS MEMÓRIAS NA PSICOLOGIA E NO DIREITO: REVISÃO SISTEMÁTICA (2008-2012). *Isabella Ferrarez Fernandes Lopes* (ESAMC-Direito/Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, MG); Ederaldo José Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, MG)*

Falsas memórias (FM) são lembranças de fatos que nunca ocorreram ou distorções de fatos ocorridos. Esse tema vem sendo estudado na Psicologia Cognitiva, mas tem aplicações no Direito, relacionadas aos testemunhos. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão sistemática sobre o tema (período de 2008 a 2012) com os unitermos "falsas memórias" e "false memory" nas bases PsychINFO, Scielo, BVS e Goolgle Acadêmico. Foram encontradas e analisadas 77 publicações: Os dados foram categorizados segundo o tipo de publicação (artigos, livros, monografias, dissertações e teses; ênfase (Psicologia/Direito); temas associados às FM; FM como tema central/secundário da publicação e se o artigo cita ou não legislação. Os resultados foram os seguintes: Houve uma produção crescente nas publicações (11 publicações em 2008;14 publicações em 2009; 18 publicações em 2010; 26 publicações em 2011 e 8 publicações em 2012). Em 2008 encontramos 60% das publicações com ênfase na Psicologia e 40% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 13%; monografias :13%; livros: 6% dissertações: 40%. As FM são temas secundários em 100% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 27%, seguido de guarda dos filhos com18%; a legislação é abordada em 33%;. Em 2009 encontramos 53% das publicações com ênfase na Psicologia e 43% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 64%; monografias :7%; livros: 7% dissertações: 21%. As FM são temas secundários em 93% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 28%, seguido de depoimento sem dano com14%; a legislação é abordada em 43%; Em 2010 encontramos 29% das publicações com ênfase na Psicologia e 71% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 47%; monografias :23%; livros: 23% dissertações: 11% e teses: 11%. As FM são temas secundários em 94% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 50%; a legislação é abordada em 53%; Em 2011 encontramos 20% das publicações com ênfase na Psicologia e 80% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 68%; monografias :28%; livros: 4%. As FM são temas secundários em 96% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 65%, seguido de direito de família com 45%; a legislação é abordada em 84%; Em 2012 encontramos 20% das publicações com ênfase na Psicologia e 80% com ênfase no Direito, assim distribuídas: artigos: 68%; monografias :28%; livros: 4%. As FM são temas secundários em 96% das publicações; o tema principal ao qual o estudo das FM foi associado foi a alienação parental com 87%, seguido de abuso sexual com 25%; a legislação é abordada em 84%; De forma geral, os dados revelam que, embora de maneira secundária, houve um deslocamento do interesse sobre as FM da Psicologia para o Direito. Neste campo, predominaram os temas da alienação parental, abuso sexual e direito de família.

Direito, Falsas memórias, Psicologia.

JUR

HOMICÍDIOS CONJUGAIS EM FLORIANÓPOLIS. *Mariá Boeira Lodetti; Girardi, J. F.; Martins-Borges, L. (Universidade Federal de Santa Catarina)*

Homicídio conjugal é o termo utilizado para definir os homicídios que ocorrem entre pessoas que estão ou estiveram vinculadas uma à outra, pelo casamento, pela união estável ou pelo namoro. Esta pesquisa objetivou realizar um mapeamento dos homicídios conjugais cometidos na cidade de Florianópolis, entre os anos de 2000 e 2010, a partir de reportagens publicadas pelo jornal de maior circulação da cidade, o Diário Catarinense, e dos processos criminais localizados no Tribunal de Justiça de Santa Catarina, Comarca da Capital, Florianópolis. Para tanto, fez-se, inicialmente, uma detalhada revisão bibliográfica, na qual se pôde constatar que entre os pesquisadores há um consenso no que se refere a algumas considerações relacionadas ao homicídio conjugal, tais como: a presença de violência no histórico da relação conjugal, o impacto da separação, o abuso de bebidas alcoólicas e/ou outras drogas, a prevalência do gesto homicida na população masculina e o impacto dos transtornos psicológicos e do perfil de personalidade. Em seguida, realizou-se uma coleta de dados em dois locais: uma consulta no banco de dados do Diário Catarinense e outra nos processos criminais referentes aos homicídios conjugais sob competência do Tribunal. Ao todo foram encontrados 31 casos de homicídio conjugal, dos quais a maior parte (29) foi cometida por agressores do sexo masculino e somente dois homicídios foram perpetrados por mulheres. Por meio da análise dos dados, verificou-se que a separação tem um impacto importante na maior parte dos homicídios conjugais estudados, uma vez que esses ocorrem quando o casal se separou ou se encontra em processo de separação. Observou-se também que os atos foram quase que na totalidade perpetrados por agressores do sexo masculino, predominantemente mais velhos que as vítimas; por casais em que havia relatos de ciúmes e que se encontravam em relações conflituosas, apresentando indícios precursores como a violência conjugal, o uso de álcool e/ou drogas. É importante ressaltar que o maior risco do homicídio se encontra no período em que um dos parceiros expressa a vontade de se separar ou em até dois meses após a concretização da separação, quando se faz presente – com maior intensidade – o sentimento de abandono. Notou-se ainda um crescimento do número de casos ao longo dos anos, o que denota a importância de se estudar mais profundamente essa temática, na procura de dados que possam oferecer um quadro mais fidedigno de tal realidade. Muitas vezes esses conflitos (geralmente expressos por meio da violência conjugal) foram relatados a membros da família, a profissionais da saúde e a policiais, o que permite pensar que o homicídio poderia ter sido evitado.

Homicídio conjugal, crime passional, uxoricídio

CNPQ

JUR

PANORAMA SOBRE OS DETERMINANTES DO CRIME: UMA REVISÃO DA LITERATURA. *Adriana Aparecida de Almeida, Lelio Moura Lourenço[2] ([1],[2] Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.)*

Para intervir de forma eficaz em situações em que há conflitos com a lei e prevenir novos acontecimentos, é importante que os profissionais (psicólogos, advogados, policiais) e a própria sociedade de forma geral, conheça quais são os principais determinantes do crime ou quais as vulnerabilidades mais ligadas com os atos criminosos para que seus trabalhos sejam eficazes e direcionados para focos específicos – indivíduo em si, comunidade, grupo característico, entre outros. Devido a importância de se conhecer sobre o assunto para propor intervenções eficientes, este trabalho teve por objetivo conhecer quais são os principais determinantes do crime trazidos pelas pesquisas publicadas. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, entre os anos 2000 e 2012, nas bases de dados Web of Science, BVS, Pubmed, PsycInfo, Redalyc, Dialnet, Eric, Jstor e Scopus. Foram utilizadas as palavras 'determinants' e 'vulnerability' associadas com a palavra 'crime' no campo título de todas as bases. Foram encontrados 23 artigos sobre a temática. Destes 52,1% estavam relacionados aos determinantes do crime de forma direta; 34,7% especificavam os determinantes relacionados ao medo do crime e 13% os determinantes envolvidos nos relatos dos crimes. Com relação aos determinantes do crime os fatores mais encontrados foram educacionais e econômicos (18,7% cada); desemprego e oportunidade para o ato infracional (12,5% cada), aplicação irregular de leis (9,3%), idade, fatores demográficos e gênero com 6,2% cada. Já com relação ao medo do crime, os principais determinantes foram gênero (20%), idade (15%), questões sociais (12,5%), status socioeconômico e vizinhança (10% cada). A relação vítima/agressor (50%), tipo de crime sofrido (25%), custo-benefício da denúncia (12,5%) e lugar onde ocorreu o crime (12,5%) foram os principais fatores encontrados que interferem no relato dos crimes. Com relação ao ano de maior publicação sobre esta temática houve igualdade entre 2011, 2009, 2008, 2007, 2004 e 2000, com 13% das publicações cada; todos os autores encontrados tiveram apenas uma publicação sobre o tema e apenas duas revistas The British Journal of Criminology e Environment and Behavior publicaram mais de um artigo (8,7% cada). Tais dados são importantes para aumentar o conhecimento dos profissionais que trabalham diretamente com esta população, assim como mostrar para os governantes de forma geral que investir apenas no sistema de segurança pública de forma a reprimir o crime não é uma medida eficaz, ao verificarmos que pontos que são cruciais para a perpetuação do crime não são alterados. É importante investir em educação de boa qualidade, em trabalho e melhoramento da renda de famílias que vivem em situações de risco, para que os frutos sejam colhidos a médio e longo prazos.

Criminalidade, determinantes do crime, vulnerabilidade

Bolsa CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

JUR

VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL: DADOS DO DEPARTAMENTO DE ATENDIMENTO AOS GRUPOS VULNERÁREIS (DAGV), SERGIPE, BRASIL. *Laize Fonseca Oliveira**, Elder Cerqueira-Santos (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE)*

A violência no Brasil, cujos índices já ocupam a terceira posição entre os países com maiores coeficientes do mundo, é um dos mais graves problemas da saúde pública. A violência sexual infanto-juvenil, uma das quatro modalidades de expressão que caracterizam a natureza dos atos violentos vem crescendo de forma notável, acontece em todo o mundo e têm mobilizado diversos segmentos sociais, no sentido de se pensar formas de enfrentamento desta cruel forma de violação de direitos. Engloba tanto as situações de abuso sexual intra e extrafamiliar que se caracterizam como não possuindo um caráter comercial como as situações de exploração sexual, nas quais a dimensão mercantil está nitidamente presente. Para se compreender estes fenômenos, fazem-se necessários estudos que consigam caracterizar os casos de violência sexual exercendo um olhar crítico desta realidade local. Objetiva-se então, descrever as características da violência sexual de crianças e adolescentes de zero a 18 anos de idade, quanto às características do agressor, da vítima e circunstâncias da violência, a partir dos casos notificados no ano de 2011 do Departamento de atendimento aos grupos vulneráveis de Aracaju-SE. Trata-se de um estudo quantitativo de corte transversal, onde os resultados estão sendo processados no programa SPSS 16.0 for Windows, obtendo-se o número de casos percentuais e prevalências entre as diferentes varáveis coletadas. Os resultados apresentam que uma investigação preliminar junto a 61 inquéritos policiais aponta: 70,5% são vítimas de abuso sexual, 23% de exploração sexual e 6,6% de estupro. Os meses que mais ocorrem tais crimes são Março (29,5%), seguido de Janeiro e Abril com o mesmo percentual (14,8%). No que diz respeito ao vínculo entre agressor e vítima, 34,4% dos agressores são pessoas conhecidas e 14,8% vizinhos. A idade da vítima quando acontece a violência está concentrada entre os 9 anos (13,1%), 12 e 13 anos com 18% e 13,1%, respectivamente. E, do agressor, cerca de 42,7% estão na faixa dos 20 aos 30 anos. A grande maioria (83,6%) são vítimas do sexo feminino e 90,2% dos agressores são do sexo masculino. A residência da vítima (52,5%) é o local onde ocorre grande parte desse tipo de violência, seguido da residência do agressor (24,6%) e da via pública (13,1%). De maneira geral, observa-se que os casos acontecem em bairros periféricos da cidade, caracterizando o nível socioeconômico baixo das famílias envolvidas. Outra variável que pode caracterizar os casos é o nível baixo de escolaridade de agressores. Apesar da teoria deste trabalho já ter sido pesquisada por várias vezes, o tema ainda não está esgotado (estando longe disso – muitas pesquisas continuam sendo desenvolvidas), pois o significado da violência e as várias realidades apresentadas não são únicas. Por fim, como não há dados científicos publicados em relação a dados de violência sexual contra crianças e adolescentes no último ano na cidade de Aracaju, este trabalho virá a contribuir as várias instâncias de redes de proteção infanto-juvenis no sentido de lhes garantir respaldo científico para ações intervencionistas, junto à sociedade aracajuana, já que esta influi diretamente no comportamento dos profissionais.

Violência; abuso sexual; criança.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

JUR

ATENCIÓN PSICOLÓGICA EN EL INSTITUTO ANATÓMICO FORENSE DE MADRID. *Eduardo Andreu Tena, Begoña Arbulo Rufrancos, Lourdes Fernández Márquez, Cristina García, Mª del Mar Gómez Gutiérrez (Instituto Anatómico Forense de Madrid, España).*

Objetivos: El presente trabajo pretende presentar la actividad desarrollada en el servicio de atención psicológica en el Instituto Anatómico Forense de Madrid durante el año 2011. La intervención psicológica que se lleva a cabo en el Instituto Anatómico Forense está enmarcada dentro de la intervención en crisis. Esta intervención pretende incidir activamente en el funcionamiento de la persona de tal manera que se amortigüe el impacto inmediato de la situación traumática y minimice posibles complicaciones psicopatológicas posteriores. Metodología: Los resultados a presentar se centrarán en diferentes indicadores que se registran diariamente tras la intervención realizada con los familiares de los fallecidos que acuden al Instituto Anatómico Forense de Madrid. En concreto, estos indicadores son; a) número de intervenciones realizadas, b) origen de la demanda de intervención psicológica (por iniciativa de la psicóloga, a petición del familiar, por derivación del personal del Instituto Anatómico Forense), c) distribución socio-estadística de la demanda (género del fallecido cuyo familiar ha requerido atención, edad del fallecido cuyo familiar es atendido, nacionalidad del fallecido cuyo familiar recibe atención, pérdidas múltiples, tipo de muerte, persona atendida, más de un familiar atendido, uso de despacho en la intervención, patología del familiar atendido), d) intervenciones realizadas y e) comparativa de intervenciones respecto a año anterior. Análisis de datos: Mediante análisis descriptivos se ha analizado cada uno de los indicadores presentados con anterioridad. Resultados: Durante el período comprendido entre el 1 enero al 31 de diciembre del 2011 se han realizado intervenciones psicológicas con familiares de 1707 fallecidos, de un total de 2110 registros de entrada de fallecidos en el I.A.F. entre los que acudieron inicialmente 1989 familias. Por lo que se ha atendido al 86.06% de las familias que acuden. De estas intervenciones, 1678 se han desarrollado a raíz de la iniciativa de la psicóloga. El mayor número de familiares atendidos han perdido a familiares mayoritariamente hombres (68.54%), de nacionalidad española (91%) y en un rango de edad entre los 66 y 80 años. El tipo de muerte ha sido, en más del 65% de los casos, muerte natural (incluidas muertes tempranas), el 14.41% se ha tratado de suicidios, 14.64% accidentes, el 2.4% homicidios y un 3.8 %, sin determinar. Con mayor frecuencia acuden al Instituto Anatómico Forense los hijos (36%) y hermanos (24%), seguidos del cónyuge/pareja y los padres del fallecido. Las intervenciones se han realizado en el despacho preferentemente en el 19% de los casos. Por último, en el 78% de los casos atendidos se aprecia un factor mórbido, alguna patología psíquica o elemento de riesgo que puede incidir en el proceso de duelo, considerándose por ello especialmente oportuna esta primera intervención en crisis.

Intervención en Crisis, Muerte.

JUR - Psicología Jurídica, Forense y Criminal

HISTORIA DE LA IMPLANTACIÓN Y DESARROLLO DE LA PSICOLOGÍA FORENSE EN EL ÁMBITO PÚBLICO ESPAÑOL. RETOS EN SU EXPANSIÓN Y ESPECIALIZACIÓN. *Mª José Catalán Frias (Psicólogo Forense de la Administración de Justicia de España - Murcia, Burgos, Madrid, Gerona y Toledo), Laura Espín López (Facultad de Psicología. Universidad de Murcia, España), Milagros del Campo Camara, Rocío Gómez Hermoso, Rebeca Gómez Martín, Josep Ramón Juárez López, Maxim Winberg Nodat (Psicólogos Forenses de la Administración de Justicia de España - Murcia, Burgos, Madrid, Gerona y Toledo)*

La historia de la psicología jurídica y más concretamente la psicología forense en España ha tenido un desarrollo exponencial en los últimos 30 años, en gran medida gracias al trabajo realizado por los psicólogos de plantilla de la Administración de Justicia de España. Fue dentro del campo civil, para trabajar en las evaluaciones familiares en los casos de ruputra de pareja, donde se contrataron los primeros psicólogos, tras aprobarse la Ley de Divorcio de 1981. Se inició el trabajo pericial como experiencia piloto con la contratación de 20 psicólogos, encontrándonos hoy con más de 300 psicólogos dentro de las distintas Administraciones de Justicia, tanto en el ámbito central como autonómico. Las evaluaciones periciales dentro del ámbito de famlia se han centrado fundamentalmente en la evaluación de las alternativas de custodia y el mejor régimen de visitas para los hijos comunes tras la separación de sus padres. Con la Ley de Responsabilidad Penal del Menor (5/2000), la evaluación de los menores infractores ha sido uno de los ámbitos de mayor implantación de los psicólogos forenses, siendo preceptiva la intervención del equipo técnico a fin de valorar la propuesta educativa para los menores que han cometido un delito. En el ámbito penal, los psicólogos están evaluando tanto víctimas como agresores. Centrando nuestro trabajo con las víctimas en los grupos especialmente vulnerables (mujeres, menores y ancianos). Las mujeres víctimas de malos tratos están teniendo una especial atención y protección con una ley específica de violencia de género, en la que los psicólogos tienen una definida labor al evaluar las secuelas psicológicas derivadas del maltrato. A su vez, evalúan igualmente a los denunciados por violencia, realizando informe sobre la dinámica del maltrato, así como a presos condenados por delitos contra las personas valorando el pronóstico de reincidencia. En menores víctimas se requiere nuestra intervención primordialmente cuando se trata de abuso sexual infantil, habiendo sido el análisis de la credibilidad del testimionio (junto con las secuelas psíquicas derivadas de los mismos) donde se han requerido más evaluaciones. Poco a poco la Psicología Forense ha ido implantándose en la Administración de Justicia, atendiendo prácticamente todas las áreas jurisdiccionales (incapacidades, imputabilidades, peligrosidad, etc) pero nuestro trabajo ha sido en muchas ocasiones desarrollado atómicamente, por lo que en este año se ha creado la Asociación de Psicólogos Forenses de la Administración de Justicia (APF), que nace con el deseo de aunar las prácticas profesionales, desarrollar y consensuar guías de buenas prácticas, y contar con un corpus común de intervención, que ayude a la mejora del desarrollo de nuestra labor pericial, así como la expansión y consolidación de nuestro campo de actuación en otras ramas del derecho.

Palabras clave: Psicología Forense, Evaluación Pericial, Historia

JUR - Psicología Jurídica, Forense y Criminal

ANÁLISE DE CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS UTILIZADOS EM ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE ANOREXIA NERVOSA: UM PANORAMA DA LITERATURA NACIONAL. *Felipe Alckmin Carvalho** (Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo, São Paulo/SP), Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira (Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/SP)*

Embora existam manuais de classificação diagnóstica de transtornos psiquiátricos, até o presente, não há consenso entre clínicos e pesquisadores quanto à caracterização diagnóstica de diversos tipos de doenças mentais. Qualquer processo de intervenção psicoterapêutica e medicamentosa de um problema de comportamento inicia-se com uma avaliação diagnóstica precisa. A identificação de características clínicas, assim como o diagnóstico propriamente dito, fazem parte, na maioria das vezes, dos critérios de inclusão de indivíduos em grupos amostrais de estudos científicos. Esta condição é válida para todos os problemas de saúde mental, dentre eles a Anorexia Nervosa (AN), descrita atualmente como um transtorno alimentar associado a altos índices de mortalidade, cujos critérios diagnósticos têm sido amplamente estudados nas últimas décadas. Partindo desta perspectiva, o presente estudo teve como objetivos: (1) Verificar os critérios diagnósticos de inclusão de sujeitos com AN em pesquisas brasileiras no período de 2005 a 2010; (2) Identificar nesses artigos, a avaliação qualis e fator de impacto (FI) dos periódicos onde os mesmos foram publicados e, por fim, (3) Mapear a distribuição da produção científica sobre o tema no país. Os critérios de seleção dos artigos foram: (1) Estudos sobre AN com, pelo menos, um pesquisador brasileiro na condição de autor, publicados entre 2005 e 2010; (2) estudos com dados empíricos provenientes de relatos de caso ou pesquisas de campo publicados nas bases de dados SciELO e PUBMED. Como critérios de exclusão foram definidos: (1) Estudos com desenho de revisão teórica e revisão sistemática e (2) Trabalhos de pesquisa básica com uso de modelos animais. O levantamento bibliográfico foi conduzido mediante os descritores de busca simples e em combinação: transtorno alimentar, Anorexia Nervosa, Brasil, brasileiro e seus correlatos em inglês: eating disorders, anorexia nervosa, Brazil, brazilian. Na temática de AN foram identificados 171 artigos, porém somente 14 satisfizeram os critérios de inclusão. Os resultados mostraram que a produção científica sobre de AN está disposta, em sua maioria, no Sul e Sudeste, sobretudo no estado de São Paulo. Não foram encontrados estudos sobre o tema produzidos nas regiões norte ou nordeste. Entre os critérios de inclusão de sujeitos em pesquisa com AN, os mais utilizados foram o DSM-IV-TR e a CID 10, empregados para o diagnóstico em nove de 14 estudos. Um estudo teve como critério de inclusão dois instrumentos padronizados. Uma pesquisa descreveu como critério de inclusão "diagnóstico médico", sem outras especificações. Três pesquisas não descreveram como os sujeitos de pesquisa, ditos anoréxicos, foram diagnosticados. Houve grande oscilação quanto ao FI dos artigos selecionados, que variou de 1.215 a 2.749, sendo que 7 artigos não tiveram o FI avaliado. O mesmo ocorreu com a avaliação qualis, que variou de "A1", grau de qualidade considerado superior, a "C", nível mais baixo de avaliação. Sete artigos não foram avaliados. Os resultados apontam para a escassez de produção científica baseada em dados de pesquisa de campo com seres humanos, cuja distribuição e qualidade sejam uniformes no país. Cinco dos 14 estudos identificados não mostraram critérios diagnósticos específicos no método, o que demonstra a fragilidade metodológica de boa parte desta produção no país.

Anorexia Nervosa, Diagnóstico e Produção científica

MET

AS DEFINIÇÕES OPERACIONAIS DE RESILIÊNCIA NA LITERATURA ESPECIALIZADA: UMA REVISÃO. *Nathalia Piacentini*, Nathalia Vallim de Oliveira*, Eduardo José Legal, Marina Menezes, Josiane da Silva Delvan da Silva (Universidade do Vale do Itajaí – SC)*

A Psicologia Positiva foca seu interesse de pesquisa sobre os aspectos saudáveis do ser humano entre eles a resiliência. Entretanto, tal fenômeno é utilizado a partir de diferentes conceitos os quais a compreendem ora como adaptação, ora como superação, o que gera divergências sobre o conceito, podendo então ser confundido com outros fenômenos como o coping. Desta forma este trabalho teve como objetivo, investigar as definições operacionais presentes em pesquisas científicas sobre resiliência, e os instrumentos utilizados nestes estudos. Para tanto foi realizado um levantamento bibliográfico e uma análise dos estudos teóricos e de campo no período de 2006 a 2010, descrevendo as definições operacionais e os instrumentos utilizados para medir este fenômeno, assim chegando aos parâmetros definidos para o estudo da resiliência. Tais dados foram levantados em bases de dados e bibliotecas. Dentre o material encontrado foram selecionados os que apresentaram suas definições operacionais, instrumento de medida e coleta e seus fundamentos teóricos. A análise dos dados se deu a partir de quadros de referência, especificando as implicações teóricas e metodológicas dessas definições operacionais de resiliência. Ao final do levantamento bibliográfico foram selecionados 14 artigos, uma monografia e um manual. Para tornar a análise mais clara e de acordo com os objetivos deste estudo foram criadas categorias por semelhança de parâmetros (o que considera-se como resiliência e como se pode observá-la): a) resiliência como adaptação às situações adversas; b) resiliência como superação de situações adversas; e, c) resiliência como adaptação e superação ante situações adversas. A partir destas categorias percebeu-se que muitas pesquisas apropriaram-se de conceitos e definições operacionais diferentes das utilizadas no instrumento de medida aplicado, pois, há um grande numero de definições vigentes atualmente. Desta forma constatou-se que se as definições operacionais são diferentes, um único método não conseguirá abranger o fenômeno pesquisado, salvo se possuir sua própria definição de modo mais amplo. Esta pesquisa também detectou uma carência de instrumentos específicos para medir resiliência no Brasil, e um grande número de pesquisas com enfoque na adaptação, não levando em conta que neste constructo, adaptação e superação são interligados. Por fim, concluiu-se que a resiliência vai além do ato de acomodar-se ou adaptar-se a uma nova situação, pois, enquanto fenômeno diferenciado indica a capacidade de reconstituição, recomposição do sujeito, que se reorganiza de forma diferenciada da sua constituição inicial após enfrentar as situações adversas. Como fenômeno diferenciado (se o é) justifica-se enquanto campo de conhecimento e desenvolvimento de estudos.

Resiliência; Definição operacional; Instrumento

MET

CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DE PROCEDIMENTO DE RECRUTAMENTO PRESENCIAL PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA ONLINE – REPREPON. *João Fernando Rech Wachelke (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG), Jean Carlos Natividade** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS), Alexsandro Luiz de Andrade (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES), Rafael Moura Coelho Pecly Wolter (Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ), Brigido Vizeu Camargo (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).*

No Brasil já são frequentes as pesquisas em psicologia que se utilizam de questionários com convites enviados por email ou publicados em redes sociais, caracterizando estratégias de pesquisa com o recrutamento de participantes realizado por meio da internet. Porém, as pesquisas de levantamento de dados com recrutamento online tendem a apresentar taxas de participação menores que as tradicionais pesquisas enviadas por correio convencional. Ademais, a publicação de convites em sítios de redes sociais muitas vezes ignora a taxa de resposta dos estudos realizados, implicando influência de um viés de auto-seleção dos participantes que pode propiciar problemas na cobertura da população desejada, levantando dúvidas quanto à adequação dos dados obtidos dessa maneira em termos de representatividade, ao menos em comparação com coletas de dados realizadas com estudantes universitários. O presente estudo buscou avaliar um procedimento original misto com recrutamento presencial de estudantes universitários e posterior envio de convite aos emails cadastrados. Em sete estados brasileiros (ES, SC, RS, RN, PE, RO e MS), assistentes de pesquisa fizeram exposições presenciais breves em salas de aula de diversos cursos universitários de instituições públicas e privadas, convidando os alunos a participarem de uma pesquisa sobre temas da vida social. Após garantir a idoneidade do projeto e de seus autores e retirar dúvidas, os assistentes de pesquisa convidaram os interessados em colaborar a cadastrarem seus emails numa ficha impressa, e adiantou que eles receberiam uma mensagem de email nos dias subsequentes com o formulário eletrônico com um questionário contendo perguntas opinativas sobre um de três temas: namoro, curso superior ou emprego. Para compensar os estudantes pelo tempo utilizado na participação, foram oferecidos certificados online indicando a participação na pesquisa e também um relatório simplificado ao fim do projeto, contendo as principais descobertas realizadas. Posteriormente ao recrutamento presencial, foram enviados os convites por email. Para otimizar a taxa de resposta ao questionário, foram enviados lembretes de participação aos voluntários cadastrados 12 e 22 dias após o envio do primeiro convite. Foram enviados com sucesso 2373 convites de participação. A taxa de resposta inicial (até 11 dias após o envio do convite) foi 31,5%, subindo para 41,3% após o primeiro lembrete e chegando à taxa final de 46,2% após o segundo lembrete. As taxas de resposta foram semelhantes para os três temas de questionário utilizados, variando entre 44,6% (curso superior) e 47% (namoro) . Diferenças identificadas nas taxas de resposta de cada Estado podem identificar, por sua vez, diferenças culturais, contextuais, ou de desempenho no recrutamento. Em conclusão, o procedimento, aqui denominado Recrutamento Presencial para Pesquisa Online, "REPREPOn", permite uma relação favorável de custo e benefício aliando taxas de resposta próximas da metade dos inicialmente recrutados, amostras potencialmente grandes, pouco tempo e baixos custos, além de total transparência da cobertura realizada e baixa interferência nas atividades institucionais. Porém, cabe apontar que se mostra como procedimento adequado para ambientes com certas características: o recrutamento deve ser realizado junto a grupos com certa quantidade de pessoas, tais como escolas, universidades e organizações.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Metodologia de pesquisa; coleta de dados; levantamento de dados online.
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
MET

ESCALA DE MATURIDADE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL - EMEP: ESTUDO ATUALIZADO DE CONSISTÊNCIA INTERNA. *Kathia Maria Costa Neiva , Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro.*

A avaliação em Orientação Profissional requer o uso de instrumentos válidos e confiáveis, adequados à realidade brasileira. Portanto, é necessário realizar sistematicamente estudos com os instrumentos existentes, reavaliando sua qualidade métrica e atualizando as normas existentes. A Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP, desenvolvida por Neiva, tem como objetivo avaliar o nível de maturidade para a escolha profissional de adolescentes. A escala é composta de cinco subescalas: Determinação, Responsabilidade, Independência, Autoconhecimento e Conhecimento da realidade educativa e socioprofissional. As três primeiras escalas se referem a atitudes e as duas últimas aos conhecimentos necessários à tomada de uma decisão profissional consciente e madura. Sua fundamentação teórica se baseia na teoria do desenvolvimento vocacional e nas ideias de Super, Ginzberg e Crites com relação ao conceito de maturidade profissional. A escala foi publicada no final da década de noventa e está aprovada pelo sistema SATEPSI desde 2003. Sua validade e fidedignidade foram comprovadas no estudo original e a escala possui normas brasileiras para alunos do ensino médio. O presente trabalho teve como objetivo reavaliar a consistência interna da escala em uma amostra maior e mais ampla do que a do estudo original, após uma década de uso da escala por orientadores profissionais e pesquisadores. O presente estudo foi realizado junto a uma amostra de 1101 alunos, 61,5% do sexo feminino e 38,5% do masculino. A amostra foi composta de alunos do nono ano do ensino fundamental, das três séries do ensino médio e de cursinho pré-vestibular provenientes de escolas particulares (66,5%) e públicas (33,5%) de duas cidades brasileiras: uma localizada na região sudeste e a outra na região nordeste. Com isso, a amostra deste estudo, comparada à do estudo original (n = 506; alunos do ensino médio de escolas particulares de uma cidade da região sudeste), foi não só ampliada, mas diversificada, pois incluiu outras séries (9º ano e cursinho) e alunos de escolas públicas e particulares de duas cidades brasileiras de regiões distintas. Para estudar a consistência interna foram extraídos coeficientes alfa de Cronbach da escala total e das subescalas. Foram obtidos valores de coeficiente alfa acima de 0,70 em todas as subescalas, ou seja: Determinação = 0,89; Responsabilidade = 0,73; Independência = 0,72; Autoconhecimento = 0,75; Conhecimento da Realidade Educativa e Socioprofissional = 0,80. A escala de Maturidade Total alcançou um coeficiente alfa de 0,89. Estes resultados indicam uma boa consistência interna da escala e de suas subescalas, confirmam os resultados obtidos no estudo original da escala e reafirmam assim a qualidade métrica deste instrumento, que tem sido bastante utilizado em Orientação Profissional.

Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – Avaliação Psicológica – Instrumento psicológico

Apoio financeiro: Vetor Editora

MET

UM ESTUDO QUANTITATIVO ACERCA DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DE ALUNOS DE PSICOLOGIA SOBRE A FUTURA PROFISSÃO. *José Wneivton Barbosa, Laís Mororo Correa, Luciana Maria Maia Viana, Maria do Pérpetuo Socorro Pinto, Maria Fábia Rocha, Mirelle Barroso Lima (Universidade de Fortaleza)*

O presente trabalho tem como objetivo identificar o nível de conhecimento de alunos de psicologia sobre aspectos relativos à futura profissão, bem como suas possibilidades e restrições condizentes à atuação ética do profissional. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória, quantitativa, com a participação de 353 alunos, entre o 1º e o 11º semestre do curso de graduação de uma universidade particular da capital cearense, Fortaleza, sem discriminar a pertinência quanto ao currículo antigo ou novo. A amostra utilizada foi do tipo não-probabilística por conveniência. Para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário, aplicado individualmente, composto por 47 questões, sendo 7 relativas a dados sócio-demográficos (sexo, idade, período do curso, estado civil, renda familiar e religião) e 40 questões fechadas, com a alternativa V, para verdadeiro, ou F, para falso, referentes ao uso de instrumentos, técnicas e formas de atuação em diversas áreas e situações. Os dados foram tabulados e analisados com o auxílio do SPSS, versão 20.0. Dos colaboradores, 275 são mulheres e 74 homens, o que corresponde a 77,9% de mulheres e 21% de homens. Em relação à idade, a faixa etária variou entre 17 e 66 anos. Em relação ao período do curso, 81 participantes, a maior frequência registrada, estão no 6º semestre. Na análise dos dados, foi utilizada a correlação de Spearman, onde se faz referência a variabilidade da escala numérica de -1 a 1, onde, -1 trata-se de uma relação inversa entre as variávieis; quando, no entanto, o número passa a ser positivo, 1, as variáveis estabelecem relação direta. Essa correlação, porém, só é analisada como significativa quando seu valor for igual ou superior a 5%. Dessa forma, observou-se, tal como hipotetizado, que o conhecimento sobre a profissão de psicologia apresenta correlação significativa e positiva com o semestre do aluno, posto que a variável encontrada equivale a o,23, ou seja, 23%. Destaca-se que as variáveis idade, sexo e renda familiar não apresentaram correlações significativas com o conhecimento em questão. Tal resultado parece indicar que o citado curso de psicologia tem, de fato, contribuído para a aprendizagem dos alunos sobre a profissão, independente de suas características sócio-demográficas. Podemos, ainda, como conclusão, perceber a viabilidade de novos estudos serem realizados, afim de relacionar as variáveis aqui analisadas, como correlacionadas ou não, com outros aspectos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Outra possibilidade é a replicação da pesquisa em tela para o acompanhamento do referido processo em um estudo longitudinal.

Nível de Conhecimento da Profissão

Pesquisa Quantitativa

Correlaçãode Spearman

MET

PROPUESTA DIDÁCTICA PARA EL APRENDIZAJE DE LA MEDIA ARITMÉTICA, LA MEDIANA Y LA MODA, PARA ESTUDIANTES DEL PROGRAMA DE PSICOLOGÍA. *Luis Alexys Pinzon Castro (Universidad Cooperativa de Colombia, sede Villavicencio)*

El estudio de la estadística en general nos proporciona técnicas y métodos de análisis de fenómenos observables, enseña y ayuda a investigar en las ciencias en donde la variabilidad es la regla, en lo que se refiere a la recolección, procesamiento, presentación y descripción de información, se ha consolidado como un requisito importante en el análisis de información, en especial el análisis de las medidas de localización; las que son de importancia y aplicación para estudiantes de diferentes áreas del conocimiento, como por ejemplo, ciencias exactas, ciencias humanas, ciencias sociales, ciencias de la salud, en particular para los estudiantes de psicología, ya que en su cotidianidad profesional utilizan herramientas conceptuales básicas como el análisis de gráficos, la caracterización y descripción de información, que se utilizan en situaciones de identificación o caracterización de pacientes.

La presente ponencia presenta una análisis comparativo sobre el rendimiento académico en el aprendizaje de las medidas de localización de estudiantes de psicología de segundo semestre al presentarse dos metodologías, la primera la aplicación de una unidad didáctica mediante la utilización de la pedagogía activa en conjunto con una serie de estrategias y materiales didácticos que pretenden reducir la poca disposición al aprendizaje de estos conceptos por parte de los estudiantes, frente al trabajo con metodología tradicional.

Así, en cuanto a la enseñanza de la estadística, nos encontramos con la complicación de pedir a los docentes que impartan un contenido, para el que no todos han tenido una formación didáctica específica. Así mismo, el número de investigaciones sobre la enseñanza de la estadística es aún escaso, y sólo estamos comenzando a identificar las principales dificultades que tienen los estudiantes en los conceptos más importantes, por mencionar algunos como por ejemplo en los conceptos de la media aritmética, la mediana y la moda" (Batanero, 2000).

Motivado por esta problemática, se realizó este trabajo, soportado en el análisis de una investigación de aula, en la que se establece un estudio sobre la comprensión de las medidas de localización que tienen los estudiantes de psicología de la Universidad Cooperativa de Colombia, sede Villavicencio. El interés por este tema proviene de mi experiencia como profesor universitario de estadística en diferentes universidades de Bogotá y Villavicencio, a lo largo de la cual he percibido múltiples dificultades en los estudiantes y carencias en su aprendizaje acerca de este tema, específicamente de las medidas de localización, su representatividad y su aplicabilidad, sobre todo causado por la poca motivación en el estudio de materias que tengan que ver con las matemáticas, en este caso la estadística.

Así también, según un sondeo realizado al interior de la facultad, mi experiencia y la de otros docentes de esta disciplina, la estadística recibe poca atención por parte de los estudiantes universitarios, en particular de los estudiantes de psicología, a pesar de la importancia en su formación para la investigación y para su aplicación, específicamente en el manejo de pruebas psicométricas.

En contraste con la importancia de la estadística en ésta área de conocimiento, las herramientas que se dan a los estudiantes de esta carrera no responden según los estudiantes sondeados a estas expectativas debido al carácter del proceso de enseñanza

aprendizaje, pues en él no se tiene en cuenta el desarrollo histórico del manejo de información y sus aplicaciones reales en el contexto en el que se están desarrollando profesionalmente, hace falta la contextualización de problemas reales que les permita vislumbrar la importancia de cada medida de localización en su labor profesional; la metodología utilizada en la aplicación es en la mayoría de las ocasiones memorística, en lo que se enfatiza es en formulas y no se da espacio al análisis de los conceptos y su aplicación, por esto mismo se presenta confusión en la utilización de algunos de estos conceptos.

Por otro lado, es evidente la necesidad sentida de aprender a manejar paquetes estadísticos y de análisis de datos. En general el estudiante de psicología, presenta poca disposición a aprender y operar herramientas estadísticas que le permitirían desarrollarse mejor en su campo profesional. Piensa que las disciplinas de las ciencias de la salud requieren de muy poco o incluso de un nulo conocimiento estadístico o matemático, pero en la práctica, tanto el profesional como el estudiante se dan cuenta de que hay profesiones de la salud como la enfermería, la medicina, la odontología, la psicología que requieren, por el contrario, de un alto contenido de ellas.

Por todo lo anterior se desarrolló una propuesta metodológica para enseñar las medidas de localización en particular la media aritmética, la mediana y la moda a estudiantes de psicología, en conjunto con una serie de estrategias y materiales didácticos que pretenden reducir, en cierta medida, esa poca disposición al aprendizaje de esta disciplina, y dar respuesta a la pregunta: ¿lograrán los estudiantes de Estadística Descriptiva de Psicología utilizar de manera adecuada y con precisión la media aritmética, la mediana y la moda después de utilizar una unidad didáctica pertinente a su contexto, enfocada en la pedagogía activa? Y se compararon los resultados obtenidos en los dos grupos, el anterior y el grupo de estudiantes aprendiendo con la utilización de la metodología tradicional, en la cual la memoria es el soporte básico.

Se utilizó en la elaboración de la unidad didáctica la pedagogía activa como una herramienta metodológica que permite utilizar los preconceptos y actividades construidas con el propósito único que el estudiante sea el que maneje los ritmos de su propio aprendizaje, con la colaboración del docente quien juega un papel muy importante, en cuanto al diseño de actividades que permita que el estudiante vaya paso a paso incursionando en cada uno de los conceptos, propiedades y aplicaciones de los mismos.

Así mismo, se presenta la metodología utilizada para evaluar la aplicación de la unidad didáctica en torno a los preconceptos adquiridos por los estudiantes desde su educación escolar, en los diferentes colegios de bachillerato de donde llegan a la universidad, frente a los estudiantes que no utilizaron la unidad y trabajaron los conceptos de media, mediana y moda con metodología tradicional y menor tiempo de trabajo.

Aprendizaje, estadística, psicología.

MET - Metodología de Investigación y Instrumentos

ANÁLISE DE CLIMA ORGANIZACIONAL COMO MEIO DE APRENDIZADO NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA. *Rebeca Harumi de Nóbrega Guenka*, Luisa Souza Trindade*, Naianne de Cassia Moura Lira*, Julia David Wahrendorff* e Ana Thereza Nunes de Aguiar Rodrigues* (Universidade de Brasília)*

O conceito de clima organizacional não é consensual, mas pode ser definido como fenômeno multidimensional e duradouro, formado e compartilhado pelas experiências dos indivíduos com a finalidade de orientar e regular o comportamento desses na organização. Uma maior compreensão do clima organizacional orienta a criação de estratégias organizacionais que visam aperfeiçoar os pontos a serem desenvolvidos na empresa, proporcionando assim a otimização do desempenho dos trabalhadores e por conseqüência do desempenho organizacional. Tal desempenho pode ser aprimorado pode meio do aumento da motivação, satisfação com o trabalho e qualidade de vida. Tendo em vista a importância da pesquisa desse construto para o crescimento de uma empresa e consequentemente da demanda desse tipo de serviço no mercado, assim como a necessidade de se colocar em prática todo o conhecimento sobre o assunto durante a graduação em Psicologia, esse trabalho tem como objetivo apresentar como foi realizado o serviço de análise do clima organizacional de organização de médio porte do Distrito Federal prestado por uma Empresa Júnior de Psicologia da Universidade de Brasília. Para a realização da pesquisa houve a confecção e a validação de um questionário formado por seis dimensões: Liderança/Autoridade, Valorização, Relações Interpessoais, Suporte Organizacional, Clareza e Interesse pelo trabalho, com a escala de respostas variando de 1 a 5, sendo 1 correspondente a discordo totalmente e 5 a concordo totalmente. A aplicação do instrumento contou com a participação de vinte e três membros da Empresa Júnior e foi realizada em uma amostra de 1060 funcionários da organização. Os dados foram analisados por meio do software PASW Statistics 18. Observou-se que a percepção dos fatores Interesse e Clareza pode ser considerada favorável. Já as percepções dos fatores Liderança/Autoridade, Relações Interpessoais, Suporte Organizacional e o fator Valorização foram indicados como aceitáveis, o que sugere que não são fatores que precisam de uma intervenção imediata. Esses resultados serviram para estabelecer e implantar ações que trouxessem melhorias para os fatores que obtiveram os escores menos favoráveis nessa organização. Desse modo, para o cliente os serviços puderam incitar melhorias organizacionais para que os funcionários tenham melhor bem estar no trabalho, podendo gerar mais produtividade na organização. No âmbito das empresas juniores, os benefícios trazidos pela realização desse serviço podem ser observados em diversas dimensões, entre elas maior visibilidade, fidelização e indicações de clientes para a empresa, a capacitação dos alunos membros em termos de conhecimentos técnicos, sendo essa uma oportunidade para aplicar na prática o que foi aprendido nas salas de aulas e em pesquisas, bem como o contato com o mercado de trabalho mais cedo, dando assim possibilidade de crescimento profissional e pessoal durante a graduação.

Clima Organizacional, Empresa Júnior, Mercado

ORG

EFEITOS DO DISCURSO DE COMPETÊNCIAS NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO CONTINUADA NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL BRASILEIRA. *Luana Silvy de Lorenzi Tezza Magnin, Wallisten Passos Garcia, Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan (Fiocruz)*

O discurso das competências tem estado em grande evidência nas discussões relacionadas à educação continuada na administração pública federal brasileira. Quais as produções subjetivas desse enunciado, aparentemente neutro e comprometido apenas com a melhora da qualidade dos serviços? Este trabalho analisa os efeitos do discurso das competências nos modos de subjetivação dos sujeitos envolvidos nas práticas de educação continuada na administração pública. Trata-se de um estudo discursivo-conceitual, a ser realizado a partir da perspectiva bakhtiniana, por meio do qual o conceito das competências será estudado em sua polissemia constitutiva e em relação aos seus movimentos de tensão e contradição. As condições de produção socio-históricas do enunciado são analisadas em sua ascensão e legitimação enquanto discurso oficial da capacitação de pessoas na administração pública. Verificamos que o discurso de valorização da capacitação de pessoas no cenário público atual está intrinsecamente relacionado à busca pela apresentação de melhores resultados para as instituições, de modo que as práticas educativas incentivadas são as que podem ser imediatamente mensuradas em termos de efetividade, eficiência e eficácia. O discurso das competências e as práticas educativas por ele engendradas produzem modos de subjetivação que conferem aos sujeitos lugares sociais específicos, cujos efeitos não se restringem à dimensão técnica do trabalho, mas se propagam para sua vida e relações cotidianas. Na forma como o discurso da competência é utilizado, a dimensão humana dos sujeitos parece ser secudarizada em relação à sua dimensão instrumental e produtiva. Apesar disso, o sujeito é convocado e seduzido, em sua existência, a ser inovador, criativo, flexível, pró-ativo, autônomo e (hiper)responsável, uma vez que deve ser capaz de responder por várias vozes. E é também convocado a se envolver, de modo capilar, na construção do futuro das instituições das quais é participante. Esse enunciado das competências responde e tensiona com os discursos dominantes das reformas educacionais do Brasil dos últimos trinta anos e se direciona às teorias atuais da administração, que sustentam a neutralidade, a objetividade, a meritocracia, a profissionalização do serviço público e a gestão estratégica de pessoas como "cláusulas pétreas" na gestão das instituições. Constatou-se que, apesar de oficial, o discurso das competências ainda não se encontra suficientemente consolidado no setor público, e que as críticas às práticas educativas amparadas por esse discurso, apesar de menos evidenciadas, são tão diversas quanto o próprio conceito. Desse modo, considera-se relevante o desenvolvimento de pesquisas que possam direcionar os programas de educação continuada e que considerem os servidores não apenas como destinatários de cursos e formações definidas por uma "cúpula estratégica", mas como sujeitos de voz, habilitados a construirem, pensarem e a responderem, para além do futuro das instituições, às necessidades atuais de qualificação do serviço público federal.

Apoio bolsa CAPES

Palavras-chave: competências, educação continuada, discursos

Mestrado – M

ORG

ELO CONSULTORIA - EMPRESA JUNIOR DE PSICOLOGIA: RELATO DE UM PROJETO DE PESQUISA E ENSINO. *Regina Márcia Brolesi de Souza (Universidade Estadual de Londrina)*

O presente trabalho apresentará um relato de experiência do Projeto de Ensino - Elo Consultoria, empresa júnior de psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Trata-se de um projeto de ensino que tem como objetivo desenvolver as habilidades profissionais e pessoais dos graduandos de todos os anos do curso de Psicologia. De acordo com o Conceito Nacional de Empresa Júnior (CNEJ), Empresa Júnior é uma associação civil constituída por alunos matriculados em cursos de graduação em instituições de ensino superior. Tem por objetivo realizar projetos e serviços na área de atuação do curso de graduação no qual a empresa júnior está vinculada, colocando em prática o que é aprendido durante a graduação. Empresas Juniores contribuem para o desenvolvimento do país, e na formação de profissionais capacitados e comprometidos com as atividades que realizam. Além disso, o desenvolvimento profissional das pessoas que compõem o quadro social da Empresa Junior é fomentado por meio da vivência empresarial, que permite aos jovens empreendedores desenvolverem habilidades relacionadas à graduação e habilidades comportamentais como trabalho em equipe e relacionamento interpessoal. A metodologia utilizada no presente trabalho foi a análise documental de registros e projetos que a Elo Consultoria, como Empresa Júnior de Psicologia, produz e já produziu, além de relato de alunos e professores inseridos no projeto, bem como ex-alunos já atuantes na área de psicologia organizacional e do trabalho. Dentre os resultados obtidos verifica-se que na Elo Consultoria, Empresa Júnior de Psicologia que realiza serviços na área de Gestão de Pessoas, os membros (atualmente com 25 estudantes, do primeiro ao quinto ano do curso) possuem oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. A diretoria de gestão de pessoas é responsável por passar feedbacks aos membros para sinalizar questões que devem ser melhoradas além de apontar as situações em que o membro se comportou de forma adequada. A Elo consultoria possui também o Programa de Capacitação Individual que trabalha com o desenvolvimento de competências individuais, em que cada membro é responsável por preencher uma ferramenta descrevendo como se auto-avalia em relação a cada competência e a partir disso, com acompanhamento da diretoria de gestão de pessoas, traçar estratégias para melhorar e aperfeiçoar suas habilidades em todas as áreas da empresa, e também no que diz respeito à sua vida pessoal. Os participantes da empresa júnior buscam também o desenvolvimento constante a partir de treinamentos que são captados pelos próprios membros a partir das demandas observadas na empresa. Verifica-se que a maioria dos ex-alunos que já foram da Elo encontram uma grande oportunidade no mercado externo quando buscam o primeiro emprego. Pode-se concluir então, que a experiência em um projeto de ensino como a Empresa Júnior Elo Consultoria é importante e significativa para a inserção dos alunos no campo de atuação da psicologia organizacional e do trabalho, uma vez que além da aproximação prática, possibilita aos alunos um aprofundamento teórico e uma maior produção de conhecimento.

ORG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NO CONTEXTO DO TRABALHO CONTEMPORÂNEO. *Nayara Silva de Noronha, Déborah Mara Siade Barbosa, Alessandro Vinícius de Paula, Cléber Carvalho de Castro (IFSULDEMINAS)*

As recentes transformações na sociedade contemporânea implicam em mudanças não só na esfera econômica, mas também nos formatos organizacionais, na gestão empresarial e no mundo do trabalho. As inovações tecnológicas são apontadas como precursoras de tais alterações e o empreendedor como agente propulsor da inovação. Em relação ao trabalho humano, a inovação e o empreendedorismo geram um fenômeno paradoxal, por um lado há uma reestruturação do trabalho, que modifica a estrutura, a cultura, a filosofia e as dimensões do trabalho, por outro, esta também pode fomentar as desigualdades sociais e exclusão, contribuindo para o desemprego e subemprego. Assim, considerando o trabalho como uma categoria estruturante para o ser humano, este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca das transformações que as inovações tecnológicas e o fenômeno do empreendedorismo podem acarretar nas formas de organização do trabalho no mundo contemporâneo. É preciso compreender que a inovação tecnológica, apesar de trazer benefícios ao desenvolvimento técnico-científico de uma sociedade, com repercussão em diversas áreas, nem sempre se traduz em uma mudança substantiva em termos de melhoria das condições do trabalho e do processo organizacional como um todo. A exaltação simplista e acrítica da inovação como componente do desenvolvimento econômico tende a não levar em consideração os seus impactos sociais, sendo, no mínimo, preocupante tal constatação. Do mesmo modo, a glorificação do empreendedor como sujeito promotor da inovação tecnológica cria estereótipos para o perfil desejado de um "novo" trabalhador. Nesta perspectiva, os indivíduos que não apresentam perfis considerados inovativos, criativos e proativos estão ficando à deriva dentro das organizações, em sub-funções ou excluídos do mercado de trabalho. Tais constatações aumentam a complexidade da compreensão do mundo do trabalho, o qual possui caráter subjetivo e central na vida do indivíduo. Destarte, essas transformações provocam diversas conjecturas acerca das consequências das mudanças na sociedade contemporânea para os formatos organizacionais, para as relações de trabalho, para a saúde do trabalhador, bem como para os aspectos macro ambientais, tais como a concentração de renda e as desigualdades sociais do país. Há de ser levar em consideração que as principais correntes teóricas de inovação e empreendedorismo são desenvolvidas em uma cultura empresarial, econômica e educacional diferente da realidade brasileira. A importação destes modelos para o cenário brasileiro apresenta particularidades de fundamental importância para a compreensão das transformações que a inovação tecnológica e o empreendedorismo podem acarretar em um país em desenvolvimento, cujas mudanças sócio-econômicas, apesar de lentas, são graduais e contínuas. Desse modo, faz-se necessário refletir acerca dessas novas configurações e ponderar se tais modificações implicam apenas em benesses à sociedade, em especial a nossa realidade brasileira. Tal reflexão crítica mostra-se urgente, em especial, para os pesquisadores e profissionais que atuam nas áreas de Gestão de Pessoas, estudos organizacionais, ciências sociais, campos multidisciplinares de investigação e atuação que congregam várias áreas do conhecimento e profissionais diversos.

ORG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

GERAÇÃO Y E VALORES: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE JOVENS TALENTOS. *Jamile Gomes Santos, Roberta da Silva Pereira, Rodolfo de Castro Ribas Junior (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ)*

O mercado de trabalho brasileiro aponta para a falta de mão de obra qualificada no país. As empresas procuram jovens talentos para preencher as oportunidades nos programas de estágio e trainee, com perspectiva futura de ocuparem cargos de liderança. Esses jovens talentos, que estão na faixa etária de 18 a 25 anos são atualmente conhecidos como Geração Y. A geração, conhecida nos Estados Unidos como "Geração Internet", é identificada por ser multitalentosa, superestimada, socialmente consciente, exigente e criativa. A Geração Y é um desafio para os gestores que geralmente têm a mesma idade de seus pais superprotetores. O advento da tecnologia pode favorecer e estimular uma nova configuração na rotina de trabalho para a liberação das pessoas do trabalho meramente operacional para a realização de atividades mais avançadas e assim poderem empregar maior força intelectual, fazendo uso da criatividade, da inovação, atributos que os jovens talentos demonstram interesse e realização nas atribuições profissionais. O objetivo geral do estudo é identificar as definições e descrições referentes a essa geração, que tem sido relevante tema de pesquisa por autores estrangeiros. Parece restrita a pesquisa científica brasileira sobre o assunto, razão pela qual, utilizar-se-ão referências bibliográficas desses autores estrangeiros com o intuito de verificar a correlação existente entre os jovens estudados por estes autores e os jovens que serão a amostra desta pesquisa. Como objetivos específicos espera-se: verificar se os valores organizacionais que as empresas possuem e apresentam nos programas seletivos, aproximam-se dos valores e expectativas desses jovens profissionais; compreender mais claramente como os valores estão vinculados aos jovens da Geração Y, identificando dados que levarão a resultados sobre a possibilidade de alinhamento de valores pessoais e organizacionais. A metodologia utilizada nesse estudo compõe uma revisão bibliográfica e uma pesquisa sobre a Geração Y, valores pessoais e organizacionais com intuito de obtenção de dados que corroborem com os estudos teóricos. Utilizar-se-ão questionários estruturados para identificar tipos motivacionais de valores pessoais e os valores organizacionais que constituem o núcleo da cultura organizacional. Analisar os valores da Geração Y e os valores estruturados das organizações possibilitará um senso de direção, sustentação de atitudes, orientação do comportamento, auxílio na identificação de interesses e desejos dos colaboradores. Pretende-se através da pesquisa, colaborar para a melhor compreensão dos profissionais que atuam com gestão de pessoas a conhecerem mais sobre os desafios e oportunidades relacionados à Geração Y na esfera profissional e ampliar os estudos e pesquisas sobre o assunto, a fim de colaborar com a ciência e a sociedade.

Geração Y, Jovens Talentos, Valores

ORG

GESTÃO DE PESSOAS DE UMA EMPRESA DO SETOR SUCRO-ALCOOLEIRO: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Ana Paula Medeiros, Carolina Ruiz Longato, Thaís Zerbini (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

O atual mercado de trabalho é marcado pela intensificação e ampliação da concorrência, pela crescente instabilidade de negócios e atividades, pela volatilidade do conhecimento, pela baixa previsibilidade da relação das empresas com seus mercados e clientes e pela intensificação de estratégias de customização. Neste contexto, a área de Recursos Humanos (RH) aparece como elemento diferencial entre as empresas. O modelo de Gestão de Pessoas por Competências tem se mostrado capaz de lidar com as exigências do contexto atual. O conceito de competência é definido como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHAs) observáveis e mensuráveis, que estão disponíveis para serem mobilizados numa situação específica, a fim de alcançar um determinado propósito no trabalho, que podem ser desenvolvidos e treinados. A adoção deste conceito permite maior flexibilidade e adaptabilidade, condizente com a tendência do mercado. Este estudo objetivou analisar atividades de uma empresa do setor sucro-alcooleiro, assim como, refletir acerca de como tais atividades poderiam ser melhor desempenhadas, tendo em vista a missão, os valores, a visão e as estratégias da organização. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com o Supervisor de Administração Pessoal e com Gerente de Recursos Humanos; análise documental e consulta ao site da empresa. Os dados foram analisados a partir da perspectiva do modelo de Gestão de Pessoas por Competências. A organização trata-se de uma empresa privada, que contava com aproximadamente 7000 funcionários, entre a matriz e duas filiais. A empresa possui clara estrutura burocrática, com alto grau de especialização vertical e horizontal. Percebeu-se que se encontra em um momento de transição de um modelo de gestão mais tradicional para um modelo de Gestão de Pessoas próximo ao modelo Gestão por Competências. Parece que essa reestruturação acontece em paralelo, porém em menor velocidade, com outras mudanças estratégicas que a empresa teve de adotar para se manter competitiva, diante da instabilidade do mercado. Existe uma tentativa de mapeamento das competências, tanto organizacionais quanto individuais. O gerente reconhece que para mapear competências e pensar em treinamentos é necessário que se desenvolva um trabalho de pesquisa nas diversas áreas da organização. A organização demonstra uma preocupação com possíveis objetivos e metas dos funcionários, o que, do ponto de vista, estratégico é fundamental. A visão estratégica permite que a organização desenvolva programas de responsabilidade sociais: pelo o que foi observado no site da empresa, são bem elaborados e reconhecidos pela comunidade. Entretanto, inferiu-se que a organização ainda possui déficits nos procedimentos de avaliação de desempenho dos funcionários, o que pode dificultar o trabalho de mapeamento das competências e a avaliação da necessidade de treinamentos. Foram sugeridas alterações, como a adoção de critérios de seleção menos subjetivos e maior esclarecimento sobre planos de carreira. Estudos que envolvem organizações do setor sucro-alcooleiro são importantes, principalmente, devido às responsabilidades econômicas e sociais que este setor assume no país como um todo. Melhorias na maneira como se organiza a Gestão de Pessoas no comércio da cana-de-açúcar significa melhores condições de trabalho e maiores possibilidades de crescimento econômico para as organizações e para o país.

Psicologia Organizacional; Gestão de Pessoas por Competência; Setor Sucro-alcooleiro.

ORG

IMPACTO DE SATISFAÇÃO NO TRABALHO, PERCEPÇÃO DE SUPORTE ORGANIZACIONAL E SOCIAL NO TRABALHO SOBRE BURNOUT. *Áurea de Fátima Oliveira, Vanessa Faria Neves**, Priscila Castro Alves** (Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia – M.G)*

Burnout é uma síndrome psicológica decorrente de tensão emocional crônica no trabalho, sendo constituído pelas dimensões exaustão emocional (sentimentos de desgaste emocional e esvaziamento afetivo); desumanização (reação negativa, insensibilidade ou afastamento excessivo do público que deveria receber os serviços ou cuidados do paciente); e decepção no trabalho (sentimento de diminuição de competência e de sucesso no trabalho). Dentre estudos empíricos sobre o tema, há aqueles que tratam de perfil epidemiológico, contudo, há uma carência de pesquisas empíricas brasileiras que sejam capazes de revelar fatores organizacionais relacionados ao desenvolvimento do Burnout. Frente a essa lacuna na literatura, este trabalho teve por objetivo estudar o impacto da satisfação no trabalho (ST), percepção de suporte organizacional (PSO) e percepção de suporte social no trabalho (PSST) sobre a Síndrome de Burnout (SB) em profissionais da saúde. A amostra do estudo consistiu em 255 trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário que responderam a um instrumento contendo dados sócio-funcionais, e escalas válidas e fidedignas dos construtos relacionados. Os dados foram analisados através do programa SPSS 12.0, sendo calculadas estatísticas descritivas, Alpha de Cronbach e análises de regressão múltipla stepwise. As variáveis dependentes foram exaustão emocional, desumanização e decepção no trabalho. Os índices de confiabilidade para as escalas nesta amostra do estudo foram satisfatórios. Os resultados indicaram que para a dimensão de exaustão emocional há quatro preditores, sendo eles: satisfação com a natureza do trabalho com maior percentual de variância explicada (29%), percepção de suporte organizacional (5%), suporte social emocional no trabalho (2%) e satisfação com o salário (1%). A dimensão desumanização teve como antecedentes a satisfação com a natureza do trabalho com 7% de variância explicada, e a percepção de suporte organizacional que explicou 2% da variância. Por sua vez, a dimensão decepção no trabalho, apresentou os mesmos preditores de exaustão emocional, com percentuais semelhantes de variância: satisfação com a natureza do trabalho (29%), percepção de suporte organizacional (6%), suporte social no trabalho emocional (1%) e satisfação com o salário (1%). Os maiores percentuais de explicação para as três dimensões da Síndrome de Burnout foram atribuídos à satisfação com a natureza do trabalho e à percepção de suporte organizacional, evidenciando a importância das organizações de saúde estabelecerem estratégias de valorização dos profissionais da área de enfermagem, bem como apoio material e gerencial às atividades desenvolvidas por esses trabalhadores. Diversas pesquisas mostram que características do ambiente de trabalho estão associadas ao desenvolvimento da exaustão emocional, que é considerada como o fator central do Burnout. Outros estudos serão necessários a fim de confirmar se essas relações se sustentam com outros profissionais da saúde. Além disso, uma das limitações desse estudo consiste no fato de ele ter sido desenvolvido em um único Hospital Universitário, o que torna restrita a generalização dos seus resultados.

Burnout, percepção de suporte organizacional, percepção de suporte social no trabalho, satisfação no trabalho

ORG

INCERTEZAS PSICOLÓGICAS NA AÇÃO EMPREENDEDORA. *Nayara Silva de Noronha (IFSULDEMINAS)*

O empreendedorismo é indicado como um dos fatores críticos de sucesso mais significativos para o desenvolvimento econômico e geração de riqueza e renda para as nações. A figura do empreendedor, devido seu papel como agente do desenvolvimento econômico e propulsor de inovação, destaca-se em um cenário globalizado que exige das organizações uma nova postura para obter ou manter sua competitividade. Dentre as diversas variáveis que compõe este fenômeno, a incerteza aparece como um dos elementos centrais que permeia a ação empreendedora. Destarte, este trabalho é resultado de estudos e reflexões acerca da temática para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, com o objetivo de expor considerações acerca da influência da incerteza psicológica na ação empreendedora. A incerteza, sob a abordagem psicológica, é compreendida como o processo de procura de regularidades naquilo que nos rodeia e por isso, os sujeitos procuram controlar e prever o desconhecido. Esta está relacionada com as inseguranças e desconfianças do ser humano a partir das suas experiências e do seu desenvolvimento. A incerteza pode tornar-se perturbadora quando os indivíduos acreditam ser capazes de influenciar o que vai acontecer ou influenciar a forma como lidar com isso. Atualmente, o aumento da competitividade e a pressão pela produtividade geram complexificação das relações profissionais, causando insegurança nos sujeitos com relação ao profissional. O empreendedorismo surge como o processo de criar algo novo com valor dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência econômica, pessoal e social. Deste modo, percebe-se que a figura do empreendedor, como sujeito promotor da inovação e agente do desenvolvimento econômico, convive com a incerteza em toda sua ação. Nesta perspectiva, os indivíduos empreendedores precisam apresentar perfis considerados inovativos, criativos e proativos para driblar a influência do desconhecido em seu contexto de trabalho. Assim, a aprendizagem social acerca das incertezas permite ao empreendedor atribuir significados aos acontecimentos e gerir as incertezas humanas. Os empreendedores, então, passam a transformar o significado do trabalho devido à vivência em um sistema caracterizado pela incerteza. A busca pelo novo, a aceitação do risco e as recompensas advindas da ação empreendedora são, muitas vezes, consideradas as variáveis motivadoras para o sujeito empreendedor. Entretanto, tal ponto de vista, desconsidera que os indivíduos encontram dificuldades em lidar com a incerteza na construção de significados para a existência pessoal e profissional. O empreendedor, na glorificação de sua figura no cenário sócio-econômico, fica a deriva da compreensão de suas inseguranças, o que provoca uma concentração de estudos explicativos sobre o empreendedorismo e não compreensivos. Como qualquer ser humano, as incertezas psicológicas afetam a tomada de decisão do empreendedor na vida pessoal, bem como em sua ação empreendedora. Desta forma, faz-se necessário compreender como os empreendedores percebem e enfrentam a incerteza psicológica e como estas afetam as decisões da ação empreendedora.

ORG

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

JUVENTUDE E TRABALHO: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E UNIVERSITÁRIOS. *Iúri Novaes Luna (Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC), Vanderlei Brasil, Camila Felipe*, Marina Leal Freitas Williams*, Welton Roberto Kuwer Azambuja* (Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC)*

As constantes transformações no universo do trabalho e emprego exigem contínuas avaliações e novos posicionamentos dos indivíduos frente às escolhas ao longo de suas trajetórias profissionais, o que evidencia a relevância do planejamento de carreira. Especificamente no que se refere ao desenvolvimento profissional de alunos do ensino médio e universitários, a revisão de literatura indica a escassez de ações de planejamento de carreira entre os estudantes investigados, bem como da utilização de métodos e técnicas para esse fim em instituições de ensino. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa foi produzir conhecimento e desenvolver tecnologia, na forma de uma jogo instrucional eletrônico, para subsidiar alunos de Ensino Médio e universitários na elaboração de seus planejamentos de carreira. Os objetivos específicos foram: identificar o projeto profissional de alunos do Ensino Médio e ingressantes de cursos de graduação; identificar as principais situações de escolha nas trajetórias de trabalho de diferentes profissionais; levantar técnicas individuais e grupais utilizadas no processo de escolha profissional e planejamento de carreira; elaborar o conteúdo pedagógico do jogo; construir a estrutura e os processos do jogo; definir a interface gráfica e a modelagem digital dos elementos gráficos do jogo. A realização da investigação contou com as seguintes etapas: 1) revisão de literatura nas bases de dados sobre: formação, mercado de trabalho e campo de atuação; escolha e orientação profissional; projeto de vida; desenvolvimento e planejamento de carreira; 2) revisão de literatura nas bases de dados sobre métodos e técnicas no campo da orientação profissional e planejamento de carreira e jogos instrucionais utilizados na área da educação; 3) análise do conteúdo de acordo com a revisão bibliográfica; 4) desenvolvimento do jogo instrucional sustentado em cinco fases: Definições iniciais; Geração de Conceito; Validação do conceito; Desenvolvimento e Validação do Projeto. Como resultado, o jogo foi construído em duas etapas: “Planejamento de Carreira” (autoconhecimento e definição de objetivos e metas) que permite ao jogador visualizar quais são as etapas necessárias para elaboração de um planejamento de carreira; “Trajetória Profissional” (educação inicial, educação avançada, atuação profissional e aposentadoria) que possibilita ao jogador visualizar a simulação de situações reais que exigem tomada de decisão e, consequentemente, a efetivação do planejamento elaborado. O jogo desenvolve-se conforme decisões do participante e, evetualmente, envolve fatores impremeditados. Em cada nível, o jogador pode escolher entre opções que têm como indicadores tempo, recursos financeiros e coerência interna entre as escolhas realizadas. Ao final do jogo, o participante pode visualizar a coerência das escolhas que realizou, em relação aos objetivos e metas anteriormente definidos, assim como o saldo de tempo e dinheiro restantes. O jogo de planejamento de carreira caracteriza-se como um recurso que maximiza as possibilidades de estudantes realizarem escolhas profissionais de forma criteriosa e contextualizada, auxiliando-os a gerir suas carreiras com maior autonomia e competência durante seus processos de desenvolvimento profissional.

Desenvolvimento Profissional, Planejamento de Carreira, Orientação Vocacional.

Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC

ORG

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DE CARREIRA. *Sirlei Dias Ribeiro*, Raquel Christiane*, Anderson Garcia*, Sônia Beatriz Motta Macedo (Curso de Psicologia, Centro Universitário do Triângulo-UNITRI, Uberlândia/MG).*

O projeto pessoal de carreira consiste numa forma de apropriação da construção da própria história profissional. Implica em uma avaliação de si mesmo e num processo de criação de competências direcionado para a realização de uma identidade profissional. O presente trabalho teve como objetivo promover uma reflexão sobre a importância do planejamento de carreira a partir de uma experiência de um grupo de estagiários de psicologia, realizada com um grupo de 03 jovens estudantes do 3ª período do curso de graduação de uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Uberlândia (MG), tendo como premissa básica estimular a ampliação do autoconhecimento de suas potencialidades e interesses, discutir alternativas para o controle de suas carreiras, gerarem a crítica sobre verdades absolutas sobre carreira, além de possibilitar o planejamento da continuidade da formação acadêmica e o futuro profissional. As atividades que comporam a orientação profissional e de carreira buscaram identificar nas alunas, o autoconhecimento, aptidões, habilidades e o perfil profissional, assim como uma orientação individual, na busca de melhorias que se adéquam a meta de especialização definidas pelas alunas inicialmente. Para o desenvolvimento de um plano individual de carreira, foram necessárias algumas atividades como auto avaliação, estabelecimento de objetivos de carreira, definição de um plano de ação para realização dos objetivos. Neste processo envolveram também o conhecimento de diferentes atividades profissionais, cursos e áreas de atuação, bem como, tendências do mercado de trabalho, nos quais facilitam o processo de definição do plano de carreira. O trabalho foi realizado em um processo dinâmico, de curta duração e em grupo, sendo realizados cinco encontros semanais, de uma hora de duração. A proposta foi oferecer um espaço de reflexão e sensibilização para as temáticas relacionadas ao Plano de carreira profissional, pois a partir do autoconhecimento, da reflexão sobre o "mundo do trabalho", pode-se planejar a continuidade da formação acadêmica e o futuro profissional – construção de um "projeto de vida futura". A análise das informações contidas no material utilizado no processo de orientação profissional foi positivo no aproveitamento das atividades realizadas com ênfase ao planejamento de carreira profissional, sendo a prática confirmada com a teoria apresentada. Conclui-se então que os alunas aproveitaram a oportunidade para participar de um evento que promoveu seu autoconhecimento e desenvolvimento, para a partir daí, poder encontrar subsídios para o estabelecimento de objetivos e metas pertinentes à sua carreira profissional, oferecendo assim a busca por oportunidades que sejam condizentes com suas aspirações profissionais.

Carreira, planejamento profissional, orientação profissional

ORG

PESQUISAS SOBRE LIDERANÇA: PERCURSO DE UMA DÉCADA., *Virginia Souza Drummond (Departamento de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil), Jamile Gomes Santos (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil).*

Este trabalho apresenta percurso de dez anos de pesquisas sobre Liderança, visando: (i) construção de modelos, estratégias e instrumentos de intervenção no contexto organizacional; (ii) facilitação de mudanças no campo empírico; (iii) contribuição à formação do Psicólogo Organizacional através da integração teoria-prática. A fundamentação teórica busca a articulação entre os temas: Liderança, Confiança e Capital Social organizacionais, inserindo-se, posteriormente, Valores no Trabalho. Liderança é compreendida sob prisma relacional – e não personalógico. Destaca-se o papel da confiança para legitimação de gestores como líderes, por seus colaboradores e para geração de capital social organizacional, imprescindíveis ao processo de produção coletiva. Práticas dos gestores investigadas como facilitadoras: Comunicação, Estímulo à Cooperação, Proteção e Consideração, capazes de influenciar Comportamentos, Atitudes e Performance dos colaboradores e os resultados da organização. Metodologia: Pesquisa-Ação, com estratégias qualitativas e quantitativas complementares. Instrumentos construídos e validados: Inventários de Práticas de Gestores e de Resultados dos Colaboradores, aplicados a Gestores e Colaboradores, de forma mutuamente avaliativa. Observação participante, entrevistas em profundidade, técnica de evocação livre, são utilizadas. Resultados, analisados estatisticamente pelo SPSS, são apresentados e discutidos em workshops com os participantes, que lhes emprestam significado a partir de sua vivência. Trocas entre saber formal e conhecimento prático dos atores do campo são estimuladas. Participação voluntária, preservando-se o anonimato. Estágios de desenvolvimento: I – Duas organizações privadas do Rio de Janeiro analisadas. Avaliações dos colaboradores sobre práticas de seus gestores mostraram-se marcadamente diferentes nas duas organizações, revelando maiores ou menores graus de discrepâncias entre suas auto e hetero avaliações. Os achados corroboraram a hipótese de liderança legitimada pelos colaboradores em uma das organizações – extremamente bem sucedida em seu ramo de atuação, enquanto que na outra, deficitária, os gestores apenas exercem o poder hierárquico que emana da estrutura organizacional. Apenas a organização que apresentou os melhores resultados valorizou a etapa de discussão dos mesmos, entendendo-a como oportunidade de desenvolvimento. II - Analisadas mais 04 organizações privadas, incluindo-se Valores no Trabalho, com utilização do Questionário Valores no Trabalho, de Elizur e Tchaicovsky (1990), adaptado para auto e hetero avaliações. Considera as modalidades: cognitiva, afetiva e instrumental. Resultados nessa fase apontaram fortemente para o não reconhecimento dos gestores como líderes, por seus colaboradores, tomando como base discrepâncias fortemente significativas entre as percepções dos dois grupos sobre os quesitos analisados. O interesse pela etapa de discussão dos resultados foi variável. III - Aplicação em 03 Empresas Juniores. Ponderações altamente positivas e concordantes, entre gestores e colaboradores – face ao cenário favorável. Devolução valorizada como aprendizado, enfatizando discussões sobre formas de prevenção de futuros insucessos, através da melhor compreensão acerca da natureza relacional do fenômeno da liderança. IV - Dados considerando 05 organizações privadas, analisados em corte por Gênero, apresentaram autoavaliações menos positivas entre Mulheres que entre Homens Gestores, sinalizando intercorrência de aspectos psicossociológicos subjacentes. Desdobramentos encontram-se em curso, buscando aprofundar tais questões. Destacamos como diferencial nesses trabalhos a ênfase na etapa de devolução,

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

como ponte através da qual é operacionalizada a construção conjunta de conhecimentos (pesquisa), com vistas à facilitação de mudanças e aperfeiçoamento organizacionais (ação).

Liderança; Pesquisa-Ação; Mudança Organizacional

ORG

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ORGANIZAÇÃO DE SAÚDE: LEVANTANDO NECESSIDADES E TREINANDO HABILIDADES SOCIAIS.

*Cibely Francine Pacifico** (Universidade Estadual de Londrina –PR).*

Em uma organizações de saúde é importante considerar o atendimento ao cliente, para um atendimento eficaz alguns requisitos são necessários como: atenção ao público ver e ouvir cada pessoa em sua individualidade, acolher o problema do cliente de maneira objetiva e eficiente, ocasionando um envolvimento entre o atendente e o cliente. Com tal envolvimento é estabelecido clima de confiança. Além de ser gentil ao atender a recepcionista precisa estar preparado para sanar as dúvidas do cliente relacionadas a organização. Logo, o contato direto com o cliente é a melhor maneira de construir relacionamentos duradouros com este, para que o contato seja eficaz é necessária uma boa comunicação. Portanto, a fim de melhorar a comunicação e atendimento aos clientes podem ser realizados treinamentos com a equipe de trabalho proporcionando o desenvolvimento organizacional. O objetivo do presente trabalho foi analisar o funcionamento da organização de uma perspectiva ampla, entendendo-a em sua totalidade, bem como compreender as particularidades de cada setor e de cada colaborador. A partir disso, criar estratégias de ação e discuti-las junto com os envolvidos na organização. O trabalho se desenvolveu em uma empresa privada que realiza exames de imagem, e atendimento psicológico, a mesma era composta por um Médico, uma psicóloga e administradora da clinica, dois psicólogos sublocatários, duas secretárias, duas estagiarias de enfermagem, uma funcionária de serviços gerais. Realizou-se observações e entrevistas individuais com a equipe fim de coletar dados. Tal organização prezava pelo atendimento individualizado e de qualidade, os clientes eram fieis e muitas vezes indicavam os serviços da clinica outros. Na referida organização observou-se falhas na comunicação entre as atendentes e os demais profissionais. A partir disso foi planejado um treinamento utilizando dinâmicas e discussões pertinentes. Sendo realizados quatro dias de treinamentos com uma hora e meia de duração, que ocorreram semanalmente, os encontros trataram da comunicação oral e escrita, habilidades não verbais da comunicação, assertividade e empatia. No decorrer das atividades notou-se aumento gradual do envolvimento entre os colaboradores e o uso das habilidades transmitidas durante os treinamentos. A importância para a empresa do trabalho realizado pelas atendentes também foi frequentemente ressaltada, uma vez que observou-se, que estas se sentiam desmotivadas e menosprezavam a importância de suas atuações na instituição. Além disso, foram sugeridas estratégias para melhorar a comunicação e o relacionamento da organização, tais como reuniões mais frequentes, quadro de avisos e recados, reunião de comemoração dos aniversariantes do mês, etc. Concluindo, o trabalho do psicólogo organizacional em uma empresa de prestação de serviços com um número reduzido de funcionários, perpassa por algumas dificuldades como reunir todos os membros da organização periodicamente para reuniões, pois estas deveriam acontecer fora do horário de funcionamento da clinica. Do mesmo modo reunir as atendentes para um treinamento também implica em atividades fora dos turnos de trabalho, assim a fim de tornar as a atividade de treinamento mais prazerosa procurou-se prezar por atividades lúdicas e dinâmicas e encerra-las com a discussão pertinente sobre o tema tratado e as atividades, com a participação de todos envolvidos.

Organização de saúde, diagnóstico organizacional, treinamento de habilidades sociais.

ORG

SUPORTE À APRENDIZAGEM E IMPACTO DE TREINAMENTO NO TRABALHO. *Camila Spadotto Balarin, Thais Zerbini (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – SP)*

A partir da avaliação do treinamento é possível averiguar se os programas de TD&E estão sendo efetivos e quais aspectos restringem ou facilitam o desempenho dos treinados. Entre as variáveis que influenciam a efetividade de treinamentos, destacam-se as contextuais. Nesse sentido, o presente projeto busca estudar a relação entre as variáveis suporte à aprendizagem e impacto do treinamento no trabalho. Suporte à aprendizagem consiste na percepção de apoio e suporte psicossocial de colegas, pares e chefias à aprendizagem natural ou induzida no ambiente de trabalho. Impacto do treinamento no trabalho refere-se à influência do que foi aprendido em ações de TD&E no desempenho geral, nas atitudes e motivação do indivíduo. Serão utilizadas duas escalas validadas e fidedignas: Suporte à Aprendizagem (33 itens, escala de frequência de 0 – nunca a 10 – sempre, alfa 0,96) e Impacto de Treinamento no Trabalho (12 itens, escala de concordância de 1- discordo totalmente da afirmativa a 5- concordo totalmente com a afirmativa, alfa 0,90). A coleta de dados está sendo realizada em três organizações parceiras que oferecem ações de TD&E aos colaboradores. As organizações são do ramo sucroalcooleiro, agronegócio e rural. Até o presente momento foram coletados respostas de 22 funcionários de uma organização relacionadas a dois treinamentos ofertados: sobre produtos e sobre liderança. Os dados foram coletados após duas a quatro semanas do término do treinamento. Os questionários foram entregues a uma representante da empresa, responsável por distribuí-los aos treinados. A amostra da pesquisa é composta por 17 homens e 5 mulheres, de 21 a 64 anos de idade, 63% possui ensino superior completo, 59% trabalha na empresa entre 1 e 5 anos e 63,6% participou do treinamento sobre liderança e 36,4 do treinamento sobre produtos. Foi realizada a análise exploratória dos dados, afim de investigar a exatidão da entrada dos dados, a presença de casos omissos, a distribuição de frequência e o tamanho da amostra e análise descritiva por meio das médias, desvios-padrão, modas, mínimo, máximo e concentração das respostas. A Escala de Suporte à Aprendizagem apresentou médias entre 8,2 e 3,3, havendo uma pequena diferença entre as médias e as modas apresentadas, apresentou alto desvio padrão e alta variação nas respostas mínimas e máximas. Esses dados apontam para o fato de que os respondentes avaliaram os itens de maneira divergente. As médias das respostas da Escala de Impacto de Treinamento no Trabalho variam entre 4,4 a 3,5, e apresentam baixo desvio-padrão. A variação das respostas mínima e máxima é alta na maioria dos casos. Tal fato, apesar do baixo desvio-padrão, significa que alguns respondentes não concordam com as afirmações tanto quanto outros. No geral, os participantes percebem moderadamente o suporte à aprendizagem na organização e julgam ter ocorrido impacto de treinamento no trabalho. Ainda se faz necessário - para se chegar a determinadas conclusões - aumentar o número de dados e analisar a correlação entre as variáveis.

Avaliação de Treinamento, Suporte à Aprendizagem, Impacto de Treinamento no Trabalho.

FAPESP

ORG

VALORIZAÇÃO E SATISFAÇÃO NO TRABALHO: UM ESTUDO COM OS COLABORADORES DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO. *Jéssica Chaer Caiado*, Polyana Ribeiro de Almeida*, Nayara Suguiura Dias*, Daniel Fernandes Barbosa** (Universidade de Brasília, Brasília-DF), Fabíola Araújo Fortes (Hospital Universitário de Brasília, Brasília-DF)*

Essa pesquisa tem por objetivo identificar a relação entre as dimensões de satisfação no trabalho e a percepção de valorização dos funcionários de um hospital universitário. A satisfação é um estado emocional agradável, resultado da avaliação que o colaborador faz acerca de seu trabalho e deriva da percepção da pessoa sobre como o trabalho comporta seus valores nesse contexto. Utilizou-se o método Survey que propõe produzir descrições quantitativas da população alvo. Para o cálculo do tamanho da amostra foi utilizada uma fórmula estatística, com 90% de confiança e margem de erro de 5%, participando do estudo 252 colaboradores com diferentes vínculos empregatícios, excluindo apenas os trabalhadores terceirizados. A idade dos participantes variou entre 18 a 72 anos, (média=39,15±DP;10,64). Entre os participantes houve maior predominância do gênero feminino (76,6%). Em relação à escolaridade os participantes ficaram distribuídos em: 1,98% nível fundamental, 41,67% médio, 34,52% superior e 21,43% pós-graduação. Foi utilizado um instrumento de pesquisa desenvolvido pelo Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde (PNASS). Esse instrumento é composto pelo Perfil do Trabalhador e sete tópicos que abarcam, (1) o tipo de vínculo formal de trabalho; (2) percepção do funcionário sobre a organização do trabalho; (3) ambiente físico; (4) salário; (5) medicina do trabalho; (6) aspectos sócio-profissionais; e (7) reconhecimento. Investiga-se também a percepção dos trabalhadores sobre as atividades que realizam, a sua motivação no serviço; participação das reuniões da equipe; a existência de um espaço que acolha as opiniões, dificuldades ou reclamações e o tipo de atendimento oferecido. A aplicação dos questionários foi iniciada em agosto de 2011 e finalizada em março de 2012, de forma que o procedimento de aplicação foi feito por estudantes de psicologia. Os funcionários eram abordados no próprio local de trabalho. Foram identificadas como variáveis preditoras da percepção de valorização no trabalho [R2= 0,481; F(3,244)= 75,415; p<0,001] o estímulo do estabelecimento em relação ao seu serviço (t=11,414; p<0,001), a compatibilidade entre as atividades desempenhadas e as do cargo para o qual foi contratado (t=2,883; p=0,004) e o grau de motivação (t=3,479; p=0,001). O estímulo do estabelecimento sobre o trabalho coincide com a percepção de valorização do trabalho, este fato se justifica quando existem incentivos da instituição para a promoção profissional do trabalhador. As atividades realizadas se relacionam com a percepção de valorização profissional à medida que as mesmas agregam valor ao indivíduo, mas perdem o significado quando distanciam da expectativa do trabalhador. A motivação do colaborador evoca o aspecto pessoal e intransferível, de forma que, quando o colaborador é motivado a realizar uma tarefa, esse incentivo impacta na sua percepção da valorização acerca do seu trabalho. A partir desse estudo, conclui-se que a valorização do trabalho é multifacetada, abarcando aspectos intrínsecos e extrínsecos ao trabalhador, influenciada pela motivação e sua percepção como identificação de pertença à instituição.

Valorização no trabalho, satisfação no trabalho e profissionais da área da saúde.

ORG

VARIÁVEIS PREDITORAS DA SATISFAÇÃO NO TRABALHO. *Renata de Castro Moda, Thais Zerbini (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP)*

No estudo do Comportamento Organizacional destacam-se variáveis de interesse organizacional, como a satisfação com a organização e de interesse individual, como a percepção de suporte psicossocial e de justiça. Visto a importância do estudo dessas variáveis na predição e na manutenção de comportamentos importantes para o sucesso da organização, como produtividade, absenteísmo e rotatividade, o presente estudo tem por objetivo investigar a influência da percepção de suporte social e de justiça (distributiva e de procedimentos) na satisfação no trabalho, assim como verificar a percepção dos funcionários de uma Instituição Pública de Ensino Superior em relação a essas variáveis.O projeto está sendo realizado na Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto/SP (FCFRP/USP). Até o presente momento, participaram da pesquisa 26 mulheres e 17 homens, com idade entre 21 e 57 anos, funcionários desta instituição, ocupantes dos cargos técnicos, administrativos e de docência. Para a coleta de dados estão sendo utilizadas quatro escalas: a Escala de Satisfação no Trabalho (satisfação com os colegas: 5 itens, α = 0,86; satisfação com o salário: 5 itens, α = 0,92; satisfação com a chefia: 5 itens, α = 0,90; satisfação com a natureza do trabalho: 5 itens, α = 0,82 e satisfação com as promoções: 5 itens, α = 0,87); a Escala de Percepção de Suporte Social no Trabalho (percepção de suporte social informacional no trabalho: 7 itens, α = 0,95; percepção de suporte social emocional no trabalho: 6 itens, α = 0,83 e percepção de suporte social instrumental no trabalho: 5 itens, α = 0,72); a Escala de Percepção de Justiça Distributiva (5 itens, α = 0,89); e a Escala de Percepção de Justiça de Procedimentos (6 itens, α = 0,77). Estes instrumentos de medida foram adaptados para permissão do acesso online. Para tal, utilizou-se a plataforma do GoogleDocs. Os instrumentos, assim como um questionário sociodemográfico e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram enviados por email aos funcionários da organização. Foram realizadas análises descritivas e exploratórias para investigar a exatidão da entrada dos dados, a presença de casos extremos, a distribuição dos casos omissos, a distribuição das variáveis e o tamanho das amostras. O estudo do relacionamento entre as variáveis ainda será realizado por meio de análise de regressão múltipla padrão. Na Escala de Satisfação no Trabalho a média variou de 3,28 a 5,42, com desvio-padrão entre 1,33 e 1,67, sendo que os itens com as menores médias dizem respeito à satisfação quanto às oportunidades de promoção. Na Escala de Percepção de Suporte Social no Trabalho a média variou de 1,70 a 3,58, com desvio-padrão entre 0,66 e 0,85. Nessa escala é possível constatar a presença tanto de itens de suporte informacional como itens de suporte instrumental e emocional com médias superiores e médias inferiores. As médias dos itens avaliados na Escala de Percepção de Justiça Distributiva variaram de 3,53 a 4,30, com desvio-padrão entre 1,72 e 1,84. Por fim, na Escala de Percepção de Justiça de Procedimentos as médias dos itens variaram de 3,63 a 4,35, com desvio-padrão entre 1,58 e 1,92.No geral, os itens das escalas apresentam baixo desvio-padrão, o que indica homogeneidade das respostas. Destaca-se, também, a concentração das respostas em pontos de neutralidade (considerando as escalas utilizadas no preenchimento dos instrumentos). Tal constatação pode ser decorrente da ausência de informações e de embasamento para a avaliação por parte dos participantes. Além disso, por se tratarem de instrumentos que avaliam fenômenos que ocorrem em ambiente de trabalho, pode ter havido insegurança por parte dos funcionários quanto ao anonimato da pesquisa. Ambas as hipóteses ainda carecem de investigação. Apesar de não ser objetivo dessa pesquisa, foi levantada a necessidade de maior investimento em

pesquisas com essas e outras variáveis estudadas pelo Comportamento Organizacional em setor público, uma vez que esse campo de estudo ainda carece de instrumentos voltados para essa realidade. Ressalta-se que, para que os objetivos dessa pesquisa sejam atendidos, mais dados precisam ser coletados e outras análises precisam ser realizadas.

Satisfação no trabalho, Percepção de Suporte Social e Percepção de Justiça Organizacional

CNPq

ORG

CRECER SIN PARAR O PARAR DE CRECER…NUEVA PSICO ECONOMÍA PARA UN PLANETA FINITO. *Ricard Cayuela Dalmau (Staff Consultants)*

La caída, en el intervalo de 20 años, de los dos sistemas económicos que sustentaban la economía mundial sume a los habitantes de la tierra en una crisis sin precedentes. Esta comunicación se construye tras la evidencia comprobada de una crisis que no cesa, en parte por que se enroca sobre si misma buscando un mas de lo mismo, bien provocando debates inútiles entre austeridad o crecimiento, bien eludiendo por simple desprecio o intereses creados, el experimentar con nuevos modelos. La implantación de un nuevo modelo de vida será lenta, pero

ineludible, y casi con toda seguridad, encontrará una fuerte resistencia, propia de los «hábitos adquiridos».Keynes ya dijo que: «la dificultad no está tanto en crear nuevas ideas, sino en librarse de las antiguas. Medio siglo ha sido mas que suficiente para considerar que la felicidad pasa por el crecimiento sin fin y el mundo ha asumido y anclado este objetivo como único modelo de vida a seguir, hasta tal extremo que exista la probabilidad de que solo desapareciendo sea posible reconstruir sobre un nuevo modelo.

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

DISEÑO, ELABORACIÓN Y VALIDEZ DE CONTENIDO DE UN MODELO DE FORMULACIÓN EN PROBLEMÁTICAS ORGANIZACIONALES, BASADO EN OBM. *Irma Yaneth Gomez (Fundacion Univeristaria Konrad Lorenz)*

Para el siglo XXI las empresas públicas y privadas requieren de los Psicólogos para mantener y mejorar sus procesos productivos, lo cual a su vez, obliga al psicólogo del nuevo milenio a capacitarse gradualmente para analizar científicamente el comportamiento Organizacional. Hoy, la Psicología Organizacional reconoce que las organizaciones son sistemas sociales complejos y que los determinantes de la conducta de un individuo dentro de la organización se deben considerar desde el punto de vista de todo un sistema social. El desarrollo de nuevas teorías en las ciencias físicas, biológicas y sociales, han planteado formas diferentes de ver los problemas de orden psicológico. Los grandes y rápidos cambios que ha sufrido la tecnología y la sociedad durante las últimas décadas, han obligado a científicos y profesionales a reconocer la interdependencia de factores humanos y tecnológicos y la necesidad de desarrollar teorías y conceptos que puedan explicarla (Pérez & Cols, 2004) .

El propósito del presente trabajo fue diseñar, elaborar y realizar el análisis de contenido de un modelo de formulación en problemáticas organizacionales basado en los planteamientos de OBM (Organizacional Behavior Modification), para lo cual se realizó una revisión documental de la literatura disponible en el campo de diagnóstico y formulación organizacional a nivel nacional e internacional, así como de las investigaciones que se han realizado para probar los diferentes modelos disponibles tanto en la psicología organizacional como en OBM. Posteriormente, se diseñó el modelo de formulación a partir de las variables internas y externas de la organización, así como las variables asociadas al comportamiento humano dentro de las organizaciones, luego, se elaboró la matriz de formulación, junto con los respectivos formatos de soporte, para finalmente realizar en análisis de contenido a partir de la validación por jueces expertos del modelo planteado. La evaluación desarrollada por los expertos, permitió realizar una serie de correcciones al modelo en sus componentes teóricos y metodológicos. Después de los ajustes realizados se puede afirmar que, en términos generales, el Modelo FIPO-OBM es válido, tomando en cuenta las categorías evaluadas.

Organizaciones, Modelos, Diagnóstico, Formulación, OBM, Modelos de formulación

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

EMPLEABILIDAD Y MERCADO LABORAL. *Maria Constanza Aguilar (Universidad Santo Tomas)*

Los cambios económicos, tecnológicos, sociales y culturales que se viven en las organizaciones en general, Colombia no es la excepción, crean nuevos retos a las instituciones de educación superior. Uno de éstos, es la evaluación permanente del impacto que en la sociedad tienen los procesos académicos y para esto es necesario generar estrategias que permitan conocer el impacto de su acción y al mismo tiempo, identificar nuevas demandas formativas en cada una de las prácticas profesionales, todo ello con la finalidad de responder a las necesidades sociales.

Es, en este contexto, cuando la transición de los jóvenes de la universidad al mundo del trabajo es un fenómeno complejo que se da en múltiples puntos y niveles del sistema educativo y productivo, presentando en cada caso una problemática propia (Burke y Cooper, 2002). Si se analizan las trayectorias educativas y laborales (Rentería, García, Restrepo y Riascos, 2007) en la vida de las personas, se puede identificar que se desarrollan en distintos ámbitos y que influyen en su desarrollo "todos ellos significativos para su presente y su futuro (p. 3)" (Gallart y Bertoncello, 1997). Por lo general, las personas son trabajadoras y su participación social en el mundo del trabajo y en la sociedad en general, como afirman estos autores, puede depender de la adquisición equitativa de competencias que les permitan "discernir libremente sus opciones y faciliten trayectorias de crecimiento a lo largo de la vida (p. 4)".

Una vez, las personas egresan de las instituciones de educación superior se espera, -como expectativa social que se construye-, que todos tengan al menos una oportunidad de competir por la obtención de trabajos calificados/competentes de acuerdo con su formación, que a su vez, les permitan fortalecer sus aprendizajes y competencias. Este esfuerzo no es tarea solamente de las instituciones de educación, sino que también le compete a las diferentes instancias públicas y privadas, empresarios, que definen parte de las políticas de empleo y de integración social.

Este proyecto de investigación se concentró en el paso de la vida universitaria al trabajo como experiencia laboral con una característica importante y es que los profesionales debían tener un trabajo coherente con la formación realizada y con la trayectoria educativa. Adicionalmente, se incluye el análisis de los antecedentes y las consecuencias de la empleabilidad como una cuestión de especial relevancia práctica pues se requiere el incremento del conocimiento en un campo donde las conclusiones derivadas de datos empíricos son muy escasas (Fundación Chile, 2004) y más aún, se considera importante para la psicología del trabajo y las organizaciones, identificar las relaciones entre formación, inserción laboral y empleabilidad desde el punto de vista de los egresados de instituciones de educación superior.

En el marco de esta investigación, se presenta este trabajo que describe la posición actual de los psicólogos en el mercado laboral, su capital de movimiento, la facilidad de movimiento percibido, el contexto, factores externos o contextuales, transición, disposición al movimiento para tomar otro empleo con un empleador nuevo o la disposición para moverse a otro proceso y/o actividad dentro/fuera de la organización, eventos de choque o situaciones que llevan al individuo a hacer juicios deliberados sobre el hecho de mantener o dejar su empleo, actividades de mejora del capital de movimiento o llevar a cabo acciones que enriquecen oportunidades y disposición para mantener y mejorar el propio capital de movimiento, según Forrier y Sels (2003). Se llevó a cabo un estudio de caso en una institución de educación superior, en Bogotá, Colombia, con la participación de 22 psicólogos. Los resultados se analizaron a nivel

cuantitativo, descriptivo a través del SPSS 15.0 y, del SPAD versión 5.0. Se presentan los resultados descriptivos y se evidencian aspectos importantes sobre la percepción que tienen acerca de las oportunidades de empleo que ofrece el mercado laboral colombiano.

psicología del trabajo, psicología organizacional, egresados, empleabilidad, inserción laboral, mercado laboral

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

IMPLANTACIÓN DE UN PROTOCOLO DE ACOSO LABORAL EN LA UNIVERSIDAD CEU-CARDENAL HERRERÁ. *Óscar Cortijo Peris (Universidad Ceu San Pablo - España)*

Las sociedades a lo largo de la historia han recibido diferentes nombres según la forma predominante de la riqueza, el tipo de estructura social, así como también por el papel de los individuos en la misma (Castells, 1999). En este sentido, mientras que en la era agrícola, la principal fuente de riqueza se focalizaba en el cultivo de la tierra y la organización social era de tipo feudal, en la sociedad industrial, la fuente de riqueza se encontraba en el trabajo físico, y la estructura social o sistema de organización se basaba en la propiedad privada (Mumford, 1979). En la actualidad, asistimos a un nuevo tipo de sociedad, que ha recibido denominaciones muy dispares: Post-Capitalista (Drucker ,1993), Post-Industrial (Bell, 1973), o sociedad de la información o el conocimiento (Castells, 1999; Quintanilla, 2003). En la sociedad actual, la llamada por muchos sociedad red o de la información, (Castells, 1999; Quintanilla, 2003) la interconexión, el trabajo en equipo, la inmediatez, la revolución de las tecnologías de la información y muy especialmente los cambios, son un elemento constante (Castells, 1999; Quintanilla, 2003), desde el plano económico y empresarial asistimos a una era marcada por la hipercompetitividad, donde el éxito no deriva tanto de la obtención de recursos como de la capacidad de las empresas por aprender y adaptarse a una realidad cambiante. Hoy se requieren nuevos conocimientos y nuevas formas de trabajar (Nonaka 1995), lo que a su vez genera nuevos ambientes de trabajo. Sin embargo, las organizaciones no se pueden concebir como poseedoras de entidad en sí mismas, tal y como Quintanilla sugiere (2002) los activos más importantes de las empresas se van a dormir a casa.

Toda organización necesita crecer, aprender, adaptarse, y esto lo realiza a partir del desarrollo de su capital humano. Las personas son claves en el éxito de una organización, pero a su vez el trabajo de estas depende grandemente del contexto laboral y social en el cual cada trabajador debe desempeñar su rol.

Desde hace siglos existió un interés por mejorar la productividad organizacional, teorías y escuelas se fueron sucediendo, existía, no obstante, un nexo común en un gran número de ellas, la creencia en que el aumento de la productividad global de la empresa pasaba por mejorar la eficacia y eficiencia de su capital humano. Diversos estudios pusieron de manifiesto desde este marco, la necesidad de prestar una mayor atención a las condiciones que rodean los diversos puestos de trabajo, ya que estas pueden contribuir a (Avolio et al. 1999; Boehm y Lyubomirsky, 2008; Ford et al., 2003; Judge y Erez, 2007; Luthans y Youssef, 2007; Morgeson, Reidor y Campion, 2005; Myers y Veenhoven - citados por Myers, 2000; Romero y Cruthirds, 2006; Romero y Pescosolido, 2008; Staw, Sutton y Pelled, 1994; Wright y Cropanzano, 2004; Zamagni, 2007; entre otros) a) Mejorar la salud física y mental, y a reducir o prevenir determinadas enfermedades. b) Promover una imagen más positiva del trabajo c) Fomentar la inteligencia, la creatividad y por ende, la innovación d) Aumentar la motivación de los trabajadores y su implicación con la empresa. e) Fomentar y mejorar el trabajo en equipo. f) Mejorar el clima laboral. g) Reducir la rotación de personal, las bajas laborales, y otros elementos negativos relacionados con los rrhh. h) Mejorar el rendimiento tanto empresarial como individual. i) Promover trabajadores que toman mejores decisiones. j) Mejorar y acelerar el aprendizaje de los trabajadores. k) Mejorar la satisfacción de los trabajadores. l) Mejorar la comunicación y la cohesión de los trabajadores. m) Reducir el estrés y la ansiedad. n)Mejorar la eficiencia de los trabajadores y de la propia empresa,..

El trabajo es un elemento crucial en la vida de las personas, nos permite planificar y organizar la vida, sufragar nuestros gastos y desarrollarnos como individuos, sin embargo, por desgracia, no todo trabajo es igualmente gratificante o beneficioso, éste se puede entender tanto como un medio de desarrollo personal como un castigo, algo que debemos realizar como medio para obtener otro tipo de fines.

Así la interpretación que se haga del trabajo, así como el rendimiento y la salud de un trabajador dependerá de las condiciones en las que se desenvuelve, los denominados factores psicosociales, condiciones presentes en una situación laboral directamente relacionadas con la organización del trabajo, con el contenido del puesto, con la realización de la tarea e incluso con el entorno, que tienen la capacidad de afectar al desarrollo del trabajo y a la salud de las personas trabajadoras. (Gil-Monte, 2009).

Los factores psicosociales pueden ser favorables, contribuyendo al desarrollo personal del individuo, o desfavorables afectando negativamente no solo al rendimiento de los trabajadores sino también a su salud y bienestar. En este último caso, hablamos de factores de riesgo psicosocial o fuentes de estrés laboral, los cuales a su vez poseen el potencial de causar daño psicológico, físico, o social a los individuos. (Gil-Monte, 2010). Tradicionalmente fue difícil abordar el estudio de los riesgos psicosociales debido, entre otras cosas, a la dificultad para su medición y posterior análisis, o a la necesidad, dentro de la prevención de riesgos laborales de , había otros riesgos más acuciantes en términos de seguridad e higiene laboral, pero hoy esta realidad ha cambiado, contamos con herramientas y metodologías de trabajo sofisticadas, un amplio corpus teórico y han proliferado las revistas especializadas así como diferentes congresos y jornadas donde se intercambie este tipo de información, así mismo, algunos de esos riesgos más acuciantes parecen haberse controlado, al menos en el caso de los países desarrollados.

Los riesgos psicosociales en el trabajo son, a día de hoy, una de las principales causas de enfermedades y de accidentes laborales. Desde la ley 31/1995 de 8 Noviembre de Prevención riesgos laborales ha habido un proceso en nuestro país para reducir la siniestralidad en materia laboral. Ciertamente se han producido avances importantes, si bien es cierto que todavía queda un largo camino por hacer, en especial dentro de la prevención de riesgos psicosociales.

Según la VI Encuesta de Condiciones de Trabajo en España elaborada por el Instituto Nacional de Seguridad e Higiene en el Trabajo5 el 70,9% de los trabajadores encuestados señaló que estaba expuesto a riesgo de accidentes de trabajo –el porcentaje se eleva al 74,9% en el caso del personal sanitario–. En el estudio se concluye que los trabajadores que se perciben expuestos a factores de riesgo psicosocial (v.g., sobrecarga de trabajo, exceso de carga mental, realización de tareas repetitivas y de muy corta duración) presentan porcentajes de respuesta significativamente mayores en sintomatología psicosomática (v.g., problemas de sueño, cansancio, dolores de cabeza, mareos, etc.) que los no expuestos. El 22,5% de los trabajadores encuestados consideran que el trabajo está afectando a su salud. Las dolencias que con más frecuencia atribuyen los encuestados al trabajo son: el dolor de espalda (57,6%), el dolor de cuello (28,1%), y el estrés (27,9%). En relación con la presencia de otros síntomas, el cansancio, las alteraciones del sueño y las cefaleas inciden de forma importante sobre la población trabajadora, afectando al 12,3%, 12% y 10,4%, respectivamente. Diversos Estudios realizados en la Unión Europea (UE) así como en Estados Unidos, Japón, y otros contener parecen obtener conclusiones similares. (Gil-Monte, 2009).

A continuación se expone el protocolo de actuación en materia de acoso implantado en la Universidad CEU Cardenal Herrera el cual será presentado en el congreso.

Trabajo, riesgos psicosociales, acoso.

ORG - Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

LA INTELIGENCIA EMOCIONAL, EL DESARROLLO MORAL Y LOS ESTILOS DE MANEJO DE CONFLICTO. UN ANÁLISIS DE RUTA. *Jenely Dayana Villamediana Pedrosa, Carlos Enrique Zerpa (Universidad Simón Bolívar)*

La investigación tuvo como propósito estudiar cómo la variable inteligencia emocional influencia al desarrollo moral y a los estilos de manejo de conflicto, y cómo estas variables se relacionan entre sí en una muestra de 208 estudiantes de postgrados en gerencia y en administración de empresas, en una universidad privada de la ciudad de Caracas, Venezuela. Los participantes tuvieron edades comprendidas entre 22 y 57 años. La edad promedio de los sujetos fue 29.42 años. En total, 58.20% de la muestra fueron mujeres; y 40.40%, hombres. El estudio realizado fue no-experimental, expostfacto, transeccional y correlacional-causal. En general, se esperaba que la inteligencia emocional afectara directa e indirectamente a los estilos de manejo de conflicto, y que el desarrollo moral afectara directamente a los estilos de manejo de conflicto. Específicamente, se creía que la totalidad de las dimensiones de inteligencia emocional influirían sobre los cinco estilos de manejo de conflicto y sobre la moral de principios; y que, a su vez, la moral de principios influiría sobre los estilos integrador, dominante, evitativo y comprometido. Se utilizó un análisis de ruta (path analysis) para probar las hipótesis planteadas. Los instrumentos empleados fueron: el Inventario de Inteligencia Emocional IIESS-R de Sojo y Steinkopf (2002), el Test de Definición de Criterios Morales (DIT) de Rest (1979) para medir el nivel de desarrollo moral y el Inventario de Estilos de Manejo del Conflicto (ROCI-II) de Rahim (1983). Se consideró un intervalo de confianza de 95% y un nivel de significación de $p<0.05$. Los resultados muestran que los participantes suelen comportarse de forma principalmente integradora al momento de hacer frente a los conflictos interpersonales en el trabajo. La dimensión manejo de emociones de la inteligencia emocional explica el uso de los estilos integrador, complaciente y comprometido; percepción de las emociones en otras personas explica el uso del estilo dominante y el nivel de moral de principios; y percepción de las propias emociones explica el uso del estilo integrador. Con 15% de la varianza total, integrador es el estilo más explicado por la inteligencia emocional dentro del modelo evaluado. No se halló que la moral de principios explicara de forma significativa el uso de alguno de los estilos de manejo de conflicto. En definitiva, el modelo propuesto se confirmó parcialmente. Estos hallazgos tienen implicaciones para el área de selección y entrenamiento de recursos humanos, y para el desarrollo de programas educativos orientados a la formación en valores y razonamiento moral en estudiantes de postgrados de gerencia.

Palabras claves: inteligencia emocional, desarrollo moral, manejo de conflictos

PD

ORG-Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

LA INTELIGENCIA EMOCIONAL, EL DESARROLLO MORAL Y LOS ESTILOS DE MANEJO DE CONFLICTO. UN ANÁLISIS DE RUTA. *Jenely Dayana Villamediana Pedrosa (Universidad Católica Andrés Bello, Caracas-Venezuela) / Carlos Enrique Zerpa/ (Universidad Simón Bolívar, Caracas-Venezuela)*

La investigación tuvo como propósito estudiar cómo la variable inteligencia emocional influencia al desarrollo moral y a los estilos de manejo de conflicto, y cómo estas variables se relacionan entre sí en una muestra de 208 estudiantes de postgrados en gerencia y en administración de empresas, en una universidad privada de la ciudad de Caracas, Venezuela. Los participantes tuvieron edades comprendidas entre 22 y 57 años. La edad promedio de los sujetos fue 29.42 años. En total, 58.20% de la muestra fueron mujeres; y 40.40%, hombres. El estudio realizado fue no-experimental, expostfacto, transeccional y correlacional-causal. En general, se esperaba que la inteligencia emocional afectara directa e indirectamente a los estilos de manejo de conflicto, y que el desarrollo moral afectara directamente a los estilos de manejo de conflicto. Específicamente, se creía que la totalidad de las dimensiones de inteligencia emocional influirían sobre los cinco estilos de manejo de conflicto y sobre la moral de principios; y que, a su vez, la moral de principios influiría sobre los estilos integrador, dominante, evitativo y comprometido. Se utilizó un análisis de ruta (path analysis) para probar las hipótesis planteadas. Los instrumentos empleados fueron: el Inventario de Inteligencia Emocional IIESS-R de Sojo y Steinkopf (2002), el Test de Definición de Criterios Morales (DIT) de Rest (1979) para medir el nivel de desarrollo moral y el Inventario de Estilos de Manejo del Conflicto (ROCI-II) de Rahim (1983). Se consideró un intervalo de confianza de 95% y un nivel de significación de $p<0.05$. Los resultados muestran que los participantes suelen comportarse de forma principalmente integradora al momento de hacer frente a los conflictos interpersonales en el trabajo. La dimensión manejo de emociones de la inteligencia emocional explica el uso de los estilos integrador, complaciente y comprometido; percepción de las emociones en otras personas explica el uso del estilo dominante y el nivel de moral de principios; y percepción de las propias emociones explica el uso del estilo integrador. Con 15% de la varianza total, integrador es el estilo más explicado por la inteligencia emocional dentro del modelo evaluado. No se halló que la moral de principios explicara de forma significativa el uso de alguno de los estilos de manejo de conflicto. En definitiva, el modelo propuesto se confirmó parcialmente. Estos hallazgos tienen implicaciones para el área de selección y entrenamiento de recursos humanos, y para el desarrollo de programas educativos orientados a la formación en valores y razonamiento moral en estudiantes de postgrados de gerencia.

Palabras claves: inteligencia emocional, desarrollo moral, manejo de conflictos

PD

ORG-Psicología del Trabajo y de las Organizaciones

A FILOSOFIA DA MENTE E A PSICANÁLISE. *Sabrina Barros Ximenes (Universidade de Fortaleza)*

Este trabalho consiste em expor duas grandes questões. Primeiramente, avaliar a Filosofia da Mente desde seu início, o porquê de entrar nesse campo de estudo, seu desenrolar, as possibilidades de discussões dessa questão e uma possível 'solução' para sua área de pesquisa. Analisando dois pesquisadores específicos e seus pontos de vista acerca da problemática, Colin McGinn e Patrícia Smith Churchland (1993), foi tomada uma posição, neste trabalho, com relação a um dos que, de maneira plausível, consegue apresentar e 'dissolver de certa forma' esse problema mente/cérebro.

Em segundo lugar, este trabalho constará da implicação de um posicionamento relacionado à Psicanálise enquanto teoria psicológica onde é possível se exprimir uma explicação maior e mais ampla sobre a discussão (Psicanálise e o problema mente-corpo). O objetivo deste trabalho é traçar o caminho sobre a questão da Filosofia da Mente e possibilitar um olhar psicológico que capte, auxilie ou mesmo se mostre relutante acerca desse pensamento filosófico e seu desenvolvimento na atualidade. Demonstrar a possibilidade de se trabalhar essa questão amplamente em discussão na contemporaneidade, utilizando a Psicologia e a Filosofia como suporte. Os autores mais utilizados para defesa do olhar psicanalítico serão Richard T. Simanke, Saama Maani e Slavoj Zizek.

Filosofia da mente, neurociências, psicanálise, problema mente-corpo

Outras

A PERCEPÇÃO DE BRASILEIROS SOBRE CAMPANHAS DE TRÂNSITO.

Alessandra Bianchi, Isabel Balk, Tanara Pinto Baptista (Universidade Federal do Paraná)

A Organização Mundial da Saúde considera a mortalidade no trânsito uma epidemia mundial, com cerca de 1.270.000 pessoas morrendo por ano devido a acidentes de trânsito. Com o objetivo de fazer frente a estas estatísticas, a Organização das Nações Unidas declarou a década 2011-2020 um período de luta mundial contra os problemas de trânsito, buscando diminuir os índices de acidentalidade e, por consequência, de mortalidade. As estratégias para lidar com o problema podem ser agrupadas em três grupos: legislação, enforcement (fiscalização) e educação. No que tange o terceiro aspecto, é possível trabalhar com eficiência na educação preventiva de massa, campo de estudo que envolve estratégias de propaganda e marketing social para pequenos e grandes grupos. Esse foi um trabalho exploratório e objetivou iniciar um estudo relativo à percepção de brasileiros sobre campanhas de trânsito. Foi utilizada a estratégia de survey, com um questionário desenvolvido especificamente para a pesquisa. O questionário foi armazenado na internet e divulgado por e-mails e redes sociais, e era composto de 3 questões abertas e de rápida resposta. Primeiramente, os participantes deviam indicar se lembravam de alguma campanha de trânsito. Em caso positivo, deviam indicar 1) qual era a campanha e 2) o quê, especificamente, chamou a atenção na campanha citada. Também foram solicitados dados sociodemográficos e informações sobre onde (local e meio de comunicação) a propaganda tinha sido vista. Duzentas e vinte e cinco pessoas responderam ao questionário. Os participantes tinham entre 18 e 64 anos, eram de ambos os sexos (45,3% feminino), e 40,9% possuíam Ensino Superior Incompleto. Dentre os participantes, 40,4% indicaram não lembrar de nenhuma campanha publicitária (propaganda) de trânsito. As respostas daqueles que afirmaram lembrar e descreveram uma campanha foram analisadas por meio de análise de conteúdo sobre a terceira pergunta "o que chamou sua atenção na campanha citada". As respostas foram agrupadas em três categorias. A primeira categoria refere-se à forma da campanha: a maneira como a campanha foi feita, uma breve descrição da abordagem utilizada; por exemplo: um carro capotado, a comparação de maus motoristas com animais. A segunda categoria, nominada conteúdo, englobava todas as respostas que traziam a questão específica tratada pela campanha, o assunto que ela pretendia tratar como, por exemplo, utilização do cinto de segurança, uso do celular, bebida e direção. A terceira categoria, denominada "percepção subjetiva" agrupava as respostas que descreviam a forma pessoal como os participantes lembravam-se da campanha, tais como: assustadora, chocante, agressiva. A resposta de um participante poderia ser classificada em mais de uma categoria. A categoria forma agrupou a maior quantidade de respostas indicando a necessidade daqueles responsáveis pela contratação e desenvolvimento de marketing social referente à segurança de trânsito considerarem que a forma de uma campanha, os elementos nela presentes, deve ser tão considerada quanto o conteúdo que se propõe trabalhar, visto que aquele parece ter mais efeito sobre a memória das pessoas do que esse. Ainda assim considerações devem ser feitas e cuidados extremados no sentido de considerar aspectos do conteúdo e do apelo subjetivo das campanhas.

Campanhas, trânsito, marketing social

Bolsa PET e Bosla de mestrado CAPES REUNI

Outras

A PERSPECTIVA DA PRIMEIRA PESSOA E A PSICOLOGIA CONCRETA: GEORGES POLITZER, MERLEAU-PONTY E O PROBLEMA EPISTEMOLÓGICO. *Vitor Araújo (Universidade de Fortaleza)*

A ideia central de Politzer, que serve de horizonte para a obra Crítica dos fundamentos da psicologia, é reconhecer, no discurso da psicanálise, especialmente na obra A interpretação dos sonhos, a posição do método analítico, que com a saída do campo da especulação e da metafísica, assume a assunção de que o sonho não é aquilo que a psicologia empirista adotou para si como a verdade do fenômeno onírico, tomando como pressuposto o realismo psicológico. A inspiração de Politzer em Kant é evidente, na tentativa de fazer com que a psicologia deixe de ser uma ciência da coisa em si, logrando abandonar seu papel de diagnóstico do acontecimento dirigindo-se para uma análise da vivência. Politzer firma uma posição bastante favorável à psicanálise, sobretudo na afirmativa de que o saber psicanalítico demonstra sobremaneira a derrota da psicologia clássica, embora o discurso de Freud precise ser depurado, identificando nele, reminiscências dos problemas da psicologia clássica, sua ontologia e suas relações com a representação (Vorstellung). A metapsicologia, na emblemática descrição do capítulo 7 da Interpretação dos sonhos, pode ser facilmente deixada de lado, indicando um aspecto nocional da teoria psicanalítica, pois, para Politzer, a psicanálise é uma ciência da vivência concreta, trazendo à consciência não o fenômeno em terceira pessoa que tem como sustentação ontológica a teoria da sexualidade, mas significações particulares que não adentram a teleologia das relações sociais, mas não menos reveladoras da psicologia individual. Merleau-Ponty toma o trabalho de Politzer como um de seus fundamentos, especialmente porque se trata de reconhecer no inconsciente sua natureza expressiva, portanto, indiferente à sua topologia enquanto estrutura interior, ou a qualquer pressuposto ontológico que favorecesse uma suposição espiritualista do inconsciente. Tal como Merleau-Ponty, Politzer supunha que o alvorecer da psicologia dar-se-ia pela saída das especulações metafísicas, tratando a experiência psicológica mediante seus processos concretos de acontecimento. Merleau-Ponty toma como tarefa de seu pensamento assinalar os saberes que se aproximam da verdade do mundo percebido e encontra em Politzer a crítica precisa aos modelos da psicologia clássica. No entanto, parece incerto que a psicologia concreta conferiria à história da psicologia seu momento áureo, pois o argumento ontológico materialista atual, mediante a redução interteórica, segundo Churchland, tem mostrado que os fenômenos psicológicos, pelo menos em certo nível, estão subjacentes às suas causas materiais. Como fazer uma ciência de primeira pessoa, sem incorrer em problemas de método, na evidência clara de sua insuficiência no caso das anosognoses? Merleau-Ponty procura resolver este problema mediante a sua ideia de hiperdialética. Dois elementos constituem uma hiderdialética quando não existe uma síntese que anule as propriedades elementares dos elementos constitutivos da relação. O momento positivo da dialética, o momento do sentido, o fenômeno, o para-si, representa a perspectiva em primeira pessoa, que, por sua vez, não anula o momento da terceira pessoa, as propriedades intensionais do objeto, no esclarecimento da natureza do ser e seus modos de existência. Estes interpelam-se, mas não formam uma unidade que sintetize suas propriedades, propondo neste sentido uma possível resolução do problema epistemológico.

Politzer. Merleau-Ponty. Psicologia concreta. Epistemologia.

Outras

A REDE DE AMIGOS E A MELHOR AMIZADE DE BRASILEIROS VIVENDO EM OUTRO ESTADO DA FEDERAÇÃO. *Agnaldo Garcia (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)*

O Brasil apresenta grande mobilidade populacional. Segundo dados do IBGE, de 2010, mais de 20 milhões de brasileiros viviam em uma região do país na qual não haviam nascido. Contudo, pouco se sabe sobre as amizades de brasileiros que migraram para outros estados. O objetivo do presente trabalho foi investigar a composição da rede de amigos e a pessoa do melhor amigo em brasileiros que estavam residindo em outro estado da federação tendo como referencial teórico a obra de Robert Hinde. Participaram 100 brasileiros adultos com idades entre 18 e 58 anos, sendo 39 homens e 61 mulheres, originários de 15 unidades da federação e residindo em 13 unidades, sendo 46 solteiros, 39 casados, 11 em união estável e quatro separados ou viúvos. Os participantes tinham diferentes tempos de permanência fora do estado e todos responderam a um questionário com questões abertas e fechadas sobre sua rede de amigos atuais e sobre o melhor amigo, seu local de residência e local de origem. Os participantes podiam citar até cinco amigos atuais. Ao todo foram citados 465 amigos. Deste total, apenas 189 ou 40,6% viviam na mesma cidade e estado que o participante. Em relação à origem destes, 123 amigos ou 65,1% eram provenientes de outros estados ou outras cidades do estado em que viviam, podendo ser considerados migrantes também. Deste total, 35 ou 28,5% pessoas eram provenientes do mesmo estado do migrante e outros 88 ou 71,5% de estados diferentes. Apenas 66 ou 34,9% dos amigos vivendo na mesma cidade eram originários da cidade e estado onde se estabeleceram. Em relação ao melhor amigo, 99 participantes nomearam seu melhor amigo, sendo que 47 viviam na mesma cidade que o migrante enquanto 52 viviam em outro estado. Dos que viviam na mesma cidade, 36 ou 76,6% eram originários de outro estado ou cidade do estado de destino. Destes, 12 ou 25,5% eram do mesmo estado de origem e 24 ou 51,1% eram provenientes de um terceiro estado ou cidade do estado de destino. Apenas 11 ou 23,4% dos melhores amigos vivendo na mesma cidade que o migrante eram originários da cidade e estado de destino. Os dados sugerem que a migração interna afeta as redes de amigos de várias formas. Mesmo com a mudança de estado há a permanência dos amigos, especialmente do melhor amigo. No local de destino, os dados sugerem que os novos amigos sejam originários predominantemente de outros estados, compartilhando a condição de migrante. A melhor amizade foi considerada como afetando positivamente a adaptação ao local de destino para 73% dos participantes ou não afetando em 26% dos casos. Em apenas um caso a melhor amizade foi considerada como afetando negativamente a adaptação. Pode-se concluir que a migração interna afeta as redes de amigos de várias formas.

Migração; Amizade; Família

CNPq

Outras

A REDE SOCIAL DE BRASILEIROS VIVENDO EM OUTRO ESTADO.

Agnaldo Garcia (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)

O Brasil apresenta uma parcela razoável de sua população vivendo em estados nos quais não nasceram, tendo migrado em algum período de sua vida. Segundo o IBGE, há cerca de vinte milhões de brasileiros que vivem em regiões diferentes daquela onde nasceram. Pouco tem sido investigado em relação à rede social de migrantes brasileiros. O objetivo do presente trabalho foi investigar as relações entre migração interna e relações interpessoais, identificando motivos da mudança, as pessoas significativas para cada participante e a cidade e estado onde viviam utilizando como referencial teórico a obra de Robert Hinde. Participaram da pesquisa 100 brasileiros adultos que estavam vivendo fora de seu estado natal por diferentes períodos de tempo. Os participantes responderam a algumas questões fechadas e abertas sobre suas relações interpessoais à luz do processo de mudança de estado. Os principais motivos da mudança foram trabalho (55), estudo (37) ou relacionamento e família (23), por vezes conjuntamente. Os 100 participantes citaram 467 pessoas significativas em suas vidas incluindo amigos (163), pai ou mãe (97), irmão ou irmã (78), esposo, esposa ou parceiro romântico (60), filho ou filha (28), primo ou prima (15), sogro ou sogra (5), avô ou avó, (5), colega (4), tio ou tia (3), cunhado ou cunhada (3), madrinha (2), sobrinho ou sobrinha (1), enteado ou enteada (1), padre (1) e professor (1). Das 467 pessoas significativas, apenas 164 ou 35,1% viviam na mesma cidade do participante, principalmente amigos (74), parceiros românticos incluindo esposo ou esposa (45), filhos ou filhas (17), irmãos ou irmãs (9), pai ou mãe (4), colega (4), sogro ou sogra (3), madrinha (2), avô ou avó (1), tio ou tia (1), sogro ou sogra (1), cunhado ou cunhada (1), padre (1) e professor (1). Em relação à rede de pessoas significativas, pode-se observar a presença de 175 pais, mães ou irmãos totalizando 37,5% da rede. Os amigos representam 34,9% das pessoas consideradas significativas na rede pessoal de cada migrante. Os 88 parceiros românticos e filhos representam 18,8% das pessoas significativas. A família extensa, considerando avós, tios e primos totalizam 23 pessoas ou 4,9% da rede. Em relação às pessoas significativas vivendo na mesma cidade que os migrantes, parceiros românticos e filhos (62) passam a representar 37,8% da rede de pessoas significativas e geograficamente próximas enquanto os amigos passam a representar 45,1% da rede. Somente 13 pais, mães e irmãos são citados, passando a representar apenas 7,9% da rede de pessoas significativas e geograficamente próximas. Os dados sugerem que a migração para outro estado provoca o afastamento de grande parte da rede de pessoas significativas afetando as relações interpessoais dos migrantes de várias formas. Os dados também indicam o afastamento da família nuclear de origem formada por pais e irmãos, o aumento proporcional da participação de parceiros românticos e filhos e dos amigos no local de destino. Pode-se concluir que a migração afeta a rede pessoal de brasileiros que passaram a viver em outro estado.

Migração; Amizade; Família

CNPq

Outras

ARTE E PSICANÁLISE: A ANGÚSTIA E MELANCOLIA NA OBRA DE FLORBELA ESPANCA. *Sabrina Barros Ximenes (Universidade de Fortaleza)*

A Psicanálise e a arte caminham juntas de diversas formas desde os escritos freudianos. O próprio Freud analisou algumas obras de arte como escultura e literatura. Alguns pós-freudianos tomaram essa linha de pensamento de uma maneira diferente daquela que Freud pretendeu e de como, com Lacan, isso conseguiu ser reafirmado. Para Lacan, esse tema está situado no plano da cultura, Não se trata de analisar a criação pela fantasia do artista, a questão é uma Psicanálise implicada na Arte. Lacan entendia que a Arte ensina ao psicanalista a natureza do objeto e isso é crucial para a separação do objeto na dimensão do personagem e daquele que o escreve.

Nesse trabalho pretende-se discorrer sobre a questão da Arte e Psicanálise com o olhar na obra literária de Florbela Espanca, poetisa portuguesa do século XIX que ficou conhecida por sua literatura melancólica, de solidão e tristeza, mas também muita sedução, erotização e de uma feminilidade transbordante. O interessante da obra desta poetisa é que se podem analisar aspectos teóricos freudianos como a angústia e melancolia e pensá-los em sua forma de arte. Nessa jornada o livro dissecado seria o 'Poemas de Florbela Espanca', edição preparada por Maria Lúcia Dal Farra, editora Martins Fontes. E enquanto aspecto teórico, a utilização dos conceitos freudianos acerca da melancolia e angústia, além dos textos sobre arte também de Freud e a compreensão lacaniana em algumas questões identificadas. Esse trabalho implica um olhar na literatura enquanto forma de arte e sua ligação com o texto psicanalítico pensando conexões. A inserção dessa linha de pesquisa dentro do campo psicanalítico é interessante para transpassar novas formas de saber. Nesse caso 'saber fazer com o real' através da obra de arte.

Angústia, melancolia, arte e psicanálise, Florbela Espanca, literatura

Outras

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO DURANTE A OCORRÊNCIA DO DESASTRE NATURAL. *Roberta Borghetti Alves, Márcia Alves de Camargo Lacerda, Eduardo José Legal*

Os desastres naturais vêm afetando cada vez mais pessoas em todo o mundo, causando muitas vezes sofrimento psicológico às populações atingidas. No Brasil, entre 2000 e 2010, sessenta desastres naturais atingiram o país, deixando sete milhões e meio de brasileiros sem casas, com prejuízos econômicos, físicos e psicológicos. Diante disso, questiona-se como o psicólogo pode atuar durante a ocorrência do desastre natural? Este artigo objetivou analisar a produção científica no campo da psicologia, disponível em bibliotecas de dados nacionais e internacionais no período de 2000 a 2010, acerca da atuação do psicólogo durante a ocorrência do desastre natural. Para tanto, foi realizada uma análise do conteúdo da produção bibliográfica disponível nos bancos de dados CRID, BIREME e LILACS. Para este tipo de pesquisa utilizou-se a técnica de leitura e o roteiro de leitura. A primeira consistiu em leituras sucessivas dos materiais selecionados obedecendo às etapas de reconhecimento, exploração, seleção, reflexão e interpretação. E o segundo, consistiu na construção de um instrumento para o roteiro de leitura, visando auxiliar no levantamento de conceitos e considerações relevantes sobre a temática. Utilizou-se como critério de exclusão os artigos que não se referiam aos desastres naturais; os que não faziam menção ao trabalho do psicólogo durante a ocorrência do desastre natural; aqueles que se encontraram repetidos em duas versões linguísticas ou em bibliotecas diferentes; os que não se encontravam diretamente acessíveis no site ou não se referiam a data de publicação; e, finalmente, os manuais ou trabalhos organizados em forma de tópicos. Dos 72 trabalhos acessados, 4,17 % relacionavam-se ao tema, sendo 66,67% em língua portuguesa. Quanto aos resultados da pesquisa há consenso entres os autores, pois para eles os profissionais que trabalham com emergências precisam ter em mente duas necessidades programáticas abrangentes em situações de desastre natural. A primeira é com base em uma abordagem ampliada, usando uma variedade de meios e práticas orientadas à comunidade afetada, com foco em resiliência individual e coletiva, na criação de estrutura social, proporcionando estabilidade e incentivando a interação e coesão comunitárias. A segunda é estabelecer tratamentos baseados em evidências, seja em grupo ou individuais, adaptado à cultura local, que possibilitam que o sujeito relate e reelabore a experiência que teve no desastre natural, bem como detecte quais as pessoas que estão propensas a desenvolver Transtorno do Estresse Pós-Traumático. A partir dos dados levantados, nota-se que as percepções dos autores sobre a temática estão voltadas tanto ao tratamento das pessoas que foram atingidas pelo desastre natural visando diminuir o sofrimento psíquico das mesmas, bem como incentivar a coesão e a interação comunitária, para que sejam criadas redes de apoio. Além disso, salienta-se a existência de muitos poucos estudos publicados acerca deste assunto, necessitando que haja um maior investimento científico, seja por meio de eventos científicos, elaboração de artigos e manuais, que visem incentivar às discussões e capacitações para esta categoria.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO PÓS-DESASTRE. *Roberta Borghetti Alves, Márcia Alves de Camargo Lacerda, Eduardo José Legal*

Os desastres naturais vêm afetando cada vez mais pessoas em todo o mundo, causando muitas vezes sofrimento psicológico às populações atingidas. No Brasil, entre 2000 e 2010, sessenta desastres naturais atingiram o país, deixando sete milhões e meio de brasileiros sem casas, com prejuízos econômicos, físicos e psicológicos. Diante disso, questiona-se como o psicólogo pode atuar após a ocorrência do desastre natural? Este artigo objetivou analisar a produção científica no campo da psicologia, disponível em bibliotecas de dados nacionais e internacionais no período de 2000 a 2010, acerca da atuação do psicólogo durante a ocorrência do desastre natural. Para tanto, foi realizada uma análise do conteúdo da produção bibliográfica disponível nos bancos de dados CRID, BIREME e LILACS. Para este tipo de pesquisa utilizou-se a técnica de leitura e o roteiro de leitura. A primeira consistiu em leituras sucessivas dos materiais selecionados obedecendo às etapas de reconhecimento, exploração, seleção, reflexão e interpretação. E o segundo, consistiu na construção de um instrumento para o roteiro de leitura, visando auxiliar no levantamento de conceitos e considerações relevantes sobre a temática. Utilizou-se como critério de exclusão os artigos que não se referiam aos desastres naturais; os que não faziam menção ao trabalho do psicólogo após a ocorrência do desastre natural; aqueles que se encontraram repetidos em duas versões linguísticas ou em bibliotecas diferentes; os que não se encontravam diretamente acessíveis no site ou não se referiam a data de publicação; e, finalmente, os manuais ou trabalhos organizados em forma de tópicos. Dos 72 trabalhos acessados, 25 % relacionavam-se ao tema, sendo apenas 27,78% em língua portuguesa. Quanto aos resultados da pesquisa constata-se que a maior parte dos estudos focaram as ações empreendidas no pós-desastre. Tais estudos demonstraram a importância do trabalho do psicólogo e demais profissionais da saúde mental na busca da minimização dos impactos psicológicos sofridos pelas vítimas de desastres naturais. Concomitante a esta prática, os autores também levantaram diferentes técnicas e instrumentos utilizados na verificação da incidência de transtornos mentais variados e/ou do Transtorno de Estresse Pós Traumático (TEPT), tais como STAI (medição da ansiedade), SRQ-20 (investigação do sofrimento emocional), TSQ e o Composite International Diagnostic Interview (incidência de estresse pós-traumático), IES (impacto de eventos estressores), BDI (Inventário de Depressão Beck), K6 (transtornos mentais e ideação suicida), KRI (sintomas de trauma), entre outros. Quanto às práticas supracitadas pelos autores, verifica-se um maior enfoque no tratamento e avaliação de possíveis transtornos mentais, salientando-se principalmente o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), não sendo elencando pelos autores os fatores potencialmente de risco e proteção, a resiliência e as diferentes estratégias de coping que foram utilizadas pela população atingida pelo desastre natural. Além disso, salienta-se também a escassez de pesquisas empíricas no âmbito nacional, necessitando que haja um maior investimento científico no Brasil, seja por meio de eventos científicos, elaboração de artigos e/ou manuais.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO PRÉ-DESASTRE. *Roberta Borghetti Alves, Márcia Alves de Camargo Lacerda, Eduardo José Legal*

Os desastres naturais vêm afetando cada vez mais pessoas em todo o mundo, causando muitas vezes sofrimento psicológico às populações atingidas. No Brasil, entre 2000 e 2010, sessenta desastres naturais atingiram o país, deixando sete milhões e meio de brasileiros sem casas, com prejuízos econômicos, físicos e psicológicos. Diante disso, questiona-se como o psicólogo pode atuar frente à ocorrência de futuros desastres naturais? Este artigo objetivou analisar a produção científica no campo da psicologia, disponível em bibliotecas de dados nacionais e internacionais no período de 2000 a 2010, acerca da atuação do psicólogo no pré-desastre, ou seja, antes da ocorrência do desastre natural. Para tanto, foi realizada uma análise do conteúdo da produção bibliográfica disponível nos bancos de dados CRID, BIREME e LILACS. Para este tipo de pesquisa utilizou-se a técnica de leitura e o roteiro de leitura. A primeira consistiu em leituras sucessivas dos materiais selecionados obedecendo às etapas de reconhecimento, exploração, seleção, reflexão e interpretação. E o segundo, consistiu na construção de um instrumento para o roteiro de leitura, visando auxiliar no levantamento de conceitos e considerações relevantes sobre a temática. Utilizou-se como critério de exclusão os artigos que não se referiam aos desastres naturais; os que não faziam menção ao trabalho do psicólogo no pré-desastre; aqueles que se encontraram repetidos em duas versões lingüísticas ou em bibliotecas diferentes; os que não se encontravam diretamente acessíveis no site ou não se referiam a data de publicação; e, finalmente, os manuais ou trabalhos organizados em forma de tópicos. Dos 72 trabalhos acessados, 15,27 % relacionavam-se ao tema, sendo 45,45% em língua portuguesa. Quanto aos resultados da pesquisa há divergência entres os autores, pois para alguns, o psicólogo pode implementar ações destinadas à mitigação de desastres por meio de educação comunitária, visando o fortalecimento das pessoas, comunidades e redes sociais; estar inserido nas políticas públicas relacionadas à defesa civil; compreender a cultura, a representação social e a percepção de risco da população. Já para outros o psicólogo precisa identificar as estratégias de coping utilizadas no enfrentamento do estresse decorrente da vivência de um desastre, visando investigar qual o impacto das mesmas nas respostas que são dadas pelo indivíduo frente ao desastre, propondo reflexões acerca da prevenção em futuros desastres A partir dos dados levantados, nota-se a diferentes percepções dos autores sobre a temática, dificultando a criação de subsídios que respaldem o papel do psicólogo no pré-desastre. Além disso, salienta-se a existência de poucos estudos publicados acerca deste assunto, necessitando que haja um maior investimento científico, seja por meio de eventos científicos, elaboração de artigos e manuais, que visem incentivar às discussões e capacitações para esta categoria.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

***BULLYING*: PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA**. *Domiciane Araújo Azevedo (Universidade de Los Pueblos de Europa - Málaga/Espanha), Celina Maria Colino Magalhães (Universidade Federal do Pará)*

As pesquisas acerca da violência escolar e do bullying vêm se realizando sob os mais diferentes focos e um deles volta-se para a prática docente. Enfocando esse aspecto, este estudo teve com o objetivo investigar as manifestações do bullying a partir da percepção dos educadores do Ensino Fundamental em Itaituba-Pará. Com tal propósito utilizou-se para a coleta de dados um questionário contendo 23 questões, sendo 15 com respostas abertas e fechadas e 08 perguntas referentes às informações sociodemográficas dos participantes (sexo, idade, escolaridade, tempo de serviço e turmas em que atuam) e um roteiro estruturado contendo uma situação-problema que retrata uma situação de bullying e cinco questões abertas. Fizeram parte da pesquisa 128 educadores que atuam em escolas públicas. A pesquisa caracterizou-se como um estudo descritivo e os dados receberam um tratamento estatístico com o método de análise de conteúdo para a construção das categorias de análise. Os resultados indicaram que a faixa etária dos participantes correspondeu entre 18 e 61 anos, sendo 76% pertencentes ao sexo feminino e 9% do grupo masculino. 94% desses educadores possuem o ensino superior completo e 34% dos entrevistados têm de 11 a 20 anos de experiência contrastando com o segundo lugar que corresponde a 25% dos educadores que estão em princípio de carreira com variação de 01 a 04 anos de trabalho. 51% da amostra afirmaram que já foram vítimas de bullying, principalmente através de apelidos relacionados à discriminação racial, orientação sexual, comportamentos, etc. Para a maioria dos educadores, o bullying é percebido como uma forma indireta de violência e desrespeito ao outro, manifestado principalmente pela agressão verbal representada pelos apelidos que causam constrangimentos à vítima sejam eles relacionados aos aspectos físicos (cor, aparência – magro, gordo, deficiência física, etc) ou comportamentais (timidez, comportamento homoafetivo, entre outros.). Ao que se refere ao ambiente escolar 50% das escolas não possuem nenhum procedimento padrão de combate e prevenção do bullying e por isso as medidas mais adotadas são as orientações e conversas com os envolvidos, as quais são feitas por professores, coordenadores pedagógicos ou a própria direção da escola. Considerando que 95% dos participantes afirmaram conhecer o termo bullying, geralmente por intermédio da televisão, concluiu-se que o problema maior está na falta de ações de prevenção, pois muitos educadores não sabem como lidar com as situações de violência e bullying, embora 91% reconheçam a necessidade de intervenção. Mesmo assim, nem todos sabem definir ao certo quando uma situação pode ser caracterizada como bullying ou não, e por isso, muitas vezes esse conceito é atribuído a qualquer comportamento inadequado ocorrido esporadicamente. Por isso, ao final deste trabalho, sugerem-se algumas propostas de intervenção nos casos de bullying, as quais envolvem os pais, os alunos e os educadores.

Percepção. Educadores. Bullying. Escola pública. Itaituba, Pará-Brasil.

Outras

DIVERGÊNCIAS QUANTO À RECOMENDAÇÃO DE ALGUNS PROCEDIMENTOS AVERSIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Fernanda Marques Jacovozzi, Maura Alves Nunes Gongora, Anthônia de Campos (Universidade Estadual de Londrina)*

Questionamentos referentes à recomendação de procedimentos de intervenção comportamental não são recentes, especialmente quando se discute a respeito de procedimentos aversivos. O estudo aqui descrito teve como objetivo verificar divergências entre as recomendações de procedimentos de intervenção presentes nos livros de orientação para pais, recomendados por psicoterapeutas comportamentais infantis, e as recomendações de autores da área básica da Análise do Comportamento, quanto ao uso de procedimentos educacionais aversivos. B. F. Skinner e M. Sidman fundamentam a maioria das análises de autores de psicoterapia comportamental infantil; por isso foram eleitos para serem analisados neste estudo. O estudo constou de dois passos. Primeiro foi realizado um levantamento, junto à bibliografia da área básica em Análise do Comportamento, relativo às posições dos dois autores eleitos quanto aos procedimentos de intervenção por eles recomendados. No segundo passo, foram examinados os procedimentos comportamentais de intervenção recomendados nos livros de orientação para pais mais indicados por psicoterapeutas comportamentais infantis. Foram examinados os quatro livros mais indicados por 32 terapeutas, que responderam a um questionário enviado a 50 psicoterapeutas infantis. As posições gerais de Skinner e de Sidman já são bastante conhecidas: de maneira geral, eles não recomendam procedimentos aversivos e, em seu lugar, recomendam o uso de reforço positivo. No entanto, Sidman mostrou-se mais rigoroso em suas restrições, pois, enquanto Skinner centra suas críticas à punição e recomenda o uso de extinção, Sidman estende suas restrições, também, ao uso do reforço negativo e da extinção. Ambos os autores argumentam que procedimentos aversivos produzem subprodutos indesejáveis, especialmente os de ordem emocional. No exame dos quatro livros mais recomendados pelos psicoterapeutas comportamentais infantis verificou-se que, além da prioridade ao uso de procedimentos pautados no reforço positivo, há, também, a indicação de procedimentos que são fundamentados no controle aversivo. Destacou-se a indicação do procedimento de seguir regras, acompanhado da retirada de privilégios (um procedimento de punição negativa) e a recomendação do time-out (procedimento considerado tanto de punição negativa quanto positiva), por dois dos livros. Tais procedimentos são recomendados pelos autores dos livros de orientação para pais com a argumentação de que os mesmos contribuem para diminuir a frequência de comportamentos inadequados e produzem efeitos desejáveis a longo prazo, sem resultar naqueles subprodutos emocionais indesejáveis pontuados por Skinner e Sidman. Tanto os autores dos livros de orientação para pais, quanto Skinner e Sidman, não recomendam a punição física ou o castigo corporal, sob hipótese alguma, por seus subprodutos indesejáveis e por serem contra a ética geral dos direitos humanos. Comparando-se a posição dos autores da área básica com a posição dos autores dos quatro livros de orientação para pais mais indicados, pode-se dizer que enquanto Skinner e Sidman restringem ao máximo a recomendação de procedimentos aversivos, os autores dos livros de orientação para pais, recomendam alguns procedimentos aversivos, mostrando que seus efeitos têm se mostrado desejáveis. Esses resultados indicam que ainda parece haver controvérsias quanto aos efeitos mais sutis de algumas das contingências aversivas, especialmente aquelas não violentas e que educam as crianças para respeitar limites e regras.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Análise do comportamento, controle aversivo e orientação de pais.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE NA OBRA ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR. *Milena Del Santo Rosa (Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP)*

Água Viva, de Clarice Lispector, é um livro reconhecidamente singular e de difícil classificação entre os gêneros literários. O principal eixo da sua obra é o questionamento do "ser" e o "estar no mundo". Com uma forma única de escrever, Lispector quebrou as normas da narrativa tradicional, dando espaço ao romance introspectivo, cujo mergulho nos pensamentos dos personagens é mais importante do que o próprio enredo da narrativa. A pesquisa teve como objetivo central procurar compreender, através da leitura sistemática da obra Água Viva, como uma obra de arte pode ser relacionada à vida. Pretendeu-se avaliar a relação entre "ser", conhecimento de si e linguagem, e assim contribuir com o estudo da Psicologia e da Filosofia. Os objetivos específicos consistiram na leitura da obra relacionando-a a vida da autora e a análise das relações entre o conhecido e o desconhecido em nós, a "condição de it", o "instante já", o conceito de quarta-dimensão, a noção de morte relacionada ao tempo e ao instante como sua negação, a transformação e as entrelinhas. A metodologia utilizada foi a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur e Gadamer através de uma leitura sistemática da obra, ou seja, descreveu-se a estrutura do texto e analisou-se com profundidade a obra. Para tanto foi possível ressaltar a relação que se estabelece entre a subjetividade do autor que ganha vida a partir da subjetividade do leitor e que ambas se encontram através da linguagem. O presente trabalho inicialmente sugeriu uma leitura da obra estabelecendo um diálogo entre o livro e vida da autora-narradora-personagem e estruturou-se em 5 capítulos. O primeiro capítulo teve como enfoque a vida da autora, o segundo posicionou suas obras na literatura brasileira, o terceiro procurou dialogar com estilo e a escrita no livro, o quarto capitulo apresentou os resultados obtidos por meio da análise detalhada da obra e o último sugeriu possíveis significados e interpretações sobre o título do livro. O resultado encontrado foi a construção de uma personagem-narradora que experiência o mundo por meio da pintura, da escrita, da música e de imagens. Nota-se que o livro se estrutura em blocos que são divididos em partes e que se subdividem em subgrupos de assuntos. Essa estrutura compõe uma organização de relações, de construção da própria subjetividade, de crescimento emocional e de experiências. A composição literária da obra ora se aproxima de uma autobiografia, ora se desenvolve como um romance introspectivo e mantém durante todo o texto uma prosa de teor lírico. Além disso, observou-se que a leitura, interpretação e identificação que o leitor tem com a personagem são o próprio desvelar-se da narrativa, proporcionando o contato entre a vida real e a vida narrativa. Abordou também como a arte está relacionada com o que há de mais secreto em cada um de nós e como pode ser interessante esta entrega. Água Viva, traduz segundo a autora a palavra mais importante da língua, que é "é". Que se define como centro vivo e mole, elástico e sem vértebras, corrente, continua, viva e inesgotável.

Clarice Lispector, Subjetividade, Linguagem

Outras

MEDO DE DIRIGIR: LEVANTAMENTO DAS VARIÁVEIS QUE INFLUENCIAM O MOTORISTA COM DIFICULDADE EM DIRIGIR. *Thatyane Caroline Machado, Maria José Nunes Maciel (Universidade Nove de Julho)*

Atualmente é possível verificar um grande número de pessoas com medo de dirigir e um aumento de escolas especializadas em atender essa demanda. No entanto, são poucas pesquisas realizadas sobre o medo de dirigir. O objetivo desse trabalho foi realizar um levantamento das variáveis que podem influenciar o motorista com medo de dirigir. Para tanto, utilizamos uma amostra de 16 participantes maiores de 18 anos, de ambos os sexos que estavam em processo de aquisição da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) ou já habilitados, que faziam aulas avulsas. Utilizamos um questionário, que foi elaborado pelas pesquisadoras que continham perguntas que visavam identificar fatores comportamentais, cognitivos e sociais envolvidos no medo de dirigir. Os resultados demonstraram que 87% das pessoas com medo de dirigir são do sexo feminino, a maior incidência dessa amostra foi na faixa etária de 40 a 50 anos de idade (43%). Vários possuem carro mas não dirige, ou o faz com muito sofrimento (24,9%), 18,7% utiliza transporte público, mas precisam do carro para trabalhar. Em relação a experiências traumáticas podemos verificar que 25% já sofreu acidente de carro , 50% nunca se envolveu em acidente, mas tem medo de dirigir e 31,2% preocupa-se em ouvir ou ver acidentes. A respeito dos sintomas 12,5% sente tremor, calafrios, suor, dores de barriga, etc; 75% pensa que pode atropelar alguém ou provocar um acidente e 25% pensa que pode perder o controle do carro; 50% se sente insegura na presença de ônibus ou caminhões na pista. Obtivemos relatos de pessoas com medo de estacionar, mudar de faixa, subir rampa (37%) e ainda medo de errar e estar sendo observado (18,7%). A respeito das crenças notamos que 43% acredita que as mulheres devem dirigir para serem independentes; e 31,2% acredita que o jovem deve adquirir a CNH aos completar 18 anos; para 31,2% dirigir representa status, autoconfiança, autonomia e poder. Notamos ainda pessoas que acreditam que devem ser perfeitas em tudo que fazem (31,2%) e que o fato de não dirigir as deixam com a auto-estima rebaixada (25%) e medo de errar na presença de outras pessoas 12,5%. Os resultados encontrados mostram que fatores culturais, expectativas e crenças podem estar associadas ao medo de dirigir, e que o medo de dirigir pode ou não estar associado a experiências traumáticas no trânsito, e que esse medo pode ser aprendido. Notamos também que a forma como as pessoas pensam podem contribuir para seu medo. Concluímos que devemos conhecer melhor a demanda dessas população e que novas pesquisas sejam realizadas a fim de se implementar medidas de tratamento e prevenção.

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

MIGRAÇÃO INTERNA E RELAÇÃO COM NOVOS E VELHOS AMIGOS.

Agnaldo Garcia (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)

A migração interna é um fenômeno importante no Brasil e na América Latina, contudo, pouco se sabe sobre as amizades de brasileiros que migraram para outro estado da federação. O objetivo do presente trabalho foi investigar o relacionamento de brasileiros adultos que passaram a viver em outra unidade da federação com amigos do local de origem e a formação de novas amizades no local de destino, tendo como referencial teórico a obra de Robert Hinde. Participaram da pesquisa 100 brasileiros adultos com idades entre 18 e 58 anos que haviam deixado seu estado de origem para viver em outro estado por motivo de trabalho, estudo ou relacionamento, os quais responderam um questionário com questões abertas e fechadas. Os resultados indicaram que 95% dos participantes mantiveram contato com amigos do local de origem enquanto apenas 5% não mantiveram. O contato se deu de diversas formas. O meio de comunicação mais utilizado foi a Internet, em 84% dos casos, seguido pelo telefone, em 62%, e cartas restritas a 5% dos participantes. O contato pessoal também ocorreu e 64% dos participantes fizeram visitas aos amigos da cidade e estado de origem enquanto apenas 34% receberam visitas desses amigos. Quanto à situação da amizade com pessoas do estado de origem, 82% consideraram que essas amizades declinaram para todos os amigos, em 9% dos casos, ou para alguns amigos, em 73% dos casos. Apenas 18% dos participantes consideraram que as amizades permaneceram estáveis. Ao se mudarem para uma nova cidade e estado, 36% informaram já ter amigos na cidade enquanto 64% não possuíam. Em relação, à participação dos amigos na decisão de mudar de cidade, 15% consideraram que os amigos da cidade anterior exerceram influência e 85% não perceberam tal influência. Em relação à influência percebida de amigos da nova cidade, apenas 16% consideraram ter havido tal influência. Enquanto 85% dos migrantes declararam ter procurado fazer amigos ao chegar ao estado para o qual se mudaram, 15% não o fizeram. 48% dos participantes tiveram dificuldades para fazer amigos no novo local e 52% não relataram dificuldades. Finalmente, 80% consideraram ter obtido sucesso em fazer novos amigos no local quando chegaram, 6% relataram sucesso parcial e 13% não tiveram sucesso e 1% não respondeu. Os dados indicam que a maioria dos participantes está envolvida com velhos e novos amigos. Pode-se concluir que a mudança de estado cria dificuldades em relação aos amigos do estado de origem provocando, em geral, o declínio destas amizades. A maioria também busca fazer amigos no local de destino, embora quase metade dos participantes tenha relatado dificuldades no processo. Os dados sugerem que o processo de migração interna cria dificuldades para as amizades de adultos que mudaram de estado.

Migração; Amizade; Família

CNPq

Outras

O TESTE VISOMOTOR DE BENDER NA ADOLESCÊNCIA. *Lívia de Freitas Keppeke, Isa de Pádua Cintra, Teresa Helena Schoen (Unifesp)*

A habilidade visomotora permite uma melhor interação com o meio e é fundamental para aprendizagem escolar além de reconhecer, discriminar e interpretar estímulos. A adolescência é uma fase caracterizada por cruciais mudanças biopsicossociais. Estudos apontam a possibilidade de maturação da habilidade visomotora ainda na fase da adolescência. Por isso, este estudo teve como objetivo averiguar possível correlação entre o desenvolvimento visomotor e variáveis demográficas na adolescência. Para tal objetivo, utilizamos o Teste Gestáltico Visomotor de Bender, Matrizes Progressivas-Escala Geral e prontuários médicos. Participaram 134 adolescentes de ambos os sexos com idade cronológica variando de 10 a 15 anos ,oriundos de um ambulatório médico especialista em adolescência da Zona Sul de São Paulo. Os instrumentos foram aplicados individualmente e os dados demográficos foram recolhidos dos prontuários após os participantes passarem por consulta médica. O escore do Bender em relação à idade ($p=0,545$) e sexo ($p=0,409$) não apresentou diferença significativa, ambas as variáreis apresentaram médias aproximadas de pontos. Também não houve associação com a escolaridade ($p=0,147$), embora a variável repetência escolar tenha mostrado significativa diferença ($p<0,001$): o grupo dos pacientes que já haviam sido retidos em alguma série escoalr obteve desempenho significativamente pior do que os não repetentes. Os adolescentes que apresentaram problemas de desenvolvimento obtiveram desempenho no Bender significativamente pior com relação aos que não apresentaram suspeitas de patologias desenvolvimentais ($p<0,001$). Houve correlação negativa estatisticamente significante ($p<0,001$) com o teste de inteligência Matrizes Progressivas. Foi detectada uma associação significativa entre patologia e repetência ($p=0,005$). A proporção de participantes com problemas de desenvolvimento é significativamente maior no grupo dos repetentes (40%) do que no grupo dos não repetentes (14,6%). O motivo de insucesso escolar parece estar ligado a problemas de desenvolvimento que dificulta a aprendizagem escolar. Por isso é importante perguntar sobre o desenvolvimento inicial durante a anamnese em atendimento de adolescentes. Embora, o Teste Bender seja destinado à faixa etária de até 11 anos, neste estudo ele se mostrou fidedigno em identificar problemas de desenvolvimento também no período da adolescência, permitindo, então, sua utilização em idades mais avançadas que aquelas utilizadas na padronização do teste.

Palavras chaves: Habilidade visomotora, adolescência, Bender.

Nível do Trabalho: Outro

AVAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO. *A Celina Maria Colino Magalhães, Grauben José Alves Assis (Universidade Federal do Pará)*

O Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) visa a formação de professores universitários e pesquisadores, bem como profissionais de alto nível, em áreas de pesquisa relativas ao comportamento humano e animal, com abordagens compatíveis com a especialização e interesses de seus docentes orientadores, apoiados por políticas públicas de incentivo à pesquisa. Especificamente, visa formar teórico-metodologicamente com padrão internacional, mestres e doutores, objetivando o conhecimento e desenvolvimento da região amazônica. A formação almejada transcorre em um ambiente de pesquisa interdisciplinar em que o comportamento é estudado sob diferentes abordagens, em projetos de pesquisa básica e aplicada, com intenso intercâmbio entre os grupos do programa e de fora dele, no Brasil e no exterior. Os dados dos egressos do PPGTPC, permitem avaliar quanto o programa tem tido sucesso em atingir tal objetivo. O PPGTPC iniciou suas atividades em 1987, como Curso de Mestrado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento. A iniciativa foi pioneira na região norte, onde apenas recentemente, em 2004, foi criado um segundo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, também na UFPA. Atualmente o PPGTPC ainda é o único Programa na área de Psicologia na região norte que oferece Doutorado, tendo boa parte de seus egressos atuando em instituições de ensino superior, públicas e privadas, nesta região e na região nordeste. O doutorado passou a ser oferecido a partir de 2000, mantendo duas áreas de concentração: Psicologia Experimental e Ecoetologia. Com 24 anos de existência do mestrado e 12 de doutorado, já realizamos 263 defesas de dissertações e 51 defesas de teses.

Análise Experimental do Comportamento, Ecoetologia

CAPES

CNPq

FAPESPA

AEC

RECONHECIMENTO DE EXPRESSÕES FACIAIS E CENAS DE VALÊNCIA EMOCIONAL APRESENTADAS SUBLIMINARMENTE. *Beatriz Franco Barbosa*; Fernanda Pires Garcia*; Flavia Helen Moreira da Silva*, Julia Ribeiro*; Márcia Viana Amaral*; Rui de Moraes Júnior** e Sérgio Sheiji Fukusima (Laboratório de Percepção e Psicofísica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

As emoções não teriam se desenvolvido e se mantidas se não tivessem significado adaptativo para os organismos. Além disso, a adaptação social do indivíduo está relacionada à capacidade de expressar/perceber emoções. Dado sua grande importância, estímulos emocionais podem acarretar um aumento da sensibilidade perceptual, o que é corroborado por estudos que utilizam apresentações subliminares de estímulos de conteúdo emocional. Porém, pouco se sabe sobre o posterior reconhecimento destas imagens. A literatura utiliza amplamente 2 instrumentos que se constituem de modalidades diferentes de estímulos: cenas do IAPS (International Affective Picture System)e as faces de Ekman (FACS - Facial ActionCoding System). Sendo assim, torna-se necessário o desenvolvimento de estudos comparativos entre ambos os instrumentos para se testar a confiança e funcionalidade destes. Portanto, objetivo deste trabalho foi investigar se a valência agradável, desagradável ou neutra de faces com expressões emocionais e de cenas com conteúdo afetivo apresentadas subliminarmente produziam diferença em seu posterior reconhecimento. Ainda, verificaram-se diferenças no tempo de reação destes estímulos. Para isso, 32 universitários da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto (média de 20,4 anos ± 1,7, 16 mulheres) realizaram uma tarefa de matching-task. Cada tentativa se iniciava com um ponto de fixação apresentado por 500 milissegundos (ms), seguido de uma tela de ruído (200 ms, forwardmasking) que antecedia o estímulo subliminar (12 ms); novamente um ruído era apresentado (300 ms, backwardmasking), seguido de um ponto de fixação (500 ms), do estímulo de comparação (1000 ms), uma tela de resposta e outra de descanso. O experimento foi dividido em dois blocos, um de faces e outro de cenas, com 48 tentativas cada: 16 de cada valência, sendo 8 congruentes (estímulos subliminar e comparação iguais) e 8 não-congruentes (estímulos subliminar e comparação diferentes). Os 2 estímulos apresentados nas tentativas não-congruentes eram sempre de mesma valência e as faces eram sempre do mesmo sexo. O bloco de início foi contrabalanceado entre os participantes. Foi calculado o parâmetro d', definido pela Teoria de Detecção de Sinal, e o tempo dereação, ambos submetidos a uma análise de variância: [2 estímulos (cenas, faces)] x [3 valências (agradável, desagradável e neutro)]. Adotou-se um nível de significância de 5% e o teste post-hoc de Bonferroni. A análise do d' revelou efeitos estatisticamente significativo entre os estímulos, faces e cenas [$F(1,31)=17,78$; $p<0,001$]. De maneira inesperada, as cenas neutras foram mais reconhecidas (d'=2,67) do que em qualquer outra condição. O número limitado de cenas neutras normatizadas para a amostra brasileira, e a consequente maior saliência entre os estímulos, pode ter sido responsável pelo efeito. Quando analisadas as faces, o desempenho nas agradáveis (d'=1,52) foi significativamente melhor em relação às neutras (d'=0,48) ($p=0,003$). O tempo de reação revelou que o julgamento deestímulos de valência agradável foi significativamente mais rápido em relação aos de valência desagradável, independente se cenas ou faces ($p=0,26$).Estudos afirmam que imagens de ameaça apresentadas rapidamente enfraquecem a ativação da amígdala e intensificam a ativação do córtex pré-frontal, que realiza um processamento de informações com maior gasto temporal.

Percepção subliminar, IAPS, FACS

IC

CNPq
PERC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

SOBRE EFEITOS INDESEJÁVEIS DO REFORÇO POSITIVO. *Anthonia de Campos, Maura Alves Nunes Gongora (Universidade Estadual de Londrina)*

O controle positivo do comportamento exerce um papel central na constituição do corpo teórico da Análise do Comportamento. Na literatura comportamental, encontramos muitos estudos que discutem os efeitos desejáveis do reforço positivo. Contudo, muito pouco se discute a respeito de seus possíveis subprodutos indesejáveis. Essa apresentação tem como objetivo relatar os resultados de uma pesquisa bibliográfica, no campo da Análise do Comportamento, a respeito de efeitos indesejáveis do reforço positivo. Foram levantados estudos que analisavam efeitos indesejáveis do reforço positivo. A pesquisa incluiu: a) quatro bases de dados do portal de periódicos da CAPES b) estudos mencionados em referências bibliográficas de textos relevantes ao estudo do tema em pauta; c) outras fontes: coleção 'Sobre comportamento e Cognição', grupos de estudos cadastrados nos diretórios do CNPq e banco de teses e dissertações do portal da CAPES. Resultados: foram recuperados 26 textos que mencionavam tais efeitos, sendo que em quatro deles o foco principal de análise eram os efeitos indesejáveis do reforço positivo. Foram encontradas referências a sete efeitos indesejáveis: a) efeitos emocionais de excitação intensa ou de exaustão; b) efeito supressivo de outras respostas adequadas; c) indução e manutenção de comportamentos socialmente inadequados; d) dificuldades nos processos de discriminação e de generalização; e) dependência do agente reforçador; f) efeitos produzidos pela liberação não contingente de estímulo; g) uso abusivo de reforço positivo. Analisando-se tais efeitos verifica-se que, em geral, eles são indiretos e podem ser produzidos pela aplicação inadequada de procedimentos de reforço positivo. São exemplos disso os altos graus de excitação ou de exaustão que podem ser incompatíveis com o desempenho esperado com a aplicação do procedimento. Por outro lado, verifica-se que há efeitos indesejáveis do reforço positivo que são produzidos pelo próprio estímulo (e não pelo uso inadequado do procedimento). Esses efeitos devem-se a duas características próprias dos estímulos reforçadores primários (apetitivos), tais como sexo, sal ou açúcar: produzem efeitos imediatos e de prazer. Esses efeitos foram amplamente analisados por Skinner que pontuou o fato de sua origem estar na sensibilidade evoluída ao reforço que já teve valor de sobrevivência entre os humanos, mas que hoje, devido às mudanças ambientais produzidas por nossas práticas culturais, podem ter subprodutos letais. São exemplos desses subprodutos a obesidade, o consumismo e a superpopulação. Cabe ressaltar que o objetivo desse estudo não foi desqualificar o uso do reforço positivo, pois, acredita-se que a importância do reforço positivo já está consolidada na Análise do Comportamento. Contudo, esses resultados permitem concluir que o uso do reforço positivo, não é um procedimento simples para que os estudos relativos aos seus efeitos possam ser negligenciados. Ao contrário, precisamos compreender seus efeitos diretos e indiretos, sejam eles desejáveis ou indesejáveis para que sua aplicação possa ser ainda mais eficaz e eticamente apropriada.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, reforço positivo, efeitos indesejáveis - M

Fundação Araucária

Outras

TREINAMENTOS EM HABILIDADES SOCIAIS: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO. *Renata de Lourdes Miguel da Silva, Gisele de Rezende Franco, Nathalie Nehmy Ribeiro*

As habilidades sociais constituem um importante campo de investigações e atuação. A literatura aponta que tais habilidades favorecem a competência social do indivíduo, sendo reconhecidas como fator de proteção. Embora as habilidades sociais sejam desenvolvidas ao longo do curso vital, é possível fomentar tal aquisição através de treinamentos sistemáticos. Considerando a relevância dessa área para a ciência psicológica, o presente estudo objetivou realizar um levantamento de artigos científicos que fornecessem dados referentes à implementação de treinamentos em habilidades sociais. Realizou-se uma busca na base Psycinfo, escolhida por possuir um grande número de revistas indexadas, além de conter publicações de vários países. Optou-se pela utilização do descritor "Social Skills Training". Os seguintes critérios de inclusão foram aplicados: (1) estudos publicados em revistas indexadas entre 1° de janeiro de 2007 e 31 de dezembro de 2011; e, (2) estudos que apresentassem resultados referentes à implementação de treinamentos em habilidades sociais. Foram delimitados inicialmente 44 artigos publicados no período pesquisado e que possuíam o descritor utilizado. Dessa amostra inicial realizou-se uma primeira análise, sendo excluídos 16 artigos que não atendiam aos critérios previamente delimitados, sendo em geral, estudos de revisão sobre treinamentos em habilidades sociais. Finalmente, obteve-se uma amostra de 28 artigos, em sua maioria com delineamento quase-experimental, sendo 3 resultantes de pesquinas nacionais e os demais produzidos em outros países. Os dados obtidos foram analisados e categorizados. Quanto à faixa etária dos participantes, verifica-se que 32,1% dos estudos foram realizados com crianças, 28,6% com adolescentes, 7,1% com crianças e adolescentes, 28,6% com adultos e 3,6% com idosos. Em relação às características dos participantes, evidencia-se uma expressiva quantidade de investigações realizadas com indivíduos com desenvolvimento atípico, tais como autistas e portadores da síndrome de Asperger (35,7%); bem como com pacientes psiquiátricos (17,9%) e pessoas com problemas comportamentais (21,4%). Foram encontrados ainda que 21,4% dos estudos foram realizados com participantes sem características específicas e 3,6% com portadores de lesão cerebral. A respeito do número de participantes por estudo, há expressiva variação, havendo maior concentração de pesquisas com até 50 pessoas (61,3%), que são geralmente divididas em subgrupos de intervenção com até 10 participantes. Quanto às características dos programas de intervenção, observa-se que a maior parte são realizados no contexto clínico/ambulatorial (51,6%) ou educacional (21,4%), sendo previamente planejados. Os programas têm, em sua maioria, duração de até 20 encontros (71%) e são admistrados em encontros realizados uma ou duas vezes por semana, com duração entre 50 a 120 minutos. Os dados obtidos indicam a relevância e a diversidade das pesquisas com intervenção no campo das habilidades sociais. É importante destacar que, na amostra analisada, a maioria dos estudos apresentou resultados positivos a partir das intervenções e que estas tendem a favorecer a trajetória desenvolvimental dos participantes, estando, portanto, afinadas com a ótica da promoção de competências. Em conclusão, a produção realizada se mostra como uma contribuição valiosa para pesquisadores e profissionais interessados na promoção de saúde psicológica, visto que os dados obtidos reforçam a premissa de que é possível favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais.

Habilidades sociais; treinamento; intervenção.

Capes

Outras

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

MODELO PEDAGÓGICO DE CONSUMO RESPONSABLE PARA LA SOCIALIZACIÓN DEL NUEVO ESTATUTO DEL CONSUMIDOR POR MEDIO DE LA CREACIÓN DE UNA LIGA UNIVERSITARIA DE CONSUMIDORES EN LA UNIVERSIDAD DEL NORTE EN BARRANQUILLA-COLOMBIA. *Valentina Medrano Coley (Inpsicon Ltda Valentina Medrano Coley)*

El 12 de abril de 2012, comenzó a regir en Colombia el nuevo estatuto del consumidor (Ley 1480), el cual según la Superintendencia de Industria y Comercio (2012) contempla objetivos fundamentales, entre ellos, la libertad de constituir organizaciones y grupos de consumidores y la oportunidad para que estos hagan oír sus opiniones en los procesos de adopción de decisiones que los afecten. Atendiendo a estos objetivos, se incentiva la constitución y, sobre todo, la acción de ligas de consumidores que tienen entre sus propósitos: "El desarrollo de jornadas académicas y educativas con la participación de la comunidad en general para defender y difundir ampliamente el conocimiento de los derechos del consumidor, así como la promoción de organizaciones solidarias" (Armel, 2011)

La constitución de la Liga Universitaria de Consumidores atiende a la iniciativa institucional del Departamento de Psicología de la Universidad del Norte en asocio con la Confederación Colombiana de Consumidores; y se da desde el marco conceptual de la psicología del consumidor, específicamente desde el marco del consumo responsable, área que se encarga del estudio científico de las elecciones (toma de decisiones) humanas cuando éstas entrañan consecuencias económicas; es decir, cuando implican la utilización de recursos para satisfacer necesidades, también entendida como el estudio del comportamiento económico, de las variables que inciden en la toma de decisiones económicas individuales y colectivas y las formas como las personas comprenden el mundo de la economía y sus variaciones; así como los deberes y derechos que tienen en su condición de consumidores (Wärneryd, 1978, citado por Quintanilla,2004),

, La Liga de Consumidores de la Universidad del Norte tendrá como principal variable el consumo responsable, que según Quirós (2007), es entendido como el conjunto de comportamientos y decisiones de compra hechas por los consumidores que ponen en consideración los problemas ambientales y de uso de los recursos, y que están motivados no solo por el deseo de satisfacer las necesidades personales, sino también por el interés de controlar y responder correctamente ante las posibles consecuencias adversas del consumo y sus efectos consecuentes. Es decir, que con nuestra forma de consumir de una manera responsable podemos influir en la marcha de la economía y del mundo sustentable en forma directa.

Es clara la necesidad de lograr un abordaje interdisciplinario en los procesos de socialización en torno al aprendizaje y práctica del nuevo estatuto del consumidor, para generar un Consumo Responsable; por ello se contará con una iniciativa que permita comprender los procesos de enseñanza-aprendizaje dentro de la liga universitaria de consumidores en la que participarán estudiantes de pregrado de la Universidad del Norte matriculados en diversidad de áreas del saber.

Esta propuesta atiende a la innovación para el desarrollo social, como uno de pilares fundamentales del Plan Nacional de Desarrollo (2010-2014), entendida como aquel proceso que constituye el mecanismo óptimo para garantizar la sostenibilidad del crecimiento y la competitividad del país en el largo plazo, significando no sólo el desarrollo de nuevos productos y la transformación de los productos existentes, sino que consiste en crear nuevas formas de organizar, gestionar, producir, entregar, comercializar, vender y relacionarse con consumidores, clientes y proveedores;

logrando, en última instancia, generar conciencia a través de toda la cadena productiva pero especialmente en el decisor final, el consumidor.

El Gobierno Nacional quiere garantizar que cada colombiano tenga acceso a las herramientas fundamentales que le permitirán labrar su propio destino, independientemente de su género, etnia, posición social, orientación sexual o lugar de origen. (PND, 2010-2014)

De acuerdo a lo anterior, es pertinente el desarrollo y búsqueda de nuevas formas de organización que faciliten el aprendizaje del consumidor, de los proveedores y que contribuyan a establecer nuevas dinámicas de organización que responsabilicen al consumidor y lleven, como consecuencia, a una educación a la ciudadanía para el Consumo Responsable, en torno a la socialización de sus deberes y derechos.

Psicología del consumidor, Consumo Responsable, Socialización, nuevo estatuto del consumidor, ligas de consumidores.

Otras

PERSPECTIVA DE XÉNERO NUN COLEXIO PROFESIONAL. EXPERIENCIA DE BOAS PRÁCTICAS NO COPG. *Concepción Fernández Fernández (Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia, Galicia, España).*

A práctica profesional segue en moitos casos ligada ao ámbito público-político do que tradicionalmente estivo apartada a sabedoría e experiencia das mulleres. Nos ámbitos simbólicos, a linguaxe sexista define as desigualdades na identidade e rol profesional de mulleres e homes. No representativo e institucional son chamativas as desigualdades no reparto de poder e responsabilidades entre unhas e outros. Esta situación de desigualdade sociopolítica e estrutural reflíctese no escaso peso orgánico e temático que teñen cuestións que forman parte do "mainstreaming de xénero", como son a transversalidade de xénero, a abordaxe da violencia contra as mulleres, a vivencia do tempo público e privado, a coeducación ou o emprego na imaxe e quefacer diario dun colexio profesional. Conscientes desta situación de partida no Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia téñense tomado decisións e implementado prácticas organizativas para contribuír a corrixir as desigualdades de xénero que simbolicamente, sociopolíticamente e orgánicamente poden aparecer na dinámica colexial. No simbólico, desde 2006 adoptouse a decisión de utilizar unha linguaxe profesional e administrativa non sexista e no ano 2008 mudouse o nome de Colexio Oficial de Psicólogos de Galicia polo de Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia. No representativo, a máxima representación osténtaa unha muller e a Xunta de Goberno é paritaria. No organizativo, creouse unha Comisión Intersectorial de Xénero, que ten vocación transversal e obxectivos de traballo ligados ao "mainstreaming de xénero" en cada unha das sección do COPG e no Programa de Atención Psicolóxica a Mulleres Vítimas de Violencia de Xénero e no Programa de Atención Psicolóxica para Homes que exercen Violencia de Xénero. Na práctica profesional, deseñamos e desenvolvemos formación e intervención desde unha perspectiva de xénero nas areas de clínica, intervención social, educativa e traballo e organizacións. No terreo sociopolítico, en conexión con outros colexios profesionais e entidades públicas e privadas galegas, participamos de accións e proxectos estreitamente ligados coa promoción de políticas de igualdade e defensa dos dereitos das mulleres.

PALABRAS CLAVE: XÉNERO, PRÁCTICA PROFESIONAL

NIVEL DO TRABALLO: P

Otras

PROYECTO DE EDUCACIÓN AL CONSUMIDOR, EN TORNO AL CONSUMO RESPONSABLE Y COMERCIO JUSTO:RAFA AMIGO FIEL (www.rafamigofiel.com). *María Mercedes Botero Posada**, Regina María Navarro Blanco*, Teodosia Agulló López (Inpsicon Ltda. - Investigación en Psicología del Consumidor Ltda - Colombia)*

Inpsicon Ltda. es una empresa comprometida con su rol de educar al consumidor. Desde su fundación ha diseñado innovadoras formas de acercar a el hombre, en su calidad de homo consumer a una lógica de consumo más responsable que estimule un comercio más justo. Rafa amigo fiel (www.rafamigofiel.com) , surge como un proyecto de carácter social enfocado a estrechar la relación de la sociedad y las empresas que operan en ella, en respuesta a la misión de Inpsicon de acercar el consumo responsable al comercio justo, y basándose en dos premisas principales: Colombia necesita programas que generen compromiso ciudadano, y las empresas deben operar responsablemente en nuestra sociedad. Rafa amigo fiel, funciona en dos líneas de actuación básicas, como agente comunicador:1. Conocimiento del consumidor. 2. Educación al consumidor en temas de consumo responsable, comercio justo y compromiso ciudadano con parámetros de responsabilidad social empresarial. La fase de prueba del modelo se trabaja inicialmente en la ciudad de Barranquilla y Departamento del Atlántico, en Colombia. Rafa Amigo Fiel, es un proyecto que desde la psicología del consumidor, está dedicado al conocimiento y educación del consumidor en torno a 3 ejes principales: el consumo responsable, el comercio justo y la cultura ciudadana. A través de diferentes actividades, virtuales de manera global y presenciales, inicialmente en la ciudad de Barranquilla, Rafa, la Familia Rueda (Ver: www.rafamigofiel.com) y sus aliados estratégicos, empresas que son ciudadanas corporativas responsables y comprometidas con la sociedad en la que operan; difunden el mensaje de las 4R: reducir, reutilizar, reciclar y responsabilizarse, premisas claves del consumo responsable. En cada acción de RAFA Amigo Fiel se desarrollan mediciones de impacto, que a la fecha demuestran los vacios conceptuales que tiene el consumidor en torno a estos temas y surgen necesidades de participación y elaboración de resultados de investigación con seguimiento y rigurosidad científica que permiten conocer las actitudes que tiene el consumidor en la ciudad de Barranquilla (Fase inicial del proyecto) y que facilitan la orientación de nuevas intervenciones, así como material susceptible de ser divulgado, compartido y aplicado en la comunidad científica, al tratarse de temas relevantes en el contexto global, tales como vacios teóricos y conceptuales en torno al denominado consumo ecológico. Este proyecto de Intervención e investigación surge como resultado de una tesis doctoral, que orientó la adición de una cuarta R del consumo ecológico, correspondiente a Responsabilizarse. El proyecto lleva su nombre porque es representado por RAFA, quien personifica el carro de la familia RUEDA, se trata de todo un imaginario en torno a una familia tradicional colombiana, que tiene y ha logrado su finalidad de educar al consumidor, siendo en su octavo mes de aplicación un proyecto exitoso.

Psicología del consumidor, educación, comercio

Otras

INVESTIGACIÓN, INNOVACIÓN Y DESARROLLO DESDE LA PSICOLOGÍA ECONÓMICA Y DEL CONSUMIDOR. *Regina María Navarro Blanco*, María Mercedes Botero Posada** (Inpsicon Ltda. - Investigación en Psicología del Consumidor Ltda. - Colombia)*

En éste trabajo presentamos la trayectoria y experiencias de investigación, innovación y desarrollo de www.inpsicon.com, una organización con sede principal en Colombia, pero con proyección internacional. En Inpsicon (Investigación en Psicología del Consumidor), partimos del conocimiento profundo del consumidor y su realidad para trazar planes de investigación, acción y estrategias dirigidas siempre hacia lo creativo y comercial, ajustadas a la medida de nuestros cliente; garantizando exclusividad, cultivamos un terreno seguro, no actuamos por ensayo y error. Antes de generalizar, medimos, validamos y contrastamos los resultados de los hallazgos con estudios Ad hoc y empleando técnicas novedosas para el estudio y análisis psicológico del consumidor en diferentes contextos y sectores. Inpsicon, cuenta con un equipo de investigadores, consultores, asesores, diseñadores y educadores. Nuestra misión es acercar el consumo responsable al comercio justo, por eso trabajamos por beneficiar las relaciones entre consumidores, fabricantes, comercializadores y entidades gubernamentales, teniendo en cuenta estos movimientos mundiales que favorecen la economía y en consecuencia el desarrollo social. Nuestro equipo mixto en especialidades, abarca campos como la psicología, economía, comunicación, antropología, sociología, mercadeo, diseño y relaciones internacionales; lo que otorga una visión global e integral a cada proyecto que realizamos. Desde 2004, hemos construido una extensa biblioteca de artículos propios y de aliados internacionales con un contenido de corte investigativo, científico y práctico, que nos convierten en la base de datos más amplia, difundida y consultada en Psicología del Consumidor, de habla hispana. Con un page rank de 5, generamos más de 340.000 clics mensuales, además del reconocimiento con que contamos a nivel nacional. Actualmente en Inpsicon se desarrollan proyectos de variada índole, clasificados según las diferentes unidades de negocio, que demuestran que ciencia, tecnología, innovación, desarrollo y emprendimiento empresarial van de la mano y que desde la psicología podemos avanzar en interesantes emprendimientos. Tratándose de una empresa de investigación, basada en u enfoque de la psicología social aplicada, trabajamos con metodología científica, tanto desde la experiencia de la investigación cualitativa como cuantitativa, optando por enfoque de corte mixto para lograr la profundización en el reconocimiento y aprendizaje de las actitudes del consumidor en diferentes contextos, esto teniendo en cuenta los aportes y fundamentos teóricos que nos brinda la psicología social y dentro de ésta su área de especialización, la psicología económica y del consumidor. Para mayor información se recomienda visitar nuestro sitio web: www.inpsicon.com.

Psicología económica, consumo, investigación.

Otras

ATENÇÃO DIVIDIDA VISUO-ESPACIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SEM QUEIXAS DE TRANSTORNOS ATENCIONAIS. *Valéria Reis do Canto Pereira (Departamento de Processos Psicológicos Básicos; Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília; Brasília-DF), Ronald Dennis Paul Kenneth Clive Ranvaud (Laboratório de Fisiologia do Comportamento, Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo; São Paulo-SP), Maria Ângela Guimarães Feitosa (Departamento de Processos Psicológicos Básicos; Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília; Brasília-DF), Luiz Henrique Mourão do Canto Pereira (Coordenação Geral de Biotecnologia e Saúde do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Brasília-DF)*

A atenção visual é a capacidade de processar melhor determinados estímulos em detrimento de outros e pode ser medida por meio de tempos de reação (TRs). A atenção visual pode ser direcionada de forma voluntária para outras regiões do espaço que não a determinada pelo ponto de fixação. Alguns estudos relatam a possibilidade de alocação da atenção de forma dividida no espaço, entretanto outros sugerem ser o foco atencional único e impossível de ser dividido. Este estudo teve por objetivo investigar se a atenção visual de crianças e adolescentes poderia ser alocada em duas regiões não contíguas do espaço, caracterizando assim uma situação de divisão atencional. Foi realizado um experimento psicofísico de atenção dividida, em cinco grupos experimentais de acordo com suas faixas etárias (8, 9, 10, 12 e 15 anos de idade), sem queixas de transtornos atencionais. As sessões experimentais foram realizadas em um centro de apoio pedagógico, localizado em Santo André-SP, em uma sala de testes escura com atenuação acústica. O voluntário foi posicionado a 57 cm da tela do computador, distância na qual o estímulo visual corresponde a 0,2o de ângulo visual. No experimento realizado os voluntários foram orientados a direcionar a atenção para duas molduras laterais, localizadas à direita e à esquerda na tela do computador, mas sempre direcionando o olhar em uma cruz de fixação apresentada no centro da tela. A tarefa solicitada consistiu em apertar um botão do gamepad assim que aparecesse um estímulo na tela, independentemente de sua localização, mas sempre mantendo a atenção em ambas as molduras. Foram consideradas respostas válidas aquelas com tempos de reação entre 150 e 1000 ms a partir do início da apresentação do estímulo. Foram considerados erros as respostas emitidas abaixo de 150 ms (erros de antecipação), as emitidas após 1000 ms (erros de não-resposta) e as perdas de fixação (movimentos oculares). A sessão experimental foi acompanhada pela experimentadora, em tempo real, com a ajuda de um segundo monitor de vídeo de 14'. A experimentadora monitorou a fixação do olhar do voluntário durante os experimentos por meio de um monitor de vídeo de 20' conectado a uma micro câmera de vídeo sensível ao infra vermelho. Esse arranjo permitia a detecção, pela experimentadora, da ocorrência de perdas de fixação, i.e., a ocorrência de movimentos oculares durante as tentativas. Os resultados da análise de variância mostraram que os TRs dentro das molduras foram menores (261±8 ms) em comparação aos TRs fora das molduras (301±9 ms) de forma significante no grupo de 15 anos, caracterizando assim a presença de divisão atencional apenas neste grupo. Os demais grupos não apresentaram diferença entre os TRs. A análise dos erros revelou diferença significante entre os grupos experimentais. Concluímos que há capacidade de divisão atencional apenas no grupo de 15 anos. O método proposto neste estudo abre perspectivas de aplicação clínica em portadores de transtornos atencionais.

CNPq e CAPES

Atenção visuo-espacial, Atenção dividida, Crianças e adolescentes

Doutorado-D

PERC

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DESENVOLVIMENTO DE UM CONJUNTO DE ESTÍMULOS ACÚSTICOS PARA TREINAMENTO AUDITIVO EM RECONHECIMENTO DE FALA.

*Luciana Carelli Henriques de Andrade**, Maria Angela Guimarães Feitosa (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Níveis mais avançados de presbiacusia, a perda auditiva que acompanha o envelhecimento, podem estar associados a dificuldades de compreensão da fala, comprometendo a comunicação oral, especialmente quando esta ocorre na presença de outros sons presentes no ambiente de comunicação, um dado fartamente documentado na literatura. Um importante meio de intervenção que minimiza este problema, e em especial a dificuldade de reconhecimento de fala, é o treinamento na audição de palavras ou sentenças, uma abordagem complementar ou alternativa ao uso de aparelhos de amplificação sonora individual. Justificam o investimento no treinamento auditivo o aumento do desempenho em tarefas de treinamento encontrado em alguns programas de treinamento desenvolvidos principalmente para a língua inglesa, e a plasticidade cerebral no adulto, objeto de renovado interesse científico e aplicado. Poucas pesquisas, softwares e registros em áudio são encontrados no português brasileiro para fins de treinamento auditivo. No presente trabalho foi desenvolvido um conjunto de estímulos adequados para treinamento auditivo do adulto falante do português brasileiro, incluindo um banco de palavras escritas, na configuração de pares mínimos, e um banco de aúdio contendo estes pares de palavras e um murmúrio multifalante. Uma análise fonética embasou a organização das palavras em três listas de pares contendo, cada uma delas, todos os fonemas do português brasileiro, balanceadas quanto às combinações por faixa de frequências. Os pares mínimos e o murmúrio foram gravados com equipamento profissional em ambiente acusticamente tratado, no Laboratório de Estúdio de Rádio da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília. Posteriormente foram acusticamente analisados através do software Praat 5.1.32 (desenvolvido no Institute of Phonec Sciences da Universidade de Amsterdam) mostrando-se adequados para uso em treinamento auditivo. Acredita-se que, acústica e foneticamente, os pares propostos propiciem graus variados de dificuldade de reconhecimento e que o murmúrio multifalante simule o ruído encontrado no dia a dia da comunicação oral. Os estímulos produzidos podem ser utilizados em tarefas de treinamento auditivo em idosos e adultos com perda neurossensorial.

Estímulos acústicos em pares mínimos, Treinamento auditivo, Reconhecimento de fala.

Bolsa de Mestrado pelo CNPq

PERC

DINÂMICA TEMPORAL DO PROCESSAMENTO DE FREQUÊNCIAS ESPACIAIS NO RECONHECIMENTO DE FACES EM HOMENS E MULHERES. *Rui de Moraes Júnior**; Álvaro Hideki Odasaki*; Juliana Tomé Garcia*, Karina Jakovac Dias*; Milca Taciana Freitas* e Sérgio Sheiji Fukusima (Laboratório de Percepção e Psicofísica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

Segundo a hipótese coarse-to-fine, as frequências espaciais baixas (FEBs) carregam informações grosseiras, são extraídas nos estágios iniciais do processamento visual e iniciam a análise da cena visual. Esta resposta decai progressivamente ao longo do tempo, dando lugar aos recursos especializados no processamento de informações detalhadas, por meio de frequências espaciais altas (FEAs). Evidências neurológicas e comportamentais foram encontradas em uma grande variedade de estímulos. A face humana, em particular, possui grande relevância social e evolutiva, e é mais dependente de frequências espaciais (FEs) do que em relação a outros estímulos. Porém, a maioria dos estudos não faz uma análise separada para cada sexo. Deste modo, o objetivo do presente trabalho é investigar como homens e mulheres processam informações de FEs nos estágios iniciais do processamento visual na percepção de faces. Participaram 42 universitários (21 mulheres) da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, igualmente distribuídos em 3 grupos, de acordo com o tempo de exposição das faces: 75, 150 e 300 milissegundos (ms). Foram utilizadas fotografias de faces caucasianas e pardas que foram multiplicadas por três filtros Gaussianos que preservaram FEAs ou FEBs, tiveram o contraste e luminância controlados e foram apresentadas a 4 graus de ângulo visual. O experimento consistia em duas partes; na primeira o participante memorizava um conjunto de 14 faces SFE apresentado por 5 vezes em tempo livre. Na etapa seguinte, eram apresentadas as faces memorizadas de maneira aleatória SFE, em FEAs e em FEBs, totalizando 42 estímulos, e o mesmo número de faces novas, que não se repetiam entre as condições de filtragens. A tarefa do participante era julgar se reconhecia ou não as fotografias de acordo com uma escala de 6 alternativas, de 1 (tenho certeza que não reconheço) até 6 (tenho certeza que reconheço). Foram calculados as curvas ROC e o parâmetro Az, definidos pela Teoria de Detecção de Sinal. Os resultados indicam que em 150 ms uma face com todo o espectro de FE já é processada, tendo em vista que a taxa de reconhecimento na condição de 300 ms (Az=0,89) não é superior que a de 150 ms (Az=0,92). Em geral, as mulheres foram melhores que os homens, e na condição que se assemelha ao tempo livre (300 ms), homens reconheceram melhor faces em FEBs (Az=0,75), e as mulheres àquelas em FEAs (Az=0,82). Não foi evidenciado o paradigma coarse-to-fine de FEs quando separado as amostras por sexo. É possível que homens e mulheres tenham padrões de ativações diferentes. Nos homens, a taxa de reconhecimento de FEAs obteve maior diferença entre os tempos 75 e 150 ms; já para FEBs, isto aconteceu entre os tempos de 150 e 300 ms. Nas mulheres aconteceu o contrário: a maior diferença nas taxas de reconhecimento para FEAs e FEBs aconteceu entre os tempos 150-300 e 75-150 ms, respectivamente. Os resultados são importantes para a área, tanto do ponto de vista experimental, como do metodológico. A pesquisa terá seguimento: aumentar-se-á a amostra e utilizar-se-á testes de hipóteses para curvas ROC.

Reconhecimento de faces, frequência espacial, diferenças de sexo

CAPES e CNPq

PERC

INVASÃO DO ESPAÇO PESSOAL NÃO AFETA DISTÂNCIA EGOCÊNTRICA PERCEBIDA POR UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS. *Rui de Moraes Júnior - Universidade de São Paulo Patricia Consolo**; Rui de Moraes Júnior**; Alice Morellato Haddad*, João Diogo Filippini* e Sérgio Sheiji Fukusima (Laboratório de Percepção e Psicofísica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

O espaço pessoal é definido como um espaço imaginário ao redor do indivíduo, necessário para manter sua privacidade e seu apropriado nível de intimidade. Quando este espaço é invadido, sem permissão, as pessoas geralmente reagem por meio de comportamentos não-verbais. Baseado nisto, este estudo investigou a influência da invasão do espaço pessoal nos julgamentos de distância. Adicionalmente, comparou o desempenho espacial entre os sexos. Para tanto, 33 estudantes universitários, sendo 19 homens [M=20,38 anos (dp=1,70)] e 14 mulheres [M=20,83 anos (dp=2,62)]; foram convidados a estimar sua distância em relação a um objeto (distância egocêntrica) em uma tarefa de produção de magnitude. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos em grupo experimental e grupo controle. A invasão do espaço pessoal foi manipulada ao se apresentar um bombom mordido pelo experimentador/invasor na condição experimental; e na condição controle o bombom não foi mordido. Em cada condição, as distâncias produzidas numa trena pelos participantes foram registradas e posteriormente submetidas a uma ANOVA (between-within) para três fatores [2 condições experimentais (invasão e controle) x 2 sexos (masculino e feminino) x (3 distâncias (10, 25 e 45 cm))]. Testes de Bonferroni ajustados para múltiplas comparações foram utilizados para identificar onde as diferenças residiram. Foi considerado o nível de significância $p<0,05$. As análises indicaram efeito estatisticamente significativo do fator sexo [$F(1,95)=10,301;p=0,002$], distância [$F(2,94)=8,262;p=0,001$], e da interação entre condição controle e sexo [$F(1,95)=6,752;p=0,011$] e condição controle e distância [$F(2,94)=4,308;p=0,016$]. E, ainda, da interação entre condição invasão, sexo e a distância de 45 cm [$F(1,95)=9,848;p=0,002$] e condição controle, sexo e a distância de 45 cm [$F(1,95)=3,952;p=0,050$]. A análise revelou que os homens apresentaram maiores erros positivos para a distância de 45 cm, possivelmente devido à menor experiência sensório-motora destes participantes sobre relações físicas espaciais e como elas surgem para os seus sentidos. Diferentemente de estudo anterior, as estimativas de distâncias foram similares em ambas as condições testadas, sugerindo que os participantes desse estudo suportam mais invasões em seu espaço pessoal. Isso pode ser explicado tanto pela influência de fatores culturais que resultam em distâncias interpessoais específicas que variam entre grupos culturais diversos, bem como pelo sexo do experimentador/invasor, que no caso desse estudo foi sempre feminino. Em conclusão, os resultados apoiam a noção de que a percepção de distância é afetada por características objetivas do ambiente, especificadas por variáveis sensoriais, motoras e perceptuais,e por habilidades do observador em lidar de maneira intencional com o espaço físico ao seu redor.

Espaço pessoal, percepção de distância egocêntrica, diferenças de sexo

CAPES e CNPq

PERC

PROGRAMA DE REABILITAÇÃO AUDIOLÓGICA PARA IDOSOS USUÁRIOS DE APARELHOS DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL E SEUS INTERLOCUTORES MAIS FREQUENTES. *Renata de Sousa Tschiedel**, Maria Angela Guimarães Feitosa (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A prevalência de uso de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) entre idosos é baixa, e o primeiro ano após a aquisição é considerado um período crítico de adaptação, dentro do qual há risco de desistência. Esta desistência reflete em perda de qualidade de vida e desperdício dos escassos recursos de serviços de saúde pública destinados à compra de AASIs. Sabe-se que o acompanhamento do usuário após a aquisição aumenta a probabilidade de adaptação ao uso do AASI e que a família apresenta um papel facilitador neste processo. Desta forma, os objetivos deste trabalho foram: 1) desenvolver um programa de treinamento de estratégias de comunicação para indivíduos idosos portadores de deficiência auditiva usuários de AASIs e seus interlocutores mais freqüentes; 2) verificar a contribuição da participação de interlocutores freqüentes no processo de reabilitação audiológica dos sujeitos em questão; 3) promover melhor adaptação dos sujeitos em relação ao uso do AASI em função de esclarecimentos a respeito do AASI, da deficiência auditiva, da percepção da fala e do uso de estratégias de comunicação. Participaram deste estudo cinco idosos usuários de AASI beneficiários de programa de doação do SUS e cinco interlocutores destes, os quais eram todos membros da família. Os participantes foram divididos em dois grupos: o grupo controle recebeu uma sessão única de orientação, tal como é praticado habitualmente na clínica fonoaudiológica; o grupo experimental participou de um programa de reabilitação audiológica fracionado em quatro sessões, nas quais foram discutidos assuntos sobre AASI, deficiência auditiva, percepção da fala e estratégias de comunicação. Antes e após estas sessões, foram aplicados questionários que procuraram mapear eventuais mudanças entre usuários e interlocutores de ambos os grupos em opiniões, conhecimentos e comportamentos referentes a AASI, deficiência auditiva, percepção da fala e estratégias de comunicação. Tanto os usuários como os interlocutores em ambos os grupos se beneficiaram do atendimento recebido, embora o impacto tenha sido maior sobre o grupo experimental. Os resultados deste estudo evidenciaram a efetividade de um programa de reabilitação audiológica delineado, a partir de sugestões da literatura, para idosos usuários de AASI e seus interlocutores mais freqüentes. A análise comparativa das respostas dos participantes nos questionários antes e após a intervenção mostrou a sensibilização dos participantes quanto a aspectos relacionados a AASI, deficiência auditiva, percepção da fala e estratégias de comunicação. O programa proporcionou melhora na comunicação entre os usuários e seus interlocutores; melhor conscientização quanto a funcionamento, uso, manuseio e cuidados com o AASI; expectativas mais realistas quanto a limitações e benefícios do AASI; maior conscientização quanto aos prejuízos da deficiência auditiva e quanto à importância da combinação das informações auditivas e visuais para a percepção da fala; e maior uso de estratégias de comunicação. O estudo mostrou que é promissor o investimento em programas de reabilitação audiológica tanto para idosos usuários de AASI como para seus interlocutores mais freqüentes, a fim de se obter maior satisfação com o AASI e melhores resultados na adaptação.

Reabilitação audiológica, Presbiacusia, Idoso

PERC

A DIFERENÇA DO BEM-ESTAR ESPIRITUAL DURANTE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO. *Caroline Leonor da Silva, Thiago Vinicius Monteleone, Marcelo de Almeida Buriti, Luis Antônio Gomes Lima, Marianna Barbosa Yamaguchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

O presente estudo investiga a importância da espiritualidade no processo de envelhecimento humano. A espiritualidade é um aspecto da vida humana, caracterizado por emoções e convicções não materiais, que auxiliam o homem a entender sua existência na Terra. O envelhecimento, por sua vez, é um processo que, teoricamente, inicia-se desde o nascimento, contudo, apesar das mudanças fisiológicas, socialmente, o envelhecimento é caracterizado após os 60 anos de idade. Durante a vida adulta, o homem encontra-se no ápice de suas atividades sociais, e com isso, apesar de haver espiritualidade, muitos não são religiosos. Ao se deparar com sua finitude, e com outros aspectos do envelhecimento, muitas pessoas passam a participar de religiões, buscando nelas, encontrar respostas para a nova fase da vida. Tendo em vista o crescimento populacional dos idosos, e o aumento na expectativa de vida, esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar o bem-estar espiritual dos participantes, e especificamente, verificar se há diferenças no bem-estar espiritual entre os gêneros, entre adultos e idosos, e entre participantes ativos e não ativos em uma prática religiosa. Vale ressaltar que foi considerado ativo, o participante que frequenta, ao menos uma vez por semana, uma prática religiosa. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade São Judas Tadeu, e após o seu parecer positivo, foram coletados os dados. Participaram da pesquisa, 52 jovens e/ou adultos, de 18 a 45 anos, e 52 idosos, acima de 60 anos. Esses participantes foram divididos em dois grupos, ativos e não ativos em uma religião, e posteriormente foram subdivididos por gênero. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e responderam a um questionário de dados sócio-demográficos, e uma escala que avalia o bem-estar espiritual (EBE). Após a coleta, os dados foram analisados estatisticamente. Para a análise, foi utilizado o nível de significância 0,05%. Os resultados mostraram que os adultos apresentaram, em média, bem-estar espiritual com pontuação total de 92,75, já os idosos apresentaram, em média, pontuação103,53; quanto aos gêneros, homens adultos apresentaram bem-estar espiritual 98,47 e as mulheres apresentaram 94,89, não havendo diferença estatisticamente entre eles (x^2o= 0,21 P>0,05), e os homens idoso apresentaram pontuação 101,52 e as mulheres 105,62, não havendo diferença estatisticamente entre eles (x^2o= 0,02 P>0,05); quanto a prática religiosa, os adultos ativos apresentaram pontuação total 110,81, sendo esta superior à pontuação dos adultos não religiosos (74,00),o mesmo ocorreu na população idosa, sendo que os religiosos atingiram pontuação 110,20 e os não religiosos 96,58. Conclui-se que os participantes apresentaram-se entre moderado e alto bem-estar espiritual, sendo que não houve diferença significativa entre os gêneros, tão pouco entre os adultos e idosos. Vale salientar que em ambos os grupos os participantes religiosos obtiveram melhor bem-estar espiritual do que os não religiosos, mesmo que com pequenas diferenças. Por fim, ficou explícito que a espiritualidade é um fenômeno que, mesmo indiretamente, está presente na vida dos participantes, e como tal deve ser levada em consideração como constituinte da vida dos mesmos.

Fé, Religião, Envelhecimento.

RELIG

A IMPORTÂNCIA DO BEM-ESTAR ESPIRITUAL NO ENVELHECIMENTO HUMANO. *Caroline Leonor da Silva, Thiago Vinicius Monteleone, Marcelo de Almeida Buriti, Luis Antônio Gomes Lima, Marianna Barbosa Yamaguchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo, que visa analisar e discutir a espiritualidade em idosos. A espiritualidade é um aspecto exclusivo da espécie humana, e sabe-se que ela faz parte da realidade do homem desde que se têm registros dele sobre a Terra. O homem faz uso de suas crenças espirituais para explicar fenômenos que ele não consegue responder sozinho. Com isso, acredita-se que a espiritualidade, acompanhada de religiosidade, é produto de uma necessidade em resignificar a própria vida, quando essa está em vias de terminar. Os idosos constituem uma fatia da população que está crescendo e que comumente está ligada a uma religião. Dentro das religiões, muitas vezes, os idosos são considerados como sábios e líderes espirituais, devido a sua experiência perante a crença. Entende-se que muitas pessoas, quando estão envelhecendo, usam-se de sua espiritualidade e de práticas religiosas, para aceitar o que passou, compreender o que está por vir e a própria morte. Com isso, esta pesquisa teve como principal objetivo analisar o bem-estar espiritual dos idosos, e especificamente verificar a diferença do bem-estar espiritual entre os gêneros; analisar o bem-estar espiritual de idosos ativos e não ativos em uma religião, ou seja, que frequentem ao menos uma vez por semana uma prática religiosa; e diferenciar este aspecto nos dois grupos. Com isso, após a permissão do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), 52 idosos (divididos em homens e mulheres, ativos e não ativos em uma religião), após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, responderam um questionário sócio-demográfico, e uma escala de Bem-estar espiritual (EBE). Os dados coletados, foram analisados estatisticamente. A avaliação feita pela escala de bem-estar espiritual revelou que os idosos estudados apresentaram, em média, alto bem-estar existencial e bem-estar religioso, com pontuações 53,51 e 50,02 respectivamente, não existindo diferença entre as variáveis (x^2o=0,118 P>0,05); Quanto aos gêneros, tanto os homens quanto as mulheres apresentaram alto bem-estar espiritual, com pontuações totais 101,52 e 105,62 respectivamente, não tendo diferença entre os grupos (t=0,82 P>0,05); os idosos religiosos apresentaram alto bem-estar espiritual, com pontuação 110,20; já os idosos que não participam de nenhum tipo de prática religiosa apresentaram moderado bem-estar espiritual, com bem-estar existencial e bem-estar religioso pontuados com 50,45 e 46,25 respectivamente; a análise estatística não considerou esta diferença como significativa (t=0,37 P>0,05). Conclui-se que os participantes apresentaram alto bem-estar espiritual, sendo que esta variável não se diferencia entre os gêneros. Quanto à variável religião, pôde-se perceber que, nos participantes que a praticam, nota-se um pequeno aumento no bem-estar espiritual, porém tal diferença não pode ser considerada visto que estatisticamente os dados são equivalentes e, também, pelo fato de que mesmo os participantes não religiosos apontam ter suas crenças e dogmas, mas não praticam sua religião por diversos motivos, mas que esta falta de prática não os afasta de seus valores espirituais. Com tudo, novos estudos são necessários, visto a importância desta variável na população idosa.

Fé, Espiritualidade, Idosos

RELIG

COMPORTAMENTOS EMITIDOS DURANTE EVENTOS RELIGIOSOS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE DIFERENTES ABORDAGENS RELIGIOSAS. *Beatriz Morales da Silva*; Eliana Isabel de Moraes Hamasaki** (Departamento da Saúde – Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove – São Paulo, SP).*

O presente trabalho constitui-se de uma atividade desenvolvida em uma modalidade obrigatória de estágio básico de uma universidade particular, da cidade de São Paulo. Tal modalidade de estágio prevê a capacitação do aluno de psicologia, desde o início do curso, no processo de investigação científica e, para isso, estabelece-se a técnica da observação como o recurso essencial na introdução dessa prática. Para cumprir as exigências desse estágio, então, a proposta desse trabalho teve como objetivo principal observar comportamentos emitidos por frequentadores, sob diferentes referenciais religiosos, durante os eventos/cultos religiosos. A despeito de a maioria da população brasileira (81%, segundo dados do IBGE, 2000) se reconhecer como seguidora do catolicismo, o Brasil é considerado um país laico e, neste sentido, há a liberdade para o seguimento e a multiplicidade de várias crenças e religiões. Assim, pretendeu-se investigar o comportamento, durante os cultos, de seguidores de três diferentes religiões: Judaísmo; Budismo e de uma igreja evangélica (especificamente da Congregação Cristã do Brasil). Para tanto, foram selecionadas, por conveniência, 12 pessoas, sendo seis homens e seis mulheres, distribuídos igualitariamente em cada um dos eventos religiosos. Isto é, dois homens e duas mulheres para cada evento religioso (evangélico, budista e judaico). A idade das pessoas observadas variou entre aproximadamente 25 e 60 anos de idade. Para a observação dos comportamentos emitidos pelas pessoas observadas foi definido um protocolo no qual estavam estabelecidas as seguintes categorias: (1) chorar; (2) ajoelhar; (3) abraçar; (4) beijar; (5) fechar os olhos; (6) atentar para eventos distratores, durante o culto. As categorias foram estabelecidas após uma revisão da literatura sobre assuntos relacionados a práticas religiosas e discussão, em grupo de estágio supervisionado por professora responsável, dos objetivos específicos da presente investigação. A coleta dos dados realizou-se nos próprios templos e teve a duração de cada evento/culto religioso: em média, 1h30m. De maneira geral, observou-se que a alta frequência do comportamento de ajoelhar, em todas as religiões. O comportamento de chorar foi o mais frequente entre as mulheres, independentemente da modalidade religiosa. Houve, apenas, um homem que emitiu esse comportamento e este ocorreu durante o culto budista. O comportamento de fechar os olhos foi muito mais frequente durante o culto judaico, se comparado aos outros cultos. Os comportamentos de abraçar e de beijar foram mais frequentes entre mulheres dos diferentes cultos. Destaca-se, ainda, que o único culto no qual não foram observadas ocorrências de atentar para eventos distratores foi o budista. Esse dado foi discutido levando-se em consideração o fato da dedicação dos adeptos dessa modalidade religiosa na prática da meditação. De maneira geral, discute-se a semelhança dos comportamentos emitidos durante eventos religiosos sob diferentes crenças e a importância de investimentos em estudos sobre práticas religiosas.

Religião; observação; comportamento; pesquisa.

RELIG

ESPIRITUALIDADE E RELIGIÃO: ANÁLISE DO BEM-ESTAR ESPIRITUAL EM JOVENS E ADULTOS. *Thiago Vinicius Monteleone, Caroline Leonor da Silva, Marcelo de Almeida Buriti, Marianna Barbosa Yamagchi, Fernanda de Franço Françoso (Universidade São Judas Tadeu)*

Esta pesquisa propõe apresentar e discutir o bem-estar espiritual como produto de uma prática humana. A espiritualidade é um fenômeno exclusivamente humano que é produto de uma necessidade de sustentação, proteção e explicação que o homem tem. Este fenômeno é expresso e cultivado a partir de práticas religiosas que estão presentes na vida deste homem, porém são mais freqüentes em alguns estágios da vida dos indivíduos. Sabe-se que o homem é um ser em constante desenvolvimento, e com isso, ao longo de sua vida, tende a significar e resignificar sua existência por diversos momentos. Na fase adulta o ser humano significa sua existência a partir de sua prática primária, seu trabalho. A prática religiosa, até então algo instituído e herdado pelos pais, familiares e cultura, perde seu espaço e por vezes acaba sendo extinta das vivências destes seres adultos. Porém, alguns indivíduos, mesmo com sua prática primária, permanecem praticando sua religião, mesmo que em menor freqüência. Sendo então a espiritualidade produto da necessidade do homem em se sustentar, proteger e explicar sua existência, o objetivo geral deste estudo foi analisar a importância da prática religiosa no bem-estar espiritual de jovens adultos. Especificamente buscou-se verificar o bem-estar espiritual dos participantes, verificar as diferenças entre os gêneros, verificar o bem-estar espiritual nos participantes que mantém uma prática religiosa; verificar o bem-estar espiritual nos sujeitos não religiosos, verificar se há relação entre prática religiosa e maior bem-estar espiritual. Para tal, 26 sujeitos religiosos e 26 sujeitos não religiosos participaram desta pesquisa, tendo eles entre 18 e 45 anos de idade. Para a coleta de dados foi utilizados um Termo de consentimento Livre e Esclarecido, um questionário de dados pessoais e uma Escala de Bem-estar Espiritual. Após aprovação do Comitê de ética em Pesquisa, os instrumentos foram aplicados nos participantes após consentimento dos mesmos. Os dados foram analisados no software estatístico 5.0. Os resultados apontaram que os participantes apresentaram moderado bem-estar espiritual; quanto aos gêneros, os homens apresentaram bem-estar espiritual moderado (bem-estar existencial = 49,47; bem-estar religioso = 49,00; e bem-estar espiritual 98,47), igualmente às mulheres (bem-estar existencial = 49,80; bem-estar religioso = 45,08; e bem-estar espiritual 94,89), não havendo diferença estatisticamente entre eles (t=0,7569 P>0,05); os participantes ativos apresentaram alto bem-estar espiritual (110,81), não existindo diferença estatisticamente entre as variáveis (x^2o= 0,13 P>0,05); os participantes não religiosos apresentaram bem-estar espiritual moderado (74,00); Houve diferença estatisticamente significativa entre o bem-estar espiritual dos participantes religiosos dos não religiosos (t=8,80 P<0,05). Pôde-se concluir que, em média, os participantes apresentaram bem-estar espiritual moderado, sendo que os homens apresentaram uma pequena melhora no bem-estar espiritual em relação às mulheres. Quantos aos participantes religiosos e não religiosos, percebeu-se grande diferença no bem-estar espiritual, sendo que os religiosos o apresentaram alto, já os não religiosos o apresentaram entre baixo e moderado. Com isso, novas pesquisas são necessárias para melhor explorar e conhecer tal temática.

Religiosidade, Desenvolvimento, Bem-estar.

RELIG

RELIGIOSIDADE ENTRE UNIVERSITÁRIOS. *Mayara Kuntz Martino*, Vera Socci (Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP).*

O surgimento de diversas teorias no século XVI trouxe mudanças muito significativas para a vida humana. O homem passou a enxergar-se dividido, desde a cisão mente e corpo, até mesmo suas opções de estudos: ciência e religião. Esse ponto de vista presente até hoje tende a dificultar o entendimento de aspectos da vida humana. Entretanto, no decorrer do tempo, pesquisadores interessados pelo tema mostraram novas possibilidades para modificar esta visão empobrecedora. Dentro da psicologia, há uma concordância para o fato de que os fenômenos psíquicos estão interligados com os fisiológicos. Muitas visões também podem ser destacadas, como o entendimento da religião como maneira de expressão do lado subjetivo do homem, fazendo parte da saúde psicológica, principalmente na segunda metade da vida. Em outro aspecto, o assunto também recebe destaque, estando no topo da pirâmide motivacional. Objetiva-se entender a relação de adultos com a religiosidade, focando em universitários de uma Instituição do Ensino Superior, divididos nas três áreas de conhecimento: Exatas, Humanas e Saúde. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Questionário de Caracterização dos Participantes, Questionário de Caracterização Religiosa e Escala de Religiosidade. A amostra foi composta por conveniência, através de contatos no horário de entrada dos estudantes. Os participantes são 42 do gênero masculino e 48 do gênero feminino. Em todas as áreas, a faixa etária predominante foi a dos 20-25 anos, em ambos os gêneros. Para a maior parte dos estudantes, o catolicismo foi a principal educação religiosa recebida (68,5%), seguido da evangélica (17,4%). Na fase atual da vida, a religião predominante continua sendo a católica (50%), porém, tendo um destaque maior para o aumento daqueles que se consideram sem religião (de 1,1% para 17,8%). Em todas as áreas, a maior parte dos alunos confirmou praticar atividades religiosas individuais diariamente, considerando preces e meditações. Os aspectos mais admiráveis para os estudantes nas diversas religiões foram: 'Fé' (83,3%); 'Sentido à vida, paz' (76,7%); 'Solidariedade e Compaixão' (51,1%). Os tópicos mais criticados pelos jovens são marcados pelo 'Fanatismo, irracionalidade, lavagem cerebral'(87,8%). Destaca-se em segundo lugar 'Tirarem dinheiro dos fieis'(76,7%). O terceiro aspecto mostrou diferenças entre as áreas, tendo sido 'Fuga da Realidade'(Exatas), 'Concorrência por fiéis' (Humanas) e 'Proclamarem-se donas da verdade' (Saúde). Em relação ao nível de religiosidade, o que pode ser percebido foi que apenas 20% do total apresentou uma religiosidade muito baixa, tendo a maioria (45%) demonstrado um nível médio superior. Os universitários das áreas de Exatas e Humanas demonstram-se mais religiosos do que os da área de Saúde, embora esta diferença não seja marcante.

Apoio financeiro e bolsa: CNPq.

acadêmicos, psicologia, espiritualidade

IC

RELIG

A COMPREENSÃO DOS TÉCNICOS DE ENFERMAGEM A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DURANTE O PERÍODO DE HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA. *Kamila Clemes de Souza, Priscila Melo, Josiane da Silva Delvan (Curso de Psicologia - Universidade do Vale do Itajaí- SC)*

Durante o período de hospitalização da criança há diversos fatores que afetam significativamente tanto o seu desenvolvimento como também a dinâmica familiar. Por ser um período caracterizado como estressor, a hospitalização coloca a criança diante de uma situação em que está exposta a novas condições, enfrentando muitas mudanças na sua rotina. A participação dos pais durante o processo de hospitalização infantil é benéfico, pois colaboram no enfrentamento à situação de hospitalização. A presença dos pais ou acompanhante contribui positivamente de forma a amenizar alguns dos efeitos causados pela hospitalização quando o paciente se trata de uma criança. No entanto, há divergências nas relações entre a equipe de enfermagem e o acompanhante da criança, surgindo sofrimento e luta para enfrentar a negociação dos costumes em relação ao funcionamento da unidade hospitalar. O objetivo deste estudo consistiu em conhecer como os técnicos de enfermagem percebem a participação dos pais durante o período de hospitalização de seu filho. Este trabalho sustentou-se na literatura em psicologia hospitalar, a legislação para a criança hospitalizada e sobre a equipe de enfermagem. Trata-se de uma pesquisa de campo exploratória-descritiva sendo o questionário utilizado como instrumento para coletar os dados com dez técnicos de enfermagem em um hospital pediátrico. Os dados levantados foram interpretados por meio de tratamento estatístico de freqüência simples para as perguntas fechadas e análise de conteúdo para a interpretação dos dados oriundos das perguntas abertas do instrumento. Resultados: Os dados obtidos apontam que todos os participantes do estudo consideram que a presença dos pais durante o período de hospitalização da criança pode auxiliar no processo de recuperação da mesma. Apesar deste resultado, os participantes indicaram que a relação entre equipe de enfermagem e os pais é conflituosa e os principais indicativos negativos são o excesso de perguntas dos pais à equipe de enfermagem, a interferência destes nos cuidados da enfermagem com o paciente e a ausência de diálogo. Conclusão: Os técnicos de enfermagem reconhecem que a criança fica mais segura e aderem melhor ao tratamento, bem como se recuperam mais rapidamente com a presença dos pais. No entanto, a participação dos pais durante o período de hospitalização ainda é algo que estes profissionais vêm com certa dificuldade, pois os acompanhantes das crianças requerem a atenção dos técnicos de enfermagem inquirindo-os sobre o tratamento, visto como incomodo pelos participantes do estudo.

Criança hospitalizada, equipe de enfermagem, pais.

SAÚDE

A DIMENSÃO ESPIRITUAL NA ATENÇÃO INTEGRAL AO PORTADOR DO HIV/AIDS. *Clara Raíssa Fernandes De Melo*, Gabriella Machado Viana*, Lorena De Almeida Cavalcante*, Luciana Fernandes Santos*, Tuíla Maciel Felinto* (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba)*

O vírus do HIV/AIDS constitui um dos problemas de saúde pública no Brasil, devido a sua crescente incidência e começa a surgir o desafio aos profissionais de saúde para responder às questões sobre o equilíbrio entre saúde e espiritualidade. Questões estas que refletem a nova consideração da saúde e da doença, a partir de aspectos psicológicos, emocionais, sociais e espirituais, além dos biológicos tradicionalmente ressaltados. Essa visão está inserida no novo paradigma e promoção da saúde, que prevê uma atuação interdisciplinar, com caráter educativo da assistência, humanitária, comprometida, voltada para o espaço público e com enfoque mais preventivo, tendo em vista que o processo saúde/doença é um fenômeno social. Considera-se que a espiritualidade é uma tendência humana a procurar significados para a vida através aspectos que transcendem o nível tangível e se refere a temas como significado da vida e a razão do viver, e independe de práticas e crenças religiosas. A Psicologia da Saúde considera a espiritualidade como possível fonte de apoio social no enfrentamento de doenças, especialmente em enfermidades crônicas, como o HIV/AIDS, tornando-se necessária na prática de assistência à saúde. Nesse sentido o presente estudo teve como objetivo analisar a dimensão espiritual nos portadores do HIV/AIDS explorando as contribuições da espiritualidade no enfrentamento da doença por estes indivíduos. Para explorar essas contribuições, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três portadores do HIV/AIDS, escolhidos aleatoriamente e com uma psicóloga de um hospital público da cidade de João Pessoa-PB. Os discursos dos participantes da pesquisa, registrados por meio de um mini-gravador, foram transcritos literalmente para análise. Os resultados das entrevistas permitiram verificar que a experiência espiritual pode levar a mudanças de comportamento e entendimento da realidade, facilitando a aceitação e enfrentamento da doença. Nesse sentido o presente estudo concorda com pesquisas que relatam a tendência de pessoas que tem crença espiritual à demonstrarem maior positividade na adversidade, como enfrentamento da doença e tratamento da saúde e tendência a ser mais esperançosas. Evidenciando assim a importância da dimensão espiritual na vida dos portadores do HIV/AIDS. A partir dos relatos dos participantes entrevistados, sugere-se uma atuação multidisciplinar do(a) psicólogo(a) junto aos demais profissionais envolvidos no sistema de saúde, de modo que o paciente seja visto de forma integral, levando dessa forma a um trabalho humanizador. Considera-se que os resultados desse estudo podem contribuir para subsidiar futuras atividades de extensão e estágio supervisionado e para fortalecer a interface psicologia e saúde.

HIV/AIDS; espiritualidade; promoção da saúde

SAÚDE

A EFICÁCIA DA PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA PARA CIRURGIA ELETIVA EM PEDIATRIA. *Antônio Carlos Lançoni Jr*, Ligia Maria Maurici*, Josiane da Silva Delvan, Marina Menezes (Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC).*

A preparação psicológica para cirurgia eletiva em criança hospitalizada é de fundamental importância uma vez que procedimentos cirúrgicos aliados ao contexto hospitalar, comumente desencadeiam medos e ansiedades. Nesse sentido, todos os esclarecimentos possibilitarão fortalecimento na experiência, proporcionando menor impacto traumático. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a eficácia do preparo psicológico em crianças hospitalizadas submetidas à cirurgia eletiva. Para nortear este estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) verificar o conhecimento que as crianças e pais ou responsáveis possuem sobre o diagnóstico da criança e sobre os procedimentos cirúrgicos por meio de pré-teste e pós-teste; b) comparar o conhecimento sobre os procedimentos cirúrgicos por meio de pós-teste com as crianças e pais ou responsáveis e; c) avaliar junto às crianças hospitalizadas a eficácia dos métodos de preparo psicológico pré-operatório. A pesquisa foi realizada em um hospital infantil com dez crianças entre cinco e doze anos de idade, acompanhadas dos pais ou responsáveis. Como metodologia, para levantamento dos dados utilizou-se de um pré e pós-teste com as crianças e pais ou responsáveis, visando conhecer e comparar as informações que dispunham sobre o procedimento cirúrgico, anterior e posteriormente ao preparo psicológico. Para as crianças, o pré-teste constituiu-se de questões que investigaram seu nível de conhecimento sobre o diagnóstico e procedimento cirúrgico. Após o pré-teste com as crianças, foi realizada a preparação psicológica das mesmas para a cirurgia eletiva, seguido do pós-teste que abordava as mesmas questões do pré-teste, com destaque sobre o que consideraram mais importante dentre as estratégias utilizadas no preparo psicológico. Vale destacar que esta etapa da avaliação não se limitou às respostas das crianças frente aos questionamentos, considerando-se aspectos comportamentais observados após o preparo. Com os pais, foi realizado um pré-teste constituído de entrevista semiestruturada, abordando questões relativas ao diagnóstico e procedimento cirúrgico. Seguiu-se com a aplicação de uma de uma cartilha informativa e de um pós-teste, abordando as mesmas questões do pré-teste. A pesquisa foi de cunho qualitativo e os dados coletados por meio das entrevistas foram interpretados com base na análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram o despreparo da criança frente ao contexto em que se encontra, suscitando dúvidas, medos e ansiedade. Também a falta de informações dos pais e responsáveis sobre procedimento cirúrgico e suas decorrências, bem como a falta de iniciativa destes em buscar tais esclarecimentos. Concluiu-se, corroborando a outros estudos, a importância do preparo psicológico pré-cirúrgico em pediatria realizado pelo psicólogo, caracterizando-se como ferramenta estratégica no repasse de informações e alívio da ansiedade.

Criança hospitalizada; preparação psicológica; psicologia pediátrica.

SAÚDE

A HUMANIZAÇÃO NO ATENDIMENTO NA SAÚDE: UMA COMPREENSÃO DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN. *Joelma Ana Espíndula (Professora do Centro de Educação - CEDUC - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista - RR)*

Este trabalho visa proporcionar reflexões para o processo de humanização do atendimento em saúde coletiva. O estudo baseia-se em dados de pesquisas realizadas em hospitais-escola de Ribeirão Preto e que tratam do atendimento de profissionais da área da saúde, pacientes e família. Neste sentido, discute-se a questão da subjetividade de crenças nos eixos, religiosidade e espiritualidade. É necessário pensar em novas direções de atendimento a partir da realidade dos usuários e das novas tecnologias de trabalho e gestão, que apontem à humanização e ao empenho com a vida das pessoas. A humanização hospitalar precisa abranger toda a equipe multiprofissional, trazendo para o atendimento uma visão ampla da pessoa, nos aspectos físicos, psíquicos, sociais e espirituais, sem restrição da avaliação. O papel do profissional é favorecer a promoção à vida, o restabelecimento do equilíbrio físico e psicossocial e a reinserção da pessoa à sociedade. Como suporte metodológico adota-se a fundamentação fenomenológica de Edith Stein, que favorece o aspecto subjetivo e intersubjetivo do fenômeno estudado. Esta abordagem se apresenta como recurso apropriado para pesquisar as vivências, tais como percepção, memória, reflexão e decisão; também possibilita ampliar a compreensão em relação ao fenômeno vivido. As pesquisas foram avaliadas e aprovadas pelo Comitê de Ética da Universidade de São Paulo. Para obter o material discursivo, foram realizadas entrevistas abertas com o uso do gravador. Os resultados mostraram que para os profissionais que interagem com pessoas com doença crônica, principalmente daqueles que sofrem de câncer, a angústia se faz muito presente no momento do atendimento, e se não assimilado e avaliado em sua globalidade, pode ocorrer a despersonalização do atendimento ao paciente e a sua família, criando distanciamento, estresse e mais sofrimento para ambos. Contudo, a razão de uma visão parcial do profissional em saúde decorre essencialmente das estruturas fragmentadas e hierarquizadas que se apresenta na maneira naturalista e pragmática de perceber as coisas, sendo que isso parece influenciar o pensamento científico que predomina na mentalidade dos profissionais de nossa cultura. Diante disso, mostra a importância da humanização desses centros a partir do desafio de superar a “tentação tecnológica”, isto é, do esforço de não "enxergar" o paciente apenas por partes. Deve-se buscar reunir os fragmentos e compor novamente o "todo" dessa pessoa e reformular a relação médico/paciente, psicólogo/paciente.

Descritores: Neoplasias; Religião; Espiritualidade; humanização

FAPESP E CAPES

SAÚDE

A POLÍTICA DE SAÚDE E A GARANTIA DE DIREITOS: A PRODUÇÃO TEÓRICA BRASILEIRA E SUAS CONSIDERAÇÕES PARA O SISTEMA DE ATENDIMENTO À CRIANÇA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA. *Clariana Morais Tinoco Cabral (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

Cotidianamente crianças e adolescentes no mundo todo estão expostas as mais diversas situações de violência. Atualmente, no Brasil, as redes de saúde, educação e assistência social estão inseridas nas políticas de proteção e garantia de direitos cujas posições são estratégicas e privilegiadas no que tange às possibilidades de enfretamento da questão. Desta feita, faz-se premente garantir uma política de saúde pública, no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), de acesso universal e igualitário, com vistas aos aspectos da promoção, proteção e recuperação da saúde de crianças e adolescentes vítimas de violência. Na última década iniciaram-se algumas ações nesse sentido. Todavia, a materialização das práticas em saúde direcionadas ao acolhimento desse público ainda se caracterizam como pontuais, visto que tem suas ações focalizadas no eixo da recuperação. Sendo assim, tem-se como objetivo geral da presente pesquisa: Realizar "Estado da Arte" concernente aos serviços de implantação de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência, considerando artigos publicados em periódicos no Brasil de 2000 a 2010. Como objetivos específicos, temos: (1) Mapear, através de artigos publicados em periódicos indexados e disponíveis no banco de dados virtuais periódicos CAPES e Scielo, os serviços e ações arquitetados para atender crianças e adolescentes vítimas de violência; (2) Analisar, nessa produção, as práticas e a natureza da implementação dos serviços de acolhimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. Foram selecionados 13, Utilizando-se como critérios a centralização nos temas Serviços de saúde pública no Brasil; prática de acolhimento às crianças e adolescentes vítimas de violência, foram identificados 13 artigos. As publicações concentraram-se na região sudeste: 62% das pesquisas. A região norte e centro-oeste não apresentaram publicações. Em sete dos treze artigos, houve descrição de perfis de casos atendidos nos diferentes serviços de acolhimento. As relações familiares ainda se caracterizam como maior promotora de situações de violência. Questões sociais atravessam de forma decisiva esse fenômeno. Sobre os serviços, temas como os especialismos, as visões fragmentadas sobre a questão e sobre o humano, a lacuna criada pelos currículos de graduação, o precário suporte legal para dar direcionamento às demandas são alguns dos pontos levantados e que fazem coro a uma realidade ainda distante do ideal. As melhorias em direção ao aprimoramento das políticas em saúde que se destinam a dar suporte à referida demanda deixam claro o quanto ainda se precisa percorrer em direção a um acolhimento mais efetivo e eficaz. O Brasil avançou sobremaneira na implementação dessas políticas e no enfrentamento da problemática. No entanto, a insuficiência na implementação de ações que vislumbrem o eixo da promoção e proteção ainda são deficientes e necessitam ser levadas em consideração.

Violência; Infanto-juvenil; SUS.

SAÚDE

A TRAJETÓRIA DE UMA AÇÃO: EXPERIÊNCIA NO PROJETO BANDEIRA CIENTÍFICA. *Heloisa Antonelli Aun, Tereza Cristina de Cala (IPUSP)*, Henriette Tognetti Penha Morato*

Esta pesquisa pretende investigar o sentido histórico do projeto Bandeira Científica entre os estudantes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Para consecução desse propósito, faz-se necessário remontar à sua origem e desenvolvimento, ou seja, sua trajetória, a fim de poder compreender a ação realizada como significativa na formação profissional de psicólogos.

O projeto Bandeira Científica está vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária e à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Tendo se iniciado em 1957, foi interrompido em 1969, em virtude da situação política instalada no Brasil com o golpe militar de 1964. Em 1998, foi retomado e ampliado, sendo realizado anualmente desde então. Seu principal objetivo é implementar ações de promoção, proteção e recuperação da saúde em municípios ou comunidades, de pequeno ou médio porte. (SCARCELLI et al., 2009). O critério de escolha dessas cidades passa por itens como Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre 0,5 e 0,7, população entre 20 a 60 mil habitantes e cobertura do Programa de Saúde da Família (PSF) maior que 50%. Tal perfil visa contemplar cidades que carecem de recursos necessários para o desenvolvimento de políticas públicas na área da saúde.

Atualmente, o projeto tem a participação de estudantes de graduação da USP de diversas áreas, como Medicina, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Ciências Agronômicas, Fonoaudiologia, Engenharias Civil e Ambiental, Odontologia, Comunicação e Administração, visando a colaboração interdisciplinar. A cada ano, estes estudantes, denominados bandeirantes, realizam uma "expedição": viagem à cidade escolhida para as ações planejadas previamente para aquela cidade. As últimas expedições contaram com cerca de 200 pessoas, entre estudantes da graduação, profissionais (denominados de "discutidores" em alusão à sua tarefa na discussão de casos clínicos) e professores que coordenam o projeto.

O planejamento da expedição, desde sua estrutura logística e burocrática até as atividades a serem realizadas em campo, é tarefa e responsabilidade dos próprios estudantes que dela participarão naquele específico ano. Sendo assim, embora haja a continuidade na execução do projeto, a cada ano ele se reformula pela participação de um novo grupo de alunos responsáveis e novo contexto ao qual destinar-se. Nesse sentido, rotatividade de integrantes é uma das características na construção deste projeto.

A participação da Psicologia no Bandeira Científica se iniciou em 2006, quando, pela iniciativa dos participantes do projeto até então, abriu-se a possibilidade de integrar alunos de outros cursos, visando expandir sua área de atuação (SCARCELLI et al., 2009). A partir disso, a cada intervenção anual no município escolhido, forma-se um grupo de futuros psicólogos para participarem do projeto, acompanhados por discutidores para apoio, além do coordenador responsável.

Considerando o aspecto de rotatividade acima citado, pensar a trajetória da ação deste projeto apresenta-se como questão nevrálgica, uma vez que através dela seria possível ser construído um registro histórico da participação da Psicologia em um contexto de intervenção multidisciplinar na área da saúde coletiva. Tendo sempre pela frente outra nova expedição e sem um fio condutor histórico que possibilite compreender alguns procedimentos, atividades e ações possíveis, bandeirantes psicólogos abrem

questionamento quanto à ação psicológica e sua propriedade no Bandeira Científica. Surge uma questão: seria possível tecer uma cartografia dessa ação no projeto, a partir de histórias aparentemente perdidas a cada ano com a reformulação do grupo? Nesse sentido, o olhar de antigos participantes poderia apresentar-se como experiência significativa às ações de cada novo grupo de alunos, contribuindo para o futuro do projeto?

Partindo dessa questão, pretende-se investigar como foram as experiências vividas por participantes da Psicologia em cada uma das expedições do projeto Bandeira Científica, recorrendo à narratividade de ex-bandeirantes desde 2006. Pretende-se compreender como aconteceram as ações da Psicologia, tanto entrelaçadas ao projeto comum do Bandeira Científica, como vivenciadas pelos envolvidos, com uma compreensão cartográfica. A intenção não é de traçar um mapa com linhas e delimitações exatas entre fatos, mas sim, contar com a interferência do dizer daquele que narra sua vivência no projeto: investigação para dar voz a partir da reflexividade de um olhar (AUN, 2009).

O meio através do qual se pretende construir essa compreensão é a narrativa, que consolidou-se, ao longo do tempo, como transmissão e elaboração de experiência (BENJAMIN, 1994). Partindo do testemunho vivo da experiência narrada, pode ser possível a aproximação com o vivido pelos narradores (MORATO e SCHMIDT, 1999).

As narrativas dos antigos participantes do Bandeira Científica serão colhidas por meio de relato de experiência, com foco direcionado para a participação do entrevistado no projeto. Para abrir ao narrador a possibilidade de narrar sua experiência, a pergunta norteadora será: Como foi sua experiência como membro da equipe da Psicologia na expedição da Bandeira Científica? Não se buscam respostas objetivas, mas o relato de experiências, considerando que pela narrativa é possível a compreensão do sentido daquilo que é comunicado por aquele que conta, para além dos fatos concretos. Estas narrativas serão colhidas em encontro individual com bandeirantes da Psicologia de cada expedição do Bandeira Científica desde sua entrada em 2006 até 2012. Busca-se, assim, analisar as ações e transformações feitas no e pelo projeto neste período.

O que se espera com a realização desta pesquisa é dar voz àquilo que foi vivenciado por estes participantes da Bandeira Científica e que estas narrativas possam colaborar para as futuras ações do projeto.

Saúde coletiva; Intervenção Psicológica; Narrativa

SAÚDE

A VULNERABILIDADE FEMININA FRENTE AO DIAGNÓSTICO DE INFECÇÃO PELO HIV, A PARTIR DE RELATOS DE HISTÓRIA DE VIDA.

Barbara Gea, Lícia Barcelos de Souza, Marco Antonio de Castro Figueiredo (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP).*

No Brasil, o perfil epidemiológico aponta para processos de pauperização e feminilização da infecção pelo HIV/Aids, evidenciando a vulnerabilidade feminina como um elemento importante para a concepção de estratégias e programas dirigidos ao controle da epidemia e à promoção da saúde da mulher. Com base no conceito de vulnerabilidade, que considera aspectos sociais, programáticos e individuais na compreensão de seus determinantes, este estudo tem como objetivo compreender os processos envolvidos no cuidado em saúde da mulher e as estratégias de proteção à sua vulnerabilidade. Participaram do estudo 10 mulheres portadoras de HIV/Aids, usuárias da Unidade Especial de Tratamento de Doenças Infecciosas (UETDI) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, com idade entre 27 e 49 anos e escolarização até o ensino médio completo. Foram realizadas entrevistas individuais áudio-gravadas, baseadas em relatos orais de história de vida que posteriormente foram transcritas e sintetizadas segundo Análise Temática de Conteúdo. A análise das entrevistas sintetizou o conteúdo em duas Categorias Temáticas principais nomeadas: Descobrindo-se soropositiva e Vivendo com HIV/Aids. Neste trabalho, será apresentada a análise da primeira Categoria, que reuniu os conteúdos relacionados aos sentidos atribuídos às experiências vivenciadas no início do adoecimento. Esta Categoria agrupou três Unidades Temáticas: a primeira foi o Momento do Diagnóstico, que reuniu conteúdos relacionados aos impactos psicossociais do diagnóstico positivo à infecção pelo HIV. A segunda, denominada Justificativas para o Contágio, reuniu conteúdos sobre a elaboração de explicações para o contágio, baseadas principalmente em representações de vitimização pelo destino ou pelo companheiro. Por último, a Categoria Recursos Iniciais de Enfrentamento, apresenta os conteúdos associados às formas de enfretamento no início do adoecimento, ligadas principalmente ao apoio da família e à espiritualidade. De forma geral, os resultados apontaram, além de aspectos psicossociais que vulnerabilizam a mulher, recursos que a protegem na etapa inicial do adoecimento, que podem ser potencializados na perspectiva de promoção do cuidado. A história de vida dessas mulheres indicou a necessidade de maior suporte das redes de serviços e familiar/social no início do adoecimento, principalmente no que se refere à vulnerabilidade emocional, que pode resultar em situações de risco. Os resultados poderão oferecer subsídios aos profissionais de saúde e às redes de apoio social e familiar para a compreensão das dimensões da vulnerabilidade feminina à infecção pelo HIV, contribuindo assim para a qualificação das ações em saúde.

HIV/Aids, vulnerabilidade feminina, história de vida.

CNPQ

SAÚDE

ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS DE COPING EM MULHERES DIAGNOSTICADAS COM ALTERAÇÃO NO COLO DO ÚTERO COM SEUS NÍVEIS DE ESTRESSE. *Juliana Mayara Camilo Rodrigues, Valdinéia Aparecida Fernandes Benvenutti, Ricardo Alexandre Aneas Botta (Prefeitura Municipal De Cacoal/Centro Médico de Cacoal)*

As estratégias de coping são orientadas para a redução do estresse, sendo essas reações físicas ou psicológicas. O objetivo deste estudo foi identificar as estratégias de coping utilizadas por mulheres diagnosticadas com alteração no colo do útero com seus níveis de estresse. Participaram da pesquisa 29 mulheres, provenientes de um Centro de Saúde da Mulher de Cacoal (RO). Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Estratégias de Coping e o Inventário de Sintomas de Estresse. Os resultados demonstraram que a estratégia mais utilizada foi confronto, tendo possibilidade de correlação com autocontrole e afastamento. Em relação ao nível de estresse a população indica sinais fracos (no sentido de não indicar altos níveis) de estresse em relação com o histórico social demográfico e nem com as estratégias de coping.

SAÚDE

APRESENTAÇÃO DE PROTOCOLO PARA O ABANDONO DO CIGARRO EM SESSÕES DE TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: O PAPEL DO REGISTRO DIÁRIO RELATADO PELOS PARTICIPANTES. *Angela Donato Oliva, Carla Neumann Rodrigues*, Silvania Domingos*, Juliane Alves*, (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ)*

O objetivo deste estudo foi destacar o papel que o registro de pensamentos desempenha no tratamento psicológico em grupo para o abandono do cigarro. De acordo com a perspectiva cognitivo-comportamental, o tratamento psicológico pode ser dividido em: a) Entrevista de triagem estruturada, que visa conhecer a historia do paciente, especialmente a que se relaciona a aspectos específicos do tabagismo e seu impacto em relações familiares e profissionais, presença de comorbidades (o que seria contraindicado para integrar o grupo de parada) entre outros. b) Sessão de preparação, que tem como objetivo familiarizar os participantes a respeito do programa, deixando claro que a mudança depende de esforço individual e da adesão às atividades propostas pelo programa. c) Grupo de parada, estruturado por pelo menos dez sessões semanais com duração média de duas horas e composto por no máximo dez participantes. Nas sessões o objetivo é a de redução progressiva de nicotina. Para isso as estratégias ensinadas consistem em diminuir o número de cigarros fumados por dia, atrasar em alguns minutos o momento de acender o cigarro e cortar o seu tamanho. São desenvolvidas habilidades de enfrentamento, como identificar crenças e pensamentos automáticos presentes nas situações em que fuma. Além de enfraquecer o comportamento automático de fumar, são treinados recursos para lidar com a abstinência, são propostas tarefas, há aprendizagem do autorregistro, de técnicas de relaxamento, de manejo de ansiedade, etc. d) Após a parada há oito sessões de manutenção (prevenção de recaída). Estudo com um grupo de parada, composto por seis mulheres foi submetido a este protocolo. Foi observado que quando há o entendimento do funcionamento do programa, do objetivo das tarefas e do modelo cognitivo, as participantes começam a elaborar suas próprias estratégias e a dividi-las com o grupo. Um aspecto recorrente no uso desse protocolo é a redução de quase metade dos cigarros fumados logo na primeira semana. Uma avaliação preliminar, baseada no relato informal dos participantes, indica que dentre as técnicas apresentadas, a que parece ter um maior impacto na rotina dos fumantes é a utilização da folha de registro. Neste instrumento os participantes devem registrar minuciosamente os próprios hábitos relacionados ao fumar. Para cada cigarro fumado, deve identificar os locais (data e hora), o que estava fazendo, os pensamentos e as emoções associadas e o grau de necessidade (escala de zero a dez). As participantes este estudo disseram que por ter que anotar, e isso ser "chato", já deixam de fumar alguns cigarros. Isso parece indicar um papel relevante do autorregistro nesse processo. "Ver" os pensamentos, situações, emoções em relação ao grau de necessidade de fumar, especialmente na forma de gráficos, parece fazer diferença. Uma conclusão preliminar é a de que o autorregistro favorece a autorreflexão (reestruturação cognitiva) sobre o processo pessoal do fumar e oferece um caminho seguro de "por onde se deve começar" quando tenta parar. O fumante consegue identificar quais são as situações mais fáceis para ele cortar o cigarro. Com isso, a ação tem maior eficácia e gera efeitos para situações futuras.

Tabagismo, terapia cognitivo-comportamental, tratamento em grupo

Bolsa de Extensão UERJ

SAÚDE

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A PACIENTES DE UM PRONTO-SOCORRO PEDIÁTRICO E SEUS FAMILIARES. *Pedro Henrique Vaz de Alcantara*, Josiane da Silva Delvan, Marina Menezes (UNIVALI, Itajaí/SC)*

Esta pesquisa foi realizada no Pronto-Socorro do Hospital Universitário Pequeno Anjo, no município de Itajaí, como projeto de estágio básico do curso de Psicologia. Os atendimentos foram realizados entre os meses de Março e Junho de 2011. Foram atendidos crianças e adolescentes, entre 0 e 14 anos, e seus respectivos acompanhantes, no momento da procura do serviço de emergência do hospital. Este trabalho, desenvolvido como projeto de estágio, objetivou caracterizar e trabalhar o acolhimento de pacientes infantis e seus familiares em uma sala de espera de um pronto-socorro pediátrico, no município de Itajaí, através da escuta profissional do psicólogo, da sensibilização dos profissionais e do conhecimento da história pregressa do paciente, assim focando em suas necessidades e reações emocionais a doença. Com os pacientes, foram realizadas entrevistas abertas junto de atividades lúdicas, que envolviam a elaboração de desenhos, a pintura e a realização de alguns jogos simples, como caça-palavras e jogo dos 7 erros. Essas atividades visavam a obtenção de informações relativas a queixa do paciente, suas dúvidas e seus medos. Com os acompanhantes, eram realizadas entrevistas abertas, visando a obtenção de informações relativas a queixa do paciente, idade, residência e histórico médico. Foram realizados 23 atendimentos, no total. A distribuição de gênero dos pacientes foi balanceada, sendo 54% do sexo masculino e 46% do sexo feminino. Houve uma predominância da faixa etária de cinco a nove anos e 11 meses, com um total de 40% dos atendimentos. Em sua maioria, as crianças estavam acompanhadas por seus pais, embora houvesse casos em que tios e avós estivessem juntos. Verificou-se que as queixas mais comuns eram de resfriado e tosse. A procura ao serviço ambulatorial é a primeira opção de muitos pais, que não optam pelo atendimento em postos de saúde próximos as suas residências. Além disso, constatou-se que a escuta profissional, por meio da psicologia, é um forte instrumento, quando aliado a prática médica, já que diminui a tensão e o medo dos pais e do paciente.

Emergência, Pronto-Socorro, Psicologia Hospitalar

SAÚDE

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE SOBREVIVENTES DE CÂNCER ÓSSEO. *Juliana Fákir Naves** (Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e Universidade de Brasília, Brasília, DF), Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araujo (Laboratório de Saúde e Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Durante muito tempo, a avaliação do impacto do câncer na qualidade de vida enfatizou, principalmente, as etapas diagnóstica e terapêutica. Todavia, nas últimas décadas, ampliaram-se os estudos que focalizam a etapa de sobrevivência, no intuito de melhor compreender os efeitos físicos e psicossociais da experiência oncológica a longo prazo e, a partir dessas evidências, contribuir para o aprimoramento de rotinas assistenciais e planejamento de programas preventivos em Oncologia. Mais especificamente no que se refere a tumores ósseos, ainda são poucas as pesquisas realizadas, apesar da multiplicidade de intervenções terapêuticas exigidas nesses casos, incluindo-se procedimentos invasivos e cirurgias, sendo que algumas podem acarretar mutilação e incapacidades. Assim, tendo em vista tais preocupações de natureza científica e social, realizou-se uma investigação com o objetivo geral de avaliar e comparar a qualidade de vida (QV) de sobreviventes de câncer ósseo e seus familiares. O projeto foi previamente autorizado pelo Comitê de Ética da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e todos os participantes manifestaram sua concordância por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A amostra foi constituída de indivíduos, anteriormente tratados no Programa de Oncologia do Hospital Sarah-Centro, por tumor ósseo do tipo osteossarcoma ou sarcoma de Ewing. Adotaram-se como critérios de inclusão: pacientes em remissão e fora de tratamento, há dois anos ou mais, e seus familiares. Como critérios de exclusão, estabeleceram-se pessoas com comprometimento cognitivo ou neuropsicológico. Assim, no total, participaram 27 sobreviventes e 25 familiares de contato próximo ao paciente. Inicialmente, foi feito convite por contato telefônico e, em seguida, enviou-se, por correio ou e-mail, o material previsto para a coleta de dados: a) instruções de preenchimento e devolução para a pesquisadora responsável; b) questionário sociodemográfico; e c) Quality of Life Cancer Survivors (QOL-CS), instrumento traduzido e adaptado para a presente pesquisa. Os familiares participantes deveriam registrar suas percepções acerca do sobrevivente. Para análise dos dados obtidos pela QOL-CS, adotou-se o Wilcoxon Signed Ranks Test. Constatou-se que a média da QV geral dos sobreviventes atingiu 6,52 e a média da QV avaliada pelos familiares foi de 6,33, o que revela semelhanças entre ambos os segmentos. Porém, verificaram-se diferenças significativas ($p=0,02$; $r=0,45$), ao se comparar sobreviventes e familiares, quanto ao domínio bem-estar físico ($m=7,91$ e $m=7,16$, respectivamente). Também foram constatadas diferenças de percepção entre sobreviventes que passaram por cirurgia de amputação e seus familiares ($p=0,05$; $r=0,64$). Estes resultados convergem com a literatura especializada internacional. Contudo, não foram observadas diferenças de percepção em relação ao domínio físico entre sobreviventes não amputados e seus familiares ($p=0,46$; $r=0,29$). Ao se analisar a localização do tumor, não se notou diferença de percepção da qualidade de vida entre os participantes ($p>0,05$). Por fim, recomenda-se que futuros estudos ampliem as amostras e incluam abordagens metodológicas de cunho qualitativo, visando fornecer mais subsídios para a prática clínica e preventiva em Psico-Oncologia.

Palavras-chave: sobrevivência, câncer ósseo, qualidade de vida

Mestrado - M

SAÚDE

EL ESTRÉS POSTRAUMATICO EN LA POBLACION ESCOLAR DE LORCA TRAS EL SEISMO SUFRIDO EN MAYO DE 2011. *Pilar Larraz Galindo, Mª José Catalán Frías, Angela Ruiz Arguello, (Miembros de la Junta de Gobierno del Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia); Juan José López Garcia (Departamento de Metodología de la Facultad de Psicología de la Universidad de Murcia); Laura Espín López (Departamento de Anatomía Humana y Psicobiología. Universidad de Murcia. España)*

Después del seísmo ocurrido en la ciudad de Lorca en el mes de mayo del 2011, desde el Colegio Oficial de Psicólogos de la Región de Murcia (COPRM), se implantó un programa de desarrollo y fortalecimiento de la Resiliencia en los escolares de los catorce centros de Educación Primaria de dicha ciudad, abarcando toda la población infantil que pudiera estar afectada. El objeto del programa consistía en mitigar las reacciones psicológicas adversas para poder comenzar a superar el trauma y volver a la normalidad cuanto antes, así como fortalecer a través de la implantación de un programa la resiliencia. El programa consistió en la implementación de unos talleres realizados con los alumnos en el medio escolar, mediante el trabajo en el manejo y reducción de miedos, el fortalecimiento de conductas resilientes y la detección de conductas anómalas que pudiesen requerir una posterior intervención profesional desde el ámbito de la Psicología Clínica. Todo ello apoyado por un material específicamente diseñado por Jorge Barudy y Maryorie Dantagnan tras el terremoto ocurrido en 2010 en Chile. Este programa se desarrolló con toda la población escolar de Lorca , de la que se extrajo una muestra de 300 escolares con la que se realizó el análisis de la eficacia del programa implantado, con una evaluación pre-programa al mes de haber sucedido el terremoto, y la reevalución al año de los seismos. Para dicha tarea se utilizaron las escalas CPSS, The Child PTSD Symtom Scale, de Foa et al, (2001) que evalúa el Trastorno por Estrés Postraumático (TEPT) y la escala ERE, Escala de Resiliencia Escolar, desarrollada en Chile por Saavedra y Castro (2009). Los resultados indican un importante descenso en la prevalencia del TEPT tras la implantación del programa. Con respecto a la resiliencia se demostró que los escolares que estando expuestos al terremoto y que no habían trabajado en el programa de resiliencia (grupo control), tuvieron una puntuación significativamente inferior en este constructo que aquellos que sí trabajaron con los materiales del programa de resiliencia (grupo experimental). Esta eficacia del programa se comprobó en las cinco dimensiones de la escala (Identidad-Autoestima; Redes-Modelos, Aprendizaje-Resolución de problemas; Recursos internos y Recursos externos). Este trabajo forma parte de un estudio de investigación patrocinado por la Fundación de Obra Social de la Caixa. España, y gracias a la colaboración de la Consejería de Educación de nuestra Comunidad para lo que se contó con los equipos de orientación y dirección de los distintos centros escolares.

Palabras clave: Resiliencia. Estrés postraumático, impacto psicológico.

Nivel de trabajo:P (Otro)

SAUDE - Psicología de la Salud

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE PACIENTES COM ATAXIA E MUCOPOLISSACARIDOSE ATENDIDOS NO PROGRAMA CAMINHAR.

Bruna de Almeida Cruz, Petruska Pereira Baptista, Eleonora Arnaud Pereira Ferreira (Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, Universidade Federal do Pará, Belém - PA)*

A ataxia e a mucopolissacaridose são duas doenças neurogenéticas que interferem no desenvolvimento físico e motor de seus portadores, afetando sua capacidade de inserção social bem como sua autonomia para realizar as atividades de vida diária, tendo consequentemente impacto negativo sobre sua qualidade de vida. Em geral, as pessoas portadoras desses transtornos do desenvolvimento têm uma baixa expectativa de vida, por se tratarem de doenças degenerativas, o que pode encadear o desenvolvimento de transtornos de humor e acelerar a evolução da doença. O objetivo deste trabalho foi comparar os efeitos da ataxia e da mucopolissacaridose na qualidade de vida de crianças e adolescentes acompanhados no serviço de crescimento e desenvolvimento - Programa Caminhar - do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, da Universidade Federal do Pará. Neste serviço, o ambulatório de psicologia é responsável pela avaliação comportamental e cognitiva desses pacientes, verificando, a partir de testes psicológicos, as dificuldades que cada paciente enfrenta em decorrência da sua condição. Pelo ambulatório de Psicologia, são atendidos 5 pacientes com ataxia e 5 com mucopolissacaridose. Além de entrevistas de anamnese e de avaliação da condição emocional do paciente, os testes comportamentais aplicados são CBCL, TRF e YSR; e os testes cognitivos são SON e Matrizes Coloridas de Raven. Em 2012 compareceram ao ambulatório de Psicologia 3 dos pacientes com ataxia, totalizando 14 atendimentos, e 2 portadores de mucopolissacaridose, com apenas 1 atendimento cada. Os primeiros frequentaram mais assiduamente os atendimentos e estão em fase de conclusão das avaliações. Os segundos, por terem faltado aos atendimentos agendados no serviço, tiveram a avaliação interrompida ou invalidada, necessitando recomeça-la. Sobre estes, é possível supor que, por se tratar de uma doença cuja qualidade de vida pode ser consistentemente melhorada com a Terapia de Reposição Enzimática (TRE) ou com o uso de fármacos, a urgência do acompanhamento psicológico seja menor do que para os pacientes com ataxia, cuja condição degenerativa é agravada pela reclusão social e frequente falta de estimulação decorrente de suas limitações físicas. Quanto aos pacientes com ataxia, os resultados da avaliação psicológica indicam haver impacto desta doença sobre a qualidade de vida, notando-se claramente a diferença entre as ambições e desejos desses pacientes (obtidos por meio dos relatos em entrevistas) e das possibilidades de concretização dos mesmos. Verificou-se, portanto, que a qualidade de vida de pacientes com ataxia tende a ser mais baixa que a dos portadores de mucopolissacaridose. Sugerimos que, após a avaliação psicológica, também sejam realizadas pesquisas aplicadas, visando o desenvolvimento de estratégias específicas de cuidado para cada tipo de condição descrita com vistas à promoção de uma melhor qualidade de vida para essas crianças e adolescentes.

Ataxia, mucopolissacaridose, avaliação psicológica

Bolsista de Extensão (Programa PIBEX-Universidade Federal do Pará)

SAÚDE

CARACTERIZAÇÃO DE SERVIÇOS DESTINADOS AO CUIDADO DO USUÁRIO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS DE NATAL/GRANDE NATAL/RN. *Magali Cabral Segundo Medeiros*, Liège Uchôa A. de Araújo, Camilla Pinho de Souza*, Rebeca da R. S. Nepomuceno* (Departamento de Psicologia da Escola da Saúde- Universidade Potiguar-UnP, Natal/RN).*

Nos últimos anos o uso de drogas lícitas e ilícitas vem aumentando de forma abusiva, chegando hoje a um problema de saúde pública. Na lacuna deixada pelas políticas do Ministério da Saúde para a atenção aos usuários de álcool e outras drogas, surgiram no Brasil diversas "alternativas de cuidado" com características fechadas e segregativas, tendo como único objetivo a ser alcançado a abstinência. Dessa forma, torna-se urgente a estruturação e fortalecimento de uma rede centrada na atenção comunitária que tenha ênfase na reabilitação e reinserção social dos seus usuários. Além disso, é relevante uma avaliação do nosso modelo de cuidado para que nossa prática seja respaldada por meio de dados concretos. No Rio Grande do Norte, essa realidade não é diferente, detectamos um crescimento significativo do uso abusivo de drogas lícitas ou ilícitas nos últimos tempos e nada se tem de informações sobre a eficácia e resolutividade dos tratamentos. Diante de tal fato consideramos importante caracterizar os serviços destinados ao usuário de álcool e outras drogas em Natal/Grande Natal, tendo em vista ser a localidade onde essa problemática mais se amplia, descrevendo o que estes têm oferecido, bem como, sua resolutividade e, dessa forma, contribuir para um planejamento coordenado da atenção em nossa cidade. Para tal, recorreu-se a uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa e uso da modalidade de pesquisa de campo para coleta de dados, realizada através de entrevistas semiestruturadas com os representantes de instituições: públicas, privadas e filantrópicas. Como resultados parciais, foi encontrado que os serviços para os usuários de álcool e outras drogas são, em sua maioria, voltados para uma política de assistência segregativa, moralista, policialesca, sem atenção às urgências/emergências, e não adotam a estratégia de redução de danos, principalmente, os serviços privados e filantrópicos. Os usuários destes serviços também não têm acessibilidade, nem há registros que possam indicar a resolutividade dos serviços. A rede pública, por meio do tensionamento provocado pelas orientações do Ministério da saúde, tendem a ser comunitários, territoriais, e abertas, mas ainda orientando sua prática pelo ideal da abstinência. Concluímos pela necessidade do monitoramento e avaliação dos serviços para orientar melhor nossa prática e nossas análises através de dados concretos.

Apoio Financeiro: Universidade Potiguar - UnP

Palavras-chave: Caracterização; álcool e outras drogas; instituições.

IC

SAÚDE

CARACTERIZAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA E AVALIAÇÃO DE ANSIEDADE, DEPRESSÃO E QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES COM PSORÍASE. *Caroline da Cruz Pavan-Cândido e Ricardo Gorayeb (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

A psoríase é uma dermatose crônica que produz diversos e amplos impactos na qualidade de vida dos pacientes e está intimamente relacionada a aspectos psicológicos. No Brasil, pouco se tem estudado sobre os impactos da dermatose na qualidade de vida de seus portadores e são raros os relatos de intervenção psicológica com estes pacientes. O objetivo deste trabalho foi realizar caracterização sociodemográfica e avaliação de ansiedade, depressão e qualidade de vida de pacientes portadores de psoríase, atendidos no Ambulatório de Doenças Psicossomáticas (DPS) de um hospital público do interior de São Paulo. Foram convidados para participar do estudo 106 pacientes e 100 aceitaram participar. Os materiais utilizados foram: roteiro de entrevista semiestrutarada, Inventário Beck de Ansiedade (BAI), Inventário Beck de Depressão (BDI), e os instrumentos Índice de Qualidade de Vida em Dermatologia (DLQI) e Índice de Incapacidade Provocada pela Psoríase (PDI). Os pacientes foram convidados para participar da pesquisa quando compareciam ao ambulatório DPS e as entrevistas eram realizadas neste mesmo local. Os resultados mostraram que 56% dos pacientes avaliados eram do sexo feminino, 62% tinham companheiro, 47% tinham ensino fundamental incompleto, 46% encontravam-se trabalhando e 47% tinham renda mensal entre um e três salários mínimos. As comorbidades mais frequentemente relatadas foram alterações cardiovasculares (32%). Pouco mais da metade dos pacientes relatou possuir dificuldades na realização do tratamento e 70% referiram receber ajuda da família para realizá-lo. A maioria dos pacientes relatou perceber relação entre a psoríase e aspectos emocionais, principalmente na piora das crises, e relatou vivenciar situações de estresse em sua rotina diária. As estratégias de afastamento/distração negativas foram mais frequentemente relatadas como forma de enfrentar as situações estressantes. Metade da amostra apresentou níveis mínimos de ansiedade e por volta de 80% não apresentou sintomas indicativos de depressão. 62% dos pacientes relataram nenhum ou pouco impacto da psoríase, segundo o DLQI, e no PDI a média do impacto foi 6,47. Os testes estatísticos mostraram evidência de associação entre os aspectos psicossociais avaliados na entrevista e os níveis de ansiedade, depressão e qualidade de vida. Também mostraram associação entre ansiedade e depressão, ansiedade e qualidade de vida e entre depressão e qualidade de vida. Considerando os resultados do estudo e a literatura da área, conclui-se que frequentemente indivíduos com psoríase apresentam impactos em sua qualidade de vida, maiores níveis de ansiedade e depressão. Conhecer estas características psicológicas é importante para o desenvolvimento de modelos de intervenção especializados que, juntamente com o tratamento médico, podem trazer para o paciente, além da melhora clínica de seu quadro, melhora da qualidade de vida.

Dermatose, qualidade de vida, avaliação psicológica

Trabalho parcialmente financiado pela CAPES

SAÚDE

CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE VULNERABILIDADE PARA O HIV. *Leandro Oltramari (CFH / UFSC, Florianópolis, SC); Frederico Tourinho dos Santos; Alessandra Scherer, Ana Paula Mattos*, Juliana da Silveira* (UNISUL, Palhoça, SC)*

No início do aparecimento da epidemia da AIDS a representação de indivíduos com sindrome foi na forma de grupos de risco. A característica principal deste modelo de representação era a doença como sendo algo que acomete "os outros"(Joffe, 1998; Oltramari, 2007). Desta maneira, cada grupo específico construiu ao longo das décadas os mais variados raciocínios para se colocar fora desses grupos. Então, nesta exclusão julgam-se a salvos da epidemia, minimizando a preocupação com as medidas de prevenção.A noção de "grupos de risco", cedeu lugar à noção vulnerabilidade (Ayres et al, 1999). Essa nova abordagem considera, não somente as práticas que levam o sujeito, como o contexto em que os mesmos vivem e que pode gerar um menor ou maior grau de vulnerabilidade ao HIV. Apesar de todos os esforços de informação e trabalhos relacionados ao tema, as pesquisas em Saúde Pública tem demonstrado que os índices de infectados não diminuem na mesma proporção que os investimentos em educação mesmo com os esforços por campanhas esclarecedoras e informativas (Camargo e Botelho, 2007; Chan, Stoove, Sringernyuang, Reidpath, 2008; Pickles, King & Belan, 2009; Seidl, Ribeiro e Galinkin, 2010). A presente pesquisa teve por objetivo identificar concepções de vulnerabilidade para o HIV de estudantes universitários de quatro cursos de diferentes campos de conhecimento de uma Universidade privada de Santa Catarina. Fizeram parte da pesquisa 40 universitários (distribuídos igualmente entre 20 mulheres e 20 homens, com idade entre 18 e 30 anos). Os alunos foram divididos entre os cursos de Psicologia e Farmácia (saúde) e Direito e Administração (ciências sociais aplicadas). A coleta dos dados se deu através de instrumentos estruturados com perguntas fechadas e de múltipla escolha. A análise dos dados foi realizada através de procedimentos da estatística descritiva simples por contagem de frequência das respostas. Os resultados demonstraram que os alunos de todos os cursos apresentaram conhecimentos satistatórios sobre a transmissão do HIV. Identificaram sexo oral como forma de transmissão, assim como uso de drogas endovenosas e relacionamento sexual sem preservativo, além da transmissão vertical da mãe para o bebê. Apesar disto não souberam localizar onde se encontrava o HIV, identificaram que ele estaria no sangue mas não no sêmen. Sobre a suscetibilidade ao HIV os entrevistados apresentaram os heterossexuais, junto à categorias de usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo como aqueles com maior vulnerabilidade. Este estudo demonstrou que não houveram diferenças significativas de conhecimento entre os estudantes dos dois cursos da Saúde. Os alunos dos cursos de Psicologia e Farmácia, apresentaram menos conhecimentos sobre vulnerabilidade ao HIV que os alunos do curso de Direito. Os alunos do curso de Administração foram aqueles que apresentaram menos conhecimento, tanto sobre infecção pelo HIV quando sobre a vulnerabilidade à ele.

Pesquisa Financiada pela FAPESC (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina.

Palavras Chave: HIV; vulnerabilidade; universitários.

P

SAÚDE

CONHECENDO A VIVÊNCIA DE HOMENS COM HIV/AIDS SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. *Geovana Nunes de Jesus*, Larissa Polejack, Luana Alcantara Fialho*, Narjara Tamyres Pedrosa Melo*, Ticiana Esmeraldo Penatti*. (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

As relações de gênero são elementos fundamentais na constituição identitária, no âmbito da sexualidade e, de modo geral, na manutenção de relacionamentos interpessoais. Estando essas dimensões presentes no contexto do HIV/aids, é necessário compreender a influência das relações de gênero nos serviços de saúde, nas políticas de prevenção e assistência, na forma como a vivência desses sujeitos se configura diante de suas relações familiares, afetivas, de trabalho e com o próprio serviço de saúde. É necessário, também, verificar se a vivência do HIV/aids tem algum impacto sobre as perspectivas de futuro desses sujeitos e se são influenciadas pela dimensão de gênero. Esta pesquisa teve por objetivo conhecer a influência das relações de gênero na vivência do HIV/aids, a partir da experiência de pacientes soropositivos, abordando, especificamente, a vivência de homens heterossexuais. O projeto de pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde/UnB, consistiu na realização de um grupo focal, com a participação de homens heterossexuais, em um centro de saúde especializado no tratamento do HIV/aids, da rede pública de Brasília, DF. O convite para a pesquisa foi feito pelo próprio serviço de saúde e só participaram aqueles que concordaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O grupo focal foi conduzido por duas facilitadoras e uma observadora. O encontro foi gravado em áudio e transcrito para análise de acordo com a Epistemologia Qualitativa. Participaram seis homens com nível de escolaridade entre ensino fundamental e nível superior completo, idades entre 18 a 45 anos, com média de 34 anos, sendo três casados e dois sem relacionamento amoroso no momento. Dois participantes eram estudantes universitários e não trabalhavam, um era aposentado e os demais estavam empregados. Os aspectos ressaltados pelos participantes foram: (a) medo de compartilhar a informação de que são soropositivos, devido à possibilidade de rejeição, principalmente em relacionamentos afetivos nos quais há, também, o risco de transmitir o vírus; (b) mudanças das relações, quando as pessoas se afastam ao saberem do diagnóstico, embora alguns participantes tenham relatado que fizeram novas amizades; (c) insatisfação com muitos profissionais de saúde que não estão preparados para lidar com pacientes soropositivos, devido à falta de informação acerca do HIV/Aids e a preconceitos, em parte, decorrente dessa desinformação; (d) o modo como são atendidos, independentemente do sexo do profissional, faz com que sintam que são tratados da mesma forma tanto por mulheres quanto por homens; (e) falta de infraestrutura do serviço de saúde, incluindo a falta de reagente para realização de exames, que atrasa a execução de procedimentos; e (f) não foram referidas mudanças nas perspectivas de futuro em decorrência do HIV/aids. Espera-se que esse estudo contribua para o tratamento das pessoas que vivem com HIV/aids e para a Psicologia da Saúde. Sugere-se que os serviços de saúde desenvolvam ações e estratégias que considerem as necessidades em função dos usuários, e que sejam promovidos grupos de apoio e psicoeducativos, que contribuem para a ampliação da rede de apoio desses sujeitos e redução do preconceito ainda existente.

Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Psicologia)

Palavras-chave: HIV/aids, Gênero, Homens

Nível do trabalho: IC

SAÚDE

CUIDANDO DO CUIDADOR: ATENÇÃO À MÃE DURANTE O TRATAMENTO DO BEBÊ SEGUNDO O PROJETO MÃE NUTRIZ. *Pérolla Goulart*, Luísa Vianna Baiocchi* (Instituto de Psicologia; Universidade de Brasília; Brasília/DF)*

Na concepção filosófica da atenção à saúde biopsicossocial as ações de tratamento e restabelecimento da saúde consideram o acompanhante do(a) paciente como uma figura valorizada. A doença afeta, além do(a) paciente, os que se relacionam com ele(a), incluindo toda uma rede social, um sistema aberto de interação onde mudanças comportamentais em um indivíduo podem ser seguidas de mudanças nos demais. Explorar essa influência mútua é positivo para o tratamento de saúde, pois oferecer apoio ao cuidador configura meio indireto de atenção ao paciente, proporcionando maior probabilidade de adesão e eficiência ao tratamento. O Projeto Mãe Nutriz parte deste pressuposto, considerando a mãe do bebê doente como a cuidadora primordial da saúde biológica, emocional e familiar. Ao permitir a permanência de pais em unidades pediátricas de cuidados intensivos e oferecer estrutura, transporte e alimentação que viabilizem as visitas, providencia que a interação familiar seja mantida. O Alcom - alojamento para acompanhantes - é uma complementação, dando às mães dos bebês internados acomodação em regime de internação para ficarem no hospital como pacientes e integrantes do tratamento dos bebês. Esta pesquisa foi realizada no Hospital Universitário de Brasília (HUB), no setor do Projeto Mãe Nutriz e Alcom, com objetivo de conhecer o serviço técnico, a experiência vivida pelas pacientes dentro do hospital e a impressão destas acerca da vivência e impacto, a curto e médio prazo, desta realidade. Foram realizadas visitas às instalações do hospital e entrevistas semiestruturadas com a psicóloga do serviço e pacientes. As visitas foram guiadas pela psicóloga, buscando conhecimento das instalações, equipe e funcionamento da rotina, e para interação com as mulheres participantes. As entrevistas, com cinco mães (capacidade máxima do alojamento) foram gravadas em áudio e organizadas nas seguintes temáticas: (a) apresentação das mulheres e vidas pregressas; (b) cotidiano do hospital e do alojamento; (c) sentimentos diários sobre autorreflexão; (d) relação com equipe e outras mães; (e) relacionamento com o mundo externo e familiares; (f) desejos e anseios; e (g) forma de ver a si no hospital e como integrante do tratamento. Observou-se que as mães sentem-se mais próximas dos bebês emocionalmente, mas não participam, de fato, do tratamento, nem servem como aporte à rede social. A comunicação com a equipe de saúde é verticalizada, sem constituir uma ponte que permita às cuidadoras conhecer o tratamento e trocar informações com a equipe de saúde. Ao contrário, as mães relataram relevante ignorância acerca da situação dos filhos, atuando somente quando autorizadas para acarinhar os bebês ou fornecer-lhes cuidados de higiene. A interação com a família e aporte da rede social não atinge o objetivo inicial, pois o estado de internação imposto as faz perder sensivelmente o contato com sua comunidade de apoio. Percebeu-se que a concepção do Projeto Mãe Nutriz, embora seja um avanço para um enfoque mais humanizado e integral de saúde, requer adequações para alcançar as metas propostas. Destaca-se a necessidade de uma abordagem pelo menos multidisciplinar, com momentos de desenvolvimento biopsicossocial às mães, bebês e família, além de melhor infraestrutura e engajamento da equipe.

Cuidador – modelo biopsicossocial – Projeto Mãe Nutriz

Programa de Educação Tutorial - MEC

SAÚDE

DE SIMPATIAS ÀS INFORMAÇÕES BASEADAS EM EVIDÊNCIAS: AVALIAÇÃO DE WEBSITES SOBRE ÁLCOOL DISPONÍVEIS EM LÍNGUA PORTUGUESA. *Leonardo Fernandes Martins (Professor da Fundação Presidente Antônio Carlos - Ubá - MG), Henrique Pinto Gomide (Programa de Pós Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora - MG)**, Telmo Mota Ronzani (Professor do Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora - MG)*

O consumo do álcool, fora dos padrões aceitáveis, contribui para o aparecimento de mais de 60 tipos de doenças e lesões, aumentando o risco de aparecimento de doenças coronarianas, derrame e diabetes, podendo-se atribuir cerca de 4,8% das mortes prematuras e 9,7% dos anos de vida perdidos ajustados por incapacidade ao seu consumo abusivo. Dentre as diversas estratégias para redução do consumo de álcool, as intervenções assistidas por internet se apresentam como uma com bons indicadores de custo-efetividade. A internet no Brasil possui aproximadamente 76 milhões de usuários, o que equivale a 37,8% de toda a população.Iniciativas governamentais, como o Plano Nacional para Banda Larga,buscam universalizar o acesso a internet, sugerindo que o número de acessos no Brasil continuará aumentando nos próximos anos. O objetivo do presente estudo foi avaliar os websites e identificar intervenções assistidas por internet destinadas a redução do consumo de álcool e alcoolismo disponíveis em língua portuguesa. Para avaliar os websites disponíveis sobre álcool na internet, foi realizada uma pesquisa no Google Adwords para definir quais são as palavras mais utilizadas pelos usuários de internet. Os termos de buscas definidos foram: (1) parar de beber, (2) tratamento alcoolismo, (3) alcoolismo, (4) como parar de beber, (5) deixar de beber, e (6) beber menos. As buscas foram feitas através dos três buscadores mais utilizados no Brasil: Google, Bing e Yahoo. Os resultados da primeira página de cada busca foram coletados e posteriormente classificados por dois pesquisadores através de uma escala de avaliação de websites adaptada.Cento e oitenta e cinco sites foram encontrados nos buscadores. Os registros duplicados foram removidos, 69 estudos compuseram a amostra do estudo. Dos 69 sites analisados, 31,9% não possuiam conteúdo relacionado à informações sobre álcool (ex. letra de música); 26,1% continham artigos sobre o tema, mas de maneira não estruturada para usuários de álcool; 24,6% (n = 17) forneciam informação diretiva sobre o processos de redução de consumo ou abstinência de álcool; e os 17,4% restantes foram classificados como venda de produtos, links para outros sites, publicidade de produtos e de clínicas para tratamento do alcoolismo. Dos 17 sites que forneciam informação diretiva sobre o processo de redução de consumo ou abstinência, 9 foram classificados conteúdo baseado em evidências e 8 como simpatias ou crenças populares como chás e garrafadas. Embora o acesso à internet e a busca por informações sobre saúde apresentem um padrão de crescimento no Brasil, a maior parte do conteúdo existente não é baseada em evidências. Desta forma, é necessário o desenvolvimento de sites com informações adequadas para os usuários que desejam reduzir seu consumo de álcool ou para aqueles que precisam ser referenciados a profissionais de saúde da rede pública.

Intervenções, álcool, internet

Universidade Federal de Juiz de Fora, FAPEMIG, CNPq

SAÚDE

DESCRIÇÃO DOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS DAS GESTANTES CUJOS FETOS APRESENTAM MALFORMAÇÃO NO AMBULATÓRIO DE MEDICINA FETAL DO HCFMRP-USP. *Lia Brioschi Soares, Maria Carolina Fontana Antunes de Oliveira, Vanessa Ruiz Vaz Gomez*, Ricardo Gorayeb (Divisão de Psicologia Médica do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Alessandra Cristina Marcolin; Aderson Tadeu Beresowski, Gerson Claudio Crott (Divisão de Medicina Fetal do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Ana Beatriz Gonçalves (Divisão de Neonatologia do Departamento de Pediatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Lourenço Sbragia Neto (Divisão de Neonatologia do Departamento de Pediatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP), Renata Panico Gorayeb ((Divisão de Psicologia Médica do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP)*

A gestação, na qual existe uma malformação fetal, apresenta-se de forma complexa para as gestantes e familiares, favorecendo a existência de processos ansiosos e depressivos, que muitas vezes encontram-se vinculados a situações de medo e culpa, relacionados à malformação e ao risco real de óbito fetal. A aceitação da malformação fetal demanda períodos distintos de elaboração psíquica, de acordo com as competências psíquicas de enfrentamento de cada indivíduo, dado que a situação exige adaptações profundas. Assim sendo é necessário que a equipe avalie o melhor momento e forma de se informar e explicar aos pais sobre a malformação fetal e o prognóstico, bem como em muitos casos o risco de óbito. As informações fornecidas à gestante e aos familiares devem ser claras, objetivas e afetivas, favorecendo o vínculo da gestante com a equipe e com o seu cônjuge. Este processo visa auxiliar o enfrentamento psíquico materno e familiar. Este primeiro contato com o diagnóstico infantil é realizado por um grupo treinado e especializado, composto pelos ultrassonografistas e psicólogas, que acolhem e orientam a paciente e seu cônjuge. Posteriormente em todos os retornos ambulatoriais a gestante pode esclarecer suas dúvidas, buscar compreender mais adequadamente a situação da malformação fetal, e elaborar seus sentimentos relativos à malformação fetal e ao seu papel maternal na situação que a espera. Muitas vezes, passando de um modelo de negação para uma aceitação do quadro e da maternagem infantil. Esta Equipe Interdisciplinar é integrada especialmente por psicólogos, obstetras, pediatras e cirurgiões pediátricos, além do suporte da equipe de enfermagem e assistência social quando necessário. O atendimento psicológico em medicina fetal tem como meta principal minimizar o desconforto da gestante e de seus familiares, favorecendo o enfrentamento da realidade e melhorando a qualidade de vida dos envolvidos. Com isto, busca-se minimizar as chances de intercorrências psiquiátricas após o parto, como a depressão pós-parto, especialmente em situações de óbito infantil. Nestes atendimentos são realizadas ações psicoterápicas e psicoeducativas sobre a patologia fetal, riscos cirúrgicos, hospitalização materno-infantil, rotina hospitalar, bem como os procedimentos de internação e parto. Dentro desta proposta humanizada de atendimento, busca-se avaliar e incentivar que a gestante tenha suporte social adequado. Todas as propostas do trabalho psicológico visam auxiliar a paciente e seus familiares no enfrentamento adequado e elaboração da situação vivida. Dessa forma, mostra-se relevante o acolhimento psicoafetivo feito às pacientes, que visa diminuir sentimentos de desamparo e desesperança, ajudando na construção de estratégias de enfrentamento para lidar com o presente e o futuro. Como conclusão do presente trabalho, enfatizamos

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

a importância em se falar a respeito da malformação como uma oportunidade para se reorganizar crenças disfuncionais e modificar estruturas cognitivas, além de enfrentar de forma mais adaptativa a realidade de ter um filho portador de malformação.

Palavras-chave: Gestação de Risco, Psicologia da Saúde, Medicina Fetal.

SAÚDE

DIABETES MELLITUS TIPO 1 E TRANSPLANTE DE CÉLULAS-TRONCO HEMATOPOÉTICAS: QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA À SAÚDE DE PACIENTES APÓS O PROCEDIMENTO. *Andressa Carolina de Souza*, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

O diabetes mellitus (DM) é uma doença de etiologia múltipla, em que ocorre a falta e/ou a incapacidade da insulina exercer adequadamente seus efeitos. A longo prazo, a doença pode gerar diversas complicações, como retinopatia e nefropatia. Há dois tipos principais de diabetes mellitus: o tipo 1 (DM1) e o tipo 2 (DM2). O DM1 afeta principalmente crianças e adolescentes, enquanto o DM2 atinge principalmente pessoas a partir dos 30 anos, apesar de atualmente haverem mudanças nesse quadro, devido, por exemplo, à obesidade e ao sedentarismo infantil. Este estudo focaliza o DM1, doença crônica e auto-imune em que às células beta pancreáticas são destruídas por linfócitos-T, causando deficiência na produção de insulina. Ao se considerar os tratamentos disponíveis para o DM1, o transplante de células-tronco hematopoéticas (TCTH), em sua modalidade autóloga, em que o paciente é seu próprio doador, despontou como uma alternativa experimental ao tratamento convencional. O estudo é considerado inédito em escala mundial, tendo se iniciado em 2003 na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Em relação ao tratamento convencional, ele retarda, mas não evita as complicações crônicas decorrentes da doença, sendo o controle glicêmico difícil de ser alcançado. Todos esses fatores podem acarretar em um comprometimento significativo na qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) desses pacientes, sendo sua avaliação importante para a compreensão da relevância desse novo tratamento, em comparação com a terapêutica tradicional. O objetivo deste estudo foi avaliar a QVRS de pacientes com DM1 após dois anos da realização do TCTH. A amostra foi composta por 12 participantes, sendo oito homens e quatro mulheres, com idades entre 15 e 26 anos, que concordaram em participar voluntariamente do estudo. A coleta de dados ocorreu durante os retornos ambulatoriais agendados pela equipe de saúde de um hospital universitário do interior paulista. O instrumento utilizado foi o Questionário Genérico de Avaliação da Qualidade de Vida Relacionada à Saúde (SF-36), aplicado individualmente e aferido de acordo com as recomendações específicas da literatura. Os resultados obtidos indicaram que, após dois anos da realização do TCTH, o conjunto de domínios mais preservados da QVRS dos participantes corresponde ao Componente Físico (Md=86,7; DP=11,83). No entanto, o Componente Mental também se mostrou preservado (Md=76,7; DP=5,40). Os domínios menos favorecidos, considerando as médias dos escores, foi Vitalidade, seguido por Dor e Saúde Mental, enquanto os mais preservados foram: Capacidade Funcional, Aspectos Físicos e Aspectos Sociais. Os resultados obtidos sugerem que a QVRS dos pacientes submetidos ao TCTH apresenta-se preservada dois anos após o procedimento. Apesar disso, as diferenças observadas entre os escores dos Componentes Físico e Mental fazem pensar na importância do cuidado abarcar os aspectos emocionais implicados no procedimento. Os resultados obtidos reforçam a relevância de monitorar a QVRS nos estágios do TCTH, de forma a examinar o impacto do tratamento sobre os aspectos psicossociais e a as diferenças de escores obtidas em investigações posteriores, já que estas poderão orientar futuras terapêuticas.

Diabetes mellitus tipo 1, transplante de células-tronco hematopoéticas, qualidade de vida.

(PIBIC-USP-CNPq)

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DIFICULDADES, EXPECTATIVAS E NECESSIDADES DE CUIDADORES FAMILIARES APÓS ALTA HOSPITALAR DO PACIENTE IDOSO. *Letícia Decimo Flesch, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araujo (Universidade de Brasília)*

No Brasil, significativas mudanças demográficas vêm sendo observadas nas últimas décadas, destacando-se o aumento do número de idosos e a longevidade de seus cidadãos. Tal envelhecimento populacional associa-se à maior incidência de cronicidades múltiplas, cujas consequências reconfiguram progressivamente famílias e sociedade, uma vez que idosos com elevado grau de dependência necessitam tanto de cuidadores formais (profissionais remunerados), como informais (familiares e indivíduos da rede de suporte sociocomunitário). No cenário atual, prevalecem os cuidados prodigados por familiares, o que exige atenção especial das instituições de saúde, já que este segmento não dispõe de orientação sistemática para lidar com o idoso incapacitado. Muitos estudos apontam que o cuidador familiar está exposto a diversas situações estressantes. Especificamente durante a internação – quando se preanuncia a alta hospitalar – a prática clínica revela intensificação das preocupações e inseguranças por parte de idosos e seus familiares no que se refere à continuidade dos cuidados no ambiente doméstico. Em geral, por ocasião desse retorno ao domicílio, a rotina familiar é alterada pelas limitações desencadeadas por sequelas da(s) enfermidade(s), intervenções medicamentosas, curativos e mudanças de hábitos. Considerando-se, então, o interesse desta problemática, realizou-se um estudo previamente autorizado por comitê de ética em pesquisa com o objetivo de identificar, analisar e discutir dificuldades, expectativas e necessidades de cuidadores familiares de idosos após a alta hospitalar. Para tanto, aproximadamente um mês depois da internação, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, na residência do idoso, com 13 cuidadores: filho(a) (n=7), esposa (n=1), nora (n=1), cunhada (n=1), irmã (n=1), neto (1) e esposa do neto (n=1). Apenas dois cuidadores eram homens (um filho e um neto). Os relatos foram gravados em áudio e integralmente transcritos para categorização temática. De acordo com os entrevistados, constituem fatores que dificultam os cuidados: divisão de tarefas no grupo familiar; desempenho concomitante de outros papéis sociais (ex.: trabalho, cuidado dos filhos e autocuidado); entraves do atendimento nos serviços de saúde (ex.: realização de exames e consultas; comunicação das prescrições); restrições do orçamento doméstico (ex.: compra e preparo de alimentos); problemas de locomoção (acesso a transporte adaptado); abandono do trabalho ou diminuição da jornada laboral; desgaste físico e emocional provocado pela sobrecarga decorrente dos cuidados (ex.: troca e desobstrução de sondas, medições de glicemia) e reinternações frequentes. Com relação às expectativas, cinco cuidadores avaliaram que o idoso encontrava-se em melhores condições no momento da entrevista do que supunham por ocasião da alta hospitalar; quatro afirmaram que os comportamentos do idoso correspondiam ao que esperavam preliminarmente e três comunicaram a eclosão de mais agravos de saúde. Um familiar expressou expectativa de facilitação de atendimento para o idoso após a hospitalização anterior. Dentre as necessidades mais mencionadas pelos entrevistados, sobressaíram-se: receber atendimento no domicílio e ampliação do apoio para a família. Em síntese, os resultados obtidos convergem com a literatura especializada e reafirmam a importância da capacitação e do treinamento de profissionais da saúde no intuito de preparar e acompanhar cuidadores familiares em prol de uma assistência mais humanizada e de qualidade.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: cuidador, alta hospitalar, idoso

Mestrado - M

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DOR PEDIÁTRICA, ESTRESSE E QUALIDADE DE VIDA EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: PERSPECTIVAS DAS CRIANÇAS E DAS MÃES. *Ana Claudia Matsuda Castro, Maria Beatriz Martins Linhares (Hospital das Clinicas de Ribeirão Preto – USP)*

As doenças crônicas, associadas à hospitalização, constituem-se em um fator de risco ao desenvolvimento da criança. Além de expor a criança a uma condição de estresse e dor podendo alterar a sua qualidade de vida, podem também ter um impacto na esfera afetiva dos familiares cuidadores. O modelo sócio-comunicativo da dor de Craig pode ser útil na compreensão desta dinâmica entre crianças hospitalizadas e cuidadores. O estudo teve por objetivo examinar a relação entre dor pediátrica, avaliadas pela criança e pelas mães, em crianças enfermas e hospitalizadas e o estresse da criança e da mãe, os modos de enfrentamento materno e a qualidade de vida da criança. A amostra de conveniência foi composta por 15 crianças (60% de meninas), com idade média de 9 anos (± 2,4) e suas respectivas mães, sendo na maioria de nível sócio-econômico C (47%) ou B (33%). As crianças estavam internadas (média=11 dias (± 6,2)) em uma Enfermaria Pediátrica (predominantemente nas clínicas de Nefrologia e Gastroenterologia) de um hospital público universitário do interior do Estado do São Paulo (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP). Na coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos de avaliação: Escala de Faces Revisada para avaliação da dor e Escala de Stress Infantil de Lipp (aplicados com as crianças) e Escala de Faces Revisada, Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp, Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas e Questionário de Qualidade de Vida relacionado à Saúde, além de Roteiros de Caracterização da Criança e Roteiros de Caracterização Sócioeconômica (aplicados com as mães). Na análise de dados foi processada a análise descritiva, assim como as análises de correlação (teste de Spearman) e de associação (testes Qui-quadrado ou Mann-Whitney) entre variáveis. O nível de significância adotado foi de p≤ 0,05. O tratamento dos dados foi realizado pelo SPSS (versão 19,0). O principal motivo de internação identificado foi relacionado à investigação diagnóstica. Os resultados com significância estatística mostraram que, com relação à dor pediátrica, quanto maior o escore de dor avaliado pelas crianças, maior o escore de dor avaliado pelas mães. Além disso, quanto maior a percepção de dor por parte da criança, maior o escore de estresse em reações psicofisiológicas das crianças. As mães com estresse apresentaram maiores escores no modo de enfrentamento do tipo busca de práticas religiosas e pensamentos fantasiosos do que as mães sem estresse. Quanto à qualidade de vida das crianças, detectaram-se baixos escores tanto no físico, quanto no psicossocial. Além disso, quanto pior o índice de qualidade de vida das crianças, maior indicador de estresse infantil. Em conclusão, houve relação entre dor pediátrica, estresse e qualidade de vida em crianças hospitalizadas, assim como teve relação entre a percepção da dor pela criança e pela mãe. Os achados poderão subsidiar intervenções na área de atuação da Psicologia Pediátrica, com foco na criança e na família.

SAÚDE

ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA ATENÇÃO BÁSICA: A PERSPECTIVA DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE. *Carla Silva Soares, Eduardo Paes-Machado (ISC/UFBA)*

O presente estudo teve como objetivo analisar as ações de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) diante de ocorrências de violência doméstica no seu cotidiano de trabalho. Especificamente, buscou-se identificar as formas de violência doméstica presentes no cotidiano de trabalho dos ACS; e identificar os fatores que influenciam na decisão do ACS de intervir ou não nestas. O Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e o Programa de Saúde da Família (PSF) foram criados nos anos 1990, com o objetivo de reorientar o modelo de atenção à saúde. Tendo como sua principal figura os ACS, tais programas orientam-se pela oferta organizada de serviços, baseados na promoção da saúde e na prevenção da doença. Este trabalho é parte da dissertação de mestrado "Mapeando riscos e selecionando interações: a construção de defesas contra a violência por agentes comunitários de saúde de Salvador-BA", defendida pela autora em março de 2012. Foi utilizada metodologia qualitativa, com recurso à triangulação metodológica. As técnicas utilizadas foram análise de documentos referentes à atividade de ACS, observação participante das rotinas nas unidades, dos deslocamentos e visitas aos domicílios, e entrevistas semi-estruturadas com 22 ACS. Os contextos da pesquisa foram uma entidade de representação da categoria (Contexto A) e dois Distritos Sanitários (DSB e DSC) da cidade de Salvador-BA. Para a análise dos dados, foi feito recurso ao corpo de técnicas da Análise de Conteúdo. Medidas referentes à ética incluíram apresentação de termos de consentimento livre e esclarecido e preservação de nomes, datas, locais e quaisquer outras informações que pudessem comprometer a privacidade dos sujeitos. Os resultados indicam que as formas de violência doméstica mais comuns no cotidiano dos ACS são: negligência a idosos acamados; abandono, ameaças e agressões físicas contra crianças; ameaças, agressões físicas e tentativas de homicídio entre casais. Quanto às atitudes dos ACS diante da violência doméstica, os profissionais ficam divididos entre aqueles que a consideram uma questão privada e os que a veem como um problema concernente ao setor saúde. Os ACS fazem avaliações antes de decidirem se devem ou não intervir em uma situação de violência doméstica (tanto in loco quanto a posteriori). Fatores relevantes para esta escolha são: o tipo e a gravidade da violência; a relação do ACS com a família; estado emocional das pessoas envolvidas; a intervenção de outros moradores; e o porte de armas de fogo por um dos envolvidos; apoio da coordenadora da equipe. Conclui-se que o potencial do ACS para intervenção em situações de violência doméstica ultrapassa a simples decisão de denunciar ou não denunciar. Ações mais efetivas foram realizadas nas situações nas quais o ACS socializava riscos e responsabilidades com a equipe de saúde, com outros membros da própria família afetada e com a comunidade.

Violência doméstica, agentes comunitários de saúde, atenção básica

CAPES

SAÚDE

ENXAQUECA E ESTRESSE EM MULHERES. *Luciana Leonetti Correia – (Universidade Federal da Grande Dourados), Maria Beatriz Martins Linhares*

Segundo a OMS, a cefaléia apresenta-se como a segunda queixa mais comum de dor na população mundial. Há diversos tipos de cefaléia, sendo que a enxaqueca é a mais frequente em mulheres. O presente estudo teve por objetivo investigar a relação entre enxaqueca, estresse e outras variáveis pessoais e ambientais em mulheres. A amostra foi composta de 75 mulheres, as quais pertenciam a famílias cadastradas em cinco Núcleos de Atenção Primária do Programa de Saúde da Familia de Ribeirão Preto/SP. Foram aplicados os seguintes instrumentos: a SCID Não- Paciente- Entrevista Clínica Estruturada para DSM III-R para exclusão de participantes com história psiquiátrica, o Questionário da Associação Brasileira de Estudos Populacionais para caracterização no nível sócio-econômico, a Escala de Eventos Vitais, o Teste de Sociedade Brasileira de Cefaléia, o qual permite identificar o tipo de cefaléia e o Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL) para avaliar o estresse das mulheres. As participantes foram convidadas a participar do estudo e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Utilizou-se da análise de regressão logística para identificar o melhor modelo de predição de enxaqueca em mulheres. Primeiramente, foi realizada análise de correlação de Spearman entre as seguintes variáveis: a) pessoais (idade, estado civil e nível de escolaridade); b) do contexto ambiental (número de eventos vitais) e c) presença ou não de sintomas de estresse nas mulheres. As variáveis que apresentaram associações estatisticamente significativas foram incluídas no modelo e consideradas como variáveis preditoras para a variável predita (presença ou não de enxaqueca). Em relação aos resultados, verificou-se que 55% das mulheres relataram sintomas de enxaqueca e 59%, sintomas de estresse. De acordo com o ISSL, a maioria das mulheres encontrava-se na fase de resistência do estresse, que corresponde a uma fase na qual há um agravamento dos sintomas de estresse. Além disso, a maior parte desses sintomas eram predominantemente psicológicos do que físicos. Verificou-se associação entre a presença de sintomas de enxaqueca e presença de estresse ($r=0,43$; $p=0,0001$) e o maior número de eventos vitais adversos ($r=0,26$; $p=0,02$). Além disso, a presença de sintomas de estresse foi associada ao maior número de eventos vitais ($r=0,37$; $p=0,001$) e a menor idade materna ($r=0,26$; $p=0,02$). No entanto, a presença de sintomas de estresse foi a única variável preditora com poder de explicação da presença de sintomas de enxaqueca em mulheres ($p= 0,002$). Os achados confirmam a relação entre estresse e enxaqueca em mulheres. Como desdobramento, verifica-se a importância de atenção especial à saúde da mulher, quanto aos aspectos psicológicos, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida a essa população.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: enxaqueca; estresse; mulheres.

Nível do trabalho: D

SAÚDE

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA DOR: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DE UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL.

*Mariana Spelta Cruzeiro *(Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES); Sandra Willéia Martins**; Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES).*

A dor do recém-nascido (RN) internado em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) é um fenômeno recorrente, exigindo atenção da equipe e dos familiares na utilização de estratégias de alívio que minimizem o impacto sobre o desenvolvimento. Com enfoque preventivo, este estudo, desenvolvido em hospital universitário do ES, teve por objetivo avaliar o ambiente organizacional da UTIN, além de analisar o manejo da dor em RN por profissionais de saúde. Participaram 10 enfermeiros e 10 médicos (representando 80% dos profissionais do setor), utilizando os instrumentos: Questionário de Diagnóstico Organizacional (condições de trabalho, relações interpessoais, comunicação, entre outros); Escala de Coping Organizacional, investigando como as pessoas lidam com problemas no trabalho; e Protocolo de Entrevista sobre Enfrentamento da Dor Neonatal por Profissionais da UTIN, especialmente elaborado, analisando concepções sobre dor, relação com familiares e interação da equipe multidisciplinar. Resultados do Diagnóstico Organizacional indicaram uma consciente necessidade de mudanças por parte da equipe, todavia, sem clareza sobre o que e como mudar. Problemas com hierarquia e comunicação, burocracia, ambiente conturbado, elevada responsabilidade e necessidade de treinamentos foram os principais conflitos destacados. A Escala de Coping apresentou os comportamentos de controle como os mais frequentemente utilizados no enfrentamento do estresse. As entrevistas revelaram a falta de preparo para interagir com os familiares, principalmente ao dar notícias de óbito do RN. A comunicação visa esclarecer dúvidas, grau de comprometimento do RN, possíveis intercorrências, procedimentos invasivos necessários e benefícios da presença da mãe junto ao bebê (Método Mãe Canguru). É um contato que ocorre de maneira objetiva, informativa e rápida, sem estabelecimentos de vínculo e proximidade; normalmente não há desentendimentos ou confrontos. O tema "família" é pouco discutido pela equipe e, nos relatos, este conteúdo foi abordado de forma sucinta, quando comparado a outros conteúdos levantados. No tocante ao padrão de enfrentamento, os profissionais também destacaram comportamentos de fuga e esquiva, o que pode contribuir para que os familiares se sintam inseguros. Isto decorre do ambiente agitado, da tensão gerada pela elevada responsabilidade em garantir a sobrevivência do RN, bem como da ausência de preparo para desenvolver uma interação mais integrada e conjunta com a família. No tocante ao manejo da dor do RN, há baixa frequência no uso de analgesia durante procedimentos invasivos, com maior preocupação em relação à execução da técnica, embora isto não se faça sem elevado estresse para o profissional e preocupação com as consequências da dor no desenvolvimento do bebê. Esses dados estão em consonância com achados de pesquisas sobre cuidado humanizado. De forma geral, os resultados indicaram que a assistência oferecida ao RN, embora eficaz, ocorre de maneira desintegrada, já que alguns aspectos da relação profissional-família, nessa UTIN, encontram-se fragilizados, o que poderá repercutir no desenvolvimento do RN. Assim, são relevantes novos estudos que investiguem estressores do ambiente da UTIN, considerando, em igual importância, o bem-estar da equipe de saúde. A atenção aos processos de comunicação com a família e o reconhecimento da dor do neonato certamente terão impacto positivo no desenvolvimento do RN prematuro e de baixo peso.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Coping; Profissionais de saúde e Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

FACITEC (bolsa de Iniciação Científica para a primeira a autora) e CNPq/MCT (auxílio à pesquisa Proc. n. 481483/2009-8; bolsa de produtividade em pesquisa para a terceira autora).

SAÚDE

ESTRESSE EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS NO PERÍODO PRÉ E PÓS-CIRÚRGICO. *Aline Martenthal*, Dilmara Frizzo*, Josiane da Silva Delvan (Curso de Psicologia - Universidade do Vale do Itajaí – SC)*

O ambiente hospitalar é um local com restrições para a criança que está exposta a uma rotina com falta de espaço físico, estado clínico delicado. A criança hospitalizada está afastada do convívio dos familiares e amigos e passa a habitar em um ambiente estranho e doloroso, marcado pelo uso dos medicamentos e procedimentos invasivos, principalmente quando se trata de procedimentos cirúrgicos. Este trabalho teve por objetivo compreender o fenômeno do estresse em crianças hospitalizadas no período pré e pós-cirúrgico, baseando-se no referencial teórico da psicologia do desenvolvimento, psicologia hospitalar e psicologia da saúde enfocando a hospitalização infantil, o paciente cirúrgico e o estresse na infância. Teve como metodologia participação de sete crianças que foram submetidas à cirurgia eletiva em um hospital pediátrico e seus acompanhantes. Com as crianças foi aplicada a Escala de Estresse Infantil (ESI) nos períodos pré e pós-cirúrgicos juntamente com uma entrevista que também foi realizada com seus acompanhantes. Os dados da escala receberam tratamento estatístico por frequência simples e as entrevistas foram interpretadas pela análise de conteúdo. Como resultados da aplicação da Escala de Estresse Infantil verificou-se que nenhuma das crianças participantes da pesquisa apresentou sinais de estresse significativos tanto no período pré quanto no pós-cirúrgico. Das entrevistas realizadas com as crianças e seus acompanhantes, surgiram as seguintes categorias: sentimentos da criança no hospital, sentimentos dos acompanhantes frente à cirurgia, preocupações frente à cirurgia e o pós-cirúrgico, o acompanhante ideal, atividades desejadas no hospital, situações agradáveis e desagradáveis no hospital, conhecimento sobre os procedimentos cirúrgicos, sugestões para proporcionar uma boa recuperação, agravantes para o estresse, alteração de comportamento na criança e internações anteriores. Concluiu-se a partir deste estudo que o período que antecede a cirurgia desencadeou maior ansiedade e preocupação para as crianças e seus acompanhantes. Das situações observadas como sendo desencadeadoras de ansiedade estão: a submissão a procedimentos invasivos, o período de espera entre a internação e a cirurgia, a ausência do brincar no hospital, a exigência do jejum e a falta de informações a respeito dos procedimentos cirúrgicos que seriam realizados. Desta forma, estar acompanhado de um familiar em ambiente apropriado com espaço para circular e brincar pode amenizar a ansiedade. O brincar é considerado um importante aliado diante de situações adversas como a hospitalização e os procedimentos que esta implica, pois transforma o ambiente em que a criança se encontra e a aproxima de sua realidade cotidiana. É necessário que ocorra a preparação psicológica da criança e sua família para os procedimentos cirúrgicos, pois falta de esclarecimentos aumenta a ansiedade nestas situações.

Criança hospitalizada; Estresse; Procedimentos cirúrgicos

SAÚDE

ESTRESSE, ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM PACIENTES RENAIS CRÔNICOS: BREVE REVISÃO DA LITERATURA. *Leonardo Macário Ferraz;; Ana Karina Fachini Araujo; Aline Almeida Martins;; Denise Xavier Silva;; Leonette Elias Smith Batalha Rodrigues; Priscila Amaral Ferraz Cardoso; Israel Santos; Luis Vicente (Laboratório do Sono – Universidade Nove de Julho- São Paulo-SP).*

A doença renal é considerada incurável e de evolução progressiva, causando ao portador problemas físicos, psicológicos, sociais e econômicos. Em decorrência desta situação, faz necessário que o paciente e sua família aprendam a lidar com os sintomas e incapacidades. O paciente com insuficiência renal crônica (IRC) precisa se submeter à hemodiálise e, quando indicado, aguardar o transplante. A técnica da hemodiálise implica em um procedimento delicado e estressante: um paciente ligado à máquina observa seu sangue sair do corpo e percorrer tubos em direção a uma máquina específica, para então, voltar filtrado de impurezas. O procedimento dialítico ocorre três vezes por semana, de três a quatro horas por sessão. Além do tratamento dialítico, o paciente precisa seguir uma dieta alimentar restritiva e ingerir uma quantidade pequena de líquidos por dia, além da restrição ao sódio e ao potássio. A hemodiálise impõe ao paciente uma experiência emocional difícil e intensa. Tal fato comumente implica no aparecimento de estresse, ansiedade e depressão. Esses pacientes precisam lidar com situações como: dificuldades profissionais – em geral, deixam o emprego e passam a depender de auxílio saúde público o que comumente implica na queda da renda mensal; alterações da imagem corporal, queda no interesse sexual, redução da autonomia, além do medo da morte. Sendo assim, estresse, ansiedade e depressão são comuns nestes pacientes e podem implicar no comprometimento do tratamento e na qualidade de vida. Para tanto, fizemos uma revisão da literatura nos últimos dez anos em bancos de dados nacionais e internacionais sobre o paciente renal crônico. Como critério de inclusão levou-se em consideração publicações que versam sobre a relação direta entre o paciente renal crônico em hemodiálise e a ansiedade, depressão e estresse. Foram excluídas as publicações que não fizeram correlação direta entre o quadro emocional e o tratamento da doença renal crônica. Este estudo é de natureza quantitativa e os dados foram analisados estatisticamente. Neste intervalo de tempo temos vinte oito publicações. Do ano de 2008 em diante tivemos um número mais expressivo de publicações 75%. As temáticas relacionadas ao paciente renal crônico em hemodiálise e a interface com as questões emocionais versam sobre avaliação (61%), intervenção (18%), revisão da literatura (18%) e metanálise (3%). Sobre a intervenção ainda podemos dize que de 2007 a 2009 tivemos 80% das publicações e nos últimos três anos nada foi encontrado sobre este assunto. Podemos concluir que a avaliação constitui tema de maior interesse e a intervenção que é necessária, inclusive como prevenção da saúde mental destes pacientes, ainda é pouco expressiva quando comparada à avaliação, o que também pode ser correlacionado à ausência de publicações nos últimos três anos. Tal fato configura a necessidade de ações por parte da equipe de saúde sobre as questões emocionais deste paciente, tendo em vista a melhora de sua qualidade de vida.

Paciente renal crônico, estresse e ansiedade - depressão

SAÚDE

EXPECTATIVAS DE GESTANTES SOBRE O PARTO E PERCEPÇÕES ACERCA DA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL. *Natalia Almeida Tostes - Autônoma Natalia Almeida Tostes** (Universidade de Brasília – UnB, Brasília/ DF) e Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília – UnB, Brasília/ DF)*

Desde a década de 1980, estudos apontam o parto como experiência marcante para a mulher, podendo ser visto como um rito de passagem com efeitos diversos. A vivência da parturição pode ser prazerosa, positiva ou traumática, a depender de condições da mulher, da gestação e das condições relacionadas ao sistema de saúde. A satisfação da mulher com o parto e a qualidade de sua vivência podem influenciar consideravelmente seu bem-estar físico e psicológico, bem como a interação com seu bebê. O impacto que a experiência do parto tem sobre a mãe e o bebê aponta para a importância de práticas de maior qualidade na preparação para o parto e na assistência ao parto e puerpério. No entanto, percebe-se que há predomínio de histórias que associam o parto normal a dificuldades, sofrimento e dor. O parto normal vem ganhando imagem de algo pelo qual só "supermulheres" conseguem passar, o que parece ser uma das causas para o aumento das taxas de cesarianas no Brasil. Esta pesquisa buscou investigar expectativas de primigestas sobre o parto e suas percepções acerca da assistência pré-natal de serviços da rede pública de Brasília (DF). No presente estudo, cinco eixos temáticos são apresentados: (a) parto como tema no atendimento pré-natal; (b) preferência por via de parto; (c) expectativas para o momento do parto; (d) sentimentos de preparo e confiança para o parto; (e) contribuições do serviço para melhor preparação da gestante. Trata-se de estudo qualitativo e exploratório, feito por meio de entrevistas semiestruturadas. Participaram 18 mulheres que estavam no terceiro trimestre de gravidez e faziam acompanhamento pré-natal em duas unidades da rede pública de saúde de Brasília. Para a análise dos relatos, foram utilizados procedimentos de análise de conteúdo. Como principais resultados, destacaram-se: comunicação insuficiente sobre o tema parto nas consultas médicas do pré-natal; preferência das entrevistadas por parto normal, divergente do que outros estudos apontam; diversidade de expectativas negativas relacionadas ao parto, com ideias de um momento de medo, dor e sofrimento; sentimentos de despreparo e falta de confiança para vivenciar os momentos de trabalho de parto e parto. Pôde-se perceber importante demanda das gestantes por mais informações e ações educativas que favorecessem sua autonomia e confiança frente a situações decorrentes da gravidez, parto e nascimento, assim como a necessidade de maior apoio psicoemocional no pré-natal. Entende-se que, ao aprimorar a qualidade da atenção oferecida ao longo do pré-natal, bem como a preparação para o parto, pode-se melhorar a satisfação das mulheres com suas experiências de gestação e parturição, favorecendo vivências mais positivas relacionadas ao parto e à maternidade. Dessa forma, não só as gestantes e seus bebês são beneficiados, mas mulheres, homens e a sociedade em geral, vez que o próprio rito de passagem do parto e nascimento pode ser reconfigurado e ressignificado, passando a ter representações e vivências mais positivas e empoderadoras.

Maternidade, parto, gestantes

CNPq

SAÚDE

FAMILIARES/CUIDADORES DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL: AVALIAÇÃO DA SOBRECARGA. *Maria Claudia Rodrigues, Carmen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo).*

A partir das propostas da Reforma Psiquiátrica os serviços de hospitalização em saúde mental vêm sendo gradativamente substituídos por dispositivos de cuidado em saúde caracterizados pelo modelo de intervenção psicossocial, evidenciando a necessidade de inclusão da família do paciente psiquiátrico ao tratamento. Com estes familiares sendo chamados a participar cada vez mais ativamente como provedores de suporte e cuidados aos usuários de serviço de saúde mental, pode-se supor um impacto na qualidade de vida dos mesmos. Neste contexto, o presente estudo teve por objetivo avaliar manifestações de sobrecarga em familiares/cuidadores de usuários de um serviço substitutivo de saúde mental. Participaram do estudo 20 familiares de usuários de um serviço substitutivo de saúde mental de internação parcial de uma cidade de médio porte do interior de São Paulo. Foram utilizados dois instrumentos, a saber: Questionário Complementar e a Escala de Sobrecarga dos Familiares de Pacientes Psiquiátricos (FBIS-BR). O tratamento estatístico inferencial dos dados foi feito através de estatística não paramétrica, utilizando o teste de Mann-Whitney. Os dados do presente estudo apontaram para um grau de sobrecarga de baixo a leve, obtendo um escore global de sobrecarga objetiva de 2,03 e da sobrecarga subjetiva, o escore global de 1,97, sendo o quanto mais próximo a cinco o valor obtido, maior a sobrecarga. Com a análise inferencial destes dados, tivemos que os participantes familiares de usuários com diagnóstico de esquizofrenia (n=11) apresentaram valores significativamente superiores (p=0,026 para p≤0,05) com relação à sobrecarga subjetiva de assistência a vida cotidiana do usuário, tais como: Higiene pessoal; Administração de medicação; Tarefas de casa; Compras; Preparo do alimento; Transporte; Cuidados com o dinheiro; Ocupação do tempo; e Consultas médicas, quando comparados aos usuários com outros tipos de diagnóstico. Esta sobrecarga dos cuidadores pode ser atribuída ao grau de complexidade do transtorno esquizofrênico, que exige atenção constante do cuidador frente à disfunção social/ocupacional que o transtorno acarreta, e ainda ter que lidar com o comportamento desorganizado do paciente. Tais resultados apontam a necessidade de um trabalho integrado entre as equipes de saúde mental e as famílias, onde possa ser proporcionada uma ampliação dos espaços de escuta aos familiares, sendo identificadas as necessidades de tais cuidadores e elaboradas estratégias conjuntas que possam responder as mesmas, buscando minimizar os impactos sofridos, valorizando a qualidade de vida de todos os envolvidos. Desta maneira, a análise aponta que a avaliação da sobrecarga dos familiares/cuidadores colabora para a compreensão dos fatores que impactam a qualidade de vida dos mesmos podendo favorecer uma maior instrumentalização das equipes para a construção da parceria serviço-família no cuidado ao usuário, conforme proposto pelo modelo de atenção psicossocial.

Saúde mental; família; sobrecarga.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP

SAÚDE

GÊNERO E HIV: CONHECENDO A VIVÊNCIA DE HOMENS HOMOSSEXUAIS. *Luana Alcantara Fialho*, Larissa Polejack, Geovana Nunes de Jesus*, Ticiana Esmeraldo Penatti*, Narjara Tamyres Pedrosa Melo*. (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

O significado da vivência da soropositividade depende de vários fatores relativos à experiência do indivíduo. O gênero, como constructo sociocultural, permeia a construção desse significado de forma particular para homens e mulheres, homo e heterossexuais, caracterizando, de formas distintas, a constituição identitária e a relação com a soropositividade. Levando-se em consideração as diferentes vivências, ainda é necessário compreender a influência dessas relações: (a) no âmbito familiar, afetivo e profissional; (b) no contexto do serviço de saúde (especializado ou não), incluindo políticas de prevenção e acesso ao tratamento; e (c) nas perspectivas de futuro dos indivíduos, assim como na percepção do estigma perante a doença. O objetivo dessa pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da UnB, foi conhecer e compreender como essas relações de gênero permeiam a vivência de homens homossexuais que vivem com HIV/aids e identificar possibilidades de intervenção psicológica a serem propostas aos serviços de saúde, de acordo com o princípio da equidade preconizado pelo SUS. Para isso, foi realizado um grupo focal com cinco voluntários, contatados por um serviço de saúde especializado em HIV/aids. O grupo foi composto por homossexuais com idades de 26 a 50 anos e escolaridade entre o nível superior incompleto e o nível fundamental completo. A condução do grupo, gravado em áudio, foi realizada por duas mediadoras e uma observadora que seguiram um roteiro de perguntas abertas a respeito do conhecimento da doença, relações sociais, planos de vida, serviço de saúde, autocuidado e vivências de gênero. As verbalizações do grupo foram transcritas na íntegra e analisadas de acordo com a Epistemologia Qualitativa. Os resultados revelaram que, por mais que ocorram avanços técnicos em termos de tratamento, a doença ainda é muito estigmatizada pelas pessoas. O HIV é considerado doença de gays e mulheres promíscuas e, em função desses fatores, os participantes referem dificuldades para o estabelecimento de relacionamentos afetivos. Além disso, verificou-se significativa percepção de desconforto com relação ao serviço de saúde, no que se refere a: (a) despreparo dos profissionais para lidar com a homossexualidade; (b) demora no agendamento de consultas e obtenção de exames; e (c) preconceito e estigma, com a doença, ainda presentes no contexto dos atendimentos. Além disso, os participantes referem que as informações divulgadas pela mídia, em relação à doença, são consideradas falsas e preconceituosas. Espera-se, com esse trabalho, o incentivo à mudança de concepções e ideias ultrapassadas sobre a doença e sobre o grupo em questão, como forma de tratar da dinâmica do HIV/aids, tanto no que se refere à prevenção quanto ao tratamento dos pacientes, destacando-se a necessidade de analisar funcionalmente a influência do gênero e da homossexualidade sobre a vivência soropositiva. Dessa forma, aponta-se a relevância de cursos e palestras educativas, sobre gênero e homossexualidade, para profissionais de saúde que trabalham com HIV, bem como de grupos de apoio que abordem tais questões com usuários do sistema de saúde.

Palavras-chave: HIV/aids, Gênero, Homossexualidade.

Bolsistas do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB).

SAÚDE

IMAGEM CORPORAL E CONTEMPORANEIDADE. *Elizânia Barros da Silva, Elaine Soares Neves Lange (*Departamento de Saúde, Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove, São Paulo,SP)

Esta pesquisa tem como tema de investigação a questão da imagem corporal e contemporaneidade. A busca pela imagem idealizada atravessa barreiras sociais, étnicas, culturais, dinâmicas, tendo a cultura um papel significativo, pois dita padrões que são exaltados pela mídia, o que faz com que os indivíduos fiquem alienados ao desejo de ter o corpo que foi instituído como o padronizado, utilizando-se de extremos em virtude desse desejo. Necessário se faz que a comunidade científica e a sociedade tenham um olhar voltado para o fenômeno no qual a imagem corporal, e suas distorções, provocam patologias e morte. A relevância de tal tema se apresenta na medida em que propicia à comunidade acadêmica uma reflexão acerca da importância de se estudar a imagem corporal dos indivíduos na sociedade contemporânea, os quais se utilizam, cada vez mais, de artifícios para alcançar o corpo idealizado. O objetivo principal da presente investigação foi compreender a importância da imagem corporal para os indivíduos na sociedade contemporânea, entendendo suas manifestações e ressaltando o papel da cultura na formação da imagem desejada e o que esta representa na contemporaneidade. Para tanto, buscamos priorizar a definição de imagem corporal, a visão cultural sobre o corpo, o narcisismo, as primeiras relações da criança com sua mãe e sua importância na formação da imagem corporal, bem como o culto à corpolatria. O método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica, com ênfase nas teorias psicanalíticas, tomando por base autores como: Dolto, Freud, Nasio, Shilder, dentre outros. A imagem corporal é a forma como percebemos o nosso corpo em nossa mente, sendo desenvolvida antes do indivíduo ter a constituição de Eu, ela vai se formando através das zonas erógenas que são investidas libidinalmente na primeira infância, propiciada pelo cuidado materno ou do cuidador. Na atualidade, os indivíduos são reconhecidos pela imagem, pelo corpo. A sociedade estimula os indivíduos a irem contra a castração, a não ficarem impedidos de realizar seus desejos: outrora a criança tinha amor pela mãe, hoje o indivíduo tem amor pelo corpo idealizado. Conclui-se que a busca pela imagem idealizada pelos indivíduos, baseia-se na tentativa de retomar a completude vivida, ou não, nas relações iniciais do desenvolvimento. As manifestações pela busca da imagem idealizada sofre influência da cultura, aliada à mídia, que segue as doutrinas do capitalismo, instaurando nos sujeitos o culto ao corpo como forma de consumo, pois na sociedade contemporânea a corpolatria virou sinônimo de consumismo. Percebemos que o indivíduo que não teve o investimento libidinal na infância e que não passou pela castração de forma adequada, sente uma falta, um vazio, que em seu inconsciente só poderá ser suprida pela imagem corporal idealizada.

Palavra-chave: psicanálise; imagem corporal; contemporaneidade.

Nível do trabalho: (trabalho de graduação)

SAÚDE

LEVANTAMENTO DE HÁBITOS ALIMENTARES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO.

Felipe dos Santos Siqueira; Valdenor J. S. Júnior*; Simone Soares Pereira*; Eliana Isabel de Moraes Hamasaki** (Departamento da Saúde, Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove – São Paulo, SP).*

O presente trabalho constitui-se de atividade desenvolvida em uma modalidade obrigatória de estágio profissionalizante institucional e organizacional de uma universidade particular paulistana. A proposta que se apresentou nesta modalidade de estágio previa a capacitação do aluno de psicologia no processo de investigação de determinada demanda relacionada à área da saúde. Para tanto, os alunos que faziam parte de grupos de estágio, supervisionado por professora responsável pela proposta, deveriam desenvolver habilidades quanto ao planejamento e à elaboração de instrumentos para o levantamento de informações, cujo objetivo principal fosse a identificação de variáveis que determinam hábitos alimentares de estudantes universitários. Com essa proposta, um dos objetivos do estágio era, também, introduzir os alunos na prática da investigação científica e, para tanto, foram apresentadas as diversas dimensões que poderiam caracterizar uma investigação e, levando-se em consideração a demanda apresentada, concluiu-se o levantamento epidemiológico como o mais adequado para tal. Após revisão da literatura sobre a temática de hábitos alimentares, os alunos elaboraram um instrumento, questionário composto por questões fechadas e abertas, para a coleta dos dados que, além de questões de identificação, exigiam respostas referentes a, por exemplo: peso e altura; tipos de alimentos que compunham as suas refeições; avaliações e sentimentos quanto ao seu estado atual e à sua dieta. Participaram do levantamento 194 estudantes de diferentes cursos de graduação de uma mesma universidade. A coleta foi realizada após contato individual dos alunos estagiários com cada participante que concordou na participação do levantamento. Os resultados indicaram que a amostra foi predominantemente feminina (73,8%), com idades variando entre 17 e 62 anos de idade, sendo que a maior concentração da amostra ficou entre 23 a 32 anos (49,5%). Com os dados referentes ao peso e à altura dos participantes, foi possível o cálculo do índice de massa corporal (IMC) e, com isso, verificou-se que 61,8% da amostra encontram-se na classificação de peso considerado normal e 22,8% encontram-se acima do peso. A obesidade em seus diferentes níveis foi constatada em: 6,4% (Nível 1); 2,6% (Nível 2) e 1,3% (Nível 3, já considerado como obesidade mórbida). Destacaram-se, ainda, mesmo que em baixo percentual, estudantes que encontram-se abaixo do peso (3,8%) e que omitiram peso ou altura ou ambos (1,3%). Quanto ao número de refeições realizadas diariamente, os participantes admitem, em geral, três básicas: café da manhã; almoço e jantar; porém, 69,3% admitiram o consumo de alimentos entre estas. Dentre as refeições básicas, há grupos de alimentos que de destacam como, por exemplo, no café da manhã: carboidratos e café (puro ou com leite), consumidos, respectivamente, por 36,9% e 23,5% dos participantes. Dos alimentos consumidos no almoço, destacam-se: arroz e feijão (32,0%); carne vermelha (23,8%) e legumes/verduras (19,5%). Os alimentos destacados durante o jantar foram bastante semelhantes aos do almoço. Os resultados analisados, até o presente momento, apresentam um panorama inicial acerca dos hábitos alimentares dos universitários. Atualmente, o grupo vem se dedicando à análise complementar dos dados: referentes à avaliação e sentimentos que os universitários apresentam quanto ao seu estado atual e à sua dieta.

Hábitos alimentares; universitários; pesquisa; epidemiologia.

SAÚDE

MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS: CONHECENDO SIGNIFICADOS E VIVÊNCIAS. Narjara Tamyres Pedrosa Melo*, Larissa Polejack, Ticiana Barreto Esmeraldo Penatti*, Geovana Nunes de Jesus*, Luana Alcantara Fialho* (Programa de Educação Tutorial, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF)

A dimensão de gênero, no contexto HIV/aids, é relevante quando se analisam os processos de definição de estratégias de prevenção e organização de serviços de atenção à saúde, bem como a compreensão subjetiva do processo saúde-doença a partir da vivência do usuário e da sua relação com a família, trabalho, rede de apoio e serviços. O presente trabalho teve como objetivo analisar como a dimensão de gênero influencia a vivência de mulheres com HIV/aids. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde/UnB, sendo realizada em um centro de serviço, da rede pública de saúde, de referência no tratamento de HIV/aids, em Brasília, DF. As participantes foram convidadas pelo serviço de saúde, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e depois entraram em contato com as pesquisadoras para agendamento de participação e realização de grupo focal. Participaram cinco mulheres vivendo com HIV/aids. Utilizou-se um roteiro aberto com os eixos de investigação: conhecimento da doença, relações sociais, planos de vida, serviço de saúde, autocuidados e vivências de gênero. Foi realizado um grupo focal, com registro em áudio, observação direta e registro manual de comportamentos (sorrisos, som das mãos, alteração do tom de voz e silêncios longos). O grupo foi conduzido por duas entrevistadoras e uma observadora. As questões foram padronizadas, os participantes eram livres para responder às questões espontaneamente e desistir da pesquisa no momento que desejassem. Os dados foram transcritos e analisados conforme a Epistemologia Qualitativa. Os principais resultados do grupo focal apontaram mulheres entre 42 e 60 anos, com nível de escolaridade entre ensino fundamental e superior incompleto e ausência de mulheres homossexuais atendidas no serviço. As verbalizações revelaram a falta de percepção da própria vulnerabilidade ao HIV/aids antes de adoecerem; depois da infecção, se sentiram vítimas dos parceiros mesmo cientes da corresponsabilidade de prevenção; dificuldade em se relacionarem afetivamente, medo de rejeição ao revelar a sorologia, medo de expor o parceiro ao vírus. Os sentimentos foram medo, raiva, revolta, perda da expectativa de vida. A presença de serviço especializado contribuiu para o enfrentamento da doença, porém ainda não contempla todas as necessidades do paciente crônico, faltam profissionais qualificados, materiais, vagas que prejudicam a adesão ao tratamento. Percebe-se que a dimensão de gênero exerce influência na configuração subjetiva de viver com a doença e os mecanismos que estão ligados a esse processo. Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para a maior eficiência do tratamento de pessoas vivendo com HIV/aids e possibilitem serviços que contemplem as necessidades das usuárias, respeitando o princípio da equidade e da universalidades do SUS no que se refere a direitos sexuais e reprodutivos, planejamento familiar, relação com a autoimagem, negociação sexual e acesso a insumos de prevenção, além de promover, grupos de apoio e psicoeducativos. Estudos como esse podem auxiliar a fortalecer a área da Psicologia da Saúde que tem como um dos objetivos compreender o processo saúde e doença na lógica do usuário e contribuir para o fortalecimento de políticas públicas em saúde.

Palavras-chave: mulheres, gênero, HIV.

Nível do trabalho: IC

SAÚDE

O ATENDIMENTO LUDOTERÁPICO DE GÊMEAS BIVITELINAS: UM ESTUDO DE CASO. *Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes, Camila Motta Paiva, Stéfani Zanovello Dezan (Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP)*

O Centro de Psicologia Aplicada da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, é um serviço que tem como objetivo oferecer atendimento psicológico gratuito para a cidade e a região. Entre as modalidades oferecidas está o atendimento ludoterápico de orientação psicanalítica, que atende crianças de dois a doze anos, numa frequência de três vezes por semana. Este trabalho apresenta dois casos atendidos nesta modalidade: duas meninas gêmeas bivitelinas, Maria e Monica, de 12 anos de idade. Cada uma foi atendida por uma terapeuta diferente. Elas foram trazidas pela avó materna, que trouxe como demanda dificuldades de cuidado com as meninas devido à drogadição da mãe. Logo no início, foi possível perceber que suas diferenças iam além das físicas, já que agiam de maneira distinta ao lidar com as dificuldades da figura materna. Na entrevista inicial Maria foi descrita como explosiva e irritadiça, em oposição à irmã, Monica, que foi descrita como silente e introspectiva. Durante os atendimentos, a diferença ficou acentuada. Maria assumia a posição falante, como se precisasse preencher os silêncios, por meio do excesso de verbalizações, embora muitas vezes fossem falas vazias de conteúdo afetivo. Apresentava um discurso excessivamente repetitivo e tinha dificuldade na interação, escolhia brinquedos e atividades que permitissem que ela se isolasse e evitasse a presença da terapeuta. Já Monica escolhia brincadeiras estruturadas, que não permitiam usar de criatividade e se mantinha quieta boa parte das sessões. Apresentava bastante dificuldade de simbolizar, de se comunicar e de se expressar, com um apego muito grande ao que era concreto. Demonstrou ser uma criança com receio do afeto, ou seja, que não podia se sentir 'afetada' com qualquer acontecimento, e também sem desejo, já que se mostrava apática durante as brincadeiras ("tanto faz"), como se sua vontade não tivesse importância. Durante o processo terapêutico foi possível perceber as mudanças nas crianças: com o fortalecimento dos vínculos, Maria sentiu-se à vontade para conversar sobre seus sentimentos, embora demonstrasse hostilidade quando as interpretações eram feitas. Nas últimas sessões tornou-se bastante silente, mas, por outro lado, mostrou maior interação com a terapeuta, incluindo-a nas atividades realizadas. Monica, por sua vez, passou a se sentir mais livre para poder falar, pensar e sentir o que era dela, inclusive sua dor psíquica, encontrando seu espaço – "só pode sofrer o amor, se sofrer a dor". Finamente, por encontrarem um ambiente estável e seguro, as meninas passaram a se sentir confiantes para expressar também seus sentimentos "ruins", sem que estes fossem percebidos como destrutíveis, possibilitando maior integração de si mesmas. Este aspecto permitiu que pudessem se aproximar de maneira mais afetiva da mãe, buscando compreender suas dificuldades e suas limitações, sem a exigência de pronta resolução das mesmas. Assim, evidencia-se a importância do atendimento infantil psicanalítico tanto em clínica-escola como em outros contextos, por oferecer ao paciente a experiência do encontro analítico, por meio do fornecimento de suporte emocional às crianças no intuito de que se sintam fortalecidas para lidar com as dificuldades, sentindo-se mais confiantes e seguras.

Ludoterapia, gêmeas, psicanálise.

SAÚDE

O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE OS RESULTADOS DE UM GRUPO DE IDOSOS NA ESCALA GERIATRICA DE DEPRESSÃO E O (SAT) SENNIOR APPERCEPTION TEST: A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO. *Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo); Claudia Aranha Gil (Universidade São Judas), Roberta Elias Manna , Adele de Miguel; Silésia Maria Veneroso Delphino Tosi; Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); Cristiano Esteves; (Vetor Editora Psico-pedagógica)*

A depressão é um dos eventos psíquicos mais comuns entre idosos e apresenta peculiaridades que a tornam qualitativamente diferente da depressão presente em adultos. Pode ser confundida com outras características do envelhecimento e passa muitas vezes sem diagnóstico e com isso o sofrimento aumenta muito e essas pessoas ficam sem o tratamento adequado. É fundamental que o diagnóstico seja feito, quer seja a depressão primária (como a principal condição) ou secundária – acompanhando outras manifestações frequentes nessa faixa etária, como hipertensão, diabetes, problemas cardíacos, dores crônicas, e as medicações usadas por esses pacientes. A presente pesquisa teve como objetivo discutir as relações entre os resultados na Escala de Depressão Geriátrica e o Sennior Apperception Test (SAT) num grupo de 102 idosos , de ambos os sexos , todos com mais de 60 anos de idade, e a maioria mulheres, e com idades superiores a 70 anos. Foram inicialmente enteevistados individualmente, por meio de um questionário padronizado para estabelecimento do rapport e coleta de dados básicos sobre as condições de vida do idoso; e os instrumentos que são o objeto da presente pesquisa. Vale ressaltar que ess apesquisa faz parte de um estudo de validação do SAT em nosso meio, que vem sendo conduzido por uma equipe de pesquisadores, além da autora proponente do painel (Claudia Aranha Gil , Roberta Elias Manna , Adele de Miguel; Silésia Maria Veneroso Delphino Tosi; Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva, Cristiano Esteves) .

A Escala de Depressão Geriátrica de 15 itens , validada em nosso meio foi empregada de forma a comprovar a depressão no grupo, a partir da avaliação da presença de sinais avaliados pelo instrumento, com 5 como nota de corte. (essa nota é a obtida na adaptação brasileira da escala). Assim foram obtidos que 56 idosos estavam deprimidos e 46 sem depressão, pela presença dos sintomas avaliados pela escala . O Sennior Apperception Test (SAT) , o qual esta sendo validado para apopulação brasileira, foi empregado para conhecer aspectos das relações e a forma de idosos encararem a vida, seus conflitos, suas dificuldades e conquistas. Esse teste projetivo é derivado do TAT e foi criado para a faixa etária de idosos, foi usada a versão do teste que é apresentada em sua ultima edição, tendo sido aplicado o conjunto completo de 17 cartões. Os protocolos do SAT foram analisados às cegas pelos juizes que são pesquisadores da equipe, seguindo 3 categorias (desespero, esperança, desenlace).Foram realizados todos os estudos estatísticos , que evidenciaram a validade concorrente do SAT. Foram feitos estudos estatísticos que mostraram diferenças altamente significativas entre os resultados de idosos deprimidos (com 5 ou mais pontos na Escala Geriátrica de Depressão) e os idosos sem essa manifestação (menos de 5 pontos na Escala). Assim esses resultados são muito relevantes no diagnóstico diferencial da presença de depressão em idosos, e apontam para sentimentos de rejeição , abandono e perdas entre no grupo dos deprimidos. Também foram esses que denotaram mais estado de desespero, muito relacionado à perspectiva da finitude da vida, o que gera ansiedade e depressão. Confirmou-se a relevância do SAT como um importante instrumento projetivo a ser usado com idosos,e evidenciou-se que a depressão pode ser detectada

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

pelo SAT (em seus aspectos mais dinâmicos e latentes), e pela Escala (a partir da descrição de sintomas) , e junto de outros instrumentos. Reitera-se a necessidade de serem feitos diagnósticos cuidadosos de depressão e outras manifestações clínicas nessa faixa etária, e que os idosos sejam tratados de forma efetiva, visando a melhora de sua qualidade de vida.

Envelhecimento, depressão, escala geriátrica de depressão, Sennior Apperception Test

SAÚDE

PADRÕES BIOCOMPORTAMENTAIS DE REATIVIDADE À DOR E AUTORREGULAÇÃO EM NEONATOS PRÉ-TERMO. *Beatriz Oliveira Valeri** (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Cláudia Maria Gaspardo (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Francisco Eulógio Martinez (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP).*

A prematuridade é um fator de risco biológico para o desenvolvimento da criança. As crianças que nascem prematuras são mais susceptíveis a apresentarem problemas relacionados à cognição, atenção, aprendizagem e comportamento. Os processos de ativação-regulação fisiológica, emocional e comportamental podem ser afetados pela prematuridade. A reatividade e recuperação biocomportamental à dor dos neonatos pré-termo no período neonatal pode refletir na capacidade do sistema nervoso central de regular a organização neurobiológica e comportamental. O objetivo do presente estudo foi identificar os perfis individuais precoces de reatividade-regulação biocomportamental à dor em neonatos pré-termo internados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). A amostra foi composta por 52 neonatos pré-termo (idade gestacional < 37 semanas), de muito baixo peso ao nascimento (< 1.500g) caracterizados pelas seguintes variáveis: idade gestacional, idade pós-natal e status do risco clínico neonatal (gravidade clínica). A reatividade e regulação à dor foram avaliadas durante procedimento de punção para coleta de sangue na rotina da UTIN, divididos em cinco fases de avaliação, a saber: Linha de Base, Antissepsia, Punção, Recuperação-Manuseio e Recuperação-Repouso. A reatividade comportamental de atividade facial foi medida através do instrumento Neonatal Facial Coding System (NFCS), a reatividade e recuperação biocomportamentais foram medidos pelo instrumento de Escala de Vigília e Sono. O batimento cardíaco foi continuamente monitorado e registrado em intervalos de um minuto durante a avaliação. O status do risco clínico neonatal (gravidade clínica) foi medido pelo escore do CRIB (Clinical Index Risk for Babies), cujo risco é identificado por escores iguais ou maiores do que 4. O modelo estatístico de Análise Hierárquica de Cluster foi conduzido para identificar os perfis de reatividade e recuperação à dor de acordo com as variáveis: idade pós-natal, idade gestacional e a gravidade clínica neonatal. Os resultados mostraram quarto perfis individuais de reatividade e recuperação. A análise de aglomeração hierárquica de cluster formou basicamente dois grupos principais. O primeiro grupo (G1) foi composto por neonatos com idade pós-natal média de 2,7 dias, idade gestacional média de 29,7 semanas e escore médio do CRIB de 7.1. O segundo grupo (G2) foi composto por neonatos com idade pós-natal média de 4,3 dias, idade gestacional média de 31,6 semanas e escore médio do CRIB de 1,7. Os dois grupos apresentaram escores de reatividade à dor do NFCS maiores do que 3 (indicativo de dor), estado comportamental de vigília e sono ativado e batimento cardíaco maior do que 160 bpm durante a fase de punção. Na fase de recuperação, os dois grupos apresentaram padrões de recuperação diferentes considerando a resposta fisiológica de batimento cardíaco. Os neonatos com perfil mais vulnerável (G1) exibiram maior incidência de batimento cardíaco médio maior do que 160 bpm no final da avaliação da dor. Os neonatos pré-termo com idade pós-natal menor, menor idade gestacional e alto risco clínico neonatal apresentaram pouca habilidade para se recuperarem do procedimento doloroso, o que afeta os processos regulatórios biocomportamentais. Este dado corrobora para a relevância do

cuidado desenvolvimental individualizado no suporte aos processos de autorregulação dos neonatos pré-termo vulneráveis.

Prematuridade; reatividade; autorregulação.

FAPESP; CNPq

SAÚDE

PERCEPÇÃO DE DOENÇAS EM PESSOAS COM ENFERMIDADES CRÔNICAS. *Graziela Sousa Nogueira, Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília, Brasília-DF).*

Atualmente, as doenças crônicas são as principais causas de morte e morbidade no mundo, sendo influenciadas por fatores comportamentais e ambientais. No contexto da psicologia da saúde, os modelos de autorregulação do comportamento tem sido amplamente utilizados com o intuito de explicar os comportamentos relacionados à saúde e à doença, como o Modelo de Autorregulação de Leventhal que embasou instrumentos de avaliação da percepção de doenças. Acredita-se na importância da temática percepção de doenças para a prática dos profissionais de saúde, considerando que pessoas enfermas apresentam frequentemente distorções e crenças disfuncionais a respeito de sua enfermidade que influenciam seu comportamento de adesão ao tratamento e as habilidades de enfrentamento. Assim, objetivou-se avaliar a percepção de doenças de pessoas com doenças crônicas. Participaram 325 pacientes com diagnóstico de enfermidades crônicas (HIV/aids, hipertensão, diabetes mellitus, psoríase e asma), 194 (59,9%) mulheres, com média de idade igual a 49,5 anos (dp=13,9), com escolaridade maior que a 4º série do ensino fundamental, sem transtornos psiquiátricos ou mentais que impossibilitassem a participação na pesquisa. Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico e o Brief Illness Perception Questionnaire (Brief IPQ). O Brief IPQ possui nove itens (oito avaliam os componentes da percepção de doenças por meio de uma escala de 0-10 e um item avalia as atribuições causais à doença via uma questão aberta) e foi validado recentemente para a cultura brasileira (α=0,64). Escores variam de zero a 80, sendo que escores mais altos representam maior percepção de ameaça da doença. Foram realizadas análises quantitativas e qualitativas (questão causal do Brief IPQ). Os resultados indicaram uma percepção de doenças predominantemente centrada na ameaça em todos as subamostras de doenças crônicas investigadas, sendo que pessoas com HIV/aids obtiveram escores indicativos de menor percepção de ameaça (M=34; dp=15). As médias dos escores das demais enfermidades foram: diabetes (M=43; dp=11,5); hipertensão (M=39,8; dp=11); psoríase (M=42,9; dp=12) e asma (M=42,2; dp=11,2). Quanto às causas atribuídas às doenças crônicas estudadas, as relatadas em maior frequência foram: em HIV/aids, o comportamento sexual de risco; alimentação/excesso de açúcar foi referido por pessoas com diabetes; em indivíduos hipertensos e com diagnóstico de psoríase, as causas emocionais (como “estresse”, “ansiedade” e “depressão”) foram citadas. Pessoas com asma mencionaram o contato com mofo/ácaro/poeira. Pessoas com HIV/aids apresentaram, portanto, uma percepção de doença menos centrada na ameaça, o que pode ser explicado pelo fato de receberem atendimento psicossocial em um programa de referência especializado no tratamento de pessoas soropositivas, tipo de serviço que não estava disponível para as pessoas acometidas pelos demais agravos. Tal achado remete à eficiência do serviço prestado na instituição onde foi realizado o estudo, reforçando a importância da implementação de programas de atendimento psicossocial para os demais agravos. Contudo, sugere-se pesquisas que avaliem os efeitos desse tipo de assistência na percepção de doenças de pessoas com enfermidades crônicas em outras unidades de saúde e com outras populações, procurando identificar variáveis associadas e modalidades de intervenção que mais contribuem para uma percepção de doença menos centrada na ameaça.

Percepção de doenças; modelo de autorregulação de Leventhal; doenças crônicas

CNPq

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERCEPÇÃO DE PACIENTES IDOSOS SOBRE A ALTA HOSPITALAR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Letícia Decimo Flesch, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araujo (Universidade de Brasília)*

Devido à transformação demográfica que vem ocorrendo no Brasil, nas últimas décadas, o país enfrenta as consequências do envelhecimento populacional e do aumento das enfermidades crônicas e múltiplas. Apesar da evolução das políticas públicas, a população idosa ainda sofre com a insuficiência dos serviços prestados, sobretudo no que tange ao campo da saúde. Cabe destacar também que, em muitos casos, hospitalizações repetidas são praticadas, as quais exigem atenção especial da equipe de saúde, pois tanto pacientes quanto seus acompanhantes ficam expostos a diversos estressores psicossociais que repercutem negativamente sobre a saúde desses segmentos. Mais precisamente, evidências clínicas alertam que a alta hospitalar se constitui em um período que pode comportar riscos para o paciente e seus familiares se não for conduzida de modo a orientá-los adequada e suficientemente. Mas, apesar do interesse científico e social da temática, poucos estudos têm sido realizados no contexto brasileiro. Sendo assim, desenvolveu-se uma pesquisa visando descrever, analisar e compreender a percepção de pacientes idosos acerca da experiência de transição hospital-domicílio. Para tanto, adotou-se o método quantitativo com delineamento do tipo survey. A amostra reuniu 21 idosos entre 60 e 92 anos, sendo 14 homens e sete mulheres, hospitalizados em um hospital do Distrito Federal. Todos manifestaram sua concordância por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta de dados foi realizada em duas etapas: 1) durante a internação no serviço, aplicaram-se um questionário sociodemográfico e o "Questionário Continuidade do Cuidado com o Paciente" (QCCP); 2) aproximadamente um mês após a alta, em situação de visita domiciliar, reaplicou-se o QCCP, instrumento que avalia seis temas principais relacionados à experiência de alta: (a) relacionamento no hospital; (b) relacionamento na comunidade; (c) transmissão de informações; (d) organização de documentos; (e) continuidade do cuidado; (f) comunicação. Foram realizadas análises de descritivas e de contingência dos dados, além de análises não paramétricas de Wilcoxon e Friedman. De acordo com o levantamento efetuado, 17 idosos afirmaram ter uma opção religiosa e os demais não. A maioria (n=10) contava com o(a) filho(a) como cuidador principal, seis idosos recebiam cuidados principalmente do cônjuge e cinco eram acompanhados por outros familiares. Os resultados obtidos indicaram diferenças significativas entre sexos ($p<0,001$), afiliação religiosa ($p<0,001$) e ter como principal cuidador o cônjuge e o filho ($p<0,001$) para todos os seis temas do QCCP. Destacaram-se, também, percepções diferenciadas entre homens e mulheres sobre o atendimento antes e após a alta, o que parece indicar que a variável gênero influencia a relação entre paciente e serviço de saúde. Sugere-se o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a alta hospitalar do idoso no intuito de subsidiar intervenções adequadas e eficazes que limitem reinternações decorrentes da descontinuidade dos cuidados planejados e promovam bem-estar para a população.

Apoio financeiro: CAPES

Palavras-chave: idoso, alta hospitalar, cuidador

Mestrado - M

SAÚDE

PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA DE PACIENTES PARA CIRURGIA PEDIÁTRICA. *Ana Cristina Sidrim de Carvalho*, Áderson Luiz Costa Junior, Carolina Bauchspiess*, Aline Barbosa da Silva* (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

A submissão a procedimentos cirúrgicos implica em potencial impacto adverso sobre o bem-estar físico, social e emocional dos pacientes, sendo esses fatores ainda mais significativos e complexos quando o paciente é uma criança. Com a perspectiva de identificar a percepção de médicos (cirurgiões e anestesiologistas), enfermeiros e auxiliares de enfermagem que atuam no contexto de enfermaria cirúrgica pediátrica e de centro cirúrgico pediátrico, sobre necessidades e possibilidades de preparação psicológica de crianças para cirurgia, o presente estudo aplicou um roteiro de entrevista a esses profissionais de saúde, do maior centro cirúrgico pediátrico da rede pública de saúde do Distrito Federal. O roteiro de entrevista solicitava informações sobre: (a) elementos, considerados relevantes, do perfil comportamental e cognitivo de pacientes e acompanhantes; (b) sugestão de atividades a serem desenvolvidas por psicólogos no contexto da cirurgia pediátrica; e (c) demandas dos profissionais em termos de preparação psicológica de pacientes para cirurgia. Foram realizadas 42 entrevistas, sendo 23 médicos, cinco enfermeiros e 14 auxiliares de enfermagem. Dentre os entrevistados, 41 apontaram demandas que poderiam ser atendidas por psicólogos, destacando-se a necessidade de se dar mais informações a pacientes e familiares sobre os procedimentos e suas implicações e a rotina do centro cirúrgico (referidos 19 vezes), bem como disponibilizar acolhimento e suporte psicológico (citados 24 vezes). Ao serem questionados se já haviam solicitado serviços, ou atividades, para psicólogos realizarem no centro cirúrgico e na clínica cirúrgica, apenas 11 responderam que sim, enquanto outros alegaram desconhecer esta possibilidade. Sobre dificuldades relacionadas aos comportamentos dos pacientes no centro cirúrgico, agitação motora, tensão muscular e falta de colaboração foram referidas 23 vezes e respostas indicadoras de medo foram citadas 16 vezes. O choro foi referido como o maior problema 14 vezes e as perguntas sobre onde estão e onde estão os pais foram referidas como uma dificuldade por 12 profissionais. Em relação aos familiares, foram mencionados a falta e/ou a busca recorrente por informações, 24 vezes, e as reações emocionais, 20 vezes, como as maiores demandas. As sugestões apresentadas pelos entrevistados sugerem a necessidade de uma preparação psicológica para cirurgia através do uso de manuais educativos, simulações, passeios que esclareçam aspectos físicos do centro cirúrgico e dos procedimentos a serem realizados, assim como um acompanhamento psicológico de pacientes e familiares, em caráter preventivo, que forneça informações que ajudem os profissionais a manejar os comportamentos do paciente durante o início dos procedimentos cirúrgicos e dos pais durante a espera pelo término da cirurgia. Além disso, destacaram a necessidade de maior disponibilidade de psicólogos no centro cirúrgico. Os resultados obtidos sugerem que o papel e o trabalho do psicólogo, neste contexto, têm sido gradativamente reconhecidos por outros profissionais, destacando-se sua relevância ao atendimento mais eficiente de necessidades emocionais de pacientes e acompanhantes. Ademais, esses resultados devem subsidiar projetos de pesquisa a serem desenvolvidos sobre análise de efeitos comportamentais da preparação psicológica para cirurgia de crianças, além de apontar diretrizes para estruturação de serviços profissionais de preparação psicológica para a unidade hospitalar.

Preparação Psicológica, Psicologia Pediátrica, Cirurgia.

Bolsistas do Programa de Educação Tutorial - PET-Psicologia/UnB.

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PERFIL DAS MULHERES GRÁVIDAS ATENDIDAS EM UMA MATERNIDADE DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO. *Luciana Leonetti Correia (Docente Adjunto do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/ MS), Natalia Ramos Shiromoto (Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/ MS), Fabiane Ramos Portilho (Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/ MS*)

A gravidez é um período de extrema vulnerabilidade feminina. O período da gestação é caracterizado por inúmeras mudanças e, ainda, por sentimentos ambivalentes que estão intimamente relacionados à história e às experiências vividas pela gestante ao longo da sua vida. Além disso, a condição de bem-estar físico e emocional da mulher durante a gestação é de extrema importância para um desenvolvimento saudável do bebê. Sendo assim, o presente estudo de caráter exploratório e descritivo, teve por objetivo caracterizar e verificar as condições de mulheres grávidas internadas na maternidade do Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados (HU/UFGD). Participaram do presente estudo 63 mulheres grávidas, hospitalizadas na maternidade do HU/ UFGD, no período de abril a julho de 2012. As mulheres foram convidadas a participarem do estudo por meio de contato pessoal, enquanto estavam hospitalizadas na maternidade. Após a aceitação das mulheres para participar do estudo e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, procedeu-se à coleta de dados. A coleta de dados foi realizada em visita dos estagiários no referido serviço e, envolveu a aplicação de um protocolo desenvolvido pelos próprios alunos para a caracterização da amostra de mulheres participante. Os dados obtidos foram quantificados de acordo com a natureza dos mesmos, em termos de freqüência e porcentagem ou de média e desvio padrão. Em relação aos resultados, verificou-se que as mães eram em sua maioria jovens e viviam em união estável. Foram verificadas ainda dificuldades provenientes da baixa condição sócio-econômica destas mulheres, relativas às condições de saneamento e de moradia. Quanto aos antecedentes pessoais das mulheres grávidas, considerando o período anterior à atual gestação, verificou-se que em relação a alguns hábitos, o fumo e a bebida eram hábitos presentes em cerca de 20% destas mulheres. Além disso, verificou-se que o planejamento familiar ainda é muito pouco praticado por essas mulheres, uma vez que, apenas 24% destas haviam planejado a sua gestação atual. A gestação atual foi considerada de risco por metade das mulheres grávidas. De forma geral, os resultados encontrados acerca dos antecedentes pessoais das mulheres grávidas apontam para uma condição de risco, não apenas para a vida do feto, mas também de possíveis prejuízos à saúde física e emocional destas mulheres durante a atual gravidez, podendo contribuir para a promoção de uma condição ansiogênica e de estresse emocional durante a gestação, assim como no período posterior à gravidez. Verifica-se, portanto, que é de extrema importância conhecer a população atendida, para que estas possam receber um tratamento mais adequado e corente com sua condição.

Palavras-chave: mulher; maternidade; gravidez.

Nível do trabalho: IC

SAÚDE

PERSPECTIVAS DE FUTURO E ANSIEDADE ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO. *Aline Barbosa da Silva*, Carolina Bauchspiess*, Áderson Luiz Costa Junior (Programa de Educação Tutorial. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A adolescência é um período de transformações físicas e psicológicas, etapa em que, geralmente, estudantes de ensino médio tomam decisões importantes quanto a seu futuro, o que costuma acarretar dúvidas e episódios de ansiedade. Este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento das perspectivas de futuro entre adolescentes que estão cursando o 1º e o 3º anos do ensino médio de escolas públicas e privadas do Distrito Federal, bem como identificar variáveis relacionadas funcionalmente com o processo de ansiedade entre adolescentes. Para tanto, foi elaborado um questionário estruturado em duas partes: a primeira com questões relacionadas a planos, percepções e cotidiano dos participantes, no que se refere ao ambiente escolar, futuro acadêmico e profissional e vivência familiar; na segunda parte era solicitado que atribuíssem um valor, de zero (nenhuma ansiedade) a quatro (ansiedade extrema) a diversas situações-problema do cotidiano que poderiam evocar ansiedade. Participaram da pesquisa 155 estudantes, 27,7% cursavam o 1º ano em escola particular e 22,5% em escola pública, 29,6% estavam cursando o 3º ano em escola particular e 20% em escola pública. Os dados foram inseridos em banco de dados do software SPSS e analisados quantitativamente. Qualitativamente, efetuou-se análise de conteúdos temáticos. Identificou-se que 65,1% dos alunos de 1º ano de escola particular, 74,3% do 1º ano de escola pública, 86,6% do 3º ano de escola particular e 74,2% do 3º ano de escola pública, referiram já ter decidido seu futuro profissional. Os cursos mais citados foram: direito (10,3%), engenharias (10,3%) e medicina (9,0%), não havendo diferenças consideráveis entre as duas escolas, exceto pelo fato de que na escola particular ocorreu maior variabilidade de escolhas por carreiras profissionais. Mais de 85% dos estudantes pretende prestar vestibular ou submeter-se ao Programa de Avaliação Seriada para concorrer a uma vaga na UnB, tanto da escola particular quanto da pública. Por outro lado, os estudantes de escola pública demonstraram maior interesse em prestar vestibular em outras universidades federais/estaduais do Brasil (80,3%), se comparados com os estudantes de escola particular (65,17%). Além disso, estudantes de escola pública também cogitam mais a possibilidade de cursar uma faculdade particular (69,69%). Verificou-se que 52,3% sente-se pressionada, pelos pais, escola, amigos e sociedade em geral, a prestar vestibular, mas, caso não sejam aprovados, 46,3% acreditam que receberão apoio dos pais e 20,8% referem que seus pais, certamente, ficarão decepcionados. A maior parte (67,1%) afirma que seus pais exigem muito deles em relação a estudos, futuro profissional e vida familiar, sendo que 43,2% atribuem estas exigências à preocupação natural dos pais com o futuro dos filhos. Em relação à segunda parte do questionário, as situações-problema a que mais foram atribuídos o valor "ansiedade extrema" foram "punições injustas" (34,8%), "vestibular" (33,5%) e "necessidade de inserção no mercado de trabalho" (21,9%). As informações obtidas, sobre eventos potencialmente provocadores de ansiedade, podem subsidiar um programa de acompanhamento preventivo de adolescentes ao longo do ensino médio, com a participação de pais e educadores.

Adolescência, Ensino Médio, Ansiedade, Perspectivas de futuro.

Bolsa do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB)

SAÚDE

PREPARAÇÃO E ASSISTÊNCIA HUMANIZADA AO PARTO: RESULTADOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA. *Natalia Almeida Tostes**, Eliane Maria Fleury Seidl (Universidade de Brasília - UnB, Brasília/DF).*

Ao longo do último século, mudanças importantes ocorreram no que se refere à gestação e à parturição. A gestação foi redefinida, passando de evento privado e feminino para evento público e médico. O parto, antes exclusivo do universo feminino, passou a ser assistido por homens, médicos, predominantemente nos hospitais. Com essas mudanças, a atenção à gestação e ao parto também sofreram grandes modificações, gerando novas demandas e necessidades. A partir do ano de 1992, houve reorganização da atenção ao parto e ao nascimento no Brasil. Em 2000, foi instituído pelo Ministério da Saúde o Programa de Humanização do Pré Natal e Nascimento, adotando as recomendações feitas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Entretanto, ainda se observa discrepâncias entre necessidades atuais das gestantes e a atenção oferecida a elas. É necessário, portanto, compreender melhor o panorama em que se insere hoje a assistência à gestação e ao parto, bem como as necessidades relatadas por profissionais e gestantes no que se refere a uma melhor preparação para o momento do parto. Esta pesquisa de revisão sistemática da literatura teve por objetivos caracterizar a produção científica brasileira relacionada à assistência humanizada ao parto e à preparação para o parto, disponível em periódicos da base de dados Scientific Eletronic Library Online (SciELO), entre os anos de 2000 e 2011. Foram selecionadas as seguintes combinações de descritores para a busca dos artigos: preparação and parto; humanização and parto; apoio and parto; humanização and nascimento. A revisão referiu-se a estudos empíricos sobre os temas, publicados em periódicos brasileiros e que tratassem da realidade nacional. No primeiro passo foram identificados 123 artigos. Retirados os artigos repetidos e aplicados os critérios de exclusão, foram selecionados 20 artigos, todos publicados em língua portuguesa. Como resultados, destaca-se: a pouca produção de artigos científicos sobre os temas assistência humanizada ao parto e preparação para o parto, considerado o período investigado; o predomínio dessas publicações nas áreas de enfermagem e saúde coletiva (dos 12 periódicos com artigos selecionados, oito eram dessas duas áreas); a preponderância de estudos que investigaram a perspectiva de usuárias do serviço pré-natal (n=14); a produção incipiente da psicologia nas publicações científicas sobre os temas estudados; os artigos identificados estavam em periódicos bem avaliados (Qualis B1, A2 e A1). A maioria dos estudos empíricos (n=17) utilizou metodologia qualitativa. Os principais resultados dos estudos analisados evidenciaram que ainda permanecem grandes desafios na implantação da assistência humanizada, o que envolve mudanças nas formações dos profissionais atuantes, maior conscientização das usuárias sobre seus direitos e desenvolvimento de políticas públicas que melhor atendam as atuais demandas. Grande parte dos estudos destacou a importância e influência de fatores psicoemocionais durante a gestação, o parto e o pós-parto, sugerindo ações que permitam melhor preparação psicológica da mulher para esses momentos. Percebe-se, assim, demanda por maior envolvimento da psicologia em produções acadêmicas sobre o tema, bem como em ações que favoreçam a implantação e consolidação de uma atenção integral e humanizada às gestantes e parturientes.

Assistência ao parto, preparação para o parto, produção científica

CNPq

SAÚDE

QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES RENAIS CRÔNICOS: BREVE REVISÃO DA LITERATURA. *Ana Karina Fachini Araujo; Leonette Elias Smith Batalha Rodrigues; Aline Almeida Martins; Leonardo Macário Ferraz; Denise Xavier Silva; Priscila Amaral Ferraz Cardoso; Israel Santos; Luis Vicente (Laboratório do Sono – Universidade Nove de Julho- São Paulo-SP).*

Há poucos anos atrás o diagnóstico de Insuficiência Renal Crônica (IRC) era sinônimo de morte. No entanto, a Hemodiálise (HD) e o transplante renal alteraram este quadro, mas ambos implicam em mudanças na vida do paciente impondo, no caso da HD limitações no âmbito social, emocional, física. O cotidiano do paciente com insuficiência renal crônica se altera em função da redução das atividades ocupacionais, restrições hídricas e alimentares, sucessão contínua de consultas médicas e sessões de hemodiálise (HD). Tais mudanças fragilizam o paciente nos aspectos físicos e emocionais acarretando alteração na qualidade de vida desses. A doença renal crônica é uma preocupação para a Saúde Pública por causar uma elevada taxa de morbidade e mortalidade, além de como já salientado anteriormente, comprometer a qualidade de vida do paciente. Desde o momento do diagnóstico até a possível realização do transplante, nos casos em que o transplante é indicado, o caminho do insuficiente renal crônico é atravessado por uma gama de outras questões que colocam em evidência sua vivência pessoal, bem como a dinâmica familiar. São inúmeras as dificuldades enfrentadas por essas pessoas, as quais influenciam o seu dia-a-dia e o modo de se relacionar, seja pela dependência da máquina ou pelas idas ao médico, dificultando, dessa forma, o desempenho das suas atividades ocupacionais, o quê, conseqüentemente, desestrutura sua vida diária. Com base no que foi relatado sobre cotidiano, entende-se que a pessoa com insuficiência renal crônica pode apresentar dificuldades na sua rotina de afazeres. A partir do considerado surgiu o interesse em verificar na literatura as publicações nos últimos dez anos sobre qualidade de vida em pacientes renais crônicos. Para tanto, fizemos uma breve revisão da literatura nos últimos dez anos em bancos de dados nacionais sobre o paciente renal crônico. Como critério de inclusão considerou-se a qualidade de vida ou a falta de qualidade de vida do paciente com insuficiência renal crônica em hemodiálise, as demais publicações foram desconsideradas para este estudo. Os resultados nos permitem afirmar que neste intervalo de tempo tivemos doze publicações que satisfizeram os critérios de inclusão e o maior número delas aconteceu em 2005 (42%), depois observamos o decréscimo de estudos. Dessas 83% das publicações estão relacionadas à avaliação da qualidade de vida do paciente renal crônico em hemodiálise e 17% são revisões da literatura sobre o mesmo assunto. Assim, pudemos concluir nesta breve revisão que a temática avaliação constitui principal foco de interesse dos profissionais que compõem a equipe de saúde, mas propostas interventivas no sentido de melhorar a qualidade de vida deste paciente não foram identificadas. A população de pacientes renais crônicos cresce cerca 10% a cada ano, fato este que nos leva a entender que trabalhos preventivos e interventivos são necessários, pois é sabido que hemodiálise compromete a qualidade de vida dos pacientes.

Paciente renal crônico, qualidade de vida e psicologia.

SAÚDE

REATIVIDADE BIOCOMPORTAMENTAL À DOR E AUTORREGULAÇÃO EM NEONATOS PRÉ-TERMO DIFERENCIADOS PELO SEXO. *Beatriz Oliveira Valeri** (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Cláudia Maria Gaspardo (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP); Francisco Eulógio Martinez (Departamento de Puericultura e Pediatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Maria Beatriz Martins Linhares (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

A reatividade biocomportamental à dor e a regulação em neonatos pré-termo no período neonatal podem ser influenciadas por variáveis neonatais, tanto do contexto clínico, como o status de saúde clínico do neonato, como por varáveis relacionadas ao organismo do neonato, como a idade gestacional e o sexo. A literatura mostra que, em adolescentes e adultos, as mulheres possuem maior sensibilidade à dor, com menor tolerância ao estímulo doloroso do que os homens. No entanto, em neonatos pré-termo a influência da variável sexo na reatividade à dor ainda permanece inconclusiva. Assim, o objetivo deste estudo foi examinar o efeito da variável sexo na reatividade biocomportamental à dor e na recuperação em neonatos pré-termo. A amostra foi composta por 53 neonatos (56% meninos) pré-termo (idade gestacional média = 30 semanas) de muito baixo peso (média do peso ao nascimento = 1.110 gramas), que estavam internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. A amostra foi separada em dois grupos de acordo com o sexo, a saber: Grupo Feminino (GF), o qual incluiu 23 neonatos pré-termo meninas (idade média= 4 dias [± 2] de idade pós-natal) e o Grupo Masculino (GM), o qual incluiu 30 neonatos pré-termo meninos (idade média= 4 dias [± 2] de idade pós-natal). A reatividade e regulação à dor foram avaliadas durante procedimento de punção para coleta de sangue na rotina da UTIN, divididos em cinco fases de avaliação, a saber: Linha de Base, Antissepsia, Punção, Recuperação-Manuseio e Recuperação-Repouso. A reatividade comportamental de atividade facial foi medida através do instrumento Neonatal Facial Coding System (NFCS), a reatividade e recuperação biocomportamentais foram medidos pelo instrumento de Escala de Vigília e Sono. O batimento cardíaco foi continuamente monitorado e registrado em intervalos de um minuto durante a avaliação. A reatividade e regulação biocomportamentais foram analisadas tanto por meio dos escores do NFCS, da Escala de Vigília e Sono e pela média do batimento cardíaco, como pela magnitude (mudança) das medidas entre as fases. O modelo estatístico não paramétrico de comparação entre grupos foi processado pelo teste Mann-Whitney. O nível de significância adotado no estudo foi de p ≤ 0,05. Os resultados mostraram que os neonatos pré-termo, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, apresentaram padrões semelhantes de reatividade à dor e regulação biocomportamentais, avaliados pelo NFCS e Estado de vigília e sono; não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos. No entanto, verificou-se que, na resposta fisiológica, os meninos exibiram significativamente maior escore de magnitude resposta, ou seja, maior mudança no batimento cardíaco máximo entre as fases de Linha de Base e Punção (Meninos, mediana =17; Meninas, mediana=9; p≤0,01). Os achados mostraram que a variável sexo não teve efeito relevante na reatividade à dor e regulação biocomportamental após o evento doloroso em neonatos extremo pré-termo na primeira

semana de idade pós-natal. Mostrou apenas uma pequena exacerbação de resposta fisiológica complementar nos meninos, em comparação às meninas.

Prematuridade; dor; sexo

FAPESP; CNPq

SAÚDE

RECURSOS DE ENFRENTAMENTO DE PACIENTES SUBMETIDOS AO PROCESSO DE HEMODIÁLISE. *Vanessa Marques Gibran** (Pontifícia Universidade Católica, Campinas/SP e Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba, Araçatuba/SP), Glaucielen Cristina de Moura Silva*, Lumaila Marques Rodrigues* (Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba, Araçatuba/SP).*

A hemodiálise é um dos métodos de tratamento utilizados para compensar a falência dos rins. Funciona como um processo de filtragem artificial do sangue e é de importância vital para o organismo do indivíduo. O paciente renal crônico passa a ter restrições que o afetam de maneira significativa, tanto física, quanto psicossocialmente. O simples fato de comer uma fruta pode ser um transtorno para um indivíduo nesse processo. Além disso, tem que lidar com expectativas quanto ao transplante, e ainda, com o ambiente penoso de um hospital, no qual passa grande parte de seus dias. O tratamento traz diversos significados que passam no imaginário do paciente, por exemplo, o reconhecimento da gravidade da doença, do tratamento e suas consequências, como por exemplo: efeitos medicamentosos, limites nos hábitos alimentares e na vida social, dentre outras situações adversas que provocam medo, dúvidas e insegurança quanto à cura e à possibilidade de viver. Diante dessa realidade, este estudo teve por finalidade compreender as experiências de pacientes em tratamento de hemodiálise e identificar os possíveis recursos de enfrentamento utilizados por eles, a partir de suas próprias percepções, utilizando da escuta terapêutica e acolhimento como instrumentos para amenizar o sofrimento causado por este processo. Foram entrevistados 16 pacientes com insuficiência renal crônica, sendo 12 homens e 4 mulheres, com idade entre 29 e 68 anos, que estão em tratamento de hemodiálise. O instrumento utilizado, elaborado especificamente para este estudo, foi um questionário com cinco questões abertas relacionadas ao tratamento e suas implicações, especificamente em relação aos recursos de enfrentamento utilizados pelos pacientes. Os dados foram categorizados através da análise de discurso de Bardin e, posteriormente, apresentados em percentuais. Os resultados evidenciaram a família como maior recurso de enfrentamento destes pacientes, sendo 50% das respostas descrevendo como ponto de apoio mais significativo. Outro aspecto relevante citado pelos pacientes foi a medicina (13%), envolvendo os profissionais atuantes no processo, vistos como outro recurso de enfrentamento. Por outro lado, 13% deles relataram não necessitar de apoio. A religião ou "Deus" aparece em 18% das respostas, como essencial ao prosseguimento do tratamento. Muitos pacientes disseram se "acostumar" com as restrições e mudanças cotidianas que no início lhes causavam tanto sofrimento, e descrevem que o ambiente hospitalar se torna menos penoso, devido ao tratamento que recebem da equipe de enfermagem e funcionários em geral, sendo este um suporte importante no processo. Portanto, o suporte familiar, assim como a religião e também os próprios médicos e enfermeiros envolvidos são fundamentais na continuação e manutenção de condições saudáveis de vida destes, visto que o respeito às restrições e dietas, são requisitos que sustentam um tratamento com bons resultados, e muitas vezes precisam ser cuidadas por outras pessoas pela dificuldade de aceitação por parte do próprio paciente.

Palavras-chave: hemodiálise, enfrentamento, família.

IC

SAÚDE

RECURSOS DE ENFRENTAMENTO DO STRESS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA. *Vanessa Marques Gibran** (Pontifícia Universidade Católica, Campinas/SP e Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba, Araçatuba/SP), Solange Muglia Wechsler (Pontifícia Universidade Católica, Campinas/SP)*

Dentro do contexto acadêmico, várias são as dificuldades encontradas pelo universitário, entre elas o esquema de estudo, sensações experimentadas em sala de aula e estágios, atendimento a clientes difíceis, quantidade de clientes, dilemas éticos, medo de cometer erros, lidar com as exigências internas, falta de tempo para lazer, família, amigos, preocupações com seus próprios conflitos/problemas emocionais, entre outros. Assim, as formas de enfrentamento (coping) de situações estressantes podem servir de fatores de proteção contra o stress. O coping pode ser entendido como os esforços cognitivos e comportamentais que são constantemente alteráveis para controlar, vencer, tolerar ou reduzir as demandas internas ou externas específicas e que são avaliadas como excedendo ou fatigando os recursos da pessoa. A forma como a pessoa lida com as situações estressantes desempenha um importante papel na relação entre o estresse e processo de saúde-doença. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi verificar a conceituação do stress, as situações entendidas como estressantes e os recursos de enfrentamento utilizados por estudantes de psicologia. A amostra foi composta por 25 estudantes do 5º ano de psicologia, sendo 92% do sexo feminino e 8% do sexo masculino. A faixa etária predominante foi dos 20 aos 30 anos (72%) e o estado civil solteiro (56%). O instrumento utilizado foi um questionário com 3 questões abertas e 1 estruturada. A análise dos dados foi realizada em três momentos: transcrição integral das respostas de cada questão; leitura minuciosa de todas as respostas e agrupamento em sistema de categorias, contando com a ajuda de juízes e, por fim, os dados foram tabulados e descritos através dos percentuais em relação ao número de participantes (quando a amostra foi descrita) ou frequência relativa das respostas para a análise das questões. Os resultados evidenciaram que as principais definições de Stress foram a "sobrecarga de energia por excesso de responsabilidade" (38,5%), "acúmulo de sensações negativas que afetam o humor" (28,2%), "reação do corpo (psicológica ou física) diante de estímulos estressores" (20,5%) e "desequilíbrio psicológico" (12,8%). As principais situações que desencadeiam o stress foram: "excesso de atividades/falta de tempo" (30,4%) e "faculdade" (27,1%). Os recursos de enfrentamento utilizados por eles abarcaram: "descansar/relaxar" (13,6%), "conversar/sair com amigos" (12,1%), "ouvir música" (9%) e a busca pelo "apoio familiar" (9%). Por fim, através da questão estruturada, o principal recurso de enfrentamento utilizado pelos estudantes é o apoio dos "Amigos" (30%), seguido pela "Família" (29%) e "Religião" (22%). Apesar da amostra não ser suficiente para generalizar os resultados, evidenciou-se que os universitários apresentaram como principais causas do stress fatores relacionados ao acúmulo de atividades, principalmente em relação aos deveres vinculados à faculdade e a dificuldade de conciliar toda demanda em pouco espaço de tempo. Deve-se ressaltar a importância de realizar investigações adicionais, sendo importante estender a pesquisa aos alunos de todos os períodos do curso, inclusive com uma avaliação mais pormenorizada dos sintomas de stress, bem como a qualidade de vida destes estudantes, através de instrumentos padronizados existentes na área.

Palavras-chave: enfrentamento, stress, estudantes.

P

SAÚDE

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA COM IRMÃOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM CÂNCER. *Vanessa Ruiz Vaz Gomez*, Flávia Martins Beduschi* (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP), Nichollas Martins Areco (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP).*

O diagnóstico e adoecimento de uma criança ou um adolescente por doença neoplásica pode gerar muitas alterações na estrutura e dinâmica de uma família, sendo necessária reestruturação da rotina para a inclusão de eventos pertinentes ao tratamento, como hospitalizações freqüentes e consultas ambulatoriais, convivência com profissionais de saúde, realização de procedimentos invasivos, e utilização de métodos terapêuticos com reações adversas. Esse impacto psicossocial afeta não somente quem adoeceu, mas todos os membros da família. Além da dificuldade encontrada em adaptar-se a essa nova realidade, há também o desafio de conviver com os outros membros da família, principalmente os filhos sadios. Não raro os pais optam por ocultar deles informações sobre o câncer e como será o tratamento de seu irmão e, muitas vezes verifica-se que os cuidadores parentais acabam focando suas atenções no filho doente, o que pode gerar conflitos na dinâmica familiar e alteração na qualidade dos vínculos e relacionamentos familiares. A literatura tem mostrado que essa ausência de comunicação, e a dedicação e aumento de atenção ao do filho enfermo acaba sendo favorecedora da desagregação familiar, do aumento da sensação de abano e da criação de fantasias por parte dos irmãos sãos, por não saberem ao certo o que vai acontecer com o irmão doente. Dentro disso, o objetivo deste trabalho é de apresentar o Programa de Irmãos desenvolvido no Grupo de Apoio a Crianças com Câncer de Ribeirão Preto. É realizado a partir do encaminhamento por parte da Psicologia da Oncologia Pediátrica do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto quando se observa que há demanda na família. Podendo ser caracterizada como uma intervenção focal breve, tendo como objetivo esclarecer a experiência do adoecer e do tratar, bem como os diversos procedimentos realizados dentro do contexto hospitalar, e os impactos na família, buscando integrá-lo neste processo e reconhecer suas necessidades. São realizados encontros semanais com o irmão saudável, em que, após uma sessão de Rapport, é realizada uma visita guiada ao hospital, com intuito de apresentar os ambientes em que são realizados o cuidado do familiar enfermo. Nos encontros subseqüentes, utiliza-se como disparador temático um material estruturado intitulado "O livro dos irmãos". Além de seu caráter informativo, por ele ser um livro interativo, esta estratégia propicia a expressão de sentimentos e significados a respeito da vivência no grupo familiar e, através de verbalizações ou desenhos, o irmão saudável pode refletir e elaborar sua forma de experienciar o contexto. Por fim, solicita-se que escreva uma carta aos pais, comunicando seus sentimentos, dúvidas e impressões, de modo a favorecer o diálogo e a revisão da atual dinâmica de relacionamento no grupo. Esse trabalho possibilita que este irmão tenha um espaço para esclarecer suas dúvidas e para poder expor medos e legitimar os sentimentos que a vivência do adoecer traz. Com isso, busca-se a elaboração de estratégias de enfrentamento mais saudáveis e eficazes, além de facilitar a vinculação entre os membros da família e a saúde existencial de todos.

Câncer, criança, adolescente, família, relações familiares

SAÚDE

RELATO DE EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM UM GRUPO DE CONTROLE DE PESO. *Pâmela Pitágoras Freitas Lima (Psicóloga do NASF de Barra do Choça. Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Vitória da Conquista, BA), Danillo Sousa Almeida (Nutricionista do NASF de Barra do Choça, especialista em Saúde Pública), Nair Meiry Nolasco (Fisioterapeuta do NASF de Barra do Choça, especialista em Reeducação Postural Global (RPG)),Demétrius Amorim Côrtes (Profissional de Educação Física do NASF de Barra do Choça, especializando em Fisiologia do Exercicio), Vanessa Rezende Santos (Assistente Social do NASF de Barra do Choça)*

È cada vez maior o número de pessoas que apresentam sobrepeso e/ou obesidade, considerado hoje um grave problema de saúde pública. A obesidade é uma doença crônica de natureza multifatorial (fatores ambientais, nutricionais e genéticos) caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura no corpo, acarretando prejuízos à saúde. Esta é responsável pelo aumento de casos de doenças como a hipertensão e doenças cardíacas, diabetes, além de alguns tipos de câncer. È importante então promover ações de mudanças de hábitos e que visem à qualidade de vida, com objetivo de prevenir a obesidade e diminuir suas consequências no organismo. Neste âmbito, surgiu do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) do município baiano de Barra do Choça uma ação que visou a promoção de bem-estar, partindo de uma maior sensibilização da população sobre os agravos da obesidade, através da formação de um grupo de controle de peso corporal, partindo de uma perspectiva de educação em saúde. Esta objetiva disseminar informações e práticas para o beneficio da promoção de saúde, cuidados e prevenção entre a população, a fim de que esta seja capaz de se responsabilizar pela saúde própria e permitir a propagação das informações coletivamente. O objetivo desta intervenção foi proporcionar promoção e prevenção em saúde na população com sobrepeso e com necessidades de emagrecimento. Visou-se trabalhar com todo e qualquer usuário que quisesse perder e/ou controlar seu peso, buscando trabalhar as dimensões da nutrição, da fisioterapia, da atividade física, bem como aspectos subjetivos e sociais, fazendo um trabalho interdisciplinar e integrado. O grupo teve duração de quatro meses, com encontros quinzenais em uma sede comunitária, contando com a participação de 12 pessoas moradoras de um distrito rural do município de Barra do Choça e coordenadas por cinco profissionais do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Os resultados preliminares desta experiência demonstram uma significativa redução do peso corporal da maioria dos participantes, bem como relatos de melhoras no quadro global de saúde e das relações sociais. demonstrando que o modelo de educação em saúde, bem como a prática grupal são ferramentas fundamentais para levar à população qualidade de vida. A partir dessa relação mais direta e menos vertical entre usuários e profissionais do sistema de saúde, a propagação de práticas favoráveis à prevenção e cuidados epidemiológicos deixou de circundar apenas na esfera de atendimento, voltando-se para o diálogo permanente entre estes atores sociais. Nesta perspectiva, as medidas implantadas em um serviço de saúde podem favorecer a ação para educação em saúde, como práticas que estimulem o indivíduo a participar do processo educativo, exercendo assim autonomia para aquisição e formação de hábitos, assim como para a assimilação, construção e reconstrução de experiências, promovendo sempre quando possível à independência do usuário. Além do campo individual, é fomentada a didática, que vislumbra responsabilizar a população pela transmissão e veiculação dos conhecimentos. E como proposta para diminuir a evasão da população tem-se a medida terapêutica que permite retificar os eventuais descaminhos do processo educativo.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Psicologia da Saúde; NASF; Trabalho Interdisciplinar.
SAÚDE

SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS DE UM HOSPITAL-ESCOLA DO DF. *Nayara Suguiura Dias*, Polyana Ribeiro de Almeida*, Jéssica Chaer Caiado* (Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF), Fabíola Araújo Fortes (Hospital Universitário de Brasília, Brasília-DF), Daniel Fernandes Barbosa** (Universidade de Brasília, Brasília-DF)*

O objetivo do estudo foi mensurar o grau de satisfação dos usuários de um hospital universitário em relação aos serviços prestados em ambulatório que oferece atendimento em várias especialidades na área de saúde. A satisfação dos usuários dos serviços de saúde pode ser definida como um julgamento das características peculiares de um serviço provocam um nível prazeroso de completude e deve ser avaliada considerando as várias dimensões implicadas na percepção desse tipo de serviço. Para o cálculo do tamanho da amostra foi utilizada uma fórmula estatística, com 95% de confiança e margem de erro de 5%, sendo o número de participantes igual a 373. O critério utilizado foi o de paciente de retorno, por já terem utilizado o serviço anteriormente. A idade dos participantes variou entre 1 a 89 anos, (média=42,57±DP; n=373) e houve predominância do gênero feminino (71,20%; n=368). Em relação à escolaridade, 5,29% dos participantes eram analfabetos e os demais tinham os níveis básico (23,12%), fundamental (17,27%), médio (42,06%), superior (11,14%) ou de pós-graduação (1,11%). Para o estudo foi utilizado o método Survey. O instrumento, retirado do Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde (PNASS), é composto por questões que abordam a estrutura, os processos e a satisfação dos cidadãos com relação aos serviços de saúde. A aplicação dos questionários ocorreu de Agosto de 2011 a Janeiro de 2012 e foi realizada por estudantes de psicologia, que abordaram os participantes nas filas de marcação e nas salas de espera enquanto estes aguardavam o atendimento, quando os pacientes eram crianças as respostas eram direcionadas ao acompanhante. Entre os aspectos avaliados, mais da metade dos usuários mostraram-se insatisfeitos com o tempo de espera para o atendimento. A partir do período de 2 horas, os usuários revelaram que a demora no atendimento impacta em 92% da percepção de insatisfação. A satisfação do usuário avaliada pela ótica do atendimento apontou predominância da percepção de que há um bom atendimento quando ocorre demonstração de educação, respeito e interesse pela equipe de saúde, o que foi evidenciado por altos escores (>90%) nesses três aspectos. Outros quesitos relevantes foram o grau de confiança dos usuários na equipe (86%), o acesso à informação sobre o estado de saúde do paciente (88,47%) e o conhecimento do nome do profissional (84,99%), que ressaltam a busca pela aproximação com o paciente como necessária para oferecer um serviço de saúde com qualidade e humanizado. Os serviços de saúde públicos precedem uma ideia de precariedade de atendimento e de profissionais, dessa forma a expectativa dos usuários carrega aspectos negativos da assistência que será oferecida, sendo o fato de ter conseguido atendimento já alcança a expectativa. A forma de tratamento da equipe de saúde é a principal fonte de satisfação dos usuários. Este hospital possui algumas peculiaridades devido a seu caráter universitário, todavia a satisfação do usuário é um direcionador para as melhores práticas de ensino e atendimento ao usuário.

Hospital Escola, Atendimento ambulatorial e Satisfação de usuário.

SAÚDE

SER PAI E OS TRANSTORNOS ALIMENTARES: RESSIGNIFICANDO A PATERNIDADE. *Lilian Regiane de Souza Costa**, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A entrada da mulher no mercado de trabalho abalou a divisão do trabalho presente nas famílias brasileiras: mulheres responsáveis pelos cuidados do lar e dos filhos e homens pelo provimento financeiro. Assim, observa-se um aumento considerável da responsabilização da figura paterna no cuidado dos filhos. Essas mudanças remodelam a maneira como o homem vivencia a paternidade e a sua identidade masculina. Os Transtornos Alimentares (TA) caracterizam-se pela presença de relações problemáticas com a alimentação e a imagem de si. Apesar do conhecimento das repercussões físicas, sociais e emocionais do TA em todo o contexto familiar, são poucos os estudos que abordam a família como um todo, incluindo irmãos e o pai. Este estudo objetivou investigar as repercussões identificadas pelo pai na sua percepção enquanto pai após o aparecimento do quadro de TA na filha. Participaram da pesquisa quatro pais (progenitores do sexo masculino) de mulheres com diagnóstico de TA. As filhas são atendidas em um serviço especializado e os pais acompanhantes delas no tratamento. Os participantes responderam a um roteiro de entrevista semi-estruturada. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram analisados a luz do referencial psicanalítico. Os quatro pais relataram que perceberam mudanças no relacionamento com as filhas após o surgimento do TA. Eles mencionaram que a maior mudança foi em relação à preocupação com as filhas: a preocupação aumentou e começaram a ser mais exigentes e rigorosos, influenciados pela ideia de que poderia ser "frescura". É comum no depoimento dos participantes o relato de que, com o passar do tempo, começaram a perceber melhor a gravidade do quadro das filhas, adotando outras estratégias de ajuda, como a busca por tratamento. O pai que possui a filha com mais tempo de tratamento disse que, com o tempo e com o suporte do serviço de saúde, passou a compreender melhor as necessidades da filha, percebendo que não seria pelo rigor que conseguiria ajudá-la. Ele relatou que desejava ser um pai "perfeito", mas percebeu que "não era nada daquilo" e que o "peso" deste desejo estava muito grande. Este depoimento lembra os pressupostos da obra winnicottiana: o cuidado "suficientemente bom" com o filho também apresenta falhas, sendo que é na falha do cuidador que a criança terá a possibilidade de desenvolver a capacidade de enfretamento das adversidades. Apesar das melhoras, os pais relataram dificuldades no contato afetivo: continuaram problemas já existentes de diálogo e de expressão do afeto pelas filhas. Eles relataram que, com o surgimento do TA, vivenciaram sentimentos de angústia e questionamentos sobre sua adequação enquanto pais, julgando-se, em certos momentos, culpados pela doença. Mostraram-se desejosos de maior contato afetivo, todavia, ainda em conflito com aquela visão de pai chefe de família, distante afetivamente dos outros membros. Os dados encontrados corroboram o fato de que o surgimento do TA repercute na família com um todo, inclusive na figura paterna, apontando para a necessidade de olhares direcionados ao pai das pacientes, que também sofre e vivencia crises de identidade com a erupção da doença nas filhas.

Transtornos alimentres, paternidade, família

SAÚDE

SER-ADOLESCENTE-COM CÂNCER: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO.

Kássia Karina Amorim Gomes (Tribunal de Justiça do Amazonas)

O câncer é uma doença crônica que compromete uma diversidade de tecidos e afeta a vida de quem é acometido e, quando surge em um adolescente várias são as modificações que se fazem presentes a partir da comunicação do diagnóstico afetando suas relações interpessoais e, consequentemente, sua estrutura familiar. Esta pesquisa teve como objetivo compreender, à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial, como adolescentes com câncer vivenciam a doença – o significado em seus discursos. Entre os objetivos específicos cita-se: compreender os aspectos causadores de maior sofrimento psíquico no enfrentamento da doença, identificar as influências da patologia sobre as características de personalidade do adolescente e conhecer as mudanças na dinâmica familiar de adolescentes portadores de câncer. Dessa forma, torna-se relevante esse estudo, uma vez que a sociedade, a família e os profissionais de saúde devem buscar compreender como estes adolescentes se relacionam com a doença, a fim de que possam ajudá-los a minimizar o sofrimento decorrente da hospitalização, terapêutica agressiva e todos os outros aspectos que envolvem ser um adolescente com câncer. Essa pesquisa é de natureza qualitativa e desenvolveu-se de acordo com os preceitos do método fenomenológico, que preconiza compreender o outro naquilo que ele traz em seu discurso e a análise foi realizada com base nos pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial. A obtenção dos dados ocorreu a partir de uma questão norteadora que sofreu desdobramentos para identificar os significados dos discursos. As entrevistas foram áudio-gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. Os participantes da pesquisa foram dez adolescentes com diagnóstico de câncer acompanhados pelo Grupo de Apoio à Criança com Câncer (GACC) em Manaus-AM. Quanto aos resultados alcançados através desse estudo os aspectos revelados na análise do discurso dos entrevistados referem-se: ao choque diante do diagnóstico, as profundas transformações ocorridas em suas vidas, as mudanças em seu cotidiano e na dinâmica familiar, além da difícil vivência do tratamento agressivo. Outro fato analisado na fala desses jovens é a maneira como cada um conseguiu criar estratégias de resiliência para enfrentar a enfermidade, destacaram também a importância do apoio dos familiares e amigos, da fé e dos profissionais que o cercaram durante esse período, fatores fundamentais em sua recuperação. Todos os jovens pesquisados relataram que continuam tendo sonhos e projetos e confirmam que a doença contribuiu para dar um novo sentido à vida e propiciou um processo de amadurecimento. Dessa forma, este estudo possibilitou uma compreensão maior das relações familiares, pessoais e sociais frente um caso de patologia crônica e muitas vezes letal – como o câncer - permitindo, dessa forma, que o profissional e o discente de psicologia tenham a possibilidade de ampliar o conhecimento acerca das reações diferentes e diferenciadas do sujeito diante de um fato que modifica de forma significativa suas vidas. Sabe-se que o tema é muito abrangente e não se tem a pretensão de esgotá-lo, assim, cabe a partir desta pesquisa suscitar e/ou estimular novas pesquisas referentes à temática em questão.

Palavras-chave: Câncer, Adolescentes, Psicologia Fenomenológico-Existencial, Método Fenomenológico

SAÚDE

SIGNIFICADO DA MORTE PARA MÉDICOS FRENTE A SITUAÇÃO DE TERMINALIDADE. *Fernanda Cristina de Oliveira Santos Aoki*, Manoel Antônio dos Santos (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

A questão da morte, muitas vezes, abre uma ferida narcísica na prepotência médica, pois o profissional se vê destituído de sua função precípua que é salvar vidas. A literatura tem abordado como diferentes profissionais de saúde significam e lidam com a morte e o morrer, porém estudos relacionados à perspectiva médica ainda são escassos. Diante dessa realidade, o presente estudo teve como objetivo investigar os significados da morte para médicos que atuam com pacientes em condição crítica de saúde. A pesquisa foi realizada a partir do enfoque metodológico clínico-qualitativo e do estudo de caso coletivo. Para análise dos dados utilizou-se o referencial teórico da psicodinâmica do trabalho. Participaram do estudo 5 médicos (2 docentes e 3 contratados) vinculados a uma Unidade de Transplante de Medula Óssea de um hospital universitário do interior paulista. Foram realizadas entrevistas individuais, audiogravadas, a partir de um roteiro semiestruturado, que abordou as vivências pessoais, acadêmicas e profissionais com a terminalidade. Os resultados foram sistematizados nas seguintes categorias: "o trabalho e a identidade: o médico e a morte", "a hibris e o equilíbrio", "as dores e as delícias de ser quem se é", "aprendendo com os pacientes", "o médico como parteiro às avessas" e "trans-formações". Essas categorias permitiram apreciar as diversas faces das vivências dos médicos e acompanhar a morte como parte do exercício de seu ofício, sendo possível apreendê-lo também em sua dimensão humana, passível de conflitos e sofrimentos que passam muitas vezes desapercebidos e, consequentemente, não passíveis de cuidados. A não legitimação do sofrimento do profissional faz com que ele tenha que lançar mão de mecanismos de defesa – negação, repressão, racionalização, como forma de proteção para manter a saúde psíquica e a continuidade de seu trabalho. As significações da morte, fundamentadas nos valores da sociedade contemporânea, nos percursos e percalços enfrentados ao longo da história de vida e na formação acadêmica, influenciam o modo como os profissionais vivenciam o processo do morrer. Este, por sua vez, também influencia a formação de inúmeros significados que vão se consolidando na trajetória profissional de cada um. Quando o médico é visto apenas como responsável pela cura e continuação da vida, conflitos são despertados diante da possibilidade de morte, abalando sua identidade e função profissional; porém quando o profissional significa sua função como o cuidar da vida e compreende a morte como parte desta, pode acolhê-la como integrante de sua dimensão laboral e encontrar novos modos de expressão de sua identidade profissional nesse momento de despedida. Conclui-se que as significações da morte são moldadas pelos valores vigentes na sociedade, pela história de vida e formação acadêmica, que influenciam o modo como o médico vivencia o morrer em sua prática profissional. O estudo oferece pistas para se repensar a formação e atuação profissional, sugerindo necessidade de oferecer suporte psicológico para abrir formas de pensar o trabalho médico e suas potencialidades, bem como para fortalecer seu ego para lidar com os desafios do trabalho com a terminalidade, considerando os conflitos, sofrimentos e prazeres envolvidos nos cuidados no final da vida.

Morte, médico, psicodinâmica do trabalho

FAPESP

SAÚDE

TRANSTORNOS ALIMENTARES: LEVANTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES GERAIS SOBRE O ASSUNTO E ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES SOB O ENFOQUE ANALÍTICO COMPORTAMENTAL. *Bruna Fernandes de Souza*; Eliana Isabel de Moraes Hamasaki** (Departamento da Saúde – Curso de Psicologia da Universidade Nove de Julho – Uninove – São Paulo, SP).*

O presente trabalho constitui-se parte das exigências para o trabalho de conclusão do curso (TCC) de psicologia, destacando um levantamento das publicações sobre transtornos alimentares (TAs), especificamente os transtornos de anorexia e bulimia nervosas (AN e BN). Adicional e especialmente, enfatiza-se uma análise dessas publicações, sob o enfoque analítico comportamental. Os objetivos principais dessa investigação foram: (1) ilustrar o número de publicações apresentadas por profissionais de orientação analítico comportamental; e (2) apresentar a compreensão e a intervenção destes profissionais em relação à demanda especificada pelos indivíduos que são acometidos pelos TAs. O levantamento se deu a partir de buscas por artigos nas seguintes bases de dados: Scielo, Pubmed, Lilacs, além dos bancos de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Para tanto, foram estabelecidas, em um primeiro momento, as seguintes palavras-chave para busca e seleção do material: anorexia, bulimia, transtornos alimentares, eating disorders associadas às palavras análise do comportamento, terapia comportamental e tratamento. A partir dos primeiros resultados obtidos, considerou-se a importância da inclusão das seguintes palavras-chave ao levantamento: transtornos, análise do comportamento, disorders, behavioral therapy. Além disso, também foram selecionados capítulos referentes ao tema, da coleção "Sobre comportamento e cognição" (dos volumes 1 ao 20) e da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC), elaborados por profissionais da área que integram a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC). Esse segundo momento de busca foi determinado a partir da obtenção dos primeiros resultados, nos quais se evidenciou o baixo número de publicações sob o referencial principal de interesse: o analítico comportamental. Após o levantamento inicial, foram estabelecidos alguns critérios para a seleção propriamente dita. Em especial, que os artigos ou capítulos tivessem a análise do comportamento como referencial teórico e técnico no estudo dos TAs da AN e BN. Alguns estudos, mesmo sob esse referencial, foram excluídos por não se apresentarem na íntegra (por exemplo, alguns artigos que estavam disponíveis na PubMed que apresentavam apenas o resumo ou abstract). Outros estudos excluídos referiam-se à temática "transtornos", mas não com a especificação de TA: AN e BN. De maneira geral, quando comparado o número de publicações total sobre o assunto, verificou-se que o número de publicações sob o referencial analítico comportamental é baixo, incluindo a comparação direta com o referencial cognitivo-comportamental, por exemplo. Entretanto, a partir de uma análise mais detalhada de cinco estudos especificamente sob o referencial analítico comportamental, foram identificadas práticas de intervenção bastante comprometidas e eficazes em relação à demanda dos TAs. Considera-se, assim, altamente relevante o maior investimento na divulgação dos trabalhos desenvolvidos pela análise aplicada do comportamento em publicações destinadas a comunidades diversificadas tanto em relação à produção e científica quanto às áreas de conhecimento.

Transtorno alimentar; anorexia nervosa; bulimia nervosa; análise do comportamento; publicação.

SAÚDE

TRIAGEM DO USO DE ÁLCOOL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.
Andressa da Silva Felix, Vânia Patrícia Teixeira Vianna (Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo dados do II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil a dependência de álcool atinge 12,3% da população adulta. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde o uso de álcool está associado a 3,2% das mortes. Dado o crescente problema do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas é necessária a implantação de uma política de saúde eficaz, sendo a detecção precoce um modelo de atuação comprovadamente eficaz em ambientes de pesquisa. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de álcool, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres para uso de álcool na faixa de pontuação considerada como uso de risco (11 a 26 pontos no ASSIST), segundo o teste Mann-Whitney (p=0,34). Homens apresentaram 22,1% na faixa de uso de risco e mulheres 16,8% do total geral da amostra. Esses dados foram ligeiramente menores para homens do que as relatadas em estudo anteriormente realizado com o mesmo instrumento, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras, onde foram encontrados 24,6%% para homens e 15,1% para mulheres com risco moderado para álcool, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. Discute-se a importância da detecção precoce do uso abusivo e dependência de álcool em estudantes universitários que, normalmente, não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordados em levantamentos como este, na universidade onde freqüentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Triagem, instrumento ASSIST, álcool.

Iniciação Científica – IC

SAÚDE

TRIAGEM DO USO DE COCAÍNA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS..

Raquel Alves de Souza, Vânia Patrícia Teixeira Vianna (Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo os dados do II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil a dependência de cocaína atinge 0,2% da população adulta e o uso na vida de drogas ilícitas é feito por 22,8 % da população brasileira. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de cocaína, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, comparando-se as categorias, observamos que não houve diferença significativa entre gênero masculino e feminino para uso de cocaína na faixa de pontuação considerada como uso de risco (04 a 26 pontos no ASSIST), segundo o teste Mann-Whitney, homens apresentaram 3,5% na faixa de uso de risco e 1% para mulheres (p=0,65). Esses dados foram ligeiramente menores para homens do que as relatadas em estudo anteriormente realizado, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre Universitários das 27 capitais brasileiras onde foram encontrados 2,4% para homens e 1,3% para mulheres com risco moderado para cocaína, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. A diferença entre os dois estudos foi muito pequena, uma vez que, o instrumento utilizado foi o mesmo e o público alvo também foi semelhante. Considerando os resultados acima expostos, concluímos que é importante detectar precocemente o uso abusivo e dependência de cocaína em estudantes universitários, que normalmente não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordadas em trabalhos como este, na Universidade onde frequentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Palavras chaves: triagem, instrumento ASSIST, cocaína.

Nível do trabalho: Iniciação Científica – IC

SAÚDE

TRIAGEM DO USO DE TABACO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.
Vânia Patrícia Teixeira Vianna, Viviani Roberta Batista Ribeiro (Universidade Nove de Julho, São Paulo – SP).

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde , no Brasil, cerca de 63% dos homens e 33% das mulheres adultas são usuários de tabaco. Dado o crescente problema do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas é necessária a implantação de uma política de saúde eficaz, sendo a detecção precoce um modelo de atuação comprovadamente eficaz em ambientes de pesquisa. Entendendo a importância desse assunto, o principal objetivo do presente estudo foi avaliar as taxas de prevalência de usuários com (a) baixo risco, (b) uso de risco ou (c) uso sugestivo de dependência de tabaco, detectadas pelos estudantes universitários por meio da aplicação do instrumento de detecção ASSIST. Para tanto, foi realizada a aplicação do instrumento de triagem ASSIST (Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test) em 187 estudantes universitários, em suas respectivas salas de aula. O questionário foi auto-aplicado, de acordo com as instruções fornecidas pelo grupo para aplicação do instrumento. De maneira geral, não houve diferenças significativas entre homens e mulheres para uso de tabaco na faixa de pontuação considerada como uso de risco (4 a 26 pontos no ASSIST), segundo o teste Mann-Whitney (p=0,78). Homens apresentaram 19,8% na faixa de uso de risco e mulheres 23,8%, no uso sugestivo de dependência homens apresentaram 2,3% e mulheres 2%. Os estudantes, participantes do presente estudo, com uso de risco para tabaco constituíram 21,9% do total geral da amostra.. Esse dado corrobora os resultados do estudo realizado, no I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras, no qual verificou-se que, dentre os estudantes dessas capitais, 22% encontravam-se na categoria de risco moderado para tabaco, categoria esta semelhante à categoria uso de risco do presente estudo. Discute-se a importância da detecção precoce do uso abusivo e dependência de tabaco em estudantes universitários que, normalmente, não utilizam os serviços de saúde, mas podem ser abordados em levantamentos como este, na universidade onde frequentam diariamente.

Apoio financeiro: Universidade Nove de Julho

Palavras chaves: triagem, instrumento ASSIST, tabaco.

Nível do trabalho: Iniciação Científica – IC

SAÚDE

UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO CAUSADO PELO CONSUMO DE ÁLCOOL E TABACO NO PERÍODO GESTACIONAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O FETO. *Paulo Eduardo da Silva, Maria José Nunes Maciel* (*Universidade Nove de Julho)*

O uso de substâncias psicoativas se constitui num importante problema de saúde pública. Embora o número de pesquisas tenha aumentado, notamos que ainda é necessário maior número de estudos com mulheres, principalmente no período gestacional, visto que o uso de tais substâncias, nesse período podem provocar danos para a gestante e para o feto. O objetivo da mesma foi demonstrar a importância de se estudar os efeitos e as conseqüências provocadas pelo uso de álcool e tabaco no período gestacional e suas conseqüências para o feto. Método: A pesquisa apresentada nesse projeto foi realizada através de levantamento bibliográfico em bases de dados (Scielo, Bireme e Medline) e bibliotecas presenciais. Os resultados apontaram que o consumo de álcool no período gestacional afeta o desenvolvimento fetal, colaborando com a redução significativa do peso, comprimento e perímetro cefálico no recém nascido, além de aumentar a probabilidade de aborto espontâneo. Os estudos demonstraram ainda que fatores tais como baixa renda, baixa escolaridade, faixa etária elevada, situação marital instável ou ausência de companheiro são fatores que contribuem para o consumo de álcool e tabaco por parte das gestantes no período gestacional. O consumo de tabaco no período gestacional provoca a perfusão materno-fetal podendo ocasionar no feto hipóxia crônica, má oxigenação e nutrição do feto além do aumento na vascularização cerebral do feto. Filhos de mães tabagistas apresentam maior dificuldade em ganhar peso. A partir dos dados levantados podemos concluir que a capacitação e aprimoramento por parte dos profissionais da saúde se fazem necessário além da criação de novos programas psicoeducativos que colaborem na prevenção e intervenção dos danos causados pelo consumo de álcool e tabaco no período gestacional.

SAÚDE

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA CONTRA A MULHER DURANTE O TRABALHO DE PARTO. *Rosângela Aparecida Barbosa Paulo Ricci* (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, São Manuel, SP); Fernanda Maria Vernini* (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, São Manuel, SP); Patrícia Renata Bariquello Cavalcante* (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Botucatu, SP); Rafaela de Almeida Schiavo (Instituição Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Bauru, SP).*

O relato de mulheres que sofrem violência dos profissionais de saúde em instituições públicas e privadas durante o trabalho de parto estão aumentando em nosso país. Pesquisas recentes apontam que os tipos de violência na assistência ao parto, sofrida por parturientes são de negligência, abuso verbal, físico e sexual. Este trabalho tem por objetivo apresentar relatos verbais de gestantes que passaram por violência obstétrica durante gestação e trabalho de parto anterior à atual gravidez. As informações foram obtidas em um grupo realizado com 12 gestantes em uma cidade do interior paulista, o atendimento ao grupo de gestantes ocorre em uma Instituição Municipal de Ensino Superior, como atividade de estágio no curso de psicologia, com o objetivo de promover discussão e reflexão a cerca das mudanças biopsicossociais da gravidez, parto e puerpério. O relato sobre violência obstétrica sofrida por algumas dessas participantes, surgiu no encontro direcionado ao tema sobre parto, onde as gestantes que já pariram anteriormente relataram suas experiências vividas no parto e que causam medos e inseguranças na gravidez atual. Os relatos de violência obstétrica sofrida por algumas dessas mulheres foram: "[...] o médico me disse, vamos ver se conseguimos escutar o seu bebê no meio de tanta banha [...]"; "[...] tenho medo do parto normal por causa da episiotomia, tive que realizar grande sutura [...]"; "[...] o médico me disse, na hora de fazer gostou né? Agora tem que aguentar [...]"; "[...] durante o trabalho de parto, no toque me machucaram, fiquei com medo da dor e passei meses sem ter relações sexuais com meu marido [...]"; "[...] me disseram que quanto mais eu gritasse, mais fariam com que eu sofresse [...]"; "[...] ter um acompanhante na sala de parto é lei, mas mesmo assim não deixam entrar ninguém com a gente, pelo menos aqui na cidade, ninguém pode ter acompanhante [...]". Diante desses relatos, é possível dizer que infelizmente as mulheres em vez de exercer o seu protagonismo na cena de parto, estão sendo submetidas ao papel de vítimas nesse momento. Pesquisas revelam que intercorrências obstétricas durante o parto, influenciam negativamente na saúde mental materna, no pós-parto, sendo uma das fortes causas do estresse, ansiedade e depressão no puerpério. O nascimento de um filho deveria marcar positivamente a história da díade mãe-bebê, para um bom desenvolvimento dessa relação, evitando-se assim prejuízos à saúde materno-infantil. Entretanto, o que se observa nos relatos, indica que o momento do nascimento do filho é marcado por dor e sofrimento, gerando até mesmo para algumas sensações traumáticas. É de extrema importância e urgência que o atendimento à gestante e a parturiente, ocorra de forma mais humanizada, evitando-se assim futuros problemas de saúde mental em decorrência dos maus-tratos sofridos por estas, em instituições de saúde públicas e privadas, locais estes que deveriam garantir e zelar pelo bem estar físico e mental da paciente.

Parto. Violência. Gestação.

SAÚDE

VULNERABILIDADES NO CONTEXTO DA TALASSEMIA: ELABORANDO ALTERNATIVAS PARA APRIMORAR O CUIDADO. *Juliana Siquinelli Padula*, Mirian Van der Geest*, Érika Arantes Oliveira Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

A talassemia é uma doença genética do sangue, de caráter progressivo e curso crônico-degenerativo que exige uma rotina cansativa e ininterrupta de tratamento. O tratamento envolve transfusões regulares de hemácias, associado a uma terapia de quelante de ferro por toda a vida. Como consequência da condição da doença e do tratamento, diversas complicações e limitações parecem surgir para o portador e familiares, tais como desconfortos físicos e prejuízos psíquicos, sociais e ocupacionais. Assim, vê-se que, associadas à condição orgânica, diversas dificuldades psicológicas se desenvolvem, como: quadros de depressão e transtornos de ansiedade, problemas de conduta, medo excessivo em relação ao futuro, intensa insatisfação em relação à aparência física, dificuldades nos relacionamentos familiares e amorosos, dificuldades no rendimento acadêmico e profissional e problemas socioeconômicos (como o desemprego). Tal quadro acaba tornando a vida do talassêmico uma rotina exaustiva circundada por permanentes cuidados para a manutenção da vida. Nesse contexto, o objetivo do presente estudo é investigar as vulnerabilidades que envolvem a situação de pessoas portadoras da talassemia, a partir das percepções de diferentes olhares atuantes no cuidado a essas pessoas. A intenção é de que, a partir das reflexões elaboradas, possam-se pensar alternativas em direção ao aprimoramento do cuidado no tratamento a esses pacientes. O estudo foi realizado com 2 profissionais – um médico e um psicólogo – e um paciente do Hemocentro de Ribeirão Preto. Foram utilizados três roteiros de entrevista semi-estruturados, construídos para a finalidade da pesquisa. O referencial teórico-metodológico utilizado foi a abordagem psicodinâmica, que tem como modelo perguntas abertas destinadas a facilitar o fluxo da história sobre a pessoa e sobre a doença, concebendo a pessoa em sua singularidade, a partir de uma postura empática e atenta aos aspectos emergentes da relação. A partir da análise proposta, foram percebidas nas entrevistas temas em comum nas falas dos diferentes atores. Dessa forma, foi possível agregar tais temas em categorias, fazendo, então, uma analise temática das entrevistas. As categorias construídas foram: (1) Percepção da doença; (2) Percepção do tratamento; (3) Percepções de dificuldades; (4) Expectativas para o futuro. Dentro dessas categorias, os temas representantes de possíveis vulnerabilidades envolvidas nesse contexto da talassemia foram: a exaustiva rotina de tratamento; a vergonhaculpa da doença; o medo e o desejo da morte; a perda e a falta de uma rede de apoio psicossocial. Posteriormente, visando tecer olhares para além do cuidado já disponibilizado, a análise detém-se na proposta de alguns direcionamentos: capacitar a equipe para realizar orientações com o paciente e familiares; formação de equipes multiprofissionais nos centros de tratamento, incluindo profissionais de psicologia; implementação de grupos terapêuticos; e acolhimentos individuais e ambulatoriais.

Palavras-chave: Talassemia, vulnerabilidades, tratamento.

SAÚDE

“OS MORTOS NÃO TRAEM”: ASPECTOS PSICODINÂMICOS DA PERSONALIDADE DE UM ADOLESCENTE COM ANOREXIA NERVOSA.

*Lilian Regiane de Souza Costa**, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, Manoel Antônio dos Santos (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

Transtornos Alimentares (TA) são quadros psiquiátricos que afetam, majoritariamente, mulheres. Como consequência da maior prevalência no sexo feminino, poucos estudos investigam sua incidência em homens. Até a década de 1980, acreditava-se que a preocupação em relação à imagem corporal limitava-se às mulheres. Todavia, estudos recentes mostram que os adolescentes e jovens adultos também sofrem com preocupações relativas à aparência física, o que os torna vulneráveis aos TA. A literatura aponta que indivíduos do sexo masculino com TA tendem a ser mais perfeccionistas e desconfiados do que as mulheres acometidas, indicando que a ocorrência desses quadros em homens merece uma discussão à parte. O presente estudo teve por objetivo investigar aspectos psicodinâmicos da personalidade do adolescente com TA. Trata-se de pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, fundamentada no referencial teórico psicanalítico. Foi selecionado um paciente de 17 anos, com diagnóstico de Anorexia Nervosa do tipo restritivo, assistido por um serviço especializado. Os instrumentos utilizados foram: entrevista semiestruturada e Teste de Apercepção Temática (TAT). Os resultados mostram que a preocupação com o peso iniciou-se após as vivências de bullying na escola. O participante relatou que era fortemente discriminado por alunos e professores por não aceitarem sua aparência e seu jeito de ser, o que culminou no abandono da escola. De fato, sua apresentação física ao exame é diferenciada, principalmente na maneira como se veste e como penteia o cabelo. Observou-se preocupação exacerbada com a aprovação social: a percepção de não aceitação é vivida com intensa angústia e desamparo. Nas histórias do TAT projetou heróis tristes e sem amigos: em umas das produções, o herói, passara 30 anos de sua vida dormindo; em outra, preferia o convívio com os mortos aos vivos, alegando que “os mortos não traem”. O outro é constantemente percebido como aquele que “trai” e “machuca”. A sensibilidade acentuada à rejeição do outro pode ser compreendida como projeção da sua própria dificuldade de autoaceitação. A partir da percepção das ameaças do outro, apresenta duas vias defensivas: ora se esquiva e se esconde, buscando proteger-se do sofrimento, como foi o abandono da escola; ora também ataca, com sua aparência extravagante e ostensivamente impactante. Nessa vertente, os sintomas anoréxicos podem ser entendidos como resultantes tanto de uma moção autodestrutiva, devido à insatisfação consigo próprio, quanto como um ataque ao outro, principalmente à figura materna, internalizada como hostil e tóxica: “já que você não me aceita, eu também não preciso do seu alimento”. Por outro lado, demonstrou ter recursos e controle lógico-racional na elaboração das narrativas, apreendendo os estímulos de forma global, explorando-os para compor sua produção de forma criativa. Entretanto, evidenciou necessidade de empreender esforços extras para autoconter suas emoções, que são percebidas como destrutivas, produzindo inibições, auto-recriminação e empobrecimento pessoal, o que é favorecedor de vivências depressivas recorrentes. Assim, a vida pulsional não encontra vias adequadas de expressão criativa no sentido da sublimação dos impulsos. Os dados apontam para necessidade de mais estudos sobre o universo masculino dos TA, considerando os prejuízos sociais e afetivos vivenciados pelo participante deste estudo.

Transtornos alimentares, Teste de Apercepção Temática, masculino.

SAÚDE

ANÁLISIS DE LA EXPERIENCIA SEXUAL DE ADOLESCENTES ESPAÑOLES: DATOS PRELIMINARES. *Mª Teresa Ramiro, Inmaculada Teva, Mª Paz Bermúdez* (*Universidad de Granada)*

El objetivo principal del presente estudio es analizar la experiencia sexual de los adolescentes españoles y determinar la conducta sexual de riesgo. Para ello, se seleccionó una muestra representativa de los adolescentes españoles, formada por 1.504 adolescentes españoles de todas las comunidades autónomas, de ambos sexos y de edades comprendidas entre los 15 y los 18 años (Media=16,31; DT=1,00). Se aplicó el cuestionario sobre conducta sexual (Teva, Bermúdez y Buela-Casal, 2009) a todos los adolescentes bajo las mismas condiciones, tras obtener el consentimiento informado. Se trata de un estudio ex post facto tipo prospectivo según la clasificación de Montero y León (2007).

Los resultados mostraron que el 96,1% de los adolescentes, indicaron tener una orientación heterosexual y tan solo el 2,2 % bisexual. El 38,1 % contestó que tenía pareja estable. Del total de la muestra el 17 % nunca ha tenido relaciones sexuales, el 37,1% ha mantenido relaciones sexuales sin penetración y el 45,9% ha mantenido relaciones sexuales con penetración.

En relación al grupo de sujetos que ha mantenido únicamente relaciones sin penetración, la edad media del primer contacto fue 13,55 años, el 44,2% informó que su último contacto había sido con una pareja esporádica y el 16,5% que había mantenido ese contacto bajo el efecto de la drogas.

En relación al grupo de adolescentes que informaron tener relaciones sexuales con penetración, los resultados permitieron afirmar que éstos tuvieron relaciones sexuales bajo el efecto de las drogas una media de 0,56 veces en los últimos dos meses. La edad media de la primera relación coital fue 15,15 y el 13,8% de los adolescentes no hicieron uso del preservativo en dicho contacto. Además cabe destacar, que la media del número de parejas a lo largo de su vida fue de 2,83 y de 1,10 durante los dos últimos meses, y que el 69,3% de los adolescentes hicieron un uso inconsistente del preservativo en la relaciones coitales mantenidas durante los dos últimos meses. Asimismo, el 16,2% de los adolescentes indicaron haber mantenido relaciones sexuales anales y el 45,45% relaciones sexuales orales.

Los resultados encontrados ponen de manifiesto que los adolescentes emiten conductas sexuales de riesgo, por lo que de este estudio se desprende la necesidad de aumentar y/o mejorar las intervenciones que se están llevando a cabo con este rango de edad.

Esta investigación ha sido realizada gracias al apoyo financiero de la Consejería de Economía, Innovación y Ciencia, Junta de Andalucía (Ref: P09-SEJ-5068)

PD (investigador)

SAÚDE - Psicología de la Salud

BURNOUT Y SOBRECARGA PERCIBIDA EN AMAS DE CASA CON DIFERENTES JORNADAS LABORALES. *María Erika Ortega Herrera, Godeleva Rosa Ortiz Viveiros (Universidad Veracruzana - México)*

Ante las altas exigencias a que se ve sometida la mujer de hoy en día con más de un rol de vida (jornada única, doble o triple), puede llegar a la presencia de Burnout, derivado del estrés al que están enfrentadas y verse reflejado en su salud física y emocional. El objetivo de este estudio fue conocer el nivel en el que se presentan las dimensiones: agotamiento emocional y realización personal del SBO, la sobrecarga percibida, la sintomatología asociada al estrés y la manera en como perciben su estado general de salud las amas de casa que laboran en jornadas: única, doble o triple. Es un estudio cuantitativo descriptivo correlacional y diseño no experimental transversal. Se aplicó un cuestionario de datos generales, además de las subescalas de Agotamiento Emocional y Realización Personal del MBI, Cuestionario General de Salud (GHQ), Inventario de Sintomatología del Estrés (ISE), y Escala de Carga Percibida de Zarit en una muestra total de 759 amas de casa pertenecientes a cinco estados de la República Mexicana.

Resultados: En esta investigación se encontró que las amas de casa con jornada única presentan mayor agotamiento emocional, se perciben sobrecargadas en sus actividades y presentan porcentajes ligeramente más elevados en las categorías de sintomatología asociadas al estrés en comparación con las de jornada triple. No obstante, las amas de casa con jornada triple reportan niveles altos en sintomatología psicológica y social, pero son las que reportan mayor realización personal en comparación con las mujeres en los otros dos tipos de jornada.

Conclusiones: La intensidad de la jornada laboral es considerada como sobrecarga por las amas de casa con jornada única y doble, teniendo como resultado repercusiones en su salud. Por otra parte el agotamiento emocional (dimensión del síndrome de burnout) y los síntomas asociados al estrés, no mostraron relación con la intensidad de la jornada, sin embargo, si se encuentran en riesgo de padecerlo.

Burnout, amas de casa, jornadas laborales

SAÚDE - Psicología de la Salud

EVALUACIÓN DE LA ACTITUD HACIA LOS ROLES DE GÉNERO: DIFERENCIAS POR GÉNERO EN ADOLESCENTES ESPAÑOLES DE CENTROS DE ENSEÑANZA PÚBLICOS Y PRIVADOS. *Inmaculada Teva, Mª Teresa Ramiro, Mª Paz Bermúdez* (*Universidad de Granada)*

Los adolescentes y las mujeres se encuentran en mayor situación de riesgo de transmisión de EST/VIH. Cabe pensar en la existencia de una serie de factores relacionados con el género y el aumento en la vulnerabilidad frente a la infección por el VIH/sida y otras ITS. Se pueden identificar factores que hacen referencia a los roles de género y las dinámicas de poder en relación con la infección por el VIH/sida. Se estima que unas actitudes más favorables a la existencia de roles diferenciados (Hombre/Mujer) fomenta una mayor desigualdad de género, que puede relacionarse con un comportamiento pasivo en el contexto de las relaciones sexuales de la mujer y con la mayor emisión de conductas sexuales de riesgo, ya que las mujeres tienen menos capacidad para decidir que los varones. Por todo ello, el objetivo del presente estudio es determinar las actitudes hacia los roles de género en una muestra de adolescentes españoles, en función del sexo y del tipo de centro escolar (público y privado).

La muestra está formada por 1.504 adolescentes de edades comprendidas entre los 15 y 18 años (Media=16,31; DT=1,00). Se trata de una muestra una muestra representativa de la población de adolescentes españoles escolarizados, en función de la comunidad autónoma, el sexo y el tipo de centro (público y privado). Se aplicó el Cuestionario de Actituces hacia los Roles de Género (Matud, Padilla y Gutiérrez, 2005). Los investigadores, acudieron a los centros de enseñanza seleccionados donde la evaluación fue realizada en las aulas en grupos de 15-20 alumnos, bajo las mismas condiciones.

Los resultados ponen de manifiesto que los varones mostraron mayores actitudes favorables a la existencia de roles separados para hombres y mujeres, que las mujeres. Además se confirmó que dichas diferencias se mantuvieron independientemente del tipo de centro al que asistían.

Por ello, se pone de manifiesto la necesidad de intervenir a este nivel, debido a que se ha demostrado que las desigualdades de género conllevan a manifestaciones estructurales, sociales y sexuales, entre las que se encuentra una mayor probabilidad de infectarse por el VIH/Sida y otras ITS

Esta investigación ha sido realizada gracias al apoyo financiero de la Consejería de Economía, Innovación y Ciencia, Junta de Andalucía (Ref: P09-SEJ-5068)

PD (investigador)

SAÚDE - Psicología de la Salud

MIEDO A LA NEGOCIACIÓN DEL USO DEL PRESERVATIVO Y ASERTIVIDAD SEXUAL EN ADOLESCENTES: DIFERENCIAS EN FUNCIÓN DE LA SATISFACCIÓN SEXUAL. *Mª Paz Bermúdez, Mª Teresa Ramiro, Inmaculada Teva* (*Universidad de Granada)*

Según la UNESCO, 40 millones de adolescentes se infectarán del VIH hasta el año 2030. Por ello, es necesario determinar las variables que influyen en la conducta sexual de riesgo. En este sentido la búsqueda de la satisfacción sexual entre los adolescentes puede motivar una conducta sexual no segura. Por ello, el objetivo del presente estudio es determinar la relación entre la satisfacción sexual y el miedo la negociación del uso de preservativo y la asertividad sexual.

La muestra está formada por 1.504 adolescentes de edades comprendidas entre los 15 y 18 años (Media=16,31; DT=1,00). Se trata de una muestra una muestra representativa de la población de adolescentes españoles escolarizados, en función de la comunidad autónoma, el sexo y el tipo de centro (público y privado). El 48,4% son varones (Media=16,33; DT=0,99) y el 51,6% mujeres (Media=16,28; DT=1,02). Los investigadores, previamente entrenados en la aplicación de los cuestionarios, acudieron a los centros de enseñanza seleccionados donde la evaluación fue realizada en las aulas. Los cuestionarios se aplicaron de forma colectiva en grupos de 15-20 alumnos, bajo las mismas condiciones para todos los participantes. Se proporcionó a todos los estudiantes información sobre el estudio y se garantizó la confidencialidad y el anonimato de sus respuestas. Se aplicó el Cuestionario sobre Miedo a la Negociación del Uso del Preservativo (Wingood y DiClemente, 1998), la Escala de Asertividad Sexual (Morokoff, Quina, Harlow et al., 1997) y la Escala de Satisfacción Sexual (Diclemente, 2006).

Los resultados ponen de manifiesto que los adolescentes que indicaron mayor satisfacción sexual personal mostraron mayores puntuaciones en asertividad para iniciar la actividad sexual, para rechazar mantener relaciones sexuales y para llevar a cabo conductas preventivas. Igualmente, los adolescentes que otorgaron mayor importancia a la satisfacción sexual de su pareja para su propia satisfacción sexual, mostraron mayores tasas de asertividad para rechazar relaciones sexuales no deseadas y para llevar a cabo conductas preventivas. Sin embargo, no se encontraron diferencias en la asertivadad para iniciar las relaciones sexuales. Por último, aquellos adolescentes que otorgan mayor importancia a la necesidad de sintonía entre la pareja para su propia satisfacción sexual, mostraron mayores tasas de asertividad tanto para iniciar las relaciones sexuales, rechazar las relaciones sexuales no deseadas, llevar a cabo conductas preventivas, y menos miedo para negociar el uso del preservativo.

Se destaca la necesidad de evaluar las prácticas sexuales habituales en la población adolescente y la satisfacción sexual por considerar que la insatisfacción sexual es un factor de riesgo para el VIH y otras infecciones de transmisión sexual.

Esta investigación ha sido realizada gracias al apoyo financiero de la Consejería de Economía, Innovación y Ciencia, Junta de Andalucía (Ref: P09-SEJ-5068)

PD (investigador)

SAÚDE - Psicología de la Salud

MODELO PRACTICE: ADAPTACIÓN AL ESPAÑOL Y AL CATALÁN PARA ADULTOS, NIÑAS Y NIÑOS. *Josep Vilajoana Celaya (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya, Barcelona, España), Mª Claustre Jané Ballabriga (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, España), Mª Teresa Sánchez-Mora García (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya , Barcelona, España), Ricard Cayuela Dalmau (Col.legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya ,Barcelona, España), Stephen Palmer (Coaching Psychology Unit, City University London, UK).*

El movimiento de Coaching Psychology está presente en muchos países. Se originó en Australia y en Reino Unido en los grupos de interés de las asociaciones oficiales de Psicólogos (APS y BPS). España se adhirió en 2010, siendo su representante oficial el "Col•legi Oficial de Psicòlegs de Catalunya". PRÁCTICE es un enfoque cognitivo-conductual orientado a solución en siete pasos, desarrollado por el profesor Stephen Palmer.

Objetivos: El objetivo de este trabajo es centrar el marco de la Coaching Psychology como una subdisciplina de la psicología, así como un movimiento internacional que se basa en tres pilares: la investigación, los modelos teóricos y la aplicación profesional. El modelo de coaching PRACTICE, está suficientemente contrastado así como la revisión de la "P" que incluye un enfoque positivo del tema a tratar. Aun así, es preferido el sentido original de la "P" de problema. Otro objetivo es desarrollar la adaptación del modelo de coaching PRACTICE para su uso en los idiomas español y catalán, así como la adaptación a los niños y adolescentes.

Metodología: Realizamos una revisión a fondo del modelo de literatura práctica con el fin de conocer todas las posibles connotaciones en diferentes idiomas que se han adaptado al modelo. El acrónimo, PRACTICE, representa exactamente los siete pasos claves: Opciones preferidas; Metas realistas desarrolladas; Soluciones alternativas generadas; Consideración de las consecuencias; Identificar la solución/es más viable (s) ; Implementación de la solución/es elegida (s); Evaluación.

El propósito del acrónimo PRACTICE en español y catalán, expresa el enfoque a solución y a la psicología cognitivo-conductual. Al mismo tiempo, fueron revisados los programas de prevención para niños y adolescentes, que informaron del revisado modelo PRACTICE, para implementar en niños.

Resultados: El significado de cada paso del acrónimo PRACTICE, convenientemente traducido al español y al catalán, con las palabras IDEACIÓN / IDEACIÓ respectivamente. En su aplicación en el programa infantil, al acrónimo se traduce en TÍTERE / TITELLA respectivamente. La adaptación de modelos de coaching, como es el caso de PRACTICE, al español y al catalán para adultos y niños, está en marcha y se espera poder demostrar la utilidad del trabajo de investigación con el acrónimo de las lenguas del trabajo.

Conclusiones: PRACTICE, ha sido adaptado a lenguas y culturas diferentes, incluyendo portugués y español. Sin embargo, la adaptación de los modelos de coaching a diferentes culturas, es un proceso continuo y la investigación se llevará a cabo para confirmar su idoneidad. El programa infantil es nuevo y se espera que la implantación resultante, abra un nuevo camino para la aplicación del modelo en estas primeras etapas de la vida.

Modelo de Coaching Practice, adaptación al catalán, adaptación al español, adaptación infantil.

SAÚDE - Psicología de la Salud

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

RELACIÓN ENTRE INTENSIDAD DEL DOLOR MENSTRUAL Y LA EDAD: ESTUDIO EN LA COMUNIDAD AUTÓNOMA DE MADRID. *Cristina Larroy (Departamento de Psicología Clínica. Universidad Complutense de Madrid - España)*

Se define como dismenorrea primaria o funcional al conjunto de síntomas (de los que el dolor es el más importante) que aparece asociado a la menstruación sin que exista ninguna causa orgánica que los justifique.

Los estudios sobre la dismenorrea en España han sido escasos, a pesar de que los pocos que se han realizado revelan una elevada presencia del trastorno entre la población femenina . Estos estudios se han centrado en la prevalencia, más que en las características sintomatológicas del trastorno

En este estudio, se investiga la relación entre la intensidad del dolor menstrual y la edad de las mujeres a las que afecta

Método:

1.387 mujeres con edades comprendidas entre los 13 y 52 años (M = 23,99; DT= 9,24) contestaron al Cuestionario de Dolor Menstrual que hacía referencia a la última menstruación.

La muestra se dividió en cuatro submuestras, en función de la edad de las mujeres: adolescentes, jóvenes, adultas, mayores)

Se realizó un análisis de la frecuencia e intensidad del dolor menstrual para la muestra total y cada una de las submuestras estudiadas.

Resultados:

Los resultados indican que el dolor menstrual afecta al 60% de la muestra estudiada, oscilando entre el 70% y el 40%, en función de la edad de las mujeres, siendo mayor la prevalencia en las adolescentes y menor entre las mujeres mayores.

Asimismo, los resultados indican que la intensidad tiene una relación inversa con la edad, siendo mayor en las submuestras de adolescentes y jóvens y menor en os grupos de adultas y mayores. Un resultado llamativo es que, en este ultimo grupo, un 30% de las mujeres sufre dolor severo o incapacitante, lo que contradice los resultados de estudios previos

Dolor menstrual, intensidad , edad.

SAÚDE - Psicología de la Salud

RELACIÓN ENTRE LA LOCALIZACIÓN DE LA SINTOMATOLOGÍA MENSTRUAL Y LA EDAD: ESTUDIO EN LA COMUNIDAD AUTÓNOMA DE MADRID. *Cristina Larroy (Departamento de Psicología Clínica. Universidad Complutense de Madrid - España)*

La dismenorrea primaria o funcional está constituida por un conjunto de síntomas (entre los que destaca el dolor) que aparece asociado a la menstruación sin que exista causa orgánica que lo. Justifique- Los estudios sobre la dismenorrea son escasos en España y se han centrado, habitualmente, en la prevalencia del trastorno, más que en otras características el mismo. Sin embargo, parece importante conocer esas características: cómo y cuando aparecen los síntomas, dónde se localizan (área corporal de la mujer), cuánto duran y cómo varían em función de la edad de las mujeres que sufren esos síntoma. En este estudio, se investiga la relación entre la localización del dolor y las molestias menstruales y la edad de las mujeres a las que afecta. Método: 1.387 mujeres con edades comprendidas entre los 13 y 52 años (M = 23,99; DT= 9,24) contestaron al Cuestionario de Dolor Menstrual que hacía referencia a la última menstruación. La muestra se dividió en cuatro submuestras, en función de la edad de las mujeres: adolescentes, jóvenes, adultas, mayores). Tras la revisión de estudios previos, se establecieron cinco áreas corporales relacionadas con la sintomatología dismenorreica: abdomen, región lumbar, mamas, parte alta de las piernas (o muslos) y otros. Se realizó um análisis de la frecuencia y localización del dolor y molestias menstruales para la muestra total y cada una de las submuestras estudiadas. Resultados: Los resultados indican que existen diferencias significativas entre los grupos de edad respecto al area corporal donde se localizan el dolor y las molestias menstruales. En general, existe una relación inversa entre el dolor abdominal y la edad y una relación directa entre la tensión mamaria y la edad. Se define como dismenorrea primaria o funcional al conjunto de síntomas (de los que el dolor es el más importante) que aparece asociado a la menstruación sin que exista ninguna causa orgánica que los justifique. Los estudios sobre la dismenorrea en España han sido escasos, a pesar de que los pocos que se han realizado revelan una elevada presencia del trastorno entre la población femenina . Estos estudios se han centrado en la prevalencia del trastorno, más que en otras características el mismo. En este estudio, se investiga la relación entre la localización del dolor y molestias menstruales y la edad de las mujeres a las que afecta.

Dolor menstrual, localización, edad.

SAÚDE - Psicología de la Salud

XÉNERO E COIDADO DE PERSOAS DEPENDENTES: POR QUE COIDAMOS AS MULLERES E QUE CUSTOS PSICOSOCIAIS SOPORTAMOS. *Concepción Fernández Fernández (Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia, Galicia, España).*

Coidar é un verbo feminino. No inicio do s. XXI, as mulleres continúan soportando maioritariamente a carga do coidado das persoas dependentes. Desde unha perspectiva de xénero, esta situación está fondamente ligada coa construción da identidade e desenvolvemento dos roles de xénero, que colocan as mulleres nunha situación de desigualdade estrutural respecto dos ámbitos públicos-políticos e privados-persoais, nos que se soporta o coidado e reprodución da sociedade. En calidade de fillas, esposas ou nais, as mulleres somos coidadoras dalgunha persoa dependente en cerca de 100.000 fogares galegos. Este desigual reparto da carga do coidado ten importantes consecuencias psicosociais na vida das mulleres, como o nomeado síndrome da coidadora, que se manifesta en diferentes trastornos psicolóxicos, psicosomáticos e sociais, que deben abordarse profesionalmente tendo en conta a perspectiva de xénero. Con estes presupostos, coordinouse e desenvolveuse un proxecto de colaboración entre o Colexio Oficial de Psicoloxía de Galicia e a Secretaría de Igualdade da Xunta de Galicia durante dous anos para crear e dinamizar en diferentes concellos galegos grupos de autocoidado psicosocial dirixidos a mulleres coidadoras informais. Desde unha perspectiva psicosocial, considerouse que a forma máis adecuada para abordar a situación era o traballo en grupos. Os obxectivos xerais dos grupos eran a toma de conciencia da situación e as consecuencias psicosociais asociadas á relación de coidado de dependentes, recoñecer e aplicar habilidades sociais e de comunicación na relación coa persoa dependente e co entorno, e coñecer e aplicar hábitos de autocoidado. A dinámica do grupo comezaba coa toma de conciencia da situación e, as consecuencias psicosociais asociadas á relación de coidado de dependentes para ir empoderándose e recoñecendo recursos propios e comunitarios para a corresponsabilidade e apoio instrumental, informativo, emocional e social das coidadoras. Entre os aspectos traballados destacamos o perfil da coidadora, a relación de coidado, as consecuencias psicosociais do coidado, a necesidade de empoderamento das coidadoras, o autocoidado físico e emocional, habilidades sociais e de comunicación da coidadora e asertividade. A avaliación da dinámica grupal realizouse rexistrando o grao de participación nas actividades propostas, reflexión e análise dos casos presentados para o diálogo e discusión, así como sinais verbais e non verbais de satisfacción coas actividades propostas. Completouse a avaliación recollendo nun breve formulario as valoracións das persoas participantes.

Palabras clave: xénero, coidado, consecuencias psicosociais

Nivel do traballo: P

SAÚDE - Psicología de la Salud

A INTEGRALIDADE NA ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA VISÃO INTEGRAL DE KEN WILBER. *Célio Carlos de Souza*, Alexandre Frank Silva Kaitel (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG)*

Objetivou-se com o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentar uma reflexão acerca da integralidade na atenção em saúde mental, bem como da teoria integral de Ken Wilber. Este tema foi destacado a partir do interesse pela área de saúde mental e por estar presente na atual legislação do Sistema Único de Saúde (SUS), como um de seus princípios, junto à universalidade e a equidade. Antes de adentrar especificamente no âmbito do SUS, perpassou-se por uma exposição da História da Loucura, no intuito de retomar a triste realidade encontrada nos manicômios e hospitais psiquiátricos, para melhor compreender as novas políticas da luta antimanicomial. Para a compreensão do princípio da integralidade, bem como a verificação de sua aplicabilidade nas práticas dos profissionais de saúde, notadamente na área de saúde mental, fez-se uma minuciosa pesquisa em diversos documentos e publicações relacionados ao SUS. A integralidade no Sistema Único de Saúde pôde ser compreendida a partir de duas definições, a saber: numa perspectiva holística, com a compreensão da pessoa como um ser biopsicossocial, ou seja, levam-se em consideração questões como as relações familiares, afetivas, comunitárias, com a justiça, a educação, a saúde, a assistência, a moradia etc.; ou como um conjunto articulado de ações e serviços que abrangem a promoção, prevenção, tratamento e reabilitação dos usuários do Sistema Único de Saúde. Apresentou-se também a contribuição de autores que se propõem a discutir temas ligados à área da saúde, principalmente às duas definições relacionadas ao princípio da integralidade. No entanto, o principal teórico abordado neste trabalho foi o filósofo americano Ken Wilber, criador do Integral Institute, organização dedicada ao detalhamento, difusão e implantação do Modelo Integral, por ele desenvolvido ao longo das últimas três décadas e que é aplicável a variadas áreas de atividades como psicologia, política, ecologia, medicina, educação, direito, negócios, arte, espiritualidade, entre outras. Atualmente, a base da teoria wilberiana é o Modelo AQAL, compreendido por quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos, dentre os quais, para estudo neste trabalho optou-se apenas pela parte referente aos quatro quadrantes. A principal metodologia utilizada neste trabalho foi a revisão bibliográfica, além da observação participante realizada em alguns dispositivos da Rede de Atenção em Saúde Mental da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. Notou-se a difícil tarefa de compreender o princípio da integralidade no SUS através de sua legislação e diretrizes, bem como de autores que discutem o tema, além das dificuldades em sua aplicabilidade nas práticas dos profissionais da Rede de Atenção em Saúde Mental. Verificou-se a existência de possíveis pontos de correlação e convergência entre o princípio da integralidade na atenção em saúde mental e a Visão Integral de Ken Wilber. Percebe-se a proximidade do princípio da integralidade no Sistema Único de Saúde com a teoria wilberiana, sobretudo em relação à ideia dos quatro quadrantes verificada neste trabalho.

Integralidade. Atenção em Saúde Mental. Modelo AQAL.

SMENTAL

ACOLHIMENTO DA CRISE E POSSIBILIDADE DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS: AS OFICINAS TERAPÊUTICAS E O MÉTODO INTERPRETATIVO. *Fernanda Crosara Ladir, Camila Assis Muniz (Graduandas de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia- MG), Maria José de Castro Nascimento (Mestre e Psicóloga da Enfermaria de Psiquiátrica do Hospital de Clinicas da Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia- MG).*

O presente trabalho trata de um relato de experiência de quatro oficinas terapêuticas realizadas na Enfermaria de Psiquiatria do Hospital de Clínicas da UFU, decorrente do projeto de extensão intitulado "Oficineiros do HC" realizado em 2011 e que envolveu graduandos de Psicologia, profissionais de Psicologia da enfermaria psiquiátrica e pacientes da psiquiatria, e objetivou a reflexão, o conhecimento e os resultados dessa forma de intervenção em saúde mental. Nortearam nossas ações intervenções-investigativas dentro da perspectiva da psicanálise. As etapas metodológicas foram: (1) revisão bibliográfica sobre os temas que envolvem oficinas terapêuticas, reforma psiquiátrica e saúde mental, (2) agendamento das oficinas, (3) criação e planejamento das oficinas, (4) confecção e aquisição dos materiais necessários para a realização das oficinas, (5) realização de quatro oficinas terapêuticas, (6) elaboração de relatórios pelas organizadoras e coordenadoras das oficinas, (7) supervisões após cada prática realizada, e (8) discussão, reflexão e supervisão final sobre a experiência. Partiu-se de uma perspectiva que percebe a arte como uma estratégia terapêutica produtiva e as oficinas como um espaço de reabilitação psicossocial, expressão e resgate da condição de seres humanos escondida pela crise. Essas atividades lúdicas permitem que os pacientes psiquiátricos constituam subjetividades no momento de crise, e consigam com isso elaborar melhor seu sofrimento psíquico. Para esclarecer os objetivos das oficinas, é fundamental entender que elas estão intimamente ligadas a um outro paradigma que ampara a Reforma Psiquiátrica no Brasil: a reabilitação psicossocial, entendida como o processo que facilita ao usuário com limitações, a sua melhor reestruturação de autonomia de suas funções na comunidade. A Reforma tem a finalidade de recuperar o louco como cidadão, através de ações que passam fundamentalmente pela inserção do paciente psiquiátrico no trabalho e/ou em atividades expressivas, artísticas, artesanais, ou em dar-lhe acesso aos meios de comunicação, entre outros. O papel do coordenador das oficinas é o de considerar além dos sintomas, as particularidades de cada paciente, bem como o contexto institucional onde este se encontra. Após tudo que foi visto e observado no decorrer da realização dessa prática pode-se perceber o quanto atividades como estas fazem surgir nos alunos da graduação reflexões e questionamentos que são de extrema importância para a sua formação profissional. Os pacientes participaram bastante fazendo com que as oficinas ocorressem de forma tranqüila e nos trouxessem uma experiência positiva quanto à realização, prática e possibilidades da mesma, demonstrando o quanto é importante o espaço de escuta que essa atividade proporciona a tais pacientes. Esta prática permite uma apropriação da história de vida desses sujeitos. As oficinas, o trabalho e a arte podem funcionar como catalisadores da construção de territórios existenciais, ou de "mundos" nos quais os usuários possam reconquistar ou conquistar seu cotidiano. Entende-se portanto, que as oficinas em Saúde Mental caminham na direção da Reabilitação Psicossocial, e na humanização do atendimento em saúde mental, possibilitando uma redução do sofrimento psíquico de pacientes em crise, e uma possibilidade de reorganização e reestruturação psíquica e social de tais pacientes.

Oficinas terapêuticas; acolhimento da crise; Reabilitação Psicossocial;

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ADAPTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL PARA MENINOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL.

Jean Von Hohendorff, Luísa Fernanda Habigzang, Silvia Helena Koller (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Objetivou-se adaptar e avaliar um modelo de intervenção cognitivo-comportamental para meninos vítimas de Violência Sexual (VS), derivado de um modelo avaliado com meninas. Os estudos sobre avaliação de tratamentos psicológicos de crianças e adolescentes vítimas de VS realizados no Brasil indicam a eficácia da terapia cognitivo-comportamental na redução de sintomas, porém, esses focalizaram apenas o público feminino. O estudo é composto por um artigo teórico sobre VS contra meninos, um capítulo de livro que descreve o processo de adaptação do modelo de intervenção, um artigo no formato de relato de experiência sobre a produção e utilização de um documentário sobre VS contra meninos utilizado na aplicação do modelo adaptado e um artigo com os resultados da avaliação desse modelo. O conteúdo abordado no artigo teórico sobre VS contra meninos foi utilizado na adaptação do modelo, a qual compreendeu cinco etapas distintas. Essas foram detalhadamente descritas em um capítulo de livro: 1) reunião com a equipe responsável pela aplicação da intervenção utilizada com meninas; 2) reunião com um psicólogo que possuía experiência na condução de pesquisas com meninos vítimas de VS; 3) confirmação, com base na literatura científica, das adaptações propostas nas etapas anteriores; 4) nova reunião com a equipe responsável pela aplicação da intervenção psicológica utilizada com meninas para discussão final das adaptações; 5) realização de um estudo piloto com um menino vítima de VS, no qual se verificou, na prática, a adequação das adaptações propostas. Durante esse processo de adaptação, um documentário sobre VS contra meninos foi produzido. Sua produção e utilização foram descritas em um artigo no formato de relato de experiência. Para a avaliação do modelo adaptado, utilizou-se o método de estudo de casos múltiplos. Três meninos vítimas de VS, com idades entre oito e 16 anos, foram avaliados antes e após a intervenção por meio de instrumentos psicológicos quanto a sintomas comumente presentes em vítimas de VS. A aplicação do modelo adaptado foi realizada por três pesquisadores distintos e avaliada por três juízes independentes por meio de seis indicadores. Além disso, os participantes avaliaram a intervenção por meio de relatos escritos. As avaliações sintomatológicas realizadas antes e após a intervenção indicaram a variabilidade no número de sintomas para cada participante, sendo que fatores pessoais relacionados à VS e ao histórico de cada um deles podem ter influenciado esses resultados. A avaliação da aplicação do modelo adaptado indicou a formação de uma boa aliança terapêutica entre os participantes e os pesquisadores, o que facilitou a autorrevelação por parte dos meninos. Os relatos escritos realizados produzidos pelos participantes indicaram a adequação da maioria das atividades, com exceção das atividades de Treino de Inoculação do Estresse (TIE), uma vez que os meninos mencionaram não gostar de falar sobre os episódios de VS sofridos. Tais resultados se constituem como evidências iniciais sobre a ação terapêutica do modelo adaptado.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ADOLESCENTES QUE CONVIVEM COM A DEPENDÊNCIA QUÍMICA: AVALIAÇÃO DE UM SERVIÇO DE PREVENÇÃO. *Thaís dos Reis Vilela**, Rebeca Souza e Silva, Marina Monzani da Rocha, Neliana Buzi Figlie. (Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica, Universidade Federalde São Paulo, São Paulo, SP)*

As investigações das últimas três décadas têm demonstrado que a exposição ambiental de crianças e adolescentes ao uso de álcool ou drogas pelos pais está associada a vários resultados negativos em seu desenvolvimento. O objetivo deste estudo foi investigar a efetividade de um modelo de intervenção preventiva com adolescentes que convivem com a dependência química em suas famílias. A amostra do estudo foi composta por um Grupo Intervenção (GI), no qual foram alocados 67 adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, assistidos em um serviço de prevenção localizado no Bairro Jardim Ângela, periferia da cidade de São Paulo entre 2001 e 2008. O Grupo Controle (GC) foi composto por 35 adolescentes participantes de Centros de Juventude da região. Os grupos foram pareados por sexo, idade, tipo de substância consumida e membro dependente químico. Os dados foram coletados por meio de um protocolo contendo questões sobre dados sociodemográficos e o Inventário de Autoavaliação para Adolescentes de 11 a 18 anos (YSR). Realizou-se a análise descritiva dos dados e, para a verificação de presença de associações estatísticas significativas (p≤0,05), o teste X2 de Pearson foi utilizado. Para a análise múltipla, utilizou-se a regressão logística. Da amostra pesquisada 57% é do sexo masculino e 43% do sexo feminino. A idade média é 14 anos (dp=1,70). De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil, (CCEB) 20,6% pertence à classe D, 66,7% à classe C e 12,7% à classe B2. A maioria dos pais são casados ou amasiados (51%) e 71,6% das mães e 81,3% dos pais estão no mercado de trabalho. Em 66,7% dos casos, o dependente químico é parente em primeiro grau e em 33,3% parentes em segundo grau. A substância mais consumida é o álcool (58,8%) enquanto que 41,2% consome substâncias ilícitas. Os resultados apontam que o GI é mais protegido de presenciar agressões físicas entre familiares (p=0,014) e tem mais chances do membro dependente químico já ter passado por algum tratamento anteriormente (p=0,021). Apesar do GI ser o grupo mais vulnerável no fator socioecônomico, ainda assim é o grupo mais protegido, ou seja com a menor proporção de adolescentes com escores clínicos no YSR (p=0,009). Esse trabalho pretende somar com os achados da literatura nacional sobre o tema, norteando estratégias de prevenção e promoção de saúde direcionadas a familiares e filhos de dependentes químicos. Além disso, considerando a escassez de políticas públicas e financiamentos direcionados para prevenção no Brasil, este estudo aponta a efetividade de um serviço de prevenção e sustenta a necessidade e importância de investimento em serviços e políticas públicas desta ordem.

Filhos de Dependentes Químicos, Inventário de Autoavaliação para Adolescentes (YSR), Prevenção

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

SMENTAL

AMBIENTE FAMILIAR E DEPRESSÃO MATERNA: ESTRESSORES E CUIDADOS FAMILIARES. *Isabela Mendes Vilanova e Silva* (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Fernanda Aguiar Pizeta**, Ana Paula Casagrande Silva**, Sonia Regina Loureiro (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

Sob o enfoque teórico da Psicopatologia do Desenvolvimento, o contexto familiar de desenvolvimento das crianças pode contribuir tanto para promover competência quanto a dificuldade. A depressão materna configura-se como uma condição que influencia o ambiente familiar, favorecendo dificuldades comportamentais de crianças em idade escolar, o que mais recentemente, tem sido relacionado não só à psicopatologia materna, mas à cronicidade de eventos estressores no ambiente familiar. Destaca-se que nem todas as crianças que convivem com mães depressivas desenvolvem problemas comportamentais, sendo de interesse verificar as condições que favorecem tais desfechos. Objetivou-se comparar as condições contextuais do ambiente de famílias que convivem com a depressão materna recorrente, identificando os principais estressores presentes no ambiente familiar de crianças com e sem dificuldade de comportamento, segundo a percepção das mães. Foram avaliadas 40 díades, mães e crianças, estas de ambos os sexos, na faixa etária de sete a 12 anos, cujas mães apresentavam diagnóstico psiquiátrico de Depressão Recorrente. As crianças foram distribuídas em dois grupos de acordo com os indicadores comportamentais, sendo G1 crianças com dificuldades comportamentais (n=18) e G2 crianças sem tais dificuldades (n=22). As mães responderam aos seguintes instrumentos: a) Entrevista Clínica Estruturada para o DMS-IV; b) Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ); c) Escalas de Eventos Adversos e de Adversidade Crônica; c) Entrevista com Roteiro Semi-Estruturado; d) Questionário Sociodemográfico. As crianças responderam aos testes: a) Matrizes Progressivas Coloridas de Raven; b) Teste do Desempenho Escolar. Os instrumentos psicométricos foram codificados conforme as normas. As entrevistas foram transcritas, categorizadas e submetidas à concordância, sendo pontuadas quanto à presença ou ausência de estressores e eventos adversos relativos: a) ao contexto geral; b) a doenças, perdas e organização familiar; c) às interações familiares e práticas educativas; d) a problemas de saúde e de comportamento das crianças. Os dados foram quantificados e os grupos comparados por procedimentos estatísticos ($p<0,05$). Com relação ao perfil sociodemográfico e aos recursos do ambiente familiar, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Na análise estatística relativa às categorias de eventos estressores verificou-se, com diferença significativa, a presença de maior número de estressores (total) para o G1 em comparação ao G2 (G1=27,50; G2=14,77; Mann-Whitney=72, 000; p=0,000), além de diferenças quanto aos estressores do contexto geral, das interações familiares e práticas educativas e dos problemas relativos à criança. Verificou-se que o ambiente familiar, das crianças com dificuldade de comportamento que convivem com a depressão materna, caracterizou-se pela presença de um maior número de eventos estressores em comparação às crianças sem dificuldade, as quais se mostraram mais adaptadas, o que se faz pensar na possível ação de fatores de proteção. Conclui-se que, a presença de mais dificuldades comportamentais em crianças que convivem com uma diversidade de estressores, que se sobrepõem à depressão materna, aponta para a sinergia dos problemas comportamentais das crianças com outras condições além da depressão materna. Tal dado é relevante para o planejamento de práticas de saúde mental que abarquem a complexidade e a

multiplicidade dos eventos estressores presentes no cotidiano de famílias que convivem com a depressão materna.

CNPq

Palavras-chave: Depressão Materna; Comportamento Infantil; Estressores

Iniciação Científica – IC

SMENTAL

ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA SOBRE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL PARA PORTADORES DE TRANSTORNO MENTAL.

*Fabricia Creton Nery**; Bárbara Any Bianchi Bottaro de Andrade*; Marcela Gouvêa Guedes*; Ramon Theodoro de Sousa Braga*; Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG)*

Estudos apontam diversas dificuldades no tratamento de pacientes portadores de transtorno mental, como o estigma relacionado a essa condição de saúde, ressaltando a necessidade de desenvolver intervenções eficazes. As intervenções psicossociais têm sido apontadas como uma estratégia importante para melhorar a qualidade de vida dessa população. O presente estudo objetivou avaliar os indicadores bibliométricos da literatura científica sobre intervenções psicossociais elaboradas para portadores de transtorno mental. As buscas foram realizadas nas bases de dados Web of Science, Pubmed, Psycinfo, Scielo, Lilacs e Scopus, utilizando os descritores "mental disorder" e "mental illness" cruzados com o termo "psychosocial intervention". A busca resultou em 458 artigos, dos quais 100 estavam duplicados e foram excluídos. Os 358 artigos selecionados foram analisados seguindo os critérios de inclusão: a) ser um estudo empírico; b) referir-se a um estudo sobre intervenção psicossocial para portadores de transtorno mental; c) ter o texto completo disponível. Após a avaliação desses critérios, 25 artigos foram incluídos na amostra final para categorização. A partir da análise dos indicadores bibliométricos, verificou-se um crescimento de 20 % da publicação entre os intervalos de anos de 2002-2007 e 2008-2012, com destaque para o ano 2011 que publicou o maior número de artigos (n=8). No que se refere ao tipo de delineamento dos artigos, 24% possuíam o delineamento transversal e 76% delineamento longitudinal. Noventa e dois por cento dos estudos apresentaram metodologia quantitativa, 4% apresentaram metodologia qualitativa e 4% apresentavam metodologia mista. Na amostra analisada, duas revistas apresentaram mais de uma publicação (Schizophrenia Bulletin e International Journal of Psychiatry in Clinical Practice). Dentre os países nos quais os estudos foram desenvolvidos, destacam-se os Estados Unidos da América (44%), seguido por Austrália, Holanda e Israel (8% cada). Com relação à população estudada, 52% dos estudos utilizaram uma amostra composta por apenas um tipo de transtorno, sendo o mais frequente a esquizofrenia; 24 % utilizaram uma amostra composta por mais de um transtorno; e 24 % não especificou o transtorno estudado. O tamanho da amostra variou de n = 4 a n = 1071, sendo que cinco trabalhos constituíam-se de estudos piloto. Nos artigos analisados, cinco mencionavam o estigma, dentre os quais três estudos abordavam o estigma na intervenção e dois o mencionavam na discussão. No tocante às temáticas mais recorrentes nas intervenções, ressalta-se a relação com a comunidade, a promoção de habilidades, a psicoeducação e o gerenciamento da condição de saúde. Verificou-se que todos os artigos foram publicados em língua inglesa e todos se caracterizaram-se por autoria múltipla, nos quais 88,8 % dos autores publicaram apenas uma vez sobre o tema e 11,2 % publicaram mais de uma vez. Tendo em vista o crescimento de publicações na área, salienta-se o crescente interesse e necessidade em se promover intervenções qualificadas para essa população. Ressalta-se a necessidade de uma investigação mais ampla sobre a temática, sobretudo o desenvolvimento de pesquisas que busquem investigar como, onde e com qual objetivo as intervenções psicossociais são realizadas nos serviços de atendimento ao portador de transtorno mental.

Saúde mental, intervenção psicossocial, psicologia social

CNPq - MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 07/2011

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ASPECTOS COMPORTAMENTAIS DE CRIANÇAS QUE CONVIVEM COM A DEPRESSÃO MATERNA: ESTUDO LONGITUDINAL. *Maria Isabela Brasil Cartafina, Thaysa Brinck Fernandes Silva, Ana Vilela Mendes, Sonia Regina Loureiro (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

Estudos empíricos recentes têm demonstrado que a depressão materna tem um impacto negativo para o comportamento das crianças, apontando, ainda, para a carência de estudos longitudinais, que permitam avaliar a continuidade de tal impacto em momentos distintos do desenvolvimento. Objetivou-se: comparar os indicadores comportamentais de crianças, em idade escolar, que convivem com a depressão materna ao de crianças que convivem com mães sem história psiquiátrica, avaliadas em dois momentos próximos do seu desenvolvimento, com um intervalo de dois anos e seis meses. Participaram do estudo 62 díades mãe-criança, distribuídas em dois grupos, a saber: Grupo 1 (G1) - 31 crianças cujas mães apresentaram diagnóstico de depressão, e Grupo 2 (G2) - 31 crianças cujas mães não apresentaram diagnóstico de depressão e outros transtornos psiquiátricos. As mulheres/mães com depressão foram identificadas na atenção primária, em uma Unidade Básica de Saúde de Uberaba-MG, quando buscavam atendimento clínico, não psiquiátrico, para si. Procedeu-se a avaliação das mulheres por meio do Patient Health Questionnaire (PHQ-9) e da Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID), sendo priorizada a confirmação diagnóstica pela SCID, de Depressão Maior para a inclusão no G1 e a exclusão de depressão e de outros transtornos psiquiátricos para a inclusão no G2. As crianças, com idade entre seis e 12 anos, foram identificadas por meio de suas mães. As mães responderam ao Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança (SDQ), instrumento de rastreamento de indicadores comportamentais e a um Questionário Complementar, relativo aos dados sócio-demográficos e familiares. Os dados foram codificados segundo as recomendações técnicas e analisados por procedimentos estatísticos (p ≤ 0,10). Foram observadas diferenças significativas entre os grupos no primeiro momento, na escala problemas de relacionamento com pares e/ou colegas, constatando-se uma maior porcentagem de crianças classificadas com dificuldade em G1, em comparação ao G2; e no segundo momento, nas escalas sintomas emocionais e problemas de relacionamento com pares e/ou colegas, observando-se uma maior porcentagem de crianças com dificuldades em G1, em comparação ao G2, em ambas as escalas. Na comparação entre os momentos, as crianças de G1 e G2 apresentaram, com significância estatística, no primeiro momento, mais indicadores de problemas comportamentais em geral. Nos dois momentos verificou-se uma alta taxa de crianças com problemas comportamentais, superior a 50%, sem diferença significativa. Constatou-se que os dois grupos mostraram-se vulneráveis, independente da convivência com a depressão materna, possivelmente em função da carência econômica e da baixa escolaridade materna. Verificou-se a não continuidade dos problemas, já que ambos os grupos de crianças apresentaram menos problemas comportamentais gerais na segunda avaliação, possivelmente em função de variáveis clínicas, como o tratamento psicológico ou psiquiátrico das mães e crianças, que após a primeira avaliação e devolutiva dos dados buscaram ajuda especializada. Conclui-se que o estudo longitudinal contribuiu para verificar a ação de múltiplas variáveis quando da identificação de grupos vulneráveis, atendidos na atenção primária, sendo nesse contexto, a depressão materna mais uma variável de adversidade a adaptação das crianças.

Apoio Financeiro: CAPES, FAPESP, CNPq.

Palavras-chaves: Comportamento, crianças, depressão materna.

Mestrado - M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DE FAMÍLIAS QUE CONVIVEM COM A DEPRESSÃO MATERNA E O COMPORTAMENTO INFANTIL. *Paula Mayara Souza Theodoro* (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP), Fernanda Aguiar Pizeta**, Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP)*

Sob a perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento aspectos psicossociais podem potencializar os riscos ou favorecer o desenvolvimento infantil. Nesse contexto, a depressão materna tem sido considerada uma condição de adversidade que favorece dificuldades comportamentais de crianças em idade escolar. Aspectos como a gravidade e recorrência da depressão e condições socioeconômicas e de suporte social podem modificar os desfechos comportamentais das crianças. Formulou-se como hipótese que crianças com dificuldades comportamentais estariam expostas a condições psicossociais mais precárias e à convivência com mães com maior gravidade clínica. Objetivou-se caracterizar e comparar os aspectos psicossociais de famílias que convivem com a depressão materna recorrente, quanto às condições sociodemográficas das famílias e clínicas das mães de crianças com e sem dificuldades comportamentais. Foram estudadas 40 díades mãe-criança, estas de ambos os sexos, na faixa etária de sete a 12 anos, residentes com suas mães biológicas, as quais têm história clínica psiquiátrica com diagnóstico de Depressão Recorrente. As mães foram avaliadas pela Entrevista Clínica Estruturada para o DMS-IV para confirmação diagnóstica, e responderam aos seguintes instrumentos: a) Questionário Sociodemográfico; b) Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), relativo ao comportamento da criança. Com base na avaliação comportamental as crianças foram distribuídas em dois grupos: a) G1 - composto por 18 crianças com indicadores de dificuldades comportamentais, e b) G2 - composto por 22 crianças sem dificuldades comportamentais. Os dados dos instrumentos foram codificados, categorizados e quantificados, sendo os grupos comparados por meio de procedimentos estatísticos ($p<0,005$). Observou-se o predomínio de mães com até oito anos de estudo (72,5%), casadas ou convivendo em união estável (77,5%), com até três filhos (77,5%) e pertencentes às classes C e D (75,0%), sem diferenças estatísticas significativas em relação ao perfil sociodemográfico. Quanto às crianças, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas quanto à idade, escolaridade e gênero. Com relação ao perfil clínico das mães verificou-se que a maioria da amostra apresentou episódios depressivos moderados (75,0%) e mais de três episódios ao longo da vida (60,0%), estando 85,0% delas em uso de antidepressivo por ocasião da avaliação, sem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Quanto ao perfil comportamental das crianças, verificou-se que as crianças de G1 apresentaram escore total do SDQ superior (18,5) ao de G2 (10,8), com diferença estatisticamente significativa ($U=59,0$). Na escala de sintomas emocionais, verificou-se que as meninas tenderam a apresentar mais dificuldade que os meninos. Nas demais escalas do SDQ, não foram verificadas diferenças significativas. Considerando as semelhanças quanto ao perfil sócio demográfico e as variáveis clínicas das mães, a hipótese formulada não foi confirmada. Pode-se inferir que a presença ou ausência de dificuldades de comportamento das crianças se relacione a outras variáveis, tais como recursos do ambiente familiar e social ou mesmo recursos da própria criança, não abordadas nesse estudo. Tais dados evidenciam a necessidade de avaliações que incluam múltiplas variáveis quando do estudo do ambiente familiar de crianças que convivem com a depressão materna.

Palavras chave: depressão, família ,comportamento

Apoio: FAPESP

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE TRATAMENTO PARA DEPENDÊNCIA QUÍMICA. *Thaís dos Reis Vilela**, Janice Facchini, Valdemir Euzebio, Fabíola Alvares Garcia Serpa, Daniela Marinho Pintos, Marcelo Priante Pintos (Instituto de Terapia Comportamental / Clínica Médica Animare, São José dos Campos, SP)*

A dependência química é uma doença crônica e recorrente, que resulta de uma interação de efeitos prolongados da droga no cérebro. Entretanto, importantes aspectos sociais, culturais, cognitivos e comportamentais são partes integrantes dessa doença, que deve ser entendida e tratada dentro de um enfoque biopsicossocial. Um tratamento eficaz precisa considerar o comprometimento do usuário em todas as áreas da sua vida e, para isso, a intervenção deve ser delineada de acordo com as necessidades de cada paciente. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é apresentar os resultados preliminares de um programa de tratamento para dependência química, desenvolvido por médicos e psicólogos de São José dos Campos, interior de São Paulo. O programa envolve acompanhamento médico, testagem semanal, acompanhamento psicoterapêutico pautado na terapia cognitivo-comportamental e terapia familiar. A amostra foi composta por 15 pacientes, com idade entre 17 e 41 anos, atendidos no programa no período de Abril/2011 a Abril/2012. De acordo com os resultados, 66,7% é do sexo masculino e 33,3% do sexo feminino. A idade média é 28 anos (dp=8,45). Com relação ao estado conjugal, 53,3% são solteiros, 40% são casados/amasiados e 6,7% divorciados. A maioria (66,7%) trabalha e 46,7% possuem ensino superior incompleto. A idade média de início do uso de substâncias psicoativas foi 15 anos (dp=3,68) e a primeira substância consumida foi o álcool (53,3%), seguida por maconha (33,3%) e cocaína/crack (13,3%). No momento de ingressão ao tratamento, 46,7% eram poliusuários, 20% usuários de maconha, 20% usuários de cocaína/crack e 13,3% usuários de álcool. A maioria (66,7%) passou por algum tratamento para dependência química anteriormente, 40% possuem histórico de dependência química na família e 86,7% apresentam alguma comorbidade, entre elas transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno esquizoafetivo, transtorno bipolar e transtorno de personalidade antissocial. Constatou-se uma adesão da maioria dos pacientes (60%) atribuída ao desenvolvimento de vínculos de boa qualidade com a equipe. Para o sucesso desse trabalho interdisciplinar foi necessário encontrar uma linguagem em comum e manejar as "manipulações" dos pacientes durante os atendimentos, mantendo equilíbrio entre o estabelecimento de limites e postura não punitiva. As dificuldades encontradas nessa modalidade de tratamento envolveram a facilidade de acesso do usuário à substância psicoativa e exposição a situações de risco, além da falta de apoio familiar. Entre os desafios encontrados destacam-se a mobilização de recursos para possibilitar mudança de estilo de vida, por exemplo, volta aos estudos/trabalho, ampliação de rede social entre não usuários e melhora da qualidade das relações familiares. Considera-se que o trabalho interdisciplinar foi um dos fatores cruciais na produção de bons resultados: foi estabelecida uma comunicação adequada, clara e freqüente entre a equipe, o que cooperou para alinhar as condutas e possibilitou o acesso a informações importantes dos pacientes, bem como uma melhor compreensão clínica, mais abrangente, dinâmica e integrada.

Dependência Química, Terapia Cognitivo-Comportamental, Interdisciplinaridade

SMENTAL

AVALIAÇÃO DOS USUÁRIOS ACERCA DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. *Mara Soares Frateschi*, Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP)*

As novas práticas exercidas em saúde mental após a Reforma Psiquiátrica preconizam a desinstitucionalização e centram-se em recursos comunitários e em atendimento extra-hospitalar. Dentre os desafios e iniciativas da Reforma Psiquiátrica está a inserção da saúde mental na Atenção Primária à Saúde (APS). Neste contexto, a avaliação do usuário quanto à assistência que recebe é uma importante referência para a conformação dos novos fazeres em saúde. O presente estudo objetivou investigar a avaliação que os usuários fazem do cuidado em saúde mental oferecido por dois serviços públicos de saúde da APS e especificamente, buscou-se avaliar expectativas, experiências e satisfação dos usuários em relação ao serviço que usufruem. Os participantes foram usuários em sofrimento mental, assistidos por dois serviços de saúde da APS, a saber: a) Unidade de Saúde da Família; b) Unidade Básica de Saúde tradicional. Para a coleta de dados foi utilizado o Grupo Focal, sendo realizado um grupo em cada serviço. O material foi submetido à análise qualitativa em pesquisa e utilizou-se como ferramenta a Análise de Conteúdo Temática. Os grupos foram áudio gravados e transcritos na íntegra. A partir da leitura exaustiva do material, os resultados foram dispostos em cinco categorias temáticas, a saber: 1. Pontos Fortes - abrange os aspectos dos serviços avaliados como satisfatórios; 2. Pontos Frágeis - abarca os aspectos dos serviços avaliados como insatisfatórios; 3. Necessidades/Sugestões - inclui propostas para uma melhor assistência; 4. Comparação com outros serviços de saúde mental - trata da avaliação de outros serviços de saúde e a comparação destes com os da APS; 5. Concepções - abarca concepções acerca do serviço, do cuidado e da pessoa em sofrimento mental. Os usuários se posicionaram criticamente diante da assistência que recebem e puderam explicitar suas experiências, expectativas e percepções acerca dos serviços. Tais informações são relevantes, uma vez que carregam conteúdos individuais e coletivos, permeados por fatores econômicos, sociais, políticos e culturais. Observou-se, através dos relatos, que muitas dificuldades são encontradas para a assistência à saúde mental no contexto da APS, por exemplo, despreparo para a escuta, intervenções focadas na doença e ausência de atividades de promoção de saúde. Os usuários percebem a necessidade de uma escuta mais qualificada, que promova acolhimento e vínculo, bem como de uma assistência mais humanizada, longitudinal e integral. Conclui-se que existe uma lacuna entre ações em saúde mental e APS, e, que a avaliação feita pelos usuários constitui peça fundamental neste contexto, uma vez que os usuários fornecem informações essenciais para a construção de uma nova modalidade de agir em saúde.

Saúde Mental, Atenção Primária à Saúde, Avaliação de Serviços de Saúde.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

SMENTAL

BURNOUT E DEPRESSÃO EM RESIDENTES MÉDICOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Karina Pereira Lima, Sonia Regina Loureiro (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

Alguns ambientes de trabalho são potencialmente de risco à saúde do trabalhador, entre esses, inclui-se o hospitalar, sendo recente o estudo dessa temática. Os altos índices de burnout e depressão em residentes médicos caracterizam problemas de saúde mental associados à ideação suicida e ao aumento de erros médicos. Esta revisão sistemática teve como objetivo identificar e analisar artigos empíricos publicados nos últimos cinco anos (2007 – 2012) sobre a temática burnout e a depressão durante a residência médica, tendo por fonte as bases de dados Medline/Pubmed; LILACS; PsycInfo e Web of Science. Procedeu-se a busca, utilizando-se as palavras-chave "burnout and internship"; "depression and internship"; "burnout and residency training"; "depression and residency training", seguida da leitura sistemática dos resumos com o objetivo de aplicar os critérios de inclusão e exclusão. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a) idioma – português, inglês, espanhol; b) artigos publicados nos últimos cinco anos (2007-2012); c) população – residentes médicos; d) artigos empíricos. Excluíram-se os estudos com a) amostras específicas de residentes e peculiaridades de área; b) foco em pacientes; c) foco em condições de ensino e instrumentos de avaliação. Foram identificados 561 artigos, sendo que 271 destes se repetiram entre as bases e 58 abordavam revisões e editoriais. Dos 232 possíveis, foram excluídos 213 tendo em conta os seguintes critérios: 111 por peculiaridades dos participantes, tais como graduandos, profissionais não médicos e amostras específicas de médicos e 102 foram excluídos por ter como foco principal as condições de ensino e os pacientes em tratamento. Após esse procedimento, foram selecionados e analisados 19 artigos empíricos, sendo 16 com delineamento transversal e 03 com delineamento longitudinal. Analisando-se os principais resultados, verificou-se a presença de altos índices de burnout e depressão em residentes médicos relacionados a fatores, como: dados demográficos (sexo, estado civil, número de filhos); condições de trabalho (carga horária semanal, número de plantões por mês, privação de sono, ano de residência); características pessoais (variáveis de personalidade); problemas prévios de saúde mental (consumo de álcool e tabaco, histórico de depressão); eventos estressores, enfrentamento e suporte social. Sobre a relação entre especialidade médica e burnout, nove estudos realizaram comparações entre grupos, destes, três não identificaram diferenças significativas, quatro constataram maiores índices de burnout nos residentes de áreas cirúrgicas e dois relataram maiores índices de burnout em residentes de áreas clínicas, sem um consenso sobre a relação entre burnout e especialidade médica, o que sugere a necessidade de novos estudos. A relação entre depressão e especialidade médica foi estudada em cinco artigos e nas comparações entre grupos não identificaram diferenças significativas. Conclui-se que na literatura indexada, a temática burnout e depressão na residência médica tem sido abordada predominantemente com o objetivo de identificar condições de risco para tais manifestações, verificando-se uma carência de estudos que incluam fatores de proteção para tais problemas, bem como a realização de estudos longitudinais que permitam verificar o impacto para saúde mental ao longo do tempo de residência, o que poderá contribuir para a proposição de medidas preventivas voltadas para essa população.

Apoio FAPESP; CNPq

SMENTAL

BURNOUT: COMO VAI A SAÚDE MENTAL DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA? *Rosana Zimbardi Martins, Monalisa de Cássia Fogaça, Jonas Borsetti, Izabela Galindo Silva, Leidiana Peixoto Ribeiro, Daniela de Souza Teixeira*

Introdução: A entrada na universidade corresponde ao momento inicial de um projeto de vida decisivo para a maioria dos estudantes universitários. As características pessoais do estudante, bem como os apoios que a universidade lhe disponibiliza, desempenham um importante papel nos níveis de adaptação dos estudantes ao contexto universitário. Estudantes estão constantemente expostos a diversos estressores psicossociais ao longo de sua formação. Estes se persistentes, podem ocasionar a Síndrome de Burnout (SB). No caso dos estudantes de Psicologia, a SB também se revela como uma questão relevante e diferenciada, pois durante a formação acadêmica, o aluno poderá viver momentos de ansiedade pela carga emocional desencadeada pelo próprio curso (TARNOWSKI, 2007; CARLOTTO, 2006 e 2008). Diante dessas assertivas se faz necessário pesquisar sobre a Saúde Mental do estudante de Psicologia, visto que este tem como função principal promover o bem-estar e o equilíbrio biopsicossocial na sua prática profissional. Metodologia: Estudo transversal com 282 alunos do curso de Psicologia de uma universidade particular de São Paulo, cursando do 1º ao 5º ano, matriculados no período diurno e noturno. Aplicou-se o Maslach Burnout Inventory – Student Survey [MBI-SS] (CARLOTTO, 2006) e os dados foram avaliados através do Teste de Mann-Whitney. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Nove de Julho – UNINOVE sob o nº 349215. Marco Conceitual: O conceito de Burnout em estudantes também se constitui de três dimensões: Exaustão Emocional, caracterizada pelo sentimento de estar exausto em virtude das exigências do estudo; Descrença, entendida como o desenvolvimento de uma atitude cínica e distanciada com relação ao estudo; e Ineficácia Profissional, caracterizada pela percepção de estarem sendo incompetentes como estudantes. Resultados: Não foram percebidas diferenças estatísticas quando comparamos os alunos do período matutino e noturno. Ao avaliarmos os alunos do 1º, 2º, 3º e 4º anos em relação aos alunos do 5º ano, em ambos os períodos, constatamos que alunos concluintes apresentam diferenças estatísticas significantes (p ≤ 0,02), nos quesitos: Exaustão Emocional, Descrença e Ineficácia Profissional. Discussão: Recente estudo desenvolvido com alunos de psicologia da Universidade de Valencia, por Figueiredo-Ferraz (2009), encontrou dados semelhantes ao nosso, quando compararam alunos do 3º e 4º anos, sendo que estes últimos apresentavam escores de desgaste psíquico superior. Um estudo brasileiro com acadêmicos de psicologia (Carlotto, 2007), também encontrou alunos do ultimo ano do curso com escores alto na dimensão exaustão emocional. Considerações Finais: Esta pesquisa nos revela a necessidade de ajuda expressa pelos estudantes concluintes e nos alerta no que tange a adoção de medidas preventivas que diminuam o estresse durante a trajetória acadêmica dos mesmos.

SMENTAL

COLABORACIÓN CIENTÍFICA EN DROGODEPENDENCIAS ENTRE LATINO AMÉRICA Y UNIÓN EUROPEA. *Daniela Ribeiro Schneider, Rafael Aleixandre Benavent, Antonio Vidal Infer, Máxima Bolaños-Pizarro, Francisco J. Bueno Cañigral, Juan Carlos Valderrama-Zurián*

El fenómeno de las drogodependencias se caracteriza por su carácter multifacético y multidisciplinar, estando presente en todos los países y afectando a personas de todas edades y niveles sociales.. En el campo científico cada vez adquiere más importancia la colaboración que se establece entre diferentes grupos de investigadores e instituciones, pues ésta permite consolidar el quehacer científico, garantiza la mejora de los métodos de investigación y la calidad de los resultados obtenidos. Los estudios comparativos que analizan la cooperación entre países, comunidades y grupos aportan información que puede ayudar a esclarecer las diferencias y similitudes entre el consumo de drogas y el contexto biopsicosocial de cada uno de ellos. Este estudio objetiva analizar las redes de colaboración en drogodependencias entre países latinoamericanos y de la Unión Europea, aplicando metodologías procedentes de la bibliometria y del análisis de redes sociales.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

COMPARAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE COMORBIDADES PSIQUIÁTRICAS, VARIÁVEIS NEUROPSICOLÓGICAS E NÚMERO DE TENTATIVA DE SUICÍDIO EM PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR (TAB) TIPO I E TIPO II. *Carolina Soraggi Frez*, Fabricia Loschiavo-Alvares**, Isabela M. Lima**, Cristina Yumi N. Sediyama**, Fernando Neves, Humberto Corrêa, Leandro Malloy-Diniz (Laboratório de Investigações Neuropsicológicas/ Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Medicina Molecular/ Faculdade de Medicina/ Universidade Federal de Minas Gerais/ Belo Horizonte/ Minas Gerais).*

Objetivo: Investigar o valor preditivo das variáveis neuropsicológicas e comorbidades psiquiátricas quanto ao número de tentativas de suicídio, em pacientes com TAB tipo I e II, e comparar a prevalência desses construtos em cada grupo. Método: A amostra contou com um total de 96 pacientes em eutimia, diagnosticados através do MINI Plus. 58 pacientes foram diagnosticados com TAB tipo I, sendo 38 pessoas do sexo feminino com média de idade de 42,01 anos (d.p.= 13,2) e 40 pacientes foram diagnosticados com tipo II, sendo 30 mulheres com idade média de 40,17anos (d.p.= 10,6). Para a caracterização do perfil cognitivo, foram utilizados o IGT, CPT, WCST, além de um protocolo específico para contagem do número e tipos de tentativas de suicídio. Resultados: Inicialmente foi realizada uma comparação intergrupos quanto às variáveis investigadas, a saber: tabagismo, transtorno psicótico e IGT total. Portanto, foi conduzida uma Anova One-Way, e os grupos, TAB tipo I e tipo II foram diferentes para todas as comparações, sendo tabagismo (F= 5. 211 / p=.025), transtorno psicótico (F=16.690 / p= .000) e IGT Total (F= 3.113 / p= .05). O TAB tipo I apresentou maior freqüência de tabagismo e transtorno psicótico, além detomada de decisão mais desvantajosa quando comparadas ao tipo II. Para a condução da análise de regressão, foi conduzida uma correlação de Pearson, e separadas as variáveis que apresentaram um nível de significância de até 25%. Após corroborados os princípios da normalidade e homocedasticidade, foram rodados os modelos de regressão, sendo as variáveis independentes o número de episódios maníacos, o escore no IGT e a medida de impulsividade por não-planejamento, e a variável dependente o número de tentativas de suicídio. A regressão foi conduzida usando o método enter, no pacote estatístico SPSS (versão 19), e foi adotada a redução manual passo a passo. A relação entre as variáveis dependentes e independentes foram investigadas considerando-se o nível de significância de 5%. Por fim, foi obtido um modelo de regressão, no qual as variáveis número de episódios maníacos e IGT total, em associação, respondiam por .32 do numero de tentativas de suicídio (F= 6.42 / p= .001/ R2= .32). Conclusão: A literatura aponta para uma maior severidade de sintomas e prognóstico para o TAB tipo I quando comparado com TAB tipo II, fato que corrobora os resultados encontrados neste estudo. Ressalta-se a importância destes achados, não só como preditores do comportamento suicida, mas também como indicadores de medidas profiláticas para a abordagem terapêutica do suicídio.

Transtorno Afetivo Bipolar, suicídio e tomada de decisão

SMENTAL

COMPARAÇÃO DOS PERFIS NEUROPSICOLÓGICOS DE PACIENTES COM TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR TIPO I E TIPO II. *Ana Paula Gomes Jelihovschi*; Cristina Yumi Nogueira Sediyama**; Fabricia Loschiavo-Alvares**; Isabela M. Magalhães Lima** (Laboratório de Investigações Neuropsicológicas - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais);Fernando Neves (Coordenador do Núcleo de Transtornos afetivos do Hospital das Clínicas- UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais); Humberto Correa; Leandro Malloy- Diniz (Departamento de saúde mental, faculdade de medicina UFMG, Laboratório de Investigações Neuropsicológicas, INCT, Belo Horizonte, Minas Gerais)*

Alterações do humor envolvendo episódios esporádicos de mania ou hipomania e depressão é o que caracteriza o transtorno afetivo bipolar (TAB). Este transtorno é crônico e traz prejuízos funcionais e cognitivos significativos para a vida de sujeitos com TAB, durante o seu curso. O TAB é subdivido em tipo I e II. No primeiro deles ocorre um ou mais episódios maníacos ou mistos e, com freqüência, os recorrentes episódios depressivos. Já o tipo II envolve episódios de depressão e presença de pelo menos um episódio de hipomania. Estudos mostram haver diferença quando comparamos indivíduos com TAB tipo I e II em relação a certos critérios cognitivos e comportamentais. O presente estudo teve como objetivo comparar o número de episódios de hospitalizações, prevalência de tabagismo, transtorno psicótico, freqüência de tomada de decisões desvantajosas e impulsividade atencional entre pacientes diagnosticados com TAB tipo I e II. A amostra contou com um total de 96 pacientes em eutimia, diagnosticados através do MINI Plus por psiquiatras do Hospital das Clínicas da UFMG. Dessa amostra, 58 pacientes eram TAB tipo I, 38 pessoas do sexo feminino, com média de idade de 42,01 anos (d.p.= 13,2) e 40 pacientes com TAB tipo II, sendo 30 pessoas do sexo feminino com idade média de 40,17 anos (d.p.= 10,6). Os grupos foram pareados quanto ao sexo, idade e escolaridade. Para a caracterização do perfil cognitivo, os pacientes passaram por avaliação neuropsicológica e eram entrevistados com protocolo específico para contagem do número de episódios de hospitalização. Para a análise dos dados foi conduzida uma Anova One-way, e adotado o valor de significância $p<0.05$. O grupo TAB I apresentou maior prevalência de tabagismo, transtorno psicótico, maior frequência de tomada de decisões desvantajosas e maior impulsividade atencional. Através desse estudo foi possível perceber que os critérios avaliados aparecem de forma mais severa em indivíduos com TAB tipo I do que no tipo II, sendo a maior gravidade de prejuízos daquele em relação a este, corroborada pelos resultados apresentados. Dessa forma, verifica-se que o perfil neuropsicológico desses dois grupos de sujeitos apresenta certo grau de diferença ao avaliarmos e compararmos esses critérios.Tal situação deve ser levada em consideração durante a avaliação neuropsicológica e diagnóstico dos mesmos. Sendo assim, haverá maior possibilidade de uma intervenção com tratamento mais direcionado e específico para os sujeitos com cada um desses tipos de TAB, permitindo-se a realização de tratamentos de melhor qualidade com diminuição de prejuízos na vida de quem tem esse transtorno.

Transtorno Bipolar tipo I; Transtorno Bipolar tipo II ; Perfil neuropsicológico

SMENTAL

CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DE UM GRUPO PSICOTERAPÊUTICO EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL. *Juliana Siquinelli Padula* , Thaís Thomé Seni Oliveira Pereira**, Manoel Antônio dos Santos (Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

O modelo de atenção em saúde mental brasileiro, resultado do processo da reforma psiquiátrica, é denominado Atenção Psicossocial, e tem como serviço estratégico o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que é substitutivo ao manicômio e ao modelo asilar de assistência. Especificamente, o CAPS II é um serviço de atendimento diurno a pessoas com transtornos mentais severos e persistentes, proporcionando vários tipos de cuidados clínicos, de reabilitação e reinserção psicossocial, por meio de atividades que contam com ações de uma equipe interdisciplinar, sendo algumas realizadas ou incluindo o psicólogo. Dentre elas temos os grupos psicoterapêuticos, modalidade que vem sendo bastante utilizada e valorizada devido à efetividade das trocas interativas para a reabilitação psicossocial. O grupo potencializa as interações, funcionando como um espaço adequado para a exploração da subjetividade e para o desenvolvimento de recursos pessoais para lidar com situações cotidianas, proporcionando aos participantes uma adaptação ativa à realidade. Além disso, o grupo se torna uma valiosa estratégia de intervenção no contexto da saúde pública, ao possibilitar o atendimento de vários pacientes com uma mesma demanda ao mesmo tempo, reduzindo custos e otimizando a participação de usuários dos serviços de saúde mental. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo apresentar a experiência de um grupo operativo psicoterapêutico em um CAPS II de uma cidade do interior do estado de São Paulo, na perspectiva do pesquisador e coordenador do grupo. Trata-se de um estudo descritivo do tipo exploratório de abordagem qualitativa. Foi realizada análise dos registros de observação de 16 encontros grupais, realizados utilizando a técnica do grupo operativo de Pichón-Rivière, de freqüência semanal e 1 hora de duração. Em cada encontro, participaram, em média, 6 usuários, além dos 4 estagiários de psicologia coordenadores do grupo. O material foi submetido à análise que objetivou extrair eixos temáticos que apontavam a relevância terapêutica dessa modalidade. Os resultados sugerem que a psicoterapia grupal favorece o empoderamento e a reabilitação psicossocial do usuário, colocando-o como agente da sua própria mudança, na interação e no desenvolvimento da psicoterapia, sendo eles próprios quem definiam os temas trabalhados. Também foi evidente que o grupo permitiu a explicitação de conflitos cotidianos, como o isolamento social e os estigmas associados à doença mental. A partilha desta condição entre os participantes facilitou a troca de experiências das vivências psicóticas e da intensa carga de sofrimento que estes acarretam e, por conseguinte, possibilitou o apoio e a elaboração de outras possibilidades de lidar com tais aspectos. Além disso, as regras estabelecidas para o funcionamento grupal se tornaram importantes instrumentos, por se relacionarem a acontecimentos vivenciados pelos membros fora do espaço do grupo. Ainda, a modalidade grupal proporcionou a aprendizagem pela convivência com diferentes formas de pensar e sentir. Por fim, a investigação desta modalidade de intervenção permitiu explorar alguns dos caminhos do trabalho em grupo que constituem finalidades terapêuticas e que tornam o grupo um espaço continente e facilitador do desenvolvimento de recursos subjetivos para uma melhora na qualidade de vida presente e futura dos participantes.

Saúde mental, grupo, psicoterapia, CAPS.

SMENTAL

DEPRESSÃO INFANTIL EM UMA COORTE DE CRIANÇAS ESTRATIFICADA PELO PESO AO NASCER. *Claudia Mazzer Rodrigues** (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Sonia Regina Loureiro (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

O risco biológico relativo ao baixo peso ao nascer, sob a perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento, tem se destacado dentre as condições consideradas adversas ao desenvolvimento infantil, por promover a exposição da criança a uma série de adversidades, tanto logo após o nascimento, como ao longo do desenvolvimento, quando da presença de riscos pessoais e psicossociais relacionados ao ambiente familiar, podendo configurar-se como uma condição de vulnerabilidade e de múltiplos riscos. Apesar do impacto do baixo peso ao nascer ser amplamente estudado, poucos estudos tem abordado a influência desse fator para a depressão em crianças em idade escolar, apontando a presença de depressão como característica da adolescência. O construto depressão pode se referir a diferentes níveis de manifestações, todavia, no presente estudo, considerou-se como depressão infantil a identificação de sintomatologia depressiva por parte das crianças. Nesse contexto, considerou-se como hipótese norteadora que o baixo peso ao nascer associa-se à presença de depressão em escolares. Objetivou-se comparar os indicadores de depressão de uma coorte de escolares, estratificada em cinco grupos de peso ao nascer, segundo os valores de referência da Organização Mundial da Saúde, a saber: muito baixo peso ao nascer (MBP), baixo peso ao nascer (BP), peso insuficiente ao nascer (PI), peso normal ao nascer (PN) e muito alto peso ao nascer (MAP). Foi avaliada uma coorte de 665 crianças, aos 10/11 anos de idade, de ambos os sexos, nascidas em Ribeirão Preto-SP. Procedeu-se à avaliação da depressão por meio do Inventário de Depressão Infantil (CDI) respondido pelas próprias crianças. As informações referentes às condições do nascimento foram obtidas por meio da consulta aos prontuários médicos e os pais responderam a um Questionário sobre dados sociodemográficos. Os dados foram codificados de acordo com a proposição do instrumento e analisados por procedimentos estatísticos, adotando-se o nível de significância de $p < 0,05$. Observou-se que cerca de 7% das crianças da coorte, independente da estratificação por peso ao nascer, apresentaram indicadores de sintomatologia depressiva. Verificou-se que o grupo MBP apresentou a maior frequência de indicadores de depressão (34,8%), seguido dos grupos BP (11,7%), PN (5,0%) e PI (4,4%), sendo que o grupo MAP não apresentou crianças com sintomatologia depressiva. O grupo MBP apresentou escores significativamente mais elevados de sintomas depressivos quando comparado a todos os outros grupos de peso ao nascer (BP ($p=0,03$), PI ($p=0,01$), PN ($p<0,001$) e MAP ($p=0,01$)). Tais achados confirmaram a hipótese de maior vulnerabilidade das crianças da coorte, expostas ao fator de risco relativo ao nascimento com baixo peso, para a sintomatologia depressiva já na idade escolar, antecedendo a adolescência, como já demonstrado em estudos prévios. Evidenciou-se a importância de investigações longitudinais acerca dos indicadores de depressão em crianças de grupos vulneráveis, conforme propõe a psicopatologia do desenvolvimento, com a finalidade de subsidiar a instrumentação de medidas preventivas e interventivas voltadas para a promoção da saúde mental infantil.

FAPESP,CNPq

Palavras-chave: Depressão, Criança, Coorte

Mestrado-M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

DIFICULDADES NO TRABALHO E CONDIÇÕES DE SAÚDE MENTAL DE PROFISSIONAIS DE EQUIPES DE SAÚDE DA FAMÍLIA. *Ester Konig da Silva* (Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça - SC), Nádia Kienen (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR)*

A realidade dos profissionais da saúde no Brasil indica que, muitas vezes, as experiências cotidianas no ambiente de trabalho têm produzido adoecimento. Considerando isso, esta pesquisa teve por objetivo caracterizar a percepção de profissionais que compõem as equipes de Saúde da Família acerca das dificuldades em realizar suas intervenções junto aos usuários e as consequências destas dificuldades para as condições de saúde mental desses profissionais. Foram selecionados profissionais que compõem três equipes de Saúde da Família do município de Palhoça/SC. Participaram da pesquisa 16 sujeitos, entre médico, dentista, enfermeiros, técnicos/auxiliar de enfermagem e agentes comunitários de saúde. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário misto, composto por 32 questões (abertas e fechadas). Para a construção do questionário foram consideradas as seguintes variáveis: caracterização das intervenções afetadas devido a dificuldades na unidade de saúde, situações estressoras, desempenho nas atividades, sentimentos relacionados ao trabalho, possíveis transtornos mentais e a relação entre o trabalho e a saúde mental, estabelecida pelos profissionais. Os dados das questões fechadas foram tratados e analisados por meio de estatística descritiva. Para as questões abertas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Como resultados, foi possível perceber que as principais dificuldades relatadas pelos profissionais da saúde são: falta de apoio dos órgãos responsáveis pela Equipe de Saúde da Família; falta de verba da prefeitura e condições precárias do ambiente de trabalho. Essas categorias também foram apontadas como as dificuldades que causam maior incômodo aos profissionais. A maioria dos participantes afirmou que estas dificuldades afetam as intervenções realizadas nas unidades de saúde, entre as quais as mais ressaltadas foram as atividades que envolvem intervenções em grupo com usuários, os encaminhamentos para outros níveis de atenção à saúde e as atividades de assistência básica. Sobre os sentimentos e percepções frente às dificuldades, os participantes afirmam buscar soluções para as dificuldades e afirmam que não há interferência das dificuldades sobre outros contextos da vida, em contrapartida, ressaltam sentirem-se frustrados diante das dificuldades. A análise das características da saúde mental dos profissionais indica que, apesar de não terem um estilo de vida adequado, os profissionais, em sua maioria, não apresentam sintomas incapacitantes, sendo que apenas dois participantes possuem diagnóstico psiquiátrico. Quanto à relação estabelecida pelos profissionais entre sua saúde mental e as condições de trabalho, foram identificadas as seguintes categorias: cisão entre a vida profissional e a vida pessoal do sujeito, condição de trabalho geradora de sofrimento, estratégias defensivas para enfrentar as condições geradoras de sofrimento, bem estar pessoal para boa atuação profissional e bem estar emocional gerado pela realização profissional. Portanto, percebe-se que a maior parte dos profissionais participantes da pesquisa consegue lidar com as dificuldades presentes no trabalho, apesar da frustração existente. Os resultados encontrados contribuem para refletir sobre os impactos das condições de trabalho sobre a saúde mental dos trabalhadores da saúde. A frustração e insatisfação geradas por essas dificuldades, além de afetar a relação com o trabalho, interfere na relação com os usuários e, consequentemente, ambos os fatores interferem na resolutividade preconizada pelo SUS.

Saúde mental. Profissionais da saúde. Atenção Básica.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO SOBRE EMPODERAMENTO EM ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO. *Ana Aparecida Vilela Miranda (Universidade de Brasília, Brasília, DF); Sheila Giardini Murta (Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Ao longo da história diversas formas de relacionamento foram sendo verificadas, cada qual com suas especificidades, devido à sociedade e a época. Muito dessas relações foram evoluindo e percebe-se a recriação das relações amorosas. Porém, apesar da "evolução" nas relações afetivo-sexuais, ainda se verifica que os papéis de gênero, construções históricas, ainda se mantêm. E, a violência perpetrada contra as mulheres, apesar dessas também serem perpetradoras, ainda se mostra muito elevada. Essa violência que ocorre no namoro muitas vezes está relacionada à falta de informações a cerca dos direitos pessoais, a falta de respeito entre os adolescentes que se relacionam, acreditar que algumas formas de violência são formas de cuidado, entre outros. Dessa forma se faz necessário programas que trabalhem de forma a promover o empoderamento desses adolescentes para que os mesmos não se envolvam e nem perpetuem namoros abusivos. Tendo em vista tais informações, o presente trabalho apresenta os resultados de um grupo psicoeducativo com foco na prevenção à violência no namoro. O grupo contou com a participação de 30 adolescentes de uma escola pública do distrito federal, contando com 9 sessões de 90 minutos aproximadamente. Os principais resultados mostram correlação positiva na avaliação de dose recebida, onde os participantes apresentaram maior consciência crítica sobre suas ações, pensar de forma diferente a determinados assuntos e colocar em prática assuntos tratados nas sessões. Conclui-se que ao fornecer informações novas, promover vivências que levem os jovens a repensar ideias prontas, e pensar criticamente sobre as próprias ações, promove-se o empoderamento desses indivíduos, ou seja, levam o indivíduo a uma maior autonomia, emancipação, respeito entre os pares, e maior consciência na tomada de decisão. Com isso diminui-se os fatores de risco para a violência no namoro (vitimização e perpetração).

Violência no namoro, empoderamento, prevenção

CNPq

SMENTAL

GRUPO DE ORIENTAÇÃO A PAIS COM FILHOS EM TRATAMENTO PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO. *Silvia Aparecida Fornazari, Bruna Bajo Munhoz**, Soraya Pistori**, Isadora Camargo Cardoso*, Letícia Jacomini*, Larissa Flausino Banuth Rodrigues*, Samara Nunes França* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, Brasil).*

Diferentes revisões sobre a produção científica na área de atendimento infantil têm indicado o treinamento de pais como uma das abordagens mais efetivas no tratamento de problemas comportamentais das crianças, principalmente para problemas como desordens de conduta, comportamento opositor e agressividade. Sabe-se que as crianças que contam com a colaboração dos pais, melhoram mais rapidamente e mantém suas mudanças ao longo do tempo. O objetivo geral deste estudo foi oferecer aos pais, cujos filhos menores de idade, estão em tratamento psicológico e/ou psiquiátrico na Clínica Escola e/ou Ambulatório de Psiquiatria da Unibersidade de Londrina, informações e orientações que permitam a eles colaborar com o processo de melhora de seus filhos e assim agilizar os resultados do tratamento individualizado oferecido. Enquanto objetivos específicos têm-se: fornecer informação sobre problemas psicológicos/psiquiátricos mais frequentes e seus tratamentos; orientar quanto as ações que os pais podem empreender para ajudar na melhora de seus filhos; e, fornecer apoio às tentativas de prática das habilidades sugeridas, ouvindo os relatos, analisando-os com os pais e refinando a aprendizagem dos comportamentos requeridos. Considerando-se as características do atendimento prestado nas clínicas-escola, como a alta demanda de clientes, e as longas filas de espera, trabalhos que visem apoiar o tratamento individualizado se justificam, uma vez que as orientações oferecidas aos pais podem levar ao favorecimento da adesão ao tratamento e levar ao alcance de resultados positivos no menor tempo possível. Foram realizados 10 encontros durante o ano de 2011, com periodicidade mensal, no Hospital das Clínicas (HC/UEL). Os participantes foram 15 famílias de crianças em atendimento. Os grupos tiveram formato aberto, ou seja, durante os encontros havia um tema geral para discussão, mas as questões e demandas trazidas pelos pais eram discutidas e orientações básicas realizadas. Os conteúdos trabalhados nos encontros tratavam de conceitos e procedimentos da Análise do Comportamento (Reforço, Reforço Intermitente, Punição, Extinção, Reforço Diferencial, Discriminação, Generalização, Análise Funcional e Discussão de casos). As avaliações pré e pós intervenção foram realizadas por meio de entrevistas com relato dos pais a respeito dos problemas apresentados pelos filhos e sua forma de trabalhar com eles. Enquanto resultados foi possível verificar mudança no repertório comportamental dos pacientes/clientes atendidos e também nos familiares, com consequente melhoria na qualidade de vida das famílias a partir das orientações fornecidas. Ainda foi possível perceber que o trabalho trouxe contribuições para a aprendizagem dos estudantes da residência em psiquiatria acerca dos aspectos psicológicos dos atendimentos, assim como contribuições para a aprendizagem dos estudantes da graduação em Psicologia acerca dos aspectos psiquiátricos dos atendimentos, demonstrando as vantagens e desvantagens do trabalho multiprofissional.

Atendimento infantil, Psicologia, Transtornos Psiquiátricos, Orientação de pais

PROEX- UEL

SMENTAL

HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO COM E SEM INDICADORES DE DEPRESSÃO: AVALIAÇÃO E COMPARAÇÃO.

*Josiane Rosa Campos**, Almir Del Prette (Programa Pós Graduação em Psicologia-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A literatura tem mostrado consistentemente altas taxas de transtornos depressivos na adolescência, especialmente em meninas. Diferentemente dos adultos, os sintomas depressivos na adolescência podem manifestar-se com "comportamentos explosivos", o que pode trazer dificuldade de socialização, afastamento e rejeição social. Os estudos têm apontado que parte dessas dificuldades de socialização pode ser devido a déficits de habilidades sociais. Pressupõe-se que o repertório de habilidades sociais pode funcionar como fator de proteção e a ausência, fator de risco ao desenvolvimento dos transtornos depressivos. A premissa é que as meninas que sem indicadores de depressão apresentam maior repertório de habilidades sociais quando comparadas às meninas com indicadores de depressão. No entanto, ainda não se tem claro quais são as diferenças e semelhanças de repertório de habilidades sociais em adolescentes do sexo feminino com e sem indicadores de depressão. Diante disso, a presente pesquisa apresentou por objetivo identificar e comparar o repertório de habilidades sociais de adolescentes do sexo feminino com e sem indicadores de depressão. Participaram da pesquisa 75 meninas com indicadores de depressão (grupo AID) e 74 meninas sem indicadores de depressão (grupo ASD), com idade de 12-14anos, de escolas públicas. As características sociodemográficas como idade e status socioeconômicos foram pareadas e o teste Qui-quadrado apontou que não houve diferença estatística entre os grupos. Os instrumentos utilizados foram Inventário de Depressão Infantil e Inventário de Habilidades Sociais Para Adolescentes (IHSA-Del Prette). Para avaliar as comparações entre as frequências das classes de habilidades sociais nos indicadores de frequência dos grupos ASD e AID foi utilizado o teste estatístico Qui-quadrado de independência r x 2 e foi adotado um nível de significância de 5% (p ≤ 0,05). Os principais resultados apontaram que as respondentes do grupo AID relataram repertório deficitário em todas as subescalas (F1-Empatia, F2-Autocontrole, F3-Civilidade, F4-Assertividade, F5-Abordagem Afetiva, F6-Desenvoltura Social), o que contrasta com os dados das respondentes do mesmo sexo, no grupo ASD, que relataram, majoritariamente, apresentar bom, elaborado e repertório altamente elaborado de habilidades sociais na maioria das subescalas, com exceção da F1-Empatia e F5-Abordagem Afetiva. O teste Qui-quadrado indicou que existiu diferença significativamente estatística entre os grupos no Indicador Geral de habilidades sociais, no F2-Autocontrole, F3-Civilidade e F4-Assertividade. Concluindo, o grupo ASD relata apresentar com maior frequência o repertório de habilidades sociais quando comparado ao grupo AID, o que confirma a premissa teórica. A partir dos dados obtidos, hipotetiza-se que as adolescentes com indicadores de depressão podem apresentar um padrão considerado agressivo, pois há baixo repertório de autocontrole e assertividade quando comparadas às adolescentes sem indicadores de depressão. Este dado parece esclarecer sobre o que a literatura aponta sobre os "comportamentos explosivos" presentes na depressão na adolescência. Além disso, o baixo repertório de civilidade relatado pelo grupo AID pode auxiliar a iniciar ou manter o isolamento social característico de pessoas deprimidas. As limitações e alcances do estudo serão discutidas.

CAPES

Adolescentes, habilidades sociais, depressão
D
SMENTAL

HABILIDADES SOCIAIS E DEPRESSÃO ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DO PERFIL DOS ESTUDOS. *Josiane Rosa Campos**, Almir Del Prette (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

As pesquisas indicam que os adolescentes que possuem diagnóstico ou indicadores de depressão apresentam muitas dificuldades em iniciar e manter relacionamentos sociais. Frequentemente, eles são rejeitados pelos seus pares, o que produz um mal estar clinicamente relevante e os prejuízos dizem respeito ao desenvolvimento do adolescente, a sua família e ao contexto escolar. A preocupação relativa às dificuldades interpessoais presentes nesses transtornos não é algo recente. Os estudos do campo teórico prático das habilidades sociais preconizam que os déficits de habilidades sociais podem estar presentes na depressão e a partir da década de 90, estudos de revisão foram realizados para melhor compreender o fenômeno. No entanto, não foram encontradas revisões sistemáticas da literatura que abordassem especificamente o tema habilidades sociais e depressão na adolescência. Nesse sentido, a presente pesquisa apresentou por objetivo identificar qual o estado da arte com a temática habilidades sociais, adolescência e depressão. As bases de dados consultadas para a realização da pesquisa foram: Lilacs, PsycINFO, Scielo, MEDline, Redalyc. Os critérios de inclusão dos artigos foram: (a) participantes de ambos os sexos; (b) publicações na língua, inglesa e espanhola; (c) estudos que contemplassem o diagnóstico e os indicadores de depressão; (d) publicações em periódicos com artigos completos ou disponíveis para compra; (e) população adolescente (idade correspondente de 10 a 19 anos, conforme critério estabelecido pela Organização Mundial da Saúde). Os critérios de exclusão dos artigos foram: (a) estudos farmacológicos; (b) outros diagnósticos (transtornos, síndromes e doenças); (c) pesquisas cujos objetivos eram associar as variáveis especificadas associadas a outras variáveis (educação de pais, problemas de comportamento, vício em internet, estresse, comportamento sexual, doenças sexualmente transmissíveis, uso de drogas e álcool, deficiência intelectual, resolução de problemas). Os artigos foram lidos na íntegra, descritos e analisados, a partir de um protocolo que abrangia as seguintes categorias: Bibliografia, Temática e Método. Foram identificados 8 artigos. Os principais resultados apontaram que: (a) os estudos são produzidos internacionalmente, com destaque para os EUA; (b) todas as pesquisas são empíricas; (c) a maioria dos estudos apresenta número maior que cem participantes; (d) a idade predominante dos participantes é de quatorze anos; (e) dentre as classes de habilidades sociais investigadas, a assertividade apareceu com maior frequência; (f) os estudos são majoritariamente pré-experimentais; (g) instrumentos de autorrelato foram utilizados, na maioria das pesquisas; (h) o tratamento de dados mais utilizado foi a estatística inferencial. Conclui-se que pesquisas que abordam o tema habilidades sociais, depressão e adolescência poderiam ser encaminhadas no contexto brasileiro, para que fatores protetivos e de risco relacionados a esta problemática pudessem ser compreendidos.

CAPES

Revisão, habilidades sociais, depressão

D

SMENTAL

INDICADORES DE SAÚDE MENTAL INFANTIL SEGUNDO RELATO DOS PAIS E DAS CRIANÇAS. *Claudia Mazzer Rodrigues** (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP), Sonia Regina Loureiro (Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP)*

Sob a perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento, os aspectos comportamentais se configuram como relevantes indicadores do desenvolvimento e dos recursos de saúde mental das crianças. Os problemas de comportamento podem ser diferenciados em: problemas externalizantes, que correspondem a dificuldades comportamentais dirigidas para o ambiente externo, e problemas internalizastes, que compreendem as manifestações comportamentais mais internas, como a ansiedade e depressão. Nas avaliações, os problemas externalizantes tendem a apresentarem maior concordância entre os informantes pais e crianças, por serem mais facilmente observados, enquanto os problemas internalizantes, são frequentemente menos reconhecidos pelos pais em comparação às próprias crianças, por serem menos visíveis. Ressalta-se a relevância de informações por múltiplos informantes, destacando-se que ao se autoavaliarem, as crianças tendem a considerar a sua percepção do momento da avaliação, ao passo que os pais tendem a referirem sintomas mais gerais, percebidos ao longo do tempo. Objetivou-se correlacionar os indicadores comportamentais e de depressão infantil apresentados por crianças em idade escolar, tendo por base informações fornecidas pelos pais e pelas próprias crianças, por meio de instrumentos de avaliação sistemática. Formulou-se como hipótese norteadora que a identificação dos indicadores de saúde mental infantil apresentaria uma concordância limitada entre os informantes pais e crianças, especialmente quanto à escala de sintomas emocionais, avaliada pelos pais e a depressão avaliada pelas crianças, ambas relativas a comportamentos internalizantes. Avaliou-se uma coorte de 665 crianças, aos 10/11 anos de idade, de ambos os sexos, nascidas em Ribeirão Preto-SP. Procedeu-se à avaliação dos indicadores comportamentais, por meio do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) respondido pelos pais e à avaliação de depressão, por meio do Inventário de Depressão Infantil (CDI) respondido pelas crianças. Os dados foram codificados de acordo com as proposições dos instrumentos e posteriormente, foram correlacionadas às pontuações do CDI e as pontuações do SDQ (escore total e escores de cada uma das cinco escalas, a saber: sintomas emocionais, hiperatividade, conduta, relacionamentos e pró-social). Observou-se correlação positiva moderada somente entre os escores relativos aos indicadores de depressão infantil, relatados pelas crianças, e os escores referentes aos indicadores de dificuldades comportamental total (rho=0,231, p<0,001), relatados pelos pais. Tais achados confirmaram a hipótese de concordância limitada entre os informantes pais e crianças, uma vez que a sintomatologia depressiva percebida pelas crianças foi identificada pelos pais como a presença de dificuldades comportamentais gerais, com especificações diversas, não sendo verificada associação significativa quanto à avaliação específica de depressão e sintomas emocionais. Tais dados referendam a relevância da avaliação das manifestações comportamentais e emocionais por meio de diferentes informantes, de modo a considerar as concordâncias e discrepâncias entre as diversas perspectivas, favorecendo assim, uma compreensão mais abrangente da situação da criança na proposição de práticas de saúde mental infantil.

FAPESP, CNPq

Palavras-chave: Comportamento, Depressão, Criança

Mestrado - M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

INVESTIGAÇÃO DA FREQUÊNCIA DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM ESTUDANTES COM DIFERENTES SINTOMAS DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE. *Diana Kraiser Miranda (Aluna Voluntária de Iniciação Científica), Danielle de Souza Costa (Mestranda do PPG em Medicina Molecular da UFMG), Leandro Fernandes Malloy-Diniz (Prof. Adjunto do Departamento de Saúde Mental da UFMG), Débora Marques de Miranda (Profa. Adjunta do Departamento de Pediatria da UFMG), António Marcos Alvim Soares Junior(Doutorando do PPG em Medicina Molecular) e Marco Aurélio Romano-Silva (Prof. Titular do Departamento de Saúde Mental da UFMG)*

OBJETIVO: Verificar se há diferenças na vulnerabilidade para psicopatologias em três grupos de estudantes que apresentam sintomas do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH, Critério A -DSM-IV). MÉTODO: 18 estudantes com idades entre 7 e 14 anos cujos responsáveis responderam os questionários padronizados MTA-SNAP-IV de avaliação de sintomas de TDAH e o Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes entre 6 e 18 anos (CBCL) foram divididos em três grupos de estudantes segundo a quantidade de sintomas: 8 estudantes com 6 ou mais de desatenção (D), 4 estudantes com 6 ou mais de hiperatividade-impulsividade (H/I) e 6 estudantes com 6 ou mais de desatenção + 6 ou mais de hiperatividade/impulsividade (combinado) (C). Os grupos não diferiram em relação à idade (média=10,2 anos; dp=2,4) ou sexo (38,9% do sexo feminino). A comparação entre os grupos foi realizada através de análise de variância. RESULTADOS: Os grupos apresentaram diferenças com magnitude elevada (η2>0,14) em todas as classes sindrômicas do CBCL, mas não foram significativas (p>0,05) para 'Ansiedade/Depressão', 'Depressão/Dificuldades no contato social' e 'Problemas sociais'. Uma análise post hoc corrigida para múltiplas comparações mostrou que as diferenças foram significativas (p<0,017) entre: D x HI/I: queixas somáticas (d= -5,69), problemas relacionados ao TDAH (d= -2,16) e total de problemas (d= -2,77); D x C: problemas relacionados à atenção (d= -1,92), quebra de regras sociais (d=-3,77), comportamento agressivo (d=-2,02), problemas externalizantes (d=-2,38), problemas relacionados ao TDAH (d=-3,22) e problemas do Transtorno de Conduta (d=-2,36). CONCLUSÃO: Indivíduos com sintomas de TDAH subtipo Combinado tendem a apresentar com mais freqüência problemas comórbidos do que indivíduos com sintomas do TDAH subtipo Desatento ou Hiperativo/Impulsivo. Comparando-se, porém, esses dois últimos subtipos, a diferença entre eles é mais expressiva. Estudos com grandes amostras revelaram que hiperatividade e impulsividade aumentam o risco para comorbidades no TDAH e, embora a presença desses sintomas já possa ser um fator decisivo para comprometimentos sociais e acadêmicos, as diferenças de freqüência de problemas relacionados a esse transtorno podem ajudar a entendê-lo melhor e as diferenças existentes entre os seus subtipos.

TDAH, subtipos, comorbidade

SMENTAL

INVESTIGAÇÃO DOS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO RELACIONADOS COM SINTOMAS DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE EM ESTUDANTES. *Diana Kraiser Miranda (Aluna Voluntária de Iniciação Científica), Danielle de Souza Costa (Mestranda do PPG em Medicina Molecular da UFMG), Isadora Morais de Paula (Aluna Voluntária de Iniciação Científica), Leandro Fernandes Malloy-Diniz (Prof. Adjunto do Departamento de Saúde Mental da UFMG), Débora Marques de Miranda (Profa. Adjunta do Departamento de Pediatria da UFMG), António Marcos Alvim Soares Junior (Doutorando do PPG em Medicina Molecular) e Marco Aurélio Romano-Silva (Prof. Titular do Departamento de Saúde Mental da UFMG)*

OBJETIVO: Verificar a frequência de problemas de comportamentos relacionados à vulnerabilidade para transtornos psiquiátricos em dois grupos de estudantes separados segundo a quantidade de sintomas do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). MÉTODO: 38 estudantes com idades entre 7 e 15 anos cujos responsáveis responderam os questionários padronizados MTA-SNAP-IV de avaliação de sintomas de TDAH e o Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes entre 6 e 18 anos (CBCL) foram divididas em dois grupos de estudantes segundo a quantidade de sintomas de desatenção (D) e/ou hiperatividade-impulsividade (H/I): A) 6 ou mais (D: média=6,5; dp=1,8; H/I: média=4,6;dp=2,9) e B) menos que 6 mais (D: média=2; dp=1,85; H/I: média=1;dp=1,5). Os grupos diferiram significativamente quanto à quantidade de sintomas ($p<0,001$), mas foram pareados em relação à idade (média=10 anos; dp=2,5) e sexo (36,8% do sexo feminino). RESULTADOS: Apresentaram classificação superior ao percentil 93 (limítrofe ou clínico) em porcentagem de estudantes e segundo subescala do CBCL, no grupo A: 42% Comportamento agressivo, 37% Queixas Somáticas e Ansiedade/Depressão, 23% Problemas Sociais e 21% Problemas quanto ao pensamento; 58% risco para transtornos Externalizantes, 53% Internalizantes, 37% Problemas Relacionados ao Transtorno de Oposição e Desafio. No Grupo B, 26% Ansiedade/Depressão, 16% Problemas quanto ao pensamento e 21% risco para transtornos Internalizantes. Em relação ao Total, foram classificados com risco clínico 58% dos estudantes de A e 16% de B. CONCLUSÃO: Indivíduos com sintomas de TDAH (critério A, DSM-IV) apresentam maior vulnerabilidade a psicopatologias mesmo em populações não clínicas, portanto são candidatos para o investimento de políticas que diminuam a quantidade de fatores de risco associados ao desenvolvimento de psicopatologias.

TDAH, comorbidade

SMENTAL

MEDICALIZAÇÃO E SEMIOLOGIA INDICIAL: O ESQUECIMENTO DO SUJEITO NAS ENTREVISTAS DE EVOLUÇÃO PSIQUIÁTRICA. *Valeska Zanello; Gabriela Macedo Pinheiro da Fonseca*; Ana Carolina Romero*; Guilherme Freitas Henderson* (Universidade de Brasília – Brasília/DF)*

Somente no século XIX, período de criação da clínica psiquiátrica, é que o louco atingiu sua especificidade enquanto sujeito/objeto a ser estudado e tratado: tornou-se "paciente". É o início da apropriação da loucura pela Medicina, tal como conhecemos ainda hoje, início de uma atitude clínica de observação sistemática e prolongada do comportamento do alienado: a classificação nosológica dos tipos de alienação. Isto é, firmou-se uma proliferação, cada vez mais frequente, de inúmeras síndromes mentais e comportamentais, cujo caráter era descritivo e taxonômico. Houve uma importação da lógica semiológica indicial, dominante na Medicina, para o campo da saúde mental. Nesta lógica, parte-se de sinais e sintomas, para se chegar a uma síndrome e implicitar uma causa (etiologia), buscando com isso prescrever um prognóstico, isto é, uma forma de tratamento. Ao objetivar o sintoma, destituindo dele seu caráter idiossincrático e repleto de semiosis, houve a reificação da loucura como doença mental e a eleição de uma forma de tratamento objetivo, campo no qual os medicamentos encontrariam terreno fértil, tempos depois. A palavra, o gesto e as expressões do sujeito passaram assim, cada vez mais, a representarem possibilidades de sintomas, mais do que serem portadores de sentido. Este trabalho objetivou investigar as concepções implícitas acerca da loucura e de sua cura nas perguntas realizadas por psiquiatras, nas consultas de evolução de um grande hospital psiquiátrico de Brasília. Ao todo, foram observadas 88 consultas de evolução (323 intervenções), realizadas por 4 psiquiatras. As entrevistas tiveram uma duração média de 1 minuto e a mais extensa durou 3 minutos. As consultas foram transcritas pelos observadores no momento de sua ocorrência. As entrevistas de evolução foram submetidas a uma análise qualitativa(análise de conteúdo) e quantitativa (frenquência das categorias). Nas intervenções, encontraram-se as seguintes categorias: perguntas (71%); medicamentos (9%); informação ao paciente (7%); bate-papo (7%); corte (2,3%); aconselhamento (1,4%); consolo (1%); orientação ao tratamento psicológico (0,5%); recaída (0,5%), planos pós-internação (0,3%). Percebeu-se que a principal finalidade dos psiquiatras observados era fazer o levantamento da existência de sinais e sintomas em sua classificação sindrômica. A prescrição do medicamento apareceu como única e exclusiva forma de tratamento, representando a possibilidade de supressão desses sintomas. Para uma doença mental, reificação da loucura e supressão de seus aspectos sociais, o medicamento figurava a reificação da saúde e a possibilidade de reinserção social do sujeito. Ao invés da contenção física, pratica-se agora a contenção química que é, inclusive, aclamada por alguns pacientes. Conclui-se que o psiquiatra não se atenta para o sentido do discurso do paciente, priorizando tão somente sinais e sintomas, em um funcionamento semiológico tipicamente indicial e uma lógica binária onde o que se perscruta é apenas a presença/ausência do sintoma. Nesse sentido, o medicamento desponta como a possibilidade privilegiada e quase exclusiva de tratamento. Em um momento no qual a discussão sobre a Reforma Psiquiátrica e a desinstitucionalização encontra-se tão em voga, faz-se premente sublinhar a necessidade de ascender aos níveis intersubjetivo e cultural, nos quais o paciente se encontra, e não somente diagnosticar e dar remédio.

Entrevistas; saúde mental; medicalização

SMENTAL

O ASILO COMO INSTITUIÇÃO TOTALITÁRIA: VELHICE E SAÚDE MENTAL. *Guilherme Freitas Henderson*; Lívia Campos*; Valeska Maria Zanello de Loyola (Universidade de Brasília – Brasília/DF)*

O envelhecimento populacional é um fenômeno que vem ocorrendo de maneira rápida e significativa no Brasil. Uma experiência possível para a população idosa do Brasil é o asilo público ou particular. Ser internado em um asilo ou casa para idosos pode ser mais um fator de risco para a saúde mental e o bem estar dessas pessoas. Apesar de não ser um manicômio, uma prisão ou um convento, a instituição asilar tem seu modo de funcionamento baseado em posturas repressoras, controladoras e hierárquicas, típicas do que Goffman denominou de instituições totais. Essas organizações agem de forma a impossibilitar os indivíduos de exercerem um mínimo de eu, sendo obrigados a seguirem um conjunto de regras e normas. Esse tipo de instituição utiliza estratégias de controle do tempo, sistematizando ao longo do cotidiano atividades pré-estabelecidas sem dar à pessoa idosa o direito de opinar ou expressar seus desejos e vontades. Além disso, a internação representa, em muitos casos, o abandono e a separação da família, bem como das relações sociais de amizade. Deparar-se com a realidade asilar representa uma ruptura social e afetiva, cujas consequências psíquicas precisam ser estudadas no que diz respeito a ser mais um fator de risco para a saúde mental dos idosos. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho visou levantar o modo como a instituição asilar é vivenciada pelos idosos, bem como os sentidos, e as rupturas de sentido, representados pelo internamento, e suas consequências para a saúde/sofrimento mental. O lugar escolhido para realizar esta análise foi uma instituição asilar particular de Brasília. Foram realizadas 5 visitas ao asilo, com duração média de 2 horas cada, que visaram: a observação do cotidiano, a convivência e o estabelecimento de conversas informais com os idosos e as idosas. As observações e informações obtidas foram anotadas em um diário de campo, e, posteriormente, discutidas em supervisões semanais com a orientadora. A partir dos dados colhidos, foram criadas as seguintes categorias de análise: Perseguição e ameaça (queixa de maus tratos, desleixo); Materialismo (a instituição desqualifica, na visão dos idosos, o que não é concreto); Hipermedicalização; Totalitarismo (o sujeito não pode exercer o Eu); Silenciamento dos idosos(as) lúcido(as) (as críticas destes não são ouvidas); "Matadouro" (a visão de que a Instituição prepara para morrer e acelera este processo); Interesse financeiro (cada idoso representa uma soma de dinheiro). Pode-se afirmar que há nestas vivências da Instituição Asilar, a construção de um sentido privilegiado da instituição como sendo total (Goffman). Tal sentido proporciona uma visão negativa do envelhecimento levando os idosos a um desconhecimento (ou esquecimento) de que é possível exercer outras potencialidades de si. Sugere-se que tal visão pode oferecer riscos à saúde mental de idosos e idosas.

Asilo; velhice; saúde mental

SMENTAL

O SURGIMENTO DO CRACK E A EVOLUÇÃO DO CONSUMO. *Cinthia Maria Cecato Picoli**, Daniela Ribeiro Schneider (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).*

O crack tem sido identificado, cada vez mais, como a substância de preferência de muitos usuários de drogas no Brasil, em função de ser uma droga relativamente barata e de fácil acesso, e por produzir efeitos prazerosos e intensos, ainda que breves, o que acarreta na necessidade de se consumir cada vez mais. Sendo assim, um padrão de uso compulsivo é frequente entre os usuários de crack, o que demonstra o poder de dependência associado ao consumo desta droga. Aqui será discutida parte da revisão bibliográfica da pesquisa de mestrado, que tem como foco a adesão de usuários de crack aos tratamentos. Esta etapa teve por objetivos descrever o contexto em que o crack foi introduzido como droga de consumo e conhecer a conjuntura nacional e internacional referente ao surgimento do crack. Pesquisa bibliográfica sobre o tema. Ao se contextualizar o crack é necessário considerar o momento sócio-histórico-cultural do consumo da cocaína. Seu uso teve grande popularidade entre 1885 e 1905, quando, nos Estados Unidos, o uso de bebidas alcoólicas, opiáceos e de cocaína passou a ser visto como um problema social. O prestígio da cocaína diminuiu muito entre os anos de 1920 e 1970, pois seu uso era considerado uma prática das populações marginalizadas. A partir desta década ela reaparece, desta vez pelas camadas de maior poder aquisitivo, devido ao valor elevado que era vendida, momento em que também iniciam as políticas referentes à repressão da sua produção e comercialização, o que impulsiona o surgimento do crack. A descrição do crack na literatura norte americana ocorre pela primeira vez em meados dos anos 1980. O uso do cloridrato de cocaína em pó era muito comum, porém o crack tornou-se logo muito popular. Dois fatores influenciaram para que isso acontecesse: o valor de venda reduzido permitiu o acesso à população de menor renda; e pela via de administração ser pulmonar, rapidamente atingindo o cérebro levando a efeitos mais potentes. A partir da década de 1990 o consumo de crack começa a diminuir em decorrência da melhora da economia e da entrada de outras drogas, como as anfetaminas. Se por um lado a redução do consumo neste país chega a 60%, no Brasil ele começa a ser conhecido e utilizado pela população nesta época, logo se tornando uma droga de consumo intenso. No Brasil a via nasal e injetável já foram predominantes, sendo que a forma fumada é a mais utilizada nos últimos anos, e é a preferência dos consumidores mais compulsivos, devido aos seus efeitos serem rápidos, breves e intensos. Logo há o esgotamento dos recursos financeiros em favor da eliminação da fissura e da urgência em repetir o uso da droga, acarretando em danos que são difíceis de serem disfarçados: comorbidades clínicas, desnutrição, falta de asseio pessoal, problemas sociais e judiciais. Mesmo assim, é possível manter o uso do crack ao longo do tempo, demonstrando que em termos de rede de cuidados em saúde deve-se considerar os padrões de consumos relativos à esta substância.

Crack, cocaína, consumo de substâncias

SMENTAL

PROSA UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA DE PROMOÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA NA UNIVERSIDADE. *Ana Aparecida Vilela Miranda; Lydia Galdino Veras; Bruno Nogueira Costa; Sheila Giardini Murta (Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Ao compreender que a universidade traz diversos desafios aos estudantes e que seu papel não se restringe em formar pesquisadores e profissionais, mas se estende em efetivar um ensino orientado na formação integral do discente, desenvolveu-se o programa PROSA UNIVERSITÁRIA (Programa de Saúde para Universitários) para estudantes da Universidade de Brasília. O programa teve como objetivo contribuir para a formação emocional, o desenvolvimento de habilidades sociais e a construção de redes sociais de apoio, além de auxiliar nas mudanças presentes na vida acadêmica do aluno. Em sua quarta edição, o grupo foi conduzido com três alunos do primeiro semestre do curso de psicologia. As sessões realizaram-se na própria instituição. A intervenção compreendeu 10 sessões, semanais, com 90 minutos de duração. Foi conduzida por duas estagiárias de psicologia do estágio em Psicologia Preventiva do Instituto de Psicologia. Para avaliação de interesses dos discentes, propôs-se um questionário estruturado com diversos temas para que eles escolhessem, na primeira sessão, aqueles que deveriam compor a intervenção, conforme suas necessidades. Os resultados desta avaliação de interesses, associados à observação dos facilitadores sobre o processo grupal, guiaram a escolha dos temas e técnicas para as sessões. Foram abordados os temas autoconhecimento, identidade, redes de apoio social, assertividade, relacionamento afetivo, enfrentamento, tomada de decisão, manejo do tempo e empatia. As técnicas utilizadas foram vivências grupais, ensaio comportamental, treinamento em habilidades sociais e tarefas de casa, derivadas dos referenciais teóricos cognitivo-comportamental e sistêmico. Registros dos eventos relevantes ocorridos nas sessões foram mantidos em um diário de campo, avaliação de pré- e pós-teste com a Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP) e avaliação de processo. A análise destes dados evidenciou que o programa propiciou aos participantes maior senso crítico sobre eles mesmos e a vida na universidade, a expressão de seus sentimentos de forma assertiva, maior autoconhecimento, reflexões sobre o seu agir no mundo e ainda configurou um espaço de escuta para expressarem as suas angústias pessoais. Conclui-se que o PROSA UNIVERSITÁRIA favoreceu o desenvolvimento de recursos para enfrentamento dos problemas, para autocuidado e fatores de proteção à saúde mental do universitário. Esta experiência aponta para a importância da continuidade e ampliação do programa na Universidade como estratégia de facilitação do desenvolvimento integral do discente na sua formação acadêmica e sua inserção bem sucedida no ambiente universitário. Expandir para toda a universidade o programa é a sugestão para as próximas experiências

Promoção de saúde mental, enfrentamento, vida universitária

SMENTAL

PSICOEDUCAÇÃO NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR. *Ana Paula Gomes Jelihovschi*, Cristina Yumi N. Sediyama**, Isabela M. Magalhães Lima**, Renata Caetano Vieira (Laboratorio de Investigacoes Neuropsicologicas- UFMG, Belo Horizonte, MG), Fernando Neves (professor do departamento de saúde mental da faculdade de medicina da UFMG, coordenador do Núcleo de Transtornos Afetivos do Hospital das Clínicas da UFMG), Leandro Malloy-Diniz (Professor do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG, Coordenador do Laboratório de Investigações Neuropsicológicas do INCT em Medicina Molecular UFMG).*

O transtorno afetivo bipolar (TAB) é caracterizado por alterações do humor envolvendo episódios recorrentes de mania ou hipomania e depressão. É um transtorno crônico, que em seu curso tende a apresentar aumento do número de episódios e prejuízos funcionais e cognitivos. Apesar do tratamento farmacológico ser de fundamental importância no tratamento e controle do transtorno, pesquisas apontam que muitas vezes ele não é suficiente para estabilização do humor e melhor qualidade de vida dos pacientes. Para esses casos, intervenções não farmacológicas como a Psicoeducação tem apresentado resultados favoráveis, quando combinadas ao tratamento medicamentoso. A Psicoeducação tem como objetivo informar aos pacientes sobre o transtorno e tem alcançado resultados significativos referentes à adesão ao tratamento e redução do número de episódios e hospitalizações. Algumas características do processo da psicoeducação apresentam resultados positivos para o bom funcionamento dessa intervenção. O número de profissionais atuantes ajuda o paciente a sentir-se acolhido e, por ser em grupo, a intervenção permite modelagem, facilita o suporte dos pacientes entre os mesmos, reduz o estigma, facilita a conscientização sobre o transtorno, é mais eficiente e econômico. O grupo de psicoeducação do Hospital das Clinicas (HC) de Belo Horizonte, é constituído por pacientes atendidos no Núcleo de Transtornos Afetivos (NTA) diagnosticados com Transtorno Afetivo Bipolar. Esses pacientes são previamente submetidos à avaliação neuropsicológica e ao Mini Plus, sendo então encaminhados para o processo de intervenção. O número de participantes no grupo varia entre 4 e 6, sendo que os mesmos devem estar eutimicos e ter entre 18 e 55 anos. O grupo é conduzido por 1 terapeuta e 2 co-terapeutas, que são psicólogos ou psiquiatras com experiência no tratamento de TAB e habilidade para lidar com grupos. O projeto prevê 8 sessões de 60 minutos, sendo os primeiros 10 minutos de interação entre o grupo e os próximos 50 minutos dedicados a palestra interativa sobre o tema da sessão. Os temas das sessões consistem em: 1)_ Apresentação do projeto, regras do grupo, consciência do transtorno bipolar; 2)_ Sintomas TAB tipo I e II; 3)_ Evolução e prognóstico (saúde biopsicossocial); 4)_ Medicação, tratamento e gravidez, 5)_ Uso de drogas e transtorno bipolar; 6)_ Aprendendo a detectar sintomas; 7)_ Estilo de vida e estresse; 8)_ Resolução de problemas e finalização. A psicoeducação aborda temas relevantes para os portadores do TAB e seus familiares, e tem alcançado resultados tais como a diminuição de hospitalizações, o aumento da adesão ao tratamento e a redução de episódios. Assim, tem sido considerada de relevância significativa para a maior eficácia do tratamento farmacológico e uma possibilidade de melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Psicoeducação; Tratamento; Transtorno Afetivo Bipolar

SMENTAL

REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL E INTERDISCIPLINARIDADE EM SAÚDE MENTAL. *Andréa Batista de Andrade Castelo Branco*

A interdisciplinaridade em saúde refere-se à construção de saberes e práticas conjuntas realizadas por diversos profissionais com vistas ao cuidado integral do sujeito através do diálogo e da co-responsabilidade. No campo da saúde mental, o Sistema Único de Saúde (SUS) propõe a necessidade da realização de práticas interdisciplinares que possibilitem maior integralidade, humanização e acolhimento dos serviços de saúde para garantir a materialização da reabilitação psicossocial na rede. Diante deste contexto, objetivamos suscitar reflexões acerca das novas metodologias de ações interdisciplinares que aspiram superar práticas individuais e fragmentadas na esfera da saúde mental. Para tal, realizamos um levantamento bibliográfico de cunho qualitativo, no qual foram utilizadas as bases de dados do LILACS e do SCIELO, priorizando os artigos publicados nos últimos 5 anos. A coleta e a análise de dados ocorreram nos meses de janeiro a novembro de 2011, onde foram pesquisados os seguintes descritores: saúde mental; interdisciplinaridade e reabilitação psicossocial. Após o levantamento, verificamos que há um total de 1044 artigos com o descritor saúde mental e 256 artigos com o descritor interdisciplinaridade. Entretanto, ao cruzarmos estes dois descritores localizamos apenas 7 artigos sobre saúde mental que mencionam a questão da interdisciplinaridade. Encontramos também um total de 10 artigos com o descritor reabilitação psicossocial. Além disso, os achados evidenciam que práticas conjuntas tendem a potencializar os resultados das intervenções, possibilitando a reinserção do sujeito no seu contexto social e auxiliando na desmedicalização quando necessário. Concluímos que há maior resolubilidade nas ações interdisciplinares em detrimento de práticas realizadas isoladamente por profissionais da saúde mental, visto que a reabilitação psicossocial só é possível a partir de um olhar integral do sujeito e da sua família.

SMENTAL

REFORMA PSIQUIÁTRICA E ASPECTOS PSICOSSOCIAIS: UM ENFOQUE NO ESTIGMA SOCIAL. *Fabricia Creton Nery**; Flaviane Bevilaqua Felicissimo**; Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).*

O estigma representa um problema significativo a ser enfrentado pelos portadores de sofrimento mental, uma vez que impacta de forma negativa, aqueles que sofrem com essa condição, gerando sofrimento, discriminação, rejeição e isolamento social, podendo inclusive, atuar como uma barreira para a busca de tratamento adequado a sua condição de saúde. Este constructo fundamenta-se em características negativas aplicadas a membros de um determinado grupo, atribuindo-lhes um caráter desfavorecido ou desonrado pela sociedade em geral e implicando em julgamentos morais direcionados à esses grupos. Em uma perspectiva psicossocial, o estigma é compreendido como a coexistência de discriminação, estereótipo, rotulação, distância social, categorização e perda de status, dentro de uma estrutura de poder. Nesse sentido, o estigma pode ser considerado como um constructo dinâmico e contextual, influenciado por concepções históricas, sociais e culturais, construídas a partir da compreensão do conceito de portador de sofrimento mental, sendo esta última, influenciada pelos diferentes fatos que marcaram essa temática e que propiciaram o surgimento de crenças estigmatizantes observadas atualmente em nossa sociedade. Perceber o lugar ocupado pelo portador de sofrimento mental na sociedade pode contribuir para a compreensão dos desdobramentos atuais das concepções voltadas para essa população. Desta forma, o presente estudo objetiva descrever o processo de construção histórica do sofrimento mental, relacionando-o com a existência de crenças estigmatizantes, conduzindo o leitor a uma reflexão crítica acerca do processo de formação do estigma entre os portadores de sofrimento mental e a sua influência na percepção atual dessa população. Objetiva-se discutir a construção do modelo hospitalar psiquiátrico e os impasses ligados a essa instituição, tais como as condições desumanas de tratamento. Além disso, destaca-se a importância da construção do Movimento de Reforma Psiquiátrica e as medidas tomadas para a substituição do modelo hospitalar, assim como a criação de serviços substitutivos e alguns desafios para a implementação efetiva da reforma psiquiátrica. As percepções da sociedade sobre uma condição de saúde estigmatizada, como o sofrimento mental, podem exercer um papel importante na forma como os grupos estigmatizados são tratados. Portanto, espera-se que com essa reflexão crítica, o leitor seja capaz de identificar os diversos acontecimentos históricos que permitiram a criação de crenças estigmatizantes e problematizar tais crenças a fim de identificar estratégias de enfrentamento ao estigma que atinjam o imaginário social. Almeja-se que o leitor, seja capaz de pensar intervenções que levem em consideração o contexto cultural em que o indivíduo está inserido, propondo alternativas que envolvam o estigmatizado, a comunidade, a família, dentre outros, possibilitando beneficiar os grupos estigmatizados e maximizar sua qualidade de vida e adesão ao tratamento adequado para sua condição.

História da Loucura; Transtornos Psiquiátricos; Reforma Psiquiátrica; Estigma.

CNPq - MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 07/2011; BIC/UFJF – Bolsa de Iniciação Científica

SMENTAL

RELEVÂNCIA DOS TRANSTORNOS MENTAIS ENTRE OS REQUERIMENTOS DE AUXÍLIO-DOENÇA E APOSENTADORIA POR INVALIDEZ NO CENTRO JURÍDICO SOCIAL DA UNESP CÂMPUS FRANCA-SP. *Claudia Mazzer Rodrigues, Leliana Fritz Siqueira Veronez, Maria Bernadete Saldanha Lopes, Adriana Regina de Almeida, Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca-SP)*

O auxílio-doença e a aposentadoria por invalidez são tipos de benefícios concedidos, pela Previdência Social brasileira, a segurados que, sob avaliação médico-pericial, obtenham a comprovação do comprometimento de sua capacidade laborativa decorrente de agravo a sua saúde. Segundo estudos atuais, dentre as doenças que com maior frequência têm sido consideradas as principais responsáveis pela incapacidade dos trabalhadores, se incluem os transtornos mentais. Os transtornos mentais podem ser entendidos como condições de alterações patológicas do modo de pensar ou do humor, e/ou de alterações mórbidas do comportamento associadas à angústia expressiva ou deterioração do funcionamento psíquico global. Esses transtornos se configuram como patologias que podem ocasionar relevante sofrimento ao indivíduo, especialmente se associadas ao comprometimento da capacidade laborativa e a altos custos individuais, sociais e econômicos. Nesse contexto, formulou-se como hipótese norteadora que os transtornos mentais representariam um dos diagnósticos mais frequentemente apresentados como responsáveis pela incapacidade laborativa. A partir disso, objetivou-se investigar a frequência relativa com a qual os transtornos mentais foram indicados como justificativa para os requerimentos de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez na Unidade Auxiliar Centro Jurídico Social (UACJS) da Unesp de Franca-SP. A UACJS oferece atendimento sociojurídico à população de baixa renda da cidade de Franca e região. Ressalta-se que os requerimentos dos benefícios em questão, dos casos atendidos na UACJS, foram anteriormente indeferidos quando requeridos por via administrativa, sendo então solicitados por via judicial. Diante do objetivo proposto, foi realizado um estudo retrospectivo com levantamento e análise descritiva dos dados contidos nos arquivos da UACJS referentes aos anos de 2010 e 2011. Verificou-se que os transtornos mentais foram a segunda causa de prejuízos da capacidade produtiva (23,1%) apresentada nos requerimentos por auxílio-doença e aposentadoria por invalidez, sendo precedidos somente das doenças osteomusculares (50,0%) e seguidos das doenças circulatórias (15,4%), neoplasias (7,7%) e doenças do olho e anexos (3,9%). Dentre os transtornos mentais, os transtornos de humor, mais especificamente a depressão, foram mais frequentemente apresentados, correpondendo a 66,7%. O outro transtorno mental indicado foi a esquizofrenia, representando 33,3%. Os transtornos mentais foram mais frequentemente apresentados por pessoas do sexo feminino (66,7%). Tais achados confirmaram a hipótese norteadora referente à relevância dos transtornos mentais entre as doenças responsáveis pelo comprometimento da capacidade produtiva dos trabalhadores. Ao se verificar que os transtornos mentais ocuparam o segundo lugar dentre as queixas apresentadas nas solicitações de benefícios devidos a segurados que tiveram sua capacidade de trabalho comprometida, evidencia-se a importância da expansão e priorização dos serviços especializados na assistência em saúde mental, bem como de adequação das políticas públicas de prevenção e assistência, com a finalidade de melhor contemplar os agravos à saúde mental do trabalhador.

Palavras-chave: Transtornos mentais, Incapacidade, Previdência Social

Outro

SMENTAL

SAÚDE MENTAL E GÊNERO NA TERCEIRA IDADE. *Lívia Campos e Silva*; Guilherme Freitas Henderson*; Valeska Maria Zanello de Loyola (Universidade de Brasília – Brasília/DF)*

O envelhecimento populacional é um fenômeno que vem ocorrendo de maneira rápida e significativa no Brasil. A temática da velhice não pode ser abordada desarticulada de especificidades importantes que a perpassam e que, portanto, lhe dão facetas de leitura específicas. Dentre os recortes possíveis, está a perspectiva das relações de gênero. Os estudos sobre gênero e saúde mental na terceira idade ainda são escassos. No entanto, existem fortes evidências de que a vivência do envelhecimento é mediada pelas relações e valores de gênero, proporcionando sofrimentos subjetivos diferenciados. Pesquisar a especificidade destas vivências se faz necessário para que a elaboração de projetos de intervenção possa levar em conta esta dimensão, de forma a potencializar sua eficácia. Assim, este trabalho teve como escopo investigar, sob o viés das relações de gênero, como a velhice é vivenciada por mulheres e homens idosos de uma instituição asilar, e de que forma essas vivências se relacionam com o/a sofrimento/saúde mental que essas pessoas apresentam. Foram realizadas 5 visitas ao asilo, com duração média de 2 horas cada, que visaram: a observação do cotidiano, a convivência e o estabelecimento de conversas informais com os idosos e as idosas. As observações e informações obtidas foram anotadas em um diário de campo, e, posteriormente, discutidas em supervisões semanais com a orientadora. A partir dos dados colhidos, foram criadas categorias de análise para os discursos de homens e mulheres. As categorias encontradas dentre os homens apontam para uma vivência de virilidade, experienciada, sobretudo, no passado, através dos seguintes itens: sexo (quantidade de sexo realizada no passado), viagens realizadas, número de carros que teve, e ter sido provedor. No presente, a virilidade masculina apareceu nos seguintes itens: sexo na atualidade (através de desejo ativo, seja imaginário, seja exercido com as cuidadoras, e uso do Viagra) e força física. Dentre as mulheres, as categorias encontradas apontam para uma dimensão do cuidado, exercido na atualidade com os outros e consigo mesmas (cuidar da aparência), espiritualidade (com uma valorização da alma em detrimento do corpo), negação da sexualidade e elogio da ternura, família, exercício das tarefas domésticas. Além da diferença entre categorias, parece haver uma diferença na temporalidade enfatizada nos discursos dentre homens e mulheres. Nos homens, é valorizada uma virilidade exercida no passado; nas mulheres, o exercício das categorias encontradas é enfatizado na atualidade. Os dados parecem apontar que os idosos e as idosas vivenciam o envelhecimento de formas diferenciadas e possuem mecanismos diferentes para manter sua saúde mental. De um lado, os homens continuam a proteger sua virilidade, agora localizada mais no passado, enquanto as mulheres investem mais no presente, em atividades a elas relacionadas pela cultura por meio de valores de gênero.

Velhice; relações de gênero; saúde mental;

SMENTAL

SAÚDE MENTAL E UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA: DESAFIO OU POSSIBILIDADE? *Rafael Pereira dos Santos, Nayara Gomes de Souza, Márcia Rodrigues Messias dos Santos, Luciane Martinelli, Monalisa de Cássia Fogaça (Universidade Nove de Julho), Regina Grigolli Cesar (*Profª Drª responsável pela UTI Pediátrica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo)

Objetivo: Avaliar a saúde mental de profissionais da saúde que trabalham em UTI Pediátrica.

Método: Estudo transversal incluindo médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, técnicos e auxiliares de enfermagem que trabalham em hospital-escola na cidade de São Paulo, em UTI Pediátrica. A amostragem foi por conveniência, onde 32 profissionais responderam a dois questionários: inventários de depressão e ansiedade de Beck. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da universidade sob o nº 447751. O intervalo de confiança para a média foi construído com 95% de confiança com bases na tabela de Distribuição Normal.

Resultados: Em relação ao inventário de ansiedade conclui-se com 95% de confiança que a média para o nível de ansiedade está em um IC (intervalo de Confiança) de $6,68 < \mu < 7,69$, ou seja, os profissionais alocados nesta unidade apresentam o nível mínimo de ansiedade, obedecendo ao ponte de corte de escores de 0 a 10 para este nível. Obteve-se, também com mesmo nível de confiança, o intervalo de $7,31 < \mu < 8,19$ para depressão, ou seja, o nível mínimo em relação ao ponte de corte de escores de 0 a 11, para pacientes psiquiátricos, quando a versão em português é aplicada em relação aos dois inventários.

Conclusão: Apesar do número limitado de participantes, o que dificulta a generalização de dados para profissionais da saúde que trabalham em UTI Pediátrica, os dados retratam o perfil de uma unidade de cuidados intensivos, mostrando um perfil organizacional com baixa estimativa para transtornos psiquiátricos.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

SAÚDE MENTAL E VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO DF. *Valeska Maria Zanello de Loyola; René Marc Costa e Silva; Lívia Campos e Silva**

Transtornos de ansiedade e depressão são diagnósticos frequentes no mundo ocidental. Autores os definem como transtornos mentais comuns e pesquisas têm apontado uma alta correlação entre seu aparecimento e condições socioeconômicas, tais como gênero, pobreza e baixa escolaridade, dentre outros. O gênero aparece como uma lupa no entendimento da doença mental, uma vez que afeta os múltiplos aspectos da psicopatologia, como: a prevalência dos transtornos mentais, a maneira como os sintomas se expressam, o curso da doença, a busca do tratamento pelo paciente e se este melhora com o tratamento. Assim, faz-se mister reler a saúde mental sob o viés das relações de gênero, uma vez que leva a outras reflexões e à compreensão do quanto a loucura pode ser engendrada. O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise dos sintomas e diagnósticos encontrados em prontuários de pacientes homens e mulheres de dois grandes hospitais psiquiátricos do Distrito Federal. Visou-se, portanto, frisar a importância da perspectiva de gênero como um instrumento fundamental para rever o campo da saúde mental e proporcionar formas de intervenção efetivas. Foram analisados 72 prontuários masculinos e 165 femininos. A frequência dos sintomas foi contabilizada, da mesma maneira que os diagnósticos. Dentre os sintomas masculinos mais frequentes estavam (por número de pacientes): insônia (27%); alucinação auditiva (24%); agressividade (22,4%); ansiedade (13,5%); ideação suicida (13,5%); depressão (13,5%); delírio (13,5%); isolamento (12%); medo (12%); irritabilidade (12%) e; tristeza (12%). No que se refere aos diagnósticos destes, os mais incidentes foram: psicose (44%); transtorno de humor (19%); transtorno de ansiedade (8,5%); transtornos de base orgânica (6,5%) e; déficit cognitivo (6,5%). Já em relação às mulheres, os sintomas mais protuberantes encontrados (por número de paciente) foram: insônia (46%); ansiedade (34%); tristeza (28,5%); vontade de chorar/choro incontido e imotivado (25%), angústia (23,5%), irritabilidade (23%); depressão (19%); nervosismo (19%); agressividade (18%) e; cefaléia (18%). No que diz respeito aos diagnósticos mais frequentes destas, foram encontrados: transtornos de humor (38,3%); psicose (23,4%); transtornos de ansiedade (15%); transtornos de personalidade (neurótica/histriônica, 11%); transtornos mistos de depressão e ansiedade (6,3%). Observou-se que 27,5% dos diagnósticos masculinos e 59,6% dos femininos podem ser considerados transtornos mentais comuns. Portanto, pode-se observar que o caráter social da doença mental se expressa objetivamente na sua distribuição desigual entre homens e mulheres. O perfil biométrico levantado aponta para a prevalência de mulheres, negras, pobres e domésticas como usuárias destes serviços. Questiona-se se tais diagnósticos apontam para um quadro médico ou se o que está ocorrendo é uma medicalização de mazelas sociais.

Saúde mental; psiquiatria comunitária; feminismo.

SMENTAL

SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: COMPARAÇÃO ENTRE DOIS SERVIÇOS. *Mara Soares Frateschi*, Cármen Lúcia Cardoso (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP)*

A Atenção Primária à Saúde (APS) tem se apresentado como um recurso estratégico para o enfrentamento de importantes problemas de saúde mental. As equipes de saúde da APS atuam nas comunidades, com maior ênfase no vínculo, priorizando as práticas de promoção de saúde e prevenção de agravos, e assim podem operar em sintonia com os preceitos da Reforma Psiquiátrica que preconiza a desinstitucionalização dos usuários dos serviços psiquiátricos. O presente estudo objetivou comparar o cuidado em saúde mental ofertado por dois serviços públicos de saúde da APS, a saber: a) Unidade de Saúde da Família (USF); b) Unidade Básica de Saúde (UBS) tradicional. Os participantes foram 13 usuários em sofrimento mental que freqüentam os dois serviços de saúde estudados. Para a coleta de dados foi utilizado o Grupo Focal, sendo realizado um grupo em cada serviço. O material foi submetido à análise qualitativa em pesquisa e utilizou-se como ferramenta a Análise de Conteúdo Temática. Os grupos foram áudio gravados e transcritos na íntegra. A partir da leitura exaustiva do material, os resultados foram dispostos em cinco categorias temáticas, a saber: 1. Pontos Fortes - abrange os aspectos dos serviços avaliados como satisfatórios; 2. Pontos Frágeis - abarca os aspectos dos serviços avaliados como insatisfatórios; 3. Necessidades/Sugestões - inclui propostas para uma melhor assistência; 4. Comparação com outros serviços de saúde mental - trata da avaliação de outros serviços de saúde e a comparação destes com os da APS; 5. Concepções - abarca concepções acerca do serviço, do cuidado e da pessoa em sofrimento mental. Comparando a avaliação feita pelos usuários de ambos os serviços, observou-se algumas diferenças entre os mesmos. A USF apresentou melhor padrão de registro; vínculo mais evidente entre equipe e usuário; maior índice de identificação do serviço como local de ajuda. A UBS apresentou, de acordo com os participantes, um padrão de encaminhamentos dos usuários para serviços especializados e certa desresponsabilização pelo acompanhamento das situações de sofrimento mental. Infere-se que a USF, em relação à UBS, desempenha uma atuação mais próxima da preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de forma que se encontrar mais afinada com o processo de transformação do modelo assistencial. Entretanto, sua avaliação não divergiu substancialmente da avaliação da UBS no que diz respeito à prática pautada no modelo médico, visando à cura; falta de profissionais qualificados para atender a demanda de saúde mental; ausência de atividades de promoção de saúde e necessidade de continuidade do cuidado. Conclui-se que a conduta adotada pelos serviços ainda está muito aquém das suas potencialidades e que avaliação feita pelos usuários é essencial para a efetivação das mudanças de paradigma em saúde mental.

Saúde Mental, Atenção Primária à Saúde, Estratégia Saúde da Família.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

SMENTAL

SAÚDE MENTAL NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN. *Nara Helena Lopes Pereira da Silva, Cármen Lúcia Cardoso, Angela Ales Bello (Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

A Tese trata do tema da Saúde Mental na Estratégia Saúde da Família (ESF), tendo como fundamentação a fenomenologia de Edith Stein. Este é um tema relevante e atual no contexto das políticas públicas em saúde e que necessita de novos olhares, visando o desenvolvimento de práticas que superem o modelo assistencialista tradicional, centrado na medicalização e estigmatização das diferenças, em busca de ações direcionadas aos territórios e comunidades, além de concepções e práticas que abarquem o cultural e as relações entre as pessoas. Neste contexto, a literatura da área tem apontado inúmeras dificuldades para a incorporação da saúde mental nos territórios de atuação da Saúde da Família. A proposição da Tese foi efetuada a partir de um percurso de vivência prática e teórica/reflexiva da pesquisadora/Psicóloga na ESF. A oportunidade do doutorado sanduiche (CAPES/USP/FAPESP) com coorientação da doutora Angela Ales Bello, especialista em Edith Stein e presidente do Centro Italiano de Pesquisas Fenomenológicas de Roma, favoreceu o intercâmbio cultural e científico, as reflexões filosóficas sobre práticas ainda recentes, além da conscientização da relevância mundial da temática nas políticas de atenção primária. Assim, o objetivo da Tese foi compreender a Saúde Mental na ESF a partir de uma leitura fenomenológica. O estudo tem como inovação a leitura de tal realidade a partir dos conceitos de uma filósofa alemã pouco conhecida chamada Edith Stein. Discípula e orientada em seu Doutorado (1911) por Husserl, fundador da fenomenologia, suas concepções estão fortemente enraizadas no método fenomenológico clássico. Seus estudos oferecem fundamentos sobre a estrutura humana, legitimando o respeito às singularidades e a vivência comunitária como potencialidades centrais ao desenvolvimento humano, além de fundamentações sobre ética, cidadania, valor, formação, Política e Direito ao investigar a essência do Estado. A análise da Tese procurou problematizar três aspectos: a vivência comunitária como potencialidade presente na ESF; a equipe enquanto possibilidade de uma experiência comunitária; por fim, a ESF enquanto representante de uma comunidade Estatal. As fundamentações sobre empatia, comunidade, constituição dos valores e formação da pessoa, Estado, Direito, além de contribuições sobre a epoque fenomenológica e a legitimação do ser humano nos aspectos de individualidade e comunidade, fornecem subsídios para a compreensão da estrutura humana em sua singularidade, além das relações da equipe de saúde com os usuários, ou desta com os demais profissionais e também do lugar desta equipe enquanto representante das diretrizes provenientes do Estado. Auxilia nas reflexões sobre a integralidade do cuidado, a intersetorialidade, a construção de redes de apoio social, a formação e desenvolvimento humano, superando, assim, as lógicas individualistas, assistencialistas e dicotômicas. A Tese contribui para a ESF com sugestões de novas reflexões e novos fazeres no âmbito da Saúde Mental ao evidenciar a importância de uma fundamentação filosófica acerca do que é o ser humano e da potencia de um diálogo rigoroso entre Fenomenologia, Antropologia e Psicologia. Destaca a relevância da interdisciplinaridade e também a necessidade de alargamento das fronteiras para uma compreensão integral do cuidado humano.

Atenção Primária à Saúde; Saúde Mental; Fenomenologia

CAPES-PDEE

FAPESP
“Premio Tese Destaque USP, 2011” (menção honrosa)
SMENTAL

SOBRE SUICÍDIO E PSICOLOGIA: A PRODUÇÃO DE UMA DÉCADA.

Joanneliese de Lucas Freitas, Aneliana da Silva Prado, Bruna Mathias*, Géssica Greschuk*, José Dequech Neto* (DEPSI, Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR)*

O suicídio é um fenômeno pensado segundo diversas perspectivas filosóficas, científicas, religiosas e artísticas. Recentemente tem ganhado expressividade como tema relevante em saúde pública como se verifica nos documentos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde (MS) que visam à capacitação dos profissionais de saúde para lidar com a crise suicida. Segundo a OMS, estima-se que aproximadamente 90% das pessoas que cometem suicídio apresentam algum sofrimento mental. Diante desse quadro, esta pesquisa teve como objetivo mapear e categorizar as produções e publicações acerca do suicídio, a fim de identificar quais as temáticas mais frequentes de seu estudo em psicologia e, por conseguinte, como tem sido abordado. Para tanto, realizou-se uma busca de teses e dissertações no banco de dados da CAPES (de 2000 a 2010), e de artigos nas bases MEDLINE, PEPSIC e SCIELO (de 2002 a 2011) em português e espanhol, com a palavra-chave "suicídio", com critério de inclusão de revistas conceito A ou B (Qualis Capes). Neste trabalho, apresentamos os dados das análises das publicações em psicologia. Entre os 393 artigos encontrados, 64 eram de psicologia (46 em português e 18 em espanhol). A diferença numérica entre os idiomas deveu-se ao critério de inclusão supracitado, por meio do qual, muitos artigos em espanhol foram excluídos. Os primeiros resultados apontam que, na área da saúde, a psicologia apresenta a menor proporção entre produção de teses/dissertações e publicações, de onde se levanta a hipótese de que em psicologia publica-se menos do que se produz sobre o tema. Os artigos foram classificados em categorias temáticas construídas a partir da análise de todo o universo de dados. São elas: epidemiologia; comportamento suicida; perfil suicida; motivações suicidas; prevenção/intervenção/assistência; representação social; conceitualização; suicídio em população específica; patologia orgânica; psicopatologia; outros fatores de risco e proteção; tema secundário e outros. Em português, houve uma maior frequência de publicações nas quais o suicídio aparece como tema secundário (34,8% dos artigos), seguido por 21,7% dos artigos que priorizavam a conceitualização do tema. Com 10,9% de frequência mostram as populações específicas e as representações sociais (8,7%). Nota-se baixa frequência de estudos sobre prevenção/intervenção/assistência (4,4%) e nenhuma publicação sobre comportamento suicida ou que relacionem o suicídio à patologias orgânicas. Em espanhol, há igualmente uma predominância de artigos que trataram o tema como secundário (27,8%). Os temas mais abordados, depois deste, são fatores de risco/proteção e populações específicas (22,2% e 16,7%, respectivamente). Não há publicações em espanhol sobre epidemiologia, comportamento suicida, representações sociais e patologias orgânicas. Diante disso, identificou-se que, enquanto dados da OMS e MS que apontam para a necessidade de capacitação de profissionais para prevenção/intervenção, a produção acadêmica em língua portuguesa apresenta uma defasagem em relação a tais questões, mais evidente do que em língua espanhola. Com frequência os estudos focam a compreensão do suicídio (conceitualização e representações sociais). Entretanto, percebe-se que a academia pouco se tem voltado às necessidades das populações mais atingidas, à prevenção ou a reflexão sobre políticas públicas e suas implicações, especialmente em países de língua portuguesa.

Suicídio; psicologia; produção acadêmica

UFPR/Tesouro Nacional

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRANSTORNO BIPOLAR: UM OLHAR SOBRE O PACIENTE NA PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE MENTAL. *Amanda Pereira Santiago*, Ana Cristina Jesus de Oliveira*, Dirce Maria de Oliveira Silva*, Elen Cássia Braz Pereira*, Eliab Gonçalves Silva*, Francisco Benedito Alves Neto*, Lindiana Slavador*, Michelle Aline Ribeiro* (Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG).*

O transtorno bipolar é um transtorno do humor caracterizado pela repetição de pelo menos dois episódios. Um episódio consiste em períodos de elevação do humor e aumento de energia e de atividade, o outro apresenta períodos de rebaixamento do humor e redução de energia e de atividade. Segundo o DSM-IV-TR, os transtornos bipolares se subdividem em: transtorno bipolar do tipo I, transtorno bipolar do tipo II, transtorno ciclotímico e transtorno bipolar sem outra especificação, eles abrangem a presença ou histórico de episódios maníacos, episódios mistos ou episódios hipomaníacos, geralmente acompanhados pela presença de episódios depressivos maiores. Seguindo o tratamento adequado que envolve medicação e acompanhamento psicoterápico, a doença pode ter os sintomas controlados e melhorar a qualidade de vida do portador. Este trabalho propõe um estudo sobre a bipolaridade na perspectiva de profissionais da saúde mental com os objetivos de compreender a visão destes a respeito dessa patologia clínica e identificar os procedimentos específicos no trabalho com pacientes bipolares. Neste estudo quali-quantitativo, participaram da amostra 30 profissionais da saúde, graduados em Psicologia, Medicina ou Enfermagem, que trabalham ou tenham trabalhado com pacientes bipolares. Foram utilizados dois instrumentos: entrevista estruturada e questionário sócio-demográfico. As respostas dos participantes foram organizadas em categorias e codificadas numa planilha do SPSS, versão 15.0. A pesquisa foi desenvolvida em clínicas particulares e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Os resultados apontam que 46,7% dos participantes entendem o TB como uma alteração significativa do humor e utilizam a anamnese, observação, entrevista ou relato comportamental para realizar o diagnóstico. Quando indagados sobre os procedimentos de intervenção que são adotados após o diagnóstico 36,7% da amostra afirmou utilizar medicamentos, estabilizadores de humor ou ansiolíticos e 33,3% dos participantes ressaltaram a importância do tratamento psicoterápico, intervenção verbal ou oficinas. Com relação a como acontece o diagnóstico de transtorno bipolar na infância, 40% dos participantes declarou desconhecer o transtorno bipolar em crianças e 16,7% afirmou utilizar os mesmos critérios para o diagnóstico dos adultos. Quando questionados sobre a perspectiva de melhora para pacientes bipolares, 26,7% da amostra afirmou que a melhora depende da adesão e aceitação do paciente. A análise dos dados deste estudo que teve por objetivo investigar a percepção de profissionais de saúde sobre o transtorno bipolar revelou que, de forma geral, a conceituação do transtorno bipolar acompanha as definições, de caráter internacional, do DSM-IV-TR e da CID-10 e que as dificuldades ressaltadas pela amostra no manejo com os pacientes portadores estão referenciadas na literatura sobre o tema. A terapêutica medicamentosa e o tratamento psicoterápico foram citados como as principais fontes de intervenção pelos sujeitos entrevistados e ressalta-se, que a possibilidade de melhora ou controle dos sintomas do transtorno foi associada a aspectos farmacológicos do tratamento. Sobre o diagnóstico do TB na infância, os dados coletados convergem com a carência de estudos sobre o transtorno nessa fase do desenvolvimento e especificações na literatura sobre o tema.

Transtorno bipolar, Profissionais de saúde, Saúde mental

SMENTAL

TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL E SUAS ASSOCIAÇÕES COM COMORBIDADES PSIQUIÁTRICAS. *Larissa Forni dos Santos, Sonia Regina Loureiro, José Alexandre de Souza Crippa, Flávia de Lima Osório (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto)*

O Transtorno de Ansiedade Social (TAS) é uma doença que se caracteriza sobretudo pelo medo e evitação de situações sociais em que o individuo possa vir a se sentir constrangido. Apresenta altos níveis de comorbidades psiquiátricas associadas, principalmente com a depressão, a ansiedade geral e o uso de álcool, além de acarretar prejuízos no funcionamento global. Assim, teve-se como objetivo avaliar as associações entre a ansiedade social avaliada através da Escala de Ansiedade Social de Liebowitz-versão auto-aplicada (LSAS-SR) com indicadores de depressão, ansiedade geral e alcoolismo através do Questionário Sobre a Saúde do Paciente (PHQ-2), Questionário de Saúde Geral-12 (QSG-12), Fast Alcohol Screening Test (FAST) e respectivamente. A amostra utilizada foi composta por estudantes universitários classificados como casos (C=118) e não-casos (NC=95) de TAS, sendo esta categorização realizada pela aplicação do Mini Inventário de Fobia Social (Mini-SPIN) e confirmada através do Módulo F da Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID-IV). Os sujeitos incluídos no grupo C foram aqueles com pontuação maior ou igual a seis no Mini-SPIN e com diagnóstico positivo para os critérios da SCID-IV, enquanto os NC foram aqueles eu obtiveram pontuação menor ou igual a dois no Mini-SPIN e diagnóstico negativo na SCID-IV. Todos os instrumentos foram aplicados individualmente, tendo sido tomados todos os cuidados éticos relacionados a pesquisa com seres humanos. Os dados foram analisados do ponto de vista estatístico, sendo utilizado o teste de correlação de Pearson com nível de significância de p ≤ 0,05. Foram evidenciadas correlações positivas moderadas, independente do grupo em questão, tanto para depressão (r = 0,36-0,40) quanto para ansiedade geral (r = 0,43-0,48), no que tange o escore total e as subescalas da LSAS-SR. Já em relação ao uso de álcool, foi encontrada apenas uma correlação negativa, no grupo casos, associada à evitação (r = -0,21), evidenciando que, quanto maior o número de situações evitadas, menor é a tendência ao abuso de álcool e vice-versa. Os resultados referentes às correlações entre a depressão, a ansiedade geral e o TAS encontram-se dentro do esperado e de acordo com a literatura internacional, sobressaltando a interação destes constructos. Em contra partida, às correlações encontradas entre a FAST e a LSAS-SR ficaram muito aquém do esperado, sendo que esse resultado, controverso em um primeiro momento, sugere que aqueles indivíduos que apresentam sintomatologia de TAS tendem a diminuir o uso de álcool na medida em que evitam as situações sociais que possam ser ansiogênicas.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

TRANSTORNOS MENTAIS E ABUSO DE SUBSTÂNCIAS: CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ATENDIDA EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO DE DEPENDENTES QUÍMICOS DO INTERIOR DE SÃO PAULO. *Lívia Sicaroni Rufato, Maria Beatriz Machado Bordin (Centro Universitário de Franca Uni-FACEF)*

O consumo de substâncias psicoativas tem sido alvo de preocupação de profissionais da área de saúde mental, devido aos riscos significativos à saúde ocasionados pelo mesmo. Além disso, é reconhecida a coocorrência de transtornos devido ao uso de substâncias (TUS) e transtornos mentais. Nesse sentido, este estudo, de caráter epidemiológico, teve como objetivo caracterizar pacientes atendidos em uma instituição pública de saúde especializada no atendimento a dependentes químicos de Franca quanto à presença de comorbidades psiquiátricas à dependência química. A coleta de dados foi feita por meio de consulta documental de pacientes que frequentaram a referida instituição no período de 2009 a 2011. Foram analisados os dados referentes a 1.008 pacientes que ingressaram no serviço no referido período. Para a classificação dos transtornos mentais utilizou-se o CID-10. Do total da amostra, 66,7% são do sexo masculino, casados (24,4%), com idade média de 40 anos. Em relação ao diagnóstico principal destes pacientes, observou-se que 71,8% apresentavam Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas - síndrome de dependência (F19.2) e 26,8% apresentaram Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool - síndrome de dependência (F10.2). Os transtornos psiquiátricos comórbidos mais frequentes relacionados ao TUS, agrupados em categorias do CID-10, foram: Transtornos de Personalidade (3%), Transtornos de Humor (2,9%), Transtornos de Ansiedade (2,4%) e Esquizofrenia Paranóide (2,3%). Cabe ressaltar que em 83,5% dos prontuários analisados não constavam os registros referentes a comorbidades. Os resultados desse estudo contribuem para um melhor conhecimento acerca da população que busca tratamento para a dependência química, principalmente no que se refere ao seu quadro clínico, contribuindo para o planejamento de ações terapêuticas específicas para esses pacientes.

Epidemiologia; dependência química; comorbidade psiquiátrica

CNPq - PIBIC

SMENTAL

TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM GRUPO DE FARMACODEPENDENTES: MUDANÇA COMPORTAMENTAL. *Maria Claudia Rodrigues, Flávia Volta Cortes de Oliveira, Marcella Beatriz Ayer Abdalla, Erikson Felipe Furtado (Universidade de São Paulo)*

O aprendizado de novas habilidades sociais e interpessoais pode capacitar o individuo na aquisição e ampliação de seu repertório comportamental, permitindo que este possa ter uma interação mais efetiva com outras pessoas, e auxiliando no reconhecimento e evitação de comportamentos que resultem em interações sociais negativas. No caso específico dos transtornos por uso de substâncias, os chamados déficits em habilidades sociais podem estar presentes sob a forma de baixa competência social e dificuldades específicas, como de enfrentar situações de risco, baixa autoestima e resolver problemas. Muitos dos programas para o tratamento a usuários de álcool e drogas têm como foco fatores motivacionais, que visam explicar ao paciente o porquê ele deveria se abster do uso da substância. Entretanto, estes programas não fornecem habilidades necessárias ao repertório do usuário, uma vez que não mostram como evitar a substância, como modelar este repertório comportamental de uso já instalado e controlar sua ocorrência no futuro. Desta forma, a promoção de habilidades sociais nos farmacodependentes, pode auxiliar na criação e maximização das redes de apoio social, buscando a prevenção dos comportamentos dependentes e das recaídas de abstinentes. Os Programas de Treinamento em Habilidades Sociais (THS) vem sendo considerado como auxiliar no tratamento dos transtornos por uso de substâncias tornam-se úteis para minimizar fatores de risco à saúde, incrementar fatores de proteção ao desenvolvimento humano e reduzir o impacto dos déficits graves em habilidades sociais. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi descrever as mudanças comportamentais, observáveis e relatadas, em um grupo de pacientes de um Ambulatório de Prevenção e Atenção ao Uso de Álcool e Drogas de um Hospital-Escola do interior de São Paulo, que passaram por um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais realizado em um grupo. O treinamento foi desenvolvido para um grupo heterogêneo de 7 pacientes encaminhados pelo Ambulatório de Prevenção e Atenção ao Uso de Álcool e Drogas de um Hospital-Escola do interior de São Paulo, tendo idades entre trinta e setenta anos (M=52,3). O treinamento constituiu em um programa de 20 sessões, sendo o manejo terapêutico baseado fundamentalmente na utilização de técnica de role-play em grupo; manejo de raiva; técnicas de enfrentamento; técnicas de resolução de problemas; técnicas de relaxamento; técnicas de distração; motivação à abstinência e prevenção de recaídas. Ao final do programa, os pacientes relataram um aumento da autoestima e enfrentamento diante de estímulos desencadeadores do uso de substancias. Também, foi possível observar mudanças comportamentais positivas, de uma maneira geral, como a ampliação do comportamento assertivo; manejo de comportamento agressivo; manejo de situações aversivas; posicionamento assertivo frente a críticas; reconhecimento e enfrentamento de ansiedade e principalmente comportamento abstinente. Desta forma, podemos apontar para relevância do treinamento das habilidades sociais para a instalação e modificação comportamental de pacientes em tratamento de dependência química. Nesse sentido, faz-se necessária a realização de estudos de ampliação científica, investigando a efetividade destas mudanças comportamentais, através, por exemplo, de estudos follow-up.

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

VALIDADE DO SDQ EM UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS IDENTIFICADAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA. *Thaysa Brinck Fernandes Silva, Flávia de Lima Osório, Maria Isabela Brasil Cartafina, Ana Vilela Mendes, Sonia Regina Loureiro*

A identificação precoce de problemas comportamentais de crianças e jovens por meio de instrumentos aferidos é relevante para o planejamento de serviços de prevenção e intervenção em saúde mental. No Brasil dispõe-se dos instrumentos de uso livre, traduzidos, adaptados e com estudos psicométricos iniciais de confiabilidade e validade. Destacam-se como tal o Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança (SDQ), proposto para o rastreamento de problemas comportamentais de crianças e jovens, e a entrevista estruturada Levantamento sobre o Desenvolvimento e Bem Estar de Crianças e Adolescentes (DAWBA), instrumento de diagnóstico de transtornos psiquiátricos. Objetiva-se apresentar o estudo da validade discriminativa do SDQ, no rastreamento de dificuldades comportamentais, adotando-se como parâmetro de comparação o instrumento de diagnóstico de transtornos psiquiátricos - DAWBA. Procedeu-se a avaliação de uma amostra de conveniência de 120 crianças, de ambos os sexos, com idade entre seis e 12 anos, que não estavam em tratamento psicológico ou psiquiátrico no momento, identificadas na atenção primária, quando suas mães buscavam atendimento clínico para si. Além dos instrumentos SDQ e DAWBA, as mães responderam a um Questionário Complementar relativo às características sociodemográficas das crianças e suas famílias. Os dados foram codificados e comparados por procedimentos estatísticos. Com relação ao perfil demográfico, todos os participantes frequentavam o ensino fundamental, com distribuição igual entre as séries iniciais e as posteriores, igual distribuição de meninos e meninas, e quanto à classe socioeconômica, todos os participantes foram incluídos nas classes C (46,7%) e D-E (53,3). Foram identificadas 48,3% de crianças com problemas de comportamento em geral pelo SDQ e 30 crianças (25%) com pelo menos um dos diagnósticos de transtorno depressivo e/ou transtorno de ansiedade generalizada. Na comparação dos instrumentos verificaram-se as seguintes concordâncias: a) 96,7% entre os dois instrumentos para os casos de depressão e/ou ansiedade identificados como positivos, e de 42,2% para os casos identificados pelo DAWBA como negativos; b) 81,8% das crianças identificadas com dificuldades relacionadas à hiperatividade por meio do SDQ apresentaram critérios para o diagnóstico de problemas de atenção e atividade pelo DAWBA, e 78,2% das crianças não preencheram critérios para os dois instrumentos; c) 90% identificadas pelo SDQ com transtorno de conduta apresentaram este indicador pelo DAWBA, e 60% para os casos identificados como negativos; e d) 85,7% de transtorno antissocial, segundo o DAWBA, foram concordantes com o SDQ para problemas de relacionamento interpessoal e de 76,1% para os casos negativos deste indicador. O SDQ, instrumento de rastreamento de rápida aplicação, mostrou valores positivos de validade discriminativa com o DAWBA, instrumento sistemático de diagnóstico, que requer avaliador com preparação e formação clínica especializada. Constatou-se, na atenção primária, por meio de instrumento de rastreamento e diagnóstico, uma alta taxa de crianças com dificuldades comportamentais, o que coloca em destaque a necessidade de atenção à saúde mental nesse contexto. Conclui-se que esses dados recomendam a utilização do SDQ de modo a identificar e planejar práticas de saúde mental na atenção primária.

Bolsas: CAPES, CNPq, FAPESP

Palavras-chave: Validade, Comportamento, Atenção Primária

Mestrado - M

SMENTAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

FACTORES CONTEXTUALES ASOCIADOS A LA PRACTICA DE ACTIVIDAD FISICA Y LA PROMOCION DE ESTILOS SALUDABLES A PARTIR DEL MODELO ECOLOGICO Y DE EDUCACION PARA LA SALUD EN UNA INSTITUCION DE EDUCACION SUPERI. *Jose Alfredo Velasquez Vega, Yessika Rodriguez Arce, Ayrthon Bustamante (Universidad Cooperativa de Colombia)*

Santa Marta, ciudad cultural, y emblemática de Colombia por su contexto turístico, es una de las ciudades que representa una alta problemática en factores de riesgo para la salud como la obesidad, el sedentarismos y el consumo de comidas chatarras, en un estudio realizado en los últimos años por el politécnico Jaime Isaza Cadavid,(2009), el cual con una muestra de 179 niños entre edades de 4 a 12 años, mostro que el 46.4% de la muestra padecían de obesidad, lo anterior es un indicativo a tener en cuenta de las malas conductas alimenticias y consumismo excesivo de la población Colombiana, la poca actividad física y deportiva son prácticas que en los últimos años ha venido decayendo en la población colombiana, en Santa Marta, esta problemática no es ajena, los adolescentes samarios siguen la tendencia presentada por los estudios realizados, poca participación en actividades lúdicas y actividad física.

En la Universidad Cooperativa de Colombia sede Santa Marta se evidencia una desmotivación por las artes lúdicas y poca participación de actividades de ejercitamiento y utilización del gimnasio, algunos de estos comportamientos pueden estar muy relacionados con los hábitos inadecuado que muchos de los jóvenes uceistas presentan, igualmente otros factores que pueden influir radican en variables culturales o familiares, lo cuales en muchas de las tomas de decisiones de las personas se convierte en mediador de las situaciones, por lo cual se refleja una decisión clara y prioritaria para realizar dicha acción, desde un punto de vista más amplio, la poca participación de carreras como psicología, ingeniería, derecho o contaduría para colocar algunos ejemplos, se contrarresta con la participación en su mayoría de facultades como medicina y enfermería, y de este modo tendríamos que hablar de factores psicológicos que podrían estar incidiendo en la práctica de actividad física de los jóvenes estudiantes de la Universidad Cooperativa de Colombia, que a su vez se convierte en una totalidad de la ciudad samaria.

Algunos de los problemas que padecen los jóvenes actualmente radican en hábitos alimenticios inadecuados, obesidad, problemas digestivos, cardiacos, dermatológicos, diabetes, entre otros (basado en Datos de incapacidades de Bienestar Universitario). Lo cual ha generado el interés por abordar esta temática por parte de en las entidades de salud del distrito, y la Académica, en este caso a partir de las líneas de investigación que aportan a la promoción de estilos de vida saludables, de la Facultad de Psicología y Medicina de la Universidad. Así mismo, ha conllevado a la creación de programas de promoción de actividad física , la alimentación sana y nutrición en los jóvenes de Santa Marta, como se ha intentado con la iniciativa de Bienestar Universitario y del programa Santa Marta Activa de la Ciudad, dentro de la política de ciudades prosperas del Distrito; y más aun, trabajando en pro del mejoramiento cultural, lo que implica el respeto a las normas, las instituciones y los demás ciudadanos, a través de ejercicio colectivos conscientes de cambios de comportamientos negativos con la ayuda de la misma ciudadanía

Por otro lado se encuentran otros inconvenientes como son la falta de infraestructuras deportiva adecuadas que permita realizar actividad física, caminos adecuados para el tránsito de peatones, parques, señalizaciones adecuadas, lo cual dificulta la realización de actividad física por parte de los Samarios.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Igualmente, este problema de falta de actividad física está muy relacionado con un factor cultural, muchos de los habitantes samarios no han incorporado en sus hábitos la practica de actividad física en su tiempo libre, dentro de su tiempo laboral o académico lo cual evidencia la existencia de otros factores que inciden en la realización de actividad física de los jóvenes samarios.

Otra de las problemáticas que se evidencia es la ausencia de un modelo preventivo claro, para la implementación de cualquier estrategia de ejecución hacia la actividad física en la ciudad; por tal razón no se puede evaluar ciertas características poblacionales que permitan diagnosticar el estado de salud de la población, un ejemplo claro de la falta de identificacion de las variables, para llevar a cabo la ejecución de estos programas se evidencia en larealización del programa Santa Marta activa el cual es una iniciativa pedagógica, promocional y de intervención de carácter gubernamental que busca modificar el estilo de vida de los habitantes de Santa Marta por medio de la puesta en marcha de actividades que brinden a los niños, jóvenes y adultos espacios de recreación, donde se complementa la actividad física, la cultura y el deporte.

Según la Organización Mundial de la Salud (OMS) es la inactividad física el cuarto factor de riesgo de mortalidad en todo el mundo (6% de defunciones a nivel mundial), relacionado con enfermedades como la hipertensión (13%), el consumo de tabaco (9%) y el exceso de glucosa en la sangre (6%) y finalmente el sobrepeso y la obesidad, que aumenta cada año, reportándose a nivel mundial aproximadamente 1600 millones de personas con sobrepeso y cuatrocientos millones con obesidad. Este es un factor de riesgo para la hipertensión, enfermedad que afecta a cerca de un billón de personas a nivel mundial y de las cuales predominan personas de raza negra, atribuido a causas genéticas asociadas (Navarro & Vargas, 2009; OMS, 2010)

En el contexto Colombiano y del Caribe, la organización Panamericana de la salud y la encuesta nacional de nutrición (2010), reportan que en el departamento del Magdalena, la población con sobrepeso ha incrementado, y se considera un factor de riesgo para la hipertensión, la diabetes obesidad comorbida y otras enfermedades cardiovasculares asociadas a la inactividad física.

Según Alonso Palacio, Pérez, Alcalá, Lugo y Consuegra (2008), en una muestra de jóvenes universitarios del Caribe que recién ingresan a la Universidad , se encontró que el 13% presentan sobrepeso y el 2,7% califica como obeso, reporta a su vez, que 1 de cada cinco estudiantes , camina más de diez minutos diarios, evidenciando el estado de inactividad de esta población. Estos resultados son concurrentes con los publicados por Campo Arias, Cogollo y Díaz (2008), quienes presentan datos relacionados con inactividad física, de los jóvenes de 14 a 19 años que identificaron con patrones de comportamiento de riesgo para la salud, encontrando que el 18% es inactivo y que los comportamientos de riesgo para la salud están asociados a estados de ánimo bajo o depresivos y a niveles bajos de religiosidad.

Según Viloria de la Hoz (2007), en Colombia, más del 46 % de las personas de 18ª 64 años, presenta problemas de exceso de peso. En la población del Departamento del Magdalena, más del 42% padece de sobrepeso , y esto esta relacionado con la dieta cada vez más desequilibrada, donde es notorio que en la composición de la dieta hacen falta nutrientes como el hierro , zinc, yodo, vitamina A, y prevalecen nutrientes con grasas saturadas que confluyen en sobrepeso y obesidad. Un indicador significativo es que en América Latina y el Caribe, son crecientes y cada vez mayores, los niveles de obesidad y sobrepeso en la población más pobre y con las necesidades básicas insatisfechas. Estos resultados son coherentes con los datos de inseguridad alimentaria revelados en el

Caribe, donde el 52% de la población del Caribe ha tenido problemas en el acceso a seguridad alimentaria en los últimos treinta días , esto indica que aunque estos problemas de nutrición estén disminuyendo en las últimas décadas, aun no son suficientes para alcanzar las metas y objetivos del milenio y evidencian que poco o nada se está haciendo de manera integral y altamente efectivo, para el abordaje de problemáticas relevantes como los problemas de sobrepeso, obesidad, desnutrición .

SMENTAL - Salud Mental

A CONCEPÇÃO DOS AGENTES AMBIENTAIS SOBRE TRABALHO, SOCIEDADE E NATUREZA. *Sandra Maria Guisso, Paulo Rogério Meira Menandro (Universidade Federal do Espírito Santo)*

O ambiente é o fator desencadeante de comportamentos, que podem ser os mais variados para o mesmo espaço, o que vai determinar como e quanto o ambiente influencia são as condições sociais, econômicas, políticas, de poder, culturais, que por sua vez, são influenciadas e influenciam o ambiente. O objetivo da investigação foi desenvolvido a partir de três vertentes articuladas entre si: identificar e descrever modalidades de atividades que integram a rotina de trabalhadores encarregados de lidar com lixo, com dejetos e com a limpeza urbana (agentes ambientais), assim como as condições em que tais atividades são executadas; identificar, a partir de concepções relatadas por tais trabalhadores, evidências de compreensão das inter-relações entre suas atividades e aspectos ambientais de interesse geral para a comunidade, verificando se tais concepções estão diferentemente associadas às modalidades de atividade exercidas; identificar a trajetória desses trabalhadores de forma a descrever elementos que contribuíram para que se tornassem agentes ambientais e analisar como vêem seu próprio trabalho e como percebem que a sociedade o vê. Participaram da pesquisa 43 sujeitos, provenientes de quatro cidades do interior do Espírito Santo. A pesquisa aconteceu de duas formas: primeiramente iniciou-se com um questionário fechado abordando os dados sociais dos participantes, os quais foram trabalhados a partir da estatísitica descritiva. Após as informações sociais, iniciou-se as entrevistas, compostas de questões abertas, que abordaram aspectos do trabalho, ambientais, perspectivas de vida, preconceito e exclusão. Os dados provenientes das entrevistas foram analisados com a utilização da análise de conteúdo. Os resultados obtidos através da análise de conteúdo foram utilizados para relacionar os saberes e fazeres dos entrevistados com a teoria sócio-interacionista de Vygotsky. Essa relação foi possível realizar, pois, as concepções dos entrevistados foram construídas socialmente, o que vem de encontro com a teoria de Vygotsky, a qual entende que o conhecimento é social antes de ser individual. Os resultados da pesquisa trouxeram a luz algumas questões que permitiram conhecer os sujeitos estudados, tais como: a compreensão das atividades ambientais exercidas pelos agentes foi importante para entender quais condições sociais e econômicas levaram essas pessoas a trabalhar com tais atividades. Os dados sociais permitiram entender que os fatores condicionantes são a falta de estudo, (44,2%) dos entrevistados não completaram a 4 série do ensino fundamental, a atividade anterior (34,9%) era lavrador e (76,7%) não tinham carteira assinada na atividade anterior, ou seja, esses dados demonstram que a falta de instrução e a desvalorização das atividades do campo foram os fatores que levaram esses sujeitos ao trabalho com os restos ambientais. Nas entrevistas abertas o que pode-se perceber é que os sujeitos da pesquisa tem consciência ambiental, proveniente basicamente de informaçoes da mídia e não por capacitação através do trabalho. Os dados também demonstraram que eles valorizam mais a sua atividade quando se apoderam do valor ambiental que podem atribuir a mesma e que procuram transmitir valores ambientais as demais pessoas do seu núcleo de convivência.

Agentes ambientais; meio ambiente; trabalho; sociedade.

CAPES

SOCIAL

A DESPERSONALIZAÇÃO DOS NEGROS: PRECONCEITO E INFRA-HUMANIZAÇÃO. *Floricelia Santana Teixeira, Claudia Mara de Oliveira Bezerra, Marcus Eugênio O. Lima, André Faro Santos*

O presente estudo visou à análise do fenômeno da despersonalização dos negros, bem como a presença de infra-humanização e de preconceito implícito e explicito. A despersonalização é uma forma de inferiorização do outro que consiste em não percebê-lo como dotado de idiossincrasias. Para estudar o fenômeno avaliamos o tempo de duração para formar impressões sobre pessoas brancas e negras e o conteúdo destas impressões. O preconceito implícito foi avaliado pela utilização do Teste de Associações Implícitas (IAT). O preconceito explícito foi medido através de uma adaptação da escala de McConahay e Hough (1976). Finalmente, analisamos a infra-humanização utilizando a atribuição diferenciada de emoções e sentimentos. Este fenômeno se diferencia da despersonalização, visto que para ocorrer a infra-humanização o individuo precisa reconhecer o outro, para assim estereotipá-lo negativamente e discriminá-lo, já na despersonalização não há o interesse em perceber o outro; assim não há nenhum tipo de avaliação nem positiva nem negativa, predominando a indiferença. Participaram 49 estudantes de graduação de uma universidade pública de Sergipe, com idades entre 17 e 36 anos (M = 20.8, DP = 4.3), dos quais 34 declararam-se como negros (pretos ou pardos) e 15 como brancos. Na primeira etapa do experimento, verificamos que os estudantes, independente da cor da sua pele, personalizaram, ou seja, demoraram mais tempo em formar impressões sobre as pessoas brancas do que sobre as pessoas negras (Mbrancos = 1843.76 vs. Mnegros = 1684.85), $F(1, 47) = 14.42$, $p = .000$. Para explorar o preconceito implícito, calculamos o efeito IAT através da subtração médias de resposta no bloco incompatível (Branco/Não gosto – Negro/Gosto) das do bloco compatível (Branco/gosto – Negro/Não gosto). Os estudantes levaram menos tempo no bloco compatível do que no incompatível, implicando em preconceito implícito contra os negros (M= 419.11, DP = 454.84), $t(48) = 6.45$, $p = .000$. Este resultado também não foi influenciado pela cor da pele dos participantes. Em termos de infra-humanização, observamos que os participantes demoram mais tempo para atribuírem afetos (sentimentos e emoções) aos brancos (M = 1549.25) que aos negros (M = 1464.30), $F(1, 47) = 3.86$, $p = .05$. Encontramos correlações significativas entre a despersonalização e a infra-humanização, $r(49) = .46$, $p= .000$. A despersonalização não manteve correlações com o preconceito implícito, $r(49) = .-12$, $p= .40$, nem com o preconceito explicito $r(49) = .07$, $p= .65$. Consideramos que estudos como este, que analisem a formação de impressões para identificar o fenômeno da despersonalização e da infra-humanização, são relevantes para a identificação de possíveis comportamentos preconceituosos que tem como consequência a exclusão do individuo. Apesar de ser um fenômeno comum na história da sociedade, a despersonalização ainda recebe pouca atenção na literatura psicossocial.

Preconceito, despersonalização

SOCIAL

A GESTÃO NA EDUCAÇÃO E NA SAÚDE CONCERNENTES À VIOLENCIA: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA. *Gerson Vieira de Paula Junior , Fellipe Soares Salgado, Lelio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora)*

O ambiente escolar é um local estratégico responsável pela socialização dos alunos. A avaliação de desempenho, comportamentos, atitudes e crenças ocorre na relação entre colegas e seus educadores, sendo estes responsáveis pelos direcionamentos nesse espaço com finalidade de promover aprendizagem social e formal. Assim, eles podem influenciar positivamente e promover proteção diante de fatores de risco, como Bullying. A implementação de programas de prevenção e gerenciamento abrangente da violência apresenta-se como desafio aos diversos setores da sociedade, incluindo o da saúde. Assim, entender a relação entre violência e saúde a partir do ponto de vista de profissionais e gestores é fundamental para compreender o fenômeno e formular intervenções. Percebe-se, então, que a violência é um problema que diz respeito a duas importantes instituições sociais: educação e saúde. Nesse sentido, esse trabalho pretendeu caracterizar a produção científica sobre os temas bullying e violência doméstica, associados, respectivamente, à escola e ao setor saúde, ressaltando a percepção de profissionais e gestores dessas instituições, no período de 2002 a maio de 2012. Não foram considerados artigos de revisão. Sobre bullying, foram recuperados artigos com texto completo publicados nas bases de dados ERIC, PsyInfo, BVS, RedaLyc, PsycArticles e PubMed, utilizadando os descritores: bullying, gestão educacional, school management, school climate. Sobre violência doméstica, foram recuperados artigos das bases Medline e Scielo, utilizando os descritores violence e man, woman, child, men, women, children, elderly, intimate partner, family, domestic ou gender. Foram observados: periódicos de publicação, ano, metodologia utilizada e análise dos resultados. Em seguida, foram selecionados aqueles que investigaram crenças tendo gestores de saúde, profissionais de saúde e educadores como sujeitos da pesquisa. Foram encontrados 76 artigos com educadores, sendo o periódico Journal of School Psychology o mais prevalente (11%). Existe uma variedade de revistas menos prevalentes, porém que concentram publicações nos temas da saúde, agressão e educação ao discorrer sobre o bullying. O ano mais prevalente foi 2008 (17%), seguido de 2009 (13%) e 2010 (10%). O estudo com desenho correlacional aparece em 16% dos trabalhos, os brasileiros e de outros países latinos são prevalentemente qualitativos (82%). Observa-se pouca frequência de artigos brasileiros indexados nas bases internacionais e com um desenho mais robusto quanto ao tratamento de variáveis relacionadas ao bullying no país. Porém, tais publicações apontam para a co-ocorrência de outras violências no contexto escolar, apontando uma possível diferença cultural quanto as manifestações agressivas na escola. Essa diferença deve ser pesquisada com mais atenção para subsidiar práticas interventivas ecologicamente válidas. No tocante à violência doméstica e saúde, foram encontrados 62 artigos. Sobre os sujeitos das pesquisas, 45 trabalhos (73%) utilizaram profissionais de saúde, 8% estudantes, 8% profissionais e gestores, 5% residentes, 3% estudantes e residentes, 2% diretores de curso de graduação e 2% foram com gestores. Sobre metodologia, 53% dos estudos foram qualitativos, 42 % quantitativos e 5% empregaram métodos mistos. Esses estudos, de uma maneira geral, apontam para a necessidade de adequação dos serviços e sensibilização e formação dos profissionais para lidar melhor com o tema violência doméstica e estabelecer práticas consistentes.

Violência. Escola. Saúde.

SOCIAL

A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO TRABALHO: UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO COM GESTORES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA. *Lucia Pereira Leite , Laiza Oliveira Vilela** (Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - Departamento de Psicologia - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Unesp/Bauru-SP.)*

Atualmente, por conta das normativas legais, discussões sobre diversidade e acessibilidade da pessoa com deficiência têm se tornado alvo de destaque no contexto laboral. Entretanto, muito há que se fazer para que este ambiente seja de fato inclusivo. Pesquisas recentes apontam que a concepção de gestores acerca do conceito de deficiência se constitui em um fator contribuinte para os estilos de gestão adotados no trabalho. Diante disso, desenvolveu-se uma proposição teórico-operacional, no formato de um curso de sensibilização à inclusão da pessoa com deficiência no trabalho. O curso foi ofertado aos gestores de uma universidade pública do interior paulista e, após a sua execução, foram recolhidas as concepções desses profissionais sobre a temática deficiência. Em termos de amostragem, o curso atingiu 24 funcionários do campus e foi apresentado em cinco encontros, que objetivaramo refletir criticamente o conceito de deficiência, empregabilidade e as condições laborais das pessoas com deficiência. Para identificar se houveram mudanças nas concepções dos participantes, foi solicitado que eles respondessem por escrito, antes e após a intervenção, o que entendiam sobre deficiência e os seus causais. As repostas dadas foram submetidas ao método de Análise de Conteúdo (Bardin, 1991), e foram classificadas em categorias e subcategorias de análise. Os resultados das análises apontaram que antes da participação no curso as respostas ao conceito de deficiência foram classificadas na categoria individual e na contextual. A primeira interpreta a deficiência como um atributo inerente ao indivíduo, sendo que esta categoria foi subdividida em duas subcategorias, uma que percebe a deficiência como falta ou ausência de algo em um indivíduo e a outra que percebe a deficiência como uma dificuldade ou limite que determinado indivíduo apresenta. A outra categoria interpreta a deficiência como um atributo do contexto, sendo subdividida apenas na subcategoria atitudinal que descreve a deficiência como algo decorrente das atitudes negativas das pessoas em relação à ela. Entretanto, após a intervenção, uma nova subcategoria dentro da categoria contextual foi identificada, a ambiental - que percebe deficiência como atrelada a necessidade de ajustes e/ou adequações no ambiente. Em relação as causas da deficiência, antes da intervenção as repostas foram classificadas na categoria individual, que define que a deficiência tem origem no próprio organismo humano – esta categoria foi dividida em duas subcategorias: uma que considera que a deficiência é causada por acometimentos orgânicos e a outra por causas não naturais, por exemplo, acidentes – e na categorial contextual, que inicialmente foi subdividida na categorial atitudinal, atribuindo que a deficiência é decorrente das atitudes negativas das pessoas em relação à ela. Depois da intervenção apareceram outras duas novas subcategorias dentro da categoria contextual, a sócio-cultural - que atribui que a deficiência decorre de questões sociais e culturais, e a ambiental - que atribui que a deficiência decorre de ambientes não adaptados e inclusivos. Portanto pode se concluir que após o curso os participantes ampliaram seus conceitos sobre deficiência, passando a considerar a provisão de ajustes e/ou adequações no ambiente/contexto para que ele se torne inclusivo e acessível às pessoas com deficiência.

Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Palavras-chave: Pessoa com deficiência; Empregabilidade; Inclusão.

Mestrado-M

SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

A LIDERANÇA NO CONTEXTO DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. *Carla Regina Santos Almeida*, Annie Larissa de Carvalho Gonçalves*, Bruno de Brito Silva*, Camila D'Avila Moura*, Henio dos Santos Rodrigues*, Thatianne Vasconcelos Almico*, Yris Monalizza de Souza*, Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe)*

A liderança pode ser entendida como o processo de influenciar as atividades de um indivíduo ou de um grupo para a consecução de um objetivo em uma dada situação. O poder do líder pode ser formal, devido à sua posição hierárquica, e/ou pessoal, quando a influência está relacionada a características pessoais. Há diversas teorias sobre os estilos de liderança. Porém os autores geralmente consideram os fatores ligados ao relacionamento, os ligados à tarefa e, nas teorias mais recentes, os situacionais como base para a definição dos estilos. Esse fenômeno pode ser encontrado em diversos agrupamentos sociais. Logo, as residências universitárias, por serem um tipo de agrupamento social, estão sujeitas à sua ocorrência. No caso das residências universitárias da Universidade Federal de Sergipe, a liderança é legitimada por uma resolução que determina que cada residência deve possuir uma diretoria, que é formada por um coordenador, um tesoureiro e um secretário. Tendo em vista os aspectos supracitados, temos como objetivo verificar como o fenômeno da liderança se manifesta nas residências universitárias da Universidade Federal de Sergipe, observando se o poder exercido pelo líder é formal e/ou pessoal e qual(is) o(s) estilo(s) predominante(s). Acreditamos que a liderança se faça presente nesse ambiente e que se apresente de maneiras variadas no programa. Para tanto, foram utilizadas transcrições de grupos focais, com dezesseis participantes no total, para averiguar questões como o modo com o qual as decisões são tomadas e o quanto os residentes não-participantes da diretoria fiscalizam e se interessam pela gerência da residência. Dos dezesseis participantes, nove foram do sexo feminino (idade: m=20,89, dp=1,90) e sete do masculino (idade: m=22,71, dp=2,98). Foram realizadas duas sessões de uma hora e trinta minutos com cada grupo focal. Os residentes participantes são de ambos os sexos, sem restrição de curso ou faixa etária. Ao analisar preliminarmente os dados, nota-se que há uma resistência quanto a assumir algum cargo na diretoria e que há uma desorganização quanto ao cumprimento dos deveres de cada membro. Os residentes também alegam faltar orientação e acompanhamento por parte do órgão responsável e que ocupar um cargo dificulta o relacionamento com seus pares. A hipótese de que existe uma variedade de estilos gerenciais foi corroborada, havendo cinco manifestações do estilo democrático, quatro do laissez-faire, uma do autocrático e uma de liderança situacional. Esta análise nos permitiu coletar material que servirá de base para a próxima etapa da pesquisa, que contará com uma escala do tipo likert, que será aplicada em todos os estudantes beneficiados pelo programa com o intuito de comparar com os resultados do grupo focal, responder a perguntas geradas a partir deste e preencher lacunas sobre o tema. A melhor compreensão da dinâmica relativa aos processos de liderança nesse contexto poderá melhorar a interação entre os residentes, diminuindo a ocorrência de conflitos, uma vez que esta é uma pesquisa-ação e pretende propor estratégias para formação e acompanhamento mais eficazes da diretoria.

Residentes, líder, grupo focal.

SOCIAL

A MULHER NA PROPAGANDA TELEVISIVA. *Jéssica Costa dos Santos*, Áderson Luiz Costa Junior (Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

Os indivíduos tendem a selecionar os programas televisivos que assistem. No entanto, os comerciais, por ocorrerem em curtos espaços de tempo podem passar a impressão de que são irrelevantes, sem atenção seletiva significativa. As propagandas, no entanto, não são vistas como um sistema de valores criticáveis, mas como fatos, comunicações breves, intencionais, contextualizadas e mediadas por estímulos carregados de apelos afetivos, motivacionais, financeiros, estéticos e de outras naturezas referenciais. Desta forma, uma propaganda pode servir para reafirmar padrões de pensamentos e comportamentos não desejados para uma sociedade mais igualitária. A propaganda pode destacar o corpo como uma imagem forte, algo a ser explorado, percebido como uma mercadoria, compatível com o culto à beleza, juventude, prazer. A supervalorização destes conceitos permite que a propaganda os utilize de diversas formas. No caso da mulher, muitas vezes objetificada, sua beleza e corpo são tratados como elementos associados a mercadorias e serviços para consumo. A sexualidade e a objetificação da mulher, usadas para aumentar o consumo de um determinado produto, foi analisada neste estudo. Foram observadas as propagandas veiculadas entre às 19 e 22 horas, por uma emissora brasileira de canal aberto, por 15 dias úteis consecutivos. A partir da seleção de categorias temáticas de propaganda, foram registrados dados sobre comportamentos de mulheres, relação da mulher com os outros integrantes da propaganda, vestimenta e se a mulher era usada como recompensa por algum comportamento e/ou pelo consumo de algum produto. Dados obtidos apontam que as propagandas ainda apresentam, mesmo que eventualmente, comerciais onde a mulher é usada como recompensa pelo uso de algum produto (6% das propagandas), ou retratada apenas como mãe/dona de casa (16% das propagandas), enquanto o homem é mais comumente retratado em contextos de trabalho. Observou-se: (a) prevalência de mulheres em propagandas de produtos voltados para beleza e estética, em todos os comerciais com esta temática; (b) mulheres chamam a atenção em propagandas de bebidas e veículos automotivos (12% das propagandas), muitas vezes (6%) nem mesmo como consumidoras; (c) em propagandas de empresas/serviços há certa igualdade, em termos numéricos e de papeis, para cada gênero; (d) em propagandas de produtos voltados para a vida doméstica, é muito raro ver homens usando o produto (menos de 4% do total de propagandas destes produtos). Esses dados levam à reflexão de que ainda há questões a serem pensadas e feitas em relação à conscientização de questões de gênero para a população de modo geral, mas que muita coisa já está mudando. Pelo fato da rede escolhida ser um canal aberto, supõe-se que atinja um maior número de pessoas, de vários níveis sociais; com a igualdade de gênero sendo mostrada cada vez mais nestas propagandas, com exceção de uma ou outra, espera-se que isso se reflita no repertório geral de comportamentos das pessoas, no dia-a-dia.

Propaganda televisiva, Mulher, Gênero.

Bolsista do Programa de Ensino Tutorial (PET-Psicologia/UnB)

SOCIAL

A ORIENTAÇÃO TEMPORAL E MECANISMOS DE CONTROLE: UM ESTUDO SOBRE O ENDIVIDAMENTO DO CONSUMIDOR. *Marcos Pimenta - Banco Central Marcos Pimenta, Fabio Iglesias, Barbara Monteiro, Lucas Caldas (Universidade de Brasília)*

A orientação temporal dos consumidores e seus mecanismos de controle exercem um papel essencial na formação de poupança e dívidas. Essa orientação e mecanismo de controle influenciam nas decisões envolvendo trocas intertemporais em que os consumidores compram algo no presente e pagam em momentos futuros, gerando um endividamento no presente. Assim como, os consumidores poupam no momento presente para consumo futuro, gerando poupança e, consequentemente, prevenindo um (presente e/ou futuro) endividamento no presente e no futuro. O objetivo deste estudo foi avaliar a influencia da orientação temporal e os mecanismos de controle no endividamento do consumidor, relacionando com variáveis sócio-demográficas. Participaram 69 consumidores (55% mulheres) com média de 25,4 anos de idade (DP = 9,8), abordados de forma não-aleatória em lugares públicos como praças, universidades e shoppings centers. O instrumento de survey incluiu uma escala com 24 itens atitudinais (concordância e frequência em 5 pontos) sobre orientação temporal (8 itens para o presente e 8 itens para o futuro), inspirada no instrumento ZPTI do Zimbardo, mecanismo de controle (8 itens), 10 itens relacionados com o nível de endividamento do consumidor e relatos de comportamento para formação de dívida, além dos itens socio-demográficos (idade, sexo, escolaridade e renda). Encontrou-se uma solução bifatorial para os itens atitudinais (KMO = 0,71), sendo um fator com a predominância de item de orientação ao presente e mecanismos de controle extrínseco (ex: "Gastar com o que me dá prazer é melhor do que poupar para os riscos do amanhã") com 9 itens e alfa = 0,77 e outro fator com itens de orientação ao futuro e mecanismos de controle intrínseco (ex: “Na minha vida particular tenho planos para vários anos à frente”) com 10 itens e alfa = 0,81. Os resultados preliminares revelaram que a orientação temporal explica 11,5% da variação do nível de endividamento. Não houve diferença significativa entre sexos quanto à orientação para o futuro ($F_{1,67} = 1,94$; ns.) e para o presente ($F_{1,67} = 1,88$; ns.). Uma ANOVA apontou diferenças significativas na orientação temporal entre níveis de escolariadade ($F_{2,66} = 3,5$; $p<0,05$). O resultado encontrado indica que a orientação temporal é diferenciada de acordo com o nível educacional, o que pode ser explicado pelo fato de que indivíduos que se orientam para o futuro, investem mais tempo em educação. Além disso, os resultados apontam para uma a relevância das variáveis de orientação temporal e de mecanismos de controle em relação os nível de endividamento, sugerindo uma amostra maior para aumentar o poder do teste e para observar outras relações significativas com os níveis de endividamento do consumidor. A pesquisa pode ter implicações práticas nos campos da regulação bancária, educação financeira e defesa do consumidor.

Orientação temporal; mecanismos de controle; endividamento

SOCIAL

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM OLHAR DA MULHER VÍTIMA DE ARACAJU. *Vanessa Araujo Souza Côrtes**, Joilson Pereira da Silva (NPPS - Universidade Federal de Sergipe/UFS)*

A violência é um fenômeno social complexo, multifacetado, que abrange todas as culturas, em suas diferentes parcelas sociais, seja nos níveis públicos ou privados. Uma violência que atinge, prioritariamente, os níveis privados é a violência doméstica, em especial, contra a mulher. Essa pode ser definida como um ato de violência (ação ou omissão), que tem por base a questão do gênero e, que pode ter consequências biopsicossociais. Este tipo de violência é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como uma questão de saúde e uma questão social, principalmente, por ser caracterizada como uma manifestação da relação de poder histórica e culturamente desiguais, que favorecem a dominação dos homens sobre as mulheres. Nos últimos anos, entretanto, com a divulgação da Lei Maria da Penha (L. 11340), houve um aumento do número de casos denunciados e noticiados na imprensa de mulheres que sofrem violência ou que foram mortas em decorrência desta. Todavia esses índices, ainda, não condizem com a grave realidade, pois, por diversos motivos, muitas mulheres permanecem caladas e submissas, configurando-se como um problema crônico. Investigar quais as Representações Sociais (tendo em vista que são pensamentos utilizados para a comunicação, compreensão e ensino do meio social, material e ideativo) que essas mulheres têm sobre a violência doméstica sofrida e qual a influência dessas representações para a submissão a tal violência é um ponto de partida para se identificar caminhos para uma redução dos índices reais da violência doméstica contra a mulher. Este trabalho, portanto, tem por objetivo investigar as Representações Sociais que mulheres vítimas têm sobre a violência doméstica sofrida e qual a relação dessas representações com a submissão a tal violência, principalmente, observando as ancoragens sociais que influenciam este tipo de fenômeno. Tem por hipótese que quanto mais negativamente a mulher representa a violência doméstica, maiores são as reações a esta. O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, com entrevista semi-estruturadas. A amostra é composta por 15 mulheres vítimas de Violência Doméstica, residentes no município de Aracaju-SE, selecionadas por conveniência entre as usuárias de Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializada da Assistência Social São João de Deus e da Delegacia de Atendimento à Grupo Vulneráveis. Os resultados parciais apontam que, frequentemente, as mulheres vítimas tem consciência da gravidade da situação e representam a Violência Doméstica negativamente. Entretanto, corroborando com a nossa hipótese, as reações (procurar ajuda, denunciar, romper com a relação violenta e etc.) a esta só aumentam quando representam mais negativamente a situação vivida e/ou quando a situação está muito grave.

Representação social, violência, mulher.

SOCIAL

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO PARA O CONTEXTO BRASILEIRO DE UMA ESCALA GERAL UNIFATORIAL DE IDENTIFICAÇÃO COM O GRUPO. *João Fernando Rech Wachelke (Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).*

Em boa parte dos fenômenos psicossociais, indivíduo precisa sentir-se como parte do grupo, perceber a importância da pertença, para que a instância coletiva possa influenciar seu comportamento ou pensamento. Esse tipo de conexão chama-se identificação social ou grupal. É um construto definido pela medida da força de conexão de indivíduos com grupos de que fazem parte. Há medidas de diversos tipos para a identificação, geralmente no formato de escalas de Likert, mas não se encontram medidas genéricas validadas para o contexto brasileiro. Este trabalho teve o objetivo de propor e buscar evidências de validade de uma medida simples constituída pela tradução e adaptação de alguns itens já consagrados na literatura internacional, de modo a constituir uma escala geral que possa ser utilizada para avaliar a identificação com potencialmente qualquer grupo social. Foram escolhidos seis itens de medidas de identificação com o grupo utilizadas em estudos internacionais, tratando especificamente ou de orientação geral para o grupo ou da centralidade do grupo para a identidade individual. Os itens foram incluídos no instrumento de uma pesquisa com coleta de dados pela internet, realizada junto a 1203 universitários de sete estados brasileiros, matriculados em diversos cursos de graduação de instituições públicas e particulares; 65% dos participantes eram mulheres, com média de idade 21 anos. Os participantes responderam formulários online contendo questões opinativas sobre temas da vida social. As escalas de identificação com dois grupos estavam incluídos no instrumento: os grupos "jovens" e "estudantes universitários", apresentadas em ordens diferentes aleatoriamente. Os itens consistiam em afirmações relativas à conexão com o grupo, por exemplo: "os jovens são um grupo importante para mim", e os participantes deveriam expressar concordância em escalas de 7 pontos. O software R (especialmente pacotes psych e lavaan) foi utilizado para análise de dados. A amostra foi aleatoriamente dividida em 2, uma com 600 participantes (amostra 1) e outra com 603 (amostra 2). Junto à amostra 1, foi realizada análise dos componentes principais (ACP) dos itens da escala de identificação com jovens. O KMO teve resultado 0,88 e a análise paralela e ACP sugeriram a extração de um único componente explicando 67% da variância. Os 6 itens tiveram carga fatorial variando de 0,91 a 0,77. O alfa de Cronbach calculado para a escala foi 0,90. Uma análise fatorial confirmatória (CFA) junto à amostra 2 mostrou razoável adequação do modelo com um único fator e covariação dos erros relativos a alguns itens ($X2=1658,12$; $gl=15$; $p<0,001$; $CFI=0,99$; $RMSEA=0,05$; $SRMR=0,01$). Uma CFA da escala de identificação com estudantes universitários realizada com a amostra global mostrou adequação do mesmo modelo ($X2=3437,53$; $gl=15$; $p<0,001$; $CFI=0,99$; $RMSEA=0,1$; $SRMR=0,01$). A medida de identificação grupal apresentada atende aos requisitos de validade e confiabilidade para inclusão em projetos de pesquisa de identificação social. Ressalta-se que a medida apresentou índices psicométricos semelhantes quando foram avaliadas relações com dois grupos diferentes. Finalmente, aponta-se que a adequação marginal dos modelos confirmatórios sugere maior complexidade da estrutura do construto, implicando necessidade de instrumentos mais detalhados quando for necessário lidar com a identificação de modo mais refinado.

Identificação social; identificação com o grupo; validação de instrumentos.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

SOCIAL

ANÁLISE DOCUMENTAL DA MÍDIA DIGITAL SOBRE O CRACK: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E PROBLEMAS ASSOCIADOS.

*Gabriela Correia Lubambo Ferreira** (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG), Pollyanna Santos da Silveira** (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Ana Luísa Marliere Casela*, Érika Pizziolo Monteiro*, Jessica Verônica Tiburcio de Freitas*, Nathália Munck Machado* (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG), Ana Regina Noto (Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP), Telmo Mota Ronzani (Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas – CREPEIA; Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG; Bolsista de produtividade CNPq).*

Existe atualmente no Brasil, uma preocupação em se estudar a população usuária de crack, uma vez que a popularização do uso dessa substância trouxe complexidades e dificuldades para o planejamento de estratégias de enfrentamento ao consumo. A mídia desempenha um importante papel como fonte de identificação de normas sociais, produtor de atitudes e crenças ou como divulgador e facilitador de políticas de prevenção ao uso de drogas. O objetivo do presente estudo foi analisar os conteúdos divulgados pela mídia digital brasileira acerca do crack, entretanto, utilizaram-se as palavras crack, óxi e merla a fim de ampliar o escopo da pesquisa. A busca foi realizada em três revistas de ampla circulação nacional: VEJA, ISTOÉ e ÉPOCA. Foram encontradas 680 notícias. A seguir, procedeu-se a leitura inicial e foram excluídas 256 notícias que não focavam na temática deste estudo ou estavam. Com este delineamento, 424 notícias preencheram os critérios de inclusão. Destas, 258 foram veiculadas na revista VEJA, 129 na ISTOÉ e 37 na ÉPOCA. Para análise documental, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. A categoria "combate e enfrentamento", a qual descreve as iniciativas públicas preventivas e de intervenções bem como estratégias pessoais voltadas para o enfrentamento ao uso de crack e protestos foi a mais veiculada em todas as revistas, sendo 129 notícias relacionadas ao tema. A seguir, destaca-se a categoria "tráfico" envolvendo as notícias de prisão decorrente do tráfico (n=95) ou porte de crack e apreensão de pedras de crack (n=123). A categoria saúde foi abordada em 81 notícias, sendo que 45 estavam veiculadas na revista VEJA. Dentro desta categoria, foram encontradas 11 notícias na subcategoria epidemiologia, 21 na subcategoria consumo e 18 na subcategoria implicações físicas e sociais. Por fim, na categoria "economia", foram encontradas 2 notícias na subcategoria produção e 4 notícias na subcategoria publicidade. Em relação à percepção dos dependentes de crack, o termo "usuário (s)" foi o mais utilizado (n=96). No entanto, o termo "viciado (s)" também foi amplamente utilizado (n=68), sendo o principal nas revistas ISTOÉ e ÉPOCA para a descrição dos dependentes. Ressalta-se que mensagens veiculadas pela mídia podem facilitar uma produção de crenças inverídicas sobre as substâncias psicoativas e sobre os dependentes. O uso de crack geralmente se associa à marginalidade e criminalidade, pois, muitas vezes, o usuário se vê forçado a participar de atividades ilícitas como meio para conseguir a droga. Essa relação com a droga afeta negativamente a saúde e o funcionamento social do dependente de crack, de forma a marginalizá-lo ainda mais, além de afetar sua disposição para busca de ajuda. Considerando que a mídia exerce uma função social, a veiculação da dependência através de uma perspectiva altamente estigmatizante pode vir a contribuir para a manutenção de crenças e estereótipos negativos acerca do dependente, aumentando o desejo de distância social dessa

população. Devido à credibilidade da imprensa na sociedade, destaca-se a necessidade de se pensar a mídia como uma importante ferramenta para estratégias de prevenção ou promoção de saúde, e não como fonte de propagação do estigma.

Crack, mídia, enfrentamento

CNPq, Fapemig, Fapesp, CAPES

SOCIAL

ANSIEDADE SOCIAL E EXPERIÊNCIAS DE VITIMIZAÇÃO NA ESCOLA E FAMÍLIA. *Andriele Monteiro de Oliveira*, Francesca Stephan Tavares**, Daniel Alexandre Gouvêa Gomes**, Ernani de Barros Gomes Neto Segundo, Lucas Pereira da Silva* e Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG)*

O presente trabalho estudou a interrelação entre episódios de Bullying na infância e na adolescência e Ansiedade SocialFobia Social na idade adulta. O Bullying é um tipo específico de violência entre pares, descrito como um abuso de poder continuado ao longo do tempo, com a intenção clara de afligir, intimidar e agredir outra pessoa no convívio permanente em locais coletivos, ocorrendo principalmente, mas não exclusivamente, nas escolas. Envolve os agressores, que praticam as ações violentas, os agredidos, que muitas vezes são mais frágeis socialmente ou fisicamente e os expectadores. O Bullying pode então ser considerado como um fator de forte interferência negativa para o desenvolvimento saudável. A Ansiedade Social ou Fobia Social é caracterizada como um quadro patológico no qual uma pessoa teme a convivência social por estar preocupada em ser humilhada e constrangida, o que pode gerar comprometimentos em suas relações sociais e funcionais. A dificuldade em situações sociais durante a infância e adolescência pode influenciar no desenvolvimento de habilidades sociais necessárias para posterior funcionamento acadêmico, social e profissional. Com o objetivo de analisar a relação que os participantes estabelecem entre as experiências de Bullying na infância e adolescência e os sintomas atuais de Ansiedade Social, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pacientes fóbico sociais do Programa de Transtornos de Ansiedade da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Juiz de Fora. Foram realizadas duas entrevistas com o mesmo roteiro semiestruturado com quinze participantes, dos quais doze eram mulheres. Como resultado podemos destacar o número importante de relatos de experiências significativas de vitimização escolar. Grande parte dos participantes foi alvo de apelidos durante todo o período escolar, e também sofreram experiências de isolamento ou exclusão. A violência física foi menos citada. Essas experiências em sua maioria ocorreram em sala de aula, mas também no recreio e intervalo entre as aulas e grande parte dos participantes não contou para ninguém os episódios sofridos. Relataram lembranças ruins marcantes deste período e têm medo de passar por situações semelhantes novamente. Apontaram ainda que sofreram episódios de vitimização semelhantes também no ambiente familiar. Segundo os relatos dos participantes, estes se sentiram inferiorizados e humilhados por membros da própria família, presenciaram brigas entre os pais, entre parentes, violência do marido e abuso sexual. Os participantes afirmaram que percebem as conseqüências da vitimização sofrida na escola e na família em aspectos da socialização adulta, com comprometimento dos relacionamentos no trabalho, dificuldades de fazer amigos e confiar nos demais.

Bullying; Ansiedade Social; Família.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

SOCIAL

AS CONCEPÇÕES DOS COMUNITÁRIOS DA COMUNIDADE POÇO DAS ANTAS SOBRE A INCIDÊNCIA DE LIMITAÇÕES FÍSICAS E MENTAIS EM PARTE DE SEUS MORADORES. *Clara Ermana Pacheco Neves*, Genelci Corina Cardoso Feitoza**, Anna Tereza Froes de Sousa*, Moacir Carvalho de Sousa Junior*, Lucas Sérgio de Sousa Lopes*, Iani Dias Lauer Leite** (UFOPA, Santarém, PA)*

A importância da abordagem desse tema está no fato de ser expressiva a incidência de portadores de deficiências físicas e mentais na comunidade Poço das Antas, aqui em Santarém, e também por não haver registros anteriores de trabalhos que tenham dado enfoque para a realidade vivida por essas pessoas. Este trabalho teve como objetivos interar-se das concepções dos moradores da comunidade sobre deficiências físicas e mentais, e identificar a presença ou não de trabalhos de assistência médica para os deficientes. Participaram 11 sujeitos, moradores da comunidade Poço das Antas. A comunidade é composta por 104 famílias de pequenos agricultores. Os participantes tinham idades entre 34 anos e 63 anos, sendo 6 homens e 5 mulheres, com ensino fundamental incompleto. Os dados foram coletados mediante entrevistas grupais, com representantes de cada família local. Para realização das entrevistas foi utilizado um questionário de dados sócio-demográficos e um roteiro com quatro perguntas: 1. O que vocês acham que é a deficiência física? E a mental? Por que as deficiências ocorrem? 2. Como é o dia a dia das pessoas que possuem deficiências físicas e mentais? 3. Como é a convivência com pessoas que possuem deficiências físicas e mentais? 4. Como são tratadas as pessoas portadoras de limitações físicas e mentais na comunidade Poço das Antas? Os dados foram analisados mediante o programa Alceste que analisa quantitativamente os dados qualitativos. Foram encontradas 5 classes de respostas: a) As fatalidades na comunidade: Os comunitários relatam sobre as fatalidades ocorridas com os deficientes que expressam o lado trágico da deficiência na comunidade. A família tentando controlar esses acontecimentos tranca os deficientes e isso traz sofrimento aos parentes. b) Ideias dos comunitários sobre deficiências: Percebe-se as concepções dos moradores da comunidade sobre deficiências. Alguns comunitários pensam que a deficiência é uma herança genética vinda dos avós dos deficientes ou vinda de casamentos entre primos. Uma concepção bem expressiva é sobre a deficiência ser um problema. Outros não sabem o que é deficiência. c) Assistência e questões financeiras: Os comunitários abordam a questão financeira que dificulta na obtenção dos remédios para os deficientes. d) Convívio com os deficientes: É abordada a convivência dos comunitários com os deficientes. A comunidade vê a convivência como normal e os comunitários os tratam bem, porém, alguns afirmam que a convivência não é boa, pois, irmão bate em irmão. e) Necessidades de auxílio médico e tratamento: Os comunitários abordam sobre o auxílio e o tratamento que os deficientes devem ter, fica evidente na fala dos moradores a necessidade de um acompanhamento médico para os deficientes. A partir dos dados analisados percebem-se as múltiplas concepções dos comunitários sobre o que são as deficiências físicas e mentais, como é o relacionamento com os deficientes e como os deficientes são vistos pela comunidade. Este trabalho por trazer dados nunca antes pesquisados oferece material indispensável para futuras pesquisas, como também, leva para a sociedade acadêmica e científica a realidade de deficientes físicos e mentais que necessitam de ações especializadas que lhes auxiliem em suas limitações.

Deficiência, problema, comunidade.

UFOPA

SOCIAL

CRENÇA NO MUNDO JUSTO E SUAS IMPLICAÇÕES NO JEITINHO BRASILEIRO. *Raíssa Costa Faria de Farias Seabra*, Bruna Rocha Amorim*, Ivan Hamamoto Marques da Silva*, Luanna Moura Estanislau*, Pedro Lacerda Chaves dos Santos*, Beatriz Leão*, Luiza Mariana Brito Soares** e Ronaldo Pilati Rodrigues (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A Crença no Mundo Justo (CMJ) é um conceito clássico em Psicologia Social e refere-se a suposição de que o indivíduo recebe o que merece e merece o que recebe, isto é, coisas boas acontecem a pessoas boas e coisas ruins a pessoas ruins. Essa crença é um constructo de defesa do indivíduo, que o assegura a pensar que as pessoas são responsáveis pelo que lhes acontece, sendo assim, sentem-se seguros contra qualquer infortúnio que possa ocorrer. O objetivo deste trabalho é correlacionar a CMJ com cinco fatores do Jeitinho Brasileiro: simpatia, criatividade, malandragem, prejuízo aos outros e desrespeito a regras. Entende-se por Jeitinho Brasileiro um complexo fenômeno social caracterizado pelo comportamento dos brasileiros diante algumas situações, empregando simpatia, criatividade e jogo de cintura. Também faz parte da dimensionalidade do Jeitinho a violação de regras, podendo chegar até à corrupção. Participaram da pesquisa 243 pessoas na cidade de Brasília. Como instrumentos foram aplicadas a escala de Jeitinho Brasileiro descontextualizada, que se refere a vinte e cinco itens de tipos de conduta que descrevem as cinco dimensões do modelo teórico de Jeitinho, e a escala de CMJ, já com evidências de validade para o Brasil. Os questionários foram aplicados presencialmente ou via internet, por meio de software de coleta de dados on-line. Para o cálculo e análise de dados foi utilizado o programa (Statistical Package for the Social Sciense). Os resultados parciais encontrados com a correlação de Pearson indicaram apenas correlações fracas ou inexistentes. Por exemplo, entre CMJ e Simpatia obteve-se um coeficiente de relação moderadamente baixo (r=0,20; p=0,002) e CMJ e Desrespeito às Regras também moderadamente baixo (r=0,225; p menor que 0,001), sendo os dois positivos. A hipótese, levantada no início do trabalho de que entre a CMJ e os fatores de conotação otimista (simpatia e criatividade) haveria uma correlação positiva e entre os de conotação pessimista (malandragem, prejuízo e desrespeito a regras) a correlação seria negativa, não foi confirmada, pois, como mostrado acima, a correlação entre CMJ e Desrespeito às Regras, mesmo baixa, foi positiva. Dessa forma conclui-se que a visão otimista do mundo, proporcionada pela CMJ, leva as pessoas a quando se depararem com uma ação caracterizada como jeitinho brasileiro, a classificarem como simpática, positiva dando importância à cordialidade, afeto e polidez. Entretanto, não impede que a mesma ação seja julgada como desrespeito às regras e normas da sociedade implícitas e explicitas. A maioria das correlações entre os fatores de Jeitinho Brasileiro e os dados sócio demográficos foram fracos e negativos, um resultado encontrado é a correlação baixa e negativa entre a CMJ e Renda Mensal Familiar (r=-0,133; p=0,41). Pode-se especular que os indivíduos menos favorecidos são mais otimistas, esperançosos e possuem forte a falsa impressão de que o mundo é justo. Este trabalho servirá de base para se entender esses dois complexos fenômenos sociais. O Jeitinho brasileiro é um campo novo na psicologia social e, a CMJ, apesar de ser um conceito antigo, só teve a escala utilizada na pesquisa validada no Brasil em 2010.

Crença, jeitinho, social

IC

SOCIAL

DESENVOLVIMENTO DE UMA MEDIDA IMPLÍCITA PARA A ATITUDE UNIVERSITÁRIA EM RELAÇÂO AO SISTEMA DE COTAS. *Saulo Maciel Oliveira*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Raquel Raissa de Souza Silva*, Thaís Vaz de Paula*, Ronaldo Pilati (Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF) e Mathieu Turgeon (Laboratório de Pesquisa em Comportamento Político, Instituições e Políticas Públicas , Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Na psicologia social o conceito de atitude é entendido como uma avaliação relativamente geral e duradoura de um objeto ou conceito em uma dimensão de valência. Um dos problemas encontrados pelos pesquisadores, quando se pretende medir a atitude de indivíduos em relação a determinado conceito que envolva aspectos socioculturais, é o fenômeno conhecido como desejabilidade social. Este fenômeno é caracterizado por uma tendência por parte dos participantes a apresentar respostas consideradas mais aceitáveis ou aprovadas socialmente. Uma das estratégias utilizadas, para evitar esse tipo de problema, é o uso de medidas implícitas, como o Teste de Associação Implícita (TAI). O TAI mede o tempo de resposta do sujeito para cada associação, quanto maior for o tempo, menor a força desta. Assim ele revela as associações implícitas e não as produzidas de forma consciente e deliberada. O objetivo do presente estudo é desenvolver e aplicar um TAI para medir as associações implícitas feitas por estudantes universitários em relação ao sistema de cotas como forma de ingresso na universidade. O primeiro passo foi pesquisar os estímulos adequados a serem usados no instrumento, no caso, palavras de valência negativa e positiva, que serão associadas aos termos "sistema de cotas" e "sistema universal". Inicialmente, foram feitas 105 entrevistas com o intuito de conseguir estímulos associados positiva e negativamente às categorias "cotas" e "vestibular/PAS". Foi solicitado aos entrevistados que mencionassem cinco palavras negativas e cinco positivas que eles relacionassem às duas categorias em questão. Com base na literatura e nas palavras mais mencionadas nas entrevistas, foram selecionadas 26 palavras, 13 relacionadas a "cotas" e 13 relacionadas a "vestibular/PAS". Com essas palavras, foi feito um questionário que foi aplicado em 162 estudantes universitários de vários cursos da Universidade de Brasília. Neste questionário, os participantes avaliaram, por meio de escalas o quanto cada palavra representa o respectivo sistema de ingresso, a compreensibilidade e sua valência em relação a "vestibular/PAS" ou "cotas". Uma análise preliminar dos dados obtidos constatou que os participantes avaliavam as palavras relacionadas a vestibular/PAS como mais compreensíveis (M = 2,20; SD = 2,64), mais representativas (M = 2,30; SD = 2,59) e mais positivas (M = 1,43; SD = 2,75) que as relacionadas a cotas (respectivamente, M = 1,22; SD = 3,01; M = 0,84, SD = 3,10; M = 0,40; SD = 3,086). Esses resultados sugerem um desequilíbrio entre as palavras de cotas e vestibular/PAS, portanto serão descartadas e agregadas palavras de modo a equilibrar as duas categorias. Com as categorias equilibradas, serão selecionados estímulos para a elaboração de um um TAI. Este teste será submetido a validação no contexto de uma pesquisa de delineamento experimental para avaliação de indicadores de fidedignidade e validade convergente da medidas com outras medidas indiretas relacionadas ao sistema de cotas.

TAI, cotas, atitudes implícitas

SOCIAL

DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS NA PERCEPÇÃO DE PERSUASÃO E IMPULSIVIDADE: UM ESTUDO COM CONSUMIDORES. *Stela Lemos*, Fabio Iglesias, Heloí Mello*, Maria Tereza Sucena*, Mariana Cardoso*, Natália Klavdianos*, Rafaela Carvalho* (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Um tema que tem sido bastante investigado, em áreas como psicologia, marketing e economia, é o comportamento de compra dos indivíduos, pois quando sujeitos ao papel de consumidor, os indivíduos sofrem fortes influências psicológicas, pessoais, sociais e culturais. Contudo, o comportamento de compra de cada pessoa é influenciado por sua personalidade, sendo esta uma variável necessária e importante para análise do consumidor. Desta forma, é possível que pessoas detentoras de um perfil mais impulsivo podem ser levadas a consumir produtos e serviços em função disto. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de persuasão e a impulsividade na compra de um produto em lançamento, com base na hipótese de que pessoas mais impulsivas, mesmo sabendo que são persuadidas pelos vendedores, compram com maior incidência esse tipo de produto. Participaram 477 consumidores (269 mulheres), de 18 a 51 anos, que responderam a um questionário composto por duas escalas: Escala de Percepção de Persuasão, com 27 itens, que apresenta comportamentos frequentemente observados em vendedores ao tentar persuadir um cliente; Escala de Impulsividade, com 22 itens, que mede a intenção de comportamento dos participantes referentes à impulsividade na hora da compra. Ambos os instrumentos utilizaram uma escala Likert de cinco pontos de concordância para avaliação das situações. Análises fatoriais sugeriram para a Escala de Percepção de Persuasão (KMO= 0,90) uma solução bifatorial: Exclusividade (α = 0,88), com itens referentes ao tratamento diferenciado do vendedor em relação ao cliente; Supervalorização do produto (α = 0,81), com itens de exaltação do produto pelo vendedor. Para a Escala de Impulsividade (KMO = 0,85) as análises também sugeriram uma solução de dois fatores: Impulsividade (α = 0,81), e Imprudência (α = 0,71). Testes t revelaram que as mulheres apresentaram maior impulsividade, $t = 4,85$, $p < 0,001$; maior imprudência, $t = 3,99$; $p < 0,001$; e perceberam mais as técnicas de exclusividade que os homens, $t = 1,78$, $p = 0,07$. Os indivíduos com idade de 22 a 34 anos mostraram maior impulsividade, $t = 3,43$; $p < 0, 001$. Não foram encontradas relações significativas com renda, composição familiar e entre as escalas de percepção de persuasão e impulsividade. Enquanto uma atenção significativa tem sido dada as pesquisas voltadas para as respostas dos consumidores a táticas de preços individuais, poucos estudos têm sido realizados para investigar o conhecimento de persuasão dos compradores e os efeitos de tal conhecimento sobre suas respostas. Além disso, o estudo de comportamento de compra por impulso permaneceu durante certo tempo negligenciado como foco de investigação. Nas últimas décadas, contudo, esforços vêm sendo realizados para se obter uma maior compreensão desse fenômeno e fomentar políticas pró-consumidor e de educação financeira.

Persuasão, impulsividade, produtos em lançamento e diferença entre sexos.

SOCIAL

DIVULGAÇÃO CIENTIFICA NA REDE: BULLYING. *Juliana Soares da Silva*, Fellipe Soares Salgado** (*Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão**Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social – NEVAS, Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG).*

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI divulgaram, através de seu sítio, mudanças na plataforma Lattes que serão utilizadas na avaliação do pesquisador. Serão somadas informações sobre inovação de pesquisas e iniciativas de divulgação e educação científica, tendo como objetivo o contato entre a sociedade e a ciência. Será observado se os (a) pesquisadores se utilizam das várias mídias para revelar seus resultados de pesquisa, e (b) se estão promovendo palestras nas escolas. Pouco se sabe sobre sítios que produzem informação de qualidade sobre o bullying, tendo como alvo pessoas não inclusas nos grupos de pesquisadores. Nesse sentido, as divulgações sobre bullying, podem ser relevantes para educadores, pais de alunos e profissionais da saúde que atendam crianças e adolescentes. Estudos sobre intervenções com foco no bullying apontam que o conhecimento de sua definição e seus tipos por parte dos docentes e pais de alunos é um elemento positivamente correlacionado à queda na prevalência da violência escolar. O presente trabalho objetivou observar a qualidade da informação sobre bullying na rede de internet diante dos indicadores: (1) Conceito: Se a divulgação do conceito de bullying é adequada segundo o conceito de Dan Olweus; (2) Tipologia: se os sítios apontam uma tipologia do fenômeno (físico, psicológica, virtual); (3) Credibilidade: teve como critério (a) os seus domínios ".edu", ".org", ".gov" e/ou (b) titulação acadêmica/profissional do autor do conteúdo. Foi utilizada a ferramenta de busca eletrônica Google, considerando seu alcance mundial e a crescente utilização do Google chrome como navegador no mundo (26% contra 0,3% quando da sua criação). Como critério de busca foi utilizada a opção "busca avançada" com os descritores: "bullying", "escola", "crianças" e "adolescentes". O ano de 2012 foi escolhido considerando a velocidade e a diversidade de informação da internet e a divulgação pelo CNPQ das alterações na plataforma lattes neste ano. Outros limites foram utilizados, tais como: paginas em português brasileiro, resultados para Blogs (considerados as fontes especializadas e mais sistemáticas na apresentação dos conteúdos). Foram privilegiados para a análise dos resultados os sítios referenciados nas primeiras paginas, já que a hierarquia segue um critério de exibição composta de algumas variáveis, tais como: sítios pagos e mais acessados anteriores, com maior variedade de links e palavras alvo. Outros critérios de inclusão foram: a) apresentar o tema bullying como foco, (c) ser um conteúdo de texto informativo (excluído legenda de fotos) proveniente de noticias ou blogs. Como critério de exclusão descartou-se (a) Artigos Científicos, (b) Imagens, (c) Books (d) sítios que não contivessem os todos descritores. Em 35 sítios observados, em 54% não se encontrou o conceito de bullying e suas tipologias, e 25% não apresentaram todos os aspectos do conceito de Olweus, mesmo que 46% tenham um conceito adequado, deixavam de falar sobre algum aspecto do bullying, por exemplo: desigualdade de poder entre pares. Os textos jornalísticos (40%) são mais prevalentes quanto à ausência de conceituação. Dos textos observados 52% são da área de educação.

Palavras chave: informação, bullying, internet

SOCIAL

DO EU PARA O TU: UMA PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES DIALÓGICAS E DA ALTERIDADE. *Priscila Pires Alves (Universidade Federal Fluminense)*

O trabalho tem como objetivo apresentar um relato de atividades realizadas em escolas de educação infantil na cidade de Barra Mansa – RJ, voltado para uma reflexão sobre a construção de relações dialógicas e o exercício da alteridade. Diante dos fatos que temos assistido na realidade contemporânea, aonde temas como Bullying, violência, desrespeito tem se acentuado, torna-se urgente o desenvolvimento de ações nos espaços relacionais da criança de forma a valorizar a condição relacional do ser humano, favorecendo assim a promoção da saúde. Os conceitos de inclusão dialógica e de alteridade são provenientes da perspectiva dialógica desenvolvidos por filósofos como Martin Buber e Emmanuel Lévinas que nos apresentam o grande desafio do ser humano - como ser de relação -, que é o de fundar e manter relações éticas. O projeto, consistiu em ações de sensibilização dos professores e atividades com as turmas das séries iniciais e educação infantil nos espaços das aulas de filosofia sobre os conceitos de alteridade e de relação dialógica, desenvolvendo como resultado dessa atividade o livro: "A história do respeito", construído coletivamente pelos alunos e compartilhado com a escola através de cartazes nos murais. Como conseqüência, observamos que a mobilização de todos os atores envolvidos nesse processo pais, professores, alunos e escola fortaleceu a díade família-escola, favorecendo a reflexão sobre a importância do estabelecimento das relações dialógicas nos espaços vitais da criança.

SOCIAL

EFEITOS DO PRIMING DE PENSAMENTOS ACERCA DA MORTE: UM EXPERIMENTO COM DESEMBARALHAMENTO DE SENTENÇAS. *Luiza Fernandes Lootens Machado*, Raphael Sandes de Oliveira*, Túlio César de Araújo Porto*, Karina Dias Silvino*, Letícia Nunes Vieira*, Luiza Mariana Brito Soares** e Ronaldo Pilati (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília-DF).*

A morte é a única certeza na vida. Diferentes culturas encontraram formas distintas de lidar com ela. No entanto, o pensamento de finitude parece causar um "terror paralisante" no sujeito independente da cultura, pois contraria radicalmente o instinto de auto-preservação humana. Para diminuir potencial desse terror, indivíduos investiriam em seus sistemas culturais e em relacionamentos com grupos sociais dos quais faz parte. Essa é a ideia principal da teoria do gerenciamento do terror. Visões de mundo, compartilhadas dentro de uma cultura, têm como função básica aliviar a ansiedade resultante do nosso conhecimento acerca da vulnerabilidade humana e da certeza de que morreremos. Segundo a teoria, quando o pensamento de morte é ativado, por meio da saliência desta, indivíduos tendem a apresentar maior identificação com seus grupos, se comparado com sujeitos que não tiveram contato recente com pensamentos aterrorizantes. Esta pesquisa teve por objetivo verificar se a saliência de morte ou a ativação de pensamentos aterrorizantes causariam fortalecimento do sentimento de identificação aos ciclos sociais do sujeito. Participaram da pesquisa 141 alunos (73 do sexo feminino), de 34 diferentes cursos da Universidade de Brasília, com idade média de 20,73. Foi utilizado um questionário em duas versões, divididos em três partes: (I) desembaralhamento e formação de sentenças, (II) escala de identificação com os brasileiros - grupo social escolhido - e (III) dados sociodemográficos. A diferença entre as versões estava na parte de desembaralhamento e formação de sentenças. O primeiro instrumento continha frases estruturadas com o objetivo de ativar pensamento de morte nos respondentes (priming). A tarefa do participante era desembaralhar as palavras para formar as frases. Os participantes que responderam a este questionário constituíram o grupo experimental. Já o grupo controle respondeu a segunda versão, que continha frases de conteúdo neutro, que não objetivava ativar nenhum juízo específico. O participante que recebeu o instrumento com priming, que pretendia não ativar pensamentos ligados ao terror, morte ou identificação com grupos, ficou no grupo de controle, ficou no grupo experimental. Em média, os participantes mostraram-se mais identificados com os brasileiros na condição experimental de priming de morte (M=67,09, EP=1,836) do que no caso do grupo controle (M=62,52, EP=1,761). A diferença foi marginalmente significativa t(139)=-1,796, p=0,075. Entretanto, o tamanho do efeito foi relativamente baixo r=0,15. Percebe-se, assim, que foi encontrada uma tendência ao aumento da identificação com o grupo na condição de saliência da morte. Isso fornece evidências de confirmação da hipótese da teoria do gerenciamento do terror, segundo a qual apegar-se a sistemas culturais seria um potencial amenizador ao temor pela própria morte. No entanto, o resultado marginalmente significativo aponta para algumas problematizações. Acredita-se que a adaptação do questionário à internet pode ter comprometido a eficácia do experimento. Não foi possível, com isso, controlar todas as variáveis no ambiente online, como por exemplo, responder o questionário sem interrupção e em sequência. Ademais, a internet é um meio de comunicação conhecido pela sua infinidade de conteúdo, são muitas informações que competem pela atenção do internauta.

Teoria do gerenciamento do terror; identificação grupal; morte.

IC
SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

ENTREVISTA DE SELEÇÃO: PAPEL DAS EXPECTATIVAS DO ENTREVISTADOR NA TOMADA DE DECISÃO. *Rebeca Harumi Nóbrega Guenka*, Maria Emília Araújo**, Beatriz Rios Zanetti*, Ronaldo Pilati (GEPS, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

No contexto de entrevistas de seleção, estratégia frequentemente utilizada para a contratação de candidatos, sabe-se que expectativas prévias (i.e. estereótipos, características de personalidade, experiência profissional) influenciam na decisão do selecionador. A literatura apresenta um modelo no qual as impressões prévias obtidas dos candidatos influenciam a tomada de decisão do selecionador. Tal modelo indica que quão mais favoráveis são as impressões prévias a respeito do candidato, maior a probabilidade dessas impressões serem confirmadas após a realização da entrevista – o que na psicologia social configura o viés de confirmação - e, consequentemente, maior a probabilidade do selecionador aprová-lo. O viés de confirmação é intimamente relacionado com a teoria da profecia auto-realizadora, que, segundo a literatura, se refere à situação na qual uma falsa pré-concepção é formada, evocando comportamento que torna uma pré-concepção, até então falsa, verdadeira. Esse estudo teve como objetivo analisar se as expectativas prévias eliciadas pelos currículos dos candidatos influenciam o julgamento dos entrevistadores, de tal modo que aquelas sejam confirmadas. Para o alcance do objetivo foi desenvolvido um estudo de delineamento experimental entre sujeitos, com manipulação do viés de confirmação por meio de três currículos (negativo, neutro e positivo), avaliando-se o efeito sobre as impressões do entrevistador e a decisão de contratação. Participaram 22 entrevistadores, todos estudantes empresários juniores do Distrito Federal, que já haviam participado como entrevistadores em processos seletivos. Os participantes foram contatados por email. Após o consentimento, os participantes receberam uma análise de cargo, um currículo fictício, um questionário para avaliar o currículo e foram instruídos a criar perguntas que fariam para aquele candidato em uma entrevista. As perguntas foram respondidas pelas pesquisadoras - fato desconhecido pelos participantes - e reenviadas a estes com outro questionário para nova avaliação do candidato. A expectativa do entrevistador foi manipulada a partir da visualização de um dos currículos fictícios que eliciavam expectativas positivas, negativas ou neutras. Os resultados indicaram que quanto maior as expectativas iniciais, maior é avaliação geral do candidato anterior à entrevista ($r=0,72$; $p<0,05$). A expectativa do desempenho do candidato anterior à entrevista foi correlacionada com a avaliação geral deste após a entrevista ($r=0,46$; $p<0,05$). Dessa forma, quanto maior o grau da expectativa do participante em relação ao desempenho do candidato antes da entrevista, melhor a avaliação geral que é feita após a entrevista. Além disso, houve relação direta e positiva entre a expectativa anterior à entrevista e a probabilidade do candidato ser aprovado na seleção ($r = 0,58$, $p<0,05$), resultado equivalente ao encontrado na literatura. Foi possível verificar que há indícios do viés de confirmação por meio da análise das expectativas prévias e da avaliação posterior à entrevista. Esse resultado aponta para o importante papel que as expectativas possuem no processo seletivo, principalmente no que diz respeito ao recrutamento de candidatos a partir do currículo analisado, e à condução da entrevista feita por um indivíduo já enviesado por uma informação prévia.

Processo seletivo, viés de confirmação, profecia auto-realizadora

SOCIAL

ESTEREÓTIPOS SOBRE O IDOSO: A DISSOCIAÇÃO E O MODELO DO CONTEÚDO. *Rodrigo de Sena e Silva Vieira**, Marcus Eugênio Oliveira Lima (Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE)*

Os idosos são cada vez mais representativos de nossa sociedade, seja pelo crescimento demográfico ou pelas conquistas que acumulam nos últimos anos. Sua constituição como um grupo importante, dotado de direitos, serve como ponto de partida para este trabalho, que se interessa pelo modo como eles são vistos no imaginário popular. Para isto, adotamos o conceito de estereótipo, que inicialmente diz respeito aos ícones ou figuras que vêm à mente quando pensamos num grupo social; em análise mais aprofundada, entretanto, pode ser entendido como preditor das relações, revelando hierarquias sociais. Adquire, portanto, grande importância no estudo deste tema. Ajudando a entender a composição das imagens sobre o idoso, um breve apanhado histórico mostra que a noção de velhice se fortaleceu na transição dos séculos XIX e XX, quando o conhecimento médico delimitou-a como um estado fisiológico específico, a partir de referenciais como os problemas clínicos característicos. A instituição das aposentadorias também é um marco neste sentido, pois contribuiu para a solidificação do idoso como cidadão de direitos, embora também o associando à improdutividade. Autores apontam que, no Brasil, a discussão sobre os idosos nas últimas décadas envolve duas dimensões: uma trata do abandono e da desvalorização, enquanto outra os caracteriza como um grupo ativo, que busca o bem-estar a partir de novos hábitos e atividades. No cotidiano, a dualidade no modo como os idosos são representados pode ser operacionalizada pelo modelo dissociativo, segundo o qual os indivíduos, por serem capazes de distinguir crenças pessoais dos estereótipos negativos sobre os grupos, também podem evitar a manifestação aberta de tais estereótipos, uma vez que vão de encontro às normas sociais. Numa pesquisa com 400 estudantes universitários da cidade de Aracaju, este trabalho buscou investigar os estereótipos formados a respeito dos idosos, perguntando aos participantes sobre suas visões pessoais e sobre o que eles julgavam ser a visão coletiva a respeito daquele grupo. As respostas foram categorizadas e inseridas no software SPSS for Windows. Os resultados, ainda em análise, mostram que há uma clara dissociação entre crenças pessoais e coletivas, em que os estereótipos negativos – como "incapazes", "empecilho" ou "doentes" - são deslocados para a sociedade. Nas crenças pessoais, observa-se uma predominância de termos positivos, como "experientes" e "sábios". Percebe-se também grande incidência de enunciações como "divertidos", "amigos" e "precisam de carinho", próximas de um status de cordialidade ou afetividade. Esses traços são identificados pelo modelo do conteúdo dos estereótipos como típicos de grupos que, embora recebam certas características positivas, são desvalorizados em diferentes esferas sociais por não serem considerados competentes.

Idosos, estereótipos, dissociação

CAPES

SOCIAL

EXPERIMENTAÇÃO POLÍTICA DA AMIZADE EM COMUNIDADES DA INTERNET: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DOS AFETOS DE ESPINOSA. *Lívia Godinho Nery Gomes Azevedo, Reniton de Santana Souza**, Arci Gardênia Alves Santos*, Gicelma Barreto Nascimento*, Lívia Mendes de Almeida* , Luana Costa Chagas*, Marcelo de Almeida Ferreri (Universidade Federal de Sergipe, Aracaju - SE)*

A experimentação política da amizade refere-se ao alargamento de pontos de vistas fixos favorecidos pelo diálogo onde os sujeitos têm igualmente a possibilidade de expressar-se e revelar-se mediante o discurso e a ação. Tal concepção política da amizade é iluminada por Arendt que concebe este vínculo desligado dos ideais de intimidade e fraternidade, mas baseado no gosto pelo outro em sua radical alteridade. Para a autora, o inquietante encontro com o outro e a vivência dos afetos ali produzidos reverbera de forma singular em cada sujeito podendo levar esses corpos a comporem movimentos transformadores de alcances inimagináveis. Nesse sentido, tais encontros não se restringem apenas ao âmbito presencial, mas a qualquer forma de interação que desestabilize e provoque esses sujeitos a engajarem-se em ações coletivas inéditas. Dessa forma, os encontros virtuais podem se caracterizar como uma ferramenta valiosa para a articulação de ideias, projetos e eventos que promovam importantes mudanças no cotidiano de seus atores. Para pensar esse sujeito relacional que na interação com o outro sofre e produz mudanças em sua subjetividade, parte-se da concepção de corpo proposta por Espinosa, a qual é sustentada pela unidade corpo-alma e capacidade de afeto. Esta concepção constitui um elemento precioso para a compreensão da presença e das intensidades afetivas em jogo nas relações de amizades mediadas pela internet, que prescindem do contato físico. Uma vez que os sujeitos são afetados na ordem dos pensamentos ou no registro da mente, em contato com diferentes ideias nas comunidades virtuais que frequenta, a potência para agir desses corpos também é afetada. Nesse sentido, a concepção espinosana da unificação corpo-mente ilumina a qualidade da presença do interlocutor bem como a condição de intercoporeidade dessas relações. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa Prodoc/DCR que visa investigar a experimentação política da amizade em comunidades da internet a partir da teoria dos afetos em Espinosa. O método utilizado para a procura das comunidades e contato com os sujeitos foi à etnografia virtual. Os coletivos da internet pesquisados foram blogs e comunidades do Orkut e Facebook que possuem o caráter de promover debates coletivos sobre temáticas sociais. Foram realizadas entrevistas online com quinze participantes, adultos, de várias cidades do país e um residente no exterior. As narrativas foram interpretadas à luz da teoria dos afetos de Espinosa. Os resultados revelam que as experiências vivenciadas nesses espaços têm promovido mudanças na forma de pensar de seus atores, que passaram a entrar em contato com opiniões diferentes e a refletir em que medida o discurso do outro pode contrapor-se e complementar suas ideias. Apesar de poucos relatos sobre ações concretizadas, tais discursos revelam a autenticidade dos afetos nas relações de amizades mediadas pela internet que produzem transformações nas capacidades de reflexão e de experimentação de novas habilidades. Percebe-se então, que a maneira como a composição desses encontros é feita, reverbera de forma ímpar em cada sujeito, podendo a potência desses afetos favorecer ações fundamentais para o exercício da cidadania.

Internet, Amizade, Espinosa.

CNPq e Fapitec

SOCIAL

HABILIDADES SOCIAIS NO CONTEXTO DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS. *Camila D'Avila Moura*, Annie Larissa de Carvalho Gonçalves, Bruno de Brito Silva, Thatianne Vasconcelos Almico*, Carla Regina Santos Almeida*, Yris Monalizza de Souza*, Zenith Nara Costa Delabrida (Universidade Federal de Sergipe)*

O presente trabalho tem por objetivo estudar as relações interpessoais de estudantes no contexto de residências universitárias com base na teoria das habilidades sociais. O programa de residências universitárias tem se mostrado importante por permitir o acesso de jovens de baixa renda ao meio universitário. A literatura mostra que as habilidades sociais têm um papel importante no rendimento escolar, por exemplo, prestar atenção às instruções, cooperar, demonstrar autocontrole, fazer, responder e perguntar. Dessa forma, autores citam que um repertório de habilidades sociais pobre se reflete no desempenho acadêmico. Um estudo pormenorizado possibilitará intervenções necessárias que qualifiquem os tipos de relações dentro desse contexto. Portanto, o objetivo do trabalho é analisar as habilidades sociais de residentes universitários. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica do grupo focal, além de um inventário de habilidades sociais (IHS). O grupo focal tem uma característica de intervenção já que os dados são coletados a partir de uma discussão em grupo. Participaram 16 residentes divididos em grupos por sexo e tempo de residência. Sendo nove meninas com média de idade era 20,9 (dp=1,9) e sete meninos com médias de idade 22,7 (dp=2,9). Os entrevistados eram selecionados por meio de um sorteio. Além do convite por telefone, os participantes recebiam uma carta-convite que informava a hora e o local da pesquisa e um termo de consentimento livre e esclarecido que continha todas as informações sobre a pesquisa a ser realizada. No momento foram analisados somente os dados do grupo piloto que foi composto por três residentes femininas (media de idade 21,2;dp=2,1) sendo duas calouras e uma veterana. No grupo das calouras, o tema "conflito na residência" foi citado 15 vezes, dentre elas, 10 vezes foi citado conflitos relacionados a falta de habilidades do grupo e 5 vezes foram citados conflitos relacionados a falta de habilidade do próprio sujeito. Em todas essas citações, foi constatado um alto grau de conflitos nas residências, o que é um indicador de déficit de habilidades sociais. A quantidade de vezes que o tema foi apontado no discurso dos sujeitos revela que esses conflitos são muito recorrentes em residências universitárias. Sendo assim, é possível que os outros quatro grupos a serem analisados apresentem também alto nível de conflitos provocados por falta de habilidades sociais. Bem como, a análise do IHS será a próxima etapa para avaliar essa hipótese.

Desempenho acadêmico, grupo focal, comportamento habilidoso

PROEST

SOCIAL

IDENTIDADE SOCIAL EM MOVIMENTO: INVESTIGAÇÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO E DINÂMICA SOCIAL EM RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS. *Bruno de Brito Silva*, Annie Larissa de Carvalho Gonçalves*, Camila D'Avila Moura*, Carla Regina Santos Almeida*,Henio dos Santos Rodrigues*, Thatianne Vasconcelos Almico*, Yris Monalizza Souza*, Zenith Nara Costa Delabrida (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE)*

A inserção de jovens nas universidades envolve aspectos fundamentais do desenvolvimento de qualquer indivíduo. Uma das estratégias para o acesso ao ensino superior é o Programa das Residências Universitárias da Universidade Federal de Sergipe, que compreende a moradia de estudantes de baixa renda do interior sergipano ou de outros estados do país que não têm como sustentar suas despesas sendo assistidos material e financeiramente, até a conclusão do seu curso. Porém, esta entrada acarreta uma série de "novidades": a própria entrada na universidade, a convivência com outras pessoas de origens e costumes distintos, além do gerenciamento dos recursos disponibilizados pelo programa de maneira satisfatória para todo o grupo. É com base nesse aspecto que a noção de identificação de um sujeito com o seu grupo de pertença se mostra um fenômeno de alta importância, já que a identidade social se encontra relacionada com o conhecimento de sua filiação a certos grupos sociais e com a significância emocional e valorativa que resulta desta filiação. Hipotetiza-se que o quanto o indivíduo se sente pertencente a determinado grupo influenciará a visão que o mesmo tem de si, dos outros e de como será cumprido seu papel social. Portanto, este trabalho teve como objetivo investigar como acontece a identificação no ambiente social das residências universitárias inquirindo quais as características que vinham logo à mente quando os participantes pensavam nos residentes universitários e se quando conhecem pessoas novas na universidade como se apresentam, para saber se os mesmos se utilizam da palavra residente universitário ou se explicam a sua condição de ser residente, também verificou-se durante toda a fala dos participantes como os mesmos caracterizavam o grupo. Para tanto, foram realizados grupos focais investigando os conflitos enfrentados na convivência dentro das residências universitárias com 16 residentes, divididos em grupos por sexo e tempo de residencia: sendo nove mulheres com idade média de 20,9 anos (dp=1,9) e sete homens com médias de idade de 22,7 anos (dp=2,9).Verificou-se por meio da análise de conteúdo das falas do grupo focal que a identificação do residente com o grupo de pertença é instável. Quando se tratam de questões relativas à dinâmica do programa e a relação com o órgão administrativo do programa, os residentes se caracterizam como uma entidade afirmando sua condição de residente. Mas quando foi colocado em pauta a convivência, adaptação e aceitação de regras existentes na própria residência, percebe-se uma repercussão negativa na identidade deste grupo, pois este fato se configura como um problema para a grande maioria dos residentes, dificultando o sentimento de pertença ao grupo. Estes aspectos podem agir como facilitadores, ou ativadores para os conflitos entre esses residentes, já que se não houver uma identificação com o grupo dos residentes, consequentemente esses indivíduos não agirão como um grupo, não trabalhando em prol da boa convivência coletiva.

Identificação Social, Grupo de Pertença, Grupo Focal.

CNPQ

SOCIAL

INFÂNCIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DO ABRIGO.
*Khalil da Costa Silva** (Universida Federal de Sergipe)*

O presente trabalho teve como objetivo compreender a estrutura e o conteúdo das representações sociais da infância por educadores de abrigos. Na pesquisa realizada, as representações sociais foram concebidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida cotidiana e no decurso da comunicação interindividual e que direcionam o indivíduo para a ação, por meio da convencionalização de significados e da prescrição de condutas. Dentre as diferentes propostas de análise das representações sociais, adotou-se um modelo estrutural destas representações, compreendendo-as como sendo formadas por um núcleo central de significação e núcleos periféricos. O grupo considerado neste estudo é composto por doze educadores de seis diferentes instituições de abrigamento da cidade de Aracaju-SE, os quais lidam diariamente com crianças na faixa etária dos seis aos doze anos de idade e que foram institucionalizadas devido às situações de risco e vulnerabilidade a que estiveram expostas em suas famílias de origem. Optou-se pelo estudo com educadores de abrigos pelo fato de que estes desempenham um papel significativo no desenvolvimento das crianças institucionalizadas, posto que tais adultos assumem o papel de orientar e proteger estas crianças, e, ao mesmo tempo se constituem enquanto modelos identificatórios para as mesmas, enquanto permanecem institucionalizadas. Com a utilização de entrevista estruturada e técnicas de associação livre de palavras, pudemos identificar as representações referentes aos conceitos de infância, criança e criança abrigada. Através de análise quantitativa dos resultados, evidencia-se que a maioria dos participantes estruturam a representação da infância a partir da palavra brincadeiras, estando este núcleo associado às palavras aprendizagem, família e escola. Estes mesmos educadores, em sua maioria, trazem como modelo ideal de criança como sendo obediente, respeitadora das normas, da autoridade e da disciplina, bem como identificam o adulto como sendo o responsável por transmitir às crianças tais normas e práticas sociais. A criança abrigada, por sua vez, foi representada como sendo o oposto do modelo padrão de infância, sendo então concebida como agressiva, desobediente e carente de afeto. Após a análise dos dados, questionamos a necessidade de se empreender novos estudos que possam correlacionar as representações sociais da criança com as práticas educativas que são direcionadas a este grupo de crianças, considerando que tais representações influenciam diretamente em sua formação identitária e em seu processo de socialização. Ademais, compreendemos a necessidade desses educadores em receber apoio refletir acerca das concepções de criança que norteiam o modelo de educação que é legitimado nas instituições de acolhimento, evitando que sejam naturalizadas práticas que desqualifiquem socialmente as crianças por elas atendidas.

Infância, representações sociais, educadores

SOCIAL

INSTRUMENTOS PARA RASTREAR VIOLÊNCIA ENTRE CASAIS E CONTRA A MULHER: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.

*Adriana Aparecida de Almeida, Lelio Moura Lourenço, Makilim Nune Baptista, Caroline Basílio, Adriana A. de Almeida**, Luciana Xavier Senra**, Fernanda Monteiro de Castro Bhona, Géssica Castellani Andrade**, Bruna Mattos Koga*, Jéssica Kiemy F, Hashimoto*, Thiago Virgílio da S. Stroppa*, Ingrid Nayara de Souza*, Natalice do Carmo Lopes* (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG).*

A violência tem se destacado de maneira preocupante em todo o mundo. Essa problemática é prioridade nas ações da Organização Mundial de Saúde(OMS) devido às consequências e graves problemas de curto/médio/longo prazo para a saúde, desenvolvimento psicológico e social de indivíduos/famílias/comunidades. Ações de intervenção e rastreio frente aos problemas ocasionados pela violência exigem que ela seja compreendida como "o intencional uso da força física ou do poder, em ameaça ou real, contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha probabilidade de resultar em injúria/morte/dano psicológico/privação ou prejuízos no desenvolvimento". Essa definição é evidenciada em diversos estudos e norteia a compreensão do fenômeno, sobretudo em âmbito doméstico, que abarca a violência física/sexual/psicológica/financeira entre pessoas com vinculação afetiva e de convivência comum no espaço doméstico e na relação de parceria íntima. O presente estudo consiste em uma revisão e descrição de instrumentos usados para rastrear violência entre casais e contra a mulher. Para isso foi feito levantamento bibliográfico nas basesWeb of Science, Medline, Dialnet, Redalyc, Lilacs e PsycInfo, através dos descritores:domestic violence scale, domestic violence instrument assessment identification,intimate partner violence scale instrument assessment identification e violence scale instrument assessment identification, entre os anos de 2000-2010.Foram selecionadas publicações que rastreavam a violência doméstica (VD) sem quaisquer identificações de temáticas relacionadas; que rastreassem a violência entre casais; entre casais jovens; contra a mulher e que fossem disponibilizados para acesso completo com indicação de referência do instrumento utilizado.Foram encontrados 5 instrumentos de rastreio e avaliação sobre a temática: Conflict Tactic Scale-CTS; Conflict Tactic Scale Revised-CTS2; Conflict Tactic Scale Revised-CTS2; Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory-CADRI; e World Health Organization Violence Against Women-WHO VAW. No que concerne à apresentação das escalas/instrumentos, a CTS em sua versão inicial possui 60 itens sem a investigação das variáveis negociação de conflitos e injúria; a CTS2 possui 78 itens distribuídos em afirmativas sobre violência e agressão física/sexual/psicológica/negociação de conflitos e situações de injúria. A CADRI-espanhola possui 50 itens subdivididos em duas escalas com 25 afirmações cada. Tanto a CTS, quanto a CTS2 e CADRI avaliam violência cometida e sofrida pelo respondente, utilizando escalas tipo likert. A WHO VAW possui 204 itens distribuídos em doze sessões que investigam aspectos sobre a saúde geral, saúde reprodutiva, relação com a comunidade, com filhos e com o parceiro atual ou anterior, atitudes e papéis de gênero, sobre o parceiro, entre outros. Dentre os instrumentos apresentados é possível identificar algumas vantagens e limitações de cada um. Pode-se perceber, com este estudo, que algumas facetas da violência perpetrada entre casais ou parceiros não são contemplados, como é o caso da violência financeira e patrimonial. Há uma tendência em priorizar as tipologias sexual/física/psicológica. Além disso, através dos resultados encontrados, constatou-se falta de instrumentos construídos em conformidade com a realidade brasileira, incluindo população de baixa escolaridade e com características socioculturais diversas. Instrumentos válidos e confiáveis possibilitam e auxiliam

profissionais de diferentes seguimentos, já que o impacto do referido fenômeno também ocorre de modo amplo na vida de indivíduos/famílias /comunidades.

Violência; violência entre parceiros íntimos; revisão sistemática.

SOCIAL

INTERAÇÕES ENTRE CONSUMIDORES E VENDEDORES: ESCASSEZ, RECIPROCIDADE, CONSISTÊNCIA, SIMPATIA, PROVA SOCIAL E AUTORIDADE COMO ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO. *Raissa Damasceno*, Lucas Caldas**, Fabio Iglesias (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF).*

O uso de táticas persuasivas é a base do esforço de venda em situações de interação entre vendedores e consumidores em lojas de varejo. Definida como um modo de comunicação que visa provocar mudança de atitudes em um contexto de livre escolha, a persuasão pode gerar consumo indesejável, pela baixa resistência dos consumidores a essas estratégias. O objetivo desta pesquisa foi analisar em campo as táticas de persuasão que são utilizadas por vendedores no contexto de lojas de tênis em seis shopping-centers de um grande centro urbano. No modelo teórico de Cialdini são previstos seis princípios de influência social nos quais as táticas de persuasão se organizam: simular escassez de produtos, forçar a manutenção do compromisso e da coerência, promover simpatia, estimular a reciprocidade, fazer referência a autoridades e, por fim, prova social. Foram criadas 44 oportunidades de venda quando um confederado (ora homem, ora mulher) entrava nas lojas simulando interesse em um tênis de corrida, registrando as táticas dos vendedores e apresentando a justificativa do preço parecer caro para se ausentarem sem efetuar a compra. Foram identificadas 19 táticas distintas, num total de 160 ocorrências. Cada interação durou em média cerca de cinco minutos e os dados foram planilhados tão logo deixassem as lojas. Organizando-se os resultados por princípio, verificou-se que o mais frequente foi o uso de autoridade (40,6%), com as táticas de dar uma aula sobre o produto, oferecer um tratamento de especialista ou fazer referência direta a experts (ex: "a tecnologia do tênis foi desenvolvida pela NASA"). Prova social configurou o segundo princípio mais frequente (20,6%), juntamente com reciprocidade (20,0%). Nesses casos o vendedor apresentava as "evidências" de que tanto na loja quanto em maior escala o produto é muito consumido, assim como o uso das mais conhecidas técnicas de "porta-na-cara" (apresentar produto mais caro antes do produto que realmente quer vender). Os dois menos frequentes foram compromisso e coerência (11,9%), com táticas como "pé-na-porta" (apresentar produto mais barato e evoluir a venda para um mais caro) e simpatia (6,9%), com táticas como o vendedor querer parecer amigo do consumidor. O uso de táticas baseadas no princípio de escassez não foi verificado. Diferenças em função do sexo do vendedor não puderam ser testadas, dado que a maior parte deles era homem. Pode-se concluir que, por conhecer bem o produto a ponto de dar uma aula sobre este, é coerente a alta frequência de táticas de autoridade. O baixo uso de táticas de simpatia talvez possa ser explicado devido a interação com o consumidor ser mais objetiva, já que o vendedor tem como maior triunfo seu conhecimento sobre o produto. Considerando a frequência com que consumidores relatam serem persuadidos a fazer compras inadequadas, esses dados ajudam a criar subsídios para um primeiro programa de pesquisas no Brasil sobre resistência de consumidores a táticas de persuasão em vendas com base na literatura de psicologia social.

Persuasão; comportamento do consumidor; varejo.

CNPq

SOCIAL

MEMÓRIA SOCIAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SUA ABORDAGEM TEÓRICA E SUA APLICAÇÃO AO ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE MÃES TRABALHADORAS RURAIS. *Pâmela Pitágoras Freitas Lima**, Lívia Diana Rocha Magalhães (Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Vitória da Conquista, BA).*

A memória vista por uma perspectiva social é multimodal e tem um caráter eminentemente construtivo; do ponto de vista da psicologia social tem como característica ser simultaneamente social e psicológica; possue dependência estreita da comunicação e da interação social; está diretamente relacionada com o conceito de pensamento social e possui uma variável de cunho nitidamente afetiva A memória, a rigor, responde a uma necessidade social, individual do presente., Lembrar demanda partilhar lembranças: quando lembramos, mesmo que nos achemos sozinhos, o lembrar implica na inserção em um meio social que o possibilita. As teorias memória e a teoria das Representações Sociais têm sua origem epistemológica e influencia comum da obra de Émile Durkheim. Além deste marco comum, estas duas teorias ainda partilham aspectos de abordagem próxima como a dependência dos processos comunicacionais; a importância dos processos de interação e a inserção do sujeito em um meio social; a relação dialética entre individuo e sociedade; semelhança entre a memória social com os processos de ancoragem da teoria das Representações Sociais, como a evocação do passado para o presente; semelhança entre a memória social com os processos de objetivação da teoria das Representações Sociais, em que as recordações são reconstruídas e não evocadas sem sofrer transformações e a importância da linguagem no processo de construção de uma representação e de uma lembrança. Resumindo, as semelhanças são profundas, e podem ser encaradas como formas específicas de apreensão da realidade social. È inegável que a articulação entre estas duas teorias vem se constituindo em grandes avanços no campo da Sociologia e da Psicologia Social. Este movimento vem ganhado força na América Latina e no Brasil, despontando a partir da década de 90 do século passado e cada vez ampliando os números de pesquisas que abrangem a conjugação das duas teorias. A expansão destas teorias no território latino ocorre por abordar fenômenos psicossociais a partir de um contexto sócio-cultural. Pode-se então observar que a teoria da Representação Social é uma rica abordagem teórica e metodológica para se estudar questões relacionadas com a memória social. Tomando estas abordagens estamos analisando a memória que mães trabalhadoras rurais da localidade no município baiano de Barra do Choça apresentam com relação a educação de seus filhos e estamos observando que as suas referências ao passado vivido é evocado pelo núcleo central para falar das preocupações com a educação de seus filhos a partir da referência de que na sua infância havia a ausência da escola e que agora no tempo presente é garantido a escola as sua proles,mas também evocam a educação recebida em suas casas e lamentam que não estão sabendo como educá-los com os parâmetros de outrora. A construção histórico-conceitual destas duas teorias e suas abordagens na América Latina,particularmente no Brasil tem possibilitando a análise dos núcleo central e periférico estudado e indicando perspectivas promissoras para a continuidade da análise dos resultados da pesquisa.

Psicologia Social; Representações Sociais; Memória Social.

SOCIAL

MUJER, INMIGRACIÓN Y VIOLENCIA: LA TRIPLE DISCRIMINACIÓN.
Roberta de Alencar-Rodrigues, Leonor María Cantera Espinosa (Universidad Autónoma de Barcelona), Gabriela Reyes Ormeno (Universidade Federal de São Carlos), Patricia Elizabeth Alvarado Sánchez (Universidad Autónoma de Barcelona)

Esta investigación hace referencia a la violencia de género en la pareja contra la mujer inmigrante en Barcelona, España. Este trabajo pretende presentar cómo las mujeres inmigrantes latinoamericanas que han sufrido violencia de género en la pareja han logrado romper con la relación abusiva. Se hace hincapié en el largo proceso que comprende muchos intentos de búsqueda de ayuda en diversos servicios institucionales en Barcelona, España, buscando poner de manifiesto representaciones que conciben las mujeres maltratadas sin voz, sin capacidad de decisión y reducidas al papel de víctima. El software atlas.ti y los principios de la Teoría Fundamentada fueron empleados en esta investigación cualitativa para analizar los datos obtenidos a través de 14 entrevistas focalizadas en el proyecto migratorio y vivencia de la violencia. Se focaliza la capacidad de resistencia de las mujeres inmigrantes al resistir a la opresión y a acceder a recursos internos y externos para salir de la relación de maltrato, aunque se posicionen en situación de vulnerabilidad ante la violencia de género, debido a las condiciones del proceso migratorio. Además, se pretende mostrar las diferentes trayectorias emprendidas por estas mujeres inmigrantes que han vivido maltrato de género en la pareja, evidenciando su protagonismo al enfrentar la odisea que representa la falta de redes de apoyo, la dificultad de conseguir un trabajo, la imposibilidad de compaginar la vida laboral con las tareas familiares y la discriminación vivida en el ámbito laboral. También se aborda la maternidad transnacional, pues algunas de las mujeres entrevistadas han venido a trabajar a España con el fin de enviar remesas a los hijos que se han quedado en el país de origen. Se considera que el fenómeno migratorio es un motor que impulsa y desafía un cambio de creencias culturales y de actitudes relativas al género, pues algunas mujeres reconocen que estar lejos de la familia y de la sociedad de origen les permite plantearse el salir de la violencia, pues perciben a sus familias no como fuente de apoyo, sino como factor de riesgo que refuerza la situación de violencia de género en la pareja. El estudio realizado nos permitió observar que aunque la migración les brinde emancipación e independencia, ellas siguen sufriendo desigualdades de género en el ámbito laboral y familiar. Al poner de manifiesto las experiencias de las participantes del estudio, se espera que los consulados, los servicios sociales, las políticas públicas de los países emisores y receptores de inmigrantes tengan en cuenta sus necesidades de las mujeres inmigrantes.

Mujeres, inmigración, violencia

CAPES, FUNDAÇÃO CAROLINA

SOCIAL

NORMAS SOCIAIS RELACIONADAS À INFIDELIDADE NO ESPAÇO VIRTUAL. *Brigido Vizeu Camargo, Catarina Durante Bergue Alves*, Daniela Xavier Morais*, Larissa Papaleo Koelzer* (Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC)*

As normas sociais expressam as expectativas de um grupo em relação a um comportamento, têm como consequência a manutenção das ideias e entidades deste, além de facilitar a interação entre seus membros. Esse comportamento tem relação direta com as ideias e conceitos do contexto cultural no qual o grupo está inserido, e pode estar relacionado à frequência e ao número de indivíduos que realizam um dado comportamento e aos valores morais e padrões sociais referentes a um determinado meio social. A maneira peculiar como ocorre a troca de informações no ambiente virtual o caracteriza como um espaço no qual os grupos de usuários criam novos significados para as informações. Portanto, esse meio proporciona novas formas de relacionamento interpessoal, não necessariamente verdadeiros, e pode se constituir como um espaço de transgressão das normas sociais. No Brasil, a fidelidade constitui-se como uma norma social, dada a valorização das emoções e o posicionamento tradicional dos membros dessa cultura diante das normas sociais. Portanto, nesse contexto, pode-se considerar a infidelidade como uma prática contra normativa. O presente estudo teve como objetivo analisar as reações normativas expressas em comentários acerca de uma reportagem online, divulgada em um site de notícias brasileiro, sobre o lançamento de um site de relacionamentos extraconjugais. Foram analisados 407 comentários, emitidos no período compreendido entre os dois primeiros dias de divulgação, em sua maior parte por indivíduos do sexo masculino, correspondendo a 69% dos comentários, enquanto 31% foram do sexo feminino. O conteúdo dos comentários foi submetido à análise lexical de conjuntos de segmentos de texto no software ALCESTE, e analisados a partir de um corpus de análise. A análise hierárquica descendente reteve 83,78% das UCE do corpus (341 das 407 UCE), organizadas em quatro classes. Os resultados indicaram que o espaço virtual também é passível das normas sociais, pois mesmo que se diferencie de outros meios, permite a formação de grupos que estabelecem sentido em suas relações virtuais. A infidelidade aparece como uma prática contra normativa, que se evidenciou através de elementos racionais e emocionais dirigidos à infidelidade, a objetos e instituições sociais e às reações normativas dos participantes. Ela foi percebida pela maior parte dos participantes a partir de posicionamentos tradicionais e normativos, mesmo sendo uma prática existente na sociedade brasileira. Isso pode indicar que, mesmo as pessoas que se posicionaram favoráveis à norma têm conhecimento de que a prática contra normativa existe. Houve, portanto, um distanciamento entre o reconhecimento da existência da norma social e as ações a ela relacionadas.

Normas sociais; infidelidade; espaço virtual.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ

SOCIAL

NOVAS VISÕES E PERSPECTIVAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM PANORAMA MUNDIAL SOBRE ESTE TIPO DE AGRESSÃO. *Ana Claudia Ferreira Cezario, Natalice Carmo Lopes, Lélio Moura Lourenço*

A violência doméstica entre casais é um fenômeno social e um problema de saúde pública. De acordo com a Lei Maria da Penha, Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, este tipo de violência poderá se manifestar através de agressões físicas, psicológicas, sexual, patrimonial e moral. Entretanto, na maioria dos casos, esta é abordada apresentando apenas a mulher como vítima e homem como seu respectivo agressor; sem a perspectiva de que o oposto também possa ocorrer, além de apresentar a discussão da violência doméstica apenas em relacionamentos heterossexuais. Contudo, novas estruturas familiares têm se formado solicitando dos pesquisadores novos estudos e discussões para atender a esta demanda da contemporaneidade. Desta forma este trabalho traz os resultados de duas revisões sistemáticas acerca da violência doméstica entre casais. Em ambas as revisões foram utilizadas as respectivas bases de dados: Web of Science, Scopus, Pubmed, Lilacs e Scielo. Os termos de busca utilizados, na primeira revisão, foram“domestic violence against men", “intimate partner violence against men", "man victim of domestic violence", "adult domestic violence against men", " intimate partner violence of women against men" e "el hombre victima de violencia domestica" e na segunda revisão “domestic violence in same sex relations*”,”intimate partner violence in same sex relations*” e “spouse abuse in same sex relations*”. A primeira, feita em março de 2012, coletou os trabalhos publicados entre os anos de 2000 e 2011, que abordavam o homem como vitima e a esposa/companheira como sua respectiva agressora. A análise resultou em 87 artigos completos. Já a segunda revisão sistemática, ainda em construção, permitiu-nos trazer alguns dados preliminares acerca da violência doméstica entre casais homossexuais. Nesta, foram coletados todos os trabalhos já publicados, sem delimitações de ano, totalizando 1150 publicações encontradas. Foram excluídas 419 publicações que fugiram ao tema, restando 678 artigos dos quais serão analisados pelo resumo, com o objetivo de se chegar aos artigos completos para analise das categorias. Assim, propõe-se neste trabalho apresentar os dados destas duas revisões sistemáticas e levantar novas discussões acerca do tema. O trabalho traz uma ampliação da análise da violência doméstica, de forma a se investigar também a possibilidade do homem ser vítima, além de propor maiores estudos acerca da violência doméstica em relações homossexuais, visto ser ainda um tema pouco discutido e acessado pelos pesquisadores; se comparados à violência contra a mulher. Torna-se importante ressaltar também a importância do trabalho na contribuição de futuras ações e prevenções a este tipo de violência.

SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

O ABRIGO PÚBLICO ENQUANTO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO: MEDIDA DE PROTEÇÃO À CRIANÇA, MAPEANDO DEMANDAS. *Clariana Morais Tinoco Cabral (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

Os primeiros anos de vida de todo ser humano são caracterizados como um período singular para o seu desenvolvimento físico, psicológico e emocional/afetivo, cabendo às ciências como a Psicologia legitimar tal perspectiva. No contexto dessa discussão, os movimentos populares que se mobilizaram, na década de 1980, deram início também a uma nova perspectiva de atuação das políticas públicas para a infância e a adolescência, visando a promoção, proteção e defesa dos direitos desse grupo social. O Estatuto da Criança e do Adolescente materializou a lógica da criança e do adolescente como sujeito de direitos, pessoa em peculiar estágio de desenvolvimento e prioridade absoluta nas ações do Estado, da família e da sociedade. Previamente ao surgimento do ECA as ações do Estado restringiam-se às medidas remediativas exclusivas para crianças e adolescentes marginalizadas ou órfãs e delinquentes. Entre as medidas mais empregadas estava a medida de internação. Com a aprovação do Estatuto a medida de internação foi substituída pela medida de acolhimento institucional, que se caracteriza como Medida de Proteção, atuando nas circunstâncias onde já se instalou uma situação de violação de direitos ou onde há risco iminente de violação, não incorrendo em privação de liberdade, mas, sim, de caráter provisório e excepcional. Sendo assim, esta ação legal destina-se fundamentalmente a garantir o direito de crianças e adolescentes ao desenvolvimento saudável, longe de fatores de risco. No município onde esta pesquisa foi realizada esses abrigos são nomeados Casas de Passagem I, II e III, assim organizadas em função da faixa etária. Desta feita, de acordo com o exposto, o abrigo público destaca-se como novo lócus de desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de risco. O presente trabalho, inserido nesse movimento de questionamento e potencialização da realidade das políticas públicas para a infância e adolescência no Brasil, objetiva caracterizar a população assistida pelo abrigo público Casa de Passagem I. Os procedimentos empregados com esse propósito foram: leitura dos documentos institucionais das crianças abrigadas e entrevistas com profissionais da equipe técnica. Com o mapeamento realizado constatamos ser o ambiente sócio-familiar o grande impulsionador do abrigamento, uma vez que os genitores são ou usuários de drogas ilícitas e/ou estão sob condição de internação em hospital psiquiátrico, e/ou envolvidos com prostituição. Ainda de acordo com os dados encontrados, observamos que há crianças que estão, desde a mais tenra idade, na instituição; algumas chegaram a ser abrigadas logo após o nascimento. A condição de excepcionalidade e provisoriedade da medida de abrigo não se apresenta como realidade na instituição pesquisada, pois, em sua imensa maioria, o tempo de permanência da criança excede o período de três (3) meses, tempo limite para a provisoriedade da medida previsto legalmente. O Estatuto se constitui como marco para a efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes. As unidades de acolhimento institucional situam-se nesse movimento, porém encontram-se inseridas em uma realidade histórico-cultural complexa, onde a luta pela garantia desses direitos apenas se inicia, apesar de praticamente 22 anos da promulgação do Estatuto.

Palavras-chave: Abrigo; Infância; Direitos Humanos.

SOCIAL

ORGANIZAÇÕES CARITÁRIAS: TESTANDO EXPERIMENTALMENTE O USO DE TÁTICAS DE PROVA SOCIAL E APELO À CULPA PARA DOAÇÕES. *Raissa Damasceno Cunha, Fabio Iglesias, Brisa Oliveira, Bruna Borges Beze, Michel Cordeiro, Natharry Almeida de Araújo, Victor Vasconcelos de Souza (Universidade de Brasília)*

Embora sejam frequentemente associadas ao marketing voltado para vendas, as pesquisas sobre estratégias de persuasão também podem ser usadas para esforços prosociais, auxiliando organizações caritárias a arrecadar doações materiais e recrutar voluntários. O presente estudo teve como objetivo testar experimentalmente, em campo, a operacionalização de dois princípios de influência persuasiva no contexto de doações: prova social, usada para informar (ou simular) que grande número de pessoas está adotando o mesmo curso de ação; e apelo à culpa, usada para criar compromisso de ação ao enfatizar a responsabilidade pessoal por condições

Utilizou-se como contexto a doação de dinheiro para uma associação beneficente que realmente existe (creche Associação Maria de Nazaré). e para a qual o valor arrecadado foi posteriormente doado. Participaram 180 indivíduos (90 homens) em um campus universitário, não se controlando suas outras variáveis sócio-demográficas. Na primeira condição experimental (n = 60) os indivíduos foram abordados com um discurso orientado pela prova social, em que os aspectos de consenso da doação foram utilizados ("a campanha esta tendo boa aceitação e várias pessoas estão doando"). Na segunda condição (n = 60) a indução de sentimentos de culpa orientou a persuasão, procurando causar um desconforto no indivíduo quando informado sobre as más condições em que a creche se encontrava, sendo a doação uma maneira de aliviar o desconforto sentido. No grupo de controle (n =60) os indivíduos eram simplesmente requisitados a doar dinheiro para a instituição. As duas estratégias de persuasão se mostraram efetivas quando comparadas ao controle (χ2 = 6,98; p = 0,03), entretanto uma ANOVA revelou não haver diferença no valor doado entre as duas primeiras condições experimentais (F < 1; p = ns). Não se verificaram diferenças no valor doado em função do sexo (t = 1, 17; p = 0,24), mas atributos pessoais do pesquisador fizeram diferença (F = 4,62; p = 0,01). Dos indivíduos abordados, 49,4% não doaram. Dos que doaram, 31,2% doaram até 1 real, 16,5% doaram de 1 a 2 reais, e somente 3,3% doaram mais do que isso. A média de valor doado foi de 66 centavos, sendo 80 centavos a média de Prova Social, 73 centavos a média de apelo á culpa e 45 centavos a média do grupo de controle mostrando a utilização de estratégias persuasão pode contribuir para fins prósociais e o seu uso deve ser aplicado de outras formas para que haja um ganho ainda maior que o apresentado por estas. A diferenças individuis devem ser melhor controladas em estudos posteriores.

Persuasão, prova social, reciprocidade, doação de dinheiro

SOCIAL

OS NEGROS EM COMERCIAIS DE TELEVISÃO ABERTA BRASILEIRA.

Nathália Pereira de Oliveira, Áderson Luiz Costa Junior (Programa de Educação Tutorial. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

A literatura levanta a hipótese de que os comerciais, por consistirem em uma espécie de elemento secundário a outros conteúdos, podem ser observados sem um detalhamento mais apurado e isso não diz respeito apenas aos produtos, mas também aos modos de agir e pensar. Diferentes autores apontam que apesar dos avanços conquistados pelos(as) negros(as) na sociedade em geral, a inserção destes(as) na mídia ainda é escassa e estereotipada, com desempenho de papeis associados a posições hierarquicamente inferiores e a contextos específicos, tais como comerciais de programas do Estado ou produtos de baixo custo. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi analisar os papeis desempenhados por negros(as) em propagandas, comparando-os aos descritos pela literatura. Como objetivo específico, pretende-se identificar e analisar criticamente o que, em comparação com publicações recentes, tem mudado em relação ao tema da participação de negros(as) em comerciais de televisão. Foram analisadas, durante quatro semanas (domingo a sábado), os comerciais apresentados em duas redes de televisão aberta (Rede Globo e Rede Bandeirantes), respondendo a questões preestabelecidas: com que frequência os(as) negros(as) são retratados em comerciais? Em quais comerciais os(as) negros(as) são representados? Que tipo de personagem os(as) negros(as) representam? Existe uma relação de poder dentro das propagandas? Onde o(a) negro(a) se encaixa nessa relação? Os comerciais foram gravados em vídeo, para análises posteriores e testes de fidedignidade com outros juízes. O horário para observação ocorreu entre 20 e 23 horas, pela suposição de que este é o horário com maior probabilidade de encontrarmos a família brasileira em casa, abarcando, por isso, um público considerável, desde crianças até idosos. Cada emissora foi observada durante duas semanas. Os resultados mostraram a presença de pessoas negras especialmente em comerciais do Governo Federal/Distrital e propagandas de eletrodomésticos. Com exceção dos comerciais patrocinados pelo Estado, os(as) negros(as) eram minoria dentro dos comerciais de cosméticos, roupas, empreendimentos imobiliários, concessionárias de veículos, entre outros, apontando uma invisibilidade da população negra quando se trata da venda destes produtos, além disso, assumiam, geralmente, a posição de vendedor(a) ou prestador(a) de serviços, enquanto quem detinha o poder de compra era, na maioria das vezes, uma pessoa branca. Este dado é considerado relevante a partir do momento em que a capacidade de consumo é um fator que posiciona as pessoas hierarquicamente. Neste caso, portanto, o(a) negro(a) estariam em desvantagem em relação ao(à) branco(a). Sendo assim, é importante considerar que o presente estudo corrobora o que tem sido apontado pela literatura: a escassez de negros(as) nos comerciais de televisão e a associação destes a propagandas com conteúdos específicos, como as que divulgam programas sociais do governo federal. A apresentação dos resultados suscita discussões tais como o reforçamento de estereótipos que colocam continuamente o(a) negro(a) em posições hierárquicas desprivilegiadas. Levando-se em consideração que a televisão é um meio de disseminação de ideologias, as pessoas podem partir de modelos preconceituosos e estereotipados quando se trata da população negra, além disso, a televisão não se mostra, ainda, como um meio no qual o(a) negro(a) possa encontrar, com frequência, modelos de identificação valorizados socialmente.

Negros, comerciais, televisão

Bolsista do Programa de Educação Tutorial do MEC - PET-Psicologia

SOCIAL

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

PANORAMA DA VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA. *Lelio Moura Lourenço, Makilim Nunes Baptista, Caroline Basílio, Adriana A. de Almeida**, Luciana Xavier Senra**, Fernanda Monteiro de Castro Bhona, Géssica Castellani Andrade**, Bruna Mattos Koga*, Jéssica Kiemy F, Hashimoto*, Thiago Virgílio da S. Stroppa*, Ingrid Nayara de Souza*, Natalice do Carmo Lopes* (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG).*

Violência entre Parceiros Íntimos(VPI) refere-se a qualquer comportamento inserido num relacionamento íntimo que cause prejuízos físicos/psicológicos/sexuais para os envolvidos nessa relação. É considerada um grave problema de saúde pública devido às várias consequências diretas/indiretas que traz para vítimas/parentes/pessoas próximas. Este estudo tem como finalidade apresentar investigação bibliométrica acerca dessa temática, objetivando uma maior compreensão conceitual e tipológica, que servirá de base para construção de um instrumento de detecção de VPI. A revisão foi realizada por meio de busca eletrônica nas bases de dados Web of Science, PsycINFO, Dialnet, Lilacs e Redalyc, entre os anos de 2006-2011. As buscas foram realizadas com o termo em inglês (intimate partner violence), no campo 'título' de cada base. Foram selecionados apenas artigos disponibilizados com texto completo, em português/inglês/espanhol. Foram encontradas 426 publicações. O ano com maior número de artigos indexados foi 2010 (28,6%), seguido por 2008 (20,6%) e 2009 (20,1%). O autor mais produtivo foi Silverman,J.G. , com 2,1%, seguido por Caetano,R. (1,8%) e Ramisetty-Mikler,S. (1,6%). Com relação ao número de autores por artigo, a maioria foi escrito por três autores (22,5%), dois (20,8%) e quatro (16,1%). A revista que mais publicou foi "Journal of Interpersonal Violence" (17,8%), seguida pelas revistas "Journal of Family Violence" (12,6%) e "Violence Against Women" (10,7%). Ao analisar os títulos das publicações, o termo VPI apareceu mais associado com os termos: mulher (21,5%), crianças/adolescentes (8,3%) e homens (7,4%). A questão do uso de álcool/drogas foi encontrada em 6,8% das publicações, e o Transtorno de Estresse Pós-Traumático foi a comorbidade que mais apareceu associada (3,4%). Também houve ênfase nas doenças sexualmente transmissíveis (2,8%), e na depressão (2,5%). Com relação à forma como os artigos delimitam a VPI, a maioria deles (40,1%) faz apenas uma contextualização; 39,4% não faz nenhuma referência ao conceito; 6,1% aponta as consequências. Apenas 19% de fato definem a VPI. Dentre os autores mais mencionados para definir a VPI a Organização Mundial de Saúde obteve 13,2%; seguida pelos autores 'Saltzman, Fanslow, McMahon & Shelley' com 10,2%; Tjaden & Thoennes, com 9,18%; Centers for Diseases Control & Prevention, 7,14%; entre outros. Os tipos de violência mais citados foram física e sexual (29,5% cada). Os resultados corroboraram estudos feitos por outros pesquisadores ao identificar o crescente número nas publicações sobre VPI nos últimos anos, e revistas que mais tem se destacado na temática. Os dados sugerem que a mulher parece ser mais estudada nesse contexto que os homens, os quais são citados nos títulos numa frequência 3 vezes menor que suas parceiras. A relação da VPI com fatores como o uso de álcool/drogas indica que a violência relaciona-se a outro grave problema de saúde pública. Um dado também relevante demonstrou que há casos relacionados à VPI entre parceiros do mesmo sexo e de mulheres contra homens, contudo, ainda são necessárias pesquisas mais abrangentes que procurem entender estas outras realidades.

Violência; violência entre parceiros íntimos; revisão sistemática.

SOCIAL

PERSPECTIVA DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL / FOBIA SOCIAL: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO.

Andriele Monteiro de Oliveira, Sabrina Maura Pereira**, Andrezza Souza Martinez*, Francesca Stephan Tavares**, Jonayne Kelly da Silva Souza*, Lélio Moura Lourenço (Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG)*

O transtorno de ansiedade social (TAS), também chamado de fobia social (FS) é caracterizado pelo Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais - 4º Ed.-texto revisado como um medo acentuado de situações sociais ou de desempenho nas quais o indivíduo teme se sentir envergonhado ou embaraçado. Mais especificamente, a FA se caracteriza pelo medo de ser exposto à observação atenta de outrem, levando, assim, evitar situações sociais. O TAS é o terceiro problema de saúde mental mais comum depois da depressão e o abuso de álcool. Ele possui curso crônico associado a um considerável comprometimento funcional, podendo ser incapacitante em suas formas mais graves. No entanto, o TAS é sub-reconhecido e subdiagnosticado por profissionais da saúde. Este estudo objetiva fornecer um panorama das produções acadêmicas referentes a teses e dissertações indexadas na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre o tema Transtorno de Ansiedade Social / Fobia Social, pois ao analisar a produção científica da área é possível ampliar e problematizar o conhecimento produzido pelo tema. A pesquisa eletrônica utilizou como descritores os termos "Fobia Social" e/ou "Transtorno de Ansiedade Social" no período disponível no periódico, de 1987 a 2009, a fim de encontrar teses e dissertações cujo tema principal fosse o TAS/FS. A busca encontrou 33 Teses e Dissertações e, a partir da leitura dos resumos disponíveis, seis foram excluídas. O resultado final constitui-se de 27 teses e dissertações, das quais puderam ser analisadas de acordo com os seguintes indicadores: ano das produções, instituição, departamento, nome dos autores, palavra chave e temática do estudo. Através dos resultados pode-se observar que o conjunto das pesquisas transmite uma concatenação de ideias, discussão das questões teóricas, validação de instrumentos, diagnóstico, comorbidades e tratamento. Isto proporciona uma melhor compreensão do curso e as implicações do TAS. Percebe-se um aumento do interesse na temática e de pesquisas que buscam encontrar fatores causadores desse transtorno. Houve também o desenvolvimento de trabalhos referente às comorbidades que são tão comuns no transtorno e que usualmente são graves e causam severos prejuízos aos sujeitos, como o transtorno por uso de substâncias, depressão, suicídio, etc. Além dessas duas dimensões de estudo, encontramos ainda trabalhos que buscam desenvolver instrumentos de rastreio que possuam propriedades psicométricas confiáveis para que possam ser utilizados na população, melhorando a identificação precoce do transtorno. Ainda não foram encontrados trabalhos de cunho preventivo o que podemos creditar à falta de conhecimento sobre as razões pela qual a ansiedade social/fobia social se desenvolve em alguns indivíduos e em outros não. Assim, ressalta-se a relevância desse tema para a promoção de saúde dos indivíduos além da importância de mais estudos sobre este tema para fornecer uma melhor compreensão do seu desenvolvimento e maior divulgação entre os profissionais de saúde.

Transtorno de ansiedade social; fobia social; dissertações.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

SOCIAL

PRÁTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NO CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL (CREAS). *Lorena Azevedo Ghersel*, Clara Raíssa Fernandes de Melo*, Gabriella Machado Viana*, Lorena de Almeida Cavalcante*, Luciana Fernandes Santos*, Tuíla Maciel Felinto (Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba)**

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é um sistema público que organiza, de forma descentralizada, os serviços socioassistenciais no Brasil. O Suas organiza as ações da assistência social em dois tipos de proteção social. A primeira é a Proteção Social Básica, destinada à prevenção de riscos sociais e pessoais, por meio da oferta de programas, e benefícios a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social. A segunda é a Proteção Social Especial, destinada a famílias e indivíduos que já se encontram em situação de risco e que tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros aspectos. O psicólogo dentro dos Centro de Referência Especializados da Assistência Social (CREAS) atua realizando diagnóstico e avaliação dos processos psicológicos dos sujeitos; coordenando e manejando processos grupais; desenvolvendo vínculos interpessoais com o outro; realizando orientação, aconselhamento e atendimento psicológico no âmbito de proteção social especial; dentre outros. Desta forma, este profissional constituir a atenção psicossocial operacionalizada por um conjunto de procedimentos técnicos especializados e visa estruturar ações de atendimento e proteção a crianças e adolescentes, proporcionando a estes condições para o restabelecimento de seu direito de conviver em família e com a comunidade, o fortalecimento de sua auto-estima e a reparação da violência sofrida.Assim, o presente estudo teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre atuação do psicólogo dentro dos CREAS, visando compreender as ações realizadas pelos mesmos e de que forma tais ações se aproximam ou se afastam das diretrizes citadas pela Cartilha de Parâmetros sobre atuação dos assistentes sociais e psicólogos na Política de Assistência Social, elaborada com base nas normas reguladoras dessas profissões, ou seja, o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e o Conselho Federal de Psicologia (CFP). Para isso, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com um psicólogo que atua no CREAS do município de Cabedelo – PB, registrada através de um gravador de voz, e transcrita de forma literal para análise posterior. A partir desta entrevista foi possível observar que as ações do psicólogo estão de acordo com as diretrizes especificadas pela Cartilha de Parâmetros sobre a atuação dos assistentes sociais e psicólogos na política de assistência social e do código de ética que determina que o trabalho do psicólogo deve ter como objetivo a promoção de saúde e de qualidade de vida, tanto das pessoas como das coletividades e contribuir para a eliminação de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Tendo em vista os objetivos do trabalho, pode-se observar a importância dada pelo serviço ao espaço familiar, uma vez que os atendimentos são realizados visando à integração da família como espaço de construção da cidadania, em prol do bem da comunidade.

CREAS, assistência social, atuação do psicólogo

SOCIAL

PRÁTICAS PSICOLÓGICAS NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE VITÓRIA - ES: ANÁLISE DAS CAUSAS DA ROTATIVIDADE DO PROFISSIONAL PSICÓLOGO NO CRAS. *Alini Gusmão do Rosário*, Gustavo Roberto da Silva*, Iasmin Libalde Nascimento*, Marina Pandolfi Miranda*, Pedro de Freitas Ferreira*, Paula Pignaton de Almeida*, Rafael da Silveira Gomes (Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES)*

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) foi designado como medida de proteção básica da Política Nacional de Assistência Social, com intenção de minimizar os efeitos da vulnerabilidade e risco social, além de fortalecer vínculos familiares e comunitários. Diante disto, o psicólogo se depara com novas exigências e saberes, sendo convocado a atuar fora das práticas tradicionais da Psicologia, o que se torna um desafio para profissão. Discute-se neste trabalho a atuação do Psicólogo nos CRAS do município de Vitória-ES, especificamente, as causas da rotatividade deste profissional nesses serviços. Debater a atividade dos psicólogos no CRAS ganha importância diante do crescimento e legitimação da sua atuação nestes espaços, que vem se constituindo como mercado de trabalho importante, sobretudo para os recém-graduados. Foram realizadas visitas aos 12 CRAS do município de Vitória-ES com o objetivo de aproximarmo-nos da atividade dos psicólogos a partir do acompanhamento do cotidiano destes serviços. As informações foram registradas em diários de campo, com o intuito de relatar as observações, inquietações e experiências dos pesquisadores. A partir da análise dos dados apresentados nos diários de campo, destacamos que a rotatividade emerge como uma questão relevante, que interfere diretamente as práticas diárias dos Psicólogos no CRAS, sobretudo em seu vínculo com os usuários e com o serviço. A rotatividade parece ser decorrente de três aspectos em especial: 1) o vínculo contratual temporário, que se configura como um vínculo precário com a administração pública, intermediada por Organizações não Governamentais (ONGs), evidenciando a geração de instabilidade empregatícia e baixa remuneração. Com isso, muitos destes trabalhadores mantêm-se no CRAS apenas enquanto não encontram proposta mais atrativa; 2) além disso, os psicólogos destacaram o excesso de atividades burocráticas e que eles julgam assistencialistas, como: entrega de cestas básicas, de benefícios eventuais e o preenchimento do CadÚnico, etc, o que gera insatisfação por não perceberem estas atividades como função dos psicólogos. Eles relatam que a prioridade deveria ser o acompanhamento das famílias, porém, infelizmente, é recorrente que tal acompanhamento não ocupe esse lugar. O trabalho da psicologia, em promover ações que envolvem a sociedade (desenvolver a autonomia dos usuários e assim tirar as famílias da vulnerabilidade em que se encontram) muitas vezes é deixado de lado; 3) por outro lado, os psicólogos relatam atenderem cotidianamente demandas emergenciais, em que se deparam com usuários em grande vulnerabilidade social, para as quais não se sentem instrumentalizados teórico e metodologicamente. Além disso, estas atividades demandam tempo, o que impossibilita o psicólogo de progredir nos trabalhos que já desenvolve, estes aspectos geram angustia e sentimento de impotência profissional. Deste modo, destacamos que os pontos elencados acima: o vínculo empregatício temporário, o excesso de atividades percebidas como não relacionadas à Psicologia e a distância entre os conteúdos trabalhados na graduação e as exigências do serviço influenciam diretamente a motivação desses profissionais e a decorrente rotatividade constante do psicólogo no CRAS. Tal rotatividade prejudica a realização do acompanhamento das famílias, fragilizando um possível vínculo entre as elas e o psicólogo.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Trabalho do Psicólogo; Centros de Referência de Assistência Social (CRAS); Rotatividade.

Capes (Programa de Educação Tutorial em Psicologia – FNDE)

SOCIAL

PRIMING FÍSICO E EFEITOS SOBRE JULGAMENTOS SOCIAIS. *André Pereira dos Santos*, Alan Douglas Araujo Gomes*, Flávia Oliveira Gomes*, Natalia Alves Bêlo de Souza*, Rafael Medeiros Roriz*, Victor Nahuel Felix de Souza Keller*, Fernanda Campos Marinho**, Maurício Sarmet, Ronaldo Pilati (GEPS Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social, Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

O priming é visto como um processo de ativação inconsciente de um determinado conceito (prime) que pode afetar comportamentos posteriores a ele de forma automática. Esse efeito também tem sido investigado, mais recentemente, no campo da cognição situada, segundo a qual conceitos abstratos (e.g. importância, tristeza, estresse) são aprendidos, também, por associações a experiências sensoriais (e.g. peso, frio, distância). O objetivo deste estudo é determinar o efeito que um priming físico de peso exerce sobre julgamentos do participante em relação a um conjunto de situações. Neste estudo a variável independente foi a variação de peso da prancheta. Participantes na condição prancheta leve seguraram uma prancheta de 230g enquanto respondiam ao questionários de avaliação, enquanto participantes da condição pesada seguravam uma prancheta de 1,6kg. Considerando o caráter de severidade da metáfora física 'peso', hipotetiza-se que os participantes da condição experimental tenderão a ser mais severos em suas avaliações do que os participantes da condição controle. Foram coletados questionários de 139 participantes,sendo que 69 participaram na condição experimental (i.e. prancheta 1,6kg) e 70 na condição controle. Como instrumento foi utilizado um questionário que deveria ser respondido com base nas duas imagens mostradas pelo experimentador, que retratavam situações cotidianas neutras, não consideradas estressantes nem demasiadamente tranquilas. O questionário apresentava 5 questões às quais os participantes responderam por meio de escalas Likert de 10 pontos, sendo que quanto maior a marcação na escala, mais positiva seria a avaliação. Duas das questões avaliavam o estado emocional que o participante atribuía ao individuo e as outras 3 avaliavam a severidade atribuída à situação do mesmo. Os resultados indicaram que os participantes na condição da prancheta pesada julgaram as situações apresentadas como mais tristes ou estressantes ($F(1,138)= 10,84$; $p < 0,001$, para a primeira avaliação de estado emocional, e $F(1,138) = 5,02$; $p = 0,03$, para a segunda). Observou-se, ainda, uma tendência significativa em 1 das 3 escalas de os participantes na condição experimentaljulgarem situações propostas para as imagens como mais severas ($F(1,138) = 6,48$; $p = 0,01$). Estes resultados indicam que os participantes que responderam o questionário segurando a prancheta pesada tendiam a analisar mais severamente as situações, o que corrobora as hipóteses do estudo além de evidências prévias da literatura de cognição social situada. Estes resultados sugerem que os processos cognitivos complexos, como o julgamento de situações sociais abstratas, podem ser afetados por estimulações sensoriais físicas, como peso, temperatura, texturas, entre outros fatores. Tais evidências suportam um modelo no qual processos cognitivos são desenvolvidos, também, graças às experiências sensoriais dos indivíduos.

Cognição Situada, Priming, peso

SOCIAL

PSICOLOGIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL: INTERFACES DISCIPLINADORAS E EMANCIPADORAS. *Silvio José Benelli (Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras/Assis, SP)*

Estudamos a interface entre a Psicologia Clínica e a Assistência Social no âmbito das políticas públicas, por meio de uma revisão da literatura pertinente, utilizando o instrumental da Análise Institucional. Realizamos uma análise dos documentos oficiais do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, bem como de documentos normativos e de relatórios dos Conselhos Federal e Regional de Psicologia e de Serviço Social relativos ao tema. Em bancos digitais de dissertações e teses da UNESP, da USP e da UNICAMP buscamos dados sobre as modalidades de inserção dos psicólogos na Assistência Social. A literatura indica que as formas históricas de práticas assistenciais baseadas na ajuda samaritana, na filantropia assistencialista e no paternalismo político e clientelista estão profundamente enraizadas na cultura brasileira. Tanto a Psicologia quanto a Assistência Social emergem num contexto público estatal com a encomenda de promover cada uma a seu modo, processo disciplinares de normalização social do indivíduo e de controle da população. Haveria uma interface altamente congruente e bastante problemática entre esses dois campos institucionais: trata-se de uma potente estratégia de despolitização e naturalização da questão social e dos seus efeitos na realidade social por meio de processos de psicologização e patologização. Ambos são saberes que se constituíram no bojo da sociedade disciplinar e neles se torna explicita a hipótese de que em sua função, o poder de punir não é necessariamente diferente do de curar ou educar, permitindo uma problematização da emergência dessas duas modalidades de intervenção social como sendo essencialmente disciplinares, correcionais e normalizadoras. As transformações históricas evidenciam a formação de um sistema assistencial com características predominantemente preventivas, correcionais, repressivas e ressocializadoras, com atravessamentos institucionais entre um conjunto de ciências humanas disciplinares: psiquiatria, psicologia, pedagogia, serviço social. Uma análise histórica da Psicologia Clínica e da Assistência Social revela que esses dois campos institucionais compostos por saberes e práticas, dispositivos e equipamentos, discursos e poderes, inclusive num plano macro e paradigmático, promovem efeitos semelhantes de patologização do indivíduo e de adaptação social. Para que a Assistência Social, incluindo psicólogos, possa buscar um efetivo equacionamento do "problema social", é preciso que ela se paute radicalmente pelo enunciado ético que deve orientar seus efeitos: o sujeito cidadão de direitos. O psicólogo é um ator social e um profissional cuja atuação tem uma dimensão claramente política – que tanto pode promover a adaptação social na direção de uma subjetividade serializada e capitalística quanto a transformação social no sentido da singularização subjetiva e desejante – certamente contextualizada em marcos institucionais da própria categoria profissional e do campo da Assistência Social. A formação crítica e instrumentalizada de novos profissionais psi é um dos elementos significativos para que possam, com sua atenção e escuta, colaborar para que o SUAS possa promover, de modo mais efetivo, a cidadania e a emancipação social dos pobres.

Psicologia, Assistência Social, cidadania

P

SOCIAL

RASTREIO DE *BULLYING*: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.

*Luciana Xavier Senra**; Lelio Moura Lourenço; Jéssica Kiemy Ferrari Hashimoto*; Ana Carolina Brando Coelho Reis*; Bruna Valladares de Toledo*; Lucas do Vale Costa*; Eduardo Mendes Silva*; Thiago Virgilio da Silva Stroppa*; Bruna Mattos Koga*; Marcel de Toledo Vieira (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS/Equipe VDBullying, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil).*

O bullying é, atualmente, um dos fenômenos mais comuns no ambiente escolar e pode ser expresso através de diversas formas. Ele pode ser descrito como o intencional uso de poder, de um indivíduo ou grupo, de maneira sistemática, repetitiva e persistente com a intencionalidade de causar danos à integridade física e moral de indivíduos que são percebidos como frágeis e incapazes de se defenderem ou reverterem situações de risco. Contudo, apesar de sua seriedade, recorrência e impacto negativo na vida dos envolvidos, o bullying não esta ganhando a atenção necessária, tanto por parte de professores e gestores quanto por parte dos próprios pais de crianças vítimas e de crianças envolvidas com o bullying. Dessa forma, o presente estudo consistiu em uma revisão sistemática da literatura realizada através de uma busca eletrônica nas seguintes bases de dados: Web of Science; Dialnet; Redalyc; PsycInfo; Lilacs; Eric e RepositoriumUM; com descritores bullying questionnaire, bullying scale e bullying instrument. O objetivo desse estudo foi à verificação da frequência de pesquisas com uso e/ou construção e validação de instrumentos de identificação de bullying. Com 2071 artigos catalogados e 70 selecionados após critérios de exclusão, foram analisadas as seguintes categorias: frequências por base de dados; países e autores que mais publicaram; periódicos; ano de publicação; definição de bullying, metodologia, instrumento utilizado/construído e resultados das publicações. Os resultados apontaram que a Redalyc foi a base de dados com o maior número de publicações, disponibilizando o maior banco entre os anos de 2006 e 2011, com um total de 48.57%. Em relação aos autores, Pereira e Veiga foram os mais produtivos, cada um com 5.71% do total. Dentre os periódicos, o International Journal of Psychology and Psychological Therapy e Interacções juntos produziram 11.42% dos artigos. A metodologia mais frequente foi a quantitativa transversal e observacional. Esses resultados evidenciaram que o percentual de vítimas é equivalente em diferentes países e continentes e que enquanto os meninos utilizam mais a força para intimidar seus colegas, como por exemplo, bater e chutar; as meninas utilizam mais de ameaças e de insultos. Sendo assim, as formas mais comuns de bullying entre as meninas são a agressão verbal ou psicológica e entre os meninos se destaca a agressão física. Além disso, observou-se que os tipos mais comuns de bullying, são o físico e o verbal ou psicológico. Também pôde ser observado que os locais onde esse fenômeno mais ocorre são nas salas de aula, nas áreas de recreio e no pátio do colégio.

Bullying, instrumento de identificação e rastreio, revisão sistemática da literatura.

SOCIAL

REPRESENTAÇÃO DA RECAÍDA EM DEPENDENTES DE CRACK: UM ESTUDO QUALITATIVO EM UMA RESIDÊNCIA TERAPÊUTICA. *Bruno Pelícia* (Graduando em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. Aluno do Projeto de Pesquisa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UMESP), Evelyn Cristine Bognar* (Graduanda em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP), Alessandra Nagamine Bonadio** (Psicóloga clínica, pesquisadora da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas – UNIAD/UNIFESP – São Paulo/SP – Brasil), Manuel Morgado Rezende** (Doutor em Saúde Mental, professor da Universidade Metodista de São Paulo e líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Processos psicossocial na Promoção de Saúde)*

A dependência química é uma condição crônica que acarreta prejuízos em diversas áreas da vida da pessoa acometida, poucos que enfrentam o tratamento estabeleceram a abstinência no processo de tratamento. O objetivo desta pesquisa foi verificar a representação social da recaída em dependentes de crack em tratamento, quais são os aspectos envolvidos no processo de recaída e como ele ocorre, utilizando à luz da Teoria da Representação Social de Moscovici. A pesquisa foi realiza entre os meses de agosto a novembro de 2011, em uma residência terapêutica particular situada na capital de São Paulo. Recorremos à abordagem qualitativa para investigar o fenômeno em questão, a partir das entrevistas semi-estruturadas. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Metodista de São Paulo (Processo n° 452661 -11). O material emergente em campo foi submetido à análise de conteúdo, identificando-se os principais temas (categorias) emergentes, entre os quais se destacaram: recaída como qualquer uso de substâncias psicoativas durante ou após o tratamento, marcados pelos estereótipos do programa de 12 passos e dos tratamentos tradicionais pautados na abstinência total; sintomas afetivos negativos tal como culpa, raiva, remorso, vergonha, magoa, frustração, solidão, tristeza ou angústia no momento da recaída; vivências psicopatológicas durante a recaída, nessas circunstâncias os indivíduos podem alcançar o empobrecimento psíquico e dos laços afetivos, perda do vínculo e suas formas discursivas entre o conhecido e o desconhecido; controle externo da recaída sendo que socialmente os participantes do estudo "prometem" a abstinência, mais intimamente estão ameaçados pela recaída, ou seja, a centralidade esta na substância psicoativa. Conclui-se que os resultados sobre a representação social da recaída em dependentes de crack apontam evidentes dificuldades de se discutir o processo do que eventualmente ocasionou esse complexo fenômeno, cronificando a ideia, que qualquer uso de substância psicoativa (ilícitas), seja recaída, "recaída" = "uso" ou, ainda, "abstinência" = "cura", bem como a necessidade de repensar nas estratégias de planos de prevenção a recaída e dos modelos tradicionais de tratamento, propiciando experiência de abertura capazes de favorecer a inscrição na cultura e na coletividade. Outra questão para os clínicos e profissionais da saúde, e fomentar o trabalho psíquico, que vão além dos ditames dos manuais – diagnósticos e da repetição dos discursos de ajuda mútua, já que a identidade destes grupos circunscreve-se pelo espectro do adoecimento.

Bolsa PIBIC/UMESP

Palavra chaves: Representação Social, Recaída, Crack.

IC

SOCIAL

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INJUSTIÇA SOCIAL. *Ana Lucia Paes de Barros, Aline Joanna de Souza*, Alex Ramos*, Clovis da Silva Barros*, Natalia Dornellas Pimenta* (Universidade Católica de Petrópolis/ Petrópolis, R.J.)*

O destino imposto pelo capitalismo contemporâneo aprofundou a miséria e a concentração de renda. A promessa de que o "progresso" traria um mundo melhor e mais igualitário não se concretizou. Na contemporaneidade o "problema" não é mais da esfera do "mundo comum", tampouco a sua "solução" passa por aí. Problemas e soluções são, agora, quase que exclusivamente, atribuições do indivíduo. Neste contexto, verdadeiras cidades exclusivas são criadas e, com isso, espaços de convivência vão sendo retirados da totalidade da cidade. A cidade passa a ser um lugar onde a diversidade do mundo é olhada passivamente e as pessoas tornam-se distantes e indiferentes. Nela a percepção da desigualdade social não tem como resultado uma maior percepção e compreensão da exploração social. Quando pensamos sobre a pobreza, a sociedade brasileira, os fatos e protestos, e as diferentes condições de vida que se apresentam no país, alguns conceitos invadem nossos pensamentos: O que seria e como seria percebida, representada uma injustiça ou uma desigualdade social. Neste estudo tivemos como objetivo conhecer a percepção que jovens universitários têm acerca da injustiça social. De fato, estamos interessados em conhecer o que eles consideram uma injustiça social e que fatores são percebidos como os determinantes desta condição. A abordagem teórica adotada foi a Teoria das Representações Sociais. Participaram da nossa pesquisa aproximadamente 300 jovens (sendo 100 do curso de psicologia, 100 do curso de direito e 100 do curso de administração), voluntários, universitários do estado do Rio de Janeiro e com idades variando de 25 a 35 anos. Para a coleta das informações, foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas. Com as questões objetivas pretendemos abranger os seguintes aspectos: características pessoais, composição da família, renda, ocupação e educação dos familiares, condições de moradia e acesso aos serviços públicos. Com as questões abertas pretendemos conhecer o que os jovens pensam sobre suas vidas, sobre a realidade em que estão inseridos, como categorizam a si próprios, o que pensam sobre a injustiça e a desigualdade social, quais as causas que atribuem a elas, a quem atribuem essas causas, quais as causas e conseqüências do quadro social atual e como acreditam que esse fenômeno interfere em suas vidas. Na análise preliminar, a noção de injustiça social definida pelo grupo envolve, sobretudo, a percepção de que uns têm muito e outros, nada – referindo-se especialmente à moradia e educação. Além disso, as falas dos participantes apontam para diferentes tipos de injustiça, destacando-se aquelas na educação, seguida pelas condições de vida, distribuição de renda e classe social. Nas falas deles, para que a injustiça fosse minorada seria necessário acabar com o preconceito e a discriminação, haver maior solidariedade, diminuir o desemprego, o crime e a corrupção.

Injustiça social; exclusão social; jovens.

CNPQ/FCRM

SOCIAL

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROCESSOS DE TREINAMENTO INSTITUCIONAL JUNTO A FUNCIONÁRIOS DO SETOR DE LIMPEZA.

Maria Carolina Fregonezi Gonçalves (Psicologia, UNIFRAN, Franca, SP), Maria Carolina Osti Fregonezi Gonçalves** (Observatório de Violência-USP/RP, Franca, SP), Ana Paula Barbosa** (Psicologia, UNIFRAN, Franca, SP), Sérgio Kodato **(Psicologia, USP de Ribeirão Preto, SP)*

Este estudo objetivou investigar as opiniões e representações sociais de treinamento institucional, por parte de funcionários do setor de limpeza, de uma instituição de ensino superior. Aplicado na modalidade de treinamento em serviço, buscou-se a estimulação nas relações de cooperatividade e companheirismo, visando uma melhora no clima organizacional e produtivo. Para tanto, foi planejado e executado um treinamento institucional, que envolveu o aperfeiçoamento no trabalho em grupo, desempenho de papéis e relações sociais. O treinamento foi gerido por uma equipe de alunos e professores do curso de graduação em Psicologia, de uma instituição de ensino superior, de um município de médio porte, 318.239 habitantes (I.B.G.E. – 2010), do interior do país. Como sujeitos participantes do treinamento e da pesquisa foram convidados funcionários do setor de limpeza. Enquanto justificativa, o diagnóstico institucional apontava para as dificuldades dos sujeitos no desempenho de papéis e práticas de escutar, conversar, entender o outro, inverter seu papel com o outro, demonstrar empatia. Para que o relacionamento interpessoal melhorasse, optou-se por se criar um dispositivo de dinâmica de grupo, de sociodrama e psicodrama institucional, baseado no role-playing, treinamento de papéis, dramatizações de situações conflituosas e desenvolvimento de potenciais para a execução das tarefas, imbuídos de espírito de equipe. A pesquisa referenciou-se no método de análise das representações sociais. Enquanto procedimento, foi realizado um processo de treinamento que contou com dez encontros de grupos, com a duração de uma hora, uma vez por semana, com cinco subgrupos formados, tendo em média 15 participantes. Nos encontros trabalharam-se temas como competências e habilidades, motivações e expectativas, a comunicação e a cooperatividade, a hierarquia e situações conflitivas. Ao final, foi aplicado um questionário semiaberto para permitir uma avaliação do treinamento por parte dos sujeitos. Os questionários foram tabulados e as respostas analisadas pelo método de análise de conteúdo. Enquanto resultados pode-se afirmar que o treinamento foi representado de diversas formas: como possibilidade de crescimento, como troca, encontro afetivo, treinamento de habilidades, proporcionando uma transformação qualitativa dos funcionários que, modificaram efetivamente suas práticas cotidianas e, consequentemente, melhoraram o clima organizacional. Entretanto, pode-se dizer que, para a instituição, a mudança não foi totalmente efetiva, devido a desistência dos supervisores imediatos, que alegando fatores inerentes à organização do trabalho, se ausentaram do evento. Esse fato revelador indicou que o maior conflito estava nas relações hierárquicas entre os supervisores e os funcionários do setor de limpeza. Dessa forma, as relações sociais e de trabalho melhoraram, ou seja, ampliou-se a convivência entre os funcionários da limpeza e a forma de se lidar com os problemas pessoais, que acabam por afetar o desempenho no trabalho. Mas por outro lado, a convivência entre os supervisores e funcionários não progrediu, devido a não aderência dos primeiros ao treinamento, deixando assim, para a instituição, a questão de que seria preciso trabalhar as relações hierárquicas de poder, de mando e submissão.

Representações Sociais. Psicologia Social e Institucional. Treinamento em Serviço.

SOCIAL

SOBREVIVER OU SOBRE-VIVER: OS SIGNIFICADOS DE TRABALHO PARA CATADORES DE LIXO DO INTERIOR PAULISTA. *Fernanda Cristina de Oliveira Santos Aoki*, Ana Paula Chacon*, Manoel Antônio dos Santos. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).*

Há consenso na literatura de que o trabalho é um organizador psíquico, estabelecendo-se como cenário para o reconhecimento social e a construção da identidade individual. Porém, certas formas de trabalho não fornecem este reconhecimento; ao contrário, inserem o trabalhador em uma realidade de invisibilidade, como acontece com os catadores de lixo que ficam muitas vezes identificados como o próprio lixo. Este estudo teve por objetivo analisar como os catadores significam o trabalho com o lixo e como este trabalho repercute na estruturação psíquica e formação da própria identidade. Trata-se de um estudo etnográfico, com entrevistas abertas e observação participante, acompanhando dois contextos: a rotina de trabalho de uma associação de catadores de lixo e de um aterro sanitário do interior paulista. Foram elaborados diários de campo e videogravação. A análise do corpus foi feita com base na literatura e no referencial da psicodinâmica do trabalho. Os resultados mostraram diferenciações marcantes na significação de si e do trabalho entre os dois contextos pesquisados, podendo-se constatar o quanto um "trabalho estruturado", vinculado a uma associação, adquire valor de um trabalho reconhecido, embora tal reconhecimento fosse também motivo de vergonha, por ser socialmente visto como pejorativo. No aterro a atividade não era concebida pelos catadores como trabalho, mas como estratégia de sobrevivência; não se observou sentimento de vergonha, provavelmente por nem sequer sentirem-se reconhecidos, pois traziam frequentemente nos relatos o sentimento de anonimato. Notou-se que esses catadores ficam tão misturados ao simbolismo psicossocial do lixo que não conseguem diferenciá-lo de sua própria identidade, percebendo-se como uma continuidade dos resíduos descartados. Em suas narrativas, os catadores do aterro transformavam o trágico em cômico. Os mecanismos de defesa pareciam estar a favor de um exercício mecânico, que lhes garantissem a sobrevivência. Tal como o chorume do lixo impregnado nas mãos, escondendo as linhas que delineiam as digitais, a realidade do lixão parecia embaralhar os traços de história, memória e identidade social e pessoal. Porém, nos limites da dignidade humana, alguns catadores pareciam SOBRE-viver buscando tirar daquela situação o máximo de proveito; encontravam no trabalho uma forma de realização, re-colhendo aquilo que, para eles, era significado como presentes: rádio, relógio, comida, livros. Aprenderam utilizar o lúdico para amenizar a crueza do cotidiano e permitirem-se sonhar. O estudo permitiu dar visibilidade à condição não apenas social, mas psíquica dos catadores; percebendo a diferença da concepção de trabalhadores que acreditam trabalhar COM o lixo como material a ser transformado, e aqueles que "trabalham NO lixo", indistintamente misturados a um sofrimento não passível de ser nomeado, ligado à mera manutenção da sobrevivência. Transcendendo a condição externa de miséria, alguns mostraram saber "tirar proveito de um mau negocio", conseguindo utilizar a própria miséria como ferramenta para esculpirem-se em seu melhor formato, Sobre-Viverem.

Catador de lixo, psicodinâmica do trabalho, lixão

SOCIAL

TÁTICAS DE PERSUASÃO E RESISTÊNCIA DE CONSUMIDORES EM PUBLICIDADE NA MÍDIA. *Stela Lemos, Fabio Iglesias, Amalia Raque Pérez Nebra, Carolina Passos, Rafaela Serôa da Motta (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF)*

Vive-se em um período de rápida mudança, o que contribui para a aceleração do consumo e conhecimentos acerca também de publicidade. A literatura sobre influência em psicologia social identificou a existência de mais de 100 táticas para persuadir consumidores, operacionalizadas empiricamente, sendo grande parte delas usadas no formato audiovisual. O objetivo desta pesquisa foi identificar o uso dessas táticas na publicidade brasileira veiculada na TV aberta. A amostra para este estudo foi definida como a programação de um telejornal de grande audiência em uma rede de televisão aberta durante as duas semanas antes do natal do ano de 2011. Foi registrado um total de 149 de anúncios publicitários, sendo 67 distintos. Foram selecionadas 82 táticas de influência passíveis de serem aplicadas ao formato audiovisual, utilizadas para se verificar a frequência e associação em cada peça, considerando-se ainda outras variáveis como o tipo de produto, sua duração e repetição. As análises de classificação foram realizadas por duas pesquisadoras em um formato de escala Likert, de modo a se garantir a consistência dos julgamentos. Considerando as frequências absolutas (n=149), os anunciantes mais foram exibidos foram: de carros (n=37); bancos (n=15); empresas de telefonia (n=13); e lojas populares de eletrodomésticos e eletroeletrônicos (n=10). Os demais anunciantes possuem juntos 38 peças publicitárias. Quanto ao número de peças publicitárias distintas e repetição do mesmo anunciante, tem-se que uma empresa de telefonia e um anunciante de automóveis possuem cada um o número de quatro propagandas diferentes de seus produtos. Ademais, três outros anunciantes de automóveis, um banco e uma loja popular de eletrodomésticos e eletroeletrônicos possuem cada um três propagandas diferentes. É interessante observar, em relação à frequência, que na última semana antes do natal foram exibidas duas peças publicitárias relativas a comidas típicas da época natalina e na semana do natal este número dobra, sendo então quatro propagandas. Do total de peças publicitárias, apenas 18 fazem referência ao natal. A investigação qualitativa pode ser considerada como a ponte que permite a articulação entre a psicologia social e a do consumidor, já que incorpora ao estudo do consumidor o contexto social que o rodeia; constrói sua realidade de forma tal que a cultura, sua história e interação com outros são elementos relevantes que se enquadram na multiplicidade de variáveis que explicam seu comportamento de consumo. A pesquisa pôde, assim, gerar um primeiro conjunto de conhecimentos sobre esses fenômenos no contexto brasileiro, amparados em dados empíricos produzidos de maneira sistemática.

Persuasão; publicidade; comportamento consumidor.

CNPq

SOCIAL

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CONHECENDO SUAS MANIFESTAÇÕES NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO. *Fernando Willian Juiz Assunção*, Geovana Nunes de Jesus*, Arytanna Zuitá Barbosa Ferreira*, Áderson Luiz Costa Junior (UnB, Brasília, DF)*

O termo "violência de gênero" tem sido muito utilizado na literatura nacional como sinônimo para violência contra a mulher, principalmente em contexto de relação conjugal, portanto é necessária a realização de estudos que envolvam mais elementos da dimensão de gênero. Contudo, a categoria gênero está atrelada a uma percepção crítica sobre as relações interpessoais, que são mediadas pelas identidades de gênero e sexualidades dos sujeitos, não se limitando ao entendimento das relações homem-mulher. A violência ocorre quando uma ou mais pessoas adotam comportamentos que causam danos a alguém. Esses danos podem ser tanto físicos quanto psicológicos. O encontro da dimensão de gênero e da violência ocorre quando as pessoas recorrem à violência para manter e reforçar a ideologia de gênero heteronormativa, segundo a qual a heterossexualidade é a única identidade e sexualidade normal. Deste modo, pode-se dizer que violência de gênero é aquela que incide, abrange e acontece sobre/ com as pessoas em função do gênero ao qual pertencem. Este conceito abrange todos os tipos de violência tanto física (uso de força, causando danos físicos ou danos materiais, etc.), psicológica (intimidação, agressões verbais, dependência financeira forçada etc.) e quanto sexual (atos sexuais não consensuais, humilhação devido ao corpo ou sexualidade etc.) enfrentadas pelas pessoas. Esta pesquisa teve por objetivo identificar as manifestações de violências de gênero (psicológica, física e sexual) que ocorrem na comunidade universitária do campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, de que forma e a quem são direcionadas e propor uma discussão sobre esse tema, tornando-o mais visível e diminuindo as ocorrências das violências. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas/UnB e consistiu na realização de grupos focais, com a participação de alunos de graduação de diversos cursos com idades entre 17 e 25 anos, na própria universidade. Todos eram estudantes dessa universidade e só participaram aqueles que concordaram voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O grupo focal foi conduzido por dois facilitadores e uma observadora. O encontro foi gravado em áudio e transcrito para análise de acordo com a Análise de Conteúdo. Os resultados obtidos através do grupo focal demonstram uma grande ocorrência de diversas formas de violência dentro do campus universitário, sendo que as mulheres apontaram serem as principais vítimas, seguidas por lésbicas e gays. A principal forma de violência apontada foi a psicológica, a maior parte das mulheres já foi assediada dentro do campus, seja por outro aluno, professor ou servidor. Muitos participantes comentaram sobre a grande quantidade de professores que fazem comentários e piadas que inferiorizam as mulheres e homossexuais. Todos os participantes afirmaram saber de casos de estupros que ocorreram dentro da universidade, contudo nenhum dos participantes foi vítima desse tipo de violência. A partir dos dados obtidos percebe-se que mesmo a universidade sendo um suposto espaço de diálogo e mudanças sociais, seus integrantes reproduzem todos os dispositivos heteronormativos da sociedade, perpetuando violências e opressões simbólicas à mulheres e homossexuais, principalmente.

Violência; Gênero; Universidade

Bolsista

SOCIAL

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E *BULLYING* ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UM MUNICÍPIO BRASILEIRO. *Luciana Xavier Senra**; Lelio Moura Lourenço; Jéssica Kiemy Ferrari Hashimoto*; Ana Carolina Brando Coelho Reis*; Bruna Valladares de Toledo*; Lucas do Vale Costa *; Eduardo Mendes Silva*; Thiago Virgilio da Silva Stroppa*; Bruna Mattos Koga*; Marcel de Toledo Vieira (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social-NEVAS/Equipe VDBullying, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, MG, Brasil).*

O fenômeno da violência afeta a população mundial causando prejuízos sociais e de saúde para indivíduos, famílias e comunidades. No âmbito doméstico a violência ocorre entre membros com vínculo afetivo, convivendo no mesmo ambiente. A natureza dos atos violentos pode ser física, sexual, psicológica, patrimonial e financeira, de abuso e negligência. Envolvem condutas agressivas expressas entre pessoas em condições desiguais de poder, impossibilitadas de defesa ou de reversão da situação de violência. As principais vítimas são crianças, adolescentes, mulheres e idosos. Os danos causados às crianças e adolescentes relatados em pesquisas são: problemas fisiológicos, transtornos de stress pós-traumático, depressão, ansiedade, isolamento e conduta agressiva, baixo desempenho acadêmico, envolvimento em situações de bullying, violência escolar e delinquência juvenil. A violência escolar consiste em danos patrimoniais e em atos de agressão contra gestores e entre os pares escolares. A agressão entre pares é denominada bullying, o qual é definido como um fenômeno sem motivação aparente, caracterizado por agressão física e psicológica, intencionais e repetitivas por um longo período de tempo contra um indivíduo em situação de desigualdade de poder, sem condições de defesa ou reversão da situação. Tais situações acontecem devido às características psicológicas, físicas, étnicas, sociais, culturais e econômicas específicas. O bullying é caracterizado por atos de bater, chutar, empurrar, apelidar, humilhar, ameaçar, coagir, xingar, falar depreciativamente de alguém, excluir e isolar socialmente. Os principais envolvidos, segundo a pesquisa Plan Brasil realizada em 2009, são adolescentes com faixa etária entre os onze e os quinze anos, que estejam cursando o ensino fundamental. O estudo visou identificar e estudar características da relação entre Violência Doméstica e Bullying entre adolescentes do sexto ao nono anos do ensino fundamental da rede pública municipal de Juiz de Fora. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos; e consistiu num estudo transversal de natureza observacional, que alocou os participantes por meio de técnica de amostragem probabilística e que envolverá duas etapas de abordagem: (I) uma pesquisa de campo quantitativa e descritiva, visando o levantamento da prevalência de bullying e para explorar os tipos de envolvimento dos adolescentes nas situações de intimidação entre pares, utilizando o Questionário de Bullying; e (II) um estudo de campo qualitativo que objetivou identificar e estudar os contextos e perspectivas relativas à violência doméstica (VD), ao bullying e a relação (ou não) de ambos com os adolescentes, por meio de entrevistas semi-estruturadas. Todos os participantes receberam informações relativas à pesquisa e a adesão, voluntária, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE por todos eles. Espera-se que seja possível sensibilizar profissionais de educação frente a essa realidade apresentada por esta pesquisa por meio do fornecimento de informações e subsídios para o desenvolvimento de programas de intervenção e de prevenção efetivos tanto para de situações de bullying, quanto de violência doméstica. Poderão também ser beneficiadas escolas, instituições que assistem casos de violência doméstica, profissionais de saúde, a comunidade e o poder público, interessados em conhecer e estabelecer estratégias para essa problemática.

Resumo de comunicação científica apresentado na 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia, São Paulo, outubro 2012.

Violência doméstica, bullying, adolescentes.
SOCIAL

LA INFLUENCIA DEL CONTEXTO EN LAS DINÁMICAS DE PROTESTA POLÍTICA. *Cristina G. Román**, Xiana Vilas (Universidad de Santiago de Compostela - España), Wilson López-López (Pontificia Universidad Javeriana-Colombia), Mónica Alzate, Mar Durán y José Manuel Sabucedo (Universidad de Santiago de Compostela-España)*

En este trabajo queremos estudiar hasta qué punto el contexto influye en las variables explicativas que determinan la participación en la protesta. En concreto, comprobamos si los motivos expresivos e instrumentales, la eficacia, la ira y la identidad tienen el mismo peso explicativo sobre la participación política en diferentes contextos.

Para ello, comparamos dos manifestaciones organizadas por los mismos sindicatos en España, en dos momentos diferentes: uno antes de la reforma laboral y otro tras la reforma. Esta situación contextual nos permite estudiar, en un experimento natural, si hay diferencias en el contexto que llevan a la movilización y si éstas apelan a diferentes dinámicas de motivación para participar en la protesta.

El procedimiento de recogida de datos se llevó a cabo durante las manifestaciones del 1º de mayo (antes de la reforma), y del 29 de septiembre (tras la aprobación de la reforma).

La metodología utilizada en la recogida de datos pretendía garantizar que cada participante en la manifestación tuviese la misma probabilidad de ser entrevistado. Para ello utilizamos supervisores del trabajo de campo que dirigían a un grupo de entrevistadores en cada manifestación. Los supervisores contaban las filas para garantizar un reparto aleatorio de los cuestionarios en la marcha y evitar así el sesgo del entrevistador.

Además, para controlar el sesgo por la falta de respuesta, se usaron dos tipos de recolección de datos: (1) breves entrevistas cara a cara que eran contestadas durante la protesta e incluían las cuestiones más importantes de la investigación; y (2) cuestionarios pre-franqueados más amplios que los participantes tenían que cubrir en casa y reenviar por correo.

Participaron en nuestro estudio 180 manifestantes de la primera protesta (67% hombres, 33% mujeres, con una edad media de 52 años) y 307 participantes de la segunda (El 55,5% fueron hombres y el 44,5% mujeres, siendo la edad media de 42,76 años).

Los resultados obtenidos en la regresión jerárquica muestran que las variables estudiadas y la relación entre ellas no es la misma en ambas manifestaciones, por lo que el modelo de ecuaciones estructurales diseñado es diferente en un contexto y en otro. Así, en la manifestación del 1º de mayo, los motivos instrumentales y la identidad determinaron directamente la participación en la protesta, actuando como mediadores de las otras variables sobre la determinación a participar. Mientras que en la manifestación del 29 de septiembre, la identidad es la que determina fundamentalmente la participación en la protesta, actuando como variable mediadora de los motivos expresivos y la eficacia.

Palabras clave: variables psicosociales, participación política y contexto.

Financiado por: Beca FPU (Ministerio de Educación) y EUROCORES.

SOCIAL - Psicología Social

LA OBLIGACIÓN MORAL EN LA PROTESTA POLÍTICA. *Xiana Vilas, Cristina Gómez** (Universidad de Santiago de Compostela- España), Wilson López-López (Pontificia Universidad Javeriana- Colombia), Mónica Álzate, Mar Durán y José-Manuel Sabucedo (Universidad de Santiago de Compostela-España)*

En las sociedades actuales la acción colectiva se está convirtiendo en parte del repertorio común del comportamiento político de los ciudadanos. De hecho, en los últimos tiempos hemos visto surgir un gran número de movilizaciones colectivas en diferentes partes del mundo. Esto ha llevado a que los psicólogos sociales dirijan su atención hacia estos fenómenos. El modelo instrumental, que ha gozado de una posición privilegiada en los últimos años, asume que la gente actúa con el objeto de alcanzar determinados beneficios. Por tanto, según este modelo, los individuos saldrían a la calle porque desean producir cambios eficaces. Sin embargo, estudios recientes han mostrado que la variable instrumental no tiene una influencia tan importante sobre la intención de participar. Estos estudios señalan la relevancia de otras variables como la identidad, la ira o la ideología. Aunque se han hecho esfuerzos para incluir variables nuevas que permitan explicar las dinámicas motivacionales de la protesta, todavía existen lagunas importantes sobre las motivaciones morales. El objetivo de nuestro trabajo se dirige a explorar el papel que juega la obligación moral para explicar la intención de protesta, así como su relación con otros motivos de participación. Estudios previos han mostrado que la obligación moral ejerce una influencia importante en algunas movilizaciones, sobre todo en aquellas más relacionadas con los valores. Situándonos en el contexto de crisis económica que vive España se ha realizado una investigación con estudiantes universitarios (N=316) con el objeto de conocer su intención de participar en acciones de protesta en contra de la subida de las matriculas. Se les aplicó un cuestionario donde se preguntaba por diversas cuestiones relacionadas con las variables de interés de nuestro estudio: eficacia, identidad politizada, ira y obligación moral; además de otras. En el análisis de datos se utilizó el método de ecuaciones estructurales con el programa estadístico Amos, para conocer cómo se relacionan estas variables entre sí y con la intención de protesta. Los datos arrojan resultados que indican que la identidad politizada se consolida como una de las principales vías explicativas de la protesta política, y la obligación moral a participar aparece como un potente predictor de las intenciones de protesta en el path analisis. Por otro lado, es importante señalar que la eficacia y la ira presentan efectos indirectos sobre la intención de participar, esto nos hace cuestionar el papel predictor que se le ha venido otorgado de la eficacia percibida. Con este estudio se abren nuevas cuestiones para trabajos futuros, destacando esencialmente el papel de la obligación moral y la necesidad de incluir esta variable en los futuros modelos de protesta política.

Palabras Clave: obligación moral, acción colectiva de protesta.

SOCIAL - Psicología Social

LA REPRESENTACIÓN SOCIAL DE LA VIOLENCIA EN MÉXICO. UN NUEVO LENGUAJE SOCIAL. *Silvia Valencia Abundiz*, Luz Elena Ramírez Flores**, Rubén Soltero Avelar**, Roque Quintanilla Montoya** (Departamento de Salud Pública*; Departamento de Psicología Aplicada**, Universidad de Guadalajara, Guadalajara, Jalisco, México).*

Los tiempos modernos en nuestro país se han visto manchados con el dolor y la sangre de los mexicanos anónimos, quienes malamente han sido llamados por los canales oficiales como el "daño colateral" de la guerra contra El narcotráfico. La percepción de La población es de inseguridad extrema, cambiando los hábitos y las prácticas sociales, en algunos estados de la República Mexicana, no solo de un grupo sino de poblaciones enteras, donde incluso se pueden apreciar pueblos fantasmas, acosados por La sentencia de un cartel de La droga de quien salga a La calle será muerto por sus sicarios.

La presente investigación se aboco a conocer las representaciones sociales de La violencia en México, luego de que en este país, en los últimos 5 años, ha habido más de 60,000 muertos por ajusticiamientos, enfrentamiento o simples mensajes criminales, de terror, de poder y/o de control de un territorio.

La investigación se realizó por medio de una encuesta aplicada a población abierta, con 300 instrumentos contestados, donde 180 fueron mujeres y 120 hombres, de entre 18 y 45 años de edad. El análisis operado en el instrumento fue realizado con el software Alceste, el cual es un analizador lexicográfico, permitiéndonos un análisis de discurso, al cual se le sumo un análisis de contenido, elaborado a partir de un procesamiento secuencias, otro de palabras (donde los verbos, sus conjugaciones y los adjetivos fueron las palabras elegidas). Estos procedimientos permitieron conocer las diversas representaciones sociales, como formas de apropiación de la realidad, así como su función de guías para la acción han matizado lo que denominamos un nuevo lenguaje social, así como un nuevo sistema de códigos sociales que involucran nuevas formas de expresión de vida, de trabajo y de prácticas sociales.

Representación Social, Violencia Social, Alceste

SOCIAL - Psicología Social

PRIMEROS AUXILIOS PSICOLOGICOS ESTUDIO PSICOLÓGICO EN BOMBEROS DE LA COMUNIDAD DE MADRID, ESPAÑA. *Miriam Susana González Pablo, Ernolando Parra Parra, Eduardo Samper Lucena.*

Las situaciones de emergencia son desgraciadamente un fenómeno frecuente en el mundo. En algunos casos estas situaciones son fruto principalmente de fenómenos naturales como por ejemplo un terremoto, una inundación o una erupción volcánica, y el volumen de personas afectadas puede llegar a ser tan grande como las aproximadamente 300.000 muertes resultantes del tsunami de diciembre de 2004 en el Pacífico. Son catástrofes que a menudo vienen marcadas por determinadas situaciones geográficas que pueden incidir en que, desde nuestro país, las contemplemos como lejanas: es lo que algunos autores han denominado percepción de invulnerabilidad (Weinstein, 1989), aunque tenemos profesionales que intervienen en estos ámbitos de la emergencias como Bomberos, Personal Sanitario o Militares (UME)

En otras ocasiones, las situaciones de emergencia tienen una relación directa con los comportamientos humanos. Por ejemplo el atentado terrorista en la estación de Atocha de Madrid con casi 200 muertes y numerosos afectados el año 2004. O bien, el derrumbamiento de pisos en Madrid en el barrio de Moncloa o en el barrio del Carmel de Barcelona como consecuencia de las obras de una nueva línea de metro el año 2005. Son situaciones que también afectan a un grupo pero que se dan a una mayor proximidad geográfica. En estos casos, nuestra percepción de vulnerabilidad puede verse incrementada.

Todavía podemos hablar de un tercer tipo de situación de emergencia: aquel que implica a un número reducido de personas en comparación con las anteriores pero que proporcionalmente se da con mayor frecuencia. Algunos ejemplos serían: sufrir un accidente de tráfico, perder a alguien significativo, ser víctima de una agresión o de un robo, los intentos de autolisis, los ataques de pánico, entre otros.

Este amplio abanico de situaciones evidencia la necesidad de formación en conocimientos y estrategias básicas de intervención en el ámbito de las emergencias por parte de los equipos de intervención y profesionales, y entre estas las técnicas psicológicas (Gutiérrez, 1999)

Es decir, ¿cómo debe actuar un profesional desde la perspectiva psicológica si una persona a la que atiende, manifiesta un ataque de pánico, por ejemplo? Actualmente, los planes de estudios para acceder a ser profesional de emergencias no contemplan la formación en primeros auxilios psicológicos, teniendo que adquirir los conocimientos a través de cursos posteriores y en la mayoría de los casos por motivación personal.

Surge así una curiosa paradoja, mientras los autores más reconocidos de la intervención en crisis, como por ejemplo Slaikeu (1996), insisten en la necesidad de formar en primeros auxilios al personal profesional vinculado a las emergencias (bomberos, policías, sanitarios, etc.), No todos lo reciben de forma reglada en su currículum formativo.

Estimamos que es necesario esta formación en los equipos de intervención: Bomberos, Sanitarios, Militares etc., proporcionando primeros auxilios psicológicos a los afectados, sin empeorar la situación y con la suficiente seguridad y convicción de que aquello que hacen es adecuado o, como mínimo, no es perjudicial.

Hay algunos modelos en nuestro país como SAMUR-PC, ENPC, el grupo de emergencias del Ayuntamiento de Guadalajara o el grupo para el Estudio Psicosocial de

las Emergencias (GEPSE), dirigido a la formación de bomberos, mossos de esquadra y personal sanitario de Cataluña (Lorente, Subirá y Vacas, 1998).

En este Postrer pretendemos mostrar un estudio realizado con Bomberos de la Comunidad de Madrid sobre la aplicación de técnicas psicológicas en sus intervenciones, Primeros Auxilios Psicológicos, medidas de Autocuidado etc. y la posible necesidad de formación que se percibe por este colectivo en cuanto al manejo de Técnicas Psicológicas de intervención en emergencias necesarias para su trabajo y la atención a los afectados en su trabajo diario.

Investigación realizada por González-Pablo, Miriam; Parra Parra, Ernolando; Hernández Martín, Concepción; Salido Rivas, Mariano; Culebras Pérez, Beatriz; Samper Lucena, Eduardo

Primeros Auxilios Psicológicos, Emergencias, Psicologia Social, bomberos, intervinientes, tecnicas psicológicas de emergencias

SOCIAL - Psicología Social

A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO E A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE: COMO O TEMA É ABORDADO PELO JORNAL FOLHA DE BOA VISTA. *Soraya Ivon Ramirez Moreno, Juscyelly de Mesquita Pereira* (UFRR, Boa Vista, Roraima)*

A violência contra a criança e o adolescente ocorre há muito tempo e a pesar de dos avanços para a proteção do desenvolvimento físico, psíquico e social desses indivíduos, ainda é alarmente o numero de casos de violência. Esta pesquisa tratou sobre os casos de violência sexual contra a criança e o adolescente noticiados no jornal impresso de maior circulação no estado de Roraima – Jornal Folha de Boa Vista, tendo como objetivos levantar características sobre as vítimas, os dos agressores; além de analisar se o jornal faz alguma menção sobre o trabalho do profissional de psicologia no que diz respeito à prevenção e/ou intervenção para os casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes. Dentre as reportagens foram selecionadas para análise publicações entre os anos de 2005 a 2011, totalizando 61 noticias consideradas relevantes para a pesquisa. Como resultados obtivemos que nos casos de abuso sexual, houve o predomínio de vítimas do sexo feminino, as idades de maior prevalência para os casos de abuso sexual foram entre os 4 até os 14 anos. Em relação aos agressores 40% foram os vizinhos e os padrastos, o que nos leva a perceber que são as pessoas mais próximas e que convivem com as vítimas as que mais cometem violência sexual. No que diz respeito a encaminhamentos para atendimento psicológico e/ou apoio psicossocial as menções são escassas. Em relação às alusões ao trabalho do profissional de psicologia encontraram-se duas menções sendo uma delas uma entrevista ao profissional e outra fazendo referência à inserção do profissional dentro de uma equipe multidisciplinar que atende casos de violência sexual. Em relação aos dados de vítimas e agressores concluiu-se que os resultados são similares aos de outras pesquisas, destaca-se, entretanto, que é de extrema importância a divulgação de encaminhamentos para atendimento psicológico e o trabalho do profissional da psicologia para o tratamento de danos ocasionados por essa violência para a vítima e para a família da vítima, haja vista que o atendimento pelo profissional de psicologia é oferecido estando este inserido em equipes multiprofissionais ou trabalhando nas redes de atendimento básico tais como as unidades de saúde, desenvolvendo trabalhos de prevenção e de intervenção para este tipo de violência.

Apoio financeiro UFRR

Palavras Chave: Violência Sexual- Criança e adolescente- Psicólogo.

IC

SOCIAL